XXXI REUNIÃO ANUAL DE PSICOLOGIA
Sociedade Brasileira de Psicologia

A Construção da Psicologia Brasileira na Pesquisa e no Ensino

RESUMOS

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, 24 a 27 de outubro de 2001

XXXI Reunião Anual de Psicologia
24 a 27 de Outubro de 2001

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Resumos de Comunicações Científicas

Sociedade Brasileira de Psicologia

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICOLOGIA. Resumos de Comunicações Científicas. XXXI Reunião Anual de Psicologia.
Rio de Janeiro, RJ: SBP, 2001 (346)p.

1. PSICOLOGIA

ELABORAÇÃO, DIAGRAMAÇÃO E ARTE FINAL
ELIANE LIMA

IMPRESSÃO
COMPLEXO GRÁFICO VILLIMPRESS

Sociedade Brasileira de Psicologia
R. Florêncio de Abreu, 681 sala 1105 - 14015-160 Ribeirão Preto, SP
Site: www.netsite.com.br/sbp E-mail: sbp@netsite.com.br
Fone/fax: (16) 6259366

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICOLOGIA – SBP

Fundada em 25.09.1971, Declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei 2920/74 e 6623/93
Sucessora da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto

OBJETIVOS DA SBP

- Promover o desenvolvimento científico e técnico em Psicologia
- Incentivar a investigação, o ensino e a aplicação da Psicologia
- Defender a ciências e os cientistas em Psicologia, bem como os psicólogos que trabalham na aplicação dos conhecimentos da Psicologia
- Congregar e integrar os psicólogos e outros especialistas em áreas afins.

CONSELHO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICOLOGIA

Membros Natos (ex-presidentes)
André Jacquemin
Carolina Martuscelli Bori
Deisy das Graças de Souza
Isaías Pessotti
José Aparecido da Silva
José Lino de Oliveira Bueno
Luiz Marcellino de Oliveira
Maria Ângela G.Feitosa
Maria Cloxilde Rossetti Ferreira
Reinier J.A.Rozestraten
Ricardo Gorayeb

Membros Eleitos
Alina Galvão Spinillo
Carolina Lampreia
Elenice Seixas Hanna
Jair Lopes Junior
Thereza Pontual de Lemos Mettel

DIRETORIA DA SBP

Olavo de Faria Galvão
Suely Sales Guimarães
Marilia Ferreira Dela Coleta
Ana Maria Pimenta Carvalho
Eulina da Rocha Lordelo
Antonio dos Santos Andrade
João Bosco de Assis Rocha

SECRETÁRIAS DA SBP

Eliane Cristina Almeida Lima
Adriana Almeida Balthazar

CONSELHO EDITORIAL DOS PERIÓDICOS DA SBP
TEMAS EM PSICOLOGIA E CADERNOS DE PSICOLOGIA

Cecília Guarnieri Batista
Elenice Aparecida de Moraes Ferrari
José Francisco Miguel Henriques Bairrão
Mara Ignez Campos de Carvalho
Maria Beatriz Martins Linhares
Regina Helena Lima Caldana
Sonia Regina Pasian
Susi Lippi Marques de Oliveira

COMISSÕES DA XXXI REUNIÃO ANUAL DE PSICOLOGIA

Comissão Geral

Coordenadora: Marilia Ferreira Dela Coleta - UFU
Membros: Ana Maria Pimenta Carvalho - USP/RP
Antonio dos Santos Andrade - USP/RP
Eulina da Rocha Lordelo - UFBA
João Bosco de Assis Rocha - UFPA
Olavo de Faria Galvão - UFPA
Suely Sales Guimarães - UnB
Secretárias: Eliane Cristina Almeida Lima
Adriana Almeida Balthazar

Comissão do Programa Científico

- Ederaldo José Lopes - UFU
- Gláucia Ribeiro Starling Diniz - UnB
- José Carlos Zanelli - UFSC
- Josele Abreu Rodrigues - UnB
- Luci Leal de Melo e Silva - USP/RP
- Lucia Cavalcanti Albuquerque Williams - UFSCar
- Maria Alice Magalhães D'Amorim - UGF
- Maria Lucia de Oliveira - UNESP/Araraquara
- Maria Lucia Faria Moro - UFPR
- Silvia Ismael Cury - SBPH
- Silvia Regina Ricco Lucato Sigolo - UNESP/Araraquara
- Sonia Regina Pasian - USP/RP
- Terezinha Féres-Carneiro - PUC/RJ
- Thereza Pontual de Lemos Mettel - UnB

Comissão Organizadora Local

- ✓ Celso Pereira de Sá
- ✓ Ricardo Vieiralves de Castro
- ✓ Maria Cristina Ferreira
- ✓ Jussara Ferreira da Silva
- ✓ Gilcéa da Silva Alves
- ✓ Ana Maria Jacó-Vilela
- ✓ Eveline Maria Leal Assmar
- ✓ Maria Lúcia Rocha Coutinho
- ✓ Maria Euchares Motta
- ✓ Terezinha Féres-Carneiro
- ✓ Neide Passos de Freitas Al-Cici

CONSULTORES AD-HOC

Alice Moreira
Almir Del Prette
Ana Paula Soares da Silva
Anamaria Ribeiro Coutinho
Antônio Benio Alves de Moraes
Antônio Wilson Pagotti
Carolina Lampreia
Cecília Guarnieri Batista
César Aléxis Galera
Cílio Rosa Ziviani
Dircenéa De Lazzári Corrêa
Edna Aparecida Cursino
Edna Maria Marturano
Eliane Gerk Pinto Carneiro
Eucia Beatriz Lopes Petean
Evely Boruchovitch
Gerson Tomanari
Irai Cristina Boccato Alves
Jair Lopes Júnior
José Aparecido da Silva
José Augusto Dela Coleta
José Carlos Zanelli
José Fernando Bittencourt Lomônaco
Kátia Rubio
Lorismário Ernesto Simonassi
Luciane Prado Kantorski
Lucy Leal Melo e Silva
Luiz de Gonzaga Gaviryszewski
Manoel Antônio dos Santos
Márcia Bucchi Alencastra
Márcia Regina Bonagamba Rubiano
Márcia Regina Ferreira de Britto
Marco Antônio de Castro Figueiredo
Maria do Carmo Fernandes Martins
Maria Helena Chaves Sarti
Maria Lúcia Boarini
Maria Lúcia de Oliveira
Maria Lúcia Faria Moro
Maria Lúcia Seidl de Moura
Maria Rezende Bazon
Maria Tereza Araújo Silva
Olinda Teruko Kajihara
Raquel Rodrigues Kerbauy
Raquel Souza Lobo Guzzo
Romariz da Silva Barros
Rosemeire Scopinho
Rosilda Alves
Sadao Omote
Sebastião de Souza Almeida
Sérgio Kodato
Sílvia Regina Ricco Lucato Sigolo
Sinésio Gomide Júnior
Sônia Regina Loureiro
Sônia Regina Pasian
Tânia Maria Santana de Rose
Telma Vitoria
Tereza Cristina Cavalcanti Ferreira de Araújo
Tereza Pontual de Lemos Mettel
Vera Regina Lignelli Otero
William Barbosa Gomes
Wilson Ferreira Coelho
Zilda Aparecida Pereira Del Prette

CURSOS

CUR 01/Psicologia Organizacional
INTRODUÇÃO E PRÁTICA DE DIVERSIDADE NAS ORGANIZAÇÕES. *Cláudio V. Torres, Amalia R. Pérez-Nebra (Laboratório de Psicologia Social e Organizacional - Universidade de Brasília)*
No cenário organizacional, tem-se notado que a força de trabalho global está em constante mudança demográfica. Este é um fenômeno universal, que tem sido discutido exaustivamente por um grande número de autores e publicações. Desta forma, as organizações necessitam neste momento de pessoal capacitado para gerenciar um mercado de recursos humanos diverso. Graças a estas mudanças demográficas no mercado de trabalho, também existe uma demanda crescente dos pesquisadores da área para incluir o conteúdo de diversidade cultural na formação de futuros psicólogos organizacionais. Assim, o presente curso foi desenhado como uma tentativa de preencher essa lacuna. O curso tem especificidade cultural, e visa promover discussões sobre questões de diversidade cultural na perspectiva brasileira. Trata-se de um curso altamente interativo e enriquecido de instrumentação e exemplos de consultoria em diversidade. Espera-se que os participantes interajam e atuem em uma equipe diversa no decorrer dos quatro dias. Assim, a audiência deverá passar por um nível cognitivo de conhecimento, experiencial, e integrativo de aplicação do seu conhecimento no contexto organizacional. Como objetivo geral, é esperado que ao final do curso os participantes tenham um maior repertório de ferramentas para interagir numa equipe de trabalho diversa, tenham compreensão do impacto da diversidade no comportamento individual nas organizações, e entendam a contribuição da diversidade na efetividade organizacional.
Palavras-chave:

CUR 02/Psicologia do desenvolvimento
METAS, SENTIDO DE VIDA E ESPIRITUALIDADE - TAREFAS DA MATURIDADE E DA VELHICE. *Cesana Sommerhalder (Universidade Estadual de Campinas) e Saulo Aparecido Freire (Universidade Federal de Uberlândia)*
Nesse curso pretende-se refletir sobre a importância da busca de sentido na vida, a função das metas pessoais e a importância da espiritualidade na fase adulta e na velhice. O sentido pessoal é um fator de promoção de bem-estar, uma forma de enfrentamento e que em alguns casos, mediado pela espiritualidade, pode ser disponibilizado para a adaptação. Ter metas de vida, encontrar significado para a existência, dando sentido para as experiências positivas e negativas constitui um fator importante para manutenção da saúde mental e física. O sentido pessoal de vida é influenciado pelo conjuntura social, pelas relações entre as pessoas e a família exerce grande influência nas escolhas individuais. É na fase adulta que o indivíduo começa a se preocupar com o futuro, o seu e o dos outros, com a importância de se preservar o meio ambiente e o mundo em que ele vive e que estará deixando para as novas gerações. A partir daí passa a estabelecer metas voltadas para o cuidado e o bem-estar de indivíduos particulares, de grupos humanos, da sociedade de modo geral e de toda a humanidade. Há uma necessidade interna de se garantir a própria imortalidade e de dar lugar para a geração seguinte. Associada a essa preocupação alia-se a busca um sentido pessoal para a vida. A idade adulta madura (65- 65 anos) e a velhice são fases de mudanças e de reflexões para o ser humano, é um momento para balanço das experiências vividas e decisões sobre os rumos a serem seguidos. Especialmente nessas fases de avaliação de perdas e ganhos, de revisão e de reestruturação de projetos e sonhos, há um interesse maior pela espiritualidade. Discutir essas questões, que são de grande relevância na fase adulta e velhice, é fundamental para pesquisadores e profissionais que têm interesse nessa população e pretendam desenvolver um trabalho sério e competente.
Palavras-chave:

CUR 03/Psicologia Social
ADOLESCÊNCIA E GÊNERO. *Maria Juracy Toneli (Departamento de Psicologia - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC)*
Este curso pretende propiciar a discussão do conceito adolescência como uma produção social e histórica situada no contexto da modernidade, articulando-o com outras categorias, como gênero, classe social e raça/etnia. Do ponto de vista da Psicologia, esta discussão reveste-se de importância na medida em que já não se pode mais pensar o sujeito psicológico de forma descontextualizada ou essencializada. Entendendo-se o gênero como um dos aspectos fundantes do sujeito, trata-se de instaurar a reflexão sobre como os aspectos, em especial os adolescentes, constituem-se através das prescrições construídas social e historicamente para o masculino e o feminino. As grandes teorias psicológicas, no entanto, desconhecem a perspectiva de gênero. As taxas de incidência de gravidez e DSTs/Aids nesta faixa etária demonstram que é preciso repensar os aspectos teórico-metodológicos na área da Psicologia de forma a subsidiar as intervenções, incluindo as políticas públicas, contemplando as questões de gênero. Estas questões estão certamente envolvidas nas negociações e relações estabelecidas entre os jovens no campo amoroso e sexual, campo este intenso, complexo e contraditório que mantém e, ao mesmo tempo, invalida as pautas relacionais tradicionais. Neste sentido, faz-se imprescindível um estudo de arte das produções na área de forma a analisar seus limites e alcances explicativos, bem como encontrar pistas para a formação de profissionais atentos a estas questões.
Palavras-chave: Adolescência. Gênero. Psicologia

CUR 04/Psicologia Escolar e Educação
CRIATIVIDADE NA EDUCAÇÃO: UMA ABORDAGEM SÓCIO-PSICODRAMÁTICA. *Maria Luiza Melo Siqueira (Departamento De Psicologia e Orientação Educacionais - Centro De Educação – Universidade Federal de Pernambuco – UFPE) e Sônia de Cintra Lins (Departamento De Ciências Humanas - Centro De Ciências Humanas E Sociais - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS)*
O curso foi concebido para atender os seguintes objetivos: a) Possibilitar o conhecimento das concepções teóricas e metodológicas do Psicodrama e suas aplicações no campo social e da educação; b) Possibilitar a reflexão sobre a integração dos aspectos cognitivo, afetivo, social e individual no processo criativo e de aprendizagem; c) Conscientizar quanto aos elementos facilitadores e inibidores da espontaneidade-criatividade nas relações pedagógicas e sociais em geral; d) Favorecer o reconhecimento de atitudes que reflitam a criatividade nas relações cotidianas: processos decisórios, relacionamentos com os pares, etc.; e) Refletir psicodramaticamente sobre a atuação do profissional perante os impactos e desafios da nova ordem social; f) Facilitar, através das vivências psicodramáticas, a compreensão do processo de instrução do papel profissional, de um sujeito atuante histórico e socialmente. Serão abordados os seguintes conteúdos: a) Alguns conceitos e princípios do Psicodrama: espontaneidade, conserva cultural, tele, teoria dos papéis, matriz de identidade; b) A metodologia psicodramática na Educação: fundamentos, aplicabilidade e princípios éticos; d) O Psicodrama e o Sociodrama temáticos; e) Jogos dramáticos. f) Teatro espontâneo; g) O ser espontâneo e suas infinitas possibilidades de desenvolvimento; h) Algumas dimensões do ser espontâneo: corporeidade, sensorialização, interação social; i) A espontaneidade nas relações sociais: o desenvolvimento do papel social e profissional; j) A comunicação criativa como tendência comportamental de sucesso profissional do novo milênio. A metodologia a ser utilizada será inovativa, valorizando a realidade dos próprios participantes, enfatizando-se a relação entre teoria e prática, comprometendo-se com uma postura metodológica que parte do pressuposto de que o conhecimento se dá através de um processo de construção e ação dos sujeitos envolvidos na aprendizagem. O curso será todo trabalhado através de vivências, destacando-se como recursos instrumentais a serem utilizados: teatro espontâneo, dramatizações, jogos psicodramáticos e de sensibilização interpessoal, dinâmica de grupo, bem como exposição dialogada. Textos de apoio e indicação bibliográfica serão disponibilizados aos participantes. Coerente com a proposta do curso, a avaliação será de natureza qualitativa, processual e reflexiva, ocorrendo ao final de cada encontro. Uma atividade avaliativa neste mesmo lugar o encerramento do curso. Sendo o Psicodrama e o Sociodrama reconhecidos como instrumentos teórico-metodológicos facilitadores de ações socio-educacionais construtivistas, a indicação do público alvo será o de estudantes e graduados em Psicologia, Pedagogia, e profissionais da educação em geral (Recursos Humanos, Serviço Social etc.), bem como a quem se interessar pelo próprio desenvolvimento de uma postura reflexiva, crítica e criativa, frente ao mundo atual de aceleradas transformações e de grandes problemáticas.
Palavras-chave: Psicodrama pedagógico; Espontaneidade-criatividade; Prática pedagógica

---

CUR 05/Saúde Mental
SAÚDE MENTAL E TRABALHO - UMA PROPOSTA INTEGRADA DE DIAGNÓSTICO. *Ivan Vasques-Menezes (Laboratório de Psicologia do Trabalho - IP/UnB, Brasília, DF)*
As condições de vida dos trabalhadores brasileiros tornam-se cada vez mais difíceis. Cresce a cada dia a importância dos fatores subjetivos no trabalho; quer porque a ciência vem descobrindo inter-relações entre o 'mundo objetivo' e o 'mundo subjetivo', quer porque o próprio trabalho moderno vem exigindo mais e cada vez mais o envolvimento subjetivo do trabalhador. Ocorre que as questões subjetivas não são mensuráveis, sequer visíveis a olho nu, aparecem onde não vão, estão onde não aparecem. Sabe-se que a qualidade de qualquer serviço depende sempre de uma série de fatores que inclui desde a infra-estrutura adequada (salas, mobiliário, material didático), a formação de seus recursos humanos, até as condições de saúde e bem-estar destes profissionais. Destes fatores, os últimos são sempre os menos considerados, porém não menos importantes. Observa-se que os esforços feitos para a melhoria das condições de trabalho e produtividade muitas vezes ocorrem isoladamente e distanciado do trabalhador e sabe-se que problema de saúde mental no trabalho é a causa de mais de 10% dos afastamentos no trabalho em todo mundo. O Laboratório de Psicologia do Trabalho (LPT/IP/UnB) vem se especializando nesta área desde seu início, trazendo experiências acumuladas desde 1986, por isso vez esta mesma área vem atraindo interesse crescente a cada ano, chegando a ser considerada a atuação prioritária do psicólogo no século vindouro (V. G. APA, 1991). A experiência nacional adquirida pelo LPT, implicou em desenvolvimento de metodologia inovadora, já testada e comprovada, que vem resolver problemas tradicionais na área, cuja demanda por conhecimento vem sendo sentida na lida cotidiana de nosso laboratório. O curso pretende discutir as questões de trabalho e as suas inter-relações com as

questões de saúde mental, bem como a aplicação prática de uma diagnóstico integrado do trabalho.
Palavras-chave: Trabalho; Saúde mental; Instrumento diagnóstico

******

CUR 06/Psicologia do Desenvolvimento

INTRODUÇÃO À PSICOGERONTOLOGIA. *Neusa Bizo e Terezinha Mello (Instituto de Psicologia – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro – RJ)*

O aumento progressivo da proporção de idosos na população veio transformar o que era considerado um problema familiar em uma preocupação de políticos, de educadores e de planejadores da saúde do idoso. Na área de psicologia esta preocupação se concentrou nos problemas emocionais criados por esta longevidade inesperada e pelo surgimento de uma demanda de atividade psicoterápica específica para esta parcela da população. Desse modo a capacitação de profissionais de psicologia, na área de gerontologia, com ênfase na psicoterapia, surgiu da carência na formação deste profissional, uma vez que o estudo do processo de envelhecimento e das técnicas psicoterápicas mais adequadas a esta população até hoje não faz em parte da maioria dos cursos de graduação em Psicologia. Desse modo, este curso introdutório à Psicogerontologia, tem como objetivo despertar nos profissionais psicólogos, o interesse pela psicoterapia com idosos; ministrar a esses profissionais conhecimentos teóricos e técnicos sobre as principais questões referentes à Gerontologia e à Psicogerontologia e discutir as várias possibilidades de tratamento psicoterápico para pessoas idosas. Os temas abordados serão, primeiramente, a conceituação dessas novas áreas do conhecimento que surgiram em função da transição demográfica pela qual vem passando o nosso país: a Geriatria, área do saber médico; a Gerontologia, área que abrange os saberes de todos os profissionais que atuam com idosos na busca de qualidade de vida para esta faixa etária e a Psicogerontologia, espaço do saber específico do psicólogo que se dedica ao cuidado psicoterápico dos indivíduos desta faixa etária. Nos aspectos bio-psico-sociais do envelhecimento abordaremos os pontos que consideramos mais importantes por serem aqueles que provocam maior sofrimento às pessoas, à medida que tomam consciência da chegada da sua própria velhice: as representações sociais da velhice feitas por si próprias e pelo outro e os vários preconceitos que a sociedade alimenta em relação a esta faixa etária; As perdas físicas e sociais que tantos prejuízos provocam à auto estima dos indivíduos que envelhecem; o afeto, ou a falta de afeto e a repressão à sexualidade do idoso que, mesmo em nossos dias, ainda se constitui num tabu, principalmente para a família; as alterações da cognição e da memória que, muitas vezes, se constituem num dos maiores problemas de convivência com os familiares e, finalmente, os vários lutos vividos pelo indivíduo que chega a esta idade, a consciência da própria finitude e as várias formas de enfrentamento da realidade maior: a morte. Em relação às noções de saúde e doença serão abordados o conceito ampliado de saúde e as principais doenças que afetam o indivíduo idoso com destaque para a demência e a depressão. Serão enfocadas as conseqüências pessoais, familiares e sociais da perda da independência e da autonomia bem como os tipos de cuidadores de idosos: familiares e profissionais e os principais problemas psicológicos que afetam a cada uma das categorias. Com relação à psicoterapia serão analisadas as várias possibilidades de abordagem: individual; em grupo e familiar, bem como as implicações das intervenções no caso de instituições, sejam elas hospitalares ou asilares. Destaque especial será dado à importância da intercorrência e da constituição da equipe inter/multidisciplinar. Finalmente abordaremos a questão da socioterapia em suas várias possibilidades de realização focalizando também a importância da integração com outros profissionais. Será oferecida também, uma bibliografia extensa sobre o assunto por ocasião do curso.
Palavras-chave: Psicogerontologia; Velhice; Psicoterapia

******

CUR 07/Psicologia Escolar e Educação

ALFABETIZAÇÃO ESCOLAR: O DESEJO DE APRENDER E O PRAZER DE ENSINAR. *Sérgio Antonio da Silva Leite e Ana Maria Falcão de Aragão Sadalla (Faculdade de Educação – Universidade Estadual de Campinas – Campinas – SP)*

Até há algumas décadas atrás, a concepção de escrita vigente apontava que ensinar a escrever relacionava-se à mera reprodução da linguagem oral, sendo suficiente aprender a codificar e decodificar sons da fala. Importavam as habilidades sensório-motoras, vistas por muitos teóricos como pré-requisitos da aprendizagem de leitura e escrita. O processo era reduzido ao ensino do código, envolvido na mecânica da leitura e da escrita: inicialmente ensinava-se o código e, só posteriormente, o aluno poderia utilizá-lo. O mais importante era o aspecto metodológico, que buscava respostas científicas que mostrassem qual era o método de alfabetização mais eficaz. Na concepção atual, a escrita é analisada como algo simbólico, mostrando que há uma idéia por trás do código, cuja relevância está nos usos sociais da escrita. As práticas pedagógicas são inspiradas no uso que a sociedade faz do código, nas diferentes formas de sua utilização social. Enfatiza-se o seu caráter simbólico, cujos significados são determinados historicamente. O texto passa a ser a prioridade, o ponto de partida e de chegada no processo de alfabetização escolar, sendo o domínio do código escrito um instrumento importante para o exercício da cidadania. A pesquisa científica foi mostrando que o processo de alfabetização é multideterminado, havendo diferentes áreas do conhecimento que têm uma contribuição fundamental a dar. Dentre elas, a Lingüística, que contribui para a melhor compreensão das relações entre a linguagem oral e a escrita, alterando a concepção tradicional, explicando o fenômeno das variações lingüísticas, da epilinguagem e da metalinguagem. Mostra também que o texto deve ser sempre compreendido na relação entre quem escreve e quem lê. Outra contribuição importante vem da Psicologia, que auxilia na compreensão do caráter conceitual da escrita como sendo um processo ativo do sujeito, que elabora hipóteses até chegar à concepção da escrita alfabética. Além disso, os erros passam a ser vistos como reveladores do momento de desenvolvimento em que o sujeito se encontra, fundamental para a intervenção pedagógica, tendo a mediação docente um papel fundamental no processo de internalização da escrita pelo aluno. O desafio da escola é possibilitar os usos da linguagem oral e escrita numa perspectiva crítica, em que o produtor de texto e o leitor busquem o aprimoramento do exercício da cidadania. Daí a necessidade um novo conceito que supera a concepção de alfabetização – o letramento, sendo aqui entendido como o estado ou condição que um sujeito adquire em conseqüência de ter-se apropriado da escrita. Esta visão ampliada do processo de alfabetização escolar só é possível a partir da ação que engloba um projeto de trabalho coletivo, baseado na ação-reflexão, na direção do estabelecimento de condições cada vez mais autônomas e seguras. O desafio, portanto, não é só pedagógico, mas é também institucional. A unidade educacional deve promover a busca de relações cada vez mais democráticas, em que os professores tenham uma prática emancipatória, baseada na reflexão realizada com seus pares, escolhendo e propondo metodologias de trabalho pedagógico que contemplem o exercício da cidadania, não só dos profissionais, mas também dos aprendizes envolvidos no processo de alfabetização escolar.
Palavras-chave: Alfabetização; Letramento; Projeto de Trabalho

******

CUR 08/Psicologia da Saúde

DEPRESSÃO: ASPECTOS ETIOLÓGICOS, NEUROBIOLÓGICOS E PSICOTERAPÊUTICOS. *Marilda Nunes Baptista ** (Universidade Braz Cubas – Mogi das Cruzes – SP; Doutorando pelo Depto. de Psicologia Médica e Psiquiatria da Escola Paulista de Medicina – UNIFESP) e Paulo Rogério Morais ** (Universidade Braz Cubas – Mogi das Cruzes – SP; Mestre pelo Depto de Psicobiologia da Escola Paulista de Medicina – UNIFESP)*

Nas últimas décadas tem se observado uma crescente preocupação em pesquisar os transtornos mentais, principalmente aqueles que possuem uma alta prevalência na população mundial. A depressão foi considerada pela Organização Mundial de Saúde como um dos transtornos que mais causam conseqüências negativas na vida do indivíduo, principalmente em sua produtividade organizacional, ficando apenas atrás das doenças do coração. A depressão pode ser considerada como um transtorno de etiologia multifatorial, sendo que diversas variáveis podem estar implicadas no seu aparecimento e manutenção, bem como no seu tratamento e recuperação. Dentre essas variáveis pode-se citar as psicológicas (percepção, estratégias de enfrentamento individual, etc); sociais (suporte familiar e dos amigos) e neurobiológicas (substâncias neurotransmissoras associadas ao desenvolvimento da depressão, como a serotonina e dopamina). Da mesma forma, existem diversos tratamentos psicológicos e farmacológicos para a terapêutica da depressão, sendo que a literatura vem demonstrando que, no caso de depressões de gravidades moderada e severa, a associação do tratamento psicoterapêutico e medicamentoso é aconselhável e mais eficaz do que a utilização de tratamentos isolados. A prevalência da depressão mundial gira em torno de 5 % da população, sendo que o risco de apresentar tal transtorno ao longo da vida é de 10 a 25% em mulheres e 5 a 9% em homens, em amostras comunitárias. A diferença da prevalência no gênero, ou seja, a apresentação dobrada de depressão nas mulheres, em relação aos homens pode ser explicada através de diferentes hipóteses, dentre elas o ciclo hormonal relacionado ao estrógeno na mulher, além de variáveis sociais. Já, em relação aos vários tipos de tratamentos psicoterápicos, os estudos vêm apontando algumas abordagens breves, como mais eficazes, dentro de uma avaliação baseada em princípios científicos, como é o caso das abordagens comportamentais, cognitivas e cognitivo-comportamentais. A Terapia Cognitiva, formulada desde os anos 60 por Aaron Beck, pode ser considerada uma das mais proeminentes e importantes terapias na resolução da sintomatologia depressiva, já que demonstra ser um modelo mediacional, que preconiza a importância dos processos cognitivos no desencadeamento e tratamento da depressão. De igual importância é o entendimento dos mecanismos neurobiológicos envolvidos na gênese e manutenção de sintomas depressivos, uma vez que todo fenômeno psicológico corresponde a um fenômeno biológico. Boa parte do conhecimento acumulado em relação aos aspectos biológicos da depressão foi obtido através do uso de modelos animais que mimetizam os sintomas depressivos. A compreensão da neurobiologia da depressão proporciona o desenvolvimento de medicamentos mais específicos que, principalmente quando somados a algumas modalidades de psicoterapia, tornam-se uma importante ferramenta para o tratamento deste transtorno.
Palavras-chave: Depressão; Aspectos Psicossociais; Neurobiologia

******

CUR 09/Psicologia Organizacional e do Trabalho

MODELOS E INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO DE TREINAMENTO. *Jairo Eduardo Borges-Andrade e Gardênia Abbad (Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, Instituto de Psicologia - Universidade de Brasília)*

JUSTIFICATIVA: As mudanças em andamento no mundo do trabalho têm produzido, entre outros efeitos, um grande aumento no investimento em treinamento nas empresas. Isso não tem sido seguido, no entanto, de esforços no sentido de promover avaliações dos treinamentos realizados. Parte da razão, para isso, decorre da falta de técnicos preparados para defender a necessidade dessas avaliações e para planejar sua implementação. Os dois proponentes do presente curso têm uma ativa produção de conhecimentos e tecnologias na área de avaliação de treinamento, contando inclusive com um projeto de pesquisa apoiado pelo Programa de Núcleos de Excelência do Ministério da Ciência e Tecnologia. A presente proposta de curso pretende promover uma preparação de estudantes de Psicologia de últimos semestres e Psicólogos, para poderem iniciar uma atuação na área. Essa preparação está baseada nos resultados das pesquisas realizadas pelo grupo do qual fazem parte os proponentes, de forma que esses resultados possam fornecer base científica para uma atuação profissional competente na área.

OBJETIVO GERAL: Ao final do curso, os seus participantes deverão ser capazes de justificar e descrever as etapas de planejamento e implementação da avaliação de treinamentos.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS: Ao final do curso, os seus participantes deverão ser capazes de:

- definir avaliação de treinamento;
- descrever os componentes de um modelo de avaliação;
- identificar algumas variáveis relativas a esses componentes, em treinamentos hipotéticos;
- descrever os níveis de avaliação de treinamento;
- identificar alguns possíveis instrumentos e procedimentos relativos aos referidos níveis.

RESUMO DO CONTEÚDO A SER COBERTO

- Conceito de avaliação de treinamento.
- Modelo de avaliação com base na abordagem de sistemas.
- Modelo de avaliação com base na natureza da medida e no momento da mensuração.
- Instrumentos e procedimentos de avaliação.

Palavras-chave:

***

CUR 10/Ergonomia

ERGONOMIA APLICADA AO SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO PÚBLICO. *Mário César Ferreira (Dep. de Psicologia Social e do Trabalho, Universidade de Brasília – UnB)*

As situações de atendimento ao público constituem modalidades de contextos sociotécnicos de trabalho singulares: (a) elas materializam as políticas das organizações sob o formato de serviços de atendimento, cumprindo um papel estratégico para a concretização das finalidades institucionais; (b) elas colocam em cena a interação social de diferentes protagonistas (atendente-usuário) que se apoia fundamentalmente no processo inter-subjetivo comunicacional; (c) elas constituem um espaço de exercício da cidadania, possibilitando aos sujeitos o acesso aos serviços e produtos e, ainda, a operacionalização dos objetivos das organizações públicas e privadas. Todavia, o serviço de atendimento ao público são, ainda, um objeto de investigação pouco ou mal conhecido das ciências do trabalho, em particular, da psicologia do trabalho. A escassa literatura existente mostra que ele tem sido, de um lado, mais objeto de estudo da administração, sobretudo do marketing, e, de outro, os focos de estudo restringem-se à variáveis pontuais, como por exemplo, a satisfação do consumidor, as atitudes dos atendentes. Assim, os profissionais que se confrontam direta ou indiretamente com esse tipo de situação encontram obstáculos para suas intervenções. Daí emergem duas questões básicas: o que é o serviço de atendimento ao público? como analisá-lo?. Isto posto, o objetivo central do curso é apresentar a abordagem "Ergonomia Aplicada ao Serviço de Atendimento ao Público". A operacionalização deste objetivo projeta a arquitetura do conteúdo do curso em três subunidades complementares: (a) Ergonomia, teoria e método que abordará a identidade científica da disciplina, como uma das ferramentas teórico-metodológicas para o estudo da inter-relação homem-trabalho; (b) Serviço de atendimento ao público que explicitará uma abordagem teórico-metodológica em ergonomia para o estudo da temática; e (c) Estudo de caso que apresentará um estudo pontual para ilustrar o uso da abordagem ergonômica no diagnóstico de situações concretas de atendimento ao público. Ao final do curso, o aluno deverá ser capaz de compreender o enfoque teórico-metodológico proposto pela ergonomia por meio: descrição das principais características da identidade científica da disciplina, explicar o modelo teórico para o estudo do serviço de atendimento ao público, analisar um estudo caso em ergonomia aplicada ao serviço de atendimento ao público.

Palavras-chave:

***

CUR 11/Psicologia Cognitiva

ENSINO-APRENDIZAGEM EM PSICOLOGIA COGNITIVA SOB ABORDAGEM DE PROCESSAMENTO DA INFORMAÇÃO. *Milton J. P. Almeida (UNISINOS)*

Proposta: o curso intitulado Ensino-Aprendizagem em Psicologia Cognitiva, sob abordagem de Processamento da Informação, é ministrado sob o enfoque cognitivo-experimental o qual considera a evolução histórica da Reflexologia e do Behaviorismo até a Psicologia Cognitiva, abordando tanto elementos teóricos fundamentais para a compreensão de processos cognitivos básicos do ensino e da aprendizagem quanto elementos aplicados para a análise de situações concretas de ensino-aprendizagem, inclusive em proposta acoplada à Inteligência Artificial na construção de Tutores Inteligentes.

Objetivos: instrumentalizar o aluno tanto a nível teórico quanto a nível prático a compreender os processos básicos de ensino-aprendizagem, assim como os processos cognitivos e afetivos envolvidos em situações de reais aprendizagens, assim como no ensino tutorial por computador.

Materiais e Métodos: a partir de uma metodologia de aula expositiva, serão utilizadas lâminas de retro-projetor, assim como figuras ilustrativas de funcionamento de um Tutor Inteligente. Exercício de Leitura de textos científicos na área.

Resultados propostos: propiciar ao aluno uma clara diferenciação e uma análise crítica entre as concepções de ensino e aprendizagem para a Reflexologia, para o Behaviorismo, em confronto com a Psicologia Cognitivo-Experimental moderna.

Palavras-chave: Ensino-Aprendizagem cognitiva; Tutores Inteligentes; Processamento da Informação

***

CUR 12/Psicologia Clínica e da Personalidade

SUBJETIVAÇÃO, CLÍNICA E CULTURA. *Terezinha de Camargo Viana (Universidade de Brasília), Luís Augusto Monnerat Celes (Universidade de Brasília) e Tânia Cristina Rivera*

O desenvolvimento de uma perspectiva de estudos de modos e processos de subjetivação e singularização, em suas dimensões clínicas e culturais, vem se constituindo uma tendência na área psi, sobretudo, na sua vertente psicanalítica. Em que pese a diversidade de conteúdos e a diversidade de abordagens desses estudos contemporâneos pode-se dizer que mantêm pontos em comum: uma interlocução transdisciplinar, o interesse pelas formas de sentir, imaginar e fantasiar que se traduz em aproximações às formas estéticas, o literário e à clínica psicanalítica como espaços a permitir novas formulações/reformulações teóricas. Apresentar esta discussão, desenvolver alguns de seus desdobramentos, constitui a proposta deste curso. O curso será conduzido sob a forma de palestras e discussão interativa com os participantes e organizado em unidades temáticas interdependentes: a individualização e subjetivação na cultura; Subjetivação, psicanálise e processos de criação; A "escrita psicanalítica" situada entre clínica e literatura; Psicanálise na contemporaneidade: transferência e alteridade. O quadro teórico de referência perpassará textos freudianos e de outros autores, dentre eles: Winnicott, J. Lacan, R. Barthes, J. Forrester, N. Elias, E. Pound, T. Ogden, J. Birman, C. Nicéias, J. Derrida, M. Foucault, Pontalis, T. Rivera, T. C. Viana e L. Celes, H. Bloom.

Palavras-chave:

***

CUR 13/Psicologia Escolar e Educação

IMPLICAÇÕES EDUCACIONAIS DA ABORDAGEM SÓCIO-HISTÓRICA: O SUJEITO, O OUTRO E A LINGUAGEM. *Rosângela Francischini (Departamento de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal – RN) e José Moysés Alves (Universidade Federal do Pará, Belém – PA)*

A divulgação/incorporação das idéias de Vygotsky na Psicologia, Educação e Linguística, possibilitadas pelo acesso às publicações desse teórico, de seus colaboradores (principalmente Luria e Leontiev) e de seus principais intérpretes, tem se destacado em nosso meio, a partir da década de 80. A abordagem sócio-histórica (ou sociocultural, ou, ainda histórico-cultural) tem conquistado e, por vezes, se tornado dominante dentre as tendências que, até então, mantinham uma certa hegemonia. Por um lado, a presença de conceitos como mediação semiótica, internalização e zona de desenvolvimento proximal, dentre outros, já não são estranhos aos programas de algumas disciplinas acadêmicas. Por outro lado, as tentativas de compreensão das implicações desse modelo ao universo escolar têm apresentado divergências significativas entre os seus intérpretes, decorrentes muitas vezes, de uma atitude de simplificação da teoria. Algumas idéias desta teoria, tais como a de que o conhecimento é construído socialmente e a de que o professor é um mediador que atua nas zonas de desenvolvimento proximal, estão bastante difundidas, podendo-se encontrá-las, inclusive, em documentos oficiais destinados à orientação de professores de todo o país. Entretanto, isoladas de outros conceitos da teoria e sem os quais elas não poderiam ser compreendidas, tais idéias podem perder boa parte de seu poder transformador. Neste sentido, estamos propondo este curso de nível introdutório, que objetiva apresentar e discutir os conceitos básicos da abordagem sócio-histórica e suas implicações educacionais. Pretende-se, especificamente, tratar do papel do sujeito, do outro e da linguagem nos processos de construção do conhecimento, considerando diferentes modelos pedagógicos. Na perspectiva sócio-histórica o papel do sujeito não é o de um ser receptivo ou ativo, mas interativo/construtor. O educador não é um mero transmissor de conhecimentos ou facilitador da aprendizagem do educando, mas alguém que media as interações deste com os

objetos de conhecimento. O aluno não precisa ser silencioso e apenas repetir as palavras do professor durante as avaliações, nem alguém completamente independente no seu processo de produção de conhecimento. Neste enfoque, o conhecimento é construído nas trocas dialógicas, que nem sempre são trocas harmoniosas. O outro, mais "competente", pode intervir de modo a possibilitar condições de reflexão que resultem em construções novas e, conseqüentemente, novas possibilidades de interação do sujeito com o outro e com os objetos de conhecimento. No curso, além de aulas expositivas, os alunos terão oportunidades de analisar, com base nos conceitos discutidos, transcrições de episódios interativos - recortes de pesquisas realizadas pelos ministrantes do curso e por pesquisadores representativos dessa perspectiva.
Palavras-chave:

****

CUR 14/Psicologia Clínica e da Personalidade
GÊNERO, SEXUALIDADE E SAÚDE DA MULHER. *Júlia S.N.F.Bucher (Universidade Federal do Ceará – Departamento de Saúde Comunitária – Fortaleza-CE) e Gláucia Diniz (Universidade de Brasília, UnB – Departamento de Psicologia Clínica, Brasília-DF)*
Esse curso pretende definir e contextualizar os conceitos de gênero e sexualidade e a partir desses referenciais analisar os fatores estressores, discutir os riscos e apontar desafios para se lidar com a saúde da mulher no mundo contemporâneo. Ao utilizarmos o referencial de gênero estaremos abordando a construção da identidade feminina, os papéis sociais que a mulher exerce, os estereótipos e valores associados a esses papéis. Num segundo momento trataremos questões relacionadas ao corpo, à vivência da sexualidade ao longo do ciclo vital
com o intuito de discutir do impacto das questões de gênero e sexualidade sobre a saúde física e mental da mulher. Ao final do curso, a partir dos subsídios teóricos apresentados, discutiremos as posturas adequadas para a construção de projetos educativos e preventivos na área de saúde da mulher.
Palavras-chave: Gênero; Sexualidade; Saúde da mulher

****

CUR 15/Psicologia da Saúde
PSICONCOLOGIA EM HOSPITAL GERAL: INTRODUÇÃO À TEORIA, PESQUISA E PRÁTICA. *Carmen Maria Bueno Neme (Depto de Psicologia – UNESP-Bauru, SP)*
A Psiconcologia é área de interface entre a Psicologia e a Oncologia, de recente desenvolvimento na prática psicológica. Fundamenta-se na Psicologia Clínica e na Psicologia da Saúde, bem como utiliza-se dos conhecimentos teóricos e de pesquisa da Psicossomática e da Psiconeuroimunologia. Constituindo-se em amplo campo de atuação multiprofissional, exige formação especializada que habilite o profissional da Psicologia a atuar junto ao paciente, familiares e equipe de saúde, de forma efetiva e interrelacionando à pesquisa e à participação em projetos e programas de saúde na área.
Com base nas contribuições da Medicina Psicossomática e da Psicossomática atual, reconhece-se a relevância dos aspectos psicológicos na gênese, desenvolvimento, prognóstico e reabilitação de diferentes tipos de câncer, o que vem sendo corroborado por resultados de pesquisas recentes no campo da Psiconeuroimunologia. Tais resultados indicam os processos mediante os quais estabelece-se a intercomunicação corpo-mente, especialmente no que se refere à exposição e resposta dos diferentes indivíduos a eventos de estresse psicológico e seu Enfrentamento.
O trabalho Psicológico - psicoterápico - junto ao paciente oncológico no Hospital Geral reveste-se de características especiais e peculiares, exigindo habilidades teórico-técnicas do profissional, que diferenciam-se do exigido em nível ambulatorial em saúde mental ou em consultório privado. Considerando-se que o câncer é ainda uma das quatro principais causas de morte no Brasil e no mundo, bem como a relevância dos fatores psico-sociais de risco na gênese e evolução da doença, sugere-se a necessidade de preparar-se adequadamente os profissionais da Psicologia para realizar pesquisas e desenvolver uma prática efetiva e continuamente avaliada na área.
A atuação junto ao paciente e seus familiares durante as diferentes etapas de Enfrentamento da doença e tratamentos - em geral dolorosos, invasivos e permeados de perdas e contínuas adaptações, constitui-se uma das mais importantes e difíceis tarefas do Psicólogo em Psiconcologia. Do mesmo modo, o acompanhamento psicológico do paciente considerado "terminal" ou "Fora de Possibilidades Terapêuticas" e de sua família, requer preparo teórico-técnico e pessoal do profissional que, fazendo parte da equipe de saúde, deve também facilitar as relações profissionais de saúde-paciente-familiares, tanto em em outros momentos da trajetória do doente com câncer.
Palavras-chave: Psicologia Hospitalar; Psiconcologia; Psicologia da Saúde

****

CUR 16/Formação em Psicologia
A ESCOLHA DA PROFISSÃO: AS DIFERENTES ABORDAGENS E METODOLOGIAS. *Dulce Helena Penna Soares (Departamento de Psicologia da UFSC, Programa de Pós-graduação, LIOP- Laboratório de Informação e Orientação Profissional)*
Este curso tem por objetivo apresentar uma introdução teórica e metodológica em Orientação Profissional dentro das diferentes abordagens: educacional, clínica e organizacional. Será abordado também sobre a influência da família no processo de escolha de uma profissão, a psicologia do projeto: projeto de vida e profissional. A técnica do genoprofissiograma será apresentada como um recurso a ser utilizado para trabalhar-se estas questões. A metodologia será com aula expositiva, vivências e discussão sobre a teoria e as técnicas de Orientação Profissional apresentadas.
Palavras-chave:

****

CUR 17/Psicologia da Saúde
RELAÇÕES PROFISSIONAIS DE SAÚDE-USUÁRIOS: QUESTÕES PSICOSSOCIAIS EM CONTEXTO DE ATENDIMENTO A USUÁRIOS DE SAÚDE PÚBLICA. *Marilia Marques da Silva (Universidade Católica de Brasília, Curso de Psicologia, Brasília, DF) e Annamaria Lima e Silva Franco (Universidade Federal da Bahia, Instituto de Saúde Coletiva, Salvador, BA)*
O curso proposto objetiva apresentar e discutir questões, relacionadas a relação médico- usuário, em estudos realizados na área de pesquisa da psicologia da saúde em contexto da saúde pública em termos da literatura e de questões metodológicas. Tendo como foco a relação médico-usuário como objeto de interesse da psicologia e da saúde pública, dois contextos de atendimento à saúde pública serão apresentados: 1) a relação médico-usuário no Programa de Saúde da Família implementado em dois estados do Nordeste , 2) a relação médico-usuário em consultas pediátricas de centros de saúde ambulatoriais . 1) O Programa de Saúde da Família (PSF) apresenta-se com novas demandas para os médicos, no que diz respeito a aspectos comunicacionais e relacionais, como também campo para estudos e intervenção. A necessidade de construção de objetos complexos, com níveis interarticulados utilizou de contribuições da abordagem ecológica de Bronfenbrenner e da abordagem da Vigilância da Saúde. A relação médico-usuário é constituída por uma rede de significados, significados anteriores ao encontro clínico, significados compartilhados ou não pela instituição, pelos profissionais e pelos usuários. Esta rede de significados para ser compreendida, no estudo em questão, utilizou da compreensão interpretativo-hermenêutica. Será apresentado um estudo em que foram observadas e gravadas em áudio aproximadamente 400 consultas médicas realizadas no contexto do PSF. Uma análise de conteúdo observa a ocorrência ou a perda da oportunidade dos membros da díade, de comportar-se de acordo com as diretrizes do PSF, e busca compreender aspectos como influências de padrões comunicacionais no fluxo da relação, elementos estruturantes da relação médico-usuário, e concepções norteadoras da atenção do médico como a concepção de saúde, família, processo terapêutico e ação do profissional médico. 2) A promoção do desenvolvimento da criança: o atendimento mais abrangente das questões de atenção primária em saúde pública e dos assuntos de interesse dos cuidadores tem sido considerado como fator de grande impacto na validade social da consulta médica. No entanto, falta estudar procedimentos de intervenção sobre o conteúdo da comunicação entre médico e acompanhante. Uma pesquisa a ser apresentada propõe a aplicação de princípios estabelecidos na pesquisa básica da análise do comportamento, como o uso de instruções em um contexto de assistência de populações pediátricas, na situação de consulta médica. Foi investigado, experimentalmente, o quanto determinado procedimento instrucional poderia alterar características das interações verbais médico-acompanhante ao se incluir a temática das consultas, assim como as menções ao desenvolvimento da criança. Concluiu-se, então, que o fato de o acompanhante estimar temas é suficiente para produzir uma ocorrência maior de temas nas consultas, ou seja, uma focalização em temas, determinados com redução da abrangência temática. Este resultado tem implicações para a prática, indicando que o uso de procedimentos de estimulação da consulta com o acompanhante é um recurso que pode favorecer o atendimento de interesses dos cuidadores em assuntos de atenção global à saúde e desenvolvimento da criança.
Palavras-chave: Relação profissionais de saúde; Usuários; Psicologia da saúde; Saúde pública

****

CUR 18/Psicologia da Saúde
TRATAMENTO COMPORTAMENTAL COGNITIVO DA DOR CRÔNICA. *Sady Sales Guimarães (Universidade de Brasília)*
Ementa: Teorias e conceitos de "dor". Multidimensionalidade e mecanismos de percepção. Quantificação e avaliação. Técnicas comportamentais e cognitivas de intervenção. Tratamento interdisciplinar de dores crônicas de maior incidência.
Conteúdo Programático: Unidade 1. Histórico: Evolução histórica da compreensão e dos métodos de estudo da dor; Teorias da dor: Especificidade, Padrão e "Gate Control"; Conceitos de dor da IASP e da AMA.
Unidade 2. Multidimensionalidade da Dor: Enfoque biopsicossocial; modelos comportamentais e cognitivos da dor. Variáveis mediadoras da percepção de dor; preditores psicossociais da dor crônica. Fisiologia da dor – nocicepção e desaferenciação
Unidade 3. Avaliação e quantificação da Dor: A relevância da avaliação, dificuldades metodológicas. Classificação da dor: aguda, crônica, recorrente. Métodos fisiológicos e psicológicos de mensuração da dor

Instrumentos de avaliação e quantificação: Escalas, Questionários e Diários. Observação direta.

Unidade 4. Técnicas de Intervenção: Informação e treino de enfrentamento; atividades graduativas. Treinamento assertivo e desenvolvimento de habilidades sociais. Reforço diferencial de comportamento adequado. Relaxamento Muscular Progressivo. Relaxamento Autógeno. Distração, guia de Imagens; hipnose. Biofeedback.

Unidade 5. Procedimentos de Intervenção em Dores Crônicas: O trabalho em equipes interdisciplinares. AIDS, Câncer, Dor Fantasma, Dor de Cabeça, Fibromialgia.

Palavras-chave:

****

CUR 19 Metodologia de Pesquisa e Instrumentação

TECNOLOGIA DE CONSTRUÇÃO DE ITENS PARA TESTES PSICOLÓGICOS E EDUCACIONAIS. *Luiz Pasquali e Margarida Maria Mártires Rodrigues (Laboratório de Pesquisa em Avaliação e Medida - LabPAM, Universidade de Brasília - Brasília - DF).*

A avaliação educacional ou psicológica se constitui em um processo de coleta de dados de uma amostra representativa de comportamentos, envolvendo o conhecimento dos diferentes tipos de habilidade requeridos para o bom desempenho do examinando na determinada área que se pretende medir. Esse processo exige o conhecimento de quais objetivos ligados ao processo devem servir de orientação e quais habilidades se espera que o examinando tenha desenvolvido. A construção de itens é caracterizada, então, pelo levantamento dos objetivos comportamentais esperados a serem alcançados pelo examinando.

Nesta perspectiva, testes de inteligência, de personalidade, inventários vocacionais e de interesse, exames de vestibular, provas de sala de aula e avaliações de desempenho, entre outros, se configuram em testes psicológicos. Esta afirmativa parte do pressuposto de que um teste psicológico requer o desempenho de algum tipo de comportamento – uma ação observável e mensurável que mede algum atributo, traço ou característica. Os itens que compõem um teste, segundo Pasquali (1997) constituem "a representação comportamental do traço latente, eles são as tarefas, ações empíricas por meio das quais o traço latente se manifesta". A forma do comportamento representar esses traços latentes é através da resposta dada ao conteúdo representado no item.

A avaliação psicológica ou de desempenho escolar possuem três características em comum: (a) elas avaliam uma amostra representativa de comportamentos que medem atributos pessoais ou predizem um resultado; (b) as amostras do comportamento dos examinandos são obtidas sob condições padronizadas e (c) existem regras para interpretação dos resultados.

Uma testagem é a aplicação de um instrumento ou procedimento para determinar a quantidade ou a qualidade de uma variável possuída por um sujeito. Para cumprir a designação do caráter psicológico atribuído à testagem, ela deve obedecer certos pressupostos. Entre estes pressupostos, um dos mais importantes a observar é se o teste mede realmente o que ele diz medir, ou se o teste possui validade. A validade de um teste é determinada de várias formas como: a avaliação do conteúdo relacionado ao teste aplicado (validade de conteúdo), a avaliação dos critérios utilizados para validarem o teste (validade de critério) e a avaliação dos conceitos teóricos subjacentes ao desempenho (validade de construto). Outro pressuposto importante é a estabilidade temporal do comportamento do indivíduo medido pelo teste e a consistência de seus itens, observada pelos escores do teste. Isto é chamado fidedignidade.

Outro pressuposto a ser observado é a objetividade do teste que pode ser determinada através da comparação entre juízes e experts no assunto e ao uso de medidas de critério para determinar o nível de viés dos itens. O processo de medir é importante porque permite conhecer-se se estamos trilhando o caminho certo e se, de fato, estamos medindo o que intencionamos medir.

Palavras-chave: Tecnologia de construção de itens; Qualidade de testes psicológicos; Educacionais.

****

CUR 20 Psicologia da Família e Comunidade

PREVENÇÃO EM PSICOLOGIA: TAREFA PARA O NOVO MILÊNIO.

CUR 20.1 A PREVENÇÃO EM INSTITUIÇÕES QUE ABRIGAM CRIANÇAS E A PREPARAÇÃO E ACOMPANHAMENTO DE PAIS ADOTIVOS. *Lídia Natalia Dobrianskyj Weber (Universidade Federal do Paraná).*

A base dos prejuízos causados pela prolongada institucionalização de crianças é a impossibilidade de se formar e manter vínculos afetivos devido a vários fatores: elevado número de crianças por instituição; tratamento massificado e despersonalizante; rotatividade dos funcionários; transferências dos internos para outras instituições; desligamento da criança de sua família e comunidade etc. Existe negligência em relação à preparação de crianças institucionalizadas, seja para a reintegração com a família de origem, para a colocação em família substituta através da adoção ou em casas-lares, ou simplesmente para conhecer, compreender e elaborar a sua história de vida. Consideramos essencial que a criança, como um sujeito de direitos, tenha acesso ao que existe de mais básico ao ser humano: a sua própria história e a sua realidade atual. Um projeto de intervenção terá como objetivos: 1) Resgatar os processos de cada criança visando a desinstitucionalização. 2) Esclarecer para a criança institucionalizada a história de origem que a levou a permanecer institucionalizada: abandono, doação, orfandade, se a família (nuclear ou extensa) pode ser localizada ou não. 3) Clarificar para a criança institucionalizada a sua real situação jurídica, ou seja, se os seus pais foram ou não destituídos do pátrio poder e se ela pode ser colocada para adoção. 4) Conscientizar a criança sobre as reais possibilidades de viver em uma família, com base em dados da realidade atual brasileira. Verificar se ela conhece os seus direitos fundamentais e se ela aceita ou não uma adoção internacional. 5) Proporcionar à criança e ao adolescente institucionalizado um trabalho de grupo de apoio psicológico que possa constituir um espaço para trabalhar suas questões pessoais, expectativas futuras, idealização de família, conscientização e elaboração de sua história prévia e de seu momento atual. Do outro lado estão os candidatos à adoção e as famílias adotivas. Os fatores mais importantes que os afetam são a infertilidade, o processo de adoção (demora, escolha da criança, legalidade ou ilegalidade), o modo como outras pessoas percebem e interagem com o fato de pertencerem a uma família adotiva, e a consciência de que existe um passado, ou seja, uma outra família de origem da criança adotada. Não basta afirmar que o amor da família adotiva é o mesmo, que a capacidade de estabelecer apego ou de lidar com a disciplina é similar e que a essência da família adotiva é a mesma de uma família biológica. Para quem vive em uma família adotiva é necessário ter a clareza de que todos esses fatores internos e externos acabam modelando o relacionamento e a dinâmica da família adotiva porque a contingência com que ela foi formada foi diferente. Quanto maior a consciência de uma família adotiva da sua diferença inerente à uma família biológica, maior a aceitação e a compreensão de que os membros fazem parte de uma família verdadeira, legítima e real. A família adotiva, ao contrário do que revela o pensamento do senso comum, não é uma família de segunda classe.

Palavras-chave:

***

CUR 20.2 PREVENÇÃO: PADRÕES PARENTAIS PARA UMA SOCIEDADE EM MUDANÇA. *Yara Kuperstein Ingberman (Universidade Federal do Paraná).*

Mudanças sociais dificultam a definição de família. Da antiga família extensa à família nuclear composta por marido, mulher e filhos, e desta ao número cada vez mais elevado de mulheres e/ou homens que mantêm o encargo de manter a família sem um companheiro. Encontramos, na literatura, conotações diferentes quando se refere a "família" ou "a família" (Petzold, 1996). Nos últimos duzentos anos houve uma revolução na história e na sociedade que mudou também a família. Na mudança do século a família nuclear, resultante da revolução industrial (pai, mãe e filhos), não pode ser mais ser caracterizada como base única da sociedade. Os desenvolvimentos na área se deram mais ao nível de intervenções com a família do ponto de vista clínico, mas ainda não se configurou uma Psicologia da Família, um campo emergente e com muita exigência de pesquisa para ser consolidado. Nos últimos anos a psicologia da família tornou-se uma área de pesquisa com várias subdisciplinas envolvidas como estilos educacionais e problemas similares que se tornaram tópicos de pesquisa. Com as mudanças muito rápidas, os processos desenvolvidos seletivamente pela cultura para a preservação do funcionamento social deixaram de ser efetivos. Os modelos deixaram de ser constantes e de permitirem que haja uma aprendizagem consistente do como e o que fazer na criação de filhos. A crença de que o fato de ter vivido em uma família já garante a possibilidade de gerar uma nova família e oferecer modelos adequados não é real. O que acontece é que os modelos vivenciados muitas vezes não servem por conta das mudanças e os novos moldes de exigência da sociedade não estão claros para os pais. Isto provoca um desencontro cujo consequência estamos vivendo. Uma geração sem uma consistência de padrões educativos e sem direcionamento em função de modismos decorrentes de interpretações muitas vezes inadequadas de estudos psicológicos, de falta de informação e ou vivência na criação de filhos. É necessário que se tenha consciência de que a aprendizagem de padrões de criação de filhos e do desenvolvimento de habilidades de interação social não se dá de forma natural, uma vez que o modo de vida que a sociedade atual impõe não possibilita a exposição a modelos de criação de filhos, e que as experiências da história de desenvolvimento dos pais em suas famílias de origem não servem para este novo modelo. É importante que se desenvolvam sistemas educativos para pais e filhos. Que a criação de filhos possa ser aprendida, para permitir o desenvolvimento de filhos que possam se adaptar às rápidas mudanças sociais. Aumentar as possibilidades dos pais no desenvolvimento de novos repertórios, atendendo à velocidade das mudanças, baseadas mais nas mudanças de comportamento do que na representação conceitual do que seja necessário ou ideal, parecem ser alternativas mais eficientes de acordo com os dados atuais. Herbert (1993) propõe diretrizes para a prevenção de distúrbios de comportamento na infância: 1) Fortes laços de respeito e afeto; 2) Demandas sociais e morais firmes; 3) Desenvolvimento de rotinas; 4) Gerenciar regras familiares; 5) Escolher regras cuidadosamente; 6) Ser consistente; Ser persistente; 7) Explicar as razões para fazer ou não as coisas; 8) Dizer para as crianças o que elas devem fazer e não só o que não podem; 9) Dar responsabilidades; 10) Escutar cuidadosamente os filhos; 11) Respeitar os sentimentos da criança.

Palavras-chave:

****

CUR 21/Psicobiologia e Neurociência

EVOLUÇÃO DE RELAÇÕES AFETIVAS. UMA ANÁLISE SELECIONISTA DA INTERAÇÃO ENTRE RESPONDENTES E OPERANTES. *Regina Célia Souza Brito (Universidade Federal do Pará, Belém, PA) e Rosângela Araújo Darwich (Universidade da Amazônia, Belém, PA)*

Um conjunto de adaptações morfológicas e comportamentais ocorridas entre quatro e dois milhões de anos atrás deixou vestígios importantes em nossa espécie. Uma dessas adaptações foi a evolução do andar ereto e conseqüente estreitamento do canal do nascedouro, o que levou à mortalidade crescente de fêmeas hominídeas durante o parto, agravada pela expansão progressiva do crânio do bebê da espécie. O caminho evolutivo encontrado foi o nascimento de bebês cada vez mais imaturos (neotenia). O conseqüente aumento na demanda de cuidado para com os bebês ocasionou a seleção de outras adaptações, como a emergência dos comportamentos paternais, intimamente relacionados com a evolução de relações afetivas entre casais (monogamia serial). Somente a formação de casais estáveis pôde salvar a espécie da extinção. A fêmea bípede foi gradativamente perdendo o cio marcado: a ovulação passou a ser um evento silencioso e o macho, sem indícios de quando copular, tendeu a permanecer junto a ela, que é uma das poucas fêmeas disponíveis ao sexo durante toda a vida, mesmo quando está grávida. No entanto, altos custos como a produção e a quantidade restrita de óvulos, mais a gravidez, a ameaça real de morte durante o parto e o posterior desgaste na criação do filhote imaturo, fez-se necessária uma adaptação que mantivesse as fêmeas engajadas à atividade sexual reprodutiva. Para isso evoluiu o aparelho clitoriano, órgão cuja única função é permitir o prazer sexual, produzindo uma poderosa resposta neuroquímica: o orgasmo feminino. Um conjunto de estruturas do sistema nervoso central está envolvido na resposta orgásmica, resposta esta completamente desligada fisiologicamente da reprodução em si, embora importantíssima para ela. Este curso objetiva discutir questões pertinentes à seleção do conjunto de adaptações referentes à evolução de relações afetivas e, com tal base, propor uma análise selecionista da interação entre respondentes e operantes. Para tanto, busca acrescentar, às análises skinnerianas de relações organismo-ambiente, propostas desenvolvidas no âmbito particular da psiconeuroimunologia, quanto à descrição de inter-relações entre os grandes sistemas orgânicos e, de uma maneira geral, das neurociências, quanto à integração de estudos fisiológicos e cognitivos, incluindo a investigação da participação de aspectos emocionais para a expressão de comportamentos até então considerados como resultantes da ação isolada da razão. Ressalta-se que as ciências biológicas tendem a permanecer fiéis à divisão mente-corpo, procurando desvendar os ditos mistérios da mente. As investigações realizadas pela análise experimental do comportamento (AEC), por outro lado, são sustentadas pelo monismo físico, prescindindo do conceito de mente para a explicação dos comportamentos. Argumenta-se que a análise da evolução de relações afetivas se mostra útil para a compreensão de como estímulos discriminativos podem adquirir função eliciadora de respostas emocionais importantes para a sinalização de prováveis conseqüências à emissão de operantes. Pretende-se que a questão levantada por Skinner à fisiologia do futuro quanto à lacuna temporal nos casos de seleção por reforçamento pode ser ao menos parcialmente respondida através de princípios inerentes à AEC.

Palavras-chave: Seleção pelas conseqüências; Evolução de relações afetivas; Neurociências.

*****

CUR 22/Psicobiologia e Neurociências

PSICOFARMACOLOGIA. *Cristiane Salum e Regina Lúcia Nogueira (Laboratório de Psicologia Comparada, Universidade Estácio de Sá, Campus Friburgo, RJ)*

As diferentes formas de emoções e comportamentos são mediadas por sistemas neuronais e neurotransmissores distintos. Assim, a maioria das doenças do sistema nervoso que produz alterações no comportamento, pensamento e estado emocional, é subjacente a modificações dos processos bioquímicos e fisiológicos do sistema nervoso central. Nesse sentido, a terapia farmacológica dessas patologias está relacionada à utilização de medicamentos que visam normalizar a neurotransmissão química que está alterada. A psicofarmacologia investiga o mecanismo de ação das drogas psicotrópicas, ou seja, as drogas que atuam principalmente alterando o comportamento e as funções mentais por alterar o funcionamento da neurotransmissão química no sistema nervoso central. Do ponto de vista social, essas drogas têm sido utilizadas desde a antigüidade. Por outro lado, o seu uso terapêutico começou a crescer significativamente a partir da década de cinqüenta com o reconhecimento da eficácia da clorpromazina na terapia da esquizofrenia. Atualmente, as drogas psicotrópicas são utilizadas na terapia de outros transtornos mentais, como por exemplo os Transtornos Depressivos, Bipolares e de Ansiedade. Basicamente, as drogas psicotrópicas utilizadas como medicamentos atuam intensificando ou diminuindo a neurotransmissão em áreas específicas do cérebro. Para tal, as mesmas podem interferir com a neurotransmissão química ao agir, por exemplo, na síntese, liberação ou ligação dos neurotransmissores em seus locais de ação – drogas agonistas ou antagonistas. Assim, o entendimento da neurotransmissão química no sistema nervoso central é o primeiro passo para a compreensão dos possíveis mecanismos de ação das drogas psicotrópicas. Há várias propostas para a classificação das diferentes drogas psicotrópicas, como por exemplo, em depressoras, estimulantes ou perturbadoras da atividade do sistema nervoso central, dependendo de sua ação sobre a atividade do cérebro. No entanto, independente das diferentes propostas de classificação, algumas drogas psicotrópicas são utilizadas com mais freqüência na clínica e têm seus nomes associados a seus efeitos sobre as diferentes patologias. Os antipsicóticos (neurolépticos) foram as primeiras drogas a serem utilizadas sistematicamente no tratamento da esquizofrenia e continuam a ser bastante utilizadas nos nossos dias. Os antipsicóticos típicos têm seus efeitos terapêuticos e colaterais mediados pela neurotransmissão dopaminérgica. Entretanto, o intuito de diminuir os efeitos colaterais (principalmente os extrapiramidais) e melhorar a eficácia no tratamento dos sintomas negativos da esquizofrenia, tem levado ao desenvolvimento de neurolépticos denominados atípicos ou de segunda geração. Os antidepressivos, inicialmente utilizados apenas nos Transtornos Depressivos, tiveram seu uso estendido para outros quadros clínicos como Transtornos de Ansiedade, síndromes dolorosas, enurese noturna e bulimia, entre outros. Dentre os vários antidepressivos atualmente utilizados, pode-se citar os clássicos que compreendem os inibidores da monoaminoxidase e os compostos tricíclicos e, ainda, os mais recentemente desenvolvidos, denominados antidepressivos de segunda geração, cuja maior vantagem é a de causar menos efeitos colaterais do que os primeiros. Por sua vez, os principais fármacos utilizados na terapia da ansiedade são os ansiolíticos benzodiazepínicos, embora outras classes de drogas também tenham sido utilizadas com sucesso para o mesmo fim. A busca de novos fármacos que atuem de maneira seletiva em mecanismos neuronais específicos e produzam efeitos colaterais menos intensos está entre os principais objetivos da psicofarmacologia.

Palavras-chave: Antidepressivos; Ansiolíticos; Neurolépticos

*****

CUR 23/Psicologia Social

PSICOLOGIA SÓCIO-HISTÓRICA: UMA POSSIBILIDADE PARA UMA PSICOLOGIA CRÍTICA. *Ana Mercês Bahia Bock e Maria da Graça Marchina Gonçalves (PUC-SP)*

O curso tem como objetivos apresentar os fundamentos teóricos e metodológicos da psicologia sócio-histórica e debater possibilidades para a prática do psicólogo a partir desses referenciais. O eixo das discussões que serão realizadas é o da historicidade dos fenômenos humanos e sociais. A fundamentação para a noção de historicidade encontra-se no materialismo histórico e dialético, método que orienta a abordagem do objeto a partir das noções de contradição, materialidade, trabalho e relações sociais, as quais serão introduzidas. A questão epistemológica da relação sujeito-objeto, subjetividade-objetividade será analisada a partir desses pressupostos, apontando-se como essa questão implicou em uma dicotomia ainda não superada. Será apresentada a seguir a concepção de homem da psicologia sócio-histórica, contrapondo-se à concepção naturalizante de homem e sociedade a concepção histórica. Na mesma linha, será discutida a noção de fenômeno psicológico. Todos esses aspectos e sua imbricação serão considerados de maneira contextualizada, como concepções da modernidade, entendendo-se a modernidade como conjunto de idéias que expressam interesses concretos de um determinado momento histórico, o capitalismo. Na verdade, a modernidade será apresentada como conjunto de idéias que encerra contradições, como expressão da contradição básica do capitalismo. Numa perspectiva crítica, as concepções da modernidade serão atualizadas, considerando-se alguns aspectos do debate pós-moderno: basicamente serão abordadas nessa atualização crítica as noções de sujeito, razão, conhecimento, ciência, história e suas implicações para a psicologia. Também aqui serão apontadas as contradições presentes na pós-modernidade, como expressão atualizada das contradições ainda não superadas do capitalismo. A partir de então, serão trabalhadas as principais categorias da psicologia sócio-histórica: subjetividade e subjetividade social, atividade e consciência. Trabalhadas como categorias, dentro da concepção metodológica materialista histórica e dialética, serão abordadas enquanto processo constituído através de mediações, as fundamentais sendo a linguagem e as relações sociais. Assim, significado e sentido, o processo de significação e a construção de sentidos e seu caráter ideológico serão apontados como processos que devem ser descritos e explicados pela psicologia a fim de se compreender as possibilidades e os limites no processo de desenvolvimento e transformação dos indivíduos, sua subjetividade e sua consciência. Os aspectos discutidos serão concretizados com o relato de algumas experiências de intervenção orientadas pela abordagem sócio-histórica, tais como orientação profissional e orientação sexual.

Palavras-chave:

*****

CUR 24/Psicologia da Saúde

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA ESCOLA DE PSICOSSOMÁTICA DE PARIS. *Cirot Salgado Petersen. (Universidade Luterana do Brasil/RS)*

Ementa: Este curso pretende introduzir o aporte teórico da Escola de Psicossomática de Paris. Serão tratados aspectos pertinentes à compreensão psicodinâmica e abordagem de pacientes portadores de desorganizações somáticas. Será proposto refletir sobre a avaliação desses pacientes e as especificidades da técnica de intervenção psicoterápica dos desequilíbrios somáticos.

Conteúdo programático:

1- Como se dá a interseção Psique-soma
2- Conceitos pertinentes ao estudo da Escola de Psicossomática de Paris. Pensamento operatório, depressão essencial; desorganização Progressiva.
3- Diagnóstico diferencial: Conversão X somatização X hipocondria
4- Avaliação estrutural de pacientes com desequilíbrios somáticos.
5- Especificidades do tratamento de pacientes com vulnerabilidade somática de crianças e adultos
Palavras-chave:

***

CUR 25/Psicologia Organizacional e do Trabalho
O PSICÓLOGO ORGANIZACIONAL E A PREVENÇÃO EM SAÚDE MENTAL. *Livia de Oliveira Borges (Departamento de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN)*
De um lado, a terceira revolução industrial tem gerado benefícios para a humanidade à medida que as novas tecnologias de produção incorporadas se somaram em aumentar a quantidade e diversidade de produtos bem como a qualidade dos mesmos, sendo possível atender a uma demanda que também se diversifica e torna-se cada vez mais exigente, mas ao mesmo tempo gera novas contradições a serem vivenciadas pelo trabalhador: este se percebe em um ambiente ameaçador no que se refere à estabilidade do emprego, à adoção de políticas poupadoras de mão de obra, à precarização das condições de trabalho; quando se sente também mais exigido no que se refere ao seu envolvimento com a tarefa, ao compromisso com a qualidade do que faz, ao uso de sua autonomia e dos recursos pessoais cognitivos. Por conseqüência, a saúde mental dos indivíduos/trabalhadores passa a interessar à gerência do trabalho, produzindo relevância e atenção à necessidade de articular a saúde mental e o trabalho, o que tradicionalmente eram estudados na Psicologia como campos estanques. De outro lado, o conceito de saúde mental tem evoluído de uma concepção negativa que identifica a saúde mental à ausência de doença para uma concepção positiva que a identifica ao bem-estar geral e como um processo complexo na sua determinação. Tal evolução conceitual teve um forte impacto nas possibilidades de compreensão da articulação da saúde mental e o trabalho, incentivando o desenvolvimento de estudo ocupacionais que focalizam pequenas alterações psíquicas, associando-as ora ao desemprego, ora ao tipo e condições de trabalho. Fundamenta os estudos ocupacionais de caráter epidemiológicos, incrementando a tendência à adoção de uma perspectiva psicossocial e preventiva. A revisão dos estudos que se desenvolvem neste campo, apesar da recentividade, permite identificar alguns pontos de convergência: (1) o emprego pode promover a saúde ou ser fonte de alterações psíquicas, (2) as quais podem variar segundo as categorias ocupacionais, modo de organização no trabalho entre outros fatores, (3) sendo claro o caráter endêmico de certas alterações (4) que, sem ignorar a existência de aspectos individuais que aumentam a probabilidade de alterações psíquicas, suscitam tanto intervenções num plano coletivo, organizacional e preventivo, quanto estudos que explorem os efeitos dos aspectos da vida organizacional na saúde mental dos indivíduos. Estes vêm sendo desenvolvidos em quatro grandes linhas de estudo, a saber: estudos de estresse ocupacional, de redesign organizacional, de análise dos efeitos das políticas de recursos humanos e dos impactos dos gestores na cultura organizacional e na saúde organizacional. Nossos estudos, em particular, têm evidenciado a pertinência de considerar aspectos afetivo-cognitivos como motivação, satisfação e significado do trabalho bem como valores humanos como indicadores de saúde psíquica. A presente leitura sobre o campo da saúde mental e trabalho permite, então, indagar: qual o impacto da evolução de tal campo de estudo no papel e na formação do psicólogo organizacional e do trabalho? Este pode atuar na prevenção da saúde mental? Abrem-se novas fronteiras ao psicólogo organizacional e do trabalho? Estas aumentam a necessidade de uma formação interdisciplinar?
Apoio: a autora é bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq
Palavras-chave: Precarização do emprego; Bem-estar; Saúde psíquica

***

CUR 26/História da Psicologia
DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO E FUNDAMENTOS METODOLÓGICOS EM NEUROPSICOLOGIA. *Christian Haag Kristensen (Núcleo de Neurociências, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS) e William Barbosa Gomes (Núcleo de Epistemologia e História do Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS)*
A neuropsicologia é apresentada em seu desenvolvimento histórico e principais mudanças metodológicas. Inicialmente, a história da psicologia é brevemente descrita em quatro diferentes vias: da fisiologia, da psicopatologia, do mentalismo e da neurologia. Os desenvolvimentos paralelos, especialmente os pontos de oposição e contato entre as vias são apresentados, procurando destacar a contribuição das mesmas para constituição do campo psicológico. A seguir, destacam-se os debates ontológicos sobre as relações entre mente e cérebro em diferentes contextos históricos, desde a Grécia Antiga até o século XIX, com os estudos sobre a fisiologia dos sentidos. Especial ênfase é dispensada ao estudo das relações entre afasia e lesões cerebrais, bem como às diferentes perspectivas localizacionistas e globalistas na explicação do funcionamento cerebral. Neste contexto, contribuições da fisiologia russa ao estudo das afasias são historicamente resgatadas. A partir da pesquisa clínica sobre transtornos da linguagem, percepção visual e alterações de comportamento, introduz-se historicamente a neuropsicologia, definida como o estudo das relações entre cognição, comportamento e funções cerebrais. Demonstra-se, a seguir, como a neuropsicologia cognitiva resulta do encontro entre a neuropsicologia e a psicologia cognitiva a partir da década de 1960, identificando as mudanças na abordagem neuropsicológica embasadas nas teorias sobre o funcionamento cognitivo normal. As principais proposições metodológicas em neuropsicologia cognitiva são discutidas, com especial interesse nas abordagens de estudos de grupos e estudos de caso. Em cada uma dessas abordagens, as vantagens e desvantagens metodológicas são discutidas. A mudança de ênfase no campo da avaliação neuropsicológica é ressaltada, desde uma perspectiva do diagnóstico sindrômico – baseado na soma de sinais e sintomas, até o diagnóstico funcional – baseado na descrição das funções preservadas ou alteradas, compreendidas dentro de modelos de processamento de informação. Contemporaneamente a essa mudança, observa-se a emergência da necessidade de teorias neuropsicológicas para a compreensão das disfunções cognitivas. O objetivo de uma teoria neuropsicológica congruente com a abordagem cognitiva é a proposição de um conjunto de afirmativas sobre os componentes de processamento subjacentes ao uso normal de uma função cognitiva (como linguagem, percepção visual, etc.), bem como sobre a verificação neuroanatômica desses processos. Na investigação e na prática neuropsicológica, enfatiza-se a busca por dissociações nos estudos de caso. Os avanços e as limitações das principais técnicas de neuroimagem estrutural (tomografia computadorizada e ressonância magnética) e funcional (tomografia computadorizada por emissão de fóton único, tomografia por emissão de pósitrons e ressonância magnética funcional), além da eletroencefalografia, são discutidos na medida de suas repercussões para a neuropsicologia. Finalmente, descreve-se o processo histórico de organização científica e profissional da área, tanto internacional quanto nacionalmente.
Palavras-chave: Neuropsicologia, História, Metodologia

***

CUR 27/Percepção e Psicofísica
INTELIGÊNCIA – QI (QUOCIENTE INTELECTUAL) E/OU QE (QUOCIENTE EMOCIONAL) PARA O SUCESSO PESSOAL E PROFISSIONAL. *José Aparecido da Silva (Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto)*
Neste curso pretendemos discutir vários componentes e/ou dimensões da inteligência. Será efetuado um paralelo entre o QI (Quociente Intelectual), tal como mensurado pelos tradicionais testes de inteligência, e o QE (Quociente Emocional), que considera a influência dos fatores emocionais, motivacionais e também as características de personalidade sobre a inteligência e o raciocínio. Assim, além de discutir e analisar a forma mais tradicional de inteligência, a analítica, serão enfocadas duas outras formas, a prática e a criativa e, também, outros tipos de inteligência, como a musical, a cinestésica, a corporal, a naturalística, a interpessoal e a intrapessoal. Pretendemos enfocar com especial atenção o tipo de inteligência importante para que todos alcancem as metas de sua vida: a inteligência de sucesso. Serão analisadas e discutidas: a Teoria da Inteligência Emocional, de Daniel Goleman, a Teoria das Inteligências Múltiplas, de Howard Gardner e a Teoria da Inteligência para o sucesso pessoal, de Robert Sternberg.
Palavras-chave:

***

CUR 28/Psicologia Clínica e da Personalidade
INTRODUÇÃO À TERAPIA COGNITIVA DOS TRANSTORNOS DE ANSIEDADE. *Ana Maria Serra.* (Instituto De Terapia Cognitiva)
Terapia Cognitiva (TC) vem despertando grande interesse, tanto por parte de profissionais das áreas da Saúde e Saúde Mental quanto do público em geral. Entretanto, a falta de profissionais brasileiros especializados em centros de treinamento no exterior tem prejudicado não somente o acesso de interessados ao modelo teórico e prático de TC bem como a fidedignidade das informações veiculadas entre profissionais e estudantes em nosso país. O aspecto principal que confere relevância à atividade proposta refere-se, portanto, à oportunidade que o curso oferece de informar profissionais sobre o que realmente constitui a TC, enquanto um sistema de psicoterapia cientificamente fundamentado. Esse sistema integra um modelo cognitivo de psicopatologia e um conjunto de técnicas e estratégias terapêuticas fundamentado diretamente nesse modelo. Os participantes serão informados ainda sobre uma área de aplicação muito relevante e que conta com um grande volume de estudos empíricos, tanto a nível conceitual e de processos quanto a nível de eficácia: a área dos Transtornos de Ansiedade, e sobre o papel que essa forma de psicoterapia de tempo curto e limitado pode cumprir no tratamento da ansiedade generalizada, fobias, transtorno de pânico, hipocondria e transtorno obsessivo-compulsivo. Além disso, os participantes terão a oportunidade de uma exposição à TC bem fundamentada. O nível de qualidade da atividade a ser oferecida é garantido, primeiro, pela formação adequada da profissional que a oferecerá, a Dra. Ana Maria Serra, treinada pelo centro de formação em TC do Institute of Psychiatry da Universidade de Londres, acreditada pelo criador da TC, Dr. Aaron Beck; e, segundo, pela grande experiência que a mesma possui na formação de profissionais no Brasil, através do Instituto de Terapia Cognitiva. Participantes poderão satisfazer seu interesse e poderão.

esperamos, vir a considerar TC como uma possível abordagem ao buscarem
oportunamente uma especialização na área de psicoterapia.
Palavras-chave:

CONFERÊNCIAS

CONF 02/Metodologia da Pesquisa e Instrumentação

O CETICISMO MITIGADO E A PSICOLOGIA. *Arno Engelmann (Universidade de São Paulo)*

Quando qualquer um de nós está acordado, está consciente. Chama-se de ceticismo a doutrina filosófica que afirma que tudo, realmente tudo, deve ser posto em dúvida. Chama-se de dogmatismo a doutrina contrária que afirma que haveria muitas coisas, ou pelo menos uma coisa, existindo fora de nós e sobre a quais não existem dúvidas. Dentro do ceticismo há vários correntes, uma das quais afirma que qualquer coisa apresenta, além de ocorrer dúvida, uma probabilidade maior ou menor de existir. É o ceticismo mitigado. Entre as diversas ciências, há a psicologia. Há muitas diferenças, algumas enormes, de definição desta ciência. Para mim, a psicologia é uma ciência biológica. Dentro dos animais, como em outras partes vivas ou minerais, há uma organização hierárquica de níveis. Por exemplo, o nível de um órgão animal é constituído do nível inferior de células. O nível de um grupo de formigas é constituído do nível inferior de organismos. A psicologia estuda o nível de organismos de animais, ainda que tenha surgido como exame unicamente da espécie humana.

Que ligações existem entre o ceticismo mitigado, filosófico, e a psicologia, uma ciência empírica? A consciência é o nome que se dá ao todo, o todo que pode ser submetido à doutrina filosófica do ceticismo mitigado. Todos vocês possuem esta consciência, ou mais exatamente, são esta consciência. De outro lado, consciência é também o nome dado a uma porção dentro de outros organismos de animais que o próprio animal conhece. Há alguma semelhança entre os dois tipos de consciência? No caso do primeiro e no caso do segundo em seres humanos, pelo menos há. Ocorre em momentos diferentes, quando um observador, num primeiro momento, passa a ser o observado, no segundo. Entretanto, há uma diferença enorme entre os dois casos. Enquanto observador, conhece simplesmente. É um caso filosófico. No segundo caso, será um animal humano que apresenta no nível de organismo uma parte que conhece. E além disso, haverá indicadores de consciência, como a verbalização, que permitem aos observadores concluir que ele possui consciência. É psicologia. Na linha de Tolman, chamei o primeiro de consciência-imediata e o segundo de consciência-mediata-de-outros. A ligação possível entre os acontecimentos filosóficos e as ocorrências psicológicas é que, em primeiro lugar, tudo que é filosófico pode ser estudado enquanto acontecimento consciente no ser humano. Entretanto, a psicologia aborda um grande número de acontecimentos conscientes e de acontecimentos silenciosos ou não-conscientes, tanto de seres humanos como de outros animais. Entre os seres humanos, haveria um número diminuto de acontecimentos conscientes que poderiam ser chamados de filosóficos.

Há duas metas que pretendo realizar durante esta conferência. Em primeiro lugar, pretendo apresentar como, com a aceitação do ceticismo mitigado, um pesquisador é levado a realizar observações científicas. É filosofia da ciência. Em segundo lugar, a maneira de realizar experimentos com seres humanos que tenham por base a veracidade da captação do mundo externo. É psicologia.

Palavras-chave:

***

CONF 03/Análise Experimental do Comportamento

A FORMAÇÃO DO TERAPEUTA COMPORTAMENTAL: DECISÕES, PROBLEMAS E SOLUÇÕES. *Rachel Rodrigues Kerbauy (IPUSP)*

Há três anos estamos ministrando um curso de pós-graduação lato-sensu no departamento de Psicologia Experimental – IPUSP, com a colaboração de psicólogos e psiquiatras.

De fato, temos um grupo de psicólogos conhecidos na área de Terapia Comportamental, por um trabalho baseado na filosofia do behaviorismo radical, com experiência clínica e hábito de estudo que permitem percorrer criticamente a literatura especializada e se defrontar com técnicas, procedimentos e constructos teóricos.

Nesse contexto descrito, há na Terapia Comportamental, variedade de denominações e formas de atuar em clínica. Para abranger os assuntos necessários à formação do terapeuta comportamental, resolvemos formular o curso em módulos. Há o módulo de Análise Funcional na Situação Clínica, para qual são convidados a participar pesquisadores de processos básicos da aprendizagem, especialistas em: equivalência, comportamento verbal, análise de contingências e de regras, análise funcional com discussão teórica e experimental, entre outros assuntos. Evidentemente os terapeutas comportamentais pesquisadores e clínicos também trabalham neste módulo contribuindo para demonstrar com análises de sessões clínicas, como é possível e necessário fazer análise funcional antes da aplicação de procedimentos e que ela é também, em si mesma, técnica de mudança de comportamento, que pode às vezes prescindir de outras.

O módulo relação terapeuta-cliente, antes isolado, neste último ano foi incorporado às sessões de supervisão, onde além da teoria é possível demonstrar o efeito produzido pela relação na sessão terapêutica, gravada e transcrita. O atendimento é feito por duplas de psicólogos. A supervisão em grupos. Nestes, os casos são discutidos e as duplas de terapeutas precisam selecionar o ponto principal da sessão para apresentar e justificar a escolha. Este processo exige o emprego de critérios que delimitam os comportamentos clinicamente relevantes. Essa supervisão dá condições para que o terapeuta se torne consciente de como se comporta, como se sente e o que determina seus comportamentos na sessão.

Outro módulo é: processos de mudança de comportamento onde se salienta as hipóteses de trabalho que permitiram a observação de mudanças do cliente e a generalização da aprendizagem para outros ambientes. Analisa-se teorias comportamentais sobre esse processo. Finalmente, distúrbios do comportamento: diagnóstico e terapêutica, onde os transtornos comportamentais e a perspectiva biocomportamental são apresentados, mostrando-se a contribuição e limitações.

Concluindo, diríamos que no curso há contingências teóricas e de informação, contingências

sociais do grupo de colegas, professores e pesquisadores que atuam para que outras contingências se estabeleçam através dos comportamentos do cliente (faço previsões que se confirmam?). Estamos, portanto trabalhando para que o terapeuta torne-se consciente de sua atuação e invista em um processo continuado de aprendizagem.

Palavras-chave: Terapia comportamental; Terapeuta-cliente; Behaviorismo; Clínica

***

CONF 05/Psicologia Clínica e da Personalidade

THE LAY CONCEPT OF "MENTAL DISORDER": A CROSS-CULTURAL STUDY. *Haslam N., **Glovsky V., **Giosan C. (Department of Psychology, New School University, New York, N.Y., USA)*

Many researchers have studied cross-cultural differences in the manifestations, perceived causes and preferred remedies of mental disorders, but little work has been done on whether the meaning of "mental disorder" also varies. This question has implications for the range of conditions judged to be disorders in particular cultures and for cultural patterns of response to psychological suffering. It is also relevant to a theoretical controversy between those who maintain that "mental disorder" is definable, in principle, and those who argue that the concept is intrinsically ambiguous, unstable, and heterogeneous. The definability view implies that "mental disorder" has a universal meaning, which different cultures' concepts of disorder should approximate. The alternative view implies that cultural understandings of "mental disorder" may vary widely. To assess cultural variations in "mental disorder" concepts, we studied comparable samples from the U.S.A., Romania and Brazil. Subjects read a series of paragraphs, each describing a condition which might or might not be a mental disorder. Of the 68 conditions, 47 were representatively sampled from the DSM-IV and described in terms of its diagnostic criteria, and 21 were outside the boundary of mental disorder established by the DSM-IV (e.g., moral failings, bad habits, diseases, legal transgressions, character flaws). Subjects judged whether each condition was a mental disorder, and rated it on features that often appear in professional definitions of mental disorder (e.g., emotional distress, irrationality, impaired functioning, maladaptiveness, statistical deviancy). Cross-cultural differences in concepts of "mental disorder" were examined from three angles: the range of conditions judged to be disorders; the correspondence between these judgments and the DSM-IV concept of disorder; and the conceptual features on which judgments were made. The proportion of conditions judged to be mental disorders was much broader in the U.S.A. (53%) than in Brazil (29%), with Romania intermediate (41%). The DSM-IV was more inclusive than all of them (69%). "Mental disorder" judgments agreed only moderately across cultures (median r = .53), and correlated moderately with the DSM-IV in the U.S.A. (r = .43) and Romania (r = .35). In Brazil there was no correlation (r = .01); Brazilian subjects judged DSM-IV disorders and non-disorders to exemplify their concept of "mental disorder" equally. Although several features were central to the "mental disorder" concept in all three cultures, there were some significant differences. "Mental disorder" judgments were based more strongly on perceived behavioral deviancy and norm-violation in Brazil than in the U.S.A., where intrapsychic criteria–emotional distress, psychological conflict, malfunction of a psychological mechanism–were more central. The Brazilian concept emphasized "externalist" features– statistical abnormality, disrespectable response to life events, and irrationality–that imply a less mentalistic understanding of disorder. Our findings offer preliminary evidence against the culture-free definability of the concept of "mental disorder". The concept's boundaries varied widely across cultures, converged only modestly with DSM-IV, and its primary features differed significantly. Theorists should be aware of this lack of agreement across cultures, and clinicians should not be surprised if their clients' intuitive understanding of mental disorder differ greatly from the one embodied in professional discourse.

Palavras-chave: Mental disorder; Lay concepts; Cultural differences

***

CONF 06/Psicologia Cognitiva

MEMÓRIA DE TRABALHO E MEMÓRIA DE CURTO PRAZO: CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS NO PROCESSO COGNITIVO. *Adriana Benevides Soares (Laboratório de Ciências Cognitivas, Centro de Ciências do Homem, Universidade Estadual do Norte Fluminense, Campos dos Goytacazes, RJ)*

O termo memória de curto prazo, muito utilizado, não corresponde todavia a um conceito único, no qual a caracterização seja unânime. Retraçaremos aqui a evolução de diferentes concepções da memória temporária, para nos determos no conceito de memória de trabalho considerando-a como parte ativa da memória de longo prazo, descrita principalmente pelos modelos de ativação

Em seguida, mostraremos o modo segundo o qual as estruturas de conhecimento na memória de longo prazo influenciam o conteúdo da representação semântica na memória temporária. Durante muito tempo, a memória de curto prazo teve como papel único a manutenção temporária de uma quantidade de informações limitada a aproximadamente sete "pedaços" por um sistema de repetição do qual dependia a transferência para a memória a longo prazo. Em seguida, entendeu-se que a memória de curto prazo era encarregada de conservar as informações importantes e as recentemente tratadas constituindo um armazenador que ao mesmo tempo em que tratava a informação, preservava sua coerência. A capacidade deste registro, sendo limitada, levava que a informação que aí estava contida, deveria ser rapidamente transferida para a memória de longo prazo. Na década de 70 propõe-se um modelo de memória considerando sua dupla função, de armazenamento e de tratamento da informação e desde então, a memória temporária passa a ser denominada de memória de trabalho. Esta modelização da memória de trabalho evidenciou a função de tratamento, permitindo assim ultrapassar a concepção única de função de armazenamento e de uma característica estática de reservatório temporário. Entretanto, tal qual os modelos anteriores, a memória de trabalho e a memória de longo prazo ainda formavam registros distintos. Uma forma interessante de explicar as interações entre as informações contidas em um texto e aquelas que são agregadas pelo leitor, é a de conceber- como fazem os modelos de ativação-, a memória de trabalho como parte ativa da memória de longo prazo. Isto pressupõe uma organização de conhecimentos armazenados na memória de longo prazo sob a forma de estruturas semânticas e a ativação daqueles conhecimentos que estão relacionados às informações do texto ao longo do tratamento. Assim, a representação semântica na memória de trabalho durante a leitura de um texto pode ser entendida como o produto conjunto de duas fontes de informação trabalhando em comum, o texto e as estruturas cognitivas. A ativação é o processo que permite tornar utilizáveis pela memória de trabalho as informações armazenadas na memória de longo prazo e que define o conceito de memória de trabalho. A recuperação da informação é, entretanto, influenciada de forma determinante por estruturas da memória de longo prazo, sobretudo aquelas que expressam contexto ou tematização específicas tais como os cenários. A leitura de um texto descrevendo uma seqüência de ações habituais leva a construção de uma representação composta que é constituída de informações provenientes do texto e dos conhecimentos anteriores referentes ao cenário. Estes conhecimentos, denominados declarativos, são associados a conhecimentos procedurais, o que permite definir seu nível de "normalidade" ou de pertinência associativa ao tema, interferindo assim na compreensão do que é lido.

FAPERJ

Palavras-chave: Memória de trabalho, Memória a curto prazo, Tratamento da informação

---

CONF 05/Psicologia do Desenvolvimento

CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO BRASIL: RISCO E PROTEÇÃO NO DESENVOLVIMENTO *Sílvia Helena Koller (Sociedade Brasileira de Psicologia do Desenvolvimento)*

O Brasil é um país cuja população infantil e adolescente é, consideravelmente, maior do que a relativa às demais fases do ciclo vital e do que a da maioria dos países ocidentais. No entanto as condições de vida da população jovem carecem de melhorias, para que seja considerado um país preocupado, com sua juventude e seu futuro. A Psicologia, enquanto uma área do conhecimento proeminente no Brasil, tem se interessado por estas faixas etárias. Recentemente, foi fundada a Sociedade Brasileira de Psicologia do Desenvolvimento, que visa, entre outros objetivos, a incrementar a pesquisa e a discussão de dados sobre a faixa populacional jovem do país. Artigos publicados em periódicos científicos nacionais, incluídos no Index-Psi Periódicos de 1990 a 1999 (http://www.psi.org.br), apontam para a diversidade de contextos nos quais os jovens se desenvolvem e a relação significativa entre as temáticas de risco e nível sócio-econômico. Estudos que enfatizam o risco social incluem amostras de nível socio-econômico baixo, enquanto os estudos sobre risco pessoal referem-se ao nível sócio-econômico alto. Risco social envolve delinqüência, institucionalização, vida de rua, abuso de drogas, comportamento sexual desadaptado, gravidez precoce, violência etc. Risco pessoal aponta para problemas emocionais, como depressão e ansiedade; problemas nutricionais e desenvolvimento físico; problemas cognitivos e desenvolvimento acadêmico; entre outros. É evidente que "problemas pessoais" seja a temática principal nos estudos sobre jovens que não enfrentam dificuldades sócio-econômicas, mas não garante que estes não se confrontem ou se envolvam em riscos sociais, como uso de drogas, envolvimento em gangues, violência na comunidade. A juventude de baixa renda apresenta problemas pessoais, sendo afetados por problemas emocionais, ansiedade, depressão, baixa auto-estima, etc., em decorrência ou não da sua condição sócio-econômica, pois são pessoas em desenvolvimento. A presença de riscos sociais e pessoais levanta o questionamento sobre as possibilidades de desenvolvimento adequado e as perspectivas para o futuro. Ao buscar respostas nos manuais de Psicologia, em geral, pode-se afirmar de antemão que estes jovens estão expostos a riscos diversos e que fogem aos padrões de normalidade, tendo chances de se tornarem adultos desadaptados. A abordagem ecológica do desenvolvimento propõe uma visão mais ampla e otimista das condições de desenvolvimento e concorda que a vulnerabilidade ao risco que o ciclo vital lhes impõe, deve ser examinado contextualmente. Além dos fatores que geram risco, devem atentar para os fatores que promovem a proteção e ajuda em favor do desenvolvimento sadio e adaptado. Tais fatores protegem o jovem em seu crescimento, seja evitando maior exposição ao risco, como por exemplo, a ação de um cuidador afetivo, seja diminuindo as adversidades, como o grupo de pares que o acolhe. A forma de entender e abordar um jovem deve abranger vários aspectos de sua vida, de sua experiência e de sua história, não descolada do contexto no qual está vivendo, de suas origens e de suas perspectivas para o futuro.

Palavras-chave:

CONF 06/Psicologia Social

CONSTRUTIVISMO OU CONSTRUCIONISMO? CONTRIBUIÇÕES DESTE DEBATE PARA A PSICOLOGIA SOCIAL *Ronald João Jacques Arendt (Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da UERJ)*

O termo "construcionismo" vem associado, na literatura recente da Psicologia Social, aos trabalhos de dos psicólogos sociais pós-modernos, tais como Kenneth Gergen, John Shotter ou Rom Harré. Caracteriza este movimento teórico uma rejeição sistemática à existência de uma realidade ontológica. A Psicologia em sua vertente nomotética e funcionalista é severamente criticada, ressaltando-se o seu sentido ideográfico, fundado na linguagem, nos valores sociais, na história do indivíduo e dos grupos. Não é por acaso que Leendert Mos, psicólogo canadense, considera Wilhelm Dilthey, o filósofo que introduziu a famosa distinção entre ciências da explicação e ciências da compreensão (incluindo a psicologia na última categoria e protestando veementemente, na época, cerca de um século atrás, contra a tentativa de psicólogos como Wundt de incluir a psicologia na primeira das categorias) um precursor da Psicologia Pós-moderna. O termo "construtivismo" por sua vez vem associado na literatura mais recente, a nomes como Ernst von Glasersfeld, Francisco Varela, Humberto Maturana. Centra-se neste modelo a mesma crítica ao acesso a uma realidade externa, sendo a ênfase entretanto dada à construção do mundo que cada indivíduo efetua a partir da percepção, pela ação. Se ambos os modelos são anti-cartesianos, o primeiro segue um enfoque que se aproxima das propostas de Ludwig Wittgenstein em suas análises sobre a linguagem, enquanto o segundo modelo é mais próximo a às teses desenvolvimentistas de Jean Piaget. Dir-se-ia que o primeiro modelo vai para o social, o segundo para o individual. Mais precisamente para o construcionismo o que conta é são os determinantes sociais, culturais, históricos e políticos e a psicologia praticamente se diluiria nestas instâncias. Para o construtivismo estas instâncias não deixam de existir, embora somente se tornem presentes na medida em que possam ser experienciadas pelo sujeito construtor. Seriam estas duas formas de abordar a Psicologia e o psicológico incompatíveis? Teríamos que optar por um ou outro dentre estes modelos? Dois exemplos de Ernst von Glasersfeld permitem melhor colocar a questão. Uma criança chutando uma bola num parque se pergunta como a bola, chutada num muro chega de novo a seus pés. Segundo von Glasersfeld ocorre aí um processo reflexivo que dispara uma construção cognitiva. Esta pode, segundo ele, ser comparada a um mapa. Uma construção funcionaria como um sujeito procurando situar-se numa cidade que não conhece bem, procurando discernir caminhos possíveis. Em ambos os exemplos supõe-se o acesso a uma praça, ou uma cidade onde se possa circular livremente. Mas, se estivermos numa cidade em que as praças são perigosas e na qual um erro no acesso à Linha Vermelha faz o cidadão correr o risco de cair numa zona proibida pelos traficantes de uma favela? Como pensar conjuntamente a construção individual e a resistência do social a esta construção? Mas isto não seria precisamente o estudo a que se propõe a Psicologia Social? Na conferência em pauta pretendo expor os dois modelos citados, desenvolver suas problematizações e limites, e propor um modelo complexo que integre ambas as posições, contribuindo para uma discussão sobre o objeto da Psicologia Social contemporânea.

Palavras-chave: Construtivismo, Construcionismo, Objeto da psicologia social

---

CONF 07/Psicologia da Saúde

A BIOÉTICA E A PSICOLOGIA DA SAÚDE: QUESTÕES DE VIDA E MORTE. *Wilma da Costa Torres (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ)*

As raízes da mudança de atitudes em relação à vida e à morte estão na emergência da ciência como principal paradigma e no desenvolvimento do conceito de individualidade. Como resultado, a religião (e a moral canônica) foi substituída pela ciência, o misticismo pela experimentação e a morte transformada de um processo social em um processo fundamentalmente biológico. O homem foi "forçado" a tomar para si próprio as decisões éticas sobre a vida e a morte. Sua revolução da ética (secular), embora impedindo o imobilismo e impulsionando o progresso, deve, não obstante, estar imperiosamente apoiada em princípios, esses sim inflexíveis. O surgimento da bioética foi uma exigência decorrente desses fatos e, portanto, surgiu no meio da pesquisa científica, com os cientistas se questionando sobre a validade ética de alguns procedimentos. O termo, criado na década de setenta, apresenta um notável crescimento nestes trinta anos. Discute-se seus fundamentos epistemológicos, sua abrangência temática, mas a maior preocupação é com a

qualidade de vida. Sua característica marcante é o diálogo multidisciplinar em um contexto pluralista em que nos encontramos como "estranhos morais". A psicologia da saúde passou a integrar esse contexto multidisciplinar vendo na bioética um campo de reflexão, e atuação, frente às situações desafiadoras com as quais tem que se defrontar, como por exemplo: questões decorrentes da medicina intensiva entre as quais se destaca a da Eutanásia X Distanásia; questões decorrentes da medicina substitutiva, entre as quais se destaca a questão dos Transplantes. Ambos os temas trazem em sua base outras questões ainda controvertidas e carregadas de perplexidade como, por exemplo, a da definição de morte, cuja controvérsia surgem da necessidade de distinção entre a vida biológica e a vida de uma pessoa. Em relação a qual tipo de vida a morte deve ser determinada? Apesar da adoção da definição de morte não é sobre como cérebro funciona, mas sim sobre o status moral do homem – daí a defesa do pluralismo por parte de alguns pensadores. Não obstante, mesmo em uma sociedade pluralista é preciso "forçar" uma definição de morte, pois as mesmas tecnologias que são capazes de antecipar a morte também são capazes de adiá-la, recaindo na futilidade terapêutica ou na obstinação terapêutica (ortotanásia). Outra questão que se encontra na base dos dois temas aqui discutidos é a do livre consentimento informado. Dentro do contexto pluralista secular o livre consentimento desempenha um papel central uma vez que a autoridade moral deriva da permissão e não, isto obstante, tem sérias implicações pois o homem além de um ser competente e responsável é também um ser emocional e psicologicamente motivado, o que torna fundamental considerar as motivações e os aspectos psicodinâmicos, inclusive as incorporações inconscientes de suas escolhas em relação à vida e à morte. Esta é a principal tarefa da psicologia da saúde, no diálogo multidisciplinar, no qual a tolerância, dentro do contexto pluralista, é essencial ao processo de construção desse saber – a bioética.

Palavras-chave: Bioética, Psicologia da saúde; Morte

CONF 08/Psicologia do Desenvolvimento

MOTIVAÇÃO SOCIAL NO MUNDO CONTEMPORÂNEO. *Angela Uchôa Branco (Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, DF)*

O estudo da motivação social, na medida em que implica diretamente na compreensão dos processos e mecanismos envolvidos na aquisição e desenvolvimento de padrões interativos, crenças e valores relacionados às práticas sociais, tem cada vez mais merecido a atenção de cientistas sociais e da sociedade como um todo. Às contribuições da história, antropologia, e da filosofia, é preciso que a psicologia comparteça assumindo seu papel na importante responsabilidade da análise científica da emergência de padrões comportamentais, crenças e valores relativos à motivação social. O mundo em que vivemos, pós-moderno, globalizado, caracteriza-se pela plena expansão do individualismo em suas múltiplas, e muitas vezes perversas, dimensões. A adoção do individualismo como projeto de vida e de organização social implica nas competitivas relações econômicas, políticas, sociais, e até mesmo afetivas entre os seres humanos. Essa é uma realidade que impregna relações de toda natureza, presentes no âmbito nacional, internacional, intercultural, no ambiente de trabalho e no cotidiano das famílias. A psicologia, ao representar a interface das várias ciências, deve, pois, assumir a iniciativa de buscar uma compreensão sistemática para o problema das relações humanas, que inclua desde a possível existência de tendências e pré-disposições de natureza filogenética, até a consideração plena dos fatores histórico-culturais que imprimem a condição de humanidade à espécie a que pertencemos. A configuração e desenvolvimento de padrões de relacionamento social competitivos, cooperativos e individualistas, em maior ou menor relação com o contexto dentro do qual são estabelecidos e transformados, geração após geração, coexistem em temas de fundamental interesse na contemporaneidade, necessitando ser analisados de forma extensa e complexa, assim como complexas são as múltiplas dimensões em que o fenômeno da interdependência humana se apresenta. Cabe à psicologia demonstrar o quanto a presença de motivações sociais específicas participa fundamentalmente da própria concepção e desenvolvimento do self, e de aspectos a ele relacionados tais como auto-conceito, auto-estima, bem como o valor que cada pessoa atribui à sua própria vida, à vida do outro e à relação que aí se estabelece. Temos por objetivo apresentar e discutir as questões acima apontadas, à luz das pesquisas recentes que vem sendo divulgadas na literatura e de nossos próprios projetos. Esses vem sendo realizados em intercâmbio com pesquisadores nacionais e estrangeiros, e têm se orientado por uma perspectiva teórico-metodológica de natureza sistêmica a qual temos denominado como uma Abordagem Sócio-cultural construtivista. Pretendemos, dessa maneira, ressaltar a necessidade de um maior empenho, em especial por parte da psicologia, para o estudo científico da motivação social e da moralidade, esta última compreendida não apenas como raciocínio moral, mas como a expressão de ações concretas observadas no cotidiano. O estudo científico e a discussão do tema no contexto das sociedades contemporâneas pode, em vista de sua relevância, representar significativa diferença entre a generalização de conflitos extremamente graves e o necessário esforço para a construção de um mundo melhor e mais feliz.

Palavras-chave:

CONF 09/Psicologia Social

A PSICOLOGIA SOCIAL E O ESTUDO DA MEMÓRIA. *Denise Jodelet (Ecole des Hautes Études en Sciences Sociales – Paris, France)*

Observa-se já há algum tempo, no cenário internacional, uma atenção crescente, por parte das ciências sociais, aos fenômenos da memória, devido a razões teóricas e metodológicas (advento da etnometodologia, da história oral) ou conjunturais (afirmação das identidades nacionais e dos particularismos locais). Nesse contexto, o estudo da memória no âmbito da psicologia social tem se desenvolvido, a partir de data relativamente mais recente, na conjunção de correntes de pesquisa que se opõem no debate científico. De um lado, o cognitivismo, que ressalta o papel da memória nas atividades mentais de tratamento da informação e do conhecimento; de outro lado, o construcionismo social, que, para dar conta do caráter social da memória, a toma como uma forma de prática social, de natureza estritamente discursiva. Nenhuma dos dois integra a correspondência existente entre as formas de organização social e de pensamento, nem os elos que podem advir da comunicação institucional ou mediática, dos discursos e dos saberes que circulam na sociedade. É precisamente a isto que se dedica a corrente psicossocial das representações sociais, à qual se busca articular o estudo da memória, como uma forma de enfrentar o desafio da integração teórica das dimensões cognitivas e sociais desse último. Uma das primeiras articulações explícitas entre memória e representações sociais, à qual se acrescentou a consideração da tradição histórica e do contexto sócio-político-cultural comemorativo, foi desenvolvida através de um amplo projeto de pesquisa internacional acerca do quinto centenário dos eventos de 1492, incluindo o descobrimento da América. Posteriormente, nessa mesma linha, uma equipe brasileira e uma portuguesa se ocuparam do estudo conjunto da atualização da memória social ao se completarem os quinhentos anos do descobrimento do Brasil. Concluiu-se, a partir desses e de outros estudos, que o domínio da memória social se encontra como um dos mais favoráveis no estabelecimento de inserções entre as perspectivas conceituais, teóricas e metodológicas desenvolvidas em disciplinas como a história, a sociologia, a comunicação e a ciência política, capazes de contribuir para a constituição definitiva de uma orientação psicossocial em sentido amplo que contemple os instrumentos mais significativos da interação entre indivíduos e grupos nas sociedades contemporâneas.

Palavras-chave:

SESSÕES ESPECIAIS

SE 01
PUBLICAÇÕES CIENTÍFICAS EM PSICOLOGIA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

SE 1.1 PERIÓDICOS IMPRESSOS VERSUS PERIÓDICOS ONLINE. DE QUEM É O CONHECIMENTO, AFINAL? *Oswaldo H. Yamamoto (Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN)*

A revolução na veiculação de informações proporcionada pela Internet e outras tecnologias de comunicação, tem aberto perspectivas espetaculares para a difusão do conhecimento científico, impensáveis há poucos anos. Estudiosos do campo das chamadas Ciências da Informação têm demonstrado que um artigo publicado em um periódico internacional de ampla circulação e prestígio, alcança um número médio de 500 a 1500 leituras/consultas, conforme a área do conhecimento envolvida, ao longo de sua "vida útil". Se recorrermos aos dados estatísticos do SciELO (Scientific Eletronic Library Online), serviço de acesso aos textos integrais de mais de cinco dezenas dos melhores títulos científicos nacionais, mantido pela BIREME em colaboração com a FAPESP, verificaremos que existem fascículos que atingem quase 14 000 acessos, o que, certamente, é uma marca espantosa, sobretudo, se considerarmos que são todos índices promissores. Embora o meio eletrônico ainda seja, economicamente, bastante seletivo no que tange ao acesso de um público mais amplo, parece inquestionável que ele possibilita uma disseminação do conhecimento em escala muito mais larga do que os meios impressos. Tal revolução nos meios de divulgação nos coloca um conjunto de questões: estaríamos caminhando, inexoravelmente, para o fim dos periódicos impressos? Analogamente ao que ocorre nos meios impressos, o acesso ao periódico eletrônico deve, de alguma forma, ser taxado? Se a resposta for negativa, quem arcaria com os custos de uma publicação eletrônica? Seria possível a manutenção de publicações eletrônicas com os mesmos padrões de rigor dos periódicos impressos? Essas indagações nos conduzem às antigas (mas sempre atuais) discussões sobre as finalidades do trabalho científico e a propriedade do conhecimento. Garantido o financiamento da publicação através do meio impresso, não haveria a possibilidade de tornar esse material de qualidade, isso é, avaliado por pares, disponível para acesso público e irrestrito? Ao lado de propostas bem sucedidas como é o caso do SciELO, algumas experiências em nível internacional têm sido feitas nessa direção. Talvez a mais conhecida delas – uma experiência que teve início em 1991 – é o Los Alamos Physics Archive, contando com cerca de 100.000 artigos auto-arquivados pelos próprios autores no campo da Física. Experiências como a de Los Alamos estimulou diversas iniciativas para uma publicização maior do procedimento de auto-arquivamento, inclusive, e esse é o aspecto mais importante, de artigos revisados por pares. No ano de 1999, um encontro de grande porte que estabelece a Santa Fe Convention of the Open Archives, um passo na direção de uma proposta de criação de uma rede mais ampla de textos e sistemas inteligentes. Mas, para além da possibilidade de disponibilizar a íntegra dos textos revisados por pares, a introdução dos meios eletrônicos na editoração pode representar uma mudança substancial nas formas mesmas de arbitragem e acrescentar velocidade ao processo de publicação de resultados de pesquisa. Essas são algumas das inúmeras questões e desafios que a veiculação eletrônica das revistas coloca. (CNPq).

Palavras-chave: Periódicos; Meios eletrônicos; Produção de conhecimento

***

SE 1.2 DESAFIOS E DILEMAS PARA O EDITOR CIENTÍFICO EM PSICOLOGIA NO BRASIL. *Sílvia H. Koller (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS)*

Os processos de avaliação de pesquisadores, bolsistas e programas de Pós-Graduação no Brasil baseiam-se na produção e disseminação dos conhecimentos obtidos em pesquisas científicas. Os indicadores de produção considerados por agências de fomento são levantados pelo número e qualidade dos artigos em periódicos, trabalhos em congressos, livros e capítulos; e, dissertações e teses. Artigos em periódicos recebem distinção por serem o indicador mais arbitrado por pares. No entanto, os procedimentos editoriais variam de um periódico para outro, desde as normas para submissão, até os procedimentos de revisão das provas gráficas, passando pela revisão dos pares (peer review). Tal revisão é considerada como o principal aspecto para garantia da qualidade da produção, auxiliando o autor, pela revisão crítica construtiva de revisores. Ao lidar com a comunidade científica, a experiência do editor envolve desafios e dilemas. No Brasil, a comunidade científica em Psicologia é consideravelmente pequena, permitindo que mesmo manuscritos anônimos sejam facilmente reconhecidos. Este fato pode encobrir idiossincrasias da comunidade nacional. A tradição na Psicologia brasileira demonstra que as revistas estão ligadas aos programas de Pós-Graduação, que garantem infra-estrutura, recursos humanos e orçamentários mínimos para a viabilização do periódico. No entanto, em alguns casos, exigem que seja privilegiado o escoamento da produção local. O processo editorial pode sofrer, também, influência da afinidade dos envolvidos na revista. Agências de fomento, no entanto, têm sugerido que as revistas associem-se às sociedades científicas, possibilitando a profissionalização e a ampliação de conteúdos e de circulação (autoria, consultoria, distribuição e disseminação). O editor é o responsável pelo planejamento, execução e acompanhamento do processo editorial e deve: estabelecer parâmetros de qualidade operacional, gráfica, de revisão e de distribuição, para a realização e divulgação da produção científica da área publicada em sua revista, criar mecanismos para viabilizar a manutenção e correção de seu periódico; incrementar a qualidade do periódico pelo qual é responsável, consolidando assim as áreas de pesquisa no país; capacitar a comunidade de autores e consultores para a análise e produção de ciência de melhor qualidade na área. Estes procedimentos devem respeitar preceitos éticos e, também, levar em conta a organização da comunidade científica na área. O processo de encaminhamento e acompanhamento do manuscrito para análise deve garantir a manutenção da regularidade e da qualidade do periódico. A comunicação entre autores, revisores e conselho editorial fica ao encargo do editor, ao receber pareceres e versões reformuladas dos textos. A produção final da publicação também precisa ser acompanhada pelo editor. A produção de um periódico científico não é um trabalho isolado, e não deve ser solitário. A importância da atuação da comunidade científica da área é fundamental. Autores, consultores, conselheiros, comissões editoriais, revisores, editores associados e editores-chefes formam um time para garantir a melhor realização de um periódico científico.

Palavras-chave: Editoração científica; Revisão de pares; Produção de conhecimento

***

SE 1.3 PERIÓDICOS CIENTÍFICOS: CARACTERÍSTICAS E EXIGÊNCIAS. *Maria Imaculada Cardoso Sampaio (Serviço de Biblioteca e Documentação, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo)*

A publicação dos resultados de investigações científicas aparece como o recurso mais utilizado para legitimar e registrar o avanço do conhecimento. De todos os veículos para o registro do conhecimento, o periódico se destaca como o meio "por excelência" para a comunicação entre os pesquisadores. O valor desse tipo de publicação pode ser observado pela expansão dos títulos editados mundialmente nos últimos anos: 890 mil em 1998 e mais de 1 milhão no ano 2000. A impressão de periódicos na América Latina só foi possível graças aos esforços das sociedades científicas e comunidades acadêmicas, que transformaram esses veículos em importantes fóruns para a divulgação da produção gerada por pesquisadores e estudiosos. Os periódicos brasileiros na área da Psicologia também nasceram a partir do empenho dessas instituições, dependendo diretamente do subsídio de universidades e sociedades científicas. Apesar de todos os esforços dos editores e responsáveis por essas revistas, as publicações ainda sofrem muito por falta de padrão e normalização na apresentação dos artigos e na revista como um todo, falta do corpo editorial e de referees e irregularidade na publicação e distribuição da revista. Além desses problemas, soma-se o agravante da pequena penetração da língua portuguesa no exterior, somado à excessiva regionalização de autores e colaboradores dos artigos. A publicação de periódicos domésticos não é negativa, ao contrário, suas presenças são bem vindas. Ao publicarem circunstâncias peculiares podem incluir processos de aprendizagem, monitoramento e características adaptacionais de uma determinada região, contribuindo para a divulgação de problemas e situações específicas. Entretanto, essas publicações nunca terão um alcance internacional, ou mesmo nacional. Como conseqüência direta da falta de padrão de qualidade e da regionalização dos periódicos nacionais temos o baixo número de títulos aceitos para indexação em bases de dados internacionais, como por exemplo, a PsycINFO, da American Psychological Association e Science Citation Index (Web of Science), do Institute for Scientific Information), que utilizam rigorosos "filtros de qualidade" na seleção de novos títulos para indexação. Apesar desse quadro inquietante em relação aos periódicos nacionais, ações estão sendo implementadas no sentido de reverter a situação, podendo-se citar como exemplo a biblioteca eletrônica de periódicos SciELO (Scientific Electronic Library Online), desenvolvida pela BIREME (Centro Latino Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde) e FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), em parceria com os editores de publicações científicas. Outra ação de impacto, que culminou na sensível melhoria da qualidade das revistas na área, foi o processo desencadeado pela Comissão para Avaliação de Revistas Científicas em Psicologia da CAPES/ANPEPP. O reconhecimento internacional da base de dados LILACS, produzida pela BIREME, também é um fator relevante para a visibilidade dos periódicos nacionais, uma vez que conta com mais de 20 títulos nacionais da área da Psicologia indexados atualmente, com perspectivas de aumento de títulos ainda no ano 2001.

Palavras-chave: Periódicos Científicos; Fontes de Informações; Psicologia no Brasil

***

SE 1.4 UMA NOVA ETAPA NA AVALIAÇÃO DE PERIÓDICOS CIENTÍFICOS UTILIZADOS POR PESQUISADORES BRASILEIROS DA ÁREA DE PSICOLOGIA. *Paula Rogéria Maria Miranda (Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES)*

No segundo semestre de 1998 foi constituída uma comissão conjunta Capes-Anpepp com a missão de avaliar os periódicos constantes da base de dados da Capes, base essa que é alimentada a partir dos relatórios dos programas de pós-graduação em Psicologia do país. Como resultado do trabalho de tal comissão, foram definidos critérios a serem adotados em tal avaliação. A primeira avaliação, feita há dois anos, incluiu 47 periódicos científicos nacionais. A segunda avaliação, feita quinze meses depois, valendo-se dos mesmos critérios, incluiu 63 periódicos científicos nacionais. Os objetivos da avaliação dos periódicos são: a) tornar mais precisa a avaliação da produção dos programas de pós-graduação da área; b) proporcionar aos editores informações importantes para a melhoria dos periódicos sob sua responsabilidade, visando, inclusive, a indexação em bases de dados internacionais; c) orientar pesquisadores a decidirem a que periódicos submeterão sua produção intelectual; d) orientar agências de fomento e

associações científicas ou profissionais em programas de apoio a publicações científicas. Os resultados da primeira avaliação dos periódicos mobilizou editores, resultando em expressiva melhoria dos periódicos em diversos quesitos da avaliação, conforme constatado na segunda avaliação. O aprimoramento dos periódicos tornou obsoletos alguns dos critérios utilizados nas avaliações já realizadas, havendo necessidade de revisá-los para a nova etapa de avaliação que será realizada proximamente. Entre os desafios a serem enfrentados na nova etapa da avaliação, podemos destacar: 1) ajuste dos novos critérios a serem utilizados para definir o nível de qualidade dos periódicos, impondo novas exigências sem desconsiderar os progressos já realizados; 2) revisão dos critérios que servem de base para definir a abrangência da circulação dos periódicos; 3) ampliação da avaliação, de forma a englobar periódicos de outras áreas nas quais pesquisadores vinculados à Psicologia também publicam (poucos deles foram avaliados até agora); 4) inclusão, na base de publicações avaliadas, dos periódicos publicados fora do Brasil, até então não incluídos; 5) definição de um padrão mínimo de informações e exigências sobre política editorial, de instruções para elaboração e submissão de artigos, de processos de tramitação de originais submetidos à apreciação, e de instruções encaminhadas aos consultores para subsidiar e orientar seus pareceres; 6) viabilidade de se considerar informações adicionais sobre os periódicos, informações essas de caráter opinativo, obtidas diretamente com pesquisadores da área; 7) formas de tratamento de periódicos disponibilizados eletronicamente, cada vez mais uma realidade editorial expressiva. Serão discutidas sugestões para cada um dos pontos arrolados acima.

Palavras-chave: Avaliação; Periódicos; Psicologia

***

SE 40/Metodologia da Pesquisa e Instrumentação

FUNDAMENTOS ANTROPOLÓGICOS E EPISTEMOLÓGICOS DA PESQUISA

SE 2.1 AÇÃO E COMPORTAMENTO: DIFERENÇAS CONCEITUAIS. *Helmuth Krüger (Departamento de Psicologia Social e Institucional do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, RJ)*

A Psicologia, assim como qualquer disciplina científica, pode ser analisada em cinco dimensões distintas: fundamentos filosóficos; temas de estudo e de pesquisa; métodos e técnicas de investigação; matriz conceitual; e aplicações dos resultados de estudos e pesquisas. Em particular, a discussão sobre as bases conceituais da Psicologia ganha maior relevo quando se trata de analisar nomes que apontam para processos e estados psicológicos, ou seja, na nomeação de fatos, atributos destes e suas inter-relações, admitidos como reais, ainda que não possam ser diretamente observados. A aceitação da possibilidade de os nomes referentes instala de pronto problemas filosóficos, sobretudo relacionados com a ontologia daquilo que é referido e com os limites da cognoscibilidade deste. De outro lado, considerando a viabilidade de integração numa só perspectiva antropológica os modelos determinista e de autonomia do Homem, o estudo dos conceitos pode ser tomado como procedimento metodológico adequado à busca da identificação do limite que separa processos psicológicos mais espontâneos e automatizados dos que são controlados conscientemente. Neste sentido, mediante o emprego da fenomenologia, procuramos estudar os conceitos de comportamento e de ação ou conduta, admitindo a possibilidade técnica e a conveniência teórica de se atribuir a estes termos significados distintos, rejeitando-se então a tendência bastante generalizada na Psicologia de considerá-los semanticamente intercambiáveis. Assim, concluímos que o termo 'comportamento' seria adequadamente utilizado em referência a manifestações psicológicas observáveis ou públicas, que apresentem as seguintes características: rapidez em sua ocorrência; submissão ao controle de estímulos ou situações estimuladoras; influência predominante dos dados disponíveis na consciência imediata, e influência da aprendizagem. Considerando estas características, a idéia de comportamento tem aplicações intra e interespecífica, ao passo que a utilização dos termos 'conduta' e 'ação' ficaria restrita à manifestações humanas, cujas características básicas são as seguintes: autoconsciência; atribuição de significado ao contexto ou à situação; valorização do objetivo a alcançar; demanda de uma dimensão temporal mais extensa para a sua completa execução; e subsunção funcional de comportamentos. A distinção conceitual aqui descrita é congruente com a diferenciação entre causas e razões. Se causas têm sua origem na realidade objetiva, então elas produzem comportamentos, mas se razões precisam ser inventadas, então elas demandam atividades cognitivas de nível superior, dando origem por conseguinte a condutas ou ações significativas. Os resultados de nosso estudo são compatíveis com a idéia de Handlung, usada na Psicologia compreensivista de expressão alemã.

Palavras-chave: Comportamento; Conduta; Ontologia

***

SE 2.2 A CONTRIBUIÇÃO DA FENOMENOLOGIA DE E. HUSSERL, APRESENTADA, ESPECIALMENTE, NAS INVESTIGAÇÕES LÓGICAS E NAS IDÉIAS DIRETRIZES PARA UMA FENOMENOLOGIA E PARA UMA FILOSOFIA FENOMENOLÓGICA PURAS. *Antônio Gomes Penna (Instituto de Psicologia, UFRJ, Rio de Janeiro, RJ)*

Resumo do tema a ser apresentado na sessão que terá por título "Fundamentos Antropológicos e Epistemológicos da Pesquisa Psicológica". Estudo da temática exposta no primeiro tomo das Investigações Lógicas, marcada por crítica em extremo severa ao psicologismo e considerações sobre o segundo tomo dedicado à apresentação de uma psicologia descritiva. Exame sucinto das críticas de Husserl ao psicologismo e a significativa contribuição de Victor Delbos. Referência aos trabalhos realizados antes da publicação das "Idéias" e significado de sua publicação em 1913. Estudo do método fenomenológico para a produção de uma psicologia fenomenológica. Evolução do método introduzido por Husserl e comparação de sua postura com a assumida por Descartes. Significado do método das reduções. Os diversos níveis alcançados por esse método e a produção de uma redução transcendental. A relevância da distinção entre os conceitos de transcendente e de transcendental. A preocupação com o se detectar o eidos dos fenômenos psicológicos. A importância do conceito de intencionalidade. Diferenças entre o conceito de Brentano e o de Husserl segundo Landgrebe. Diferença entre o método introspectivo e o método reflexivo centrado, não sobre fatos, mas sobre o significado de que se dotam os fatos. Considerações apresentadas contra a aproximação ingênua da prática de uma psicologia experimental quando não se levando em conta a presença de certa postura metafísica envolvendo os temas pesquisados. Significado do método das variações imaginárias e sua presença nas grandes pesquisas de Galileu. A crítica de Husserl à tese de Berkeley sobre a impossibilidade de se proceder a abstrações: o exemplo da cor e da superfície e o partido que Husserl tira desse exemplo. A grande contribuição de Husserl ao domínio da percepção. A percepção e a apresentação do eidos dos objetos percebidos. A percepção e o significado do conceito de horizonte. Alterações impostas à conceituação das imagens a partir da conceituação da consciência como marcada pela intencionalidade. As grandes influências de Husserl no domínio da percepção: considerações sobre a Escola de Graz e sobre a Escola de Berlim. As grandes contribuições de Husserl no final de sua carreira envolvendo o conceito de corpo. As distinções a se fazerem entre os animais e o homem e as observações de Georges Thinès, sucessor de Nuttin e de Buytendijk em Louvain. A inter - subjetividade e a historicidade como características distintivas do ser humano. A contribuição de Max Scheler e a de Chomsky no que concerne à intersubjetividade. A presença da influência de Dilthey na fase final de Husserl e a relevância da dimensão histórica do homem.

Palavras-chave: Husserl; Fenomenologia; Epistemologia.

***

SE 2.3 O PROBLEMA DO "ANERKENNUNG" NAS RELAÇÕES DIÁDICAS: ASPECTOS CONCEITUAIS. Célio Ziviani (Universidade Gama Filho)

Reconhecimento com aceitação. Este duplo sentido conceitual do termo alemão "Anerkennung" foi utilizado por Hegel no capítulo quarto de sua 'Fenomenologia do Espírito' para demarcar os momentos essenciais do processo de produção de uma consciência de si mesmo como busca de reconhecimento entre os estados independente ('selbständig') e não-independente ('unselbständig') da autoconsciência. Consciência que adquire capacidade de refletir sobre si mesma. Ao se reconhecer mostra-se capacitando para não apenas conhecer ('kennen'), mas reconhecer ('erkennen') e, principalmente, reconhecer aceitando ('anerkennen'). Quem? O outro enquanto uma outra consciência, aceito como tal, isto é, como igualmente portador de uma consciência de si. O processo vai assim além da mera identificação intelectual do outro pois designa expressa e explicitamente a essa outra consciência um valor positivo. Na descrição da busca de reconhecimento, entretanto, Hegel não está lidando com o problema da mente do outro, de se ver o outro como pessoa, mas sim com o problema de como alguém torna-se uma pessoa completamente desenvolvida por assegurar-se disso ao aceitar positivamente o outro. Pois a reflexão em si mesmo exige que haja reflexão de volta a partir de um outro visto não simplesmente como um objeto utilitário para consumo próprio, mas como outra subjetividade pareada com a sua no mesmo nível. A análise dos dados de pesquisa da relação diádica, seja ela definida como relação entre chefe e subordinado, professor e aluno, comprador e vendedor, começa por examinar a presença significativa de correlação. Positiva ou negativa, mas diferente de zero, indicando a não-independência do dado individual. Mas é na relação diádica entre esposa e marido que a intervenção e a estratégia de análise mais exige procedimentos diferentes daqueles utilizados na pesquisa com indivíduos face à condição inerente de não-independência dos dados coletados a partir de cada uma das pessoas, ligadas pela relação conjugal, em relação à outra. Assim, dados decorrentes de expectativas, percepções mútuas e nível de comunicação entre cônjuges em formação, formados, em processo de separação e separados (Bucher) ampliam estratégias de análise discutidas no presente trabalho, inspiradas teoricamente no conceito do reconhecimento do outro com aceitação, implicando inteligência social. Desenvolvimentos teóricos recentes relativos à natureza da cognição (Sternberg), especialmente com respeito aos seus metacomponentes, bem como a base dialética hegeliana na compreensão do estudo da cognição e a relação entre inteligência e sabedoria, são também discutidos. Este segundo desenvolvimento define sabedoria como o subconjunto da inteligência prática (Sternberg) consubstanciado por conhecimento tácito que procura equilibrar interesses diversos. Nesse subconjunto emerge a sabedoria quando a inteligência prática for aplicada na maximização não apenas do interesse da própria pessoa, ou ainda no interesse de terceiros, mas aplicada no aperfeiçoamento do equilíbrio entre os vários auto-interesses (intrapessoal) com os interesses de outros (interpessoais) em busca do bem comum. Sabedoria que exige, para tanto, a compreensão das cognições, das motivações e dos afetos do outro. Compreensão que implica reconhecer e aceitar.

Palavras-chave: Relação diádica; Relação conjugal; Inteligência social

***

SE 2.4 OBJETO E MÉTODO DA CIÊNCIA PSICOLÓGICA HUMANISTA. *Gustavo Arja Castañon** (Pós-graduação em Psicologia Social, UERJ, Rio de Janeiro, RJ)*

Foi realizado um estudo da corrente da Psicologia contemporânea conhecida como Psicologia Humanista, através de metodologia filosófica de investigação. Investigou-se a questão da pesquisa psicológica científica baseada em pressupostos humanistas, descrevendo seu objeto e métodos utilizados para investigá-lo. Aqui elabora-se uma descrição das questões que se colocam como dificuldades filosóficas e metodológicas diante deste enfoque teórico, e efetua-se uma revisão crítica de determinadas posições a respeito desta questão, investigando sua legitimidade científica. Existem princípios filosóficos que são pressupostos básicos de toda e qualquer atividade científica, e sua explicitação é absolutamente necessária para qualquer análise epistemológica consequente. Entre eles destacam-se aqui os pressupostos ontológicos. Em nosso estudo admitiu-se o Realismo Ontológico e o princípio da Regularidade do Objeto. Por outro lado, considera-se humanista toda pesquisa ou concepção psicológica que assuma quatro pressupostos antropológicos. O primeiro é de que cada um de nós tem uma natureza interna essencial, biologicamente alicerçada, a qual é, em certa medida, natural, imutável e invariável. O segundo, é que apesar dessa natureza invariável e biologicamente alicerçada, o ser humano não é absolutamente condicionado pelos fatores biológicos, psicológicos e sociais, tendo um certo nível de autonomia. O terceiro é que a natureza interna de cada pessoa é, em parte, singularmente sua e, em parte, universal na espécie. O quarto, é que é possível estudar cientificamente essa natureza interna e descobrir a sua constituição. Tendo em vista essa descrição do objeto da Psicologia Humanista, somos levados a questionar a possibilidade de investigá-lo cientificamente, pois o princípio da Regularidade do Objeto está comprometido pelo princípio da autonomia. A Psicologia Humanista, ao se deparar com o dilema de renunciar à sua imagem de homem ou renunciar ao seu status de ciência, escolhe o caminho tortuoso de tentar modificar o conceito de ciência psicológica. Identificando a limitação dos modelos nomotéticos de pesquisa, suas abordagens optam pelos modelos idiográficos de investigação, principalmente baseados no método fenomenológico. Diante disso concluiu-se que a Psicologia Humanista ainda não possui um status de legítima pesquisa científica. Não podemos renunciar ao significado do termo 'ciência', à procura da obtenção de ao menos uma aproximação de conhecimento universalmente válido e empiricamente comprovável. O domínio da ciência é o campo das causas eficientes. O campo das causas finais, da teleologia, é domínio da Filosofia. O contraste metodológico entre explicação e compreensão, entre causas e razões, separa não o campo entre dois tipos de ciência, mas sim o campo onde a ciência pode atuar do campo que é domínio exclusivo da Filosofia. O sentido não é questão da ciência. É questão da Filosofia. A única solução para a Psicologia Humanista e mesmo para a Psicologia como disciplina é a sua divisão clara entre um campo científico (explicativo) e um campo filosófico (compreensivo).

Palavras-chave: Psicologia Humanista; Epistemologia; Psicologia Filosófica

***

SE 2.5 O MATERIALISMO ELIMINATIVO E O PROBLEMA ONTOLÓGICO DA PSICOLOGIA. *Saulo de Freitas Araujo (Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG)*

Desde o nascimento oficial da psicologia como ciência, no final do século XIX, os psicólogos vêm enfrentando uma dificuldade especial de definir uma ontologia satisfatória daquilo que eles chamam de 'mente', 'vida mental', 'processos psíquicos', etc. Uma consequência direta dessa situação é que os conceitos psicológicos tradicionais apresentam uma polissemia de tal magnitude, que só se torna possível compreendê-los dentro da obra de um autor específico. No entanto, essa falta de consenso sobre a natureza de seu objeto de estudo tem para a psicologia uma consequência ainda mais nefasta, a saber, a constante ameaça de perder sua autonomia como ciência do mental. Na medida em que tentam escapar das dificuldades decorrentes do dualismo – seja de substâncias, seja de propriedades – e caminham em direção ao monismo materialista, os psicólogos se deparam com a difícil situação de ver seu objeto de estudo reduzido ao objeto de outra ciência, a saber, o cérebro – o que significaria uma subordinação da psicologia à neurociência. Seria essa, de fato, uma solução satisfatória para o problema ontológico da psicologia? Os defensores do materialismo eliminativo – representados sobretudo por Paul e por Patricia Churchland – apostam que sim. Para chegar à sua tese ontológica, os Churchlands partem de uma análise da linguagem mentalista da psicologia – denominada 'folk psychology' – que foi herdada do senso comum. Segundo eles, a folk psychology representa uma concepção defeituosa e completamente equivocada dos fenômenos psicológicos, uma vez que está há muitos anos estagnada, é incapaz de explicar certos eventos e faz referências a entidades que não existem. Com base nessa análise, os Churchlands preconizam a futura eliminação da folk psychology e sua substituição por uma nova teoria, baseada inteiramente na neurociência, o que representaria uma simplificação ontológica, isto é, uma economia de entidades para a psicologia. Entretanto, o materialismo eliminativo se depara com uma série de obstáculos, que podem comprometer sua tese ontológica. Em primeiro lugar, a utilização que os Churchlands fazem da folk psychology é bastante restrita, o que os impede de vislumbrar outros contextos em que ela é utilizada de forma assaz diferente daquela concebida por eles. Além disso, eles parecem não reconhecer a diferença existente entre uma redução metodológica e uma redução ontológica. Finalmente, para que o problema ontológico da psicologia seja resolvido dentro de uma perspectiva fisicalista, é preciso superar a atual incompatibilidade entre as perspectivas subjetiva e objetiva, que torna a questão do conteúdo mental intratável do ponto de vista da neurociência. Esses obstáculos parecem comprometer, portanto, a tese ontológica dos Churchlands.

Trabalho financiado pelo CNPq, através de uma bolsa de Mestrado.

Palavras-chave: Materialismo eliminativo; Ontologia; Psicologia

*****

SE 03/Psicologia Social

PSICOLOGIA JURÍDICA – REPENSANDO MODALIDADES DE ATUAÇÃO

SE 3.1 PROBLEMATIZANDO QUESTÕES DE INTERESSE NAS VARAS DE FAMÍLIA. *Leila Maria Torraca de Brito (Departamento de Psicologia Social e Institucional, Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ)*

Observa-se na atualidade a busca constante de reflexão interdisciplinar sobre os problemas que emergem no Direito de Família. Em decorrência da recente criação do cargo de psicólogo no Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro, objetiva-se avaliar as demandas endereçadas aos profissionais que atuam nas Varas de Família, tanto pelos operadores do direito, quanto pelos pais e mães separados. Sabemos que são comuns as desavenças pela guarda no momento da separação conjugal, conduzindo a disputa no sentido da determinação de quem possui melhores condições para permanecer com a prole. Antigamente, considerava-se que esta deveria ser uma das atribuições dos psicólogos, ou seja, avaliar quem seria o pai ideal para permanecer com os filhos, em função do critério de "melhor interesse da criança". Hoje, principalmente a partir da Convenção Internacional dos Direitos da Criança, compreende-se a importância de que tanto o pai quanto a mãe continuem a educar os filhos, mantendo contatos estreitos com estes. Assim, o enfoque dos serviços de Psicologia não deve se dar no sentido estrito da avaliação, mas procurando-se trabalhar com os pais e com as mães a importância da manutenção do papel de cada um. Discutir a problemática das responsabilidades parentais, procurando-se garantir o direito de a criança estar com ambos os pais, tem sido uma das demandas dos pais no momento das audiências de separação. Esperam dos serviços de Psicologia um lugar onde possam falar de suas dificuldades específicas em relação à condução da guarda ou da visitação, buscando o encaminhamento de impasses que podem trazer graves prejuízos às crianças. Pesquisas indicam, também, como sendo elevado o percentual de pais e mães que reivindicam mais tempo nas audiências, mesmo consensuais, para serem esclarecidas as questões referentes à guarda e visitação dos filhos. Para eles a simples definição de guardião e visitante não é suficiente. São constantes os relatos referentes a queixas proferidas pelos pais visitantes que consideram-se à margem do processo educativo dos filhos ou ainda, demissionários de sua função. Este parece ser um dado significativo, para o qual devemos prestar atenção. Será que, enquanto psicólogos, estamos, realmente, garantindo para essas crianças o direito de ser educada por pai e mãe, ou a continuidade do vínculo entre pais e filhos como recomenda a Convenção Internacional? Como interpretar o superior interesse da criança com esta incerteza em relação ao papel dos pais? Conclui-se que a simples definição de criança como sujeito de direitos não garante a observância e a efetivação destes, assim como não é suficiente para esclarecer as atribuições parentais, já que os menores de idade necessitam de mães e pais para o seu completo desenvolvimento, fato que não pode ser menosprezado pelos psicólogos que atuam nas Varas de Família.

Palavras-chave: Psicologia Jurídica; Guarda de filhos; Varas de Família

***

SE 3.2 PSICOLOGIA, JUSTIÇA E VIOLÊNCIA EM FAMÍLIA. *Hebe Signorini Gonçalves (IPPMG/UFRJ, PUC/RJ)*

A forma mais eficaz de proteger a criança abusada é tornar pública a violência. Mas há pouco consenso quanto às ações que daí devam decorrer, o que gera dúvidas nos profissionais, que temem pelos desdobramentos do processo, e nas famílias, que temem perder a guarda em uma possível ação judicial. Tem-se defendido tanto a punição quanto a assistência ao membro da família que agride a criança. O presente trabalho propõe-se a examinar essas duas alternativas.

A forma punitiva tipicamente aplicada a crimes e delitos tem sido a privação de liberdade. No Brasil, malgrado a tentativa de alguns diplomas legais e de certos juízes em aplicar penas alternativas, a privação de liberdade é ainda a forma punitiva mais adotada, recomendada mesmo para delitos recentemente tipificados (vide assédio sexual).

Alguns autores têm defendido a aplicabilidade dessa pena nos casos de de violência intrafamiliar contra a criança: ela promoveria o afastamento do agressor assim como a emissão clara de um sinal de condenação da conduta abusiva. A visibilidade do processo jurídico contribuiria, secundariamente, para transformar as mentalidades.

Outros questionam a aplicação da privação de liberdade aos casos de violência familiar, argumentando que ela aprofunda a ruptura dos vínculos. Uma ação técnica, que permitisse transformar padrões de relacionamento e evitar a violência reiterada, poderia gerar benefícios para a criança abusada, para o agressor e para a família, reduzindo o risco de acobertamento por receio da intervenção punitiva.

O abuso contra a criança não pode contar com o beneplácito social. Mas é conduta que difere do crime comum, em que os atores se relacionam unicamente através do comportamento criminal. Na violência em família, os atores emergem do anonimato e ocupam, um para o outro, investidos de cargas

afetivas que constituem o próprio terreno sobre o qual se constrói a relação violenta. Esta especificidade não pode ser desconsiderada pelos profissionais de saúde mental.

A violência intrafamiliar implica vítima e agressor. Sabe-se a criança vítima de violência manifesta reações de culpa com as quais o psicólogo freqüentemente tem de lidar durante o atendimento. Não menos raro é que a culpa seja agravada pela simples perspectiva de afastamento ou encarceramento do agressor. Impossível ignorar ainda o papel eventualmente exercido por membros da família nuclear ou extensa, que vêem a criança como um dos responsáveis pelo afastamento de um membro familiar.

A privação de liberdade não tem contribuído para fazer cessar o delito ou o crime, e nada faz supor que ela possa fazer cessar a violência em família. Não será o cárcere o lugar a partir do qual poderão ser eliminadas práticas punitivas que se alimentam de normas da cultura. É momento de repensarmos o papel do profissional de saúde mental que trabalha com a violência familiar. Ele deve agir no sentido de re/construir canais de diálogo que possam resgatar a responsabilidade parental e as linhas de autoridade e filiação que têm início na família, mas que a excedem.

Palavras-chave: Psicologia Jurídica; Violência; Infância

***

SE 3.3 1a. Vara da Infância e da Juventude do Rio de Janeiro: Temas em Debate. *Lídia Levy (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, RJ)*

Em 1995, o trabalho de habilitação para adoção na 1a. Vara da Infância e da Juventude do Rio de Janeiro era realizado pelas assistentes sociais que compunham a equipe do então denominado COFAM (Colocação Familiar). Na época foi estabelecida uma parceria com o Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, objetivando incluir parecer psicológico nos processos de habilitação e dar início a um trabalho de pesquisa com a finalidade de traçar o perfil dos requerentes nestes processos. Foram avaliadas as motivações de casais habilitados e dos inabilitados, bem como dos requerentes que demandaram isoladamente uma adoção. Uma segunda etapa, iniciada em 1999, teve por objetivo levantar questões que surgiam com maior freqüência entre aqueles que, já habilitados, estavam convivendo com o filho adotivo por um período que variava de seis meses a um ano. Quando o Núcleo de Psicologia da 1a. Vara recebeu os psicólogos aprovados no primeiro concurso para a área da Justiça, houve um incremento das atividades de pesquisa, que permitiram reformulações nos procedimentos até então realizados em processos de habilitação para adoção. Às entrevistas individuais foram acrescidos encontros grupais de caráter mais informativo do que avaliativo, contando com a participação de psicólogos e assistentes sociais. Os técnicos da 1a. Vara têm estudado novas alternativas aos procedimentos até então adotados nos grupos de habilitação. Os resultados da pesquisa realizada com os pais adotivos em período de convivência deram origem a discussões acerca da possibilidade de criação de "grupos de acompanhamento", destinados àqueles que já haviam adotado ou àqueles que, apesar de habilitados, ainda não houvessem recebido uma criança em adoção. O projeto desenvolvido pelos técnicos do Núcleo de Psicologia pretende auxiliar na concretização emocional dos vínculos familiares constituídos através da adoção, favorecer a troca de experiências entre pais adotivos, permitir que sejam elaboradas eventuais frustrações decorrentes da inadequação entre a criança real e a criança idealizada e prevenir eventuais "devoluções" das crianças adotadas. Os dados obtidos nas diferentes pesquisas realizadas têm sido de grande utilidade na avaliação permanente dos serviços prestados aos requerentes e foram ampliados para além dos processos de habilitação. Estudos sobre processos de adoção e sobre violência doméstica estão sendo realizados por diferentes membros da equipe. A produção de um número significativo de textos tem permitido mapear e divulgar o trabalho realizado. Pretendemos aqui destacar algumas das propostas em debate no Núcleo de Psicologia da 1a. Vara da Infância e da Juventude do Rio de Janeiro, cuja finalidade é a de contribuir para a melhoria do atendimento à população que demanda nossos serviços.

Palavras-chave: Adoção; Habilitação; Psicologia Jurídica

*** ***

SE 04/Psicologia Social

OS DIREITOS HUMANOS COMO FRONTEIRA PARA A PSICOLOGIA: QUESTÕES ÉTICAS, POLÍTICAS E EPISTEMOLÓGICAS

SE 4.1 O Direito e o Rosto. *José Moura Gonçalves Filho (Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, Instituto de Psicologia – USP São Paulo, SP)*

Direitos humanos, mais do que o permitido aos humanos, designam aquilo que, vivido pelos humanos, realizam sua humanidade. São, portanto, condições de humanidade: o direito à casa, ao trabalho, o direito à cidade. Que é humanidade? Acontecimento e noção cujo fundamento é ético. Humanidade é termo de uma experiência intersubjetiva. É traço que, em atenção ao que escreveu Emmanuel Lévinas, pode ser descrito a partir de nossa exposição ao rosto de outrem. Humanidade é aquilo a que somos sensivelmente vulneráveis, aquilo que passivamente nos inclinamos a servir e a defender. Humanidade é a alteridade dos outros que nos atrai antes de tudo no movimento de responsabilidade ou de recusa da responsabilidade. O direito à casa, ao trabalho, o direito à cidade, valem como direitos humanos porque a casa (realizando a hospitalidade dos humanos pelos humanos), o trabalho (realizando a oferta linguagem) e a cidade (realizando uma comunidade para a apresentação de todos e cada um, apresentação viva por meio de palavras e narrativas) formam ambientes da visitação de mim pelos outros e dos outros por mim, ambientes em que alguém se põe em proximidade de alguém. Dois destes direitos, entretanto, encontram no terceiro a sua garantia. Se agora acompanharmos Hannah Arendt, devemos dizer que no direito à cidade é que são garantidos o direito à casa e o direito à cidade como direitos humanos. Mediante igualdade e participação cidadãs é que a casa não se torna encapsulamento e o trabalho não se torna alienação. Por meio da comunicação com uma cidade igualitária e livre é que a casa e o trabalho podem como que nos recolher em suas dimensões mais próprias e irredutíveis, sem que este recolhimento degrade-se em isolamento, em reificação ou em servidão. Finalmente: a humanidade, politicamente afirmada, do mesmo modo que carrega exigências para dentro da casa e do trabalho, carregam exigências também para o conhecimento dos humanos pelos humanos: pensar os humanos, para que não se degrade em conhecer como quem domina, é preciso que seja menos "pensar como quem conhece" e sim "pensar como quem ama" (pensamos, diria Guimarães Rosa).

Palavras-chave: Direitos; Rosto; Cidadania

***

SE 4.2 Os Direitos Humanos e a Agenda da Reforma Psiquiátrica Brasileira. *Marcus Vinícius de Oliveira** (Psicólogo, Professor do Depto. de Psicologia FFCH/UFBa, Presidente em Exercício do Conselho Federal de Psicologia)*

Na caminhada rumo à transformação da assistência psiquiátrica brasileira, a violência patrocinada pelos hospitais psiquiátricos e a aflitiva situação das suas vítimas, resultante das péssimas condições de funcionamento destes estabelecimentos, sempre funcionou como um importante combustível alimentador das denúncias, que, com estardalhaço, ganharam as páginas dos jornais comovendo a opinião pública. Dentre as vozes que se fizeram ouvir, insurgindo-se contra este estado de coisas, muitas o fizeram diversamente movidas ora pela piedade, ora pela caridade ou mesmo pela solidariedade... Houve inclusive, aquelas que enxergaram aí a possibilidade da ampliação dos tentáculos do poder social da psiquiatria e de sua corporação. Boa parte do ideário reformista, acumulado na história da Psiquiatria Brasileira, em torno das mudanças assistenciais que deveriam ser implementadas pelas políticas públicas do setor, tiveram como referência este diálogo, com a força da presença do manicômio como centro das ações e da atenção. Positivamente, portanto, não havia novidade nenhuma em se denunciar o hospício e suas mazelas. Trazer o seu escândalo a público, mostrar o seu caráter iníquo, responsabilizar ao Estado e/ou aos profissionais da área por tal quadro, é algo que freqüentemente tem sido feito, na sociedade brasileira, ao longo dos últimos cem anos, sem maiores conseqüências e aparentemente até resultando em efeito contrário. Entretanto, em meados do ano 2000, mereceu destaque e reconhecimento uma iniciativa, promovida pela Comissão da Câmara, presidida pelo Deputado Marcos Rolim que realizou uma da Caravana dos Direitos Humanos, na qual foram visitados, num procedimento amostral, quase duas dezenas de hospitais psiquiátricos, gerando um relatório oficial. O quadro encontrado na grande maioria destes estabelecimentos repetiu aquilo que a crônica vem registrando monotonamente ao longo dos tempos: descaso, maus tratos, abandono, violência e violação dos direitos humanos dos doentes mentais. Pela primeira vez o tema da Reforma Psiquiátrica foi incluído numa agenda política oficial não referida a uma mera questão da administração ou do campo da saúde pública como tradicionalmente ocorria. Qual é a novidade presente neste gesto, que o fez tão importante e tão significativo, principalmente numa conjuntura na qual se percebia um certo arrefecimento institucional na luta pela Reforma Psiquiátrica? Para além do mérito decorrente da existência deste tipo de organismo no parlamento brasileiro e o seu papel na luta tão necessária pela ampliação cidadania, pela primeira vez, através dessa iniciativa, a questão dos hospícios foi colocada em um outro patamar político ganhando o seu devido lugar enquanto uma questão de toda a sociedade brasileira, recebendo o status de problema nacional. Nesta comunicação pretendemos discutir o significado e a importância dessa interferência nos debates tecno-assistenciais produzidos no campo do movimento antimanicomial, bem como o redimensionamento temporal, envolvendo os ritmos e prazos da Reforma Psiquiátrica brasileira que se arrasta pelos últimos doze anos. Em nossa opinião, tomar a questão do hospício como uma questão de direitos humanos implica em assumir uma nova urgência na exigência da cessação imediata de todos os efeitos violadores envolvidos nas práticas institucionais da assistência. Significa uma exigência ética que não aceita conviver por nem mais um dia, com os efeitos nefastos do hospício. Significa também avançar no desvendamento do papel deste aparato institucional, enquanto mais um dos instrumentos da gestão da pobreza e da miséria que hoje separa os brasileiros em categorias diferenciadas, colocando de um lado egoístas elites plenas de direitos e do outro os miseráveis, os esfarrapados, os deserdados da sorte e de toda e qualquer cidadania. Essa direção permite que o debate sobre o lugar ocupado pelos diversos grupos profissionais envolvidos nesse campo e pelas técnicas utilizadas pelos mesmos desloque-se numa direção referenciada pela ética e pela política, que problematiza as suas responsabilidades e os seus fazeres técnicos.

** Doutorando IMS/UERJ

Palavras-chave: Direitos humanos; Reforma psiquiátrica brasileira; Ética

***

SE 4.3 Psicologia, Direitos Humanos, Epistemologia e Ética. *Cecília Maria Bouças Coimbra, Psicóloga, Professora Adjunta da UFF, Pós Doutora em Ciência Política pela USP, Coordenadora da Comissão Nacional de Direitos Humanos do*

Conselho Federal de Psicologia, Vice Presidente do Grupo "Tortura Nunca Mais" (RJ), Membro do Conselho Consultivo do Centro Justiça Global.

Desenvolveremos três eixos, como fios condutores que dizem respeito ao tema: questões relacionadas à violência institucionalizada, à impunidade e à produção de subjetividade. Consideramos que esses eixos são hoje de fundamental importância para nós, profissionais psicólogos, pensarmos a articulação entre ética e a psicologia, a ética e os direitos humanos.

O primeiro eixo sobre violência institucionalizada – com a qual muitos de nós trabalhamos– enfatizará a violência advinda do Estado. A tortura, os tratamentos degradantes e cruéis praticados por agentes do Estado, tem sido o cotidiano do nosso país, sendo utilizados por aqueles que deveriam, ao contrário, garantir a vida e a integridade física e psíquica das pessoas. Com isto, a tortura transforma-se uma prática naturalizada e banalizada. As populações mais pobres aceitam essa situação de violência, de desrespeito aos seus direitos como um dado natural. Por outro lado, os segmentos médios são levados a pensar que tal questão não lhes diz respeito, considerando-a, até certo ponto, como aspecto necessário para se conter a violência dos "perigosos". O segundo eixo refere-se à impunidade e articula-se com o anterior, pois sua existência e permanência tem adubado e alimentado a violência institucionalizada. A impunidade tem produzido uma dupla violação: além do que foi sofrido continua-se a ser violentado. O desrespeito da não investigação, do não esclarecimento dos fatos denunciados e da não punição dos responsáveis significa uma nova violação. Em cima de tal questão apontaremos como exemplo, o atendimento clínico à pessoas afetadas pela violência institucionalizada articulando-o à luta contra a impunidade. Por fim, o terceiro eixo, o da produção de subjetividade - ferramenta teórica tratada por Felix Guattari, com a qual alguns de nós trabalhamos - diz respeito às diferentes formas que temos de dar significação ao mundo: as diferentes formas de ser, perceber, pensar, sentir e agir, as diferentes formas de existência e de vida. Este terceiro eixo será, ao longo de todo o trabalho, articulado com os dois anteriores.

Palavras-chave: Direitos Humanos; Ética; Violência institucionalizada

---

SE 4.4 POLÍCIA E POLÍTICA NAS RELAÇÕES ENTRE PSICOLOGIA E DIREITOS HUMANOS. *Heliete de Barros Conte Rodrigues, Conselho Nacional de Direitos Humanos do Conselho Federal de Psicologia; Departamento de Psicologia Social e Institucional da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro- RJ.*

O presente trabalho avalia, de forma crítica, possíveis relações entre os saberes e as práticas psicológicos e a problemática dos Direitos Humanos a partir de noções-chave contidas em alguns escritos de Jacques Rancière, Michel Foucault e Gilles Deleuze. Em acordo com o tema geral do nosso encontro – Os Direitos Humanos como fronteira para a Psicologia: questões éticas, políticas e epistemológicas -, considera-se que os Direitos Humanos podem ser abordados como uma fronteira, ou um limite, para o campo da Psicologia. Nesta linha de raciocínio, apresentam-se duas formas através das quais a noção de fronteira pode ser conceitualmente apreendida: limite apriorístico, universal e necessário a ser respeitado como parâmetro científico-técnico-profissional, ou condicionamento histórico, logo evitável e contingente, a ser desconstruído mediante as práticas singulares dos agentes no tempo presente. Optando pela valorização da segunda perspectiva, o texto desenvolve uma articulação entre algumas tendências éticas, políticas e epistemológicas atualmente existentes no campo psicológico em nosso país e certas diretrizes normativas oferecidas pelos três autores anteriormente citados. Para tanto, de Jacques Rancière toma o contraste entre os termos polícia e política, especialmente no que tange aos discursos, encarnalhando uma valorização da temática do dissenso ou do desentendimento. De Michel Foucault, incorpora a perspectiva genealógica, concebida como história estratégica das lutas sociais, a fim de formar mais preciso o sentido de uma estética da existência como prática de si. Finalmente, as concepções de Gilles Deleuze, enquanto filosofia das diferenças e multiplicidades, são valorizadas na medida em que permitem um instigante contraste entre as idéias de história e de devir. Através destas três linhas de abertura ao pensamento, diferenciais pelos autores referidos, o tema das relações entre a Psicologia e os Direitos Humanos distancia-se de campos técnicos, profissionais ou políticos específicos, supostamente limitados a alguns poucos especialistas ou militantes, sendo, ao contrário, ampliado como diretriz inerente à totalidade das ações, pesquisas e reflexões no âmbito da Psicologia.

Palavras-chave: Psicologia; Direitos Humanos; Ética

SE 05/Formação em Psicologia

PESQUISA CIENTÍFICA: CONDIÇÕES PARA A PRODUÇÃO E PARA A FORMAÇÃO DE RECURSOS HUMANOS

SE 5.1 O USO DO LABORATÓRIO NO ENSINO DE PSICOLOGIA EM UNIVERSIDADES FEDERAIS. *Maria Emília Yamamoto (Programa de Pós-Graduação em Psicobiologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN)*

Entre as habilidades listadas pelo Conselho de Especialistas em Ensino de Psicologia do SESU/MEC encontra-se a de "utilizar os métodos experimental, de observação e outros métodos básicos de investigação científica". O ensino desta habilidade, junto a algumas outras, tem sido tradicionalmente perseguido nos laboratórios de psicologia experimental com maior ou menor sucesso, dependendo, em grande parte, da formação do professor responsável e das condições para o desenvolvimento de pesquisas na área que a IES oferece. Se, por um lado, o uso extensivo deste modelo tem permitido o ensino através de procedimentos de comprovada eficiência, por outro lado, tem impedido a proposição de novos modelos que poderiam cumprir tão bem o ensino desta e de outras habilidades e que talvez sejam mais adequados às condições de infra-estrutura e composição do corpo docente de algumas IES. Três questões são discutidas: primeiro, a utilização de outras condições, que não o laboratório, para o ensino de parte das habilidades envolvidas, como a observação. Entre elas se incluem situações mais naturalísticas, como por exemplo, aquelas de uma creche-escola ou parque infantil e a utilização de vídeos ou de salas de espelho, presentes na maior parte das clínicas-escola; segundo, alternativas ao uso do laboratório de análise experimental do comportamento incluindo desde a utilização de laboratórios mais simples e não necessariamente permanentes, até o uso de outros ambientes favoráveis à aprendizagem da manipulação de variáveis e de seu adequado controle em situação experimental; finalmente, a importância de tornar o ensino destas habilidades não algo apenas mecânico, mas parte de um processo que tem por objetivo obter respostas a uma pergunta de investigação, respostas confiáveis que exigem o exercício do controle sobre a situação de coleta de dados, e que estão fundamentadas em um corpo de conhecimentos teóricos.

(Bolsista de produtividade do CNPq)

Palavras-chave: Alternativas de ensino; Uso do laboratório; Ensino de habilidades

---

SE 5.2 LABORATÓRIO DE PESQUISA/ENSINO EM PSICOFÍSICA E PERCEPÇÃO. *José Aparecido da Silva – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto*

A maneira como uma pessoa se comporta está subordinada ao ambiente físico e social em que vive e também à sua natureza biológica, especialmente ao funcionamento de seu cérebro e de seu sistema nervoso. Ao tentar explicar o comportamento, o Psicólogo precisa explicar as percepções dos outros e as diferenças individuais em tais percepções. Essas percepções são oriundas de nossos sentidos principais: visão, audição, tato, paladar, olfato, vestibular e cinestésico. Para a comprovação experimental destas percepções oriundas de qualquer um desses sentidos deve-se atentar para o fato de que cada uma delas é influenciada por três conjuntos principais de determinantes: os estímulos físicos que atingem os sentidos, seu estado psicológico e as condições fisiológicas do organismo. Assim, um laboratório de pesquisa em especial de ensino, em Percepção e Psicofísica deve enfocar tanto os mecanismos e/ou processos responsáveis por estas percepções quanto a metodologia utilizada para investigá-los e decompô-los em seus diferentes componentes ou substratos psicológicos básicos, fisiológicos e neurais. Demonstrações e/ou realizações de experimentos (individuais ou em grupos) com o uso de equipamentos tradicionais (adequados ou ressuscitados no período laboratorial) ou com o uso de computadores de alto-desempenho são usualmente feitas para simular modelos complexos de processamento cognitivo em percepção visual, auditiva, tátil e em atenção. Diferentes parâmetros envolvidos nestes processos são analisados e discutidos em sala de aula após a coleta de dados nestes experimentos demonstrativos. Sem a realização de tais experimentos, torna-se praticamente impossível implementar um programa de ensino de pesquisa dedicada aos fenômenos perceptuais. Por exemplo, os mecanismos/processos envolvidos na ilusão da lua ou outras ilusões visuais usualmente encontradas em nosso ambiente cotidiano. Particularmente, o estudo da percepção visual é quase que impossível sem a realização de pesquisas demonstrativas ou não em laboratório, tanto com equipamentos tradicionais quanto com o uso moderno de computadores. Por exemplo, fenômenos perceptuais ligados à percepção de movimento, de cor, de atenção, de espaço, são impossíveis de serem demonstrados e analisados seus pesquisa e/ou demonstrações experimentais em laboratórios bem estruturados e equipados. Além disso, demonstrações perceptuais envolvendo cores, movimento e espaço são extremamente atrativas para os estudantes de psicologia, e seus parâmetros físicos, computacionais, psicológicos e fisiológicos são muito mais facilmente demonstrados e analisados as pesquisas feitas de fato realizadas em laboratórios (pesquisa/ensino) em lugar de serem apenas descritas e comentadas em salas de aula coletiva. Também pesquisas e/ou demonstrações experimentais em laboratórios estruturados nos permitem exemplificar, nos alunos de psicologia, o uso de equipamentos de realidade virtual e a sua aplicação nos domínios da visão, audição e no tratamento de distúrbios psicopatológicos (por exemplo na análise e no tratamento de fobias a animais e a altura). Novamente, sem as demonstrações ou sem a realização de pesquisas experimentais em laboratórios bem estruturados se tornaria impossível analisar os mecanismos destes fenômenos psicológicos. Do mesmo modo, nos laboratórios de pesquisa fazendo uso tanto de demonstrações quanto de experimentos didáticos (ou inseridos em projetos de pesquisa) poderíamos analisar e decompor os possíveis processos fisiológicos e neurais responsáveis pelos diferentes fenômenos perceptuais de ordem mais sensorial do que cognitiva. Os laboratórios também se tornam imprescindíveis quando um grande número de dados de diferentes experimentos perceptuais deve ser analisado. Neste caso, laboratórios equipados com computadores pessoais, estações de trabalho e conectados à rede central da universidade (internet ou intranet) são vantajosos em realizar simulações computacionais e análises quantitativas de processos inferidos responsáveis pelos fenômenos perceptuais complexos, como por exemplo, a atenção e a dissociação entre percepção, ação e imagem mental. Em resumo, no meu entender é extremamente difícil, senão impossível, demonstrar, exemplificar, explicar, analisar, decompor e

sintetizar os diferentes fenômenos psicológicos, em especial aqueles perceptuais, sem a devida realização de demonstrações experimentais didáticas ou mesmo sem a realização de pesquisas inseridas dentro de um projeto de pesquisa global. Sem laboratórios bem estruturados não há pesquisa séria e bem controlada, e sem pesquisa não existe uma formação sólida do Psicólogo, seja ele atuante em qualquer especialidade da psicologia como profissão.
Palavras-chave:

***

SE 5.3 Uma Experiência De Colaboração Internacional Para O Desenvolvimento De Pesquisa Básica. *Júlio César Coelho de Rose (Universidade Federal de São Carlos)*

Nas últimas décadas do Século XX o ritmo de mudança científica e tecnológica acelerou-se consideravelmente. O conhecimento tornou-se o principal insumo na produção para um mercado cada vez mais competitivo e, consequentemente, a capacidade de produção de pesquisa tornou-se um elemento decisivo para uma inserção não subalterna em um mundo globalizado. Maximizar a produtividade dos investimentos em pesquisa tem sido uma preocupação constante dos países desenvolvidos e torna-se um imperativo para países emergentes que, procurando diminuir a distância em relação ao mundo desenvolvido, dispõem de menor volume de recursos. Considerando que duas condições importantes neste sentido são a formação de grupos de pesquisa e a cooperação internacional, pesquisadores de várias universidades públicas brasileiras formaram, em cooperação com pesquisadores norte-americanos, o Núcleo de Estudos sobre Comportamento, Cognição e Ensino, um dos poucos núcleos de pesquisa na área de Psicologia a ser incluído no Programa de Apoio a Núcleos de Excelência do Ministério da Ciência e Tecnologia. Esta comunicação descreve, sob a ótica do seu apresentador, a experiência de formação deste Núcleo, destacando o intercâmbio entre pesquisadores brasileiros e a cooperação com pesquisadores externos. Pode-se dizer que a formação do ECCE começou há mais de quinze anos e, na verdade, continua até hoje. Se, por um lado, o ECCE pode ser considerado um Núcleo consolidado, em outro sentido ele continua reformulando sua identidade, levando em conta o avanço do próprio conhecimento na sua área de atuação e as mudanças nas oportunidades que se configuram no nosso sistema de ciência e tecnologia. O grupo não tem uma data precisa de fundação. Ele foi formado pela aproximação gradual de vários pesquisadores em Análise do Comportamento que sentiam a necessidade de redirecionar sua pesquisa, para abordar o comportamento humano complexo, contemplando os fenômenos que são tipicamente descritos como cognitivos. Esta aproximação ocorreu em meados da década de 80, pouco depois de Murray Sidman e colaboradores publicarem a formalização do modelo de equivalência de estímulos, que abriu uma via de acesso comportamental aos processos simbólicos. Pesquisadores brasileiros interessados neste tema aproximaram-se de pesquisadores norte-americanos que vinham trabalhando com o modelo e iniciaram uma colaboração bastante frutífera. Este grupo norte-americano acabou tornando-se uma espécie de "módulo" que aglutinava os pesquisadores brasileiros interessados no tema, aumentando a colaboração entre eles. Dessa maneira, foi se configurando um Núcleo, que atraiu outros pesquisadores e aumentou o número e formas de parceria entre seus membros. A formação do ECCE antecedeu os programas nacionais de fomento a grupos multi-institucionais, como o PRONEX e o recente programa dos Institutos do Milênio. Estes programas ajudaram, no entanto, a consolidar o Núcleo e a ampliar o seu escopo. Atualmente o ECCE procura ampliar sua inserção interdisciplinar, de modo a permitir uma investigação mais abrangente do seu tema principal, que é a questão dos processos simbólicos.
Palavras-chave:

***

SE 5.4 Pesquisa Científica Se Aprende Na Escola: Quanto Mais Cedo Melhor. *João Cláudio Todorov (Universidade de Brasília, Universidade Católica de Goiás e Instituto de Educação Superior de Brasília)*

O curso de psicologia da Universidade de Brasília, que em 2002 completa 40 anos a partir de sua concepção, inovou em muitos aspectos. Segundo seus idealizadores, especialmente a Profa. Dra. Carolina Martuscelli Bori, o curso foi pensado para suprir uma deficiência notada nos cursos então existentes (os primeiros, salvo melhor juízo, foram os da PUC do Rio e da USP). O corpo docente desses cursos (na formação profissional) tinha uma peculiaridade: eram psiquiatras ou psicanalistas. A formação profissional estava garantida, mas a formação básica deixava muito a desejar. O curso da UnB, iniciado em 1964 mas pensado e planejado desde 1962, voltou-se para uma formação mais completa dos alunos. Os semestres iniciais seriam dedicados a disciplinas com laboratório e a formação do aluno baseada na aquisição de habilidades necessárias para qualquer atividade, seja pesquisa, seja aplicação. O projeto inicial foi abortado em outubro de 1965, pela demissão de professores (por motivos políticos) e pelo pedido de demissão dos demais professores em protesto. Ao longo do tempo o curso foi se reestruturando, e creio que conseguimos recuperar alguns dos eixos originais. A UnB tem formado ótimos profissionais, professores que atuam no país inteiro, e pesquisadores de renome. A formação de recursos humanos para a pesquisa científica segue o modelo original: desde o início do curso o aluno põe as mãos na massa, ou em laboratórios de aprendizagem, motivação, percepção, psicofísica, psicobiologia e processos cognitivos. A iniciação científica seja através de bolsa ou de voluntariado, coloca os alunos desde cedo em contato com pesquisas (e não demonstrações) em andamento.

Palavras-chave:

****

SE 06/Formação em Psicologia
RUMOS, PROBLEMAS E DIMENSÃO PESSOAL DA FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA

SE 6.1 A Formação Em Psicologia Em Tempos De Mudança: Para Onde Queremos Caminhar?. *Antonio Virgílio Bittencourt Bastos (Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia)*

O acúmulo, ao longo das três últimas décadas, de evidências e discussões sobre os problemas da formação em psicologia no Brasil tem permitido um momento extremamente rico de discussão sobre o seu futuro a partir das ações que estão configurando um novo contexto institucional e legal em que deverá vir a se concretizar. A nova Lei de Diretrizes e Bases para a Educação no Brasil está impulsionando mudanças que buscam, simultaneamente, ampliar a flexibilidade das instituições de ensino no tocante à concepção do seu projeto acadêmico e disseminar uma cultura de avaliação da qualidade da formação por elas oferecida. Tais preocupações se concretizam em dois produtos desenvolvidos pela Comissão de Especialistas de Ensino de Psicologia da SESu/MEC: os padrões de qualidade e a proposta de diretrizes curriculares para os cursos de psicologia, que constitui o foco da presente comunicação. Após uma rápida apresentação de como se estrutura o documento, a comunicação concentra-se em duas questões consideradas fundamentais pelos desafios que colocam às instituições que devem vir a introduzir mudanças nas suas propostas curriculares. A primeira questão reporta-se à necessidade de uma ampla mudança de perspectiva ao se estruturar os currículos dos cursos. Mais do que um simples arranjo de disciplinas cujos conteúdos estão previamente definidos, a proposta curricular deve estruturar-se a partir de um conjunto de habilidades e competências que definem a formação profissional. O documento em análise sistematiza um modelo mínimo de competências profissionais, base para uma formação básica unificada no país, que precisa ser discutido em seus aspectos substantivos. Em que medida ele contempla o conhecimento acumulado nesse longo período de estudos e debates? Em que medida ele permite avançar o diálogo interno na categoria, de forma a gerar um sentido compartilhado sobre que psicólogo devemos formar? A segunda questão refere-se à forma como o documento buscou contemplar a necessária flexibilidade com que cada instituição deve conceber o curso com a, também indispensável, necessidade de manter uma base comum para a formação em psicologia no país. Associada a essa questão está o desafio de como articular uma formação básica a uma formação profissional que se diversifica cada vez mais em função das alterações observadas no exercício profissional do psicólogo, questão que gera o falso paradoxo entre uma formação 'generalista' versus 'especialista'. Após uma reflexão sobre os significados desses dois rótulos e como esses significados foram historicamente construídos no interior da comunidade da psicologia, apresenta-se e discute-se a noção de "ênfases curriculares", como concebidas pelas novas diretrizes, expondo as bases que fundamentam essa nova figura no processo de formação do psicólogo. A título de conclusão, destaca-se a necessidade de contínuo aperfeiçoamento das definições que estruturam as novas diretrizes curriculares, reconhecendo-se que esse documento tem o mérito de, esquivando-se dos rótulos e jargões que tem cercado o debate atual, explicitar uma concepção de profissional de psicologia altamente congruente com o desenvolvimento da psicologia como campo científico e profissional.
Palavras-chave: Formação do Psicólogo; Formação; Currículo

***

SE 6.2 La Psicologia En La Formación Del Psicologo: Una Dimensión Olvidada?. *Albertina Mitjáns Martínez (Universidad Católica de Brasília/ Universidad de Brasília, Brasília DF)*

Por su significación para la comprensión y la transformación de la práctica profesional, la investigación y la reflexión sobre la formación del psicólogo adquiere cada vez mayor relevancia en correspondencia con las crecientes demandas que la sociedad en su complejidad y diversidad, le imponen al desarrollo de la profesión. Insertado en el debate actual que caracteriza a las instituciones académicas y a diversos foros científicos de la Psicología, el trabajo que presentamos tiene como objetivo principal analizar la utilización del conocimiento psicológico en la formación de los profesionales, especialmente en lo que se refiere al desarrollo de características personales necesarias para un trabajo profesional eficiente, con compromiso social, creativo y transformador. El trabajo focaliza el desarrollo de aspectos de la subjetividad, que en su articulación con otros, como las competencias y las habilidades, resultan esenciales en la actuación profesional y que pueden y deben ser objeto de acciones educativas intencionales en las instituciones formadoras de psicólogos. Inicialmente se hace un análisis de las razones que pueden explicar el hecho de la poca atención que en la formación del psicólogo se ha dado a su desarrollo personal, a su constitución subjetiva, espacio en el que se articulan y adquieren sentido los conocimientos, competencias y habilidades focos actuales de los procesos de formación. A continuación se analiza cómo el estado de la producción científica en Psicología posibilita su utilización como base para acciones educativas intencionales rescatando, en un nivel cualitativamente superior, la dimensión personal de la formación. El análisis es realizado a partir de la perspectiva histórico-cultural del psiquismo humano y dentro de ella de la línea teórica que ha desarrollado el tema de la

subjetividad, perspectiva que privilegia el papel de los contextos socio-relacionales en la constitución y desarrollo de la subjetividad. Dentro de esta perspectiva las instituciones formadoras de psicólogos constituyen espacios sociales, en los cuales recursos personales importantes para el ejercicio de la profesión son susceptibles de desarrollo. Sin desconocer la complejidad del desarrollo de la subjetividad y de la diversidad de elementos que simultáneamente participan en ese proceso, se analiza como los sistemas de actividades –comunicación dominantes en las instituciones formadoras de psicólogos–, la compleja red de interacciones sociales de los cuales el sujeto participa y las vivencias emocionales que experimenta, entre otros elementos, participan del desarrollo de la subjetividad. A partir de esta perspectiva se muestra la validad de un conjunto de conocimientos de psicología escolar, psicología de la creatividad y psicología social, entre otros, para el diseño de estrategias educativas en esa dirección. Por último, serán presentadas algunas experiencias y posibilidades de trabajo concretas como contribución a la ampliación del debate actual sobre la formación profesional.

Palavras-chave: Formación del psicólogo; Subjetividad; Desarrollo

---

SE 6.3 ANTIGOS E NOVOS PROBLEMAS NA FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO BRASILEIRO. *Maria Regina Maluf (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Universidade de São Paulo, São Paulo, SP)*

A expansão dos cursos de psicologia no país acompanha a multiplicação de cursos de ensino superior que ocorre desde a década de 70. É uma expansão descontrolada que ocorre a generalização nas regiões sul e sudeste e ocorre quase exclusivamente através de instituições de dependência administrativa privada. Embora pareçam numerosos, esses cursos estão longe de atender à demanda dos jovens concluintes do ensino médio por formação superior em psicologia. Ao que se reconhece que em seus escassos 40 anos de existência os cursos de psicologia obtiveram importantes avanços no projeto de formar profissionais capacitados para responder às necessidades da sociedade brasileira. Contudo, antigos e novos problemas, tanto de caráter teórico quanto prático, precisam ser enfrentados com o instrumental de que se dispõe no tempo vivido e no espaço social ocupado. Para aprofundarmos do modo como se apresentam novos e velhos problemas da formação em psicologia, ouvimos a literatura e ouvimos seus principais atores, professores de psicologia e alunos concluintes. Trazemos para a reflexão da comunidade da área os resultados dessa consulta, considerados instigantes do ponto de vista teórico e desafiadores do ponto de vista prático. Os problemas que propomos para reflexão e debate se aglutinam em torno de quatro grandes núcleos: questões que se reportam diretamente aos alunos, considerados em sua individualidade, particularmente no que diz respeito ao preparo para enfrentar tensões e conflitos que surgem tanto durante o curso de formação quanto na vida profissional; problemas referentes às diferentes propostas de cursos e às distintas abordagens da psicologia com que os alunos se deparam durante sua formação, sendo que a maior ou menor diversidade das orientações teóricas e metodológicas se apresenta como questão maior; a urgência de se dispor de infra-estruturas nos cursos, no que diz respeito a bibliotecas, laboratórios, locais e condições para supervisão e estágios, questões referentes ao tempo de formação, cursos de especialização e pós-graduação, que devem ser estocadas com prioridade, uma vez que respondem pelo tipo de profissional que se deseja formar, não só no que se refere ao início do processo de formação, mas também às condições de aperfeiçoamento e atualização continuada. Outros problemas colocados para a reflexão dizem respeito às novas áreas em expansão no campo da psicologia, à adequação entre as teorias ensinadas e a realidade brasileira, à urgência de mais professores pesquisadores habilitados para formar alunos na pesquisa. Todas essas questões devem ser discutidas num quadro mais amplo, enfrentando o dilema da psicologia contemplada como ciência biológica ou como ciência social, enfrentando as transformações que o conhecimento pós-moderno vem introduzindo nas clássicas distinções entre sujeito e objeto. A busca de novas matrizes alunge necessariamente as concepções de formação do novo profissional de psicologia que atuará numa sociedade penetrada por um discurso epistemológico que pretende originar novas relações com o mundo. Admitindo-se que cada método de conhecimento é portador de uma linguagem, teremos talvez que formar-nos mais capazes de conviver com a pluralidade, fecundada pela dimensão utópica e libertadora dos diferentes modos científicos de conhecer.

Palavras-chave: Formação do psicólogo; Formação Profissional de psicólogos

---

SE 07/Psicologia Clínica e da Personalidade
SERVIÇOS PSICOLÓGICOS NA INTERNET

SE 7.1 ALGUNS ASPECTOS ÉTICOS DA REGULAMENTAÇÃO DO ATENDIMENTO PSICOLÓGICO MEDIADO POR COMPUTADOR PELO CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. *Maria Elza Marafon Sayeg (Coordenadora da Comissão Nacional de Credenciamento e Fiscalização de Serviços Psicológicos pela Internet, São Paulo – SP)*

É conhecida a polêmica sobre o atendimento psicológico pela Internet, em relação à qual o Conselho Federal de Psicologia tem-se posicionado de modo firme desde o início, embora procurando criar fóruns públicos para o debate. Em vista de sugestão do CRP foi criado em 1999 em São Paulo um grupo de trabalho sobre Atendimento Mediado pelo Computador, o GT ATMC, que depois ficou responsável pela ADAP (Assembléia de Políticas Administrativas e Financeiras) por criar uma versão prévia da Resolução que regulamenta a área. Tal versão prévia foi depois debatida em diversos CRs e modificada na reunião final entre os presidentes dos CRs e CFP, quando foi finalmente aprovada a Resolução CFP 003/2000 sobre tal atendimento. Um aspecto importante da Resolução é a diferenciação dos serviços psicológicos pela Internet entre orientação psicológica e intervenção psicoterapêutica. Os serviços psicoterapêuticos só podem ser realizados como pesquisa, sobretendo-se esta também à Resolução CFP 016/2000 sobre Pesquisas em Psicologia com Seres Humanos. Algumas diretrizes nortearam a definição da Resolução sobre Atendimento Mediado pelo Computador, sugeridas pelo GT ATMC, dentre as quais: 1. A perspectiva interdisciplinar, que visa avaliar os serviços pela Internet em uma perspectiva mais ampla, que leve em conta inúmeras pesquisas já realizadas sobre a especificidade do meio virtual de comunicação, bem como a influência da informatização sobre a sociedade, a sociabilidade, a personalidade, a consciência individual e social. Dentro dessa perspectiva, a atuação do GT ATMC tem sido a de divulgação, pesquisa e reflexão. 2. Levamos também em consideração a perspectiva ética que supera uma aplicação meramente formalista de princípios éticos, preferindo uma abordagem de ética das situações, que visa a aplicação sensível dos princípios éticos aos novos contextos. Aspectos como segurança nas comunicações virtuais, eficácia e competência diversas que ser explicitados, bem como a ausência de conteúdo específico na formação dos psicólogos. A Resolução CFP 003/2000 prevê a análise e certificação dos serviços psicológicos pela Internet por uma Comissão Nacional de Credenciamento e Fiscalização, que vem realizado estudos para garantir requisitos mínimos de qualidade e transparência. Tais requisitos têm sido obtidos a partir das duas perspectivas norteadoras acima apontadas. O percurso que levou à regulamentação tem sido explicitado a partir das considerações éticas, pesquisas e fóruns de discussões. A partir de uma metodologia que combina aspectos indutivos e dedutivos, foram elaborados critérios mínimos de qualidade, e como ilustração são citados estudos de caso sobre serviços psicológicos de qualidade prestados através da Internet.

Palavras-chave: Ética; Regulamentação; Psicoinformática

SE 7.2 O. P. – PROGRAMA DE ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL VIA INTERNET. *Rosa Maria Farah – Coordenadora do NPPI – Núcleo de Pesquisas sobre Psicologia e Informática do Clínica Psicológica da PUC-SP. Prof. Maria Elci Spaccaquerche*

O Programa de Orientação Profissional via Internet surgiu do encontro entre a COGEAE – Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão da PUC-SP, a Profª Rosa Maria Farah, e a Profa. Maria Elci Spaccaquerche, autora do livro "O Que Você Vai Ser Quando Crescer ?" (Ed. DeLeitura, Ed. - 1999). A partir da estrutura apresentada no livro citado surgiu a proposta de se elaborar um processo semelhante, que pudesse ser oferecido como um serviço via Internet. Seguiu-se um período reflexivo, em que os profissionais envolvidos, repensaram a questão da O. P., visando criar uma estrutura em que a O. P. via Internet fosse viável e confiável. A partir dessas reflexões estabeleceram-se os procedimentos e acrescentaram-se atividades ao processo originalmente apresentado no livro. Partimos de alguns pressupostos. 1º Pressuposto: A O. P. se caracteriza como um processo de aprendizagem de escolha. A idéia é demonstrar ao jovem orientando, que o mais importante é aprender a escolher, pois durante toda a sua vida – e não só a profissional – estará fazendo escolhas. 2º Pressuposto: Para qualquer escolha é necessário que se disponha das informações pertinentes à mesma. Informações relativas às profissões, bem como com respeito a si mesmo, a fim de estabelecer um projeto para a busca de sua auto-realização. Para que tal busca possa ocorrer, foram criadas atividades pertinentes a cada tema, bem como ambientes adequados para a interatividade entre o orientando e orientadores e colegas de grupo. 3º Pressuposto: Ainda que a escolha profissional se caracterize como processo individual, tal processo pode ser mediado pela participação em dinâmicas de grupo, onde este se torna um facilitador para obtenção de informações e realização de reflexões sobre o processo de escolha. Nesse sentido a interatividade entre as pessoas do grupo (via fórum e chats), com a consequente troca de informações, é uma alternativa facilitadora e enriquecedora do próprio processo de escolha. 4º Pressuposto: Toda escolha feita através da reflexão é mais facilmente assumida, porque é uma escolha responsável. Dentro dessa perspectiva, esse é o momento em que o orientando tem a oportunidade de pensar num "projeto profissional". Para isso é necessário que se leve em momento presente, privilegiando-o, bem como os meios que deverá estabelecer para a realização de seu projeto. 5º Pressuposto: A carreira profissional acontece como um processo contínuo. Cada fase desse processo exigirá uma escolha adequada. População Alvo: consiste de alunos do 2º grau, vestibulandos, ou jovens que queiram rever suas escolhas. São três as etapas do trabalho, que duram em média quatro semanas: "Descobrindo Você Mesmo", "O Mundo das Profissões", e "O Meu Projeto". O acesso ao O. P. on line se dá através do Portal de Abertura, onde o visitante poderá obter informações sobre datas de ensaios, dicas e notícias, entrevistas com profissionais, etc. Endereço: www.cogeae.mail.com.br/op

Palavras-chave: Orientação profissional; Internet; Psicoinformática

---

SE 7.3 O USO DO EMAIL NUMA PSICANÁLISE – UM ESTUDO DE CASO. *Júlio César Coelho do Nascimento (São Paulo, SP)*

O estudo relata o caso de uma paciente que estando em análise há 3 anos decide viajar por 3 meses fora do país e solicita contatos semanais através de email, como forma de vivenciar a comunidade e sua privacidade. A demanda é aceita pelo analista como possibilidade de manter o vínculo transferencial.

oferecer suporte terapêutico à angústia do analisando e como possibilidade de investigar as possíveis diferenças deste atendimento através de e-mail e psicanálise presencial. A partir desta experiência o autor vai discutir algumas questões fundamentais: a possibilidade de uma psicanálise através de e-mail, a transferência e a presença do corpo, o discurso e o sujeito da enunciação, a interpretação assincrônica, as limitações e as vantagens do uso de e-mail numa psicanálise. Os e-mails enviados semanalmente foram sempre abordados desde uma perspectiva psicanalítica. foi avaliada a influência do contato por e-mail no processo de elaboração de conflitos psíquicos da paciente já diagnosticados durante todo o processo anterior de psicanálise presencial. Os resultados desta experiência parecem indicar que o vínculo transferencial se manteve e se solidificou, entretanto este efeito é explicitamente devedor do tempo que a analisanda teve de continuidade do tratamento presencial. A interpretação assincrônica produziu efeitos analíticos inesperados incluindo supressão de sintomas, mudanças de posição subjetiva em relação ao outro, à vida amorosa e à relação familiar. Pela própria natureza desta situação analítica é metodologicamente impossível precisar se estes efeitos foram consequência do tipo de intervenção ou da própria força transformadora da exposição a variáveis ambientais e culturais totalmente novas e inversíveis, ou ainda se estes mesmos efeitos teriam sido os mesmos ou mais favoráveis se de alguma forma fosse possível a continuidade da análise presencial durante o período estudado. A modalidade discursiva característica da expressão escrita assincrônica se revelou um forte impedidor à investigação de significados inconscientes, o que tornava a construção de hipóteses explicativas um trabalho totalmente dependente de material inconsciente fornecido no longo do período de análise presencial anterior. A mesma limitação discursiva limitava o acesso às análises à alterações de sinais não verbais que pudessem ser indicativos da representações do afeto, sentimentos e angústias. A correspondência através de email se mostrou uma forma eficaz de dar continuidade a uma psicanálise já iniciada presencialmente, mas neste caso específico conclui-se claramente que este efeito só foi possível pela certeza que a paciente tinha da continuidade da análise presencial

Palavras-chave: Psicanálise; Internet; Clínica

SESSÕES COORDENADAS

SC 01/Psicologia Social

O GÊNERO COMO CATEGORIA DE ANÁLISE PSICOSSOCIAL. CONVERGÊNCIAS, DIVERGÊNCIAS E PERSPECTIVAS FUTURAS

SC 1.1 Individualismo-Coletivismo e Identidade de Gênero. *Marcos Agostini de Souza (Universidade Federal do Rio de Janeiro)*

Em nossa sociedade tem havido uma educação diferenciada destinada a meninos e meninas. Essa diferenciação pode ser observada desde o nascimento, existindo uma obrigatoriedade social do neonato o indivíduo numa das duas classes mutuamente exclusivas de categorias. A identidade de gênero, entendida como a auto-percepção de traços masculinos e femininos, começa, assim, a ser desenvolvida a partir de uma influência cultural, já que a masculinidade e a feminilidade são definidas com base no contexto social no qual o indivíduo está inserido. Nesse sentido, é de vital interesse a forma pela qual o indivíduo se relaciona com os grupos a que pertence. Nesse sentido, diversos autores fazem referência a orientações individualistas ou coletivistas. Uma orientação coletivista indica um posicionamento individual no sentido de levar em conta os valores e interesse da coletividade, enquanto que uma orientação individualista indica uma posicionamento individual de liberdade para lutar por interesse individuais. O padrão de respostas apresentadas pelo indivíduo na definição de seus grupos de pertença reflete seu grau de individualismo ou coletivismo. Nesses termos, o presente estudo teve como objetivo principal investigar a identidade de gênero em função da auto-definição individual em termos de etnia, religião e sexo. O estudo contou com 218 estudantes universitários de ambos os sexos, de diferentes cursos de diversas Universidades da Cidade do Rio de Janeiro, com idade média de 28,7 anos, sendo 106 homens e 112 mulheres. Os participantes preencheram o Questionários de Atributos Pessoais (IAQ) e um conjunto de questões nas quais os indivíduos avaliavam a si e ao grupo ao qual pertenciam em função do sexo, religião e etnia, indicando o grau em as características grupais se aplicavam a ele e o quanto julgavam tais características desejáveis. Os participantes foram então divididos em dois subgrupos: um que se auto-definiu de maneira semelhante ao grupo de pertença (coletivista) e outro de que se auto-definiu de uma forma diferenciada (individualista). Os resultados foram analisados através do teste t de Student, sendo evidenciados fatores significativamente superiores de masculinidade em indivíduos que se auto-definiram de forma individualista quando considerado o sexo ($t = 2,315$; $P < 0,000$); a religião ($t = 3,01$; $P < 0,004$) e etnia ($t = 3,07$; $P < 0,003$). Em relação a índices de feminilidade, apesar de haver superioridade do grupo individualista, não foram observadas diferenças significativas em nenhum dos casos. Diante dos resultados obtidos no presente estudo, parece haver uma influência negativa de uma maior identificação grupal, uma vez que a masculinidade indica comportamentos orientados para metas, como independência, capacidade de decisão e habilidades de liderança, entre outras. Conclui-se, assim, que indivíduos individualistas em nossa sociedade estejam em vantagens quando comparados com indivíduos coletivistas, em diversas áreas da atividade humana.

Palavras-chave: Identidade de gênero; Identidade grupal; Coletivismo; Individualismo

SC 1.2 Sexismo e Atribuições Causais à Participação Política Feminina. *Maria Isabel Monteiro Guerra e Maria Cristina Ferreira (Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, RJ)*

O estudo da atribuição causal, de longa tradição na literatura sociopsicológica, relaciona-se à análise dos conteúdos e processos empregados pelas pessoas ao explicarem suas próprias condutas e ações e as dos outros. Na tentativa de sistematizar esse campo de estudos, Hewstone propõe a classificação dos estudos atribucionais nos quatro níveis de análise psicossocial propostos por Doise, quais sejam os níveis intrapessoal, interpessoal, intergrupal e ideológico ou social. A análise no nível intrapessoal toma como foco os mecanismos cognitivos que os indivíduos utilizam ao realizarem atribuições, isto é, o modo pelo qual processam a informação e se comportam no mundo social. No nível de análise interpessoal, a preocupação é com a dinâmica dos processos interpessoais que intervêm na atribuição causal, a partir das posições de ator ou observador que os indivíduos ocupam na situação. O enfoque intergrupal dedica-se ao estudo dos efeitos da categorização social e da pertença grupal sobre a atribuição, ou seja, com as diferenças observadas na explicação do comportamento de um mesmo indivíduo, em função dos atribuidores pertencerem ou não ao grupo daquele indivíduo. A análise atribucional ao nível social recorre às representações sociais, crenças ou ideologias para a compreensão das explicações causais, partindo do pressuposto de que elas formam a estrutura de cognições sobre a qual as atribuições causais a diferentes fatos sociais apoiam-se. Fundamentando-se na análise atribucional ao nível social e partindo do pressuposto de que a participação política feminina constitui um fato social, conjunto o sexismo caracterizado como uma ideologia, o presente trabalho pretendeu verificar as possíveis relações existentes entre o sexismo e atribuição causal à participação política feminina. A amostra foi composta por 250 estudantes universitários que responderam à escala de sexismo ambivalente e a um questionário de atribuição causal à participação política feminina. A análise fatorial exploratória do questionário de atribuição causal evidenciou a presença de três fatores que se associavam, respectivamente, a causas de natureza político-humanitárias (Alfa = 0,83), a causas de natureza político-reivindicatórias (Alfa = 0,70) e a causas de cunho feminista (Alfa = 0,77). Posteriormente, os participantes do estudo, com base nos escores obtidos na escala de sexismo, foram classificados em sexistas e não sexistas, e os escores obtidos por estes dois grupos, nos três diferentes dimensões atribucionais, foram comparados, tendo-se verificado que as únicas diferenças significativas entre os dois grupos ocorreram na dimensão atribucional definida por causas político-humanitárias, com os indivíduos sexistas dando maior peso a esta dimensão como razão para a participação política da mulher, em comparação aos não sexistas. Tais resultados são discutidos a partir das práticas que caracterizam a ideologia sexista, as quais se encontram permeadas por estereótipos femininos associados a uma atuação mais expressiva e humanística e a estereótipos masculinos tipificados por uma atuação mais instrumental e reivindicatória.

Palavras-chave: Atribuição causal; Participação política feminina; Sexismo

SC 1.3 Novos Textos, Novos Sujeitos: Homens e Mulheres Brasileiros Reconfiguram Identidades. *Maria Lúcia Rocha-Coutinho (Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ)*

Com o surgimento da sociedade industrial moderna e a separação das esferas de produção e reprodução, esses dois âmbitos do cotidiano dos sujeitos começaram a desenvolver lógicas próprias – a atividade no mundo doméstico da reprodução e a racionalidade no mundo público da produção – que vão marcar sobremaneira as identidades masculinas e femininas nos últimos séculos. Identidades, contudo, longe de serem fixas, imutáveis, são, ao nosso ver, continuamente formadas e transformadas em relação a nossos "outros", de acordo com as diferenças marcantes como estamos sendo representados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 1997). Com as importantes transformações ocorridas no papel da mulheres e homens em nossa sociedade nos últimos anos, as identidades feminina e masculina vêm sendo, pouco a pouco, alteradas. E, nas sociedades atuais, em que mudanças rápidas e constantes vêm ocorrendo, os sistemas globais de significado e de representação cultural, que conectam com os sistemas locais (Ianni, 1996; Ortiz, 1994), propagam-se a uma velocidade tão extraordinária que tornam a ilusão de uma identidade fixa, unificada, ainda mais intrincada. Os sujeitos brasileiros contemporâneos, portanto, confrontam-se com uma multiplicidade de identidades possíveis e mutáveis, com as quais podem, pelo menos de forma provisória, se identificar. Assim, homens e mulheres parecem estar experimentando agora, nem sempre de forma consciente, uma identidade fragmentada, composta, não de uma identidade unificada, mas sim de identidades múltiplas e, frequentemente, contraditórias. A análise do discurso de estudantes universitários brasileiros por nós entrevistados aponta para esta coexistência de identidades distintas, algumas vezes, contraditórias. Homens e mulheres, em seu discurso, oscilaram todo o tempo entre atitudes supostamente mais "modernas", relacionadas aos novos papéis e posições dele esperados, e mais "tradicionais". Isto é, vinculadas às antigas identidades masculina e feminina.

Palavras-chave: Papéis de gênero; Identidade de gênero; Análise do discurso

SC 1.4 A Liderança Feminina Sob a Ótica dos Liderados. *Sandra Maria da Costa Rodrigues** (Departamento de Administração e Ciências Contábeis, Universidade Candido Mendes, Rio de Janeiro, RJ) e Evelise Maria Leal Assmar (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Gama Filho, Rua de Janeiro, RJ)*

Este trabalho tem por objetivo investigar as atitudes e percepções de justiça dos liderados em relação à liderança feminina. Embora boa parte dos estudos em liderança e gênero assinale a existência de estilos diferenciados de liderar em mulheres e homens, por força de suas diferentes experiências de socialização, outros informam mais semelhanças que diferenças, e outros ainda afirmam a necessidade de integração de estilos para uma liderança eficaz. Se a literatura internacional é polêmica, a produção nacional é escassa, o que torna relevante a realização de pesquisas brasileiras que contribuam para a elucidação do papel do gênero na eficácia da liderança. Pressupondo que a divisão do trabalho com base no gênero é um fenômeno histórico-cultural e que mudanças sociais podem transformar a construção das subjetividades masculinas e femininas, esperamos que homens e mulheres, jovens e maduros, difiram em suas atitudes estereotípicas sobre a mulher executiva. Por outro lado, os estudos de liderança sob a perspectiva das teorias transacionais apontam a justiça como aspecto-chave na qualidade da liderança. A percepção de que o líder age de forma justa é fundamental à concessão de apoio, confiança, lealdade e legitimidade por parte dos liderados. Tendo em vista que o estilo de liderança voltado para a tarefa é tradicionalmente associado a líderes masculinos e o estilo socioemocional, a líderes femininas, é provável que as percepções dos liderados reflitam as possíveis diferenças nas formas e ênfases de justiça adotadas por líderes mulheres e homens, com as mulheres priorizando mais a justiça procedimental e interacional e menos a justiça distributiva. Foi previsto ainda que as atitudes dos liderados sobre as mulheres gerentes estariam relacionadas às suas percepções de justiça da liderança feminina. Participaram da pesquisa 200 empregados de organizações do município do Rio de Janeiro, organizados em quatro grupos homogêneos quanto ao sexo e idade (homens jovens, mulheres jovens, homens maduros e mulheres maduras). Os instrumentos utilizados foram a Escala de Atitudes em relação à Mulheres Gerentes e a Escala de Percepções de Justiça, relacionadas à justiça distributiva (ênfase nos resultados), procedimental (processos da decisão) e interacional (qualidade das relações interpessoais). Os resultados evidenciaram que o gênero dos liderados exerce influência sobre as atitudes em relação à mulher gerente, com os homens apresentando mais atitudes

negativos que as mulheres. Não foram observadas, porém, diferenças significativas nas atitudes em função da faixa etária dos líderes. Quanto às percepções de justiça das garantes femininas comparativamente às dos gerentes masculinos, os resultados seguiram os padrões esperados apenas quanto ao uso preferencial da justiça interacional por parte das gerentes femininas, não tendo sido encontradas diferenças nas demais formas de justiça. As atitudes e percepções de justiça sobre as mulheres líderes mostraram-se correlacionadas tanto entre os homens quanto entre as mulheres. Tais resultados são discutidos em suas implicações para a discussão dos estereótipos negativos que ainda envolvem a mulher e a necessidade de ampliar o debate sobre a relevância da liderança com a inclusão da avaliação da justiça nas relações líderes/liderados.

Palavras-chave: Liderança feminina; Atitudes; Percepções de justiça

---

SC 1.5 O UNIVERSO PSICOSSOCIAL DE UM GRUPO DE MULHERES IDOSAS. *Simone Cyrino (Departamento de Fundamentos de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ)*

Este estudo teve como objetivo investigar o universo psicossocial de mulheres idosas de baixa-renda em uma cidade de médio porte do Estado do Espírito Santo. Buscou-se estudar as representações construídas pelo grupo especialmente aquelas referentes à sua condição de mulher idosa e de baixa-renda. O grupo constitui-se de 20 mulheres com mais de 60 anos de idade, não-asiladas, com condições físicas e mentais satisfatórias, com renda média de um salário mínimo e escolaridade até o segundo ano primário. Foi realizada uma pesquisa qualitativa com a utilização do método de história de vida. As entrevistas foram semi-estruturadas, gravadas e posteriormente transcritas. A partir das transcrições, extraiu-se uma caracterização objetiva da cada sujeito e, a seguir, foi feita uma organização dos temas mais freqüentes surgidos nos relatos e algumas categorias de análise foram estabelecidas. O grupo demonstrou certas tendências nas representações que constituiu acerca de suas vivências, principalmente no que se refere às suas condições de trabalho, às inserções nos contextos familiar e público, às imagens das figuras feminina e masculina construídas e às implicações psicossociais do envelhecimento. A família e o contexto doméstico representados principalmente pela preocupação com a criação dos filhos, a garantia de sobrevivência do núcleo familiar e as vivências da maternidade, foram as referências básicas a partir das quais essas mulheres delineiaram seu universo psicossocial. As representações construídas da figura feminina em contraposição à figura masculina foram no sentido de uma auto-imagem legitimada frente à figura masculina idealizada, o que contrastava com as experiências relatadas de subordinação familiar. De modo geral, o grupo demonstrou conformismo em relação às suas condições de vida, permeado por um fatalismo religioso. A velhice como etapa de vida e o sentimento subjetivo do envelhecimento foram abordados pelas mulheres a partir de um duplo movimento de adequação/inadequação ao modelo dominante de velhice, ou seja, houve uma aceitação de sua condição de idosas do ponto de vista cronológico, mas uma rejeição aos estereótipos de velhice aos quais este modelo induz. A manutenção de autonomia de vida expressa pelo desejo de uma não dependência financeira de familiares e pelo desejo de preservação de sua saúde e de sua mobilidade independente, foram as principais expectativas futuras abordadas pelas entrevistadas. A convergência observada de vários aspectos do grupo pesquisado, a par das similaridades identificadas em outros estudos dedicados à problemática da mulher idosa, parece sugestiva de que o universo psicossocial recortado neste trabalho possa ser representativo de um número expressivo de mulheres idosas brasileiras de baixa-renda.

Palavras-chave: Mulheres; Idosas; Baixa renda

SC 1.6 GÊNERO E ATRIBUIÇÃO CAUSAL AO SUCESSO E FRACASSO DE EMPREENDEDORES. *Sônia Maria Siqueira Sandoz e Maria Cristina Ferreira (Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, RJ)*

O comportamento empreendedor, isto é, as condutas responsáveis pelo surgimento e rápida expansão de novos empreendimentos, com elevado grau de sucesso, tem sido associado a fatores personológicos, cognitivos, situacionais e socioculturais. Na explicação dos labores cognitivos subjacentes a tais condutas, a teoria atribucional de Weiner destaca-se como um referencial particularmente útil. Para o autor, as explicações causais para situações de realização enquadram-se em quatro causas básicas - capacidade, esforço, dificuldade da tarefa e acaso -, que podem ser classificadas em três dimensões distintas: locus, que se refere à localização da causa no próprio indivíduo (interna) ou no ambiente (externa); estabilidade, que diz respeito à natureza temporal da causa, isto é, ao fato de ela perdurar no tempo (estável) ou não (instável); e controlabilidade, que se relaciona à influência volitiva que pode ser exercida (controlável) ou não (incontrolável) sobre a causa. Dessa forma, quanto ao locus da causa, a capacidade e o esforço constituem causas internas, enquanto a dificuldade da tarefa e o acaso caracterizam-se como causas externas. Os estudos empíricos apoiados nesta referencial têm encontrado que os indivíduos privilegiam as causas internas na explicação do sucesso e as causas externas, ao explicarem o fracasso. Fundamentando-se em tais concepções, e procurando explorar as interrelações entre o gênero e o processo de atribuição causal subjacente ao empreendedorismo, o presente trabalho objetivou comparar as atribuições realizadas ao sucesso e ao fracasso de empreendedores, por homens e mulheres. A amostra foi composta por 127 universitários de áreas exatas, de ambos os sexos (65 homens e 62 mulheres), que foram solicitados a ler uma história sobre o sucesso ou o fracasso de um empreendedor e a apontar o grau em que cada uma de 36 causas havia contribuído para o resultado, em escalas variando de 1 (nem um pouco importante) a 7 (muitíssimo importante). A análise fatorial exploratória evidenciou que as causas agruparam-se em três fatores distintos, associados, respectivamente, a causas internas definidas pela competência ou capacidade (Alfa = 0,91), causas externas tipificadas pelas contingências do mercado e do país, isto é, pelo acaso, (Alfa = 0,80) e causas internas caracterizadas pelo esforço (Alfa = 0,82). A análise da variância 2X2, com o resultado do desempenho (sucesso ou fracasso) e o sexo (masculino ou feminino) entendo como variáveis independentes e cada uma das três dimensões do questionário de atribuição causal entendo como variáveis dependentes, revelou que: (1) o sucesso foi atribuído principalmente a causas internas, relacionadas tanto à competência quanto ao esforço, porém na explicação do fracasso as pessoas recorreram prioritariamente a causas externas, o que se encontra consistente com a tendência que vem sendo observada na literatura da área; (2) as mulheres, em comparação aos homens, tenderam a fazer uso significativamente maior do esforço como causa do comportamento empreendedor; (3) nenhuma das interações entre sexo e desempenho foi significativa. Tais resultados são discutidos à luz dos postulados da teoria de Weiner e dos processos de socialização vivenciados por homens e mulheres, os quais contribuem para a aquisição dos esquemas cognitivos de "sucesso" e "competência".

Palavras-chave: Gênero; Empreendedorismo; Atribuição causal

SC 1.7 A MULHER COMO GERENTE NO SETOR PÚBLICO: POTENCIALIDADES E OBSTÁCULOS. *Tânia Maria Fonseca Mendes (ENAP: Escola Nacional de Administração Pública - Brasília, DF/ Laboratório de Psicologia Social e Organizacional - Universidade de Brasília, DF)*

Um diagnóstico da situação da mulher na Administração Pública demonstra que elas fazem parte de 44,18% do contigente de servidores. No entanto quanto à sua participação em cargos em comissão, observa-se que o número de mulheres em postos de gestão é inversamente proporcional ao nível decisório associado a estes postos. Isto significa que, quanto mais alto o nível da comissão, menor a participação feminina. As mulheres brasileiras ocupam apenas 39,02% dos cargos em comissão, sendo 43% nos DAS-6, 36% nos DAS-5 e 29% nos DAS-4. Essa restrita participação aos cargos de direção e gerência não é característica exclusiva da Administração Pública brasileira, cuja cultura é resistente em aceitar a mulher como participante efetiva, decidindo e administrando. Estados anglo-saxões portam uma característica semelhante. Na Grã-bretanha, por exemplo, as mulheres perfazem 46,7% dos servidores do Civil Service, mas deste montante, 35% situam-se no nível executivo básico, 15% no intermediário e apenas 9% no superior (Senior Open Structure). Os índices para o nível executivos superior nos Estados Unidos da América, na Austrália e no Canadá são 16,5% para os dois primeiros e 18% para o último. Cumpre observar que é na Administração Pública o locus onde as mulheres disputam mais igualitariamente as chances a um posto de trabalho, uma vez que o Estado provê serviços tradicionalmente feitos por mulheres no âmbito familiar, como previdência e assistência social, serviços médicos e paramédicos e de educação. A crescente deterioração dos salários dos servidores torna-os menos atrativos aos homens possibilitando ocupação das vagas pelo contingente feminino evidenciando que a realidade salarial feminina é inferior à masculina. Outro fator importante nesse quadro é a atitude menos discriminatória do Estado nas contratações, já que o ingresso ocorre mediante concurso de provas e títulos. Constatou-se que as mulheres apresentam escolaridade mais elevada que os homens, porém não se sentem preparadas para assumir cargos de chefia. Considerando esses dados foi realizada uma pesquisa através de questionário com 104 mulheres atuantes no serviço público em diversos postos de atuação, levantando os principais obstáculos enfrentados pelas mulheres para exercer cargos gerenciais e as possibilidades de superá-los. Os resultados apontam como obstáculos a discriminação por causa do gênero feminino (sexismo), fatores familiares, influência de fatores políticos e comportamento de ascendência e indiferença para com as ações empreendidas por mulheres gerentes. No âmbito das possibilidades de mudança, evidencia-se a necessidade de aumento da capacitação gerencial das mulheres.

Palavras-chave: Gênero; Liderança feminina; Governo público

SC 02/Psicologia Escolar e Educação
PSICOLOGIA, EDUCAÇÃO E SOCIOCULTURA

SC 2.1 MEMÓRIA, IDENTIDADE E LETRAMENTO EM "ESCOLAS" DO CAMPO: UMA ABORDAGEM NARRATIVA. *Silvana Barbato (Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília - Brasília-DF)*

O objetivo deste trabalho é relatar estudos sobre histórias de vida e identidade desenvolvidos a partir de atividades de intervenção na formação de alfabetizadores de jovens e adultos em cinco assentamentos e uma área quilombola do DF e Entorno. Partimos dos seguintes pressupostos: a) o processo de letramento ocorre de forma diferenciada quando a equipe formadora e alfabetizadores conhecem as práticas de cultura da população atendida; b) nesse processo, além de se buscar a ampliação de conhecimento e do universo vocabular, são produzidas oportunidades para as comunidades discutirem questões de seu cotidiano; c) cultura e identidade são definidas pela história de ocupação de um determinado espaço por um grupo que já possuía

tradições que comumente se estabelecem conjuntamente, d) a exclusão é limitada na história dos grupos e indivíduos e aos processos migratórios a que estão submetidos os brasileiros de regiões mais empobrecidas seja no campo seja na cidade; e) a cultura se transforma pelos movimentos históricos de contato e separação entre grupos, famílias e indivíduos. As pesquisas que foram e estão sendo desenvolvidas nos vilarejos dos anos 90 têm por objetivo investigar, a partir da perspectiva dialógica, os processos identitários e sua relação com história e cultura. São utilizados entrevistas abertas e semi-estruturadas de história de vida. Privilegia-se as entrevistas individuais ou em grupo de líderes, moradores mais antigos, alfabetizadores e alfabetizandos, porém, na comunidade Kalunga, por sua especificidade histórica, faz-se um recorte transgeracional: as crianças fazem oficinas de contar histórias. São utilizados gravadores, máquinas fotográficas, materiais para desenho, textos elaborados individual ou coletivamente. Os resultados indicam que os movimentos migratórios envolvem perdas materiais (terra, roça, animais e casas) e culturais (expulsão do local de origem por ato de violência); perdas essas que devem ser transformadas pela criação de uma nova convenção num espaço geográfico diferente e pela confluência de vários grupos com histórias e práticas culturais diferenciadas. O que há em comum é a caracterização geográfica da terra, da região que o grupo ocupa ou é autorizado a ocupar e o entendimento que é construído sobre a primeira dessa nova organização e do futuro. Para que as pessoas possam conviver saudavelmente, e, portanto, aos que não haja dissolução parcial ou total do novo grupo, deve-se poder desenvolver atividades de trabalho e de lazer que sejam aceitas pela convenção. Em todas as comunidades os significados que são relevantes tanto para as práticas culturais quanto para a sobrevivência pessoal e de grupo se manifestam na vida das várias gerações que a compõem. Identidade e práticas religiosas constituem um sistema de conhecimento que ajudam os letrados a organizar as explicações sobre o mundo físico e as relações sociais, históricas e culturais. As explicações para ocultação são marcadas por silêncios e ambigüidades definidos pela relação entre movimentos de sentir-se ou tornar o outro invisível e as explicações plausíveis sobre a realidade vividas.

Palavras-chave: Desenvolvimento adulto; Letramento; Exclusão

SC 2.2 Linguagem Egocêntrica Em Crianças Surdas E Ouvintes. *Celso Azuley Kilnar (Departamento de Estudos Específicos em Educação. Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ)*

Um estudo de caráter descritivo investiga processos de pensamento e linguagem em crianças na faixa etária entre 2 e 5 anos, com desenvolvimento normal, e em crianças surdas congênitas profundas, que não adquiriram aprendizado sistemático de língua, seja de modalidade oral-auditiva ou gestual-visual. Em particular se faz o estudo da fala egocêntrica e se investiga se este fenômeno está presente na criança surda e como se manifesta. A hipótese se apóia em estudos experimentais que revelam, na criança surda, a presença de pensamento simbólico, mesmo na ausência de língua. Ela representa a realidade de distintas maneiras, utilizando-se de outros sistemas sígnicos, indicativos de linguagem, sem o componente lingüístico. A observação do comportamento infantil foi feita em atividade lúdica, em sessões individuais gravadas em vídeo. Inicialmente foi feito um estudo preliminar com duas crianças ouvintes, para ajuste de procedimentos: seleção de brinquedos e escolha de ângulo de filmagem; posteriormente, realizou-se um pré-teste com quatro crianças surdas profundas congênitas, para verificar se a hipótese se justificava. Finalmente, realizou-se a pesquisa no semestre seguinte, com dez crianças surdas. Para efeitos de comparação, aplicamos o mesmo instrumento em quatro crianças ouvintes, todas variando entre 2 anos e 7 meses e 5 anos de idade. A partir da pesquisa, criou-se uma classificação dos indicadores de manifestações, consideradas pela pesquisadora como linguagem egocêntrica, mecanismo revelador de presença e externalização de atividade mental, através do uso de signos extralingüísticos. Estes indicadores foram denominados: tempo de ação, articulação silenciosa dos lábios, interjeições, murmúrios, mímica oro-facial, expressão corporal. Constatamos que, além da fala egocêntrica claramente definida, crianças ouvintes utilizam-se de manifestações de linguagem egocêntrica análogas às usadas pelas crianças surdas para comunicarem-se consigo mesmas, indicando a ocorrência de representação sígnica sem componente lingüístico tanto nas crianças surdas quanto nas ouvintes. A fala egocêntrica propriamente dita foi encontrada, por razões óbvias, apenas em crianças ouvintes. Seu correspondente na criança surda foi denominado de vocalização. Um gráfico comparativo mostra a freqüência de linguagem egocêntrica nos dois grupos. A incidência de "expressão corporal", por exemplo, foi bem maior no grupo de crianças surdas, como era esperado. Já a categoria "articulação silenciosa dos lábios", surpreendentemente revelou-se mais elevada em crianças ouvintes. Ao final, analisamos as incidências de cada uma das categorias nos dois grupos, as implicações pedagógicas dos resultados e delineamos algumas recomendações que propõem a alteração do comportamento do professor no espaço pré-escolar. Ressaltamos a importância da vivência desta fase no processo de desenvolvimento cognitivo. A ocorrência de representação sígnica sem componente lingüístico, tanto nas crianças surdas, quanto nas ouvintes revela a presença de pensamento simbólico e a necessidade de manifestá-lo de outras formas além da palavra falada.

Doutoranda do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília e bolsista do CNPq

Palavras-chave: Educação, Pensamento simbólico, Pré-escolar

SC 2.3 A Vez Da Psicologia Escolar E O Espaço Da Interdisciplinaridade Na Teoria E Prática De Filosofia Com Crianças. *Lúcia Helena Cavasin Zabotto Pulino (Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento. Instituto de Psicologia. Universidade de Brasília, DF)*

A educação tem sido, cada vez mais, considerada como um assunto da Pedagogia exclusivamente, e se tem aberto espaço para a participação da Psicologia e das didáticas de disciplinas específicas na formação de professores, desde o ensino infantil até o ensino médio. A Psicologia, voltada para o âmbito da educação, tem refletido sobre o ensino das várias disciplinas escolares, como a Matemática, a Química, a Biologia, a Física. A proposta de introdução de Filosofia na educação infantil e fundamental tem sido uma iniciativa de professores que, inspirados pelo filósofo americano Matthew Lipman, seguem seus manuais e participam de seus cursos de formação, no mundo todo. O Projeto de Extensão "Filosofia na Escola", em execução desde 1998, é um trabalho interdisciplinar, desenvolvido pelo Departamento de Teorias e Fundamentos, da Faculdade de Educação, o Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento, do Instituto de Psicologia, e o Departamento de Filosofia, da Universidade de Brasília, e tem se colocado como uma alternativa crítica à proposta original americana, formando professores e atuando nas escolas públicas do Brasília. Sua originalidade reside no fato de não importar o modelo americano, utilizando, nas aulas de filosofia, textos de literatura infantil, teatro, artes plásticas, música, temas do cotidiano, e não manuais. Professores da UnB, das três áreas e mediadores, alunos das três áreas, e professores das escolas públicas do DF, envolvem-se em atividades de formação - cursos e planejamento, acompanhamento e avaliação das aulas, participam de Congressos, grupos de estudo, elaboração de livros e artigos. A Psicologia, enquanto uma das disciplinas que subsidiam e orientam o Projeto, promove a reflexão sobre os aspectos do desenvolvimento psicológico, da relação professor-aluno, questões de motivação e sobre a concepção de criança que teoricamente se assume e a que efetivamente se explicita na relação dos professores com as crianças. As teorias de Piaget, Vygotsky, Wallon e Freud são referências para se pensar o momento de desenvolvimento das crianças, a formação da comunidade de investigação filosófica enquanto grupo cooperativo, os processos de mediação e a importância de se lidar com as emoções implícitas nas relações das crianças entre si, com o professor, e com o texto filosófico. A Psicologia, dialogando com a Pedagogia e a Filosofia, constrói um quadro compreensivo do desenvolvimento do grupo, da construção do filosofar e da vivência subjetiva do aluno no contato com a Filosofia. A Psicologia, no contexto interdisciplinar, entrando em contato com a problematização, pela Pedagogia, do espaço escolar e das relações de poder aí existentes, e com a reconstrução que a Filosofia propõe de si mesma nesta prática dialógica, promove uma reflexão crítica de seus próprios pressupostos. A Psicologia, então, elege a si mesma como texto filosófico a ser pensado.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade, Filosofia para crianças; Psicologia escolar

---

SC 2.4 A Internet Como Contexto De Interações Discursivas E Construção De Conhecimentos. *Márcia Cláudia Santos Lopes de Oliveira (Universidade Federal Fluminense/Universidade de Brasília, Brasília, DF)*

A última década do último século caracterizou-se pela ampla disseminação da Informática, bem como pelo desenvolvimento da Informática e telemática educativas, propiciando novas alternativas educacionais, na modalidade presencial e à distância. Como efeito, tornou-se necessário analisar as interfaces entre esses processos e os novos paradigmas para a construção de conhecimentos, dentro e fora da escola, na contemporaneidade. No contexto das novas tecnologias, ganha força a crítica ao modelo representacional, que cede lugar a perspectivas comunicacionais, dialógicas, na compreensão dos processos de interação e construção de conhecimentos. O presente trabalho tem por objetivos observar e acompanhar os desdobramentos de uma lista de discussão de caráter educacional, integrada por crianças e adolescentes em idade escolar até 16 anos, focando a análise sobre os processos de interação discursiva, em jogo, especialmente, os processos complementares de colaboração e argumentação. Objetivou ainda dimensionar o impacto das novas tecnologias no cotidiano dos adolescentes urbanos contemporâneos. A lista de discussão Kidcast Jovens é uma das atividades de um projeto educacional intercultural, totalmente virtual e que visa implementar o uso da Internet em situações de valor educacional, contribuindo com o desenvolvimento do modelo de escola aberta, por meio da Internet. Observou-se a lista de discussão, durante 10 meses, tendo-se coletado cerca de 900 mensagens eletrônicas, trocadas entre os participantes. Após a pré-análise, as mensagens entendidas por um eixo temático comum foram organizadas em episódios. Ao todo, foram gerados 49 episódios, cujas análises incidiram sobre o conteúdo e sobre as estratégias discursivas presentes. Tomando por base elementos das perspectivas de L. Vygotsky, M. Bakhtin e J. Habermas e seus interlocutores teóricos contemporâneos, buscou-se compreender as relações entre interação comunicativa e construção de conhecimentos, procedendo-se à análise dos processos dialógicos associados às situações de interação presentes na lista e relevantes do ponto-de-vista educacional. As análises evidenciaram que as trocas de mensagens na lista foram marcadas pela produção de oportunidades para o debate, a cooperação e a argumentação. Da mesma forma, muitas questões apresentadas à lista foram convertidas em situações-problema e motivaram a coordenação de esforços na busca de solução. Entretanto, a participação inibida e inconstante dos educadores voluntários nos debates em andamento contribuiu para que, em diversos episódios, os debates e a negociação de soluções não avançassem continuidade no tempo ou

terminassem de forma pouco conclusiva. Concluindo, o trabalho representa uma contribuição, na interface da Psicologia e da Educação, às reflexões sobre os processos e contextos de produção e circulação de conhecimentos na contemporaneidade, especialmente aqueles apoiados na mídia Internet, de forma a alimentar o debate mais amplo sobre os usos das tecnologias no contexto educacional. Contribuiu ainda para a compreensão do potencial educacional das novas tecnologias, especialmente nas últimas séries do ensino fundamental e no ensino médio.

Palavras-chave: Subjetividade; Novas tecnologias; Construção de conhecimentos

***

SC 2.5 A Interação Professor-Professor e a Co-Construção do Projeto Político-Pedagógico da Escola. *Mirian Rajaos Tavares** & Diva Albuquerque Maciel (Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, DF)*

A percepção de dificuldades cada vez mais crescentes nas interações entre professores, principalmente entre aqueles de áreas de conhecimento diferentes ou com concepções teórico-filosóficas diferentes, é uma constante no interior dos contextos educacionais. Por outro lado, nas equipes escolares onde se percebe um bom nível interativo entre seus membros, encontramos avanços significativos no que se refere ao desenvolvimento tanto dos trabalhos individuais quanto coletivos. Bom nível interativo é aqui definido como aquele em que está presente um conjunto de atitudes, sentimentos, desejos, opiniões ou direitos, apresentados por um indivíduo num contexto interpessoal de modo que se respeite o mesmo conjunto no outro. Arquitetado nos pressupostos teóricos da abordagem sociocultural construtivista do desenvolvimento humano, este trabalho foi desenvolvido com o objetivo de identificar, descrever e analisar a proposta pedagógica de uma escola pública de formação de professores situada no Distrito Federal, bem como os processos co-construtivos de elaboração, planejamento, execução e avaliação dos projetos vividos no interior da mesma. Interessou-nos, especificamente, investigar os processos interativos que estão presentes nessa situação de grupo e que são fundamentais para que o mesmo alcance os objetivos apresentados na proposta político-pedagógica e nos projetos individuais e coletivos construídos internamente. Para isso, utilizamos, principalmente, os estudos oferecidos por Valsiner (1994a, 1997), Branco (1989, 1992; 1993), Rey (1997; 1999), Davis (1989) e Sorallo e Ramos (1999). Através de um procedimento de observação participante em uma das Escolas de Formação de Professores da Rede Pública do Distrito Federal a primeira autora do presente texto acompanhou, durante os três primeiros meses letivos do ano de 2000, as atividades que envolviam diretamente os projetos coletivos que foram realizados na instituição, registrando-as na forma de anotações de campo. Durante esse período também foram observadas e gravadas em áudio as reuniões pedagógicas de núcleos disciplinares semanais, que ocorrem no interior da instituição, além de serem feitas entrevistas semi-estruturadas com alguns dos professores integrados a cada núcleo disciplinar bem como com a equipe de direção. No presente estudo, estaremos apresentando de que forma as relações de confiança, a interdependência indivíduo-grupo, a liderança e a especificidade do pedagogo são cruciais para alcançar os objetivos comuns estabelecidos no interior de uma escola. Acreditamos que questões como essas poderão servir como referência nos processos de formação inicial ou continuada de professores de forma que os diferentes grupos possam co-construir bons níveis de interação, facilitando o alcance dos objetivos coletivamente estabelecidos.

Palavras-chave: Interação professor-professor; Co-construção; Relações de confiança

***

SC 2.6 Comunicação e Metacomunicação nas Interações Professora-Alunos: Crenças, Valores e Motivação Social. *Samyra Jesus Salomão & Angela Uchôa Branco (Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, DF)*

A sala de aula é um espaço privilegiado para o estudo do desenvolvimento possibilitando a análise dos processos de ensino-aprendizagem, contextualizados em atividades estruturadas, aos quais se encontram associados, sob a forma de um currículo oculto, todo um sistema de crenças e valores que vai sendo co-construído entre professores e alunos. Através da comunicação e da metacomunicação, professor e alunos indicam o contexto para interpretação de conteúdos, atribuindo sentido às suas falas e ações. Estudos apontam para a importância de analisar elementos do currículo oculto presentes em sala de aula e sua influência sobre a canalização de padrões de interação e motivação social culturalmente construídos, buscando-se caminhos para a co-construção de valores sobre as relações entre o "eu" e o "outro" e as relações entre os seres humanos em geral. Através da microanálise dos episódios de interação entre uma professora e seus 26 alunos da primeira série, teve-se por objetivo identificar e analisar a expressão comunicativa e metacomunicativa das crenças e valores relacionados às variadas modalidades de interação social, como a cooperação, competição e individualismo. Além das observações gravadas em vídeo na sala de aula, realizou-se uma entrevista com a professora, visando investigar suas crenças e valores relativos à educação e à sua atuação junto às crianças. Seis sessões de observação em sala de aula foram gravadas em vídeo (x minutos) e analisadas segundo o método microgenético, objetivando descrever e interpretar as interações em termos das estratégias comunicativas e metacomunicativas, e de orientações para crença e valores. Nossa análise mostrou a predominância de ações e verbalizações da professora orientadas para a manutenção da ordem e da disciplina. Prevalece a expressão de crenças e valores individualistas, com ênfase no desempenho, respeito às regras e autoridade, com prejuízo do incentivo à cooperação professora-aluno ou aluno-aluno, do respeito às iniciativas do aluno, de negociações de regras e da discussão crítica nos processos de construção do conhecimento. Observou-se a incoerência entre a fala da professora em sala e suas ações junto à turma, bem como contradições entre sua prática e o discurso apresentado na entrevista. A análise apontou para uma dinâmica de interações fundamentada quase que exclusivamente nos planejamentos e desejos da professora, o que estabelecia entre ela e os alunos um padrão de controle e dependência, associado a muito pouca flexibilidade. Detectou-se a presença constante da comunicação ambígua, ou do duplo-vínculo, a qual é caracterizada por mensagens contraditórias simultâneas que dificultam a própria compreensão das regras, deixando claro, porém, que o que importa é a obediência, em um contexto de relações verticais marcadas pelo autoritarismo nas relações. Os resultados indicam um conjunto de valores relacionados a padrões de interação e motivação social individualistas, sem quase nenhuma ênfase na cooperação, seja entre professor e alunos, seja entre os próprios alunos. A necessidade de desvendar-se cada vez mais o currículo oculto das escolas fica evidenciada, pois estas parecem estar favorecendo e reforçando ainda mais padrões comportamentais e valores sociais não democráticos e não solidários em seus estudantes.

Palavras-chave: Comunicação e metacomunicação; Crenças e valores; Canalização cultural

***

SC 2.7 Os Processos de Construção de Significados no Contexto das Situações de Ensino-Aprendizagem. *Maria Carmen Tacca (Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, DF) & Angela Uchôa Branco (Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, DF)*

O estudo objetivou analisar os processos de construção de significados em situações de ensino-aprendizagem, de duas professoras de segunda série do ensino fundamental e um grupo restrito de seus respectivos alunos, pertencentes à Rede Pública de Ensino do Distrito Federal. Procuramos conhecer essas professoras acompanhando o desenvolvimento de atividades estruturadas relativas à aprendizagem da leitura e escrita, que se realizaram em três sessões de uma hora, em três dias consecutivos. Objetivou-se aí identificar e analisar as interações professora-alunos que se davam no contexto em que a professora buscava alcançar determinados objetivos. As atividades foram gravadas em vídeo e episódios significativos foram selecionados e transcritos. Procedeu-se, então, à transcrição dos episódios e à análise microgenética, procurando-se investigar as características dos processos relacionais, mais especificamente, os aspectos comunicativos e metacomunicativos presentes nas interações professora-alunos. Foram também realizadas entrevistas semi-estruturadas com as professoras. Verificou-se que, entre as duas professoras, configuravam-se similaridades importantes; no entanto, constatou-se também que a partir do momento em que elas se colocavam à frente de seus alunos e eram abertos os canais de comunicação, começavam a emergir diferenças significativas entre elas. Das análises e observações, ficou evidenciado que a Professora A. muito frequentemente, emitia mensagens explícitas e implícitas (verbais e não-verbais), em relação à falta de confiança na capacidade das crianças para realizar as atividades, ou mesmo nas suas possibilidades de compreender aquilo que era explicado, o que levou a uma falta de interesse e de participação efetiva das crianças nas atividades escolares. Esses processos comunicativos e metacomunicativos faziam com que o clima interacional fosse, na maior parte das vezes, tenso e inibidor, percebendo-se uma desconfiança recíproca que impedia que os processos de significação da aprendizagem estivessem mais direcionados para o objeto de conhecimento. Por outro lado, a Professora B apresentava um estilo de interação com seus alunos bastante diferente, onde as relações eram co-construídas em bases mais positivas, havendo cuidado com as expressões verbais e não-verbais por ela dirigidas às crianças. A professora B considerava que elas estavam em um processo de construção da aprendizagem, e deviam ser incentivadas a vencer eventuais obstáculos. Havia no contexto da sala de aula um clima de valorização da criança, do seu trabalho, assim como do seu saber. As falas e as atuações de cada professora correspondiam àquilo que cada uma apresentava como crença e valor, o que parecia direcionar todo o processo interativo delas com seus respectivos alunos, fazendo com que ambas possibilitassem processos de significação diferenciados em relação às experiências escolares, ao saber e ao conhecimento. Conclui-se que a forma como o professor se dispõe a considerar o seu grupo de alunos, com eles interagir, explicar o porquê da organização dos trabalhos, como ele propõe reflexões sobre diferentes temas, e incorpora os interesses e experiências anteriores dos alunos, diferencia a atmosfera comunicativa e o clima social da sala de aula, com nítidos efeitos sobre a motivação e participação efetiva das crianças.

Palavras-chave: Co-construção; Conhecimento; Interação professor-aluno

***

SC 2.8 Educação Inclusiva: A Busca dos Muitos Sentidos. *Denise Maria Soares de Carvalho Camara Nunes de Cárdenas; Cristina Madeira (Laboratório de Psicogênese, Universidade Católica de Brasília, Brasília, DF)*

O presente estudo analisa o processo de inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais portadores de deficiência mental e física em vinte e uma escolas públicas inclusivas de Brasília. Focaliza os professores especializados das salas de apoio que atuam nos estabelecimentos de ensino atendendo a esses alunos, com o objetivo de investigar: sua experiência na área; concepção

da inclusão, de normalidade e deficiência, bem como características consideradas importantes para sua atividade enquanto professores especializados. As escolas inclusivas dão acesso à matrícula de alunos com deficiência, mobilizando recursos e flexibilizando currículo, de modo a oferecer-lhes condições favoráveis ao processo de aprendizagem, segundo suas habilidades, competências e necessidades especiais. A inclusão escolar representa desafiadora expectativa na educação de alunos com deficiência, pela falta de qualificação de professores, insucesso de iniciativas precedentes de integração escolar, necessidade de apoio especializado ao aluno, despreparo das escolas, resistência da comunidade escolar e outros. O estudo foi realizado durante encontros de consultoria com os vinte e um professores dos três de apoio, na Universidade Católica. Os encontros integram o conjunto de atividades desenvolvidas entre Universidade Católica de Brasília em parceria com a Diretoria de Ensino Especial da Secretaria de Educação do DF. Foi aplicado um questionário aberto, constituído de sete itens, aos professores e distribuída uma folha de papel em branco, para que expressassem, por meio de desenhos, sua concepção de inclusão. Os questionários foram distribuídos durante as atividades de consultoria, recomendando-se sua devolução no próximo encontro. Foram analisados dez questionários devolvidos, com os discursos gravados, utilizando-se o cálculo da moda e análise qualitativa dos dados. Todos os professores relatam experiências anteriores com portadores de deficiência. As palavras que mais se associam à idéia de deficiência são afetividade, dependência, incapacidade, preconceito, rejeição, patologia e privação cultural. Capacidades e dificuldades são percebidas ao nível especial, predominando concepções desfavoráveis. Os professores relacionam mais frequentemente às seguintes palavras à noção de normalidade: competência, capacidade, participação, socialização, autonomia, independência e comunicação. As características profissionais consideradas mais necessárias no trabalho com portadores de deficiências são afetividade, valores éticos e competência profissional, com ênfase no conhecimento técnico. Os professores expressam nos desenhos a inclusão como processo ativo, dinâmico e participativo, onde o prazer e o lúdico estão presentes. Dividem com o aluno as expectativas de realização impostas pelo meio social. A normalidade reveste-se de elevada valorização. A competência do professor especializado, sua motivação e responsabilidade são destacadas como características principais do perfil do docente adequado a esse trabalho. A dedicação, que também supõe necessidade, situa-se para o professor que ele e o seu aluno, têm muito a superar. A escola, desse modo, é percebida como uma instituição que muito exige, tanto dos educandos com deficiência quanto de seus docentes.

Palavras-chave: Educação, Inclusão, Deficiência.

SC 03/Psicologia Organizacional e do Trabalho

CONFLITOS DE PODER CONSULTORIA PSICOSSOCIOLÓGICA AS ORGANIZAÇÕES

SC 3.1 Conflito De Poder E Legitimidade Do Pacto De Convivência Organizacional. *Wilson Moura (Instituto de Psicologia - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ)*

O processo de informatização e automação crescente, ao lado da adoção de modernidades, no mínimo duvidosas, do tipo : reengenharia, downsizing, terceirização, têm provocado um impacto desconcertante nas organizações sociais de produção, especialmente nos papéis inscritos na estrutura de poder formal – ou do nível de chefia. Os inúmeros conflitos observados envolvendo as diversas instâncias de poder parecem revelar a existência de uma crise, se não desestabilizadora, pelo menos deflagrada pelas atuais práticas de gestão. Várias são as explicações formuladas : resistência à mudança, ranço conservador das chefias, ou mesmo, um indecidir de que chefe é um papel em extinção. Acontece que a sustentação da autoridade burocrática repousa na confiança recíproca entre dirigentes e subordinados. O *pacto* que garantia a estabilidade e a lealdade, em troca da submissão ao ordenamento hierárquico, encontra-se fragilizado. Daí os desgastes, a rejeição e as dificuldades para se encontrar, em muitos casos, quem se disponha a exercer papéis de controle. Essas ações, no modelo pesquisa-ação, surgiram de uma demanda de treinamento para cinqüenta e um (51) gerentes de diferentes escalões hierárquicos, de uma organização governamental, considerados "despreparados" e "pouco firmes" no desempenho de seus respectivos papéis. O eixo condutor foi o levantamento e análise das representações sociais das "dificuldades" e do que significa "ser chefe". As informações foram colhidas através a)entrevista de profundidade com seis(6) chefes, escolhidos pelo critério de tempo no cargo ; b) questionário sobre "as vivências de chefia", respondidos anonimamente; c) levantamento das opiniões sobre o significado e as experiências como chefe, tanto as individuais, por escrito, como os principais consensos, obtidos através de discussões em grupo. d) dramatização semi-estruturada versando sobre o papel das chefias nos processo de decisão coletiva. Entre os resultados destacam-se os seguintes dados: 80% acham que ser chefe "é muito importante", 90% "sentem-se bem como chefia", enquanto, 90 % "não gostariam de ser chefe"; quanto ao objetivo do papel de chefia: 57% acham que "chefiar é comandar", já 20% "fazer a integração" , e 15%, "chefe não existe"; quanto as maiores dificuldades enfrentadas : 38% afirmam ser a "propensão dos subordinados", 33% "as injustiças dos subordinados" e, finalizando, uma percepção de que a chefia para ser eficaz é preciso : " stress", "destruir social", mas que, cada dia se sentem com menos "poder de punição", menos "poder de controle". Uma rápida avaliação pode concluir a julgamentos apressados, tais como : falta de autocrítica, ideologia da classe dirigente, incompetência. Entretanto, um olhar para o campo de forças atuante, talvez permita uma melhor compreensão. Ambos, gerentes e subordinados, manifestam insatisfação, muito mais do que as "competências técnicas", o que parece contaminar o *inter* coletivo são as desconfianças recíprocas. Todos parecem que se sentem, simultaneamente, vítimas e traídos. A razão, de fato subjacente, é que foi corrompido o pacto que regula as expectativas mútuas.

Palavras-chave: Conflitos de poder, Consultoria psicossociológica; Representações sociais

---

SC 3.2 Estudante E Poder-Reivindicação E Ética Em Universidade. *Marcos Jardim Freire (Instituto de Psicologia- Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ)*

Esta pesquisa integra conjunto de ações do IP/UFRJ, em anos recentes, sobre exercício do poder pelo aluno. O poder em universidades é questionado pelos alunos em diversos aspectos. Envolve participação em colegiados de vários níveis sendo objeto de intensa discussão por ocasião de eleição. É exercido direta ou indiretamente, via ponderação ou voto universal, segundo as várias práticas democráticas vigentes nas universidades. A democracia é a liberdade para a ação assim como, e principalmente, respeito aos limites, observando-se o cumprimento das regras previamente acordadas. Participar é conhecer as regras da representatividade e transparência e sua aplicação em processos decisórios. Assim se pode, construtivamente, responder ao maior desafio da contemporaneidade: manter uma organização social sustentável e eficiente. O conhecimento associado às ações possibilita melhor participação, importante maior para a elite dirigente em uma sociedade como a brasileira, profundamente desigual. Os pressupostos do desenvolvimento de competências individuais e grupais e do exercício do poder, à semelhança de outros tipos de organização social, foram introduzidos na Semana de Ambientação de Novos Alunos – SANA. Através de palestras, dinâmicas de grupo, de confraternização esportiva e social, assim como a colaboração de alunos veteranos e representantes do Centro Acadêmico. No desenvolvimento da disciplina Psicologia Organizacional, os alunos têm oportunidade de explicitar queixas e decepções com relação ao IP. Como proposta de uma das turmas foi empreendida a elaboração de um manual eletrônico do estudante, propiciando maior envolvimento dos alunos. Com recursos da Fundação Universitária José Bonifácio, e com quatro bolsistas, foi elaborado em 1998 um endereço com base nas pesquisas internas do IP, unidades da UFRJ, outros cursos de Psicologia do RJ, internet e estruturas de apoio- agências de fomento, bibliotecas, centrais de estágio etc. Em março de 1999, foi constituída comissão composta por dois alunos, dois professores e dois funcionários administrativos para analisar dados durante a assimilação e institucionalização do produto e, via estudagem permanente, modelar para seu público-alvo. Em março de 2001, na disciplina Psicologia do Trabalho, foi aplicado a 60 alunos questionário com itens fechados e abertos para conhecer perfil do aluno, experiências de trabalho- andamento estágio e pesquisa; domínio de aplicativos e acesso a computador; vivências em situações agradáveis e desagradáveis na relação com o IP. Os dados pesquisados foram objeto de exercício em sala. Análise preliminar aponta que, apesar da valorização da SANA, do conhecimento do endereço eletrônico e dos exercícios em sala com os temas poder, mudança, envolvimento e ações para transformação, o aluno não demonstra características de comportamento de risco ("risk taking"), proatividade e trabalho em grupo, entre outras características citadas em literatura e identificadas pelo mercado de trabalho. Na prática é o esvaziamento do poder reivindicado em discurso, além de ações que perdem força com o tempo. Não há a consciência do objetivo, do foco, de trabalho continuado, como legado social ou como experiência individual ou grupal. Será inconsciência para o exercício profissional que tem a dinâmica da mudança como pressuposto?

Palavras-chave: Poder e estrutura universitária, Poder e aprendizagem; Poder e desenvolvimento de competências

---

SC 3.3 Legitimidade Política X Legitimidade Psicossocial: Uma Contradição Ou Um Desafio. *André Luiz Freire (Centro Federal de Educação Tecnológica do Estado de Santa Catarina – Florianópolis – SC) e Wilson Moura (Instituto de Psicologia - Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Rio de Janeiro – RJ)*

Esta pesquisa teve como propósito desenvolver uma análise psicossociológica das dificuldades enfrentadas por um grupo dirigente, dentro com a proposta de desenvolver um modelo de gestão participativa democrática no Conselho Federal de Educação Tecnológica do Estado de Santa Catarina. Foram observadas resistências que, se analisadas sob a ótica da ciência política, conduzem inevitavelmente ao clássico antagonismo – exercício do poder x oposição. Entretanto, o trabalho realizado buscou identificar a influência de outras variáveis subjacentes aos conflitos na esfera do poder: os interesses gerais e interesses particulares. Nesse sentido, buscou-se estabelecer uma análise hobbesiana dos pares de interesses atuantes no campo de forças a permitir um levantamento dos interesses ocultos, subjacentes as reivindicações e críticas com relação ao desempenho das lideranças. Primeiramente, através da técnica de observação participante, foi identificado a existência de grupos antagônicos, sua constituição e suas lideranças. Em seguida, realizou-se entrevistas de profundidade com o líder e um membro de cada grupo, levantados na etapa anterior, num total de 6 pessoas, verificando as concepções de gestão e as avaliações sobre as práticas administrativas de cada grupo. Por último, foram

analisados diversos documentos propostos pelos grupos, de forma a identificar as contradições entre as propostas e as ações. Os resultados apresentaram a existência de três grupos, assim denominados: direção, sindicato e ex-direção. Outro aspecto relevante foi a divergência de opiniões sobre o conceito de boa gestão: o grupo direção valorizava o grau de participação, enquanto o grupo ex- direção o grau de competência técnica, já o grupo sindicato, mesmo discordando de ambos, buscava uma certa neutralidade de forma a evitar conflitos com possíveis aliados. Ficou ainda bastante evidenciado os conflitos internos de cada grupo tendo em vista a incapacidade de obterem consenso sobre questões fundamentais, como: qual postura tomar em relação às decisões do MEC, qual o perfil para o preenchimento dos cargos, como eleger os representantes dos diversos segmentos da escola. Tais fenômenos ainda demonstraram o grau de desintegração reinante em cada grupo que se escondiam numa fachada de homogeneidade. A impressão que se teve é que o grupo direção não conseguiu romper com os princípios básicos da burocracia e que estava convicto que através da força da legalidade do voto obteria sua legitimação e o comprometimento de todos para o processo de mudança na administração tornando-se uma gestão participativa. Entretanto, esqueceram-se que as mudanças chocam-se com os interesses das pessoas, o que impõe todo um processo de explicitação, negociação e pactuação de interesses. Conclui-se deste modo que faltou uma legitimidade conquistada no campo, diferente da legitimidade conquistada no voto, para que o grupo direção pudesse implementar a proposta da gestão participativa.

Palavras-chave: Pacto de interesses; Gestão participativa; Conflitos de interesses

SC 3.4 Desenvolvimento De Equipe: Uma Estratégia Fundamentada No Processo De Aprimoramento Da Competência Comunicativa. *Heloísa Helena Ferraz Ayres** e Wilson Moura (Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ)*

As organizações vivem atualmente uma necessidade de enfrentar os obstáculos, especialmente causados pelo desenvolvimento tecnológico no campo do poder formal. Por isso mesmo, a crença na participação e no trabalho em equipe vem se consolidando como um paradigma nas modernas práticas de gestão. O grande desafio contudo é como desenvolver equipes eficazes. O presente trabalho tem como objetivo a estruturação de uma estratégia fundamentada na tese de que uma equipe se constitui através de um processo de negociação capaz de explicitar os interesses gerais e os interesses individuais, de uma forma autêntica e mais livre possível. Do aprimoramento deste processo resulta, então, todo um aprendizado que conduz à competência comunicativa, fundamental na integração do grupo. As maiores dificuldades, contudo repousam na cultura organizacional tendo em vista a intensidade com que se reprime, dentro da organização, os interesses individuais, por julgá-los eticamente inadequados. A partir de uma demanda de desenvolvimento de equipes, num departamento de Recursos Humanos numa Instituição universitária constituída de 45 sujeitos distribuídos em 4 setores, buscou-se levantar as informações necessárias à formulação da estratégia de ação, sendo assim utilizado um questionário aberto, respondido, anonimamente, pelos 45 integrantes do Departamento, visando levantar as percepções que cada um faz dos seus interesses individuais, dos interesses do seu respectivo setor e do Departamento como um todo, em seguida foram realizadas 08 entrevistas de profundidade com a diretora do Departamento, 3 chefes de divisão e 4 coordenadores de projetos sobre os principais problemas e dificuldades enfrentadas por cada setor, bem como a avaliação que fazem de seus respectivos desempenhos. Os resultados demonstraram: 1) uma tendência do grupo a explicitar os interesses gerais sem qualquer referência aos interesses particulares, 2) uma divergência entre os interesses gerais apontados entre os setores, 3) uma incapacidade de cada membro do grupo de vislumbrar a possibilidade de satisfação dos interesses particulares através dos interesses de cada setor; 4) uma incapacidade das chefes de formular com clareza os objetivos, as dificuldades e déficits dos setores, tendendo a buscar explicitar os interesses do Departamento sem contudo perceber articulações do seu setor com o Departamento. Pelos resultados ficou evidenciado que os interesses gerais não são compartilhados e nem tampouco existe um espaço para explicitação dos interesses individuais. Este quadro sugere que a repressão dos interesses provoca uma falta de transparência, gerando bloqueios e desconfiança entre as pessoas, o que compromete o fazer coletivo. Desse modo, as informações levantadas corroboram a necessidade da inserção de uma estratégia de Desenvolvimento de Equipe que vise facilitar o desenvolvimento da competência comunicativa a partir do processo de explicitação, negociação e consenso dos interesses individuais e coletivos.

Palavras-chave: Desenvolvimento de equipe; Negociação; Competência comunicativa

SC 3.5 Descentralização, Poder, Conflito E Interesses: Análise Política Dos Problemas Organizacionais. *Cirlene de Souza Christo** e Wilson Moura (Instituto de Psicologia – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro – RJ)*

A necessidade de aumentar a produtividade e a competitividade tem levado as organizações a buscarem, por meio de estratégias as mais variadas, a descentralização do poder formal através da delegação de autoridade. Entretanto, tal intento se constitui num enorme desafio pois, ao se outorgar poder aos subordinados, geram resistências. Estas resistências sugerem não só o receio dos chefes de perderem o controle e o status, como também uma certa dúvida quanto à competência e adequação das decisões tomadas pelos subordinados. Alguns teóricos procuram explorar as resistências pela ótica da burocracia - a incapacidade das chefias de exercerem o controle eficaz sobre os subordinados. Porém uma outra hipótese pode ser levantada de que as resistências à mudança refletem, acima de tudo, o conflito de interesses subjacentes. Esta pesquisa tem como objetivo analisar as resistências presentes no processo de descentralização implementado por uma organização familiar de ramo privado. É importante assinalar que a situação reinante, antes da implementação do projeto de descentralização, se caracterizava por uma concentração absoluta de poder, especialmente os relacionados aos aspectos financeiros, no escalão dos dirigentes / proprietários. Esta pesquisa foi realizada após um ano da implementação deste processo de descentralização. Inicialmente foi feita uma análise de atas de reuniões de planejamento estratégico. Em seguida, foi aplicada uma escala, respondida anonimamente, visando à verificação do grau de participação, delegação, autonomia e conflito de interesses percebido por cada um dos sujeitos. Estes foram divididos em dois grupos: o grupo A composto de 25 gerentes e o grupo B de 260 subordinados. Os resultados mostram que gerentes e subordinados percebem que há delegação de autoridade na execução das atividades do nível de atuação de cada um, porém não há possibilidade de participação nas decisões relativas aos assuntos financeiros por parte dos não membros da família. Enquanto 80% do escalão gerencial afirma que há clima para discussão dos interesses, apenas 45% dos subordinados concordam, sendo que destes apenas 36% concordam que seus interesses e necessidades pessoais sejam consideradas pela empresa. Deste modo, pode-se inferir que, em que pese a percepção levantada de que existe delegação de autoridade, as dificuldades em relação às decisões na área financeira sugerem a presença de interesses subjacentes nas decisões mais amplas. A falta de transparência, estimulada também pela falta de abertura para discussão dos conflitos de interesses, revela e aumenta as desconfianças mútuas, o que contribui para o desenvolvimento de um clima de ameaça e desintegração grupal, anulando deste modo os esforços de descentralização propostos. Isto, de certa forma, sugere o prosseguimento da pesquisa no sentido de se levantar concretamente as ações, no desenvolvimento dos respectivos papéis, que confirmem ou refutem o grau de participação e descentralização levantados.

Palavras-chave: Descentralização de poder; Delegação e participação; Conflitos de interesses

SC 3.6 As Relações De Poder Na Gerência Participativa: O Caso Lusitana. *Jamile Veloso Ferreira Serra** (Universidade Federal do Maranhão - São Luís - Ma.) e Wilson Moura (Instituto de Psicologia – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – RJ)*

As relações de poder sempre despertaram atenção de pesquisadores, tendo em vista suas implicações com problemas organizacionais. O poder de decisão gerencial, no modelo burocrático, tem a sua correspondência atrelada ao grau de hierarquia, o que contribui para um processo de concentração de poder em termos de decisão. Entretanto, as mudanças atuais exigem comportamentos mais participativos, descentralizados e autônomos, em especial, daqueles que lidam diretamente com clientes externos. Diante disto, observa-se a proliferação de estratégias visando a minimização dos efeitos da hierarquia e da concentração de poder nas organizações. Entre as propostas mais difundidas de atuação gerencial, encontra-se a gerência participativa. Este modelo preconiza que a hierarquia centralizadora deve ser diluída. Assim, este trabalho visou estudar os efeitos do grau de hierarquização e autonomia dos funcionários, de diferentes escalões hierárquicos em uma rede supermercadista de estrutura familiar que resolveu abolir o gerencial burocrático e centralizador e adotou o modelo de gerência participativa. A pesquisa foi realizada com 33 sujeitos com tempo de serviço > 3 anos, sendo: trinta (30) gerentes e encarregados de lojas que implantaram ou estão em fase de implantação do modelo participativo e hum (1) gerente e dois (2) funcionários do setor de recursos humanos, responsáveis pela implantação. Os gerentes e encarregados foram agrupados em 3 grupos (A, B e C), em função do tempo de serviço, e o pessoal de recursos humanos no grupo D. Inicialmente, realizou-se entrevistas em profundidade com os componentes de recursos humanos (grupo D), afim de se levantar as razões que levaram à implantação do programa. Em seguida aplicou-se questionários abertos de 13 questões aos sujeitos dos grupos A, B e C com o propósito de investigar as percepções de cada um a respeito da gerência participativa. Os resultados assinalam uma tendência dos sujeitos a ressaltarem alguns elementos da gerência participativa como fundamentais, em especial, os relacionados às relações interpessoais, tais como: "direito de opinar", "decisões tomadas em consenso", "todos participando da gestão da empresa", "valorização do funcionário", "uma forma de gerenciamento onde o poder não é totalmente centralizado e há uma participação dos funcionários", "união e formação de equipes de trabalho", etc.". Entretanto, nada foi mencionado com relação ao grau de autonomia atribuído ou exercido pelos seus respectivos subordinados para decidirem as coisas. Deste modo, observa-se que embora haja uma convergência de expectativas com relação à importância e às mudanças verificadas em decorrência da implantação do programa, talvez ainda seja muito prematuro acreditar em mudanças. Pelo que se pôde constatar existe ainda indícios de muita resistência, tendo em vista que a questão da autonomia dos subordinados sequer foi enfatizado. O que se pode inferir, num primeiro momento, é que houve uma melhora de relacionamento gerencial entre escalões gerenciais e subordinados. Entretanto, as distâncias e barreiras em

torno do grau de hierarquia permanecem como herança inexpugnável da tradição burocrática.

Palavras-chave: Gerência participativa; Relações de poder; Comportamento organizacional

---

SC 3.7 CONFLITOS DE PODER E CRISE ORGANIZACIONAL – UM CASO DE CONSULTORIA PSICOSSOCIOLÓGICA NA CONSTRUÇÃO CIVIL. *Virginia Soares Drummond*** (*Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ*) e *Nilson Moura Barbosa* (*Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro*)

Conflitos de poder nas organizações sempre se constituíram em preocupação para seus dirigentes pela ameaça à integração e à capacidade produtiva. Diferentes abordagens teóricas tratam dessa questão que, na ótica do modelo burocrático, é considerada através dos aspectos relativos à legalidade/legitimidade do exercício do poder. Entretanto o problema pode ser avaliado sob a perspectiva da ilegitimidade dos pactos que regulam os interesses gerais e particulares integrantes de determinado contexto. Quando impossibilitados de manifestarem/negociarem seus interesses as pessoas tendem a assumir comportamentos de modo inócuo, superficial, descomprometidos com resultados partilhados. Esse trabalho, do tipo pesquisa-ação, surgiu de demanda de consultoria para a resolução de conflitos entre diferentes níveis hierárquicos de uma organização de construção civil, em cujo quadro se incluíam ainda "turn-over" elevado, altos índices de absenteísmo, atraso do cronograma de obras, acidentes de trabalho (um deles fatal). A estratégia adotada teve como propósito identificar e analisar problemas, dificuldades e interesses, subjacentes à dinâmica dos conflitos considerados. Os procedimentos e técnicas utilizados visaram obter informações nos diferentes níveis hierárquicos: dirigentes (dois diretores), encarregados (quatro) e operários (80). Foram utilizados como principais instrumentos de coleta de dados as entrevistas semi-estruturadas, (individuais e coletivas) e discussões orientadas. Os operários foram atendidos, nessa fase inicial, em quatro subgrupos de cinco participantes, obtendo-se deles a indicação de dezesseis representantes para composição de um grupo de trabalho para aprofundamento das questões. Na fase subseqüente foram realizados Workshops com esse grupo de representantes. Ajustes e acréscimos eram promovidos através de consultas desses representantes a suas bases. Considerando-se o nível de escolaridade destes operários, (em sua maior parte analfabetos), bem como a incidência de maiores bloqueios à expressão dos interesses nessa instância organizacional, as discussões foram estimuladas por temas como higiene e segurança, salário e benefícios, relacionamento com as chefias, dentre outros, além de vídeos e dramatizações. Objetivou-se assim prepará-los para a fase da negociação. Finalmente foram mediadas necessárias reuniões de negociação entre o grupo representante dos operários e os encarregados, e destes com os dirigentes. Como resultado, os interesses da organização foram melhor compreendidos e aceitos, enquanto interesses particulares reprimidos foram explicitados, clarificados e negociados. Os operários puderam demonstrar sua revolta com as precárias condições de trabalho e habitual desconsideração de seus interesses e dificuldades. Ganhos foram obtidos em decorrência desses novos pactos, como: recuperação do cronograma, redefinição dos papéis de cada diretor e dos encarregados, benefícios (como cafés da manhã e cestas básicas) para os operários, melhoria das condições de segurança e higiene, dentre outros. As conclusões indicaram que, embora evidenciados através de aspectos técnicos, os conflitos indicaram a interferência dos interesses ocultos e reprimidos, dificultando o compromisso em torno das soluções. O desenvolvimento da competência comunicativa dos gestores, através da explicitação dos interesses gerais (transparência) e da necessária habilidade em fazer falar os interesses ocultos dos distintos atores do contexto organizacional, pode contribuir para a construção de pactos legítimos, na medida em que resulte de uma maior convergência dos interesses intervenientes no fazer coletivo.

Palavras-chave: Poder nas organizações; Consultoria psicossociológica; Conflitos organizacionais

---

SC 04/Análise Experimental do Comportamento

PESQUISA E INTERVENÇÃO SOBRE APRENDIZAGEM DE LEITURA E ESCRITA: CONTRIBUIÇÕES DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

SC 4.1 COMPORTAMENTO PRECORRENTE AUXILIAR: EFEITOS DE CONTINGÊNCIAS PROGRAMADAS DE REFORÇO NO TREINO SOBRE O DESEMPENHO EM SESSÕES DE RECOMBINAÇÃO. *Domingos Sávio Coelho*** e *Jorge Mendes de Oliveira Castro Neto*. (*Laboratório de Aprendizagem Humana, Universidade de Brasília, Brasília, DF*)

Comportamento precorrente é definido como os passos necessários que tornam mais provável o reforço da resposta final. Por exemplo, realizar uma tarefa escolar de multiplicação pode envolver a emissão de precorrentes tais como, escrever no papel, consultar a tabuada etc. Tais precorrentes são denominados auxiliares porque não são exigidos pela contingência, isto é, a resposta final (o resultado da multiplicação) pode ocorrer e ser reforçada sem a emissão de tais precorrentes. A complexidade da tarefa é uma das variáveis que podem afetar a eliminação de tais comportamentos precorrentes. O objetivo do Experimento I foi verificar o efeito de alterações nas características entre os estímulos e respostas no treino sobre uma situação de reaprendizagem com recombinação de tais estímulos e respostas. Foi utilizada uma tarefa de memorização de pares associados formados por caracteres arbitrários. Nesta tarefa, realizada individualmente no computador, 12 estudantes universitários deveriam antecipar o segundo membro do par associado sem consultar uma tela de auxílio (comportamento precorrente auxiliar). Em uma das condições experimentais (Prob1,00), as características do primeiro membro do par associado (estímulo) prediziam, com probabilidade igual a 1,00, características do segundo membro, ou seja, a resposta a ser emitida. Na outra condição (Prob0,33), as características do primeiro membro não prediziam aquelas do segundo membro (i.e., a resposta). A duração total estimada de resposta precorrente auxiliar, bem como a latência e o tempo para responder, foram sistematicamente menores na Condição Prob1,00 do que Prob0,33 e nas de recombinação do que nas de treino. No Experimento 2, utilizando tarefas com correspondência entre elementos dos estímulos e dos respostas como em Prob1,00, foram investigados os possíveis efeitos de variação das posições ocupadas pelos elementos e/ou das adjacências entre os elementos sobre a duração da resposta precorrente em sessões de treino e recombinação. Doze estudantes participaram do experimento. A duração total estimada da resposta precorrente auxiliar, bem como a latência e o tempo para responder, foram sistematicamente menores nas sessões de recombinação do que nas de treino. Não foram observados efeitos sistemáticos de variação das posições e/ou adjacências dos elementos dos pares associados. Observou-se diminuição nas medidas de desempenho do treino para as sessões de recombinação dos caracteres para todos os sujeitos e em todas as condições experimentais. Contudo, não houve diferenças, nas medidas de desempenho, entre as condições experimentais. Os resultados sugerem que manipulação de características da tarefa pode ser útil na determinação de desempenhos no treino e na reaprendizagem de componentes recombinados. Por exemplo, a aprendizagem de regularidades da língua, tais como a relação grafema/fonema e a mudança sistemática da posição da letra ou sílaba na palavra poderiam ser analisadas considerando as semelhanças entre as situações de treino e teste de tais regras.

Palavras-chave: Comportamento precorrente auxiliar; Recombinação; Complexidade da tarefa

---

SC 4.2 EFEITO DO GRAU DE SIMILARIDADE ENTRE PALAVRAS COMPOSTAS POR UM PSEUDO-ALFABETO EM DESEMPENHOS TREINADOS E GENERALIZADOS DE LEITURA. *Alessandra Rocha de Albuquerque* (*Universidade de Brasília e Centro Universitário de Brasília – UniCEUB*) e *Eliane Saint Hanna* (*Universidade de Brasília*)

O desenvolvimento de repertório generalizados e recombinativos requer o estabelecimento de controle por elementos componentes dos estímulos treinados, o qual por sua vez parece depender da prevenção de controle seletivo de estímulos. Estudos anteriores sugeriram que a supraseletividade pode ser reduzida com a utilização de estímulos com características semelhantes durante os ensaios discriminativos. Com interesse em avaliar a generalidade dessas observações para relações de controle análogas às encontradas na leitura, o presente trabalho investigou se o grau de semelhança entre os estímulos discriminativos (S+ e S-) mediante no estabelecimento de relações entre desenhos, palavras faladas e escritas e na nomeação de palavras novas e treinadas, compostas por letras/fonemas de um pseudo-alfabeto. Foram ensinadas, por meio de um computador, relações entre três figuras (B), seus nomes ditados (A) e escritos (C). No treino das relações AC, os S+ foram iguais para todos os participantes, mas para cada três participantes os S- apresentavam 1, 2 ou 3 letras iguais aos de S+ e na mesma posição destas. Após treinar as relações AB e AC, testava-se a emergência de equivalência entre os estímulos e a ocorrência de desempenho generalizado com recombinações novas dos elementos que compunham os estímulos treinados. Nove crianças alfabetizadas participaram dos treinos e testes envolvendo as tarefas de pareamento ao modelo e de nomeação oral. Todas as nove crianças aprenderam as relações treinadas e apresentaram classes de estímulos equivalentes. Os resultados mostraram melhores desempenhos dos participantes que realizaram os treinos com estímulos com um elemento comum, em relação aos com estímulos com três elementos comuns, em situação de treino e em algumas medidas de generalização, o que está parcialmente de acordo com estudos anteriores. Entretanto, a percentagem de leitura de palavras isoladas de generalização mostrou que a semelhança entre S+ e S- não produziu desempenhos recombinativos diferentes e altos. Estes resultados sugerem que o grau de semelhança entre os estímulos influencia a aquisição, mas não a generalização de desempenhos de discriminação condicional e nomeação oral. Os baixos escores nas avaliações podem estar relacionados ao pequeno número de palavras treinadas e sugerem a possibilidade do uso desta metodologia com indivíduos alfabetizados, inclusive adultos, utilizando-se um delineamento de sujeito como seu próprio controle.

Projeto parcialmente financiado pelo PRONEX

Palavras-chave:

SC 4.3 ANÁLISE DE CONTROLE DE ESTÍMULOS NA APRENDIZAGEM DE LEITURA DE PALAVRAS POR INDIVÍDUOS COM SÍNDROME DE DOWN. *Camile Domenicucci*; *Júlio César Coelho de Rose* (*Laboratório de Estudos do Comportamento Humano, Universidade Federal de São Carlos- São Carlos- SP*)

A aprendizagem de repertórios como o de leitura exige controle por estímulos compostos (palavras). Quando apenas parte das palavras exercem controle sobre o comportamento textual do leitor, este poderá apresentar dificuldades na aquisição da leitura e cometer muitos erros. A literatura tem descrito esse

tipo de controle por partes restritas do estímulo ocorrendo mais comumente com pessoas com necessidades educativas especiais. Este estudo teve os objetivos de investigar ocorrências de controle restrito de estímulos em tarefa de emparelhamento com o modelo, utilizando como estímulos palavras simples e analisar a validade da utilização do procedimento de emparelhamento com o modelo no ensino de habilidades importantes na constituição do repertório de leitura, para adultos com Síndrome de Down. Os estímulos utilizados foram palavras inventadas (com quatro letras cada), sílabas e figuras, apresentados por um computador. O procedimento de Treino 1 consistiu de tarefas de emparelhamento palavra ditada-palavra impressa utilizando palavras com diferenças múltiplas (apresentam de dois a quatro caracteres diferentes - Fase 1) e palavras com diferenças críticas (zero a dois caracteres diferentes - Fase 2). Posteriormente, todas as palavras foram construídas pelos participantes, através da seleção e ordenação das sílabas constituintes de cada palavra (Treino 2). Testes de leitura das palavras, de emparelhamento palavra ditada-palavra impressa e palavra impressa-figura foram realizados antes dos treinos, entre os treinos 1 e 2 e após o Treino 2, com intuito de verificar se os diferentes treinos produziram mudanças nos desempenhos dos participantes, comparando estas mudanças na Fase 1 (palavras com diferenças múltiplas) e na Fase 2 (palavras com diferenças críticas). A comparação dos desempenhos nos treinos de emparelhamento com o modelo e nos testes de leitura das palavras treinadas permitiu investigar a ocorrência de controle restrito de estímulos. Além disso, as atividades de construção das palavras (Treino 2) permitiram analisar a validade deste procedimento na ampliação do controle para o estímulo (palavra) como um todo. A análise dos dados preliminares mostrou que os participantes adquiriram as habilidades de emparelhamento palavra ditada-palavra impressa, nas duas condições, isto é nas condições de estímulos com diferenças múltiplas e críticas. Eles aprenderam também a construir as palavras utilizadas no Estudo. Em alguns casos, eles apresentaram dificuldades iniciais para responder aos modelos exclusivamente auditivos, passando por treinos intermediários nos quais os modelos auditivos eram apresentados simultaneamente aos visuais. Alguns indícios de controle restrito de estímulos puderam ser observados no comportamento textual dos participantes. O procedimento de construção da resposta não parece ter sido significativo no aumento das porcentagens de acertos nos testes de emparelhamento com o modelo e de leitura. O Estudo mostrou que o procedimento de emparelhamento com o modelo pode ser um procedimento de ensino adequado para indivíduos com Síndrome de Down, quanto à aquisição de repertórios importantes na aprendizagem de leitura e escrita. O Estudo apontou a necessidade de mais dados para uma análise da ocorrência de controle restrito de estímulos na aprendizagem de leitura com portadores de Síndrome de Down.

Agência Financiadora: FAPESP- Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado de São Paulo

Palavras-chave: Emparelhamento com o modelo, Controle de estímulos; Síndrome de Down.

SC 4.4 Emergência De Leitura Generalizada Como Função De Pistas Adicionais Ao Texto. *Carmen Silvia Motta Bandini* (Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Federal de São Carlos), Deisy das Graças de Souza, Mônica Lúcia Fonseca, & Júlio César Coelho de Rose (Departamento de Psicologia - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP)*

Um objetivo importante do ensino de leitura é a emergência de leitura generalizada, isto é, a leitura de palavras da língua que o indivíduo ainda não tenha aprendido a ler. Além de requerer comportamento textual, a leitura também pode depender de pistas semânticas, contextuais, etc. O objetivo deste estudo foi verificar a evolução do controle por estímulos textuais na leitura como função de pistas adicionais ao texto e possíveis diferenças de grau neste controle. Utilizou-se como material impresso: 1) pseudopalavras; 2) palavras do cotidiano que supostamente tinham significado para a criança; 3) palavras com história recente de pareamento com figuras correspondentes (significado); 4) palavras com história imediata de pareamento envolvendo também pareamentos palavra ditada-palavra impressa. Cinco escolares, em fase inicial de alfabetização, foram submetidos a um módulo informatizado de ensino individualizado, previamente desenvolvido e testado. O módulo de ensino era dividido em 17 passos, organizados em quatro unidades. O procedimento ensinava a correspondência entre palavras ditadas e palavras impressas, por meio do procedimento de escolha de acordo com o modelo (discriminações condicionais). Cada passo ensinava três palavras novas, do tipo consoante vogal, de duas a quatro sílabas, que podiam ser representadas por figuras. A nomeação das palavras impressas não era ensinada diretamente, porém era testada após cada unidade de ensino, visando verificar se o comportamento textual emergia após o ensino das discriminações condicionais. Para verificar o desenvolvimento de controle por unidades textuais mínimas (generalização de leitura), os testes incluíam também palavras das outras três categorias. Testes de leitura foram realizados antes, no meio e no final do módulo de ensino, medindo-se a porcentagem de acertos na leitura e a latência de resposta para leitura correta e incorreta. Os cinco participantes apresentaram aquisição de leitura. Os maiores índices de acertos ocorreram na leitura das palavras ensinadas nas discriminações condicionais e tenderam a diminuir em função da redução nas pistas adicionais ao texto. As latências de respostas apresentaram tendência inversa e foram sistematicamente mais altas para respostas erradas, para todas as categorias. A leitura de palavras novas atesta o estabelecimento de controle de estímulos pelas unidades mínimas do texto (generalização). O grau de generalização foi função dos tipos de pistas adicionais ao texto; quando o texto era a única fonte de controle de estímulos os acertos foram menores e as latências foram maiores que nas outras condições. Estratégias de ensino para favorecer a generalização podem ser mais efetivas se incluírem, no início da aquisição, outras dimensões de controle de estímulos que forneçam suporte para o desenvolvimento do controle puramente textual.

Apoio Financeiro: CNPq

Palavras-chave: Aquisição de leitura, Controle de estímulos; Leitura generalizada.

SC 4.5 Alfabetizando Adultos Iletrados E Complementando Treino De Leitura Em Alunos De Segunda E Terceira Série Do Ensino Fundamental: A Unidade De Leitura De Belém. *Elizabeth Leite Coelho*, Márcia Maria Santos*, Chiara S. Lobato*, Solange Calcagno, Olavo de F. Galvão (UFPA)*

Utilizando como base um software desenvolvido na Universidade Federal de São Carlos (PROGLEIT), a Unidade de Leitura localizada na Universidade Federal do Pará, em Belém, vem atendendo, no laboratório, adultos iletrados para o aprendizado da leitura e, na escola, alunos de segunda e terceira série do ensino fundamental com deficiências de leitura. Complementarmente ao trabalho no computador, são desenvolvidas atividades de natureza lúdica que envolvem a utilização de letras e sílabas na construção de palavras, como palavras cruzadas, bingo de letras, jogo da forca, jogo de formar palavras, e outros jogos, e de reconhecimento de palavras dentro de frases e/ou textos. Foi elaborado um procedimento de avaliação da leitura de palavras ensinadas isoladamente, mostrando-as ao participante inseridas em pequenas frases, para identificação, em tentativas de pareamento ao modelo por identidade, pareamento auditivo-visual e leitura de frases simples. Esse procedimento mostrou que, à medida em que o contexto em que está inserida a palavra é mais complexo, menor é a proporção de acerto na leitura daquelas palavras. Outro procedimento foi desenvolvido na tentativa de atender dificuldades de um sujeito que, apesar de avançar – ainda que devagar – nos Passos de Treino com tentativas de exclusão não apresentava leitura compreensiva, como verificado em tarefas de pareamento Texto-Figura e Figura-Texto. O procedimento recorreu ao treino de leitura de unidades mais moleculares, e mostrou que a discriminação prévia dessas unidades auxiliou a emergência da relação de equivalência entre figuras e palavras escritas e entre palavras escritas e figuras. Finalmente, após a constatação de que vários participantes não apresentaram evolução na aquisição da escrita, verificada na tarefa de resposta construída, programou-se tarefas para ensinar diretamente o desempenho que chamamos de ditado. Os dados favoráveis obtidos até agora, somente com dois sujeitos cujos repertórios de leitura eram diferenciados, são insuficientes para avaliações mais conclusivas acerca do efeito do ensino direto de ditado. Novos participantes já estão sendo submetidos a este treino para uma avaliação da repercussão do aprendizado do ditado sobre o aprendizado da leitura. Pessoas com história de fracasso escolar dependem de programação individualizada para aprender a ler e escrever. Programas de computador, complementados por tarefas adicionais são valiosos porque garantem alto nível de acertos, mantendo o aprendiz motivado e aprendendo. (Apoio: UFPA, MCT/PRONEX, CNPq)

Palavras-chave: Alfabetização, Programação de ensino, Ensino por computador

SC 4.6 Convergências Entre Emilia Ferreiro E Análise Do Comportamento: Uma Análise Empírica. *Julia Zanetti Rocca* (Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Federal de São Carlos), Deisy das Graças de Souza, Mônica Lúcia Fonseca, & Tânia Maria Santana de Rose (Departamento de Psicologia - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP)*

A aprendizagem de relações simbólicas envolvidas em leitura e escrita vem sendo entendida diferentemente pela perspectiva teórica da análise do comportamento e pelas abordagens construtivista-interacionistas. Os princípios que regem a investigação do fenômeno pelos teóricos de uma e outra teoria determinam formas de avaliação e de ensino que diferem significativamente, no entanto, dado que o fenômeno e os objetivos práticos são os mesmos, torna-se interessante questionar convergências entre aspectos conceituais, procedimentos e dados resultantes de ambos os sistemas. Esse estudo teve por objetivo investigar as possíveis relações nos resultados obtidos na avaliação desenvolvida por Emília Ferreiro e Ana Teberosky, que trabalharam com o método clínico desenvolvido por Piaget, e em outra avaliação, baseada na concepção de equivalência de estímulos, que investiga a rede de relações comportamentais envolvidas na leitura e escrita, por meio do procedimento de pareamento com o modelo e construção de resposta. Os dois procedimentos de avaliação foram realizados antes e depois da participação dos escolares em um programa de ensino individualizado e informatizado, previamente desenvolvido e testado. Baixos índices de acerto em leitura na avaliação preliminar foram usados como critério para a escolha de vinte e seis crianças de uma escola pública consideradas em risco de fracasso escolar. Destas, dez (grupo experimental) passaram pelo procedimento individualizado paralelamente ao ensino escolar, as demais (grupo controle) se mantiveram freqüentando apenas a escola. O programa ensinava a correspondência entre palavras ditadas e palavras impressas, por meio do procedimento de escolha de acordo com o modelo (discriminações condicionais) envolvendo nomes ditados, palavras impressas e figuras. As palavras utilizadas, dissílabas e trissílabas, que podiam ser representadas por figuras, eram formadas por

sílabas compostas por uma consoante seguida por uma vogal. A nomeação das palavras impressas não era ensinada diretamente, porém era testada após cada unidade de ensino, visando verificar se o comportamento textual emergia após o ensino das discriminações condicionais. Ao final do período letivo, as vinte e seis crianças foram novamente testadas com os dois procedimentos de avaliação. Os principais resultados mostram: 1) semelhanças no desempenho do grupo experimental e do grupo controle nas avaliações iniciais, nas medidas tomadas sob cada um dos procedimentos; 2) diferenças entre o grupo experimental e controle na segunda avaliação, com aumentos nos índices de acerto de leitura e ditado de palavras (ensinadas e novas) no teste das relações comportamentais e avanços no gênero das concepções a respeito da leitura escrita verificada através da modificação da hipótese (pré-silábica, silábica, silábico-alfabética ou alfabética) apresentada pela criança; 3) indicadores de relações entre os dois conjuntos de medidas, isto é, a quantidade de acertos nos testes de relações comportamentais tendeu a se correlacionar com níveis de desenvolvimento das concepções de leitura e escrita. Os resultados apoiam a proposição de que as práticas pedagógicas para o ensino eficiente de leitura e escrita podem se beneficiar da busca de convergência nas análises conceituais e na integração de dados gerados por ambas as perspectivas teóricas, considerados e respeitados os limites epistemológicos envolvidos.
CNPq
Palavras-chave: Avaliação de leitura e escrita; Psicogênese da Língua Escrita; Operantes Verbais

*****

SC 05/Técnicas de Exame Psicológico
AVALIAÇÃO DA INTELIGÊNCIA: PESQUISAS RECENTES

SC 5.1 TESTE WAIS-III. ALTERAÇÕES NA VERSÃO ORIGINAL AMERICANA DECORRENTES DA ADAPTAÇÃO PARA USO NO BRASIL. *Elizabeth do Nascimento (Departamento de Psicologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, MG)*
O presente trabalho tem como objetivo apresentar as principais alterações efetuadas entre as versões americana do teste WAIS-III (Wechsler Adult Intelligence Scale-Third Edition) e a adaptada para uso no Brasil. Esse teste constitui a terceira edição do WAIS e foi publicado nos Estados Unidos da América, em 1997. Considerando a relevância do referido instrumento para avaliação do funcionamento intelectual de adolescentes e adultos nos diferentes contextos da avaliação psicológica, a autora realizou a pesquisa de adaptação e validação do teste WAIS-III para uso no Brasil, como parte do seu curso de doutorado, concluído em 2000 na Universidade de Brasília. A pesquisa de adaptação foi realizada contemplando as seguintes etapas: tradução dos conteúdos verbais e das instruções de aplicação e correção para a língua brasileira; análise teórica dos itens (juízes e semântica); coleta de dados; análise empírica dos dados (análise dos parâmetros psicométricos dos itens e do teste como um todo) e estabelecimento das normas. A versão piloto do instrumento alcançada após a tradução e análise teórica dos itens foi aplicada em uma amostra constituída de 788 sujeitos residentes na região metropolitana de Belo Horizonte, Minas Gerais. A amostra foi delineada considerando as variáveis idade (entre 16 e + 65 anos), sexo (masculino e feminino) e anos de estudo (analfabeto a superior completo, em níveis de escolaridade). Com base nas análises empíricas, o processo de adaptação e validação do teste WAIS-III para uso no Brasil implicou em alterações na versão original do teste, no que se refere: aos conteúdos de itens dos subtestes verbais Vocabulário, Semelhanças, Aritmética, Informação e Compreensão; à ordem de apresentação dos itens em 13 dos 14 subtestes que compõem a Escala; aos tempos limites para realização dos itens e concessão de bônus dos subtestes Cubos e Armar Objetos; aos critérios de início da aplicação dos subtestes Completar Figuras, Vocabulário e Semelhanças e; ao critério de suspensão da aplicação do subteste Raciocínio Matricial. Com relação às normas por idade, enquanto a versão americana apresenta 13 faixas etárias, na versão adaptada para uso no Brasil foram estabelecidas oito faixas etárias. Como na versão americana, também foi estabelecida a norma para o grupo de referência, correspondente ao desempenho das pessoas com idades entre 20 e 34 anos. Embora a presente pesquisa tenha se limitado a apenas uma região do país, os resultados alcançados reforçam a importância de se proceder amplos estudos de adaptação e validação de instrumentos criados em contextos diferentes daqueles em que serão utilizados.
Palavras-chave: WAIS-III; Inteligência; Adaptação de testes

***

SC 5.2 WISC-III: O QUE EFETIVAMENTE MODIFICOU EM RELAÇÃO ÀS EDIÇÕES ANTERIORES?. *Vera L. M. de Figueiredo (Curso de Psicologia da Universidade Católica de Pelotas-RS)*
O WISC-III consiste na terceira edição da escala de Wechsler para avaliar a inteligência de crianças e adolescentes entre 6 e 16 anos e foi publicada, em 1991, pela Psychological Corporation, nos Estados Unidos. Embora apresente melhoramentos e um substancial número de questões novas, o teste mantém as características básicas das escalas anteriores e mais de 73% dos itens do WISC-R foram conservados na forma original ou tiveram mudanças insignificantes. As principais modificações da escala americana referentes às qualidades psicométricas foram: a) normas aprimoradas e atualizadas; b) maior abrangência amostral; c) maiores informações sobre a validação do instrumento e d) acréscimo de questões mais fáceis e mais difíceis para melhorar a discriminação da capacidade intelectual dos indivíduos que se encontram nos extremos de habilidade. Observa-se melhor qualidade na apresentação do material, itens aperfeiçoados e atualizados. Houve inclusão de figuras representando pessoas de origens culturais diferentes como personagens das histórias do Arranjo de Figuras e nos itens do subteste Completar Figuras. Em relação ao conteúdo dos subtestes, a cor foi inserida nos estímulos dos subtestes Completar Figuras, Arranjo de Figuras e Armar Objetos. Outra melhoria foi a inclusão de exemplos, como item inicial da maioria dos subtestes, facilitando a compreensão da criança para a tarefa solicitada. Para a interpretação dos resultados, o WISC-III oferece, além dos tradicionais QIs Verbal, Execução e Geral, dados relativos às seguintes funções cognitivas: Compreensão Verbal, Organização Perceptual, Resistência à Distratibilidade e Velocidade de Processamento, as quais oferecem interpretações bastante úteis. As quatro escalas são derivadas das análises fatoriais dos subtestes do WISC-III e para sua organização foi incluído um novo subteste não-verbal denominado Procurar Símbolos. Ele apresenta dois grupos de símbolos gráficos, sendo um para modelo e o outro para busca e o examinando deve observar se o(s) símbolo(s) do grupo modelo aparece(m) ou não no grupo de busca. Este subteste, junto com o Código, constitui o fator Velocidade de Processamento. Ainda, em relação à interpretação dos escores ponderados o WISC-III oferece, além do QI de desvio com intervalos de confiança, normas percentílicas. Essa revisão do WISC apresenta-se, sem sombra de dúvidas, muito superior às edições anteriores. O teste ainda não se encontra disponível no mercado brasileiro. O material de acesso aos psicólogos consiste na edição da Paidós, de 1994, tradução argentina do teste original com a reedição das normas americanas. Por ocasião da pesquisa de mestrado e doutorado da autora foi desenvolvida a adaptação e validação do teste para uma amostra brasileira formada por 801 escolares da cidade de Pelotas (RS). Na tradução do teste, adaptações foram necessárias, principalmente no subteste Informação. Com base nos dados obtidos junto à amostra de padronização concluiu-se que o teste WISC-III apresenta requisitos psicométricos adequados quando aplicado a crianças e adolescentes brasileiros e que são necessárias alterações na ordem de apresentação dos itens dos subtestes, nos critérios de início e suspensão dos subtestes.
Palavras-chave: WISC-III, Teste de Inteligência, Adaptação de testes

***

SC 5.3 DESENVOLVIMENTO DO TESTE DE INTELIGÊNCIA NÃO VERBAL R1 FORMA B: RESULTADOS PARCIAIS DO PROCESSO DE AVALIAÇÃO. *João Carlos Alchieri (Laboratório de Instrumentos de Avaliação Psicológica LIAP- UNISINOS - RS) e Flávia Rodrigues Costa (Vetor Editora – Rio de Janeiro – RJ)*
O emprego de instrumentos (testes psicológicos) de avaliação da inteligência não-verbal em diversos contextos da avaliação psicológica é uma prática freqüente por parte do profissional, e representada especialmente em processos seletivos. A literatura nacional incipiente nesta área, aponta alguns poucos instrumentos como sendo uma opção viável e também atual ao profissional para suas atividades. Contudo, a grande maioria destes instrumentos não apresenta uma forma paralela, que possa ser utilizada em situações que requerem uma re-aplicação mantendo as mesmas características do teste inicial, como ocorre na maioria das vezes em avaliações destinadas ao trânsito. Neste trabalho são abordados os primeiros passos e os resultados iniciais obtidos no desenvolvimento de uma forma paralela para o teste de inteligência não verbal, R1. Este teste é composto por um conjunto de quarenta itens apresentados na forma clássica de matrizes e também de desenhos geométricos com seis a oito alternativas de escolha. Trata-se de um teste já amplamente difundido em uso pelos profissionais do país, envolvidos principalmente com o processo de avaliação psicológica aos candidatos à obtenção da Carteira Nacional de Habilitação. Os estudos descritos no presente trabalho ilustram o processo de elaboração dos itens e suas primeiras avaliações, em uma amostra composta de 1526 participantes de ambos os sexos, com idade superior a dezoito anos, residentes nos estados do Rio Grande do Sul e de São Paulo com escolaridade que variava do ensino fundamental ao ensino médio. As aplicações foram realizadas coletivamente por psicólogos e acadêmicos de psicologia que receberam treinamento por parte dos autores, em sessões com no máximo 30 participantes. Apresentam-se os resultados estatísticos contemplando as análises dos itens quanto ao índice de poder discriminante e dificuldade, as correlações obtidas com formas semelhantes e demais estudos de verificação da validade e de fidedignidade. Os resultados demonstram as principais características do teste quanto discriminante em função do nível de instrução, para sujeitos de nível escolar fundamental e não-analfabetizados. Não foram encontradas diferenças significativas para a variável sexo, por outro lado, cabe salientar que a amostra era predominantemente composta por participantes do sexo masculino. Demais resultados da pesquisa como as provisórias tabelas de normatização dos dados em escalas percentílicas, médias e demais medidas descritivas dos grupos avaliados, também são demonstrados. Os resultados apontam para uma nova forma paralela de avaliação do fator geral de inteligência, sendo que tais resultados ensejam o seguimento de estudos e o aprimoramento técnico do presente instrumento de avaliação psicológica da inteligência.
Apoio: VETOR Editora Psico-Pedagógica
Palavras-chave: Avaliação psicológica; Inteligência não verbal; Instrumentos psicológicos; Teste R1

***

SC 5.4 TESTES DE INTELIGÊNCIA: ANÁLISE DE ALGUNS PERIÓDICOS BRASILEIROS NO PERÍODO DE 1994 A 1999. *Simone Ferreira da Silva Domingues (Universidade Cruzeiro do Sul - São Paulo-SP)*

Pesquisas brasileiras revelam que os testes de inteligência se apresentam como o instrumento mais utilizado, às vezes único, nas avaliações psicológicas de crianças com dificuldades de aprendizagem. Os problemas que se colocam no uso dos testes estão associados à formação do psicólogo. Face à relevância que a utilização dos testes de inteligência assume na formação do psicólogo, justifica-se a importância de conhecer como está a produção científica nesta área. Atualmente a questão da avaliação psicológica é objeto de estudos e revisões críticas. Busca-se também aprofundar a discussão sobre seus fundamentos teóricos e produzir avanços incorporando as contribuições de outras áreas do conhecimento. Os testes de inteligência revestem-se de grande relevância no que diz respeito à avaliação psicológica na área educacional particularmente na avaliação de crianças com dificuldades de aprendizagem. Torna-se importante verificar quais são as leituras que se faz hoje desses instrumentos. O presente trabalho teve como objetivo principal identificar e analisar, na literatura psicológica brasileira dos últimos seis anos, como se apresentam os estudos que tratam da questão dos testes de inteligência. Foram utilizados como fontes de pesquisa bibliográfica seis periódicos brasileiros da área de Psicologia, que receberam conceito A, na Avaliação das Revistas Científicas em Psicologia – ANPEPP/CAPES (www.anpepp.org.br: acesso em 10/03/2000). Os periódicos analisados foram: Psicologia: Teoria e Pesquisa, Psicologia: Reflexão e Crítica, Estudos de Psicologia, Psicologia USP, Boletim de Psicologia e Estudos de Psicologia. Foram consultados todos os exemplares publicados no período de 1994 a 1999. As publicações foram examinadas manualmente e foi verificado em cada periódico a existência de artigos que envolvessem testes de inteligência. Uma vez realizada a leitura desse material foi elaborado seu fichamento e algumas questões foram levantadas e analisadas. Os resultados desta análise mostraram que foram encontrados 29 textos, número esse considerado por nós como sendo pequeno, apesar de que percebemos um tímido aumento nas publicações nos últimos anos. O número de pesquisas empíricas publicadas predomina sobre os textos teóricos. Nas pesquisas empíricas há uma predominância no uso de instrumentos tradicionais. Constatamos que esses estudos foram realizados com número reduzido de sujeitos. São poucos os trabalhos envolvidos com a elaboração de novos instrumentos. As pesquisas teóricas referem-se à preocupação com o ensino de Técnicas de Exame Psicológico e aos diagnósticos de crianças encaminhadas para a sala especial. Em relação ao ensino, os autores reconhecem que a formação é deficiente e precisa ser revista. Permitir uma formação em que a técnica é integrada a conteúdos de outras disciplinas, entender o sujeito que está sendo avaliado de forma global, ter conhecimentos que vão além da forma como os testes são aplicados, são preocupações comuns entre os autores. Verificou-se posições divergentes quanto ao uso e utilidade desses testes na avaliação psicológica. Conclui-se que os problemas em relação à área estão associados à formação do psicólogo, tradicionalmente alicerçada em conhecimentos teóricos que muitas vezes não vão além das técnicas de aplicação dos testes. Percebe-se, também, a necessidade de pesquisas voltadas para a elaboração de novos instrumentos que respondam aos atuais avanços teóricos.

Pesquisa realizada com o apoio da CAPES (Bolsa de Mestrado)

Palavras-chave: Teste de inteligência; Análise da literatura; Formação do psicólogo

***

SC 5.5 REFLEXÕES SOBRE OS ASPECTOS EMOCIONAIS DA INTELIGÊNCIA: O PENSAMENTO COMO AQUISIÇÃO DO DESENVOLVIMENTO PSÍQUICO. *Audrey Setton Lopes Souza (Laboratório Interdepartamental de Técnicas de Exame Psicológico / Instituto de Psicologia da USP - São Paulo, SP)*

A partir do resultado de duas pesquisas por nós realizadas pretendemos neste trabalho refletir teoricamente sobre as aquisições necessárias a nível psíquico para que o indivíduo possa fazer uso do pensamento inteligente como forma de aproximação da experiência. Verificamos (Souza,1998) que 50% das crianças que nos procuram para uma avaliação psicológica apresentam queixas de baixo rendimento escolar, mas em 90% dos casos estudados os testes de inteligência constataram níveis de inteligência compatíveis e freqüentemente superiores à média esperada para crianças de sua faixa etária. Um estudo com essas crianças (1993) revelou modos predominantes de funcionamento psíquico individual e semelhanças na dinâmica familiar. O objetivo do presente trabalho refletir teoricamente sobre esses dados a fim de lançar luz para a importância dos aspectos emocionais no desenvolvimento da capacidade de fazer uso do pensamento inteligente como forma de solucionar problemas. A psicanálise tem trazido valiosas contribuições para analisar e refletir sobre as causas psíquicas das inibições intelectuais e das desordens na organização do pensamento. Freud (1911) apontou como o uso de funções essenciais para a inteligência como a atenção, a memória, o julgamento e o pensamento dependia da evolução do aparelho psíquico, da renúncia ao princípio do prazer como único modo de lidar com as experiências e do desenvolvimento do ego como instância capaz de adiar a satisfação imediata e do acesso ao princípio da realidade. Klein (1930, 1931) apontou para o fato de que angústias referentes à agressividade podem levar a uma inibição da natural curiosidade infantil, que se manifestaria como dificuldades na exploração da vida de fantasia. Autores como Segal (1982) e Bion (1988) e Winnicott (1990) também estudaram estes temas trazendo importantes contribuições que destacam o papel da mãe neste processo. Nossos estudos apontaram que crianças capazes do ponto de vista do potencial de inteligência mostravam-se inibidas para utilizar os recursos de que dispõem; quanto aos aspectos emocionais revelavam pobreza de vida imaginativa acompanhada de sentimentos de solidão e abandono. Suas famílias mostraram-se muito pouco continentes em relação à curiosidade da criança, fazendo com que estas optassem pelo modelo da evasão e da fuga em relação à curiosidade. Se nos apoiarmos nas teorias que apontam a importância da liberdade de exploração da vida de fantasia e da importância da família como primeiro modelo de acolhimento e transformação das emoções como forma de acesso ao pensamento, compreenderemos melhor o porquê da escolha do sintoma. O que pretendemos destacar é a importância dos aspectos emocionais e da relação familiar como o meio primordial para alcançar o desenvolvimento psíquico e a capacidade de pensar, retirando a ênfase no aspecto inato e individual da assim chamada "inteligência". Não pretendemos desprezar diferenças individuais, mas frisar que há um desenvolvimento humano a ser alcançado com o auxílio da família.

Palavras-chave: Inteligência; Inibição intelectual; Pensamento

***

SC 5.6 UM ESTUDO DAS ALTERNATIVAS DOS ITENS DO R-2: TESTE NÃO VERBAL DE INTELIGÊNCIA PARA CRIANÇAS. *Irai Cristina Boccato Alves (Instituto de Psicologia da USP - LITEP, São Paulo - SP)*

O R-2: Teste Não Verbal de Inteligência para Crianças é um novo teste recentemente publicado (2000), destinado a avaliar a inteligência de crianças de 5 a 11 anos. Ele pretende avaliar mais especificamente o fator G, proposto por Spearman, de forma semelhante ao Teste das Matrizes Progressivas de Raven. Ele foi criado por Rynaldo de Oliveira e é derivado do Teste R-1, do mesmo autor. A pesquisa de padronização foi realizada por Rosa (2000) na cidade de São Paulo. O teste apresenta o mesmo tipo de item que o teste de Raven. É composto por 30 pranchas, nas quais é apresentada uma figura colorida com uma parte faltando e abaixo da figura são apresentadas 6 a 8 alternativas para que a criança escolha entre elas qual a que completa corretamente a figura, de acordo com o raciocínio envolvido no item. A aplicação é individual, sendo as respostas anotadas pelo examinador. O objetivo do presente estudo é determinar como se distribuem as respostas das crianças da amostra de padronização em relação à resposta correta e às alternativas incorretas em relação à idade cronológica. Assim será possível fornecer dados para uma análise qualitativa das respostas incorretas, considerando a idade da criança. No manual do teste é apresentada uma tabela das freqüências de cada alternativa para as todas as idades reunidas. Método: a amostra foi constituída de 1554 crianças, 770 meninas e 784 meninos, que participaram da pesquisa de padronização, com idades variando de 4 anos e 9 meses a 11 anos e 8 meses, matriculadas na Rede Oficial de Ensino do Município de São Paulo, que inclui escolas municipais, estaduais e particulares, respeitando as mesmas proporções de matrículas desses três tipos de escolas. Na pesquisa de padronização foi constatado um aumento na média de pontos de acordo com o crescimento progressivo da idade e não foram encontradas diferenças estatisticamente significantes entre os sexos. Porém, foram verificadas diferenças significantes entre os tipos de escola: pública (estadual e municipal) e particular, o que levou à elaboração de normas em percentis para a amostra global e separadas para os dois tipos de escola. Resultados: Foram obtidas as freqüências de cada uma das alternativas de cada um dos itens e foram construídas as curvas características de cada item em função da idade. Para as alternativas erradas foi feita uma análise qualitativa, com uma ênfase nas alternativas erradas em cada idade, sendo observado que de uma forma geral as freqüências das alternativas erradas decrescem à medida que aumentam as idades. Os resultados mostram que entre os itens do teste, três deles apresentam alternativas que conduzem o sujeito à resposta errada, em função da posição da alternativa (C), que é próxima ao espaço em branco da matriz, sugerindo a necessidade de revisão dos mesmos.

Palavras-chave: Teste R-2; Teste não verbal de inteligência; Análise de item

***

SC 6 Psicologia da Saúde

A PSICOLOGIA NA PREVENÇÃO PRIMÁRIA E SECUNDÁRIA DE DOENÇAS

SC 6.1 A TEORIA DA AÇÃO RACIONAL, O LÓCUS DE CONTROLE DA SAÚDE E A OSTEOPOROSE. *Vera Sochter de Queiroz e Maria Alice d'Amorim (Universidade Gama Filho)*

A relevância das variáveis psicológicas na prevenção de doenças crônicas foi estudada através da osteoporose em mulheres. O modelo da Teoria da Ação Racional (TAR), de Ajzen e Fishbein (1980), foi usado como embasamento teórico; ao modelo foram acrescentados 9 itens da Escala de Lócus de Controle da Saúde (Wallston e Wallston, 1981; Dela Coleta, 1995), o medo sobre o medo e o sentimento de susceptibilidade à osteoporose. Um total de 180 mulheres, com idade variando de 35 a 67 anos, participaram do estudo, respondendo a um questionário na sala de espera de um médico particular. Como hipótese foi predito que a intenção de fazer exames regulares de densitometria óssea como prevenção da osteoporose, variável dependente, apresentaria correlações positivas e significativas com as variáveis independentes a seguir: 1. uma atitude favorável em relação à prevenção; 2. crenças na eficácia dos comportamentos preventivos , 3. a percepção da opinião das pessoas relevantes, acerca da prevenção, e a tendência a acatar tais opiniões. 5 o medo

da osteoporose, 6. o sentimento de susceptibilidade a esta doença e 7. tendência a atribuir a si ou a outras pessoas a responsabilidade por suas doenças. As quatro variáveis básicas do modelo TAR: Atitude, Norma Subjetiva, expressando a pressão social, Crenças Comportamentais e as Normativas, apresentaram correlações positivas e significativas com a Intenção de fazer a densitometria óssea, confirmando o valor do modelo nos estudos de saúde. As correlações entre a Intenção e as variáveis externas ao modelo foram positivas e significativas, confirmando as hipóteses 5 e 6. As dimensões do Locus de Controle, Internalidade e Outros Poderosos apresentaram correlações positivas com a Norma Subjetiva e só indiretamente com a Intenção, segundo as previsões do modelo, confirmando a hipótese 7. Uma Regressão Múltipla tendo como variável independente a Intenção explicou 53 % da variância obtida através da Norma Subjetiva, da Atitude, das Crenças Comportamentais, do Sentimento de Susceptibilidade e das Crenças Normativas nesta ordem.

Foram assim confirmadas as hipóteses 2, 1, 3 e 6. Apenas a hipótese 4 não foi confirmada.

Palavras-chave: Teoria da Ação Racional; Locus de Controle; Osteoporose

SC 6.2 LOCUS DE CONTROLE E PREVENÇÃO PRIMÁRIA E SECUNDÁRIA À DOENÇAS: UMA REVISÃO. *Marilia Ferreira Dela Coleta (Faculdade de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, MG)*

No processo de aprendizagem social, em decorrência das expectativas de sucesso e de fracasso em obter os reforçamentos valorizados pelo indivíduo, este adquire uma percepção relativamente estável sobre a origem e o controle dos resultados destas experiências. Esta percepção, denominada Locus de Controle, tem demonstrado ser uma importante variável relacionada ao desempenho em tarefas de realização, diferenciando indivíduos predominantemente "internos", que acreditam que detêm o controle dos resultados de suas ações, dos "externos", aqueles que possuem estas crenças em que outras pessoas, circunstâncias, destino ou acaso determinam as ocorrências em suas vidas. As medidas desta variável evoluíram da escala original de medida do locus de controle geral para diversas outras medidas de percepção de controle específico de diferentes áreas da vida humana, como o casamento, o trabalho e a saúde. Neste estudo faz-se uma revisão da bibliografia de três décadas (1966 a 1996) sobre o locus de controle aplicado à área de saúde, analisando-se sua contribuição e implicações para a prevenção primária e secundária. A análise considerou a data dos textos, a metodologia utilizada e o comportamento relacionado à saúde ou doença específica. Os resultados indicaram que a primeira década de estudos foi caracterizada pela utilização da escala unidimensional de Rotter, verificando-se a relação da internalidade dos sujeitos com maior conhecimento sobre suas doenças, melhores resultados em programas de perda de peso e em deixar de fumar, atitudes mais positivas com relação à cuidar da saúde, comportamentos preventivos e de manutenção de doenças, melhor ajustamento a doenças crônicas ou incapacitantes. Na segunda década analisada surgem instrumentos para medida do locus de controle específico de saúde e estudos mostrando que pacientes internos para a saúde eram mais eficazes no controle de doenças crônicas, tais como diabetes e hipertensão, no uso de aparelhos ortodônticos e ortopédicos, no desempenho em esportes. Nos anos seguintes surgem escalas para medida de percepção de controle de doenças específicas, estudos desenvolvidos em outras culturas, a busca de variáveis combinadas com o locus de controle da saúde, tais como o valor da saúde, e estudos sobre a prevenção de novas doenças, como a aids, ou de sintomas como o stress. No Brasil, a partir de 1990, foram desenvolvidos estudos sobre comportamentos preventivos do câncer de mama, cervical, de pele e de próstata, uso do preservativo para prevenção da aids, comportamentos preventivos de doenças cardiovasculares e do infarto do miocárdio. Estes estudos utilizaram a escala multidimensional de locus de controle de saúde e mostraram que a internalidade estava relacionada a diversos comportamentos preventivos primários e secundários, a uma atitude mais positiva com relação à prevenção e à percepção de benefícios aos comportamentos de saúde. O conjunto dos estudos analisados sugere a importância de uma intervenção educativa em escolas e instituições de saúde visando demonstrar à população a relação existente entre comportamento e saúde, principalmente no caso das doenças relacionadas a estilo de vida e naquelas onde a iniciativa de procurar um médico ou fazer um exame periódico pode significar a diferença entre a vida e a morte.

Palavras-chave: Locus de controle; Prevenção; Saúde

SC 6.3 CRENÇAS, ATITUDES E INTENÇÕES DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS ACERCA DA PREVENÇÃO FRENTE À AIDS, SOB O ENFOQUE DA TEORIA DA AÇÃO RACIONAL. *Cláudia de Freitas Lopes (Associação Brasileira de Ensino Universitário, Rio de Janeiro, RJ)*

Este estudo usa a Teoria da Ação Racional (Azjen e Fishbein, 1980), chamada de TAR, cujo pressuposto básico é de que, geralmente, o comportamento das pessoas é racional e voluntário. Suas decisões são baseadas na informação processada implícita ou explicitamente. Este modelo dá ênfase aos aspectos pessoais, sociais e cognitivos para o estudo e modificação do comportamento humano considerando quatro categorias de conceito, utilizando os termos: atitude, para a categoria afeto, crença, para a categoria cognição, intenção, para a categoria conação e comportamento, para a categoria comportamento. Essa teoria que se tornou um marco referencial no estudo da atitude e na mudança de atitude em geral e, mais especificamente, na implementação de comportamentos preventivos de saúde, considera a intenção de realizar ou não um comportamento como melhor preditor do comportamento futuro. Em decorrência do pressuposto teórico apresentado, este estudo teve como objetivo investigar as razões psicológicas na intenção do uso do condom por universitários. Os participantes foram 195 rapazes e 115 moças, tendo o instrumento incluído dados pessoais, oito questões sobre as consequências da AIDS e perguntas sobre as variáveis da Teoria da Ação Racional. Os dados da pesquisa indicaram diferenças de sexo no conhecimento acerca das consequências da AIDS, e na maioria das variáveis do modelo. As mulheres foram geralmente mais dispostas ao uso do condom durante as relações sexuais, com atitudes mais favoráveis e menos barreiras ao seu uso. Uma evidência favorável ao modelo é que 2/3 das crenças comportamentais distinguiram os sujeitos com intenção de exigir o uso do condom daqueles que não pretendem fazê-lo. Os participantes com maior intenção de usar o condom consideram não haver desvantagens neste comportamento, enquanto a falta do seu uso pode gerar insegurança. Para eles o condom pode proporcionar maior probabilidade de vida, através de uma vida sexual segura e livre da AIDS. Três regressões foram calculadas, uma para o grupo geral e uma para cada sexo. Os resultados de todas as regressões mostraram que a crença comportamental acerca do uso do condom diminuir o prazer foi muito importante. A regressão total explicou 36,2% da variância obtida na variável dependente, a intenção de usar o condom. Deste valor, 18,8% correspondem às crenças normativas, 8,2% à norma subjetiva e 8,2% às duas crenças comportamentais, a de que o uso do condom diminui o prazer e a de que este permite uma vida sexual mais segura.

Na regressão feita com os homens, a variância foi explicada em 27,4%, sendo 12,3% pela crença normativa, 7,9% pelo item de diminuição do prazer, 4,8% pela norma subjetiva, 2,4% pelo item acerca da vida sexual segura. Na regressão feita com as respostas femininas o total de 45,3% da variância na intenção de exigir o uso do condom foi explicado, sendo 45,8% pelas crenças normativas, 1,8% pela norma subjetiva e 1,1% pelo item prazer.

Auxílio Financeiro: Bolsista da CAPES.

Palavras-chave: AIDS; Teoria da Ação Racional – TAR: Uso do Condom.

SC 6.4 OS EFEITOS DO ESTRESSE E DA ANSIEDADE NA QUALIDADE DE VIDA. *Patrícia da Adette Figueredo (Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, RJ)*

O tipo de vida que as pessoas têm atualmente, torna relevante o estudo dos fatores que podem prejudicar à sua qualidade de vida. A importância que alguém atribua a seu próprio estilo de vida é fundamental para permitir ao indivíduo perceber os elementos que o conduzem para o tipo de vida que ele deseja. Esta pesquisa se propõe a avaliar como o estresse, em seus três níveis crescentes, alerta, resistência e exaustão, e a ansiedade seja ligada a uma escala de traço, seja constituindo uma tendência pessoal, interferem na percepção que a pessoa tem a ter de sua qualidade de vida. Foram previstos níveis mais altos de estresse e ansiedade nas mulheres. Correlações positivas e significativas foram previstas entre estresse e ansiedade devendo estas duas variáveis apresentarem correlações negativas e significativas com a qualidade de vida. Ao total dos participantes 98 eram estudantes universitários e 92 eram funcionários, divididos quase igualmente por gênero. Os instrumentos que constituíram as variáveis independentes foram as escalas ISS de estresse e o IDATE para a ansiedade. Aquele referente à variável dependente qualidade de vida, o IQV, foi fatorizado, sendo obtidos cinco fatores: o psicológico (alfa de 0,900), o de saúde (alfa 0,885), o financeiro (alfa 0,770), o de relacionamento (alfa 0,770) e o da família (alfa 0,691). Os resultados revelaram sintomas de estresse moderado e intenso na maioria dos participantes, cerca de 56%. As mulheres estavam significativamente mais estressadas que os homens, além de sofrerem mais de ansiedade, tanto traço quanto estado, mas não ocorreram diferenças significativas entre os grupos de idade e de ocupação. As correlações obtidas confirmaram as previsões feitas. Foram calculadas várias Regressões Múltiplas uma delas tendo como variável dependente o índice geral de qualidade de vida e cinco delas usando os fatores específicos. Na primeira, 43,7% da variância obtida resultou da ansiedade traço e dos sintomas de exaustão (38,5%) com pequena contribuição da idade, sexo e ansiedade estado. No caso do fator psicológico, 37,2% da variância foi explicada também pela ansiedade traço e exaustão (32,7%), aparecendo ainda a idade e a ansiedade estado. Para o fator de saúde, apenas a exaustão e a ansiedade traço explicaram a variância em 28,2%. Para o fator financeiro 24,4% da variância foi explicada pelas mesmas quatro fatores, exaustão, ansiedade traço, sexo e idade, nesta ordem. O fator de relacionamento foi explicado em 78,0% por esta única variável, a ansiedade estado com um beta negativo. Finalmente, o fator da família teve sua variância explicada em 30,5% pela idade, ansiedade traço e sexo.

Palavras-chave: Estresse; Ansiedade; Qualidade de vida

SC 6.5 TABAGISMO E ENFISEMA PULMONAR. *Ismar D'Oliveira Bastos (Centro Universitário Augusto Motta, Rio de Janeiro, RJ), Maria Alice D'Amorim (Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, RJ)*

A promoção da saúde e do bem estar individual e da coletividade através da redução dos riscos de doenças produzidas pelo tabagismo, deveria ser uma das metas principais do Ministério da Saúde. Por volta de 1980 as doenças relacionadas à respiração tornaram-se a causa mais prevalente de dias parados e doenças respiratórias crônicas formando a quarta causa de limitação das atividades e a primeira das aposentadorias precoces, uma delas foi o enfisema pulmonar. O enfisema pulmonar é caracterizado, essencialmente, por hiperinsuflação alveolar com destruição progressiva dos

septos e conseqüente confluência dos grupos alveolares tendendo formar bolhas. À abertura do tórax, durante uma cirurgia, os pulmões tendem a saltar da cavidade torácica, com um aspecto volumoso, pálido e um pouco seco, o que aliada a retenção aérea e a redução da perfusão. Geralmente existe alguma infiltração e os brônquios costumam exibir alterações inflamatórias em diversos graus. Utilizando a Teoria da Ação Racional, muitos estudos foram realizados para tentar estudar a etiologia deste hábito e procurar modificá-la através da influência da atitude, crença e pressões sociais. O conhecimento das crenças comportamentais e normativas, da atitude e da norma subjetiva que influenciam a intenção, ajudam a prever o comportamento. Neste estudo também foram verificados os conhecimentos dos participantes acerca das conseqüências do tabagismo. Um total de 210 pessoas cuja idade variava de 16 a 69 anos, eqüilibradas quanto ao sexo, responderam ao instrumento. Um levantamento inicial acerca das informações sobre a relação entre o fumo e o enfisema pulmonar serviu para a escolha de cinco itens de crença do instrumento: entre as pessoas cujo opinião acerca do hábito de fumar seria aceita, apenas os médicos, amigos e pessoas que tinham deixado de fumar obtiveram uma freqüência saliente. Os dados obtidos mostram um conhecimento maior da relação fumo - enfisema pulmonar entre os jovens. Entre as crenças predominaram as desfavoráveis, porém apenas duas crenças favoráveis ao fumo distinguiram aquelas que pretendiam abandonar o fumo dos que afirmaram não pretender fazê-lo. "o fumo como prazer" e como "capaz de distrair e relaxar". Uma regressão múltipla tendo como variável dependente a intenção e como independentes o conhecimento sobre o enfisema, e as variáveis do modelo explicaram apenas 16,6% da variância obtida na intenção através das crenças normativas, do item sobre o prazer de fumar e da atitude. Os resultados parecem mostrar que reduzir o índice de enfisema pulmonar através do controle pessoal do hábito de fumar é muito difícil, já que inicialmente não existem incentivos fortes que levem ao abandono do fumo e, quando estes se manifestam, já é, muitas vezes, praticamente inútil decidir, pois o prejuízo para a saúde é bem menor que o sacrifício pessoal. O controle governamental, através do aumento nos tetos do produto e propaganda intensiva e assustadora, seria talvez mais eficaz. Esta atitude deveria, entretanto, ter como complemento um serviço gratuito de ajuda aos viciados em tabaco.

Palavras-chave: Teoria da Ação Racional, Tabagismo; Enfisema pulmonar

---

SC 07/Psicologia do Desenvolvimento
AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM ESCRITA: CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO E DA EDUCAÇÃO

SC 7.1 DA CONCEPÇÃO SILÁBICA À CONCEPÇÃO ALFABÉTICA: CONTINUIDADE OU RUPTURA CONCEITUAL?. *Maria Helena Batista Vilares Centeno (UNIVALI, Itajaí, SC)*

Este estudo teve como objetivo descrever e sugerir uma explicação para as mudanças que ocorrem na produção, por crianças em processo de alfabetização, de representações ortográficas de palavras, assim como em sua habilidade de fazer inferências acerca de segmentos grafo-fonológicos, em Português. Partindo do pressuposto que tanto as representações ortográficas (expressas na escrita inventada) como as inferências (expressas na capacidade de identificar palavras novas com base em pistas grafo-fonéticas e escrever palavras novas com base em analogias) refletem diferentes concepções das crianças acerca do sistema de escrita, procurou-se investigar como elas se relacionam entre si e com as habilidades e conhecimentos que, na literatura, têm sido considerados como preditores da compreensão do princípio alfabético. Participaram da pesquisa 62 crianças que freqüentavam duas creches em Curitiba (média de idade = 6 anos) e 28 crianças portuguesas que freqüentavam duas escolas de Educação Infantil em Londres (média de idade = 6a 7m). Todas as crianças pertenciam a famílias de nível sócio-econômico baixo. Foi realizado um estudo longitudinal com apenas um mês entre os dois momentos de avaliação, para que pudessem ser captadas pequenas mudanças. Nas duas ocasiões foram utilizadas as mesmas medidas: reconhecimento de letras, pareamento fonológico, escrita inventada, identificação de palavras com base em pistas grafo-fonéticas e escrita com base em analogias, além de outras medidas de controle. A utilização de diferentes análises de regressão múltipla considerando simultaneamente as relações preditivas e concorrentes das diferentes habilidades e a realização de análises multidimensionais (PROSAC: Partial order scalogram analysis) considerando a mudança no perfil de cada sujeito, permitiram supor que a transição do período silábico para o período alfabético envolve uma ruptura conceitual em que as letras devam ser vistas como símbolos de unidades sonoras que se justapõem, ou se somam, para formarem palavras, sem perderem sua "identidade". Assim, o período silábico-alfabético traduz uma revolução conceitual em que a criança passa a aceitar que o todo (sílaba) é diferente da soma das partes (letras), o que a leva a estabelecer relações entre unidades sonoras (por exemplo, sílabas ou rimas) e unidades ortográficas e não mais entre unidades sonoras e elementos gráficos. A partir dessa compreensão, a formação de representações ortográficas serve de base para a unidade de consistência do fonema que, por sua vez, permite o aperfeiçoamento das representações ortográficas e o domínio das relações grafema-fonema, características do período alfabético.

Esta pesquisa foi desenvolvida com financiamento da CAPES.

Palavras-chave: Leitura, Escrita, Princípio Alfabético

SC 7.2 A CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA E A CONSCIÊNCIA SINTÁTICA NOS ALUNOS COM DIFICULDADES NA APRENDIZAGEM DA LEITURA E DA ESCRITA. *Sandra Regina Kirchner Guimarães (Departamento de Teoria e Fundamentos da Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba – PR)*

Existe considerável suporte empírico para a hipótese de que as habilidades metalingüísticas (consciência fonológica e consciência sintática) contribuem para explicar as dificuldades na aquisição e aperfeiçoamento da leitura e da escrita. O presente estudo teve por objetivo avaliar os níveis da consciência fonológica e de consciência sintática dos sujeitos, analisando a relação entre estas habilidades e as diferenças de desempenho na leitura e na escrita de palavras isoladas. Quanto ao método utilizado, destacam-se que foram pesquisados três grupos de sujeitos: 20 crianças com dificuldades de aprendizagem da leitura e da escrita, cursando a 3ª e a 4ª séries (grupo 1); 20 crianças da 1ª série, com o mesmo nível de leitura e escrita dos sujeitos do grupo 1 (grupo 2) e 20 crianças da 3ª e 4ª séries, com a mesma idade cronológica dos sujeitos do grupo 1 (grupo 3). A pesquisa foi baseada em cinco tipos de provas experimentais: leitura e escrita de palavras reais e inventadas, tarefas de avaliação da consciência fonológica, tarefas de avaliação da consciência sintática, tarefa de facilitação conceitual na leitura e medidas de controle. Os dados coletados foram analisados estatisticamente. De acordo com os resultados obtidos, o escore nas tarefas de consciência fonológica discriminou o grupo 1 pelo seu desempenho significativamente inferior em todas as tarefas que avaliaram essa consciência. Em relação à consciência sintática, não foi verificada diferença significativa entre os grupos 1 e 2, os quais tiveram um desempenho inferior ao do grupo 3, mostrando que o aumento nos escores em consciência sintática está relacionado com a maior experiência em leitura e escrita. Esperava-se que escores mais elevados nas tarefas de consciência sintática estivessem relacionados com um melhor desempenho na leitura de palavras em contexto. Essa hipótese não foi confirmada, pois o prova de correlação de Spearman mostrou que não existe correlação significativa entre a tarefa de facilitação conceitual na leitura e a consciência sintática. Sumarizando os resultados obtidos, conclui-se que todos os sujeitos, incluindo os do grupo 1, tinham desenvolvido a compreensão do princípio alfabético e que os procedimentos adotados para a leitura e a escrita de palavras isoladas não diferiam entre os grupos. Entretanto, verificou-se que grande parte dos problemas de leitura e de escrita dos sujeitos do grupo 1 são de natureza fonológica. Dessa forma, os resultados desta pesquisa corroboram os de outros estudos, mostrando que as dificuldades de aprendizagem da leitura e da escrita estão relacionadas predominantemente com problemas na mediação fonológica.

Bolsa: Para realização desta pesquisa a autora recebeu Bolsa de Doutorado do CNPq

Palavras-chave: Dificuldades de aprendizagem; Habilidades metalingüísticas; Consciência fonológica

---

SC 7.3 VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA E ALFABETIZAÇÃO: UM ESTUDO COM CRIANÇAS DA PRIMEIRA SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL. *Sylvia Domingos Barrera (Universidade Bandeirante de São Paulo – UNIBAN, São Paulo - SP)*

Pesquisas anteriores sobre o tema da variação lingüística têm sugerido que as diferenças existentes entre a fala das crianças provenientes das classes populares e a língua padrão utilizada e ensinada pela escola, podem acarretar dificuldades na aquisição da linguagem escrita. Por um lado, as diferenças lingüísticas tendem a refletir preconceitos existentes com relação a essas crianças e ao seu ambiente sócio-cultural, por parte da instituição escolar e seus representantes. É possível supor também que a utilização de variedades lingüísticas não-padrão, ao aumentar as irregularidades existentes na correspondência oral/ escrita, constitua um fator adicional de dificuldade para a alfabetização dessas crianças. Embora do ponto de vista lingüístico seja infundado postular a superioridade da língua padrão com relação às suas variantes regionais e sociais, é impossível negar que esta detém o prestígio social, sendo função da escola ensinar a todos os alunos como forma de garantir aos mesmos o acesso aos bens culturais e econômicos e a participação política no contexto social. Com base nesse quadro teórico, realizamos uma pesquisa com o objetivo de avaliar a influência do nível de variação lingüística sobre a aquisição da linguagem escrita. Adotamos como hipótese que os alunos com maior grau de variação lingüística apresentariam desempenho inferior em termos de aquisição da linguagem escrita. Participaram da pesquisa 65 alunos, de três classes de primeira série, de uma escola pública localizada na periferia da cidade de São Paulo. Todas as provas foram aplicadas individualmente pela pesquisadora. Para a avaliação do nível de variação lingüística, realizada no início do ano, utilizou-se um livro infantil contendo apenas figuras, a partir das quais as crianças foram solicitadas a contar uma estória. As verbalizações dos alunos foram gravadas e os exemplos de variação lingüística anotados em protocolos e quantificados sob a forma de escores. Para a avaliação da linguagem escrita foram realizadas provas de leitura e escrita aplicadas no início e final do ano letivo, sendo que o desempenho dos alunos nessas tarefas foi também quantificado. A pesquisadora realizou ainda observações nas três classes, no decorrer do ano, a fim de colher dados sobre a atuação das professoras às formas lingüísticas não-padrão utilizadas pelos alunos. Os resultados da análise estatística mostraram uma correlação negativa significativa entre o nível de variação lingüística e o desempenho final em leitura. Foi possível verificar também que, dos alunos que encerraram o ano apresentando uma fala mais diferenciada com relação à

língua padrão, nenhum conseguiu apresentar resultados superiores em leitura e escrita, sendo que a maioria deles, inclusive, apresentou níveis fases inferiores nas provas de alfabetização. Com relação às interações em sala de aula, foi observado que os episódios de variação lingüística tenderam a ser desconsiderados ou corrigidos de forma puramente normativa pelas professoras, isto é, tratados como "linguagem errada". Os resultados da pesquisa pretendem contribuir para o aperfeiçoamento da formação de professores no que diz respeito ao conhecimento das relações entre variação lingüística e alfabetização.

Apoio CNPq - bolsa de doutorado, concluído.
Palavras-chave: Variação lingüística, Alfabetização, Ensino fundamental

SC 7.4 DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA : EFEITOS DE UMA INTERVENÇÃO EXPERIMENTAL. *Maria José dos Santos** (Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, SP; Universidade Federal de Goiás/Campus Avançado de Catalão, Catalão, GO) Maria Regina Maluf (Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, SP)*

A consciência fonológica, vista como habilidade de refletir e manipular os sons da língua, tem sido relacionada ao êxito na aquisição da linguagem escrita, a partir de evidências resultantes sobretudo de estudos correlacionais. Esses estudos demonstram uma alta correlação entre consciência fonológica e habilidade de leitura, embora apresentem divergências de interpretação. Outros estudos, de tipo experimental, têm levado a resultados que demonstram a possibilidade de utilizar programas de intervenção para desenvolver habilidades metalingüísticas, com o objetivo de favorecer a aquisição da linguagem escrita. A presente pesquisa consiste numa intervenção de tipo experimental que tem por objetivo o desenvolvimento da consciência fonológica, vista como uma das habilidades metalingüísticas, em crianças pré-escolares. A pesquisa-intervenção teve como sujeitos trinta e seis crianças de cinco e seis anos, que freqüentam classes de alfabetização em uma pré-escola municipal do interior do Estado de São Paulo. No início do ano letivo foi feito um pré-teste que avaliou as habilidades fonológicas através de provas de sensibilidade à rima e aliteração, produção de rima e aliteração e consciência de palavras e sílabas. O grupo experimental foi constituído por dezessete crianças de uma das classes. Constituíram o grupo controle, dezenove crianças da outra classe. Foi aplicado, pela professora regente da classe, às crianças do grupo experimental, um programa para o desenvolvimento da consciência fonológica, composto de jogos e exercícios metalingüísticos. O programa foi elaborado pela própria pesquisadora com a participação das professoras, tendo por base outros programas já utilizados e referidos na literatura da área. As crianças do grupo controle passaram por uma série de atividades consideradas como sendo um programa placebo, que foi aplicado pela professora regente da classe. O programa placebo era composto de atividades de pintura, desenho e colagem. Foram realizadas trinta e duas sessões de aplicação de cada um dos programas. Cada sessão teve duração aproximada de vinte minutos. Ao final da intervenção foi aplicado um pós-teste a todas as crianças para avaliar as mesmas habilidades fonológicas consideradas no pré-teste. Na análise dos resultados foram utilizadas provas estatísticas de variância. Os resultados apontaram diferenças significativas nos níveis de consciência fonológica das crianças do grupo experimental quando comparadas com as crianças do grupo controle. Foi realizada também uma análise, de tipo qualitativo, do desempenho das crianças nas diferentes tarefas utilizadas para a avaliação. Foi feita uma discussão dos resultados obtidos, confrontando-os com a literatura. Considera-se que tais resultados têm importantes implicações para a prática pedagógica, particularmente no que concerne às crianças no início da alfabetização. Esta pesquisa está sendo complementada por outros estudos em andamento.

Apoio bolsa CAPES- demanda social doutorado
Palavras-chave: Consciência fonológica; Metalinguagem; Alfabetização.

SC 7.5 CONHECIMENTO METACOGNITIVO DE CRIANÇAS DE 3ª SÉRIE QUE APRESENTAM DIFICULDADES NA AQUISIÇÃO DA LEITURA. ***Fabíola Vidigal de Paula, Maria Isabel da Silva Leme (PSA - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo / São Paulo -SP)*

Pesquisas vêm demonstrando a importância dos processos metacognitivos na aprendizagem da leitura. Objetivo: Neste estudo objetivou-se primordialmente investigar como algumas crianças da 3ª série do ensino público fundamental, com diferentes níveis de aquisição da leitura, relatam o modo como percebem, organizam e avaliam sua própria atividade cognitiva envolvida em situações de leitura. Método: Participaram da coleta final de dados 40 crianças de uma escola pública de São Paulo, de ambos os sexos, selecionadas e distribuídas em dois grupos - G1 e G2, conforme o desempenho apresentado em uma tarefa padronizada de leitura e escrita, aplicada na escola. O G1 foi composto pelas crianças com desempenho mais baixo na referida tarefa e o G2 pelas crianças com desempenho mais alto, como referência para a comparação de resultados. Para obter relato de conhecimentos metacognitivos sobre leitura referente à tarefa e pessoas, auto-avaliação e auto-gerenciamento, foi elaborado um roteiro de entrevista. Esta foi realizada individualmente com cada criança, efetuando-se áudio-gravação. Em seguida, para verificar desempenho em leitura realizou-se individualmente uma tarefa de leitura de livro. Tipos de erro, condutas de auto-correção e tempo de leitura foram registrados em protocolo apropriado. Resultados: O procedimento de análise das entrevistas foi realizado a partir da categorização dos relatos referentes aos itens do conhecimento metacognitivo abordados na entrevista. Foram registradas a variação e freqüência das categorias de relato por grupo. A tarefa de leitura foi avaliada considerando o nível de desempenho e as estratégias adotadas no decorrer da tarefa pelos grupos de crianças. Quanto aos resultados, destacaram-se diferenças entre os grupos no domínio de conhecimentos metacognitivos, especialmente do ponto de vista qualitativo. No grupo mais avançado em aquisição de leitura evidenciou-se domínio de conhecimentos metacognitivos relativos a dimensões mais complexas da leitura, tais como: conhecimento relacionados ao nível ortográfico e de estrutura textual, maior número de referências a conhecimentos sobre estratégias e generalização desses conhecimentos para outras disciplinas; enquanto que o grupo com menor nível de desempenho refere-se mais a categorias de conhecimento sobre leitura relacionados ao nível da palavra. Na tarefa de leitura de também encontramos diferenças entre os grupos em termos de desempenho e níveis de uso de estratégias de auto-correção na tarefa, que denominamos um auto-gerenciamento. Comparando o resultado dos dois instrumentos encontramos relações entre nível de domínio de conhecimento metacognitivo sobre leitura e nível de desempenho e auto-regulação na tarefa de leitura. Conclusão: Em virtude das relações evidenciadas concluímos que há uma relação entre o plano do conhecimento declarável pela criança sobre seu funcionamento cognitivo e a aplicação efetiva deste conhecimento no plano da ação em tarefas que exigem habilidades de leitura. Além disto, trata-se de um campo possível de ser explorado pelo alfabetizador, por exemplo, em termos da avaliação formativa, a qual compreende um espaço e um incentivo à conscientização por parte da criança sobre a importância destes aspectos para incrementar sua aprendizagem.

**Bolsista de pós-graduação do CNPq
Palavras-chave: Leitura, Alfabetização, Metacognição

SC 7.6 RELAÇÃO ENTRE NÍVEL DE ESCRITA E DE LEITURA EM CRIANÇAS DAS SÉRIES INICIAIS. ***Édina de Oliveira Sousa, Maria Regina Maluf, (Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP)*

Pesquisas anteriores verificaram a existência de diferenças entre o desempenho na leitura e na escrita, em crianças nas fases iniciais de aprendizagem da linguagem escrita. As hipóteses interpretativas dessas diferenças variam. Alguns aceitam que os processos subjacentes são os mesmos e que a aprendizagem de uma habilidade deve implicar a aquisição da outra. Outros admitem que os processos são diferentes e que ensinar uma habilidade não implica necessariamente que a criança adquirirá a outra, ao menos no mesmo nível de desempenho. O objetivo da presente pesquisa foi investigar a relação entre o desempenho em leitura e em escrita, em crianças no início da escolarização, a partir de uma perspectiva psicogenética. Buscou-se verificar as diferenças no desempenho em escrita e em leitura de palavras e frases e sua possível relação com as etapas psicogenéticas identificadas no início da aquisição da linguagem escrita. Foi também verificada a relação entre a habilidade de decodificar palavras e frases e a compreensão que as crianças apresentaram dessas mesmas palavras e frases. Participaram da pesquisa 73 crianças de classes de primeira e segunda séries de uma escola de ensino fundamental. O procedimento utilizado consistiu em propor individualmente às crianças, atividades de escrita, leitura e compreensão com variações na ordem dessas atividades: escrita de quatro palavras ditadas pelo experimentador; leitura e compreensão dessas mesmas palavras, agora apresentadas em cartões; leitura e compreensão de outras quatro palavras; escrita dessas mesmas palavras ditadas pelo experimentador, escrita de uma frase ditada; leitura e compreensão de uma outra frase apresentada em cartão. Foram também realizadas observações em sala de aula para verificação da metodologia de ensino utilizada pelas professoras. A análise estatística dos dados incluiu testes de comparações entre as médias de desempenho, análise fatorial e análise de classes. Os resultados obtidos mostraram a existência de diferenças e influências recíprocas entre as atividades de escrita e de leitura. As crianças escreveram significativamente melhor depois de ter lido e leram significativamente melhor depois de ter escrito as palavras. De um modo geral, a escrita apresentou-se em níveis mais avançados do que a leitura. Nas atividades com frases não foram observadas diferenças significativas entre ler e escrever, o que nos sugere que por apresentar as palavras num contexto maior a frase pode ter facilitado a performance das crianças nas duas atividades. As diferenças entre a leitura e escrita das crianças variaram segundo as etapas de construção da linguagem escrita. Nas etapas menos adiantadas e nas mais avançadas as duas atividades se aproximaram, enquanto que as diferenças aumentaram nas etapas intermediárias, com maior dificuldade nas atividades de leitura de palavras sem a escrita prévia. Os resultados demonstraram que a decodificação não garante a compreensão, mas apontaram que, quanto maior o nível de decodificação demonstrado, melhor o desempenho na compreensão da leitura. Esses resultados são confrontados com outros encontrados na literatura da área.

Apoio Financeiro: bolsa de mestrado CAPES / PICDT
Palavras-chave: Alfabetização; Leitura; Escrita

SC 08/Psicologia Escolar e Educação
A PSICOLOGIA NA ESCOLA

SC 8.1 A PSICOLOGIA NA ESCOLA E A DEMANDA PARA EXPLICAR OS INDIVÍDUOS CONTEMPORÂNEOS. *Sonia Mari Shima Barroco (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR)*

Neste trabalho, objetivamos abordar sobre a demanda posta ao psicólogo atuante na escola: explicar as relações interpessoais dos indivíduos contemporâneos. Ele é parte integrante da dissertação de mestrado da autora (2001) e também resulta de observações realizadas, enquanto psicóloga escolar e supervisora de estágio curricular de Psicologia. Essa demanda também pode ser identificada, na sociedade em geral, quando diferentes segmentos são convocados a apresentarem pareceres e propostas para minorarem os sofrimentos humanos e é compreensível que, em momentos de crise social, essa preocupação se acentue. Constatamos que, por parte da escola, tal demanda é apresentada ao psicólogo através de queixas referentes aos conflitos da convivência cotidiana (envolvendo educadores, educandos e suas famílias) e de uma prática que procura as causas do insucesso das propostas pedagógicas, da indisciplina generalizada, da falta ou da fragilidade de princípios éticos e morais em determinados indivíduos ou famílias, culpabilizando-os e neles personificando esses saldos das contradições que se agudizam. Pensamos, a partir daí, que o entendimento do comportamento social dos indivíduos contemporâneos (que envolve as atribuições que lhes são designadas, a constituição familiar, as características e a qualidade das relações interpessoais, os dados da realidade objetiva, o modo como a garantia da existência se processa, etc.) possa ser alcançado por outras vias que superem a descrição do problema e o levantamento das histórias de vida pessoal, através de observações, anamneses, testes psicológicos. Sem menosprezar a importância destes instrumentos ou procedimentos, discutimos, com base em referenciais teóricos histórico-culturais, a necessidade de a psicologia ir além, apreendendo não só as histórias de vida, mas a vida dos homens com historicidade. Se reconhecermos o caráter datado dos indivíduos e de suas elaborações, os recursos e procedimentos que adotamos e as fontes que elegemos precisam ser revistos. Compreendemos, então, que há fontes não convencionais que podem constituir-se em recursos privilegiados para informar não apenas sobre um indivíduo e suas dificuldades, mas sobre os indivíduos participando de uma dinâmica da vida social em dificuldades, o que em muito direciona para que determinadas formas do existir se ampliem ou não. Consideramos, por exemplo, que a arte, enquanto produção humana, possui essa propriedade de contribuir para o desvendamento não só do artista (do seu talento e estilo pessoal, de aspectos de sua personalidade etc.), mas dos homens em geral, situados em um determinado tempo e espaço e que vivem e se expressam de acordo com tais referências. Concluímos que o estudo das produções humanas pode ajudar-nos a pensar os homens concretos e em relação com o mundo que humanizam e torná-los humanizando-se através dele, o que parece ser uma alternativa para fazer frente à demanda citada inicialmente. Por este exposto, consideramos a Psicologia não apenas uma ciência que estuda o comportamento humano (em seus diferentes desdobramentos), mas uma ciência capaz de uma ação pedagógica para com os homens contemporâneos, quando interpreta com eles a realidade objetiva e discute sobre eles mesmos, a partir dela ou junto a ela.

Palavras-chave: Psicologia junto à educação, Indivíduo contemporâneo, Relações interpessoais

***

SC 8.2 PSICOLOGIA ESCOLAR E ESTÁGIO NO SETOR PÚBLICO: UMA EXPERIÊNCIA EM FORMAÇÃO. *Herculano Ricardo Campos, Alyssan Zenildo Costa Alves e Eliézio de Assis Pereira Júnior (Departamento de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN)*

A escola insere-se de modo contraditório na estrutura geral do capital de modo que, na medida em que se desenvolvem os meios e os instrumentos de produção, tanto uma maior escolaridade é requerida para a inserção nos postos de trabalho formais quanto mais o trabalho escolar é reduzindo a uma mera transmissão de saberes insuficientes e inadequados para a emancipação intelectual do trabalhador. É na perspectiva desta desqualificação do saber transmitido pela escola que se observa atualmente, primeiro, o fim da carreira de especialistas da educação, como os supervisores e coordenadores de ensino, e depois, a impossibilidade de atuação no seu interior de profissionais a ela alheios, como os psicólogos escolares. Essa perspectiva, consubstanciada na nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, aprofunda o distanciamento entre a qualidade dos serviços prestados pelos setores público e privado de modo que, ao setor privado ficam abertas as possibilidades para se aparelhar da melhor maneira possível e cobrar o que achar devido pelo serviço ofertado, enquanto no setor público observa-se crescente desinteresse e sucateamento dos profissionais da educação, ameaçando-o com sua falência. Refletindo esse estado de coisas, tem sido quase inexistente, entre os alunos do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte que optam por realizar seu estágio curricular obrigatório na área de Psicologia Escolar, o interesse por fazê-lo em escolas da rede pública, notadamente em face da falta de perspectiva de inserção profissional. No contrafluxo dessa tendência, no ano de 200?, uma dupla de alunos optou por desenvolver as atividades do seu estágio em Psicologia Escolar na rede pública de ensino da cidade de Santa Cruz, distante 11? km de Natal, capital do estado do Rio Grande do Norte. Com 43 escolas e 32.000 habitantes, as demandas da Secretaria de Educação e dos professores eram, principalmente, alto índice de evasão escolar; mudança de série sem os conhecimentos suficientes e necessários para tanto; deficiência pedagógica dos professores; ausência das famílias do processo escolar. Com base em uma caracterização da clientela, efetuada por meio de visita a 34 escolas, análise das fichas cadastrais dos alunos, entrevistas e reuniões com pais, professores e membros da equipe pedagógica da Secretaria, os estagiários optaram por trabalhar com sete escolas urbanas de ensino fundamental e uma de educação infantil, que atendiam um total de 960 alunos. Foram desenvolvidas atividades como: realização de um projeto de rádio nas escolas, coordenado pelos professores e executado pelos alunos; criação de um jornal, destinado ao corpo docente; implantação do projeto "pais em cena", que reestruturou as reuniões entre pais e professores e um programa de reciclagem dos professores do ensino infantil. Em um ano, era visível a mobilização dos professores por aperfeiçoamento profissional e métodos pedagógicos mais consistentes, e a criação de formas alternativas de ensino, mais adequadas ao seu contexto. As famílias, antes completamente ausentes, paulatinamente se envolviam no processo ensino-aprendizagem dos seus filhos. O fim do estágio e a nova gestão municipal põem em xeque a continuidade das atividades.

Palavras-chave: Psicologia Escolar, Estágio, Educação

***

SC 8.3 O PSICÓLOGO NAS INSTITUIÇÕES ESCOLARES DO RIO GRANDE DO NORTE. *Margarida Rose Barreto de Lima Jardim**, Oswaldo Hajime Yamamoto (Departamento de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN)*

Embora seja uma das modalidades consagradas de inserção profissional do psicólogo, o trabalho no âmbito educacional é envolto de questionamentos, que giram em torno das polêmicas a respeito da definição do seu papel, da sua relevância para o sistema educacional e da forma pela qual tem se configurado, na prática, a área em nível nacional. A fim de contribuir com a discussão em torno desse tema, o presente estudo procura caracterizar e discutir a inserção do psicólogo na escola no estado do Rio Grande do Norte. O trabalho foi desenvolvido em duas etapas principais: (1) levantamento, através de consulta a listagens das Secretarias de Educação e posterior contato telefônico, a quantidade de psicólogos com vínculo empregatício nas escolas de ensino regular dos principais municípios do RN e a filiação administrativa dessas escolas. (2) aplicação de um questionário que continha questões relativas à caracterização sócio-demográfica, a formação acadêmica nos níveis de graduação e de pós-graduação, a trajetória profissional, as atividades atuais desenvolvidas enquanto psicólogo da escola além da opinião dos mesmos sobre o papel do psicólogo no campo educacional. Os principais resultados encontrados referem-se a 44 psicólogos em exercício atualmente encontrados em 9 municípios do estado. Desses, 31 responderam nossa pesquisa. Na capital, Natal, existem 17 psicólogos em escolas particulares e apenas 1 numa escola pública. Desses, apenas 5 fizeram seu estágio curricular obrigatório na área escolar, 9 deles atuam paralelamente em Psicologia na clínica e a maioria obtém rendimento de entre 2 e 5 salários mínimos com a Psicologia na escola. No interior, 7 psicólogos estão nas escolas particulares e 6 nas escolas públicas, todas municipais. Desses, 4 fizeram estágio em Escolar, 6 atuam também na área Clínica, a maioria recebe entre 1 e 2 salários mínimos mensais como Psicólogo da escola. Podemos afirmar, dentre outras coisas, que o modelo de formação que os estudantes de Psicologia têm recebido continua desvalorizando áreas de atuação mais institucionais e comunitárias, que a Psicologia Escolar continua não sendo a principal nem mais rentável atividade do psicólogo no RN, que o sistema particular ainda é o que mais contrata, havendo, no entanto, uma abertura dos municípios à contratação do psicólogo como profissional da educação, talvez atribuída à municipalização do ensino fundamental e à existência de uma margem de autonomia quanto ao uso de recursos destinados à remuneração e aperfeiçoamento do pessoal docente e demais profissionais de Educação, realidade que vem se refletindo na contratação de psicólogos. Apesar de haver um maior interesse pela busca do trabalho na escola, a carreira clínica, representada pela atuação em consultório particular, ainda é a preferida pelo psicólogo, não sendo o Escolar uma exceção no Rio Grande do Norte. Tal preferência privilegia explicações que focalizam o psiquismo humano, isolando-o de seus determinantes históricos e sociais. Se considerarmos a escola um importante espaço de desenvolvimento social, seria essa instituição, na figura daqueles que dela participam, uma das mais prejudicadas pela ação predominantemente individualizante e elitista do profissional de Psicologia Escolar no Rio Grande do Norte.

(CAPES)

Palavras-chave: Psicologia Escolar, Formação do psicólogo, Exercício profissional do psicólogo.

***

SC 8.4 A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM COMO DISPOSITIVO ANALISADOR DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO ENSINO SUPERIOR. *Luiz Antonio Saléh Amado** (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ)*

A educação é considerada uma das principais instituições responsáveis pelo processo de socialização dos membros da nossa sociedade e, como tal, veicula um conjunto de relações e práticas sociais instrumentalizado a partir de seus estabelecimentos e dispositivos. Dentre estes, destaca-se a avaliação da aprendizagem. Não importa as variadas formas que assumem – prova, trabalho, seminário etc –, os processos de avaliação são o ponto culminante de qualquer programa de ensino em todos os níveis de escolaridade, mesmo no ensino superior, nível para o qual este trabalho se volta. Independentemente do curso universitário, tem prevalecido a prática arbitrária de utilizar a avaliação como instrumento de intimidação e de disciplinarização. O interesse em analisar este dispositivo se dá em função do forte apelo que exerce no imaginário dos sujeitos envolvidos (alunos e professores), mobilizando-os em torno desse momento, além do alto potencial analítico revelador de modo como se ensina – aspecto mais relevante do que o conteúdo que é ensinado. Outro dado importante a ser mencionado é o escasso material bibliográfico a esse respeito, sobretudo se tivermos como escopo o ensino superior. Este

trabalho teve por objetivo analisar a avaliação da aprendizagem especificamente no ensino superior, buscando discutir os efeitos que os métodos e instrumentos educacionais têm sobre a formação social dos sujeitos. Neste sentido, foram feitas entrevistas com professores e alunos de Psicologia, visando ao levantamento de dados qualitativos sobre as práticas e relações estabelecidas por eles. Como ferramentas teóricas, foram utilizadas três propostas pedagógicas - não-diretiva, institucional e libertária -, a fim de auxiliar o desenvolvimento deste trabalho. Essas três concepções entrelaçam-se a partir da crítica que fazem ao sistema tradicional de ensino, defendendo, cada qual à sua maneira, a liberdade, a autonomia e a responsabilidade do aluno. Essa defesa se traduz em propostas de práticas pedagógicas distintas, mas que podem se reforçar mutuamente. O resultado das entrevistas revelou, por um lado, semelhanças com algumas tendências verificadas na pesquisa bibliográfica prévia, tais como o uso 'tradicional' da avaliação da aprendizagem basicamente como instrumento de medição e, não raramente, como punição. Por outro, foram identificados quatro aspectos que merecem destaque. O primeiro diz respeito ao consenso de que a avaliação estará sempre associada a um currículo ou projeto de curso, em última análise, a uma proposta educacional. O segundo refere-se ao discurso comum dos professores e, inclusive, dos alunos, em favor da grande responsabilidade social que os professores têm como formadores dos futuros profissionais que atuarão no mercado. O terceiro relaciona-se à prática instituída da "revisão de prova" e os diversos usos que se fazem dela, indicando, invariavelmente, o fracasso do uso da avaliação como instrumento diagnóstico ou formador. E o último que surge do interesse em conhecer as impressões daqueles que vivenciaram a auto-avaliação. Todos esses quatro aspectos podem ser considerados analisadores da prática pedagógica atual. (CAPES)

Palavras-chave: Prática pedagógica; Avaliação; Auto-avaliação

***

SC 8.5 Contribuições Da Psicologia Para Organização Da Educação No Brasil: 1920 – 1935. *Vanessa Brito** (Universidade Federal Fluminense e Faculdades Integradas Maria Thereza, Rio de Janeiro)*

Esta pesquisa situa-se na interface Psicologia/Educação e investiga o processo de constituição do saber psicológico aplicado à educação escolarizada, emergente no Brasil no início do XX, a partir do Movimento da Pedagogia Escolanovista. Buscamos realizar um estudo que situe a Psicologia no Brasil, considerando a especificidade da construção histórica desse corpo de conhecimentos e práticas fazendo, desta forma, um contraponto à tendência presente na historiografia da Psicologia que promove a naturalização de suas teorias. Considerando-se que este trabalho consiste em uma pesquisa histórica a maior parte das fontes utilizadas foi bibliográfica. Analisamos livros, documentos oficiais e cartas produzidos no período, recorrendo, portanto, a fontes primárias diversificadas. Dentre as principais fontes constaram os documentos do arquivo pessoal do professor Lourenço Filho por ter sido o pioneiro mais entusiasmado com as "descobertas" psicológicas. Analisamos sua formação e trajetória profissional e tentamos responder às seguintes perguntas: quais foram as principais mudanças ocorridas nos cursos de formação de professores durante os anos 20 e 30; o que caracterizava as novas metodologias de ensino; qual concepção de infância e desenvolvimento a Psicologia trazia; qual a função dos testes psicológicos? Trabalhamos a fundamentação teórico-metodológica a partir da abordagem sócio-histórica, tendo Michel Foucault como referência primeira. A principal preocupação da Escola Nova era o educando e o ensino ativo. Para isso a Pedagogia necessitou de um aparato teórico que oferecesse fundamentos para a compreensão da criança, seus processos de desenvolvimento da inteligência e aspectos emocionais. A afirmação destes princípios criou novas demandas sobre a aprendizagem, cuidados com a infância, outra organização do espaço familiar, produzindo alteração em algumas instituições e criando outras. Assim, intensificaram-se as pesquisas sobre a Psicologia da infância respaldadas, principalmente, na experimentação e quantificação, transformando-se as escolas em grandes laboratórios. Concluímos que a busca de cientificização das práticas educacionais contribuiu diretamente para a legitimação da Psicologia enquanto campo do saber. Foi, principalmente, através do uso de testes e de aparelhos capazes de mensurar as aptidões e deficiências dos alunos que a Psicologia "científica" ganhou terreno e respeito no início do século XX, promovendo a classificação dos escolares em virtude de seu caráter profundamente normatizador. A Psicologia tornou-se o modelo interpretativo hegemônico da realidade, tendo em Lourenço Filho um dos seus principais intérpretes. Acreditamos que a Psicologia enclausurou a educação, psicologizando-a e reduzindo os componentes sociais, políticos e econômicos desta ao âmbito exclusivamente técnico, mas ampliando em muito suas propostas na intenção de preparar para a vida. A escola dos educadores escolanovistas não instrui apenas, educa. Gostaríamos de assinalar que quando propomos a realização de uma investigação sobre as contribuições da Psicologia à Educação, num determinado período histórico, pretendemos colaborar para a compreensão das concepções e práticas vigentes no presente e a reflexão crítica sobre seu significado político e social, visto que a Psicologia tem um longo passado, mas uma curta História.

CNPq

Palavras-chave: Psicologia; Escola Nova; Lourenço Filho

*****

SC 09Psicologia Organizacional e do Trabalho

TRANSFORMAÇÕES NO MUNDO DO TRABALHO E SAÚDE PSÍQUICA DO TRABALHADOR

SC 9.1 Saúde Psíquica De Trabalhadores Em Atividades Informais: Uma Abordagem Psicodinâmica. *Cíntia Moreira**, Ana Magnólia Mendes (Rede SARAH, Universidade de Brasília, Brasília, DF)*

As transformações produtivas ocorridas nas últimas décadas delinearam metamorfoses no mundo do trabalho as quais impuseram ao trabalhador uma nova realidade marcada pela heterogeneização, complexificação e fragmentação; pela desproletarização e pela subproletarização do trabalho. Como conseqüência, as atividades informais constituíram-se alternativa de geração de renda a um grande contingente de trabalhadores. Analisar a saúde psíquica destes trabalhadores, à luz dos pressupostos teóricos da psicodinâmica do trabalho, é objetivo desta pesquisa. Entendemos saúde psíquica como um estado contínuo de conquista e de construção marcado pela existência de fragilidades psíquicas e somáticas e de sofrimento psíquico derivado de conflitos intersubjetivos e intrasubjetivos dos trabalhadores com sua realidade de trabalho. Vivências de prazer e sofrimento determinam o estado de saúde do trabalhador, definido como resultado do equilíbrio entre a evitação do sofrimento e a busca de prazer. Para fins desta pesquisa, delimitamos como indicadores da vivência de prazer no trabalho valorização - sentimento de que o trabalho tem sentido e valor por si mesmo, é importante e significativo para a organização e a sociedade e de reconhecimento - sentimento de ser aceito e admirado no trabalho e ter liberdade para expressar sua individualidade. Indicadores da vivência de sofrimento desgosto - sentimento de desânimo, descontentamento, adormecimento intelectual e apatia em relação ao trabalho e insegurança - sentimento de temor de não conseguir satisfazer as imposições organizacionais relacionadas à competência profissional, produtividade, ritmos e normas de trabalho. A pesquisa foi realizada com 231 comerciantes de uma feira de produtos importados do DF. Foi aplicada a Escala de Indicadores de Prazer e Sofrimento no Trabalho, de 5 pontos, com 37 itens. A análise estatística dos dados foi realizada pelo SPSS - Statistical Package for Social Science. Os resultados indicam que estes trabalhadores vivenciam predominantemente prazer no trabalho. O fator valorização apresentou média de 4,05 e DP = ,68; reconhecimento, média 3,65 e DP = ,74; desgosto, média 2,06 e DP= ,70 e insegurança, média 1,73 e DP = ,50. Esses resultados podem revelar que as atividades informais propiciam ao trabalhador liberdade para expressar sua individualidade e para produzir significações psíquicas. Possibilitam a vivência de sentimento de valorização e reconhecimento do trabalho e conseqüentemente de realização, construção da identidade e da estruturação psíquica. Provavelmente, tais vivências podem estar associadas às características da organização do trabalho que proporcionam ao trabalhador autonomia para executar suas atividades sem a discrepância entre prescrito e o real e sem imposições à estruturação das relações socioprofissionais. No entanto, é importante salientar que, o prazer para essa categoria profissional pode ter sido avaliado em função da desejabilidade social e como uma estratégia para enfrentar as questões da sobrevivência e da crise do desemprego. Esta explicação justifica-se na vivência de desgosto, mesmo que com índices um pouco abaixo da média, que possivelmente estão relacionados às precárias condições de trabalho, a falta de proteção e a instabilidade do mercado, elementos característicos dessas atividades informais. Outras pesquisas devem ser realizadas a fim de aprofundar os achados e investigar as contradições que envolve o emprego informal no contexto atual.

Palavras-chave: Saúde psíquica; Atividade informal; Prazer – sofrimento

***

SC 9.2 Prazer E Sofrimento No Trabalho: Um Estudo Exploratório Sobre Vivências Subjetivas De Vendedores De Bebidas Em Empresa Do Distrito Federal. *Jânice Aparecida de Souza Pereira **, Ana Magnólia Mendes, Mariana da Silva Oliveira*, Vitor Corrêa Magalhães* (Universidade de Brasília, Brasília, DF)*

A pesquisa identifica as vivências de prazer e sofrimento de vendedores de uma empresa de grande porte do ramo de bebidas, localizada no Distrito Federal. O prazer-sofrimento no trabalho vem sendo estudado pela psicodinâmica do trabalho desde os anos 80, como um constructo dialético, que pressupõe o trabalho ser lugar de prazer e de sofrimento. São vivências influenciadas pela relação entre a subjetividade do trabalhador e a organização do trabalho. A organização do trabalho é o processo no qual as atividades são executadas e as relações socioprofissionais estabelecidas, envolvendo regras, normas e negociações. O prazer é vivenciado quando a organização do trabalho favorece a realização profissional pelo desempenho de atividades significativas. O uso da criatividade e a possibilidade de expressar sua marca pessoal também são fontes de prazer; e ainda o orgulho e admiração pelo que faz aliado ao reconhecimento da chefia e dos colegas. As vivências de sofrimento aparecem associadas aos elementos da organização do trabalho relativos à divisão e à padronização de tarefas com subutilização do potencial técnico e da criatividade; rigidez hierárquica, com excesso de procedimentos burocráticos, ingerência política, centralização de informações, falta de participação nas decisões e não reconhecimento; e pouca perspectiva de crescimento profissional. A pesquisa foi realizada com 30 vendedores. Foram aplicadas a Escala de Indicadores de Prazer-sofrimento no Trabalho, likert de 5 pontos com 37 itens, e entrevista coletiva semi-estruturada com um grupo de 04 vendedores respondentes da escala, com objetivo de investigar a organização do trabalho e aprofundar as vivências de prazer-sofrimento. A escala foi analisada por meio de estatísticas descritivas no SPSS – Statistical

Package for Social Science e as entrevistas submetidas à análise de conteúdo. Os fatores definidos na escala para a mensuração do prazer são Valorização (sentimento de que o trabalho tem sentido e valor por si mesmo, é importante e significativo para a organização) e Reconhecimento (sentimento de ser aceito e admirado no trabalho e de ter liberdade para expressar sua individualidade), e para o sofrimento, os fatores Desgaste (sentimento de desânimo, descontentamento, adormecimento intelectual e apatia em relação ao trabalho) e Insegurança (sentimento de temor de não conseguir satisfazer às imposições organizacionais). O fator valorização apresenta média de 4,3 e DP=.54, o reconhecimento média de 3,4 e DP=.61, o desgaste média de 2,7 e DP=1 e insegurança média 2,2 e DP=.56. A análise do conteúdo da entrevista coletiva resultou nas seguintes categorias: gosto pelo trabalho, valorização e reconhecimento da empresa, bom relacionamento com colegas e chefias, padronização das tarefas e pouca liberdade, cansaço e riscos. A partir desses resultados pode-se concluir que os vendedores vivenciam, acima da média, prazer no trabalho expresso nos sentimentos de valorização e reconhecimento, que envolve as categorias gosto pelo trabalho e boas relações com colegas e chefias. O sofrimento é vivenciado de forma moderada pelos sentimentos de desgaste e insegurança, que tem expressão no cansaço, padronização das tarefas e exposição à riscos. Futuras pesquisas devem ser realizadas para aprofundar os achados, especialmente investigando as relações entre organização do trabalho e prazer-sofrimento.

Palavras-chave: Trabalho, Prazer-sofrimento, Vendedores

***

SC 9.3 DESEMPREGO: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE SAÚDE E ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA. *Adriana Cristina Ferreira Caldana**, Marco Antonio de Castro Figueiredo (Departamento de Psicologia e Educação da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo)*

A centralidade do trabalho na sociedade contemporânea é tema controverso. Embora não possamos anunciar uma crise e/ou o fim do trabalho, talvez seja possível sugeri-lo na forma de emprego formal. A atual fase de reestruturação produtiva do capital, com seus processos de acumulação flexível, desemprego em proporções preocupantes: um terço da força de trabalho no mundo, apontando para o desemprego estrutural, onde observamos a diminuição do proletariado industrial e o aumento constante da subproletarização, verificada pela expansão de outras formas de organização do trabalho: terceirizações, contratos temporários, trabalhos em tempo parcial. O impacto destas transformações observadas no mundo do trabalho incide sobre a saúde do trabalhador; diversos estudos indicam que o desemprego está associado a quadros depressivos. Partindo do referencial teórico do materialismo histórico e de estudos de campo realizados com a força de trabalho excedente, o presente trabalho teve como objetivo investigar as representações sobre saúde de pessoas em situação de desemprego. Foram realizados estudos de casos com vinte sujeitos, entrevistados e submetidos ao questionário de Qualidade de Vida da Organização Mundial de Saúde (WHOQOL-100). Os sujeitos eram usuários do Sistema Nacional de Empregos (SINE), em Ribeirão Preto, de ambos os sexos, e idade entre 30 e 45 anos. Foram considerados nos estudos questões relacionadas com a saúde física e mental, avaliadas por escores nos Domínios Físico e Psicológico do questionário e pela análise de conteúdo das entrevistas. Foi observado que o grupo com índices de satisfação mais elevados no Domínio Físico enfatizou a necessidade de manter a boa disposição física e autoconfiança como elementos importantes para a manutenção de sua empregabilidade, enquanto que a satisfação rebaixada neste domínio foi relacionada à interferência na relação sono e vigília como efeito mais importante decorrente do desemprego. Com referência ao Domínio Psicológico, os relatos se referiram à elevação da auto estima e depressão/inutilidade para, respectivamente, os grupos com satisfação elevada e rebaixada neste domínio. A perda do emprego parece se refletir na saúde do trabalhador, e nossos dados indicam que parece haver uma consciência da importância da manutenção dos recursos internos (saúde) para lidar com a situação de desemprego. A saúde parece se constituir no principal meio para o enfrentamento da situação; as estratégias citadas se mostraram predominantemente individualizadas, emergenciais, e sem um vislumbre de formas coletivas de resolução do problema, onde poucos possuem um projeto para o futuro. Considerando questões afetivas associadas ao fenômeno do desemprego, tais resultados indicam necessidade de concepção de formas de suporte que possam orientar e preparar as pessoas para lidarem com as condições adversas do mercado de trabalho. (FAPESP)

Palavras-chave: Saúde do Trabalhador, Qualidade de Vida, Desemprego

***

SC 9.4 EFEITOS DO TURNO FIXO SOBRE A SAÚDE MENTAL EM OPERADORES DE PETRÓLEO. *Sabrina da Cruz Barbosa**, Livia de Oliveira Borges (Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal - RN)*

Um conjunto de mudanças vem sendo implementado na Petrobrás visando tornar suas Unidades de Negócio mais modernas e competitivas e capacitá-las para atender às novas demandas. Dentro dessa perspectiva, um novo regime de trabalho, denominado "turno fixo", foi implantado recentemente para ocupantes do cargo de operadores de produção de Petróleo nos Ativos Produção de Alto Rodrigues e de Mossoró no estado do Rio Grande do Norte. Tais petroleiros trabalhavam anteriormente em um regime que consistia na proporção de um dia e meio de folga para cada dia trabalhado. O turno fixo, partindo da divisão do dia em três turnos, consiste na manutenção dos mesmos petroleiros no mesmo turno de segunda a sexta-feira durante um período determinado. O petroleiro, adicionalmente, deve cumprir plantões nos finais de semana. As queixas dos próprios petroleiros sobre o turno fixo e o interesse do SINDIPETRO-RN em ter uma avaliação mais precisa das consequências do mesmo, motivou a realização da presente pesquisa com o objetivo de analisar os efeitos do turno fixo sobre a saúde mental dos operadores de petróleo que atualmente se encontram lotados nos referidos Ativos Produção da Petrobrás. As atividades de investigação foram desenvolvidas junto a um grupo de 39 operadores de petróleo, o que corresponde a 41,9% da população alvo da pesquisa. Os participantes da amostra são todos homens, têm de 33 a 44 anos de idade, de 11 a 19 anos de serviço na empresa e no mínimo segundo grau completo. Para o desenvolvimento do estudo, aplicaram-se os seguintes instrumentos de coleta de dados: o Questionário de Saúde Geral, versão reduzida de 12 itens (QSG-12), que permite estimar escores indicadores da saúde mental segundo dois fatores, designados por deterioração da auto-eficácia e por tensão emocional e depressão; um questionário aberto, versando sobre especificidades das vivências dos operadores de petróleo; entrevistas individuais, explorando o discurso do petroleiro sobre o assunto e uma ficha sócio-demográfica. As respostas ao questionário aberto foram categorizadas mediante a aplicação da análise de conteúdo. Os resultados desse tratamento e as respostas ao QSG-12 foram registrados na forma de banco de dados do SPSS (Statistical Package for Social Science) for Windows para em seguida se proceder com o desenvolvimento das análises estatísticas. Os principais resultados encontrados foram: metade dos participantes da amostra apresentaram escores em deterioração da auto-eficácia acima de 1,44 (numa escala de 0 a 3) e, em tensão emocional e depressão, acima de 1,67; a maioria revela acentuado sofrimento com o distanciamento da família em comparação com o período anterior à implantação do turno fixo, percebe aumento de carga de trabalho pela eliminação de tempos mortos na jornada de trabalho decorrente do aumento da frequência de transmissão do serviço entre equipes associado ao aumento de riscos de erros; 58,8% da amostra apresenta enfermidades psicossomáticas crônicas e persistência tanto do gosto pela natureza das atividades e do orgulho de ser petroleiro. Conclui-se, portanto, que apesar da gravidade da situação, esta pode ser revertida através da criação de alternativas de regime de trabalho e/ou tornando o turno fixo opcional.

SINDIPETRO-RN (Sindicato dos Petroleiros do Rio Grande do Norte)

Palavras-chave: Saúde mental, Turno fixo, Trabalho

***

SC 9.5 O IMPACTO DO DESEMPREGO SOBRE A SAÚDE MENTAL DOS TRABALHADORES DA CIDADE DE NATAL. *João Carlos Tenório Argolo (Serviço de Psicologia Aplicada da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN)*

O presente trabalho descreve efeitos da situação de desemprego - ausência de uma atividade ocupacional remunerada, regular e formal, contratada ou autônoma - sobre a saúde mental, concebida como a variação do bem-estar psicológico ou a presença e intensidade de distúrbios mentais leves (não psicóticos). O referencial teórico utilizado ocupa uma perspectiva psicossocial desde o trato da questão do desemprego dos trabalhadores como marca conjuntural da reestruturação produtiva e componente estrutural do sistema econômico capitalista, até à compreensão da saúde mental enquanto presença e manutenção de traços positivos do bem-estar psicológico. A amostra foi composta de empregados (N=184), segundo sua proporcionalidade por setor produtivo na cidade de Natal, e desempregados (N=458) usuários das agências do Sistema Nacional de Emprego – SINE/RN. Na coleta de dados foram utilizados o Questionário de Saúde Geral de Goldberg, na sua versão de 12 itens, devidamente traduzida, adaptada e validada em estudo piloto, dois itens relativos à centralidade do trabalho e mais dois itens relativos ao apoio social percebido além de uma ficha de dados sócio-demográficos e ocupacionais. Para testar a hipótese principal, sobre a relação entre o desemprego e a deterioração do bem-estar psicológico foram comparadas as médias dos escores do QSG-12 entre empregados e desempregados, controlando-se as variáveis sócio-demográficas. Obteve-se o resultado de que a média de escores na amostra de empregados foi menor que a média dos desempregados, cuja diferença foi estatisticamente significativa (t = 4,431 para p<0,001), além disso análises de regressão com a amostra total (n=642) constataram que a situação ocupacional além de apresentar destacada capacidade preditora em todos os modelos de solução (b=3,03 para p<0,001) também tem a maior proporção da variância explicada em relação às demais variáveis introduzidas na equação. Tais resultados confirmam a hipótese de que a situação de desemprego causa deterioração do bem-estar psicológico. Verificou-se também o desempenho dos escores do QSG-12 entre os desempregados, sob mediação de variáveis sócio-demográficas, de centralidade do trabalho e de apoio social percebido. As Análises de Regressão e de Variância procedidas para todas as variáveis com potencial mediador da relação entre o impacto do desemprego e o bem-estar psicológico forneceram resultados estatisticamente significativos de associação, predição e F value para as variáveis participação no orçamento familiar, número de filhos, apoio social percebido, idade, religião e frequência à igreja. Não foram encontradas associações significativas para gênero, grau de instrução, renda, centralidade do trabalho e tempo de desemprego. Destaca-se o apoio social percebido pela alta previsibilidade da deterioração do bem-estar psicológico, apontando que os desempregados que se percebem mais apoiados socialmente sofrem menos e a indistinção dos efeitos do desemprego sobre a saúde mental das pessoas em razão do gênero: homens e mulheres sofrem igualmente com o desemprego. Os resultados encontrados corroboraram forte associação entre as dificuldades financeiras advindas do desemprego e o sofrimento emocional, pois aqueles com mais filhos e uma maior participação

ao orçamento familiar sofrem maior deterioração na saúde mental. Tais resultados apontam na direção de que as características ambientais determinam a reação psicológica das pessoas frente ao desemprego.

Palavras-chave: Desemprego, Saúde Mental, Trabalho

SC 9.6 HOSPITAIS PSIQUIÁTRICOS E SERVIÇOS ALTERNATIVOS: O STRESS OCUPACIONAL DO PSICÓLOGO EM DIFERENTES MODELOS DE ATENÇÃO À SAÚDE MENTAL. *Denise Ferreira Rego (Departamento de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal-RN)*

Através desse estudo, investigou-se as principais fontes de stress ocupacional em um grupo de psicólogos que desempenham suas funções em hospitais psiquiátricos e serviços alternativos de atendimento aos portadores de transtornos psicóticos. A análise tem por objetivo fornecer um perfil do grupo, relacionando a frequência de stress às diferenças individuais e funcionais e, ainda, diferenciar a incidência de estressores em função do tipo de instituição. Os referidos profissionais, em número de 30, integram as equipes multiprofissionais dos hospitais psiquiátricos, núcleos e centros de atenção psicossocial existentes no Estado do Rio Grande do Norte. Utiliza-se como instrumento para coleta de dados o Questionário S1, de Pérez-Ramos, especialmente organizado e validado para a presente pesquisa. O mesmo determina o perfil sócio-demográfico dos respondentes, bem como as mais frequentes fontes de stress a incidir nos profissionais de Psicologia enquanto funcionários dessas instituições. Os resultados são obtidos mediante cruzamento dos dados das principais variáveis sócio-demográficas com as pertencentes à média dos estressores em cada um dos dois modelos de atenção à saúde e indicaram que são as relações, seja com o cliente ou com os demais profissionais e os aspectos referentes à função(rotina, tensão, sobrecarga de trabalho), as maiores fontes de stress ocupacional. Quanto ao perfil dos psicólogos, constatou-se que os profissionais provenientes dos hospitais psiquiátricos, em geral, são mais velhos, casados e com filhos e, em sua maioria, com mais tempo de serviço. Por outro lado, aqueles oriundos dos serviços alternativos são proporcionalmente mais jovens, solteiros, sem filhos e com pouco tempo de atuação na instituição. As conclusões do estudo confirmam certos resultados da bibliografia analisada e apresentam subsídios importantes para a compreensão da relação entre stress e atuação do psicólogo em tais contextos. Deste modo, aspectos como desempenho ocupacional e de papéis, estrutura e dinâmica organizacional, falhas nos mecanismos de compensação e reconhecimento, ausência de perspectivas de progresso e, principalmente, relacionamento interpessoal, apontados em estudos congêneres enquanto principais desencadeadores de stress, revelam-se decisivos também nos ambientes aqui enfocados. Entretanto, conforme previsto, as peculiaridades de cada um dos modelos de atendimento fazem com que determinados estressores distinguem-se como mais ou menos significativos. Enquanto nos hospitais psiquiátricos, a interação com os clientes e o precário reconhecimento profissional sobressaem-se, nos núcleos e centros de atenção psicossocial, recursos alternativos caracterizados por uma maior indefinição de papéis e atribuições, é principalmente na dificuldade de relacionamento entre os diversos profissionais que compõem a equipe de saúde e, por outro lado, na interação constante com o sofrimento do cliente/usuário que identificou-se as fontes mais frequentes de stress, o que, provavelmente, pode ser entendido como efeito da redutida delimitação quanto a um modelo de atuação. Sugere-se, em decorrência, estudos mais aprofundados nessa área e medidas preventivas destinadas ao controle e diminuição dos fatores estressantes nesses ambientes de trabalho.

Palavras-chave: Stress Ocupacional; Serviços de Saúde Mental; Psicólogos

SC 9.7 ESTRATÉGIAS DE SUPERAÇÃO DO STRESS NOS PSICÓLOGOS EM INSTITUIÇÕES HOSPITALARES. *Isabel Maria Farias Fernandes de Oliveira Cunha** (Departamento de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal-RN, Universidade de São Paulo-SP)*

A presente pesquisa fundamenta-se nos conhecimentos atuais da Psicologia relativos ao fenômeno do stress, com as suas correspondentes estratégias de enfrentamento, denominadas na literatura científica como coping. Analisou tais estratégias em um grupo de psicólogos que desempenham funções clínicas em hospitais, mediante delineamentos de pesquisa exploratória. Tratando-se especificamente das relações entre o stress e as atividades desenvolvidas por esses profissionais, foram consideradas as contribuições da literatura referente não só a este tema, mas buscou-se apreender também a sua especificidade relativa ao ambiente de trabalho, conhecida como stress profissional. Portanto, compreendendo-se a instituição hospitalar potencialmente como ambiente de risco e partindo desse pressuposto, tentou-se delimitar e conhecer o repertório utilizado pelos psicólogos que lá atuam para lidar com as adversidades provenientes tanto do local de trabalho, como também das peculiaridades inerentes à sua atuação. Conseqüentemente, o objetivo geral desta pesquisa foi avaliar as estratégias de coping utilizadas pelos psicólogos que atuam em instituições hospitalares não psiquiátricas. Além disso, podem ser citados como objetivos específicos, o delineamento de um perfil sócio-demográfico da população estudada, bem como a comparação e a inter-relação entre as dimensões de coping contidas no instrumento utilizado. Os sujeitos objeto de estudo foram 30 profissionais de uma população total de 42 psicólogos hospitalares à época da pesquisa, que atuavam nas instituições supra citadas no Estado do Rio Grande do Norte. Para a coleta de dados utilizou-se o Inventário para Superação do Stress Profissional, traduzido e adaptado do "Coping Responses Inventory for Work Settings". Este instrumento, que é auto-administrável, consta de duas partes: uma referente às variáveis sócio-demográficas, pessoais e funcionais dos profissionais, e outra, constituída de 45 itens, cuja distribuição é feita em escala tipo Likert, destinados a avaliar duas dimensões – confronto e evasão – com suas respectivas categorias que podem ser empregadas como estratégias de coping. Os dados obtidos foram analisados através da delimitação do perfil sócio-demográfico, da categorização das estratégias utilizadas e do cruzamento entre os itens anteriores, tendo sido utilizado para tal fim, o software "Statistical Package for The Social Sciences" (SPSS). Dentre os resultados significativos podem ser mencionados na parte referente aos dados de identificação, a predominância de população jovem e feminina entre os profissionais, inserção relativamente recente na instituição hospitalar e regime de trabalho em tempo parcial como sendo o mais frequente. Com relação às dimensões de coping isoladamente, abordadas na segunda parte, observou-se a supremacia da dimensão confronto sobre a de evasão. No entanto, quando analisadas no cruzamento com as variáveis sócio-demográficas, as diferenças entre as dimensões referidas não foram significantes a não ser em casos isolados. Essas variações poderiam ser explicadas pelas condições específicas do âmbito hospitalar e também pela interface lar-trabalho, apoiadas na literatura aplicável. Novos estudos são sugeridos tomando-se este como referência, uma vez que o caráter exploratório da pesquisa apresentada não permitiu generalizações nem tampouco uma análise mais aprofundada a partir de comparações com outras categorias profissionais e/ou população congênere.

Palavras-chave: Coping; Stress Profissional; Psicologia Hospitalar

SC Metodologia de Pesquisa e Instrumentação

AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA COM POPULAÇÕES DE RISCO: ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

SC 10.1 AVALIAÇÃO DE ESTRATÉGIAS DE COPING DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM SITUAÇÕES ESTRESSANTES. *Débora Dalbosco Dell'Aglio (Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo e Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS)*

A avaliação psicológica de crianças e adolescentes, em situação de risco pessoal e social, é importante para que se possa conhecer melhor esta população e assim se poder pensar, de uma forma adequada, no estabelecimento de políticas públicas de atendimento e de programas de prevenção e acompanhamento a esta população. Um dos aspectos importantes dessa avaliação se refere à forma como estas crianças e adolescentes enfrentam situações estressantes em suas vidas, através da utilização de determinadas estratégias de coping. Coping se refere ao conjunto de esforços utilizados pelos indivíduos para lidar com situações adversas em suas vidas, sendo um elemento importante na avaliação da adaptabilidade ao stress. Neste estudo investigamos as estratégias de coping em 215 crianças e adolescentes de ambos os sexos, com idade entre 7 e 15 anos, de nível sócio-econômico baixo. Foram compostos dois grupos, um de crianças e adolescentes institucionalizados ($N=105$; $M=10,6$ anos), que estavam abrigados numa região de proteção especial, e o outro ($N=130$; $M=9,9$ anos) de participantes que freqüentavam as mesmas escolas e moravam com a família. Para esta avaliação encontramos muitas limitações relacionadas à falta de instrumentos para avaliar coping que fossem adequados à população brasileira e especialmente a crianças em situação de risco. Procuramos superar estas dificuldades através do uso da entrevista semi-estruturada, que possibilitou a busca de informações necessárias para clarificar o contexto em que ocorre o processo de coping, que é complexo e envolve muitos aspectos, como, por exemplo, o tipo de evento estressor com que a criança está lidando, o estado e tipo de relação estabelecida com as pessoas envolvidas no episódio de stress, e os recursos disponíveis ao indivíduo. Através das entrevistas individuais foram levantados eventos estressantes, a partir dos quais foram investigadas as estratégias de coping utilizadas. Foi realizada uma análise de conteúdo e foram extraídas seis tipos de estratégias: ação agressiva, evitação, busca de apoio, ação direta, inação, aceitação e expressão emocional. Não foram encontradas diferenças, entre o grupo institucionalizado e o grupo não institucionalizado, e nem entre os sexos. Foram encontradas diferenças significativas na utilização das estratégias, entre as faixas etárias e quando se observa as pessoas envolvidas na situação estressante, apontando para a necessidade de se avaliar o tipo de interação ocorrida durante os eventos estressantes, considerando se ocorrem com adultos ou com pares, assim como observar a evolução na utilização das estratégias com a idade. Apesar das dificuldades encontradas no uso da entrevista, que requer o investimento de maior tempo, um grande domínio dos aspectos teóricos, treinamento para os entrevistadores e conhecimento sobre as crenças, valores, costumes e vocabulário da população investigada, pode-se observar que a entrevista é uma maneira adequada e válida para se avaliar as estratégias. No entanto é necessário treinamento para identificar pausas de ansiedade, desconforto ou medo durante a entrevista, podendo administrar a situação de forma apropriada. Portanto, é necessário ao pesquisador, ter clareza quanto às dificuldades inerentes ao uso da entrevista em avaliação psicológica, para assim poder planejá-la de forma adequada, considerando os aspectos metodológicos envolvidos.

Palavras-chave: Avaliação; Estratégias de coping; Situações estressantes

SC 10.2 AVALIAÇÃO DE BEM-ESTAR SUBJETIVO EM CRIANÇAS: ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS. *Cândida Hofmeister Giacomoni*** *e Claudio S. Hutz (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS)*

Cada vez mais a necessidade de estudos psicológicos sobre o desenvolvimento de crianças em situação de risco se faz presente. Para tanto, é premente a demanda pelo desenvolvimento de técnicas e instrumentos de avaliação adequados. Uma vez entendidos e descritos os processos desenvolvimentais dessas crianças, com suas peculiaridades e similaridades, poderemos então propor programas de prevenção e de intervenção para populações especiais. O bem-estar subjetivo é uma área de estudos da psicologia preocupada em entender os processos envolvidos no bem-estar psicológico ao longo do desenvolvimento. Bem-estar subjetivo é considerado, também, a avaliação subjetiva da qualidade de vida, refere-se ao que as pessoas pensam e como elas se sentem sobre suas vidas. É uma avaliação, tanto cognitiva, quanto emocional da própria existência. A avaliação cognitiva ou racional da nossa vida também é chamada de satisfação de vida, enquanto, a avaliação emocional é descrita através do afeto. Apesar da extensa compilação de estudos já realizados sobre bem-estar subjetivo, comparativamente, chama a atenção a falta de estudos sobre o desenvolvimento do bem-estar subjetivo infantil, especialmente em populações de risco, assim como, a ausência de instrumentos para avaliar bem-estar. Este estudo investigou os processos envolvidos no bem-estar de crianças em diferentes situações econômicas, procurando estudar o bem-estar subjetivo infantil em nossa realidade. A partir de modelos multidimensionais explicativos de bem-estar subjetivo em adultos, procurou-se investigar o desenvolvimento de possíveis modelos multidimensionais explicativos de bem-estar subjetivo infantil, assim como, propiciou-se a geração de itens para o desenvolvimento de um instrumento para avaliar bem-estar subjetivo em crianças. Participaram deste estudo 150 crianças de ambos os sexos (77 meninas e 73 meninos), com idade entre 7 e 12 anos (idade média = 9,6 anos) que freqüentavam escolas particulares e públicas de Porto Alegre. Devido a ausência de instrumentos de bem-estar subjetivo infantil adequados, desenvolvidos ou adaptados para nossa cultura, fez-se uso de uma entrevista semi-estruturada, desenvolvida através de um estudo piloto, envolvendo questões sobre bem-estar, indicadores de qualidade de vida, satisfação de vida, etc. As crianças foram entrevistadas individualmente nas próprias escolas. As entrevistas foram gravadas em áudio-tape e transcritas. Foi realizada uma análise de conteúdo para cada uma das 24 questões que compunham a entrevista. A partir da análise de todas as questões, propõe-se um modelo multidimensional explicativo do bem-estar subjetivo infantil composto de nove dimensões de satisfação de vida: self positivo, família, amizade, lazer, escola, satisfação de afeto, satisfação das necessidades básicas materiais, satisfação de desejos e a não violência. Não foram encontradas diferenças, entre as crianças provenientes de escolas particulares e públicas, no que se refere às dimensões self positivo, família, amizade e escola. Os achados referentes às outras dimensões e as diferenças encontradas são apresentados. As questões metodológicas envolvidas na avaliação do bem-estar, assim como a indicação de linhas de intervenção, são discutidas.

Apoio financeiro: CAPES (Bolsa de doutorado)

Palavras-chave: Bem-estar subjetivo; Avaliação; Crianças

SC 10.3 AVALIANDO ADOLESCENTES INFRATORES: DIFICULDADES E DESAFIOS. *Débora Frizzo Macagnan da Silva*** *(Universidade da Região da Campanha – URCAMP – Bagé, RS; e Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS)*

Propostas de intervenções com adolescentes infratores, que visem a diminuição do comportamento delinqüente bem como a reinserção dos mesmos na sociedade, devem ser baseadas em conhecimentos científicos construídos a partir desta população. Para tal fim esta pesquisa pretendeu fazer uma avaliação psicológica de adolescentes infratores, investigando variáveis individuais. As variáveis investigadas são apontadas pela literatura como relacionadas ao desenvolvimento da delinqüência juvenil e auxiliam para que se conheça o que pensam e sentem tais adolescentes. São elas: eventos de vida, estratégias de coping, estilo atribucional e percepção de valores e da realidade pessoal. Para avaliar esses construtos poder-se-ia optar por instrumentos psicométricos como testes e escalas ou por entrevistas. Uma vez que os teste e escalas disponíveis não são adaptados para esta população, que tem características muito específicas, optou-se pelo uso de entrevistas individuais, gravadas e transcritas. A entrevista como estratégia de avaliação demonstrou ser um método viável que permite uma avaliação ecologicamente válida com os adolescentes infratores. No entanto, ela apresentou inúmeros desafios e dificuldades para o pesquisador. É necessário um determinado grau de conhecimento prévio a respeito da técnica de entrevista, bem como um conhecimento teórico aprofundado dos conceitos a serem investigados através da entrevista. A partir daí, se deduz que o preparo dos entrevistadores é uma tarefa complexa, que exige muito tempo e esforços. As características específicas da população de adolescentes infratores também impõem desafios à tarefa de entrevistá-los. Questões típicas da adolescência somam-se à complexidade da história desenvolvimental e do contexto destes adolescentes, que inclui a instituição na qual eles vão ser entrevistados. Os adolescentes infratores demonstraram dificuldades de falar sobre seus sentimentos e relacionamentos interpessoais, muitas vezes usando apenas monossílabos ou poucas palavras. Isto se deve à baixa escolaridade e, principalmente, à dificuldade de lidar com questões afetivas e emocionais. Eles dificilmente têm desenvolvidas habilidades de comunicação verbal ou experiência de auto-descrição. Outro fator importante a ser considerado e importante para que a entrevista seja válida é o estabelecimento de um vínculo de confiança entre o jovem e o entrevistador. Esta é uma tarefa difícil pois devido às suas vivências anteriores e à sua situação de conflito com a lei o adolescente infrator tem dificuldades em confiar em alguém. Neste ponto é fundamental a postura ética do entrevistador que deve garantir ao jovem total sigilo sobre suas revelações. Além disso, a entrevista está sujeita a todos os vieses inerentes às medidas de auto-relato que, neste caso, estão potencializadas pela tendência que o jovem pode ter em dar respostas desejáveis socialmente. Por outro lado, o momento da entrevista é vivenciado, pela maioria dos jovens, como uma experiência positiva, pois este momento constitui-se como um dos poucos nos quais um outro ser humano se dispôs a escutá-lo e se interessou pelo que ele tem a dizer. Levando-se em consideração estas questões e a necessidade de se proceder a avaliações adequadas às especificidades de cada população, o uso da entrevista individual tem-se mostrado um meio eficiente de atender as necessidades de avaliação psicológica com adolescentes infratores.

Palavras-chave: Avaliação; Adolescentes; Infratores

SC 10.4 EXPLORANDO EXPERIÊNCIAS TRAUMÁTICAS: A FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL COMO RECURSO METODOLÓGICO NA PESQUISA SOBRE ABUSO SEXUAL DE MENINOS. *Christian Haag Kristensen*** *(Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS), Renato Zamora Flores (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS) e William Barbosa Gomes (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS)*

O abuso sexual de meninos, dentro do contexto mais amplo de maus-tratos na infância e adolescência, é uma experiência traumática de possível prevalência. Na literatura da área, geralmente são descritos os efeitos da experiência em termos de sinais e sintomas que vão delinear os diferentes transtornos mentais, avaliados comumente a partir de instrumentos com características psicométricas e entrevistas diagnósticas estruturadas. Entretanto, mais do que os dados objetivamente mensuráveis, estudos vêm demonstrando que é a avaliação subjetiva realizada pela criança sobre a própria experiência o fator mais preditivo das reações iniciais de ajustamento emocional e comportamental. Partindo dessa orientação, o presente trabalho argumenta que a entrevista semi-estruturada com um roteiro em tópicos flexíveis é um relevante instrumento para a exploração da experiência consciente como unidade de sentido mínima da comunicação. Além disso, o presente trabalho ainda demonstra como os recursos metodológicos da fenomenologia existencial em conjunção com a semiótica, oferecem uma possibilidade vantajosa para a exploração da consciência da experiência do abuso sexual. Para tanto, seis casos de meninos (crianças e adolescentes) sexualmente abusados são tomados como exemplo. Os participantes foram identificados a partir de uma Escola Municipal de Ensino Fundamental e um Conselho Tutelar, locais em que estavam sendo desenvolvidos projetos de extensão e pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Os projetos envolviam uma equipe multidisciplinar e incluíam, como proposta específica na área da psicologia, a identificação, avaliação, e tratamento dos casos de abuso físico e sexual. A escolha dos participantes foi intencional, ou seja, envolveu meninos entre 7 e 13 anos, da classe social média baixa, que pudessem funcionar como informantes, oferecendo descrições ricas da experiência investigada. Dessa forma, apesar do aspecto básico comum a todos – a vitimização sexual, buscou-se meninos que no relato de sua experiência oferecessem descrições sobre as particularidades de cada situação, criando uma tensão comunicativa entre universalidades e singularidades. Além das entrevistas com os meninos, outras fontes de informações foram colhidas, envolvendo entrevistas com pais, irmãos, professores ou outras pessoas significativas, além de dados de prontuário e visita domiciliar, totalizando a realização de 64 entrevistas. As fontes adicionais de informações ajudaram a reconstituir o contexto no qual ocorreu a experiência de abuso, bem como forneceram diferentes percepções sobre o impacto do abuso no desenvolvimento dos meninos, fornecendo assim a possibilidade de composição dos seis casos estudados. Considerando a dificuldade temática das entrevistas, foram utilizados desenhos para estimular a verbalização de determinados conteúdos, um recurso especialmente útil frente às limitações da expressão verbal características da faixa etária ou decorrentes do efeito da vitimação. As entrevistas foram gravadas, transcritas e posteriormente analisadas na seqüência dos procedimentos fenomenológicos de descrição, redução e interpretação. Dos seis temas identificados na análise das entrevistas (abuso, revelação, reações individual, familiar e ambiental), o contexto do abuso em seus aspectos constitutivo, afetivo, cognitivo e comportamental é tomado como ilustração para demonstrar as possibilidades do método fenomenológico na exploração da experiência do abuso sexual de meninos.

Palavras-chave: Abuso sexual; Fenomenologia; Métodos qualitativos

SC 10.5 UMA PROPOSTA METODOLÓGICA QUALITATIVA PARA ESTUDOS DE RESILIÊNCIA EM FAMÍLIAS DE BAIXA RENDA. *Maria Angela Mattar Yunes*** *(Fundação Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, RS) e Heloisa Szymanski (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP)*

Estudos sobre resiliência em famílias de baixa renda representam o encontro com um terreno pouco pesquisado no Brasil, cujos temas centrais podem suscitar inúmeras controvérsias ideológicas. Focando-se a questão da resiliência no âmbito internacional, pode-se observar que o discurso científico é hegemônico, centrado no indivíduo e tem por base pesquisas de natureza

quantitativa. Nesta direção, encontra-se a maioria das investigações da área, enquanto as pesquisas qualitativas, tão adequadas ao entendimento de estratégias e processos, pouco têm sido usadas nos estudos de resiliência. O presente trabalho apresenta uma proposta qualitativa que associa dois importantes recursos metodológicos para o estudo de resiliência em famílias - a entrevista reflexiva e a grounded-theory. A experiência da utilização desta associação, mostra que tais estratégias permitem que o fenômeno da resiliência se apresente dissociado do viés das concepções pré existentes à sua investigação. A entrevista reflexiva prevê pelo menos dois encontros e tem por metas, buscar informações objetivas e subjetivas bem como conduzir um diálogo para que o tema em questão, no caso, "a superação de adversidades advindas da situação de pobreza" seja aprofundado numa situação de genuína interação. A entrevista reflexiva com as famílias participantes deve compreender dois momentos distintos. No primeiro encontro uma questão desencadeadora simples e objetiva sugere que a família relate sua história de vida enquanto unidade familiar. O segundo encontro tem por objetivo "devolver" ao grupo um esboço de pré-análise realizada pelo pesquisador a partir dos dados obtidos na primeira entrevista. As categorias desta pré-análise são colocadas à disposição dos entrevistados para sua apreciação. O grupo familiar pode opinar, discordar, concordar ou alterar seus depoimentos e a análise final deverá contemplar todo este processo transacional. Neste sentido, a grounded-theory é o método que oferece os subsídios necessários tanto para a pré-análise como para a análise final dos discursos e do processo como um todo. Os princípios da grounded-theory oferecem condições de descoberta de uma teoria a partir dos dados coletados, o que é particularmente válido para campos de pesquisa pouco conhecidos como neste caso. O pesquisador que faz uso da grounded-theory, deve seguir rigorosamente os passos previstos para que a massa de dados qualitativos seja organizada por categorias relevantes de forma menos contaminada por idéias teóricas e hipóteses previamente elaboradas à realização do estudo. A associação da entrevista reflexiva à grounded-theory privilegia as interações, visto que incorpora também as construções pessoais dos participantes. Desta forma, é possível dialogar com muitas categorias de análise, a partir de conceitos que emergem dos próprios dados e não são impostos por eles aprioristicamente. Tais considerações parecem ser de extrema relevância para futuras pesquisas na área da resiliência em famílias, visto que esta proposta de estratégia metodológica pode vir a contribuir para a desconstrução de uma visão substantivada da resiliência e colaborar para a construção de novas abordagens sobre este tema de pesquisa polêmico, porém fascinante.

Apoio financeiro: CAPES (com bolsa de doutorado PICDT no país) e CNPq (com bolsa de doutorado sanduíche no exterior)
Palavras-chave: Resiliência em famílias; Família; Pesquisa qualitativa

****

SC 11/Psicologia Social
PESQUISAS BRASILEIRAS SOBRE HABILIDADES SOCIAIS

SC 11.1 ESTUDO COMPARATIVO DE DUAS ESCALAS DE HABILIDADES SOCIAIS. *Lúcia Helena Jorge Alves (Universidade Veiga de Almeida, Rio de Janeiro, RJ), Eliane Gerk-Carneiro (Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, RJ), Célia Rosa Zibimi (Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, RJ), Angela Maria Carrano Monteiro de Barros (Universidade Estácio de Sá, Resende, RJ), Francisco Donizetti Mendes Takahashi (Universidade Veiga de Almeida, Rio de Janeiro, RJ) e Leila Borges de Araújo (Universidade da Cidade, Rio de Janeiro, RJ)*

Considerando-se que as sociedades contemporâneas apresentam-se como uma rede de relações interpessoais bastante complexa torna-se premente pesquisar as habilidades sociais, visto que são básicas para interagir adequadamente em contextos diversos. A medida das habilidades sociais tem se efetuado através de inventários e escalas construídos para este fim. O objetivo deste trabalho foi o de comparar duas escalas, uma espanhola, a de Elena Gismero Gonzalez (2000) e outra brasileira, o "Inventário de Habilidades Sociais" de Del Prette & Del Prette (1998), analisando-se suas qualidades psicométricas. Primeiramente, o instrumento espanhol foi traduzido para o português, depois aplicado em 30 universitários que serviram de juízes, chegando-se à versão que foi utilizada no presente estudo. Participaram da pesquisa 280 estudantes universitários brasileiros, de diferentes cursos, de instituições públicas e privadas, situadas em diversos bairros da cidade do Rio de Janeiro. As idades variaram entre 17 e 53 anos, sendo a mediana de 23 anos e a moda de 21. A escala espanhola de Gonzalez (2000) foi aplicada, juntamente, com o "Inventário de Habilidades Sociais" de Del Prette & Del Prette (1998), durante o período letivo, em pequenos grupos. Tratando-se os dados psicometricamente, foi calculada a fidedignidade, estimada através do índice de consistência interna alpha de Cronbach de cada uma delas. Na espanhola foi verificado o coeficiente de .83 revelando um índice de consistência satisfatório, visto que na amostra de Gonzalez o mesmo foi de .88. No instrumento brasileiro o coeficiente foi de .79 revelando-se também satisfatório. Este resultado foi superior ao encontrado por Del Prette & Del Prette em uma amostra mineira, cujo índice foi .75. A correlação de Pearson encontrada (r = .617) entre as escalas foi altamente significativa (p<0.01) o que comprovou a validade concorrente da escala espanhola. Procedendo-se à análise fatorial, pelo método dos componentes principais, com rotação oblíqua do instrumento de González, foram identificados seis fatores que explicam quase 40% da variância total. Este resultado confirma os achados da autora espanhola, o que fala a favor da validade de construto da escala no Brasil. Quanto ao desempenho dos participantes no "Inventário de Habilidades Sociais" de Del Prette & Del Prette e na Escala de Habilidades Sociais de González verificou-se que na escala brasileira 128 participantes ficaram acima do percentil 55 e na espanhola 104 participantes ficaram acima do percentil 65, o que revela que menos da metade dos estudantes universitários pesquisados não apresentou um repertório de habilidades sociais satisfatório. Nossas conclusões apontam que as duas escalas, a de origem espanhola e a de origem brasileira, representam dois instrumentos seguros de mensuração das habilidades sociais.

Palavras-chave: Escalas; Habilidades sociais; Universitários

***

SC 11.2 ANSIEDADE E INTELIGÊNCIA SOCIAL NO DESEMPENHO DO JOGADOR DE FUTEBOL. *Francisco Donizetti Mendes Takahashi (Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, RJ)*

Verificando a história do desporto nota-se que ao longo dos anos vem crescendo a preocupação com o aprimoramento da preparação física, técnica e tática assim como o uso de novas tecnologias que podem contribuir para a melhoria da performance dos atletas. Paralelamente a esta evolução que acontece no terreno do desporto, pouco a pouco, os fatores psicológicos ganham importância sendo considerados como fatores que podem interferir no sucesso ou fracasso dos atletas. O estudo aqui apresentado, de natureza exploratória, pretendeu primordialmente ampliar questões que se revelaram pertinentes mas que são ainda pouco estudadas no campo da Psicologia do Desporto. Assim sendo, o objetivo deste estudo foi verificar se habilidades sociais relacionadas à ansiedade estado-traço interferem no desempenho do jogador de futebol. O estudo colocou em evidência a pertinência da delimitação conceitual, tanto do construto de Inteligência Social, operacionalizado em termos de Habilidades Sociais (conjunto dos desempenhos apresentados pelo indivíduo diante das demandas de uma situação interpessoal), como do construto Ansiedade operacionalizado em termos do teste IDATE específico para avaliar a Ansiedade em termos de Traço (no que se refere às diferenças individuais relativamente estáveis na tendência para a ansiedade, ou seja, diferenças na disposição para perceber como perigosa ou ameaçadora uma vasta gama de situações que objetivamente não são perigosas, e para responder a tais ameaças, como reação de ansiedade e estado) e Estado (definido como um estado emocional transitório que varia de intensidade e no tempo e que se caracteriza por um sentimento de tensão ou apreensão). Participaram da pesquisa 12 jogadores de futebol profissional, o técnico e dois assistentes técnicos de um clube no término do campeonato carioca de 1999. Justifica-se esta escolha pelo fato deste clube estar tentando sair da Série C (terceira divisão) para uma classificação superior, o que nos permitiu inferir que a equipe estaria sendo submetida a pressões para superar o rebaixamento a que o clube em questão foi submetido. Foram utilizados no estudo quatro instrumentos: Inventário de Ansiedade Traço-Estado IDATE aplicado nos 12 (doze) jogadores, entrevista semi-estruturada realizada com o técnico, escala de avaliação de desempenho aplicada na comissão técnica (assistente técnico e treinador de goleiros) e entrevista estruturada também realizada com os doze jogadores. Na entrevista estruturada foram assumidas como critério duas classes mais amplas de componentes da dimensão pessoal das habilidades sociais: componentes comportamentais (verbais de conteúdo, verbais de forma e não verbais) e componentes cognitivo-afetivos (conhecimentos prévios, expectativas e crenças e estratégias e habilidades de processamento). Verificou-se que quanto mais desenvolvidas estão as habilidades sociais dos atletas observados, menor discrepância existe entre os níveis de ansiedade estado – traço, o que se reflete no seu desempenho. Este estudo exploratório não permitiu generalizações, na medida em que foram utilizados apenas 12 sujeitos de um time de futebol. Entretanto, possibilitou a identificação de aspectos relevantes vinculados à Psicologia do Desporto, ou seja, a presença da ansiedade e de habilidades sociais no desempenho dos jogadores de futebol. <OT</CP

Palavras-chave: Futebol; Ansiedade; Habilidades Sociais

***

SC 11.3 PROFESSOR UNIVERSITÁRIO: INTELIGENTE OU HABILIDOSO?. *Sandra Maria da Silva Sales Xisto (Associação Brasileira de Ensino Universitário, Nilópolis, RJ) e Eliane Gerk Pinto Carneiro (Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, RJ)*

A importância da avaliação e da promoção do desempenho de professores universitários pode ser defendida sob diferentes perspectivas. Por um lado, este grupo representa uma população que reflete os padrões sociais culturalmente normativos de relacionamento interpessoal, assim como as mudanças nesses padrões ao longo do tempo. Por outro lado, os professores universitários constituem uma classe profissional que tem a interação social como base de atuação profissional. Uma das dificuldades dos professores está ligada ao seu desempenho interpessoal com os estudantes. Nesta área sobressaem-se os estudos de Del Prette e Del Prette acerca das habilidades sociais. A questão da multidimensionalidade da inteligência também tem sido foco de pesquisas na atualidade, incluindo-se, obviamente, na esfera profissional. A inteligência, desde que começou a ser estudada em fins do século XIX, tem servido como referencial para o sucesso profissional. Este estudo fundamenta-se na Teoria Triádica da Inteligência de Robert J. Sternberg, e na Teoria das Inteligências Múltiplas de Howard Gardner, assim como nas contribuições de Del Prette e Del Prette no que se refere às habilidades sociais. Traz à reflexão questões sobre o desempenho dos professores universitários, valorizando as avaliações feitas pelos seus alunos, relacionando essas avaliações com a inteligência geral e as habilidades sociais. Foram avaliados 16 professores

universitários do Rio de Janeiro através do Teste das Matrizes Progressivas de Raven, que informou o nível de inteligência geral, e o Inventário de Habilidades Sociais (Del Prette,A., Del Prette, Z. A. & Barreto, 1998) para avaliar o repertório de habilidades sociais dos sujeitos pesquisados, assim como pela aplicação de uma escala de avaliação do desempenho de professores, de Guilherme H. Caspary Ribeiro, Antônio Carlos de Freitas, Maria Catharina M. Coimbra Belo, Sônia Maria Vieira Cunha, Ana Camargo P. A. Rodrigues e Norma da Silva Borges (1978) do Serviço de Seleção de Pessoal da Marinha, em 10 alunos, de cada um dos professores totalizando 140 alunos. Buscou-se verificar a relação existente entre a inteligência geral e as habilidades sociais do professor com o seu desempenho em sala de aula. Os dados da pesquisa comprovaram que a inteligência não se relaciona com o desempenho dos professores, mas no que diz respeito às habilidades sociais, verificou-se que algumas classes como o de enfrentamento de risco, auto-afirmação na expressão de afeto positivo e o de auto-controle da agressividade a situações aversivas são importantes para o desempenho profissional dos professores no seu cotidiano. O estudo veio ratificar outros resultados que apontam para uma independência entre a inteligência geral e as habilidades sociais no que se refere ao desempenho profissional.

Palavras-chave: Inteligência geral; Habilidades sociais; Professor universitário

***

SC 11.4 ESTUDO COMPARATIVO DAS HABILIDADES SOCIAIS E INTELIGÊNCIA GERAL EM ESTUDANTES DE PEDAGOGIA, ENFERMAGEM E MEDICINA. *Claire Gerk - Carneiro (Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, RJ), Rosamel de Oliveira Dias (Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, RJ) e Hedi Oliveira Nymafi (Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, RJ)*

Nos últimos anos, um número considerável de indicadores tem sugerido que a inteligência não é uma capacidade abstrata, mas uma característica humana resultante não só de fatores genéticos, como também de fatores experimentais e contextuais. Isto tem gerado um interesse crescente pelo estudo da inteligência como competência ligada a fatores sociais, culturais, pragmáticos e a contextos particulares e significativos da vida, onde esta é compreendida em função das práticas sócio-culturais dos indivíduos. Com o desenvolvimento da psicologia, da comunicação social, da tecnologia, da neurociência e outras ciências, o conceito de inteligência foi se modificando, fugindo da perspectiva tradicional da medida, passando para uma visão mais contextualizada. Pesquisadores atuais têm estudado as formas mais complexas dos processos de elaboração da informação, como Robert Sternberg com seus estudos sobre inteligência prática e social. Particularmente relevantes são os estudos acerca das habilidades sociais, que podem ser compreendidas como a dimensão comportamental de uma inteligência social. Objetivando estudar as relações entre a inteligência geral, abstrata, e as habilidades sociais, foram aplicados dois instrumentos a uma amostra de 174 estudantes da Universidade Federal Fluminense, sendo 98 da Faculdade de Educação, 30 da Faculdade de Ciências Médicas e 46 da Faculdade de Enfermagem. Os instrumentos utilizados foram Matrizes Progressivas de Raven que informou o nível de inteligência geral, e o Inventário de Habilidades Sociais (Del Prette,A. & Del Prette, Z. A. P., 1996) para avaliar o repertório de habilidades sociais dos sujeitos pesquisados. Buscou-se verificar se as pessoas classificadas pelo Teste de Raven como possuidoras de inteligência superior apresentariam também um grande repertório de habilidades sociais. Os resultados revelaram que os estudantes de enfermagem e especialmente os de medicina apresentaram escores superiores no Teste de Raven, entretanto, não revelaram um repertório superior nas habilidades sociais. A média obtida no teste de Raven pelos estudantes da área da saúde (enfermagem e medicina) revelou-se estatisticamente superior à encontrada na amostra de estudantes de pedagogia, com alta significância (t= 4,320 p< .001). Entretanto, não foi encontrada diferença significativa entre as médias dos alunos das áreas de educação e de saúde no que se refere às habilidades sociais (t= 0,327 p=.744). A correlação entre os resultados nos dois instrumentos revelou-se praticamente nula (r= 0,069, p= 0,368). Concluiu-se pela independência entre os dois construtos. Os dados encontrados revelam a inteligência abstrata como um requisito importante para a entrada na vida universitária, pois a relação candidato/vaga para a área da saúde é muito mais alta que para pedagogia, entretanto não existe relação entre esta capacidade e as habilidades sociais.

Palavras-chave: Inteligência geral; Habilidades Sociais; Estudantes universitários

***

SC 11.5 HABILIDADES SOCIAIS DE PSICÓTICOS: CONTATO VISUAL. *Marina Bandeira, Fábio Machado[1], Magali Silva[1], Sabrina Barroso[1], Telo Gaspar[1] (Laboratório de Pesquisa em Saúde Mental, Fundação de Ensino Superior de São João Del-Rei, São João Del-Rei - MG)*

A reinserção social dos pacientes psiquiátricos requer o treinamento de habilidades sociais, necessárias às interações na comunidade, devido ao déficit de funcionamento social destes pacientes. Foi constatado que o número e gravidade das reospitalizações dos pacientes diminuem quando a competência social aumenta após o treinamento. Um dos componentes das habilidades sociais estudado é o comportamento de olhar, tendo sido observadas diferenças entre pacientes e sujeitos não-clínicos, para a duração do contato visual com o interlocutor, a fluidez do olhar e as relações entre as fases de escuta e elocução. Em nosso contexto não foram encontradas pesquisas sobre este componente com pacientes psicóticos. Esta pesquisa visou preencher esta lacuna, estudando o comportamento de olhar de pacientes psicóticos (GCI) comparativamente ao seu grupo de referência na comunidade (GNC), nas fases de escuta e elocução de interações sociais, através da observação sistemática. A amostra incluiu 70 sujeitos masculinos, do mesmo meio geográfico e classe social baixa: 35 psicóticos desinstitucionalizados, com idade média de 37,4 anos e 35 sujeitos não-clínicos com idade média de 37,6 anos. Os sujeitos interagiram com um interlocutor em 4 situações sociais de desempenho de papéis, gravadas em vídeo, representando interações sociais cotidianas. Variou-se o tipo de situação e gênero do interlocutor. Dois juízes treinados observaram os seguintes comportamentos dos sujeitos, na escuta e elocução: duração e freqüência do contato visual, freqüência do desvio de olhar e do piscar e adequação do olhar. Resultados comparando-se as fases: 1. Ambos os grupos olharam proporcionalmente mais tempo e com olhares mais prolongados para o interlocutor enquanto escutavam do que enquanto falavam; 2. Esta diferença foi menor para os pacientes, indicando menor discriminação entre fases; 3. Apenas o GCI apresentou menor freqüência do contato visual na escuta do que na elocução; 4. Apenas o GCI apresentou menor freqüência de piscar por minuto na escuta, indicando maior fluidez do olhar; 5. O GNC desviou mais o olhar na escuta; 6. A cota de adequação do olhar na escuta foi melhor do que na elocução para ambos os grupos. Resultados entre grupos: 1. O GCI teve olhares mais prolongados e menos desvios de olhar do que o GNC na escuta, indicando fixidez do olhar; 2. O GCI apresentou maior proporção da duração e freqüência do olhar que o GNC na elocução; 3. As medidas globais de duração, piscar, desvio de olhar e adequação do olhar foram menos sensíveis, não indicando diferenças entre os grupos. Resultados entre situações: 1. O GCI piscou mais vezes por minuto diante do interlocutor masculino e o GNC não variou; 2. Ambos os grupos desviaram mais o olhar ao fazer crítica. Estes resultados mostraram a necessidade de focalizar o comportamento de olhar nos treinamentos de Habilidades Sociais, em particular as relações entre escuta e elocução.

Projeto financiado pelo CNPq.

Palavras-chave: Habilidades Sociais; Contato Visual; Psicóticos

***

SC 11.6 HABILIDADES SOCIAIS CONJUGAIS E RELIGIÃO: UM ESTUDO COM CASAIS PRESBITERIANOS. *Miriam Bratfisch Villa[**] (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de São Paulo, FFCLRP), Zilda Aparecida Pereira Del Prette (Departamento de Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, SP)*

As habilidades sociais nas relações interpessoais têm sido vistas como fator indispensável para a boa qualidade de vida de um indivíduo. Um dos contextos no qual o uso das habilidades sociais pode trazer muitos resultados positivos é no relacionamento conjugal. Pesquisas mostram que os principais fatores responsáveis pela satisfação conjugal são aqueles relacionados à competência social dos parceiros. As habilidades sociais são adquiridas e desenvolvidas desde a infância e durante toda a vida através das interações do organismo com seu ambiente social e cultural, aqui incluindo-se os valores, normas e regras. Supõe-se que parte destas estão associadas à filiação religiosa, ou seja, que a comunidade religiosa influencia seus membros por meio de normas e preceitos sobre comportamentos esperados em vários contextos, entre eles o conjugal, por exemplo, determinando o papel de esposa, de marido etc. Este estudo é parte de um projeto maior que tem como objetivo verificar possíveis relações entre filiação religiosa e competência social dos indivíduos no contexto conjugal e a direção desta relação (se facilitadora ou dificultadora do exercício de habilidades sociais conjugais). O presente trabalho teve como objetivo verificar a prática das habilidades sociais entre cônjuges religiosos (presbiterianos) e a possível relação por eles estabelecida entre essas habilidades e os ensinamentos da igreja. Trata-se de um estudo descritivo com uma amostra de 23 casais presbiterianos. Os dados foram coletados por meio de: a) um questionário de dados pessoais para seleção e caracterização da amostra, b) um questionário avaliativo do conhecimento doutrinário (QD); c) um Inventário de Habilidades Sociais para Casais (IHSC), d) um Questionário de Prescrições Doutrinárias relacionadas às Habilidades Sociais (QD-HS) composto de duas partes: uma que investiga se o respondente estabelece relação entre as habilidades sociais citadas e algum ensinamento de sua igreja e b) outra que pede para o respondente indicar qual ensinamento se relaciona àquelas habilidades. Os dados foram organizados em tabelas e figuras procedendo-se a análises estatísticas descritivas para cada instrumento. Os resultados do QD-HS II estão sendo interpretados e avaliados através de análise qualitativa. Os resultados mostraram que: a) os itens do IHSC que apresentaram médias de respostas mais altas referem-se a habilidades de comunicação e expressão de sentimentos, que não exigem o confronto com o outro, o risco de desagradar ou criar problemas; b) as menores médias na freqüência de emissão das habilidades sociais foram referentes aos itens do IHSC que envolviam habilidades assertivas no enfrentamento de situações com risco de reação negativa do outro (recusar pedidos, expressar discordância); c) com relação ao instrumento QD-HS as habilidades indicadas como mais relacionadas a ensinamentos da igreja pelos sujeitos foram as de comunicação e expressão de sentimentos positivos. Discute-se esses dados em termos de influência generalizada ou específica de preceitos religiosos sobre os padrões de habilidades presentes no relacionamento conjugal.

Palavras-chave: Habilidades sociais; Competências social; Relacionamento conjugal; Casais; Filiação religiosa

***

SC 11.7 HABILIDADES COMUNICATIVAS DE ADULTOS DEFICIENTES MENTAIS: ANÁLISE ENTRE COMPONENTES VERBAIS E NÃO VERBAIS. *Adriana Augusto Raimundo de Aguiar[**] (Departamento de Educação Especial, Universidade Federal de*

São Carlos/SP) e Zilda Aparecida Pereira Del Prette (Departamento de Psicologia/Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos/SP)

A área de Habilidades Sociais preocupa-se, dentre outras questões, com os desempenhos socialmente competentes que contribuem às relações interpessoais, ao incluindo-se as habilidades comunicativas. De acordo com a definição funcional do retardo mental, uma das áreas comprometidas nesse quadro é a de habilidades comunicativas. A compreensão do funcionamento e do desempenho comunicativo dessa clientela em habilidades comunicativas é fundamental para a estruturação de programas educativos visando a melhoria de sua qualidade de vida. O objetivo deste estudo foi avaliar o repertório comunicativo de um grupo de adultos deficientes mentais fazendo um paralelo entre componentes verbais e componentes não verbais utilizados na comunicação. A coleta dos dados foi realizada em uma associação filantrópica para atendimento de deficientes mentais adolescentes e adultos do Município de São Carlos (ACORDE - Associação de Capacitação, Orientação e Desenvolvimento do Excepcional). Participaram 12 adultos de ambos os sexos diagnosticados como tendo deficiência mental. A avaliação do desempenho comunicativo verbal e não verbal dos sujeitos foi realizada por profissionais que lidam diretamente com eles, através de questionários respondidos individualmente. Para a coleta dos dados foi utilizada uma escala de avaliação (2=péssimo; 1=ruim; 0=regular; 1=bom, e 2=ótimo) do desempenho da pessoa para cada item avaliado, efetuando, posteriormente uma análise estatística dos resultados globais (categorias amplas e conjunto de sujeitos) e específicos (itens individuais de cada categoria e sujeitos individualmente). De acordo com os resultados obtidos, embora ambas as categorias apresentassem escores rebaixados, foi observado maior habilidade não verbal. Dentre os componentes comunicativos verbais, a pontuação média dos sujeitos não alcançou escores equivalentes a um desempenho regular (0), permanecendo em valores correspondentes a desempenhos péssimo (-2) e ruim(-1). Embora, pela média calculada, nenhum sujeito alcançasse escores superiores a um desempenho considerado regular, na avaliação dos componentes comunicativos não verbais, apenas um sujeito apresentou escores negativos. Sabendo que comportamentos comunicativos não verbais apresentam função de apoio e complementação da comunicação verbal, os dados encontrados sugerem que, para o grupo avaliado, houve uma inversão aparente da função desses componentes na comunicação. Discute-se o significado dessa inversão na qualidade das relações sociais desses indivíduos, defendendo-se que programas de treinamento de habilidades comunicativas junto a essa clientela deveriam enfatizar o aperfeiçoamento dos componentes não verbais - embora também os verbais - mas, principalmente, a correlação entre eles para a melhora do padrão comunicativo e, conseqüentemente, do desempenho interpessoal desses indivíduos.

Agência financiadora: FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo

Palavras-chave: Deficiência mental; Comunicação verbal; Comunicação não verbal

---

SC 12/Análise Experimental do Comportamento

AVALIAÇÕES DE RELAÇÕES DE CONTROLE EM ESTUDOS DE RELAÇÕES ENTRE ESTÍMULOS

SC 12.1 Variações no Controle de Estímulos em Situação de "Pareamento ao Modelo": Implicações para o Ensino Individualizado.

João dos Santos Carmo** (Universidade da Amazônia, Belém/PA e Universidade Federal de São Carlos) e Olavo de Faria Galvão (Universidade Federal do Pará)

Uma das características das contribuições da Análise do Comportamento ao ensino de repertórios acadêmicos e à superação de dificuldades de aprendizagem em situação escolar é a flexibilidade dos procedimentos de ensino de novos comportamentos definidos com base nas relações de controle estabelecidas. O presente estudo relata os passos da programação de ensino de repertório pré-matemático, usando tarefas de pareamento ao modelo e nomeação, a uma criança do sexo masculino, de quatro anos e cinco meses de idade sem experiência prévia de participação em experimentos e sem escolarização. Adaptou-se a tecnologia de controle de estímulos ao contexto escolar, com materiais similares aos de escola (flanelógrafo, cartões de papelão, jogo de dominó adaptado, etc). Os estímulos foram: A) numerais impressos de 1 a 6, B) desenhos de bolinhas distribuídas irregularmente; C) nomes impressos dos números; D) nome ditado dos números; E) desenhos de casinhas (estímulos de generalização); F) nomeação oral. Inicialmente foram pesquisadas as relações AF, BF, CF, DA, DB, DC, AA, BB, CC, AB, AC, BA, CA, BC, CB. Em seguida ensinou-se AA, AB, BA, AC, CA, DA, AF. Ao final o sujeito participou de um jogo de dominó adaptado contendo todas as relações. Após duas semanas, realizou-se follow-up com o jogo de dominó. O sujeito apresentou as novas relações DB, DC, BF, CF, DF, BC, CB; porém apresentou baixo desempenho no jogo de dominó. Além da verificação da emergência de novas relações não ensinadas diretamente, esse trabalho relata a sequência dos treinos planejados a partir da identificação das relações de controle, em função do desempenho do sujeito nas tarefas precedentes: 1) resposta completa de observação ao modelo: texto modelo e verbalização nome do número; 2) uso de instruções completas para cada tarefa; 3) diminuição de três para dois estímulos de escolha por tentativas; 4) reintrodução da três estímulos de escolha; 5) aumento da distância especial entre os estímulos de escolha; 6) instruções extensas diante de escolhas erradas: dizia-se "não, está errado, não é este (aponta escolha incorreta); este aqui é o certo (aponta escolha correta)", seguidas de nova tentativa com os mesmos estímulos; 7) retirada progressiva da instrução externa anterior; 8) aleatorização progressiva das tentativas que envolviam valores numéricos distintos; 9) substituição de reforçadores "artificiais" (balas) por reforçadores indicados pelo sujeito; 10) variação no tempo de sessão, conforme engajamento do sujeito; 11) um ou mais intervalos ao longo das sessões, conforme solicitação do sujeito. Em seu conjunto, as modificações implementadas promoveram mudança significativa no repertório numérico do sujeito. Os resultados obtidos ilustram as implicações práticas da programação individualizada de repertórios acadêmicos envolvendo decisões ao longo dos procedimentos de ensino, a identificação de variáveis controladoras de erros ou acertos na aprendizagem escolar, a busca de sistematização de acertos em função de alterações de procedimento, um maior controle do repertório final do aluno a partir da avaliação inicial.

Palavras-chave: Análise do Comportamento; Pareamento ao modelo; Controle de variáveis em ensino e aprendizagem

---

SC 12.2 Avaliando Um Procedimento de Teste de Identidade Generalizada Sem Reforçamento Com Macacos-Prego (Cebus apella).

Aline Cardoso Rocha**; Rosenira da Silva Barros; Olavo de Faria Galvão (Departamento de Psicologia Experimental - Universidade Federal do Pará - Belém-PA)

Controle de estímulo emergente pode ser avaliado, em sujeitos não-humanos, através de testes com ou sem reforçamento. Testes com reforçamento evitam deterioração do desempenho, mas concentram sua validade na primeira tentativa, não explicada por reforçamento direto, requerendo exposição a vários exemplos da tarefa testada. Sondas sem reforçamento podem produzir demonstrações convincentes do desempenho emergente, mas podem enfraquecer a topografia de controle de estímulo testada. O objetivo desse trabalho foi avaliar uma estratégia para utilizar testes sem reforçamento com sujeitos não-humanos, mantendo o desempenho de linha de base com reforçamento intermitente, e intercalando como sondas tentativas não-reforçadas. Utilizou-se dois macacos-prego machos (Cebus apella) com histórico de pareamento ao modelo por identidade. Pelotas de ração conseqüenciavam acertos nas sessões programadas com reforço. Inicialmente restabeleceu-se o desempenho de pareamento ao modelo por identidade com o conjunto A (n=3). Posteriormente instalou-se o reforçamento intermitente, reduzindo-se gradualmente a probabilidade de reforço até 0,75, em passos de 0,05, mantendo-se a exigência de 90% de acerto por sessão em 3 sessões. Os sujeitos foram então submetidos a testes com dois novos conjuntos de estímulos. Nos blocos de teste, os sujeitos mantiveram alta precisão em tentativas de linha de base. No primeiro teste sem reforçamento, com estímulos do conjunto B apresentado anteriormente em discriminação simples, o sujeito M09, único com histórico de identidade generalizada, apresentou 7 acertos em 8 tentativas. No teste seguinte, com o conjunto C, sem prévia discriminação simples com esse conjunto de estímulos, apresentou desempenho próximo ao nível do acaso. Na repetição do teste com o conjunto C, com prévia discriminação simples, apresentou desempenho ao nível do acaso. No teste com o conjunto B, novamente apresentou desempenho ao nível do acaso. É possível que a denominação do desempenho apenas nas tentativas de teste seja devida à probabilidade zero de reforço nessas tentativas. O sujeito M12 foi submetido a testes de identidade generalizada com estímulos do conjunto B, sem prévia discriminação simples, primeiramente com e depois sem reforçamento; com resultados negativos nos dois casos. Foi realizado então, um treino de discriminação simples com os estímulos do conjunto "B" e uma terceira aplicação do teste com estes estímulos. Foram, então, obtidos resultados positivos. Um novo teste de identidade generalizada foi realizado com o sujeito M12 utilizando-se novos estímulos, agora os do conjunto C, e após treino de discriminação simples. O sujeito apresentou desempenho consistente (8 acertos em 12 tentativas) mas ligeiramente abaixo do critério (que era de 9 acertos em 12). Os resultados confirmam achados anteriores sobre o efeito de discriminações simples antes do teste de identidade generalizada e sugerem a viabilidade do procedimento de reforçamento intermitente para manutenção do desempenho de escolha por identidade ao modelo em alta precisão. Os dados do sujeito M09, contudo, apontam a necessidade de se desenvolver adaptações aos procedimentos de teste sem reforçamento de maneira a evitar a complexa correlação entre "tentativas de teste" e "extinção", que aparentemente gerou responder diferencial, de alta precisão em tentativas de linha de base e baixa precisão em tentativas de teste.

Financiamentos: UFPA - PRONEX - CNPq/PIBIC

Palavras-chave: Reforçamento intermitente; Pareamento por identidade ao modelo; Teste em extinção

---

SC 12.3 Avaliação das Relações de Controle no Desempenho de Discriminação Simples Com Duas Escolhas Em Esquema de Reforçamento Intermitente de Um Macaco Prego (Cebus Apella).

Hermani Barreto Mendonça**; Rosenira da Silva Barros; Olavo de Faria Galvão (Departamento de Psicologia Experimental - Universidade Federal do Pará - Belém-PA)

São escassos os relatos de controle de estímulo emergente, como a identidade generalizada, em sujeitos não-humanos. Experimentos anteriores já demonstraram que a aplicação prévia do procedimento de sessenta repetidas de discriminações simples reduz a variabilidade intra e intersujeitos em testes de escolha por identidade generalizada, aparentemente por permitir que os

sujeitos ficarem sob controle preciso das características físicas dos estímulos a serem utilizados nos testes de relações condicionais. Dada a importância das discriminações simples no curso do nosso programa de pesquisa, tornou-se relevante avaliar as relações de controle envolvidas nesse desempenho: "seleção" (controle por S+), "exclusão" (controle por S-) ou "controle misto" (seleção e exclusão). O objetivo do presente experimento foi aplicar o procedimento de "máscara" para verificar as relações de controle em vigor quando estabelecido o treino de discriminação simples e reversão com um macaco-prego (Cebus apella). Foi realizado um treino de discriminação simples com duas escolhas (A1+/A2-). Este treino iniciou-se com a probabilidade de reforço de 100% para respostas definidas como corretas. Após atingir precisão no desempenho, a probabilidade de reforçamento foi reduzida gradualmente até 80% em passos de 10%. O critério para passar para a fase seguinte era de 90% de acerto (65 acertos em 72 tentativas). Em seguida, mantendo-se intermitência de 80% de reforço, foram realizadas duas sessões de avaliação de relações de controle, intercaladas por uma de linha de base. Na primeira sessão efetuou-se avaliação de controle por S+ (máscara omitindo o S-) e na outra, avaliou-se controle por S- (máscara omitindo S+). O teste consistia em 8 tentativas não reforçadas inseridas entre tentativas de linha de base (57 reforçadas, 7 não-reforçadas). Então a discriminação foi revertida (A2+/A1-) e o mesmo procedimento acima descrito foi adotado. O sujeito encontra-se fase de aquisição da discriminação A1+/A2- e manutenção sob intermitência de reforço em cinco sessões, atingindo percentuais de acerto acima de 90% rapidamente. Os testes de relações de controle, proveram evidências mais fortes de controle por S- do que por S+. A reversão da discriminação (A2+/A1-) foi adquirida em uma única sessão e o critério de 90% de acerto sob reforçamento intermitente de 80% de tentativas com reforço foi obtido na sessão seguinte. Os testes de relações de controle, desta vez, proveram evidências fortes de controle por S+ e nenhuma evidência de controle por S-. O procedimento foi eficaz para avaliação de relações de controle em treinos de discriminações simples simultâneas e reversões com sujeitos não-humanos. Os dados também permitem afirmar que o controle discriminativo desenvolvido pelo sujeito era dependente do estímulo A2, uma vez que, quando este estímulo funcionou como S- o sujeito mostrou mais evidências de controle por S- e quando funcionou como S+, mostrou mais evidências por controle por S+.

Financiamentos: UEPA – PRONEX – CNPq/PIBIC

Palavras-chave: Reforçamento intermitente, Discriminação simples, Máscara

***

SC 12.4 UMA ANÁLISE MOLECULAR DO DESEMPENHO DE SUJEITOS HUMANOS NO TREINO DE RELAÇÕES CONDICIONAIS ENTRE ESTÍMULOS1. *Adriana Rubio2 (IP-USP/ADMESP) e Gerson Yukio Tomanari3 (IP-USP)*

Uma discriminação condicional pode ser obtida através do procedimento de escolha-de-acordo-com-o-modelo (matching to sample) no qual relações condicionais entre estímulos controlam o comportamento do sujeito na tarefa. Em estudos experimentais, o controle do comportamento por relações condicionais tem sido freqüentemente avaliado pela medida de acurácia, isto é, a proporção entre o conjunto de respostas "corretas" e o número total de relações condicionais apresentadas em um bloco de treino. A acurácia é uma medida relativamente global no sentido de que agrupa a aquisição de diferentes relações condicionais. Por esta razão, acurácia não permite identificar fontes específicas de controle do comportamento, ao contrário do que ocorre com a matriz de detecção de sinal (Sidman, 1987), em cuja análise isola-se a aquisição de cada uma das relações condicionais. No entanto, assim como a medida de acurácia, a matriz de detecção de sinal, apesar de mais minuciosa, não descreve a dinâmica do controle pelas relações condicionais ao longo das tentativas. O objetivo do presente trabalho foi descrever tal dinâmica, analisando, tentativa por tentativa, a aquisição de cada uma das relações condicionais treinadas ao longo de todo o procedimento de treino. Cinco estudantes universitários foram submetidos ao procedimento de escolha-de-acordo-com-o-modelo, com atraso zero, no qual blocos de tentativas eram compostos por 12 relações condicionais diferentes. As relações condicionais foram previamente estabelecidas pelo experimentador a partir de três conjuntos (A, B, C) contendo seis estímulos visuais arbitrários em cada um. Para cada estímulo do conjunto A, correspondia um único estímulo do conjunto B (A1-B1, A2-B2, A3-B3, A4-B4, A5-B5, A6-B6). Para cada estímulo do conjunto B, correspondia um único estímulo do conjunto C (B1-C1, B2-C2, B3-C3, B4-C4, B5-C5, B6-C6). Dado um estímulo apresentado como modelo, a tarefa do sujeito consistia em escolher, dentre os seis estímulos que compunham os conjuntos B (relações AB) ou C (relações BC), aquele que mantinha a correspondência correta com o modelo apresentado. A programação das contingências e o registro de eventos foram executados por computador, equipado com monitor de vídeo e tela sensível ao toque, utilizando o aplicativo MTS (E. K. Shriver Center for Mental Retardation). A análise dos resultados, por meio do tratamento individualizado de cada uma das relações condicionais treinadas mostrou que no decorrer do treino, para todos os cinco sujeitos, houve uma clara ordenação e seqüenciamento na aquisição das 12 relações condicionais apresentadas. A velocidade e a seqüência de aquisição de cada uma das relações, no entanto, diferiram entre os sujeitos. Estes resultados demonstraram que, pelo menos no que se refere ao treino efetuado no presente estudo, cada uma destas relações foi acompanhada por diferentes freqüências de reforçamento. Esses resultados têm importantes implicações para os estudos que investigam a emergência de relações condicionais e a formação de classes de estímulos equivalentes.

1-Dissertação de mestrado da primeira autora sob supervisão do segundo autor.

2-Mestranda no Programa de Psicologia Experimental do IP-USP. Email: arubio@usp.br.

3-Pesquisador bolsista do CNPq. Email: tomanari@usp.br.

Palavras-chave: Discriminação condicional, Aquisição, Medida, Humanos

***

SC 12.5 UM ESTUDO DE CLASSES DE EQUIVALÊNCIA QUE COMPÕEM O CONCEITO DE NÚMERO. *Paulo Sérgio T. do Prado (Departamento de Psicologia da Educação, UNESP – Campus de Marília)*

O paradigma de equivalência de estímulos oferece instrumental teórico e metodológico para que a aprendizagem de conceitos possa ser abordada através da análise de relações estímulo-estímulo e estímulo-resposta. O conhecimento de algumas dessas relações pode contribuir para o entendimento dos processos envolvidos na aprendizagem do conceito de número e para a formulação de estratégias produtivas de ensino. Neste trabalho foram analisadas as relações entre os estímulos: A- número ditado para a criança, B- numerais; e, C- conjuntos; e entre esses estímulos e as respostas: D- número falado pela criança, E- produção de seqüências; e, F- contagem de subconjuntos. Os propósitos do estudo foram: 1) detectar, no repertório dos sujeitos, as relações entre os elementos descritos; 2) ensinar e/ou fortalecer algumas relações ausentes e/ou não bem estabelecidas, fazendo isso estrategicamente para produzir a emergência das demais relações, de modo que as relações ensinadas e as emergentes viessem a integrar uma rede completa. Os sujeitos foram sete pré-escolares com idade entre quatro e seis anos. Usando-se um microcomputador, monitor de vídeo equipado com tela sensível ao toque e um software especial, foram inicialmente testadas as relações: AB, AC, BC, BD, CB, CD, CC (emparelhamento de conjuntos coincidentes em todas as dimensões relevantes e irrelevantes), CC (emparelhamento de conjuntos não coincidentes quanto à disposição espacial dos elementos), AF (contagem de subconjuntos a partir de nomes de números ditados), BF (contagem de subconjuntos a partir de numerais), CF (contagem de subconjuntos a partir de conjuntos), BE (produção de seqüências de numerais) e CE (produção de seqüências de conjuntos). Quatro dos sujeitos apresentaram bom desempenho em todas relações já no pré-teste e encerraram sua participação no estudo. Dos outros três, dois saíram-se bem em tarefas que requeriam a contagem, mas apresentaram desempenho pobre em várias relações, principalmente aquelas envolvendo numerais. Eles passaram por um treino das relações AB, BD e BE. Posteriormente, testes apropriados revelaram desempenho satisfatório daqueles sujeitos em todas as relações das que não haviam sido ensinadas diretamente. Um dos sujeitos apresentou seu melhor desempenho, no pré-teste, nas relações CC e CD: 55,6% e 66,7% de acertos, respectivamente. Com ele, o treino das relações AB, AF, BD e BE foi produtivo com os valores um e dois, mas infrutífero com três e quatro. O ensino alternativo das relações AC, AF, BC, CD e CE, visando a integração do "3" à linha de base, mostrou-se apenas parcialmente eficiente. Os resultados sugerem que: 1) a noção de equivalência de estímulos pode fundamentar uma compreensão comportamental do conceito de número; 2) que procedimentos empregados em estudos de equivalência podem ser proveitosamente utilizados para a detecção e o ensino de habilidades numéricas pré-requisitos para aprendizagens matemáticas mais sofisticadas; e, 3) em alguns casos pode necessário um treino prolongado para que se produzam os efeitos esperados.

Palavras-chave: Conceito de número, Equivalência de estímulos

***

SC 12.6 UM PROCEDIMENTO DE MEDIDA DO AUTO-RELATO DE DESEMPENHO ACADÊMICO EM CRIANÇAS COM HISTÓRIA DE FRACASSO ESCOLAR. *Ana Leda de Faria Brino* (UFPA/UFSCar) e Júlio César Coelho de Rose (UFSCar)*

Este trabalho teve como objetivo viabilizar a interação não mediada entre criança e um computador sem sistema de reconhecimento de voz, em tarefas de leitura oral, de tal modo que o computador fornecesse feedback para a leitura da criança. Para tanto, após a leitura oral pela criança, o computador fornecia a resposta correta, através de fones de ouvido, e a criança fornecia input ao computador, indicando se sua resposta oral havia sido igual ou diferente. O input era, portanto, um auto-relato da criança, que informava se sua tarefa acadêmica (leitura oral) havia sido correta ou não. O estudo permitiu, portanto, uma avaliação da correspondência entre um fazer da criança (leitura oral) e o seu auto-relato sobre este fazer. Este trabalho foi realizado no contexto de aplicação de um programa informatizado de ensino da leitura. Tal programa tinha como objetivo ensinar as habilidades de leitura e escrita à crianças com história de fracasso escolar, ou seja, déficit de aprendizagem nas habilidades citadas, embora estivessem em uma série escolar que se supunha que tais habilidades já haviam sido aprendidas. Nesse programa informatizado, uma das tarefas desempenhadas pelas crianças era de leitura expressiva: uma palavra era apresentada na tela do computador que emitia, simultaneamente, uma mensagem pré-gravada "Que palavra é essa?". A criança deveria, então, ler em voz alta a palavra apresentada e seu desempenho era inicialmente registrado como correto ou incorreto por um experimentador que permanecia ao lado da criança durante a aplicação da sessão; ao lado da palavra impressa era apresentada a figura de uma mão que a criança deveria pressionar para sinalizar que seu desempenho de leitura havia sido realizado. Após pressionar esta figura, uma mensagem pré-gravada no computador contendo a palavra correta era emitida e duas janelas, uma verde e outra vermelha, apareciam na tela. A criança deveria usar a janela verde para sinalizar resposta de leitura correta e a janela vermelha para sinalizar resposta

incorreta. Esta tarefa de auto-relato de desempenho acadêmico antecedente foi ensinada à criança através de um Tutorial, cuja função era, além de ensinar a tarefa, simplificar as mensagens emitidas pelo computador à criança no decorrer de três etapas. A precisão entre auto-relato da criança e desempenho antecedente foi baixa após leituras incorretas. As crianças frequentemente "mentiam", relatando como corretas respostas de leitura que haviam sido emitidas. Isto deve-se provavelmente à história de punição de erros durante a aprendizagem escolar e treinar da criança (uma variável motivacional) e aos antecedentes liberados em função de auto-relato acurado ou não acurado. O procedimento e as medidas utilizadas permitiram investigar variáveis que podiam aumentar a precisão do auto-relato da criança, levando-a a fornecer input preciso ao computador sobre a correção de suas respostas. À medida que a criança torna-se um informante fidedigno sobre sua tarefa acadêmica, o input que ela fornece no computador pode ser tomado como medida de seu desempenho oral.

CNPq, CAPES, PRONEX.

Palavras-chave: Auto-relato; Fracasso escolar; Crianças

SC 12.7 UMA PROPOSTA DE AVALIAÇÃO QUANTITATIVA DE EQUIVALÊNCIA DE ESTÍMULOS E TRANSITIVIDADE DE FUNÇÕES. *Júlio Cale Rose (Universidade Federal de São Carlos) e Renato Bortoloti** (Universidade Federal do Pará)*

Analistas do comportamento têm tratado relações simbólicas através do modelo de equivalência, segundo o qual símbolos se tornariam equivalentes aos referentes e substituíriam, sem necessidade de treino direto, funções similares no controle do comportamento, adquirindo significado similar ao do referente. Estudos experimentais rotineiramente detectam relações de equivalência através de procedimentos de discriminação condicional em que os participantes têm que fazer escolhas entre estímulos de comparação dentre de estímulos modelo. Um problema desse tipo de medida é que o participante faz escolhas forçadas a partir das quais só se pode dizer se determinado estímulo está, para ele, incluído ou não em determinada classe; não é possível estabelecer se há diferentes graus de relacionamento entre os estímulos de uma classe. Além disso, eventuais relações de magnitude insuficiente para que os estímulos se unissem numa mesma classe não poderiam ser detectadas. Este trabalho é uma proposta metodológica de avaliação quantitativa do significado do referente e dos estímulos equivalentes a ele, para verificar em que grau estes adquirem significado similar. Uma forma de se estimar tal medida é através do uso de um conjunto de escalas bipolares de sete intervalos ladeadas em cada extremidade por 'termos polares' constituídos de pares de adjetivos antônimos. Cada conjunto traz acima de si a reprodução de um estímulo com o qual o participante tomou contato nas tarefas de escolha-de-acordo-com-o-modelo a que foi submetido e que deve agora ser avaliado de acordo com todas as escalas. Num experimento ilustrativo deste tipo de procedimento, foram ensinadas as relações condicionais A-B, A-C e C-D, em que os conjuntos A, B, C e D compreendiam três estímulos cada e os estímulos A1, A2 e A3 eram fotografias de faces humanas expressando três condições emocionais distintas - alegria, raiva e sono -, enquanto os estímulos B, C e D figuras abstratas. Em seguida, foi testada a emergência das relações D-B e B-D que, ingenuamente, indicavam a formação de classes com estímulos A, B, C e D. Formadas as relações, era pedido ao participante que avaliasse os estímulos abstratos D1, D2 e D3 de acordo com as escalas acima descritas. A um segundo grupo de participantes não foi ensinado qualquer relação entre os estímulos e lhes foi pedido que avaliassem, usando as mesmas escalas, todas as figuras com as quais os participantes do Grupo 1 tomaram contato. Os resultados mostram que houve correspondência entre as avaliações que os participantes do Grupo 2 fizeram das expressões faciais e as avaliações dos estímulos arbitrários D feitas pelos participantes do Grupo 1. Os resultados permitem avaliar o grau em que os símbolos (estímulos abstratos D) adquiriram o significado dos referentes (faces). Por exemplo, o estímulo abstrato relacionado à face naval foi avaliado de modo mais similar no respectivo referente do que os estímulos equivalentes às expressões faciais de alegria ou sono. O procedimento aqui proposto parece ser potencialmente útil na avaliação de parâmetros de formação de classes, como, por exemplo, a distância modal entre os estímulos.

Agências financiadoras: MCT/ PRONEX e CAPES.

Palavras-chave: Equivalência de estímulos; Transitividade de funções; Medidas de significado

SC 13/Psicologia Escolar e Educação
DIMENSÕES TRANSDISCIPLINARES DO PROCESSO DE LETRAMENTO

SC 13.1 ASPECTOS PSICOSSOCIAIS DO LETRAMENTO: CONTRIBUIÇÕES AO ESTUDO DO RETARDO DE LETRAMENTO. *Ana Antonia Gomes Senna (Faculdade de Educação / Universidade do Estado do Rio de Janeiro)*

Após a implementação de sistemas de ensino não seriados em Educação Básica, a questão da consumação da escrita vem trazendo aos agentes de ensino uma nova percepção acerca dos resultados das práticas de alfabetização, sobretudo no que concerne ao caso de alunos que chegam ao quarto ou quinto anos de escolarização sem terem desenvolvido habilidades de uso da escrita. Na rede pública de ensino do Estado do Rio de Janeiro, por exemplo, estima-se haver algo em torno de doze mil crianças incluídas neste caso, distribuídas entre as que ainda não reconhecem o código escrito e as que o reconhecem, procedimentalmente, sem dele fazer uso funcional. O alarmante número de crianças enquadradas em situação de retardo de letramento não é uma situação recente no Brasil. Já que, no passado, as mesmas crianças seriam simplesmente segregadas às classes de alfabetização e, após sucessivas reprovações, transferidas para os cursos noturnos, dos quais evadiriam um ou dois anos após. A maioria das explicações para a situação retardo de letramento, mesmo hoje, tende a acolher supostas causas clínicas, decorrentes desde de distúrbios neurológicos, a prejuízos psicomotores ou distúrbios emocionais, sempre associados a uma cultura própria de medicalização do fracasso escolar. Quando sob a influência de pressupostos mecanicistas de alfabetização, a cultura de medicalizar o retardo de letramento esteve associada a uma suposta defasagem no desenvolvimento do aluno, no que concerne aos fatores diretos ou indiretamente associados às práticas de leito-escrita. Com o advento de teorias construtivistas sobre a alfabetização, muitos dos argumentos arrolados como causas clínicas do retardo de letramento foram gradualmente se descredibilizando pela constatação de que se tratavam, antes de mais nada, do resultado de uma percepção intolerante acerca das diferenças individuais dos sujeitos alfabetizandos. Contudo, mesmo sob a intervenção de práticas construtivistas, as taxas de alfabetização ainda não estão sendo capazes de lograr êxito junto a um número consideravelmente elevado de pessoas, motivo pelo qual a cultura da medicalização ainda resiste. O objetivo deste trabalho é descrever fatores de ordem sociodefetiva que intervêm sobre a identidade do sujeito alfabetizando em situação de conflito com a cultura representada pela instituição escolar, os quais podem gerar comprometimentos no processo de alfabetização. A situação analisada é a dos sujeitos que resistem à passagem do grafismo pré-alfabético ao grafismo alfabético, ou, como em casos mais frequentes ao longo da Escola Básica, da escrita meramente mecânica e ao início à escrita funcional e autônoma. O trabalho visa a contribuir para a extenção de vestígios remanescentes da cultura da medicalização do fracasso de alfabetização, ainda constatados no âmbito das discussões relativas a casos de sujeitos com história de retardo de letramento.

Palavras-chave:

SC 13.2 ASPECTOS ETNOGRÁFICOS DO LETRAMENTO: UM PARADIGMA DE PESQUISA SOBRE A FORMAÇÃO HUMANA. *Carmem Lucia Guimarães de Mattos (Faculdade de Educação / Universidade do Estado do Rio de Janeiro)*

O estudo apresenta um esforço teórico-metodológico na construção de novos paradigmas de pesquisa para os estudos sobre a cognição humana, especialmente no contexto do processo ensino-aprendizagem. Sua ênfase é colocada nas análises das relações entre os processos inconscientes e as diversas formas de construção da aprendizagem / conhecimento na sala de aula, na tentativa de gerar novos conhecimento sobre este contexto - definido como um ambiente privilegiado, onde evidenciam-se as interações sócio-estruturantes do comportamento social humano. Focalizamos a conduta escolar de gerar conhecimento com os participantes simbólicos desse contexto e não, para os participantes reais da situação cotidiana. Destacamos aspectos observados em pesquisas etnográficas, no longo dos últimos 10 anos, sobre a sala de aula: a) a natureza da relação discursiva em sala de aula; b) os diversos padrões interacionais e as dificuldades na construção do conhecimento, c) a ênfase em conhecimento ritualístico e não de princípio, que possibilitaria fossilização entre o conhecimento e a sua utilização em outros contextos; d) a visão de significado como inerente à linguagem, dificultando a apropriação cultural do significado, e) a relação entre formulação temática da aula e a construção e de aprendizagem; f) a utilização de estratégias inapropriadas de aprendizagem para a resolução de problemas. Destacamos ainda, a importância da abordagem etnográfica de pesquisa para o entendimento e a interpretação dos eventos e situações que se apresentam no contexto de sala de aula, propiciando ao pesquisador a oportunidade de melhor captar as vozes dos sujeitos envolvidos na situação de aprendizagem. A apresentação se complementa com a interpretação do conceito de "ambiente alfabetizador", tomado como pressuposto no âmbito da aquisição da escrita funcional, a partir da compreensão entre as vozes imanentes do comportamento de professores e alunos incluídos em contextos educacionais marcados por explícita situação de exclusão social. A finalidade do estudo interpretativo é caracterizar a influência de contextos alfabetizadores críticos na geração e/ou perpetuação de distúrbios como o retardo de letramento, bem como a contribuição da pesquisa etnográfica como adjuvante no atendimento clínico ou inibição pela Psicologia da Educação.

Palavras-chave:

SC 13.3 ASPECTOS PSICOMOTORES DO LETRAMENTO: DISTÚRBIOS DE LETRAMENTO NO PORTADOR DE DESVIO DE ORTÓPTICA. *Rita Hampaio (Associação Brasileira de Psicomotricidade)*

Em que pese o cuidado que se deva ter quanto à medicalização indiscriminada de casos de retardo no processo de letramento, é preciso trazer em consideração o fato de que pequenos distúrbios fisio-motores podem detonar distúrbios significativos de aprendizagem, que interferem sobre a letramento do cidadão, não apenas no que concerne ao letramento, mas, também, ao uso mais abrangente de sua competência leitora e gráfica. Tomado como um domínio curricular que transcende uma percepção limitada da aquisição da escrita, concebida como ato mecânico de apropriação do código escrito, o letramento envolve todo um processo de ressignificação do mundo e de si próprio, motivo pelo qual relaciona-se diretamente ao desenvolvimento da lateralidade e demais fatores concernentes para a atividade representacional. Embora haja uma grande influência de fatores ambientais e culturais sobre o

produto das representações espaciais humanas, inúmeros outros fatores, de ordem psicomotora, são condicionantes universais que não podem ser desprezados no estudo dos distúrbios de aprendizagem, sobretudo para que se possa discernir com clareza casos de fracasso escolar decorrentes de conflitos da interação entre culturas orais e científicas, daqueles que, propriamente, demandam atendimento clínico apropriado. A fim de que o agente de letramento possa discernir adequadamente entre comportamentos pertinentes ao processo construtivo natural de letturização – caracterizados como estados de aproximação, conforme teorias sócio-construtivistas de construção de conhecimentos – e comportamentos derivados de comprometimentos psicomotores, é necessário que tenha conhecimento acerca dos fatores de natureza clínica que podem intervir negativamente no processo construtivo. Este trabalho aborda um desses fatores, o desvio ortóptico, analisando suas conseqüências no processo de letturização. A apresentação divide-se entre (i) a descrição do fato clínico e de suas conseqüências para os processos representacionais no sujeito em letramento, (ii) a descrição dos comportamentos descritores do portador de desvio ortóptico, bem como do conjunto de comportamentos ordinariamente associados e identificados pelo professor como falhas no processo de alfabetização e/ou no comportamento gráfico posterior, (iii) comentários sobre a rotina intra e extra-escolar para atendimento ao portador de desvio ortóptico. A partir do estudo apresentado, demonstrar-se-á a necessidade de aplicação de critérios que contemplem, simultaneamente, aspectos de natureza médico-clínica e antropológico social no diagnóstico de causas prováveis de distúrbios de letramento, tanto em contextos escolares, quanto ambulatoriais.

Palavras-chave:

***

SC 13.4 Aspectos Do Letramento Na Educação Especial: Alfabetização E Surdez. *Leila Couto Mattos (Instituto Nacional de Educação para Surdos)*

Este trabalho tem por objetivo contribuir para o desenvolvimento do processo de letramento da criança surda, de 4 a 6 anos, aproximadamente, que está iniciando a aprendizagem da leitura e da escrita, de modo formal. Com o olhar da fonoaudiologia preventiva, algumas possíveis dificuldades de aprendizagem poderão ser evitadas, minimizadas, ou mesmo, eliminadas. Atuando junto ao professor, o fonoaudiólogo poderá orientar a organização da experiência curricular a ser desenvolvida como também, a forma de se implementá-la, no contexto escolar. Os diferentes aspectos do desenvolvimento infantil são considerados, buscando-se o equilíbrio entre todos os elementos envolvidos no processo de "crescimento" da criança. Este trabalho foi desenvolvido em 1998, por um grupo de alunas do 8º período do curso de Fonoaudiologia, do Instituto Brasileiro de Medicina de Reabilitação, sob a Supervisão da Profa. Regina Martins, no município de Queimados no estado do Rio de Janeiro. Desenvolveu-se em escolas da rede municipal no nível da educação infantil. O estudo pretende descrever um conjunto de situações, que envolvem, não só algumas dificuldades de aprendizagem mas também, algumas alterações no processo de desenvolvimento infantil, que poderão surgir em ambiente escolar e familiar, bem como suas possíveis implicações no desenvolvimento da leitura e da escrita. A lei 6965-09/12/81 garante ser da competência do fonoaudiólogo desenvolver trabalho de prevenção no que se refere à área de comunicação escrita e oral, voz e audição, participar de equipe de orientação e planejamento escolar, inserindo aspectos preventivos ligados a assuntos fonoaudiológicos". Dessa forma, a partir do objetivo geral supracitado, pretende-se com este trabalho: (a) desenvolver uma ação conjunta entre a fonoaudiologia e a educação, (b) prevenir e/ou minimizar alterações que venham interferir no processo de aprendizagem da leitura e da escrita, (c) assessorar a equipe das escolas nas questões referentes ao desenvolvimento infantil e (d) fortalecer a importância que deve ser dada ao aluno nos primeiros anos de sua vida escolar. Logo após os primeiros seis meses de trabalho, algumas mudanças foram detectadas em relação ao entendimento de muitas das questões que vinham sendo impostas, em relação às atividades dirigidas como as "folhas mimeografadas", o encaminhamento de algumas crianças à fonoaudiologia e, o principal, ao final do primeiro ano de trabalho, as professoras, supervisoras, coordenadoras e a própria direção da escola demonstraram conhecimento, posicionamento e crítica durante a execução das atividades envolvidas no cotidiano da escola. O trabalho articula-se à nossa realidade, através da caracterização de um contexto de intervenção educativa que caracteriza a necessidade de integração funcional de duas abordagens complementares, a saber, a da Educação e a da Fonoaudiologia, ressaltando, assim, a definição do letramento de surdos como um domínio multidisciplinar que demanda um modelo institucional preparado a promover a reunião de profissionais de diferentes áreas.

Palavras-chave:

***

SC 13.5 Motivação E Auto-Estima No Processo Ensino-Aprendizagem Da Leitura E Escrita: Uma Experiência De Intervenção Com Jogos E Literatura Infantil. *Albany Aniedna Araújo Freire Soares*, Rosângela Francischini (Departamento de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN)*

Nosso objetivo, neste trabalho, é investigar as implicações de uma proposta de intervenção com jogos e literatura infantil no processo ensino-aprendizagem de uma criança que, de acordo com sua professora, apresenta dificuldades de acompanhamento nas atividades propostas em sala de aulas. Tendo como referenciais algumas pesquisas que apontam para a importância de se proporcionar à criança oportunidades de relacionar-se com os objetos de conhecimento de uma forma lúdica, nos propomos a realizar atividades que envolvessem desafios, solução de problemas e construção de estratégias implicando raciocínio lógico e elaboração/antecipação de jogadas tendo em consideração as possibilidades de compreensão e ação do outro. Em relação ao trabalho com literatura infantil, consideramos que poesias e textos direcionados ao público infantil, nos mais diversos gêneros, são formas de acesso à "linguagem que se escreve", de uma maneira lúdica, simbólica, abstrata e imaginativa, envolvendo atitudes mentais de antecipar, supor, planejar e de entrar em contato com novas formas de expressão nessa modalidade de linguagem. Proporcionam, ainda à criança, lidar com conteúdos, organizar dinamicamente o presente através de informações, experiências, identificações, a partir do relacionar-se com o passado coletivo e investir o futuro, projetando possibilidades. A pesquisa foi desenvolvida durante um semestre letivo, com uma criança, aluna regular do 2º ano do ciclo de alfabetização, de uma escola pública do município de Natal. Foram realizados dois encontros semanais, ora individuais, ora em grupo com outras crianças da sala. A queixa da professora dizia respeito ao desinteresse, por parte da criança, e ao não acompanhamento das atividades em sala de aula. No início de nossas intervenções, observamos que a criança demonstrava dificuldade de se valorizar e acreditar em seu próprio potencial, o que influenciava na sua atitude em relação às atividades propostas para a aprendizagem. Mostrava-se, ainda, insegura, desmotivada, muito preocupada com seus erros e, freqüentemente, comparava seu desempenho com o de outras crianças com as quais trabalhamos quando as atividades, principalmente jogos, envolviam a participação de outras crianças. Em relação à leitura e escrita, não sabia escrever seu nome, reconhecia poucas letras, e apresentava dificuldades em compreender a relação fonema/grafema. Após um semestre letivo de trabalho com a criança pudemos observar que houve progresso nos seguintes aspectos: diminuição da preocupação com os erros, escrita correta do nome próprio, identificação e emprego corretos de letras em jogos que envolviam a escrita, tomada de iniciativas, empenho e motivação na realização de atividades. Apresentou, ainda, maior segurança em relação ao desenvolvimento de suas atividades.

(CNPq)

Palavras-chave. Aprendizagem; Jogos; Literatura infantil

****

SC 14/Psicologia Social
VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES

SC 14.1 Famílias Violentas: Um Estudo Longitudinal Com Crianças E Adolescentes De Campinas/São Paulo. *Maria da Conceição N. Monteiro (Universidade Estácio de Sá, RJ)*

O objetivo desta apresentação será o de apresentar uma série de trabalhos onde investigamos relações psicossociais próprias dos contextos familiares e as relações estabelecidas entre pais e filhos adolescentes. Trata-se estudos descritivos de comportamentos violentos vividos por crianças entre 08 e 12 anos, residentes da cidade de Campinas, São Paulo, no período entre outubro de 1990 e dezembro de 1991. Essas crianças após o atendimento médico-clínico em hospitais e prontos socorros da cidade, retornaram para sua família sem nenhuma forma de acompanhamento psicológico. Quatro anos depois, procedeu-se uma metodologia de abordagem psicossocial com essas crianças, através de uma entrevista semi-estruturada e de informações registradas na anamnese, realizada no primeiro momento da pesquisa. Esses dados foram coletados de fichas e prontuários dos locais onde essas crianças foram notificadas e atendidas por agressão física. O segundo momento da pesquisa de campo foi realizado entre 1995 e 1996, cuja metodologia buscou identificar a notificação da violência física na infância e investigar os discursos desses atores sociais, por meio de uma perspectiva dialógica, como a principal fonte de informação a expressão oral e [ilegível], para identificar os eixos temáticos das representações sociais da adolescência, do processo de adolescer e das lembranças e representações individuais que esses já adolescentes tinham da violência sofrida na infância. Nessa ocasião, encontravam-se em uma faixa etária entre 12 e 16 anos, vivendo um rito de passagem que se caracteriza pelo processo de adolescer. Nem crianças nem adultos não compreendiam que estavam vivendo diferentes fases de transformações físicas e de alterações psicológicas, o que através de seus questionamentos e hipóteses também, caminhavam em busca da identidade pessoal e psicossocial próprias do mundo do adulto. A análise dos dados foi de natureza qualitativa e quantitativa. A primeira destinou-se ao exame do conteúdo, interpretado conforme os fundamentos teóricos das representações sociais e das representações de si mesmos. A análise quantitativa empregou uma análise fatorial de correspondência destinada a identificar os núcleos centrais das representações sociais da violência familiar no grupo de adolescentes vitimados na infância. As conclusões deste trabalho mostram um questionamento de dados levantados na pesquisa de campo, que deveriam estar influenciando as políticas públicas e os programas de apoio às demandas expressas pelos adolescentes assim como, programas de apoio à família.

Palavras-chave. Psicossociologia, Violência; Políticas Públicas

***

SC 14.2 Violência Doméstica Contra Crianças E Adolescentes. *Maria Aparecida Alves Cabral (Professora Adjunta em Psiquiatria, Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas)*

A violência doméstica contra crianças e adolescentes vem aumentando assustadoramente ,em todo o mundo, nos últimos anos, principalmente em nosso meio. Calcula-se que apenas 5% destas ocorrências são reconhecidas nos serviços de emergência pediátrica. Trata-se, portanto, de um grave problema de saúde pública e ,sobre o qual, pouco se fala, tanto entre os profissionais da área médica como psicológica.

Como coordenadora do simpósio, tecerei considerações resumidas sobre os aspectos mais relevantes e recentes relacionados a este tema, presentes nas revisões bibliográficas de revistas nacionais e internacionais, abordando os conceitos de violência doméstica, discorrendo sobre os fatores de risco para estas ocorrências, sobre os tipos mais comuns de violência intrafamiliar, etc.

Abordarei também os sintomas e sinais psicológicos e físicos mais citados no reconhecimento e acompanhamento clínico das vítimas da violência doméstica na infância, além das medidas terapêuticas e preventivas deste fenômeno psicossocial.

Estas considerações deverão abrir espaço para uma melhor compreensão metodológica de pesquisas que coordenamos na Universidade Estadual de Campinas-SP, desde o início dos anos 90,enfocando os aspectos psicossociais das crianças e adolescentes vitimados e de seus agressores, assim como das representações sociais da violência doméstica, numa amostra de crianças e adolescentes agredidas no ambiente familiar e notificadas no CRAMI(Centro de Registro e Atenção Aos Maus Tratos Na Infância), no período de outubro de 1990 até dezembro de 1991,estudo este que será apresentado pela Profa Dra Maria Conceição Nascimento Monteiro. Fecharei minha apresentação falando das últimas pesquisas que estamos desenvolvendo na Unicamp, sob minha orientação, enfocando as "dificuldades de abordagem e tratamento de crianças e adolescentes vítimas de violência no meio familiar, por parte dos pediatras da região de Campinas", assim como da" tentativas de suicídio na infância e adolescência, relacionados à violência doméstica ".Enfatizarei a importância das pesquisas para melhorar o atendimento às vítimas e às suas famílias, assim como na prevenção deste grave problema.

Palavras-chave: Violência Doméstica, Crianças, Adolescentes, Psicossocial, Fatores de Risco

***

SC 14.3 As Relações De Poder Na Família: Um Estudo De Caso Envolvendo A Violência Psicológica. Isabel Cristina Gomes *(Profa. Dra. junto ao Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo / SP)*

Este trabalho é parte de um projeto de pesquisa realizado desde 1993 até o momento, na clínica-escola do Instituto de Psicologia da USP (IPUSP), onde tentamos aprofundar o estudo de questões que envolvem a prática do psicodiagnóstico infantil. Enfatizamos o entendimento dos mecanismos do casal parental, que tipo de casamento estabelecem, e se estão ou não utilizando o filho como depositário das suas questões não resolvidas, podendo gerar sintomas nele e, como garantir uma melhor intervenção terapêutica para o caso, deslocando o olhar para o casal. Enfocamos a dinâmica das relações familiares no mundo de hoje, dentro de um referencial psicanalítico, histórico e sociológico, já que, ao longo da História, o conceito de família foi-se transformando. Na nossa experiência clínica de atendimento a essa população, temos observado algumas situações de crise nas famílias, causadas basicamente pela alteração dos papéis marido/ mulher e do lugar que os filhos ocupam nesse contexto. Nas últimas décadas a constituição familiar sofreu muito a interferência dos movimentos sociais, tais como, o Feminismo, a Revolução Sexual, o Divórcio, a AIDS e mais recentemente, a Globalização, que estão gerando alterações profundas nessas relações. O feminismo trouxe uma mudança grande no papel da mulher, as angústias, dilemas, entre a maternidade e a ascensão profissional. O homem que passou a dividir o espaço externo ao lar com a mulher e foi-se enfraquecendo no papel de único mantenedor da casa. Entretanto, em algumas famílias de hoje, onde a mulher aparentemente conquistou espaço, independência e realização profissional, algumas estabelecem ainda uma relação de total submissão ao poder do marido, repetindo os modelos do passado. Observamos que nessas estruturas familiares, ocorre um tipo específico de dinâmica conjugal, que delineamos como " situações de violência psicológica", que o homem/marido exerce sobre a mulher/esposa, tendo como conseqüência o surgimento de alguns sintomas nos filhos: doença psicossomática, mau desempenho escolar, dificuldade de socialização e comportamento agressivo. Nesses casos, temos obtido êxito com o atendimento aos casais, no sentido de propiciar não somente uma melhora dos sintomas nas crianças, mas, uma mudança na forma de relacionamento dos pais, principalmente quando o casal toma realmente para si a demanda ou necessidade de ajuda, liberando o filho do papel de doente. A visão do clínico também se enriquece muito se associarmos os estudos de gênero ao referencial de psicoterapia breve a casais, de orientação psicanalítica. Apresentaremos um estudo de caso realizado na clínica-escola, bem como fragmentos de sessões com o casal, para ilustrar o que foi descrito acima.

Palavras-chave: Família; Casal; Sintoma

***

SC 14.4 Violência E Abuso Sexual Na Família: Como Intervir?. Maria de Fátima Araújo *(Profa. Dra. junto ao Departamento de Psicologia Clínica da Universidade Estadual Paulista/Assis/SP)*

Este trabalho reúne reflexões surgidas na prática de supervisão e atendimento de famílias que sofreram violência intrafamiliar, encaminhadas para atendimento psicológico após denúncia ou suspeita de abuso sexual infantil cometidos por parentes próximos - pai biológico, padrasto ou irmão. O atendimento do abuso sexual infantil gera muita ansiedade nas equipes de saúde por conta das dúvidas levantadas sobre a veracidade ou não da denúncia e, principalmente, pela resistência das famílias diante da imposição judicial do atendimento. Na rede pública de assistência, esses casos em geral são submetidos a um "jogo de empurra" entre profissionais e instituições. Isso acontece por uma série de questões. Primeiro porque é um tema difícil de lidar e a maioria dos profissionais não tem treinamento adequado para isso. Segundo, porque não há recursos institucionais para dar suporte às vítimas e aos profissionais que assume o risco de levar a denúncia adiante. E terceiro, porque muitas vezes a vítima, diante do dilema de denunciar e enfrentar as conseqüências do seu ato, prefere silenciar ou mesmo retirar a denúncia já feita, diante da pressão e da falta de apoio familiar, deixando os profissionais envolvidos desapontados e impotentes diante da situação. A abordagem aqui proposta focaliza a complexa rede dos processos envolvidos na dinâmica das relações de violência nos seus diferentes aspectos: psicodinâmicos, éticos, jurídicos, econômicos, sociais e culturais. Propõe uma intervenção conjunta envolvendo toda a família, inclusive agressores e agredidos e introduz, como elemento novo, a análise de gênero como fator historicamente preponderante na construção de relações de violência, opressão e submissão. A terapia familiar é a indicação mais adequada para os casos de abuso sexual infantil mas o grande desafio é transformar essa indicação em uma demanda da família. Não é uma tarefa fácil para os terapeutas que na maioria das vezes prefere o atendimento individual da vítima e/ou do agressor. Essa conduta também é mais aceita pela família por manter o segredo familiar no âmbito dos principais envolvidos - a vítima e o agressor. No máximo envolve a mãe da criança. O restante da família não se envolve diretamente, embora partilhe do segredo à distância. A terapia familiar rompe esse pacto silencioso, amplia o conflito, explicita o funcionamento incestuoso e leva o grupo familiar a entender que o problema não é apenas da criança vitimizada mas de todos eles e como tal precisa ser trabalhado em conjunto.

Palavras-chave: Violência intrafamiliar; Abuso sexual infantil, Terapia familiar

***

SC 14.5 Diagnóstico Psicológico: A Inibição Intelectual Vista Sob A Ótica De Uma Situação De Abuso Sexual. Sandra Fernandes Saldanha Gandini *(Centro Universitário – UniFMU –São Paulo-SP)*

Este trabalho tem por objetivo investigar , a interferência do abuso sexual na capacidade de a criança utilizar seus recursos intelectuais , situação que será denominada de inibição intelectual. Para tanto, utilizou-se o estudo de caso de uma criança de 10 anos encaminhada para avaliação psicológica em clínica-escola de Psicologia. Uma vez que a avaliação do nível intelectual demonstrou um resultado considerado normal verificou-se através do modelo de psicodiagnóstico de Ocampo(1990) e Trinca (1984) os motivos latentes que determinavam tal inibição. Procurou-se explicitar quais fatores poderiam estar impedindo que a criança pudesse fazer uso de seus recursos e potencialidades e se os elementos que se destacaram da dinâmica familiar, a saber, a curiosidade como elemento indesejável e merecedora de punição e um episódio de abuso sexual ocorrido com a criança e mantido pelos pais como segredo, poderiam interferir neste processo. A análise do material revelou uma família com predomínio de fantasias persecutórias de ataque e roubo, sendo a curiosidade vivida como algo muito perigoso. A curiosidade tão temida pelos pais relaciona-se à sexualidade que na família não pode ser considerada e nem explorada. Nesse sentido, não falam sobre o abuso sexual, porém, criam uma fantasia, que circula no meio familiar, de que a criança possa se tornar um homossexual. A mãe mostrou-se muito angustiada com a situação, porém diante da conduta indiferente do pai frente ao episódio, não consegue se manifestar. Observou-se no material produzido pela criança, angústias profundas relacionadas a sexualidade e a necessidade de fazer-se falicamente. A necessidade de valorização de aspectos masculinos potentes surge como forma de defesa frente a fantasia de homossexualidade que paira na família. Durante as atividades que produziu, demonstrou preocupação intensa com a sexualidade, o quanto é curioso e o quanto suas manifestações estão inibidas. Além disso, observou-se também sentimentos de desvitalização, depressão que se associam à inibição, sobretudo do pensamento. O predomínio de fantasias persecutórias de ataque e destrutividade em relação às figuras parentais, pode ser observada em seu material. Tal vivência dificultou o desenvolvimento de seu mundo de fantasias, o processo de simbolização e o pensamento. A fantasia e a conduta assumida dos pais tendem a reiterar para a criança que a curiosidade é algo perigoso e destrutivo, o segredo em torno do abuso sexual torna-se uma situação que aprisiona tanto a família quanto à criança, impedindo que todos possam utilizar-se de seus recursos mas, principalmente a criança, que tem seu potencial comprometido.

Palavras-chave: Abuso Sexual; Inibição Intelectual; Psicodiagnóstico

***

SC 14.6 Estratégias De Coping E Agressividade: Um Estudo Comparativo Entre Crianças Vítimas E Não-Vítimas De Violência Doméstica. Carolina *Saraiva de Macedo Lisboa e Sílvia Helena Koller (CEP-RUA, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS)*

O presente estudo teve como objetivo comparar dois grupos de crianças, vítimas e não vítimas de violência doméstica, no que se refere aos problemas enfrentados e relatados com os professores e os colegas, as estratégias de coping adotadas e a manifestação da agressividade no ambiente escolar. A amostra foi composta por 87 crianças de ambos os sexos, 49 vítimas de violência doméstica e 38 não vítimas, com idades entre sete e doze anos. As crianças vítimas de violência doméstica apontaram com maior freqüência as

agressões verbais por parte da professora como problema e utilizam agressões físicas como estratégia de coping mais do que as outras crianças. As crianças não vítimas citam com maior freqüência a busca de apoio de outras pessoas como estratégia para lidar com seus problemas junto aos colegas. Os resultados da Escala de Percepção de Professores dos Comportamentos Agressivos de Crianças na Escola mostram que as crianças vítimas de violência são percebidas como mais agressivas que as outras e que os meninos são percebidos como mais agressivos que as meninas. Estes dados foram discutidos segundo a Abordagem Ecológica do Desenvolvimento Humano. Concluiu-se que o aprofundamento de estudos sobre a conceitualização das estratégias de coping, enfatizando, especialmente, os aspectos do contexto e das relações hierárquicas, e manifestação da agressividade em crianças vítimas de violência doméstica pode trazer maiores esclarecimentos e subsídios para programas de intervenção que promovam a resiliência e adaptação sadia dessas crianças na escola.

Palavras-chave: Violência; Coping, Agressividade

*****

SC 15/Psicologia Social

MEMÓRIA E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO DESCOBRIMENTO DO BRASIL

SC 15.1 A Memória Do Descobrimento Do Brasil Nas Representações Sociais Brasileira E Portuguesa. Uma Comparação Estrutural. *Celso Pereira de Sá (Instituto de Psicologia / Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, RJ), Denize Cristina de Oliveira (Faculdade de Saúde Pública / Universidade de São Paulo – São Paulo, SP), Ana Augusta de Medeiros (Coordenação de Pesquisa de Demandas Sociais / Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, RJ)*

O presente trabalho faz parte de um projeto de pesquisa mais amplo, que focaliza o processo de atualização da memória social do descobrimento do Brasil como resultado da comemoração do seu quinto centenário. O trabalho se fundamenta na teoria psicossocial das representações sociais inaugurada por S. Moscovici, complementada pela abordagem estrutural devida a J.-C. Abric, segundo a qual o sistema central de uma representação está ligado à memória coletiva e à história do grupo que mantém tal representação. Os dados foram coletados através de uma tarefa de evocação livre a partir do termo indutor "Descobrimento do Brasil", incluída no início da aplicação assistida de questionários a uma amostra de 700 sujeitos, com idade igual ou superior a 18 anos e pelo menos oito anos de escolarização, no Brasil – Rio de Janeiro, São paulo, Belém, Natal, Salvador, Cuiabá e Florianópolis – em duas ocasiões, 1999 e 2000 (após a comemoração), e de 500 sujeitos em Lisboa, em 2000. Os dados foram inicialmente tratados pelo software EVOC, de análise de evocações, para a identificação dos elementos centrais e periféricos das representações; e, após o agrupamento das evocações em categorias distintas, pelo software SIMI, de análise de similitude. Os resultados da primeira análise mostram que: (1) os sistemas centrais das representações brasileiras e da representação portuguesa são muito semelhantes, evidenciando que não houve uma atualização significativa da memória brasileira em função da comemoração do quinto centenário e que esta coincide grandemente com a portuguesa; (2) tal representação persistente e comum privilegia aspectos simplesmente descritivos da chegada dos navegadores portugueses – "índios", "caravelas", "portugueses", "mar" ("praias", na visão dos portugueses) e "Pedro Álvares Cabral" – reproduzindo a imagem socializada pelo ensino fundamental da história nos dois países; (3) a periferia próxima da representação brasileira abriga elementos de aquisição posterior, que vão desde as denúncias correntes da "exploração" e "escravidão" que caracterizaram a "colonização" até as críticas mais recentes (surgidas na comemoração dos 500 anos do descobrimento da América) da "invasão", do "massacre dos índios" e do "não descobrimento", enquanto na periferia próxima da representação portuguesa encontram-se, a par da admissão da exploração do "ouro", da "escravidão" e do "colonialismo", uma exaltação da "aventura" em que se teriam lançado os "navegadores". Os resultados da análise de similitude mostram que nas representações brasileiras as categorias que "vão juntas" configuram como dois domínios distintos "índios" e "exploração", enquanto os domínios privilegiados na representação portuguesa são "índios" e "navegações", o que confirma a presença de um sentimento de orgulho pelo empreendimento realizado.

Apoio financeiro: FAPERJ, CNPq, FAP/UERJ

Palavras-chave: Memória social, Representações sociais; Descobrimento do Brasil

*****

SC 15.2 O Descobrimento Do Brasil E As Representações Grupais De Portugueses E Brasileiros, No Passado E No Presente. *Jorge Vala, Ana Saint-Maurice (Centro de Investigação e de Intervenção Social / Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa – Lisboa, Portugal)*

O presente estudo faz parte de uma pesquisa internacional sobre a memória social do descobrimento do Brasil, de que participaram equipes brasileira e portuguesa. Para a investigação das representações sociais que configuram tal memória, aplicaram-se 500 questionários em Lisboa e 400 no Rio de Janeiro a sujeitos adultos de ambos os sexos e com um mínimo de oito anos de escolaridade formal. Estas representações, concebidas segundo a teoria proposta por S. Moscovici, foram contextualizadas no quadro histórico da expansão marítima e colonial portuguesa, em que se insere o descobrimento do Brasil, e no quadro das atitudes face à sua comemoração. Os dados avaliativos do inteiro período colonial português (não solicitados à amostra brasileira) conduziram aos seguintes resultados: (1) um reconhecimento maciço (87,5%) de que este foi um período de aventura e audácia do povo português; (2) mas também de que foi um tempo de exploração e dominação de outros povos (62,6%); (3) identificação dos que sustentam esse último posicionamento crítico como os sujeitos com melhor nível de informação e de estratos sócio-econômicos mais elevados. Analisaram-se ainda, através de uma escala de diferencial semântico, as representações que portugueses e brasileiros formaram sobre os grupos sociais envolvidos na colonização do Brasil (os colonizadores portugueses, os índios e os escravos africanos), bem como sobre os portugueses e os brasileiros de hoje. Os resultados comparativos mostram que os brasileiros consideram os colonizadores portugueses como mesquinhos e rudes, enquanto estes são vistos pelos próprios portugueses como inteligentes e trabalhadores. Os índios e os escravos africanos, por seu turno, apresentam uma imagem bastante mais positiva entre os sujeitos brasileiros do que entre os portugueses. Quanto às representações mútuas de brasileiros e portugueses hoje em dia, confirma-se uma certa persistência dos estereótipos de preguiçosos (mas também alegres) para os primeiros e de burros (mas também trabalhadores) para os últimos. Não obstante, observa-se que, em ambas as amostras, as respostas situadas na posição média ou neutra da escala nunca estiveram abaixo de 30%, o que, ressalvadas as possíveis restrições metodológicas, parece apontar na direção de uma superação gradativa daqueles estereótipos, em função do irreversível estreitamento das relações entre os dois países.

Palavras-chave: Memória social; Representações sociais, Descobrimento do Brasil

*****

SC 15.3 O Descobrimento Do Brasil Nos Livros Didáticos De História: Uma Análise Em Função Das Temáticas Gerais Reveladas. *Denize Cristina de Oliveira (Faculdade de Saúde Pública / Universidade de São Paulo – São paulo, SP); Celso Pereira de Sá, Maria Cecília Lessa*, Denis Giovani Monteiro Naiff** (Instituto de Psicologia / Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, RJ)*

Este trabalho faz parte do projeto de pesquisa "O descobrimento do Brasil: memória social e representações de brasileiros e portugueses", e objetivou a análise do conhecimento reificado sobre o descobrimento do Brasil em nove manuais escolares utilizados pelo ensino público fundamental e médio de História. A metodologia consistiu na seleção, catalogação e análise de conteúdo dos capítulos dedicados ao período anterior ao descobrimento, ao descobrimento e à colonização do Brasil. A análise dos textos foi realizada através da técnica de "Análise de lexemas co-ocorrentes em um enunciado simples de texto", utilizando-se o software ALCESTE 4.5. Foram incluídos seis "corpus" de análise compostos, respectivamente, por textos relativos às temáticas gerais identificadas através de um primeiro procedimento realizado pela aplicação de uma ficha com temas previamente delimitados. As temáticas gerais identificadas foram as seguintes: fatos e processos relacionados antecedentes; o fato histórico em si; fatos e processos relacionados conseqüentes; estudos em épocas e/ou locais específicos; temáticas contemporâneas relacionadas; discussão historiográfica. Os resultados da análise informatizada subseqüente evidenciam a ocorrência de 32 classes discursivas que, no seu conteúdo, revelam o enfoque escolhido pelos autores para o tratamento de determinada temática, seja esse enfoque definido em função do tratamento ideológico impresso pelo autor ou do posicionamento frente a realidades nacionais específicas. O período anterior ao descobrimento é tratado pelos autores a partir de uma perspectiva política de organização do Estado, bem como pelos interesses econômicos que marcaram a expansão marítima portuguesa e européia. Por outro lado, o relato do descobrimento recebe um tratamento focado nos habitantes da nova terra e no significado de violência e de invasão atribuído à chegada dos portugueses. O período pós-descobrimento é marcado pelo enfoque econômico dado aos fatos históricos, particularmente aos interesses europeus nas Américas e ao processo de exploração das riquezas das colônias. No que se refere ao relato dos fatos históricos, este é caracterizado pelo destaque de traços culturais de negros e índios e do contexto no qual o descobrimento se deu. No tratamento das temáticas contemporâneas, recebem particular atenção as questões indígena e negra, com destaque para o combate ao racismo e à defesa da ecologia. Concluindo, observa-se como tendência atual dos livros de História no tratamento do descobrimento do Brasil dois enfoques principais: por um lado, uma tendência etnocêntrica no tratamento dos fatos históricos, presente na valorização dos traços culturais das populações negras e índias; por outro lado, a leitura dos fatos históricos a partir de um olhar essencialmente econômico, com ênfase às suas implicações para o fortalecimento europeu e para o desenvolvimento do sistema colonial.

Apoio financeiro: FAPERJ, CNPq, FAP/UERJ

Palavras-chave: Memória social, Livros didáticos, Descobrimento do Brasil

*****

SC 15.4 A Memória Do Descobrimento Do Brasil Na Representação Social Brasileira: A Influência Dos Veículos De Comunicação. *Renato César Möller, Celso Pereira de Sá, Fernando Cesar de Castro Bezerra, Maria das Neves Souza da Luz*, Guilherme de Araújo Carvalho*, Lívia Antunes Prado* (Instituto de Psicologia e Coordenação de Pesquisa de Demandas Sociais / Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, RJ)*

O objetivo deste estudo foi o de analisar o impacto dos veículos de comunicação sobre as representações sociais construídas pela população brasileira em torno do descobrimento do Brasil sob a influência mais imediata das comemorações do seu quinto centenário. Incluído no âmbito de um projeto de pesquisa mais amplo intitulado "O descobrimento do Brasil: memória social e representações de brasileiros e portugueses", o estudo enfatiza a análise das propriedades estruturais das representações construídas por grupos de sujeitos distintos quanto ao veículo de comunicação que mais lhes fornece informações sobre este fato histórico. O trabalho de coleta de dados consistiu na aplicação assistida de 746 questionários a uma amostra representativa da população adulta residente em sete capitais brasileiras (Rio de Janeiro, São Paulo, Florianópolis, Salvador, Cuiabá, Natal e Belém). A técnica de amostragem empregada foi a de cotas, obedecendo aos critérios de distribuição proporcional por sexo, faixa etária e grau de escolaridade. A aplicação dos questionários teve início imediatamente após abril de 2000, mês em que as comemorações se tornaram mais intensas. Além das questões destinadas a descrever vários aspectos da representação sobre o descobrimento, o instrumento de coleta de dados empregado previa uma seção específica na qual os sujeitos eram solicitados as palavras ou expressões que lhes tivessem vindo à mente face à expressão-estímulo "Descobrimento do Brasil". Procedeu-se, então, ao cálculo da freqüência da ocorrência dos termos evocados, bem como da ordem média em que cada um desses termos foi evocado. O exame conjugado da freqüência e da ordem média de evocação de cada termo tornou possível efetuar o levantamento dos elementos supostamente pertencentes ao núcleo central da representação, a partir da distribuição destes termos em quatro quadrantes distintos entre si com relação ao grau de centralidade dos elementos que abrigam. A análise dos resultados descritivos já sugeria, em uma etapa anterior da pesquisa, que as posições mais críticas quanto aos fatos históricos relacionados ao descobrimento eram manifestadas por aqueles que tinham na mídia impressa a sua principal fonte de informação. Os resultados obtidos nesta nova etapa confirmam aquela primeira impressão e mostram que as representações sociais do descobrimento do Brasil se estruturam de maneiras distintas de acordo com a fonte de informação – imprensa escrita, livros (didáticos ou surgidos em função da comemoração) ou televisão – que mais as alimentam, evidenciando a existência de uma nítida relação entre a natureza dos veículos de comunicação e as representações construídas pelos sujeitos que constituem a audiência dos mesmos.

Apoio financeiro: FAPERJ, CNPq, FAP/UERJ
Palavras-chave: Memória social; Representações sociais; Descobrimento do Brasil

SC 15.5 O DESCOBRIMENTO DO BRASIL NA IMPRENSA ESCRITA BRASILEIRA: UMA ANÁLISE DE CONTEÚDO INFORMATIZADA. *Denis Giovani Monteiro Naiff[**], Celso Pereira de Sá, Renato César Möller, Fernando César de Castro Bezerra, Carina Gary Bockhardt[*], Vanessa Soares de Oliveira Castro[*] (Instituto de Psicologia e Coordenação de Pesquisa de Demandas Sociais / Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, RJ)*

O presente trabalho faz parte de um projeto de pesquisa mais amplo, "O descobrimento do Brasil: memória social e representações de brasileiros e portugueses", e tem como objetivo estudar as matérias veiculadas pela imprensa escrita diária a respeito do descobrimento, do início da colonização e da comemoração do quinto centenário. A coleta das matérias, iniciada em 01 de janeiro de 1998 e finalizada em 31 de dezembro de 2000, foi feita em quatro jornais de grande circulação no Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, O Globo (representantes cariocas do que se convencionou chamar de "grande imprensa"), Folha de São Paulo (veículo incorporado aos hábitos de leitura das classes média e média-alta do Rio de Janeiro) e O Dia (jornal de grande penetração popular). Os instrumentos de registro das matérias englobaram os seguintes itens: (1) aspectos formais, como forma discursiva, autoria e suas fontes de informação, procedência da informação (nacional, portuguesa ou outro país) e instituições citadas; (2) conteúdo substantivo, localizando as esferas privilegiadas (política/econômica, religiosa, cultural/artística, historiográfica, educativa/científica, mídia), categorias de sujeitos históricos envolvidos, tratamento descritivo ou analítico; (3) pertinência da matéria, ressaltando se a mesma possui uma referência direta ou somente alusiva ao tema e (4) orientação comunicacional subjacente, em termos de valoração e tomada de posição frente ao descobrimento do Brasil, com a utilização da distinção feita por Serge Moscovici entre difusão, propagação e propaganda. As matérias que faziam referência direta ao descobrimento do Brasil foram agrupadas em 6 corpus de análise referentes aos semestres coletados (primeiro de 1998 a segundo de 2000) e submetidas a uma análise de conteúdo com o auxílio do software ALCESTE 4.5® (Analyse Lexicale Par Contexte d'un Ensemble de Segments de Texte), que visa identificar a informação essencial contida em um texto. Os resultados mostraram que: (1) como principais conteúdos substantivos predominantes, a comemoração do fato e o fato histórico em si foram os mais presentes e temáticas contemporâneas relacionadas aumentaram significativamente no 1° semestre de 2000, quando ocorreu a comemoração do descobrimento; (2) no período analisado, os principais sujeitos históricos foram os navegadores, que só perdem o foco da mídia no 1° semestre de 2000, quando são suplantados pelos índios, com as manifestações de desacordo em relação à comemoração oficial do quinto centenário; (3) com a aproximação da data das comemorações (22 de abril) houve um aumento nas análises e juízos críticos a respeito do descobrimento do Brasil, possuindo como orientação comunicacional subjacente a propaganda. O aumento das matérias com análises ou juízos críticos (propaganda), bem como a diminuição daquelas que não possuem tomadas explícitas de posição (difusão), podem ter alimentado a atualização de outras memórias grupais a respeito do descobrimento do Brasil.

Apoio financeiro: FAPERJ, CNPq, FAP/UERJ.
Palavras-chave: Memória social; Representações sociais; Descobrimento do Brasil

SC 16 História da Psicologia
PSICOLOGIA NO BRASIL: VÁRIAS HISTÓRIAS

SC 16.1 REGISTRO E MEMÓRIA EM HISTÓRIA RECENTE DA PSICOLOGIA.. *Gustavo Gauer[**], William Barbosa Gomes (Núcleo de Epistemologia e História da Psicologia, Instituto de Psicologia, UFRGS, Porto Alegre, RS)*

Estudos em História da Psicologia que abordam períodos considerados recentes apresentam certas particularidades quanto a fontes de informação. Por exemplo, a falta de acesso a determinados documentos requer procedimentos que nem sempre são os mais aceitos pela comunidade de historiadores, como o recurso a depoimentos em entrevistas. Se por um lado depoimentos são questionados enquanto procedimento de pesquisa, por outro há tendências historiográficas que privilegiam relatos orais enquanto fontes de informação. A história oral tem criado novas problemáticas de pesquisa, e oferece métodos e técnicas para o estudo de períodos recentes da história, mesmo a das ciências. O registro de depoimentos de personagens fundamentais em contextos de desenvolvimento da ciência psicológica tem utilidade tanto para trabalhos de registro da memória quanto para estudos analíticos do desenvolvimento da ciência psicológica. Testemunhos são fundamentais à construção de biografias de personagens relevantes e ao acompanhamento de movimentos institucionais. Em estudos analíticos, depoimentos de pessoas que participaram dos eventos em questão muitas vezes preenchem lacunas que os documentos deixam em aberto, dão sentido aos próprios documentos quando estes não são claros, ou mesmo substituem documentos destruídos ou extraviados. A pesquisa aqui apresentada investigou a história da psicologia na UFRGS. O período de interesse, tendo início em 1971, enquadra-se num período recente da psicologia no Brasil. Entre as fontes primárias documentais, os processos que trataram da criação de cursos e órgãos de pesquisa e extensão estiveram razoavelmente disponíveis. Por outro lado, projetos que não vingaram são freqüentemente indisponíveis. Desta forma, a própria instituição acaba conduzindo, através de uma "seleção natural dos registros" o trabalho historiográfico num único sentido, oficialista, que acaba apresentando uma compreensão parcial dos fatos. Estudos históricos que procurem analisar as descontinuidades e rupturas que perfazem o sentido dos acontecimentos tanto quanto as continuidades e sucessos que foram oficialmente registrados, esbarram na necessidade de alternativas metodológicas na coleta de dados. Entretanto, se esse tipo de evidência não é irrestritamente reconhecido, vê-se o historiador das instituições da psicologia diante de um dilema, entre a inovação e a legitimação de seu trabalho. Aliado à questão da legitimidade das conclusões, o caráter recente ou imediato dos eventos narrados compromete o pesquisador com questões éticas. No sentido de solucionar ou contornar esses conflitos, este trabalho apoiou-se em dados documentais oficiais combinados com informações prestadas em relatos testemunhais. Visto que as fontes documentais são tão construídas quanto os depoimentos, não caberia privilegiar uma ou outra modalidade empírica. O caso da psicologia na UFRGS não é o único no Brasil que padece de precariedades documentais. Entende-se que iniciativas de registro da memória da psicologia devem ser fomentadas, sem deixar de obedecer a critérios metodológicos rigorosos. Registros verbais, que de outra forma se perderiam, podem preservar grande parte da história da psicologia brasileira, quando esta prescinde de outros tipos de fontes. Ademais, pretende fomentar a construção de um modelo epistemológico aceitável para a operação com dados de relatos pessoais em trabalhos de registro histórico.

Apoio financeiro: CAPES
Palavras-chave: História da psicologia; Metodologia; Rio Grande do Sul

SC 16.2 PSICOLOGIA, COMUNIDADES E INTERVENÇÕES: OLHARES EM (DES)CONSTRUÇÃO. *Alexandre Bárbara Soares[**], Ana Maria Jacó-Vilela (Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - RJ)*

Nas últimas duas décadas, tornou-se cada vez mais comum a intervenção de psicólogos em favelas e organizações comunitárias. Analisar o processo de construção desta área da psicologia significa resgatar um pouco da recente história desse saber no país. A partir de um extenso levantamento bibliográfico verifica-se que há pouca menção sobre os caminhos percorridos pelos psicólogos nas comunidades do Rio de Janeiro nos anos setenta e oitenta. Assim, este trabalho pretende recuperar parte desta história. Para tanto, através de um processo de consultas informais, chegou-se a uma relação de psicólogos que realizaram trabalhos neste campo no referido período. Através das entrevistas realizadas constata-se a escolha predominante por favelas como campo de intervenção, vinculados principalmente a projetos de saúde e reeducação comunitárias. Os psicólogos entrevistados relatam a falta de referências teóricas adequadas às intervenções e a importância que uma formação multidisciplinar teve em suas atuações neste campo. Assim, a

aproximação com outros campos de conhecimento fora da psicologia foi uma forte característica destes profissionais na cidade do Rio. Todos apontam questionamentos em relação à psicologia como motivadores de suas ações, além da insegurança de atuar fora do referencial estritamente clínico naquele período. A pesquisa mostra também que a primeira menção à denominação "psicologia comunitária" surge em 1971, na PUC do Rio de Janeiro, com a criação de uma disciplina no curso de graduação que levava esse nome. O referencial da análise institucional ofereceu, ao menos no princípio, as ferramentas para as intervenções dos profissionais "psi" cariocas e uma saída para uma realidade social mais ampla. De acordo com a pesquisa bibliográfica, verifica-se que os movimentos de massa do final da década de 70, pela redemocratização política e social do país, surtiram efeitos também entre os psicólogos em todo país. Surge uma crítica à atuação psicológica considerada elitista e individualista, e procura-se a construção de novas formas de intervenção, que repensem o lugar ocupado pelos saberes "psi" perante o quadro social que se desenhava. A militância profissional busca espaços de manifestação a partir das práticas do psicólogo junto a populações marginalizadas e grupos sociais organizados. Os psicólogos desenvolviam seus trabalhos de forma voluntária, movidos por uma convicção acerca de seu papel político e social junto a esta parcela da população. A emergente psicologia comunitária começava a ganhar seus primeiros contornos claros, que seriam debatidos em dois grandes eventos tomados como balizadores das atividades da época: em 1981, em São Paulo e em 1988, em Belo Horizonte. As trocas de experiências permitiram que se estruturassem conjuntos de referenciais teórico-metodológicos na área. No fim dos anos oitenta é possível mapear um avanço na definição do que seja a atuação do psicólogo em comunidades, dando destaque à idéia de autonomia como um de seus conceitos centrais. Os fazeres em comunidade cresceram na década de 90, envolvendo trabalhos junto a movimentos sociais, saúde pública e com o meio ambiente. Entretanto, a diversidade de formas de intervenção dos psicólogos neste campo ainda suscita discussões e mantém o caráter difuso que caracteriza a psicologia comunitária até hoje.

APOIO FINANCEIRO - Capes

Palavras-chave: Psicologia; Comunidade; História

***

SC 16.3 A PSICOLOGIA NO MARANHÃO: PERCURSOS HISTÓRICOS. *Márcio Antonio Pinheiro Araújo** (Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Maranhão/ Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro), Ana Maria Jacó-Vilela (Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro)*

O trabalho se propõe a analisar os caminhos percorridos pela Psicologia no Maranhão considerando-se como recorte temporal o período que antecede a criação dos Cursos – ou seja, de 1970 aos anos noventa do século XX. Além de se observar a demanda causada por estes e os efeitos sociais dos mesmos, entendendo que a compreensão da trajetória dos cursos é indispensável para pensar a psicologia em suas transformações e problemáticas atuais. Ressalta-se a psicologia enquanto área de conhecimento, considerada como uma produção histórica concretizada numa determinada realidade e, nesta, estabelecendo relações com diferentes fatores de natureza política, social, cultural e científica. Destaca-se a preocupação em construir o futuro da psicologia formando novas gerações de psicólogos com o sentido de consciência histórica. Objetivando, portanto, evidenciar a história percorrida pela psicologia no Maranhão, a metodologia é tanto documental, no sentido de abranger o levantamento de documentação referente à constituição dos cursos de psicologia, das escolas de psicanálise, como também implica relatos orais, através de entrevistas com informantes selecionados. Os depoimentos orais serão utilizados como meio de obtenção de dados indispensáveis à pesquisa, por estarem baseados no depoimento pessoal e na memória de um ator social, o qual transmite sua versão sobre os acontecimentos, não sendo portanto a reconstituição dos próprios acontecimentos. Os informantes serão selecionados a partir de critérios adequados ao escopo da pesquisa, tais como: os primeiros psicólogos de São Luís, conforme registro no Conselho Regional de Psicologia 11ª Região; professores de outras instituições de ensino superior que, ao longo dos anos oitenta, ministraram cursos de especialização aos professores da UFMA; professores do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Maranhão, que dele fizeram parte desde antes da fundação do Curso, estando ou não ainda em exercício, além dos admitidos por Concurso após a criação do Curso; professores do Curso de Psicologia do Centro de Ensino Unificado do Maranhão, tanto os que participaram de sua criação quanto os admitidos posteriormente. Nosso estudo não pretende enaltecer nem citar os "grandes feitos" de alguns, mas tentar expor de forma crítica as idéias, a evolução e a estrutura da Psicologia no Maranhão, no período que abrange os anos de 1970 a 1998. Como resultados, sabemos-se a importância das escolas de psicanálise, como por exemplo a Escola de Psicanálise do Maranhão. Pretende-se que este trabalho incentive o interesse pela história da psicologia no Maranhão e assim possibilite o resgate da contribuição dos pioneiros da psicologia entre nós, além das instituições em que primeiro se desenvolveu a prática psicológica, antes da criação do primeiro curso de Psicologia na UFMA.

Apoio: UFMA, UERJ

Palavras-chave: História da Psicologia; Cursos de Psicologia; Psicologia no Maranhão

***

SC 16.4 PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO: UM CAMINHO PARA A AUTONOMIZAÇÃO DA PSICOLOGIA CIENTÍFICA EM MINAS GERAIS. *Érika Lourenço** (Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais – Belo Horizonte - MG) e Regina Helena de Freitas Campos (Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais - Belo Horizonte – MG)*

A psicologia da educação surgiu nas primeiras décadas do século XX impulsionada pelo desenvolvimento da psicologia científica e pela demanda de cientificação da pedagogia. As primeiras concepções de psicologia educacional que surgiram variavam entre dois extremos. Por um lado, era vista apenas como uma área aplicada da psicologia, uma área que deveria selecionar os conhecimentos da psicologia da criança, da psicologia da personalidade, da psicologia do desenvolvimento, etc, que fossem relevantes para a resolução de questões impostas pelo processo de ensino. Por outro lado, havia aqueles que consideravam a psicologia da educação como um campo autônomo, capaz de fazer uso dos estudos e princípios da psicologia para gerar novos conhecimentos. No Brasil, segundo consta da bibliografia existente, o desenvolvimento da psicologia parece haver se dado de forma diversa. A psicologia da educação teria atuado como uma das áreas que abriu o caminho para a construção de um saber psicológico científico mais generalizado no território brasileiro. Assim considerando, este estudo teve como objetivos investigar como a psicologia da educação contribuiu para o processo de autonomização da psicologia científica no Estado de Minas Gerais. Tendo sido a psicologia da educação, a princípio, ensinada no contexto das escolas normais, as fontes consultadas foram as legislações de ensino do Estado desde o final do século XIX até as três primeiras décadas do século XX, os manuais de psicologia adotados para o ensino da psicologia da educação e ainda, textos publicados por alguns dos professores desta disciplina e suas biografias. Após a leitura e a análise do material, chegou-se à conclusão de que a psicologia da educação pode ser considerada uma das vias pelas quais os conhecimentos acerca da psicologia científica tornaram-se acessíveis em Minas Gerais. A inserção da disciplina "psicologia da educação" no currículo dos cursos normais propiciou o conhecimento tanto da ciência psicológica, como de suas principais teorias e das diferentes abordagens para a interpretação dos fenômenos psicológicos que comportava. Mais do que isso, o ensino da psicologia da educação nos cursos normais mineiros foi o embrião da cadeira de psicologia da educação nos cursos de licenciatura da Universidade de Minas Gerais a partir do final da década de 1930. Seriam os alunos destes cursos de licenciatura, com conhecimentos em psicologia da educação, que, a partir da década de 1950, contribuiriam para o movimento pela criação dos cursos de psicologia e pelo reconhecimento da profissão de psicólogo, movimento este ocorrido não só em Minas Gerais, mas também em outros estados do território brasileiro.

Apoio: CNPq

Palavras-chave: História da psicologia; Educação; Psicologia científica

***

SC 16.5 O ENCONTRO DE NISE DA SILVEIRA COM A PSICOLOGIA DE C.G. JUNG. *Walter Melo** (Doutorado em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro)*

O objetivo deste trabalho é, ao analisar o percurso de Nise da Silveira, verificar de que forma o encontro desta médica alagoana com a Psicologia Analítica de C.G. Jung provocou uma nova inflexão teórica para o campo da psiquiatria e da psicologia no Brasil. O método empregado foi constituído, além da análise bibliográfica da obra de Nise da Silveira e dos principais textos de Jung, por entrevistas semi-dirigidas com profissionais da área de saúde mental que trabalharam ou se contrapuseram à Dra. Nise e por pesquisa em diversos arquivos. Os resultados a que chegamos, e que serão publicados pelo Conselho Federal de Psicologia e pela Editora Imago na série Pioneiros da Psicologia, podem ser resumidos da seguinte maneira: delineamos o pensamento de Nise da Silveira como a construção de uma discursividade que se inicia com os ideais higienistas, presentes em sua tese inaugural da Faculdade de Medicina da Bahia, intitulada "Ensaio sobre a Criminalidade das Mulheres no Brasil", que instauram a exclusão como procedimento cientificamente justificado, até a noção de forças autocurativas da psique, resgatada de Jung, e que possibilita o embasamento para a disseminação dos ideais antimanicomiais; fizemos a vinculação das idéias de Jung contidas em obras da Dra. Nise, principalmente "Imagens do Inconsciente" e "O Mundo das Imagens", com as mudanças ocorridas na psiquiatria nacional, com a constituição da terapêutica ocupacional no Brasil, além das interferências no campo das artes; inserido neste último ponto destacamos os encontros de Nise da Silveira com Almir Mavignier nas artes plásticas, com Ruben Correa no teatro e Leon Hirszman no cinema; a interpretação da obra de Nise da Silveira não se deu na busca de uma leitura "correta" de seus textos, nem em uma vinculação de Autor e Obra, que explique esta por uma iluminação ou como sendo um epifenômeno das experiências de uma vida, a função Autor foi entendida, desta forma, como delimitadora e classificatória de uma discursividade, que, no caso de Nise da Silveira, elabora um campo de diálogos e embates com os aspectos biológicos, psicológicos e sociais, existentes nos discursos psiquiátricos; finalizamos com uma análise da "santificação" de Nise da Silveira pelo grupo detentor de sua história oficial – que não deixa de ser a história de uma divergência com a história oficial da psiquiatria no Brasil – como uma prática, ao mesmo tempo, dedicadora e unificadora de nossa psiquiatria. Nosso trabalho não conclui pela descoberta da verdadeira história de Nise da Silveira, nem como pela imposição da verdadeira leitura de sua Obra – dada mesmo a impossibilidade de tal feito –, daí ficando caracterizada a Obra como detentora de uma pluriatividade que impede um modelo único de sua aplicabilidade, ou seja, não

se trata de aplicar uma teoria, mas de se utilizar dela de uma determinada forma, como um instrumento de trabalho.

Apoio financeiro do CNPq
Palavras-chave: Nise da Silveira; Jung; História da Psicologia

***

SC 16.6 PARA FORMAR SENTIMENTOS, VALORES E IDEAIS: PSICOLOGIA NOS PROGRAMAS ESCOLARES DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO (1932-1938). *Karina Pereira Pinto* * (Mestrado em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Este trabalho tem como objetivo apresentar a inserção da psicologia na formação de professores primários do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, no período de 1932 a 1938, tendo em vista sua articulação com a crescente industrialização e modernização pela qual o país passava. Foi realizada uma pesquisa documental em diversos arquivos, sendo o arquivo Lourenço Filho, no CPDOC/FGV – RJ o que foi mais ampla e detalhadamente estudado. Como fundamentação teórico-metodológica, utilizou-se uma análise sócio-histórica baseada em Michel Foucault, procurando verificar de que forma os saberes psicológicos estabeleciam-se enquanto dispositivos legitimadores da doutrina política que o governo Vargas buscava implementar, através de sua difusão no universo escolar do Instituto de Educação do Rio de Janeiro e para além dele. Foram analisados programas de diversas matérias, dentre elas: psicologia educacional, psicologia da aprendizagem, psicologia diferencial e psicologia geral. Pode-se constatar que, além das cadeiras específicas de psicologia, esta se encontrava presente no programa das demais matérias como um item fundamental no processo educacional. A organização dos programas escolares deveria ser realizada com base nos estudos sobre o desenvolvimento biológico e psicológico da criança, voltando-se para os interesses, vontades e ocupações da vida infantil, porém equilibrando tais questões com as necessidades da sociedade adulta, isto é, os professores teriam que aprender a direcionar os interesses das crianças para um interesse social maior. Para uma melhor adequação aos novos tempos, foi realizado um grande investimento na formação de professores primários. Estes deveriam ter, em sua formação, uma sólida base em psicologia para que, na sala de aula, seus alunos pudessem ser, da melhor forma possível, orientados na aprendizagem, seja através de testes ou da simples observação cotidiana. Era uma formação bastante cartesiana, que tinha a intenção de desenvolver uma espécie de sensibilidade no aluno-mestre para com verdades biológicas e, principalmente, psicológicas acerca de uma nova concepção de infância e de ser aprendendo. Para isso, três bases eram fundamentais: biológica, psicológica e sociológica. A biologia, para se averiguar a maturidade fisiológica da criança; a sociologia, para realizar um estudo científico da sociedade e da organização dos homens; e a psicologia para compreender o funcionamento mental do ser humano, adequando suas capacidades biológicas às necessidades sociais. A psicologia era dividida em várias categorias, dentre elas a psicologia geral, que buscava as semelhanças entre os seres humanos e a psicologia diferencial, que procurava estudar e classificar os indivíduos pelas suas diferenças, tendo uma finalidade prática. A educação escolar utilizaria a psicologia, estruturando o ensino através de uma visão global e ao mesmo tempo individual. A nova organização escolar, estabelecida a partir de preceitos da escola nova, divulgava a psicologia enquanto um campo de fundamental importância para adaptação dos meios/métodos educacionais à realidade vigente: segundo estes preceitos, a educação seria social nos fins, e psicológica nos meios, estando voltada para a formação de sentimentos, valores e ideais.

Apoio financeiro: FAPERJ
Palavras-chave: História; Psicologia e Educação

***

SC 16.7 O CURSO DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ: HISTÓRIA DA CRIAÇÃO/ CRIAÇÃO DE UMA HISTÓRIA. *Ângela de Alencar Marques* (*Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará*)

O trabalho objetiva retomar para uma análise comparativa alguns dos dados obtidos por ocasião de estudo prévio que teve por meta resgatar a história do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Neste, a revisão da literatura abordou vários temas acerca do processo histórico de constituição e autonomização da ciência psicológica no país, implicando tanto a criação do primeiro curso superior de Psicologia quanto o período, os personagens, as lutas que levaram à regulamentação da profissão, os caminhos que foram construídos, seguidos, partilhados por correntes e grupos que se entrecruzaram e/ou se sucederam no âmbito da Psicologia no Brasil, culminando com o debate relativo à criação do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará, sua instalação e seus modos iniciais de funcionamento. Como recursos metodológicos, além do crivo bibliográfico propriamente dito, empregou-se tanto a análise do documentário institucional, quanto estudos de casos e entrevistas com informantes privilegiados, como alunos, professores e outros profissionais que direta ou indiretamente contribuíram para a configuração do Curso de Psicologia em questão. Procedeu-se também a uma análise evolutiva longitudinal sobre as descobertas e conexões estabelecidas ao longo de sua história. O trabalho não apontava conclusões, posto que não era este o seu fim, mas indicava dados que permitiam uma leitura contextualizada da realidade que foi objeto da investigação. Ao se tentar hoje uma nova leitura dos dados então encontrados, verifica-se que muitos permanecem como que inalterados, já que ainda são verificadas carências e dificuldades detectadas naquela ocasião. Embora haja mudanças substanciais no percurso histórico e acadêmico mais recente do Curso de Psicologia da UFC, com um quadro docente qualificado, ampliação de seu trabalho extensionista, desenvolvimento de atividades de pesquisa, além de se situar sempre entre os cursos de mais alta concorrência por ocasião do vestibular, nos parece que as instâncias superiores da própria Universidade ainda não lhe conferem a devida consideração, permitindo que sejam levantadas algumas hipóteses, ainda a verificar, sobre o status político-acadêmico do referido Curso.

Apoio: UFC
Palavras-chave: Cursos; História da Psicologia; Psicologia no Ceará

***

SC 16.8 O DISCURSO EUGÊNICO NO RIO GRANDE DO NORTE: UM MAPEAMENTO PRELIMINAR. *Denis Barros de Carvalho, Kátia Cristina de Augusto Resende*, Pablo de Sousa Seixas* (Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Departamento de Psicologia, Natal - RN)*

O presente trabalho objetiva realizar um mapeamento preliminar dos discursos eugênicos no Rio Grande do Norte. Nosso estudo foi feito a partir de um levantamento de textos pedagógicos, de saúde e jurídicos, que versassem sobre o assunto e que foram encontrados na Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes e da Biblioteca Central Zila Mamede da Universidade Federal do Rio Grande do Norte; arquivo do Instituto Histórico-Geográfico, do Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Norte e da Biblioteca Pública Luís da Câmara Cascudo. Essa pesquisa faz parte de um estudo mais amplo acerca do desenvolvimento histórico da Psicologia no Rio Grande do Norte durante o século XX, a partir de sua vinculação com o desenvolvimento dos sistemas educacionais, médicos, jurídicos e de assistência social do Rio Grande do Norte. O conceito de eugenia foi criado pelo cientista inglês Francis Galton no final do século passado. A compreensão que seria possível e desejável controlar a reprodução humana, com o objetivo de aperfeiçoar a espécie, ganhou grande notoriedade e adesão em diversos países ocidentais, incluindo o Brasil. A divulgação das ideias eugênicas, em nosso país, foi uma tarefa predominantemente médica, apesar de alguns temas eugênicos exigirem mudanças no sistema jurídico e educacional brasileiros. No Rio Grande do Norte, os principais divulgadores dos princípios eugênicos foram o engenheiro e educador Cristovam Dantas, o médico e escritor Januário Cicco e o jurista João Medeiros Filho. Cristovam Dantas, através de suas aulas e de artigos, divulgou os ideais eugênicos com o objetivo de sensibilizar as autoridades locais para que as mesmas os implementassem. Seu principal interesse era a criação de um projeto educacional que privilegiasse o atendimento integral das crianças, o que não excluía a possibilidade do controle pelo estado do casamento e da reprodução dos cidadãos brasileiros. Januário Cicco, em vários textos defende a obrigatoriedade do exame médico pré-nupcial para a concessão do direito de casamento além do exame e tratamento médico compulsório para os cidadãos que supostamente portassem algum tipo de doença que pudesse ser transmitida hereditariamente, como também a proibição de casamento para estes doentes. João Medeiros Filho defendeu a idéia de que o casamento deveria ser anulado quando um dos cônjuges possuíssem alguma enfermidade passível de ser transmitida à prole que fosse desconhecida do seu parceiro. Este exemplos ilustram como o ideal eugênico conseguiu influenciar intelectuais de várias áreas do saber em Natal.

*Bolsistas – CNPq/PIBIC
Palavras-chave: História da Psicologia; História do Rio Grande do Norte; Psicologia na Educação

***

SC 17 Análise Experimental do Comportamento
AMPLIANDO APLICAÇÕES DO PARADIGMA DE EQUIVALÊNCIA: APRENDIZAGEM OBSERVACIONAL, DISTÚRBIOS DA COMUNICAÇÃO E ENSINO DE PAIS

SC 17.1 AMPLIANDO O CONHECIMENTO SOBRE OS EFEITOS DA APLICAÇÃO DO PARADIGMA DE EQUIVALÊNCIA DE ESTÍMULOS: A OBSERVAÇÃO EM SALA DE AULA DO DESEMPENHO DE CRIANÇAS SUBMETIDAS A UM PROCEDIMENTO EXPERIMENTAL. *José Gonçalves Medeiros, LABLIN (Laboratório de Linguagem e Comportamento Verbal, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, SC)*

Uma estratégia para aproximar o pesquisador dos problemas relevantes de pesquisa, relativos à leitura e escrita, é sua integração dentro da própria escola, em particular, dentro da sala de aula. Para isso, é possível, em contextos escolares, utilizar os laboratórios de informática, existentes nas escolas públicas, para o ensino da leitura e escrita a crianças com dificuldades de aprendizagem. Os equipamentos desses laboratórios têm servido, na maioria das vezes, apenas para a edição de textos. Softs educativos são raros e aqueles que permitem a inserção de conteúdo pedagógico com interface amigável são praticamente inexistentes. Foi, a partir desta realidade, que o presente trabalho foi realizado. Trata-se, portanto, de um projeto de investigação desenvolvido pela equipe do Laboratório de Linguagem e Comportamento Verbal (LABLIN). Utilizando-se um soft educativo nacional, ensinou-se relações de equivalência a crianças de primeira série, repetentes, alunos de uma escola pública de Florianópolis. Além do ensino no laboratório das relações AB, AC, AF, CF, e CE, realizou-se, também, em sala de aula, um procedimento de observação comportamental da relação desenvolvida entre o professor e os alunos que faziam parte do procedimento, onde foram registrados os comportamentos acadêmicos e não acadêmicos dos alunos bem como os comportamentos do professor. Os testes finais indicaram que não houve

dificuldades para os sujeitos estabelecerem as relações de equivalência; a leitura das palavras de ensino foi percentualmente superior à leitura das palavras de generalização, o mesmo ocorrendo com o ditado das palavras de ensino em relação ao das palavras de generalização. Os resultados da observação em sala de aula permitem, pelo menos parcialmente, afirmar a respeito da existência de uma correlação positiva entre desempenho emergente (generalização) em leitura e escrita no laboratório e nível de atenção em sala de aula, identificada através da categoria comportamental "prestar atenção". Futuramente, pretende-se estender aos professores o procedimento e a tecnologia que estão sendo desenvolvidos de tal forma que os objetivos não se restrinjam apenas à pesquisa em leitura e escrita, mas ao treinamento dos usuários para uso dessa tecnologia em benefício das crianças, principalmente daquelas que apresentam dificuldades com o método tradicional.

Palavras-chave: Equivalência de estímulos; Observação de comportamento; Ensino por computador

***

SC 17.2 Ensino De Valores Monetários Através De Escolha De Acordo Com Modelo De Componentes E Com Resposta Construída (CRMTS) Para Adultos Portadores De Deficiência Mental. *Rosana Rossit**, Celso Goyos, Priscila Mara Araújo* e Marisa Helena Nascimento* (UFSCar, Programa de Pós-graduação em Educação Especial e Departamento de Psicologia, São Carlos, SP)*

Indivíduos com deficiência mental que recebem treino vocacional são às vezes requeridos para aprender habilidades de números e monetárias para que eles possam ter melhor desempenho e beneficiar-se completamente dele. O presente estudo é uma tentativa para ensinar simultaneamente e funcionalmente as habilidades de números e dinheiro para adolescentes e adultos com deficiência mental. Os participantes são dez indivíduos com deficiência mental com idade variando de 12 a 32 anos e clientes de uma escola de educação especial em São Carlos - SP. O estudo começou com o treino de emparelhamento por amostra simultâneo de identidade com numerais impressos 1, 5, 10, 25, 50 e 100 apresentado em preto em oposição ao fundo azul como estímulo. Todas as tentativas de emparelhamento por amostra foram apresentadas por um computador, o qual também registrava e salvava os resultados. Depois de aprendida as relações de identidade, os participantes foram ensinados a selecionar numerais impressos na presença de numerais ditados. Nessa fase os numerais foram também 1, 5, 10, 25, 50 e 100. Depois do critério de 90% de seleções corretas ter sido alcançado, os participantes foram ensinados a selecionar figuras de moedas na presença de valores ditados. Depois que o critério foi atingido, os participantes foram introduzidos em testes combinados para verificar a emergência das relações de equivalência. Nesta fase particular, os participantes tinham que selecionar moedas na presença de numerais impressos, e selecionar numerais impressos na presença de moedas. Em seguida, foi introduzido uma modificação do procedimento de emparelhamento por amostra, na qual a tarefa requeria que os participantes selecionassem um numeral impresso na presença do mesmo valor "quebrado" em componentes de menor valor como amostra. Finalmente, os participantes foram submetidos aos testes de emparelhamento por amostra de construção de respostas sobre a mesa, nos quais a figura de uma moeda e o valor ditado da moeda foram apresentados como amostra e moedas foram apresentadas como um conjunto de comparações. Neste caso particular, o valor da moeda apresentado na amostra foi "quebrado" em componentes de menor valor do conjunto de comparação.

FAPESP E CNPQ

Palavras-chave: Deficiência mental; Habilidades numéricas e monetárias; Matching-to-sample

***

SC 17.3 Formação De Equivalência Com Estímulos Abstratos E Familiares Em Portadores De Deficiência Auditiva. *Celso Socorro Oliveira** (UNESP, Departamento de Computação, Bauru, SP), Celso Goyos, Marina Marcilio Rosa*, Priscila Crespilho Grisante* e Juliana Ventura de Souza Fernandes* (UFSCar, Departamento de Psicologia, São Carlos, SP)*

Estudos na área de equivalência de estímulos sugerem que a natureza dos estímulos em uma discriminação condicional pode facilitar a aquisição da mesma. Quando o estímulo amostra é auditivo e as comparações são visuais, a aprendizagem ocorre mais rapidamente do que, por exemplo, quando os estímulos são puramente visuais. Quando se trata de estímulos auditivos, no entanto, a questão da natureza auditiva (oralidade) do estímulo se confunde com a familiaridade com que os participantes lêm com os mesmos, total ou parcialmente. O objetivo do presente trabalho foi de investigar o papel da familiaridade e da oralidade dos estímulos na emergência de equivalência em indivíduos portadores de deficiência auditiva. A lógica do estudo previa que se a natureza dos estímulos auditivos fosse de fato a determinante da aquisição facilitada de discriminações condicionais, então, não haveria diferença entre a aquisição de discriminações condicionais entre estímulos visuais abstratos versus familiares, por serem ambos visuais. Se, por outro lado, a aquisição dessas relações com estímulos familiares fosse mais eficaz, então os resultados poderiam ser interpretados à luz da familiaridade dos estímulos e não da oralidade. Participaram oito alunos portadores de deficiência auditiva profunda, e mental, com idade cronológica de 9 a 26 anos, divididos randomicamente em dois grupos. A estratégia experimental consistiu em ensinar via matching-to-sample, para um dos grupos, duas relações condicionais envolvendo os conjuntos de estímulos familiares, seguido pelos testes das relações emergentes de equivalência, e pelo ensino com os conjuntos de estímulos abstratos e testes das relações emergentes. Seguiu-se para o outro grupo de participantes ensino com os estímulos invertidos. Dos quatro participantes que iniciaram o estudo com estímulos abstratos, todos aprenderam as duas relações condicionais. Destes, no entanto, somente dois apresentaram equivalência. Dos participantes que iniciaram o estudo com estímulos familiares, todos aprenderam as duas relações condicionais e formaram equivalência. Em geral, a aquisição das relações com estímulos familiares deu-se de maneira mais rápida do que com estímulos abstratos. Três participantes que receberam treino das relações entre estímulos familiares na sequência finalizaram o estudo apresentando aprendizagem das relações e emergência de equivalência. Os quatro participantes que receberam treino das relações entre estímulos abstratos na sequência apresentaram aprendizagem das relações mas somente dois mostraram emergência de equivalência. Em geral, as relações condicionais do segundo grupo de estímulos foram aprendidas mais rapidamente que as do primeiro, mas o número total de sessões para o grupo que iniciou com figuras familiares foi menor que para o grupo que iniciou com figuras abstratas. A importância dos resultados se dá por suas implicações para o ensino de uma população usualmente negligenciada pelos estudos, aquela com dupla deficiência, a auditiva e a mental. Teoricamente, a questão do papel dos estímulos auditivos, familiares e abstratos ainda está por ser devidamente equacionada mas, ora, prevalece a noção de que estímulos auditivos facilitam a aprendizagem de discriminações condicionais e a formação de equivalência.

CNPQ e PROEX-UFSCar.

Palavras-chave: Deficiência auditiva; Deficiência mental; Matching-to-sample; Equivalência

***

SC 17.4 Aprendizagem Observacional De Discriminações Condicionais, Formação E Expansão De Classes De Equivalência Em Universitários. *Adriana Aparecida Tomasso Pazzola**, Gisele Porto*, Telma Cornelsen Lazarini*, Celso Goyos. (Departamento de Psicologia, Universidade Federal de São Carlos - São Carlos - SP)*

Foram realizados dois experimentos com intuito de testar a viabilidade de manipulações experimentais (figuras familiares, instrução para observação) para a obtenção de resultados de aprendizagem observacional. O Experimento 1 teve por objetivo verificar se após uma primeira discriminação condicional ter sido aprendida via treino direto, uma segunda seria aprendida por observação, e se tais aprendizagens contribuíam para a formação de equivalência. Um segundo objetivo foi verificar se ocorreria a expansão da aprendizagem para incluir os estímulos dos conjuntos D e E. Participaram do experimento seis universitários, com idade variando em torno de 21 anos e que sem história experimental. O ambiente foi montado em um laboratório de Psicologia da universidade e foram utilizados um microcomputador com tela sensível ao toque, filmadora e TV. Os estímulos foram figuras familiares e o delineamento experimental consistiu em treino individual das relações BA (B1A1/B2A2), com critério de desempenho de 90% de acertos por duas sessões consecutivas; treino em dupla, no qual o participante (P) respondia às tentativas de BA e observava as respostas do experimentador para as relações CA (C1A1/C2A2), e teste individual das relações observadas CA. A exigência de critério nessa fase remetia ao treino em dupla e à realização do teste das relações observadas. Em seguida, foram realizados testes individuais de simetria, transitividade e equivalência, com critério de 90% e 83,3%, respectivamente, de respostas consistentes com a formação de classes. Todos os Ps aprenderam as relações treinadas BA e as observadas CA e mostraram emergência de equivalência, com exceção de P2 que não mostrou emergência das relações testadas e trocou sistematicamente algumas relações nos testes de transitividade e equivalência. Ele realizou novamente a fase de treino, e ao ser testado mostrou emergência de todas as relações. O ensino de DA e EA foi análogo ao de BA/CA. P1, P3, P4, P5 e P6 mostraram emergência das relações de transitividade e equivalência em DA, realizaram o treino das relações EA, e também formaram equivalência envolvendo estes estímulos. O procedimento mostrou-se eficiente e eficaz, pois produziu a aprendizagem das relações observadas, a emergência de equivalência e a expansão de classes num intervalo curto de tempo e com um número mínimo de sessões. O Experimento 2 teve por objetivo investigar a aprendizagem de discriminações condicionais somente por observação, sem aprendizagem direta prévia. Participaram quatro universitários. O procedimento foi semelhante ao do Experimento 1, com exceção de não ter havido o treino direto de BA. P1, P2 e P3 aprenderam por observação as relações BA, CA, DA e EA e mostraram emergência das relações de transitividade e equivalência. P4 realizou três sessões de treino de observação BA intercaladas com testes das relações observadas, mas não mostrou aprendizagem. Os dados indicam que ocorre a aprendizagem por observação de discriminações condicionais, formação de equivalência e expansão de classes de estímulos, com e sem aprendizagem prévia.

CNPq/FAPESP

Palavras-chave: Aprendizagem observacional; Discriminações condicionais; Equivalência de estímulos.

***

SC 17.5 Escolha De Acordo Com O Modelo Com Resposta Construída (CRMTS): Efeitos Na Fala De Pacientes Com Troca De Fonemas Por Oposição No Traço De Sonoridade. *Ana Maria Nasr Conceição da Silva**, Paulo Roberto dos Santos Ferreira*, Celso Goyos (Laboratório de Aprendizagem Humana, Multimídia Interativa e Ensino Informatizado - Departamento de Psicologia - Universidade Federal de São Carlos - São Carlos - SP)*

O presente estudo investiga o efeito de tarefas com segmentação de palavra escrita, conhecida como escolha de acordo com o modelo com resposta construída (CRMTS), para a aquisição da fala correta em participantes com transtorno fonológico referente à troca assistemática de fonemas na fala. Este comportamento de troca caracteriza-se pela ausência de discriminação dos fonemas com os seus respectivos opositores pelo traço de sonoridade, tanto na própria fala como na dos outros. O resultado é o uso indiscriminado dos fonemas envolvidos, ou seja, uma chance de correção da fala em torno de 50%. As oposições fonêmicas envolvidas são: /f/-/v/ (p.ex., faca-vaca), /k/-/g/ (p.ex., barrica-barriga), /t/-/d/ (p.ex., quatro-quadro), /s/-/ʃ/ (p.ex., sia-chia), /p/-/b/ (p.ex., pato-bato) e /s/-/z/ (p.ex., louça-lousa). Tradicionalmente, o profissional da linguagem emprega uma combinação de diversas estratégias, como a modelagem, a modelação e a instrução. Alguns especialistas consideram que a troca se dá pela falha no desenvolvimento da consciência fonológica dos sons que compõem a fala. Para promover o que se chama de desenvolvimento da consciência fonológica, escolheu-se o ensino computadorizado por CRMTS. Os participantes, primeiramente, passam pelo pré-teste envolvendo todas as palavras nas relações: palavra falada/figura, palavra falada/palavra impressa, figura/nomeação, palavra falada/ecóico, palavra impressa/leitura. Após esse teste, a classe de oposição com a maior quantidade de acertos (podendo ser /f/-/v/, /k/-/g/, /t/-/d/, /s/-/ʃ/, /p/-/b/ ou /s/-/z/) será treinada em CRMTS tendo a palavra falada como amostra e critério de 91% de acerto em três sessões consecutivas ou 100% em uma única sessão. Estão disponíveis para a construção da resposta as letras necessárias para a construção das duas palavras de oposição. Após cada treino, uma bateria de testes semelhante à primeira, mas acrescentada de CRMTS tendo figura como amostra, é aplicada, e uma nova classe de oposição é escolhida para ser treinada. Após o treino da sexta oposição fonêmica, os participantes passarão pelos pós-testes e por uma avaliação da escrita em contexto escolar. Resultados parciais mostram a eficácia do procedimento no tratamento de troca de fonemas por oposição no traço de sonoridade, seja diretamente sobre o traço ensinado, seja por generalização dos efeitos do treino específico para as classes de oposição não treinadas. Maiores efeitos de generalização parecem ser obtidos quando os participantes encontram-se em tratamento fonoaudiológico. Neste caso, argumenta-se que é possível que a situação de treino/teste exerça um controle contextual para a emissão das respostas corretas, e que emissões verbais corretas fora deste contexto têm maior probabilidade de serem reforçadas. Nenhuma diferença foi observada entre os diferentes operantes verbais testados, como ecóico, tato, e comportamento textual.

CNPQ

Palavras-chave: Equivalência de estímulos. Transtorno fonológico. Segmentação de palavras.

***

SC 17.6 ENSINO DA ESTRATÉGIA DE ESCOLHA DE ACORDO COM O MODELO COM RESPOSTA CONSTRUÍDA (CRMTS) A PAIS DE CRIANÇAS COM DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM. *Silvia Regina de Souza, Giovana Zuliani**, Fernanda Pádua, e Celso Goyos (Universidade Estadual de Londrina, Faculdade de Medicina de Rio Preto, e Universidade Federal de São Carlos – São Carlos - SP)*

Este estudo tem por objetivos verificar se pais de crianças consideradas de risco para o fracasso escolar aprenderiam a utilizar o procedimento de escolha de acordo com o modelo com resposta construída (CRMTS) para ensinar habilidades de leitura e escrita para seus filhos; e, investigar se o a aplicação deste procedimento pelos pais junto às crianças contribuiria para a melhora no desempenho acadêmico das mesmas. Cinco duplas de mães e filhos participaram do estudo. O desempenho das crianças foi avaliado através de entrevistas com pais e professores, CBCL e TRF, análise do caderno (produção de textos) e desempenho ao longo das sessões experimentais. Após selecionados os conteúdos que seriam ensinados com cada criança, os pais aprenderam a utilizar o procedimento de CRMTS, através de modelação, modelagem e instruções, com o objetivo de ensinar habilidades de leitura e escrita para seus filhos. Foram usados estímulos experimentais palavras impressas. Os resultados mostraram que os pais aprenderam a aplicar o procedimento de CRMTS para o ensino de cópia e ditado, com papel e cartões com letras e palavras impressas, no ambiente doméstico, e que a aprendizagem se deu em poucas sessões, indicando ser um procedimento bastante eficaz. Os resultados também indicaram a emergência de relações não diretamente ensinadas, e da escrita manuscrita correta das palavras ensinadas. Também foi observado que os resultados se generalizaram para a situação de sala de aula. Melhora no desempenho das mães em escrita manuscrita foi também observada através da comparação entre pré e pós-testes. Houve também mudanças positivas significativas nos resultados posteriores do CBCL e TRF. O estudo mostrou a efetividade do procedimento de CRMTS e sugere que pais podem utilizar este procedimento para ensinar habilidades de escrita e leitura para seus filhos, aumentando com isso a interação entre casa e escola. Sugere-se que estudos continuem investigando a aprendizagem de pais de outras relações condicionais envolvendo as habilidades de leitura e escrita, de matemática e ainda outras, como também a aprendizagem de professores e educadores em geral, individualmente e em grupos.

FAPESP, CNPQ, CAPES

Palavras-chave: Emparelhamento por amostra; Resposta construída; Treinamento de pais

***

SC 18 Psicologia Social

CRENÇAS, ESTEREÓTIPOS E PRECONCEITOS

SC 18.1 CRENÇA E IDENTIDADE CULTURAL. *Helmuth Krüger (Departamento de Psicologia Social e Institucional do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro)*

A discussão sobre a identidade é realizada sobretudo na Psicologia e nas ciências sociais, na perspectiva portanto de distintas interpretações teóricas. Porém, a despeito dessa diversidade na abordagem científica do problema da identidade, toma-se sempre como referência geral o conhecimento que o Homem presume ter acerca dele mesmo. Importa acrescentar que a análise acurada do problema ora delineado leva ao entendimento de que é teoricamente possível estabelecer diversos tipos de identidade, considerando o que pensamos de nós mesmos como membros dos numerosos grupos, coletividades e instituições que integramos ao longo da vida. Por definição, qualquer identidade é essencialmente constituída de duas características: a autoconsciência e a compreensão da diferença pessoal em relação ao outro. Empiricamente, observa-se que as pessoas apresentam diferenças individuais na clareza e na intensidade com que se apresentam essas duas características. Tais diferenças na formulação subjetiva da identidade refletem-se na cognição, afetividade, conduta e no comportamento individual. Propomos uma definição de identidade baseada no conceito de crença, entendendo-se por crença qualquer representação mental de natureza simbólica formulada acerca de qualquer objeto, concreto ou abstrato, de seus estados e atributos e das múltiplas inter-relações que se estabelecem entre eles. Neste sentido, qualquer tipo de identidade seria psicologicamente um sistema de crenças auto-descritivas e auto-avaliativas, obtidas pela experiência pessoal. Teoricamente, é importante destacar a experiência pessoal como origem de todas as crenças, mas, no caso particular da identidade, cabe enfatizar este aspecto, pois as crenças que compõem a representação que cada um faz de si próprio são significativamente influenciadas pela percepção obtida na experiência social, sobretudo nas relações interpessoais. Identidades mobilizam valores, atitudes e motivações sociais, segundo a configuração mental por elas assumida. Nos últimos anos, interessamo-nos pelo estudo da identidade cultural, na atualidade sujeita a drásticas reformulações em razão da expansão de poderosas tecnologias da informação no âmbito internacional. Assim, podem ocorrer pronunciadas mudanças no sistema de crenças correspondente a este tipo de identidade, mediante a introdução nele de crenças originadas de outros contextos sociais, notadamente daqueles de maior complexidade cultural e dotados de elevado poder político e econômico. A ocorrência desse processo gera mudanças pessoais, de desinteresse ou desapreço mesmo pelo patrimônio cultural da sociedade a que se pertence, sendo porém, devido à magnitude de seu impacto, mais relevantes as conseqüências decorrentes da extensão social dessa experiência de transformação a que identidades culturais contemporâneas estão sujeitas. Há, por conseguinte, um elevado risco de alienação coletiva, mas ainda assim talvez seja pertinente, tanto em termos teóricos quanto na visão prática, política e pedagógica, interpretar também esse processo em andamento de forma positiva, no sentido por exemplo de que ele venha a facilitar a compreensão das diferenças sociais, enriquecendo desta maneira a visão de mundo de todos quantos sejam por ela atingidos, tornando por isso menos prováveis conflitos internacionais. A partir desses estudos, desenvolvemos o conceito de identidade transcultural.

Palavras-chave: Crença; Identidade cultural e Identidade transcultural

***

SC 18.2 PSICOLOGIA E GESTÃO DE CONFLITOS: UM ESTUDO DO CLIMA ORGANIZACIONAL COM BASE NA PERSPECTIVA DAS CRENÇAS. *Lélio M. Lourenço (Unifenas, Alfenas-MG)*

O estudo dos conflitos em ambientes organizacionais encontra na atualidade um forte impulso, não só pela conjuntura atual de se estudar cada vez mais os aspectos racionais/cognitivos do homem como também pela crescente competitividade observada nesses meios organizacionais. Um conflito é uma situação que se caracteriza por escassez de recursos e por um sentimento de hostilidade. Por escassez de recursos entende-se uma situação em que dois ou mais objetivos pertencentes a duas ou mais pessoas, são mutuamente exclusivos. Embora os conflitos sejam provocados por acontecimentos, não são eles por si só que os justificam. As causas de um conflito são sempre subjetivas. Seja qual for o acontecimento, ele só poderá desencadear um conflito a partir das crenças desenvolvidas pelas partes em relação à violação da esfera individual dessas partes. Por esfera individual, entende-se o conjunto de bens materiais e imateriais a que julgamos ter direito, dos quais destacamos, o poder, o status, a realização, nossos vínculos afetivos, as nossas crenças, etc. Neste sentido, o que nos interessaria não seriam os fatos geradores do conflito ou acontecimentos, mas a interpretação desses fatos a partir das crenças de cada um. Obviamente essas crenças obedecem a uma série de influências; a experiência seria assim a fonte das crenças, sendo que através das experiências por que passamos, obtemos, modificamos ou abandonamos as nossas crenças e sistemas de crenças. Neste sentido, encontramos em Krüger (1995) uma compatível definição de crença, como sendo: "proposições que, na sua formulação mais simples afirmam ou negam uma relação entre dois aspectos concretos ou abstratos ou entre um objeto e um possível atributo deste". Dentro desse raciocínio, "seriam as crenças elementos de representação mental, essencialmente abstratos, oriundos de experiências individuais e coletivas, que, uma vez alcançando a formato e o suporte físico necessários à sua objetivação.

oferecem-se à crítica e à dialetização" (op. cit). Ainda segundo este autor, as crenças "são elementos de representação mental, essencialmente abstratos, oriundos de experiências individuais e coletivas". O conflito volta-se a afirmar, aparentemente é provocado por acontecimentos. No entanto, a percepção desses acontecimentos está atrelada ao sistema de crenças de quem interpretou esses acontecimentos. A partir dessa ótica, o clima em uma organização não depende diretamente dos fatos ocorridos na mesma, mas das crenças e dos principais atores dessa realidade psicossocial, o homem. Este sim, fonte influenciada das variáveis capazes de comprometer o clima na organização.

Palavras-chave: Crenças, Clima Organizacional, Conflito

SC 18.3 ESTEREÓTIPOS EM RELAÇÃO A ADOLESCENTES *Luis Antônio Monteiro Campos (UNESA, Doutorando do Curso de Pós-graduação em Psicologia do Instituto de Psicologia da UFRJ,Rio de Janeiro, RJ)*

Este trabalho origina-se da necessidade de um aprofundamento do estudo sobre a adolescência e sobre os adolescentes. Necessidade esta que decorre inclusive da Constituição de 1988 e do Estatuto da Criança e do Adolescente, manifestando-se nos Programas de Saúde dos Adolescentes, no Marco Conceitual de Saúde do Adolescente (OPAS) e no relatório dos debates técnicos da quadragésima segunda Assembléia Mundial da Saúde intitulada "A Saúde dos Jovens" (OMS). Os estereótipos são definidos de diversas maneiras. Adotou-se no presente trabalho aquela que considera os estereótipos como crenças compartilhadas que atribuem características psicológicas, morais, morfológicas e culturais a membros de grupos sociais. O objetivo desta pesquisa foi o de identificar estereótipos em relação a adolescentes por profissionais de saúde para possibilitar um maior esclarecimento sobre adolescentes e contribuir no sentido do desenvolvimento metodológico de pesquisa empírica de estudo de estereótipos, mediante utilização de questionário. Acreditamos o pressuposto de que tais crenças influem na auto-imagem, no autoconceito, bem como na formação de preconceitos e em intolerâncias sociais de modo geral, prejudicando ou impedindo adolescentes em seu bem estar e em projetos de alcance social que porventura desejem concretizar. Aplicou-se um questionário com cinquenta e três itens fechados e um aberto. Participaram da pesquisa cento e trinta profissionais de saúde em atuação no município de Duque de Caxias, sendo do sexo feminino a metade do sexo masculino, sendo vinte e seis psicólogos, vinte e seis médicos, vinte e seis assistentes sociais, vinte e seis enfermeiros e vinte e seis técnicos de enfermagem. A análise dos resultados foi realizada através do Indicador de Convergência de Opiniões e do Indicador de Ausência de Opiniões. O Indicador de Estereótipos é devido em seis graus, que nos indicam tanto a presença, a ausência aparente e a ausência de estereótipos em relação a cada afirmativa. A amostra apresentou os seguintes adjetivos no grau de presença forte: sonhadores, pouco ouvidos, criativos, curiosos, alegres, saudosos, reclamadores, vulneráveis, instáveis e contraditórios. O resultado do teste do chi-quadrado indicou a não existência de diferenças entre os diferentes profissões, entre os sexos e entre a existência ou não de filho adolescente, contudo concluímos que existem estereótipos por parte de profissionais de saúde em relação a adolescentes. Apesar da pequena margem de generalização dos resultados da presente pesquisa, sugere-se que estes dados sejam levados em consideração nos cursos de capacitação em Saúde Integral do Adolescente realizados pelo Programa Estadual de Atenção Integral à Mulher, no Adolescente e à Criança (PAISMCA), para profissionais de saúde.

A pesquisa foi realizada pelo autor, na elaboração de sua dissertação de Mestrado, no âmbito do Curso de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, na condição de bolsista da CAPES.

Palavras-chave: Crenças; Estereótipos; Adolescência

SC 18.4 DOIS CONTEXTOS NOS PROCESSOS: RELAÇÕES ENTRE AS DEFINIÇÕES E OS MÉTODOS DE INVESTIGAÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS. *Marcos Pereira (UNEB,Salvador,BA)*

Na década de 20, os estereótipos foram definidos como imagens dentro das cabeças dos indivíduos. Embora vaga, esta definição permitiu o surgimento de uma técnica de investigação compatível, o método pictórico. Devendo a falta de precisão no plano conceitual favorecido a utilização de instrumentos desenvolvidos especialmente para o estudo dos preconceitos como um importante recurso para a investigação dos estereótipos. Posteriormente, o sucesso do método empírico inaugurado por Katz e Braly em 1933 propiciou a hegemonia do método do checklist. Este predomínio perdurou durante algumas décadas, embora objeto de sérias críticas, até o surgimento do método das pertenências e suas variações. Enfim, a partir dos anos 80, especialmente com a mesma influência exercida pela concepção teórica da cognição social, observou-se uma mudança fundamental na metodologia de estudo dos estereótipos, com o predomínio das técnicas experimentais e a utilização freqüente do priming como recurso para a manipulação das variáveis independentes e a mensuração do tempo de reação como variável dependente. Em linhas gerais, pode-se dizer que as investigações que utilizam o priming procuram estudar a acessibilidade das estruturas do conhecimento e a sua influência sobre os comportamentos sociais, explorando os efeitos dos eventos ambientais na ativação temporária das representações mentais. O objetivo central das pesquisas que utilizam o priming é investigar a representação mental ativada em uma primeira tarefa e a sua influência uma outra tarefa posteriormente realizada, tomando-se o cuidado em impedir que o participante perceba qualquer relação entre as duas tarefas. Para alcançar este objetivo pode-se utilizar duas formas distintas de priming, o supraliminar e o subliminar. No primeiro caso, o participante é exposto a uma tarefa que deve realizar de forma absolutamente consciente (geralmente um teste cujo objetivo é desembaralhar palavras para formar frases coerentes), solicitando-se em seguida que ele realize uma segunda tarefa, que pretensamente não seria qualquer relação com a primeira, procurando-se inferir os efeitos da ativação das representações apresentadas na primeira tarefa no processamento necessário para a conclusão da segunda tarefa. No caso das investigações que utilizam o priming subliminar, é imprescindível a apresentação muito breve de um estímulo (o tempo de apresentação é variável a depender do local onde o estímulo será apresentado na região foveal ou parafoveal e se será ou não apresentada uma máscara após o estímulo), avaliando-se posteriormente os efeitos desta apresentação no processamento necessário para a realização de uma segunda atividade. Atualmente, embora o predomínio dos métodos experimentais seja evidente, esta hegemonia não significou nem o completo abandono dos métodos de auto-relatos, tampouco que eles tenham passado a ocupar uma posição insignificante podendo-se afirmar, ao contrário, que os investigadores costumam a utilizar tanto os métodos diretos quanto os métodos indiretos da investigação. Observa-se ainda uma forte tendência no sentido de se utilizar concomitantemente estratégias de investigação que articulem os métodos de auto-relato e os experimentais, o que parece ser uma postura conveniente face à natureza complexa dos estereótipos.

Palavras-chave: Crenças, Estereótipos; Percepção social

SC 18.5 CRENÇAS E ATITUDES SOCIAIS FRENTE AO TRABALHO. *Mariana Coelho** (Sociedade Educacional Fluminense, Doutorando do Curso de Pós-graduação em Psicologia do Instituto de Psicologia da UFRJ,Rio de Janeiro, RJ)*

Estudar a associação entre as crenças e atitudes sociais se justifica devido ao fato de crenças integrarem cognitivamente as últimas. Assim as crenças são representações simbólicas estruturadas a partir da experiência sensorial, cognitiva e social, fornecem base para a formação das atitudes. O propósito do trabalho realizado por nós foi articular as atitudes aos aspectos internos das organizações formais de trabalho, especificamente no tocante aos modelos de gestão adotados. A utilidade de tal apresente estudo sobre os fenômenos psicossociais nas organizações públicas, visando contribuir para o melhor entendimento desta realidade psicossocial e formam hipóteses que favorecessem o desenvolvimento do potencial humano nestes contextos organizacionais. Atitudes foram consideradas fatores psicossociais importantes no contexto simbólico organizacional pois apresentam propriedades cognitivas e afetivas e com isso não somente amplia a probabilidade de predição do comportamento, como também contribuem para a coerência deste. O objetivo da pesquisa foi verificar quais atitudes e portanto crenças caracterizaram os participantes que eram também integrantes de organizações que adotavam o sistema de gestão autocrático ou o participativo. Realizou-se uma análise comparativa da dimensão psicológica racionalidade/emocionalidade frente a estes modelos de gestão, baseada em pressupostos da Cognição Social. A amostra foi composta de 206 pessoas na qual foi aplicada a Escala Racemo, instrumento adequado à aferição dos aspectos atitudinais - racionalidade e emocionalidade. Os dados foram tratados estatisticamente através do teste do Qui-Quadrado e os resultados indicaram, conforme hipotetizado, os participantes que demonstraram atitudes racionais integravam a organização participativa e aqueles cujas atitudes se caracterizavam pela emocionalidade integravam a organização autocrática. Isto porque motivos humanos, dos mais básicos aos mais complexos, interagem mais freqüentemente com os objetivos organizacionais de cultura participativa, isto é, em virtude do processo de influência social, o padrão racional de atitudes se mantém aproximado. Já no modelo autocrático esta interação é menos freqüente, tornando possível que, frente ao clima racional da organização, as crenças e atitudes dos participantes se contraponham ao modelo. Entretanto, muitos governamentais no sentido de instituir políticas de privatização e de demissão de pessoal encontraram na pesquisa preocupação significativa, por parte dos participantes, com a possibilidade de ocorrência de desemprego: aliada à presença de estilos atribucionais distintos na tentativa de identificar as causas e efeitos deste problema. Este fato fundamentou o objetivo em dar prosseguimento à investigação sobre a influência das crenças e atitudes sociais na dimensão psicológica e social do trabalho, a despeito destes, ao contrário da pesquisa anterior, não estarem inseridos no contexto organizacional. Este estudo se baseará na revisão da literatura relativa ao conceito da atribuição diferencial de causalidade com ênfase nas contribuições teóricas nas quais se postula a classificação de dimensões causais e a relação entre estas e componentes afetivos e comportamentais. O trabalho, enquanto atividade condiana, será considerado valor básico para a natureza humana, sendo de expressiva influência na formação de crenças e atitudes, considerando complementarmente que as atitudes também integram a estrutura motivacional das pessoas.

Palavras-chave: Crenças, Atitudes sociais, Trabalho humano

SC 18.6 IDENTIDADE JUDAICA: FORMAÇÃO, MANUTENÇÃO E POSSÍVEL MODIFICAÇÃO. *Solange Epstein** (Mestrado em Psicologia Social e da Personalidade, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ)*

A presente pesquisa pretendeu investigar a configuração da identidade judaica. Análise esta que foi desenvolvida através de considerações teóricas e empíricas. A abordagem em questão foi compreendida a partir da noção psicossociológica de crença. Assim, os conceitos envolvidos neste delineamento revelaram a consciência que todo indivíduo tem de si mesmo, de

sua origem, filiação, das relações que estabelece com os demais, de seus atributos físicos e psicológicos, enfim, de fatores capazes de a diferenciar de outras pessoas. Este conjunto de consciência possibilita ao sujeito elaborar crenças sobre sua própria unidade, a qual expressa a organização e coerência desse quanto à sua personalidade e condutas. Ao se propor a elaboração de uma pesquisa que investigasse os conteúdos apresentados pela identidade judaica, *pretendeu-se alcançar determinados objetivos teóricos* (identificar os principais diferenciais da identidade judaica, através da análise de dados a serem obtidos no longo de uma pesquisa empírica; avaliar a possibilidade de se investigar o conceito de identidade, a partir da noção psicossociológica de crença; analisar o conceito de identidade enquanto um processo contínuo, dinâmico, universal, que reúne aspectos sociais e individuais e que deve ser considerado sob a perspectiva de sua influência na personalidade e conduta de cada ser humano) e pragmáticos (proporcionar informações sobre o delineamento atual da identidade judaica e conteúdos, visando não só o alcance, por parte destes, de uma melhor percepção da situação atual da comunidade judaica carioca, mas, principalmente, o desenvolvimento e fortalecimento de um movimento de apercepção, onde estas pessoas possam refletir sobre como entendem e expressam o que é ser judeu, contribuir para que os processos de formação, manutenção e modificação da identidade judaica sejam marcados pelo exercício da razão e da moralidade e não por ações de cunho etnocêntrico ou que concedam primazia à desmedida aculturação; fornecer informações sobre a configuração da identidade judaica a pessoas não-judaicas, com o intuito de minimizar e evitar a presença de preconceitos e estereótipos que desrespeitem, desvalorizem e ameacem a vida de todo e qualquer israelita; promover uma melhora qualitativa nas condições de vida em sociedade, incentivando a integração social e o respeito para com as particularidades existentes). A pesquisa realizada compreendeu, em sua parte empírica, a aplicação de um instrumento a oitenta pessoas israelitas residentes na cidade do Rio de Janeiro. O instrumento apresentou três partes, consistindo a primeira em instruções destinadas aos participantes da pesquisa. A segunda parte constituiu em dados pessoais e requereu que os participantes respondessem a algas referentes à idade, sexo, nível de escolaridade, profissão, estado civil, paternidade ou maternidade, filiação, à origem israelenses ou sefaradi e à concepção ortodoxa ou não-ortodoxa do Judaísmo. A terceira parte consistiu em um questionário com nove perguntas abertas. Os dados obtidos foram tratados através da análise de conteúdo. Conclui-se que a configuração em questão reúne, sobretudo, aspectos religiosos, culturais, educacionais, sócio-comunitários, étnicos e econômicos, os quais passam estabelecer significativas relações entre si.

Bolsa de mestrado proporcionada pelo CNPQ durante 24 meses.

Palavras-chave: Identidade, Judaísmo, Ciências Psicossociológicas

---

SC 19 Psicologia Clínica e da Personalidade
A FENOMENOLOGIA HERMENÊUTICA E A CLÍNICA PSICOTERÁPICA

SC 19.1 A Analítica Do Dasein De Martin Heidegger E A Clínica Psicoterápica. *Roberto Novaes de Sá (Programa de Mestrado em Psicologia da Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ)*

Este trabalho objetiva apresentar as principais noções da analítica do Dasein de Martin Heidegger, conforme exposta em sua obra Ser e Tempo de 1927 e indica, ao final, como a clínica psicoterápica pode ser pensada sob a perspectiva desta analítica. Influenciado por Binswanger e motivado por interesses mais clínicos do que epistemológicos, o psiquiatra e psicoterapeuta suíço Medard Boss vislumbrou no pensamento de Heidegger novas possibilidades para o exercício da compreensão terapêutica. Estabelecendo seu primeiro contato com o filósofo por carta, em 1947, iniciou um longo e regular intercâmbio que perdurou por quase 30 anos, até próximo da morte deste. De 1959 até 1969, Heidegger transmitiu pessoalmente suas idéias a um grupo de médicos e psicoterapeutas em seminários organizados algumas vezes ao ano por Boss. Tais encontros foram compilados e editados por Boss sob o título "Zollikoner Seminare" e constituem material de grande interesse para a reflexão sobre a psicoterapia. A Daseinsanalyse, termo que continuou a ser empregado por Boss, nunca teve a pretensão de se constituir em escola ou sistema de Psicologia. Coerente com a obra de Heidegger, que abre mão da via de construção de um sistema metafísico, a Daseinsanalyse propõe apenas um caminho ou um exercício de olhar fenomenológico, em que os fenômenos chamados normais e patológicos do existir humano possam aparecer, a partir de si mesmos, em suas múltiplas possibilidades de manifestação e não sejam contidos e reduzidos pela violência subjetiva da objetivação científica aos seus aspectos apenas orgânicos, psicológicos, sociológicos etc. A compreensão fenomenológica na clínica não se propõe a construir "representações" conceituais adequadas à subjetividade humana e seus estados patológicos e, sim, a tematizar o âmbito originário do "ser-no-mundo-com-o-outro", que constitui a condição de possibilidade de todo comportar-se e relacionar-se humanos, inclusive, é claro, o encontro terapêutico. Mostramos ao final do trabalho que a compreensão do ser do homem como "existência" e suas estruturas tais como expostas por Heidegger em "Ser e Tempo", fornecem uma base importante para o exercício clínico no âmbito da psicologia. Sua analítica mostra que a compreensão do outro jamais se reduz a uma questão de metodologias e técnicas, ao contrário, essas somente são possíveis enquanto desdobramento temático da pré-compreensão do outro em que já sempre se encontra o Dasein segundo seu modo de "ser-no-mundo". Tal colocação é essencial para a psicoterapia, pois desloca a questão da verdade na clínica do âmbito das teorias e das técnicas para aquele da existência, em que está sempre em jogo o próprio ser do homem. Ao mesmo tempo, fornece ao cuidado terapêutico uma possibilidade de fundamentação ontológica que não provém nem da invocação científica nem de uma concepção humanista subjetivista e sentimental.

Palavras-chave: Dasein; Heidegger; Psicoterapia

SC 19.2 Os Paradoxos Da Existência E A Psicoterapia. *Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo (Departamento de Psicologia da PUC/RJ, Rio de Janeiro)*

A investigação acerca da prática clínica em psicologia considerando a filosofia da existência de Sören Aybe Kierkegaard foi realizada no curso de doutorado em psicologia na UFRJ entre 1995 e 2000. A metodologia foi desenvolvida a partir de um estudo de caso e pela análise de diferentes sessões de psicoterapia realizadas por oito psicoterapeutas que atuam na perspectiva existencial no período de dois anos. Estas sessões foram gravadas, mediante a minimização do cliente, e transcritas. O discurso psicoterapêutico "falas e escutas" foram analisados através do método fenomenológico, tal como proposto por A. pesquisa seguiu as etapas propostas por Bilca (1991) que também se utilizou quando investigou a estrutura do luto materno: primeira etapa: dedução de unidades significativas, através do sentido da totalidade e da complexidade que aparecem nos discursos psicoterapêuticos, devidamente gravados e transcritos, para então prosseguir numa leitura atenta dos diferentes sessões psicoterapêuticas; segunda etapa: delineamento dos aspectos comuns, que constituem as unidades de significado, explicitados no discurso psicoterapêutico escutas e falas; terceira etapa: descrição das temáticas principais do processo psicoterapêutico, em que cada unidade de significado é descrita e exemplificada; quarta etapa: descrição estrutural situada do processo do escuta e da fala, bem como dos elementos constitutivos deste processo, quinta etapa: caracterização estrutural geral. . A partir desta análise pode-se constatar a presença na fala do cliente a paralização dos paradoxos. Na fala do psicoterapeuta encontra-se a tentativa de mobilização dos paradoxos. A tese acerca da investigação do processo de psicoterapia numa perspectiva existencial teve como objetivo a investigação dos processos psicoterapêuticos para assim dizer a possibilidade de uma atuação psicoterapêutica com base nos pressupostos existenciais. Dessa forma, fundamentar esta modalidade de psicologia clínica, bem como permitir que este conteúdo possa ser transmitido, sem recorrer aos famosos clichês presentes nas orientações de futuros psicoterapeutas "é por aí", "deixe-se sentir" tão freqüentes em supervisões nesta abordagem. A opção pela filosofia, nesta proposta de articulação psicoterapêutica, deve-se ao fato de se acreditar, que os princípios metodológicos positivistas, presentes na ciência clássica, mostram-se insuficientes para abarcar a totalidade da existência humana. Por este mesmo motivo Kierkegaard abandona a filosofia de Hegel, por acreditar que este pensamento apoiava-se no ideal, a razão e ao sistema e que a existência jamais poderia ser abarcada como tal. Para abordar os aspectos filosóficos, foram consideradas, principalmente duas obras de Kierkegaard, que este mesmo filósofo denominava obras psicológicas. A primeira foi "O conceito de Angustia", onde este autor refere-se a angustia como objeto de estudo da psicologia e traz os temas básicos da psicologia existencial: angustia, liberdade, culpa e intranoridade. A segunda foi "O desespero Humano", onde este filósofo formula uma psicologia do eu, bem como a sua saúde e doença.

Palavras-chave: Desespero; Angústia; Paradoxos da existência

SC 19.3 O Amor Do Mesmo Que É Outro – A Psicoterapia Do Diferente. *Amarylis Salvador** (Depto. de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ)*

A clínica psicoterápica cujos fundamentos se encontram na Fenomenologia-Existencial tem a peculiaridade de pairar, na relação que se estabelece entre psicoterapeuta e cliente, ou analista e analisando, do lugar do não-saber. É um modo de realização da psicoterapia que não se baseia em conceitos, valores, teorias, juízos pré-concebidos ou conhecimentos científicos cujo paradigma seja o das ciências naturais. A psicoterapia fenomenológica-existencial se dá a partir de uma atitude filosófica muito rara – denominada radical – e de uma metodologia rigorosa, a fenomenológica. Este modo de fundar o trabalho terapêutico considera que o ente humano tem uma especificidade no mundo e que conhecê-lo exige, radicalmente, uma metodologia que seja fiel a esta especificidade. Contudo há uma grande diversidade nos modos pelos quais os autores utilizam a tradição fenomenológica e o pensamento existencial na prática psicoterápica. Como estes conhecimentos não se estruturam – nem poderiam – de forma sistematizada, há um campo de liberdade de interpretação das obras de Edmund Husserl, Martin Heidegger, Jean-Paul Sartre e Merleau-Ponty que vêm, ao longo dos anos do século XX, norteando a Psicoterapia Fenomenológica-Existencial, sem que se constituam em um saber único ou uniforme. Este recebido, sem dúvida, é origem de ambigüidades, distorções e indevidas utilizações. Mas não advogo colocar uma camisa de força epistemológica para eliminá-las. Embora a Psicoterapia Fenomenológica-Existencial encontre muita aceitação entre profissionais e estudantes de Psicologia, Psiquiatria e áreas afins, acredito que o processo psicoterápico, tal como ele se dá, é pouco conhecido. Não há muitos textos a trabalhos que o apresentem e facilitem seu conhecimento – e possibilidade da crítica – na comunidade acadêmica e profissional. Nosso trabalho é uma tentativa de preencher esta lacuna e minha contribuição específica é a apresentação de

alguns momentos do processo psicoterápico de um homem cujos sentimentos amorosos e sexuais se direcionam para outro homem. Na descrição destes momentos apresentarei minhas intervenções e o pensamento e método que as fundamentam. A escolha deste atendimento psicoterápico para falar da Fenomenologia-Existencial e, mais especificamente, da Maiêutica-Existencial, denominação própria ao meu trabalho, se deve a meu interesse e paixão pela afirmação da diferença e diversidade como constitutivas da subjetividade humana e ao desejo de explicitar o lugar privilegiado do psicoterapeuta que partilha o desvelamento de experiências nas quais emergem, translúcidas, estas diferenças. A Psicologia Clínica, neste momento, está em questão. Tolhida entre a farmacologia da Medicina e as práticas ditas alternativas, torna-se fundamental – creio eu – debater e valorizar esse lugar privilegiado do psicoterapeuta/psicólogo, evidenciando uma formação profissional plena de exigências intelectuais, emocionais e existenciais.

Palavras-chave: Fenomenologia Existencial; Psicoterapia

***

SC 19.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE A NOÇÃO DE FUNDAMENTO NA CLÍNICA PSICOTERÁPICA. *Alessandro de Magalhães Gemino** (Programa de Mestrado em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ)*

O estudante de psicologia, na sua formação acadêmica, entra em contato com diversas abordagens que, por sua vez, configuram diferentes modos de ser da clínica psicoterápica. Nesse sentido, a escolha do estudante por determinada linha de trabalho ocorre, muitas vezes, de maneira não tematizada, dependendo mais de identificações subjetivas do que de qualquer critério mais objetivo. Nesse trabalho, buscou-se realizar uma reflexão crítica sobre os critérios que determinam a legitimidade desta escolha, vista a partir de uma reflexão sobre a noção de fundamento. Inicialmente propôs-se uma aproximação entre as diversas abordagens que, para além de sua dispersão no plano epistemológico, mostram-se solidárias por sua fundamentação sobre os mesmos princípios metafísicos que sustentam a visão de mundo da modernidade. Em seguida, afim de rastrear no próprio ambiente acadêmico de que modo essa escolha poderia ser compreendida, apresenta-se um levantamento feito com alunos do último período de Psicologia da UFRJ, aos quais foi proposto a realização de uma pequena resenha com o tema "Qual o papel da teoria na prática clínica". Utilizando-se do método hermenêutico-discursivo, verificou-se a partir dos relatos que, mesmo apresentados de forma articulada, tanto a noção de teoria quanto de prática carecem de uma melhor tematização, pois essas, entendidas na maioria dos relatos de forma rígida, impossibilitavam qualquer esclarecimento sobre a noção de fundamento. Além de não responder sobre os critérios de escolha por alguma abordagem teórica no exercício profissional. Desse modo, uma possibilidade de encaminhamento da questão nos foi apresentada, tendo como base a proposta contida na obra de Martin Heidegger em elaborar uma analítica do Dasein – termo alemão usualmente traduzido por "ser-aí" ou "pré-sença" – possibilitando um desvio do plano epistemológico, feito a partir da tentativa do filósofo alemão de constituir uma ontologia fundamental. Nesse desvio, um outro plano se apresenta, configurado pela inserção do pensamento hermenêutico como possível horizonte crítico para a problemática em questão, ou seja, a partir de uma dimensão metametódica, busca-se rever a noção de fundamento. Além de contribuir para uma tematização dos critérios que legitimam uma escolha consciente da abordagem teórica que orientará o futuro psicólogo clínico. Duas conclusões do trabalho realizado podem ser apontadas: a importância de se oferecer no curso de graduação o máximo de abordagens possível, mesmo sob o caráter eletivo, e a confirmação do interesse mostrado pelos alunos na possibilidade de se obter uma formação que contemple a dimensão filosófica, condizente com a própria constituição do saber psicológico moderno.

Palavras-chave: Fundamento; Ontologia; Hermenêutica

***

SC 19.5 UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICO-HERMENÊUTICA DO TRANSTORNO DE PÂNICO. *Jardson Tavares Rodrigues** (Departamento de Psicologia – Universidade Federal Fluminense – Niterói – RJ)*

Em 1980 é publicada a terceira edição do Manual de Diagnóstico e Estatística de Doenças Mentais da Associação Psiquiátrica Americana (DSM-III). O DSM-III traz pela primeira vez a referência a uma nova categoria nosológica – o Transtorno de Pânico, fruto da divisão da categoria Neurose de Ansiedade em duas entidades diversas: o próprio Transtorno de Pânico e o Transtorno de Ansiedade Generalizada. Desde então surgem diversas teorias que buscam de alguma forma uma compreensão do pânico, destacando-se as teorias neuroquímicas, psicanalíticas e comportamentais. O nosso trabalho surge a partir da experiência clínica como psicoterapeuta com diversos pacientes diagnosticados como portadores deste distúrbio e da nossa percepção de que, embora as teorias anteriormente apresentadas nos fossem úteis na compreensão do quadro, elas se mostravam insuficientes para o entendimento do fenômeno em sua totalidade. Buscamos então no pensamento de Heidegger, e em especial em sua análise da angústia, elementos que nos permitissem uma compreensão mais ampla da experiência existencial de nossos pacientes. Em sua obra, marcadamente em Ser e Tempo, Heidegger faz uma profunda descrição dos fenômenos da angústia e do temor. Para Heidegger a angústia tira o homem da familiaridade de uma existência determinada pelo "todo mundo", pelo "impessoal", e o confronta com aquilo que lhe é mais próprio, iminente e insuperável: a morte – a possibilidade de não estar mais presente. Na maior parte das vezes o Dasein (ser do homem), foge desta compreensão para a segurança e previsibilidade do impessoal, numa tentativa fadada ao fracasso de ter controle sobre o incontrolável. Neste modo de existência vive o medo, o temor, identificando a ameaça como lhe vindo ao encontro dentro do mundo. Em nossa pesquisa estes conceitos filosóficos foram articulados com a experiência clínica de psicoterapeutas e pesquisadores que de idêntica maneira se utilizaram das reflexões heideggerianas, como Medard Boss, Ludwig Binswanger e Irvin Yalom. Além da análise teórica dos conceitos desenvolvidos pelos autores anteriormente citados, baseamos nossa metodologia no estudo de casos clínicos. Chegamos à conclusão de que o ataque de pânico permite o desvelamento para quem o experimenta, da condição existencial de iminência da morte, a partir da qual o paciente encontra três formas principais de reação: um grupo de pacientes, eficientemente tratados com a medicação e com alguma modalidade de psicoterapia retornam "sem sequelas" ao estado anterior ao aparecimento dos sintomas, tendo portanto, uma remissão considerada completa. Um outro universo, após a remissão dos "ataques", permanecem amedrontados, com preocupações frequentes acerca de sua saúde física; passam a ter uma relação constante com a doença e a morte, buscando de uma forma ou de outra, meios de evitá-la. Um outro grupo ainda, talvez em menor número, se dá conta da iminência e inevitabilidade da morte e a partir desta constatação, refere mudanças de sentidos, prioridades e valores. Foram ainda observados: a angústia tal como se dá, no seu modo; o revelar da angústia, que no impessoal é reconhecida como "pânico"; o modo de deixar de viver; a busca da "tranquilidade" no impessoal e a negação do ser-para-a-morte.

Palavras-chave: Angústia; Pânico; Morte

*****

SC 20 Psicologia da Família e Comunidade

PSICOLOGIA DA FAMÍLIA - DA PESQUISA BÁSICA ÀS APLICAÇÕES CLÍNICAS

SC 20.1 PSICOLOGIA DA FAMÍLIA - CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS E GERAIS. *Karl Christoph Kappler (Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil, e Universidade de Zurique, Suíça)*

A psicologia da família deve ser concebida como uma disciplina nova dentro das diferentes áreas da psicologia. Apesar de ter uma interface com outras disciplinas psicológicas - em particular com a psicologia do desenvolvimento, psicologia social e psicologia clínica - até hoje, o objeto de estudo da psicologia da família não recebeu um tratamento suficientemente abrangente e aprofundado por parte destas outras disciplinas. Por estes motivos podemos considerar, até mesmo em nível internacional, que o estado atual da psicologia da família pode ser melhor caracterizado como precisando ainda de muitos esforços para se desenvolver e aprimorar. A família como instituição, atualmente, está passando por um período de mudanças histórico-culturais muito importantes e rápidas. As formas de "vida familiar" observadas são tão diversificadas que comprometem a busca de um consenso sobre a definição do que seja uma família diferenciando de outros tipos de relacionamentos. Ainda assim, é possível constatar que nós humanos somos, de alguma forma, seres familiares com uma necessidade básica de conviver num ambiente social estável. A partir destas constatações, impõe-se a necessidade, como outras disciplinas (p. ex. a sociologia) já o fizeram, de estudar o sistema de relacionamentos interpessoais denominado família e, assim sendo, acompanhar as suas mudanças atuais a partir de uma perspectiva psicológica. Relativamente mais adiantados e desenvolvidos encontram-se os modelos e abordagens metodológicas da terapia de família. Estes modelos, entretanto, foram concebidos quase que exclusivamente a partir da prática clínica. Desta forma, eles necessitam ainda de uma fundamentação teórica e empírica, melhor elaborada, com base em estudos incluindo famílias que não apresentam comprometimentos psicológicos, as quais podemos chamar de "famílias no dia-a-dia". O conceito que adotamos de psicologia da família considera as intervenções com famílias como constituindo o aspecto aplicado de uma disciplina de alcance mais geral. Além dos aspectos relacionados à aplicação clínica, a psicologia da família compreende também uma área de interesse relacionada à pesquisa básica. A psicologia da família enquanto disciplina básica busca dados também sobre as relações familiares de amostras não-clínicas de famílias. Ela se articula na medida em que fornece os métodos de avaliação e diagnóstico, a partir dos quais as intervenções são formuladas e, ao mesmo tempo, tem sua eficácia verificada. Dados estes que influenciarão as nossas concepções teóricas futuras sobre estruturas e processos familiares. Neste sentido, os trabalhos apresentados desta sessão coordenada constituem uma amostra do espectro amplo da psicologia da família, desde questões de pesquisa básica – inclusive considerando questões transculturais – até as aplicações na prática clínica.

CAPES-DAAD

Palavras-chave: Psicologia da Família

***

SC 20.2 HIPERATIVIDADE E RELAÇÕES FAMILIARES – UM ESTUDO COM CRIANÇAS HIPERATIVAS E SUAS FAMÍLIAS DURANTE UM PROGRAMA DE INTERVENÇÃO. *Karl Christoph Kappler, Stephanie Stadelmann, Meike Sperlich, Iris Steinbring, Nicole Linde & Manuela Neuenhorn (Universidade de Freiburg, Alemanha)*

Os transtornos relacionados à hiperatividade são acompanhados, geralmente, de padrões problemáticos de interações familiares. Existe atualmente, um grande esforço de pesquisas no sentido de desenvolver abordagens eficazes para o tratamento psicológico da hiperatividade. Entretanto, ainda são raros estudos clínicos sistematizados que incluem uma perspectiva de família no

atendimento destas crianças. Devido esse fato, o presente estudo foi desenvolvido com crianças hiperativas e suas famílias em um centro clínico interdisciplinar especializado, na Alemanha. A abordagem terapêutica empregada consiste de um modelo multimodal em que as crianças e suas famílias recebem tratamento por curtos períodos de internação com duração de uma a duas semanas. Esses períodos de internação são repetidos três vezes em um intervalo de 18 meses. Dois procedimentos, recentemente desenvolvidos, para a avaliação das relações familiares foram aplicados, a cada vez, nas três fases da intervenção. O Teste de Identificação na Família (FIT) utiliza-se de um procedimento de classificação de cartões, com o intuito de quantificar os processos de identificação na família, fornecendo medidas para os construtos do self real e self ideal, e identificação real e ideal com os pais. O Teste do Sistema Familiar (FAST) se aproveita de uma representação da família por meio de estatuetas dispostas pelo examinando em um tabuleiro com o intuito de obter medidas da proximidade dos diversos membros da família entre si e das relações de poder na família. No estudo apresentado, já foi possível analisar os dados relativos à primeira fase de intervenção de 254 crianças hiperativas e suas famílias (87% CID 10 F90.0 e 13% F90.1). A idade das crianças variou de 6 a 16 anos (média de 10,5) e 89% das crianças eram do sexo masculino como é típico para esse grupo dos pacientes. Na sua grande maioria, o familiar que acompanhava a criança na sua internação era a mãe. Como grupos de comparação, foram utilizados dados de um grupo misto de crianças com diversos outros tipos de problemas psiquiátricos (de acordo com CID 10) e uma amostra de controles da população sem problemas psicológicos. Os resultados do estudo indicaram diferenças estatisticamente significativas entre os grupos que apresentavam problemas psicológicos e o grupo sem comprometimento emocional ou comportamental. Os níveis de identificação com os pais, observados nas crianças que apresentaram problemas psicológicos, foram significativamente mais baixos em geral, com exceção na identificação ideal das crianças hiperativas ocorridas com o pai, que parece ter um papel de modelo significativo. Apesar disso, no presente momento, também estão disponíveis os dados da observação longitudinal de 23 famílias que já completaram o ciclo de três internações em 18 meses. Os resultados preliminares mostram uma transformação significativa nas variáveis familiares ao longo da duração da intervenção. As transformações são observáveis tanto na perspectiva das crianças quanto na perspectiva dos pais. Os últimos achados são bem sugestivos da eficácia do programa de intervenção. Na base dos resultados em geral, podemos concluir que os instrumentos de avaliação familiar são eficientes para captar os processos dinâmicos de mudança nas estruturas de relações familiares.

Palavras-chave: Crianças Hiperativas; Avaliação das Relações Familiares; Estudo Longitudinal

***

SC 20.3 A ADAPTAÇÃO DE INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO EM PSICOLOGIA DE FAMÍLIA: UM ESTUDO EM CONDIÇÕES TRANSCULTURAIS E ECONÔMICAS DIFERENTES. *Jussara de Lima Rodrigues*, Patrícia Martins de Freitas*, Janine Marinho Dagnoni*, Camila Teixeira Heleno*, Manuela Rodrigues Lamberticci*, Hudson Cristiano Wander de Carvalho*, Amanda Cristina Pereira*, Alessandra Venâncio de Paula*, Constance Rezende Bonvicini*, Cássia Alves dos Santos*, Cléia Aparecida Pereira Lourenço*, Morgana Silva Miranda*, Sandra Alcira Schaefer e Karl Christoph Kappler (Laboratório de Psicologia da Família, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG)*

Os estudos na área da psicologia de família não receberam ainda um tratamento suficientemente abrangente, sendo ainda carente de instrumentos de psicodiagnóstico e estudos empíricos disponíveis na literatura, especialmente projetos transculturais. Este trabalho tem como objetivo suprir, de certa forma, esta carência adaptando instrumentos de psicodiagnóstico em contextos culturais diferentes. Dois testes recentemente desenvolvidos na Alemanha, "Family-Identification-Test" (FIT) e "Family-System-Test" (FAST), foram aplicados em famílias brasileiras e alemãs. O FAST é constituído de peças de madeira e um tabuleiro de xadrez. As peças representam os membros da família e mostram a hierarquia por intermédio de cilindros que são colocados abaixo das mesmas. Este procedimento pode ser aplicado em participantes a partir de 6 anos. O FAST consiste em um processo de investigação bidimensional sendo as principais dimensões avaliadas: coesão (laços emocionais) e hierarquia (poder, influência) em três situações diferentes (cotidiana, idealizada e de conflito). O FIT é composto por 12 cartões com características de personalidade (nervoso, comunicativo,...) que permitem que participantes a partir de sete anos descrevam a si mesmos sob várias perspectivas (como sou, como gostaria de ser), bem como sua percepção sobre outros membros da família (pais, irmãos,...). As correlações entre essas diferentes perspectivas indicam padrões de identificação ("eu sou como meu pai" = identificação real com o pai, "eu gostaria de ser como minha mãe" = identificação ideal com a mãe, etc.). No grupo de famílias brasileiras, participaram deste estudo 250 sujeitos de duas escolas situadas em bairros residenciais e 150 de duas comunidades carentes, ambos em Belo Horizonte/Minas Gerais. Na Alemanha foram incluídos no estudo 180 estudantes de 1o e 2o graus de diferentes escolas nos estados Baden-Württemberg e Bavaria. A idade média dos participantes variou entre 6 e 18 anos (média 11,2) dos quais 45% são do sexo masculino e 55% do sexo feminino. Os achados demonstram um nível de identificação parental mais baixo na amostra brasileira em relação ao grupo alemão. Entretanto, não houve diferença significativa entre os alemães e brasileiros moradores de bairros residenciais na auto-congruência ("eu sou como eu gostaria de ser"). Mas neste aspecto de auto-conceito, houve significância entre moradores de bairros carentes em comparação tanto com bairros residenciais quanto com a amostra alemã. Esses grupos das comunidades carentes, apresentaram também diferença quanto à identificação ideal com o pai (função de modelo), sendo que esses apresentaram uma menor identificação quando comparados à de bairros residenciais e do grupo alemão. Na amostra brasileira observou-se que um maior nível de identificação real e ideal com educadores e amigos do que com membros da família. A partir dos resultados encontrados, concluímos que os testes utilizados fornecem informações relevantes sobre relações familiares. Foram encontradas diferenças entre os aspectos culturais e econômicos, o que demonstra o importante papel da cultura na constituição da identidade do sujeito. Há necessidade ainda de ampliação da amostra de nível sócio-econômico mais elevado para que haja um maior espectro de comparações. Ainda estão em processo mais pesquisas para a obtenção de mais dados empíricos que, futuramente, possibilitará também uma melhor orientação no atendimento familiar.

CNPq e Centro de Integração Marista

Palavras-chave: Avaliação Familiar; Relações familiares; Estudos Transculturais

***

SC 20.4 UTILIZAÇÃO DO TREINAMENTO COMPORTAMENTAL DE PAIS NOS TRANSTORNOS EXTERNALIZANTES. *Vitor Geraldi Haase, Patrícia Martins de Freitas*, Patrícia Correa de Freitas*, Lorenzo Lanzetta Natale*, Maria Isabel dos Santos Pinheiro**. (Laboratório de Neuropsicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG)*

A partir da idade pré-escolar, os transtornos externalizantes do comportamento, principalmente a hiperatividade e o comportamento desafiador-desobediente, constituem-se em uma das causas mais freqüentes de procura por serviços psicológicos. O reconhecimento de que estes transtornos podem comprometer de modo sério o desenvolvimento do indivíduo, envolvendo riscos de fracasso escolar, alcoolismo, drogadicção ou comportamentos anti-sociais, tem motivado pesquisas com o intuito de desenvolver formas eficazes de terapia psicológica. Atualmente é reconhecido que a terapia deve ser multimodal e prolongada. Um aspecto importante, entre outros, é o atendimento das famílias. Dados de pesquisa indicam que os pais e mães são muitas vezes sobrecarregados pelos transtornos externalizantes do comportamento, perdendo a capacidade de ajudar a criança com problemas de comportamento, ou até mesmo contribuindo para agravar mais ainda as dificuldades comportamentais dos indivíduos que apresentam hiperatividade ou comportamento desafiador-desobediente. Um avanço recente nesta área é a introdução de técnicas comportamentais de trabalho com a família. No programa de treinamento comportamental de pais, os mesmos são treinados durante dez semanas a introduzir métodos não-coercitivos de disciplina baseados no incentivo, que sejam consistentes e eficazes, mas ao mesmo tempo brandos e adequados ao nível de desenvolvimento e às peculiaridades das crianças. O ingrediente fundamental do programa é a atenção positiva, implementada sob a forma de um recreio especial com a criança, onde os pais aprendem a observar o comportamento da criança, ignorando os comportamentos inadequados e reforçando os comportamentos socialmente adequados. Seguem-se passos onde os pais aprendem a dar ordens eficientes, estabelecer períodos de treinamento de obediência, desenvolver a brincadeira independente, usar economia de fichas como recurso de incentivo, aplicar punições brandas tais como a suspensão do reforçamento, manejar situações em locais públicos, antecipar-se frente a situações problemáticas e melhorar o comportamento na escola a partir de casa. A eficácia do programa é verificada qualitativamente e por meio de questionários de pré- e pós-teste respondidos pelos pais e pela professora. A principal contra-indicação do programa de treinamento de pais são as famílias em que a estrutura do casal está abalada, quer seja por desavenças importantes ou pela presença de doença mental grave em um dos pais. As complexidades envolvidas na utilização do programa de treinamento comportamental de pais são ilustradas através do relato de quatro casos clínicos, oriundos de três famílias. A primeira família exemplifica uma aplicação bem-sucedida do programa. Com a segunda família foram obtidos resultados mistos, tanto em função da instabilidade e indefinição no relacionamento do casal quanto, principalmente, pela inflexibilidade da mãe em manter níveis extremamente rigorosos de exigência. Em uma terceira família, dadas as dificuldades internas pelas quais o casal passava, optou-se por indicar uma outra modalidade de atendimento e aguardar os seus resultados para então, eventualmente, indicar o treinamento de pais. Os resultados iniciais são, portanto, encorajadores. Mais evidências empíricas se fazem, entretanto, necessárias com o intuito de definir melhor o perfil de indicações e contra-indicações.

CNPq

Palavras-chave: Psicologia da família; Neuropsicologia do desenvolvimento; Transtornos externalizantes

***

SC 20.5 A RELAÇÃO PAIS-FILHOS EM FOCO: UM PROGRAMA DE INTERVENÇÃO DA VIOLÊNCIA EM COMUNIDADES CARENTES. *Camila Teixeira Heleno*, Cléia Aparecida Pereira Lourenço*, Janine Marinho Dagnoni*, Patrícia Corrêa de Freitas*, Aldo Ivan Pereira Paiva*, Giselle Meireles Pereira*, Constance Rezende Bonvicini*, Hudson Cristiano Wander de Carvalho*, Maria Isabel dos Santos Pinheiro**, Sandra Alcira Schaefer, Vitor Geraldi Haase & Karl Christoph Kappler. (Laboratório de Psicologia da Família e Laboratório de Neuropsicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG)*

Os comportamentos agressivos ligados à criminalidade e à violência doméstica nas ruas constituem um dos principais tópicos de preocupação nas sociedades contemporâneas. Basta analisar o conteúdo da imprensa diária, seja escrita ou televisiva, ou revisar as estatísticas indicando que as causas externas (homicídios e acidentes) constituem a causa mortis número um entre adolescentes e adultos jovens do sexo masculino. A gravidade do problema sugere a necessidade de algum tipo de intervenção preventiva. O fato de que nem todas as famílias e indivíduos, mesmo aqueles que vivem sob as condições mais adversas, se envolvem em comportamentos agressivos, indica que além das contingências sociais, fatores familiares e individuais também precisam ser envolvidos na equação - não apenas fatores de risco, mas também fatores protetivos. Baseado nisto, adaptamos um programa de treinamento de pais, que tem por objetivo desenvolver práticas disciplinares não-coercivas, e ainda, transmitir e treinar habilidades cognitivas e sociais relacionadas ao aumento da auto-estima, à capacidade de reflexão e de resolução pacífica de problemas de relacionamento interpessoal, contribuindo assim, para a construção de um ambiente familiar e escolar menos conflituoso. O programa proposto vem sendo organizado com grupos de pais em duas comunidades carentes de Belo Horizonte. São realizadas dez sessões, quinzenais, onde são ministrados os oito passos do programa: passo 1 – objetiva ensinar aos pais as típicas causas do comportamento inapropriado das crianças, como estas razões interagem e o que é possível para os pais fazer com o intuito de localizar tais causas em suas crianças e famílias; passo 2 – tem como objetivo treinar pais a eliminar "atendimentos" ineficientes ou desestimulantes, enquanto se aumenta formas mais efetivas de atendimento e apreciação comportamental; passo 3 – objetiva desenvolver técnicas direcionadas ao melhoramento dos comportamentos de cooperação da criança através da resposta imediata dos pais ao comportamento alvo; passo 4 – implementação de um programa de "estimulação motivacional" que lista uma variedade de recompensas e incentivos prontamente disponíveis afim de aumentar a cooperação com regras e códigos de conduta social dentro de casa; passo 5 – objetiva discussão de processos e técnicas efetivas de controle de comportamentos "problemáticos"; passo 6 – objetiva estender o uso das técnicas discutidas no passo 5; passo 7 – visa a antecipação de problemas, permitindo aos pais lidarem com as crianças em lugares públicos; passo 8 – objetiva uma transferência dos efeitos para o ambiente social fora da família, como por exemplo a performance escolar da criança. A receptividade do programa foi muito boa entre os pais, a julgar pelos seus depoimentos pessoais e pelo aumento do interesse deles em participar da realização da segunda parte do método, em 2001. Atualmente, são atendidos 64 pais, os quais são submetidos a uma avaliação de pré e pós-teste, e na metade do treinamento, onde são aplicados questionários. Os resultados preliminares, na metade do programa, já indicam uma diferença significativa ($p<.05$) no que diz respeito à diminuição de comportamentos inoportunos, e, uma tendência à significância ($p<.10$) quanto à melhora de comportamentos das crianças em ambiente familiar, segundo a perspectiva dos pais que participam do programa.

FAPEMIG, CNPq, DAAD

Palavras-chave: Treinamento de pais; Disciplina não-coercitiva; Prevenção da violência

***

SC 20.6 Investigação Sistêmica Utilizando Computadores De Bolso No Cotidiano Familiar - Um Projeto Transcultural. *Sandra Alves Schnyder[1], Peter Wilhelm[1], Marianilla Rodrigues Lamberucci[2]*, Hudson Carvalho[2]*, Jaime Mariño Dagnino[2]*, Janaína de Lima Rodrigues[2]*, Patrícia Martins de Freitas[2]*, Yves Hänggi[1], Karl Christoph Kappeler[1] & Meinrad Perrez[3] ([1]Universidade de Freiburg, Alemanha, [1]Universidade de Fribourg, Suíça, [2]Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, [3]Universidade de Zurique, Suíça)*

Métodos tradicionais de coleta de dados como questionários de lápis e papel e entrevistas são frequentemente utilizados como instrumentos para medir estados subjetivos. Essa forma de coleta de dados, na maioria dos casos, é feita numa perspectiva retrospectiva e apresenta vários aspectos falhos: os períodos de tempo passado não são bem definidos, a dinâmica dos estados emocionais e a maneira como as informações são agregadas e avaliadas durante a coleta é desconhecida, além de apresentar distorções de vieses nas auto-avaliações retrospectivas. Por isso, a utilização de computadores de bolso, como diários eletrônicos, surge como uma nova forma de coletar dados sobre os aspectos situacionais (setting), os estados emocionais, físicos e sintomas psíquicos a partir do cotidiano. O objetivo do estudo foi aplicar essa nova metodologia na área da Psicologia da Família para investigar o estresse nas relações familiares, os impactos do uso desta metodologia, evitando tendências distorcivas da retrospecção e fazer uma comparação transcultural entre famílias suíças e brasileiras. O programa FASEM-C, baseado no Windows CE, foi instalado em computadores de bolso HP 360 LX. Os participantes ficam com o computador, durante uma semana, que os avisa por meio de um sinal sonoro que devem responder a perguntas diferentes em horários pré-determinados. As primeiras perguntas referem-se à localização, atividade atual, contexto social, estado físico e emocional. Em seguida, aparecem questões sobre estresse, as causas percebidas e as estratégias de diminuí-lo, além da interação familiar. A amostra é composta por famílias de classe média e média-alta em que os progenitores vivem juntos com pelo menos um filho(a) entre 13 e 17 anos, sob mesmo teto. Cada participante da família fica com um computador durante uma semana, respondendo às perguntas simultaneamente nos 5 horários pré-determinados. Os resultados da população brasileira serão apresentados, bem como a comparação transcultural. O estudo já concluído com 96 famílias na Suíça demonstra que 94% julgaram que o uso dos computadores foi uma experiência positiva. Em relação aos fatores intrapessoais, foram medidas as capacidades de manejo social (coping) e o estado emocional, apresentando uma correlação negativa entre respostas de manejo social inadequado e o estado emocional em mulheres ($r= -0,55$; $p< 0,01$) depois de um conflito com o parceiro. No nível interpessoal a qualidade do manejo social parece ser um preditor moderado, também para o estado emocional do parceiro, depois de um conflito, tanto para a resposta masculina ($r= -0,14$; $p< 0,05$) quanto para resposta feminina ($r= -0,33$; $p< 0,01$). Concluindo, com base nestes exemplos e outros estudos, o diário eletrônico mostrou as vantagens de colher e registrar dados no momento em que os estados emocionais e os eventos ocorreram. Esse estudo visa, então, um melhor entendimento do funcionamento de famílias no dia-dia, possibilitando descobrir os processos familiares através de uma perspectiva sistêmica e, a longo prazo, servir para o aperfeiçoamento dos atendimentos clínicos.

CNPq

Palavras-chave: Computadores de bolso; Estudos interculturais; Instrumentos de avaliação da família

***

SC 20.7 Rede De Apoio Social E Afetivo Da Família: Diversas Abordagens Metodológicas. *Cláudia De Antoni** e *Sílvia Helena Koller (Centro de Estudos Psicológicos sobre Meninos e Meninas de Rua, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul)*

Pesquisas empíricas com famílias demandam a utilização de instrumentos que permitam avaliar aspectos importantes das relações intra e extrafamiliares, incluindo os sistemas nos quais a família transita e a interação entre eles. Cada um destes sistemas (microssistemas) pode formar a rede de apoio social e afetivo desta família (mesossistema), agindo como fator de proteção para o desenvolvimento da criança, do adolescente e dos demais membros da família, especialmente na presença de uma situação de risco. O Centro de Estudos Psicológicos sobre Meninos e Meninas de Rua (CEP-RUA) vem se dedicando a elaborar e a adaptar instrumentos de avaliação da rede de apoio às famílias, com base na abordagem ecológica do desenvolvimento humano. Algumas pesquisas foram realizadas utilizando o Mapa dos Cinco Campos e o Modelo de Escolta, com crianças, adolescentes e famílias em situação de rua, usuários de drogas e em condição de risco social e pessoal. Os instrumentos foram adaptados para utilização com população brasileira, adotando uma forma lúdica para a aplicação. Esta nova forma adaptada garante o interesse e a motivação dos participantes durante a coleta de dados. Os instrumentos fornecem dados objetivos quanto à estrutura (tamanho e constituição) e a função (grau de satisfação e proximidade) de cada vínculo estabelecido na rede. Os participantes podem indicar, ainda, a existência de conflitos e de rompimentos nas relações com as pessoas citadas. Os participantes podem identificar em seus mapas as pessoas com as quais percebe possuir um vínculo protetor e/ou de risco. Da mesma forma, podem identificar quais as pessoas que podem contar com o seu apoio em caso de necessidade. Os instrumentos de avaliação da rede de apoio social e afetiva demonstraram ser uma fonte de dados significativa para análises qualitativas e quantitativas sobre o tema, podendo ser utilizados em conjunto com outros instrumentos de avaliação grupal ou individual e/ou isoladamente. A partir da avaliação dos instrumentos torna-se possível verificar a composição dos sistemas ecológicos, os diferentes papéis de cada integrante da família e desta como um todo, as configurações dos diversos contextos, as transações ecológicas entre os sistemas, alguns aspectos históricos e cotidianos da família e processos de relação e inter-relação no ambiente ecológico. A utilização destes instrumentos associados a outros que avaliam características individuais e coesão ecológica revelam dados resultados relevantes sobre resiliência e vulnerabilidade de crianças, adolescentes e famílias em situação de risco social e pessoal, consideradas como variáveis principais na tríade para prevenir comportamentos desadaptados do ponto de vista social e emocional e doenças psicopatológicas.

Palavras-chave: Família; Risco; Proteção

***

SC 21 Psicologia Escolar e Educação

O TEXTO-SENTIDO COMO PRODUTOR DA PALAVRAÇÃO NA PESQUISA EM PSICOLOGIA

SC 21.1 Sujeito, Texto E Sentido: A Trilogia Conceitual Do Texto-Sentido *Francisco Silva Cavalcante Júnior (Mestrado em Psicologia, Universidade de Fortaleza, Fortaleza, CE)*

Como instrumento de construção da palavra do Método (Con)texto de Letramentos Múltiplos, a utilização do texto-sentido no contexto educacional foi objeto de estudo sistemático de 1999 a 2001 da pesquisa "Sujeito, Palavra e Cultura: um estudo etnográfico da comunicação escrita de alunos no ensino superior" deste pesquisador. O interesse pela realização da referida pesquisa foi motivado pela concepção do sociólogo Alain Touraine de que o sujeito é palavra e foi orientada pelas seguintes perguntas: que condições são necessárias no contexto da sala de aula do ensino superior para que o aluno compreenda de forma auto-reflexiva as dimensões social, cultural e política do seu aprendizado? Como podem a leitura e a escrita contribuírem para a representação das realidades pessoal e social desse aluno? Como fazer da universidade uma Escola do Sujeito na concepção de Touraine? Neste trabalho,

o pesquisador apresenta uma revisão conceitual de sujeito, texto e sentido, utilizando-se de referenciais teóricos da psicologia, sociologia, antropologia e educação, fundamentando em autores como Lev Vygotsky, Mikhail Bakhtin, Alain Touraine, Henry Giroux, James Clifford, Jacques Derrida e Paulo Freire. Os resultados da pesquisa "Sujeito, Palavra e Cultura" apontam para o sentido da palavra enquanto estruturante da vida interior do sujeito, que faz uso de signos como a escrita para a sua expressão. Com base em estudos de caso, os resultados demonstram que a expressão da vida interior do sujeito nem sempre encontra espaço para a sua externalização. A experiência vivida pelo sujeito ou a sua atividade mental tem um grande potencial para ser compreendida e explicada, mas precisa encontrar um signo para se tornar exprimível. Resgatar o sentido ideológico ou vivencial da palavra é o objetivo primeiro do texto-sentido, veículo de expressão do Método (Con)texto de Letramentos Múltiplos. A palavra (con)texto, grafada nesta forma estilizada, deseja exprimir a relação inseparável do texto com o seu contexto, portanto, a possibilidade de significações dadas por um sujeito a um texto lido são tantas quantos os contextos por eles representados. Com o Método (Con)texto de Letramentos Múltiplos o livro é utilizado como estímulo para evocar a atividade mental no aluno. Promover a atividade mental do sujeito a partir do seu discurso interior (palavra) é a meta deste método que estimula o sujeito a fazer uso de uma expressão material estruturada (através da palavra, do signo, do desenho, da pintura, do som musical, etc.) levando em consideração a sua cultura, compreendida como o contexto de vida do sujeito. Desenvolvida no âmbito educacional, esta pesquisa recomenda que a escola, seja ela do ensino infantil ou do ensino superior, abra espaço para o que existe de mais natural no sujeito – a sua palavra (discurso interior), apresentando o texto-sentido como um veículo de comunicação e expressão do sujeito.

Palavras-chave: Subjetivação; Letramentos; Ensino superior

SC 21.2 A Escrita Espontânea Do Texto-Sentido E As Suas Implicações Na Subjetivação Do Aluno Universitário. *Kátia Verônica Coutinho D'Aguiar** (Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE)*

O presente trabalho é fruto de uma pesquisa que teve como objetivo investigar os sentidos que são produzidos nos textos escritos pelos alunos quando encontram na sala de aula, uma proposta pedagógica centrada na leitura e na escrita, através da utilização do Método (Con)texto de Letramentos Múltiplos. Com base nos motivos que os escritores célebres apresentam para a escrita de suas obras, organizou-se os sentidos da escrita em doze categorias distintas: 1) escreve-se como estímulo ao pensamento; 2) escreve-se como necessidade vital e existencial; 3) escreve-se para desvelar a si mesmo; 4) escreve-se pelo prazer; 5) escreve-se para conhecer o mundo e aprender; 6) escreve-se pelo poder; 7) escreve-se como intelectualização; 8) escreve-se para celebrar; 9) escreve-se como um artesão de palavras; 10) escreve-se como catarse, escreve-se como terapia; 11) escreve-se para se compreender o humano e 12) escreve-se para protestar, para ter liberdade e esperança. A partir dessas categorias de análise, a pesquisa investigou os significados que o aluno constrói a partir de sua escrita espontânea em sala de aula. A experiência de quatro alunos nas disciplinas Psicologia da Educação I e II, de um curso de licenciatura da Universidade Estadual do Ceará é analisada. 64 textos-sentido produzidos por esses alunos, durante um ano letivo, serviram como documento de análise. Investigou-se o sentido da participação dos alunos em sala de aula resultado de suas experiências com o método adotado e as repercussões dessa experiência nas suas vidas. Os resultados demonstram que os alunos atribuem à escrita um sentido de propiciar um estímulo para o pensamento, uma forma de diversão, um modo de reflexão sobre a vida pessoal quando se integra passagens do passado com as situações do presente, desconstruindo as aprendizagens anteriores e como forma de modificação de sua postura diante de novos acontecimentos no presente. A escrita é vista como um instrumento de comunicação interpessoal, de modo a não provocar na pessoa que escreve, reações negativas que lhe impeçam o contato com o outro. O ato de escrever é visto como um ato de objetivação dos projetos de vida, uma forma de demarcar e estabelecer formas de decisão e ação, um instrumento de auto-conhecimento e de modificações pessoais. Os dados coletados sugerem que a escrita espontânea do texto-sentido produzida pelos alunos nas disciplinas estudadas, combinada com o trabalho desenvolvido a partir do Método (Con)texto de Letramentos Múltiplos promovem efeitos na aprendizagem, no processo de auto-conhecimento, funcionando a escrita como meio artístico e de interlocução, exercendo efeitos na modificação de comportamentos pessoais e interpessoais, estimulando a reflexão sobre a vida pessoal e acadêmica de quem escreve, facilitando a tomada de decisões de vida e promovendo uma maior compreensão e respeito pelo comportamento interpessoal dos alunos. Ela ajuda a construir no aluno um sentido de ser sujeito inserido em um meio social, instaurando um sentido de compromisso pessoal e coletivo de sua existência.

Palavras-chave: Escrita espontânea; Método (con)texto; Transformação pessoal

SC 21.3 A Palavra Assumida Pelo Leitor No Texto-Sentido. *Maria Soares de Araújo** (Universidade Vale do Acaraú, Sobral, CE)*

O texto-sentido (palavra oral ou escrita no processo interativo de leitura), fundamentado no método (con)texto de letramentos múltiplos, surge como um processo ativo de leitura, facilitando a vida do leitor, permitindo-lhe assumir a palavra, buscando sua autonomia pessoal, possibilitando o diálogo, o resgate à dignidade, a liberdade de expressão. O texto-sentido tem uma finalidade diversa do texto-não-sentido (texto-eco, descontextualizado da vida do aluno, interlocutor à distância, interação vedada). Este obriga o aluno selecionar vários trechos do texto original, que amontoados desfiguram a forma textual original e deixam de veicular sentido, ou quando muito se esforçam para remendar trechos da narrativa lida. Isto leva o aluno para o mundo da amargura, da insegurança, perda da autonomia pessoal sem motivação para a leitura. O uso do texto-sentido na sala de aula tem como propósito motivar o leitor a desenvolver suas potencialidades de leitura e escrita, exteriorizar sentimentos, trazendo à tona lembranças gratificantes e construtivas ou que evoquem humilhações no percurso de sua vida enquanto sujeito-leitor, inserido na cultura acadêmica. Experienciando o texto-sentido com um grupo de dez leitores do oitavo período de um curso de Licenciatura em Letras, percebe-se a influência predominante do bloqueio destes de assumir sua autonomia pessoal no uso da palavra (texto-sentido) ao expor seus sentimentos e idéias. Assim analisa-se como sujeitos, inibindo-se numa cultura acadêmica do silêncio, da omissão, da negação e indeterminação do sujeito-leitor, ora se omitindo ora se contextualizando no outro. Usando o texto-sentido nesta pesquisa, pode-se perceber o desempenho do aluno-leitor no desenvolvimento de suas potencialidades cognitivas e emocionais, aumentando sua auto-estima, modificando seu caráter. O sujeito-leitor deixou de ser espectador e tornou-se interpretante, planejando suas idéias, interagindo com o texto, compartilhando suas idéias com seus colegas de sala, buscando o consenso do grupo. Esta atitude veio amenizar o sofrimento do sujeito-leitor, inserido na cultura do silêncio, do individualismo, da descontextualização da linguagem acadêmica, na busca do sujeito-leitor contextualizado no texto, presente na construção das idéias, socializado com o grupo e consciente de si mesmo na cultura do diálogo, da palavra. O aluno é submetido a leitura de duas narrativas e solicitado a escrever um texto-sentido individualmente, depois em sala de aula é convidado a ler e ouvir os outros colegas, questionando, dialogando, gerando idéias, ajudando um ao outro na busca de facilitar a compreensão do texto lido, depois é convidado a expressar suas dificuldades, frustrações e/ou satisfação. A maioria dos colaboradores desta pesquisa são alunos que trabalham, estudam e ainda se deslocam de cidades circunvizinhas para a Universidade, num percurso de duas a três horas de viagem numa zona rural. Através do Método (Con)texto passaram a vivenciar o estudo do texto de maneira sadia, alegre e motivadora. Antes eram rebaixados, tímidos, sonolentos, isolados, inibidos, silenciosos e sofriam de uma baixa auto-estima judiante. Após vivenciarem este método, além de desabafarem suas mágoas, ganharam auto-estima e se socializaram com o grupo, resgatando sua dignidade. Assim o biológico (pensamento-emoção) interage com a simbologia (linguagem-representação) e com a cultura (identidade, escrita convencional versus escrita excepcional).

Palavras-chave: Leitor; Palavra; Interação

SC 21.4 O Texto-Sentido Nas Organizações E A Sua Aplicação No Desenvolvimento De Gestores. *João de Arruda Câmara Rodrigues** (Caixa Econômica Federal, Fortaleza, CE)*

A utilização dos texto-sentido no contexto organizacional surgiu quando do lançamento de um novo produto com uma série de particularidades especiais que necessitava de um workshop para o lançamento do mesmo dentro da empresa. Foi elaborado um diagnóstico para implantação do produto e foram detectadas três dimensões a serem trabalhadas: a dimensão inovação (análise dos principais pontos inovadores em relação ao conjunto de atividades normais das equipes), dimensão motivação (significado de cada ação que pode impactar na energia das equipes) e a dimensão operação (fluxo operativo e detalhamento de atividades e tarefas que as equipes deverão desempenhar). As dimensões de inovação e motivação apresentaram um grau de complexidade maior pois, o incremento do número de variáveis inovadoras implicariam na sua receptividade e mudanças de paradigmas que levariam a uma postura de reflexão e reposicionamento frente a novos desafios. Neste contexto surgiu a idéia da utilização dos texto-sentido como base de discussão de temas como: "Diálogo e Transformação Organizacional", "Liderança", "Lançamento de Novos Produtos", "Novas Competências" e "Como resolver a exclusão digital". Dentre as políticas de RH as ações de seleção e desenvolvimento deverão promover o desenvolvimento das competências essenciais ao alargamento dos resultados na empresa onde os gestores participarão de forma ativa na qualificação de suas equipes. Considerando-se que os gestores têm um papel de desenvolvimento das equipes de forma permanente e alinhados com um cenário de transformação sócio-econômico, os mesmos precisam desenvolver uma filosofia e postura que evidenciem uma atuação como líder-educador dentro da organização. Utilizou-se nesta pesquisa o Método (Con)texto de Letramentos Múltiplos com a composição do texto-sentido e considerou-se que esta ferramenta de comunicação e expressão da palavra facilitaram o processo de sensibilização a práticas inovadoras. Com base nesta primeira experiência partiu-se então para elaboração de um projeto que tivesse como base a utilização dos textos-sentido voltados para os seguintes objetivos: capacitar e sensibilizar profissionais para formar e desenvolver equipes voltadas para o bom atendimento; e possibilitar uma possível multiplicação de conhecimentos e aprimoramento de habilidades e atitudes que facilitem aos professores um crescimento /desenvolvimento pessoal e de suas equipes. Em uma segunda fase, o Método (Con)texto foi aplicado em um grupo composto por 15 gestores trabalhando conteúdos relacionados com a construção/desenvolvimento de um líder-educador em encontros semanais de duas horas de duração. O método utilizado será visto à expressão da

sentimentos, idéias e pensamentos através de diferentes formas de composição de sentido. Os resultados preliminares desta pesquisa apontam novos caminhos para o futuro organizacional através do desenvolvimento da criatividade, da construção do líder leitor-escritor, da promoção do diálogo, e da adaptação às mudanças.

Palavras-chave: Gestores; Inovação; Leitura/escrita

SC 21.5 VOZ E CONTEÚDO NA COMPOSIÇÃO DO TEXTO-SENTIDO. *André de Carvalho Barreto* (Universidade de Fortaleza. Fortaleza, CE)

O presente estudo de caso apresenta a experiência do aluno Xavier na produção de textos-sentido em uma disciplina de graduação do curso de psicologia. Xavier se julgava uma pessoa tímida, mas observadora. Gostava de ficar observando os outros e suas ações. Preocupava-se bastante quando expressava as suas idéias, sentindo-se podado. Com a entrada de Xavier na disciplina Psicologia Social II, onde era aplicado o Método (Co)Textos de Letramentos Múltiplos que tinha como um de seus preceitos a atitude de "não julgamento", ele se sentiu livre para expressar suas experiências individuais aos demais colegas. Julgava que em especificamente nesta disciplina, o seu lugar predileto para trabalhar essa timidez, onde se sentia a vontade para ser voz ativa, tomando atitudes como esquecer-se da cadeira, ir à frente da sala e ler seus textos-sentido para os colegas. Sentia-se bem ao receber as respostas por escrito e verbais oriundas tanto do professor como dos outros alunos, algo de que sentia falta quando escrevia textos em outros ambientes. Nesta disciplina, Xavier adquiriu espaço para ver e compartilhar com os outros, os seus anseios e suas dúvidas. Apesar de achar que a sala de aula continha um número grande de alunos e que faltava uma maior unidade entre eles, achava que a atitude de "não julgamento" permitia a expressão de sua voz. Levou à sala de aula os seus questionamentos, encontrando como resposta a identificação dos colegas, o que lhe deu segurança, fazendo-o ver que não era o único "detentor de idéias" e de "conceitos pré-concebidos", levando-o inclusive a analisar e questionar as suas próprias idéias. Suas idéias diziam com uma intensidade muito grande, pois tudo fazia com que ele refletisse no contexto da disciplina - os textos dados pelos professores, as ações dos colegas. Tudo isto o levou a um auto-conhecimento, ao conhecimento de seus próprios valores. A partir desse momento, ele sentiu uma liberdade para pensar e, principalmente, para expor esses pensamentos em sala. Um dos fatores que, segundo ele, possibilitou essa liberdade foram as reuniões entre os entrevistados desta pesquisa. Para ele, esse momento era tido pois existia uma maior "unidade", que permitia que ele ficasse motivado a falar e expor suas idéias. Os resultados foram discutidos em uma ordem cronológica de textos-sentido produzidos pelo aluno, destacando alguns aspectos relativos à sua própria mudança de atitude, como: a aceitação de suas idéias e a manifestação destas aos outros, bem como a aceitação das idéias dos demais alunos em sala de aula e, principalmente, a experienciação do conteúdo trabalhado na disciplina. Os resultados, portanto, versam sobre como a escrita pode possibilitar a subjetivação do aluno, levando-o a romper o silêncio pessoal construído no decorrer da sua vida.

Palavras-chave: Leitura; Escrita; Experiência

SC 22/Psicologia Escolar e Educação
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, IMAGINÁRIO E EDUCAÇÃO

SC 22.1 A CRIAÇÃO DE UM IMAGINÁRIO DE CULPA - ADOLESCENTES E CASTIGOS ESCOLARES. *Elaine da Silva Gomes de Oliveira* (Faculdade de Educação – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ)

Estudos sobre a moralidade dos adolescentes não são novos para a psicologia, e o recurso à Teoria das Representações Sociais bastante válido. Moscovici percebe nas mesmo uma função relativa à elaboração de comportamentos e à comunicação entre indivíduos. Abric lhes atribui quatro funções. Ele fala de uma função de saber, que permite a compreensão da realidade; uma função de orientação, gerando o mantendo comportamentos e práticas sociais, uma função justificadora, em relação a posições e atitudes assumidas; a quarta função, a qual atribui relevo, é a identitária - responsável pela construção da identidade e pela guarda das especificidades grupais. Entrevistamos nove alunos da 5ª à 8ª séries de escolas públicas municipais do Rio de Janeiro, da faixa de doze a dezesseis anos, escolhidos aleatoriamente. Partimos de um estímulo verbal amplo: "Vamos conversar um pouco sobre disciplina e sobre os castigos mais aplicados na sua escola". As entrevistas foram gravadas e transcritas, formando um extenso texto constituinte do "corpus" da pesquisa. Aplicada a análise do discurso obtivemos significados redundantes, agrupados em três categorias retiradas dos estudos de Piaget - capacidade de levantar hipóteses, pensamento proposicional e isolamento das variáveis do problema (raciocínio combinatório e proporcionalidade). Em relação à capacidade de levantar hipóteses, as respostas evidenciaram uma "prática moral" da evitação dos castigos escolares. O medo de um comportamento moral pautado pela cooperação genuína faz com que os adolescentes se empenhem nessa análise, questionando quais os recursos e comportamentos viáveis para evitar castigos. Percebe-se a influência de uma "moral normativa interpessoal" ("moral do bom menino"), em que o comportamento visa ingressar admiração e simpatia dos demais. Quanto à categoria do pensamento proposicional, mais evidente do estabelecimento da consciência moral, incluíram respostas relativas à função dos castigos escolares. Verificou-se um nomeado realismo moral, apontando para soluções imediatas trazidas pelos castigos: permite ao professor dar a sua aula, fazer a escola funcionar direito, dominar os adolescentes (que já não são mais "bobões como os pirralhos"), por exemplo. A finalidade maior, de desenvolver princípios éticos, que regem as leis sociais, permitindo aos jovens criticá-las e refletir sobre elas, quase não foi referida. No que diz respeito ao isolamento das variáveis envolvidas no problema, os resultados indicaram um quadro geral de rejeição ao uso dos castigos na escola, embora houvesse o reconhecimento da necessidade de regras definidas para que tudo não vire uma "zona", "bagunça", "muvuca", "zona", termos mais referidos para a situação anômica. Os jovens esperam do adulto-educador flexibilidade na aplicação de sanções, ressaltando a visão ainda heteronômica de ligar a punição à idéia de que o professor deseja vingar-se, a qualquer preço, de agentes sofridos. Algumas respostas já delinearam a passagem da idéia de justiça retributiva (baseada em sanções) para distributiva (baseada em cooperação mútua), aplicada segundo o princípio de equidade.

Palavras-chave: Representação Social; Imaginário Social; Moralidade do Adolescente

SC 22.2 COERÇÃO E SUBSTITUIÇÃO. *Nanci Soares Nunes de Azevedo* (Psicóloga da Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro)

A pesquisa está inserida numa abordagem sociocultural que tem como objetivo explicar as relações entre o funcionamento da mente humana e as situações culturais, institucionais e históricas nas quais esse funcionamento ocorre. Buscou-se, no trabalho a ser descrito, o aprofundamento do estudo das relações entre a emoção e as representações, assim como entre a cognição e a subjetividade. Pretendeu-se indicar formas pedagógicas que favorecem transformações nas atitudes e ações de professores e alunos em busca da ampliação de sua capacidade cognitiva. Esta, sendo entendida como a que permite a formulação do pensamento, levando em consideração a totalidade corporal da apreensão sensorial e os afetos. Tem como fundamento a idéia de imaginário social de Castoriadis (1982), onde se destacam os conceitos de imaginário instituído e imaginário instituinte.

Os sujeitos da pesquisa são professores da Rede Municipal do Rio de Janeiro e a metodologia apresenta a necessidade de lidar com diferentes técnicas para a coleta de dados e da análise de conteúdo (Bardin, 1977) para interpretação dos mesmos.

Após o estudo das representações sociais dos professores sujeitos da pesquisa sobre determinadas categorias, apresenta-se, num curso de 30 horas, aspectos da teoria de Henri Wallon em relação à emoção e ao desenvolvimento humano, utilizando-se metodologia que explora a sensibilidade. Após isto, novas representações, coleta-se as representações dos dois momentos e verifica-se possíveis alterações. Tem-se encontrado indicadores de uma ampliação na capacidade de abstração dos sujeitos.

Desta forma indica-se a necessidade de maior atenção e pesquisa em relação aos fatores pesquisados e a possibilidade de aprendizagem humana.

Palavras-chave:

SC 22.3 OS JOVENS FALAM DOS JOVENS. *Miriam Paura Sabrosa Zippin Grinspun* (Faculdade de Educação - Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ)

Trata-se da apresentação de uma parte da pesquisa intitulada Os valores dos jovens no contexto atual realizada com jovens das escolas públicas e particulares do Estado do Rio de Janeiro que tem por objetivo identificar e analisar os valores destes jovens num determinado contexto histórico e social. A questão dos valores que adjetiva/qualifica esta pesquisa condiciona tanto a noção dos valores numa dimensão filosófica, portanto estudando e analisando as diferentes filosofias e psicológicos que se debruçaram com a temática. Do outro lado a análise dos valores contextualizando-os, historicamente, possibilitou verificar até que ponto os jovens elegem os valores ou os valores é que se voltam para os jovens. Em primeiro momento, procuramos observar quais as características desse contexto a partir de uma abordagem ampla, assinalando o cenário mundial/social onde aqueles valores ocorrem. Nessa dimensão consideramos a análise dos diferentes contextos onde o jovem vive e convive nas suas relações, enfatizando os aspectos da globalização, das novas tecnologias e a pós-modernidade, ressaltando aqui a questão da subjetividade. Na parte referente a este artigo, apontamos para questão da linguagem dos jovens e a sua estreita relação com o imaginário e simbólico através de suas formas de comunicação. Qual a representação da linguagem, hoje, dos jovens. Quais as atitudes frente a uma linguagem geral/universal e a sua própria linguagem? Que tipo de linguagem confere ao jovem status no grupo a que pertence? O jovem/sujeito se constitui e se constrói na linguagem, na medida em que a vivência do símbolo é constitutiva do sujeito pela linguagem, porque o símbolo é a mediação com o real. A estruturação do sujeito depende de outra ordem diversa daquela que era presidida pelo meio. Constatou-se que os jovens têm uma linguagem codificada que tem seu vocabulário específico de acordo com os grupos ao qual pertencem e que muitas vezes a não tradução constitui-se numa forma de manter o grupo mais fechado e pensamentos mais unido. A linguagem constrói uma condição necessária para interiorizar as ações, mas só ela não é suficiente, pois, sem as ações não haveria operações a interiorizar. O que estrutura a relação intersubjetiva é a busca pelo sujeito do desejo do outro, que muito poderá ser atingido como desejo próprio, pois que desejo é sempre o desejo do outro. De acordo com Bakhtin, cada época e cada grupo social tem seus fundos de discurso ou compreensão sócio-ideológica. A enunciação não é individual, mas sempre o produto da interação de indivíduos socialmente organizados. Pesquisou valores que estão subjacentes à linguagem dos jovens, forma-

se uma tarefa significativa enquanto poderá contribuir para o professor e para a educação, em geral sobre a especificidade da linguagem que faz parte da construção da subjetividade. As interações do jovem com o contexto onde ele interage são relevantes no sentido de se perceber o papel fundamental da linguagem nesse processo de interação. A pesquisa demonstrou esta afirmação.
Palavras-chave:

SC 22.4 A Cola Na Ótica Das Representações. *Mary Rangel (Departamento de Estudos Aplicados ao Ensino, da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, RJ)*
Este estudo baseia-se na pesquisa sobre Cola: o contraponto da avaliação, implementada por alunos do Curso de Pedagogia das Faculdades de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e da Universidade Federal Fluminense. O problema configurou-se na questão da "cola" e nas dimensões, de acordo com a teoria moscoviciana, de sua representação, nas quais foram analisadas informações sobre significados e práticas de "colar". Essas informações foram discutidas numa perspectiva de avaliação mais ampla e menos lesiva e discriminatória, como também num sentido de superação de representações por conceitos mais críticos e fundamentados, observando-se oportunidades de ressignificações e redirecionamentos. Os sujeitos deste estudo foram alunos e professores de duas escolas básicas (ensino fundamental e médio) do Município de Niterói/RJ, sendo uma da rede pública estadual e outra da rede privada, e foram escolhidos por sua disponibilidade (tempo e interesse) em participar. Formaram-se grupos de 60 (sessenta) alunos e 38 (trinta e oito) professores em cada escola, optando-se, pelos anos de experiências no cotidiano escolar, por níveis mais adiantados: 8ª série do ensino fundamental e 1ª e 2ª anos do ensino médio, com distribuição numérica equitativa, por série. Quanto ao sexo, a distribuição geral foi de 47 (quarenta e sete) alunos e 29 (vinte e nove) professores, e 73 (setenta e três) alunas e 47 (quarenta e sete) professoras. A idade dos alunos variou de 14 (quatorze) a 18 (dezoito) anos e a dos professores de 20 (vinte) a 42 (quarenta e dois) anos. A técnica usada para a coleta de dados foi a entrevista, com indagações sobre concepção, práticas, "julgamento" e motivos da "cola". A análise comparativa de dados (pelos grupos de alunos, professores, idade, sexo, escolas), com tratamento qualitativo, associado a cálculos de percentuais de frequência, foi realizada através do método de análise de conteúdo, examinando-se as dimensões e núcleos da representação. Os achados apontaram a "cola" como "contravenção" e "escape" de "erros", que remetem em notas que "reprovam", merecendo, consequentemente, a nota "nula" (zero) e a "anulação da prova", como "punições". As imagens de "contravenção", "punição", "anulação" e "erro" (tanto o que se tenta evitar pela "cola", como o "erro" da atitude que se pratica pelo ato de colar) são nucleares no campo da representação. Encontram-se, nas práticas, a criatividade em termos de "gestos" e "sinais" de comunicação, assim como, neste caso restrito à escola particular, a "cola eletrônica", pelo uso do celular, com mensagens em textos, relógios, com acesso à Internet, e "bip". Discutiram-se, então, as possibilidades de ressignificações, pela superação do "erro/contravenção" a ser "punido" e do "ato/resultado" da contravenção a ser "anulado", por alternativas de aproveitamento e redirecionamento de suas práticas, sua criatividade, suas motivações, no processo de aprender-ensinar.
Palavras-chave: Representação social; "Cola"; Avaliação

SC 22.5 A Sala De Aula. Um Estudo Do Imaginário Dos Alunos. *Sueli Barbosa Thomaz (Universidade do Rio de Janeiro - UNIRIO)*
Este trabalho é parte integrante de uma pesquisa, mais ampla, que envolve a cultura organizacional da escola, preocupada com a organização das turmas, as reuniões pedagógicas e as reuniões de pais. Trata-se de um estudo exploratório, numa abordagem fenomenológico-compreensiva, envolvendo estas três práticas formais-ritualizadas no cotidiano de dez escolas do Ensino Fundamental, na cidade do Rio de Janeiro. Parte-se do pressuposto de que o cotidiano é o lugar de manifestação do simbólico e que essas práticas simbólicas são organizadoras do real. Neste sentido, a apreensão do imaginário do aluno, relativo à organização das turmas deu-se através de análise de desenhos. Trabalhou-se com a concepção de imaginário de Gilbert Durand, enquanto conjunto de imagens que constitui o capital pensado do homem sapiens, que se estende do inconsciente ao consciente, do sonho e da fantasia ao pensado e do irracional ao racional. Desse modo, foi possível apreender as imagens positivas e negativas da sala de aula, usando as orientações de Bruno Duborgel que são: a estrutura espacial, as cores e a temática dos desenhos, categorias que permitem a descrição de um trajeto complexo, rico de modificações e de transformações. A estrutura espacial não corresponde pura e simplesmente à do pensamento geométrico. A escolha das cores pode ser polarizada em diferentes graus de exigências pela conformidade ao real, revelando a fantasia ou o uso de um código simbólico. A temática apresenta-se como harmonia natural (representação mais ou menos mítica de um modo de ser no mundo com relação a si, aos outros e à natureza, expressa em imagens de tonalidade maternal e de repouso) e do poder (representação que mobiliza, ao mesmo tempo ou separadamente, as temáticas dos poderes (dominador, do poder real, do campeão, do herói). Os desenhos permitiram apreender: o tamanho do aluno em relação ao tamanho da escola e da sala de aula; a localização do aluno no espaço escolar; a reprodução da sala de aula tal como o aluno a percebe: o aluno sozinho; rodeado de colegas; junto ao professor; a disposição do mobiliário escolar; os semblantes dos alunos, por vezes alegres, por vezes tristes; imagem positiva e negativa da escola; imagens com tom maternal; a figura de poder do professor, desproporcionalmente grande; o professor, simbolizando a autoridade; salas de aulas sem aluno e sem professor, com cadeiras e carteiras organizadas de modo retilíneo, horizontal, impedindo qualquer vivência grupal. Esse é o modo como os alunos vivem, sentem e se percebem na sala de aula. Acredita-se que os desenhos revelam, em sua maioria, o universo da sala de aula, tal como é percebido e representado pelos alunos, como um espaço-tempo que não tem valorizado as relações, os interesses, as necessidades e as aspirações dos alunos. Isto leva a crer que a organização da escola envolve cultura e poder numa dimensão dependente, inter-relacionados, importantes, para compreender as causas de fenômenos aparentemente inexplicáveis, que têm comprometido a qualidade do processo educativo.
Palavras-chave:

SC 23 Psicologia do Desenvolvimento
PROCESSOS DE DESENVOLVIMENTO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA: ABORDAGEM TEÓRICAS E METODOLÓGICAS E INTERVENÇÃO EM LINGUAGEM BASEADOS NO ENSINO NATURALÍSTICO

SC 23.1 Conversando Sobre Fotos, Vídeos E Eventos Diários Usando Sistema De Comunicação Alternativa E Ampliada. *Leila Regina d'Oliveira de Paula Nunes, Shirley Tabet, Rita C. Rodrigues, Soraya Madeira, Fernanda Almeida, Ana P. Magalhães, Ester de Freitas, Izaura de Almeida (Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Rio de Janeiro – RJ) e Kely Pereira de Paula (Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Universidade Federal do Espírito Santo)*
Cerca de uma em cada duzentas pessoas é incapaz de se comunicar através da fala devido a fatores neurológicos, físicos, emocionais e cognitivos. Para esses indivíduos, a única forma viável de comunicação consiste no emprego de sistemas alternativos compostos de símbolos pictográficos, ideográficos e arbitrários. Os termos comunicação alternativa e ampliada (CAA) são usados para definir estas outras formas de comunicação que substituem ou suplementam as funções da fala. Ainda que o emprego desses sistemas seja essencial para o desenvolvimento dos portadores de distúrbios da fala, sua comunicação nem sempre ocorre a contento. Diálogos entre usuários de CAA e seus interlocutores são marcados por diferenças nas formas de comunicação, pois enquanto os interlocutores usam predominantemente a linguagem oral, os usuários de CAA empregam comunicação multimodal que inclui, além dos sinais gráficos, gestos, expressões faciais e vocalizações (von Tetzchner e Martinsen, 1996). Contudo, a característica mais marcante, e provavelmente a mais deletéria é a baixa expectativa de seus interlocutores na sua capacidade em veicular novas informações e produzir mensagens complexas através de sentenças compostas por múltiplos símbolos/palavras. Sob a perspectiva evolutiva, um importante marco no processo de aquisição da linguagem, refere-se à transição de sentenças composta por um único símbolo/palavra para aquelas formadas por múltiplos símbolos/palavras. Teóricos como Bruner (1983) e Vigotsky (1984) têm mostrado que a criança adquire linguagem através da interações sociais cotidianas, nas quais o membro mais competente provê um suporte (scaffold) para ela, ajustando o ambiente e permitindo assim sua participação e atuando, deste modo, em sua zona de desenvolvimento proximal. Os objetivos do estudo foram: a) analisar a produção linguística de dois adolescentes portadores de paralisia cerebral e leve deficiência mental e usuários de sistema gráfico de comunicação alternativa e b) identificar e verificar os efeitos de estratégias empregadas por seus interlocutores para manter diálogos significativos com ambos os sujeitos. O estudo durou 7 meses com Antonio, e 11 com Flávio. Em diversas fases, os jovens foram convidados a descrever fotos da família, a relatar as cenas de comerciais, vídeo clips, ou trechos de filmes na TV e a narrar passagens interessantes de seu cotidiano atual e passado. Os dados do estudo mostraram que relatar e comentar sobre fotos, trechos de vídeos e narrar episódios reais de sua vida para pessoas que desconheciam a maior parte das informações veiculadas constituíram rica e estimulante oportunidade para Antonio e Flávio se engajarem em conversação real. Ambos os jovens utilizaram o sistema pictográfico de forma crescente, ainda que sua comunicação possa ser caracterizada como multimodal, conforme assinala a literatura (Soto, 1998). Confirmando os estudos da área, as sentenças exibiam, inicialmente, sintaxe diferente da língua portuguesa, mas graças à intervenção, ocorreu aumento gradativo de sentenças construídas dentro da sintaxe tradicional. Ao longo das sessões, seus interlocutores empregaram uma série de estratégias comunicativas de forma a compreender as holófrases que os jovens emitiam para expressar seu pensamento. A consistência na utilização das estratégias desempenharam um papel crítico na mudança na extensão das sentenças assim como na complexidade das categorias semânticas expressadas.
Apoio: FAPERJ, UERJ e CNPq
Palavras-chave: Paralisia cerebral; Linguagem; Comunicação alternativa

SC 23.2 Promovendo Aquisição De Linguagem Funcional Em Criança Deficiente Visual: Efeito De Treinamento De Mãe Em Procedimentos De Ensino Naturalístico. *Ana Cristina Barros da Cunha, M. Ed. Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro & Leila Nunes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.*

Crianças cegas e com deficiência visual constituem grupo de risco para ocorrência de atrasos de desenvolvimento, especialmente atrasos na área da linguagem. Logo, atrasos de linguagem em crianças deficientes visuais podem ocorrer devido à privação sensorial ou falhas na percepção de relações entre objetos e eventos do mundo. A proposta do presente estudo foi investigar o efeito de um treinamento de mãe em procedimentos de ensino naturalístico sobre a aquisição e o desenvolvimento da linguagem de uma criança deficiente visual com atraso de linguagem. A mãe Márcia, com 28 anos, e a criança Mônica, com 3 anos de idade no início do estudo, moravam em uma favela da cidade do Rio de Janeiro e freqüentavam uma clínica de Reabilitação para cegos e deficientes visuais, onde foi conduzida a pesquisa. A criança antes do treinamento da mãe solicitava objetos ou ajuda através de gestos e poucos sons vocais ("a,a"). Um delineamento experimental de linha de base múltipla foi usado de acordo com as seguintes fases: Linha-de-base, Treinamento, Intervenção, Generalização e Follow-up. A pesquisa teve a duração de doze meses, quando foram conduzidas sessões consecutivas na clínica de reabilitação e na casa dos sujeitos. Durante a fase de Intervenção, a mãe foi ensinada a usar os seguintes procedimentos de Ensino Naturalístico para promover aquisição de linguagem funcional em sua filha: Arranjo ambiental, Modelo, Mando-modelo, Espera. Os efeitos do treinamento foram observados a partir do desenvolvimento de habilidades de linguagem que a criança adquiriu ao longo do estudo, quando passou de vocalizações ("a, a") a utilizar sentenças de até 7 palavras para se comunicar com seus pares, familiares e demais pessoas do seu ambiente.

Palavras-chave:

SC 23.3 Análise Experimental Dos Procedimentos Naturalísticos O Processo De Aquisição De Linguagem Através De Sistema Pictográfico Em Criança Autista. *Débora Regina de Paula Nunes (Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro – RJ); Leila Regina d'Oliveira de Paula Nunes (Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro – RJ)*

O ensino da comunicação funcional para pessoas com precário repertório de interação social, como o autista, é um tema relevante em Educação Especial. Setenta e um porcento dos indivíduos não vocais portadores de autismo desenvolveram habilidades comunicativas apenas se foram expostos a formas alternativas de comunicação (Glennen, 1992). Programas de intervenção em linguagem desenvolvidos em contextos naturais, que utilizam reforçadores funcionais indicados pela própria criança e consideram as contingências naturais do ambiente têm se mostrado eficazes com essa população (Romski e Sevcik, 1992). Um menino autista não vocal de dez anos foi capacitado, através de procedimentos naturalísticos de intervenção em linguagem (Warren e Rogers-Warren, 1985), a utilizar um sistema pictográfico personalizado de comunicação. A pesquisa utilizou delineamento quase experimental intrasujeito, teve duração de dez meses e foi composta por seis estudos, divididos em três experimentos. O objetivo do Experimento I foi ensinar o participante a usar o sistema de símbolos em contextos naturais (momento da refeição e atividade de jogo) para solicitar objetos e ajuda. A meta do Experimento II e do Experimento III foi expandir os enunciados da criança adicionando um símbolo pivô ("eu quero") e pictogramas de adjetivos (cores). Os resultados da pesquisa indicaram a eficácia dos procedimentos naturalísticos de ensino no desenvolvimento da linguagem do menino. O indivíduo mostrou-se apto, ao término dos três experimentos, a utilizar os pictogramas em mais de 80% de seus enunciados nas atividades de jogo e alimentação. Houve também aumento dos indicadores espontâneos gestuais e simbólicos de interação do sujeito ao longo das três etapas da investigação.

Apoio: CAPES

Palavras-chave: Autismo; Linguagem; Comunicação alternativa

SC 23.4 A Comunicação Alternativa E O Ensino Naturalístico. *Kely Maria Pereira de Paula (Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Universidade Federal do Espírito Santo) e Leila Regina d'Oliveira de Paula Nunes (Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro)*

A linguagem tem um papel fundamental na construção do homem, na medida em que é um instrumento relevante em seu processo de intermediação com o meio social. Como a linguagem é utilizada para troca de informações, para a socialização e interação, pessoas acometidas por distúrbios da fala têm suprido limitações de comunicação através de Sistemas de Comunicação Alternativa e Ampliada (CAA) que implicam em estratégias que complementam ou substituem a linguagem falada, permitindo que a comunicação se estabeleça e abrangem desde gestos, Língua de Sinais, pranchas com alfabeto ou símbolos gráficos até sofisticados sistemas computadorizados.

O presente estudo teve como objetivo geral ensinar Joana, 10 anos de idade, portadora de deficiência múltipla a utilizar um sistema de comunicação pictográfico, viabilizando, através desse sistema, habilidades comunicativas importantes em uma conversação. Embora a criança possuísse boa capacidade de compreensão, o repertório comunicativo era representado primordialmente por gestos simples que indicavam objetos ou representavam necessidades como fome, sede ou desejo de sair, acompanhados, em geral, de vocalizações ininteligíveis.

Na fase inicial de avaliação verificou-se que, em situações novas e/ou de testagem, Joana se mostrava ansiosa, com maior descontrole motor, dispersão e comportamentos desorganizados. Estes dados forneceram subsídios para que a intervenção para aquisição e desenvolvimento de uma comunicação alternativa fosse fundamentada nas estratégias do Ensino Naturalístico (Nunes, 1992, 1997; Warren & Gazdag, 1990; Warren & Rogers-Warren, 1985) que ressaltam o ambiente natural da criança como local propício ao ensino das habilidades de linguagem e comunicação. Com base no interesse e na atenção da criança, toda a fase de ensino e intervenção, com o emprego de procedimentos preconizados pelo ensino naturalístico, ocorreu na residência de Joana durante 14 meses. Variações nos procedimentos naturalísticos - arranjo ambiental, modelo dirigido à criança, mando-modelo e espera - que representam a sistematização de estratégias que são naturalmente utilizadas pelas famílias para promover em seus filhos o aprendizado da linguagem e da comunicação, foram implementadas por ordem dos objetivos deste estudo.

Como um marco fundamental na aquisição da linguagem infantil consiste na transição de sentenças de uma só palavra ou símbolo para a construção de sentenças mais complexas com duas ou mais palavras ou símbolos gráficos (von Tetzchner, no prelo), um dos objetivos específicos deste trabalho foi o de treinar, além das funções básicas na comunicação como solicitação de itens desejáveis ou de ajuda, demais funções comunicativas como comentário, pergunta, resposta, saudação e interação. O presente trabalho foi subdividido em quatro estudos, os dois primeiros inseridos em uma metodologia quase-experimental e os dois últimos em uma abordagem descritiva, sendo desenvolvido no período de 1997 a 1998 na cidade do Rio de Janeiro.

Os resultados indicaram que a criança foi capaz, não apenas de solicitar itens e ações desejadas, mas também emitir funções comunicativas diversas (pergunta, resposta, comentário, interação, saudação) bem como generalizar tais habilidades para contextos diferentes fora do ambiente de treinamento, ou seja, para as situações de seu cotidiano, interagindo ainda com diferentes interlocutores. A análise funcional da produção lingüística indicou a construção de sentenças expressivas constituídas por três ou mais palavras/símbolos.

Palavras-chave: Paralisia cerebral; Linguagem; Comunicação alternativa

SC 23.5 Facilitando E Ampliando A Comunicação E Resíduos Da Fala Através De Sistema Computadorizado De Comunicação Alternativa Ampliada. *Maria Isabel Garcia de Araújo (Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro – RJ / Escola de Educação - UniverCidade - Rio de Janeiro - RJ); Leila Regina d'Oliveira de Paula Nunes (Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro – RJ)*

Na evolução humana, a linguagem representa um dos mais importantes marcos do desenvolvimento infantil. Dentre os fatores que afetam a competência comunicativa do ser humano, está a incapacidade para compreensão da fala e produção oral (Romski e Sevcik, 1992). Com efeito, a carência de habilidade para produzir fala pode colocar uma criança em distinta desvantagem de desenvolvimento. A presente intervenção teve como participante um menino de sete anos de idade com prejuízos no desenvolvimento cognitivo e da linguagem, oriundo de família de baixa renda, freqüentando uma classe especial para retardo mental de uma escola pública do Município do Estado do Rio de Janeiro. A pesquisa foi composta por 3 estudos, teve a duração de 8 meses e baseou-se no ensino naturalístico (Warren e Rogers-Warren, 1985). Os dois primeiros utilizaram delineamento quase experimental de sujeito como seu próprio controle e tiveram como objetivo propiciar o uso do sistema computadorizado de comunicação alternativa ImagoAnaVox (Capovilla e cols.,1993, 1996), personalizado de acordo com os princípios do Sistema de Comunicação Alternativa Ampliada (CAA), o qual visa promover e complementar a fala, garantindo uma forma alternativa de comunicação, se o indivíduo não se mostrar capaz de desenvolver a linguagem oral. O terceiro tratou-se de um estudo descritivo, no qual analisou-se os registros realizados pela mãe sobre a fala de seu filho no ambiente familiar. Os resultados do Estudo 1 demonstraram que a criança tornou-se apta a utilizar o sistema computadorizado de comunicação alternativa (com pictogramas) com o objetivo de obter o brinquedo desejado, assim como, ampliou sua capacidade comunicativa oral e gestual. No Estudo 2 a criança aprendeu a construir sentenças significativas através do sistema computadorizado com mais de dois elementos utilizando com maior freqüência substantivos, seguidos de verbos, pronomes e adjetivos. No Estudo 3 o sujeito ampliou sua comunicação oral, chegando a utilizar sentenças com mais de três elementos significativos no cotidiano familiar.

Apoio: CNPq

Palavras-chave: Desenvolvimento cognitivo; Linguagem; Comunicação alternativa

SC 23.6 Usando A Comunicação Alternativa Na Brinquedoteca E Na Sala De Aula. *Maria de Fátima Gonçalves da Cunha (Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro – RJ); Leila Regina d'Oliveira de Paula Nunes (Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro – RJ)*

Portadores de paralisia cerebral que não são capazes de se expressar oralmente podem se beneficiar do uso da comunicação alternativa e ampliada (CAA) em suas interações sociais (Glennen, 1997). Os objetivos do estudo foram ensinar um portador de paralisia cerebral de 9 anos a empregar um sistema pictográfico de comunicação alternativa em uma Brinquedoteca e verificar os efeitos do uso deste sistema pelo sujeito em uma classe de alfabetização de uma escola municipal do Rio de Janeiro na qual se encontra integrado. A

pesquisa, realizada em uma abordagem de ensino naturalístico (Kaiser, Hemmeter & Hester, 1997), se deu em três etapas: 1) Avaliação do sujeito e de seus brinquedos preferidos na Brinquedoteca, seleção dos pictogramas para a prancha de comunicação alternativa ; 2) Elaboração da prancha e inserção da mesma nas atividades da Brinquedoteca. 3) Observação dos processos interativos em sala de aula, com o emprego da prancha. Os dados mostraram que: a) o brincar constituiu um propulsor do desenvolvimento da linguagem e facilitador da implantação do sistema de CAA, b) os procedimentos de ensino naturalístico favoreceram a aprendizagem do uso do sistema de CAA, c) o emprego do sistema de CAA permitiu a ampliação das possibilidades comunicativas do sujeito, d) diferentes formas de interação surgiram durante o uso da prancha com os colegas da turma, ampliando as possibilidades de integração, e) o sistema de CAA foi compreendido e utilizado pelos colegas para se comunicar com o sujeito, f) os colegas ajudaram o sujeito na organização de sequências com a prancha, g) o sistema foi compreendido pelos colegas como a fala do sujeito.

Apoio: UERJ

Palavras-chave: Paralisia cerebral; Linguagem; Comunicação alternativa

SC 24/Psicologia Organizacional e do Trabalho
SIGNIFICADOS DO TRABALHO: DIVERSAS OCUPAÇÕES E ETAPAS DA VIDA

SC 24.1 Continuidade e Descontinuidade da Atividade Ocupacional e Velhice. *Juliana Cláudia de Figueiredo Melo** e Francisco José Batista de Albuquerque, (Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB)*

Objetivou-se estudar a continuidade e descontinuidade da atividade ocupacional e a velhice em uma cidade rural, tomando por base referências da psicologia social e de autores que se debruçam sobre o estudo de práticas socioculturais. A consideração da velhice como uma categoria socialmente construída faz refletir sobre o envelhecimento não apenas como condição universal de todos os indivíduos, mas como um fato psicossocial e histórico, que assume feições distintas a depender do contexto em que ocorre. A observação do mundo do trabalho enfatiza as diferentes formas que têm os sujeitos de consolidar suas atividades de trabalho. O significado oferecido ao trabalho pelos sujeitos ao longo de sua existência se reflete na continuidade e descontinuidade da atividade ocupacional na velhice. O trabalho enquanto sistema de referência permite situar o indivíduo no tempo e espaço, mediante a construção de rotinas e das relações que se estabelecem e configuram o engajamento social propriamente dito. Quando a desvinculação do mundo de trabalho se dá de forma abrupta, a velhice poderá ser associada à deterioração. Os idosos, para quem o trabalho se constitui ora um fim em si mesmo, encontram-se mais propensos a dar continuidade à atividade ocupacional mesmo mediante a chegada da terceira idade ou a descontinuá-la com suavidade. Na medida em que as passagens se estruturam de forma mais contínua, os idosos poderão ressignificar as perdas advindas do pós trabalho, guardando nas gavetas da memória fragmentos de uma trajetória de trabalho. Participaram desta investigação 214 idosos, homens e mulheres, com idades entre 60 e 80 anos, com renda familiar de até três salários mínimos e no máximo seis anos de escolaridade. O procedimento para a coleta de dados em uma cidade rural demandou além de habilidades técnicas peculiares às investigações científicas, habilidades sociais. Aplicados individualmente, os questionários funcionavam como uma entrevista dirigida, cujas perguntas obedeciam a uma sequência lógica. Foram feitas em tom de conversa, numa linguagem o mais próximo possível do linguajar local, para assim facilitar a compreensão dos entrevistados. Esta pesquisa revela que os idosos que desenvolvem atividade ocupacional agrária encontram mais significado no desenvolvimento de sua ocupação, dando maior continuidade do que os que desenvolvem atividade fabril. A constatação de que, numa cidade rural, os idosos com atividades ocupacionais urbana ou agrária vivenciam diferentemente a velhice, aponta para a necessidade de se considerar as singularidades da velhice, levando em consideração as distintas inserções sociais e econômicas e a relação existente entre velhice, gênero e trabalho, com vistas à construção de uma noção mais abrangente desta etapa da vida humana, além de sugerir a revisão de práticas e políticas voltadas para o idoso.

Trabalho financiado pela CAPES

Palavras-chave: Velhice; Atividade Ocupacional; Trabalho

SC 24.2 Trabalho Doméstico: Uma Trajetória Silenciosa de Mulheres. *Suzana Canez da Cruz Lima (Universidade Católica de Brasília, Brasília, DF)*

Este estudo desenvolve uma análise da vivência da mulher no trabalho doméstico, investigando qual o lugar de mulher construído a partir desta prática, tendo como questões norteadoras as formas de organização do trabalho, a construção de sentido, as formas de resistência e possíveis indicadores de sofrimento produzidos coletivamente. Delimitou-se a Saúde Mental e Trabalho como o nosso campo teórico, enfatizando sua articulação com as questões de gênero, contando com o apoio da Psicodinâmica do Trabalho de Christophe Dejours e colaboradores e da Sociologia do Trabalho e da Família. A partir deste referencial, adotamos o trabalho como fator constitutivo do ser humano, fator essencial de desenvolvimento como também de adoecimento, via para construir um lugar na sociedade, formas de ser e modos de vida que repercutem na própria imagem de si mesmo. Além disso, concebemos a construção desta prática como um processo histórico, contrapondo-se a uma leitura biologista e criticamos uma visão de sujeito genérico sem cor, sem sexo e sem classe social. Adotamos uma metodologia de caráter qualitativo que consideramos mais coerente com o objetivo de buscar uma análise dos significados presentes nesta prática. Realizamos entrevistas individuais e em grupo, do tipo semi-estruturada, com doze mulheres residentes da cidade de Pelotas/Rs, selecionadas a partir de uma amostra maior de um estudo anterior de autoria, utilizando, para o tratamento dos dados, o método de análise de conteúdo. A escolha destas doze mulheres respaldou-se nos seguintes critérios: serem casadas, com no mínimo dois filhos, donas de casa e estarem distribuídas em dois níveis de renda familiar: 1) até três salários mínimos e, 2) entre três e dez salários mínimos. Obtivemos um discurso de excesso de cuidado com a casa e seus moradores que interpretamos como uma estratégia defensiva contra a dor da falta de reconhecimento e de realização produzidas no trabalho doméstico. Além disto, acreditamos na exploração deste sofrimento pelo campo social. Concluímos que o trabalho doméstico não produz trabalhadoras, que a mulher no trabalho doméstico não tem o estatuto de quem trabalha e produz, o que confirma que tal atividade mantém-se invisível na produção social, reforçando o fenômeno da naturalização do papel da mulher na sociedade. Consideramos o trabalho doméstico uma atividade vital para o nosso bem-estar, nosso objetivo não é estigmatizá-lo, o que percebemos é a necessidade de revisá-lo enquanto uma prática histórica e acreditamos que o primeiro passo para sua transformação seja torná-lo visível, desvinculá-lo de sua "natureza", tirá-lo do universo oculto e tratá-lo como um tema do "mundo dos homens e das mulheres".

Palavras-chave: Trabalho; Saúde; Mulher

SC 24.3 A Mensuração da Motivação e do Significado do Trabalho: Um Estudo com Bancários e Profissionais de Saúde. *Lívia de Oliveira Borges (Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN) e Antônio Alves Filho (Universidade Potiguar, Natal, RN)*

A fragmentação e sobreposição dos construtos estudados no campo de estudo designado por comportamento organizacional bem como a maior facilidade de acesso aos programas de informática para o uso de técnicas estatísticas na análise de dados são aspectos que têm contribuído para o incremento na elaboração, coleta e validação de questionários que mensuram atitudes e aspectos afeto-cognitivos. Embora, nada sejam insuficientes os instrumentos disponíveis, é pertinente dirigir os esforços na construção de escalas mais abrangentes e, ao mesmo tempo, consistentes e/ou válidas. Desenvolveu-se, então, um trabalho de adaptação do IST (Inventário do Significado do Trabalho) tendo em vista, com o mesmo instrumento, identificar também a motivação no trabalho. Fundamentando-se na teoria da especificidade e na realização de entrevistas com bancários e profissionais de saúde, elaborou-se uma nova versão a qual se intitulou de Inventário da Motivação e Significado do Trabalho (IMST). A mensuração direta de dois componentes do significado do trabalho – atributos valorativos (características que definem como o trabalho deve ser) e descritivos (características que descrevem o trabalho como ele é) - acrescentou-se a mensuração de mais dois componentes da motivação no trabalho – expectativa (quanto se espera que um resultado do trabalho ocorra) e instrumentalidade (quanto o desempenho influi na obtenção do mesmo resultado). Para avaliar as qualidades psicométricas do IMST e explorar as diferenças de significados atribuídos ao trabalho e da motivação vivenciada por bancários e profissionais de saúde, aplicou-se o referido questionário, em Natal, a uma amostra de 642 participantes, sendo 487 profissionais de saúde e 155 bancários. Desenvolvida análise fatorial para cada componente dos fenômenos estudados, encontraram-se de 4 a 5 fatores e estimaram-se os coeficientes Alfa de Cronbach. Estes últimos, nos atributos valorativos, variaram de 0,67 a 0,91; nos atributos descritivos, de 0,63 a 0,86; nas expectativas, de 0,7 a 0,94 e, na instrumentalidade, de 0,72 a 0,92. Adicionalmente, estimaram-se os escores individuais por fator, constatando-se que bancários e profissionais de saúde se aproximam bastante nos escores dos fatores identificados nos atributos valorativos, mas diferem significativamente nos escores dos fatores dos atributos descritivos. A força motivacional do trabalho como um todo coincide com a mediana, porém os bancários são menos motivados, o que provavelmente está associado às questões de organização do trabalho e de redução do número de empregos. Desta forma, considerou-se as qualidades psicométricas do IMST satisfatórias e que os escores nos diversos fatores são sensíveis às diferenças das categorias ocupacionais. Entretanto, constatou-se também que alguns dos fatores dos atributos valorativos e descritivos apresentaram confiabilidade Alfa de Cronbach mais baixa do que no questionário original (IST) o que demanda a necessidade de ajustes no IMST tendo em vista seu aperfeiçoamento.

Apoio do CNPq a primeira autora é bolsista de produtividade.

Palavras-chave: Trabalho; Bancários; Profissionais de Saúde

SC 24.4 O Significado do Trabalho entre Jovens Graduandos e Recém-Graduados Universitários. *Simone Lopes de Melo** e Lívia de Oliveira Borges, (Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN)*

As transformações no mundo do trabalho caracterizam-se, de um lado, pela inovação na tecnologia e na gestão e, de outro, pela geração de empregos instáveis e precários, engendrando um novo modelo de inserção do jovem na sociedade, mediante exigências de melhores qualificações e aumento da competitividade. Por conseqüência, são muitas as dúvidas geradas sobre o processo de atribuição de significados ao trabalho. Na Psicologia

Organizacional e do Trabalho, consolidou-se uma linha de pesquisa que entende o significado do trabalho como multifacetado, dinâmico e de determinação complexa. O presente estudo, focalizando três facetas do significado do trabalho – centralidade do trabalho (importância atribuída ao trabalho quando relacionada a outras esferas de vida), atributos valorativos (características atribuídas ao trabalho que definem como este deve ser) e atributos descritivos (características concretas percebidas do trabalho) – objetiva comparar-las entre os jovens por grau universitário (graduando e recém-graduado), por área (humanística e tecnológica) e por curso (Arquitetura, Ciências da Computação, Direito, Fisioterapia, Medicina e Psicologia). Identificou-se o jovem, utilizando-se os seguintes critérios: superação das mudanças biopsicossociais da adolescência, definição profissional, grau de autonomia pessoal na família e nível de construção da independência financeira. Aplicaram-se, em 117 jovens, uma questão direta sobre a centralidade do trabalho, outra sobre centralidade do trabalho relativa às demais esferas de vida (família, lazer, religião e comunidade) e duas partes do ISMT (Inventário do Significado e Motivação no Trabalho): uma referente aos atributos valorativos e outra, aos atributos descritivos. No ISMT, os atributos valorativos são mensurados conforme cinco fatores – Justiça no Trabalho, Desgaste e Desumanização, Realização, Bem-estar Sócio-econômico e Auto-expressão – e os descritivos, conforme também cinco fatores – Auto-expressão, Responsabilidade e Dignidade, Desgaste e Desumanização, Recompensas Econômicas e Condições de Trabalho. Para desenvolver as análises estatísticas, registraram-se as respostas na forma de banco de dados do SPSS (Statistical Package for Social Science) for windows. Os resultados do Teste T indicam que (1) graduandos e recém-graduados não apresentam médias com diferença estatisticamente significativa ($p<0,05$) na atribuição de centralidade absoluta e relativa do trabalho; (2) mas os jovens graduandos apresentam maiores pontuações em desgaste e desumanização no trabalho, seja como fator valorativo ($t = 2,31$ para $p = 0,02$), seja como fator descritivo ($t = 1,99$ para $p = 0,05$); (3) enquanto os recém-graduados percebem maiores recompensas econômicas ($t = -2,21$ para $p = 0,03$) do que os primeiros. Os resultados das Análises de Variância apontaram que: a área de conhecimento diferencia ($p<0,05$) os escores obtidos nos fatores valorativos de justiça no trabalho e de bem-estar sócio-econômico e os fatores descritivos de desgaste e desumanização, recompensa econômica e condições de trabalho; enquanto o curso de graduação diferencia os escores obtidos nos fatores valorativos justiça no trabalho, bem-estar sócio-econômico e auto-expressão e todos os fatores descritivos. Em suma, os jovens da amostra assemelham-se ao que se refere à centralidade do trabalho; e (b) o curso de graduação, mais do que o grau universitário e a área de conhecimento, diferencia os fatores dos atributos valorativos e descritivos entre os jovens.

Palavras-chave: Juventude, Significado do trabalho, Análise de variância

Apresentação

SC 24.5 QUALIFICAÇÃO E REPRESENTAÇÕES SOBRE SAÚDE E DESGASTE MENTAL NO COTIDIANO DO TRABALHO. *Lúcia Barcelos de Souza e Marco Antonio de Castro Figueiredo (Departamento de Psicologia e Educação da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP)*

Estudos sobre as relações entre organização do trabalho e saúde vêm apontando para os impactos do processo de alienação sobre o desgaste mental do trabalhador, que tem sua expressão nas formas como o trabalhador percebe e organiza suas relações com o "mundo fora do trabalho", que compõe um cenário importante para a análise das determinações do trabalho na vida cotidiana. Considerando estas dimensões, o objetivo deste trabalho foi analisar as formas de pensar o trabalho, contextualizando-as nas condições objetivas de vida, identificando as representações dos profissionais de saúde que predisponham à saúde ou ao desgaste mental, analisados com base no referencial do materialismo dialético. O levantamento de crenças e representações associadas ao trabalho e a caracterização do contexto social e familiar foram realizados a partir de entrevistas, semi-estruturadas, com 14 profissionais, de várias especialidades, que trabalham no Campus Universidade de São Paulo de Ribeirão Preto, equivalentes quanto ao sexo e à escolarização, que exercem diferentes atividades profissionais. Informações complementares sobre o contexto de vida foram obtidas com os resultados da aplicação do World Health Organization Quality of Life (WHOQOL-100), para avaliação da Qualidade de Vida, em sua versão adaptada para o português, seguida de entrevista devolutiva. A identificação de níveis de Qualificação Profissional foi realizada com base em avaliações dos sujeitos e 5 especialistas, sobre critérios de Rotinas, Indenização, Importância e Esforço. Os conteúdos das entrevistas foram analisados a partir da identificação de Unidades Temáticas, o que permitiu a síntese dos significados por tema abordado. A validade de conteúdo do instrumento de avaliação da qualificação profissional, com base no julgamento de 6 especialistas, permitiu classificar as atividades profissionais em três níveis de qualificação e definir os parâmetros para a auto-avaliação. A análise das crenças e representações apontou para diferenças entre dois subgrupos, definidos segundo a qualificação profissional, no que se refere às relações entre o trabalho e a vida cotidiana, sendo que para os profissionais Menos Qualificados estas relações pareceram determinar a sobrevivência, a melhoria de condições de vida e consumo e a intervenção do cotidiano, além da ampliação da rede de apoio social, o distanciamento de problemas pessoais e a oportunidade de reapropriação das escassos ativos engajados no enfrentamento das dificuldades da vida cotidiana. Os profissionais Mais Qualificados atribuíram para a representação do trabalho enquanto ameaça às relações sociais estabelecidas em outras esferas da vida social, gerada pelas formas de expropriação da disposição interna por meio de fatores presentes na organização do trabalho, principalmente pela não participação em decisões fundamentais e que dizem respeito à carreira profissional. Estas diferentes formas de perceber as contradições presentes nas relações entre o trabalho e o cotidiano, parecem mostrar as determinações da qualificação profissional sobre as formas de enfrentamento às dificuldades imediatas assim como nas perspectivas de autodeterminação do cotidiano.

Palavras-chave: Representações Sociais; Saúde Mental; Qualificação Profissional

Apresentação

SC 24.6 O PRAZER DE ENSINAR E AS IMPLICAÇÕES PARA O SIGNIFICADO DO TRABALHO: ESTUDO COM PROFESSORAS ALFABETIZADORAS DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO DF. *Carla Sabrina Antloga** e Ana Magnólia Mendes (Universidade de Brasília, Brasília, DF)*

O estudo tem como objetivo investigar o prazer e sofrimento de professoras que trabalham com crianças de 1ª a 4ª série. Parte do pressuposto que as vivências de prazer-sofrimento traz implicações para o significado atribuído ao trabalho e recebem influência do modelo de organização do trabalho. Esta organização compreende duas dimensões: uma relacionada ao conteúdo da tarefa e à divisão do trabalho e outra, relacionada às interações interpessoais do indivíduo no trabalho. O prazer é vivido quando a organização do trabalho oferece possibilidades para valorização e reconhecimento. Valorização é o sentimento de que o trabalho tem sentido e valor por si mesmo, é importante e significativo para a empresa; e o reconhecimento, o sentimento de ser aceito e admirado no trabalho e de ter liberdade para expressar sua individualidade. O sofrimento é vivenciado quando existe conflito entre a subjetividade do trabalhador e as restrições, pressões e imposições da organização. Desgaste é o sentimento de desânimo, descontentamento, aborrecimento, intelectual e apatia em relação ao trabalho; e insegurança o sentimento de temor de não conseguir satisfazer às imposições organizacionais. Participaram da pesquisa 30 professoras alfabetizadoras de uma escola pública do Distrito Federal. A idade média foi 33,9 anos (d.p. 8,58). O tempo de trabalho apresentou média de 11,8 anos (d.p. 7,85), e o tempo na atividade atual, média de 7,7 anos (d.p. 5,23). Todas as participantes tem especialização em alfabetização, grau exigido para trabalhar na escola, considerada referência estadual. Utilizou-se como instrumento a Escala de Indicadores de Prazer e Sofrimento no Trabalho, entrevistas individuais e coletivas semi-estruturadas. Numa primeira etapa, realizou-se cinco entrevistas individuais e uma coletiva com um grupo de três professoras, escolhido aleatoriamente dentre os respondentes da escala, para investigar a organização do trabalho. Na segunda etapa, foram realizadas cinco entrevistas individuais com as cinco professoras participantes das entrevistas individuais da primeira parte, com o objetivo de investigar as vivências de prazer-sofrimento. As entrevistas foram gravadas, transcritas e submetidas à análise de conteúdo. Os resultados da escala indicam mais vivências de prazer no trabalho. Os fatores valorização e reconhecimento obtiveram médias 4,28 (d.p.0,76) e 4,38 (d.p. 0,50), respectivamente. Os fatores desgaste e insegurança obtiveram médias 1,77 (d.p. 0,66) e 1,50 (d.p. 0,50). Os resultados das entrevistas demonstram uma organização do trabalho caracterizada pela autonomia, apoio institucional, valorização das relações interpessoais e busca da excelência, e uma vivência de prazer, expressa nas categorias reconhecimento, valorização, satisfação, identificação com a tarefa e realização, ainda que tenham sido verbalizadas com menos intensidade as dificuldades enfrentadas com salários e condições físicas de trabalho. A partir desses resultados pode-se concluir que a predominância de prazer para essas professoras está relacionada com a organização do trabalho, que preserva a autonomia, permitindo o acesso a todas as etapas do trabalho e favorecendo uma identificação com a tarefa. Nesse sentido, o prazer vivenciado permite que o trabalho assuma um significado positivo associado à realização e gratificação profissional.

Palavras-chave: Trabalho; Prazer-sofrimento; Professoras alfabetizadoras

Apresentação

SC 24.7 SIGNIFICADO DO TRABALHO PARA PROFISSIONAIS DE SAÚDE E BANCÁRIOS DE NATAL. *Poliyanna Carvalho de Siqueira Gê** e Lúcia de Oliveira Borges (Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal-RN)*

O processo de atribuir significados ao trabalho é dinâmico e multideterminado, de forma que a inserção do indivíduo no mundo do trabalho lhe afeta. Corroborando esta compreensão, estudos anteriores encontraram variabilidade do significado do trabalho por ocupações. Com o objetivo de contribuir na exploração de tal variabilidade desenvolveu-se o presente estudo explorando como bancários e profissionais de saúde associam os fatores valorativos (que definem como o trabalho deve ser) e os fatores descritivos (percepção de como o trabalho é concretamente). Estudo, a uma amostra de 155 bancários e 487 profissionais de saúde, totalizando 642 participantes, aplicou-se o IMST (Inventário de Motivação e Significado do Trabalho). Este inventário mensura cinco fatores valorativos – Justiça no trabalho (define que o trabalho deve garantir boas condições na forma de higiene, assistência, igualdade e reconhecimento), Desgaste e desumanização (define o quanto que o trabalho deve implicar em ritmo, repetição e ocupação), Realização (define que o trabalho deve gerar prazer na forma de gosto pelo resultado, suporte social, acolhimento e confiança), Bem-estar (define que o trabalho deve prover reconhecimento pelas recompensas, oportunidades de qualificação, estabilidade, boas relações interpessoais, crescimento e auto-sustento) – e cinco fatores descritivos – Auto-expressão (indica que o trabalho apresenta concretamente possibilidades de optar influenciando nas decisões, de

expressar a criatividade, reconhecimento e crescimento pessoal), Responsabilidade e Dignidade (indica que no trabalho o indivíduo assume responsabilidades, sente-se produtivo e, por isso, uma pessoa digna), Desgaste e Desumanização (indica quanto o trabalho implica em desgaste e desumanização), Recompensas Econômicas (indica quanto o trabalho garante o auto-sustento e independência) e Condições de trabalho (indica quanto no trabalho se pode contar com equipamentos adequados, segurança, higiene, assistência e amparo social). Os participantes responderam ao inventário atribuindo pontos aos diversos itens que compõem os fatores. As respostas foram registradas na forma de banco de dados do SPSS for Windows e, a partir das rotinas deste programa, desenvolvidas as matrizes de correlação entre fatores valorativos e descritivos por ocupações. Constatou-se que a maioria dos coeficientes de correlação são estatisticamente significativos ($p<0,05$) tanto entre os bancários como entre os profissionais da saúde. Entretanto, entre as correlações mais elevadas ($r>0,40$), observam-se algumas diferenças. (1) os bancários associam ($r=0,41$ para $p<0,01$) mais intensamente o fator descritivo de recompensas econômicas ao fator valorativo de realização do que os profissionais de saúde ($r=0,09$ para $p<0,05$); (2) os bancários associam ($r=0,41$ para $p<0,01$) mais intensamente o fator valorativo justiça no trabalho e o fator descritivo desgaste e desumanização do que os profissionais da saúde ($r=0,27$ para $p<0,01$); (3) e os profissionais de saúde associam ($r=0,41$ para $p<0,01$) mais intensamente o fator valorativo desgaste e desumanização ao fator descritivo do mesmo nome do que os bancários ($r=0,23$ para $p<0,01$). Compreendendo, por fim, que estas diferenças nas associações entre fatores valorativos e descritivos derivam do vivenciar as ocupações, levantam-se as seguintes indagações: refletem as diferenças de políticas de recursos humanos referentes ao estabelecimento de critérios de remuneração, coexistindo-os ou não ao desempenho? Refletem também a diferença do conteúdo do que fazem?

Apoio do CNPq: as autoras são respectivamente bolsista de iniciação científica e de produtividade.

Palavras-chave: Trabalho; Bancários; Profissionais de Saúde

SC 188 CARACTERIZAÇÃO DA PRÁTICA DE OUTPLACEMENT NAS CONSULTORIAS DE RECURSOS HUMANOS DO DISTRITO FEDERAL. *Daniela Barbosa Lima*** *(Fundação Getúlio Vargas, Brasília, DF)*

Diante das transformações econômicas e tecnológicas que ocorrem em grande velocidade nos dias de hoje, em função do fenômeno da globalização, tendo como conseqüência a constante redução do emprego formal em nível mundial, a prática de outplacement, normalmente traduzida por recolocação profissional, apresenta-se como uma valiosa alternativa, tanto para as organizações como para os indivíduos. Os efeitos negativos do enxugamento de pessoal são constatados na organização como um todo, em seu ambiente de trabalho, na sua eficiência interna, na sua eficácia organizacional, nas relações de trabalho e na sua imagem externa. Nos indivíduos demitidos, verificam-se alterações de natureza psicológica, física, econômica, profissional e social. Ainda existem os efeitos psicológicos, caracterizados como "síndrome do sobrevivente", manifestados pelos indivíduos que permanecem na organização. O outplacement permite às organizações proceder com comprometimento e responsabilidade social, diminuindo estes impactos danosos causados nas pessoas demitidas e remanescentes e também na própria organização, na medida em que intervém para uma forma adequada da condução de todo este processo, considerando outras alternativas, comunicando e envolvendo as pessoas, o sindicato e a comunidade na necessidade de enxugamento de pessoal, procedendo com critérios justos, tratando os demitidos com respeito e dignidade, entre outros. Aos indivíduos, em especial, o outplacement possibilita um preparo adequado para uma auto-avaliação pessoal e profissional, tendo como referência seu projeto de vida pessoal e o perfil de empregabilidade, instaurado pelo mercado de trabalho globalizado, que exige dos profissionais conhecimentos e aptidões diferenciados para a atuação no contexto organizacional atual, tais como: visão estratégica; foco nos resultados, capacidade para trabalhar em equipe; ética nas relações profissionais e sociais e ao trato interpessoal. Sendo assim, por meio de técnicas e instrumentos específicos, o outplacement contribui decisivamente para a recolocação em um novo emprego, para a prestação de serviços, para o início de um empreendimento próprio ou, ainda, para a aposentadoria. Com a finalidade de conhecer a realidade desta atividade no Distrito Federal, o presente estudo pretende fazer um levantamento das consultorias de recursos humanos existentes na região, caracterizando-as quanto aos seus serviços e, em especial, quanto à prática de outplacement realizada por elas. Os dados serão coletados por meio de questionário seguido de entrevista dirigida, enfatizando-se aspectos como divulgação do serviço; forma de abordagem das organizações, modo de construção e de condução do processo no contexto organizacional; caracterização da clientela; técnicas e instrumentos aplicados, estrutura física e de pessoal utilizada; benefícios e resultados obtidos. A partir de um levantamento inicial, verificou-se que a oferta de serviço de outplacement é insuficiente para a demanda do mercado da região e, com isso, sua população e suas organizações não se beneficiam deste recurso em sua total potencialidade. Ao final do estudo, pretende-se fazer uma série de comentários e sugestões que possam contribuir para a modificação desta realidade.

**Aluna de pós-graduação em Administração de Recursos Humanos da Fundação Getúlio Vargas

Palavras-chave: Outplacement, Recolocação Profissional, Desemprego

SIMPÓSIOS

SIMP 01/Escolar

NOTAÇÕES E ENSINO-APRENDIZAGEM DA ARITMÉTICA DO ALUNO PARA O PROFESSOR E PARA O PESQUISADOR.

SIMP 1.1 Notações Em Construção Na Iniciação Matemática. A Repetição De Grandezas Equivalentes Na Raiz Da Multiplicação. *Maria Lucia Faria Moro (CNPq/Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR)*

São reportados resultados de parte de um projeto que estuda as construções cognitivas de aprendizagem das estruturas aditivas em sua passagem às multiplicativas em contexto de interação social de crianças. Tem como objetivo específico o de descrever a natureza e a progressão das notações infantis produzidas durante a solução de uma tarefa com ênfase na adição reiterada de grandezas equivalentes. As referências teóricas principais estão no modelo da equilibração de Piaget e nas proposições de Vergnaud. Os doze sujeitos (de 6;7 a 9;0 anos de idade), alunos de 1ª e de 2ª série de duas escolas públicas da periferia de regiões metropolitanas diferentes, foram agrupados em tríades para executar uma seqüência de tarefas centrada na composição aditiva de coleções que se repetem em que, a momentos de execução prática com material, seguiam-se momentos de notação do executado, com interpretação dos grafismos produzidos. O material utilizado consistiu de: três coleções de fichas de cartolina previamente separadas em grandezas de 1 a 6/7 elementos; canetas hidrocor, folhas de cartolina. A análise qualitativa dos dados videografados realizou-se em diferentes níveis de descrição das notações interpretadas de cada sujeito. Os resultados mostram as peculiaridades dos diferentes tipos de notação descritos e de suas interpretações; as mudanças progressivas dessas realizações durante a tarefa. A discussão dos resultados focaliza: a significação das realizações obtidas na construção de esquemas fundamentais aditivos na descoberta inicial do fator multiplicativo, destacada a necessidade de elaboração e transformação de formas de representação aritmética; a relevância da produção gráfica para a conceitualização das ações no processo de aprendizagem da matemática, via processo de tomada de consciência pelos sujeitos, de suas ações.

CAPES/CNPq.

Palavras-chave: Notações aritméticas; Problemas na aritmética; Relações aditivas e multiplicativas

SIMP 1.2 Dificuldades Da Aprendizagem Da Escrita Numérica: Análise Da Notação Utilizada Por Alunos Do Ensino Fundamental. *Leny Rodrigues Martins Teixeira (Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, MS)*

Em geral, as crianças são capazes, desde cedo, de falar e reconhecer números, embora a compreensão dos princípios que regem a numeração escrita seja lenta e complexa. A compreensão da escrita numérica depende, por um lado, da idéia de quantidade ou da composição aditiva do número e, por outro, do domínio das regras convencionadas para a numeração escrita e seu significado. A numeração escrita tem como base os algarismos. Cada algarismo é um ideograma e como tal não tem relação intrínseca com o conceito ou com a palavra que representa o número. A significação de um algarismo depende portanto, de uma convenção adotada para a escrita numérica decimal que se baseia na relação de posição que os algarismos mantém entre si. Em última instância, o valor de um algarismo é sempre relativo. Aprender a escrita numérica envolve dois aspectos básicos: 1) entender o valor posicional do algarismo e como o número escrito pode ser lido de diferentes formas, expressando o significado operatório do mesmo; 2) identificar a natureza das relações existentes entre a numeração falada e escrita que são de natureza heterogêneas e não isomorfas. Ou seja, é preciso traduzir para o sistema escrito a numeração falada, processo que não é simples, tendo em vista que os sistemas de numeração falada e escrita não são regidos pelos mesmos princípios. A criança precisa descobrir o que é transferível e como, de um sistema para o outro, fato que se complica, no caso das línguas ocidentais, dada a irregularidade que elas apresentam quanto ao nome dos números. O estudo proposto parte da hipótese de que, na aprendizagem escolar, o aspecto da composição aditiva do número é muito enfatizado, pelo uso constante da contagem por agrupamentos, sobretudo na base dez, em detrimento do aspecto da lógica da escrita numérica. A pesquisa se propôs a examinar a aprendizagem da escrita numérica em alunos de 3ª e 4ª séries do ensino fundamental de escolas públicas, a partir do exame das notações utilizadas em tarefas escolares relacionadas à numeração escrita. Os alunos foram entrevistados individualmente a partir de itens envolvendo atividades com números, sobre os quais se questionava os aspectos de composição aditiva, relação entre agrupamentos e escrita numérica, significado dos algoritmos usados em operações e o domínio da leitura e escrita numérica. O exame das notações apontou aspectos tais como: dissociação entre o número visto como quantidade, composição aditiva e escrita numérica que o representa, indiferenciação entre os critérios da numeração falada e escrita, dificuldade em perceber equivalência entre as diferentes formas de escrever o número e em compreender a ambigüidade da notação numérica. Em síntese, há ainda neste nível de escolaridade uma certa indissociação entre a lógica dos agrupamentos e a forma de expressá-la através de um sistema coletivo de signos representado pela escrita numérica convencional.

Palavras-chave: Aprendizagem, Escrita numérica, Notações

SIMP 1.3 A Interação Pesquisador-Professor Na Análise Da Produção Escrita De Alunos Em Aulas De Matemática Das Séries Iniciais Do Ensino Fundamental: O Caso Da Pesquisa Em Colaboração. *Maria Tereza Carneiro Soares (Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR)*

Trata-se de trabalho que dá continuidade a programa de investigação cujo objetivo é o de explicitar as relações existentes entre a compreensão de professores da 4ª série do ensino fundamental sobre os conteúdos que ensinam e sua possibilidade de transformá-los em situações de ensino/aprendizagem desenvolvidas com seus alunos. É mantido o referencial teórico que vê nas contribuições da psicologia da educação matemática, no quadro das interações didáticas, um movimento contínuo entre a didática da matemática e a psicologia cognitiva, possibilitando aproximações sucessivas do modo de o professor analisar a produção escrita de seus alunos. Caracteriza-se como pesquisa em colaboração devido aos inicialmente sujeitos de pesquisa, já terem assumido, na investigação anterior, a condição de colaboradores, coletando e, progressivamente, participando da análise dos dados. Na investigação ora apresentada, os dados foram coletados em cinco situações: planejamento, criação e discussão de situações de ensino/aprendizagem (ênfase na interação professor-professor e pesquisador-professor); desenvolvimento das situações em sala de aula, (ênfase na interação aluno-aluno, aluno-professor/pesquisador); apresentação dessas situações a seus pares em oficinas de aprendizagem, (interação professor-professores, professores-professor/pesquisador) e a análise da produção escrita do aluno em situações específicas, (professor-professor/pesquisador). Os resultados, colhidos em forma de notas de campo, transformados em relatórios ampliados imediatos e, posteriormente, em relatórios analíticos, apontam que um contínuo trabalho de colaboração entre professor e pesquisador possibilita alterações em sua prática pedagógica; tentativas na autoria de situações de ensino/aprendizagem; participação progressiva em momentos de decisões curriculares. Embora todos os professores tenham se assumido como colaboradores na coleta e análise dos dados, nessa apresentação são focalizados os casos de três desses professores, atuantes em duas escolas de uma rede municipal de ensino. É analisada a produção escrita de seus alunos, obtida na resolução de tarefas, por eles organizadas, a partir do que é proposto no currículo do município para a matemática. Os resultados obtidos sugerem fortemente a validade da hipótese de que a interação entre pares, em procedimentos coletivos de análise, os já denominados "coletivos de pensamento", potencializam e ampliam progressivamente o repertório do professor sobre os percursos realizados pelo aluno e manifestados em sua produção escrita durante a resolução das situações propostas. É favorecida ao professor a valorização das trajetórias das conceituações dos alunos.

Palavras-chave: Ensino-aprendizagem de matemática; Produção do aluno; Pesquisa em colaboração.

SIMP 02/Metodologia de Pesquisa e Instrumentação

NOVAS DIMENSÕES DO MÉTODO PSICANALÍTICO EM PESQUISA

SIMP 2.1 Avaliação Da Interação Parental No Desenvolvimento Emocional. *Vera da Rocha Resende (ANPEPP, Depto de Psicologia, Faculdade de Ciências UNESP – Universidade Estadual Paulista – Bauru SP)*

O cotidiano da clínica apresenta quadro com elevado número de crianças que experimentam perdas familiares: lares desintegrados, conflitos familiares, prisão e uso de drogas por parte dos genitores, paternidade irresponsável, falta de moradia, etc. Mesmo nos casos de famílias intactas, há descrições de descontinuidade na interação mãe-pai-criança. Os sintomas mais comuns são agressividade, negativismo (oposição ou obstinação), indiferença afetiva, dificuldade de relacionamento, prejuízo da noção de tempo, dificuldade de evocação de experiência passada, como aprendizagem; insegurança, choro excessivo, distúrbio de alimentação, defeitos na fala, enurese e encoprese. A correspondência entre esses sintomas e os prognósticos descritos pela literatura clássica, escolta estudo da interação no grupo etário superior a 3 anos, uma vez que as principais contribuições, nesta área, referem-se à interação com bebês. O objetivo deste trabalho é analisar a descontinuidade interativa, no período inicial da vida infantil e nas etapas posteriores do desenvolvimento, e, investigar a qualidade da atenção recebida, e possíveis interrupções, na fase compreendida entre nascimento e encaminhamento à psicoterapia, visando à identificação de sintomas associados à experiência de perda afetiva. Utilizando-se do método clínico de investigação, que tem na entrevista seu principal instrumento, combina estudos retrospectivos e reconstrução da história de vida, para mapear oportunidades de estabelecimento de ligação com a figura materna (ou substituta), através dos seguintes fatores: mudanças constantes de figura materna; idade da criança no período de privação, prolongadas e repetidas rupturas de vínculos, extensão do período de privação, qualidade da relação antes da privação e depois do reencontro e a forma como a criança foi tratada durante a separação. A fonte principal de dados é o processo de diagnóstico completo, acompanhado de protocolo com os indicadores acima. Pranchas do teste projetivo CAT, teste da figura humana e brinquedos, que simulem situações sociais e familiares, são os materiais utilizados. Os casos analisados, escolhidos ao acaso, indicaram experiências de perdas afetivas significativas, (privação paterna) nos três primeiros anos de vida, rejeição materna e interação insatisfatória nas famílias intactas. Durante a privação, as crianças adotadas ou as que ficaram sob cuidados de parentes (avós, tios, etc), encontraram adultos com atitudes oscilantes entre indiferença e superproteção, ou permissividade disfarçadas em hostilidade. A análise

deletéria, além dos sintomas apontados, apatia, insegurança, prejuízo no desenvolvimento social, e reações somáticas. Embora os estudos sobre privação, baseados na observação da interação da díade mãe-bebê, sejam úteis na compreensão da gênese de problemas emocionais, eles não têm se mostrado suficientes para descrever tais eventos no desenvolvimento de outros grupos etários, uma vez que não abrangem a relação dinâmica que, aí, se processa. Neste ponto, encontra-se a principal contribuição desta pesquisa, que propõe metodologia diferenciada, capaz de dimensionar os conhecimentos psicanalíticos, para além do espaço de consultório.

Palavras-chave: Metodologia psicanalítica; Desenvolvimento emocional; Interação pai-mãe-criança

***

SIMP 2.2 As Transmutações Do Corpo E A Invenção Da Extrofia Vesical. *Fernando Silva Teixeira Filho (Professor Assistente doutor junto ao Departamento de Psicologia Clínica da Unesp, Câmpus de Assis)*

O trabalho versa sobre a estigmatização de crianças que nascem com uma condição física que em medicina é denominada extrofia vesical. Utilizando-se do método da Pesquisa Narrativa, investigou-se o modo como essa condição é apropriada pelas práticas médicas, assistencialistas, familiares e educacionais, concluiu-se que tal condição apenas suporta determinados investimentos feitos por estas práticas a este corpo desde que a este seja reservado o lugar de "excluído" da norma padrão. Isto faz com que estas pessoas sintam uma sensação de descrédito pessoal que reduz e limita a expansão de suas conexões com a vida. Foram investigadas no trabalho as particularidades desta condição física, justamente para mostrar que os atributos a ela projetados são invenções e não dados naturais. Tais práticas, historicamente datadas, inventam atributos que limitam ou expandem a potência de conexão deste corpo. Por se tratar de invenção, concluiu-se que esta condição física pode adquirir quantos modos de existência forem possíveis, dependendo, é claro, da prática em que se inserir. Assim, para a medicina, esta condição é uma "anomalia genética", para a família, uma "desgraça", para a religião, um "mistério divino" e, para a escola, uma "exceção".

Para a clínica psicanalítica, ofício do autor deste trabalho, tal condição física só se tornará sintoma, caso este sujeito se identifique com estes atributos estigmatizantes historicamente construídos, ou no caso desta condição funcionar como "bode-expiatório" de outras relações conflitivas prévias à sua existência. De outro modo, esta condição física será vista na sua vertente mais pragmática: como vivo com isso?

O autor, utilizando-se da sua prática como analista, ainda se propõe apresentar uma "fórmula" de desarticulação dos rótulos dados a essa condição física. A esta fórmula ele chamou de (des)naturalização, cuja propriedade é a instauração de uma corpologia, isto é, de uma clínica preocupada em investigar a influência dos afetos, dos devires e das linhas de fuga que atravessam o corpo-estigma e o corpo-de-sensações deste sujeito na constituição da subjetividade. Segundo sua perspectiva, a desnaturalização permitiria fazer passar novos devires e inserir o modo de ser deste corpo em modos de existência que permitam a ele expandir-se a partir de suas conexões com a alteridade, compondo com ela uma subjetivação estética necessária para a vida continuar sua expansão. Ou seja, temos aí a proposição de uma ética que tenha a vida como valor maior; uma estética que é resultado do agenciamento de novas formas do viver, e, uma política de alianças do desejo que incluem, que dá visibilidade social, que garanta direitos e deveres, isto é, cidadania, às pessoas que vivem à margem de uma "norma padrão" corporal.

Palavras-chave:

***

SIMP 2.3 A Psicanálise Como Método De Investigação Em Pesquisa – Estudo Sobre A Construção Da Identidade. *Maria Lúcia de Oliveira (Depto. de Psicologia da Educação, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, SP; Fernando Silva Teixeira Filho (Depto. de Psicologia Clínica), Universidade Estadual Paulista, Assis, SP; Vera da Rocha Resende (Depto de Psicologia), Universidade Estadual Paulista, Bauru, SP*

Considerando as tendências das últimas décadas da pesquisa psicanalítica e a proposição da Teoria dos Campos, de Herrmann, buscamos recuperar, neste trabalho, o valor do método interpretativo enquanto instrumento de investigação e de descoberta em pesquisa, prática particularmente útil quando se trata de temas críticos, sobre os quais há conceitos cristalizados, como, por exemplo, as concepções de adolescência. Concebemos o inconsciente não como conteúdo a ser desvelado, mas de acordo com a metáfora de Herrmann: conjunto operacional de regras (o campo) que dá sentido à vida psíquica e organiza as relações. Realizamos a pesquisa com estudantes de 16 e 17 anos, alunos de uma escola pública, qualificados como rebeldes, buscando o sentido e a configuração da rebeldia em sua relação com a construção da identidade. Por intermédio de entrevista aberta, o eu, tomado em seu caráter imaginário, foi analisado como estrutura de relação formada nos (e pelos) processos identificatórios. A interpretação caracterizou-se por uma escuta peculiar – a escuta transferencial – e visou ao desvelamento de regras inconscientes que conferem sentido às relações, isto é, à reconstrução significativa dos relatos. A peculiaridade da utilização do método residiu não no uso de teorias psicanalíticas como interpretantes, mas na tentativa de recuperar o modo de pensar (escutar) de Freud e na concepção de que o método precede o valor da teoria e é ele quem dá forma ao programa de pesquisa. Constatamos que condutas consideradas contestatórias podem significar excesso de obediência pela adesão consensual, por exemplo, ao estilo punk; condutas extremamente obedientes, pela rigidez da auto-representação, acabam em rebeldia em favor de uma obediência; a eficiência da aliança com a autoridade pode ser caminho para experimentação de limites e da liberdade. Da conclusão mais geral, temos que o processo de construção de identidade expressa-se na proporção inversa à exclusividade de uma auto-representação. Isto é, o permanente processo de construção de identidade implica criação e flexibilidade. Foi possível verificar que quadros psicopatológicos referem-se à maneira como a rebeldia integra a representação de identidade. O uso do método interpretativo na pesquisa mostrou-se fecundo, propiciando o desvelamento da ilusão de homogeneidade de sentido atribuída à conduta adolescente. Foi possível realizar uma crítica das concepções correntes sobre adolescência – útil a psicoterapeutas e a educadores – e identificá-las mais com preconceitos do que com conceitos. O método constituiu-se num instrumento de crítica do conhecimento. Ressalte-se ainda a importância dos estudos desta natureza, que, por possibilitarem uma visão microscópica do caráter intersubjetivo de certos modos de ser, possibilitam uma reflexão renovada sobre eles. A ampliação do emprego do método psicanalítico significa a expansão do horizonte da pesquisa clínica e a redescoberta do caráter investigativo e produtor de saberes da psicanálise.

Palavras-chave: Método psicanalítico, Identidade e Adolescência

***

SIMP 03Psicologia do Desenvolvimento

CONTEXTOS MEDIACIONAIS: CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA NA CLÍNICA, NA ESCOLA, NA FAMÍLIA

SIMP 3.1 O Papel Da Intervenção Mediacional Na Formação Continuada De Educadores Infantis. *Célia Vectore (Faculdade de Psicologia - Universidade Federal de Uberlândia)*

Em meio ao quadro desalentador que ainda caracteriza a situação de um grande número de pré-escolas brasileiras, torna-se desafiador pensar em novas formas que possam contribuir para a formação mais adequada do educador infantil. O objetivo do presente trabalho é apresentar uma dessas alternativas, representada pela adaptação do Programa "Mediational Intervention for Sensitizing Caregivers", ao contexto brasileiro junto aos professores de educação infantil. O Programa de Intervenção Mediacional para um Educador mais Sensível (MISC) é, segundo Klein e Hundeide (1989), a primeira tentativa para definir, avaliar e modificar aquelas variáveis de comportamento dos adultos que se constituem em condições necessárias e suficientes para a constituição de uma adequada interação entre pais e filhos ou, ainda, entre educador e educando no seu sentido mais abrangente. Parte desse programa já foi adaptado às condições brasileiras para a interação mãe-criança, procurando identificar os comportamentos específicos que afetam a capacidade da criança pequena para aprender transcendendo as experiências concretas do aqui e agora para desafios futuros. Assim, realizou-se uma pesquisa exploratória com dez educadoras infantis, objetivando conhecer os seus padrões mediacionais, através de situações lúdicas com as crianças. Para tanto, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com as educadoras além de sessões vídeo-gravadas, as quais foram minuciosamente analisadas, obtendo-se o perfil mediacional de cada educadora, conforme descrito no programa supracitado, a saber: a focalização, a expansão, a mediação do significado/ afetividade, a recompensa e a regulação do comportamento. Além disso, foi possível identificar comportamentos francamente não mediacionais, possivelmente deletérios, exibidos pelas educadoras na sua prática diária com as crianças. Com base na análise dos resultados da pesquisa foi proposto um programa, sob a forma de treinamento baseado na intervenção mediacional conforme definida no MISC, visando à formação das educadoras infantis, tendo como ênfase o papel das boas mediações para o desenvolvimento das crianças, além das contribuições do lúdico como importante recurso mediador nas interações educadora-criança. O programa compreende as seguintes etapas: 1.O que é mediação? 2.O lugar do lúdico na prática do educador. 3. Reflexão e elaboração feita pelos participantes de atividades mediacionais, envolvendo os critérios da focalização, da expansão, da mediação do significado, da recompensa e da regulação do comportamento. 4. Demonstração feita pelos participantes, das possibilidades de mediação no seu trabalho.5. Mediação em situações de "risco" ou conflito.6. Identificação de possibilidades de mediação nas interações educadora-criança. 7. Acompanhamento das educadoras em suas práticas diárias (supervisão). 8. Organização de um vídeo de cada participante, demonstrando situações de boas e más mediações, para a reflexão grupal.

CAPES

Palavras-chave: Mediação; Brinquedo; Educadora

***

SIMP 3.2 A Mediação Dos Pais Nas Aprendizagens Escolares. *Eulália Henriques Maimoni (Universidade de Uberaba)*

A colaboração família-escola tem sido bastante enfatizada, como uma das metas para a educação no milênio que se inicia, como pode ser observado no relatório elaborado para a UNESCO. Estudos europeus mostram as vantagens dessa parceria para a escola e para os alunos. Porém, antes da entrada da criança para a escola, a família se coloca como a principal mediadora das aprendizagens infantis e uma das variáveis, que têm sido estudadas diz respeito a como se dá essa mediação e no que ela pode ampliar o potencial de aprendizagem dos alunos, facilitando o trabalho futuro de professores. Durante o período escolar, o acompanhamento dos pais tem provado ser um dos fatores que contribuem para o bom desempenho escolar dos alunos.

Alguns estudos têm mostrado como principal preocupação, obter uma maior participação da família no processo de aprendizagem do aluno. Considerando as resistências existentes no âmbito escolar por parte de seus profissionais, que temem a interferência dos pais, há também a resistência dos próprios pais que não sabem muito bem como e no que colaborar, encontrou-se na literatura, alguns procedimentos, como o da "leitura compartilhada", onde ações são bem definidas e transmitidas aos pais, de forma clara, de modo a se obter uma verdadeira parceria entre a escola e família. Assim, a escola não se sente ameaçada pela interferência dos pais e estes podem realizar suas aspirações de acompanhar mais de perto seus filhos na escola, colaborando efetivamente para que melhorem no seu desempenho em leitura. Além disso, o tempo gasto pelos pais é mínimo, facilitando a tarefa que lhes é proposta, qual seja a de ouvir o filho ler para o pai ou para a mãe, por pelo menos cinco minutos diariamente. A partir dos dados de seus estudos, o pesquisador recomenda que isto seja feito preferencialmente pelo pai, ao invés de pela mãe, se esta estiver presente na família. O presente estudo teve por objetivo utilizar o procedimento de "leitura conjunta", adaptado de Topping (1989), envolvendo a colaboração dos pais. Estes deveriam ouvir a leitura de textos, duas vezes por semana, feita pelo filho, aluno de segunda série do ensino fundamental, que escolhia um tema de seu interesse. Cada sessão durava cinco minutos, havendo um teste de compreensão da leitura, aplicado antes e depois das seis semanas de uso do procedimento. Os pais responderam a um questionário sobre a sua percepção acerca da leitura do filho. Houve melhora no desempenho em leitura e, embora o grupo de controle também tenha melhorado, o grupo experimental apresentou tendência a maior ganho, indicando a possibilidade de participação dos pais, aumentando o potencial de aprendizagem do filho, durante o seu processo de construção da leitura.

Palavras-chave: Mediação; Pais; Escola

SIMP 3.3 MEDIAÇÃO DE APRENDIZAGEM NO PROCESSO DE AVALIAÇÃO COGNITIVA ASSISTIDA DA CRIANÇA, EM AMOSTRAS DE ESCOLARES, GRUPO DE RISCO E GRUPOS CLÍNICOS. *Maria Beatriz Martins Linhares (Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – USP); Angela Celeste Morales Escalona** (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP); Margaret Rose Santa Maria** (Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – USP); Maria Beatriz Machado Bordin** (Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – USP); Silvia Helena Vieira Ferruzzi** (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP) e Adriana Aparecida Silvestre Gori** (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP)*

O conceito de mediação do desenvolvimento e aprendizagem formulado por Feuerstein, e aplicado pelos seguidores Tzuriel, Klein e Fonseca, pressupõe o atendimento de alguns critérios de qualificação da interação entre mediador e mediado para que possa ser considerada experiência de aprendizagem efetiva. Incluem-se entre os entre critérios de mediação, por exemplo, a reciprocidade, a intencionalidade, o significado, o senso de competência, a regulação do comportamento e a transcendência. A avaliação cognitiva da criança dentro de uma abordagem sócio-cognitiva inclui os princípios de mediação de aprendizagem, na medida em que a avaliação é conduzida de forma dinâmica e interativa. O examinador presta assistência mediada ao examinando em situação de resolução de problemas, o que confere à avaliação um enfoque de assistência, denominando-se dessa forma de avaliação assistida. A avaliação como processo mediado pelo examinador traz contribuições significativas ao diagnóstico psicológico dos aspectos cognitivos na medida em que tanto discrimina quanto diferencia grupos de crianças em risco ou com problemas de aprendizagem. O presente trabalho tem por objetivo apresentar os resultados obtidos em um conjunto de quatro pesquisas realizadas dentro da abordagem da avaliação cognitiva assistida. O primeiro estudo realizado com 56 escolares avaliados no início do processo de escolarização e acompanhados da primeira à segunda série do ensino fundamental verificou que o desempenho escolar no final das duas séries pode ser predito pela avaliação cognitiva assistida. Além disso, esta modalidade de avaliação mostrou correlação significativa positiva com o desempenho das crianças com dificuldade de alfabetização. O segundo estudo revelou a diferenciação de dois grupos de 20 crianças de risco para problemas de desenvolvimento e aprendizagem, que apresentavam vulnerabilidade orgânica neonatal. Os resultados do desempenho na avaliação assistida revelou que o grupo das crianças com maior comprometimento (pré-termo de muito baixo peso, inferior a 1500g) apresentaram maior dependência da ajuda do examinador do que o grupo menos comprometido (peso de nascimento entre 2000-2500g). O terceiro estudo analisou a avaliação e reavaliação, através da avaliação assistida, de 26 crianças submetidas a um processo de intervenção psicopedagógica. Observou-se que na reavaliação as crianças necessitaram de menos ajuda do examinador na avaliação assistida em comparação com o momento antes da intervenção psicopedagógica. O quarto estudo analisou o desempenho na avaliação assistida de 29 crianças com queixa de dificuldade de aprendizagem. Neste grupo, apesar de haver um de crianças com indicação de deficiência mental avaliada através de avaliação psicométrica, os resultados da avaliação assistida indicaram variação intra-grupo quanto à necessidade de assistência do examinador à criança para que esta solucione a tarefa. Os achados dos diferentes estudos mostram a contribuição da avaliação assistida, modalidade de avaliação que contempla os requisitos de Experiência Mediada de Aprendizagem, na diferenciação de recursos ou dificuldades de crianças em risco ou com problemas de desenvolvimento e aprendizagem.

FAPESP; CNPq; CAPES

Palavras-chave: Mediação de Aprendizagem; Avaliação Cognitiva; Dificuldade de Desenvolvimento e Aprendizagem

---

SIMP 04/Psicologia Escolar e Educação
MOTIVAÇÃO PARA APRENDIZAGEM E DESEMPENHO ESCOLAR

SIMP 4.1 TENDÊNCIAS ATUAIS DOS ESTUDOS SOBRE MOTIVAÇÃO DO ALUNO. *José Aloyseo Bzuneck (Departamento de Educação, Universidade Estadual de Londrina, Londrina-PR)*

Profissionais ligados à educação mostram-se particularmente preocupados com a solução do difícil problema de se motivar os alunos em classe em relação às diferentes disciplinas. A literatura específica mostra ser necessário, inicialmente, que se considerem as especificidades da motivação para as atividades próprias desse contexto, em comparação com outros contextos e outros tipos de atividades humanas. Nas últimas duas décadas, um considerável e crescente acervo de estudos e publicações nessa área psicológica permite que se trace o perfil dos enfoques prevalentes. Não existe uma teoria única e compreensiva que contemple todos os aspectos da motivação do aluno no contexto escolar, dada a sua conhecida complexidade. Desenvolveram-se abordagens diversas que enfatizam, cada qual a seu modo, variáveis cognitivas e afetivas, como expectativas de controle, crenças de auto-eficácia, atribuições causais, valorizações e objetivos ou metas. Comum a todos os enfoques atuais é a consideração do caráter contextual da motivação do aluno. Isto significa que a compreensão desse processo psicológico parte do pressuposto de que é uma variável pertencente ao aluno, os problemas se localizam nele, mas tanto a motivação positiva como sua ausência ou suas distorções ocorrem em função de condições da natureza ambiental. Desta forma, os estudos sobre a motivação intrínseca e extrínseca trouxeram uma maior clareza sobre as possibilidades de se utilizarem os incentivos extrínsecos, sob controle do professor, na direção de se promover a apropriação da desejada motivação intrínseca. Neste caso, está particularmente em questão a diminuição progressiva de controladores externos bem como a promoção da autonomia e auto-regulação do aluno. Outra linha de estudos que se mostrou fértil é a teoria moderna de metas de realização, que trata de certos propósitos ou intenções do aluno, que vêm acompanhados de outras cognições, como crenças, atribuições e auto-percepções, além de estados afetivos. Assim, um aluno voltado à meta aprender revela uma constelação de cognições e emoções bem distinta daquela que se pode identificar num aluno voltado à meta demonstrar ego. Os comportamentos de empenho dos alunos frente às exigências escolares, incluindo o emprego de estratégias de aprendizagem, apareceram determinados em função dessas orientações a metas distintas. O mais importante é que foram descobertas maneiras de se socializar o aluno para a meta aprender, educacionalmente desejável, ou seja, identificaram-se fatores do ambiente psicológico da sala de aula e da escola como um todo capazes de promoverem no aluno a orientação motivacional que se considera positiva e eficaz. Os fatores ambientais, consistentemente documentados na literatura, referem-se à qualidade e quantidade das tarefas, às condições de sua execução, bem como ao modo dos alunos serem avaliados e informados dos resultados. Como detalhe importante, devem ser percebidas pelo aluno as modalidades do ambiente psicológico que, de forma consistente, trazem a mensagem orientadora para uma das metas de realização.

Palavras-chave: Motivação no contexto escolar; Abordagens atuais da motivação do aluno

---

SIMP 4.2 OS ASPECTOS MOTIVACIONAIS DAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM E AS ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM. *Evely Boruchovitch (Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP - Campinas, SP; Universidade São Francisco-USF, Bragança Paulista, SP)*

Do ponto de vista psicológico, pesquisas indicam que alunos com dificuldades de aprendizagem apresentam descrença ou percepção distorcida quanto à própria capacidade de realizar tarefas escolares com sucesso. Se, por um lado, essas percepções negativas são passíveis de gerar problemas motivacionais que, por sua vez, contribuem mais ainda para aumentar as dificuldades de aprendizagem existentes, por outro lado, os problemas motivacionais podem também ser vistos como precursores de dificuldades de aprendizagem, visto que padrões motivacionais disfuncionais estão, geralmente, presentes até mesmo em alunos muito inteligentes. Alunos motivados, em geral, são marcados pelo interesse de base, pelo esforço, pela persistência e pelo engajamento em atividades acadêmicas. Em contraste, estudantes desmotivados não se esforçam intencionalmente, resistem em procurar ajuda e desistem facilmente diante de desafios e dificuldades. Mais precisamente, características comuns são encontradas em crianças com problemas motivacionais e em crianças com dificuldades de aprendizagem. É evidente que, muitas vezes, dificuldades de aprendizagem são agravadas por problemas motivacionais e que problemas motivacionais também se traduzem direta ou indiretamente em dificuldades de aprendizagem, tornando-se, com freqüência, muitas vezes, a disseminação correta dos problemas, uma tarefa árdua, mesmo para os especialistas. Alunos com dificuldades de aprendizagem, problemas motivacionais e baixo rendimento escolar, geralmente, apresentam pouco domínio de estratégias de aprendizagem (cognitivas e metacognitivas). É possível melhorar o rendimento escolar de alunos que não estão se saindo bem na escola através do ensino de estratégias de aprendizagem. Todavia, o

benefício da instrução em estratégias de aprendizagem é maximizado quando se possibilita ao aluno não só o conhecimento da estratégias, mas também o metaconhecimento de quando, como e onde usá-las. Ressalta-se aqui, a importância do ensino, em conjunto, de estratégias afetivas para ajudar o aluno na lida com sentimentos, crenças e estados motivacionais incompatíveis com a utilização adequada das estratégias cognitivas e, conseqüentemente, com a aprendizagem. As teorias recentes da motivação têm equilibrado a importância dos processos superiores como a metacognição, a capacidade do indivíduo pensar sobre os seus próprios pensamentos, tendo-se em vista o alcançar níveis mais altos de auto-consciência. Pesquisas apontam para a necessidade de se ensinar pessoas a entender melhor e controlar seus pensamentos, bem como ajudá-las a compreender como as crenças pessoais relacionam-se com a motivação. Assim sendo, este trabalho tem como objetivo apresentar e refletir sobre as possíveis relações entre as dificuldades de aprendizagem e os problemas motivacionais de alunos do ensino fundamental, tendo-se em vista analisar e discutir a contribuição das estratégias de aprendizagem, tanto para a melhoria quanto para a prevenção das dificuldades de aprendizagem, e dos problemas motivacionais que atingem um número grande de estudantes. Utiliza-se aqui a Psicologia Cognitiva baseada na Teoria do Processamento da Informação como referencial teórico.

Palavras-chave: Motivação para aprendizagem, Dificuldades de aprendizagem; Estratégias de aprendizagem

---

SIMP 4.3 O Desempenho Escolar. A Motivação e as Variáveis Autoconceito e Auto-Eficácia. *Sonia Regina Loureiro (Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo - Brasil)*

Inúmeras pesquisas têm demonstrado que as percepções e julgamentos dos estudantes sobre suas capacidades influenciam a sua motivação para a aprendizagem, a persistência frente as tarefas escolares e o desempenho acadêmico. Objetiva-se analisar os principais modelos destes estudos destacando-se a influência das variáveis internas como as escolhas, crenças, expectativas e afetos como mediadores das relações que se estabelecem no processo de ensino e aprendizagem. Sob esta perspectiva a motivação para a aprendizagem pode ser considerada multideterminada, abrangendo um processo relacional que envolve as demandas externas e as variáveis internas do indivíduo. Dentre as variáveis internas relacionadas a auto-percepção destacam-se os construtos autoconceito e auto-eficácia. Tais construtos envolvem crenças e auto-percepções construídas ao longo da vida, quanto as próprias habilidades, aparência, avaliação social e capacidade de desempenho em atividades específicas. Estudos empíricos desenvolvidos com delineamentos diversos nos últimos 50 anos, têm apontado que percepções e sentimentos positivos em relação a si repercutem no bom funcionamento individual, na motivação e na forma como os indivíduos respondem às demandas da aprendizagem, destacando-se assim o valor preditor do autoconceito quanto ao desempenho escolar. Nestes estudos têm sido abordados aspectos diversos como a inserção em programas de educação especial, o estudo do efeito terapêutico das intervenções psicopedagógicas, a associação a características de temperamento, locus de controle e percepção de competência e aceitação pelos pares, dentre outras. Os estudos empíricos com auto-eficácia, desenvolvidos a partir da década de 80 têm abordado a associação desta variável com o desempenho acadêmico, com ansiedade, depressão e sua influência sobre as estratégias de enfrentamento, destacando-se ainda a influência das aspirações educacionais dos pais e dos ambientes cooperativos sobre a eficácia acadêmica das crianças. A análise destes estudos chama a atenção para a importância das crenças do indivíduo na sua capacidade para exercer controle sobre o seu nível de funcionamento e sobre a demanda ambiental como elemento que o motiva para a ação, favorecendo o entendimento das situações especialmente as relativas à aprendizagem escolar. Assim, sob a perspectiva da teoria cognitiva social no processo de aprendizagem as habilidades de regulação da motivação aliadas as auto-percepções de competência favorecem o automonitoramento e a manutenção da motivação intrínseca, o que permite o envolvimento com a aprendizagem de outras habilidades futuras. Como perspectivas futuras de desenvolvimento na área destacam-se: (1) a necessidade de estudos que abordem procedimentos de intervenção no contexto escolar que levem em conta os múltiplos padrões intra-individuais quanto a motivação, a cognição e as auto-percepções, de forma a favorecer projetos psicopedagógicos mais adequados a esta diversidade e (2) a importância de estudos que avaliem de forma específica o impacto das auto-percepções de pais e professores na motivação dos estudantes para a aprendizagem como elemento de realização pessoal.

Palavras-chave: Desempenho Escolar; Autoconceito; Auto-Eficácia

---

SIMP 5/Psicologia da Família e da Comunidade

CASAMENTO E SEPARAÇÃO: UMA DÉCADA DE PESQUISAS

SIMP 5.1 Concepções e Sentimentos Sobre Casamento, Separação e Terapia de Casal. *Terezinha Féres-Carneiro (Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro)*

Pretendemos, com este trabalho, discutir e articular alguns resultados significativos de investigações realizadas nos anos noventa, por nós e por outros pesquisadores no país e no exterior, sobre casamento, separação e terapia de casal, e sobre o papel da terapia de casal na manutenção e/ou na ruptura do laço conjugal. Procuramos analisar sobretudo os dados nacionais, com o objetivo de melhor compreender as concepções e os sentimentos de homens e mulheres da população brasileira na vivência do casamento e da separação. Aliança e sexualidade se constituem como duas das mais importantes dimensões da vida conjugal. A partir da observação clínica e de alguns resultados de pesquisa, constatamos que tais dimensões se manifestam, diferentemente, em casais de primeiro casamento, para os quais a aliança assume um papel mais importante, e em casais recasados, para os quais a sexualidade é mais relevante. O casamento contemporâneo, muito influenciado pelos valores do individualismo, leva os cônjuges a se confrontarem, o tempo todo, com duas forças paradoxais, ou seja, por um lado os ideais de autonomia e de crescimento de cada um e, por outro, a necessidade de vivenciar a realidade comum do casal, os desejos e projetos compartilhados. Discutiremos alguns dados relativos ao modo como homens e mulheres estão lidando com as tensões existentes na vivência da individualidade e da conjugalidade no casamento contemporâneo, onde tem havido um aumento de expectativas e uma supervalorização dos cônjuges em relação a si mesmo e ao outro, provocando conflitos que podem muitas vezes levar à separação. O número, cada vez maior, de separações conjugais poderia nos levar a questionar a relevância institucional do casamento, na atualidade, todavia, o que constatamos é que os cônjuges não se divorciado não por considerarem o casamento menos importante, mas justamente porque sua importância é tão grande que eles não aceitam que a vida conjugal não corresponda as suas expectativas. A grande maioria das pesquisas sobre separação, realizadas no Brasil e no exterior, enfatizam as causas e as consequências do divórcio, sem focalizar o processo de separação, descrito na literatura como uma das mais dolorosas experiências humanas. Teceremos discutir alguns resultados de pesquisas realizadas no país sobre a vivência do processo de separação. Com o aumento das separações, crescem também, em número e em diversidade, as novas configurações conjugais e familiares dentre as quais serão abordadas questões referentes às famílias reconstituídas, ao recasamento e ao casal homossexual. Analisaremos os dados obtidos em relação à dinâmica da relação conjugal e no processo de escolha amorosa de homens e mulheres heterossexuais e homossexuais. Discutiremos o papel da clínica de casal na separação conjugal, através da análise de casos clínicos, ressaltando que o compromisso da terapia é com a saúde mental dos membros do casal e da família e não com a manutenção ou a ruptura do casamento.

Apoio: CNPq e FAPERJ

Palavras-chave: Casamento; Separação; Terapia de casal

SIMP 5.2 Percepções Sobre o Casamento. *Mirella Ferreira Dela Coleta (Faculdade de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, MG)*

A abordagem científica da satisfação conjugal iniciou-se nos anos 30, abrindo campo para o desenvolvimento de diversos conceitos, teorias e medidas sobre satisfação, ajustamento, estabilidade, intimidade, afetividade e qualidade do relacionamento conjugal. Variáveis interpessoais e intrapessoais têm sido investigadas em busca de melhor compreender o tema. A abordagem cognitivista da psicologia social utiliza as teorias e modelos baseados na percepção de si e do outro, na avaliação do relacionamento, na atribuição causal e nas crenças, valores, atitudes e expectativas, entre outros. Ainda a última década frutificam geradora de conhecimento sobre o efeito das percepções e conteúdos cognitivos individuais na explicação da satisfação, do conflito e da separação conjugal. Estudos brasileiros em atribuição de causalidade identificaram o que as pessoas acham importante para ter sucesso no relacionamento íntimo ou para conduzi-lo ao fracasso. Uma comparação transcultural mostra bastante semelhança entre os estudos ao apontar o amor, fidelidade, honestidade, respeito, diálogo, confiança, amizade, sexo e filhos, entre outras causas do sucesso. A ausência destas é também origem de conflitos e separação, verificando-se, porém, diferenças de gênero nessas atribuições. Utilizando-se metodologia diversa, através da avaliação dos casais sobre os comportamentos e características positivas e negativas de cônjuge, encontram-se qualidades tais como afetuoso, trabalhadora, honesto, sincero, amigo, bom, bondoso, bom pai e respeitador, para ambos os gêneros. Ocorre o mesmo para o que se considera defeitos do cônjuge: nervoso, impaciente, fechado em si, ciumento, inoportuno, ardoroso, autoritário, indiferente, entre outros. As diferenças entre homens e mulheres ocorrem na ordem e na freqüência destas características. Uma comparação entre os diferentes estudos e métodos permite concluir que existem crenças comuns entre os indivíduos acerca do que seja bom e mau para a relação do casal. Tratando-se da satisfação com a dimensão sexual do casamento, encontram-se resultados muito semelhantes às causas identificadas para o sucesso e fracasso no casamento em geral, indicadoras de uma percepção de complementaridade afetivo-sexual, mais para as mulheres do que para os homens, com o acréscimo de algumas dimensões específicas do prazer. Verificou-se que a satisfação com o casamento varia também em função do nível de sociabilidade, tempo de casamento e percepção de controle. Nesta última linha de pesquisa encontrou-se em separados estudos que os indivíduos que possuem alta crença no controle interno, pessoal, das questões que envolvem o relacionamento conjugal avaliam-no de modo mais satisfatório do que aqueles que percebem ser esse controlado por fatores externos, tais como a sorte ou as circunstâncias. O locus de controle, variável que explica esta diferença, mostra ainda a importância da "intencionalidade" para uma estimativa otimista da estabilidade e felicidade conjugais no futuro. Estes dez anos de

pesquisa com amostras brasileiras e de análise de estudos realizados em outras culturas levaram a um conjunto de conhecimentos que, junto à adaptação e validação de escalas para medida das variáveis envolvidas e construção de questionários para os mesmos fins, contribuem para o desenvolvimento da área e sugerem atuações preventivas e terapêuticas para os problemas que envolvem o universo da relação íntima.

Palavras-chave: Satisfação conjugal; Atribuição de causalidade; Locus de controle

***

SIMP 5.3 DONA BARATINHA AINDA QUER SE CASAR? UMA ANÁLISE DO CASAMENTO CONTEMPORÂNEO. *Bernardo Jablonski (Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, RJ)*

No presente trabalho procedemos a uma análise de pesquisas realizadas nos últimos dez anos (tanto no Brasil quanto no exterior) em torno de alguns tópicos relacionados ao casamento e à separação, a saber: a) o papel do amor e da sexualidade nas uniões, b) a dupla jornada de trabalho feminina e a re-divisão de tarefas dentro de casa - conflitiva, em função da relutância masculina em participar de muitas atividades domésticas, c) natureza e determinantes da satisfação conjugal, d) fatores percebidos como importantes pelos membros de um casal, tanto para a manutenção como para o rompimento do vínculo conjugal, entre outras questões relativas às percepções das pessoas quanto aos fatores determinantes de uma separação. Uma rápida consulta aos dados estatísticos disponíveis confirma o crescimento das taxas de divórcio: hoje estima-se que aproximadamente 40% das uniões tendem à ruptura em poucos anos, nos principais centros urbanos ocidentais. Dados igualmente recentes apontam ainda para o fato de que lares compostos pela chamada família tradicional (com marido, mulher e filhos juntos) vêm diminuindo significativamente nos últimos anos nos países industrializados. Crenças relacionadas a um excessivo individualismo, o apelo ao novo e ao descartável - que acaba permeando até mesmo as relações interpessoais -, o movimento de secularização e o fomentamento de desejos contraditórios e de demandas antagônicas (emancipação versus companheirismo, comprometimento versus descartabilidade; monogamia versus permissividade sexual) ajudam a compor um mosaico de atitudes e de expectativas que colocam os casais em contínuo questionamento de suas uniões. O impacto provocado pelo progresso tecnológico também é digno de nota. Desde o aparelho de microondas (que permite que membros da família façam suas refeições isoladamente e nas horas que lhes convém) à utilização do computador (que pode precipitar o isolamento e a diminuição da comunicação levando, por exemplo, a uma menor participação do pai nas tarefas domésticas ou nos momentos de lazer da família), passando pelo maior número de aparelhos de TV numa mesma residência, que dispersa os familiares pelos cômodos de uma casa, diminuindo o contato entre os mesmos. O entendimento de como estes fenômenos são percebidos pelas pessoas é de fundamental importância para que se possa ter uma melhor compreensão da dinâmica das forças em jogo na manutenção e/ou no término de casamentos e uniões, bem como de seus custos e implicações sociais.

Apoio: CNPq

Palavras-chave: Casamento; Separação; Aspectos psicossociais

***

SIMP 06/Análise Experimental do Comportamento

A PESQUISA BÁSICA SOBRE CONTROLE DE ESTÍMULOS COM PRIMATAS E CRIANÇAS: IMPLICAÇÕES EDUCACIONAIS

SIMP 6.1 CRITÉRIOS EMPÍRICOS PARA DECISÕES CURRICULARES NO ENSINO DE LEITURA A PRÉ-ESCOLARES: A CONTRIBUIÇÃO DE ESTUDOS EM LABORATÓRIO SOBRE EQUIVALÊNCIA, CONTROLE POR UNIDADES MÍNIMAS, "INTELIGÊNCIA" E NOMEAÇÃO. *Maria Martha Costa Hübner*, Leila Serrano**, Ana Carolina Rossetti***, Gabriela B. Alves dos Santos***, Mara Zanirello***, Vlasdir Freire Bueno***, Fernanda Fuentes*** (Universidade Presbiteriana Mackenzie)*

Estudos de Hubner e Matos (1996) verificaram efeitos de procedimentos de discriminação de letras e sílabas sobre a emergência de leitura generalizada. Três conjuntos de estímulos eram apresentados. O primeiro era ensinado através do paradigma de equivalência; o segundo era testado, através de tentativas do tipo "BC/CB", verificando a emergência da leitura de novas palavras. Se ocorresse a generalização, testava-se um terceiro conjunto. Como a generalização do primeiro para o segundo conjunto emergia parcialmente, procedimentos especiais foram introduzidos, visando maximizar a identificação das unidades mínimas. O procedimento de oralização silábica simultânea à construção da palavra por anagrama gerou altos índices de acertos nos testes de generalização e pequena variabilidade. Verificou-se uma deterioração de desempenho nos testes com o conjunto 3, mesmo para os sujeitos que já haviam apresentado bom desempenho nos testes de generalização com o conjunto 2.Um estudo subsequente verificou, então, se uma inversão na seqüência de teste e ensino entre os conjuntos 2 e 3 eliminaria a deterioração.Os sujeitos foram vinte e seis crianças pré-escolares, não alfabetizadas. Verificou-se que o procedimento de inverter a seqüência de procedimentos não produziu melhores resultados no primeiro teste de generalização.Entretanto, no segundo teste, o grupo que aprendeu o conjunto 3 antes apresentou melhores resultados do que aquele que aprendeu o 2 antes do 3. Concluiu-se que o controle por unidades mínimas pode ser maior quando o aumento de repertório se dá pela recombinação nas posições de sílabas e letras e não só de sílabas. Demonstrou-se que a leitura generalizada pode ser obtida sem o "procedimento de anagramação de sílabas". Há desempenhos abaixo de 45% de acertos, o que pode indicar que o procedimento especial de anagrama é também necessário para melhorar resultados de generalização. Um experimento está sendo conduzido para responder a esta questão.Um outro conjunto de dados de destaque é o do aumento em resultados de testes de QI e de vocabulário nas crianças do grupo experimental, quando comparadas com um grupo controle (de crianças que não passam pelo estudo). Este dado indica a sensitividade da medida e de sua sensibilidade a contingências de ensino. Revelou que tal aumento ocorre mesmo para as crianças com resultados "fracos" nos testes de generalização. Supõe-se, com isso, que resultados em testes de inteligência relacionam-se mais à equivalência do que ao controle por unidades mínimas e que a equivalência pode ser uma condição facilitadora para a emergência de repertórios verbais. Novos experimentos estão sendo conduzidos para verificar empiricamente esta questão.Verificou-se, ainda, que muitos dos sujeitos que "erram" na nomeação de figuras, confundindo-as entre si, "erram" também no pareamento das figuras com as respectivas palavras. Neste sentido, a escolha de figuras claras em relação às palavras é um critério a ser seguido, quando se quer obter generalização e controle por unidades mínimas no aprendizado da leitura.

(*) bolsista do CNPq – produtividade em pesquisa

(**) bolsista técnica do Fundo de Pesquisa Mackenzie (Mackpesquisa)

(***) bolsista de Iniciação Científica do Fundo de Pesquisa Mackenzie (Mackpesquisa)

Palavras-chave: Equivalência; Controle por unidades mínimas; Leitura; Inteligência, Nomeação, Pré-escolares

***

SIMP 6.2 UMA ABORDAGEM "EDUCACIONAL" NA PESQUISA BÁSICA SOBRE CONTROLE DE ESTÍMULOS COM PRIMATAS. *Olavo de Faria Galvão1, Romariz da Silva Barros, Aline Cardoso Rocha2, Mariana Barreira Mendonça2, Paulo Roney Kilpp Goulart3 (Departamento de Psicologia Experimental - Universidade Federal do Pará - Belém - PA)*

A formação de classes de estímulos equivalentes pode ser um modelo para estudo do que tem sido chamado genericamente, em outras áreas, de comportamento simbólico. A obtenção de classes de equivalência em sujeitos não-humanos é mais difícil do que em sujeitos humanos. É possível que essa dificuldade seja em parte determinada pela ineficiência dos procedimentos adotados para construir as relações de controle planejadas pelo experimentador. Aproximando-se, metaforicamente, os termos "laboratório" e "escola", o presente trabalho apresenta um programa de pesquisa experimental que visa desenvolver procedimentos para a construção de controle de estímulo complexo em macacos-prego (Cebus apella). A metáfora "laboratório-escola" justifica-se pela semelhança dos procedimentos de treino com programas de ensino que envolvem o planejamento de etapas gradualmente mais complexas. As etapas desse "curriculum" incluem 1) ambientação e treino de manejo, 2) modelagem de respostas instrumentais, 3) treino de reversões repetidas de discriminações simples simultâneas com pares e trincas de estímulos; 4) treino de desempenho de escolha condicional por identidade ao modelo; 5) teste e/ou treino do desempenho generalizado de escolha por identidade; 6) treino do desempenho de escolha condicional arbitrária ao modelo e 7) verificação de novas relações condicionais arbitrárias entre os elementos positivamente relacionados na contingência de reforçamento (verificação de propriedades definidoras de classes de equivalência). O estágio atual do programa de pesquisa já permitiu explorar até o item 5 acima citado. O desafio tem sido o de manter o comportamento dos "aprendizes" sob controle das propriedades da tarefa programadas pelo experimentador. Os dados produzidos até o momento confirmam a eficácia da abordagem "educacional" para a construção de repertórios complexos. A respeito da construção do repertório de escolha generalizada por identidade, foi constatado que a) o treino de discriminação simples com os estímulos a serem usados em testes escolha por identidade generalizada aumenta a prontidão com que esse repertório é apresentado, aparentemente porque esse treino combate o efeito de novidade e, através dele, o desempenho dos sujeitos passam a ficar sob controle preciso das características físicas que distinguem os estímulos, o que pode ser considerado um combate ao efeito de generalização, b) a prática melhora a precisão com que se verifica esse tipo de controle de estímulo emergente; c) testes conduzidos com estímulos desenhados de maneira a serem bastantes distintos um do outro independentemente da posição da cabeça do sujeito (caracteres arbitrários com simetria bilateral) tendem a encontrar resultados positivos mais freqüentemente. Os procedimentos, contudo, são permanentemente avaliados em função da efetividade para produzir os desempenhos planejados. Os procedimentos desenvolvidos, enquanto contribuem para a compreensão da aquisição de repertórios complexos, podem subsidiar a construção desse tipo de repertório em pessoas com dificuldade de desenvolvimento de funcionamento simbólico convencional.

Financiamentos: UFPA - PRONEX - CNPq/PIBIC

1- Pesquisador 2A CNpq; 2 – Bolsista de Iniciação Científica CNPq/PIBIC, 3) Bolsista Iniciação Científica UFPA.

Palavras-chave: Controle de estímulos complexo, Abordagem "educacional"; Identidade generalizada

***

SIMP 6.3 EQUIVALÊNCIA DE ESTÍMULOS: UM MODELO PARA O ESTUDO DO COMPORTAMENTO SIMBÓLICO E SUAS IMPLICAÇÕES EDUCACIONAIS. *Olavo Maia*

Kato, Grauben José Alves de Assis, Marcelo Quintino Galvão Baptista, Keila Regina Seles Alves**, Rosa Helena Malheiros**, Maria Elizângela Sampaio**, Danielle Gama Cordeiro*, Joselly de Oliveira Nascimento*, Eliane Regina de Castro*, Rebeka Helena Oliveira Brandão da Silva* e Ana Carolina Marabuto* (Departamento de Psicologia Experimental – Universidade Federal do Pará)

O paradigma da equivalência de estímulos têm gerado uma quantidade significativa de pesquisas que visavam investigar as variáveis que afetam a formação de classes de equivalência e produzido resultados com muitas implicações educacionais. Constitui um instrumento de análise para os desempenhos emergentes envolvidos em processos comportamentais complexos como a cognição e a linguagem. A equivalência tem sido proposta como um modelo para o estudo do comportamento simbólico, especialmente no que se refere à produção e compreensão da leitura. O comportamento simbólico é aquele que está sob controle de um símbolo e este controle é estabelecido quando o controle exercido por um objeto, ação ou evento ambiental (referente na terminologia das teorias referenciais do significado) passa a ser exercido por um símbolo (palavras, numerais, gestos e outros símbolos). A compreensão da leitura como relações de equivalência tem direcionado diversas pesquisas para a investigação das variáveis que afetam a leitura e para o desenvolvimento de procedimentos eficientes de ensino da leitura. Procedimentos de emparelhamento com o modelo baseado na escolha por exclusão e outros procedimentos como de cópia com construção de anagramas tem sido empregados, visando otimizar o ensino por estabelecer o controle por todas as unidades da palavra (letras e sílabas). Todos os estudos ressaltam a necessidade do controle por todas as unidades verbais menores que a palavra para assegurar uma leitura eficiente e generalizada. Nesta mesma direção, estão sendo conduzidas um série de pesquisas pelo nosso grupo de pesquisa, visando investigar variáveis que facilitam o ensino da leitura e o desenvolvimento de um procedimento de teste para identificar o controle silábico. Dois estudos pretendem investigar o efeito de um treino reduzido e de procedimentos especiais de ensino sobre a leitura generalizada e recombinativa. Estes estudos podem gerar contribuições importantes para o desenvolvimento ou aperfeiçoamento de procedimentos de ensino econômicos e eficientes. Outros dois estudos também investigam os efeitos de procedimentos especiais, como de cópia e ditado com construção de anagramas, que pretende, ainda, verificar a eficiência de um teste na identificação do controle restrito pelas unidades silábicas. Outra linha de pesquisa visa investigar a formação de classes seqüenciais e de equivalência em classes gramaticais, comparando dois procedimentos de ensino de seqüências na emergência de novos desempenhos seqüenciais. Estes estudos, alguns deles replicações sistemáticas de estudos da área que já apresentam resultados com pouquíssima variabilidade, prometem gerar resultados que proporcionarão relevantes avanços conceituais e metodológicos e apresentam importantes implicações educacionais para o ensino de repertórios de comportamentos simbólicos complexos, como a leitura de palavras com compreensão e o comportamento simbólico.

*Aluna do curso de graduação em Psicologia e bolsista do PIBIC (CNPq/UFPA) e BIA (UFPA)

**Aluna do Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento.

Palavras-chave: Equivalência de estímulos, Leitura generalizada, Controle pelas unidades silábicas

*****

SIMP 07/Percepção e Psicofísica

PERCEPÇÃO SENSORIAL: ALGUMAS PESQUISAS NO PAÍS

SIMP 7.1 Filtros De Freqüência Angular De Banda Estreita Comparados A Filtros De Freqüência Espacial E Mensurações Da CSF E A CSA Com Adultos E Idosos. Simas, M.L.B. e Santos, N.A. *(Laboratório de Percepção Visual, LabVis-UFPE, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco)*

Estamos no processo de mensurar as curvas de resposta a freqüências para 11 filtros de freqüência angular, AFF, assim como para 7 filtros de freqüências espaciais, SFF, cujas freqüências de teste estão centradas em 1, 2, 3, 4, 8, 16, 24, 32, 48, 64 e 96 ciclos (por 360°), ou 0.5, 1.0, 2.0, 3.0, 4.0, 5.0 and 6.0 ciclos por grau de ângulo visual, cpg, respectivamente, utilizando o paradigma da somação de supra-limiares. Também estamos mensurando a CSF (Curva de Sensibilidade ao Contraste de freqüências espaciais e angulares) com adultos e idosos. No procedimento para filtros, a escolha forçada é feita entre um estímulo composto da soma da freqüência de teste (a mesma dos filtros em questão) e uma das freqüências de fundo e o outro estímulo que consiste apenas na freqüência de fundo em questão. As freqüências angulares de fundo são 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 16, 24, 32, 48, 64, e 96, enquanto as freqüências espaciais de fundo são: 0.2, 0.3, 0.5, 0.8, 1.0, 2.0, 3.0, 4.0, 5.0, 6.0 e 9.0 cpg. Os níveis de contraste das freqüências de fundo permaneceram constantes em ambos os estímulos apresentados durante toda uma sessão experimental e eram iguais a 5 vezes o limiar de detecção das respectivas freqüências de teste. Somente o contraste da freqüência de teste era variado durante a sessão experimental dependendo dos acertos e erros do sujeito. A escolha correta era aquela que indicava o estímulo que continha a freqüência de teste. As 11 curvas de 17 condições experimentais (para cada curva) para AFF assim como as 7 curvas de 11 condições experimentais (cada) para SFF estão sendo mensuradas entre 9 sujeitos. Até o presente, nossos resultados parciais para os filtros já mensurados mostram que, para as fases arbitrárias escolhidas (soma em fase), efeitos de somação máxima ocorreram para todas nas freqüências de teste tanto para os filtros de freqüências angulares (1, 2, 3, 4, 8, 16, 24, 32 e 48 ciclos) como para os filtros de freqüências espaciais (0.5, 1.0, 2.0, 3.0 e 4.0 cpg). Até o momento, encontramos os maiores efeitos de somação para AFF comparados aos dos SFF. Efeitos máximos (absolutos) de somação foram encontrados para 24 ciclos (AFF) que eram 1.6 vezes maiores do que estes encontrados para o filtro de 3 cpg (SFF). Os resultados para idosos mostram perdas de sensibilidade ao contraste de freqüências espaciais e angulares em toda a faixa mensurada. Estes resultados sugerem que existem filtros de freqüências angulares de banda estreita operando de alguma forma no sistema visual humano, seja através de somação ou inibição de faixas específicas de freqüências. Quanto aos resultados com idosos, acreditamos que nossas mensurações possam ser de interesse para o diagnóstico de problemas visuais.

Apoio Financeiro: CNPq, FACEPE.

Palavras-chave: CSF; Freqüência espacial; Freqüência angular

****

SIMP 7.2 A Percepção Auditiva No Ciclo De Vida: Modelos Psicofísicos Para Estudos Experimentais. *Maria Angela Guimarães Feitosa e Roseane Maria Tristão (Laboratório de Psicofísica), Depto Processos Psicológicos Básicos, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, DF)*

Estudo anterior em nosso laboratório mostrou que o desenvolvimento da criança com síndrome de Down é particularmente prejudicado no âmbito da linguagem e que este prejuízo se correlaciona com limiares auditivos mais elevados para tons puros em várias freqüências, sugerindo que o atraso de desenvolvimento nestas crianças tem um componente sensorial importante. Mais recentemente vimos desenvolvendo condições para estudar psicofisicamente características da percepção de fala em bebês desse grupo, sobre cujas competências sensoriais ainda muito pouco é conhecido na literatura internacional. Na primeira parte desta comunicação serão discutidos recursos metodológicos disponíveis para a psicofísica do bebê e a utilização do modelo de habituação para o estudo da percepção de fala em bebês SD para pseudo-palavras dissílabas de estrutura [Consoante+Vogal+Consoante+Vogal], incluindo a racional para a escolha do modelo, o desenvolvimento de software específico, a configuração do ambiente experimental, a escolha da resposta ao estímulo auditivo. A validação empírica para bebês de 3 a 10 meses de idade será discutida a partir dos dados disponíveis, incluindo as vantagens e limitações da abordagem metodológica em uso. Vimos também nos preocupando com o estudo do processo de envelhecimento auditivo "fisiológico". Estudos realizados principalmente nas duas últimas décadas têm mostrado que a percepção auditiva é alterada em vários aspectos com o envelhecimento, com implicações relevantes para comunicação social. Independentemente de patologia específica, surgem com o envelhecimento alterações graduais em sensibilidade absoluta, dificuldade para discriminação de freqüência e de intensidade, para percepção de fala, para localização espacial, e processamento temporal. São inconclusivos os dados relativos a alterações em percepção da decaimento, o fenômeno de rápida e progressiva diminuição na sensibilidade a um som com sua apresentação continuada, e a alterações em sonoridade (loudness). No conjunto, os estudos disponíveis sugerem que o processo de envelhecimento auditivo tem por base alterações múltiplas nas condições para processamento do sinal acústico, tanto em nível periférico com central e que esse processo tem curso temporal próprio para fenômenos sensoriais distintos, mesmo dentro da modalidade auditiva. A segunda parte da presente comunicação contempla uma análise crítica do cenário disponível a partir da literatura experimental e submete à discussão a avaliação das vantagens e limites dos modelos psicofísicos utilizados em nosso laboratório para o estudo de percepção de sonoridade e de processamento temporal com o envelhecimento, a partir dos recursos desenvolvidos e dos dados disponíveis. Por fim, serão analisados critérios para priorização de estudos adicionais sobre os processos de audição no ciclo de vida.

Apoio: CNPq

Palavras-chave:

****

SIMP 7.3 Características Espaciais E Temporais Da Seleção Visual. *Cesar Galera (DPE, FFCLRP-USP, Ribeirão Preto, SP)*

Boa parte dos modelos do sistema visual concordam que a seleção ou agrupamento perceptivo ocorre de forma automática e simultânea levando em conta todos os estímulos presentes no campo visual, sem submetê-los individualmente a uma análise atencional. Teoricamente a duração de um tal processo de agrupamento pré atentivo, deve contribuir com o TR (tempo de resposta) de maneira independente de outros processos realizados sob o foco da atenção. Nós temos investigado esta hipótese numa tarefa de busca visual na qual os estímulos relevantes, o alvo e os distratores, foram distribuídos aleatoriamente entre elementos de textura irrelevantes para a tarefa. Os resultados mostram que estímulos relevantes que diferem dos elementos de fundo na orientação e na luminância de seus componentes lineares, no tamanho, e na disparidade binocular (profundidade) podem ser selecionados em paralelo. No entanto, o a presença dos elementos de fundo continua contribuindo para o aumento do TR, mesmo nas condições em que os estímulos relevantes são selecionados em paralelo. Estudos na literatura sugerem que a presença dos estímulos irrelevantes interfere com a localização dos estímulos relevantes. Esta hipótese foi investigada numa situação (Exp. 1-3) na qual os sujeitos foram informados sobre a posição na qual os estímulos

relevantes seriam apresentados, e em situações nas quais se manipulou o intervalo entre os estímulos relevantes e os irrelevantes (IEE, Exp 4-5). Os resultados mostram que a informação sobre a posição espacial dos estímulos relevantes pode diminuir parcialmente o efeito que os estímulos relevantes têm sobre o TR (Exp 1). A informação sobre a o formato (Exp 2) e o tamanho da região (Exp 3) na qual os estímulos relevantes seriam apresentados também contribuem para diminuir, mas não eliminam, o efeito dos estímulos relevantes. O efeito dos estímulos irrelevantes também diminui em função do IEE (Exp 4 e 5).

Fapesp.

Palavras-chave: Atenção visual; Busca Seletiva; Agrupamento perceptivo

***

SIMP 4 Psicologia Social

ASPECTOS PSICOSSOCIAIS DE ASSENTAMENTOS DE TRABALHADORES SEM TERRA

SIMP 4.1 Psicologia e Políticas Públicas. *Ronald João Jacques Arendt (Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da UERJ)*

Este trabalho é um desdobramento de algumas idéias contidas na tese escrita pelo autor para defesa da cadeira de professor titular em Psicologia Social da UERJ, em 1999, intitulada "Para onde vai a Psicologia?". As conclusões desta tese apontam para uma ênfase excessiva na abordagem sócio-cultural na Psicologia Social Pós-Moderna, característica do final do séc. XX. A se levar às últimas conseqüências tal posição, a Psicologia se diluiria nas Ciências Sociais. Propõe-se aí um retorno às questões psicológicas através de uma Psicologia Social Psicológica não positivista. O argumento que se pretende defender é que a Construção Social em Psicologia não repousa exclusivamente na influência das instâncias externas ao sujeito e que se consubstanciam nas disciplinas da Sociologia, da Antropologia, da Política e da História. Nosso objetivo é demonstrar que apesar de imanentes tais dimensões não retiram a autonomia das instâncias psicológicas e psicossociais. Este trabalho procurará portanto rastrear os passos que permitam repensar em termos contemporâneos tais dimensões psicológicas construtivistas. A questão política, para os psicólogos, seria, por um lado, como cientistas, investigar como se expressam em cada sociedade tais processos psicológicos e, por outro lado, de forma normativa, efetivar uma proposta ética das condições necessárias para que o sujeito possa tomar decisões com a maior maturidade possível: trata-se de dar subsídios para que os grupos e indivíduos possam atingir estágios mais avançados do desenvolvimento psicológico e moral. É para essa construção que o psicólogo deveria contribuir, seja a nível do sujeito, seja a nível social, com a sugestão de políticas públicas que levem em consideração as questões psicológicas e psicossociais estudadas. A partir da concepção de meio ambiente desenvolvida por Bruno Latour será discutida uma proposta para a efetivação destas políticas públicas no sentido de reavaliar radicalmente questões contemporâneas de moral, política e ciências humanas. Para Latour não há como conceituar a natureza contraposta à cultura, enquanto campos a serem investigados em sua pureza ontológica. O que existem são híbridos de natureza e cultura e o social não consiste apenas no mero vínculo de humanos, mas também nas associações das diversas entidades e repartições humanas e não-humanas. As ciências enquanto porta-vozes, tradutoras e representantes destas repartições fazem emergir a política como assembléia de todos os porta-vozes e a moral deixa de ser pensada como transcendente, para ser uma dimensão imanente, processual e negociada. As ciências humanas, ao integrar e não imitar as ciências naturais, tornam-se antropológicas. O modelo de Latour refere-se a uma Sociologia das ciências, mas é uma hipótese deste trabalho que tais análises são adequadas à Psicologia, mormente à Psicologia Social, e que tal enfoque permite um olhar teórico sobre o híbrido urbano/rural.

Palavras-chave: Construtivismo; Questões psicossociais; Híbridos

***

SIMP 4.2 Um Olhar Psicológico Sobre O Ambiente Rural. *Francisco José Batista de Albuquerque (Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da UFPB)*

A psicologia em geral e a psicologia social em particular, têm buscado o aperfeiçoamento do conhecimento nos estudos voltados para o ambiente urbano, deixando à margem o ambiente rural como fonte de preocupação. O rural, exceto pouquíssimos casos, mantém-se à distância dos olhos dos psicólogos e dos pesquisadores da área. O mesmo não se deu com suas irmãs mais, a economia e a sociologia, que incorporaram o rural nos seus estudos, e cada uma delas até contempla um ramo para a economia rural ou para a sociologia rural, já muito bem estabelecido e aceito pelo núcleo central da produção científica. Talvez este desinteresse também se deva ao deslocamento da economia, que passou neste século, de uma economia agrária para uma economia cada vez mais gerada no urbano e voltada para os serviços. Por quaisquer que sejam as razões, parece incontestável que a psicologia está mais dirigida ao urbano do que ao ambiente rural. Os conceitos de urbano e rural derivam primordialmente das análises puramente demográficas, deixando a desejar quando se consideram outros usos dos conceitos, como é o caso das políticas públicas de desenvolvimento rural, do planejamento para o ambiente rural, ou mesmo de pesquisas de caráter psicossocial. Quanto à população rural (20%) deve-se considerar, no caso do Brasil, o elevado número de migrantes em pouco espaço de tempo, do campo para as cidades. Considerando-se que dos 5507 municípios brasileiros, 4089 possuem menos de 20.000 habitantes, o que corresponde a 74,2% ou 3/4 do total dos municípios, podemos perceber que a distribuição dos agrupamentos urbanos no Brasil obedece a critérios de grandes concentrações humanas em poucas cidades de todo o seu território. Para o imaginário das pessoas, principalmente dos habitantes dos grandes centros, o ambiente rural é percebido como um todo homogêneo, e de certa forma atrasado, refletindo idéias preconcebidas que nem sempre correspondem aos fatos. Esse conjunto de crenças tem importância decisiva na hora de definir as políticas públicas de um país. Raciocinando dessa maneira, tem-se priorizado sempre o urbano sobre o rural, investindo-se muito e com mais freqüência no urbano. Para o ambiente urbano são direcionadas as verbas públicas de industrialização, moradia, saúde, educação, segurança, etc. O resultado tem sido desastroso conforme mostra o nosso cotidiano: pânico, violência, abandono, drogadição, enfim, perda da cidadania. Investiu-se em uma direção, com tanta ênfase, que o resultado foi a atração, para esses centros, da população rural desprezada e abandonada pelos serviços públicos, gerando o caos. O pior é que esse caos constitui um processo entrópico, posto que se chegou a um ponto tal de desordem social, que por mais investimentos de recursos públicos que sejam realizados nos grandes centros, eles serão insuficientes para reordenar a construção social aviltada. É necessária uma reviravolta nessa linha política, propiciando investimentos públicos e privados mais dirigidos aos pequenos municípios, à zona rural.

Palavras-chave: Caráter psicossocial do trabalhador rural; Enfoque rural; Urbano; Agrário

***

SIMP 4.3 Estudo Da Recriação E Subordinação Na Gestão Dos Assentamentos Rurais: Para Onde Caminham Os Assentados? *Sálvia Magali Vale Nascimento ** (Departamento de Serviço Social - Universidade Federal do Maranhão, São Luís-MA)*

Estudar a gestão dos assentamentos rurais e os processos sociais que se fazem presentes, destacando-se as práticas e relações sociais que conformam esse contexto, tornou-se objeto de investigação deste trabalho a partir da percepção empírica das relações estabelecidas entre assentado e alguns agentes externos: Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, Movimentos dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra, Igreja Católica e outros. A relação entre os próprios assentados também instigou a investigação. A questão central era: o processo de gestão dos assentamentos rurais está possibilitando ações autônomas por parte dos assentados na condução dos assentamentos ou estarão os assentados apenas adequando-se às normas estabelecidas pelos agentes externos com os quais relacionam-se? O objetivo geral do trabalho era identificar e analisar as práticas sociais dos assentados no contexto da gestão dos assentamentos rurais. O estudo do cotidiano e a implementação dos programas e projetos nas áreas de assentamentos, tornou-se instrumento de mediação da questão a ser estudada. Este estudo implica na possibilidade de contribuir para a redefinição dos processos gestores hoje existentes nos assentamentos rurais do país. Os aspectos relevantes a serem destacados sobre a literatura na área, são os estudos sobre viabilidade dos assentamentos e os reordenamentos à nível da produção e das relações sócio-educativas produzidas nos assentamentos a partir das questões implementadas nos mesmos. O estudo teve como referencial metodológico principal o método dialético da investigação, onde partindo-se do aparentemente concreto, atinge-se o abstrato, retornando em seguida ao concreto pensado. As técnicas utilizadas para coletar dados foram: análise de documentos (planos, programas e projetos), entrevistas individuais e coletivas e sociodramas. Utilizou-se amostras estratificadas por sexo. Os sociodramas buscaram apreender falas e comportamentos. Os resultados apresentados são os seguintes: os processos de gestão implementados tem desestruturado parte significativa das organizações nos assentamentos. Um outro resultado é que os modelos de gestão não apresentam diagnóstico e prognóstico em sua maioria. Esses resultados confirmam uma das hipóteses centrais do trabalho: os processos de gestão nos assentamentos investigados não têm positivado a vida dos assentados rurais. As práticas dos assentados embora apresentem resistências em alguns momentos, ainda subordinam-se bastante aos agentes externos. Os resultados foram interpretados a partir da categorização de palavras e significados dos termos usados no contexto do discurso. Os assentados participaram desse processo na relação feedback. As análises dos dados foram realizados à luz do referencial do materialismo histórico dialético mas sem perder de vista a recorrência a outras abordagens como a fenomenologia no entendimento da compreensão da realidade. Nesse sentido, o objetivo de compreender as relações e práticas efetuadas na gestão dos assentamentos parece ter-se cumprido na investigação.

Palavras-chave: Gestão; Assentamentos rurais; Cotidiano

***

SIMP 5 Escolar

CRIATIVIDADE E EXPERTISE: FATORES FACILITADORES AO SEU DESENVOLVIMENTO

SIMP 5.1 O Professor E O Seu Papel Facilitador Da Expressão Da Criatividade. *Eunice Soriano de Alencar (Programa de Mestrado em Educação, Universidade Católica de Brasília, Brasília, DF)*

Criatividade é um fenômeno complexo e complexamente determinado. Para sua expressão, contribuem características individuais * como disposição motivacional, atitudes e atributos de personalidade; fatores do ambiente mais

próximo" como escola e família, e ainda do ambiente mais remoto, de ordem histórico-cultural. Especialmente o papel do professor como elemento facilitador do desenvolvimento das habilidades criativas tem sido amplamente ressaltado por autores diversos, como Alencar, Cropley, Renzulli e Sternberg, que chamam a atenção para a necessidade de o professor propiciar canais para a expressão da capacidade de criar do aluno, eliminando simultaneamente bloqueios que o impedem de fazer melhor uso de seu potencial para criar, como o medo da crítica e de comuns erros, frequentemente observados em estudantes de distintos níveis de ensino. Por outro lado, tem-se observado que o professor, muitas vezes, é um elemento bloqueador à expressão de novas idéias, implementando práticas inibidoras ao desenvolvimento da criatividade, favorecendo a passividade e o conformismo, e contribuindo para atrofiar o desejo do aluno de fazer uso de sua capacidade criativa. Durante o simpósio, serão apresentados estudos recentes e dados de pesquisa de nossa autoria bem sobre comportamentos apoios do professor facilitador da criatividade como sobre o nível de criatividade dos professores, segundo avaliação pelos alunos. Esses dados apontam aspectos diversos, como técnicas instrucionais, qualidade da relação professor-aluno e traços de personalidade que, segundo os alunos, seriam freqüentes entre professores facilitadores da expressão das habilidades criativas. Mostram também que, segundo estudantes universitários, os seus professores apresentam baixo nível de criatividade, sendo significativamente menos criativos do que os próprios alunos e seus colegas. São dados relevantes de serem conhecidos pelos docentes, que necessitam se equipar para construir uma plataforma em sala de aula para a criatividade. Esta tem como base o cultivo de habilidades relacionadas ao pensamento criativo, o fortalecimento de atributos de personalidade que favoreçam a expressão criativa, paralelamente à provisão de um clima em sala de aula que reflita valores fortes de apoio à criatividade. Isto é especialmente necessário, tendo em vista o crescente reconhecimento da criatividade como um atributo desejável no profissional para atuar em áreas diversas e a sua relevância para o bem-estar emocional e saúde psicológica do indivíduo.

Apoio financeiro: CNPq

Palavras-chave: Criatividade, Professor, Ensino

SIMP 9.2 PESQUISA SOBRE EXPERTISE: PERSPECTIVAS E LIMITAÇÕES. *Afonso Galvão (Universidade Católica do Rio de Janeiro)*

Diferenças entre o conhecimento de experts e não-experts em qualquer domínio é algo que sempre desafiou tanto cientistas quanto o público em geral. Pesquisas têm indicado que a capacidade performática superior do expert pode ser explicada a partir de algumas características básicas do seu comportamento. Por exemplo, experts demonstram melhor memória para material significativo do que não-experts, e representam problemas de modo mais elaborado, empregando diferentes estratégias para resolvê-los. A capacidade superior do expert tem como base um conhecimento sólido da área específica, adquirido através de estudo individual deliberado, sistemático e extensivo, que submete a limitações de ordem motivacional, ambiental e pessoal. Estudos laboriosos sobre o desenvolvimento da expertise são antigos a ponto de se confundirem com a própria história da pesquisa experimental psicológica. No entanto os experimentos antigos estavam mais preocupados em resolver problemas específicos que caracterizassem, por exemplo, a produção industrial do que em oferecer teorias que pudessem justificar aspectos comuns da expertise em campos distintos. Tal situação começou a mudar no início dos anos cinqüenta com os trabalhos de De Groot sobre expertise em xadrez que influenciou toda uma geração de pesquisadores a se dedicarem à área a partir de diferentes paradigmas. Surgiu então um tipo de pesquisa interdisciplinar que tomou rumos ainda mais elaborados a partir de um artigo de Chase & Simon (1973) propondo uma teoria geral para a estrutura da expertise que fosse capaz de oferecer previsões empíricas para a performance expert em uma variedade de domínios, incluindo música, xadrez, medicina, futebol e outros. Este trabalho apresentará dados de algumas pesquisas recentes na área de expertise (inclusive de minha autoria) que tratam retrospectivamente sobre os aspectos comuns do ambiente no qual a expertise se desenvolve, o conceito e importância do estudo individual deliberado para o alcance da expertise, e os fatores motivacionais que sustentam o aprendizado de longa duração em áreas como música instrumental, física, xadrez e literatura. Ao final serão mencionadas três gerações de modelos que tentaram explicar a expertise. A primeira geração concentrava a resolução de problemas do expert em relação a um pequeno número de buscas seriais que poderiam ser empreendidas em diferentes domínios com conhecimento mínimo das particularidades de cada domínio. A segunda levava em conta a noção de compilação de conhecimento, amplamente baseada na teoria ACT* de Anderson. A terceira e mais recente, o conexionismo simbólico, explica a resolução de problemas do expert em relação a conexões simples e múltiplas que operam em paralelo. A conclusão oferecerá uma pequena análise das implicações da pesquisa sobre expertise para estudos da criatividade e da educação como um todo, bem como sobre suas limitações e perspectivas futuras.

Palavras-chave:

SIMP 9.3 ATRIBUTOS FUNCIONAIS QUE FAVORECEM A CRIATIVIDADE. *Denise de Souza Fleith (Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento, Universidade de Brasília, Brasília - DF)*

Estudos na área de expertise têm investigado a natureza do conhecimento e os processos cognitivos envolvidos no desenvolvimento de alta competência em vários domínios do saber. Observa-se que vários aspectos do desempenho de experts estão em consonância com a atuação de indivíduos criativos. Dentre esses aspectos, podem ser ressaltados: (a) alta organização e integração do conhecimento, (b) profundo conhecimento de conceitos do domínio, (c) reconhecimento de padrões significativos entre conceitos e princípios do domínio, (d) conhecimento de procedimentos do domínio (conhecimentos estratégicos), (e) fácil acesso às informações armazenadas e (f) desenvolvimento de processos auto-regularizadores, tais como automonitoramento, exame da adequação das táticas de solução de problemas utilizadas, avaliação da relevância das informações obtidas e sensibilidade ao feedback informativo. É possível, portanto, estabelecer uma relação entre expertise e criatividade. Neste simpósio serão discutidas características de ambientes educacionais que favoreçam a promoção da criatividade e expertise. Várias maneiras de se cultivar tais habilidades no contexto educacional têm sido sugeridas: (a) dar ao aluno oportunidade de escolha, levando em consideração seus interesses e habilidades, (b) expor o aluno a diversas áreas de conhecimento, estilos de ensino e formas de avaliação e fornecer feedback informativo sobre seu desempenho, (c) dar oportunidades ao aluno de obter conhecimento pessoal acerca de suas habilidades, interesses e estilos de aprendizagem, (d) relacionar os objetivos do conteúdo às experiências dos alunos, (e) oferecer aos alunos informações que sejam importantes, interessantes, contextualizadas, significativas e conectadas entre si, (f) orientar o aluno a buscar informações adicionais sobre tópicos de seu interesse, (g) implementar atividades que estimulem o aluno a definir e solucionar problemas, (h) introduzir métodos de pesquisa empregados em diferentes domínios, (i) levantar e discutir problemas ainda não solucionados em distintos domínios, (j) estimular o aluno a gerar múltiplas hipóteses para um problema, (l) desenvolver no aluno a habilidade de explorar consequências para acontecimentos que poderão ocorrer no futuro, (m) encorajar o aluno a registrar suas idéias e (n) criar um espaço para divulgação dos trabalhos dos alunos. A tendência educacional neste século que se inicia é a de instrumentar o aprendiz a prever problemas, romper barreiras, reformular conteúdos e desenvolver formas de investigação mais produtivas. Para isso é necessário que ele esteja inserido em um ambiente que valorize a criatividade e a excelência de desempenho. Isto envolve avaliar objetivos educacionais, práticas pedagógicas adotadas, relação professor-aluno, formação e capacitação de professores, práticas administrativas e valores sociais e culturais disseminados no contexto educacional.

Palavras-chave:

SIMP 10 Psicologia Clínica e da Personalidade

TRANSTORNOS ALIMENTARES: AVANÇOS DIAGNÓSTICOS E TERAPÊUTICOS

SIMP 10.1 TRANSTORNOS ALIMENTARES. AVANÇOS NO DIAGNÓSTICO. *Marcelo Papelbaum, MD* (Universidade Federal do Rio de Janeiro - RJ), Mônica Duchesne (Universidade Estadual do Rio de Janeiro – RJ)*

Os distúrbios relacionados aos transtornos alimentares começaram a serem descritos a partir do século XVII. No entanto, somente na década de 50 Hilde Bruch descreveu os sintomas psicológicos nucleares da anorexia nervosa: "Um senso paralisante de inabilidade de invadir todo pensamento e atividade". Ela também definiu fundamentos para a terapia cognitiva descrevendo métodos de tratamento e alterações cognitivas desses pacientes. Segundo os critérios propostos pelo DSM-IV a anorexia nervosa se caracteriza por um distúrbio na percepção da autoimagem corporal, acompanhado de uma recusa em se manter um peso mínimo, medo intenso de engordar e alterações endocrinológicas decorrentes do baixo peso. Já a bulimia nervosa só veio a ser definida com uma síndrome distinta a partir dos estudos de Gerald Russel em 1979. Caracteriza-se por episódios recorrentes de descontrole alimentar acompanhados de ingesta excessiva de alimentos e comportamentos inapropriados no intuito de evitar o ganho de peso, tais como vômitos auto-induzidos e abuso de laxativos. Além disso, a auto-avaliação é influenciada pela forma e peso. Recentemente, uma terceira categoria diagnóstica tem se destacado devido a sua alta prevalência em obesos e a presença de psicopatologia associada. O transtorno da compulsão alimentar periódica (TCAP) apresenta os episódios de descontrole alimentar, presentes na bulimia nervosa, sem a ocorrência de mecanismos compensatórios restritivos ou purgativos. Será apresentada a nova escala de avaliação para a compulsão alimentar (Binge Eating Scale) que encontra-se em processo de validação para o português e tem se mostrado um instrumento confiável no rastreio e avaliação de indivíduos com TCAP. Um aspecto importante é o caráter multidisciplinar do tratamento, envolvendo profissionais de diversas áreas, entre eles, clínicos gerais, psiquiatras, psicólogos e nutricionistas. O tratamento farmacológico complementa de forma substancial a abordagem psicoterápica. Recentemente divulgada na base de dados Cochrane, um estudo meta-analítico demonstrou que a abordagem cognitivo-comportamental é superior ao uso isolado de medicamentos. No entanto, o uso associado da medicação e terapia cognitivo-comportamental (TCC) demonstrou ser mais eficaz que o uso de TCC isoladamente. Além disso, a presença de doenças psiquiátricas comórbidas é muito comum, complicando o tratamento do comportamento alimentar anormal e aumentando o risco de complicações médicas. Inúmeros fármacos já foram testados no tratamento dos transtornos alimentares, e alguns

demonstraram-se bastante eficaz, como o uso da fluoxetina para o tratamento dos sintomas bulímicos. Além disso o tratamento farmacológico das comorbidades psiquiátricas é importante para a normalização do comportamento alimentar. Com relação ao TCAP novas substâncias vem se mostrado eficaz, como é o caso da sibutramina, medicamento já utilizado e aprovado para o tratamento da obesidade. O objetivo geral da apresentação é discutir o diagnóstico dos transtornos alimentares, evidenciando as pesquisas recentes que levaram à modificação recente no sistema diagnóstico, e apresentando formas de avaliação de gravidade, através da apresentação de dados de nosso grupo de pesquisa na utilização de escalas de avaliação. O impacto na morbi-mortalidade também será apresentado, assim como uma atualização no tratamento, incluindo novas abordagens farmacológicas.

Palavras-chave: Transtorno Alimentar; Farmacoterapia; Binge Eating Scale

SIMP 10.2 Abordagem Cognitivo-Comportamental Dos Transtornos Alimentares. *Mônica Duchesne (Universidade Federal do Rio de Janeiro - RJ)*

O presente trabalho tem como objetivo delinear as estratégias de tratamento que tem se mostrado mais eficazes para o tratamento de transtornos alimentares em regime individual e de grupo, de acordo com pesquisas recentes. A terapia cognitivo-comportamental tem evidenciado bons resultados e abrange diferentes técnicas. A modificação do sistema de crenças tem mostrado ser uma das estratégias fundamentais desta abordagem. Os transtornos alimentares são mediados por um conjunto de crenças distorcidas e disfuncionais sobre peso, formato, alimentação e valor pessoal. Assim, deve-se desenvolver no portador a capacidade de identificar suas crenças disfuncionais. Ele deve ser encorajado a analisar suas experiências, procurando argumentos e evidências que permitam uma análise objetiva de seu sistema de crenças. Nos transtornos alimentares a auto-estima encontra-se intrinsecamente associada ao peso e formato corporal. É importante obter a diminuição dos altos níveis de expectativa que os portadores de transtornos alimentares apresentam e ajudá-los incorporarem outros aspectos além da aparência na avaliação do seu valor, reduzindo seu medo intenso de engordar. Ele deve começar a avaliar mais acuradamente suas habilidades e qualificações, aumentando suas crenças de auto-eficácia. Para eliminar os comportamentos compensatórios característicos é fundamental ensinar estratégias para controle de episódios de compulsão alimentar e estabelecer um padrão regular de alimentação, evitando que passem muitas horas sem ingerir alimentos ou que tentem excluir da alimentação comidas consideradas "engordativas". O aumento da quantidade de ingestão alimentar pode ser mais facilmente implementado se for feito de forma gradual, idealmente de acordo com o planejamento do nutricionista. Os comportamentos compensatórios, além de reduzirem o medo de engordar, podem tornar-se redutores generalizados de ansiedade ou tristeza. Assim, frente a qualquer situação estressante de vida (ex: problemas de relacionamento, tédio, críticas, etc.) o portador passa a recorrer a eles. É importante estruturar, junto com o paciente, modos alternativos para lidar com estas situações, ensinando estratégias de redução da ansiedade. O Treino em Solução de Problemas pode ajudar na escolha da melhor estratégia para aplicar à situação-problema. A associação da terapia familiar tem se mostrado importante em vários casos e o tratamento em grupo tem sido amplamente utilizado com bons resultados. O grupo ajuda o paciente a reduzir sentimentos de isolamento e fornece feedback e insight sobre o próprio comportamento, através da observação dos demais membros. Ele também fornece incentivo e oportunidade para aprender com as experiências dos demais. Além disso, facilita o Treino de Habilidades Sociais e a abordagem das dificuldades interpessoais. As pacientes reproduzem no grupo as mesmas expectativas e crenças distorcidas que apresentam nos demais grupos sociais que freqüentam, permitindo sua reestruturação destas no momento em que ocorrem.

Palavras-chave: Transtorno Alimentar; Terapia Cognitiva; Terapia Comportamental

SIMP 10.3 Compulsão Alimentar E Sua Associação Com A Psicopatologia Na Obesidade Infantil. *Christina M. Morgan**1,2, Susan Yanovski2, Miguel R. Jorge1, Tue T. Nguyen2, Jennifer McDuffie2, and Jack A. Yanovski2 (1 Departamento de Psiquiatria, Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP, São Paulo, SP. 2 Unit on Growth and Obesity, NICHD, NIH, Bethesda, MD, EUA)*

Episódios de compulsão alimentar, definidos pela quantidade excessiva de alimentos associada à sensação de perda de controle sobre o ato de comer, são muito freqüentes entre adultos obesos e estão associados a índices mais elevados de psicopatologia, especialmente sintomas depressivos, e também preocupações mais intensas com o peso e o corpo. Embora muitos pacientes descrevam retrospectivamente o aparecimento da compulsão alimentar em idades precoces, existem poucos dados sobre este comportamento na infância. Como a obesidade infantil é o transtorno nutricional mais freqüente em crianças e adolescentes e, nas últimas décadas, sua prevalência tem aumentado progressivamente em países do mundo todo, a avaliação destes comportamentos entre crianças obesas pode contribuir para um melhor manejo desta condição. Nesta pesquisa, portanto, pretendemos avaliar a freqüência da compulsão alimentar e sua associação com a psicopatologia em uma amostra de crianças obesas da comunidade. MÉTODOS: Este estudo foi realizado no Instituto Nacional de Saúde dos Estados Unidos (Bethesda, MD). Crianças da comunidade com Índice de Massa Corporal (IMC) > percentil 95 foram convidadas a participar do estudo através de cartas enviadas a todas as escolas, distritos e todos os consultórios pediátricos do condado de Montgomery. 69 crianças (34 meninas e 35 meninos) saudáveis, que não estavam em tratamento para emagrecer, foram incluídas neste estudo. As crianças foram categorizadas em 2 grupos de acordo com suas respostas ao Questionário sobre Padrões de Peso e Alimentação para Adolescentes (QEWP-A): aquelas referindo episódios de compulsão alimentar e aquelas que não apresentaram episódios deste tipo ou que descreveram apenas episódios de excesso alimentar simples, sem perda do controle. Os dois grupos foram então comparados estatisticamente em relação a variáveis demográficas e a medidas de comportamento geral, ansiedade, depressão, insatisfação com o corpo e importância atribuída ao corpo e peso. Todos os questionários, originalmente concebidos como auto-aplicáveis, foram administrados oralmente para garantir a compreensão adequada das questões. RESULTADOS: 17,4% das crianças relataram já ter apresentado ao menos um episódio de perda do controle sobre a alimentação. Estas crianças apresentaram IMC significativamente maior do que as crianças sem episódios deste tipo, assim como também apresentaram níveis significativamente mais altos de humor negativo e de preocupações com o peso, o corpo e a alimentação. CONCLUSÕES: Episódios de compulsão alimentar não são raros em crianças com sobrepeso. Assim como em adultos, crianças com sobrepeso que referem episódios de perda de controle apresentam maior grau de sofrimento psicológico do que aquelas que negam episódios deste tipo. Pesquisas prospectivas poderão elucidar a relação entre a presença destes comportamentos na infância e o desenvolvimento de transtornos alimentares ou de obesidade mais grave na idade adulta. Estes achados sugerem que o desenvolvimento de estratégias de avaliação e tratamento especificamente direcionadas para estes comportamentos podem ser úteis para a abordagem da obesidade infantil.

Palavras-chave: Obesidade; Compulsão alimentar; Criança

SIMP 11/Psicologia Social

INDIVIDUALISMO X COLETIVISMO: IMPASSES E DESAFIOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

SIMP 11.1 O Individualismo E O Coletivismo E A Avaliação Da Cultura Nacional. *Maria Cristina Ferreira (Universidade Gama Filho, RJ), Eveline Maria Leal Assmar (Universidade Gama Filho, RJ) e Solange de Oliveira Souto (Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais, RJ)*

A adoção sistemática da dimensão individualismo-coletivismo como explicação da variabilidade de condutas sociais observadas em diferentes culturas nacionais deve-se, em grande parte, ao intenso programa de pesquisas que vem sendo desenvolvido por Triandis e seus colaboradores há mais de duas décadas. Sistematizando esses achados, o autor afirma que os membros de culturas individualistas caracterizam-se pelo distanciamento emocional dos seus grupos de pertença, primazia dos objetivos pessoais sobre os objetivos grupais, comportamento regulado por atitudes e análises de custo-benefício e endosso à confrontação. Já os membros de culturas coletivistas valorizam a integridade da família e os laços de solidariedade aos grupos de pertença, condicionam seus autoconceitos e comportamentos a esses grupos e percebem-nos como harmoniosos, hierárquicos e homogêneos, além de essencialmente distintos dos outros grupos. Triandis distingue, ainda, dois diferentes níveis através dos quais tal dimensão se manifesta: o cultural, para o qual usa os conceitos de individualismo e coletivismo, e o individual, para o qual adota os termos idiocentrismo e alocentrismo para designarem, respectivamente, o individualismo e o coletivismo. Em outras palavras, o individualismo e coletivismo associam-se às normas, papéis e valores que distinguem os grupos culturais no que diz respeito à ênfase que concedem à vida individual ou grupal, enquanto o idiocentrismo e o alocentrismo referem-se ao conjunto de sentimentos, crenças e atitudes individuais relacionadas à preocupação ou não com o outro. Diferentes escalas vêm sendo desenvolvidas para avaliar as diferenças individuais em tal tendência, com base no pressuposto de que os resultados por elas fornecidos irão variar sistematicamente e de modo consistente com as variações observadas no plano nacional. Os resultados dessas investigações têm confirmado que os indivíduos provenientes de culturas coletivistas tendem a demonstrar valores e condutas alocêntricos, enquanto os membros de culturas individualistas costumam apresentar valores e comportamentos idiocêntricos. A questão da generalização dos resultados advindos das atitudes ou preferências axiológicas individuais para grupos nacionais tem, entretanto, gerado controvérsias. Nesse sentido, alguns autores argumentam que as prioridades axiológicas individuais refletem não apenas as experiências únicas do indivíduo, mas também os valores compartilhados pelos membros de grupos culturais específicos, já que eles são socializados para aceitá-los, razão pela qual a média das prioridades atribuídas a cada valor por esses membros constituem indicadores fidedignos dos valores que representam a cultura nacional. A validade de tal estratégia para a explicação da cultura nacional é entretanto criticada por outros autores que defendem a necessidade de os instrumentos de auto-relato, destinados a este fim, basearem-se em perguntas sobre os valores que significam os membros da cultura e não sobre as opiniões ou preferências pessoais. O objetivo do presente trabalho é aprofundir o debate a respeito das diferentes possibilidades que se oferecem à avaliação da cultura nacional operacionalizada através de medidas de individualismo-coletivismo, a partir da análise das diferentes posições teóricas a respeito desta questão e dos achados empíricos que as corroboram. À guisa de conclusão, serão discutidas as implicações de tal referencial para a

compreensão das condutas sociais prevalecentes no contexto sociocultural brasileiro.

Palavras-chave: Individualismo; Coletivismo; Cultura nacional

***

SIMP 11.2 AVALIANDO UMA ESCALA DE VALORES: TRATAMENTO EMIC, CONFIABILIDADE E FIDEDIGNIDADE. *Cláudio V. Torres, Amalia R. Pérez-Nebra* (Laboratório de Psicologia Social e Organizacional – Universidade de Brasília, Brasília, DF)*

Vários exemplos na literatura de psicologia transcultural demonstram a necessidade de se medir o contexto cultural de forma sistemática, o que tem sido chamado pelos autores da área de desempacotamento da cultura. A avaliação de dimensões culturais representa uma resposta a essa demanda. Em especial, a dimensão de individualismo-coletivismo tem-se apresentado como uma boa preditora do impacto da cultura nos diversos fenômenos sociais e organizacionais. Mais recentemente, pode-se notar uma crescente preocupação quanto ao refinamento e avaliação das diferentes manifestações dessa dimensão, tais como o individualismo-coletivismo vertical-horizontal. Quatro padrões culturais são postulados dessa interação, sendo que o coletivismo-vertical refere-se àquele onde há uma interdependência do self individual e a desigualdade e hierarquia social é aceita e esperada. O coletivismo-horizontal representa um outro padrão cultural onde os indivíduos se vêem como pertencendo a um grupo, e onde a semelhança e igualdade dos seus membros é esperada. A igualdade também é a essência do padrão cultural individualista-horizontal, porém aqui os indivíduos percebem-se como tendo um self autônomo. Finalmente, no individualismo-vertical o self é percebido como independente e diferente dos outros em termos de igualdade e status social. Seguindo a premissa que individualismo-coletivismo e vertical-horizontal representam dimensões ortogonais, foi desenvolvida nos Estados Unidos da América uma escala de valores de 32 itens que mede os 4 padrões culturais supra-citados. Os primeiros testes desse instrumento na população brasileira demonstraram uma baixa confiabilidade de suas sub-escalas, com alfas variando de .21 a .41). Novos itens foram desenvolvidos no Brasil, numa tentativa de aumentar a confiabilidade e a validade emica da escala. O instrumento foi então aplicado a uma amostra de 400 participantes, de diversas ocupações e níveis de escolaridade. Os resultados da análise fatorial confirmatória e dos testes de confiabilidade sugerem a superioridade da versão revisada da escala, tanto do ponto de vista emic quanto etic, em relação à escala original. Discute-se que esses dados habilitam o novo instrumento à avaliação dos padrões culturais no contexto brasileiro.

Palavras-chave: Escala de valores; Individualismo-coletivismo; Padrões culturais.

***

SIMP 11.3 DIMENSÕES VALORATIVAS DOS CONSTRUTOS INDIVIDUALISMO E COLETIVISMO: CONSTRUÇÃO DE UMA ESCALA MULTI-FATORIAL. *Valdiney V. Gouveia, Josemberg Moura de Andrade, Maja Meira e Gislene Ribeiro de Jesus (Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa, PB)*

O presente trabalho teve como objetivos construir um instrumento para medir atitudes individualistas e coletivistas, procurando comprovar sua validade de construto e convergente e conhecer os valores humanos que melhor descrevem cada tipo de orientação. O individualismo e coletivismo são definidos como síndromes culturais, consistem em compartilhar atitudes, crenças, normas e definições do eu, sendo os valores dos membros de cada cultura organizados de forma coerente em torno de um tema. Triandis revigora o estudo destes construtos ao recuperar a clássica dimensão distância de poder de Hofstede, identificando dois atributos-chave: horizontal e vertical. O primeiro sugere que as pessoas são similares na maioria dos aspectos, especialmente no status, enquanto o segundo, aceita a desigualdade e privilegia a hierarquia. Triandis faz menção ao protoindividualismo, sugerindo que seja típico das sociedades em que as pessoas realizam suas atividades com independência das demais. Não se descarta também a importância do individualismo expressivo; este enfoca uma tendência a centrar-se em torno dos pontos de referências relacionais, desempenhando as orientações instrumentais. Inicialmente, 48 itens fizeram parte da 1a versão da escala, divididos entre as seis dimensões do individualismo e coletivismo: Individualismo vertical (IV); Individualismo horizontal (IH); Protoindividualismo (PI); Individualismo expressivo (IE); Coletivismo vertical (CV) e Coletivismo horizontal (CH). Através da análise do poder discriminativo dos itens com uma amostra de 200 sujeitos, foram selecionados os 30 itens mais adequados para compor a versão final da escala. O estudo final contou com a participação de 308 pessoas, a maioria do sexo feminino (62,5%), com idade média de aproximadamente 29 anos. Estes responderam a Escala Multi-Fatorial de Individualismo e Coletivismo, Questionário de Valores Humanos Básicos e questões sobre dados sócio-demográficos. Através de uma análise fatorial confirmatória, verificou-se a adequação do modelo (χ^2/gl = 2.38, GFI = 0.88). Como esperado, a Escala Multi-Fatorial do Individualismo e Coletivismo ficou composta por seis dimensões cada uma com cinco itens: IV (α = 0,66); IH (α = 0,24); PI (α = 0,36); IE (α = 0,58); CV (α = 0,63) e CH (α = 0,68). Com o fim de verificar sua validade convergente, estas foram correlacionadas com as pontuações dos participantes com os atributos-chave de cada fator; verificou-se que o IV se correlacionou com a variável ser orientado ao êxito (r = 0,30, $p < 0,001$); IH com ser único (r = 0,30, $p < 0,001$); CV com ser cumpridor com os demais (r = 0,37, $p < 0,001$); CH com ser cooperador (r = 0,28, $p < 0,001$); PI com ser batalhador (r = 0,19, $p < 0,01$); IE com orientado ao êxito (r = 0,24, $p < 0,001$) e com ser único (r = 0,26, $p < 0,001$). Posteriormente, também se comprovou sua validade convergente em relação a um conjunto de valores; verificou-se que o IV se correlacionou significativamente ($p < 0,001$) com os valores Poder (r = 0,36) e Prestígio (r = 0,34); o IH o fez com Autodireção e Privacidade (r = 0,18; $p < 0,01$, para ambos); o IE com Prestígio e Prazer (r = 0,45 e 0,28 com $p < 0,001$, respectivamente); o PI com Sobrevivência e Estabilidade Pessoal (r = 0,31 e 0,21, $p < 0,001$, respectivamente); o CV com Obediência e Tradição (r = 0,52 e 0,37; $p < 0,001$, respectivamente); e o CH com Apoio Social e Convivência (r = 0,25 e 0,24; $p < 0,001$, respectivamente). Conclui-se que, no geral, a medida proposta é adequada tendo em vista seus parâmetros psicométricos de consistência interna e validade convergente com os atributos pessoais e os valores humanos.

Projeto financiado pelo CNPq (Proc. 520621/99-4).

Palavras-chave: Validação; Individualismo; Coletivismo

****

SIMP 12/Psicologia do Desenvolvimento
DESENVOLVIMENTO E ENVELHECIMENTO BEM SUCEDIDOS

SIMP 12.1 BEM-ESTAR SUBJETIVO E AVALIAÇÕES SOBRE SI-MESMO: COMPARAÇÕES ENTRE JOVENS, ADULTOS E IDOSOS. *Anita Liberalesso Neri (Departamento de Psicologia Educacional, Universidade Estadual de Campinas, SP)*

O conceito de bem-estar subjetivo tem três significados essenciais: virtude, satisfação com a vida e afetos positivos. Quando o bem estar subjetivo é visto em termos ideais, o que está em jogo é a posse de uma qualidade desejável ou de sucesso no ajustamento. Daí se originou a expressão "velhice bem sucedida". Quando o foco recai sobre a avaliação que cada um faz de sua vida, segundo critérios próprios, fala-se em satisfação com a vida, conceito provavelmente universal, visto como fruto de virtude e aspecto da qualidade de vida. O bem-estar subjetivo mede afetos positivos e negativos que regulam o funcionamento psicossocial. A avaliação do bem-estar subjetivo por adultos e idosos depende substancialmente do self, cuja continuidade permite analisar as experiências pessoais numa perspectiva temporal e comparativa, e de seus mecanismos de auto-regulação. Na velhice, um aspecto essencial do bem-estar é a capacidade do self em acomodar-se às perdas evolutivas, de assimilar novas informações sobre si mesmo e de desenvolver estratégias compensatórias de natureza emocional, que permite aos idosos manter o equilíbrio, mesmo na presença de fragilidade e afastamento. O bem-estar subjetivo dos idosos está associado ao grau de complexidade do self, expresso no exercício de múltiplos papéis; à estruturação do seu sistema de competência, composto por senso de controle e de auto-eficácia e por capacidade de auto-direcionamento; ao suporte social do self, que inclui avaliação social e engajamento social, e à atuação do self como moderador do impacto de problemas que afetam o bem-estar do idoso. Estamos desenvolvendo estudos comparativos com jovens, adultos e idosos, focalizando bem-estar subjetivo definido em termos de qualidade ou virtude e em termos de satisfação com a vida. No primeiro caso os indicadores referem-se às seguintes dimensões: autonomia, domínio, aceitação, crescimento pessoal, propósito, relações positivas com os outros (Ryff, 1989) e generatividade (Erikson, 1963; Mc Adams, Hart e Maruna, 1998), constantes da Escala de Desenvolvimento Pessoal, com 30 pontos), que construímos e validamos. Satisfação global com a vida é avaliada por meio de uma escala de 10 pontos ancorada por dois conceitos (a pior vida =1 e a melhor vida = 10); satisfação referenciada a domínios é avaliada por outra escala que abrange saúde e funcionalidade física e mental, relações sociais, relações familiares e espiritualidade e convida os sujeitos a fazerem comparações com as suas condições há cinco anos e com as condições apresentadas hoje, por pessoas de sua idade. Medidas de estratégias de auto-regulação do self são realizadas (investimento pessoal e estratégias de seleção, otimização e compensação) e, no modelo, ocupam o lugar de variáveis moderadoras entre variáveis sócio-demográficas e bem-estar subjetivo. O objetivo desta comunicação é apresentar e discutir os resultados dessas investigações à luz de conceitos sócio-cognitivistas sobre desenvolvimento na vida adulta e na velhice, em comparação com dados da literatura internacional, e sugerir caminhos para investigar esses temas no Brasil.

Palavras-chave:

***

SIMP 12.2 BEM-ESTAR SUBJETIVO, METAS DE VIDA E O DESENVOLVIMENTO DE ADULTOS E DE IDOSOS. *Sueli Aparecida Freire (Faculdade de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG)*

As metas pessoais, investidas de valores e afetos, constituem uma variável importante para a compreensão do comportamento humano e do bem estar subjetivo, especialmente de adultos e idosos. Manter ou restabelecer o bem-estar subjetivo em situações de perdas, estar satisfeito com a vida atual, ter expectativas positivas em relação ao futuro, empenhar-se no alcance de metas significativas e manter um senso de significado pessoal são indicadores de uma boa qualidade de vida e do envelhecimento satisfatório. Ao longo do desenvolvimento e à medida que vão tendo experiências de sucesso e fracasso, as pessoas fazem uso de sua capacidade de reserva, de enfrentamento e de adaptação para lidar com as diferentes situações da vida, quer selecionando os domínios e as prioridades nos quais serão feitos maiores investimentos pessoais em termos de tempo, pensamento e ação, quer abandonando, substituindo ou recuperando metas e projetos pessoais. Essa seleção de domínios e prioridades de vida de acordo com as condições presentes é

fundamental para que o indivíduo possa lidar com as mudanças decorrentes do próprio processo de envelhecimento. Um dos domínios em que ocorre a seleção é o das metas pelas quais as pessoas lutam e se esforçam para atingir. Em virtude de sua influência na manutenção do sentido de vida, da saúde mental, da satisfação com a vida e do bem-estar subjetivo em diferentes idades e condições de vida, as metas têm sido estudadas sob diferentes orientações teóricas. A forma como são estabelecidas, reorganizadas e reavaliadas têm recebido atenção especial como unidades de análise para a Psicologia e para a Gerontologia. As metas relacionam-se com a idéia de propósito na vida e têm o poder de dirigir o comportamento para um fim. Seu papel no desenvolvimento humano é importante porque orientam o planejamento de vida, a tomada de decisão e o próprio curso de vida e a busca bem-sucedida de metas pessoalmente significativas representa uma fonte de bem-estar psicológico. Podem ser definidas como objetivos significativos pelos quais as pessoas lutam e que exercem influência tanto sobre os seus pensamentos quanto sobre suas reações emocionais. Representam investimentos pessoais que fornecem um senso de propósito e criam uma estrutura para interpretar as experiências do vida diária. As metas de pessoas de diferentes idades refletem os eventos esperados, as expectativas sociais e as tarefas evolutivas relacionadas às diferentes faixas etárias. Estudadas em relação a diferentes dimensões do bem-estar subjetivo, como os afetos positivo e negativo e a satisfação com a vida, envolvendo homens e mulheres de diferentes idades, condições de saúde, nível socioeconômico e de escolaridade, as metas representam um campo complexo de estudo.

Palavras-chave: Bem-estar subjetivo; Meta (Psicologia); Vida adulta

***

SIMP 12.3 Envelhecimento, Percepções, Sentimentos E O Sentido De Realização Pessoal. *Zélia Maria Mendes Biasoli-Alves (DPE- FFCLRP-Universidade de São Paulo)*

A população idosa vem crescendo aceleradamente e, segundo projeções, o Brasil será o sexto país do mundo em número de idosos em 2025. Esta realidade começa a exigir uma política e um planejamento que visem garantir melhor qualidade de vida nesta etapa. Entretanto, antes de começar a desenhar projetos de intervenção, há que buscar conhecer o que pensa, sente, espera e realiza essa população que ultrapassou a marca dos 60 anos. Outrossim, é importante salientar que os últimos séculos têm se caracterizado, em um conjunto grande de sociedades, também na brasileira, por um movimento constante de alterações em valores, práticas e papéis atribuídos aos sexos e às gerações, levantando um conjunto grande de questões. O objetivo do presente trabalho é discutir, com base em dados obtidos através de entrevistas estruturadas e semi-estruturadas (3 estudos realizados na região sudeste do Brasil, 2 com amostras de idosos que participam de programas para a 3a idade e um terceiro com informantes casuais, todos economicamente independentes e residentes com membros de sua família) como vivem pessoas idosas, investigando suas percepções sobre o velho, a velhice, o decurso de sua vida e o binômio satisfação x insatisfação ligados à família, trabalho, aposentadoria e futuro. Um conjunto de questões norteou as análises quantitativa/interpretativa e qualitativa. Os resultados mostram que não existe, para as gerações atuais, um marco de velhice, detectando-se grande variabilidade de respostas e a presença de negação, rejeição, aceitação e valorização, havendo um ligeiro predomínio de mulheres falando de dificuldades, cansaço e preocupações com a saúde. Por outro lado, a satisfação vêm, para certa proporção, da liberdade e oportunidade para o contato social e o lazer que a aposentadoria trouxe, juntamente com os projetos voltados a oferecer atividades capazes de estimular homens e mulheres a desenvolverem habilidades insuspeitas e sentimento de pertença a um grupo. Um terceiro aspecto saliente prende-se à percepção de competência para lidar com o cotidiano até o presente, tendo o medo da doença e da invalidez como 'fantasma' que procuram evitar, cuidando de levar uma vida saudável, mantendo a crença de que é necessário ceder sempre aos avanços das idéias de decrepitude. A possibilidade de serem economicamente auto-suficientes traz também a percepção de que podem exercer um domínio maior sobre seu cotidiano. Na comparação passado x presente, as afirmações são de que cuidaram muito mais de seus pais e avós do que esperam que seus filhos o façam; contudo a tendência é evitarem os conflitos, e aceitarem que os relacionamentos na família sigam os padrões que as gerações mais novas determinam. A discussão busca salientar as continuidades e discrepâncias no papel desempenhado pelo idoso, dentro da estrutura e cotidiano das famílias contemporâneas: quando sua situação financeira e de saúde o permitem, ele oscila entre estar presente e intervir, ser vir como apoio ou se afastar para não correr o risco de ser visto como um incômodo para as gerações mais novas; nesse sentido, a transmissão de valores, próprios de um outro momento, fica relativa.

Palavras-chave:

****

SIMP 13/Psicologia Clínica e da Personalidade
NEUROPSICOLOGIA CLÍNICA

SIMP 13.1 Vantagens E Desvantagens Do Rigor Psicométrico Na Avaliação Neuropsicológica. *Rosinda Martins Oliveira (Setor de Neuropsicologia, Serviço de Psicologia Aplicada, Curso de Psicologia, Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, RJ)*

A neuropsicologia, enquanto área de conhecimento e de pesquisa básica, tem por objetivo conhecer o funcionamento da mente normal e o seu substrato neural, utilizando casos neurológicos como experimentos naturais. A clínica neuropsicológica surge a partir desta área de pesquisa básica. Ao longo dos últimos 40 anos, uma coleção de protocolos para avaliação das diferentes funções cognitivas foi desenvolvida no contexto da pesquisa básica. Estes protocolos deram origem a uma série de instrumentos de avaliação padronizados e validados, que possibilitam precisar o locus de comprometimento a nível do processamento da informação. Tendo em vista suas origens, a prática clínica da neuropsicologia, no que diz respeito a avaliação, guarda muito do rigor e padronização de procedimento característicos da psicometria. Medidas padronizadas e validadas fornecem parâmetros para a tomada de decisões, mas, por outro lado, a rigidez imposta por essas técnicas pode ser um gerador de problemas em se tratando da prática clínica. Este seminário tem por objetivo discutir as vantagens e desvantagens do rigor psicométrico, herdado da pesquisa básica na clínica neuropsicológica. Serão apresentados casos clínicos para desenvolver o argumento de que uma certa flexibilização no uso de testes durante a avaliação neuropsicológica pode, não só tornar mais informativo o exame, como pode até ser fundamental para que não se incorra em erros de avaliação. Os casos clínicos analisados dizem respeito a avaliações neuropsicológicas para diagnóstico diferencial entre demência e depressão e diagnóstico de déficit de atenção e hiperatividade. Além da utilização de baterias flexíveis de testes, ao invés de baterias fixas, propõe-se que, em casos como os apresentados parece fundamental a segmentação de baterias de testes longas como Escalas de Inteligência de Wechsler e a Escala de memória de Wechsler, em múltiplas sessões. Esta segmentação permite um exame mais fiel das diversas funções cognitivas. Em casos nos quais há sinais de humor deprimido, a imposição de uma longa sessão de testes muitas vezes compromete o desempenho do paciente em tarefas que poderia, em outras condições, executar sem dificuldade. Isto nem sempre decorre de um comprometimento cognitivo primário, mas muitas vezes como conseqüência de outras alterações impostas pela depressão, tais como perda de interesse, energia reduzida, fatigabilidade aumentada, auto-estima e auto-confiança reduzidas e pessimismo. Neste contexto, a segmentação de longas baterias de testes e o acolhimento do paciente parecem minimizar o impacto dessas alterações sobre seu desempenho, possibilitando uma estimativa mais fiel do nível de comprometimento cognitivo. Isto parece fundamental em se tratando de diferenciar um quadro de depressão de uma demência em seus primórdios. No que se refere ao exame para diagnóstico de déficit de atenção e hiperatividade, a segmentação dos testes possibilita evidenciar o nível de comprometimento de outras funções cognitivas isolando-as, parcialmente, da contaminação pelo déficit atencional.

Bolsa de Produtividade em Pesquisa - CNPq

Palavras-chave: Neuropsicologia, Avaliação neuropsicológica; Neuropsicologia clínica

***

SIMP 13.2 Declínio Cognitivo Associado À Idade: Um Continuum Do Envelhecimento Normal Aos Estágios Iniciais Da Doença De Alzheimer. *Helenice Charchat Fichman (Núcleo de Neurociências e Comportamento, Instituto de Psicologia; Grupo de Neurologia Cognitiva e do Comportamento, Departamento de Neurologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP; Curso de Psicologia, Universidade Estácio de Sá; Instituto de Psiquiatria, UFRJ, Rio de Janeiro, RJ)*

O aumento significativo da população de idosos nos últimos anos tem como principal conseqüência uma elevação da prevalência das demências. As demências são síndromes que se caracterizam por um declínio progressivo de memória associado a comprometimento de outras funções cognitivas e de atividades funcionais. Ocorrem preferencialmente no envelhecimento com um aumento exponencial em função da idade. Existem várias doenças que podem causar demência, a Doença de Alzheimer responde por mais da metade dos casos nos países ocidentais. Desta forma, o seu diagnóstico precoce torna-se fundamental para melhorar a qualidade de vida dos pacientes e familiares e proporcionar uma forma mais adequada de tratamento comportamental e medicamentoso. Neste encontro, o objetivo do presente seminário será caracterizar a diversidade neuropsicológica do processo de envelhecimento, destacar como a avaliação neuropsicológica pode ser utilizada como ferramenta para detectar precocemente o desenvolvimento da Doença de Alzheimer e como pode auxiliar na condução de processos psicoterápicos cujo público-alvo são idosos. Estudos clínicos transversais e longitudinais mostram que a variabilidade de desempenhos dos idosos nos testes neuropsicológicos é influenciada por variáveis demográficas (idade, escolaridade, nível sócio-econômico, sexo, profissão) e clínicas, como doenças psiquiátricas (depressão, ansiedade), neurológicas (acidentes vasculares, doença de Parkinson e doença de Alzheimer) e metabólicas. Esta heterogeneidade possibilita encontrar diferentes sub-grupos que possuem perfis neuropsicológicos distintos, destes, alguns apresentam maior risco de desenvolver a Doença de Alzheimer e é função da avaliação neuropsicológica identificar estes grupos. A maioria dos idosos apresentam uma perda cognitiva com a idade quando comparada com a fase adulta, estes são os escores esperados conforme as normas da população idosa. Alguns indivíduos apresentam desempenho em uma ou mais funções cognitivas significativamente abaixo do esperado para sua idade, contudo apresentam preservação quanto as atividades da vida diária. Estes sujeitos que encontram-se na intersecção entre o normal e o patológico no processo de envelhecimento podem representar casos pré-clínicos de Doença de Alzheimer e/ou declínio cognitivo leve. O déficit acentuado de memória episódica verbal

tem sido descrito como um importante marcador cognitivo do diagnóstico precoce da Doença de Alzheimer. Neste sub-grupo, alguns permanecem estáveis, outros evoluem para um processo demencial e outros apresentam um quadro de depressão. Estes últimos, muitas vezes procuram atendimento psicoterápico e é fundamental que o psicólogo clínico compreenda as dificuldades cognitivas do paciente para que haja uma real eficácia do tratamento.. Com a finalidade de caracterizar estes sub-grupos e mostrar a importância desta análise para a psicoterapia, serão apresentados resultados de estudos e casos clínicos comparando o desempenho transversal e longitudinal de idosos com envelhecimento normal, idosos com declínio cognitivo leve e idosos com Doença de Alzheimer leve para ilustrar a prática clínica da avaliação e reabilitação neuropsicológica.

Palavras-chave: Neuropsicologia; Envelhecimento; Doença de Alzheimer

SIMP 13.3 Diagnóstico Diferencial Entre Depressão E Demência No Idoso. *Paula Ventura (Hospital Universitário Clementino Fraga Filho, UFRJ, Rio de Janeiro, RJ)*

Com a divulgação crescente da eficácia da terapia cognitivo-comportamental no tratamento da depressão cada vez mais o psicólogo se defronta com idosos deprimidos em busca de tratamento. Esta apresentação terá como objetivo abordar a importância do diagnóstico diferencial entre depressão e demência na terceira idade. Quando o paciente já está em fases adiantadas do processo demencial, o diagnóstico é facilmente determinado. A dificuldade diagnóstica surge quando a doença encontra-se num estágio inicial. É nessa fase que o idoso deprimido é confundido com um idoso demenciado e vice-versa. Esta imprecisão diagnóstica tem implicações importantes, já que a depressão pode ser tratada com eficácia tanto através do uso de medicações quanto através da psicoterapia. Já no que se refere às demências o prognóstico não é, até o momento, tão promissor. Um idoso deprimido incorretamente diagnosticado como demenciado pode não receber o tratamento adequado e ser subtraído da possibilidade de levar uma vida normal. Um idoso demenciado, por sua vez, se incorretamente diagnosticado como deprimido, naturalmente não irá melhorar com o tratamento psicoterápico para depressão e poderá inclusive piorar de seus déficits cognitivos com o uso de determinados antidepressivos. A prevalência de erros diagnósticos é bastante alarmante. Cerca de 31% dos idosos com diagnóstico de demência tem, na realidade, depressão. Cerca de 25% a 30% dos idosos com diagnóstico de depressão tem, na realidade, demência. Além disso, a prevalência de depressão em pacientes com demência é de 17% a 29%, ou seja, o paciente pode apresentar tanto um quanto outro quadro simultaneamente e nesses casos é importante que ambos os diagnósticos sejam feitos. Quando o paciente apresenta co-morbidade de depressão e demência há maior prevalência de delírios, problemas comportamentais e o prejuízo funcional é maior. Serão discutidos os aspectos neuropsicológicos e comportamentais do paciente demenciado e do idoso deprimido. Serão revistas as áreas da cognição mais afetadas na presença de demência, em especial associada à doença de Alzheimer. Serão também caracterizados os déficits cognitivos mais encontrados em idosos deprimidos e que estão presentes em cerca de 20% dos idosos com depressão. Aspectos relacionados ao curso dos quadros apresentados e alterações comportamentais também serão discutidos.

Palavras-chave: Demência, Depressão, Terapia cognitivo-comportamental

SIMP 14 Psicologia do Desenvolvimento
VALORES, RESPONSABILIDADE SOCIAL E SUBJETIVIDADE

SIMP 14.1 Inserção Da Criança Na Família, Identidade Partilhada E Protagonismo Juvenil Em Contexto De Desigualdade Social. *Ana Cecília de Sousa Bastos (Departamento de Psicologia e Instituto de Saúde Coletiva, UFBA)*

Com base na análise de mudanças observadas por dez anos junto a famílias residentes em um bairro popular de Salvador, Bahia, serão apresentadas e discutidas as convergências e divergências constatadas entre o formato predominantemente relacional, quase coletivista, da inserção da criança como membro da família e as suas condições de enfrentamento, quando adolescente, de um contexto urbano marcado pela violência e por estruturas de oportunidade restritivas e socialmente desiguais. O modelo de identidade partilhada que orienta a inclusão da criança como membro co-responsável (atributo claramente relacional: ser responsável é "responder a", "estar à altura de", "enquadrar com"...) por tarefas e decisões, partilhando afazeres, preocupações e projetos de vida, assumindo papéis ligados à sobrevivência, à organização coletiva da vida cotidiana, à produção e consumo de bens comuns, sofre sérias descontinuidades na proximidade da adolescência. Incorporando uma diferente normatização do pertencimento a grupos, em especial quando novas figuras de referência se constituem na fronteira da violência (gangues de rua, traficantes). A intensificação da violência urbana vem se apresentando como uma metacontingência a modificar as estruturas de oportunidade com as quais lidam as famílias, e os adolescentes em particular, na construção de suas trajetórias de desenvolvimento. A violência, como eixo em torno do qual significados e práticas passam a organizar-se, exige que a família, enquanto sujeito estratégico, defina individual e coletivamente as práticas adequadas a seu enfrentamento. Para compreender esse enfrentamento, propõe-se categorias de análise apoiadas no pressuposto da interdependência contexto-processo do desenvolvimento, trabalhando especificamente os conceitos de estruturas de oportunidade e de rotas alternativas de acesso, formulados por Urie Bronfenbrenner e Jacqueline Goodnow. Na discussão, enfatiza-se a possibilidade da família situar-se como espaço mediador de proteção e/ou fragilização do adolescente, situando-se como o microssistema no qual trocas recíprocas são mais intensas e no qual o conceito "agenciar-se" de modo mais claro na produção de significados, barreiras, rotas de acesso, e metas desenvolvimentais. No contexto dessa rede de significações proponho uma reflexão sobre que dimensões do contexto de desenvolvimento constringem a motivação social enquanto possibilidade.

Palavras-chave:

SIMP 14.2 Compromisso Social Do Sujeito Em Suas Relações Com Os Outros: Implicações Para O Desenvolvimento Da Personalidade. *Fernando Luis González Rey (Universidade Católica de Brasília)*

A crítica do pós-estruturalismo francês à subjetividade associada com a "morte do sujeito", leva à compreensão do social como espaço simbólico do qual o indivíduo se torna refém, reificando desta maneira o simbólico em nível supraindividual. No pós-modernismo, o discurso e as formas de linguagem passam a ser os reais protagonistas da compreensão dos mecanismos ocultos da individualidade, estando estes situados fora dos sujeitos concretos que atuam nesses cenários. O sujeito aparece como um efeito, sem capacidade gerativa sobre o cenário de sua atuação, nem sobre si mesmo. Nessa perspectiva, falar de compromisso social do sujeito perde todo o seu sentido, pois o sujeito é incapaz de ter compromissos, sendo sempre o expressão de forças que lhe governam e sobre as quais ele não tem a menor capacidade de ação. No presente trabalho, assumimos a importância de um sujeito que é constituído mas que, simultaneamente, constitui os diferentes discursos e espaços sociais em que atua, um sujeito que subjetiviza a sua identidade e sua personalidade na história de seus relacionamentos, atuando como um momento ativo e gerador em sua história. O sujeito se define não apenas nos processos de assujeitamento à linguagem, o qual é um aspecto de sua condição subjetiva, mas também como sujeito ativo, como sujeito de ruptura, capaz de uma atividade reflexiva portadora de sentido, desde a qual será capaz de se colocar dentro de uma tensão de ruptura com os espaços simbólicos que lhe assujeitam. Esse sujeito é capaz de um compromisso social que se configura sobre a base de seus valores, assim como pela qualidade dos sistemas de relacionamento dentro dos quais vai se desenvolver. Ambos os elementos se configuram no desenvolvimento da personalidade, acompanhando a produção de sentidos subjetivos que caracterizam o curso deste complexo processo. O compromisso social do sujeito a partir de uma ideologia que acredite no lugar do outro, e da importância do outro para que desenvolva seus projetos pessoais, implica no crescimento de sistemas dialógicos e de ações sociais, onde a significação do outro é um momento do próprio sentido da ação pessoal. No trabalho, se estabelece uma confrontação teórica com as aproximações que negam o sujeito e aquelas que retomam o sujeito e a subjetividade como momentos essenciais da ética do compromisso social, se opondo tanto à morte do sujeito, como à administração deste a partir da existência de um "social benfeitor", que atua desde fora, enfatizando um coletivismo que nega a subjetividade. O único coletivismo possível é aquele que incorpora, como força constitutiva, o caráter ativo e contraditório do sujeito, onde o compromisso social seja o resultado de uma ação participativa geradora, a todo momento, de novos desafios que se resolvem dentro de sua própria condição processual.

Palavras-chave:

SIMP 14.3 Cooperação, Competição E Individualismo: Pesquisa E Contemporaneidade. *Angela Uchôa Branco (Universidade de Brasília, Brasília, DF)*

A configuração e desenvolvimento de padrões de interdependência social competitivos, cooperativos e individualistas, que se constituem de forma coordenada nos contextos em que vão sendo estabelecidos e transformados, consistem em tema de fundamental relevância na contemporaneidade. A nosso ver, a contribuição da psicologia está em estudar os múltiplos e variados fatores que, de forma dinâmica, atuam no desenvolvimento de padrões interativos, crenças e valores específicos, que dão origem a ações e interações que irão, afinal, constituir o cotidiano das relações humanas em sociedade. Em nosso Laboratório (Laboratório de Microgênese das Interações Sociais), na Universidade de Brasília, temos desenvolvido, com a participação de alunos de graduação, mestrado e doutorado, projetos envolvendo crianças, adolescentes e adultos. A análise e a discussão do desenvolvimento de padrões de interação social, de crenças e de valores em contextos culturalmente estruturados têm sido central na grande maioria de nossos projetos. Temos estudado professores em suas relações com os alunos, mães com seus filhos e, mais recentemente, temos procurado analisar a questão da moralidade e da motivação social (traduzida, particularmente, na expressão da cooperação, da competição e do individualismo) na visão de pais, professores e jovens adolescentes. Os estudos visando a investigação de padrões interativos tem feito uso da tecnologia de vídeo, sendo as interações gravadas, transcritas e posteriormente submetidas a uma análise microgenética, o que tem possibilitado a categorização das interações em termos de análise convergente, divergente e ambivalente. Para o estudo de crenças e valores, temos utilizado a técnica da entrevista e desenvolvido metodologias de análise qualitativa compatíveis com a abordagem sociocultural construtivista com a qual trabalhamos. No presente simpósio, a questão da interdependência humana, expressa sob a forma de padrões interativos e crenças e valores, será analisada sob o ponto de vista

histórico e, particularmente, sob a perspectiva metodológica, isto é, serão apresentados importantes aspectos das metodologias que temos construído para o estudo científico, de base epistemológica qualitativa, dos processos psicológicos relacionados ao fenômeno da interdependência. Serão, igualmente, apresentados e discutidos alguns dos dados obtidos em nossos trabalhos, os quais tem servido de apoio para a contínua co-construção teórica acerca do tema em questão. Dentre eles, destacamos (1) a análise dos processos de canalização cultural, investigados em contextos estruturados para a promoção de padrões comportamentais cooperativos e competitivos entre crianças de três anos de idade; (2) estudos acerca de tópicos relativos ao desenvolvimento moral, realizados com pré-adolescentes e com pais de crianças na idade escolar, e (3) estudos que se encontram em andamento acerca de crenças e valores relativos à motivação social, um deles realizado com pais e professores de pré-escolares, e o outro com diferentes grupos de adolescentes matriculados em escolas de Brasília.

Palavras-chave:

****

SIMP 15/Psicologia Escolar e Educação
DEFICIÊNCIAS: UM NOVO OLHAR

SIMP 15.1 Deficiências, Experiências Perceptivas – Solo Do Conhecimento. *Elcie Aparecida F. Salzano Masini (Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP)*

Perceber, compreender e acompanhar o ser humano na sua totalidade – na maneira como age, como se expressa, como sente, como pensa – requer que se entre em contato com seu viver, em diferentes momentos e situações. Um caminho para isso nos sugere Merleau Ponty ao propor que a ciência retorne ao solo do mundo sensível como é na própria vida para o próprio corpo – corpo sensível silencioso dos atos e das palavras. Ao considerar o Sujeito no mundo, como corpo no mundo – corpo que sente, que sabe, que compreende – assinala a importância e nos ensina que a experiência perceptiva se dá no saber latente que ocorre no corpo próprio, entendido como experiência corporal própria de cada pessoa. A característica marcante deste enfoque está na ênfase dada ao corpo. O esforço desse filósofo foi o de mostrar que a relação no mundo é corporal e sempre significativa. Cada um de nós está cercado de objetos que têm a marca humana e que constituem os objetos culturais. O primeiro objeto cultural é o corpo do outro, como portador de uma experiência humana, o lugar de uma certa elaboração, de um certo horizonte. Através de seu corpo vivo, que tem a mesma estrutura do meu, sei que é como o outro se serve de objetos familiares de um mesmo mundo físico e cultural. A experiência perceptiva (que é corporal) surge da relação dinâmica do corpo como um sistema de forças do mundo e não da associação que vem dos órgãos dos sentidos. Assim, o corpo é visto numa totalidade, na sua estrutura de relação com as coisas ao seu redor – como uma fonte de sentidos (sentido – significação da relação do Sujeito no mundo, sujeito sempre orientado no seu agir). Um objeto cultural importante na relação com o outro é a linguagem. Na experiência do diálogo, quando se parte da experiência perceptiva, onde se fala na inserção do sujeito no mundo, de tal sorte que a ação surge sempre como um movimento significativo e intencional num campo de articulação de sentido, cada um libera os pensamentos do outro, trazendo nova dimensão a esse pensamento. Merleau Ponty, ao tomar a percepção como solo originário do conhecimento – percepção que se dá no corpo, nas relações de significação com o que se dá ao seu derredor – aponta um caminho para se saber da pessoa com deficiência. Este autor se refere aos conteúdos particulares (a especificidade) e às formas de percepção (a generalidade). Os conteúdos são os dados sensoriais (visão, tato, audição) e a forma a organização total desses dados, que é fornecida pela função simbólica. Há uma dialética entre conteúdo e forma: não se pode organizar nada se não houver dados, mas estes, quando fragmentados (dissociados da função simbólica) nada adiantam. Para compreender a pessoa com deficiência e sua maneira de relacionar-se no mundo circundante, há sempre a considerar sua estrutura perceptual e cognitiva, que exprime ao mesmo tempo sua generalidade e especificidade (o conteúdo e a forma, e a dialética entre ambos).

Palavras-chave: Deficiência; Experiência perceptiva; Desenvolvimento humano

***

SIMP 15.2 A Fragmentação Do Bebê Na Estimulação Precoce. *Mírian Augusta Balsanello (Setor de Educação – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR)*

A maior problemática causada pelo nascimento de um bebê com deficiência consiste justamente na depressão e colapso da auto-estima materna, colocando em perigo o processo de vinculação. Portanto, um programa de estimulação, na perspectiva winnicottiana, deve ajudar a mãe a focalizar sua atenção e interesse no lactente de forma mais produtiva, o que pode lhe gerar um sentimento de valorização, de sentir-se capaz de promover o desenvolvimento do filho. Assim, a pesquisa teve por objetivo investigar que tipo de trabalho os profissionais que atuam na estimulação precoce desenvolvem com a criança e se atuam nesta direção, às considerações acima. Para tanto, entrevistou-se profissionais que atendem bebês na faixa etária de zero a um ano completo, na cidade de Curitiba, Paraná. Como resultados, observa-se que no trabalho dos profissionais predomina a realização de exercícios terapêuticos e atividades destinadas a desenvolver as diferentes áreas do desenvolvimento infantil, o que caracteriza uma estimulação de cunho mecanicista, gerada sob um referencial compensatório ou de recuperações. Por outro lado, o tipo de trabalho desenvolvido se baseia eminentemente num modelo focalizado na criança, com destaque para a figura do profissional. O que mais chama a atenção, na atuação dos entrevistados, é a fragmentação do sujeito bebê, em que a criança não é vista como um conjunto de potencialidades a desenvolver, mas é encarada como um determinado órgão, membro ou função. Cada profissional, em sua meia hora de atuação, estimula uma determinada área do desenvolvimento, e dessa forma o bebê não é visto como um ser completo. Ao contrário, o fisioterapeuta o vê como braços e pernas; o fonoaudiólogo o vê como rosto e boca; o professor o vê como olhos e movimentos, o psicólogo, quando o vê, o faz da mesma forma que o professor; e a mãe que devia ser estimulada a enxergar o "filho", acaba enxergando o "deficiente". É muito provável que, em algumas ocasiões, cada profissional veja o seu retalho como o mais importante da colcha, o que acaba fazendo com que não se veja mais o bebê enquanto ser humano. Assim, não é de se estranhar que em um atendimento em que tantos profissionais se preocupam em cumprir satisfatoriamente sua função, não haja lugar para a mãe. Ao contrário, suas figuras podem tornar-se uma cortina que não deixa a mãe visualizar o filho. Inclusive, em vez de quebrar a visão fragilizada que a mãe possui do bebê, por outra mais humanizada e valorizada, a atuação dos profissionais pode acabar realizando justamente o contrário. Conclui-se propondo que a atuação direta com o bebê na estimulação precoce seja feita por um único profissional especializado, com domínio de alguns conteúdos de psicanálise, incluindo a abordagem winnicottiana. Contudo esta participação única não deve excluir a equipe de trabalho, mas uma equipe interdisciplinar, onde sobretudo a função do psicólogo deve ser o elo entre os diversos profissionais da equipe, estimulando a reciprocidade e aproximando as parceiras.

Palavras-chave: Estimulação precoce; Necessidades especiais; Desenvolvimento infantil

***

SIMP 15.3 A Contribuição Das Propostas Winnicottianas Para A Compreensão E Intervenção Junto A Pessoas Com Deficiência. *Maria Lúcia Toledo Moraes Amiralian (Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP)*

A Questão da deficiência é hoje uma problemática que tem levado um número cada vez maior de psicólogos a se interessarem pela área, o que tem contribuído para importantes debates, tanto em relação ao conceito de deficiência como sobre os procedimentos adotados para a intervenção com pessoas com deficiência, seja física ou mental. Compreender o desenvolvimento de pessoas com deficiência a partir dos pressupostos winnicottianos tem propiciado importantes modificações para sua abordagem, tanto educacional como clínica, e mostrado aspectos fundamentais para se redirecionar as intervenções necessárias a um desenvolvimento pleno e satisfatório dessas pessoas. Os trabalhos que tenho realizado, "O Procedimento de Desenhos-Estórias como Psicoterapia Breve em pessoas com Deficiências e Problemas Especiais de Saúde", "Análise da Intervenção Especializada no "Centro Dra. Eva Lindstedt" e "A criança deficiente visual com problemas de aprendizagem: um modelo para atendimento integral", (com o apoio do CNPq), dentro desta concepção psicanalítica, mostrou aspectos fundamentais que devem ser considerados no atendimento a essa população. Dentre os vários aspectos que pudemos observar, consideramos básico salientar: - Que a constituição do ser humano, seja daqueles que tem uma deficiência ou não, está intrinsecamente relacionada a uma condição de interação recíproca entre um organismo biológico e o ambiente que o sustenta. - Que a deficiência, física ou mental, é uma condição estruturante do indivíduo, e não um acessório que interfere em sua vida, e que deve ser corrigido. - Que, sendo a integração uma das tarefas básicas na constituição do ser humano, é importante que as intervenções propostas a essas pessoas atentem para este fato. Melhor dizendo, nos atendimentos das dificuldades vividas por eles, o indivíduo deficiente deve sempre ser visto na sua totalidade. Condição raramente observado nos trabalhos realizados. Vemos o médico cuidando de seu corpo, o professor da sua aprendizagem, os psicólogos tratando dos aspectos emocionais, os pais recebendo receitas de como tratar seu filho, desconhecendo os procedimentos a que são submetidos, surgindo como uma constante a falta de comunicação entre os profissionais e entre eles e a família. Como fica a criança diante dessa situação? Freqüentemente dissociada e com dificuldades para estabelecer uma integração saudável. Em relação às intervenções notamos dois aspectos fundamentais. - Comportamentos que mostram uma relação invasiva, descritos por Winnicott (1990) como manifestações do ambiente que impõe à criança uma reação e uma ruptura no seu continuar a existir. Presentes tanto nos pais como nos profissionais, levando ao desenvolvimento do "falso self" e impedindo a expressão e manifestação do si mesmo. Isso traz, freqüentemente, como conseqüência dificuldades para que a criança possa viver experiências enriquecedoras e desenvolver com plenitude suas capacidades. - Comportamentos que revelam introjeção extrativa, conceito descrito por Bollas (1987) como um procedimento intersubjetivo, no qual alguém rouba do outro um elemento de sua vida psíquica, conduzindo à perda de conteúdos, funções e processos psíquicos. Acredito que uma explanação sobre esses conceitos dará oportunidade para uma nova visão sobre as pessoas com deficiência e contribuirá para procedimentos enriquecedores para seu desenvolvimento.

Palavras-chave: Deficiência; Intervenção; Desenvolvimento humano

****

SIMP 16/Análise Experimental do Comportamento
A INFORMAÇÃO VISUAL NO CONTEXTO DA PERCEPÇÃO-AÇÃO

SIMP 16.1 A Relação Percepção-Ação no Pular Corda. *Ana Maria Pellegrini (Depto. de Educação Física, Universidade Estadual Paulista – Campus de Rio Claro, Rio Claro, SP)*
O deslocamento do corpo no espaço com o objetivo de alcançar uma determinada meta é fundamental para a sobrevivência do ser humano. A execução de habilidades motoras emerge na congruência das restrições do organismo do executante, das características espaço-temporais da tarefa e das condições do ambiente. Estas restrições, também denominadas de vínculos, são interdependentes de modo que a análise da relação entre a percepção e a ação se faz com referência à tarefa a executar. A abordagem gibsoniana assume uma relação direta entre o sujeito que percebe e o objeto que é percebido de modo que toda análise do comportamento deveria levar em consideração a reciprocidade na relação sujeito-ambiente pois o sujeito modifica o ambiente e sua ação é modificada por ele. Um primeiro problema no estudo da relação percepção-ação é identificado na literatura: quais medidas seriam apropriadas para a descrição da interface sujeito-ambiente. Nosso trabalho apresenta evidências da relação entre as invariantes ambientais e as invariantes motoras na execução de habilidades que envolvem movimentos em antecipação a eventos no meio ambiente. O pular corda tem se mostrado uma excelente janela para o estudo desta relação percepção-ação por permitir combinar diferentes fontes de informação para a ação e diferentes frequências de execução dessa tarefa motora. De um primeiro estudo com 12 estudantes universitários, sendo 6 homens e 6 mulheres, apresentaremos a metodologia e os dados obtidos em três situações diversas. Em uma das condições, os executantes tinham informação sobre o movimento da corda porque viam e sentiam a trajetória da corda ao ser batida por eles próprios. Numa segunda situação, os participantes tiveram a visão obstruída e, portanto, regulavam suas ações apenas a partir de informação somatossensória. Na terceira condição, o executante via a corda sendo batida por dois outros indivíduos. A frequência de 100 ciclos por minuto foi observada nas três condições experimentais. Independentemente da condição experimental, os sujeitos perdiam o contato com o solo consistentemente em um intervalo de tempo que era proporcional à duração total do ciclo da corda. Assim, uma invariante na relação temporal entre o ciclo da corda e o ciclo do saltar foi identificada. Isto significa que há um perfeito encaixe temporal entre a ação motora e o estímulo exterior que a determina. No segundo estudo (Barreto & Pellegrini, 2001), buscamos verificar se um mesmo padrão motor seria mantido diante de alterações na frequência com que a corda era batida. Participaram deste estudo 12 universitários do sexo masculino. Os resultados apontaram para ajustes na organização temporal relativa das fases do saltar frente às alterações na frequência de batimento da corda. Os dados sugerem que o comportamento motor é o resultado da intenção dos forças internas com as externas que surge a partir da informação sensorial que é relevante para a ação.
Palavras-chave. Percepção; Informação; Acoplamento

SIMP 16.2 Caráter Dinâmico da Integração Visiomotora em Ações Sincronizatórias. *Luis Augusto Teixeira (Depto. Biodinâmica do Movimento, Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP)*
A integração entre funções sensoriais e motoras é de particular importância para que um indivíduo interaja habilmente com seu ambiente, estabelecendo uma sincronia fina entre modificações ambientais e os ajustes corporais correspondentes que devem ser implementados a fim de se atingir uma meta. Esta característica fica evidente em situações de mudanças ambientais de alta frequência, em que a latência para aproveitamento de informação visual impede que os ajustes motores sejam feitos em tempo real. Nesse trabalho são discutidos resultados de investigações que revelam o aspecto dinâmico da integração visiomotora em tarefas sincronizatórias. Participaram dos experimentos estudantes universitários, após obtenção de consentimento informado. As tarefas empregadas constituem do acionamento de um interruptor manual, com demanda de velocidade de reação ou de antecipação, na contenção de uma bola de espuma (interruptor embutido) com raquete de badminton. No Experimento 1 foi comparado o tempo de reação visual (TRV) com o período mínimo de latência para aproveitamento de informação visual no controle de tarefa sincronizatória. No Experimento 2 foram comparadas as condições de tempo de movimento curto (deslocamento manual do interruptor) e visibilidade completa do deslocamento do estímulo (grupo CVC), tempo de movimento longo (contenção da bola com raquete) e visibilidade completa (grupo LVC) e tempo de movimento longo e oclusão dos 300 ms finais do deslocamento do estímulo (grupo LOC). As comparações foram feitas antes da prática das tarefas, após 250 tentativas, e após 1000 tentativas de prática, manifestando-se o desempenho de cada grupo em quatro condições de visibilidade: visibilidade completa, oclusão dos 100 ms finais da trajetória do estímulo, oclusão dos 200 ms finais, e oclusão dos 300 ms finais. Os resultados do Experimento 1, assim como o pré-teste do Experimento 2 indicaram que sem prática prévia o período mínimo de latência para aproveitamento da informação visual nas tarefas experimentais foi superior ao TRV. O Experimento 2 indicou que essa relação foi alterada após a fase de prática, em que o controle motor parece ter-se integrado da forma mais sintonizada à aferência visual, a ponto de se observar um declínio de desempenho com oclusão de apenas 100 ms do final da trajetória do estímulo. O grupo LOC sofreu um efeito contrário, tendo seu desempenho prejudicado pela *ausência* da disponibilidade de informação visual após a aquisição da tarefa, revelando uma especificidade visiomotora desenvolvida a partir da exposição visual durante a prática. Outro achado importante foi o nível de desempenho equivalente entre os três grupos ao final da fase de prática, indicando que tarefas sincronizatórias podem ser alteradas a partir de uma representação interna do deslocamento do estímulo sem que haja prejuízo do desempenho. Esses resultados mostram que a integração visiomotora constitui-se em um processo dinâmico modulado pela aprendizagem, em que a prática é capaz de gerar coalizões sensório-motoras mais eficientes e específicas às condições em que foi formada. Na discussão é enfatizada a importância desses achados para as teorias de aprendizagem motora.
Palavras-chave: Integração visiomotora; Dinâmicas de ações sincronizatórias; Aprendizagem motora

SIMP 16.3 O Movimento dos Olhos e a Relação Percepção-Ação. *Sérgio Tosi Rodrigues (Departamento de Educação Física, Universidade Estadual Paulista – Campus de Bauru, Bauru, SP)*
O comportamento dos olhos representa a busca ativa da informação visual relevante para o controle das habilidades motoras. Uma quantidade considerável de pesquisa tem examinado o controle do olhar durante a execução de habilidades esportivas. Várias características do performance visiomotora têm sido investigadas, incluindo a busca visual, coordenação olho-cabeça-braço e acoplamento olhar-braço. Do uma perspectiva metodológica, as estratégias de pesquisa têm evoluído da apresentação de slides estáticos para filmes dinâmicos e, recentemente, situações de campo mais realísticas. As críticas mais comuns do estudo do comportamento do olhar passado e presente incluem a falta de validade ecológica e o foco na percepção com uma exclusão da ação. Não está suficientemente claro se as características do olhar e da ação motora, observadas sob condições laboratoriais restritas, proporcionam uma indicação precisa do comportamento natural dos participantes dentro de situações esportivas reais. A teorização na Psicologia Ecológica sugere que percepção e ação são processos evolutivamente interdependentes, e que o desacoplamento das ligações entre estas funções poderia afetar o comportamento do olhar. Estudos de campo, transpondo as críticas levantadas, têm caracterizado mecanismos de olhar e a aquisição da informação visual em jogos esportivos naturais. No lance livre do basquetebol, jogadores mais experientes exibem movimentos da cabeça menos frequentes, menor número de fixações e uma duração da fixação mais longa (chamado de "olho quieto") no alvo durante as fases preparatórias do arremesso. Estas observações deram origem à hipótese da localização-supressão (Vickers, 1996), que estabelece que uma fixação de longa duração numa localização alvo é necessária inicialmente, seguida de movimento lento dos braços na fase preparatória da ação para possibilitar a manutenção da fixação. Na fase de execução propriamente dita, a fixação deve terminar para dar lugar à supressão da visão, com pequenos e movimentos oculares, para evitar interferência visual na execução da tarefa. No tênis de mesa, os jogadores mantêm a perseguição da bola somente na parte inicial da trajetória. A natureza da perseguição varia de acordo com o tipo de batida: a bola tende a ser seguida mais frequentemente e por um período de tempo mais longo quando move-se na direção da linha central do corpo do jogador do que quando move-se lateralmente. Durante a porção final do vôo da bola ocorre um mecanismo de estabilização olho-cabeça (Ripoll & Fleurance, 1988), com os olhos estáveis e alinhados com a orientação da cabeça, posicionados antecipadamente no local de contato da bola com a raquete. Mais recentemente, a descrição cinemática bidimensional aplicada ao tênis de mesa tem revelado, de modo inédito, as características espaço-temporais da aquisição da informação visual, via movimento dos olhos e cabeça, coordenadas ao movimento do braço (Rodrigues, 2000). A perturbação do sistema viso-motor, através de manipulação da pressão temporal para responder, tem evidenciado uma dinâmica de rompimento e retorno de seus componentes na busca da manutenção dos níveis de precisão da resposta, descrevendo um acoplamento entre percepção e ação em tarefas desta natureza.
Palavras-chave. Movimento dos Olhos; Percepção Visual; Habilidades Motoras

SIMP 17/Psicologia Social
ADOLESCÊNCIA NA PERSPECTIVA SÓCIO-HISTÓRICA

SIMP 17.1 Concepções Sociais de Adolescência e suas Implicações para o Desenvolvimento da Consciência do Jovem. *Maria da Graça Azambuja Gonçalves (Psicóloga, Universidade Católica de São Paulo)*
Entre as concepções de adolescente e adolescência existentes na sociedade e veiculadas pelos meios de comunicação predominam concepções naturalizantes que distinguem a adolescência como uma fase crítica, difícil, muitas vezes impossível de ser explicada e abordada compreensivamente. Pais e educadores, diante disso, põem-se a discutir e caracterizar essa fase, de forma a encontrar meios adequados para lidar com os jovens. Por outro lado, as concepções veiculadas acabam por interferir na compreensão do jovem sobre si mesmo, sobre seu papel social e sobre os aspectos que vivencia durante seu desenvolvimento. E assim eram também as formas como são vistos pelos seus

pares e grupos familiares, o que acaba contribuindo para a manutenção de determinadas noções do que seja o adolescente. Nesse sentido, investigações sobre as formas como a adolescência é abordada nos meios de comunicação de massa são importantes para que tanto as experiências dos jovens, como experiências de trabalhos de orientação e educação possam ser contextualizadas, analisadas, criticadas e modificadas. Na perspectiva da concepção da psicologia sócio-histórica, o processo de desenvolvimento dos jovens implica no desenvolvimento da consciência em relação com a atividade, em um processo dialético, que deve ser abordado na sua historicidade. A questão ideológica presente na constituição de significados e sentidos deve ser considerada ao se investigar os fatores determinantes do desenvolvimento da consciência, na medida em que é uma aspecto que atravessa, expressando contradições, a relação atividade-consciência. Este referencial orienta uma compreensão do adolescente que se baseie na consideração do contexto histórico e social em que vive e na explicitação de como aspectos desse contexto estão presentes na constituição da subjetividade. A partir disso, estudar a adolescência e propor formas de intervenção, seja de orientação, educacionais, terapêuticas requer que se considere de que maneira as concepções existentes e veiculadas socialmente interferem na compreensão do jovem sobre si mesmo e na compreensão de pais e educadores. Dados de pesquisas sobre as concepções veiculadas em programas de TV para jovens revelam que predominam as visões naturalizantes, apresentando o jovem e suas experiências com características universais ou com diferenças e especificidades individuais ou de grupos minoritários "toleráveis" dentro de um limite socialmente aceito. Ocorre, nesse sentido, o fenômeno da "pasteurização" das idéias veiculadas socialmente, de forma que, por mais que possam parecer contestadoras, não ofereçam perigo no sentido de abalar concepções dominantes. Também dados de pesquisa sobre as concepções de adolescência presentes entre os jovens mostram o predomínio da visão naturalizante, que não considera a historicidade do fenômeno. Isso implica em visões individualizantes, que fazem com que o jovem não se perceba como agente histórico do processo de seu próprio desenvolvimento. Pode-se discutir a partir daí alguns elementos nas dificuldades encontradas no trabalho com jovens no sentido de que eles se percebam como agentes de seu próprio processo de desenvolvimento.

Palavras-chave: Adolescência; Psicologia sócio-histórica; Adolescente e TV

SIMP 17.2 RESUMO O CONCEITO DE ADOLESCÊNCIA. *Ana Mercês Bahia Bock (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)*

A adolescência tem sido conceituada na Psicologia a partir de perspectivas naturalizantes que a têm caracterizado como um período do desenvolvimento natural do homem. Todas as características que têm sido registradas nesse período têm sido capturadas como universais, inerentes e que passam com o tempo. Os jovens têm sido, com isto, desvalorizados e a falta de espaço para sua participação tem ficado assim justificada. Um período conturbado, cheio de incoerências e desajustes, que justificam seu afastamento de espaços de poder e de decisão. A Psicologia tem contribuído assim para a desvalorização da juventude em nossa sociedade, ocultando, com seus conceitos, a construção social da adolescência. Pretendemos apresentar conceitos de adolescência que têm vigorado na Psicologia e fazer a crítica a essas concepções, contrapondo a elas a concepção sócio-histórica. É preciso redefinir a adolescência para poder compreendê-la como uma construção social, necessária na sociedade capitalista: como um produto social que veio responder necessidades que a sociedade moderna nos apresentou. Pretende-se contribuir para a superação das concepções naturalizantes, trazendo as possibilidades da perspectiva histórica. A adolescência deve ser vista como um período construído socialmente. A sociedade moderna trouxe a necessidade do preparo dos trabalhadores para lidarem com as novas tecnologias; o desenvolvimento da medicina possibilitou ao homem ampliar sua esperança de vida deixando os trabalhadores mais tempo no mercado de trabalho; a escola surge como espaço adequado para o aprendizado das habilidades básicas necessárias para o aprendizado da tecnologia; ter os jovens reunidos em um mesmo espaço facilitava a sua identificação como grupo social; as marcas do desenvolvimento do corpo (puberdade) permitiam a identificação do jovem. Esses elementos vão permeando o desenvolvimento de um conceito social de adolescência. A ciência vai então registrar esse momento e caracterizá-lo, com as características que os jovens apresentavam naquele momento, colocando para circular na sociedade um conceito que definia a realidade da adolescência já existente. Resumir esse processo é uma urgência na Psicologia, para que possamos contribuir para a inclusão do jovem na sociedade e para a compreensão do processo da adolescência como um processo construído socialmente, superando visões naturalizantes que estigmatizam a juventude e em nada contribuem para que os educadores e pais estejam mais preparados para serem parceiros sociais dos jovens.

Palavras-chave: Adolescência; Psicologia sócio-Histórica

SIMP 17.3 ADOLESCÊNCIA, VIOLÊNCIA E ABRIGO: REFLEXÕES SOBRE OS DESAFIOS DO TRABALHO INSTITUCIONAL. *Sueli Terezinha Ferreira Martins (Docente do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência, Faculdade de Ciências, Unesp, Bauru)*

A questão da criança e do adolescente em risco foco de atenção já há algum tempo no Brasil, ganhando mais visibilidade a partir da aprovação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) em 1990. Vítimas de uma sociedade injusta e excludente, a violência contra as crianças e os adolescentes se manifesta de diversas maneiras: física, psicológica, abuso sexual, negligência, trabalho infantil, evasão escolar, entre outras. São questões que se vinculam estreitamente à violência estrutural. Tanto a Constituição Brasileira, quanto o ECA asseguram princípios que asseguram a cidadania da criança e do adolescente, considerando-os crianças e adolescentes como sujeitos de direitos, seus direitos devem ser tratados como prioridade absoluta; crianças e adolescentes devem ser considerados em todas as circunstâncias, seres em desenvolvimento biopsicossocial. Uma das medidas de proteção à população infanto-juvenil ameaçada em seus direitos prevista pelo ECA é o Abrigo, que se constitui em uma moradia provisória. A partir de experiência realizado com adolescentes abrigados nos últimos cinco anos, nos deparamos com vários desafios: Como estabelecer condições para a reflexão grupal, possibilitando a conscientização sobre o contexto histórico e social em que vivem os jovens e o resgate da auto-estima, de modo que estes sintam-se responsáveis por suas decisões e ações? Como proporcionar condições para que os adolescentes adquiram maior autonomia, constituindo-os para que se tornem sujeitos de suas próprias vidas, minimizando assim os resquícios do processo de institucionalização que fortaleceram a dependência? Como restabelecer o contato com a família de origem? A reflexão proposta tem como base os pressupostos teórico-metodológicos da abordagem sócio-histórica, com destaque para a categoria consciência. A modificação da consciência é possível a partir da mudança de atividade, que traz à tona contradições entre o mundo real e mundo representado (subjetivado). As contradições contribuem para a reflexão sobre a ação futura do indivíduo ou grupo, assim como para reparação ou falta/não feita. A mudança na consciência individual e social é possível através da opção psico-educativa, e pode ser facilitada pelo processo grupal. O processo grupal estimula a reflexão individual e coletiva, no sentido de possibilitar que seus membros se conscientizem de sua identidade psicossocial. É espaço fundamental para a problematização do cotidiano, desencadeando novas relações, garantindo a expressão de sentimentos e opiniões, tornando possível a identificação de diferenças e semelhanças nas experiências individuais, facilitando a emancipação do indivíduo.

Palavras-chave: Adolescência; Psicologia sócio-histórica; Casa abrigo

---

SIMP 18/Psicobiologia e Neurociência

PSICOBIOLOGIA DO MEDO E DA ANSIEDADE: EM BUSCA DA CIRCUITARIA NEURAL

SIMP 18.1 ENVOLVIMENTO DO NÚCLEO MEDIANO DA RAFE NO CONDICIONAMENTO CONTEXTUAL DE MEDO. *Marcus Lira Brandão (Laboratório de Psicobiologia, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto)*

A participação de sistemas serotonérgicos na mediação do medo e ansiedade vem sendo mostrada desde a década de 60. Recentemente, nosso laboratório demonstrou que a lesão eletrolítica, a lesão neuroquímica através da microinjeção do NMDA ou a inativação de autoreceptores serotonérgicos do núcleo mediano da rafe (NMR) tem a capacidade de inibir o condicionamento contextual de medo. Interessantemente, a lesão desse núcleo não alterou a aquisição da resposta de congelamento a um estímulo sonoro (tom) previamente associado a um choque elétrico na mesma caixa experimental onde ocorreu o condicionamento contextual de medo. Nesta apresentação iremos discutir novos resultados que visam analisar a reação de defesa em animais com lesões eletrolíticas no NMR em dois paradigmas experimentais relacionados com o condicionamento de medo e à potencialização da resposta de sobressalto. Ratos Wistar sofreram lesões eletrolíticas do MRN antes ou após serem expostos a duas sessões de condicionamento de medo. Cada sessão continha 10 tentativas, onde uma luz com duração de 4 segundos era associada a um choque elétrico (0,6 mA, 1s). Seis dias após o treino de condicionamento, os animais foram testados no mesmo contexto onde receberam o choque elétrico. A resposta de congelamento serviu como indicador da reação de medo do animal. Após este teste, todos os animais foram submetidos ao teste da potencialização da resposta de sobressalto. Nesse teste, a luz previamente associada com o choque era apresentada por 4 segundos antes da apresentação de um ruído branco (100dB, 50 ms). A resposta de sobressalto ao som potencializada pela luz foi utilizada como indicador do medo condicionado. Os resultados indicaram que a lesão do NMR de fato reduziu a reação de medo condicionado a estímulos contextuais. No entanto, a potencialização da resposta de sobressalto induzida pela luz previamente associada com o choque não sofreu qualquer alteração. Dessa forma, lesões antes ou após a indução de medo condicionado do NMR foi capaz de alterar o condicionamento de medo somente a estímulos contextuais. Lesões neste núcleo não produziu qualquer alteração no medo condicionado ao estímulo luminoso. Esses resultados indicam que o substrato neural responsável pela aquisição de medos condicionados tem circuitos neuroanatômicos diferentes de acordo com o tipo de estímulo responsável pela sua ativação.

Palavras-chave:

SIMP 18.2 PARTICIPAÇÃO DE RECEPTORES SEROTONINÉRGICOS LOCALIZADOS NO HIPOCAMPO NA MEDIAÇÃO DA ANSIEDADE NO LABIRINTO EM CRUZ ELEVADO. *Antônio Pedro de Mello Cruz (Laboratório de Psicofarmacologia, Universidade de Brasília)*

Um dos modelos experimentais mais utilizados para a avaliação de drogas psicoativas envolvidas com medo e ansiedade é o labirinto em cruz elevado.

Através desse modelo, pode-se verificar se um determinado composto químico participa de sistemas envolvidos com a ansiedade. Diversos estudos experimentais vem demonstrando a participação de sistemas serotoninérgicos na mediação de emoções relacionadas com o medo e a ansiedade. Dentre os vários tipos de receptores serotoninérgicos, receptores do tipo 2c (5-HT2C), embora pouco estudados, parecem ter participação importante nesse tipo de emoção. Evidências de códoumuno-químo demostram que receptores 5-HT2C estão espalhados por várias estruturas neurais dentre elas o hipocampo. Nesta apresentação iremos discutir alguns resultados coletados recentemente em nosso laboratório onde a participação de receptores 5-HT2C localizados no hipocampo foram investigados no testes do labirinto em cruz elevado. Ratos devidamente operados receberam microinjeções em 3 doses diferentes (0.75, 1.5 e 3.0 μg) de trifluorometil-fenilpiperazine (TFMPP), um agonista de receptores 5-HT2C, na porção dorsal e ventral do hipocampo imediatamente antes de serem expostos ao teste do labirinto em cruz elevado. Os resultados indicaram que a microinjeção de TFMPP nas 3 doses no hipocampo ventral reduziu a intensidade de exploração dos animais ao braço aberto do labirinto em cruz elevado sem afetar o número de entradas nos braços fechados do labirinto. Esses resultados indicam que a microinjeção de TFMPP induziu de forma seletiva reações de ansiedade nesses animais. A maior dose (3.0 μg) causou uma redução na exploração de ambos os braços, sugerindo assim um efeito sedativo. A microinjeção de qualquer uma das 3 doses TFMPP no hipocampo dorsal não causou qualquer efeito no teste do labirinto em cruz elevado. Esses resultados indicam que a ativação de receptores 5-HT2C localizados na porção ventral do hipocampo participa de forma ativa da mediação do medo e da ansiedade. Como o hipocampo ventral tem um amplo sistema de comunicação neural com o complexo amigdalóide, esse circuito neural pode ser responsável pela mediação da ansiedade produzida pela ativação de receptores serotoninérgicos localizados no hipocampo.

Palavras-chave:

***

SIMP 18.3 PARTICIPAÇÃO DA MATÉRIA CINZENTA PERIAQUEDUTAL NO MEDO E NA ANSIEDADE. *J. Landeira-Fernandez (Laboratório de Neurociências e Comportamento, PUC-Rio, Laboratório de Psicologia Comparada, Universidade Estácio de Sá, RJ)*

A reação de defesa de animais expostos a situações de perigo tem sido amplamente utilizada como modelo experimental para o estudo das bases biológicas responsáveis pelo medo e pela ansiedade. Utilizando modelos animais, nosso laboratório vem investigando a participação da matéria cinzenta periaquedutal (MCP) na mediação dessas respostas de defesa. A estimulação elétrica da porção dorsal da MCP com uma baixa intensidade produz inicialmente uma inibição motora denominada de congelamento enquanto que estimulações com altas intensidades produz intensa reação de fuga abrupta. Resultados provenientes de nosso laboratório vêm mostrando que esse padrão oposto de reações de defesa está relacionado à mesma área da MCP. Inicialmente mostramos que a resposta de congelamento induzido por estimulação elétrica não depende de qualquer condicionamento contextual aversivo. A ocorrência dessa resposta de defesa está relacionada exclusivamente com a estimulação de neurônios localizados na porção dorsal da MCP. Na verdade, tanto a porção dorsal como a porção ventral da MCP estão relacionadas com a ocorrência da resposta de congelamento. Demonstramos recentemente que a estimulação elétrica dessas duas áreas é capaz de produzir respostas de defesa relacionadas com a imobilidade motora. Mais ainda, a porção ventral da MCP tem um limiar menor para ativação dessa resposta, indicando assim uma maior participação dessa área no controle da resposta de congelamento. Finalmente, demonstramos também que destruição, através de lesões eletrolíticas, da porção ventral da MCP é capaz de bloquear a ocorrência da resposta de congelamento induzida por condicionamento contextual aversivo mas não altera a resposta de congelamento induzida por estimulação elétrica da porção dorsal da MCP. Esses resultados indicam que a reação de defesa de animais expostos a situações de perigo podem ocorrer, em duas formas: através de uma inibição (congelamento) ou ativação (fuga) comportamental. Ambas respostas parecem ser mediadas pela porção dorsal da MCP. Por outro lado, a porção dorsal e ventral da MCP parecem controlar a resposta de congelamento.

Palavras-chave:

****

SIMP 19 Psicologia Escolar e Educação

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E IMAGINÁRIO NO CONTEXTO ESCOLAR: O PAPEL DE MEDIADOR DO PROFESSOR NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

SIMP 19.1 SOU SABIDO, PROFESSORA? AS REPRESENTAÇÕES DE INTELIGÊNCIA DOS PROFESSORES E O NÍVEL DE DESEMPENHO ESCOLAR DE SEUS ALUNOS. *Antonio Roazzi* e Terezinha Nunes** (Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco* e Department of Psychology, Oxford Brookes University**)*

Pesquisas recentes indicaram que o julgamento dos professores dos alunos é influenciado culturalmente, tendo um importante efeito na percepção que o alunos possui de si mesmo e dos colegas em termos de inteligência. Esse estudo investiga a relação entre as concepções de inteligência dos professores e o nível de desempenho escolar de seus alunos. Qual o impacto das representações sociais da inteligência dos professores no sucesso acadêmico de seus alunos. Participaram da pesquisa três professores de uma escola pública e seus 91 alunos da 1ª série (idade entre 7 e 10 anos). Os professores e os alunos desenvolveram três classificações das habilidades dos alunos: uma para leitura, uma para matemática e uma para inteligência. Nós também utilizamos dois sub-testes, código e vocabulário, do teste do WISC. Nas análises, consideramos as notas escolares. Os três julgamentos do professor foram altamente correlacionados. O mesmo também pôde ser observado nos três auto-julgamentos dos alunos. Para verificar a relação estrutural entre estas variáveis, a Análise da Estrutura de Similaridade foi computada. As projeções revelaram duas regiões: uma com os três julgamentos dos professores e a outra com os três auto-julgamentos dos alunos. Os julgamentos dos alunos foram se localizaram bastante próximos entre si, indicando uma forte correlação entre os três julgamentos. Pelo contrário, os julgamentos dos professores são mais dispersos, com a inteligência bastante próxima com o julgamento da habilidade verbal e distante do julgamento da habilidade matemática. Esta configuração indica que a representação que os professores possuem da inteligência de seus alunos está mais associada com as habilidades de leitura e orais do que as habilidades de matemática. A análise de regressão passo a passo considerando como preditores as notas escolares dos alunos, mostrou que a maior parte da variância do julgamento do professor da inteligência dos alunos (VD) é explicada pela nota de português na I e II unidade e de matemática somente na II unidade. Duas análises de regressão múltipla de passos foram conduzidas que a maioria da variância do julgamento do professor da inteligência do aluno é explicada pela nota de português na I e II e pela de matemática somente na II unidade. Estes resultados indicam uma forte relação entre habilidade verbal e representação social do professor de inteligência. A partir destes resultados é possível concluir que: (1) os julgamentos dos professores são um fator muito significativo no desenvolvimento da auto-percepção do alunos como aprendiz e que (2) este julgamento é enviesado pela RS que os professores possuem da inteligência, que é predominantemente conectado à habilidade verbal. Estes resultados possuem importantes implicações no contexto escolar e na formação dos professores. Os professores precisam estar conscientes que o que eles pensam de um aluno afeta, em seguida, o que o próprio aluno pensa de si mesmo, como também a aprendizagem do aluno na sala de aula.

Palavras-chave:

***

SIMP 19.2 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NA MEDIAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM. *Maria do Rosário F. Carvalho (Universidade Federal do Rio Grande do Norte)*

Uma definição de Representações Sociais que se repete, exaustivamente, é aquela de Jodelet (1989, p 36). "É uma forma de conhecimento socialmente elaborada e partilhada, tendo uma orientação prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social". Para Abric (1987, p 64), ela é, ao mesmo tempo, "produto e processo de atividade mental, através da qual um indivíduo ou um grupo reconstitui a realidade com a qual se confronta e para a qual atribui significado específico". Nesta linha de raciocínio, a representação não é tomada como simples reflexo da realidade, mas como sistema de interpretação que rege as relações dos indivíduos com o meio físico e social. Constitui-se num sistema de pré-decodificação, porque determina um conjunto de antecipações e expectativas. Esta teoria apresenta, no seu ponto de partida, a proposta de abandonar a lógica dicotômica "não existe separação entre o universo externo e o universo interno do indivíduo (ou do grupo). Sujeito e objeto não são forçosamente distintos." Moscovici (1969). O objeto de representação/conhecimento, portanto, está inscrito num contexto ativo, no qual permeia o sujeito representante, que se apropria da realidade reconstituindo-a a partir dos sistemas de valores e de sua história. Para Moscovici (1978), tais reconstruções da realidade supõem dois sistemas: o primeiro, que opera em termos de associações, inclusões, discriminações, ou seja, com características de um sistema operacional, ou cognitivo; já o segundo sistema atua controlando, selecionando e verificando, de acordo com várias lógicas e regras, caracterizando-se como um metassistema que reelabora o material produzido pelo primeiro sistema. Wagner (1995, p 4), ao detalhar as características sócio-genéticas das representações sociais, identifica-as em pelo menos três: as representações 'de popularização da ciência', as 'de imaginação cultural' e as 'de estruturas e eventos sociais'. Numa sala de aula estão presentes os três tipos de representações, e quiçá outros, cada um cumprindo funções específicas na realidade dos indivíduos que compõem aquele conjunto social. E o denominador comum entre todas é o fato de serem veiculadas pelos discursos circulantes. O produto, ou seja, as representações compartilhadas, formam parte do sistema de conhecimento ordinário dos indivíduos, e não podem ser ignorados por aquele que deve desempenhar o papel de mediador do processo de ensino-aprendizagem. Estas reflexões serão apresentadas em referência a resultados de pesquisas recentes.

Palavras-chave:

***

SIMP 19.3 O IMAGINÁRIO NA CONFIGURAÇÃO DA REALIDADE SOCIAL DO ALUNO. *Nilda Teves Ferreira (Universidade Federal do Rio de Janeiro)*

Algumas teorias pedagógicas mostram necessidades de práticas educativas pautadas na realidade social dos alunos, orientando professores, da seleção de textos à compreensão de hábitos e atitudes em relação a determinados assuntos. Parece evidente a importância dessas observações, mas não se podem omitir as condições de produção desse discurso, sob pena de tratar essa realidade como algo dado, 'natural'. Conhecer uma realidade é reconhecê-la constituída por sujeitos que a simbolizam e compartilham entre si um conjunto

coordenado de representações, uma estrutura de sentidos que circulam entre seus membros, mediante diferentes formas de linguagem: esse conjunto é o 'Imaginário Social', um quadro cultural que matricia a produção imaginativa do grupo. No momento em que se estabiliza o trabalho com multiculturalismo, com transdisciplinaridade, estudos do Imaginário aparecem como que "reinventados" pela academia. Mas Imaginário não se confunde com irracional. Ele é uma das ordens que compõem a existência social dos homens: o real, o Imaginário e o simbólico. Imaginário é, para Castoriadis, criador do caos e da genuinidade, mas também de mitos, religiões, ideologias. A eficácia do Imaginário está presente nas relações sociais, nos jogos de mercado, na organização dos grupos, nos índices de audiência das televisões, nos preços dos produtos que compramos, nas nossas ilusões, preconceitos, desilusões. Por tudo isto os estudos do Imaginário Social vêm na convocação do cientificismo que ambicionou aproximar ciências humanas de ciências exatas através de modelos explicativos e unidades metodológicas. Tal aproximação, hoje, vem pelas vias de nova racionalidade, mais livre, admitindo as formas de vida como organizações complexas, que impedem uma descrição absolutamente lógica da realidade. Sempre estará presente uma falta, algo que nenhum recurso instrumental poderá preencher. Não se trata do noumeno kantiano, algo que se esconde mais dos fenômenos, mas do reconhecimento da precariedade da linguagem formal. Avanços nas searas da lógica e da linguagem resgataram o papel da analogia e da metáfora, como recursos para religar linguagens de sistemas diferentes e aparentemente inconexos, em uma outra que os ultrapasse e contribua para sua explicação. As abordagens compreensivas, como a que envolve o Imaginário Social, oferecem uma alternativa para o entendimento dos processos que regulam a vida em sociedade. Na sala de aula, no papel de mediador do processo ensino-aprendizagem, o professor pode pautar suas ações a partir das condições objetivas de vida do aluno: renda familiar, situação de moradia, relacionamento com os pais, que lhe farão pré-supor uma série de condições (ou a falta delas) para a aprendizagem assistemática. Mas, na perspectiva do Imaginário estes dados não dizem tudo. É necessário investigar os sentidos das coisas e das relações constituintes da realidade ali presente. O chão da escola é um espaço social, e como tal ali se desenvolve uma rede, uma trama significativa do mundo. Observar esta trama e trabalhar com a superficialidade do cotidiano, por si mesmo enganoso. Toda esta reflexão será feita em confronto com resultados de pesquisas recentes, questionando pressupostos da realidade presentes em discursos pedagógicos.

Palavras chave.

SIMP 20/Metodologia de Pesquisa e Instrumentação

PESQUISAS EM PSICOLOGIA E INFORMÁTICA DESENVOLVIDAS PELOS MEMBROS DO GRUPO ATMC (ATENDIMENTO MEDIADO PELO COMPUTADOR) DO CRP 06

SIMP 20.1 Terapia On Line. Uma Revisão Bibliográfica. *Oliver Zancul Prado ** (Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo)*

O objetivo do presente trabalho foi realizar um levantamento bibliográfico sobre os aspectos metodológicos da terapia on line a fim de informar a comunidade de terapeutas fornecendo dados para a realização de pesquisas para contemplar as questões levantadas.

Primeiramente foi feito um levantamento bibliográfico utilizando o Psyclit (CD-ROM) com referências bibliográficas em psicologia publicado pela APA) cruzando-se os termos: Therapy, Computer-assisted, on line, Internet, Counseling; e com as referências recuperadas foi iniciada uma busca nas bibliotecas nacionais através de convênio com a Bireme. Também foi buscado na Web os endereços eletrônicos dos autores cujos artigos não se encontravam nas bibliotecas do Brasil. Posteriormente os autores enviaram os artigos via correio. Os livros foram adquiridos junto a Amazon.com, chegando também via correio.

Os artigos foram analisados e os aspectos metodológicos foram categorizados em: Recursos e Serviços - e-mail, chat, videoconferência, MUD, web; Modalidades de Atendimento - grupos (grupos de suporte, terapia em grupo), individual (informação, indicação, aconselhamento e terapia); Potencialidades e Restrições - justificativas, indicações, contra-indicações, vantagens e desvantagens.

Os aspectos éticos foram categorizados em: Preparo do Profissional; Informações a respeito da terapia; Segurança e Privacidade; Identificação do cliente e profissional; Manejo de Situações de Crise; Problemas de Conexão; Falta de Estímulos não verbais; Acontecimentos locais Significativos; Ética em pesquisa na Internet; Especificidades.

Os aspectos teóricos foram categorizados em teorias psicodinâmicas, sugerindo o procedimento comportamentais-cognitivos.

Por fim as pesquisas e práticas foram classificadas em grupos de suporte, terapia em grupo e terapia individual.

De acordo com os resultados se concluiu que é necessário que mais pesquisas sejam realizadas para a verificação das questões levantadas; criação de incentivos à pesquisas sobre psicologia e informática para a sensibilização a comunidade científica para o tema, desenvolvimento de aplicativos específicos para a terapia e atendimento on line e amplo discussão sobre as questões do atendimento na comunidade terapêutica brasileira.

Palavras-chave: Terapia-online; Internet; Revisão-bibliográfica.

SIMP 20.2 Adaptação Do Uso Da Realidade Virtual Na Psicologia A Partir Do Projeto VREPAR. *Mauro Rubens da Silva Oliveira do GT-ATMC do CRP-06/ São Paulo - SP*

Partindo do excelente trabalho de inteligência coletiva efetuado no projeto VREPAR - Virtual Reality Environments for Psycho-neuro-physiological Assessment and Rehabilitation, da Comunidade Européia, procuro indicar alguns caminhos possíveis que permitiriam uma melhor inserção desta avançada tecnologia na realidade da Psicologia no Brasil. Explanarei também algumas possibilidades para Educação, particularmente a Educação Especial. Utilizo-me das análises que fiz em minha dissertação no Mestrado em Psicologia Clínica no Núcleo de Psicossomática e Psicologia Hospitalar da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo "Usos da Realidade Virtual na Psicologia Clínica". Coloco também uma breve descrição do CD-ROM URVPC, que acompanha a dissertação e dos softwares educativos que criei para este. Frente à importância do esforço colaborativo entre a Psicologia e outras disciplinas como as ligadas à Informática e, caso não haja, como suplantá-la. Explico o método que utilizei para trabalhar com a informação digital, importante para a formação de uma massa crítica de pessoas que acelerem este salto tecnológico.

Palavras-chave: Realidade virtual; Cd-rom; Software educativo; Psicoinformática.

SIMP 20.3 Bate De Máscaras No Ciberespaço: Uma Estudo Sobre A Identidade Virtual No IRC (Sala De Bate Papo). *Inesse Bortoni de Campos (Núcleo de Pesquisas de Psicologia em Informática) São Paulo - SP*

A Internet traz uma nova forma do ser humano se relacionar: a comunicação mediada pelo computador. Essa nova forma de interação entre as pessoas tem características específicas ao meio, que é o ciberespaço. A forma mais conhecida do OnLC é o espaço virtual dos chats (salas de bate papo). Neste estudo enfocaremos um tipo particular de chat, o IRC (Internet Relay chat) . É por meio dele que muitas pessoas interagem, sendo um dos serviços mais populares da Internet. Nesse ambiente, vários fenômenos ocorrem, tais como a formação de comunidades virtuais. Estas comunidades têm regras e normas específicas, e , para fazer parte delas, é necessário que o usuário adote um nickname (apelido). Esses apelidos são de importância fundamental na comunidade, e são a base formadora da identidade virtual. A identidade virtual pode ser muito semelhante ao que o indivíduo apresenta no seu cotidiano, ou radicalmente diferente disto. Quando esta identidade virtual difere muito do que apresentado de costume, é porque provavelmente ela pode estar expressando aspectos da personalidade não reconhecidos pelo sujeito. Para C.G.Jung, a personalidade é composta de diversas partes, que são integradas num todo. É provável que estas diversas partes da personalidade se expressem nas salas de chat como "personagens virtuais", ou seja, criações do usuário que na verdade revelam aspectos de si mesmo. Portanto, a escolha do nickname pode ser lida como um símbolo que representa aspectos da vida do indivíduo, conscientes ou não. Neste trabalho, além da revisão bibliográfica, foram feitas entrevistas com usuários de IRC, que estudaram os motivos da escolha dos seus apelidos, bem como a importância de seus nicks para a comunidade. As entrevistas revelaram que a escolha do nickname que será usado numa sala de chat não é aleatória, sendo escolhido e inventado com muito cuidado. O nickname não é apenas um apelido pelo os indivíduos, mas acaba se configurando como um nome no virtual. A despeito do anonimato propiciado pela Internet, muitos usuários preferem manter uma identidade estável , com apenas um nickname, temo pelo qual são reconhecidos na comunidade. O estudo aponta, ainda, para a necessidade de mais estudos na interseção entre a Psicologia e a Informática, uma vez que o mundo virtual faz parte de um grande número de pessoas.

Palavras-chave: IRC (chat) ; Identidade virtual; Nickname.

SIMP 21/Psicologia da Saúde

BURNOUT. QUANDO O TRABALHO AMEAÇA O BEM-ESTAR DO TRABALHADOR

SIMP 21.1 MBI - Maslach Burnout Inventory e Suas Adaptações Para o Brasil. *Ana Maria Tereza Benedetti Pereira (Departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá Maringá - PR)*

O estudo da Síndrome de Burnout aparece tardiamente no cenário nacional. As primeiras investigações começam a surgir apenas na década de 90, apesar da importância atribuída no exterior, que se reflete nos inúmeros estudos encontrados em vários países do mundo. Talvez, por este fato, ainda careçamos de um instrumento validado e padronizado para nossa realidade. Em 1981, Maslach e Jackson publicam pela primeira vez o que veio a ser o a ferramenta mais utilizada mundialmente para a avaliação do Burnout, o MBI - Maslach Burnout Inventory. Trata-se de um questionário de auto-informe, composto por 22 itens, para ser respondido através de escala do tipo Likert de 7 pontos, indo de "0" como "nunca" a "6" como "todos os dias". Do total, 9 dos itens se referem a dimensão Exaustão Emocional, 8 a Realização Profissional e 5 à Despersonalização. Este mesmo inventário foi publicado em duas versões, a HSS - Human Services Survey e a ES - Educators Survey, cuja diferença encontrava apenas na terminologia empregada para a pessoa que recebe os

serviços do profissional que está sendo examinado, "cliente" no caso do HSS e "aluno" para o ED. Em 1996, juntamente com outro pesquisador da área, Leiter, publicam a 3ª edição do MBI, o GS - General Survey, com apenas 16 itens, o qual não será objeto da presente discussão por possuir uma perspectiva diferente da proposição inicial, qual seja, de que o burnout é uma síndrome característica de trabalhadores cuja atividade implica na assistência direta ao usuário de seus serviços. Para o idioma português, várias traduções foram feitas, no entanto, temos que considerar o que se segue. Nunes (1990), em Portugal, realiza exaustivos estudos, entretanto, as expressões utilizadas são muito distintas das empregadas no Brasil, o que contra indica sua utilização entre nós. O trabalho descrito por Codo (1999) foi o mais abrangente, alcançando um total de 39.000 trabalhadores. Porém, dois dos itens do questionário original, adaptado e validado por Tamayo (1996), foram totalmente modificados, desassociando-se assim do instrumento que lhe serviu de base. As adaptações efetuadas por Lautert (1995), Kurowski (2000) e NEPASB (1997) são muito semelhantes entre si. A primeira foi realizada em 341 enfermeiros, a segunda em 209 agentes penitenciários e trabalhadores de outras atividades não susceptíveis ao burnout. A última em 595 profissionais de diferentes categorias (médicos, enfermeiros, auxiliares de enfermagem, psicólogos e bombeiros). Entretanto, examinando-se os resultados do nível de variância explicada, análise fatorial e de fidedignidade, estes revelam valores mais próximos do original na adaptação do NEPASB, indicando que provavelmente alguns dos termos utilizados nesta tradução sejam mais adequados à nossa realidade. Todavia, considerando a extensão demográfica de nosso país e a diversidade de categorias ocupacionais que poderiam estar sujeitas à incidência do burnout, muito há ainda que se pesquisar. Urge a necessidade de investigações neste aspecto e assim poderemos instrumentar os profissionais, propensos ou acometidos por esta síndrome, dos recursos necessários para enfrentá-la. Desta forma, a possibilidade de podermos contar com uma ferramenta adequada a este propósito se faz imprescindível.

Palavras-chave: MBI; Burnout; Instrumento de avaliação

***

SIMP 21.2 QUANDO OS MÉDICOS ADOECEM POR SEU TRABALHO: O BURNOUT EM UM GRUPO DE MÉDICOS DE MARINGÁ. *Meyre Eiras Barros Pinto (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá - Maringá-PR)*

A síndrome de Burnout e sua incidência em profissionais da área da saúde, especialmente em médicos, tem sido estudada em vários países. Este interesse se justifica em virtude de peculiaridades do exercício profissional, tais como a relação muito próxima com os pacientes, a imprevisibilidade no trabalho cotidiano, a vivência da morte, a pressão psicológica e a responsabilidade frente ao erro médico. Outras situações que podem ser classificadas como extremamente estressantes incluem: lidar com sintomas psicológicos do paciente, manejamento da dor e de outros sintomas físicos, prática colaborativa de equipes multidisciplinares, conflitos relacionados ao objetivo ou direção do tratamento- código médico, com o paciente, com os familiares e com colegas de profissão; insegurança para decidir o que fazer, expectativas irreais próprias, do paciente e dos familiares, além de outros, como os fatores socioeconômicos que os obrigam a manter vínculos de emprego com várias jornadas de trabalho. Todo esse estresse enfrentado cotidianamente leva o profissional a um desgaste incalculável, podendo chegar ao que chamamos de Burnout. Essa síndrome se caracteriza por Esgotamento Emocional, Despersonalização e Baixa Realização pessoal no trabalho, levando os profissionais a desenvolver problemas psicossomáticos, comportamentais e afetivos. O objetivo desta pesquisa foi investigar a incidência da Síndrome de Burnout em médicos de dois Hospitais (um privado e um hospital escola) de Maringá. O estudo envolveu 88 médicos que foram submetidos a um questionário para a caracterização dos sujeitos e a um inventário, o MBI (Maslach Burnout Inventory). Para a análise dos dados utilizou-se o programa estatístico SPSS, versão 10. Os profissionais pesquisados tinham de 26 a 65 anos, sendo que 45,6% se encontravam na faixa de 36 a 45 anos; 80,7% eram do sexo masculino para 19,3% do sexo feminino. 83,3% eram casados e 15% eram solteiros, viúvos ou separados. Frente à uma amostra de 595 profissionais de diversas categorias pesquisadas pelo NEPASB, utilizando-se o MBI constatou-se nas dimensões avaliadas por este instrumento, que 38,6% apresentavam altos valores de Exaustão Emocional (EE) e 28,1% de Despersonalização (D), sendo que, somente 10,5% denotaram Baixa Realização Profissional (BRP). Observou-se também um número maior de profissionais do sexo feminino com altos índices de EE e D que os do sexo masculino (54,5% para 34,8% respectivamente em EE e 36,4% para 26,1% em D), e na dimensão Baixa Realização Profissional as mulheres sentiam-se menos realizadas (18,2%) que os homens (8,7%). Comparando-se estes índices à categoria de professores pesquisados recentemente no Brasil, temos que nestes, encontrou-se elevação de 25,1% em EE, 10,7% em D e 31,6% em BRP. Desta forma, verifica-se que entre os médicos os níveis de Exaustão Emocional e Despersonalização são mais elevados que os dos professores, enquanto que estes últimos, apresentam-se menos realizados profissionalmente que os médicos. Assim sendo, ressalta-se a importância de maiores investigações neste tema, a exemplo do que vem sendo realizado no exterior, para subsidiar programas de intervenção que venham a mediar a promoção da qualidade de vida e de trabalho destes profissionais.

Palavras-chave: Burnout; Médicos; Stress ocupacional

***

SIMP 21.3 UM ESTUDO DE BURNOUT EM INSTITUIÇÕES PENITENCIÁRIAS. *Cristina Maria Kurowski (Departamento Penitenciário, Secretaria de Estado da Segurança Pública, Curitiba, PR)*

O estudo do burnout em funcionários de instituições penitenciárias é especialmente significativo em razão das peculiares condições em que estes desenvolvem seu trabalho, tais como, massificação das penitenciárias, escassez de meios humanos e materiais, contato diário com os usuários problemáticos, afrontamento de situações com grande tensão, bem como insuficiente possibilidade de reabilitação dos internos. Estas, entre outras, são algumas das razões pelas quais estes façam parte do grupo de risco denominado burnout. O objetivo deste trabalho foi conhecer os níveis de burnout nos funcionários de instituições penitenciárias brasileiras, mais especificamente no Paraná. Metodologia: Hipóteses: 1.Os funcionários de Instituições penitenciárias caracterizam-se por ter um alto nível de burnout em relação ao grupo controle, refletido por um alto nível de cansaço emocional e despersonalização, e baixo nível de realização profissional, medidos pelo MBI. 2.Os funcionários de instituições penitenciárias caracterizam-se por possuir um alto nível de frustração profissional, alta insatisfação em suas atividades e baixo nível de clima social, medidos pelo CBB. A amostra geral foi composta por um total de 309 pessoas, homens e mulheres, com idades entre 21 e 60 anos, residentes no Estado do Paraná, sendo que, dentre estes, 105 eram funcionários de Instituições Penitenciárias que desenvolviam diversas atividades profissionais dentro destas e, um grupo controle composto por 204 de trabalhadores que exerciam atividades laborais não consideradas de risco para o incremento da síndrome de burnout. Para a avaliação de burnout aplicou-se os questionários MBI- Maslach Burnout Inventory de Maslach y Jackson (1986) e o CBB- Cuestionario Breve de Burnout de Moreno Jiménez (1997). Resultados: Depois de demonstrada a composição trifatorial do Maslach Burnout Inventory – MBI- , calculou-se as médias e desvios-padrões das sub-escalas de cansaço emocional, despersonalização e falta de realização pessoal no trabalho, tanto nos grupos de funcionários de prisão como no grupo controle. Dos resultados, evidenciou-se que o nível de cansaço emocional e despersonalização são maiores no grupo de profissionais de prisões que no da amostra de controle, bem como que o nível de realização pessoal é menor no grupo de trabalhadores de prisões que no segundo grupo. Por razões metodológicas optou-se por fatorializar globalmente o CBB, que depois de demonstrada sua composição trifatorial calcularam-se as médias e desvios-padrões das sub-escalas de Frustração Profissional, Clima Social e Insatisfação na Tarefa, tanto no grupo de agentes penitenciários como no grupo controle. Destes resultados se depreende que o nível de Frustração Profissional e de Insatisfação na Tarefa do grupo de funcionários de prisões é maior que no grupo controle. Conclusões: A amostra de profissionais de penitenciárias estava significativamente mais afetada pela síndrome de burnout, em todas as variáveis estudadas que a amostra de controle, o que comprova a primeira hipótese. Igualmente, concluímos que a amostra de agentes de penitenciárias estava significativamente afetada pela frustração profissional e insatisfação em suas atividades, o que confirma parcialmente nossa segunda hipótese, pois o mesmo não ocorreu em relação à variável clima social. Assim sendo, revela-se a necessidade de um trabalho de esclarecimento e de promoção de estratégias de enfrentamento neste segmento de profissionais.

Palavras-chave: Burnout; Agentes penitenciários; Instituições penitenciárias

***

SIMP 21.4 BURNOUT EM ENFERMAGEM. *Clovis Amissis Amorim (Curso de Psicologia) Pontifícia Universidade Católica do Paraná ; (Curso de Enfermagem) Universidade Tuiuti do Paraná; (Departamento de Psicologia) Centro Universitário Positivo. Curitiba – PR*

A Enfermagem é considerada uma profissão potencialmente estressante. A Health Education Authority oficialmente classificou esta profissão como a Quarta mais estressante. Lidar cotidianamente com pessoas, geralmente com dor, pacientes terminais ou em sofrimento, em ambiente de rígida hierarquia, pleno de rotinas a serem seguidas, com remuneração traduzida em baixos salários e simultaneamente submeter-se a mais de um emprego configura-se fonte de esgotamento. Desde 1974, descreveu-se uma síndrome que acomete a profissionais que trabalham com pessoas: Burnout. Trata-se de construto tridimensional, a primeira dimensão se refere ao esgotamento emocional, que se expressa como sentimento de sobrecarga, a segunda se denomina despersonalização e diz respeito a atitudes de dureza e insensibilidade relacionadas às pessoas que são receptoras dos serviços e terceira dimensão se traduz em baixa realização pessoal ou sentimento de fracasso no desempenho profissional. O objetivo desta comunicação é apresentar um estudo realizado com 200 profissionais de Enfermagem (Enfermeiros, Técnicos e Auxiliares de Enfermagem) que trabalham em três hospitais de grande porte na cidade de Curitiba. Todos os sujeitos eram do sexo feminino, com idades compreendidas entre 22 e 44 anos, sendo 67% casadas, 12 religiosas, 42% católicas. Aplicou-se, durante o expediente, o MBI (Tradução do NEPASB – UEM). A dimensão Esgotamento Emocional recebeu escores mais elevados: 78% nível elevado, 16% nível médio e 06% nível baixo. A dimensão Despersonalização ficou intermediária, profissionais com mais de 10 anos de experiência apresentaram escores altos e com menos de cinco anos, foi insignificativo. A dimensão de Perspectiva ao abandono obteve a menor pontuação. Estes resultados confirmam hipóteses teóricas segundo as quais, a Enfermagem é uma das profissionais com elevado risco. Ao se considerar o burnout como multidimensional e ainda, que acomete pessoas que iniciam a profissão com metas, expectativas e motivações elevadas, os dados confirmam, entretanto as

baixos escores encontrados em propensão ao abandono pode ser explicado pelo fenômeno da "desejabilidade social" num plano intrapsíquico e exercício de trabalho num plano sociológico. Finalmente, urge a elaboração de programas que possam prevenir esta síndrome nas pessoas mais sadias com o exercício de sua profissão cujas expectativas são frustradas pela realidade da Saúde no país.

Palavras-chave: Stress em Enfermagem; Síndrome de Burnout; Síndrome da Exaustão.

SIMP 22/Psicologia Clínica e da Personalidade

APLICAÇÕES DA TERAPIA COGNITIVO-COMPORTAMENTAL NO TRATAMENTO DE TRANSTORNOS DA ANSIEDADE

SIMP 22.1 TRATAMENTO COGNITIVO-COMPORTAMENTAL DE UM CASO DE TRANSTORNO OBSESSIVO-COMPULSIVO. *Eliane Mary de Oliveira Falcone (Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Rio de Janeiro – RJ)*

O modelo cognitivo-comportamental parte do princípio de que os indivíduos com transtorno obsessivo-compulsivo valorizam inadequadamente os seus pensamentos obsessivos, experimentando ansiedade crescente à impossibilidade de evitar os pensamentos desagradáveis (tal como esses indivíduos se engajam em rituais, com o objetivo de reparar ou neutralizar os acontecimentos ruins. Assim, o tratamento desse transtorno deve focalizar-se na exposição aos pensamentos e eventos, com o objetivo de desafiar a natureza catastrófica das crenças relativas ao contato com tais estímulos. Com isso, a frequência e a duração dos pensamentos, assim como o mal estar causado por eles diminuem consideravelmente. Esse estudo pretende mostrar os efeitos das técnicas cognitivas e comportamentais de exposição no tratamento de um caso de compulsão de limpeza. A paciente, uma mulher de 42 anos, casada, com seis filhos adultos e com nível médio de escolaridade, procurou tratamento por causa de uma preocupação excessiva com sujeira, acompanhada de rituais de limpeza freqüentes, tais como lavar as mãos ao chegar em casa, antes e após qualquer refeição, após tomar remédios, após fumar, ao passar por um caminhão de lixo, antes e após o banho e após pegar qualquer coisa na cozinha. O ato de lavar as mãos e de tomar banho obedecia a uma série ordenada de comportamentos ritualísticos. A paciente evitava tocar em qualquer objeto que fosse previamente tocado por outras pessoas, além de evitar passar de carro por cemitérios, sentar-se nos assentos das salas de seu caso, entrar na despensa e permanecer na sala de visitas. Em função do transtorno, a paciente passou a levar uma vida confinada em seu quarto, isolada de contato social, o que contribuiu para o surgimento de sintomas depressivos, manifestados principalmente por baixa motivação e choro freqüente. O tratamento consistiu na exposição diária aos pensamentos obsessivos relacionados à sujeira (imaginar-se, várias vezes, mantendo contato com ratos, cadáveres em cemitérios, lixo etc. ficando "contaminada" pela sujeira, sem poder se lavar) e na confrontação diária com várias situações que pudessem "contaminá-la" de sujeira, sem lavar as mãos ou tomar banho depois. A lavagem das mãos deveria ocorrer apenas após evacuar, sem a inclusão de rituais. O banho deveria ocorrer pela manhã, sem a inclusão de rituais. A exposição foi monitorada por uma filha, que a acompanhou durante todo o tratamento. Após cinco semanas de intervenção, a paciente revelou sentir-se menos ansiosa e deprimida. Essa melhora foi evidenciada pelas medidas utilizadas nas fases pré e pós-tratamento: a Escala de Severidade Yale-Brown, o Inventário Beck de Ansiedade, o Inventário de Ansiedade Traço-Estado e o Inventário Beck de Depressão. O registro de exposição às situações temidas, sem a realização de rituais, também revelou redução significativa no grau de desconforto experimentado pela paciente. Conclui-se que as técnicas cognitivas e comportamentais de exposição, com prevenção de rituais, foram eficazes na redução dos sintomas obsessivos e compulsivos manifestados pela paciente. Outros aspectos selecionados nos resultados (relação terapêutica; colaboração da filha da paciente) devem ser considerados.

Palavras-chave: Terapia cognitivo-comportamental, Transtorno obsessivo-compulsivo

---

SIMP 22.2 UM PROGRAMA DE TRATAMENTO COGNITIVO-COMPORTAMENTAL DE CURTA DURAÇÃO PARA O TRANSTORNO DO PÂNICO E DA AGORAFOBIA. *Bernard Pimentel Range (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Departamento de Psicologia Clínica – Rio de Janeiro, RJ)*

Um estudo do tratamento cognitivo-comportamental do transtorno do pânico e da agorafobia é descrito, onde são destacados as respectivas prevalências, os modelos biológicos e cognitivo-comportamentais e os tratamentos correspondentes. O estudo testou o efeito de um tratamento conduzido por terapeutas menos experientes, no caso estagiários de um grupo de terapia cognitivo-comportamental da Divisão de Psicologia Aplicada do Instituto de Psicologia da UFRJ), complementado por biblioterapia, com instruções para os terapeutas-estagiários e para os pacientes. Este método seguiu as recomendações de uma reunião do Instituto Nacional de Saúde Mental dos Estados Unidos, da qual participaram 25 especialistas em transtorno do pânico e em agorafobia, que teve como objetivo chegar a um consentimento consensual sobre estes quadros. Uma das recomendações era de desenvolver tratamentos de curta duração, usando-se algum tipo de biblioterapia complementar no tratamento. Este programa foi então concebido com uma estrutura de tratamento de seis sessões. Houve dois grupos na investigação, num total de 14 sujeitos: um, em que o tratamento em desenvolvido e outro, em que nenhum tratamento seria feito, que serviria como lista de espera. Depois, esses pacientes da lista de espera foram também atendidos. As avaliações foram feitas num pré-teste e num pós-teste, incluindo os Inventários Beck de Ansiedade e de Depressão, o Inventário de Ansiedade Traço-Estado de Spielberger, a Escala Brasileira de Ansiedade de Ayres e Pereira, a Escala de Cognições Agorafóbicas, o Questionário de Sensações Corporais e a Escala de Mobilidade de Chambless. Os resultados foram submetidos a uma avaliação estatística pelo t de Wilcoxon e confirmaram que as diferenças entre as médias obtidas antes e depois do tratamento foram significativas ao nível de p igual ou menor que 0,05 para todas as escalas, a exceção de uma. Houve, portanto, um progresso significativo em decorrência do tratamento, inclusive naquelas da lista de espera, que foram atendidas posteriormente. Reforça-se que este tipo de tratamento possa ser útil para aplicações no Brasil, onde há poucos centros capazes de oferecer tratamentos com base na terapia cognitivo-comportamental, principalmente no interior do país.

Palavras-chave: Terapia cognitivo-comportamental; Transtorno do pânico; Agorafobia

---

SIMP 22.3 ATENDIMENTO COGNITIVO COMPORTAMENTAL DE UM CASO DE TRANSTORNO DE PÂNICO. *Helena Shinohara (Instituto de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – RJ)*

O Transtorno do Pânico é um dos transtornos de ansiedade que atinge aproximadamente 3% da população, provoca grande sofrimento pessoal e impacto na vida diária dos pacientes. Além disso, acaba por acarretar uma demanda significativa nos sistemas de saúde e previdenciário. Segundo o DSM IV, uma súbita sensação de intenso apreensão, medo ou terror, em geral associada com sentimentos de desastre iminente, caracteriza um ataque de pânico. A presença recorrente destes ataques e a preocupação sobre ataques futuros e suas consequências descrevem essencialmente o Transtorno do Pânico. Os sintomas apresentados durante estes episódios são palpitações 91%, tontura 95%, sudorese 95%, dispnéia 90%, medo de ficar louco ou perder o controle 98%, e outros de menor incidência, como dor no peito, sensação de irrealidade, parestesias, arrepios, sensação de desmaio e tremor. São necessários pelo menos quatro destes sintomas para corresponder ao critério diagnóstico. A Terapia Cognitivo-Comportamental tem elaborado uma compreensão do Transtorno do Pânico que auxilia o terapeuta tanto na formulação do caso quanto no planejamento da intervenção terapêutica. Resultados de tratamentos psicológicos com sucesso têm sido relatados por vários centros de pesquisa. O modelo cognitivo usado como explicação para este transtorno parte de observações sobre os padrões de pensamentos catastróficos característicos dos clientes com pânico. A história deles sempre gira muito num está acontecendo com eles e que realmente morrerão em consequência dos ataques. Indivíduos experienciam ataques de pânico porque eles têm uma tendência persistente em interpretar uma variedade de sensações corporais como catastróficas. A hipervigilância e outras formas de evitação tendem a contribuir para a manutenção do quadro. Este estudo pretende mostrar os resultados obtidos no atendimento de um caso de um homem de 40 anos, casado, com nível médio de escolaridade, que vinha apresentando ataques freqüentes de pânico e grande restrição na vida pessoal e profissional. A compreensão de fatores de desenvolvimento (vida familiar instável, informações errôneas sobre funcionamento corporal, preocupações com saúde, irritabilidade), precipitadores (conflitos conjugais e stress profissional) e mantenedores do transtorno (atenção vigilante sobre o funcionamento corporal e evitações das sensações, principalmente da falta de ar e tontura) foram essenciais para uma adequada formulação do caso. Os procedimentos visaram reduzir a ansiedade ensinando ao cliente como identificar, avaliar, controlar e modificar seus pensamentos negativos relacionados com o perigo de passar mal, e desenvolver habilidades de enfrentamento das sensações corporais. A colaboração do cliente com os registros de automonitoria, com o treinamento do relaxamento muscular, e com as exposições foram essenciais para o sucesso terapêutico. As melhoras foram observadas na comparação das avaliações anteriores e posteriores ao atendimento, no Inventário Beck de Ansiedade, no Inventário da Crença sobre Pânico e no Registro de Freqüência e Severidade dos Sintomas. O registro das atividades evitadas também revelou diminuição das respostas de fuga-esquiva e retorno aos hábitos de esportes, relações sociais e viagens. A avaliação subjetiva do cliente foi positiva.

Palavras-chave: Terapia cognitivo-comportamental; Transtorno do pânico

---

SIMP 23/Psicologia Social

A MEMÓRIA SOCIAL NO DOMÍNIO PSICOSSOCIAL: ARTICULAÇÕES TEÓRICO-CONCEITUAIS

SIMP 23.1 PARA UMA ANÁLISE PSICOSSOCIAL DA MEMÓRIA SOCIAL / COLETIVA. *Celso Pereira de Sá (Instituto de Psicologia / Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, RJ)*

As perspectivas clássicas do fim do século XIX sobre a memória, devidas a H. Bergson, no âmbito da filosofia, e a H. Ebbinghaus, no domínio da psicologia experimental, não levaram em consideração a dependência da memória em relação a fatores de ordem sócio-cultural. Por isso, deixaram de constituir quadros referenciais adequados para a pesquisa do fenômeno da memória social. Em seu lugar, privilegiam-se hoje abordagens pertencentes a tradições

forjadas na primeira metade do século XX no âmbito da sociologia e da história. De fato, diversos autores contemporâneos apresentam seus textos como uma releitura da sociologia de M. Halbwachs, nos quais se observa entretanto uma atenuação do sociologismo da obra original, o que tem facilitado os esforços de articulação interdisciplinar. Nesse sentido, já se observou que a preferência pelo termo "memória social", ao invés de "memória coletiva", aponta para uma aproximação em relação à psicologia social análoga àquela provocada por S. Moscovici a propósito das "representações coletivas" de E. Durkheim. Também no âmbito da história, como observa J. Le Goff, surgiu uma "história das representações", que, sob variadas formas – das ideologias, do imaginário, das mentalidades –, tem legitimado a utilização dos dados da memória social. Não só no desenvolvimento dessa tradição, mas também do movimento da "história oral", uma tal assimilação da memória à história continua a se desenvolver. Uma última vertente dos estudos de memória social gestada na primeira metade do século XX se situa no âmbito da psicologia social e tem seu marco inaugural na obra do inglês F. C. Bartlett, ao trazer um objeto de pesquisa da antropologia, a transmissão cultural, para o terreno da experimentação de laboratório. Assim, no domínio multidisciplinar da memória social, a sistematização dos instrumentos teórico-conceituais de análise psicossocial implica um esforço de confronto e articulação de contribuições desenvolvidas no âmbito de cada uma dessas três tradições – sociológica, histórica e psicossocial. Na esfera psicossocial stricto sensu, cabe dar continuidade ao investimento sobre as potencialidades de articulação entre os campos da memória e das representações sociais, mas também apreciar o tratamento concedido à memória coletiva pela psicologia discursiva, uma perspectiva oposta à das representações sociais em diversos aspectos. Ainda, de não menor importância será a consideração de algumas contribuições do âmbito da psicologia cognitiva que, sem reivindicarem o rótulo de psicologia social, são efetivamente psicossociais, devido às implicações do método observacional, ecológico, naturalístico que utilizam o estudo das "flashbulb memories", do testemunho ocular, do esquecimento, da instrumentalidade da memória e das memórias autobiográficas.

Palavras-chave: Memória social; Memória coletiva; Análise psicossocial

***

SIMP 23.2 As Estratégias Da Memória E A Construção Da Identidade. *Maria Teresa Toribio Brittes Lemos (Mestrado em Memória Social e Documento / Universidade do Rio de Janeiro – UNIRIO)*

Desde as primeiras décadas do século XX, com a obra de Maurice Halbwachs sobre os Quadros Sociais da Memória, historiadores e cientistas sociais, além dos psicólogos, reconheceram a importância de aprofundar os estudos da memória coletiva para maior entendimento dos processos identitários dos grupos sociais. A necessidade de se conhecer a formação e a transmissão da memória coletiva dominou os autores da memória. Assim , os estudos de Pierre Nora sobre os "lugares da memória", como noção abstrata, puramente simbólica, destinada a desentranhar a dimensão rememoradora dos objetos materiais e sobretudo imateriais que permeiam os grupos sociais, alertaram os historiadores para o poder da memória coletiva. Os historiadores da Escola dos Annales também contribuíram substancialmente para o entendimento da memória como fonte para construção da história social ou das mentalidades, como Jacques Le Goff e Georges Duby, além dos aportes recebidos da psicologia e das ciências sociais, através dos estudos de Serge Moscovici, Denise Jodelet, Jean-Claude Abric, James Fentress e Eclea Bosi. Estes autores apontaram a necessidade de se valorizar as lembranças , as recordações e as representações do passado, através de um imaginário reformulado pelo tempo, associativo e não compromissado com verdades, compreendendo apenas informações retidas na memória, contadas pelos mais velhos, ou aprendidas pela interação dos grupos sociais. As lembranças passaram a ser valorizadas, assim como a cultura popular, desde a tradição à oralidade. A história precisa se abastecer dessas memórias, de suas estratégias de guardar ou esquecer acontecimentos, do seu artifício em organizar as representações do passado vivido ou imaginado, versões de uma realidade ou uma irrealidade. Os especialistas em ciências sociais reconhecem que a memória é feita de fragmentos dispersos, muitas vezes evasivos, frutos da imaginação criativa, de lembranças individuais ou coletivas, versões da realidade e representações do passado, vivido ou imaginado. A memória constrói também um espaço de divergências e confrontos, esquecimentos e silêncios, práticas individuais e sociais. Os espaços de apropriação, reconfiguração e recuperação das distintas visões do passado fazem parte da memória e de suas estratégias de lembrar, recordar, criar representações e construir elos identitários dos grupos sociais. E estratégias de dominação, que constituem mecanismos reveladores de manipulação da memória coletiva como instrumento de poder.

Palavras-chave: Memória social; História; Identidade

***

SIMP 23.3 Sobre A Memória E O Esquecimento Sociais. *Ricardo Vieiralves de Castro (Instituto de Psicologia / Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, RJ)*

Os estudos recentes sobre memória social, que reinterpretam conceitos formulados por Durkheim e Halbwachs, introduziram a temática do esquecimento social. Esses estudos ganham relevância pela velocidade da produção e veiculação de informações nos dias de hoje e pela multiplicação dos meios de comunicação. Nesse debate, o esquecimento e a memória de fatos associam-se ao excesso na produção de informações, ao fenômeno da globalização e à conseqüente desterritorialização de espaços e culturas. A memória e o esquecimento sociais se tornaram um indicador complexo para a análise e a identificação desses processos. Tulving desenvolveu estudos envolvendo a caracterização de três tipos de conhecimentos que se associam à capacidade de rememorar: episódico, semântico e procedimental. Assim, o conhecimento episódico se refere à memória sobre eventos experimentados, o conhecimento semântico liga-se ao significado das palavras e o conhecimento procedimental relaciona-se com as habilidades. O conhecimento episódico, que é, segundo Conway, a memória autobiográfica, ou seja, a memória sobre os eventos da vida de um sujeito, é o conceito que, por aproximação, tal responde ao desafio de identificar o que chamamos de memória social. Mannheim, em estudos geracionais, estabeleceu a hipótese de que uma determinada geração compartilha uma série de fatos conjuntamente, o que se poderia denominar de uma memória geracional ou, de maneira derivada, de uma memória autobiográfica compartilhada por uma mesma geração. Diz ainda que os sujeitos têm uma lembrança mais apurada dos fatos ocorridos na adolescência, entre os 15 e 21 anos, porque este é o período em que eles estabelecem planos e metas para a sua vida. Os estudos experimentais desenvolvidos por Conway e por Schuman, Belli & Bischoping confirmam a hipótese de Mannheim. Fatos históricos que ocorreram antes do próprio nascimento do sujeito podem fazer parte da memória autobiográfica do indivíduo e de uma determinada geração, pela ação de processos educativos ou pela arte. Nesse sentido, Nora fala de "lugares da memória". A hipótese que formulamos para a explicação do esquecimento social, em acordo com os estudos de Páez e Igartua sobre a guerra civil espanhola, vai ao encontro da idéia de que o esquecimento social de fatos não vividos pelo indivíduo está intimamente relacionado aos lugares da memória. O processo educativo e as artes – compreendidos de maneira ampla – necessitam, para a sua incidência sobre um determinado fato histórico, de um juízo social, político e cultural produzido por uma dada sociedade ou país, que tem, assim, como conseqüência a sua transmissão e a produção de lugares da memória. Isso significa que o estabelecimento de uma memória social está condicionado à definição prévia de uma valência sobre a relevância do fato, as atribuições de sentido e o papel dos personagens sociais. O esquecimento social, desta maneira, constitui um indicador significativo para o desvelar da cultura e dos acordos políticos feitos entre os diferentes agentes da vida social, o que proporciona à psicologia social uma interface substancial com as demais ciências sociais.

Palavras-chave: Memória social; Esquecimento social; Lugares da memória

***

SIMP 23.4 Sobre A Transmissão Geracional Da Memória Social. *Denis Giovani Monteiro Naiff** (Instituto de Psicologia / Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, RJ)*

Este trabalho pretende contribuir teórica e metodologicamente para o estudo da memória social e sua transmissão geracional, através do resgate dos contextos sociais, culturais e políticos, presentes na atividade mnemônica do sujeito. Há algum tempo, tem-se observado nas ciências sociais um retorno do interesse pelo estudo das dimensões sociais e culturais da memória humana, primeiramente no âmbito da sociologia e da história e mais recentemente na psicologia social. Nesse sentido, os cientistas sociais têm direcionado suas atenções para a recuperação das abordagens pioneiras do sociólogo francês Maurice Halbwachs e do psicólogo britânico Frederick C. Bartlett. As memórias sociais são as lembranças de um passado compartilhado mantidas pelos membros de um mesmo grupo. As principais idéias de Halbwachs podem ser resumidas da seguinte forma: (1) toda memória é social pelos seus conteúdos, porque sempre recordamos um mundo no qual existe a presença de outras pessoas, ou, em outras palavras, toda memória individual na sua gênese é social, pois para lembrar seu passado todo indivíduo se utiliza das lembranças de outros; (2) a memória é social porque está apoiada em quadros sociais de referência, como as aldeias, as cerimônias, eventos sociais, etc; (3) a memória é social ou intersubjetiva porque se baseia principalmente na linguagem e na comunicação lingüística externa e interna existente nos grupos. Os principais estudos sobre a memória social têm se concentrado nas seguintes linhas: (a) descrição de como se constrói o passado social ou como ele é reconstruído em função das necessidades e atitudes do presente; (b) análise dos fatores que influem para que determinados acontecimentos sociais sejam retidos ou se percam na memória social; (c) análise dos fatores que fazem com que acontecimentos coletivos traumáticos, que não são comemorados e até algumas vezes negados institucionalmente, se mantenham como aspectos importantes da memória social. Entendendo que, de forma geral, a questão da memória social e a necessidade de cada sociedade preservar sua própria herança cultural e passá-la de geração a geração, acredito que o estudo da transmissão geracional, ou seja, dos processos psicossociológicos pelos quais as sociedades mantêm a memória de um acontecimento através das diversas gerações, ganha relevância. Entre os principais meios pelos quais a memória é preservada através das gerações, temos a família, a escola e os meios de comunicação de massa. Dentro deste contexto, Jodelet aponta para o fato de que diversas pesquisas situadas tanto na sociologia quanto na psicologia destacam o papel de primazia que a família ocupa na transmissão geracional como instância mediadora da memória. Uma possibilidade viável de compreender melhor o fenômeno da transmissão geracional da memória social apresenta-se no estudo dos regimes políticos autoritários (ditaduras) que costumam ser considerados como acontecimentos traumáticos que marcam gerações inteiras, causando um forte impacto emocional e social, que, por sua

vez, interfere decisivamente sobre os conteúdos mantidos pela memória, os quais possuem como principal característica o fato de serem distribuídos socialmente, resistindo mesmo quando reprimidos, através dos hábitos, tradições orais, monumentos, arquivos históricos, etc.

Apoio: Capes (Bolsa de doutorado)

Palavras-chave: Memória social; Transmissão geracional; Regimes políticos traumáticos

*****

SIMP 24/Psicologia Escolar e Educação

ANÁLISE DA PRODUÇÃO DISCENTE DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA SOBRE INDIVÍDUOS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS

SIMP 24.1 O Que As Teses E Dissertações De Educação E Psicologia Têm Revelado Sobre A Auto Percepção Do Portador De Necessidades Educacionais Especiais. *Leila Regina d'Oliveira de P. Nunes (Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro – RJ); Maria L. Nogueira** (Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro – RJ); Kely Pereira de Paula** (Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Universidade Federal do Espírito Santo); Júlio Romero Ferreira (Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade Metodista de Piracicaba – Piracicaba – SP); Enicéia G. Mendes (Programa de Pós-Graduação em Educação Especial (Universidade Federal de S. Carlos – S. Carlos – SP); Rosana Glat (Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro – RJ)*

O homem é um ser essencialmente social que, em seu processo de socialização, internaliza valores, construindo sua visão de mundo e de si mesmo. A imagem que ele tem de si, ou sua autopercepção é, em grande parte, determinada pela forma como ele é percebido pelos demais, pelo espaço que ocupa no seu grupo social. Cada grupo social desenvolve um conjunto de critérios ou normas determinando os atributos e condutas considerados comuns, "naturais" e desejáveis a serem seguidos por seus membros. Aqueles que, voluntária ou involuntariamente, por suas características físicas, comportamentais, ou mesmo raciais, não correspondem às expectativas sociais estabelecidas; que, portanto, violam as normas, são considerados anormais (fora da norma), excepcionais (exceções) e desviantes (discordantes), sendo, consequentemente, excluídos, total ou parcialmente do convívio social. Uma das consequências resultantes mais graves desse processo de exclusão, que atinge sobremaneira as pessoas com necessidades especiais, é que a partir do momento em que um indivíduo é rotulado, frequentemente através de um diagnóstico, de "excepcional", todas as suas atitudes e comportamentos, assim como sua expressão de subjetividade, passam a ser vistos a partir do referencial da "anormalidade". De fato, dentro da concepção clínica tradicional os portadores de necessidades especiais são percebidos como seres com desenvolvimento biopsicossocial diferenciado, na maioria das vezes inconscientes de sua própria condição, e geralmente alienados da rotina de interação social. Assim sendo, a autopercepção e visão de mundo destes indivíduos raramente são conhecidas e levadas em consideração na elaboração de teorias sobre excepcionalidade e no planejamento e implementação de programas de atendimento. A análise de 432 teses e dissertações defendidas em Programas de Pós-Graduação em Educação e Psicologia de 27 universidades brasileiras revelou que 23 produções deste acervo foram dedicadas a investigar especificamente a auto percepção desses portadores de necessidades educacionais especiais, incluindo-se crianças, adolescentes e adultos portadores de deficiência mental, física, visual, auditiva e de altas habilidades. Colhida em entrevistas livres e semi-planificadas, a fala dos sujeitos mostrou-se atravessada, do começo ao fim, pelas marcas do estigma. O relato da maioria revelou que sua auto-imagem estava diretamente vinculada à percepção que os outros tinham a respeito deles, sendo, com isto, formada pelos estereótipos e preconceitos, que têm sua concretização na exclusão efetiva destes indivíduos dos espaços sociais, resultando em uma marcante limitação existencial. O isolamento e a discriminação social não se restringem apenas aos deficientes, alunos com altas habilidades são muitas vezes excluídos. Um dos fatores excludentes primordiais, apontado pelos sujeitos independentemente de suas necessidades, e que assinala para um redimensionamento e/ou priorização do atendimento a estas populações, foi a sua dificuldade de inserção no meio profissional. As pesquisas revisadas apresentaram propostas específicas para promover melhor adaptação do sujeito em seu meio social. Contudo, o mais importante, é que permitiram ao indivíduo "especial" ser porta-voz de suas próprias questões e dificuldades, oportunidade frequentemente negligenciada pela sociedade, inclusive pelos próprios profissionais da área de saúde e de educação.

Apoio: CNPq e FAPESP

Palavras-chave: Portador de necessidades especiais; Auto-percepção; Estigma

****

SIMP 24.2 O Que As Teses E Dissertações De Educação E Psicologia Têm Revelado Sobre As Atitudes E Percepções Profissionais E Pais Do Portador Com Necessidades Educacionais Especiais. *Enicéia G. Mendes (Universidade Federal de S. Carlos – S. Carlos – SP); Leila Regina d'Oliveira de P. Nunes (Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro – RJ); Júlio Romero Ferreira (Universidade Metodista de Piracicaba – Piracicaba – SP); Rosana Glat (Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro – RJ); Maria Cristina Dancluu ** (Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro – RJ) e Tania Muller** (Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro – RJ)*

A análise de 432 teses e dissertações defendidas em Programas de Pós-Graduação em Educação e Psicologia revelou que 86 produções deste acervo, de 16 universidades brasileiras, foram dedicadas a investigar especificamente as atitudes e percepções de pais e profissionais de indivíduos com necessidades educacionais especiais. As universidades que mais produziram dissertações e teses sobre essa temática foram a UFSCar (30%) e a UERJ (15%). Em relação ao ano de produção dos estudos percebe-se que menos de um quinto deles data da década de 80, sendo que a maioria (82%) foi produzida após o ano de 1990. A população alvo desses estudos foram predominantemente os portadores de deficiência mental (59%) e escolares do ensino fundamental (31%), embora tenham sido também encontrados estudos sobre portadores de deficiência auditiva, física e visual, altas habilidades, condutas típicas, de diferentes faixas etárias. Em relação aos locais dos estudos, foram encontrados, com maior frequência, investigações em escolas públicas (35%) e especiais privadas (29%), dos estados de São Paulo (46%) e Rio de Janeiro (17%), embora tenham sido encontrados estudos realizados em 24 municípios brasileiros de diferentes estados e de todas as regiões. Em relação à fundamentação teórica constatou-se que apenas uma pequena porcentagem dos estudos apresentaram problemas relacionados ou à uma revisão incompleta da literatura (7%) ou a uma visão acrítica em relação ao aporte de conhecimento na área (10%). A metodologia predominante nesse tema foi de estudos descritivos (72%) e estudos de caso (20%), com ênfase nos procedimentos de entrevista como técnica de coleta de dados. As concepções dos autores sobre a condição da população estudada, em relação à essa temática específica, foram predominantemente sociais (48%) e psicoeducacionais (45%), sendo que ainda observa-se alguns estudos nos quais se evidenciam concepções clínicas (5%). Os resultados indicam que as representações sociais, em geral de cunho negativo, se inflitram nos pais e profissionais permeando suas ações e comprometendo o desenvolvimento do portador de necessidades especiais, uma vez que a descrença em suas possibilidades induz ao conformismo e à falta de responsabilidade na oferta de uma educação de qualidade. Marcante nos estudos é a demanda por melhora nos programas de formação para profissionais no sentido de produzir mudanças nas representações baseadas em atributos negativos que geram baixas expectativas e por uma forma de atuação com abordagens mais centrada nas necessidades das famílias. Os estudos apontam ainda que colocar visões de responsabilidade ou de culpa de um ou outro elemento da relação, na situação atual, é pouco para o muito do compromisso social que estas pesquisas têm. Faz-se necessário igualmente a busca de uma visão menos reducionista e fragmentada, percebendo a realidade enquanto aspecto macro, como pano de fundo das relações sociais que se estabelecem.

Apoio: CNPq e FAPESP

Palavras-chave: Necessidades educacionais especiais; Atitudes e percepções; Formação profissional; Família

****

SIMP 24.3 O Que As Teses E Dissertações De Educação E Psicologia Têm Revelado Sobre A Formação De Recursos Humanos Que Atuam Com O Portador De Necessidades Educacionais Especiais. *Júlio Romero Ferreira (Programa de Pós-Graduação em Educação - Universidade Metodista de Piracicaba - Piracicaba – SP); Márcia Imaculada de Souza** (Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade Metodista de Piracicaba – Piracicaba – SP); Leila Regina d'Oliveira de P. Nunes (Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro – RJ); Enicéia G. Mendes (Programa de Pós-Graduação em Educação Especial (Universidade Federal de S. Carlos – S. Carlos – SP); Rosana Glat (Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro – RJ)*

Não são novas as discussões sobre formação de recursos humanos em Educação Especial, ainda que nos últimos anos essa temática tenha ganhado relevância. No cenário atual, no qual se criam e se "efetivam" políticas de inclusão escolar e social, o antigo debate sobre a formação de profissionais que atuam com a clientela da Educação Especial se torna mais apropriado ainda. Na discussão sobre o especialista está em pauta a busca da formação de profissionais que atuem de forma consonante com o princípio da inclusão e não se restrinjam à mera "inclusão/integração" física da pessoa com deficiência nos diferentes espaços, como já ocorrera em outros momentos históricos. Este ponto de pauta se estende à formação de outros profissionais, pois para a proposta de inclusão ser efetivada, é necessário que ultrapasse os limites da Educação Especial e se constitua parte da Educação como um todo. Neste sentido, o debate e a pesquisa sobre a formação de profissionais, de diferentes áreas, que atuam com a clientela da Educação Especial mostram-se atuais, pertinentes e necessários. Dos 432 trabalhos analisados – teses e dissertações defendidas em Programas de Pós-Graduação em Educação e Psicologia de 27 universidades brasileiras –, 68 trataram da Formação de Recursos Humanos. Em sua maioria, as pesquisas envolveram a formação do educador, mas também de psicólogos, terapeutas ocupacionais, fisioterapeutas, médicos e enfermeiros, bem como a capacitação de familiares de pessoas com necessidades educativas especiais para garantir, também em família, melhor acompanhamento e desenvolvimento das pessoas com deficiência. As pesquisas que abordaram a formação do professor revelaram a existência de concepções equivocadas sobre a deficiência e sobre o trabalho com o portador de deficiência, bem como a ausência ou precariedade de informações e conteúdos que possibilitem o desenvolvimento de práticas críticas e

comprometidos. Os estudos evidenciam a necessidade da inclusão de disciplinas e conteúdos que problematizem a deficiência e o atendimento educacional às pessoas com deficiência, tanto nos cursos de formação de professores, como de outras profissionais como psicólogos, fisioterapeutas e terapeutas ocupacionais. A formação continuada apareceu como possibilidade de garantir permanente reflexão teórica e aperfeiçoamento do instrumental prático. A orientação e a capacitação de familiares, bem como a efetivação de programas de prevenção e informação à comunidade, mostraram-se também fundamentais. Os estudos revelaram que programas de orientação e capacitação de familiares possibilitam melhores intervenções desses com o portador de deficiência, o que significa um trabalho de melhor qualidade nos momentos em que essa pessoa se encontra fora das instituições/atendimentos; além de contribuir para minimizar as atitudes preconceituosas. Os resultados das pesquisas indicam que existem duas ações urgentes e necessárias: a reorganização dos cursos de formação inicial e a utilização da formação continuada para diminuir as falhas da formação. Indicam, também, a necessidade de que os profissionais que atuam em Educação Especial ampliem a compreensão da realidade educacional brasileira, uma vez que grande parte das dificuldades encontradas na Educação Especial é reflexo de problemáticas que atingem a Educação como um todo.

Apoio: CNPq e FAPESP

Palavras-chave: Educação Especial; Formação de recursos humanos; Formação inicial e continuada

---

SIMP 25/Psicologia Cognitiva

NOVAS PERSPECTIVAS DE AVALIAÇÃO ESCOLAR

SIMP 25.1 NOVAS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO PARA AVALIAÇÃO DAS DIFICULDADES ESCOLARES. *Márcia de Abreu (Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG)*

A prática do diagnóstico dos distúrbios de aprendizagem no Brasil tem sido amplamente influenciada pela psicopedagogia tradicional. Por psicopedagogia tradicional entendemos a prática psicopedagógica baseada na Psicopedagogia Convergente proposta por Jorge Visca. Nesta abordagem o diagnóstico e tratamento dos distúrbios de aprendizagem são feitos com base na teoria psicanalítica, no construtivismo piagetiano e com a noção de grupo operativo de Pichón Rivière. Embora os livros sobre este tema chamem atenção para a complexidades de causas que levam ao fracasso escolar, observa-se uma ênfase muito grande dada aos problemas emocionais como causadores dos distúrbios de aprendizagem. No que diz respeito a avaliação dos aspectos cognitivos, fica-se preso a aplicação das provas operatórias de Jean Piaget. Piaget propôs um modelo de desenvolvimento cognitivo de domínio geral isto é, o desenvolvimento cognitivo se daria através de uma sequência de estágios marcados pela construção de estruturas cognitivas qualitativamente diferentes. Estas estruturas cognitivas controlariam o modo de funcionamento intelectual em diferentes domínios cognitivos. Alguns teóricos da Teoria do Processamento da Informação argumentam que os resultados obtidos por Piaget e seus colaboradores para corroborar suas hipóteses, se devem ao aumento da capacidade de processamento de determinadas áreas do cérebro como a memória e a atenção e não à aquisição de estruturas cognitivas qualitativamente diferentes. Assim, por exemplo, uma criança que tem uma maior capacidade de armazenamento de informação na sua memória de trabalho poderá ler textos ou realizar tarefas matemáticas mais complexas. Além destes estudos vemos também uma maior preocupação na literatura mundial na busca da identificação de habilidades cognitivas que facilitariam o processo de aprendizagem de conteúdos escolares. Identificando a ausência destas habilidades poderíamos intervir de modo a prevenir problemas e aprendizado. Este é o caso dos pesquisas que mostram uma relação causal entre metalinguagem e alfabetização. A avaliação de habilidades metalinguísticas, como a consciência fonológica, prediziam o sucesso na alfabetização, e a intervenção no sentido de desenvolver esta habilidade ajuda crianças com dificuldades na leitura a aprender a ler. Desta forma, os avanços científicos no campo das ciências cognitivas sobretudo no que diz respeito ao estudo da psicologia do desenvolvimento dentro o arcabouço da Teoria do Processamento da Informação e os avanços no campo da neuropsicologia oferecem um novo modelo de funcionamento cognitivo, e portanto um abrem um campo maior de possibilidades no diagnóstico das dificuldades de aprendizagem.

Palavras-chave: Cognição; Distúrbio de aprendizagem; Avaliação escolar

---

SIMP 25.2 DISTÚRBIOS DE LEITURA: TEORIA E DIAGNÓSTICO. *Maria das Graças Vasconcelos Pinto (Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, RJ)*

Desde o século XIX o distúrbio de leitura foi foco de diagnósticos diversos, resultado do esforço teórico de correntes organicistas, instrumentais, pedagógicas. Muitos deles, apesar de ainda serem hoje usados são questionáveis. O interesse das pesquisas centrava-se na dislexia e na afasia. Dos anos 50 a 70 o diagnóstico sofreu influência da teoria especialista de ORTON, que dava ênfase à avaliação do esquema corporal, lateralidade cerebral e fatores associados, ou seja, as relações temporais e espaciais. Vale ressaltar ainda os estudos neuropsicológicos de Boder e sua proposta de classificação de três tipos de dislexia, fornecendo uma base para a classificação das crianças disléxicas em três subgrupos: disfonéticas, disortéticas e mistas. Este tipo de avaliação constitui um diagnóstico em si mesmo. Identificou caminhos para a compreensão de erros de leitura e escrita, porém foi insuficiente para dar conta dos distúrbios do desenvolvimento da leitura. Nos anos 80 a leitura tornou-se objeto de pesquisa de muitos campos e abordada da psicologia cognitiva interessada no processamento de informação do ato de ler. Os novos modelos teóricos buscavam investigar os fatores subjacentes às habilidades de leitura. As pesquisas se direcionaram para as estratégias e procedimentos usados pelo leitor hábil e o iniciante, oferecendo novas propostas de diagnosticar os distúrbios de desenvolvimento. Aquisição da leitura era considerada não só dentro de categorias sintomatológicas particulares, mas na criança em desenvolvimento. Os modelos cognitivos defendem com base em dados empíricos que a leitura implica em representações fonológicas e o desenvolvimento de habilidades metafonológicas do indivíduo, e, por conseqüência, há relações preditivas estreitas entre a consciência fonológica e o desenvolvimento posterior da leitura. Avaliação e tratamento pressupõem a existência de teoria, formando uma tríade inseparável. Sem a resposta primeiro do que é leitura, não é possível propor um diagnóstico. Não há ainda uma teoria plenamente concluída nem uma bateria de avaliação totalmente satisfatória para diagnosticar o desenvolvimento da leitura, contudo as novas tendências levam em consideração habilidades metalinguísticas, mnemônicas e enormente detalhada da vida familiar e escolar da criança para se obter uma avaliação adequada dos distúrbios da leitura em período escolar. Uma bateria de diagnóstico de aquisição de leitura de cunho cognitivo inclui técnicas específicas de segmentação explícita da linguagem, provas de memória de trabalho fonológica, e de desempenho cognitivo entre outras. Saber se a criança é capaz de ler fonologicamente é um procedimento considerado indispensável, o que se verifica pela técnica de pseudo-palavras. O uso de pseudo-palavras vem da tese compartilhada de que leitura implica na ativação de representações fonológicas representadas na memória. Pseudo-palavras exigem para sua leitura a aplicação do princípio do alfabeto, ou seja, das regras de correspondência fonema – grafema, fator crucial para reconhecimento da palavra escrita. Com o domínio deste fator específico a criança poderá ler toda palavra que lhe aparecer pela frente, devido às propriedades generativas e de auto - aprendizagem deste princípio.

Palavras-chave: Cognição; Distúrbios de aprendizagem; Avaliação escolar

---

SIMP 25.3 A AVALIAÇÃO NEUROPSICOLÓGICA NAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM. *Vera Lúcia Trindade Gomes (Instituto de Psicologia – Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Rio de Janeiro - RJ)*

Considerando os problemas de aprendizagem ligados a condições individuais, verifica-se que as dificuldades envolvendo o desempenho escolar geral, dificuldades em escrita, leitura ou habilidades matemáticas são comuns em crianças na fase inicial da vida escolar. Esses problemas porém na maioria dos casos tendem a desaparecer com o tempo. De forma diferente ocorre com crianças portadoras de sérios problemas de aprendizagem. Suas dificuldades resistem aos esforços pedagógicos tradicionais e geralmente são acompanhados de efeitos tais como sentimentos de baixa autoestima, perda de interesse pela escola e inadaptação social. Apesar de historicamente os problemas escolares em sua maioria constarem na literatura especializada como provenientes de disfunções neurológicas, os estudos mais recentes já constituíram que os problemas de aprendizagem são fruto de um complexo de aspectos multidimensionais que, dependendo das combinações vão acarretar diferentes quadros de desordens no comportamento. Pode-se verificar que de maneira geral existem quatro grupos de crianças que apresentam histórias de dificuldades escolares. 1) crianças com sinais médicos evidentes de doença cerebral resultando em sequelas graves, 2) crianças com disfunções limítrofes do sistema nervoso central evidenciados por retardos no desenvolvimento ou leves "sinais" neurológicos, 3) crianças sem sinais positivos de disfunção neurológica e 4) crianças cujos problemas de aprendizagem são menores que os indicadores psiquiátricos do comportamento. Juntos, esses quatro grupos de crianças representam aproximadamente 15% da população escolar. Mesmo considerando que em alguns casos observam-se claros sinais de problemas neurológicos, na maioria deles a etiologia é composta por diversos fatores que dificultam uma avaliação psicoeducacional tradicional. Desta forma, a avaliação neuropsicológica vem se mostrando importante instrumento para delinear aspectos cognitivos comprometidos e preservados, permitindo definir síndromes envolvidas ou descrever novos quadros clínicos. A Neuropsicologia pode ser definida como o estudo composto pela análise sistemática dos distúrbios do comportamento que se seguem a alterações da atividade cerebral normal causadas por doença, lesão ou modificações experimentais ou como estudo da relação cérebro – comportamento. Sobre as relações entre cérebro e comportamento apesar de extremamente complexas, muito já foi esclarecido a ponto das referidas descobertas se mostrarem clinicamente úteis. Dentre as ciências neurológicas, a Neuropsicologia vem recebendo o interesse de psicólogos, médicos e educadores que solicitam esta área do saber para identificar clientes com suspeita de distúrbios neurológicos subjacentes a para avaliação de comportamento. Os neuropsicólogos cognitivos diferem entre si quanto às suposições teóricas que os dispõem a fazer as interpretar seus dados. Entretanto a maioria destes profissionais segue as seguintes suposições: a) a maioria dos pacientes pode ser classificada em termos de síndromes que se baseiam em grupos de sintomas inter-correntes. b) o sistema cognitivo exibe modularidade isto é, possuem vários módulos ou processadores cognitivos de

relativa independência. A lesão cerebral normalmente produz dano em apenas alguns destes módulos, deixando os outros intactos. Existe um relacionamento significativo entre a organização do cérebro físico e a da mente e esta suposição é conhecida por isomorfismo. Daí investigação da cognição em pacientes com lesão cerebral pode nos dizer muito sobre o processo cognitivo de indivíduos normais. Fato importante separação ligada intimamente às outras. Em sua essência, a Neuropsicologia Cognitiva se preocupa com os padrões de desempenho cognitivo de pacientes com lesão cerebral envolvendo ainda a identificação dos aspectos da cognição que estão intactos e/ou prejudicados. De acordo com o exposto pode-se concluir que as contribuições da Neuropsicologia Cognitiva tanto através de seus aspectos teóricos como através de suas estratégias de avaliação clínica podem se constituir em importante ferramenta para a prevenção e correção de problemas de aprendizagem.

Palavras-chave: Cognição; Avaliação Neuropsicológica, Processo Escolar

---

SIMP 28/Psicologia Escolar e Educação

ASPECTOS AFETIVOS E ATITUDINAIS E DESEMPENHO EM MATEMÁTICA: CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS, METODOLÓGICAS E DESDOBRAMENTOS PRÁTICOS

SIMP 28.1 Auto-Estima, Padrões De Interação E Desempenho Escolar Em Matemática. *Isabel Hazin e Jorge Tarcísio da Rocha Falcão (Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife-PE)*

Este estudo teve por objetivo investigar as relações existentes entre aspectos cognitivos e afetivos do desenvolvimento infantil, tendo como contexto de observação a educação matemática. A auto-estima foi eleita como representante do pólo afetivo enquanto o desempenho em matemática surge como representante do pólo cognitivo. Em termos de especificação de variáveis, desempenho matemático foi avaliado através de questionário criado especificamente para fins de pesquisa, enquanto que a auto-estima foi abordada através de técnica projetiva (HTP). Participaram do estudo vinte crianças, sendo dez do sexo feminino e dez do sexo masculino, alunos da 5ª série do ensino fundamental de uma escola pública municipal da cidade do Recife. Os dados foram coletados em duas etapas, distribuídas da seguinte maneira: 1) Aplicação da Técnica Projetiva do Desenho da Casa-Árvore-Pessoa (H-T-P) a todos os alunos da 5ª série dos turnos da manhã e tarde. Essa etapa teve por objetivo detectar as crianças que apresentavam uma alta auto-estima e as crianças que apresentavam uma baixa auto-estima. Ao final desta fase foram constituídas duplas controlando-se as variáveis gênero e nível de auto-estima (duplas homogêneas e heterogêneas quanto a estas duas variáveis, esgotando-se todas as combinações); 2) Resolução em duplas de instrumento de avaliação do desempenho matemático (questionário MAPE, desenvolvido especificamente para avaliação de conteúdos ao final da Quarta série do ensino fundamental). O conjunto de dados oriundos das duas etapas do procedimento metodológico foram analisados a partir de técnicas estatísticas descritivas multidimensionais e de análises clínicas, técnicas estas que serão detalhadas durante a apresentação. Observou-se que há uma forte conexão entre o nível de auto-estima, o padrão de interação e o desempenho matemático das duplas. O nível alto de auto-estima parece estar associado a um padrão de interação cooperativo entre os componentes da dupla e a um desempenho matemático de resolução das questões sem dificuldades. O nível baixo de auto-estima parece vincular-se a um padrão de interação caracterizado por escassez de compartilhamento de escolhas e estratégias de resolução dos problemas propostos, e a um desempenho matemático relativo à realização das questões pautado por erros e mais constante demanda de suporte da parte do professor experimentador. Fragmentos de protocolos clínicos ilustrativos de tais resultados serão apresentados em detalhe. Os resultados obtidos na presente pesquisa trazem evidências empíricas acerca da conexão entre auto-estima e desempenho em matemática, reforçando a realidade percebida no cotidiano clínico e escolar que pontua a dificuldade da visão de criança em aspectos cognitivos e afetivos. Ressalva-se contudo que os dados ora disponíveis não permitem o estabelecimento de um sentido causal para a conexão entre auto-estima e desempenho matemático, como aludido. A exploração de tal sentido causal abriria pontos de agenda de pesquisa neste domínio a serem qualitativamente descritos durante a apresentação.

Palavras-chave: Auto-estima, Padrões de interação, Desempenho em matemática

---

SIMP 28.2 Ansiedade E Atitudes Em Relação À Matemática. *Márcia Regina F. de Brito (Departamento de Psicologia Educacional-Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas)*

As pesquisas têm evidenciado que os estudantes com menor rendimento em matemática são aqueles que apresentam maior ansiedade com relação a essa disciplina e também são aqueles que mostram mais atitudes negativas em relação a ela. A ansiedade tem dois componentes distintos: um cognitivo, a preocupação, que consiste de pensamentos autodepreciativos sobre o próprio desempenho e um afetivo, a emocionalidade, que inclui os sentimentos de nervosismo, tensão e reações fisiológicas desagradáveis. Estes dois componentes são empiricamente distintos, mas possuem aspectos que são comuns, sendo difícil distingui-los. Pode-se supor que o componente cognitivo da ansiedade, provavelmente, afetará de forma mais marcante a compreensão, a aprendizagem e o desempenho dos alunos em provas e exercícios. A ansiedade matemática está diretamente relacionada à percepção que o estudante tem de sua própria habilidade, à expectativa de desempenho e à percepção de valores, mostrando também que os padrões de relações são distintos para ambos os sexos. O objetivo do presente estudo foi investigar os componentes acima tratados buscando verificar a relação entre a ansiedade, o desempenho e as atitudes em relação à matemática, presentes em estudantes com histórico de dificuldade nessa disciplina. Os sujeitos foram 12 estudantes de sétima série, de uma classe de recuperação, que apresentavam problemas de aprendizagem de matemática e com defasagem de idade em relação à série. Os dados foram coletados através da autobiografia matemática, de um questionário informativo, um teste de desempenho em aritmética, escala de atitudes em relação à matemática e entrevista com o professor. A análise de cada resultado em separado mostrou atitudes altamente negativas e desempenho médio no teste aritmético. Os resultados mostraram que existia relação direta entre as atitudes negativas e a ansiedade, mas não mostrou relação com o teste de desempenho em aritmética. A autobiografia matemática confirmou os dados em cada uma das proposições da escala. Todos os sujeitos apontaram a divisão das séries como a causa do surgimento e agravamento das dificuldades em matemática, da aversão e da ansiedade matemática, negando que entre a sexta e a sétima série os conteúdos se tornam mais abstratos com a introdução da Álgebra. Isso ficou mais evidenciado na autobiografia dos sujeitos do gênero feminino. Os sujeitos do gênero feminino se revelaram mais ansiosos e os do gênero masculino com maior aversão, embora o "não gostar" da matemática estivesse presente em todos os protocolos. As alunas atribuíram o fracasso a causas internas, enquanto o gênero masculino atribuiu mais a causas externas, particularmente aos professores. Com relação à percepção do auto desempenho, nove sujeitos reconheceram não ter um bom desempenho em matemática. Os resultados foram concordantes com estudos expostos na literatura. Ficou evidenciado que o aluno ansioso precisa buscar mecanismos que ajudem a reduzir a ansiedade e a forma eficaz que encontra é não estudar matemática e evitar situações que envolvam o conhecimento matemático. A ansiedade matemática aumenta com a idade, porém, conforme aumenta a idade, os alunos também progridem nas séries escolares sendo, portanto, submetidos a conteúdos gradativamente mais complexos e abstratos, tornando difícil separar os efeitos destas duas variáveis (série e idade) para verificar qual delas está sendo determinante da ansiedade.

Palavras-chave: Ansiedade, Atitudes, Desempenho em matemática

---

SIMP 28.3 Influência Da Família No Desenvolvimento E Nas Atitudes Em Relação À Matemática. *Maria Helena de Castro Gonçalves (Universidade Estadual Paulista, Campinas, SP)*

O estudo das atitudes vem se constituindo em um dos temas principais da psicologia aplicada ao ensino. O desenvolvimento de atitudes favoráveis em relação à Matemática, bem como estudos sobre as concepções e as crenças em relação à Matemática, vêm ocupando cada vez mais espaço. Muitos desses estudos destacam a importância das atitudes favoráveis que permitirão aos estudantes persistirem em seus próprios esforços, elegerem cursos ou profissões que envolvam as disciplinas do exatas e tecnológicas. A literatura consultada mostra uma ênfase no desenvolvimento das atitudes em sala de aula, ressaltando que, se o professor trabalhar para o desenvolvimento de atitudes favoráveis em relação à escola e às disciplinas, aumentará a probabilidade de que seus alunos apresentem atitudes mais positivas em relação a elas. Quando o professor de Matemática possibilita a troca de idéias e a autonomia em sala de aula, está contribuindo para que os alunos descubram ou inventem procedimentos matemáticos, pois é através da descoberta e da troca de idéias que se realiza e observa a construção do conhecimento acadêmico. A autonomia do estudante deve ser uma busca constante e o professor deve favorecer o desenvolvimento de atitudes favoráveis nos estudos, eliminando-se as atitudes negativas que não permitem maior eficiência e criatividade. O presente trabalho teve como objetivos investigar as atitudes dos alunos em relação à Matemática e a de seus pais, avaliar se as atitudes estão influenciando o desempenho na respectiva disciplina, verificar o nível de confiança dos alunos, averiguar se há influência dos pais na formação de atitudes dos filhos e, também estudar as possíveis relações entre o gênero e a formação de atitudes. Os sujeitos foram 121 alunos e seus respectivos pais, sendo estes sujeitos oriundos de 3ª, 4ª e 8ª séries das redes particular e municipal de ensino. Os instrumentos foram três escalas de atitudes, questionários, e atas de notas. Considerando as atitudes em relação à Matemática, os resultados apontaram que os pais exercem pouca influência na formação dessas atitudes, porém na literatura revista foi percebida a importância da participação dos pais na vida escolar dos filhos. O nível de confiança está correlacionando com o desempenho, o que já não ocorre em relação ao gênero pois não foram encontradas diferenças significativas entre as médias obtidas na escala e nas médias de desempenho de ambos. Foram encontradas diferenças significativas nos resultados da subescala relativa à Matemática como um domínio masculino, permitindo supor que embora haja concordância entre os sujeitos em relação ao "gostar da Matemática" não ocorre o mesmo em relação ao "domínio" dessa disciplina. Os resultados indicaram que os professores e a família devem buscar soluções conjuntas visando incentivar o aluno a participar das atividades matemáticas permitindo que todos, na classe e em casa, tenham as mesmas chances de participação, favorecendo o desenvolvimento de atitudes positivas o que, provavelmente, possibilitará sucesso na disciplina.

Palavras-chave: Atitudes; Influência familiar; Desempenho em matemática

****

SIMP 27/Psicobiologia e Neurociências

BRINCAR PARA QUE? UMA ABORDAGEM ETOLÓGICA AO ESTUDO DA BRINCADEIRA

SIMP 27.1 IDENTIFICAÇÃO E DESCRIÇÃO DA BRINCADEIRA EM UMA ESPÉCIE POUCO ESTUDADA, O BOTO CINZA (SOTALIA FLUVIATILIS), EM SEU AMBIENTE NATURAL. *Maria Emília Yamamoto‡, Luísa Helena Pinheiro Spinelli* e Lídia Freire do Nascimento** (Programa de Pós-Graduação em Psicobiologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN)*

Comportamentos de brincadeira são fáceis de identificar mas difíceis de definir. Geralmente sua ocorrência é mais freqüente em animais jovens, apresentando algumas características comuns: falta de função aparente, utilização de comportamentos específicos da espécie de forma exagerada em intensidade ou número de repetições podendo ser misturado a padrões apropriados de comportamento. Estudos sobre a brincadeira sugerem três possíveis funções: desenvolvimento da flexibilidade comportamental calibrada pelo meio ambiente; promoção de habilidades cognitivas e motoras; promoção do reconhecimento de parentes e da aprendizagem social. Mais recentemente vários autores têm proposto que a brincadeira traz também benefícios imediatos, especialmente aqueles relacionados com comportamentos sociais. Este tipo de comportamento não ocorre em todas as espécies animais; sugere-se que ela aparece associada à vida social e ao alto grau de desenvolvimento encefálico. Estudamos a brincadeira em uma espécie pouco conhecida, o boto cinza (*Sotalia fluviatilis*), durante 15 meses, na Praia da Pipa, RN. O pouco conhecimento desta espécie, aliado ao habitat bastante diferente do humano, torna esta tarefa difícil. Levando em consideração as características citadas acima, a baixa escala de ocorrência dos comportamentos e os estudos de uma espécie próxima, *Tursiops truncatus*, definimos quatro padrões de brincadeira com objeto, um de brincadeira locomotora e seis de brincadeira social. Os comportamentos descritos ocorreram em freqüência significativamente mais alta quando havia filhotes nos grupos observados e nunca em grupos apenas de adultos. Sugerimos que alguns tipos de brincadeira possibilitam o exercício da musculatura, enquanto outras, ao mesmo tempo que exercitam o animal, também permitem o desenvolvimento de relações sociais. Mais claramente, a brincadeira com objetos e com peixes em que estes são jogados para cima e aquela que imita a pesca, treinam o animal para o forrageio, habilidade complexa que o animal deve dominar antes de se tornar independente, o que, em pequenos cetáceos, só ocorre a partir do quarto ano de vida. A brincadeira que imita a caça é apresentada por várias outras espécies predadoras e há evidências de que estas habilidades se aperfeiçoam com o treino. Estes dados sugerem que, à semelhança dos mamíferos terrestres, também em mamíferos aquáticos a brincadeira tem função adaptativa, preparando o indivíduo para a vida adulta.

‡ Bolsista de produtividade do CNPq. Apoio CAPES e Fundação O Boticário.

Palavras-chave: Brincadeira; Cetáceos; aprendizagem social

***

SIMP 27.2 CULTURA NO GRUPO DE BRINQUEDO. *Ana Maria Almeida Carvalho* e Maria Isabel Pedrosa** (Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP/ Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE)*

Discute-se nesta apresentação o conceito de cultura em relação à microcultura do grupo de brinquedo, de um ponto de vista etológico e sócio-interacionista. Concebe-se a criança como agente de criação e transmissão de cultura desde os primeiros anos, e o grupo de brinquedo como um espaço de informação onde esses processos ocorrem. A partir de uma perspectiva etológica, essa concepção fundamenta-se no reconhecimento da espécie humana como biologicamente sócio-cultural e no pressuposição de adaptações próprias para essa especificidade que já se revelam na primeira infância. Em decorrência dessa perspectiva e dessa concepção, o ponto de vista sócio-interacionista de que a interação social é a matriz de construção do ser humano individual é incorporado como necessário para a compreensão dos processos de constituição simultânea do indivíduo e da cultura. A partir de registros em vídeo de atividade lúdica livre de crianças de 15 a 60 meses em instituições de Educação Infantil, realizados ao longo de vários anos, são selecionados e analisados episódios que indicam a ocorrência de processos de criação, elaboração e transmissão de conteúdos culturais e microculturais no decorrer da atividade lúdica livre, com ênfase na interação criança-criança como espaço relevante e autônomo de informação. Os episódios selecionados ilustram: (1) a recuperação e re-criação da cultura do ambiente social imediato, através de formas criativas de uso de instrumentos e outros recursos culturais, tanto materiais (por exemplo, configuração do espaço) como simbólicos (por exemplo, papéis e valores); (2) a exploração de novas possibilidades de uso desses recursos (por exemplo, na utilização alternativa/ idiossincrática de objetos que têm uso culturalmente definido, em função da interação desse uso com configurações presentes momentaneamente no grupo social concreto); (3) a criação de rituais lúdicos novos, com potencial de permanência no grupo e processo de construção de uma microcultura grupal; (4) alguns mecanismos, específicos da espécie, através dos quais esses processos se dão: orientação de atenção, imitação, motivação para o compartilhamento de significados, persistência de significados e papel de relações interpessoais nesta persistência. Sugere-se que a noção de indeterminação é útil para a compreensão de processos sociais complexos e para a relativização de pressupostos de previsibilidade na Psicologia do Desenvolvimento. Os dados apresentados são interpretados como evidências da pré-adaptação humana para a vida sócio-cultural no contexto dessa noção de indeterminação, e são disponibilizados para comparações inter-específicas a respeito de processos culturais e proto-culturais e dos mecanismos que os regulam.

* Pesquisador bolsista do CNPq. Apoio FAPESP.

** Pesquisador bolsista do CNPq.

Palavras-chave: Interação social; Cultura de brincadeira; Ludicidade

***

SIMP 27.3 BRINCADEIRA E APRENDIZAGEM DO USO DE FERRAMENTAS POR MACACOS-PREGO. *Briseida Dôgo de Resende* e Eduardo B. Ottoni (Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo)*

Há algumas décadas, o uso espontâneo de ferramentas era visto como uma das características que separava a espécie humana dos outros animais. Com o avanço da pesquisa naturalística esta idéia foi caindo por terra. Apesar de não ser uma prática corriqueira entre os animais, sabemos, por exemplo, que urubus usam pedras para quebrar ovos de avestruz, que pássaros usam gravetos para captura de insetos nos troncos das árvores e que chimpanzés possuem conjuntos de ferramentas regionalmente diversificados, como pedras para quebrar cocos e gravetos para capturar formigas nos ninhos. O uso de ferramentas pode implicar complexos processos de aprendizagem (como em humanos ou chimpanzés) ou pode ser um comportamento mais estereotipado e menos flexível (como nos urubus ou pássaros citados). Dentre os grandes primatas (Hominóides), além do homem, orangotangos e chimpanzés usam ferramentas em situação natural. Comunidades de chimpanzés de diferentes áreas da África utilizam variadas formas de ferramentas, havendo diferenças regionais em seu uso. O repertório de uso de ferramentas em chimpanzés é variado tanto entre regiões como dentro da mesma região. Fatores ecológicos como a disponibilidade de frutos ou do material necessário para ser usado restringem o aparecimento das técnicas, mas não são suficientes para explicá-las. Tomando por exemplo a quebra de cocos com pedras, há populações que não a realizam embora as condições ecológicas sejam semelhantes às das regiões em que ela ocorre, o que aponta para a importância da transmissão social de comportamentos. Dentre os macacos do Novo Mundo, o macaco-prego se destaca por ser um proficiente manipulador de objetos, inclusive utilizando pedras para quebrar cocos de maneira semelhante aos chimpanzés. A aquisição do comportamento de quebra pode se dar através de aprendizagem individual ou social. A brincadeira exploratória, que consiste em investigar, bater, esfregar e manusear objetos, tem um papel importante na aprendizagem individual: a manipulação de objetos relacionados com a quebra interfere na aprendizagem por tentativa-e-erro. Por outro lado, a aprendizagem social também é importante, na medida em que os filhotes podem aprender a quebrar cocos através da observação dos sujeitos mais experientes, sendo eles adultos ou jovens. Parceiros de brincadeira social podem ser modelos preferenciais. A alta taxa de manipulação de objetos em macaco-prego, bem como a tolerância que os sujeitos mais velhos exibem em relação aos mais novos se destacam dentre os fatores responsáveis pelo sucesso da aquisição do comportamento de quebra de cocos através da utilização de pedras nesta espécie: maior manipulação favorece a aprendizagem por tentativa-e-erro e tolerância favorece a aprendizagem social, sendo que a manipulação está relacionada à brincadeira com objetos e a tolerância está relacionada à brincadeira social.

* Bolsista FAPESP

Palavras-chave: Aprendizagem; Uso de ferramentas; Primatas; Brincadeira

****

SIMP 28/Análise Experimental do Comportamento

PESQUISA BÁSICA SOBRE EQUIVALÊNCIA DE ESTÍMULOS E COMPORTAMENTO SIMBÓLICO OU PRÉ-SIMBÓLICO

SIMP 28.1 EQUIVALÊNCIA DE ESTÍMULOS E APRENDIZAGEM CONCEITUAL: AUMENTANDO A EFICÁCIA DE PROCEDIMENTOS DE ENSINO. *Júlio C. de Rose (Departamento de Psicologia, Universidade Federal de São Carlos)*

O paradigma de equivalência de estímulo tem fornecido um modelo comportamental para o tratamento da questão do símbolo. O procedimento de escolha segundo modelo é utilizado para estabelecer uma relação condicional entre cada estímulo de um conjunto de modelos com um estímulo de um conjunto de comparações. Quando participantes humanos aprendem relações entre vários conjuntos de estímulos, eles são capazes de exibir novas relações, de acordo com as propriedades lógicas de simetria e transitividade, indicando a equivalência entre os estímulos relacionados, permitindo concluir que há relações simbólicas entre os estímulos. O paradigma experimental do estudo da equivalência é também um exemplo de aprendizagem conceitual. O participante aprende um conjunto de desempenhos e posteriormente é solicitado, em um teste, a transferir esta aprendizagem para um conjunto de outros desempenhos, não treinados. Como acontece na pesquisa sobre aprendizagem conceitual, assim como na aprendizagem conceitual acadêmica, resultados típicos mostram variabilidade entre diferentes participantes. Muitos exibem equivalência ou aprendizagem conceitual mas há uma parcela de participantes que não vai além dos desempenhos diretamente ensinados e não mostra transferência para novos desempenhos. Estudos em nosso laboratório

tem indicado que a variabilidade dos resultados de equivalência pode ser reduzida por uma programação cuidadosa das condições de ensino e de teste. A mera aprendizagem das relações condicionais ensinadas não garante a transferência para novas relações. Uma das razões para (a) é o fato de que a escolha segundo modelo pode ser desempenhada com base em diferentes relações subjacentes de controle de estímulo: por exemplo, o participante pode fazer escolhas com base na relação entre o modelo e o estímulo de comparação correto, selecionando este estímulo, ou pode escolher com base na relação entre o modelo e o comparação incorreto, rejeitando este estímulo. Procedimentos que controlem estas relações reduzem a variabilidade de resultados, assim como procedimentos que assegurem adequado controle de estímulos durante os testes. Estes resultados podem sugerir alternativas que aumentem a eficácia de procedimentos para ensino de conceitos.

(Pesquisador 1B, CNPq, apoio MCT/PRONEX, FAPESP e CNPq)

Palavras-chave: Equivalência de estímulos; Aprendizagem conceitual; Programação de ensino

---

SIMP 28.2 ANÁLISE DE CONTROLE DE ESTÍMULOS DO POTENCIAL PRÉ-SIMBÓLICO. *Olavo de Faria Galvão (Departamento de Psicologia Experimental, Universidade Federal do Pará)*

Indivíduos que são considerados como funcionando ao nível não simbólico podem chegar a demonstrar relações simbólicas? Equacionamos funcionamento pré-simbólico com desempenho bem sucedido em tarefas de equivalência e outros desempenhos relacionados como exclusão e formação de classes funcionais, partindo da suposição de que a dificuldade em demonstrar esse tipo de desempenho em macacos-prego ou outros indivíduos não verbais ou pré verbais decorre de dificuldades metodológicas, como a especificação insuficiente dos estímulos que controlam o comportamento nas fases de ensino e de testes, a preparação insuficiente dos sujeitos para os testes, e a falta de instrumentos conceituais eficientes para a análise do desempenho. O desenvolvimento de um modelo animal para o estudo experimental de processos pré-simbólicos pode vir a ser útil na investigação dos processos neurobiológicos envolvidos no desempenho de tarefas que envolvem controle de estímulos simbólicos. Os resultados obtidos serão relevantes para o desenvolvimento teórico e tecnológico da área de investigação dos pré-requisitos das atividades cognitivas. O eventual sucesso na demonstração de funcionamento simbólico em animais terá impacto sobre as teorias existentes que subordinam o funcionamento simbólico ao desenvolvimento lingüístico, e sobre a tecnologia de ensino para pessoas que não exibem funcionamento simbólico-convencional.

(Pesquisador 2A, CNPq, Ref. 350822/93-0, 08/93 - 07/99)

Palavras-chave: Equivalência de estímulos; Cognição animal; Caixa de Skinner

---

SIMP 28.3 CATEGORIAS HIERÁRQUICAS: UMA ANÁLISE USANDO PROCEDIMENTOS DE EQUIVALÊNCIA DE ESTÍMULO. *William J. McIlvane & Kristie M. Wilkinson, E. K. Shriver Center (University of Massachusetts Medical School & Emerson College)*

Procedimentos de equivalência de estímulo têm sido úteis no desenvolvimento de um modelo de laboratório das categorias lingüísticas? Nesta apresentação, vamos descrever um programa de pesquisa que tem o objetivo de providenciar uma resposta para esta pergunta. O que é um exemplo corriqueiro de uma categoria com uma estrutura lingüística? Todos os gatos são incluídos na categoria "animal" mas todos os animais não são incluídos na categoria "gato." De maneira similar, todos os gatos malhados são incluídos na categoria "gato" mas todos os gatos não são incluídos na categoria "gato malhado." Em outras palavras, "gato malhado" é um elemento da categoria "gato" e "gato" é um elemento da categoria "animal" mas as relações inversas não se aplicam: é uma estrutura hierárquica. Na pesquisa de equivalência de estímulo, o adulto típico é o seguinte. Se o participante aprende as relações AB e AC, então relações BC e CB surgem sem adicional instrução. Na situação típica, estes eventos não têm uma estrutura hierárquica. É possível que tais classes possuam uma estrutura como essa? A estrutura hierárquica é necessária para providenciar um modelo válido das muitas categorias naturais. Em nosso projeto, nós usamos procedimentos de "matching to sample" e participantes adultos com problemas de aprendizagem (e.g., alunos de universidades). Estímulos contextuais foram usados para evitar o problema de todos estímulos tornarem-se equivalentes, desta modo desmembrando a estrutura hierárquica das classes estabelecidas. Nós obtivemos dados positivos com muitos participantes até o presente momento. Estes dados e dados de outra pesquisa em curso, relacionada, vão ser apresentados neste simpósio.

Palavras-chave:

SIMP 29/Psicologia Social

HABILIDADES SOCIAIS EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS: UM ESTUDO TRANSCULTURAL

SIMP 29.1 ESTUDO TRANSCULTURAL EM HABILIDADES SOCIAIS COM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS: JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E METODOLOGIA. *Zilda A. P. Del Prette (Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, SP); Maria Refugio Ruiz-Saldaña (Psicologia, Universidad Nacional Autónoma de México – México); Almir Del Prette (Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, SP); Vicente E. Caballo (Psicologia, Universidade de Granada, Espanha); Marina Bandeira (Psicologia, Universidade Federal de São João Del Rei, MG); Eliane Gerk-Carneiro (Psicologia, Universidade Gama Filho, RJ); Elaine Mary de O. Falcone (Psicologia, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, RJ); Ana Lucia Alcântara Oliveira Melo (Psicologia, Universidade Federal da Bahia, BA); Maria Cecília Mendes Barreto (Estatística, Universidade Federal de São Carlos, SP)*

Nesse trabalho serão apresentadas as bases conceituais e empíricas que deram origem ao problema e aos objetivos desta pesquisa multicêntrica em habilidades sociais com estudantes de Psicologia, bem como a metodologia de coleta e de análise de dados adotada. O caráter situacional-cultural das habilidades sociais e da competência social, estabelecido por uma ampla literatura, tem colocado questões importantes para a avaliação desse repertório bem como para as interpretações possíveis de dados obtidos em diferentes contextos sociais e históricos. De um lado, tem-se a importância de estabelecer padrões normativos, com base em grupos de referência, para a interpretação de avaliações obtidas em diferentes contextos sócio-culturais; de outro, tem-se um conjunto de inferências possíveis sobre valores, normas e atitudes sociais em função dos padrões interpessoais predominantes. A presente pesquisa foi orientada especialmente pela segunda alternativa embora tenha buscado também elementos para o repensar a primeira em nosso meio.

O direcionamento da avaliação do repertório de habilidades sociais para estudantes universitários adquire particular importância quando se considera que a formação de caráter crítico deveria incluir o desenvolvimento interpessoal como parte dos objetivos acadêmicos (diferenciando, portanto alunos de início e término de curso) e que os padrões comportamentais por eles apresentados constituem uma amostra dos efeitos da cultura, em termos dos valores e normas de convivência social que estão sendo assimilados por uma elite da sociedade que atinge os graus mais elevados de educação formal, especialmente nos países em desenvolvimento. Por outro lado, a preocupação em restringir a quantidade de variáveis sócio-demográficas, também reconhecidamente associadas à qualidade do desempenho social, e a importância desse repertório em determinadas áreas de formação, levou à focalização em estudantes de Psicologia.

A presente pesquisa teve como objetivos: a) identificar diferenças e semelhanças entre estudantes de Psicologia de diferentes regiões brasileiras e em relação a seus colegas de outros dois países de língua ibérica; b) comparar o efeito de variáveis sócio-demográficas (sexo, idade e momento de formação) sobre cada uma destas subamostras; c) levantar hipóteses sobre fatores sócio-culturais associados às eventuais semelhanças e diferenças encontradas.

Os dados foram coletados junto a 1071 estudantes, sendo 528 de diferentes regiões brasileiras, 455 de estudantes mexicanos e 88 de espanhóis espanhóis. Para equilibrar a amostragem brasileira e mexicana à da Espanha, uma amostra aleatória de igual quantidade de respondentes foi extraída das duas primeiras. Os dados foram coletados por meio de um inventário de habilidades sociais de 38 itens (IHS-Del-Prette), com dados psicométricos satisfatórios de validade e confiabilidade e uma estrutura fatorial com cinco fatores: 1) enfrentamento e auto-afirmação com risco; 2) auto-afirmação na expressão de afeto positivo; 3) conversação e desenvoltura social; 4) auto-exposição a desconhecidos ou a situações novas; 5) autocontrole de agressividade a situações aversivas. A aplicação do inventário ocorreu em grupo, em salas de aula. Foram computados e analisados indicadores descritivos de cada amostra (escores total e fatoriais, valores médios de cada item, desvios padrões etc.), organizados em tabelas e figuras elaborando-se as análises estatísticas pertinentes para identificação das semelhanças e diferenças entre as subamostras.

Palavras-chave: Habilidades Sociais, Análise Transcultural, Universitários de Psicologia

---

SIMP 29.2 HABILIDADES SOCIAIS DE ESTUDANTES DE PSICOLOGIA: UM ESTUDO EM DIFERENTES REGIÕES BRASILEIRAS. *Zilda A. P. Del Prette (Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, SP); Maria Refugio Ruiz-Saldaña (Psicologia, Universidad Nacional Autónoma de México – México); Almir Del Prette (Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, SP); Vicente E. Caballo (Psicologia, Universidade de Granada, Espanha); Marina Bandeira (Psicologia, Universidade Federal de São João Del Rei, MG); Eliane Gerk-Carneiro (Psicologia, Universidade Gama Filho, RJ); Elaine Mary de O. Falcone (Psicologia, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, RJ); Ana Lucia Alcântara Oliveira Melo (Psicologia, Universidade Federal da Bahia, BA); Maria Cecília Mendes Barreto (Estatística, Universidade Federal de São Carlos, SP)*

A freqüência com que determinados padrões de habilidades sociais ocorrem em diferentes grupos culturais podem ser tomados como um dos possíveis indicadores dos valores, normas e atitudes sociais predominantes. Associadas à extensão geográfica do país, as diferenças culturais entre regiões brasileiras têm sido amplamente reconhecidas, embora sejam poucos estudos sobre como elas se traduzem no cotidiano das relações interpessoais. A produção de conhecimento sobre esse aspecto pode ser importante na compreensão dos padrões de relacionamento nessas "subculturas" e na seleção de instrumentos apropriados de avaliação do repertório social e na tomada de decisões sobre intervenções. O presente trabalho teve como objetivos: a) identificar diferenças e semelhanças entre estudantes de Psicologia de diferentes regiões brasileiras; b) comparar o efeito de variáveis sócio-demográficas (sexo, idade e momento de formação) sobre cada uma dessas subamostras; c) levantar hipóteses sobre fatores sócio-culturais associados às semelhanças e diferenças. Os dados foram coletados com o IHS-Del-Prette, junto a 528 estudantes de início e término do curso de Psicologia, de ambos os sexos (82% mulheres e 18% homens), idade média de 21 anos, em cinco amostras brasileiras: São Carlos (SC), Ribeirão Preto (RIB), Salvador, Bahia

(BA), São João Del Rei, Minas Gerais (MG) e Rio de Janeiro (RJ). Foram efetuadas as análises estatísticas (descritiva e inferencial) e os resultados não mostraram diferenças significativas apenas no Fator 1 (Enfrentamento e auto-afirmação com risco). Houve diferenças no escore total (F=48,967), Fator 3 (Habilidades de conversação e desenvoltura social, F=99,818), Fator 4 (Habilidades de auto-exposição a desconhecidos e situações novas (F=17,096) e Fator 5 (Habilidades de autocontrole da agressividade a situações aversivas, F=14,720) todos com p<0,001, no Fator 2 (Habilidades de auto-afirmação na expressão de afeto positivo) as diferenças (F=2,892) ocorreram com p<0,05, assim como em alguns itens específicos. Em termos gerais, a região do RJ obteve maior índice no escore total e nos fatores 2 e 3. BA ocupa o segundo lugar em escore total e nos fatores 3 e 4; RJ/B-SC apresentou maiores escores de habilidades sociais nos fatores 1, 4 e 5; MG ficou em segundo lugar no Fator 1. Uma comparação com os escores padronizados mostrou que, no escore total, a amostra de RJ ficou acima da média, a de MG, abaixo e as demais em torno da média. As diferenças de gênero foram significativamente favoráveis para o sexo masculino no escore total ($F=3,899$, $p<0,05$) e nos fatores 1 e 2 (F=24,463, F=14,636 p<0,001 respectivamente) e para o sexo feminino nos fatores 4 e 5 (F=9,091, F=10,578, p<0,01 respectivamente). Verificou-se também diferenças no escore total (F=1,885, p< 0,05), Fator 3 (F=2,340, p<0,05) e Fator 4 (F=1,922, p<0,05) favoráveis aos respondentes de maior idade. Os sujeitos com bolsa ou trabalho apresentaram maiores índices no escore total e Fator 3 ($\bar{X}$=93,68 e $\bar{X}$=89,10, respectivamente, T=-2,378, com g.l. de 188/336 e p<0,01) e em três itens de outros fatores enquanto que as diferenças entre os de início e término de curso só foram significativas em dois itens. De modo geral foi possível identificar a semelhança no fator de assertividade (F1) e uma diferenciação maior da subamostra de MG em relação a todas as demais (no escore total e nos demais fatores). Com base nesses dados e em análises mais detalhadas de cada amostra, discute-se as possíveis influências culturais que podem explicar essas diferenças e semelhanças.

Palavras-chave: Habilidades Sociais; Análise Transcultural; Universitários de Psicologia

---

SIMP 29.3 Habilidades Sociais De Estudantes De Psicologia: Um Estudo Transcultural Em Três Países De Língua Latina. *Zilda A. P. Del Prette (Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, SP); Maria Refugio Rios-Saldaña (Psicologia, Universidad Nacional Autónoma de México – México); Almir Del Prette (Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, SP); Vicente E. Caballo (Psicologia, Universidade de Granada, Espanha); Marina Bandeira (Psicologia, Universidade Federal de São João Del Rei, MG); Elaine Cecil-Carneiro (Psicologia, Universidade Gama Filho, RJ); Eliane Mary de O. Falcone (Psicologia, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, RJ); Ana Lucia Alcântara Oliveira Lilian (Psicologia, Universidade Federal da Bahia, BA); Maria Cecília Mendes Barreto (Estatística, Universidade Federal de São Carlos, SP)*

O reconhecimento dos condicionantes culturais implica em considerar, na caracterização do repertório de habilidades sociais e na avaliação da competência social, tanto os padrões comportamentais historicamente situados, como as variantes próprias de diferentes subculturas. Os chamados estudos transculturais permitem, com base em semelhanças e diferenças encontradas nas características da subamostras de uma população, inferir padrões próprios a cada uma delas bem como contingências socioculturais associadas a esses padrões. Com base nesse raciocínio, o presente trabalho teve como objetivos: a) identificar diferenças e semelhanças entre estudantes de Psicologia de três diferentes países de língua latina b) comparar o efeito de variáveis sócio-demográficas (sexo, idade e momento de formação) sobre cada uma destas subamostras; c) levantar hipóteses sobre fatores sócio-culturais associados às eventuais semelhanças e diferenças encontradas. Os dados foram coletados com o IHS-Del-Prette, junto a 264 estudantes de Psicologia de ambos os sexos, de início e término de curso, idade média de 21,01 anos (desvio padrão de 2,08), sendo 88 de uma amostra de diferentes regiões brasileiras, 88 de Granada (Espanha) e 88 da cidade do México. Foram efetuadas análises estatísticas de comparação entre médias no escore geral e nos escores fatoriais para as amostras totais e para as subamostras de gênero e de momento do curso. Os resultados mostraram diferenças significativas entre os três países no escore total (F=18,123 com p<0,001), no Fator 2 (Habilidades de auto-afirmação na expressão de afeto positivo com F=98,013 e p<0,001), no Fator 3 (Habilidades de conversação e desenvoltura social, com F=11,969, p<0,001), no Fator 4 (Habilidades de auto-exposição a desconhecidos e situações novas, com F=11,757, p<0,001) e em 20 dos demais itens de habilidades específicos que não atingiram nos fatores acima (ou seja, acima de 50% dos itens). Comparando as três amostras quanto ao gênero, os resultados relativos ao sexo masculino apresentaram diferenças significativas no escore total (F=16,057 com p<0,001), e em todos os fatores exceto o F5 (F1: F=3,457 com p<0,05, F2: F=6,532 com p<0,001, F3: F=8,977 com p<0,001; e F4: F=9,883, com p<0,001). Quanto às respondentes do sexo feminino, houve diferença entre os países no escore total (F=8,969; p<0,001), no F2 (F=60,197; p<0,001), F3 (F=6,712; p<0,01), F4 (F=11,178; p<0,001) e F5 (F=7,714, p<0,01). Comparando-se apenas os estudantes de início curso, verificou-se que as diferenças foram significativas no escore total (F=152,669 com p<0,001), F1 (F=6,075 com p<0,05 e F2 (F=391,315 com p<0,001). Entre os estudantes de final de curso, ocorreram diferenças no escore total (F=7,069 com p<0,01), F2 (F=46,610 com p<0,001), F3 (F=5,558 com p<0,01) e F4 (F=5,123 com p<0,01). Com relação à idade, não foram encontradas diferenças significativas entre os países. De modo geral, verificou-se que os estudantes brasileiros mostraram maiores índices de habilidades sociais no escore total e nos fatores 2, 4 e 5; os espanhóis apresentaram maiores escores no Fator 3 e os mexicanos foram iguais aos brasileiros no Fator 4 porém maiores que os espanhóis. Discute-se as possíveis influências histórico-culturais que podem explicar essas diferenças e semelhanças em aspectos gerais e específicos identificados neste estudo, indicando-se direções para pesquisas posteriores nessa área.

Palavras-chave: Habilidades Sociais; Análise Transcultural; Universitários de Psicologia

MESA REDONDA

MESA 01 Psicologia do Desenvolvimento
CONTEMPORANEIDADE, SEXUALIDADE E RELACIONAMENTOS AMOROSOS NA ADOLESCÊNCIA

MESA 1.1 A SEXUALIDADE "ENSINADA" E A DESINFORMAÇÃO DO ADOLESCENTE CONTEMPORÂNEO. *Maria Lúcia Boarini (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR)*

A grande disponibilidade, nas bancas de jornais, de revistas cuja temática é o nu feminino, o nu masculino, a pornografia e tantas outras publicações do gênero; o variado rol de filmes de caráter erótico na TV aberta, isto sem contar os programas que semanalmente (ou não) deixa nos a impressão que ao jovem tudo é facilitado e permitido e nestes termos nada desconhecem sobre a sexualidade. A nossa experiência enquanto supervisora de estágio curricular na área de Psicologia Escolar, em escolas de Ensino Fundamental e Ensino Médio, sobretudo no município de Maringá, no Estado do Paraná oferece-nos elementos que não confirmam esta idéia. Assim, neste percurso encontramos grande número de adolescentes que desconhecem desde informações mais elementares com relação às transformações do seu próprio corpo quanto às possibilidades de inscrições da sexualidade nas suas relações com o Outro. Como se não bastasse o desconhecimento ou, talvez, por conta deste observamos que o adolescente, via de regra, ao se referir às questões da sexualidade ou do seu próprio corpo o faz de maneira um tanto limitada adotando expressões que mais lembram clichês e estereótipos de percepção e linguagem do que. Expressões estas distantes de manifestações simbólicas capazes de percorrer as possibilidades de significação do corpo e de estados afetivos- emocionais. A partir desta constatação levantamos a hipótese que o saber e o domínio da sexualidade não é função direta e proporcionalmente idêntica à quantidade de informações disponíveis, especialmente aquelas veiculadas pela mídia ou por projetos gestados pela alta burocracia escolar, mas depende de uma construção elaborada nos encontros e desencontros vividos no cotidiano de todos nós.
Palavras-chave: Sexualidade; Adolescência; Contemporaneidade

MESA 1.2 UMA ANÁLISE PIAGETIANA DOS RELACIONAMENTOS AFETIVOS NA ADOLESCÊNCIA. *Nelson Pedro Silva (Departamento de Psicologia Evolutiva, Social e Escolar, Universidade Estadual Paulista, Assis, SP)*

Notamos que os jovens de hoje apresentam postura individualista, hedonista e desmobilizadora. Esse novo modo de agir e de pensar talvez tenha sido determinado por aspectos relacionados à conjuntura política e econômica brasileira – como o recente ingresso num regime democrático, o desemprego e a diminuição do poder aquisitivo – e o culto excessivo a certos valores ligados à pluma (beleza, força física, status social e financeiro). Esse novo modo de agir e de pensar – próprio de sociedades "pós-modernas" – revela-se num certo desejo desenfreado de consumo, na aparente liberdade de escolha, na construção de verdades próprias, na luta em buscar o novo a qualquer preço, na indiferença política e no estabelecimento de relacionamentos amorosos efêmeros. Neste contexto, procuramos fazer uma análise piagetiana da lógica implícita a esse "modo de funcionar" dos jovens, principalmente sobre uma nova maneira de se relacionar afetivamente (denominado de ficar). A nossa tese é a de que os jovens estão agindo segundo uma "lógica" egocêntrica, própria do período pré-operatório da inteligência e da tendência heterônoma da moralidade, conforme definição elaborada por Piaget. Isto não significa que sejam pré-lógicos, isto é, que não tenham construído estruturas operatórias – portanto, que não sejam capazes de reversibilidade. Ao contrário, eles apresentam competência afetiva, cognitiva e moral reversível. O que lhes falta é a performance cognitiva correspondente, provavelmente ocasionada pela cultura vigente, na medida em que ela não facilita e tampouco valoriza o estabelecimento e o exercício do diálogo, da discussão e da reflexão. Em outras palavras, os sujeitos estabelecem relacionamentos fugazes, como o ficar, porque agem orientados por uma certa irracionalidade – apesar de terem a capacidade racional. Eles objetivam, com isto, exatamente continuar, de maneira delirante, subordinando o outro (mundo) ao seu eu e se negando a se submeter a ele. Em conseqüência, são incapazes de estabelecer o diálogo – condição necessária para o estabelecimento de relações interpessoais –, já que não se colocam no lugar do parceiro para compreender seu pensamento; confundem fantasia com realidade, a ponto de acabarem apenas enxergando um simulacro do outro e mostram-se incapazes de amar, pois o amor pressupõe compreensão (logo, também a racionalidade). Para que tais processos sejam revertidos, é necessário que os adolescentes saiam de si e se coloquem no lugar dos outros. Este movimento leva, inevitavelmente, ao sofrimento, uma vez que ele obriga ao abandono do individualismo, do hedonismo e da desmobilização. Poderíamos resumir, assim, uma das causas que influenciam este tipo de relacionamento na atualidade: ficar para não amar e, logo, não sofrer.
Palavras-chave: Piaget, Desenvolvimento moral, Relacionamentos afetivos na adolescência

MESA 1.3 O FICAR NA ADOLESCÊNCIA E PARADIGMAS DE RELACIONAMENTO AFETIVO DA CONTEMPORANEIDADE. *José Sterza Justo (Departamento de Psicologia Evolutiva, Social e Escolar, Universidade Estadual Paulista, Assis - SP)*

O ficar designa um tipo de relacionamento afetivo, amoroso ou sexual típico da atualidade. Ligado mais comumente à adolescência, embora não exclusivo dela, possui como características principais a curta duração, o descompromisso com a continuidade da relação e ausência de valores e de exigências comumente estabelecidas nos relacionamentos tradicionais, tais como a fidelidade e a exclusividade. O encontro propiciado pelo ficar pode envolver desde uma conversa mais íntima e algumas carícias até uma relação sexual podendo, inclusive, acabar convertendo-se num relacionamento tradicional. Porém, enquanto consignado como um simples ficar, expressa um contato passageiro, provisório, voltado unicamente para buscas imediatas vividas de forma superficial, embora, às vezes, ocorrendo com muita intensidade, como uma chama que rapidamente se esvai. Essa forma de relacionamento ultrapassa o universo dos adolescentes, podendo ser também encontrada entre adultos e idosos. Uma análise mais detida permite visualizar esse fenômeno, em seus fundamentos, como algo que ultrapassa não apenas os limites da idade, mas o próprio campo das relações afetivas. O ficar, seguramente, não é um modismo ou um fenômeno superficial e isolado, mas conecta-se com outras subjetivações produzidas na sociedade contemporânea. Aliás, tal modalidade pode ser tomada como expressão dos novos paradigmas de relacionamento emergentes nesse tempo. Obedece a mesma lógica que também governa relacionamentos de diferentes espécies e naturezas. A abreviação do tempo e o caráter efêmero e provisório do ficar estão presentes em vários outros cenários da contemporaneidade. Não são apenas os jovens que estão vivendo a condição de encurtamento e abreviação de seus relacionamentos amorosos, mas também os trabalhadores. Como ilustração podemos citar a abreviação dos vínculos empregatícios, a rarefação dos relacionamentos outrora sólidos e duradouros, tais como os de vizinhança, amizade e os familiares. Vive-se hoje uma condição de aceleração do tempo, alargamento do espaço e da movimentação humana sem precedentes, impeditiva de vinculações psicossociais estáveis e prolongadas. Trata-se de um sujeito errante, condicionado a conviver com a incerteza, o risco, a insegurança e a provisoriedade em todos os planos da vida: do amor ao trabalho. As forças de dispersão, contrapostas às antigas forças de agregação e confinamento, condenam o sujeito a conviver com a solidão ou a estabelecer relacionamentos mínimos e transitórios. A descartabilidade associada à pressão pelo consumo - outra figura forte da contemporaneidade - também potencializa consideravelmente a brevidade dos vínculos e contatos com todo tipo de objeto de desejo. O ficar, portanto, inscreve-se nesse paradigma da contemporaneidade que privilegia a compressão do tempo, a expansão das fronteiras geográficas, econômicas, políticas e psicossociais, o nomadismo, o desamparo, o desprendimento, o isolamento, o individualismo, o hedonismo, o narcisismo o desapego, o jogo, o acaso e tantas outras condições produtoras de uma subjetividade oscilante e intermitente.
Palavras-chave: Contemporaneidade, Adolescência, Relacionamentos afetivos

MESA 02 Psicologia Clínica e da Personalidade
PESQUISA E METODOLOGIA EM PSICANÁLISE

MESA 2.1 CONDIÇÕES DE POSSIBILIDADE DOS PROCEDIMENTOS INVESTIGATIVOS EM PSICANÁLISE. *Anna Carolina Lo Bianco (Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro)*

O trabalho procura examinar as condições de possibilidade da pesquisa em psicanálise. Inicia-se com o exame da emergência do pensamento freudiano no séc. XIX e de suas raízes no entendimento acadêmico-científico. Este, à época, sustentava as disciplinas médicas tais como a fisiologia e a neurologia com as quais Freud trabalhava. Freud tem uma educação formal bastante rigorosa nos procedimentos da pesquisa científica. Trabalha com um dos integrantes da Escola Médica de Helmholtz – E. Brücke – e chega a desenvolver alguns estudos bastante importantes, sob sua orientação. No entanto, pouco depois de entrar em contato com os problemas colocados pela clínica da histeria, se distancia da visão cientificista que até então lhe guiava e faz um acentuado corte em relação a ela. Trata-se para o autor, nesse ponto, da introdução de uma lógica discursiva inteiramente diferente da que então vigorava. Passa-se da concepção de um sujeito da intencionalidade consciente (o sujeito das ciências positivas) para a formulação de um sujeito da lógica inconsciente. Surge, então, ao mesmo tempo, uma metodologia específica para que se torne possível a aproximação a esse novo objeto de estudo que é o sujeito inconsciente. Uma metodologia que, trazendo uma novidade, nem por isso seja menos rigorosa e precisa. Em várias referências, deixadas pelo próprio Freud, podemos acompanhar as formulações que dá a tal metodologia: partindo de definições teóricas aproximadas, o pesquisador se dirige ao material bruto da realidade clínica e faz nascer dele a ordem e a clareza que permitirão às definições primeiro utilizadas um crescente refinamento. Num movimento constante de ida e vinda da teoria para a realidade observada na clínica, vão se delimitando, se circunscrevendo, os conceitos, que articulados, vão aperfeiçoando a teoria. Esta, por sua vez, melhor dará conta da realidade clínica, num movimento de constante aprimoramento (de um saber que, diga-se de passagem, se entende como inacabado e não-totalizante). Nesse ponto, é importante ressaltarmos que esse foi o procedimento de Freud ao inventar uma disciplina, que se, certamente não surge ex-nihilo, tampouco segue ou adota os métodos de conhecimento de saberes anteriores. Colocando-nos na posição de um pesquisador em psicanálise, nos dias atuais, temos que um dos procedimentos capitais é a ida aos textos que estabelecem os conceitos e as formulações teóricas. É onde teremos o contato com as teorias refinadas ao longo do século pelo saber psicanalítico. A ida aos textos nesse momento é crucial para que se circunscreva um dado conceito e se acompanhe o seu

estabelecimento com vistas a julgar da sua pertinência ou da sua mais rigorosa aproximação com as questões (em geral clínicas) com que o pesquisador está lidando. Esse procedimento de investigação que lida com a trama conceitual para reconhecer nela os nós e as inclinações para o entendimento da clínica, vem muitas vezes sendo confundido com toda a pesquisa; é quando a investigação psicanalítica é tomada por uma extensa revisão bibliográfica. O trabalho termina por detalhar os procedimentos investigativos, criticando esse mal entendido herdado de um pensamento que se quis hegemônico no discurso acadêmico, mas que foi deslocado em grande parte pela psicanálise.

Palavras-chave: Pesquisa Em Psicanálise; Conceituação Em Psicanálise; Procedimentos Investigativos

***

MESA 2.2 Novos Fundamentos Para A Psicanálise - Aperfeiçoamento Ou Substituição De Paradigma?. *Raul Albino Pacheco Filho (Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social da PUC-SP, núcleo de pesquisa Psicanálise e Sociedade)*

Em um trabalho anterior, comparei as características do método de Freud para produzir conhecimento e os processos de validação científica das proposições teóricas, por ele utilizados, com a concepção de ciência de Thomas Kuhn, apresentada em "A estrutura das revoluções científicas". Conclui que, pelo menos no caso da investigação freudiana, as análises empreendidas discordam da opinião de Thomas Kuhn, contestando sua afirmação de que, no campo da Psicanálise, não se encontrariam as "atividades de solução de enigmas" e de "resolução de 'quebra-cabeças'", características da "ciência normal". Propus, além disso, que a teorização freudiana não se esgota nos limites da chamada "ciência normal", envolvendo também, e principalmente, uma "revolução científica" na investigação dos fenômenos psíquicos. Em um trabalho publicado na França em 1987, intitulado "Nouveaux fondements pour la Psychanalyse", Jean Laplanche propõe a necessidade da renovação dos fundamentos da Psicanálise, "a partir de uma crítica incessante dos chamados conceitos fundamentais". Desse acredita, inclusive, que esse movimento de reconceptualização dos fundamentos "não pode deixar de se repercutir na prática [psicanalítica], do mesmo maneira que uma certa inflexão moderna da prática não pode deixar de ter influência na nossa maneira de encarar os fundamentos". Referindo-se ao seu trabalho desenvolvido desde 1969 na Université Paris VII, e publicado na série "Problématiques", argumenta que "a partir destas problematizações radicais, violentas, é necessariamente uma nova temática, novos ordenamentos, novos conceitos ou um novo ordenamento dos conceitos que se desenham." E afirma que "chegou o momento de mostrar a sua articulação." Em que consiste a proposta de Laplanche? Delineia-se uma nova psicanálise, por trás da sua reformulação dos fundamentos? Ou trata-se apenas da afirmação da necessidade de aperfeiçoamentos em determinados elementos importantes do paradigma psicanalítico, sem que, no entanto, se extrapole o âmbito das fronteiras delineadas pelo paradigma freudiano? O objetivo deste artigo é refletir a respeito do sentido e do alcance epistemológico da proposta laplanchiana, à luz da concepção kuhniana de paradigma científico.

Palavras-chave: Epistemologia Da Psicanálise; Fundamentos Da Psicanálise; Paradigma Científico

***

MESA 2.3 A Pesquisa Psicanalítica Dos Fenômenos Sociais. *Miriam Debieux Rosa (Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo e Faculdade de Psicologia da PUC-SP. Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisa Psicanálise e Sociedade da PUC-SP)*

O presente trabalho pretende fundamentar a possibilidade de pesquisas na direção de desvendar a relação subjetividade e cultura para compreender as mudanças e os impasses da subjetivação na atualidade e contribuir com caminhos para a pesquisa dos fenômenos sociais. A exposição passa pela problematização acerca da Psicanálise em extensão ou extramuros. Esta refere-se à aplicação dos conceitos da Psicanálise para compreensão dos processos e produtos dos fenômenos sociais. Faz-se necessário definir o que se configura como sintoma social, que pode ser concebido como aquilo que está inscrito nas entrelinhas do discurso dominante de uma sociedade em dada época, ou como aquele que é sustentado por uma fantasia através da qual se que denota o modo como os sujeitos conectam os ideais, buscando manter distante a castração. É sintoma social uma vez que, apesar da mesma fantasia, o sujeito ocupa vários lugares em sua estruturação. Este percurso de enfrentamento de novos problemas necessita de uma certa afinação, refinação, dos conceitos psicanalíticos e a busca de alguns dos dispositivos de análise a que se pode lançar mão na relação entre subjetividade e cultura. Sugiro que a análise poderá ser feita pela vertente dos discursos que produzem uma certa forma de laço social, articulando-os à especificidade do fenômeno, suas determinações e seus efeitos subjetivos e intersubjetivos. A da análise dos enunciados presentes no imaginário social sobre referentes fundamentais da organização social e psíquica decide sobre as tensões dos grupos sociais, que atribuem lugares específicos ao sujeito no imaginário social. Tais lugares permitem hipotetizar de que forma tais fantasias interferem no sujeito do fenômeno em questão. Ressalto a idéia de que é a partir de uma certa tensão sobre lei, paternidade, sexualidade e domínio que alguns são considerados, ou excluídos como sujeitos humanos e podem ter acesso à escuta, à palavra, ao gozo, à cidadania. Outra sugestão é realçar a importância de quem se encarrega da enunciação desses referentes fundamentais. Considero que o suporte que, segundo as diferentes culturas, sustenta o papel de representante do discurso não é indiferente para o destino psíquico do sujeito, como não é indiferente a maior ou menor valorização do modelo pelo grupo. Observa-se efeitos inteiramente diversos quando, por exemplo, estes enunciados chegam à criança ou adolescente pela via do discurso parental ou via instituições ou outros porta vozes. A análise da variação histórica e ideológica dos referentes fundamentais e sua relação com a subjetividade, desemboca na questão sobre o lugar da história na pesquisa psicanalítica.

Palavras-chave: Subjetividade, Fenômenos Sociais, Pesquisa

***

MESA 2.4 Notas Sobre Um Tipo De Disposição Metodológica De Inspiração Freudiana. *Inês Loureiro (Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro)*

Este trabalho pretende abordar alguns aspectos característicos do estilo freudiano de produção de conhecimento em Psicanálise. Propõe-se que o uso do procedimento especulativo, tal como aparece em Freud, integra um certo tipo de disposição metodológica que julgamos importante compreender - e resgatar - no âmbito da pesquisa acadêmica em Psicanálise. O problema do uso da especulação por parte de Freud tem sido amplamente discutido e envolve a própria especificidade da conceitualização psicanalítica, a partir das bases clínico-observacionais sobre as quais se ergue. Em termos histórico-epistemológicos, sabe-se que o procedimento especulativo é considerado legítimo, dentro de certos limites, nos círculos científicos freqüentados por Freud. Tais limites são claros: a especulação jamais deve antecipar-se ou sobrepor-se ao exame dos dados empíricos; pode vir a cumprir uma função instrumental, impulsionando o avanço da teorização quando esta se defronta com impasses, mas nunca servir como ponto de partida. O aspecto da especulação que nos interessa aqui é o "deixar-se levar pelas idéias" e segui-las tão longe quanto possível - o que significa, para Paul-Laurent Assoun, comentar um método a medida do Aufklärer, colocando o pensamento especulativo a serviço da divisa kantiana do Sapere aude! Eis a disposição metodológica que queremos destacar este "deixar-se conduzir" que Freud, em várias oportunidades, reconhece caracterizar seu próprio trabalho e estilo de escrita. Encontram-se formulações contundentes a este respeito tanto na obra escrita quanto na correspondência privada de Freud. Esta postura freudiana de aceitação de uma certa "passividade" do pesquisador face às vicissitudes colocadas pelo material de pesquisa (ao menos em uma de suas etapas) é um ponto fundamental a ser levado em conta quando da discussão sobre metodologia de pesquisa em Psicanálise. É importante frisar que isto não contradiz a necessidade de um planejamento inicial da pesquisa nem as exigências de extremo rigor. Ao contrário, requer do pesquisador um esforço contínuo no sentido de explicitar e nomear os impasses com os quais se depara, em um verdadeiro movimento de meta-teorização; requer igualmente considerável aptidão emocional para tolerar incertezas, atrasos, imprevistos e decepções, conforme já apontado por Luís Cláudio Figueiredo. Esta disposição em ir modelando e reformulando o material ao longo do andamento da pesquisa faz com que o método só possa ser efetivamente descrito após a conclusão do trabalho, isto é, a posteriori. Tudo isso contribui para fazer de cada dissertação ou tese em Psicanálise um verdadeiro "caso metodológico", materialização e ápice de um percurso irredutivelmente singular.

* Bolsista Recém-Doutor do CNPq

Palavras-chave: Metodologia em Psicanálise; Procedimento especulativo em Freud, Atitude metodológica

***

MESA 03/Psicologia Escolar e Educação

A PSICOLOGIA ATRAVESSANDO FRONTEIRAS: INTERDISCIPLINARIDADE DA TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS - SAÚDE, EDUCAÇÃO E GÊNERO

MESA 3.1 Representações Sociais E Educação. Uma Interrelação Da Psicologia Educacional. *Margot Campos Madeira (Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica de Petrópolis/RJ e Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estácio de Sá/RJ)*

Este trabalho objetiva analisar as possibilidades que se abrem ao estudo de questões do campo da Educação, e na área da psicologia educacional, pela aplicação da teoria das representações sociais. A investigação das representações sociais de um objeto torna possível aproximar-se do processo complexo pelo qual o homem se apropria continuamente do mundo e, através desta apropriação, define-se, age e se comunica. Diferentes ordens e níveis de informações e experiências tornam-se palavra, neste dinamismo, isto é, assumem um sentido próprio, integrando-se na coerência que torna o mundo inteligível para aquele homem, no seu tempo e no seu espaço. As representações sociais de um objeto não são, portanto, neutras, nem imutáveis, nem uniformes. São construções simbólicas do homem em seu esforço para se apropriar do que o cerca. Seu estudo abre a possibilidade de uma aproximação do dinamismo de construção e atribuição de sentidos aos objetos, sejam eles pessoas, idéias, teorias, acontecimentos, coisas, etc. (Jodelet, 1989, p.36). Assim, se faz a síntese possível à percepção da complexidade de cada objeto, em cada momento histórico, o que marca as relações psicossociais em uma dada totalidade. Captar e analisar os sentidos ou representações de um dado objeto, nesta perspectiva, articula-se como um necessário, seja porque uma representação não pode ser apreendida isolando-a de outras que a articulam, seja porque uma representação remete à pluralidade, à diversidade e à complementaridade que, historicamente, vão caracterizar as partes de um todo

e suas relações. Afirmamos, assim, a riqueza potencial da exploração dos interstícios entre aqueles campos do conhecimento, como caminho para uma aproximação mais pertinente e efetiva da área da psicologia educacional, de seus processos e mecanismos. São questionados os pressupostos que regem as formulações de uma Psicologia da Educação que desconhece ou anula os processos educacionais da sociedade, pelos quais, nas relações com o(s) outro(s), os sentidos dos objetos vão sendo construídos por indivíduos e grupos, demarcando-os em suas proximidades e diferenças e orientando suas comunicações e condutas cotidianas. Neste contexto, analisa-se tanto a escola, quanto outros espaços de construção de saberes(s), as relações que os articulam e suas implicações.

Palavras-chave: Representações sociais; Educação; Psicologia da Educação

---

MESA 3.2 O ESTADO DA ARTE DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NO BRASIL: O CASO DA SAÚDE. *Denize Cristina Oliveira* (*Faculdade de Saúde Pública/Universidade de São Paulo, São Paulo, SP e Escola de Enfermagem/Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ*), *Antonia da Silva Paredes* (*Escola de Enfermagem/Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB*), *Luis Fernando Rangel Tura* (*Núcleo de Estudos de Saúde Coletiva/Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ*), *Zaidi Trindade, Departamento de Psicologia/Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES*)

Este estudo pretende caracterizar a produção científica brasileira sobre representações sociais, particularmente na área da saúde, de 1988 a 1997. Os trabalhos científicos analisados foram: capítulos de livros, teses em periódicos, comunicações em eventos científicos e teses de doutorado, relacionados com o campo de estudos inaugurado por Serge Moscovici, ou que guardam com este campo uma interface significativa. O levantamento de dados contou com varias pesquisadores em diversas regiões do país e de áreas de conhecimento. As seguintes áreas foram visitadas: Saúde Coletiva, Enfermagem, Medicina, Nutrição e Fisioterapia. Os trabalhos se distribuíram segundo os objetos de estudo escolhidos, principalmente: representações sociais de doenças e do doente, de processos, técnicas e tecnologias de trabalho, de áreas profissionais e de profissões. Eles também se subdividem segundo a responsabilidade dos autores: profissionais de saúde que abordam temas da saúde ou outros temas não relacionados à área, profissionais de outras áreas abordando temas da área de saúde. Quanto aos eixos de tais estudos, trata-se fundamentalmente de trabalhos descritivos, que enfocam o conteúdo das representações sociais, considerando-as sob a forma de conhecimento do senso comum e do saber técnico. Um segundo grupo se caracterizou pelo enfoque das representações sociais e suas articulações com práticas profissionais e produção. Os resultados preliminares indicam que os estudos na área da saúde estão em busca de uma exploração conceitual e de uma diversificação metodológica. Os resultados globais serão analisados comparativamente em termos dos respectivos anos de produção, tipos de produção, regiões geográficas de origem, áreas temáticas e de conhecimento privilegiadas.

Palavras-chave: Representações sociais; Saúde; Produção científica

---

MESA 3.3 GÊNERO E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NA PSICOLOGIA SOCIAL: ENCONTROS, PROJETOS E INSTABILIDADE CONCEITUAL. *Angela Arruda* (*Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ*)

Este trabalho propõe uma discussão epistemológica sobre o campo das representações sociais em sua perspectiva psicossocial e a teoria feminista. Busca acompanhar o encontro entre a teoria feminista e a psicologia, focalizando os pontos de contato existentes entre a primeira e a teoria das representações sociais de Serge Moscovici, mas também os pontos de desconhecimento. Parte da premissa de que as construções da ciência germinam no solo do tempo histórico no qual pertencem, e situa-se sobre o pano de fundo de um tempo recente de confrontos, tempo de efervescência, a seguida mesmo do século que findou, marcado pela revolução macroeconômica, a revolução feminista, a revolução ecológica, a revolução política e a revolução paradigmática, como disse Fernando Mires. Nele as minorias sitiam - feministas, ambientalistas, étnicas e outras - estrumpam sua desconformidade e vão criar novas ferramentas conceituais para analisar seus dramas. Estas ferramentas fazem seu ingresso em ciências sociais e começam a provocar mudanças na produção científica, quase sempre sob a mira da polêmica, quase sempre debaixo de cerrada resistência. A exposição que se pretende fazer traça paralelos entre a teoria feminista e a teoria das representações sociais no atual momento paradigmático, descrevendo aspectos do projeto epistemológico de cada uma e localizando nele a fonte de afinidades e descontinuidades das duas. Se inspira na perspectiva sistematizada por Sandra Harding da instabilidade conceitual como possibilidade para o avanço científico, apontando para a ruptura que a teoria tem estimulado, a qual se alinha com as perspectivas feministas de desconstrução e instabilidade da categoria de gênero. Aponta a diversidade de possibilidades de cada lado - os vários feminismos, as vertentes da teoria psicossocial das representações sociais. Por fim, faz uma referência à produção sobre gênero no campo das representações sociais, que se desejaria mais extensa, e finaliza com interrogações sobre o estágio atual do encontro das duas perspectivas e o potencial da fecundação mútua entre as duas teorias.

Palavras-chave: Representações sociais; Teoria feminista; Epistemologia

---

MESA 04/Psicologia da Saúde

A IMPORTÂNCIA DA ESPECIFICIDADE DA INTERVENÇÃO NO ABUSO DE DROGAS: POPULAÇÕES SINGULARES, DIFERENTES DROGAS, ESTRATÉGIAS ESPECÍFICAS.

MESA 4.1 RESIDÊNCIA TERAPÊUTICA PARA MÃES USUÁRIAS DE CRACK E SEUS FILHOS. *Raquel da Silva Barros* (*Associação de Formação Profissional Luz Nova, Sorocaba, SP*)

O problema de gestantes e mães adolescentes em situação de risco abrange todo o país e até o presente momento as propostas de assistência a esta problemática não se adequam às particularidades dessa população. A história de vida de jovens em situação de risco é fortemente marcada por experiências de abandono familiar precoce, violência e abuso sexual, marginalização, dificuldade de inserção social, o que impossibilita um amadurecimento saudável. Essas circunstâncias se agravam quando essas adolescentes geram filhos, frequentemente de relações temporárias. Impossibilitadas de cuidar as crianças ou obrigadas a delas se separarem, tornam-se mais uma vez desvalorizadas e destituídas de um espaço na sociedade. Por outro lado as crianças antes mesmo de nascer estão inseridas em um ambiente sem os elementos afetivos, sociais e econômicos necessários para um saudável desenvolvimento. Há uma forte tendência de continuidade das situações adversas vividas pela mãe, ou seja, a violação dos direitos básicos das mães quase que naturalmente se repete na vida dos filhos. Nos EUA e Europa existem projetos de atenção a gestantes ou mães de crianças na primeira infância, projetos que buscam atender de maneira mais direta às suas necessidades obtendo altos índices de reinserção social. No Brasil inexistem tais iniciativas embora se observe que a possibilidade de exercer a função materna não só melhora o prognóstico da mãe, como também transforma a vida de uma criança que sem essa possibilidade ou não viveria perto de sua mãe ou o faria em péssimas condições de salubridade psíquica e física. A proposta da Associação Luz Nova é trabalhar com mães e gestantes em situação de risco, geralmente ainda adolescentes e usuárias de drogas, em particular de crack. Durante o período de residência a Comunidade Luz Nova oferece a essas mulheres a possibilidade de exercer seu direito à maternidade e resgatar sua identidade e dignidade há muito perdidas. Observa-se que a possibilidade de exercer a função materna não só melhora o prognóstico da mãe, como também transforma a vida de crianças que antes eram obrigadas a se separarem de suas mães ou a viverem perto delas em condições de insalubridade física e psíquica. Portanto, o trabalho não é apenas curativo mas principalmente preventivo uma vez que oferece às crianças a possibilidade de crescer em ambiente estruturado, seguro e saudável ao lado de suas mães. É parte integrante do tratamento a elaboração de projeto individual para cada mãe que visando sua inserção social e profissional e garantindo o seu sustento e de seu(s) filho(s) ao se desligarem da comunidade.

Palavras-chave: Convivência na adolescência; Farmacodependência; Crack

---

MESA 4.2 NOVAS TÉCNICAS EXPRESSIVAS NA ATENÇÃO À FARMACODEPENDÊNCIA: ARGILA COMO OBJETO INTERMEDIÁRIO. *Maria Flavia de Magalhães T. Oliveira e Elias Kern Neto* (*PROAD - Programa de Orientação e Assistência a Dependentes, Departamento de Psiquiatria da UNIFESP, São Paulo, SP*)

A aderência a tratamento entre alcoólatras e farmacodependentes é muito baixa, assim como a eficácia terapêutica. Encontrar estratégias apropriadas à especificidade da população-alvo é uma das maneiras eficientes de aumentar a aderência e eficácia da intervenção. Dessa forma, procurando adequar a assistência oferecida às características da população farmacodependente, o PROAD - Programa de Orientação e Assistência a Dependentes criou em 1993 os Grupos de Acolhimento. Trata-se de um espaço terapêutico que possibilitou aumento da aderência ao tratamento, diminuindo o consumo de drogas dos participantes, antes mesmo que fossem avaliados por um médico. Procurando desenvolver novas técnicas ainda mais eficazes para o tratamento de farmacodependentes, visando à ampliação do repertório destes pacientes, para que possam ir além da dependência, integrando suas áreas sadias e criativas, foi criado em 2000 o Grupo de Argila. Trata-se de um grupo semanal, de duas horas e meia de duração, coordenado por dois psicólogos. A atividade começa com um relaxamento e depois é solicitados aos participantes que criem a argila a forma que quiserem. Após cerca de uma hora, quando todos terminaram suas peças, os coordenadores convidam os participantes a olharem sua produção e a dos colegas. Então é aberto espaço para discussão. Cada um expõe o que fez, qual era sua intenção, o que sentiu ao fazer e o grupo comenta. Os coordenadores guiam a discussão procurando ampliar os símbolos que vão surgindo. A partir da discussão as peças vão adquirindo significado e os conflitos vividos pelos pacientes, mais sentido, passando a ser mais tolerados. Conforme a palavra vai circulando, instala-se uma cumplicidade entre os membros do grupo. Eles passam a se ouvir, a sair do isolamento em que se encontravam no processo de dependência (objeto/droga) e começam a perceber o outro, a se identificar com a história do outro. A empatia possibilita que o ato circule. Procura-se desenvolver a autonomia do sujeito, de forma que o indivíduo deixe de ser escravo da substância. O grupo é aberto, não sendo a presença obrigatória, mas nota-se que os pacientes vêm voltando na semana seguinte mobilizados. Cada sessão é uma unidade, com começo meio e fim. Ao final da sessão, todas as peças são fotografadas. Cada paciente, na sua vez, volta ao grupo para continuar seu processo, comentando o sentido do que foi dito na sessão anterior. O presente trabalho pretende ilustrar esse processo através da apresentação e discussão de alguns casos. Serão apresentados slides de peças que retratam a angústia do dependente, o vazio existencial que

enfrentam na abstinência, o papel das relações familiares e afetivas a dificuldade de ficar sem usar a substância.

Palavras-chave: Farmacodependência; Tratamento; Técnicas expressivas

***

MESA 4.3 REDUÇÃO DE DANOS PARA USUÁRIOS DE ÊXTASE. *Stella Pereira de Almeida*** *(Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo - Departamento de Neurociências e Comportamento, São Paulo - SP)*

O êxtase (MDMA) é uma droga psicotrópica ilegal com propriedades estimulantes e perturbadoras do Sistema Nervoso Central. É comercializada na forma de comprimidos ou cápsulas que custam atualmente entre R$ 25,00 e 50,00 em São Paulo. Embora haja uma absoluta falta de dados epidemiológicos brasileiros sobre o consumo de êxtase, pesquisa realizada em São Paulo constatou que seu uso aparece muito freqüentemente associado a um determinado grupo de jovens de classe sócio-econômica alta. Os padrões de uso de êxtase dos usuários entrevistados indicam um caráter não marginal de aquisição e consumo. Na ausência de dados epidemiológicos mais fidedignos o aumento da visibilidade do êxtase nos meios de comunicação e do número de comprimidos apreendidos constatados nos últimos anos seriam indicativos de um consumo em expansão. Além disso, seu uso por jovens de vanguarda cultural, possíveis formadores de opinião, aliado à facilidade na forma de consumo do êxtase poderiam ser fatores importantes para sua popularização. Até o presente momento, ainda há lacunas sobre o mecanismo de ação do MDMA, sobre sua interação com outras substâncias, sobre os motivos das diferenças nas reações individuais à droga e sobre as conseqüências de seu uso a longo prazo. Também é importante estabelecer que a ilegalidade é um fator que torna incerta e não fiscalizada a composição do comprimido. Sínteses caseiras, sem a tecnologia adequada, podem resultar em substâncias de conseqüências neurológicas perigosas. Assim, a opção individual de usar êxtase comporta sempre, até o momento, um certo risco, e nesse sentido se justificam intervenções preventivas de caráter primário e secundário que, para serem efetivas, devem levar em conta as características da população consumidora e seu padrão de uso. É válido notar que usuários de êxtase não procuram centros de tratamento, ou seja, o uso de êxtase não costuma resultar em desajuste social ou dependência para a qual o usuário ou sua família sinta precisar de auxílio médico ou psicológico para conter o uso. Assim, é preciso ter claro que sempre haverá indivíduos que irão optar por experimentar êxtase, dos quais alguns passarão a usá-lo com alguma freqüência. Portanto, uma intervenção particularmente indicada no caso de uso de êxtase seria a Redução de Danos, ou seja, uma vez que o indivíduo já utiliza, ou decidiu que vai experimentar determinada droga, são fornecidas informações para que se ele não puder, não quiser ou não conseguir deixar de consumi-la, que o faça com menores riscos. Tendo em mente que a Redução de Danos é uma estratégia preventiva em relação ao uso de êxtase atualmente muito utilizada na Europa onde seu consumo é bastante disseminado, consideramos legítima e urgente a discussão de sua implantação no Brasil. Até o momento não existe a divulgação de informações de segurança para aqueles que utilizam ou venham a utilizar êxtase em português, enquanto via internet se divulga como sintetizá-lo.

Palavras-chave: Êxtase; Redução de danos; Prevenção de drogas

****

MESA 05/Psicologia Organizacional e do Trabalho

OS VALORES HUMANOS NO CONTEXTO LABORAL

MESA 5.1 AS PRIORIDADES AXIOLÓGICAS COMO PREDITORAS DA EXAUSTÃO EMOCIONAL NO TRABALHO. *Álvaro Tamayo (Universidade de Brasília, Brasília, DF)*

Esta apresentação tem como objetivo discutir dados de uma pesquisa sobre a relação de duas variáveis independentes com a exaustão: os valores do empregado e a natureza do trabalho. A primeira, foi estudada no contexto da teoria de Schwartz que considera os valores como expressão das motivações da pessoa. A segunda variável, foi operacionalizada através das tarefas realizadas por duas categorias profissionais bem diferentes, os controladores de tráfego aéreo e os odontologistas. O construto e a pesquisa de exaustão emocional tiveram a sua origem no contexto do estudo do burnout no trabalho. Três fatores foram postulados e identificados empiricamente como sendo os principais componentes do burnout: exaustão emocional, despersonalização e diminuição da realização pessoal. Numerosos pesquisadores consideram que o primeiro fator constitui a dimensão principal e o estágio inicial do processo de burnout no trabalho. A exaustão emocional consiste num estado crônico de elevado estresse físico e emocional provocado por exigências excessivas do trabalho. Participaram da pesquisa 93 controladores de vôo e 84 dentistas. A Escala de Exaustão Emocional, previamente validada no Brasil, foi utilizada para a avaliação da variável dependente. Esta escala foi validada fatorialmente e está composta por dois fatores: exaustão psicológica e percepção de desgaste no trabalho. Os coeficientes alpha são 0,92 e 0,81, respectivamente. O primeiro fator avalia o vazio emocional e os sentimentos de frustração no trabalho e, o segundo, a sensação de impotência do trabalhador frente às exigências do trabalho. O Inventário de Valores de Schwartz foi utilizado para avaliar as prioridades axiológicas. Os resultados de regressões múltiplas revelaram que a natureza do trabalho e três tipos motivacionais de valores: tradição, poder e estimulação predisseram a exaustão psicológica. A relação da exaustão foi positiva com a natureza do trabalho e com estimulação e negativa com tradição e poder. Em relação ao fator de desgaste no trabalho, a natureza do trabalho e benevolência explicaram 45% da variância. Conclui-se que a natureza do trabalho e os valores dos empregados são preditores importantes da exaustão emocional.

Palavras-chave: Valores; Exaustão Emocional; Natureza do Trabalho

***

MESA 5.2 O PAPEL DA JUSTIÇA NAS RELAÇÕES ENTRE TRABALHADORES E ORGANIZAÇÕES: PERSPECTIVAS E DESAFIOS. *Eveline Maria Leal Assmar (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, RJ) e Maria Cristina Ferreira (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, RJ)*

O estudo psicológico da justiça social visa compreender as causas e conseqüências dos julgamentos subjetivos sobre o que é justo ou injusto, certo ou errado nas experiências humanas, em todos os seus domínios. No contexto do trabalho, a constatação de que atitudes e comportamentos organizacionalmente relevantes dependem dos julgamentos e avaliações acerca da (in)justiça organizacional vem desafiando a crença aí dominante de que o tema da justiça, com laivos de tabu, cede lugar e vez com eficiência, eficácia, lucros, mercado, etc. Atestando a essencialidade desse valor nas relações indivíduos/organizações, a literatura internacional na área registra ampliação substancial nas duas últimas décadas, em visível contraste, aliás, com a escassez de pesquisas no Brasil. A investigação da justiça organizacional desdobra-se em dois grandes eixos cujas ramificações internas podem ser estudadas de forma independente e/ou articulada. Por um lado – dado que a complexidade da temática impõe o alargamento de concepções para dar conta da variedade de formas e manifestações de que se reveste – convém distinguir conceitualmente justiça distributiva, justiça processual, justiça interacional, conforme a ênfase recaia sobre os recursos organizacionais distribuídos entre os empregados, os procedimentos utilizados nessas distribuições ou a qualidade do tratamento dispensado às pessoas-alvo das decisões. Por outro, a fertilidade em estudar a justiça organizacional em diferentes níveis de explicação torna imperiosa a necessidade de diferenciar a justiça nos planos individual, interpessoal, intergrupal e sistêmico, conforme se desloque o foco de atenção dos indivíduos para os grupos, as relações intergrupais ou a organização como um todo. Este trabalho pretende examinar criticamente a evolução dos estudos sobre justiça organizacional, com o objetivo de discutir as posições teóricas dominantes, os paradigmas existentes e as áreas mais férteis de aplicação. Da justiça distributiva, a primeira a suscitar o interesse dos pesquisadores por suas relações iniciais com motivação, satisfação, desempenho e produtividade para a justiça processual, que expandiu o alcance da justiça para os processos organizacionais de tomada de decisão; da proposta de justiça interacional, como uma categoria autônoma por sua ênfase nos aspectos interpessoais da relação entre gestores e empregados, à discussão de sua inclusão na categoria da justiça processual; de uma taxonomia de justiça que explora a multidimensionalidade do construto para a expansão de seus efeitos em aspectos-chave da eficácia organizacional, como por exemplo, comportamentos extra-papel, comprometimento, decisão estratégica, clima e cultura. De modelos teóricos que buscam explicar as percepções e reações à (in)justiça no trabalho, baseados em níveis individuais e interpessoais de análise (como a teoria da equidade e a concepção multidimensional de justiça), passando por modelos que incluem na análise a organização como um todo até modelos mais recentes, que visam explicar o fenômeno da justiça integrando diferentes níveis de análise. À guisa de conclusão, pretende-se pôr em relevo a fecundidade da pesquisa em justiça para a vida das organizações tanto do ponto de vista teórico-empírico quanto por suas implicações para o planejamento estratégico, a definição das políticas organizacionais e a prática de seus líderes e gestores.

Palavras-chave: Justiça organizacional; Justiça distributiva, processual e interacional; Níveis de explicação

***

MESA 5.3 PRIORIDADES VALORATIVAS CORRELACIONADAS COM METAS DO TRABALHO E ASPIRAÇÕES PROFISSIONAIS ENTRE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO. *Valdiney V. Gouveia e Severino Barbosa da Silva Filho*** *(Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB)*

Embora os estudos sobre valores e metas do trabalho já configurem uma linha de pesquisa sólida na Psicologia Social e do Trabalho, relativamente pouca atenção tem sido dada a esta temática no contexto brasileiro. São particularmente escassos os estudos que tratam com jovens estudantes do ensino médio, trabalhadores potenciais a ponto de tomarem uma decisão sobre sua escolha profissional. A realização de tais estudos poderiam contribuir a entender suas aspirações profissionais e sua relação com o mundo laboral. Esses aspectos motivaram a presente pesquisa, cujo objetivo principal foi conhecer o padrão de correlação dos valores humanos com as metas do trabalho e as aspirações profissionais dos jovens. Participaram do estudo 773 jovens estudantes do ensino médio, provenientes das cidades de João Pessoa (N = 494) e Cajazeiras (N = 279), os quais foram igualmente distribuídos quanto ao sexo e tipo de escola, pública vs. privada. Estes responderam ao Questionário dos Valores Básicos, ao Questionário de Metas do Trabalho e a perguntas sócio-demográficas (por exemplo, sexo, idade, etc.), onde se indagava o que desejaria ser no futuro (aspiração profissional). Observou-se que os valores de existência se correlacionaram com as metas do trabalho de poder e segurança ($r = 0,11$ e $0,10$, respectivamente; $p < 0,05$ para ambos); os de experimentação o fizeram significativamente ($p < 0,01$) com as metas de realização ($r = 0,15$) e poder ($r = 0,18$); aqueles de realização se correlacionaram direta e significativamente ($p < 0,05$) com todas as metas do trabalho, com r

médio de 0,22, especialmente com a meta poder (r = 0,33); os valores normativos e interacionais o fizeram com as metas do trabalho segurança (r = 0,19, para ambos, p < 0,001) e social (r = 0,14 e 0,17, respectivamente, p < 0,01 para ambos); e os valores denominados de suprapessoais se correlacionaram significativamente com quase todas as metas do trabalho (r médio = 0,15, p < 0,01), sendo a única exceção a de poder (r = 0,07, p > 0,05). Quanto às aspirações profissionais, estas foram hierarquizadas, sendo sua pontuação entrada com variável critério e o conjunto de valores como antecedentes; o R múltiplo foi de 0,31, com R^2 ajustado de 0,09, F = 14,64 (p < 0,01). Considerando os coeficientes de correlação, comprovou-se o seguinte: as aspirações profissionais estão significativa (p < 0,05) e diretamente correlacionadas com os valores de experimentação (r = 0,12) e realização (r = 0,09), e inversamente com os valores normativos (r = -0,18) e suprapessoais (r = -0,08). Conclui-se que os valores podem ser preditores adequados das metas que os jovens esperam alcançar com o trabalho, bem como das suas aspirações profissionais; coerente com a concepção que define os valores normativos como uma prerrogativa para a manutenção do status quo, aqueles jovens que dão maior importância a tais valores parecem se conformarem com sua situação de vida, incluindo aspirando profissões de menor valorização econômica e social.
Palavras-chave: Valores; Metas do Trabalho; Aspirações Profissionais

---

MESA 06/História da Psicologia
HISTÓRIA E MEMÓRIA EM PSICOLOGIA: DIVERSAS PERSPECTIVAS

MESA 6.1 MEMÓRIA E HISTÓRIA NA HISTÓRIA DA PSICOLOGIA E DA CIÊNCIA. *Marina Massimi (Depto de Psicologia e Educação, Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo)*
Um dos esforços mais consistentes da historiografia definida como História Nova foi buscar apreender as relações existentes entre a história vivida das comunidades e gerações humanas e o esforço científico para descrever, pensar e explicar esta evolução, ou seja, a ciência histórica. De fato, o que sobrevive no tempo não é o conjunto daquilo que ocorreu e foi produzido no passado, mas o fruto da escolha realizada por indivíduos, grupos, sociedades e especialistas dedicados aos estudos da história. A memória disponibiliza, portanto, o material para o trabalho da história: através dela, os atores do processo histórico buscam salvar o passado para servir à edificação do presente e do futuro. Neste sentido, ela é também constitutiva de identidade. No que diz respeito à história da psicologia e das ciências na cultura luso-brasileira, a urgência de ecoar as relações entre memória e história é evidente. Com efeito, nesse domínio, a perda da memória constitui um aspecto particularmente grave, pois, por exemplo, o esquecimento das próprias raízes culturais e da própria história impediu à psicologia brasileira de reconhecer seus traços originais e elaborar, a partir desses, um projeto cultural e científico autônomo. Se é verdade que no âmbito da cultura brasileira, a preservação da memória histórica constitui-se numa tarefa urgente e árdua devido à falta de consciência histórica que acarretou o descuido ou em muitos casos a destruição sistemática de documentos, arquivos e bibliotecas, fica clara a importância de - no mesmo tempo em que empreende-se esta tarefa - valorizar todas aquelas realidades e iniciativas promovidas por pessoas ou comunidades, onde as relações entre história e memória são bem presentes e marcantes como expressões de uma experiência culturalmente significativa. Apresentaremos alguns exemplos de atividades de preservação e apresentação do dado histórico possibilitados por escolhas realizadas pela memória dos atores do processo histórico. O primeiro caso refere-se à história do período colonial: trata-se do Arquivo da Companhia de Jesus em Roma, contendo correspondências, textos, documentos, referentes à presença da mesma no Brasil; os outros dois exemplos são mais recentes e referentes a pesquisas e atividades de preservação de documentos históricos realizadas por nosso grupo de pesquisa: a preservação e a pesquisa da Biblioteca e Arquivo do Lar Padre Euclides de Ribeirão Preto e a preservação e pesquisa do Arquivo e Biblioteca do Professor Dr. Miguel Rolando Covian, importante cientista argentino que teve atuação significativa no âmbito da neurofisiologia brasileira, especialmente junto à Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. A determinação explícita dos sujeitos históricos que pertenceram a essas instituições, em preservar a memória das experiências humanas vividas nelas, permitiu a constituição de acervos importantes para a pesquisa historiográfica. Buscaremos aprofundar as características desta intencionalidade que motiva em sujeitos individuais e comunitários o esforço e interesse pela preservação dos sinais do passado vivido.
Palavras-chave: História da Psicologia; História e Memória; História da Psicologia Brasileira

MESA 6.2 MEMÓRIA E SUBJETIVAÇÃO. *Gilberto Safra (Instituto de Psicologia da USP e PUC/SP)*
Do ponto de vista da clínica, a subjetivação do ser humano ocorre em presença de outros. Cada ser humano é a singularização da história de seus ancestrais. Na atualidade, surgem psicopatologias decorrentes da ruptura do indivíduo com a sua história, não só transgeracional, mas também com a história humana. O re-estabelecimento da memória é questão vital na recuperação de demandas no processo de vir a ser do indivíduo ou na constituição do sentido de si. Este trabalho discutirá as diferentes modalidades de memória como se apresentam na clínica do self, a fim de enfocar-se o mal estar cultural contemporâneo.
A clínica do self nos apresenta diferentes modalidades de memória:
1. Memória representada: elementos que representam a história de uma pessoa, articulados pelas suas angústias e desejos.
2. Memória inconsciente: aspectos que se revelam na situação transferencial, revelando o reprimido.
3. Memória do não acontecido: situações que são procuradas no percurso de sua vida que assinalam as necessidades ontológicas.
4. Memória étnica: formas sensoriais que constituíram a fundação do self e que enraízam a pessoa em uma determinada etnia.
Palavras-chave

MESA 6.3 MEMÓRIA E HISTÓRIA NO MUNDO-DA-VIDA. *Miguel Mahfoud (Universidade Federal de Minas Gerais)*
O mundo-da-vida com sua característica síntese de horizontes temporais, espaciais e interpessoais, constituído no vivo fluxo da consciência dos sujeitos da experiência de um dado grupo social, é aqui tomado como âmbito para se examinar as especificidades e inter-relações entre memória coletiva e história. Apreendê-las em seu dinamismo próprio, assim como se apresenta na consciência dos sujeitos que vivem uma certa experiência, é procedimento e tarefa típicos da Fenomenologia, e acentuar, nesta apreensão, o horizonte interpessoal que o determina e possibilita é próprio da Fenomenologia Social.
Tomamos, então, o mundo-da-vida assim como formulado por sujeitos de uma comunidade rural tradicional (Morro Vermelho, Caeté-MG), através de descrições do vivido obtidas por entrevistas em trabalho de campo.
Reconhecemos o tecer de uma trama extensa de horizontes múltiplos, onde identificamos o dinamismo da memória coletiva como laços imediatos e afetivos com o passado, especialmente com momentos de origem da comunidade local: por exemplo, um embate político com o governador há cerca de 300 anos. Nessa trama identificamos elementos que caracterizam a identidade no presente claramente apoiada na memória viva daquele acontecimento fundante.
Com o desenvolvimento da pesquisa, identificamos documentos históricos relativos àquele embate político: carta do governador Balthazar da Silveira, de 1715, descrevendo ao Rei de Portugal, Dom João V, o Levante do Quinto do Ouro em Morro Vermelho - documentos estes desconhecidos pela comunidade. A apresentação da documentação histórica à comunidade possibilitou registrar as respostas dos sujeitos em suas reelaborações de conteúdo da memória coletiva assim como as inter-relações entre memória e história: observamos a manutenção da referência fundamental na memória, utilizando - mesmo frente a necessárias alterações de conteúdo - a história como comprovação da razoabilidade da confiança nas tradições orais locais. Ao mesmo tempo, observamos na comunidade o despertar de um movimento de busca de mais documentos históricos que se refeririam à memória coletiva de outros eventos significativos para a comunidade. Um exemplo importante é a bênção do Papa ao povo de Morro Vermelho: mantida na memória muito vagamente, a busca e localização de documentação na própria comunidade - complementada por documentação localizada nos Arquivos Vaticanos como desenvolvimento da pesquisa - reconstituiu a memória, entrando a fazer parte ativa nos ritos durante as tradicionais festividades de Nossa Senhora de Nazareth. Podemos assim apreender a interdependência e as especificidades características da memória e da história em uma comunidade específica em busca de afirmação sua identidade.
Palavras-chave: Memória coletiva; Memória e História; Fenomenologia Social

---

MESA 07/História da Psicologia
QUESTÕES CONCEITUAIS NO FUNCIONALISMO PSICOLÓGICO: WILLIAM JAMES, B.F.SKINNER E COGNITIVISMO CONTEMPORÂNEO

MESA 7.1 O FUNCIONALISMO JAMESIANO NO ATUAL CONTEXTO DAS CIÊNCIAS COGNITIVAS. *Renato Rodrigues Kinouchi ** (Departamento de Filosofia e Metodologia das Ciências, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP)*
Durante a segunda metade do século XX, diversas perspectivas teóricas concernentes ao estudo da consciência humana agruparam-se em um movimento interdisciplinar denominado de Ciências Cognitivas. Tal interdisciplinaridade mitigou os rígidos padrões que costumavam demarcar as fronteiras dessas disciplinas; não sendo surpreendente que físicos, matemáticos, engenheiros da computação, entre outros, contribuam para o debate em um terreno que era usualmente ocupado por psicólogos. Particularmente no campo dos modelos computacionais da mente, nota-se uma forte influência de profissionais oriundos da ciência da computação e disciplinas afins. Dentre as teorias que emergiram desse movimento destacam-se a Inteligência Artificial e o Conexionismo (redes neurais). Essas duas abordagens têm em comum uma grande preocupação com o fenômeno da cognição, bem como com a possibilidade de simular processos mentais superiores através de procedimentos computacionais. Ademais elas mantêm laços estreitos com as orientações cognitivistas que também permeiam a Psicologia atual propriamente dita. O objetivo do presente trabalho é mostrar que a Inteligência Artificial e o Conexionismo, na verdade, são 'reedições' de abordagens teóricas já presentes no contexto da Psicologia de fins do século XIX, e incorrem praticamente nos mesmos equívocos do Racionalismo e

Associacionismo, respectivamente. O ponto fundamental para tal análise adotou das críticas do eminente psicólogo e filósofo norte-americano William James (1842-1910). Em sua obra psicológica, James criticou tanto a orientação Racionalista (atualmente representada pela Inteligência Artificial) quanto a orientação Associacionista (atualmente representada pelo Conexionismo). Frutos do repúdio de James à ambas orientações teóricas (Racionalismo e Associacionismo) nascia o movimento denominado de Psicologia Funcional; tradição de pensamento defendida, por exemplo, por E. L. Thorndike (aluno de James em Harvard). Mais recentemente (a partir da década de 90) ocorreu um revival da tradição funcionalista psicológica no campo das Ciências Cognitivas. A teoria dos Sistemas Dinâmicos parece enveredar pelos mesmos caminhos apontados por James, sendo surpreendente a atualidade desse teórico quando interpretado por autores modernos. Em síntese, o presente trabalho procura mostrar que a Inteligência Artificial é uma predição do Racionalismo, e que o Conexionismo é uma reedição do Associacionismo; contudo a teoria dos Sistemas Dinâmicos detém-se em uma resposta funcionalista nos moldes da teoria jamesiana. Uma efetiva necessidade dessa constatação é que os pesquisadores nas Ciências Cognitivas (sejam eles físicos, matemáticos, engenheiros, e até mesmo psicólogos!) não podem prescindir do estudo da História da Psicologia, se não quiserem revolver aos mesmo erros já denunciados a mais de um século por William James.

Trabalho financiado pela FAPESP, por meio de bolsa de mestrado.

Palavras-chave: William James; Sistemas dinâmicos; Ciências cognitivas

---

MESA 7.2 WILLIAM JAMES E O PENSAMENTO COMO FLUXO. *Paulo Gilberto Bertoni* (*Departamento de Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP*). *José Antônio Damásio Abib* (*Departamento de Filosofia e Metodologia das Ciências, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP*)

Na História da Psicologia, o trabalho do psicólogo e filósofo americano William James tem um lugar de destaque. Muitos autores consideram o projeto de William James, publicado em 1890, com o título The Principles of Psychology, como o primeiro projeto sistematizado para uma Psicologia científica. Esse livro marca uma ruptura de propor para a Psicologia – buscando um método próprio – um outro lugar que não mais simples vertente dentro da Filosofia, ao mesmo tempo procurando deixar claro a relação estreita entre essas duas disciplinas. O tom de James é marcado também por uma crítica muito severa ao Associacionismo - os principais autores dessa tradição, criticados por William James, são os do empirismo inglês. É interessante caracterizar seu distanciamento do Associacionismo tanto em seu aspecto filosófico (trata-se de construir uma teoria longe de uma perspectiva mediacionista) quanto metodológico para a Psicologia, no sentido de definir seus principais objetos e métodos de estudo. Para caracterizar essa importante ruptura (e também o aspecto inovador da teoria jamesiana), será utilizado o conceito de pensamento em sua definição como fluxo. No próprio método adotado pelo autor já se pode notar uma diferença, o trabalho consiste em descrever as características de um fenômeno complexo e dinâmico, que deve ser considerado como o dado primordial para a Psicologia; ao invés de reduzi-lo à estruturas elementares - independentes umas das outras - e depois procurar mecanismos para relacioná-las. São cinco as características atribuídas ao pensamento por James. Seu caráter pessoal, transitório, contínuo, cognitivo e seletivo. Nesse trabalho, são explorados principalmente a segunda e a terceira características. A segunda trata do caráter de mudança do pensamento e a terceira de sua continuidade e é com essa característica que é apresentada a definição de pensamento como fluxo em contraposição à proposta associacionista de que esse seria formado por idéias independentes. Para ampliar essa discussão, foi realizada uma pesquisa – dentro do próprio texto – para localizar os conceitos que estão relacionados com essas características. O conceito de experiência é de fundamental importância para essa finalidade. Vários aspectos desse conceito foram discutidos. James procurou definir o termo de maneira mais precisa, delineando sua influência no gênero dos processos psicológicos – tanto do indivíduo quanto da espécie. Nesse contexto, esse trabalho pretende delinear o distanciamento da teoria de William James com a teoria associacionista, no que se refere ao conceito de pensamento, e discutir se ocorre alguma alteração quando é introduzido o conceito de experiência. Espera-se também tornar claro a noção de objeto para William James.

Palavras-chave: Pensamento; Associacionismo; Experiência

MESA 7.3 A CIÊNCIA COGNITIVA E O PROBLEMA DA "FOLK PSYCHOLOGY". *Sonia de Freitas Araujo* (*Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Edif. MG*)

A suspeita de que a linguagem pode se tornar um obstáculo ao conhecimento humano não é um tema novo na história do pensamento ocidental. Francis Bacon, por exemplo, ao denunciar os tipos de "ídolos" que assediam o entendimento humano, considerou um como sendo o mais problemático de todos, a saber, os "ídolos do mercado", que surgem a partir da má utilização da linguagem, gerando confusões e debates inúteis entre os homens. Estendendo a suspeita de Bacon ao caso da psicologia, coloca-se a seguinte questão: a psicologia dispõe de uma linguagem que delimite precisamente seu campo de investigação e garanta sua identidade entre as demais ciências? Um breve exame de sua história é suficiente para responder negativamente à questão formulada. Uma vez que não há consenso sobre o que seja o próprio objeto de estudo da psicologia, é natural que surjam linguagens diferentes, com referência a objetos e eventos distintos. Daí surge a questão de se saber se haveria ou não uma linguagem privilegiada referente aos fundamentos psicológicos. Ao se formular tal questão, vai-se de encontro a um dos problemas centrais da ciência cognitiva contemporânea, que diz respeito ao lugar da "folk psychology" – entendida como o conjunto de termos habitualmente utilizado pelo senso comum para descrever, explicar, predizer e avaliar as atitudes e o comportamento das pessoas – no desenvolvimento futuro de uma ciência neurobiológica da mente. Do que é que se está falando quando se empregam os termos 'crença', 'desejo', 'medo', etc em teorias psicológicas? Haveria uma referência a entidades reais, a propriedades cerebrais sustentadas ou, ao contrário, esses termos seriam apenas ficções teóricas? De qualquer forma, é necessário ainda indagar se acaso essas categorias adequadas para uma abordagem científica dos fenômenos chamados cognitivos. Nesse debate contemporâneo acerca do estatuto da "folk psychology", é possível detectar três posições divergentes: 1) o realismo de Fodor, segundo o qual os termos 'crença' e 'desejo' referem-se a entidades psicológicas reais e constituem, portanto, a verdadeira linguagem de uma ciência da mente; 2) a concepção de Dennett, que defende a utilidade da "folk psychology" para as explicações intencionais, embora permaneça ambíguo em relação à realidade das atitudes proposicionais. 3) o eliminativismo dos Churchlands, que negam a existência de crenças e desejos e propõem a eliminação da "folk psychology" em favor de uma linguagem baseada na neurociência. Após uma análise das três perspectivas, conclui-se que os autores baseiam suas discussões numa concepção muito restrita da "folk psychology" e que consiste o engano de tentar resolver o problema ontológico dos termos mentalistas com base no senso-comum, como se o senso comum dispusesse de uma ontologia explícita.

Palavras-chave: Ciência cognitiva; Folk psychology; Psicologia

---

MESA 7.4 O BEHAVIORISMO RADICAL COMO UMA FILOSOFIA DA MENTE. *Carlos Eduardo Lopes* (*Departamento de Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP*); *José Antônio Damásio Abib* (*Departamento de Filosofia e Metodologia das Ciências, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP*)

Desde sua fundação o behaviorismo radical é acusado de eliminar a mente de sua explicação do comportamento humano. os inquisidores argumentam que tal explicação é superficial quando comparada a outras correntes do pensamento psicológico pois deixa de lado uma importante característica do homem, a cognição. Um autor que pode trazer elementos novos para essa discussão é Gilbert Ryle; sua obra é considerada por alguns autores como um behaviorismo analítico, pois busca, através de uma análise gramatical, desvendar o verdadeiro significado do vocabulário mental, dissolvendo assim o problema da mente. Ao analisá-la diferencia-se com a possibilidade de interpretação do termo mente, como pertencente a uma categoria de existência diferente da defendida em concepções cartesianas (mente substancial). Esse autor sustenta a idéia de que quando se compara o uso de termos mentais no senso comum com aquele empregado por estudiosos defensores da doutrina oficial (cartesiana), verifica-se que, no segundo caso, eles referem-se a uma mente substancial, enquanto que, no primeiro não; identifica-se, desse modo, um erro categorial cometido pelos teóricos defensores da chamada doutrina oficial – considerando a mente como pertencente a uma categoria, quando na verdade ela pertence a outra. A proposta de Ryle é que a mente não é substância e, portanto, de acordo com a teoria aristotélica das categorias, ela deve pertencer a outra categoria lógica. Skinner, do mesmo modo que Ryle, trata dos eventos mentais criticando o tratamento tradicional dado por estudiosos convencionais. O pensamento, por exemplo, é tratado na teoria skinneriana como uso de termos porque é algo como uma atividade cognitiva obscura e inacessível. Sendo assim, pretende-se nesse trabalho, por um lado, verificar a plausibilidade da proposta de Ryle acerca da existência da mente e, por outro, analisar o tratamento dado por Skinner para alguns eventos mentais. O resultado de tais análises deve fundamentar a afirmação de que, ao contrário do que muitos comportadores defendem, Skinner não elimina a mente e, portanto, o behaviorismo radical além de ser uma filosofia da ciência do comportamento pode também ser considerado uma filosofia da mente. Além disso, de acordo com Ryle, o senso comum está certo no que diz respeito ao emprego de termos mentais e, portanto, o vocabulário empregado pelo behaviorismo radical, nesse contexto, estaria mais próximo do senso comum do que dos estudiosos da mente. Tais demonstrações têm consequências tanto teóricas, quanto práticas, no estudo e aplicação da análise do comportamento.

Trabalho financiado pela FAPESP, através de bolsa de iniciação científica.

Palavras-chave: Behaviorismo radical; Categorias de existência; Mente

---

MESA 7.5 ANÁLISE COMPORTAMENTAL DE FENÔMENOS COGNITIVOS: COMPORTAMENTOS VERBAIS ENCOBERTOS. *Mauro Alves Nunes Gongora* (*Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR*)

Tem sido crescente em diversos campos da Psicologia aplicada a utilização de técnicas denominadas cognitivas tais como a "auto-instrução" e a "reestruturação cognitiva", com o intuito de se alterar respostas emocionais e comportamentos indesejáveis. No modelo cognitivo essas técnicas fundamentam-se no pressuposto de que fenômenos cognitivos, entre eles o pensamento, explicam emoções e ações. Pretende-se apresentar um modelo funcional de análise de fenômenos cognitivos, aplicado especificamente a uma parte do que é comumente denominado pensamento. O desenvolvimento desse tema dar-se-á com destaque para alguns tópicos pertinentes a uma análise funcional. Em primeiro lugar, a concepção de que a pessoa pode exercer ao mesmo tempo o papel de falante e ouvinte, que é altamente

importante porque é com ela que se torna possível compreendê-la como falante e ouvinte e, conseqüentemente, como observador e objeto de sua própria observação. Em segundo lugar, a suposição de que pensamento é passível de ser interpretado como comportamento. Isso quer dizer que os fenômenos identificados como pensamento estão sujeitos aos controles dos mesmos tipos de variáveis que controlam o comportamento em geral. Em terceiro lugar, embora o pensamento possa ser interpretado como comportamento verbal ou não verbal, ele é investigado, aqui, como comportamento verbal, mais especificamente, como comportamento verbal encoberto. Em quarto lugar, analisa-se, também, algumas contingências específicas que controlam a emissão do comportamento verbal - tanto em nível encoberto (privado), quanto no nível aberto (público). Finalmente, o comportamento verbal encoberto é analisado como elo de cadeias comportamentais, nas quais exerce controle sobre a emissão de outros comportamentos; bem entendido, isso não quer dizer que comportamento controle comportamento. Deve-se ter sempre presente estes conceitos correlatos ao de encadeamento psicológico: estímulo discriminativo, estímulo reforçador condicionado, auto-estimulação e auto-reforçamento. Com efeito, como elo de uma cadeia, o comportamento verbal encoberto pode atuar como auto-estimulação discriminativa para o comportamento subseqüente e também como auto-reforçamento condicionado para o comportamento anterior. E mais, esse controle ocorre, em última análise, na dependência de contingências públicas arranjadas pelas práticas reforçadoras de comunidades verbais. Conclui-se sugerindo que a análise do pensamento como comportamento verbal encoberto não vinha de atribuir alguma sua natureza fundamentalmente pública. Isto não só. Sugere-se, também, algumas vantagens desse modelo de análise de fenômenos cognitivos, especialmente no que se refere à aplicação de procedimentos de intervenção psicológica. Enfim, apresenta-se esquematicamente algumas características de um modelo de análise funcional-comportamental que pode contribuir para a investigação de fenômenos cognitivos.

Palavras-chave: Fenômenos cognitivos, Comportamento verbal encoberto, Encadeamento psicológico

---

MESA 08/Psicologia do Esporte

A RELAÇÃO TEORIA-PRÁTICA EM PSICOLOGIA DO ESPORTE

MESA 8.1 A INFLUÊNCIA DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DA PSICOLOGIA GERAL SOBRE A PSICOLOGIA DO ESPORTE: RELAÇÕES E DEPENDÊNCIAS. *Katia Rubio (Escola de Educação Física e Esporte, USP)*

A Psicologia do Esporte tem vivido nos últimos anos uma grande expansão como campo de intervenção e área de conhecimento. Buscando sua identidade paradigmática na Psicologia e nas Ciências do Esporte pesquisadores da Psicologia do Esporte e psicólogos atentos a questões de sua aplicação perderam o referencial teórico que a levou ao patamar onde hoje ela se encontra. Durante muito tempo a Psicologia do Esporte foi definida como o estudo do comportamento humano no contexto do esporte. Ainda que concisa essa definição traz em si conceitos que fundamentam muito a Psicologia como o Esporte. Se por um lado entende a Psicologia como o estudo do comportamento humano, identificando-a com o behaviorismo, uma das correntes da Psicologia, inscreve o esporte enquanto o universo de vasta pratica, apesar de não definido. A ampliação do conceito de Psicologia do Esporte reflete a dinâmica das questões relacionadas tanto com a construção do termo específico da área - que não pode ser vista descolada do movimento por que passam a Psicologia e o Esporte como um todo -, quanto com a aplicação prática desse conhecimento, uma das razões de grandes discussões acadêmicas e dissensões institucionais. Isso quer dizer que para se poder compreender a demanda vinda em torno da Psicologia do Esporte enquanto área de conhecimento e campo de intervenção na atualidade é imprescindível se conhecer sua história e as relações com as ciências afins, justificando uma área de conhecimento. Considerada pelos mestres como um produto dos anos 60, a Psicologia do Esporte conta com uma história de mais de 100 anos e uma produção que abarca uma ampla gama de assuntos relacionados a comportamentos e estados emocionais em atividade física e esporte, em várias correntes teóricas e paradigmas. Um exame da literatura aponta que os psicólogos do esporte estiveram particularmente interessados na variação das diferenças individuais e grupais que ocorre nos contextos esportivos como um todo, bem como nas decorrências advindas de situações de práticas regulares e sazonais de atividades físicas. Para falar sobre tais variações, esses profissionais têm identificado e examinado um grande número de fatores que podem ser categorizados tanto como diferenças individuais como influência social. As diferenças individuais referem-se tanto a traços estáveis disposições ou características do indivíduo como ideais, personalidade, agressividade, motivação e nível de habilidade, resultando na variação dessas diferenças a explicação e predição de comportamentos de praticantes de esporte e atividade física. O que os estudos têm buscado questionar é se os fatores relacionados com o esporte ou o ambiente social podem afetar o comportamento da prática do esporte e da atividade física, e também a adesão dos participantes. No caso de atividades coletivas, as características do grupo (tamanho, nível de coesão, composição) e o comportamento do líder do grupo (professor, técnico ou capitão) têm sido vistos como fatores que influenciam no comportamento de seus componentes. Além disso, as origens são culturais de seus membros (etnia, classe social) e a natureza da estrutura do esporte em si (modalidade esportiva, organização de objetivos, apresentação da estrutura do programa) desempenhariam grande influência na dinâmica da equipe. Durante várias décadas, refletiu de uma rendosa metodológica, as pesquisas em Psicologia do Esporte analisaram a influência de diferenças individuais e relações sociais separadamente, resultando numa série de estudos isolados, porém parciais. Acompanhando o movimento da ciência e a necessidade de se estudar os fenômenos humanos de forma relacional, Peltz (1992) apontou que evidências consideráveis têm sido acumuladas para mostrar que as características da performance individual interagem com fatores no meio social para determinar o comportamento individual em contextos específicos do esporte e da atividade física.

Palavras-chave: Ciências do Esporte; Psicologia, Esporte; Psicologia do Esporte

---

MESA 8.2 PRINCÍPIOS, CONCEITOS E ANÁLISE DO COMPORTAMENTO APLICADA AO ESPORTE. *Eduardo Flores P. de Gilli** (Psicologia Experimental, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP)*

Para Fred Keller (1950), colaborador de Skinner, a ciência do comportamento teria uma abordagem biológica, experimental e sistemática. Biológica porque os princípios básicos foram frequentemente obtidos através de estudos sobre o comportamento animal, sendo aplicados aos níveis evolutivos; experimental porque estes princípios são derivados de estudos de laboratório onde os fatores relevantes são isolados e combinados de forma a se descobrir sua regularidade e leis científicas; e sistemática porque a relação entre os fatos experimentais é uma das maiores preocupações. Isto significa que o objeto de estudo desta abordagem, o comportamento, é um fenômeno passível de mensuração, sujeito à lei na sua manifestação e que necessita de repetidas medidas para que possa ser compreendido. A partir dos estudos de laboratório foram, então, elaborados os princípios norteadores da análise do comportamento. Através destes princípios foi possível aplicar este conhecimento a diversas áreas da vida humana. Passando inicialmente por contextos clínicos e educacionais até o desenvolvimento de tecnologias e a produção de trabalhos específicos como nas áreas relacionadas ao esporte e à atividade física. Segundo Garry Martin (1992), a aceitação da análise aplicada do comportamento nas áreas da educação física e do esporte não deveria ser surpresa: "Nos esportes, em particular, têm sido enfatizados a mensuração de comportamentos e o uso de conseqüências junto a desempenhos de sucesso". Em outras palavras, a metodologia de mensuração sistemática, característica da análise do comportamento, e a alteração de condutas a partir delas são práticas comuns, também, dos profissionais que trabalham com modalidades esportivas. Assim, é possível supor que essas práticas, já difundidas nos esportes, podem ter facilitado a difusão da análise do comportamento na área. Além disso, podemos traçar alguns paralelos entre conceitos formulados a partir dos princípios básicos e alguns repertórios comportamentais relativos ao esporte. Por exemplo, o conceito de comportamento e condicionamento respondente está fortemente relacionado a procedimentos que visam ajudar um atleta a adquirir repertórios de controle emocional. Já os repertórios comportamentais relativos à concentração podem ser desenvolvidos a partir de intervenções baseadas nos conceitos de discriminação, controle de estímulos e comportamento governado por regras. Quando nos referimos a comportamento operante, há uma relação direta com técnicas para aquisição e manutenção de habilidades motoras e/ou táticas. Outro paralelo, possível de ser traçado, refere-se ao desenvolvimento de programas que permitam a generalização de desempenhos de treinos para competições. Os dados de laboratório permitirão, então, formular os conceitos e princípios da análise do comportamento. Estes por sua vez, permitem observar as contingências esportivas e destacar certas regularidades contendo no comportamento de atletas, além de suas relações com determinadas situações e conseqüências. Desta forma torna-se possível prever e controlar desempenhos. Vale dizer que a aplicação não se limita apenas ao esporte de alto-rendimento, mas o esporte educacional, recreativo ou de reabilitação também podem ser assistidos.

Palavras-chave: AAC; Behaviorismo; Esporte

MESA 8.3 AS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA SOCIAL À PSICOLOGIA DO ESPORTE. *Lucimar Ferreira Angelo** (Faculdade de Educação – Universidade de São Paulo)*

Nas últimas décadas, os estudos da Psicologia do Esporte demonstram grande influência da Psicologia Social, principalmente quando os objetos de pesquisa são os grupos esportivos ou as influências dos fenômenos sociais relacionados ao âmbito esportivo. A unidade de conceitos, teorias, hipóteses, pesquisas, variáveis dependentes e independentes, métodos e medidas da Psicologia Social fez-se necessária após uma fase de estudos que privilegiavam aspectos da área do desenvolvimento motor e da fisiologia, não considerando o indivíduo na sua totalidade. Entendendo a Psicologia Social como o estudo científico da experiência e do comportamento do indivíduo em relação às situações de estímulos sociais (Sherif and Sherif, 1969) e como ciência que compreende e explica o pensamento, o sentimento e o comportamento dos indivíduos quando influenciados pela presença de outras pessoas (Allport, 1968), a interface com a Psicologia do Esporte foi vista como a contribuição educacional, científica e profissional da psicologia para a promoção, manutenção e aprimoramento dos estados de comportamentos esportivos (Rejeski e Brawley, 1988), considerando-se o esporte, fenômeno institucionalizando e competitivo caracterizado pela habilidade física e metodologia estratégica (Loy, 1969). A partir da consideração de que o homem não é um ser isolado, mas "compreendendo que o indivíduo como tal não é só o ator principal de um drama que busca reconhecimento através da análise, mas

também o porta voz de uma situação protagonizada pelos membros do grupo social no qual está inserido" (Pichon Rivière, 1986), verifica-se o interesse por uma produção científica que procura as relações interpessoais (sociabilidade) no âmbito esportivo, aproximando Psicologia Social e Psicologia do Esporte. Assim, temas como coesão grupal, dinâmica de grupos, desenvolvimento de instrumentos para avaliação dos níveis de coesão e interesse por aspectos perceptivos e cognitivos, priorizando a questão indivíduo/grupo, buscam o aperfeiçoamento de instrumentos desenvolvidos no decorrer dos anos. Atualmente, as relações entre as teorias de personalidade e a prática esportiva complementam esta tendência, influenciando os estudos de comportamentos esportivos relacionados à contemporaneidade das relações sociais, abrangendo as relações pais/ técnico e atletas, torcida/atleta, a agressividade no esporte, a ansiedade, o estresse e a performance esportiva e atitudes para motivação. A influência da Psicologia Social ocorre na contribuição de subsídios para definições de comportamentos sociais, de variáveis de moderação ou mediação, desenvolvendo métodos ou modelos estatísticos, a fim de fornecer as análises e interpretações da Psicologia do Esporte, revelando as raízes dos estudos sociais na sociologia e em outras áreas da psicologia como personalidade, motivação e cognição, comportamento e aprendizagem motora. Essas contribuições atualmente são discutidas em termos do impacto da Psicologia Social e do seu desenvolvimento como uma linha de pesquisa na Psicologia do Esporte e vice e versa.

Palavras-chave: Psicologia do Esporte; Psicologia Social; Grupos esportivos

---

MESA 09/Análise Experimental do Comportamento

VARIABILIDADE DO COMPORTAMENTO: CONCEITOS E DADOS EXPERIMENTAIS

MESA 9.1 VARIABILIDADE APREENDIDA ATRAVÉS DE REFORÇAMENTO. *Maria Helena Leite Hunziker (Depto. de Psicologia Experimental – Universidade de São Paulo – São Paulo – SP)*

A variabilidade é uma dimensão do comportamento que pode ser aprendida através do reforçamento operante? Esta questão, de importância básica para a análise do comportamento, perdurou durante anos sem uma resposta convincente. Algumas pesquisas que supostamente reforçaram a variabilidade ficaram sem resultados sujeitos a críticas por deficiências metodológicas que impediam a confirmação de que a variabilidade obtida era diretamente reforçada e não apenas um mero subproduto da intermitência do reforçamento. O trabalho de Page e Neuringer, publicado em 1985, estabeleceu um marco nessa área de investigação. Controlando o efeito do reforçamento intermitente, esses autores demonstraram que, além de outras fontes de variação, o reforçamento contingente à variabilidade pode ser crítico para o seu aumento e manutenção. O objetivo do presente trabalho é discutir o estudo da variabilidade sob o prisma dos trabalhos experimentais de Neuringer e colaboradores. Esses trabalhos, realizados com animais e humanos, exploraram diversos pontos do continuum das relações operantes produzindo a variabilidade comportamental. No seu conjunto, eles demonstraram que a variabilidade do comportamento aumenta se o reforço for liberado contingente a ela, diminui se houver descontinuidade do reforçamento e fica sob controle de estímulos, como todo operante. Esses resultados serão discutidos quanto às suas implicações para a noção relativa do reforço, sugerindo-se que este vai muito além do seu propriado poder gerador de separação de comportamentos. Serão também abordadas algumas questões conceituais e metodológicas implicadas nesses estudos. A relevância dessas pesquisas será analisada tanto nas suas implicações para a pesquisa básica como para áreas aplicadas, em especial para estudos sobre criatividade e originalidade.

Apoio CNPq através de Bolsa Pesquisador (processo nº 521612/95-8)

Palavras-chave: Variabilidade comportamental; Aprendizagem operante

---

MESA 9.2 A NOÇÃO DE VARIABILIDADE NA OBRA DE B.F. SKINNER. *Tereza Maria de Azevedo Pires Sério (Departamento de Métodos e Técnicas, Laboratório de Psicologia Experimental, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)*

Podem ser encontrados três significados distintos para o termo 'variabilidade', nos textos de Skinner. Em um de seus primeiros textos publicados (1930), Skinner afirma seu compromisso com a possibilidade de estudar o conceito de reflexo, no âmbito do comportamento e à maneira científica, afirmando que a variabilidade apresentada pelo reflexo poderia ser descrita. Neste contexto, considerava como variabilidade o fato de que, diante de um mesmo estímulo que, em geral, eliciava uma determinada resposta, a resposta nem sempre seria eliciada. Variabilidade significava, então, a ocorrência ou não de uma dada resposta por um estímulo eliciador característico e era esta variabilidade que deveria ser o objeto de estudo da ciência. Nesta mesma época, Skinner inicia o desenvolvimento de um conjunto de pesquisas, tendo como base o conceito de reflexo como instrumento para a descrição do comportamento, pode-se dizer que seu foco central era estudar exatamente a variabilidade do reflexo. Ao investigar o processo de condicionamento (1932), Skinner destaca um outro aspecto do "reflexo" que estudava: um mesmo estímulo não eliciava sempre exatamente uma mesma resposta, pequenas mudanças nas propriedades da resposta ocorriam de uma eliciação para outra. Estas mudanças nas características da resposta, de uma 'eliciação' para outra, foi também chamada de variabilidade. E a variabilidade com este novo significado vai também se transformar em outro desafio para Skinner, um desafio que o conduzirá até o conceito de classe de respostas (1935). Finalmente, o termo variabilidade aparecerá como componente importante do modelo de causalidade proposto por Skinner (1981). Se considerarmos os diferentes aspectos que compõem esse modelo de causalidade e as referências (usadas) a tais aspectos no conjunto dos textos de Skinner, podemos identificar um longo processo de construção desse modelo de causalidade. Os processos de variação e seleção são dois dos elementos básicos do modelo de seleção por consequências e são os dois que podem ser identificados como objetos de estudo presentes em todo o percurso do trabalho de Skinner. Integrada agora como parte deste modelo de causalidade, a variabilidade – agora variação – é caracterizada como a base sobre a qual a seleção pode operar: sem ela não teria sentido falar em seleção. Além de base da seleção, a variação é vista, por Skinner, também, como produto da seleção. Considerando os textos publicados de Skinner, o termo variabilidade apareceu, assim, em três diferentes contextos: a relação entre esses significados (os diferentes contextos) indica que ao buscar descrever a variabilidade (a lei da variabilidade), Skinner acabou por descrever a seleção (a lei da seleção).

(*) Trabalho parcialmente realizado em vigência de bolsa produtividade CNPq

Palavras-chave: Variabilidade; Skinner: Leis do comportamento

---

MESA 9.3 VARIABILIDADE COMPORTAMENTAL: UMA ANÁLISE CONCEITUAL. *Lourenço de Souza Barba (Universidade de São Paulo, São Paulo, SP**)

Selecionamos algumas pesquisas experimentais que investigaram a "variabilidade comportamental". Constatamos que o termo "variabilidade" pode assumir acepções bastantes distintas. Examinando caso a caso, verificamos que os conceitos de "variabilidade" podem ser reunidos em quatro grandes grupos. São eles: A – DISPERSÃO: O termo "variabilidade" equivale aqui a grau de dispersão em relação a um valor que indique tendência central (médias, medianas etc...). Medidas estatísticas que refletem a dispersão em torno de valores centrais (variância, desvio médio, desvio padrão, coeficiente de variação) constituem variáveis dependentes, em estudos que adotam essa conceituação. B – DISTRIBUIÇÃO E UNIFORMIDADE DISTRIBUTIVA: O termo "variabilidade" exprime aqui a gama de valores distintos que vem a assumir uma variável. Ou pode ainda exprimir a uniformidade com que os valores diferentes se distribuem ao longo de um espectro; C – RECÊNCIA: As variáveis dependentes aqui podem exprimir o intervalo de tempo ou o número de ocorrências que separam a ocorrência atual de uma instância X de sua anterior e mais recente ocorrência. D – DEPENDÊNCIA SEQUENCIAL: O termo "variabilidade" corresponde, nesse caso, a "aleatoriedade". As variáveis dependentes medem aqui o grau de dependência que há se ocorrências particulares, ou instâncias, de uma variável. Importa acentuar que diferentes concepções podem levar a diferentes avaliações de um mesmo corpo de dados. Um exemplo hipotético basta a ilustrar o caso. Suponhamos que um pesquisador registrasse o número de respostas emitidas entre dois reforços consecutivos, durante uma sessão experimental, em um esquema qualquer (variável n). Suponhamos, ainda, que este pesquisador desejasse medir a variabilidade que apresentou n. Imaginemos quatro diferentes conjuntos de dados. Em todos eles, n assume valores entre 10 e 20 (o sujeito emitiu um mínimo de 10, e um máximo de 20 respostas entre dois reforços consecutivos). O conjunto 1 apresenta somente os valores 10 e 20, alternados sistematicamente (...10, 20, 10, 20, 10, 20...). O conjunto 2 apresenta somente os valores 10 e 20, em iguais quantidades, mas ordenados aleatoriamente, à semelhança do que ocorre às faces cara e coroa que resultam do lançamento de uma moeda não viciada (... 10, 20, 10, 10, 10, 20, 20...). O conjunto 3 apresenta todos os valores do intervalo, distribuídos ordenadamente (... 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 10, 11, 12, 13, 14,...). Os conjuntos 1 e 2 apresentam maior dispersão (em torno do valor médio de n) que o conjunto 3. Mas o conjunto 3 apresenta maior uniformidade distributiva que 1 e 2 (contém todos os valores intermediários possíveis entre 10 e 20). O conjunto 3 apresenta dependência sequencial estrita. Já o conjunto 2 apresenta total independência sequencial. O conjunto 3 pode, por seu lado, apresentar maior recência média que o conjunto 2 (o número de ocorrências que separam duas ocorrências iguais no conjunto 3 é sempre 10. No conjunto 2, o número médio de ocorrências que separam duas ocorrências iguais pode ser menor que 10). Vemos, assim, que a conceituação precisa do termo "variabilidade" constitui condição essencial à boa condução das pesquisas nessa importante área de estudo.

** Bolsista CNPq

Palavras-chave: Variabilidade comportamental; Aleatoriedade; Metodologia de pesquisa

---

MESA 10/Psicologia Clínica e da Personalidade

TERAPIA ONLINE

MESA 10.1 MODALIDADES DO ATENDIMENTO PSICOLÓGICO ON LINE. *Elza Rocha Prado (Universidade Federal do Rio de Janeiro - Instituto de Psicologia, R.J.)*

Entre 1994 e 1995, antes mesmo da abertura comercial da Internet, tivemos a oportunidade de estar uma conta que nos foi cedida pelo Laboratório Nacional de Computação Científica, órgão do CNPq. Nesta ocasião, procuramos explorar as diversas inserções do psicólogo na Internet, observando as possíveis de atendimento que já eram oferecidas em outros países. Assim, tivemos a oportunidade de realizar um levantamento dos tipos de atividades psicológicas presentes na rede. Como metodologia utilizamos mecanismos de

metasearch (como o DogPile), empregando palavras chaves como atendimento, orientação e assistência psicológica, cursos, consultas psicológicas, psicoterapia, atendimento psicanalítico, psicoterapia virtual, cyberterapia, e outras similares. Atingimos uma longa lista de páginas, que pertenciam a campos bem diversificados, como instituições de ensino, clínicas especializadas, institutos de formação, organizações governamentais e não-governamentais, assim como páginas particulares de psicólogos e psicoterapeutas. A análise das ofertas de prestação de serviços, observada nessas páginas, nos permitiu sistematizar um quadro das intervenções oferecidas. No campo clínico, o psicólogo se fazia presente em listas de auto-ajuda, em páginas especializadas com informações detalhadas sobre procedimentos terapêuticos diversificados, e através do oferecimento de consultas psicológicas com características distintas. Os procedimentos variavam, conforme a escolha teórica que orientava a especialização dos profissionais. Sistematizamos algumas informações, que incluíram os distintos modalidades, a forma da abordagem inicial, os intervalos das sessões, o modo do atendimento, preço e forma de pagamento, o ambiente e os recursos de comunicação utilizados, tais como e-mail, listas de discussão, chats em tempo real, e-phone, vídeo-fones e tele-conferências. Verificar a real eficácia destas modalidades de intervenção torna-se, agora, uma necessidade urgente. Cada um destes recursos, apresenta características distintas, exigindo uma análise mais detida de seus efeitos sobre os pacientes. Seria preciso oferecer aos profissionais e estudantes de psicologia oportunidades para maiores esclarecimentos sobre as diferentes modalidades da Terapia On Line, de modo a credenciá-los para o exercício de suas habilidades profissionais neste novo mundo virtual. As instituições de ensino precisariam prepará-los para o caráter mágico das transferências virtuais, para o problema das avaliações iniciais, do anonimato, da preservação do sigilo, das dificuldades quanto ao registro das emoções, e outras questões igualmente importantes. A intensificação das pesquisas poderá ser um resultado direto destes esclarecimentos. Por isto torna-se urgente que os cursos de graduação passem a oferecer cadeiras específicas, como Psicoterapia On Line e Psicologia e Informática, formando espaços para a análise das questões vinculadas aos diversos entrelaçamentos desta área do conhecimento.

Palavras-chave: Psicoterapia; Internet; Terapia On Line, TOL

MESA 10.2 EVIDÊNCIAS CIENTÍFICAS E ÉTICAS DA PSICOTERAPIA ON LINE *Marcelo Sobrino Ferreira Salgado (Universidade de Fortaleza - UNIFOR)*

O objetivo desta apresentação é demonstrar a existência de uma e uma larga literatura internacional sobre pesquisas e os efeitos positivos do atendimento psicológico mediado pelo computador. As evidências científicas e éticas sobre a psicoterapia on line podem ser encontradas em diversos websites, livros e artigos publicados em revistas especializadas.

CONSIDERANDO que, a psicologia on line deve encorajar e conduzir estudos interdisciplinares com a cyber-semiótica, a teoria dos cyborgs, a psicanálise, o cognitivismo, a dinâmica de grupo, a análise do discurso, a psicologia social, a filosofia da mente, a lógica, teoria dos jogos, a física quântica, a teoria do caos, a cibernética, a telemática e o direito da Internet sobre valores éticos e questões legais relativas ao ciberespaço, incluindo como por exemplo a liberdade de expressão, proteção da privacidade, o domínio público, a propriedade intelectual e copyright, violência, racismo, pedofilia e, em geral, a aplicação dos direitos humanos e direitos fundamentais no ciberespaço.

CONSIDERANDO que existe uma e uma larga literatura internacional sobre os efeitos positivos do atendimento psicológico mediado pelo computador e que a American Psychological Association (APA), já regulamentou em 1997, para seus associados os serviços emergentes de Psicologia via Internet e teleconferência através de resolução em http://www.apa.org/ethics/stmnt01.html

CONSIDERANDO que já existem no Brasil e no exterior, pioneiros e notórios especialistas (Psicólogos, Psiquiatras e Psicanalistas) que já dominam as técnicas do serviço de consultoria e atendimento psicológico via Internet e que tais serviços são cobrados desde 1995.

CONSIDERANDO que, a falta de estímulos não verbais em muitas modalidades de interação via Internet, facilitam a interpretação do discurso do usuário e que a psicoterapia on line é uma meta-psicoterapia. Ela é uma psicoterapia narrativa, baseada em texto, hipertexto e contexto.

CONSIDERANDO que as técnicas especiais de análise do discurso narrativo, já são conhecidas e utilizadas entre os notórios especialistas e pioneiros que prestam tais serviços com taxa de risco quase zero.

Concluímos que as evidências científicas e éticas da psicoterapia on line são muito significativas e que existem diferentes modelos teóricos em psicologia que pretendem oferecer apoio aos chamados suportes psicoterápicos on line. Sugerimos que a Comissão Nacional de Credenciamento e Fiscalização dos Serviços de Psicologia via Internet, no uso de suas atribuições legais, promova a revisão e liberalização das normas existentes no CFP sobre Internet e psicologia.

Palavras-chave: Psicoterapia; Internet; Terapia On Line, TOL

MESA 10.3 PESQUISA EM TERAPIA ON LINE: CAMINHOS, POSSIBILIDADES E DESAFIOS *Oliver Zancul Prado (Instituto de Psicologia, Departamento de Psicologia Clínica, Universidade de São Paulo)*

Esta apresentação irá abordar questões específicas à pesquisa em terapia on line a partir da resolução do Conselho Federal de Psicologia (003/2000) editada no dia 25 de setembro, das normas do Conselho Nacional de Ética em Pesquisa, das questões metodológicas referentes à tecnologia e de possíveis propostas para pesquisas iniciais sobre psicoterapia on line.

A pesquisa em psicoterapia se depara com uma série de dificuldades principalmente em relação ao controle de variáveis e as formas de avaliação de resultados, todavia a literatura da área reconhece que existem instrumentos que indicam potenciais resultados na psicoterapia bem como reconhece a relação terapêutica como um bom preditor de resultados. Os instrumentos são questionários que avaliam a relação terapêutica e inventários de sintomas apresentados pelos clientes.

A resolução do CFP sobre atendimento mediado pelo computador reconhece serviços psicológicos breves e pontuais prestados a distância e coloca que a pesquisa em psicoterapia on line deve estar sendo autorizada por comitê de ética em pesquisa filiado ao CONEP dentre outros critérios, como não remuneração do psicólogo e sigilo das informações de identificação dos clientes.

Desta forma serão abordados as questões relevantes descritas nestes documentos bem como os passos para obtenção de autorização do comitê de ética e confecção do consentimento informado para a pesquisa.

Falta ao psicólogo uma série de conhecimentos tecnológicos que são necessários para se realizar uma pesquisa em terapia on line, sendo que estas questões estarão sendo discutidas levando em conta os recursos e serviços disponíveis na Internet, conhecimento dos psicólogos e a importância da formação em psicologia e informática que falta nos currículos das faculdades de psicologia. Neste sentido serão abordados os tópicos referentes às formas de comunicação e armazenamento de informação, segurança nas comunicações, plataformas e softwares que podem ser utilizados e os possíveis problemas a serem encontrados na utilização dos mesmos.

Para a pesquisa em psicoterapia on line algumas propostas serão discutidas, como as questões de até que ponto o desenvolvimento desta linha de pesquisa poderia contribuir para a psicoterapia em geral e também propostas para responder perguntas como: qual seria um modelo adequado para psicoterapia on line?

Conclui-se então que apesar de complexo, o caminho trilhado na pesquisa em terapia on line difere-se da pesquisa em psicoterapia tradicional no tocante aos procedimentos tecnológicos utilizados que em geral são desconhecidos pela classe de profissionais e acadêmicos em psicologia.

Palavras-chave: Pesquisa; Psicoterapia on line; Internet; Metodologia; Tecnologia

MESA 10.4 PSICOTERAPIA ON LINE DE ORIENTAÇÃO PSICANALÍTICA *Thaís Sá Pereira e Oliveira (Membro Psicanalista, da Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle, filiada à Federação Internacional de Sociedades Psicanalíticas, com sede em Nova Iorque, Rio de Janeiro, RJ)*

Pretendo referir-me aqui a algumas dificuldades encontradas numa psicoterapia on line quando conduzida por um psicanalista. Apesar de não haver uma tentativa de realizar psicanálise, o terapeuta sofre influências de sua formação, usando, inevitavelmente, conceitos da teoria freudiana como referência para seu entendimento do discurso escrito do cliente. A postura adotada pelo terapeuta, flexível e aberta aos instrumentos que a Internet oferece, uma vez que o trabalho realizado funciona com objetivos de pesquisa, mantém-se, todavia, coerente com os conceitos psicanalíticos de transferência e resistência, e com o objetivo de aprofundamento sempre que se colocar a demanda do paciente-piloto. As formações do Inconsciente captadas pelo terapeuta serão os norteadores de seu modo de atuar, levando-o a se defrontar com questões polêmicas como a interferência do não pagamento no resultado desse tipo de pesquisa. Em sua exposição, a autora pretende apresentar situações particularmente difíceis, relacionadas à situação da aparente "gratuidade" do trabalho que vem efetuando.

Palavras-chave: Psicanálise; Psicoterapia On Line; Internet

MESA 11 História da Psicologia

A PSICOLOGIA NAS TRÊS PRIMEIRAS FACULDADES DE MEDICINA DO BRASIL

MESA 11.1 EUROPA, FRANÇA E BAHIA – A VINCULAÇÃO INTELECTUAL EUROPEIA DAS TESES APRESENTADAS À FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA NOS OITOCENTOS. *Maria Maria Dourado Rocha (Faculdade Ruy Barbosa- Salvador, BA)*

A Faculdade de Medicina da Bahia, como as suas congêneres, tinha como requisito regimental para a outorga do título de Doutor em Medicina, a apresentação de uma tese, cujo temas eram definidos na primeira reunião anual da Congregação. Sendo a decana das escolas baianas, esta escola funcionou como um espaço que possibilitou o desenvolvimento de vários estudos, que posteriormente foram apropriados por ciências independentes, que, no período em referência, também estavam em fase inicial, como a Antropologia e a Psicologia. A análise deste material apresenta uma dificuldade preliminar – em 1905 a biblioteca foi praticamente destruída por um incêndio. O acervo foi recomposto em termos quantitativos, mas não há como se assegurar que o mesmo foi integralmente reconstituído. Assim, qualquer conclusão a respeito destas teses, mantidas as atuais condições, é preliminar. De início, é necessário afirmar que não havia uma efetiva investigação em Psicologia, e sim um trabalho, pontual, de questões de ordem

psicológica. Não foi possível identificar o critério de escolha dos temas a serem tratados, tanto pelo corpo docente quanto pelo discente. O fato é que nenhum destes continuou a investigar profissionalmente tais questões. Foram localizadas no Memorial da Medicina Brasileira, órgão da Universidade Federal da Bahia, 49 teses que lidavam com essas questões, das quais a maioria era ligada à psicopatologia. Considerando que, ainda no século XIX, houve críticas severas a respeito da qualidade deste material, inclusive pela própria Congregação da casa, optou-se por buscar identificar quais os autores que os graduandos escolheram para subsidiar a redação de sua tese. Já foram levantados os autores citados em 25 dessas teses, sendo que numa das teses não existe citação. Encontrou-se um total de 1.200 nomes, com variação de seis a 304, o que perfaz uma média de 50 por tese. Buscou-se, então, identificar data e local de nascimento e morte, profissão / ocupação e local de trabalho dos autores referenciados. Não foi possível identificar todos os autores arrolados, vez que muitos deles foram citados apenas pelo sobrenome. Os dados revelam que, nasceram entre 580 AC e 1873, em dezoito países, sendo a maioria de alemães, que trabalharam em instituições francesas, a exemplo da Salpêtrière ou Bicêtre. Os franceses constituíram 50 % da amostra. Dentre os autores mais citados encontram-se: a) filósofos - Platão, Aristóteles, Locke, Descartes, Pascal e Spencer, b) médicos - Morel, Charcot, Esquirol, Lombroso, Esquirol, Broca, c) psicólogos - Wundt, Binet, Preyer, Ribot. Vale ressaltar, vários destes profissionais foram citados em vida. Esses dados indicam, ou melhor, confirmam que, à época, havia uma grande sintonia (dependência ?) entre a produção baiana e a européia de modo geral e com a produção científica francesa em particular.

Palavras-chave: História da psicologia; Influência intelectual; Questões psicológicas

***

MESA 11.2 Gênero e Educação nas Teses da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. *Ana Maria Jacó-Vilela (Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro)*

O trabalho procura apontar os discursos acerca de questões de gênero e educacionais nos trabalhos de fim de curso - as chamadas "teses" - da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, abrangendo o período que vai da criação da Faculdade até o término daquela exigência (1832/1930). Insere-se em projeto de escopo mais amplo em que se pretende uma retomada da questão do século XIX – a discussão alma versus corpo -, através das formas de seu aparecimento no século XX. Tanto via os discursos e práticas católicos quanto através dos diferentes dispositivos da instituição médica, a tensão entre ambos considerada como de fundamental importância para a autonomização da Psicologia, pois é somente quando as interpretações perdem o caráter generalizante e englobante fornecido pela religião, na medida em que os temas se tornam específicos, que é possível a constituição da Psicologia científica. Verifica-se que é num contexto social de recepção a movimentos com as idéias liberais e com o cientificismo - os grandes ícones das transformações pelas quais passa a Europa -, que as explicações católicas sobre a "alma" vão perdendo sua prevalência social, tornando-se restritas ao meio especificamente religioso, enquanto a visão médica, moderna, conquista cada vez mais novos espaços. Esse pressuposto é comprovado pela presença nas teses pesquisadas de teorias e abordagens que, em desenvolvimento na Europa, especialmente na França, vão influenciar significativamente a consolidação do campo médico brasileiro. Como exemplos, temos o tratamento moral (Pinel), a teoria da degenerescência (Morel), a Psicologia Patológica (Ribot). Assim, observa-se que a tensão entre o físico e o moral, entre a alma e o corpo, só aparentemente pode ser dicotomizada entre o discurso religioso e o médico, científico, pois é constituinte deste novo discurso. Permanece, assim, o interesse pela alma, agora transformada em objeto de estudo visando a descoberta da localização física de seus atributos. Esta temática englobante do físico e do moral não está presente em todas as teses, certamente, embora permeie uma boa quantidade delas. Do levantamento feito, selecionadas as que apresentavam de forma mais próxima este perfil, foram elas classificadas em 17 categorias. Muitas destas são diretamente interrelacionadas, como as escolhidas para este trabalho: as relativas a gênero, infância, higiene e educação. Importa apontar aqui que, ao discutir o papel da mulher na sociedade, as questões físicas e morais que lhe são peculiares, ao mesmo tempo em que se discorre sobre a importância da família e se apontam outros cuidados considerados necessários à especificidade da infância, em que se doutrina que a higiene não se restringe à higiene dos corpos, mas também objetiva a educação física para melhor educação moral, interrelação mais claramente expressa quando se verifica que educação abrange os níveis físico, moral e intelectual, as teses não estão simplesmente cuidando do "físico", suposto objeto da Medicina, mas se estendem às formas de organização e funcionamento das instituições sociais, dentro de um projeto de produção de corpos saudáveis, educados, higienizados, necessários à modernização da sociedade brasileira.

Apoio: CNPq, Faperj, UERJ

Palavras-chave: Teses da Faculdade de Medicina; Gênero; Educação

***

MESA 11.3 As Teses da Faculdade de Medicina de Porto Alegre: Indícios para uma História das Idéias Psicológicas no Rio Grande do Sul 1. *Cristina Müller** e Marina Massimi (Grupo de Pesquisa em História das Idéias Psicológicas da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo)*

A Faculdade de Medicina de Porto Alegre, fundada em 1898, destacou-se como uma das instituições de ensino superior responsável pela difusão dos conhecimentos psicológicos no Rio Grande do Sul no período anterior à criação dos cursos de Psicologia no estado. Este trabalho procura resgatar a trajetória das idéias psicológicas no âmbito sul-riograndense através do exame dos conteúdos das teses produzidas por esta faculdade. Para tanto, foi investigado o acervo de teses pertencente à Biblioteca da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, atual detentora do acervo, elaboradas entre 1904, ano de formatura da primeira turma da faculdade, e 1950, período que demarca o início do curso de especialização em Psicologia, embrião do curso de graduação criado na década de 1960. Foram encontrados pelo menos três tipos de teses: as teses inaugurais ou de doutoramento, elaboradas no último ano do curso a fim de obter o grau de bacharel em ciências médicas, as teses de livre-docência e as teses de concurso, elaboradas para concorrer às cátedras da faculdade. No total foram pesquisadas cerca de 1400 teses, das quais 123 continham alguma referência a conteúdos psicológicos. Destas, 47 haviam sido produzidas na Faculdade de Medicina de Porto Alegre e foram divididas como pertencentes às seguintes áreas: Criminologia e Medicina Legal, Higiene, Neurologia, Psiquiatria e Psicanálise. É importante ressaltar que o critério de classificação foi retirado das próprias teses que, em suas folhas de rosto, traziam descrita a área à qual pertenciam. A leitura das teses foi orientada pelos referenciais metodológicos da História das Idéias Psicológicas e da Micro-história. Os conteúdos psicológicos de cada tese foram organizados cronologicamente de maneira a formarem uma narrativa. Pôde-se observar uma transição da linha de investigação francesa, caracterizada pelas pesquisas neurológicas, para a norte-americana, especialmente durante a década de 1940. A explicação do adoecimento mental, que se embasava em um substrato orgânico e no fenômeno da intoxicação, passa a abarcar uma dimensão psicodinâmica que pressupunha a existência do sofrimento individual envolvendo outros componentes para além do corpo. Observou-se também a gradual emergência dos temas psicanalíticos nas teses produzidas pela disciplina de Clínica Psiquiátrica, influência esta que se constituiu em um dos principais eixos teóricos de compreensão e do tratamento das doenças mentais no estado. Os futuros médicos elaboraram reflexões a respeito da gênese do comportamento criminoso, elencando os métodos mais modernos de investigação criminal, entre os quais podemos citar a coleta de impressões digitais e a análise biotipológica baseada nas teorias de C. Lombroso. Os problemas higiênicos decorrentes da urbanização da cidade de Porto Alegre e a preocupação com a saúde infantil também encontram-se entre os temas investigados. Os resultados obtidos neste trabalho fazem parte de uma investigação preliminar que originou o projeto de tese de doutoramento intitulado "As Idéias psicológicas na Faculdade de Medicina e na Faculdade de Direito no estado do Rio Grande do Sul entre 1890 e 1950", atualmente em fase de execução.

1 Projeto financiado pela FAPESP

** Doutoranda em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo. Bolsista FAPESP.

Palavras-chave: História da Psicologia; História das Idéias Psicológicas; História da Medicina

****

MESA 12/Psicologia Escolar e Educação

CONSTRUTOS TEÓRICOS EM PSICOLOGIA DA APRENDIZAGEM E DO DESENVOLVIMENTO E A PSICOLOGIA ESCOLAR: COMPLEMENTARIDADES, RUPTURAS E PERSPECTIVAS DE INTERVENÇÃO

MESA 12.1 Contribuições do Paradigma Construtivista para a Psicologia da Aprendizagem. *Jorge Tarcísio da Rocha Falcão (Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife-PE)*

A história da psicologia tem sido caracterizada por disputas constantes entre modelos teóricos, sem uma hegemonia histórica de um modelo sobre os demais, o que torna a proposição do termo "paradigma", na acepção originalmente proposta por T. Kuhn (Kuhn, 1978), uma aproximação não de todo rigorosa para o caso da psicologia. De todo modo, é possível distinguir, no subcampo da psicologia da aprendizagem e do desenvolvimento, modelos que classificaríamos como quase-paradigmáticos, visto que aglutinam esforços coerentes de pesquisa e de justificação teórica, como é justamente o caso do construtivismo. Tal perspectiva parte do pressuposto segundo o qual abordar a cognição humana implica em fazer apelo a construtos teóricos tais como conceitos, esquemas, operações e cálculos, inferidos a partir da ação do sujeito sobre o real circunjacente. Isto posto, cabe ressaltar que o construtivismo, enquanto quase-paradigma em psicologia da aprendizagem e do desenvolvimento, abarca vários submodelos com suas especificidades e diferenças, a começar pela Psicologia da Gestalt, precursor historicamente importante: a distinção estabelecida por Max Wertheimer entre pensamento reprodutivo e produtivo marca uma primeira crítica teórica importante ao elementarismo reprodutivista do behaviorismo (Wertheimer, 1959). O cognitivismo estruturalista piagetiano, por sua vez, critica na contribuição gestaltista a completa ausência de uma epistemologia genética. Para Inhelder, Bovet & Sinclair (1977), três aspectos caracterizam o cognitivismo estruturalista piagetiano: a dimensão biológica, a interação dos fatores sujeito-meio e a proposição de diferenças qualitativas importantes entre o pensamento da criança e o pensamento do adulto, encarando-se o desenvolvimento da

cognição enquanto processo *psicogenético* marcado por etapas (estágios) caracterizados por estruturas operatórias específicas, temporalmente seqüenciadas e logicamente hierárquicas. A proposta piagetiana, não obstante, é alvo de um conjunto importante de críticas, dentre as quais duas merecem destaque: a) a consideração insuficiente de domínios de conhecimento específicos (físicos, matemáticos, lingüísticos), que contêm cada um obstáculos epistemológicos (Bachelard, 1960) próprios, não completamente assimiláveis a aspectos lógico-operatórios (Vergnaud, 1987); b) o primado das reequilibrações majorantes endógenas sobre a aprendizagem escolar e extra-escolar enquanto fator explicativo central do desenvolvimento cognitivo. A necessidade de considerar conteúdos específicos, bem como a abertura para aspectos culturais e sociais que contextualizam a cognição constituem-se em aspectos centrais da abordagem pós-piagetiana. A passagem a uma perspectiva construtivista pós-piagetiana nos termos acima brevemente delineados tem conseqüências importantes em termos da problemática de pesquisa decorrente, assim como na prática subsidiadora do psicólogo em contexto escolar. Em Recife (PE), alguns pesquisadores em psicologia cognitiva têm-se ocupado da aprendizagem em contextos escolares e extra-escolares. Dados de pesquisa neste sentido serão mostrados e discutidos (Da Rocha Falcão, 1995, 2000; Brito Lima & Da Rocha Falcão, 1997). Pretende-se com tais dados expor subsídios empíricos que validam a perspectiva segundo a qual a situação (contexto sócio-cultural) e os suportes representacionais disponíveis, e não apenas os invariantes operatórios envolvidos, explicam muitas das dificuldades mostradas por alunos de ciclo elementar quando confrontados com as diversas situações de aprendizagem.

Palavras-chave: Construtivismo, Conceptualização, Aprendizagem.

MESA 12.2 VISÕES DA ZONA DE DESENVOLVIMENTO PROXIMAL E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A PSICOLOGIA DA APRENDIZAGEM. *Luciano Meira (Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife-PE)*

O estudo das relações entre desenvolvimento cognitivo e aprendizagem, a partir da perspectiva sócio-histórica desde Vygotsky, tem produzido investigações de grande relevância para a psicologia escolar. Em particular, o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal recebeu nas duas últimas décadas grande atenção de estudiosos oriundos das mais diversas tradições de pesquisa. Nesta apresentação, proponho realizar um mapeamento destas contribuições para a compreensão da aprendizagem, e discutir possíveis implicações do estudo da ZDP para a organização do espaço didático-pedagógico escolar. Para tanto, buscarei por esclarecer as várias interpretações de ZDP hoje existentes na literatura em psicologia do desenvolvimento, mostrando que, mesmo na obra original de Vygotsky, este conceito passou por transformações importantes, freqüentemente negligenciadas na pesquisa e suas aplicações educacionais. De fato, é possível identificar em Vygotsky três formulações do conceito de ZDP que, em diferentes momentos, enfatizaram aspectos distintos das relações entre aprendizagem e desenvolvimento (Valsiner e van der Veer, 1993): (1) Performance- Crítica aos testes tradicionais de QI e ênfase na análise comparativa de níveis de desempenho individual e colaborativo durante a resolução de problemas; (2) Interação- Ênfase nos aspectos sócio-interacionais do processo de colaboração per se e (3) Mediação Simbólica- Ênfase nos aspectos simbólicos e discursivos de atividades colaborativas tais como a brincadeira. Trabalhos elaborados com base na primeira destas formulações, a mais reconhecida na literatura e na área educacional, têm como preocupação central a "mensuração da ZDP" (e.g. Brown & Ferrara, 1985) e seus resultados tornaram-se bastante populares, constituindo-se muitas vezes na única formulação pela qual educadores e psicólogos escolares conhecem e tentam aplicar este conceito. Inspirados na ênfase interacional da segunda fase de evolução do conceito de ZDP, pesquisadores tais como Rogoff (1990) e Bruner (1985) elaboraram os importantes construtos de "participação guiada" e "scaffolding", respectivamente. Entretanto, foi apenas na terceira fase de evolução do conceito que Vygotsky passou a enfatizar os aspectos simbólicos e discursivos de atividades diversas, ainda associando-os à perspectiva interacional da segunda fase (em particular através da noção de diálogo) mas já bem distante da avaliação de desempenho típica da primeira fase. Esta é a fase de menor elaboração teórica acerca da ZDP em Vygotsky (um processo interrompido por sua morte em 1934), mas é ao mesmo tempo aquela que carrega a contribuição mais original e interessante deste conceito. Alguns autores contemporâneos, entre os quais destaco as contribuições de Wertsch (1991), têm estendido substancialmente a ampliação supostamente pretendida por Vygotsky nesta formulação tardia do conceito de ZDP. Em Meira (2000), apresento um modelo de análise da aprendizagem na escola cujas bases conceituais enfatizam as noções de dialogicidade e temporalidade na emergência e manutenção de ZDPs como espaços simbólicos, através da análise de modos específicos de discurso emergente entre os participantes de situações instrucionais na sala de aula. Nesta apresentação, discutirei detalhes deste modelo de análise da ZDP, contrastando-o com trabalhos inspirados nas demais formulações do conceito e avaliando as contribuições de cada uma dessas visões para a organização do espaço didático-pedagógico escolar.

Palavras-chave: Aprendizagem e Desenvolvimento; Zona de Desenvolvimento Proximal; Vygotsky

MESA 12.3 PSICOLOGIA ESCOLAR: COMO ABORDAR A PLURALIDADE TEÓRICA E SUAS CONSEQÜÊNCIAS PARA A ATUAÇÃO?. *Maria Cirino (Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB)*

As discussões dos paradigmas que implicaram nossos conhecimentos a respeito da cognição humana geralmente não são compartilhadas em um dos contextos mais férteis, cujo objetivo seria, supostamente, a promoção do desenvolvimento e da aprendizagem: a escola. Nossas investigações e atuações junto à Educação têm confirmado o desconhecimento ou distorção de idéias centrais sobre a construção do conhecimento, especialmente entre os psicólogos e as psicólogas inseridos/as neste contexto. Tal desconhecimento, contudo, não é "privilégio" do/a psicólogo/a, uma vez que os/as profissionais da Educação também apresentam uma visão limitada daqueles paradigmas. Procuraremos demonstrar a necessidade de aproximar-se estas contribuições da Psicologia tanto do cenário escolar como da atuação do/a psicólogo/a: personagem que deveria instigar o retorno às fundamentações da Psicologia, atuando como mediador/a entre tais conhecimentos e a Educação. Este profissional, ao contrário, tem se tornado invisível neste contexto, freqüentando-o baseado em teorias que indicam a aplicação de testes ou, de maneira geral, que enfatizam e localizam as "deficiências" do indivíduo. Fatores como história, má formação, pluralidade teórica e confronto com outros profissionais (cujas funções aparentemente são bem definidas) têm contribuído para uma atuação insatisfatória. A pluralidade dos paradigmas teóricos em Psicologia da Aprendizagem e do Desenvolvimento será priorizada em virtude de se constituir como um dos "nós" mais encontrados no contexto escolar. Os conceitos enfeixados nestes paradigmas, complexos e relacionados entre si, têm sido tratados de forma superficial, o que leva a interpretações grosseiras e a sérios equívocos. Assim, o psicólogo escolar sido chamado a mediar conhecimentos, especialmente sobre o que está por trás de reformas e programas educacionais. Sem esta fundamentação as mudanças serão inócuas e de curta duração. Temos um "arsenal psicológico" oferecendo elementos que fornecem suporte à análise do processo educativo, através de diversas 'lentes'. O psicólogo torna-se então o profissional mais indicado a auxiliar e instigar tal empreitada. Neste sentido, propomos a análise e a discussão das dificuldades da atuação contextualizada – baseada nas prioridades emergentes em cada escola; da pluralidade teórica e da relevância da mediação do/a psicólogo/a no contexto escolar. Serão abordadas ainda questões subjacentes a estas, tais como a compatibilidade ou não entre os paradigmas - se a prioridade deveria ser o indivíduo cognoscente ou a cultura, e os confrontos com outros profissionais. Oriundos do espaço proporcionado pela ineficiência, isto envolve, inclusive, o dilema com a psicopedagogia e a sobreposição entre os objetivos desta e os da Psicologia Escolar. Estas questões deverão suscitar contribuições para uma atuação mais efetiva e para a diminuição da distância entre a construção do conhecimento acadêmico e esta construção e prática na Educação. Abordaremos, desta forma, as dificuldades e "entraves" da proposta de atuação contextualizada e da postura do psicólogo como mediador daquelas contribuições, analisando as suas possibilidades e relevância desta Psicologia no cenário educacional. Passar da reflexão teórica à mudança efetiva dentro deste contexto é, portanto, mais um desafio para o/a psicólogo/a, que deveria perceber os objetivos do seu trabalho como mais amplo do que rotular alunos e alunas.

Palavras-chave: Atuação do psicólogo; Pluralidade teórica; Psicologia e Educação

MESA 13: Psicologia Social

REPRESENTAÇÕES E RELAÇÕES INTERPESSOAIS NA ATUALIDADE

MESA 13.1 RELAÇÕES INTERPESSOAIS EM CASAIS NA CONTEMPORANEIDADE, DESAFIOS E PROPOSTAS DE ANÁLISE E TERAPIA. *Júlia Sursis Nobre Ferro Bucher (Universidade de Fortaleza e Universidade de Brasília)*

Esta comunicação terá como objetivo analisar resultados de estudos de casos realizados no nordeste brasileiro junto a casais heterossexuais e homossexuais à luz de resultados de outras pesquisas anteriores e da literatura sobre conjugalidade. Procuramos responder alguns questionamentos: 1.Qual é a concepção e a vivência da conjugalidade nesses grupos de casais? 2. Como estão estruturados esses relacionamentos no que concerne os papéis de cada um dos cônjuges? 3. Como se estruturam as relações conjugais? 4. Qual é o funcionamento das regras de intercambio estabelecidas entre os cônjuges?

Estes questionamentos têm como pressupostos teóricos os trabalhos desenvolvidos por vários pesquisadores vinculados à Escola de Palo Alto (Bateson, Lederer, Jackson, Haley, Watzlawick, Stierlin, Gergel, Bucher entre outros).

A metodologia de estudo foi qualitativa baseada nos conteúdos das entrevistas profundas a partir de um roteiro semi-estruturado realizado com os dois grupos de casais (1° grupo – 5 casais e o 2° grupo – 4 casais).

Os resultados obtidos nos permitem ressaltar as seguintes categorias na escolha do parceiro, do cônjuge: nos dois grupos a escolha é baseada no modelo romântico de casamento. Os dois grupos, no que concerne a escolha do objeto amoroso, se subdividiram em casais cuja escolha foi denominada "narcisista" na qual o outro é percebido como uma parte de si mesmo e escolha por "escoramento" ou seja segundo o modelo das relações com os genitores nas quais são esperados reviver as experiências de proteção, de cuidados, de interdição.

No que concerne as relações conjugais, encontram-se nos casais estudados estruturas e dinâmicas simétricas, complementares e paralelas, não havendo portanto um padrão único nos casos estudados.

O sistema de regras encontrados na conjugalidade, foi o de regras explícitas e implícitas nos casais heterossexuais e um maior número de regras de transações nos casais homossexuais. Procuramos aprofundar o estudo analisando as meta-regras que regulam esses intercâmbios procurando saber quem estabelece oficialmente as regras, quem as aplica, quem se faz respeitar procurando identificar conflitos e desacordos, porém não obtivemos um padrão definido para os casos de relações conjugais homossexuais.
Como conclusão principal, a partir da análise sistêmica desses relacionamentos esperamos contribuir para o estudo das interações da díade conjugal subsidiando desta forma o trabalho de terapeutas de casais.
Apoio CNPq
Palavras-chave:

***

MESA 11.2 A ANATOMIA DAS REPRESENTAÇÕES DE FELICIDADE E DAS SUAS EXPERIÊNCIAS CONTÉM COMPONENTES DAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS. *Carlos Américo Alves Pereira (Departamento de Psicologia Social e Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Personalidade / Instituto de Psicologia / Universidade Federal do Rio de Janeiro / Brasil)*
A literatura sobre bem-estar subjetivo (SWB) tem relevado o papel das experiências cognitivas e afetivas nas relações interpessoais para a vivência do bem-estar subjetivo (e.g., Campbell, Converse e Rodgers, 1976; Scherer, Walbott e Summerfield, 1986; Argyle e Crossland, 1987; Argyle e Martin, 1991).
O presente estudo objetivou focalizar a auto-percepção atribuída às experiências subjetivas afetivas positivas com a vida em geral, por 1200 pessoas, no Rio de Janeiro, entre adolescentes, adultos e idosos (amplitude dos 13 a mais de 65 anos de idade, média etária aproximada de 32 anos, sendo 27% entre 13 e 19 anos, 34% entre 20 e 29, 15% entre 30 e 39, 8% entre 40 e 49, 6% entre 50 e 59, 7% acima de 60 anos), a maioria do sexo feminino (70%).
Frente a uma das dez perguntas, "Na sua vida, em geral, do que você 'Gosta Mais'? (você poderá citar um ou vários aspectos / elementos)", do "Questionário sobre a auto-percepção do bem-estar subjetivo", o total de 2997 respostas foram agrupadas e categorizadas, qualitativamente, segundo a técnica de Análise de Conteúdo (Bardin, 1994). As respostas mais proeminentes revelaram os seguintes conteúdos:
1. "Relações Interpessoais, de Afinidade ou Afiliação", perfazendo 24,42% (731 respostas), reunindo respostas como amizade (10,18%, freqüência igual 305 respostas), namorar (3,27%, f=98), família (3,20%, f=96), amor (2,77%, f=83), conviver (1,60%, f=48), estar com o(s) filho(s) (1,23%, f=37), outras afiliativas (2,17%, f=65);
2. "Lazer/Entretenimento/Diversão", com um total de 19,07% (f=572) das respostas, como cinema (3,24%, f=97), música (1,94%, f=58), dançar (2,74%, f=82), passear (1,97%, f=59), viajar (1,70%, f=51), diversão (1,57%, f=47), ir à praia (1,20%, f=36), ler (1,17%, f=35), outras respostas de lazer (3,57%, f=77);
Frente aos resultados obtidos, concluímos que a categoria "Afiliação" (relações interpessoais de afinidade) foi a mais proeminente na auto-percepção da experiência emocional positiva do SWB, além do que, adicionalmente, é comum muitas pessoas ao se remeterem a atividades de lazer/entretenimento/diversão o façam mediante a possibilidade de se agregarem a seus pares. Tais resultados encontram forte apoio nas teorias psicossociais dos processos de comparação social (Festinger), iniqüidade social (Adams), comunicação social informal (Festinger), discrepâncias múltiplas (Michalos), dissonância cognitiva (Festinger), dentre outras.
Palavras-chave: Bem-estar subjetivo; Relações interpessoais e bem-estar subjetivo; Felicidade

***

MESA 11.3 REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA SOCIEDADE E IDENTIDADE SOCIAL. *Marcos Aguiar de Souza (Universidade Federal do Rio de Janeiro)*
As representações sociais podem ser definidas como um reflexo interno de uma realidade externa. Desse modo, elas se tornam reproduções mentais do mundo e dos outros. Existe, assim, uma gênese socialmente compartilhada, a partir de crenças adotadas por grupos de pessoas com o objetivo de explicar a experiência social. Porém, apesar de serem compartilhadas, as representações sociais possuem caráter dinâmico, sendo negociadas através da interação social e da conversação, bem como modificadas ou adaptadas à medida que são incorporadas pelo indivíduo na sua concepção de mundo, funcionando como uma interface cognitiva entre a ação individual e a ideologia social. Nestes termos, o tipo de relacionamento que o indivíduo mantém com o grupo ao qual pertence será decisivo na análise das representações que possui. Uma imagem positiva do grupo no qual está inserido é necessária para a auto-estima, e uma das formas de se obter essa valorização é através da discriminação de outros grupos. A pertença grupal, conforme a teoria da identidade social, despersonaliza a auto-percepção, uma vez que os indivíduos passam a se definir em termos do grupo a que pertencem. Essa auto-percepção, conseqüentemente, produz e determina o comportamento social e as ações individuais. Nesse sentido, o presente estudo teve como objetivo investigar a representação social da sociedade em função da identidade social. Participaram 146 estudantes universitários de ambos os sexos, na idade média de 28,4 anos de idade, pertencentes a diferentes cursos de diversas Universidades da Cidade do Rio de Janeiro. Os participantes preencheram um questionário dividido em duas partes. As questões na primeira parte se relacionaram à percepção individual do que é a sociedade, bem como seus aspectos positivos e negativos. Na segunda parte solicitou-se a cada participante que avaliasse a si, e ao grupo que pertencia em função do sexo, da religião e do grupo étnico, indicando o quanto as características grupais lhe eram aplicáveis e favoráveis. Os participantes foram divididos em dois grupos: um grupo formado por indivíduos que demonstraram uma identificação grupal significativa e um grupo que demonstrou uma identificação grupal negativa, a partir das características consideradas no estudo. Através da análise de conteúdo, foi comparada a representação social da sociedade dos dois grupos. O grupo que apresentou uma identidade social positiva em termos de sexo, religião e etnia demonstrou uma representação social da sociedade mais positiva quando comparados aos membros do grupo com uma identificação social negativa. A representação social da sociedade dos católicos foi mais favorável que a dos Protestantes. Os indivíduos que se auto-definiram como brancos avaliaram a sociedade de forma mais positiva do que aqueles que se auto-definiram como negros. Na comparação entre homens e mulheres não foram observadas diferenças significativas.
Palavras-chave: Representação Social; Sociedade; Identidade Social

***

MESA 11.4 REPRESENTAÇÕES DE FAMILIARES ENTRE FILHOS DE CASAMENTO MISTO E NÃO-MISTO, EM TERMOS RELIGIOSOS E ÉTNICOS. *Edson A. de Souza Filho (Universidade Federal do Rio de Janeiro)*
O casamento misto tem sido praticado no país ao longo de sua história, gerando polêmica entre estudiosos. Os objetivos deste trabalho foram conhecer 1) as atitudes em relação aos familiares de casamentos mistos e não-mistos, segundo religião e etnia autodefinidas; e, 2) as dimensões vividas/simbolizadas menos/mais apreciadas na dinâmica de interação familiar de ambos os tipos de casamento. Observamos, a partir do referencial teórico das representações sociais (Moscovici, 1976; Souza Filho, 1993, 2000), representações de filhos de casais a respeito dos seus genitores, avós e outros antepassados, os quais foram definidos pelos sujeitos como sendo de origem étnica branca (B), morena (M), negra (N) e indefinida (I), assim como de religião católica (C), protestante/evangélica (P/E) e sem religião explícita (SR) (sem responder/sem religião). Os dados foram organizados segundo dimensões individuais, família centrada no sujeito, relações interpessoais, autoridade, grupo cultural, sociedade/conformidade, sociedade/mudança social, entre outras. Comparamos sujeitos de meio popular e de classe média na cidade do Rio de Janeiro. Em geral, as atitudes em relação aos familiares no meio popular foram predominantemente favoráveis, enquanto as da classe média mais equilibradas, com busca simultânea de conteúdos neutros e desfavoráveis, estes últimos em menores proporções. Os filhos de casamento misto de B com M e N de ambos os meios sociais, representaram os traços individuais mais freqüentemente a respeito dos primeiros (B), enquanto os últimos (M e N) foram representados através de conteúdos centrados no sujeito ou em relações interpessoais. No meio popular, ademais, a autoridade tendeu a ser representada com menos contestação na medida em que o indivíduo foi menos representado, ao passo que, na classe média, a autoridade foi contestada mas não superada, em função de ambivalência em relação ao indivíduo. Nos casamentos de N com N, por sua vez, houve nítida presença de representações de familiares como indivíduos, enquanto de B com B de relações interpessoais. Em relação às famílias de religião cristã (C e P/E) em meio popular, tenderam a fortalecer a idéia de autoridade, assim como SR a diluir sua importância, procurando reforçar outros conteúdos, tais como relações interpessoais e grupo cultural. Assim, o casamento misto tendeu, no Brasil, a ser um contrato construído sem muita explicitação a respeito da desigualdade de valor sofrida socialmente pela parte não-branca do mesmo, levando-o a reproduzir aquelas regularidades que promovem publicamente uns e relegam outros a funções domésticas menos apreciadas na sociedade, ainda que o fenômeno possa ser intensificado pela variável sexo do familiar. Seria preciso a promoção do indivíduo na vida familiar, independente de etnia ou religião de cada um. (CNPq)
Palavras-chave:

***

MESA 14 Psicologia da Saúde
REPENSANDO A ATENÇÃO À SAÚDE DA MULHER EM INSTITUIÇÕES HOSPITALARES: O PARADIGMA PSICOLÓGICO E AS POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO

MESA 14.1 ATUAÇÃO EM MEDICINA FETAL. *Julieta Quayle*
Em Obstetrícia, estar ao lado de, como sugere a etimologia da palavra, é um ponto de partida necessário mas nem sempre suficiente. Em Medicina Fetal há que se ofertar um pouco mais. Inicialmente, há que se considerar que a assistência em Medicina Fetal ocorre sempre em contexto de risco, real ou imaginado, mas sempre temido. É este o recorte que delimita a atuação do profissional de saúde e, especialmente, a do psicólogo. De fato, a assistência da equipe interdisciplinar em Medicina Fetal traz, sempre, a possibilidade de um diagnóstico de malformação fetal. Isto se contrapõe à imagem social da maternidade como um local de nascimento e de vida, sempre "bom", desvelando o "outro lado" desta representação. Esta representação parcial tende a tornar-se globalizante e totalizadora, e neste imaginário, não há lugar para depressão ou perdas: acredita-se que mulheres grávidas e, especialmente, seus bebês, não ficam doentes, não correm riscos, não morrem. Várias representações primitivas de deusas associadas à vida e à maternidade desvelam seu aspecto de morte e destruição, intimamente relacionados ao ato de (pro)criar e gerar.; como Kali, elas são as arquetípicas representantes da Deusa-Mãe guardiã dos mortos e das sementes que irão

germinou, uma deusa subterrânea que é responsável pela vida e pela morte. É a guardiã do portão leste, do nascer do sol e da vida, em sua face bondosa. Se irada, paralisa toda a vida; é a guardiã do portão oeste, da morte, das entradas para o mundo subterrâneo. Assim é, de fato, a maternidade, o ser mãe, e o processo biológico subjacente. Um jogar os dados, semear, esperar. As áreas da Obstetrícia que mais de perto lidam com este outro lado - "o lado escuro" e escondido desta representação - tendem a ser vistas como desumanas, más, impessoais. Tal se aplica à Medicina Fetal como uma luva. Não é infrequente, por exemplo, que profissionais de outras áreas a ela se refiram "Medicina Fatal". Tal trocadilho, aparentemente inocente, revela de maneira bastante evidente a dificuldade de se integrar à representação de maternidade os seus aspectos menos bonitos e prazerosos, colocando o profissional desta área como um bode expiatório, não mais dos pecados da tribo, mas da impotência de todos nós. Da mesma maneira que se nega ao feto malformado um lugar social (pois a ele é outorgada uma representação de monstruosidade a ser ignorada), tende-se a atribuir ao profissional uma representação de "cientista maluco", desvinculado da realidade, maldoso destruidor de fetos. Isto, como se fosse ele o causador do problema: ele, seu "descobridor", transforma-se em "único responsável" pelo mal. Seguindo antigos costumes, aqui também parece mais fácil matar o mensageiro que traz más notícias do que enfrentá-las. Neste contexto, cabe ao psicólogo, como integrante da equipe que assiste a paciente, o casal e/ou a família, o resgate de uma representação mais articulada e verdadeira da maternidade, em nível simbólico e individual, em abordagem que permita a todos os envolvidos uma vivência mais integrada e significativa da parentalidade e das intercorrências do ciclo gravídico-puerperal.

Palavras-chave:

***

MESA 14.2 Atenção Psicológica Em Reprodução Assistida: Novas Propostas. *Ricardo Gorayeb*

Pacientes atendidas no Ambulatório de Infertilidade do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (HCFMRP-USP) recebem assistência psicológica antes de completarem o processo de fertilização assistida. O procedimento de atendimento consiste de um conjunto de 3 sessões de grupos de pacientes acompanhadas de seus maridos, coordenados pelo psicólogo, cujos conteúdos são: informação dos aspectos médicos dos procedimentos, prestados por médico ou enfermeira, treino de relaxamento muscular como técnica de combate à ansiedade; ventilação e apoio em relação à pressão social e familiar para engravidar, coesão grupal. O que se observa como dados preliminares é que as pacientes que passaram pelos grupos têm taxa de fertilização maior do que as pacientes que não passaram pelos grupos. Há diferenças nesses resultados de acordo com o procedimento médico efetuado. Os melhores resultados são para os procedimentos de FIV (Fertilização In Vitro) e ICSI (injeção intracelular do esperma). Não há diferenças para o procedimento de inseminação artificial entre as pacientes que tiveram ou não apoio psicológico. Com base nesses resultados preliminares, decidiu-se efetuar um protocolo de pesquisa com maior número de pacientes, repetindo o procedimento para pacientes de FIV e ICSI. Para as pacientes de inseminação, considerando-se os dados preliminares e o momento particularmente ansioso que as pacientes vivem, resolveu-se utilizar um procedimento de treino de relaxamento, seguido do uso da técnica de relaxamento durante a sessão de inseminação, com a presença do psicólogo na sala.

Palavras-chave:

***

MESA 14.3 O Feminino E O Corpo Para A Ciência: Entre A Demanda E O Desejo, Uma Modalidade De Gozo. *Nivalda de O. Santos*

Com a assistência a pacientes portadoras de doenças crônicas no Serviço de Alergia e Imunologia, uma série de questionamentos relacionados à clínica surgiram como ainda pertinentes à sexualidade feminina.

Trata-se de pacientes cuja relação estabelecida com a instituição hospitalar extrapola os limites da demanda de cura, deixando claro que o que se pede quando vêm às consultas diz respeito a uma "satisfação" pulsional. São histórias clínicas de mulheres que fazem tratamentos em diversas especialidades médicas do hospital vindo à instituição várias vezes durante a semana, numa repetição que visa, entre outras coisas, oferecer o corpo para a ciência, como uma modalidade específica de obtenção de gozo.

A psicanálise, prática utilizada também no hospital geral, não se deixa apreender pelas regras ditas necessárias ("setting"), exigindo do profissional um manter constante e uma atenção especial com a clínica e com a ética da teoria freudiana.

Quais as possibilidades de intervenção junto a essas pacientes?

Partindo desta problemática, o tema será apresentado visando discutir a direção do tratamento e as possibilidades da eficácia do método psicanalítico na instituição hospitalar.

Palavras-chave:

****

MESA 15/Formação em Psicologia

AS INTERFACES ENTRE ENSINO, PESQUISA E ATENDIMENTO PSICOLÓGICO EM INSTITUIÇÕES HOSPITALARES

MESA 15.1 Experiência De Estágio Supervisionado Integrado À Pesquisa Em Curso De Formação De Psicólogos Na Área Da Psiconcologia Em Hospital Geral. *Carmen Maria Bueno Neme (Depto de Psicologia – UNESP-Bauru – SP)*

Como parte de Projeto de Extensão em Psicologia Hospitalar, criou-se serviço de Psiconcologia, integrando Ensino, Pesquisa e Prestação de serviços psicológicos a pacientes oncológicos internados em Hospital Geral e em tratamento ambulatorial de Quimioterapia e Radioterapia. Esta experiência - em andamento há 10 anos – é efetivada por uma docente-supervisora e graduandos do Curso de Formação de Psicólogos da UNESP-Bauru, permitindo a identificação de dificuldades a serem analisadas e superadas, bem como avanços considerados significativos em nível da Formação de Psicólogos e do campo da Psicologia Hospitalar e Psiconcologia.

A Psiconcologia é área de interface entre a Psicologia e a Oncologia, de recente desenvolvimento na prática psicológica. Fundamenta-se na Psicologia Clínica e na Psicologia da Saúde, utilizando conhecimentos da Psicossomática e da Psiconeuroimunologia. Constituindo-se amplo campo multiprofissional, exige formação que habilite o Psicólogo a atuar efetivamente junto ao paciente, familiares e equipe de saúde, realizar pesquisas e colaborar com projetos e programas de saúde na área.

Neste período foram atendidos mais de 500 pacientes de diferentes faixas etárias, com diferentes tipos de câncer e níveis de estadiamento da doença, além de familiares e grupos de enfermeiros.

Os atendimentos consistiram de Psicoterapias Breves em diversos momentos do tratamento, diferentes tipos e níveis de intervenções em crises e/ou fases específicas do tratamento dos pacientes, Intervenções psicológicas no pré/pós-cirúrgico e na preparação para quimioterapia ou exames invasivos, Intervenções Psicológicas específicas durante quimioterapia, Acompanhamento Psicológico de pacientes e familiares na fase terminal, Aconselhamento Psicológico a pais de crianças e adolescentes, Aconselhamento Psicológico de casais e famílias, dentre outros.

Foram realizadas Pesquisas Quantitativas e Estudos de Casos a partir dos dados coletados (apresentados em Congressos e Reuniões Científicas), com diferentes populações de pacientes: mulheres mastectomizadas, pacientes adultos e infantis em quimioterapia, pacientes adultos internados e/ou em tratamento ambulatorial, pacientes "Fora de Possibilidades Terapêuticas", dentre outras, cujos sujeitos foram os próprios estagiários do projeto.

Além destes, realizou-se extensa pesquisa visando descrever e avaliar o serviço de Psiconcologia criado, bem como verificar as condições psicológicas de 150 pacientes adultos internados e em tratamento ambulatorial, investigar modificações nos modos de Enfrentamento da doença e tratamentos a partir do atendimento psicológico e avaliar a obtenção de "ganhos terapêuticos" com o atendimento psicoterápico realizado no serviço descrito (Neme, 1999).

Dentre os resultados estatisticamente significativos encontrou-se: relevância de eventos de estresse na história de vida 5 anos ou menos antes da doença; relação entre escolaridade e estadiamento da doença; ausência de confiança/crença no tratamento e/ou fé aliada à confiança nos próprios recursos pessoais para a melhora das condições gerais e qualidade de vida; aumento das estratégias de Enfrentamento relacionadas à busca de apoio social/lidar com emoções e resolução de problemas a partir da Psicoterapia; relação entre reações emocionais manifestadas por ocasião da comunicação diagnóstica e as existentes durante fases posteriores do tratamento; avaliação da obtenção de "ganhos terapêuticos" com o tratamento psicológico pelos pacientes, mesmo os em fase de terminalidade.

Os resultados obtidos permitem concluir pela relevância do projeto enquanto via privilegiada para a formação de futuros profissionais, bem como fonte de contribuição para com o campo da Psicologia Hospitalar e Psiconcologia no Brasil.

Palavras-chave: Psicologia Hospitalar; Psiconcologia; Formação de Psicólogos

***

MESA 15.2 A Atuação Do Psicólogo Numa Equipe Hospitalar. *Tânia Grace Martins do Valle (Departamento de Psicologia, UNESP, Bauru, SP)*

A formação do psicólogo envolve um campo de saber complexo. Existem diversas formas de pensá-la e de praticá-la, mesmo quando focalizamos apenas uma delas. Atuar junto à uma equipe multidisciplinar num hospital, tem sido um dos desafios para o Ensino e a Pesquisa da Psicologia. Como docente convidada do Curso de Especialização em Psicologia Clínica do HRAC/USP – Bauru, juntamente com os demais professores do referido curso, temos trabalhado nesta direção. HRAC - Hospital de Reabilitação e Anomalias Craniofaciais, é um complexo organizacional de atenção à saúde, de caráter interdisciplinar, prestando serviços ambulatoriais, cirúrgicos reabilitatórios e de internação, além de oferecer ensino, em nível de especialização e estágios de aprimoramento. Complementam suas funções, as possibilidades de realização de pesquisas, sobretudo, em relação com o estudo das anomalias craniofaciais e dos distúrbios da audição. Entre os hospitais que tratam de tais malformações é o maior e mais completo de toda a América Latina. O tratamento é pago pelo Ministério da Saúde (SUS) e pela Universidade de São Paulo. O processo de reabilitação ideal deve ter início nos primeiros dias de vida do paciente, sendo concluído em sua fase adulta. O que não impede de um adulto ser recebido como caso novo. Este tratamento envolve diferentes áreas dos serviços: médico, odontológico, enfermagem, psicologia, fonoaudiologia, nutrição, serviço social, entre outras. A psicologia atua desde a recepção do paciente, como caso novo, realizando diagnóstico preventivo e apoio aos pais no enfrentamento do impacto psicológico sofrido com o nascimento de um filho portador de deformidades craniofaciais, como também, na fase de alta do tratamento por conclusão dos procedimentos

propostos pela equipe multidisciplinar da unidade. Durante esta trajetória, os psicólogos atuam nos vários momentos pré-cirúrgicos e apoio pós-cirúrgicos junto aos pacientes e seus familiares: nas avaliações e atendimentos psicológicos dos mesmos, na realização de projetos de pesquisa. A maioria destas investigações científicas, estão vinculadas ao Curso de Especialização em Psicologia Clínica e são desenvolvidas nos diferentes programas oferecidos pelo hospital, entre eles: " Controle" - tratamento e cirurgias de fissuras labiopalatais, cirurgias ortognáticas, implantes craniofaciais; CEDAUV – Centro de Atendimento aos Distúrbios da Audição, Linguagem e Visão, CEDAU – Centro Educacional do Deficiente Auditivo, CPA – Centro de Pesquisas Audiológicas (implante coclear). Entre os estudos realizados, citam-se dois: o primeiro, verificou-se a orientação psicológica sistematizada na fase pré-cirúrgica, promove o controle da ansiedade em 20 pacientes futuros (de 15 anos a 20 anos); o segundo investiga a validade de um programa interdisciplinar, coordenado pelo setor de Psicologia, oferecido para pais de crianças candidatas ao implante coclear, com o objetivo de diminuir a ansiedade dos adultos mantendo suas possibilidades de cooperar com o trabalho da equipe de profissionais, proposto pelo setor. O Inventário de Ansiedade Traço-Estado (IDATE) foi o instrumento de avaliação, pré e pós intervenção, em ambos os trabalhos. A análise da variação dos resultados obtidos, foi realizada com a prova estatística não-paramétrica de Wilcoxon, que apontou diferenças significativas para A-traço, no relacionado aos dados do primeiro estudo e A-estado no que surge aos do segundo. Considerando o número de pacientes atendidos no HRAC, estudos como estes, são exploratórios e necessitam de continuidade. No entanto, a eficiência das conseqüências aos grupos aqui descritos, foram suficientes para justificarem alterações na rotina dos serviços prestados pelos respectivos setores.

Palavras-chave:

MESA 15.3 Bebês De Risco E Sua Família: O Trabalho Preventivo. *Olga Maria Piazentin Rolim Rodrigues (Departamento de Psicologia, UNESP, Bauru, SP)*

O desenvolvimento infantil pode ser otimizado a partir da identificação precoce do bebê, o encaminhamento para a estimulação sistemática do mesmo, o apoio emocional aos pais e a implementação de um trabalho conjunto com eles. A maternidade que atende preferencialmente usuários do SUS, foi escolhida como o local onde as ações se iniciam. Em parceria com o Banco de Leite, da Secretaria de Saúde do Município que, a partir de alguns fatores (mal letramento, baixo peso, prematuridade, ocorrência de contaminação materna, rejeição e filhos de mães adolescentes) identificaram os bebês de risco e os encaminham para o projeto. Acompanhamento do desenvolvimento de bebês de risco. Este projeto maior se desdobra em alguns projetos de pesquisa e de extensão que são desenvolvidos com a participação de alunos de graduação em Psicologia, enquanto bolsistas de iniciação científica ou de extensão. Um deles tem como objetivo, junto a pais e avós de bebês com nível formação ou com histórias de contaminação (por exemplo, HIV positivo), verificar o impacto desta condição e as estratégias de enfrentamento utilizadas por eles naquele momento. Os resultados mostram que, apesar do avanço tecnológico, a família não tem acesso a informação sobre a condição do bebê como do nascimento e as estratégias de enfrentamento dependem principalmente da rede de apoio que a família espera contar para promover o tratamento do bebê. Um outro projeto se configura como um estudo longitudinal uma vez que objetiva acompanhar o desenvolvimento de bebês de risco, avaliando-os mensal ou quinzenalmente, até um ano de idade, utilizando a escala "O Desenvolvimento da Criança no Primeiro Ano de Vida". A partir do resultado das avaliações feitas, os pais são orientados em como estimulá-los de forma a garantir um desenvolvimento adequado à sua idade cronológica. Os resultados gerais tem mostrado que os bebês de risco, nas avaliações iniciais, apresentam desempenho abaixo do esperado para sua idade cronológica, sendo que 80% deles apresentam o desempenho esperado a partir dos seis meses de idade e 90% deles apresentam o desempenho esperado a partir dos quatro meses de idade." Ainda que os dados sejam parciais, é possível concluir que as orientações dadas aos pais sobre como estimular seus filhos podem otimizar o desenvolvimento de bebês de risco. Outros projetos estão em desenvolvimento a partir de demandas desta clientela: A mãe adolescente e a formação de vínculo com o bebê; O acompanhamento do desenvolvimento de gêmeos idênticos e fraternos, etc.. Considerando que a medida que o trabalho reconhece a importância destes serviços outros projetos poderão acontecer para atender outras demandas e a partir daí e, inclusive a possibilidade de conduzir pesquisas voltadas para eles.

Palavras-chave: Bebê de risco; Avaliação do bebês; Orientação aos pais

---

MESA 16/Psicologia Organizacional e do Trabalho

CULTURA E APRENDIZAGEM: INTERSEÇÕES, PERSPECTIVAS E INTERVENÇÃO DO PSICÓLOGO

MESA 16.1 Organizações Na Perspectiva Dos Sistemas De Poder E Aprendizagem E Atividades Profissionais Do Psicólogo. *José Carlos Zanelli (Programa de Pós-Graduação em Psicologia; Programa de Pós-Graduação em Administração – Universidade Federal de Santa Catarina)*

Propõe-se debater, com base em uma tentativa de interpretação das exigências contemporâneas, as possibilidades profissionais do psicólogo brasileiro no âmbito específico das organizações de trabalho. Diante das redefinições estratégicas que o mundo dos negócios tem estabelecido, em um contexto de profundas transformações, o papel que o profissional psicólogo pode desempenhar nas organizações é visto na perspectiva dos sistemas de poder e aprendizagem.

Palavras-chave: Atividades do psicólogo organizacional; Organizações de aprendizagem; Poder nas organizações

---

MESA 16.2 A Aprendizagem A Partir Da Atividade. *Luiz Carlos Fritzen*

A Atividade é um fenômeno natural que tem dois aspectos, conforme a ótica de seu observador. A atividade pode ser enfocada a partir de seu aspecto objetivo, externo ao seu agente e visível para quem a observa, que corresponde à Ação. E pode ser enfocada a partir de seu aspecto subjetivo, interno ao seu agente e por isso não perceptível para um observador, que corresponde à Aprendizagem.

Assim, aquele que aprende é menos um ator que se adapta a um ambiente dele isolado, e mais um agente que compõe esse ambiente, dele participando ativamente como um de seus elementos formadores e constituintes, e dele recebendo influências formativas e modificadoras.

Esta concepção vai propiciar que se considere a atividade como o elemento que possibilita a ligação entre os níveis indivíduo-organização, a partir do qual pode-se perceber a aprendizagem, seja o nível do indivíduo, como Aprendizagem na Organização – AnO, e sob o nível coletivo, como Aprendizado pela Organização – ApO. Enquanto a AnO é um processo sempre em andamento, que se manifesta quando o indivíduo desenvolve suas atividades e percebe, modifica ou cria novas formas de lidar com suas tarefas e ações, modificando suas funções e modelo mental, a ApO corresponde à apropriação de resultados parciais desse processo, quando a organização incorpora novas formas de atuar no ambiente, modificando sua estrutura sistêmica, tanto no aspecto operacional quanto no aspecto cultural.

O conceito de aprendizagem como processo (AnO) e do aprendizado como resultado (ApO), é utilizado para diferenciar os níveis indivíduo-organização, enquanto o conceito de funções/estrutura e modelo mental/cultura, é utilizado para diferenciar as dimensões objetiva e subjetiva da organização, todos mediados pela atividade. A figura a seguir ilustra essa concepção.

Palavras-chave:

MESA 16.3 Aprendizagem Organizacional Versus Organizações Que Aprendem: Tensões E Convergências Entre Essas Duas Tradições De Pesquisa. *Antonio Virgilio Bittencourt Bastos*

As intensas mudanças no cenário econômico, político, social, cultural e tecnológico, têm conduzido a importantes ajustes nos formatos organizacionais. Esses ajustes se traduzem em tentativas de desenhar estruturas e modelos de gestão que assegurem à organização flexibilidade suficiente para lidar com a incerteza constante. Não existe um único modelo inovador de organização: há uma diversidade de experimentações, de caminhos percorridos pelas empresas para se ajustarem e interferirem no novo contexto que se delineia. Ressaltada tal pluralidade, algumas tendências gerais podem ser percebidas, levando a arranjos institucionais crescentemente complexos, tais a redução do tamanho da unidade de negócio, (b) o movimento em direção a uma estrutura orgânica, (c) a criação de joint ventures; e (d) a emergência de redes organizacionais. É nesse contexto de mudanças que surge o crescente interesse acadêmico e profissional pelo tema da aprendizagem organizacional. A capacidade de aprender tem sido apontada como competência organizacional crítica em tempos de turbulência, volatilidade e hipercompetição. O conhecimento e a sua efetiva gestão passaram a ser vistos como básicos para os processos organizativos em seus múltiplos níveis. Em decorrência, a partir dos anos setenta, cresce fortemente a produção acadêmica e profissional que toma esses fenômenos como objeto de estudo e intervenção. Essa literatura bifurca-se, claramente, em duas grandes vertentes: aquela que, com foco mais acadêmico, investiga os processos de aprendizagem organizacional, revelando-se mais crítica sobre o uso desse conceito; e uma segunda, com preocupação mais aplicada, voltada para caracterizar as organizações que aprendem e, portanto, orientada para prescrições sobre modelos de gestão capazes de ampliar o potencial de aprendizagem da organização. A presente comunicação elege como objetivo central apresentar um panorama abrangente da produção de conhecimento sobre aprendizagem organizacional e as duas vertentes da literatura, apontando-se como, em uma visão cognitivista ou sócio-construtivista da organização, os processos de aprendizagem podem vir a ser alvo de investigação e intervenção.

Palavras-chave: Aprendizagem organizacional; Organizações que aprendem; Barreiras no aprendizado

---

MESA 16.4 Cultura E Aprendizagem Organizacional. *Mirian Silva (Universidade Federal de Santa Catarina)*

Este trabalho discute os principais momentos de interseção entre cultura e aprendizado organizacional. Trata-se de uma reflexão de base teórica que utiliza renomados autores nos campos da aprendizagem e cultura organizacional para contribuir na explicação das interseções que configuram a relação entre cultura e aprendizado organizacional. Na primeira parte, denominada de introdução, realiza-se uma retrospectiva a respeito do conceito de cultura e do aprendizado organizacional, mostrando as razões de interesse renovado pelos conceitos, pontos em comum e algumas considerações preliminares que já posicionam a incorporação da cultura organizacional como um processo de contínuo aprendizado. Também nesse ítem são apresentadas

os objetivos propostos pelo trabalho, bem como os motivos que ajudaram a relevância de sua realização. Na segunda parte são discutidos os grandes momentos que provocam interseção entre cultura e aprendizado organizacional. Os principais pontos de corte se encontram ligados aos momentos da criação, transmissão e perpetuação da cultura organizacional. Nesta etapa são analisados os pontos de interpenetração entre os pressupostos de cultura organizacional de Schein (1984, 1987) e o de estruturas da ação para o aprendizado proposto por Garvin (1993). Também são discutidos os pressupostos fundamentais e respectivos espaços de expressão, cruciais ao desenvolvimento de cultura que oriente a organização para o aprendizado. A guisa de considerações finais é respondida a questão fundamental do estudo referente aos principais momentos de interseção entre cultura e aprendizado organizacional.

Palavras-chave: Cultura; Aprendizagem; Interseção

MESA 17/Psicologia da Família
FILIAÇÃO E PARENTALIDADE: A ADOÇÃO E SEUS SIGNIFICADOS

MESA 17.1 É POSSÍVEL AVALIAR OS REQUERENTES À ADOÇÃO? *José César Coimbra (Ju Vara da Infância e Juventude/RJ)*

Em setembro de 1999 a equipe interdisciplinar (psicólogos e assistentes sociais) da 1a Vara da Infância e Juventude, com a anuência do juiz titular, modificou o procedimento relativo à habilitação para adoção na comarca. Tal iniciativa foi precedida por uma série de considerações relativas ao papel da referida equipe, seus limites e perspectivas no que tange à adoção. Pretendeu-se, de início, relativizar a função avaliativa do procedimento, proporcionando uma ênfase maior nos aspectos associados à informação e à possibilidade de elaboração advindo de um trabalho em grupo onde os participantes estariam, em tese, envolvidos numa mesma questão. Todavia, era preciso apontar em detalhe que ao final do processo nem todos seriam habilitados. Portanto, ainda que houvesse o anseio de uma boa parte da equipe interdisciplinar em afirmar a ultrapassagem do modelo estritamente avaliativo, era preciso entender o que se continuava então ainda a avaliar. As formulações correntes, ancoradas em grande medida nos operadores jurídicos, de que seria preciso verificar se os requerentes são idôneos; se têm estrutura psicológica adequada; quais as razões do desejo para adotar; qual o perfil emocional para serem bons pais, entre outros, não ofereciam, na prática, uma referencial capaz de ordenar a intervenção dos psicólogos ou assistentes sociais. Ainda que se precise reconhecer as especificidades próprias à maquina judiciária, e, por conseguinte, o lugar que aí ocupa a equipe interdisciplinar, a psicanálise nos oferece alguns pontos de orientação a respeito de como lidar com a questão da avaliação nesse contexto de *habilitação para adoção*. Se, por um lado, a questão permanece difícil e espinhosa, por outro, a partir de tais orientações, uma operacionalização delineou-se de modo a ultrapassar os impasses que facilmente surgem ao entendermos o trabalho como o de seleção de quem seria "bom pai" ou "boa mãe". Do mesmo modo, ainda que existam pressupostos culturais que nos levem quase a nomear uma equivalência entre engendramento e filiação, a psicanálise nos oferece subsídios para eventualmente desconstituir tal equivalência. Ressalta-se que este, embora não necessariamente de modo exclusivo pelo viés da psicanálise, é o único caminho para que possamos falar em adoção e, no limite, de adoções tardias e inter-raciais. Assim, uma apreensão sobre o procedimento relativo à habilitação para adoção possibilita uma discussão sobre o papel de equipe interdisciplinar, em particular, sobre o que dela esperam os psicólogos, bem como dos pressupostos que orientam a sua prática. A informação que circula no Grupo de Habilitação, bem como nas entrevistas que o envolvem, podem vir a adquirir um valor muito particular. Se não se pode esperar uma modificação de atitudes e comportamentos apenas a partir de uma informação recebida, pode-se, no entanto, lê-la como um primeiro passo na assunção da responsabilidade própria pela escolha que se faz. E, quanto a isso, todos devem responder a seus modos: requerentes, representantes da máquina judiciária.

Palavras-chave: Adoção; Filiação; Psicanálise

MESA 17.2 PAIS HOMOSSEXUAIS *Anne Marie Lobel (IBMR, Rio de Janeiro)*

No início da década de 80, o desconhecimento sobre a AIDS apresentou uma ambigüidade singular, por um lado, exacerbou o preconceito, ao ser divulgada como "câncer gay" e, por outro, pôs em foco uma sexualidade ignorada, a homo-sexualidade. O número crescente de casais que decidiam parceiros legalmente sem direitos sobre o patrimônio muitas vezes construído em conjunto contribuiu para que nos anos 80 e 90, vários países da Europa legalizassem a união entre pessoas do mesmo sexo. No Brasil, o projeto de lei sobre a parceria civil registrada, debatido na Comissão Especial da Câmara dos Deputados em 1995, suscitou um interessante debate a respeito do objeto a ser legislado e da ambigüidade que o consumiu, e ficou conhecido como "casamento entre homossexuais". Falar em casamento remete aos ideais e às características da união heterossexual e há que se perguntar em que medida são semelhantes. Se o caráter patrimonial desse projeto é razoavelmente claro, o admitido com menos resistência o passo seguinte é a discussão a respeito da formação de família. A mídia, a academia, as conversas corriqueiras entre amigos apontam para uma crise dessa instituição, que vem sendo anunciada já há alguns anos. Além dos relacionamentos, cada vez mais comuns na sociedade brasileira, gerando novos laços familiares que desafiam cidadãos e pesquisadores, o acesso a tecnologias que permitem comprovar quem é o pai da criança e outras que oferecem a pessoas em princípio inférteis a possibilidade da maternidade e da paternidade também engendram novas configurações. Cresce a reivindicação do direito a ser pai e mãe feita por homossexuais, possível graças ao Estatuto da Criança e do Adolescente. A filiação, nesses casos, tem dois caminhos: o recurso a essas novas tecnologias ou à adoção, que prescinde do biológico e serve, portanto, a quem dele não dispõe. O surgimento de famílias que fogem ao padrão tradicional, tal como ocorreu há 30 anos em relação ao divórcio, incita pesquisas. O pedido de adoção feito por homossexuais entra em pauta, acendendo o debate sobre a pertinência do julgamento sobre a capacidade de ser pai ou mãe, o que está em jogo nesta avaliação, além de reflexões sobre os limites e significados do biológico, os novos arranjos familiares, as famílias recompostas, o estatuto jurídico e simbólico dos novos parceiros dos pais biológicos. Surge, nesse contexto, uma nova concepção pluriparentalidade - concebe a existência de mais de um pai e uma mãe para a criança. A discussão sobre a pluriparentalidade não se restringe aos homossexuais, quando se trata de adoção, mas a todas as situações em que mais de duas pessoas estão envolvidas com as crianças e estabelecem algum tipo de vínculo parental. A parcialidade da situação talvez possa trazer esse debate como contribuição.

Palavras-chave: Adoção; Homossexualidade; Filiação

MESA 17.3 PAI / FILHO: UMA QUESTÃO DE ESCOLHA? *Solange Diniz (Rio de Janeiro - RJ)*

Este trabalho teve por objetivo analisar - com base nos processos judiciais de adoção por parte do cônjuge - as transformações ocorridas na família, na sociedade e na Justiça e suas implicações na construção da identidade da criança. Trouxe-se o surgimento de novos conflitos e questionamentos que emergem do desejo dos adultos de minimizar o sofrimento das crianças e os seus próprios, buscando "apagar" um passado doloroso. As alterações ocorridas pelas famílias e legitimadas pela Lei do Divórcio e pelo Estatuto da Criança e do Adolescente possibilitaram profundas mudanças no cotidiano das crianças e na construção de suas identidades. Questões mal resolvidas quando da dissolução da união conjugal, e especialmente quando a guarda do filho, encontram "respaldo" no polêmico parágrafo do artigo 41 do Estatuto da Criança e do Adolescente que possibilita ao atual cônjuge adotar o filho/a de seu companheiro/a. Nosso eixo a partir dessas questões é a dificuldade de os adultos conviverem com novas formas de constituição familiar. Impulsionados pela fantasia da onipotência, acreditam na concretização da relação adotiva para mudar definitivamente a identidade do filho e oferecer a este um pai "melhor" ou um "novo pai", que deverá ser amado e respeitado incondicionalmente, retornando, assim, ao "modelo ideal" pai, mãe e filhos. O estudo dos processos e a análise dos discursos do novo casal auxiliaram nos profissionais a necessidade de repensar a sua prática e tentar estabelecer critérios que representem emocionalmente "o melhor interesse" e os "reais benefícios" para a criança, fruto de um momento de intensas turbulências, de diferentes ordens. Através da análise da motivação que impulsiona os atuais cônjuges e do momento em que a busca pela adoção acontece, surgem novas questões sobre o seu significado, assim como o da destituição do pátrio poder. Aprecia-se aqui também a possibilidade da criança se manifestar quanto ao fato de querer ou não ser adotada. O fato de a criança poder ser ouvida e respeitada não deverá colocar em suas mãos o poder decisório. A criança encontra-se muitas vezes sem um dilema: caso seja favorável a adoção trairá seu pai biológico, caso seja contra, viverá uma situação constrangedora em relação a sua mãe e ao seu padrasto. Em ambos os casos, possivelmente haverá um conflito de lealdade. Por fim, procuramos demonstrar a responsabilidade de toda a equipe técnica jurídica no encaminhamento dos pedidos que chegam através dos processos, que vai além do simples cumprimento do Estatuto da Criança e do Adolescente. Os possíveis significados e desdobramentos que a adoção feita pelo cônjuge pode ter vêm sido um desafio. A repercussão que um parecer favorável ou desfavorável tem na vida dessa família impõe uma reflexão cuidadosa sobre essa prática adotada pela nova lei.

Palavras-chave: Adoção; Filiação; Família

MESA 18/Psicologia da Religião
CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA DA RELIGIÃO PARA O TRABALHO PSICOTERÁPICO

MESA 18.1 PERDER E RECUPERAR A ALMA: TENDÊNCIAS RECENTES NA PSICOLOGIA SOCIAL DA RELIGIÃO NORTE-AMERICANA E EUROPÉIA. *Geraldo José de Paiva (USP, São Paulo, SP. GT Psicologia & Religião, ANPEPP)*

A palavra alma, tradicional no vocabulário das religiões e em escritos fundamentais da Psicologia, com destaque para Freud, praticamente desapareceu da linha-mestra da linguagem psicológica. Com a palavra desapareceu também o conceito de uma instância provavelmente essencial da realidade humana, tanto do ponto de vista estrutural como do dinâmico. Ao contrário de denominações que identificam alma com espírito e alma com mente e contrapõem alma à corpo, é possível resgatar a articulação originária desses conceitos na antigüidade clássica, nas fontes bíblicas, nas expressões idiomáticas das línguas ocidentais e, mesmo, no vocabulário psicológico fundador. A articulação pregressa, sem anular as distinções derivadas da modernidade clássica, permite corrigir os excessos dessas distinções que vêm

resultando em desintegração da psique e do próprio ser humano. Embora esta recuperação possa estar relacionada à pós-modernidade, como negação da razão raciocinante, é possível entendê-la como uma autocrítica da modernidade contemporânea. A religião, encontrada aqui e suas modalidades ocidentais, tradicionais ou não, apresenta um objeto a que se refere o ser humano em todas as suas formas de articulação. Não é tanto o emprego da palavra "alma", quanto a recusa de seu desemprego, que torna interessante para o psicólogo, a serviço da psique (terapeuta de psiques), a atenção para o vocabulário religioso. Não se supõe que o uso da palavra "alma" pela religião seja necessariamente sadio, mas tampouco se supõe que seja patogênico. Apontam-se e discutem-se estudos recentes, norte-americanos e europeus, que tentam restituir à "alma" uma posição estrutural e dinâmica na psique.

Palavras-chave: Psicologia da religião; Vocabulário psicológico; Alma

---

MESA 18.2 PSICOLOGIA E RELIGIÃO: RECURSOS PARA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO. *Murilo Antonio Lopes* (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Universidade Paulista, São Paulo, SP, GT *Psicologia & Religião*, da ANPEPP)

A aproximação entre Psicologia e a Religião, considerada como um importante elemento da cultura e conseqüentemente constituinte da subjetividade humana, permite a revisão e a (re)apropriação de trajetos metodológicos que apontam para uma aproximação ao objeto de estudo, com a intenção de apreendê-lo e compreendê-lo, através de outros recursos que não apenas os exclusivamente racionais. O método científico experimental aponta para a racionalidade como o único instrumento para a produção de conhecimento, baseado na observação e experimentação sentidas com o máximo de neutralidade, ou seja, com a interferência de outros aspectos do sujeito-experimentador. Os vários recortes necessários para a produção científica assim concebida obrigam o experimentador a construir sobre ao redor dos inúmeros modos de estar no mundo e conhecê-lo, restringindo seu próprio potencial para experiências. Aprender e controlar os fenômenos que experiencia. Criam-se espaços proibidos, considerados irracionais, inadequados ao desenvolvimento da ciência, e as religiões, com toda a sua riqueza simbólica, são colocadas nesse espaço. Como em qualquer processo repressivo, aquilo que foi reprimido começa a vazar, a manifestar-se pelas bordas, a desenhar um espaço fora da fala oficial. Assim é que ressurgem na área da Psicologia as formas alternativas de aproximação aos fenômenos, entre elas a da meditação. O número de psicólogos que praticam a meditação, que se interessa pela mesma e que a considera um instrumento que produz um certo modo de conhecer é significativo, encontrando-se na literatura textos que se referem a seu efeito na prática clínica, na transformação pessoal ou no modo de conhecer. O termo meditação, no entanto, remete, na fala cotidiana a religiões e filosofias orientais colocando-se fora do campo da ciência e torna-se tabu nos meios acadêmicos. Inúmeros psicólogos a praticam e consideram seus benefícios, evitando falar desse recurso em ambientes acadêmicos e profissionais. A verificação do que é chamado meditação nas religiões cristãs permite reconhecer uma grande similaridade com as atitudes e movimentos subjetivos propostos pelo método fenomenológico, como apresentado inicialmente por Husserl e assumido posteriormente pelas ciências humanas, entre elas a Psicologia, mostrando que este pensador, filho de um pastor protestante, lançou mão no desenvolvimento de seu trabalho científico de referências e movimentos assumidos em sua formação religiosa. O reconhecimento de tais apropriações não implica uma mera transferência de um campo disciplinar para outro, mas permite uma análise das transformações sofridas nessa passagem, que possibilitaram a criação de um novo modo de fazer ciência a partir da conceituação de um campo intencional que inclui o pesquisador e considera suas crenças e pressupostos. Da mesma forma, as aproximações entre o método exegético e o método hermenêutico desenvolvido nas ciências humanas, permitem recuperar a história da cultura na qual a ciência psicológica se desenvolveu de forma a clarear as suas referências mais amplos, permitindo a reinserção de recursos metodológicos e pessoais dos pesquisadores e profissionais da área. Permite, outrossim, a distinção entre o uso de tais recursos em Psicologia e em Religião. A inserção no âmbito da Psicologia oficial de modos diferenciados de conhecer enseja a discussão, análise crítica e avaliação dos recursos utilizados, possibilitando sua aceitação, reformulação ou rechaço, movimento este ansiosamente para o desenvolvimento da área da Psicologia como ciência e como profissão.

Palavras-chave: Psicologia da Religião; Pesquisa fenomenológica; Meditação

---

MESA 18.3 O CORAÇÃO DO SER HUMANO. *Mauro Martins Amatuzzi* (Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP, GT *Psicologia & Religião*, ANPEPP)

Existiria uma estrutura unitária fundamental no psiquismo humano? Algo que nos permitisse compreender a unidade e a intencionalidade subjacente às suas diversas funções? Essa preocupação ficou fora da abordagem científica da psicologia em seus primórdios. No entanto hoje conhecemos, a partir da história das doutrinas religiosas ou das expressões plásticas de arte sacra, por exemplo, representações de uma possível estrutura unitária do psiquismo. Estas representações sugerem construções bastante interessantes para visualizarmos questões que se colocam na prática da psicologia clínica atual, seja em contexto de consultório, seja em contexto comunitário. Essa exposição pretende explicar, nesse sentido prático da psicologia, as possibilidades de uma destas representações de estrutura unitária fundante do psiquismo: a imagem do "coração". Buscar-se situar o problema a partir de questões que se colocam na clínica, no que diz respeito à compreensão psicológica da vivência de opressão, de infelicidade, de sentimento de não realização pessoal, ou de estagnação de um processo pessoal. Pretende-se depois aproximar dessas situações as possibilidades de compreensão que decorrem dessa possível estrutura fundante representada como o "coração". Os significados do "coração" serão exploratoriamente buscados na tradição semita bíblica e em alguns pensadores cristãos da antiguidade ou da idade média. As sugestões que decorrem dessa aproximação parecem ser claras. Destacam-se, por exemplo, a concepção mais articulada do pensamento, sentimento e opção, por um lado e, por outro, a possibilidade de uma separação artificial entre estas três instâncias, quando a pessoa se distancia de seu "coração". Também ficam mais claras as pistas que daí decorrem para um processo de integração pessoal. Como conclusão se buscará compreender o que podem significar expressões como: "distanciar-se do coração", "ter o coração dividido", "voltar ao coração", "coração de pedra", etc.

Palavras-chave: Psiquismo; Integração pessoal; Coração

MESA 19/História da Psicologia

A IMPORTÂNCIA DA HISTÓRIA DA PSICOLOGIA NO BRASIL: O RESGATE E PIONEIROS E SUAS IDÉIAS

MESA 19.1 HELENA ANTIPOFF: UM MARCO NA HISTÓRIA DA PSICOLOGIA EM MINAS GERAIS. *Erika Lourenço*[1] (*[1]Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais – Belo Horizonte – MG*), *Regina Helena de Freitas Campos* (*Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais – Belo Horizonte – MG*)

Helena Antipoff (1892-1974) nasceu na Rússia e, mudou-se para a França em 1909, onde iniciou sua formação superior. Em 1912, transferiu-se para a Suíça, como aluna do Instituto Jean Jacques Rousseau. No final da década de 1910, retornou à Rússia, trabalhando como psicóloga em instituições que acolhiam as crianças órfãs e abandonadas em decorrência dos conflitos militares em que o país se envolvera. De volta a Genebra em 1926, foi professora de psicologia da educação no Instituto Jean Jacques Rousseau e assistente da Cátedra de Psicologia no laboratório de psicologia da Universidade de Genebra. Tendo formação e experiência em psicologia da criança e experimental, e atenta aos novos métodos pedagógicos propostos pelos escolanovistas europeus, em 1929, Antipoff foi convidada pelo governo de Minas Gerais para vir para Belo Horizonte. Na Escola de Aperfeiçoamento de Belo Horizonte, criada para formar os professores das escolas públicas nos novos métodos pedagógicos que deveriam ser implantados no estado com a Reforma do Ensino proposta por Francisco Campos e Mário Casassanta, Antipoff trabalhou como professora de psicologia da criança e orientou pesquisas com o objetivo de conhecer as características psicológicas das crianças mineiras. Decidindo ficar definitivamente no Brasil, Antipoff destacou-se por sua atuação na área da psicologia e da educação. Esta pesquisa teve como objetivo investigar o desenvolvimento da psicologia no estado de Minas Gerais a partir das contribuições de Antipoff. As fontes utilizadas para o estudo foram os textos publicados pela psicóloga, além de seus documentos inéditos, atualmente sob os cuidados dos Arquivos UFMG de História da Psicologia no Brasil. Foi utilizado o método biográfico para leitura e interpretação dos documentos e artigos encontrados, o qual permitiu combinar internalismo e externalismo, ambos relevantes para estudos historiográficos. Considerando as propostas antipoffianas de pesquisas em psicologia experimental e do uso da psicologia e de seus métodos como bases para a pedagogia, e, conjugando estas propostas com o contexto social e científico no qual foram apresentadas, chegou-se, dentre outros, aos seguintes resultados acerca de sua participação no desenvolvimento da psicologia em Minas Gerais: contribuiu para o desenvolvimento da psicologia da educação, conferindo à mesma uma ligação com as idéias escolanovistas, com os ideais de defesa dos direitos das crianças, com a orientação da psicologia funcionalista e com elementos da psicologia soviética; sua participação na implementação de propostas de integração de crianças com necessidades especiais no sistema de ensino público; foi a fundadora da cadeira de psicologia educacional nos cursos de licenciatura e de pedagogia da Universidade de Minas Gerais (atual Universidade Federal de Minas Gerais); proporcionou a vinda, à Belo Horizonte, do psicólogo genebrino Andre Rey, para dar curso de psicologia experimental, curso do qual emergiu a idéia da fundação da Sociedade Mineira de Psicologia; foi a primeira presidente da Sociedade Mineira de Psicologia, cujos membros investiram no movimento de criação dos cursos de psicologia no Estado e no movimento pela regulamentação da profissão de psicólogo. A amplitude da atuação de Antipoff na psicologia mostra que sua presença foi um marco para o desenvolvimento da psicologia em Minas Gerais.

Apoio: CNPq

Palavras-chave: História da Psicologia; Biografia; Helena Antipoff

---

MESA 19.2 ULISSES PERNAMBUCANO, PESQUISADOR E AGENTE EM QUESTÕES BRASILEIRAS. *Antonio Carlos Frauze*[1] (*[1]Departamento de Psicologia Clínica, Universidade de Brasília, Brasília-DF*), *Regina Lúcia Sucupira Pedroza* (*Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento, Universidade de Brasília, Brasília-DF*)

Este estudo analisa, a partir de uma revisão histórica, a atuação do literato mestre recifense, Ulisses Pernambucano, enquanto médico, psicólogo e educador, com o objetivo de investigar em que medida as práticas por ele desenvolvidas nas décadas de 20 e 30 podem enriquecer o debate

contemporâneo nas áreas da Psicologia em que atuou. Dentre suas contribuições, cumpre ressaltar, na área da educação, o trabalho desenvolvido como Diretor da Escola Normal Oficial de Recife, em período decisivo (1923 a 1927) para sua consolidação como instituição formadora de corpo docente para o ensino primário. Nessa atuação, já pode ser caracterizada a preocupação com a formação de pesquisadores orientados para a produção – e não mera reprodução – de conhecimento, evidenciando seu espírito criador e o compromisso com a sua adequação fundamentada na investigação da realidade existente, dialogando com teorias já instituídas sem a elas subordinar-se. Somase a isso o pioneiro desenvolvimento, em 1925, em parceria com a Dra. Anita Paes Barreto, sua aluna na Escola Normal, de estratégias de educação voltadas para o atendimento de crianças excepcionais. De sua atuação como Diretor da referida Escola, decorre seu reconhecimento de interessar professores e alunos nas questões práticas da Psicologia. Devendo à criação, ainda em 1925, do Instituto de Psicologia, de particular relevância por tratar-se da primeira instituição autônoma desse gênero no Brasil, no sentido de não vincular-se diretamente ao universo médico. A experiência adquirida como educador e administrador fez com que seu nome fosse lembrado para recolocar a difícil situação do Ginásio Pernambucano. Esta importante instituição de ensino público que se encontrava deteriorada foi recuperada com pleno êxito pelas reformas das instalações físicas e modernização administrativa e pedagógica. Por fim, cumpre mencionar sua atuação na área psiquiátrica, a qual possibilitou, no campo acadêmico, o surgimento da Escola Psiquiátrica do Recife, inovadora em sua concepção interdisciplinar. No campo do atendimento público realizou amplo reforma na administração da Saúde Mental, a qual incorporava elementos até hoje inovadores, como a contribuição de serviços abertos e a participação das famílias no tratamento. Adotou nesse campo – como, em todos aqueles em que atuou – o profundo compromisso do profissional com aquele a quem atende, exemplo ainda significativo em toda atuação pública. O resgate das idéias e realizações de Ulisses Pernambucano não está voltado, aqui, para o saudosismo ou a tentativa de encontrar, no passado, algumas receitas ou modelos perdidos. Buscou-se, no pioneiro, o interlocutor em questões atuais sobre o ensino público e o atendimento em Saúde Mental e, principalmente, na postura ética do pesquisador e técnico comprometido com a realidade que estuda e na qual intervém.

Palavras-chave: Ulisses Pernambucano; História da Psicologia; Saúde Mental.

MESA 19.3 NISE DA SILVEIRA: SENSIBILIDADE E CORAGEM! *João Marcelo Santos Soeiro** (*Departamento de Processos Psicológicos Básicos, Universidade de Brasília, Brasília - DF*)

A presente pesquisa biográfica objetivou, através da vida e da história da psiquiatra Nise da Silveira, resgatar a grande importância que esta teve tanto para psiquiatria, quanto para a psicologia, no Brasil. A biografia constitui um dos modelos historiográficos de reconstrução da história, onde esta é reconstituída através das idéias, ações, atitudes, decisões da pessoa biografada. Trata-se de encarar a história - história da psicologia, no caso - através da vida de grandes personalidades. Nise da Silveira formou-se em medicina em 1926. Em 1933 é aprovada em um concurso para médico psiquiatra e passa a trabalhar no hospício da Praia Vermelha, localizado no Rio de Janeiro. Em 1936 uma enfermeira do hospício encontra livros de cunho socialista na mesa de Nise e a denuncia à administração. Nise é presa e só recebe sua proclamação em 1944, agora no Centro Psiquiátrico Nacional Pedro II (CPN), no Engenho de Dentro. Nise, por discordar dos métodos psiquiátricos utilizados no hospital (eletrochoque, lobotomia etc.), assume a Seção de Terapia Ocupacional e Recreação (STOR). Na STOR, Nise cria ateliers de trabalho artesanal e ateliês de atividade expressiva. A expressão livre através do desenho, pintura e modelagem, revelou-se de grande interesse científico, por permitir melhor acesso ao mundo interno do esquizofrênico (além de se mostrar uma verdadeira modalidade de psicoterapia). A produção plástica dos psicóticos lá reunida além das representações diversificadas e veladas dos conteúdos pessoais reprimidos, o que fez com que Nise rechace qualquer chavão psiquiátrico utilizado em relação às obras, como "arte psicótica" ou "arte psicopatológica". A grande quantidade e a alta qualidade de várias das pinturas desencadearam na idéia da realização de uma exposição das obras. A primeira grande exposição das obras dos pintores do CPN realizou-se em 1947, no Antigo Ministério de Educação e Cultura (RJ). Em 1952, foi criado o Museu de Imagens do Inconsciente (MII) com a intenção de reunir o volumoso material de importância científica e artística. Ainda na década de cinquenta, Nise trava correspondências com Carl Jung e, em 1957, viaja para Zurique, como bolsista do CNPq, a fim de fazer estudos no Instituto C. G. Jung. Em setembro do mesmo ano, em uma exposição de produções plásticas de esquizofrênicos que se realizaria paralelamente ao II Congresso Internacional de Psiquiatria, Nise apresenta várias pinturas e modelagens de vários autores do Engenho de Dentro. A exposição foi aberta por Jung e teve por título geral A Esquizofrenia em Imagens. A partir de 1958, uma ou duas exposições eram organizadas por ano. Nise da Silveira deu grandes passos na direção do tratamento dos esquizofrênicos. Suas inovações técnicas - indiscutíveis de sua ética - serviram de ensinamento e exemplo no passado, servem no presente e servirão ao futuro.

* Trabalho realizado sob a orientação da Professora Rachel Nunes da Cunha, no projeto de História da Psicologia no Brasil.

Palavras-chave: História da Psicologia; Nise da Silveira; Biografia.

MESA 19.6 RODOLPHO AZZI – RESGATANDO UM NOME DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO NO BRASIL... *Rachel Nunes da Cunha* (*Departamento de Processos Psicológicos Básicos, Universidade de Brasília – Brasília – DF*)

Esta pesquisa biográfica tem como objetivo resgatar a importância de Rodolpho Azzi para a história da psicologia no Brasil, a partir de sua contribuição, em especial, à análise experimental do comportamento. Rodolpho Azzi nasceu em 4 de outubro de 1927, em Piracicaba, São Paulo. Formado pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo; durante o ano letivo de 1954 foi assistente da cadeira de ética desta faculdade da USP. De 1955 a 1956 foi contratado como professor de psicologia da Faculdade de Filosofia da Universidade Nacional do Paraguai e de 1957 a 1960 foi professor de psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São José do Rio Preto. De 1961 a 1964 foi instrutor do curso de psicologia da Universidade de São Paulo. Neste período, Rodolpho Azzi conheceu Fred Keller, professor visitante da USP, em 1961. A partir dessa data trabalha com Fred Keller, Carolina Bori e, Gilmour Sherman, sucessor de Keller na USP em 1962. Em 1962, quando Carolina Bori a convite de Darcy Ribeiro, lidera a equipe para organizar o departamento e o curso de psicologia da Universidade de Brasília, Rodolpho Azzi e Gilmour Sherman e Fred Keller têm importante papel no projeto do novo curso na nova universidade, constituindo a equipe de Brasília. Rodolpho, Carolina e Sherman iriam aos Estados Unidos para compra de equipamento e visitas a departamentos de psicologia de várias universidades americanas. Dessa viagem, surge a colaboração de Rodolfo, Carolina e Sherman com Keller para o desenvolvimento de um novo método de ensino, o PSI, que iria empregado na Universidade de Brasília para o ensino de disciplinas de cursos de graduação. Rodolpho Azzi exerceu um papel importante no ensino, na formação e na divulgação da análise do comportamento no país. Traduziu vários textos importantes, por exemplo, Princípios de psicologia e Aprendizagem e reforço, ambos de Fred Keller; Ciência e comportamento humano, de Skinner e Análise do Comportamento, de Holland e Skinner. Publicou vários artigos em periódicos, sendo alguns relatos de pesquisas e outros sobre o ensino de psicologia. Foi consultor da Abril Cultural na Coleção os Pensadores, traduzindo Contingências de reforço e escrevendo uma nova introdutória sobre Skinner. O primeiro glossário em português, da análise do comportamento foi publicado por Rodolpho e colaboradores, 1962, no Journal of the Experimental Analysis of Behavior, com o título "Suggested Portuguese Translations of Expressions in Operant Conditioning", visando o uso de termos em português equivalentes aos termos em inglês, de modo a atender à necessidade do momento de traduções de textos, garantido a precisão técnica da área. Em 1965, a análise do comportamento estava em expansão, sendo ensinada e investigada no Brasil. Na UnB, no dia 19 de outubro de 1965 foi um dia sinistro que a levou fechar as portas por alguns meses, pois, por motivos políticos 19 professores foram demitidos, entre eles, Rodolpho Azzi, em conseqüência, 203 professores se tornaram demissionários em solidariedade aos 19 colegas. Rodolpho Azzi faleceu em julho de 1993, deixando-nos sua trajetória pela construção do saber, do ensinar e de uma sociedade democrática.

Palavras Chaves: História da psicologia, Biografia, Rodolpho Azzi

Palavras-chave: História da Psicologia; Educação dos Costumes; Reações ao Behaviorismo

---

MESA 20/Psicologia do Desenvolvimento

COMPREENDENDO O AUTISMO. DIFERENTES PARADIGMAS

MESA 20.1 ESCLARECENDO AS TERMINOLOGIAS: TRANSTORNO GLOBAL/INVASIVO DO DESENVOLVIMENTO, ESPECTRO AUTISTA, PSICOSE. *Cleonice Alves Bosa* (*Instituto de Psicologia. Departamento de Psicologia do Desenvolvimento e da Personalidade, UFRGS*)

É evidente o volume crescente de artigos, livros e trabalhos apresentados em congressos sobre autismo. Tal produção reflete não apenas interesse, mas, sobretudo, nossa ignorância sobre vários aspectos que ainda permanecem obscuros: por exemplo, a questão da definição, etiologia, diagnóstico, avaliação e intervenção. Contudo, longe de ser o caso, são justamente as incertezas que permeiam essa condição e que incitam os profissionais de diferentes áreas a realizarem um trabalho conjunto, que não seja apenas o somatório de suas experiências isoladas. Uma revisão rápida da literatura permite-nos encontrar a palavra "autismo" escrita de diferentes formas - com "a" maiúsculo e minúsculo, com e sem artigo na frente da palavra (o Autismo? ou autismo?), como síndrome comportamental, síndrome neuropsiquiátrica/neuropsicológica, como transtorno invasivo do desenvolvimento, transtorno global do desenvolvimento, transtorno abrangente do desenvolvimento, transtorno pervasivo do desenvolvimento, espectro autista, psicose infantil, precoce, simbiótica, etc. Ouve-se falar em pré-autismo, pseudo-autismo e pós-autismo. A confusão denota da um arcabouço de terminologias, cuja natureza justifica-se pelas diferentes bases epistemológicas que orientam o pensamento e a ação de cada profissional. Todavia, a questão da epistemologia nem sempre é objeto de estudo e debates. A conseqüência é que, paradoxalmente, encontramo-nos numa espécie de torre de Babel, discutindo os "problemas da comunicação e empatia" dos autistas, quando a própria comunidade de profissionais tende a isolar-se em "suas verdades", incapaz de transitar no domínio alheio e de colocar-se no ponto de vista do conhecimento do outro. A proposta do

presente trabalho é chamar a atenção para essas questões, focalizando a mudança no conceito de autismo, conforme refletido em diferentes sistemas de classificação de doenças mentais. Para tanto, traça-se um histórico sobre os estudos nessa área, buscando-se identificar, nessas mudanças, as bases epistemológicas subjacentes. Além disso, serão apresentados dados empíricos atuais acerca do funcionamento afetivo e cognitivo de pessoas com autismo. Conclui-se que, no amálgama das discussões sobre o conceito e a consequente dicotomia categorial transtorno do desenvolvimento vs psicose está a antiga discussão filosófica racionalismo vs empirismo. As conclusões sobre as pesquisas atuais são de que os resultados corroboram muitas das observações realizadas por Kanner quanto ao funcionamento afetivo, social e cognitivo de crianças com autismo, ao mesmo tempo em que descartam outras (ex: prevalência em determinados grupos sociais). Finalmente, as observações sobre os aspectos familiares dos casos que ele acompanhou também necessitam ser discutidas à luz de estudos atuais e da teoria sobre a interação social cuidador-criança.

Palavras-chave: Autismo; Transtorno do desenvolvimento; Psicose

***

MESA 20.2 CONTRIBUIÇÕES E IMPASSES DA PSICANÁLISE NO DIÁLOGO COM O TRATAMENTO CLÍNICO. *Carlos Estellita-Lins (Instituto Fernandes Figueira – Fiocruz)*

A metapsicologia psicanalítica estabelece uma relação complexa com a nosologia do espectro autístico desde Kanner e Asperger. Este trabalho discute alguns aspectos desta interação de campos conceituais distintos através da recepção e elaboração psicanalítica da categoria de autismo. A repercussão do debate teórico é enfocada a partir de sua inserção em uma concepção do desenvolvimento infantil pós-freudiana, marcada pela hipótese de relações objetais precoces. As implicações terapêuticas são discutidas através dos impasses e contribuições da psicanálise à psiquiatria da infância e adolescência e ao campo cognitivista, destacando questões contemporâneas.

Palavras-chave: Autismo; Psicanálise; Psiquiatria infantil

***

MESA 20.3 AUTISMO: DO ENFOQUE COGNITIVISTA À VISÃO DESENVOLVIMENTISTA. *Carolina Lampreia (Departamento de Psicologia, PUC-Rio)*

Desde a primeira descrição por Kanner em 1943, a noção de autismo infantil tem sofrido uma série de reformulações. Estas reformulações se dão tanto no campo das classificações psiquiátricas quanto na própria visão de sujeito autista que reflete novas conceitualizações no campo psi. No campo da psiquiatria, o "distúrbio" é visto primeiro como uma psicose e categorizado como esquizofrenia infantil (DSM II) para, em seguida, passar a ser visto como uma desordem do desenvolvimento (DSM III). No campo da psicologia, o autismo infantil – agora concebido como uma desordem do desenvolvimento – passa de uma visão cognitivista, onde o "distúrbio" é colocado no sujeito e busca-se descobrir o déficit primário, para uma visão desenvolvimentista que, embora admita desordens de cunho biológico, enfoca o desenvolvimento e a relação do sujeito autista com seu meio social. O presente trabalho deverá enfocar, primordialmente, este segundo tipo de discussão onde será feito um paralelo com a oposição entre teorias modulares da mente e concepções construtivistas de sujeito.

Palavras-chave: Autismo; Cognitivismo; Desenvolvimentismo

****

MESA 21 Psicologia do Desenvolvimento
AUTONOMIA - CRENÇAS E VALORES DE EDUCADORES INFANTIS

MESA 21.1 UM IDEAL DE CRIANÇA NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR: FÁCIL OU DIFÍCIL?. *Vera Maria Ramos de Vasconcellos, Sindy de Almeida Batista Dermanduc* e Flávia Maria Cabral de Almeida* (Departamento de Psicologia – Universidade Federal Fluminense – Niterói – RJ)*

Este trabalho tem por objetivo verificar os diferentes modos de interação professor-aluno e a produção de formas de ação promotoras de heteronomia e de autonomia. O Referencial Curricular Nacional/1998 e as Diretrizes Curriculares Nacionais/2000 de Educação Infantil apresentam autonomia como um dos principais objetivos educacionais. Neste trabalho a visão das professoras sobre criança "ideal", "fácil" e "difícil" e a relação que fazem com autonomia serão analisadas em suas falas nas práticas pedagógicas cotidianas dessas profissionais. Cada uma das 50 professoras entrevistadas foi convidada a descrever sua concepção de "criança ideal" em uma questão aberta: "Agora nós gostaríamos de saber quais são as suas idéias sobre "criança ideal". Em outro momento da entrevista, a professora deveria selecionar quatro crianças de sua própria turma, sendo duas crianças consideradas por ela como "difíceis" e duas consideradas "fáceis", explicando a razão das suas escolhas. Num segundo momento relacionamos cada característica descrita em suas respostas, categorizando-a como Expressões das Emoções, Comportamento Social em uma orientação individual ou social, Habilidades relacionadas ou não à escola e Estado de Espírito e/ou Aparência. As características relativas ao comportamento social foram divididas entre aquelas que continham uma orientação individual ou social, verificando-se, dessa maneira, como aparece uma ou outra tendência moral na descrição livre de cada professora. As características referentes às habilidades relacionadas à escola aparecem em apenas duas falas sobre a criança ideal, apesar das entrevistas terem sido realizadas em espaço físico de educação infantil. Tais dados demonstram que a criança ideal é analisada do ponto de vista educacional como um todo, não apenas relacionando-a com habilidades específicas escolares. Num terceiro e último momento, investigamos uma suposta relação entre a criança fácil/ideal na fala das professoras. Ainda que algumas professoras se recusassem a considerar a questão da criança ideal, ao descreverem uma suposta criança, elas adotaram características, por vezes, semelhantes às de crianças selecionadas por ela como fáceis. Ao compreender a Educação Infantil como um lugar que prepara a formação dos princípios morais e que tanto as crianças como os educadores têm seus valores construídos e revalidados na dinâmica social, o presente estudo busca favorecer a reflexão sobre as atividades de Educação Infantil e as práticas que desenvolvem a autonomia ou a heteronomia, bem como desnaturalizar concepções sobre o que é uma criança "ideal", "fácil" ou "difícil".

Palavras-chave: Autonomia; Criança ideal/fácil/difícil; Interação

***

MESA 21.2 AUTONOMIA E MORAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL. *Adelaide Alves Dias (Universidade Federal da Paraíba – UFPB) e Ana Carolina Fioravanti * (Universidade Federal Fluminense - UFF/RJ)*

O presente trabalho tem por objetivo relacionar concepções de autonomia, moral e educação moral de educadores infantis com o desenvolvimento de práticas pedagógicas de promoção da autonomia. Baseia-se numa abordagem teórica que explica moralidade humana e autonomia como processos incessantes de conquista que são desenvolvidos num campo dialógico-relacional. Neste trabalho o fundamento da autonomia é buscado na educação moral, enquanto espaço privilegiado de interlocução entre as dimensões pessoal e social inerentes ao processo de construção do conhecimento moral. Essa educação moral traz subjacente a idéia de um processo pedagógico de natureza dialógica, fundamentado no respeito mútuo, na cooperação e no desenvolvimento da capacidade de reflexão crítica sobre as questões éticas postas pelo agir humano no mundo sociomoral. Moral aqui é entendida como um processo construído sócio-historicamente por sujeitos concretos que vivenciam as contradições culturais inerentes às suas próprias histórias pessoal, familiar e profissional. Assim, o processo ensino-aprendizagem de valores é sempre mediado por processos socioculturais, sendo a forma como os educadores concebem determinados valores, 'norte' para suas ações pedagógicas cotidianas. Neste trabalho, as correlações possíveis entre concepções e práticas recorrentes na falas dos educadores são analisadas, com o objetivo específico de compreender como os educadores infantis relacionam tais dimensões com a educação moral e a moral. A pesquisa empírica foi realizada visando responder à seguinte questão: como as concepções de autonomia, moral e educação permeiam a prática educativa dos educadores infantis? A pesquisa empírica contou com 15 professoras (de 23 da pesquisa original) oriundas de 8 creches públicas da cidade de Niterói – RJ, todas do sexo feminino com idades variando entre 21 e 46 anos, formação profissional de nível médio ou superior e com uma média de 6 anos e 5 meses de atuação profissional em unidades de Educação Infantil, responsáveis por crianças de cinco anos e meio. Instrumentos: -Entrevista com as seguintes questões: (1) qual o significado da moral e qual a importância da educação moral na educação infantil; (2) o que as educadoras pensam sobre a autonomia, enquanto um dos principais objetivos educacionais a ser alcançado na Educação Infantil; (3) como entendem o trabalho educativo de promoção da autonomia nesse segmento e quais as suas implicações, e (4) quais estratégias e procedimentos relevantes para o trabalho educativo de desenvolvimento da autonomia. Os resultados revelam que a relação que as professoras estabelecem entre as suas concepções e o desenvolvimento de suas práticas são correspondentes. A maioria das entrevistadas concebe a conquista da autonomia, pelas crianças, como um processo individualizado e descontextualizado e isso reflete na forma como elas concebem o desenvolvimento de práticas educativas de promoção desta conquista: de forma espontânea, com o fim em si mesma, sem a devida interlocução com os objetivos e fins de suas práticas. Nota-se uma maior disposição das professoras em buscar formas de articular Educação Infantil com determinadas perspectivas de educação moral, de forma integrada. Isto é indicador que a relação autonomia, moral e educação moral não só é possível como necessária para o desenvolvimento de ações educativas voltadas para o exercício da autonomia.

CAPES/PICD

Palavras-chave: Autonomia; Educação Moral; Educação Infantil

***

MESA 21.3 AUTONOMIA MORAL E A AÇÃO EDUCATIVA. *Lia Beatriz de Lucca Freitas (Instituto de Psicologia - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)*

Nosso ponto de partida, neste trabalho, são alguns resultados de uma pesquisa qualitativa realizada com professoras de escolas infantis da cidade de Porto Alegre, que consideram a teoria piagetiana como a principal fonte inspiradora de sua ação educativa (Azevedo, 2001). As seis professoras que participaram desse estudo trabalham tanto na rede pública quanto na rede privada de ensino. Na coleta de dados, utilizou-se dois instrumentos: 1- um questionário preenchido pelas professoras sobre sua experiência profissional, situação funcional atual, formação acadêmica, cursos e leituras sobre a teoria piagetiana; 2- entrevistas individuais, nas quais conversava-se com a professora sobre o trabalho que ela realiza quotidianamente com seus alunos. Concordamos com Piaget (1965) quando ele diz que "a psicologia pode multiplicar os dados de fatos e nossos conhecimentos sobre o mecanismo do desenvolvimento, esses fatos ou essas idéias não atingirão jamais a escola se os professores não as incorporarem até traduzi-los em realizações originais" (p.

168). Azevedo (2001) verificou que tais "traduções" existem, mas são raras. Conforme já fora constatado por outros autores, ocorrem muitos mal-entendidos no processo de divulgação das idéias de Jean Piaget no meio educacional. As razões apontadas para explicar o porquê disso são várias, dentre as quais podemos destacar: 1- a forma como a teoria piagetiana foi "assimilada" no meio educacional brasileiro, em função de contingências históricas (Vasconcelos, 1997); 2- nos cursos de formação de professores, trabalha-se apenas a "parte aparente" da teoria piagetiana, isto é, os estágios do desenvolvimento (Tarrouchian, 1990); 3- grandes pensadores estão sujeitos a correntes erros de interpretação (Ramozzi-Chiarottino, 1988) e, no caso de Piaget, tais mal-entendidos não são privilégio do meio educacional. Um dos conceitos da teoria piagetiana várias vezes referido, mas pouco compreendido, é o de autonomia moral. No campo educacional, isso reveste-se de grande importância, quando consideramos que, para Piaget, o fim da educação em nossa sociedade seria justamente a autonomia dos indivíduos. Em função disso, nosso principal objetivo é esclarecer o conceito piagetiano de autonomia, a partir dos resultados de uma pesquisa por nós realizada sobre o projeto moral de Piaget no que diz respeito à questão moral (Freitas, 1996). Além disso, buscamos explicar por que, segundo alguns de seus críticos, muitas coisas distintas teriam sido incluídas nesse conceito. Para que sejam possíveis aquelas 'traduções' da teoria em "realizações originais" na prática educativa, de que nos fala Piaget, acreditamos que a precisão conceitual é condição necessária, embora não seja condição suficiente.

Palavras-chave: Autonomia; Moral; Ação Educativa

***

MESA 22 Psicologia da Saúde
TREINO DE CONTROLE DO STRESS: APLICAÇÕES CLÍNICAS

MESA 22.1 O TREINO DO CONTROLE DO STRESS APLICADO À CRIANÇAS. *Maria Alice de Castro (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)*

O treino de controle do estresse tem se mostrado bastante efetivo dentro da atuação clínica, constituindo-se de vários procedimentos baseados na abordagem cognitivo-comportamental. O objetivo do treino é a melhoria da qualidade de vida do indivíduo nas diversas áreas e pode ser aplicado a adultos e crianças independente da população a que se destina. Inicialmente é feita uma avaliação do nível de stress e dos estressores presentes, a fim de se elaborar uma análise funcional do caso que possibilite o desenvolvimento de um plano de tratamento individualizado. Após este primeiro passo, segue-se a elaboração do treino que é pautado no que se designou dos quatro pilares do controle do estresse: relaxamento, alimentação, exercício físico e modificação na área cognitiva. O treinamento inclui ensinar o indivíduo a entender e identificar seus sintomas, reconhecer suas fontes de estresse, e eliminá-las, quando possível; além de uma série de outras estratégias que visam ensinar o indivíduo a lidar com o seu stress. O treino do controle de estresse aplicado à crianças deve ser adaptado devido às peculiaridades dessa faixa etária, devendo-se levar em conta as especificidades dos sintomas do stress na criança; suas fontes externas de stress, que diferentemente do adulto, costumam se referir a : separação dos pais, dificuldade com professora e/ou colegas, hospitalização ou doenças na própria criança ou nos familiares, dentre outras, e as fontes internas, que podem ser crenças que a criança tenha sobre si mesma, os valores adquiridos e suas disposições de personalidade. Além disso, também é importante considerar as específicas conseqüências do estresse na vida da criança, como doenças físicas, desajustes psicológicos, dificuldades escolares e de relacionamento. O treino de controle do stress para crianças deve envolver orientação aos pais e, quando necessário, aos professores para que ocorra uma maior eficiência do controle do estresse. O engajamento das diversas pessoas significativas para a criança no tratamento é de fundamental importância, na medida em que estes, muitas vezes, estão diretamente ou indiretamente envolvidos nas causas ou na manutenção do nível elevado de estresse da criança.

Palavras-chave:

***

MESA 22.2 O TREINO DE CONTROLE DO STRESS PARA HIPERTENSOS: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A MEDICINA COMPORTAMENTAL. *Marilda E.Novaes Lipp (Laboratório de Estudos Psicofisiológicos do Stress da Pontifícia Universidade Católica de Campinas)*

Dentro do referencial da Medicina Comportamental, o presente estudo teve por objetivo verificar a eficácia de um treino de controle do stress na redução da reatividade cardiovascular de hipertensos gerada pelo stress dos contactos interpessoais. A pressão arterial média de 20 hipertensos leves e moderados foi aferida durante sessões experimentais que envolviam a necessidade de ser assertivo, antes e após o treinamento comportamental do stress. Os resultados indicaram que a maioria dos participantes era altamente inassertiva, tendo muita dificuldade de expressar tanto sentimentos positivos como negativos, que o stress social é capaz de causar uma reatividade excessiva na pessoa hipertensa e que esta reatividade pode ser reduzida com o tratamento do stress. Verificou-se que a reatividade ao stress social foi menor após o tratamento do stress do que antes ($t=5.18$, $p=0.002$). Os dados demonstram que o treino de controle do stress é eficaz na redução da reatividade cardiovascular de hipertensos ao stress social e que auxilia também ao reduzir o tempo de recuperação após episódios de stress. Considerando que a reatividade cardiovascular possa ser um indicador do funcionamento das artérias e um fator de risco para o desenvolvimento ou manutenção da hipertensão, estes dados têm implicações tanto para a Psicologia como para a Medicina, e mais especificamente para a área da Medicina Comportamental, uma vez que apontam para condições clínicas que podem ser controladas, pelo menos até certo ponto, através de uma intervenção psicológica adequada.

Palavras-chave: Stress social; Reatividade cardiovascular; Assertividade

***

MESA 22.3 A IMPORTÂNCIA DO RELAXAMENTO NO CONTROLE DO STRESS. *Lucia Emmanoel Novaes Malagris (Universidade Federal do Rio de Janeiro)*

O Treino de Controle do Stress se constitui de uma série de estratégias que, juntas, procuram contribuir para que o indivíduo aprenda a lidar com o stress excessivo. Dentre as técnicas implementadas para alcançar tal objetivo, encontra-se o relaxamento, físico ou mental. Tal técnica vem se mostrando de suma importância no controle do stress, na medida em que é capaz de produzir uma série de alterações fisiológicas que contribuem para a homeostase do organismo, perdida em situações de stress excessivo. Sabe-se que estímulos estressores são capazes de gerar, inicialmente, uma ativação autonômica, estimulando o organismo através da norepinefrina e da acetilcolina, o que leva a uma série de sintomas, como picos de hipertensão, hiperventilação e taquicardia. Verifica-se também, que se os estressores se mantém presentes, o organismo produz adrenalina pela medula da supra-renal e corticosteróides pelo córtex da supra-renal, substâncias responsáveis por uma série de outros sintomas ou por uma acentuação dos sintomas já citados. Observa-se que técnicas de relaxamento são capazes de alterar a produção de tais substâncias, diminuindo os sintomas presentes. Existem técnicas de relaxamento de vários tipos e para que sejam efetivas é necessário que seja apropriada para o indivíduo e seus principais sintomas de stress. Pode-se dizer que as técnicas de relaxamento podem ser de origem fisiológica ou psicológica, e cada uma deve ser utilizada de acordo com o caso específico. As técnicas de origem fisiológica têm como objetivo produzir um relaxamento muscular progressivo que é capaz de induzir um relaxamento mental e, assim, contribuir para o controle do stress. Já as técnicas de origem psicológica se referem ao relaxamento mental, no qual são utilizadas imagens que induzem um estado de paz e bem estar. Os dois tipos podem ser aplicados de uma série de formas, sendo fundamental a adaptação ao cliente e ao caso específico. Embora o relaxamento seja uma técnica bastante poderosa, deve-se ter uma série de cautelas no seu uso, pois em algumas condições especiais não deve ser utilizado ou, ao menos, deve ser feito com adaptações. Estudos onde vem sendo utilizado o Treino de Controle do Stress têm demonstrado a eficácia desta técnica e os benefícios para a saúde do indivíduo e de sua qualidade de vida.

Palavras-chave: Controle do stress; Relaxamento

***

MESA 23 Psicologia Clínica e da Personalidade
ODISSÉIA NO TEMPO E NO ESPAÇO

MESA 23.1 PROBLEMATIZAÇÕES SOBRE O VIRTUAL. *Vera Lúcia Giraldez Cavalcanti (UERJ e UFRJ)*

Através do tema Problematizações sobre o virtual iremos enfocar modos de conceber o virtual e suas conseqüências na produção da subjetividade: virtual como infinito e virtual como possível. Esta intervenção opera com algumas das problematizações decorrentes das questões trazidas pelas novas tecnologias de informatização, aquelas que discutem a produção do real. Em especial algumas problematizações que tratam da Inteligência Artificial. Com este objetivo iremos utilizar o filme MATRIX, produção americana dos irmãos Larry e Andy Wachowski, de 1999. O filme constrói uma guerra de vida e morte entre a MATRIX e os humanos. Alguns dos problemas construídos pelos autores já estavam postos em BLADE RUNNER, como a hibridação, e em 2001 UMA ODISSÉIA NO ESPAÇO. MATRIX traz novas questões. As considerações filosóficas criadas para esta intervenção têm conexões explicitadas: pesquisar a virtualidade enquanto um dos agentes produtores da subjetividade. Com isto estamos dizendo que a subjetividade poderá ser construída de modos distintos em intensidades conforme se componha com o virtual pensado como possíveis e fechados ou com o virtual pensado como infinito e aberto. Afinal, desde os pré-socráticos os problemas de temporalização, o virtual na Grécia era regido pelo deus Aion, são "objetos" complexos de nosso pensamento. Em nossos dias os modos de temporalização assumem suas peculiaridades. Velocidade, aceleração, real são algumas dessas peculiares envolvidas nos modos de produção da subjetividade, assim como as novas tecnologias, as novas produções de imagem, nas diversas telas, sejam elas dos cinemas, das TVs ou dos monitores de computadores, vêm desafiando nosso pensamento. Gilles Deleuze foi incansável em trabalhar o cinema como pensamento! Com freqüência, no entanto, vemos o virtual ser colocado em oposição ao real. Disto decorre a necessidade de trabalhar nas distinções do virtual através de algumas estratégias de pensamento para poder afirmar, inicialmente, que opor o virtual ao real é apenas uma das modalidades, e das mais difundidas, de conceber a virtualidade. E podemos adiantar que esta modalidade é pouco criativa. Por considerarmos os problemas da virtualidade como essenciais à criação da vida, da arte e das concepções políticas e sociais esta intervenção dedica-se a pensar as problematizações da virtualização adotando conceitos

através de pares de conceitos. Estes conceitos estarão em conjugações com um filme da ficção científica, MATRIX, com o objetivo de analisar suas conseqüências na produção de subjetividade. Pedemos ainda adiantar que iremos operar com dois pares de conceitos. O segundo par de conceitos, VIRTUAL COMO INFINITO, será peça decisiva desta pesquisa-intervenção, no agenciamento entre conceitos filosóficos e cinema em seu engendramento de distintas subjetivações.

(Doutoranda da Pós-graduação em Psicologia Social da UERJ, Mestre em Comunicação e Cultura ECO-UFRJ, Psicanalista, Psicóloga-UFRJ)

Palavras-chave: Problematizações sobre o virtual; Virtual como infinito e virtual como possível.

MESA 23.2 O TEMPO COMO OPERADOR NOS PROCESSOS DE ADAPTAÇÃO CRIATIVA - CINEMA LITERÁRIO. *Regina Andrade (UERJ)*

Este trabalho apresenta os resultados da pesquisa PROCESSOS DE ADAPTAÇÕES CRIATIVAS - CINEMA LITERÁRIO cujo objetivo principal foi a análise específica da linguagem e das transformações sofridas pelos textos literários quando da passagem para textos fílmicos. Apresento um breve retrospectivo da metodologia utilizada. Dentre vários filmes nacionais baseados em romances escolhemos A Hora da Estrela (Clarisse Lispector - Suzana Amaral), e Quanto Bocha (Machado de Assis - Roberto Santos), numa primeira etapa e Policarpo Quaresma (Lima Barreto e Paulo Thiago) e Macunaíma (Mário de Andrade e Joaquim Pedro) numa Segunda etapa da pesquisa. O referencial teórico para a identificação dos processos de transformação e de transposição de linguagem foi a Psicanálise, sobretudo estudos do imaginário e o sonho. Nos estudos da psicanálise há vários contribuições para a literatura e a arte. A análise mais importante sobre a obra literária elaborada por Freud foi sobre o romance Gradiva, do dramaturgo alemão Wilhelm Jensen (1837-1911). Vários meses antes de conhecer Freud, Carl Jung dirigiu sua atenção para este livro durante o verão de 1906 e o indicou para leitura. Este porém, não foi o primeiro trabalho de Freud no campo da literatura. Em carta para Fliess, de 1898 (carta 21), escreveu um pequeno comentário sobre a obra de Conrad Ferdinand e em 1900 sobre Édipo Rei e Hamlet no livro A Interpretação dos Sonhos. No trabalho Delírios e Sonhos na Gradiva de Jensen (1907). Freud estabeleceu semelhanças entre os sonhos e os delírios, atribuindo este fato a dois motivos: primeiro porque o delírio surge em casos de doenças reais e segundo porque ambos provêm de uma mesma fonte - o reprimido -, chegando a dizer que "os sonhos são os delírios fisiológicos das pessoas normais". Indagou se o método de construção dos delírios, facilmente perceptível em qualquer narrativa, encontra comprovações em outras fontes além do material reprimido. A presença de mecanismos comuns ao delírio, ao sonho ou à obra de arte não é indicativo de que estes provêm do mesmo fragmento de verdade histórica. No caso do delírio Freud diz que só dois fatores estão presentes: "o afastamento do mundo real e sua função motivadora, por um lado, e por outro, a influência exercida pela realização do desejo sobre o conteúdo do delírio". Este pensamento dinâmico sobre os delírios vai valorizar o fragmento de verdade histórica e um certo "método na loucura", como Freud já percebera na produção artística de Shakespeare em Hamlet. A partir desta compreensão da psicanálise sobre a obra de arte consideramos que sempre a Arte terá um produto do inconsciente envolvendo várias produções inconscientes. Sendo que, a rigor, considera-se produção inconsciente apenas os sonhos, atos falhos, pamprraxas e chistes.

(Professora Titular de Psicologia da Personalidade - UERJ; Professora da Pós-Graduação de Psicologia Social - UERJ; Doutora em Comunicação pela UFRJ; Pós-Doutorado Faculdade de Comunicação - UFBA; Pós-Doutorando Paris V; Associada Profissional à Sociedade Brasileira de Psicologia)

Palavras-chave: Imaginário; Psicanálise; Cinema e literatura.

MESA 23.3 VIOLÊNCIA E METÁFORA PATERNA NO CINEMA. *João Angelo Zanini (PUC/SP)*

A violência exibida nos meios de comunicação e os seus eventuais efeitos sobre o comportamento das pessoas talvez se torne um dos temas mais debatidos nesta passagem de século. O cinema, como outros produtos culturais, pode talvez nos dar pistas dos rumos desta violência, enquanto objeto criado por sujeitos produzidos e inseridos nesta mesma cultura, cada dia mais influenciada mutuamente pelos diferentes grupos e sociedades. A psicanálise, desde a sua origem, voltou-se a esses sintomas culturais e pretende também, como outras áreas do saber, dar sua contribuição ao debate. Nesta intervenção pretendo aludir especificamente ao que concebeo um desses sistemas culturais encontrados no cinema: a forma como a figura do pai é apresentada e algumas relações possíveis desta figura com a violência apresentada em recentes produções do cinema desta última década. A mudança gradativa a partir do século XIX na família e na sociedade em relação ao lugar simbólico do pai nos parece um dos elementos importantes em vários aspectos do comportamento humano, entre eles as formas como a agressividade e a violência tem sido apresentadas nos diversos produtos da cultura. Se de um povo de vasta cultural é possível dizer que a figura paterna encarnou culturalmente por muito tempo a lei e o limite, é cada vez mais difícil sustentar esta metáfora. Para os objetivos deste trabalho nos limitaremos a tentar mostrar alguns elementos que nos parecem indicativos deste processo de mudança, especialmente em relação à evolução da agressividade como violências nos meios de comunicação. No universo midiático onde se encontram produtos distantes, como uma performance transmitida ao vivo onde o corpo é aparentemente torturado ou o cinema de David Cronenberg, ou ainda programas de auditório que exploram a miséria humana. Estaria recorte aquilo em que talvez possa contribuir com algumas idéias das pesquisas que venho realizando o tema da violência no cinema, e algumas contribuições da psicanálise neste debate. A designação "violência" nos produtos culturais irá variar de acordo com a cultura de cada indivíduo e grupo, de modo que onde alguns apontam a estes e outros denunciam o excesso ou a "banalização" da violência. A psicanálise se propõe a tentar ir o mais de além dos aspectos sociológicos e das diferenças culturais. Assinalaremos o ponto fundamental que a teoria psicanalítica sustenta: a agressividade é constitutiva de todo e qualquer sujeito. Embora seja possível afirmar que este conceito se encontra hoje de alguma modo já incorporado ao senso comum, ele carrega em si uma subversão capaz de inverter todo e qualquer sentido na discussão sobre a violência, pelo simples fato de que sua aceitação implica que se coloque todo e qualquer sujeito no centro da discussão. Isto não é um detalhe. A implicação fundamental da admissão desta idéia afasta a redução de que se pode atribuir a violência apenas ao outro. Ora, de um ponto de vista ideológico esta perspectiva é demolidora. Implica em que não se pode elegar um grupo específico ou apenas determinadas condições históricas para explicar o fenômeno.

(Psicanalista e Psicólogo Doutorando em Comunicação e Semiótica – PUC/SP; Professor da Universidade Federal de Goiás, Mestre em Comunicação – PUC/SP; Bacharel em Comunicação pela Universidade Federal de Goiás; Bacharel em Psicologia pela PUC/SP)

Palavras-chave: Violência; Produtos culturais; Psicanálise

ANÁLISE EXPERIMENTAL DO COMPORTAMENTO

AEC 01

ESTRATÉGIAS PARA CAPACITAR ALUNOS DE GRADUAÇÃO PARA ESTUDAR ADEQUADAMENTE: OFICINAS DE TRABALHO. *Ana Lucia Cortegoso, Caroline Bortelli Alfonso, Caroline Ribeiro de Souza, Fernanda Lourenço de Souza, Fernando Calzavara de Oliveira, Adriane de Castro Diniz Cortez, Walter Luis David, Tatiana Franco Gris (Laboratório de Psicologia Organizacional, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP)*

Fazem parte de um programa de pesquisa e intervenção sobre comportamentos acadêmicos ações de intervenção como elaboração de material para planejamento no estudo (impressos e agenda), orientações de estudo (palestras, vídeos educativos, jogos), assessoria para correção e aperfeiçoamento de comportamentos de estudo, levantamentos de necessidades de alunos de graduação, capacitação de educadores na promoção e manutenção de comportamentos de estudo em crianças e investigações sobre a influência de variáveis diversas sobre comportamentos de estudo. Como parte destas ações, foram propostas oficinas de trabalho, destinadas a preparar estudantes de graduação para lidar com condições influenciam comportamentos de estudo. Tais oficinas, centradas em atividades práticas e concretas, foram desenvolvidas por meio de tecnologia educacional derivada do conhecimento produzido pela Análise Experimental do Comportamento (programação de ensino), envolvendo descrição do problema a ser resolvido com o programa, definição de objetivos terminais como comportamentos que o aprendiz deverá estar apto a apresentar ao final, análise dos objetivos terminais em intermediários componentes, planejamento e elaboração de condições de ensino e avaliação compatíveis com os objetivos do programa e com as características dos aprendizes etc. Deste trabalho já resultaram duas oficinas, uma delas voltada para a capacitação de alunos de graduação para lidar com locais nos quais estudam e outra para a capacitação destes indivíduos para lidar com agenda como condição favorecedora do estudar. Em relação ao local de estudo, foram propostas situações destinadas a capacitar os participantes na identificação de aspectos favorecedores e desfavorecedores de um estudar adequado em ambientes de estudos e para modificá-los adequadamente, a partir da montagem de cenários similares aos que são usualmente encontrados na rotina dos aprendizes e do exame dos locais em que cada participante costuma - ou poderia - estudar. No caso da utilização de agendas, foram propostas condições para que os participantes examinem diferentes tipos de agenda e efetuem escolhas dentre possíveis alternativas, bem como testem sua utilização sob diferentes condições, equivalentes àquelas existentes na vida universitária. Em todas as situações, foi previsto as atividades práticas exploratórias serem seguidas de exame dos produtos gerados pelos participantes, oferta de informações sobre critérios derivados de conhecimento científico disponível, e aplicação de procedimentos específicos de conseqüenciação para respostas com diferentes graus de adequação em relação a este conhecimento, constituindo este conjunto condições de ensino para atividades práticas relativas a aspectos da realidade individual dos participantes, com previsão de exame dos novos produtos individuais pelo conjunto dos participantes à luz de critérios propostos e indicação de sugestões relativas a como lidar com dificuldades e condições específicas apresentadas pelos participantes. Cada uma das oficinas foi aplicada em caráter experimental, tendo sido os resultados obtidos, em termos de desempenho dos participantes nas atividades finais das oficinas, bem como do relato destes participantes, indicativos de adequação da atividade para os objetivos propostos. Avaliações adicionais estão sendo elaboradas a fim de averiguar a eficácia da estratégia de intervenção em relação aos problemas que deram origem a estas ações.

Bolsas e apoio financeiro da Pró-Reitoria de Graduação da UFSCar.

Palavras-chave: Comportamentos de estudo; Programação de ensino; Estudar

*****

AEC 02

AVALIAÇÃO NEUROCOMPORTAMENTAL DE POPULAÇÕES DE RISCO À EXPOSIÇÃO DE AGENTES TÓXICOS: AVALIAÇÃO DA FIDEDIGNIDADE TESTE/RE-TESTE DA VERSÃO EM PORTUGUÊS DA BATERIA BARS, COM ADULTOS. *Lizeale da Silva Guimaraes e Patrícia Regina Lopes Gatsão* (Universidade de Brasília, Brasília, DF)*

A crescente preocupação com a exposição de crianças e adultos ao perigo ocupacional dos agentes tóxicos, faz necessário o desenvolvimento de métodos para a avaliação adequada dos efeitos dessas exposições. Entre os principais métodos de avaliação estão as testes neurocomportamentais. O BARS - Behavioral Assessment and Research System, é uma das baterias de testes neurocomportamentais que tem sido utilizada para avaliar esses efeitos. Suas características permitem a aplicação a populações de diferentes níveis educacionais e bases culturais. Essa bateria é um sistema computadorizado, com versões em inglês (originalmente), espanhol, português e coreano, que integra estímulos visuais com instruções escritas e faladas. O objetivo desse estudo é avaliar a fidedignidade da versão em língua portuguesa da bateria BARS, com adultos, para aplicá-la a populações de risco. Essa avaliação foi realizada através de um procedimento de teste/re-teste. Vinte estudantes da Universidade de Brasília - UnB participaram como voluntários. Com cada um foram realizadas duas sessões (teste e re-teste), com intervalo de uma semana entre elas. As sessões foram realizadas no Laboratório de Análise Experimental do Comportamento (AEC), da Universidade de Brasília, e duraram aproximadamente quarenta e cinco minutos, cada uma. Cada sessão consistiu da aplicação individual da bateria, que tem oito testes na versão em português, os quais: Digit Span (DST), Matching-to-Sample (MTS), Progressive Ratio (PRT), Reaction Time (RTT), Selective Attention (SAT), Serial Digit Learning (SDL), Symbol Digit (SDT) e Tapping (TAP). A administração dos testes foi feita por meio de microcomputador tipo notebook Macintosh Power Book 540 C, interfaceado com um teclado resistente de 9 teclas, dispostas de forma semicircular, ficando visível apenas a tela. Concluída a realização das sessões, a fidedignidade dos testes foi avaliada por meio da análise de correlação (coeficiente de correlação de Pearson) entre os dados obtidos no teste e no re-teste. A magnitude da fidedignidade dos testes, representada pelos coeficientes de correlação obtidos, foi forte (r=80) para cinco testes (MTS, PRT, RTT, SDT, TAP) e moderada (50=r=79) para três testes (DST, SAT, SDL). Nenhum dos testes apresentou fidedignidade fraca (r<50) (cf. Devore e Peck, 1993). Os resultados demonstraram a adequação dos testes da bateria BARS em português, para adultos, e a possibilidade de serem aplicados a populações de risco.

Bolsa de pesquisa: PIBIC-UnB/CNPq

Palavras-chave: Avaliação neurocomportamental; Fidedignidade; Toxicologia comportamental

*****

AEC 03

DISCRIMINAÇÕES CONDICIONAIS INSTRUÍDAS NO FORMATO "LÁPIS-PAPEL": O EFEITO DO TAMANHO DAS CLASSES E DA ESTRUTURA DE TREINO NA FORMAÇÃO DE CLASSES DE ESTÍMULOS EQUIVALENTES1 *Haydu, Verônica Bender2; Paffin, Elsa Maria Mendes Pessoa; Costa, Carlos Eduardo; Baranzini, Ana Claudia Sella* (Universidade Estadual de Londrina - Londrina, Pr.)*

O procedimento de discriminação condicional instruído no formato "lápis-papel" é um importante instrumento para a formação de classes de estímulos equivalentes, pois permite que a tecnologia desenvolvida a partir desse paradigma possa ser levada para as salas de aula. Por isso, as variáveis que afetam esse processo requerem ser investigadas. Para avaliar o efeito da estrutura de treino e o tamanho das classes de estímulos, 110 estudantes universitários, em situação de sala de aula, foram distribuídos aleatoriamente em seis grupos. Discriminações condicionais, envolvendo sinais não-familiares, foram instruídas por meio de sentenças do tipo "quando o modelo for R, escolha T", sendo o treino realizado com acesso constante a essas instruções. Cada grupo respondeu a um dos diferentes tipos de protocolos de treino com uma de seis combinações das variáveis manipuladas: estrutura de treino (Linear - Lin, Modelo como Nódulo - SaN e Comparação como Nódulo - CaN), e tamanho das três classes de estímulos (três estímulos e cinco estímulos). Os Grupos 1, 2 e 3 responderam aos protocolos em que havia três estímulos por classe e os Grupos 4, 5 e 6 com cinco estímulos por classe. Os Grupos 1 e 4 receberam protocolos com estrutura Lin, os Grupos 2 e 5 com estrutura CaN; e os Grupos 3 e 6 com estrutura SaN. Para avaliar a emergência das classes equivalentes, todos os estudantes responderam, na ausência das instruções, a testes de simetria e equivalência, num total de doze tentativas para cada relação. Tanto na condição de treino quanto na de teste não havia conseqüências para as respostas. A porcentagem de participantes que formaram classes de estímulos equivalentes (número de acertos no testes de equivalência igual ou maior do que 95%) foi maior quando a estrutura de treino era SaN do que CaN e Lin ; e maior quando era CaN do que Lin, tanto no caso dos grupos que foram submetidos à classe com três estímulos quanto se com cinco estímulos. Nenhum dos sujeitos do Grupo 4 (Lin/5) apresentou um índice de discriminação superior o 95%. A probabilidade de formação de classes equivalentes foi maior quando eram três do que cinco estímulos, independente da estrutura de treino. A porcentagem de erro nos testes foi maior nos de simetria no caso dos grupos submetidos ao treino Lin com três e cinco estímulos, mas não no caso dos grupos em que a estrutura de treino foi CaN e SaN. Esses resultados permitem concluir que o procedimento de discriminação condicional instruído permite formar classes de estímulos equivalentes mesmo com classes envolvendo cinco estímulos e que assim como nos procedimentos de discriminação condicional modelada por contingências o desempenho dos participantes é afetado pela estrutura de treino e pelo tamanho das classes.

1 Projeto financiado pelo CNPq e CPG/UEL

2 Coordenadora do projeto com Bolsa CNPq - Produtividade em Pesquisa

*Aluna de Graduação com Bolsa PIBIC - Iniciação Científica

Palavras-chave: Discriminação condicional; Equivalência de estímulos; Análise Experimental do Comportamento Humano

*****

AEC 04

COMPORTAMENTO PRECORRENTE AUXILIAR: EFEITOS DA INDUÇÃO DE ERROS EM UMA TAREFA DE RECOMBINAÇÃO DE UNIDADES MENORES. *Diego Zilio (?) Ferreira (Universidade Luterana do Brasil - Manaus), Jorge M. Oliveira-Castro, Cármen Sophia C. de A. Melo* (bolsista do ICI), Juliana B. de Faria* e Fábio Angelim (Universidade de Brasília)*

Uma análise conceitual do termo "fazer na cabeça" sugere que seu uso está muitas vezes associado à descrição de comportamentos nos quais certas etapas deixaram de ser realizadas. Experimentos anteriores observaram um padrão de diminuição destas respostas em um procedimento de memorização de jumas

associados no qual os participantes digitavam o segundo membro do par associado na presença do primeiro membro, sem consultar uma tela de auxílio (resposta precorrente auxiliar). Algumas condições necessárias e suficientes para a diminuição e eventual desaparecimento da resposta precorrente auxiliar foram investigadas. Em experimentos sobre encadeamento de respostas em situações de resolução de problemas, vários autores têm observado que comportamentos que haviam deixado de ser emitidos ao longo de um treinamento, voltavam a sê-lo quando o organismo se encontrava em uma situação adversa. O presente experimento teve como objetivo introduzir um procedimento de indução de erros em uma tarefa de memorização de pares associados para investigar a possível recorrência de respostas precorrentes auxiliares que haviam deixado de ser emitidas. Um segundo objetivo foi a replicação de experimentos anteriores acerca da recombinação de unidades menores. Oito universitários foram distribuídos em quatro grupos e participaram de três dias de atividades, sendo que todos passaram por três condições experimentais. Os grupos diferiram na ordem de apresentação das sessões em cada condição. Na Condição 1, os participantes foram treinados em uma tarefa de pares associados, com quatro pares. Na Condição 2, os elementos dos pares foram recombinados formando quatro novos pares, mantendo a relação unívoca entre elementos dos dois membros dos pares. Na Condição 3, os pares foram novamente recombinados e outras duas alterações foram feitas: 1) foram utilizados seis pares associados e, 2) um procedimento de indução de erros foi adicionado. Os resultados indicaram que, apesar das alterações feitas na Condição 3, esta apresentou a menor duração da resposta auxiliar em relação às demais condições, sendo que a maior duração foi encontrada na Condição 1. O procedimento de indução de erros foi eficaz em aumentar a duração das respostas precorrentes auxiliares em comparação com as sessões da Condição 3 sem a inclusão deste procedimento. Implicações destes resultados para a interpretação negativa de eventos privados são discutidos, bem como suas contribuições práticas.

Palavras-chave: Comportamento precorrente auxiliar; Erro induzido; Recombinação de unidades menores

--*

AEC 05

EFEITOS DA QUANTIDADE DE TREINO SOBRE A DURAÇÃO DA RESPOSTA PRECORRENTE AUXILIAR EM UMA TAREFA DE ABSTRAÇÃO COM INDUÇÃO DE ERROS. *Jorge M. de Oliveira-Castro, Carmem Sophia C. de A. e Melo* (Bolsista de IC) Diogo Conque Seco Ferreira**, Juliana B. de Faria* (Departamento de Processos Psicológicos Básicos, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal)*

Um dos desafios para abordagens comportamentais da educação tem sido investigar e implementar comportamentos novos sem treino explícito. O desenvolvimento de repertório mais complexo envolvem, geralmente, comportamentos precorrentes auxiliares, os quais são passos intermediários que podem deixar de ocorrer sem afetar a conseqüência programada para a resposta final de uma seqüência. Experimentos anteriores, utilizando uma tarefa de pares associados, têm demonstrado que a duração da resposta precorrente auxiliar diminui segundo uma função logarítmica, com o aumento das tentativas. O presente estudo dará continuidade a experimentos que investigam os efeitos da quantidade de treino sobre uma tarefa de pares associados com medida do comportamento precorrente auxiliar e a recombinação de unidades menores. O objetivo deste trabalho foi verificar os efeitos da indução de erros sobre a duração da resposta precorrente auxiliar em testes de recombinação dos caracteres utilizados durante as sessões de treino, as quais também diferiram em termos da quantidade de treino realizado. Oito (8) participantes com idades entre 17 e 22 anos, sendo quatro (4) mulheres e quatro (4) homens, colaboraram com o experimento realizado em um microcomputador com tela colorida e mouse localizado em uma sala com isolamento acústico. Era apresentado na tela um conjunto de cores, formas geométricas e formas arbitrárias como primeiro membro do par associado e os participantes podiam consultar o segundo membro do par em uma tela de auxílio composta por formas arbitrárias. A quantidade de treino foi manipulada com base no número de sessões de treino (1 ou 2) antes da sessão de recombinação. Foram realizadas cinco sessões experimentais, sendo três de treino e duas de recombinação. Nas de recombinação os caracteres eram recombinados com a inclusão de um novo par, para induzir o erro. Os participantes que não tiveram uma sessão de treino extra, encerraram a sessão de recombinação em menos tentativas que os que passaram por uma sessão de treino repetido. Um menor número de participantes na segunda sessão de recombinação apresentou um padrão mais semelhante ao da sessão de treino. Os efeitos da indução de erro indicam que a resposta precorrente auxiliar pode voltar a ocorrer quando ocorrem erros e que o aumento da quantidade de treino pode interferir no padrão de resposta. Pesquisas posteriores deverão ampliar o número de participantes da amostra e programar o delineamento de forma a expor mais longamente o sujeito à tarefa, nas sessões de treino extra, para garantir um reforço do efeito do aprendizado.

Palavras-chave: Comportamento precorrente auxiliar; Erro induzido

--*

AEC 06

EFEITOS DE REGRAS E INIQÜIDADE ENTRE REFORÇOS SOBRE A ESCOLHA ENTRE COOPERAÇÃO E COMPETIÇÃO. *Ana Karina Curado R. de-Farias** e Josele Abreu-Rodrigues (Departamento de Processos Psicológicos Básicos, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília-DF)*

O comportamento social pode ser definido como uma situação na qual a emissão e/ou o reforçamento do comportamento de um indivíduo depende, ao menos parcialmente, do comportamento de outro(s) indivíduo(s). Nas interações sociais, diversos tipos de relações podem ser observadas entre os indivíduos, tais como relações cooperativas (nas quais os reforços são distribuídos, igualmente ou desigualmente, a todos os membros do grupo caso um critério preestabelecido seja atingido) e relações competitivas (onde a distribuição de reforços é desigual e excludente, dependendo do desempenho relativo dos indivíduos). O presente estudo objetivou investigar os efeitos da iniqüidade de reforços entre os membros de uma interação social e da apresentação de regras sociais (i.e., aquelas que descrevem conseqüências sociais para o comportamento de segui-las) sobre o comportamento de escolha entre contingências de cooperação e competição. Estudantes universitários foram divididos em três grupos que se diferenciavam em termos da iniqüidade entre reforços na contingência de cooperação: no grupo 100-80, o sujeito ganhava mais que seu 'parceiro' (fictício); no grupo 100-120, o sujeito ganhava menos que seu 'parceiro'; e, no grupo 100-100, não havia iniqüidade de reforços entre os membros da 'dupla'. Na alternativa de competição, os pontos permaneceram fixos ao longo do experimento, o ganhador recebia dez vezes mais que o perdedor em uma determinada tentativa. Os participantes foram expostos a um esquema concorrente encadeado VI 15 s VI 15 s, ao longo de cinco condições experimentais: i) linha de base 1, quando sujeito e 'parceiro' recebiam o mesmo número de pontos na contingência de cooperação e onde foi determinado o 'ponto de indiferença' entre as duas alternativas; ii) linha de base 2, onde a iniqüidade entre reforços foi manipulada para os grupos 100-80 e 100-120; iii) regra favorável à cooperação; iv) retorno à linha de base 2, e v) regra favorável à competição. Os resultados demonstraram efeitos das duas variáveis manipuladas. No que se refere à iniqüidade entre reforços, a escolha por cooperação aumentou à medida que a iniqüidade tornou-se favorável ao sujeito. Isto é, o grupo 100-80 apresentou escolhas mais acentuadas por cooperação do que o grupo 100-120, enquanto o grupo 100-100 mostrou valores intermediários. Com a apresentação da regra favorável à cooperação, a escolha por cooperação aumentou para todos os participantes, a despeito da iniqüidade programada. Com a introdução da regra favorável à competição, a escolha por cooperação diminuiu para os grupos 100-80 e 100-100, e variou assistematicamente para grupo 100-120. Esses resultados sugerem que o comportamento de escolha entre cooperação e competição pode ser descrito como uma "fuga/esquiva da iniqüidade entre reforços" ou de "conseqüências sociais aversivas". O presente estudo evidencia os efeitos de contingências ambientais sobre a escolha entre contingências sociais, demonstrando a possibilidade e relevância de uma análise experimental do comportamento social.

Bolsa de pesquisa: CAPES

Palavras-chave: Comportamento social; Regras; Iniqüidade entre reforços

--*

AEC 07

INSTRUÇÕES E INIQÜIDADE DE REFORÇOS EM CONTINGÊNCIAS DE COMPETIÇÃO. *Josele Abreu-Rodrigues, Paula Natalino*, Alessandra Souza*, Letícia Faria*, Adriana Camilo*, Ana Luiza Souza*, Cristina Assunção*, Juliana Anael* e Renata Bressanelli* (Departamento de Processos Psicológicos Básicos, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília-DF)*

A literatura tem apontado que o grau de precisão das instruções afeta diferencialmente o comportamento em esquemas de reforçamento. O presente estudo investigou se tal efeito também seria observado sob contingências sociais. Mais especificamente, foi verificado se o grau de precisão da instrução afetaria os efeitos da iniqüidade de reforços entre participantes em uma situação competitiva. Quarenta e oito estudantes universitários, separados em duplas, escolheram entre trabalhar individualmente ou competir com um parceiro. Algumas duplas receberam informação completa sobre a distribuição de pontos (instrução precisa), outras receberam informação indicando que, algumas vezes, um participante receberia mais pontos que o outro (instrução imprecisa) e as demais não receberam nenhuma informação (sem instrução). Na alternativa individual, os pontos foram distribuídos igualmente entre os participantes e se mantiveram constantes ao longo das condições experimentais. Na alternativa de competição, a distribuição de pontos foi manipulada no decorrer das condições: A) eqüidade (1:1) onde ambos os participantes ganhavam o mesmo número de pontos; B) baixa iniqüidade (1:2), onde o participante 2 ganhava duas vezes mais que o participante 1; C) alta iniqüidade (1:4), onde o participante 2 ganhava quatro vezes mais que o participante 1; D) baixa iniqüidade (2:1) e E) alta iniqüidade (4:1), nas quais ocorreu a reversão de pontos. No Experimento 1, as condições experimentais foram programadas de modo que ocorreu somente uma reversão na iniqüidade de reforços, enquanto no Experimento 2, diversas reversões ocorreram ao longo do experimento. Sendo assim, no Experimento 1, a ordem de apresentação das condições foi ABACACAB (antes da reversão e ADAEAEAD (após a reversão) e no Experimento 2, ADADACABACAEABAE. No Experimento 1, a instrução precisa gerou escolhas sensíveis às manipulações na iniqüidade, a instrução imprecisa produziu escolha

acentuada por competição para ambos participantes. Na ausência de instrução, ambos os resultados foram observados, ou seja, a escolha por competição foi ditada pela iniquidade de reforços (antes da reversão) e pela história experimental de reforçamento (após a reversão). Resultados semelhantes foram obtidos no Experimento 2, com exceção da ausência de instrução, que produziu efeitos semelhantes à instrução imprecisa, ou seja, preferência da escolha por competição para ambos participantes. Os resultados obtidos revelam que as instruções afetaram o grau de discriminabilidade da contingência em vigor. Dessa forma, quanto maior a discriminabilidade, maior a sensibilidade do comportamento de escolha às manipulações nas condições experimentais. Pode ser concluído que a instrução precisa potencializou os efeitos da iniquidade de reforços, gerando, assim, estratégias mais eficientes de fuga/esquiva da iniquidade.

Bolsa de Pesquisa: PIBIC/CNPq

Palavras-chave: Instrução; Iniquidade; Competição

AEC 08

EFEITOS DO CONTEXTO SOCIAL SOBRE A RESISTÊNCIA À MUDANÇA. *Cristiano Valério dos Santos** e Jesse Abreu-Rodrigues (Departamento de Processos Psicológicos Básicos, Universidade de Brasília, Brasília, DF)*

A literatura sobre os efeitos do contexto social sobre o responder tem mostrado que a presença de um co-específico, em geral, aumenta a taxa de respostas de um comportamento já aprendido e esse efeito tem sido denominado de facilitação social. Contudo, resultados conflitantes têm sido encontrados quando se avalia o efeito do contexto social sobre a manutenção do responder diante de alterações nas contingências (resistência à mudança), possivelmente devido a problemas tanto metodológicos quanto na análise dos dados. O presente estudo teve por objetivo investigar o efeito da presença de um co-específico sobre a resistência à mudança usando um procedimento com o qual dados mais sistemáticos têm sido obtidos. Cinco ratos foram treinados em um esquema mult VI 10 s VI 90 s, cujos componentes eram separados por um intervalo entre componentes (ICI) de 10 s. Em seguida, foram realizadas operações de extinção e sociação, sendo que esta última poderia ocorrer tanto na presença quanto na ausência de um co-específico, que poderia estar emitindo ou não a mesma resposta. Os resultados mostraram que a resistência à sociação apresentou relação direta com a taxa de reforços: porém o comportamento mantido pela maior taxa de reforços se mostrou menos resistente à extinção. Com relação ao efeito do contexto social, foi observado que a taxa absoluta de respostas no componente VI 10 s aumentou nas condições em que o co-específico estava presente, não existindo nenhuma mudança sistemática no componente VI 90 s. Contudo, observou-se também um aumento nas condições de linha-de-base anteriores às condições de sociação. Esse fato sugere que o aumento observado durante a sociação pode ter sido resultado de outras variáveis não controladas diretamente. A taxa de respostas durante o ICI tendeu a permanecer constante no longo das condições de linha-de-base, mas apresentou acentuado aumento nas condições em que o co-específico estava presente, sugerindo que a presença de outro organismo pode facilitar a ocorrência de respostas. Além disso, a presença do co-específico provocou também um aumento na resistência à sociação no componente VI 10 s e na sensibilidade da resistência à diferença na taxa de reforços. Por meio da comparação entre as condições de extinção e sociação nas quais os sujeitos se encontravam sozinhos, é sugerido que a resistência a mudança pode depender do tipo de operação utilizado. Esta diferença pode ser resultante do fato de que, na extinção, a variável que produz diferentes resistências (taxa de reforços) é retirada, o que não acontece com outras operações comumente utilizadas. Além disso, a comparação entre os componentes VI 10 s e VI 90 s sugere que o contexto social pode interagir com a taxa de reforços liberados na determinação do efeito observado.

Apoio financeiro: CNPq

Palavras-chave: Resistência a mudança; Contexto social; Facilitação social

---

AEC 09

EFEITOS DA TAXA DE REFORÇOS SOBRE A VARIABILIDADE COMPORTAMENTAL E RESISTÊNCIA À EXTINÇÃO DE UM OPERANTE COMPLEXO. *Cristiano Valério dos Santos** e Jesse Abreu-Rodrigues (Departamento de Processos Psicológicos Básicos, Universidade de Brasília, Brasília, DF)*

Muitos estudos que investigaram o comportamento de organismos expostos a esquemas múltiplos têm mostrado que a taxa de respostas em um dos componentes depende não só da taxa de reforços liberados naquele componente como também da taxa de reforços liberada nos outros. Mais especificamente, quando a taxa de reforços em um componente é alterada, a taxa de respostas no componente mantido constante muda na direção oposta. Este efeito tem sido denominado de contraste comportamental e também pode ser observado quando outras medidas são utilizadas, tais como a resistência à extinção. O presente estudo compreendeu dois objetivos: (1) reproduzir o fenômeno de contraste comportamental, usando um operante complexo (o comportamento de variar), ao invés de um operante simples e (2) verificar a sensibilidade do comportamento de variar a manipulações na taxa de reforços. Para tanto, quatro pombos foram expostos a um esquema múltiplo com dois componentes, em cada um dos quais vigorava uma contingência de variabilidade Lag 5 (sequências de quatro respostas, emitidas em dois deles, somente seriam reforçadas se diferissem das cinco sequências anteriores). A essa contingência de variabilidade, foram sobrepostos esquemas de intervalo variável, cujas taxas de reforços foram modificadas ao longo de três condições de reforçamento (60:60, 30:60 e 10:60 reforços por hora), de forma que a taxa de reforços em um dos componentes permaneceu constante e, no outro, foi variada. Cada condição de reforçamento foi seguida por uma condição na qual extinção vigorava nos dois componentes. Os resultados mostraram que, durante as condições de reforçamento, a porcentagem de sequências reforçadas apresentou relação direta com a manipulação da taxa de reforços. Encontrou-se, a taxa de respostas nos dois componentes não foi afetada pelas alterações na taxa de reforços do componente variável. O nível de variabilidade foi alto e semelhante entre os componentes para todos os sujeitos, com exceção de um. Além disso, para dois sujeitos, o nível de variabilidade no componente variável aumentou com o aumento na taxa de reforços, enquanto que, para os outros dois, essa mesma manipulação provocou diminuição do nível de variabilidade. Nas condições de extinção, foi observado que a taxa de respostas diminuiu nos dois componentes, porém o efeito sobre o nível de variabilidade foi assistemático. Adicionalmente, a resistência à extinção no componente constante apresentou relação inversa com a taxa de reforços liberados durante as condições de reforçamento no componente variável, evidenciando a presença de contraste comportamental. Esses resultados, em conjunto, sugerem que (1) a contingência de variabilidade foi efetiva em produzir variação comportamental e essa variação foi sensível à manipulação na taxa de reforços e (2) a resistência à extinção de uma resposta depende tanto da taxa de reforços programados para essa resposta quanto do contexto de reforçamento no qual ela ocorre, replicando os dados da literatura com operantes simples e expandindo-os para o contexto de operantes complexos.

Palavras-chave: Variabilidade comportamental; Resistência à extinção; Contraste

---

AEC 10

DIZER E FAZER: INTERAÇÕES BIDIRECIONAIS ENTRE RESPOSTAS VERBAIS E NÃO VERBAIS EM ESQUEMAS MÚLTIPLOS. *Cecília Amorim** e Maria Amélia Andery (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - São Paulo / SP)*

Descrições de contingências podem controlar a emissão de respostas não verbais descritas, bem como padrões não verbais de resposta podem controlar a emissão de respostas verbais descritivas. Este estudo examinou a ocorrência de interações entre respostas verbais e não verbais, em dois experimentos. Seis adolescentes e uma criança serviram como sujeitos e foram submetidos a um esquema múltiplo, na forma de um jogo de computador. Períodos para emissão de respostas não verbais (pressão a uma tecla colorida mantidas por esquema de intervalo VI 5S) foram intercalados a períodos para emissão de respostas verbais (escolha de uma descrição do desempenho não verbal, dentre cinco alternativas disponíveis), para cada componente do múltiplo. Três fases experimentais foram programadas: "Sem Pontos", "Pontos para Taxa" e "Pontos para Descrição". Em todas as fases, as respostas de pressionar a tecla colorida durante os períodos para emissão de respostas não verbais foram conseqüenciadas com um pedaço de uma figura e com um som, independente da taxa de pressões durante o intervalo, nos dois componentes. Também em todas as fases, as respostas de escolher uma descrição foram conseqüenciadas com um som e com o encerramento do jogo, nos dois componentes. Na fase "Pontos para Taxa", os sujeitos receberam uma quantidade variável de pontos ao final de cada intervalo, a depender da taxa média de respostas de pressionar durante o intervalo imediatamente anterior e conseqüências idênticas para a escolha de qualquer descrição, nos dois componentes. Na fase "Pontos para Descrição", os sujeitos receberam conseqüências idênticas para qualquer taxa média durante os intervalos e uma quantidade de pontos variável após cada escolha de descrição, a depender da descrição escolhida. Os resultados do Experimento 1 mostraram que, para um sujeito (Sujeito DB), as descrições escolhidas acompanharam a variação das taxas (fase "Pontos para Taxa"), bem como as taxas emitidas acompanharam a variação na escolha das descrições (fase "Pontos para Descrição"). Os outros dois sujeitos (MC e TE) não apresentaram diferenciação das taxas (fase "Pontos para Taxa") e a escolha das descrições permaneceu assistemática. Para estes dois sujeitos, a diferenciação da escolha das descrições não foi acompanhada pela diferenciação das taxas (fase "Pontos para Descrição"). No Experimento 2, três dos quatro sujeitos (VA, MH e VB) apresentaram variação das descrições emitidas na mesma direção da variação das taxas (fase "Pontos para Taxa"). Para um sujeito (MH), este efeito foi transitório. Para todos os sujeitos expostos à fase "Pontos para Descrição" (VA, MH e LF), a variação das taxas acompanhou a variação da escolha das descrições. Este efeito foi transitório em todos os casos. Os resultados destes experimentos sugerem que as interações entre respostas verbais e não verbais podem ser bidirecionais - descrições podem controlar taxas de pressão, bem como taxas de pressão podem controlar a escolha de descrições. As relações de controle entre respostas não verbais e verbais, contudo, mantiveram-se transitórias em praticamente todos os casos. Este aspecto transitório das relações de controle, em qualquer das direções, deve-se provavelmente a características específicas das contingências programadas para a resposta controlada.

** Bolsista CAPES/DS (Mestrado)

Palavras-chave: Comportamento verbal; Esquemas múltiplos; Humanos

*****

AEC 11

DISCRIMINAÇÃO OPERANTE APÓS UMA DISCRIMINAÇÃO RESPONDENTE EM RATOS. *Cleres Alves Baer, Eustáquio José de Souza Júnior*, Henrique Coutinho Cerqueira*, Lucas Ferraz Córdova*, Luciana Patrícia Silva Henrique*, Sérgio Lemos de Miranda*. (Laboratório de Comportamento Operante, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG)*

Dados da literatura da análise experimental do comportamento mostram que um estímulo que tenha desempenhado um papel de CS+ em uma discriminação respondente pode facilitar uma discriminação operante ao ser utilizado como SD e retardá-la ao ser utilizado como SΔ. Os relatos, contudo, mencionam durações de estímulos (CS+ e CS-) iguais. O que se pergunta, neste trabalho, com base em investigações no contexto de automodelagem, é se é possível ampliar os efeitos de facilitação e retardo da discriminação operante, via redução da duração dos estímulos sinalizadores de USs (CS+) e aumento da duração dos estímulos sinalizadores de ausência de USs (CS-), na fase inicial de emparelhamentos. Como sujeitos foram utilizados 10 ratos albinos e, como equipamento, uma câmara operante padrão, que dispunha de programação de eventos monitorada por um PC. Inicialmente foi instalada resposta de pressão à barra e, a seguir, com a barra removida, dois estímulos auditivos (CS+ e CS-) se alternavam a cada minuto, em média. CS- durava 47 segundos, em média, e CS+ 10 segundos fixos. Após 5 segundos do início de CS+ água era apresentada por 5 segundos. Ao longo das 7 sessões de 63 minutos desta fase foram feitos 441 emparelhamentos CS+/US. Os 6 ratos submetidos a esta fase foram, na fase seguinte divididos em dois grupos (N=3). Para o primeiro, chamado Consistente (C), CS+ tornou-se SD, e CS- SΔ. Para o segundo, chamado Reverso (R), os estímulos foram invertidos. O grupo controle (Contr. N=4) passou direto da fase de instalação de resposta para a fase final. Nesta fase, as durações médias de SD e SΔ eram iguais: 60 segundos, um VI 30s vigorava na presença do primeiro e EXT na do segundo, e as sessões, em número de 15, duravam 61 minutos. Os principais resultados foram: 1) Os índices de discriminação do grupo C foram melhores que os de R e daqueles relatados na literatura, embora em um número pequeno de sessões 2) Os índices do grupo R praticamente foram equivalentes aos de Contr e, além disso, claramente superiores aos de R relatados na literatura. 3) Ainda tendo como referencial a literatura, as taxas de resposta foram sempre muito maiores tanto em SD quanto em SΔ em ambos os grupos. Isto mostra que o procedimento utilizado na fase de condicionamento respondente foi mais eficaz quanto a facilitar a discriminação para C, mas não para retardá-la para R. Permanecem algumas questões. As diferenças de taxas de respostas face à literatura poderiam ter sido responsáveis pelos resultados diferentes quanto aos índices de discriminação. E mais: o que teria propiciado as altas taxas de respostas? O equipamento utilizado, mais sensível que os utilizados antes do advento dos microcomputadores, ou o próprio procedimento de emparelhamento?

Palavras-chave: Discriminação operante; Discriminação respondente; Ratos

*****

AEC 12

APLICAÇÃO DE PROCEDIMENTOS EXPERIMENTAIS PARA A OBTENÇÃO DE REPERTÓRIOS COMPORTAMENTAIS COMPLEXOS COM MACACOS-PREGO (CEBUS APELLA). *José Ricardo dos Santos**; Cristina Pires Teixeira Miranda*, Elenita Silva de Souza*, Romariz da Silva Barros, Olavo de Faria Galvão (Departamento de Psicologia Experimental - Universidade Federal do Pará - Belém-PA)*

Controle de estímulo emergente, como escolha por identidade generalizada e classes de equivalência, tem sido encontrado com dificuldade em sujeitos não-humanos. Freqüentemente o desempenho desenvolvido pelos sujeitos, quando em contato com as contingências programadas para estabelecimento de determinadas relações de controle, é diferente do desempenho planejado pelos experimentadores. Se isso ocorre, a possibilidade de resultados diferentes dos esperados, em termos de controle de estímulo emergente, é grande. O objetivo deste trabalho é o de aplicar uma seqüência de procedimentos, desenvolvida no Laboratório de Psicologia Experimental da UFPA no programa de pesquisa "Escola Experimental de Primatas", que tem por finalidade desenvolver repertórios comportamentais complexos, como a identidade generalizada, em macacos Cebus apella. O estudo aqui apresentado foi realizado com um macaco-prego macho (Cebus apella), experimentalmente ingênuo. Pelotas de ração conseqüenciavam acertos nas tentativas programadas com reforço. Inicialmente efetuou-se o treino de manejo, o treino ao comedouro e a modelagem de tocar os estímulos que eram apresentados pelo computador em tela sensível ao toque. Tocar esse estímulo era conseqüenciado com pelotas de comida. Em seguida, iniciou-se o treino de discriminações simples simultâneas, inicialmente com 2 escolhas e depois com 3, com o objetivo de instalar o comportamento de escolha e observação aos estímulos. Esta fase encerrou-se quando atingido o critério de 6 respostas corretas consecutivas em até 12 tentativas por 3 sessões com cada estímulo como S+. Foi realizado um pré-teste para avaliar o repertório de pareamento no modelo por identidade antes do treino direto desse desempenho, mas após treino de discriminações simples. O sujeito não apresentou o desempenho. Seguiu-se com o treino direto de pareamento ao modelo por identidade com atraso zero, com três modelos sucessivos e três comparações simultâneas. Após atingir precisão no desempenho, com a probabilidade de reforço de 1,0 para respostas definidas como corretas, a probabilidade de reforçamento foi reduzida gradualmente até 0,75 em passos de 0,05. O critério para que fossem efetuadas as reduções foi de, no mínimo, 90% de acerto em 3 sessões consecutivas. O sujeito foi então submetido a teste de identidade generalizada com um novo conjunto de estímulos. A probabilidade de reforçamento nas tentativas de linha de base era igual a 0,75 e não havia reforçamento programado para as tentativas de teste, inseridas entre as tentativas de linha de base. No bloco de teste, o sujeito demonstrou alta precisão tanto nas tentativas de linha de base (55 acertos em 60 tentativas), quanto nas de teste 10 acertos em 12 tentativas representando, na sessão, 90,27% de acertos. Os resultados demonstram que os procedimentos em desenvolvimento na Escola Experimental de Primatas conduzem ao desenvolvimento de relações de controle coerentes com o planejado pelo experimentador, contribuindo desta forma para aumentar a compreensão sobre os processos de ensino-aprendizagem não mediados por contingências verbais.

Financiamentos: UFPA - PRONEX - CNPq.

Palavras-chave: Pareamento por identidade ao modelo; Teste em extinção; Ensino-aprendizagem

*****

AEC 13

EQUIVALÊNCIA DE ESTÍMULOS: UM MODELO DE PROCEDIMENTO PARA AVALIAÇÃO E REESTABELECIMENTO DE RELAÇÕES ARBITRÁRIAS E PROCESSO DE FORMAÇÃO DE CLASSES DE ESTÍMULOS EM SUJEITOS COM DÉFICITS NEUROLÓGICOS. *Sonia Maria Mello Neves, Sirlene Gonçalves Xavier* (LAEC – Universidade Católica de Goiás, Goiânia, GO)*

O procedimento de escolha de acordo com o modelo (MTS) tem sido amplamente utilizado para estabelecer relações arbitrárias. Estudos na área de equivalência de estímulos demonstraram que após treino de relações arbitrárias utilizando MTS, novas relações entre estímulos podem emergir sem treino adicional. Este estudo teve como objetivo verificar a eficácia do paradigma de Equivalência de Estímulos como procedimento de avaliação e reestabelecimento do déficit comportamental de nomeação de objetos, que envolve relações arbitrárias entre estímulos. Colaboraram neste estudo dois participantes, um do sexo feminino e outro do sexo masculino, com problemas de epilepsia causados por lesões neurológicas, já submetidos à cirurgia de epilepsia, apresentando falha de nomeação (grupo experimental) e dois participantes com problemas de epilepsia e pós cirurgia, que não apresentavam problemas de nomeação (grupo controle). Utilizou-se um computador portátil, e o software Bioequivaleting 1.0, utilizado para ensinar relações condicionais arbitrárias e testar equivalências de estímulos. Foram escolhidos seis estímulos familiares os quais os participantes apresentaram dificuldade em nomear e estabelecer classes de estímulos relacionando: A (figura); B (palavra falada); C (nome impresso), D (função). O experimento foi dividido basicamente em três fases: pré-teste; treino das relações condicionais; e o pós-teste das relações simétricas e transitivas, sendo utilizados três estímulos em cada etapa. Na primeira etapa, no pré-teste, o participante C apresentou resultados abaixo do critério de 85% de acertos em todas as relações com exceção da relação CB onde obteve 100% de acertos, ou seja, o participante era capaz de ler acuradamente. Considerando a capacidade de leitura do participante e a dificuldade em reconhecer objetos, foi introduzido o treino CA, sendo necessário treinos em blocos para atingir assim o critério. Em seguida foi feito o reteste de todas as relações. Apenas nas relações CD e BD o critério não foi atingido, introduzindo-se então, retestes mistos das relações DC/CD, DB/BD, AB/BA, BA/AB, AD/BD, o que facilitou a emergência dessas relações, demonstrando então, o reestabelecimento das relações AB com três estímulos. Na segunda etapa introduziu-se 3 novos estímulos, e o participante CS não atingiu o critério na relações AB e BB, sendo realizados retestes destas relações atingindo então, o critério. O participante R, na primeira etapa, no pré-teste atingiu o critério nas relações CB, AB, BC, CA e DA, mas necessitou de retreinos para que as outras relações emergissem. Durante a segunda etapa os critérios foram atingidos para todas as relações no pré-teste, exceto para as relações AB e AD, para as quais foram realizados novos testes, quando estas emergiram. Os presentes resultados demonstram que o paradigma de equivalência de estímulos pode ser um instrumento útil para o reestabelecimento da nomeação de objetos em pacientes epilépticos.

* Bolsista de Iniciação Científica - PIBIC-CNPq

Palavras-chave: Equivalência de Estímulos; Relações Arbitrárias; Déficits Neurológicos

*****

AEC 14

ENSINO DE DISCRIMINAÇÕES A UM JOVEM COM AUTISMO. *Edson Massayuki Huziwara*1, Eduardo Carvalho Martins*1 e Ana Lúcia Rossito Aiello (Departamento de Psicologia – Universidade Federal de São Carlos - SP)*

Indivíduos portadores de autismo, em sua grande maioria, parecem apresentar problemas na aquisição de habilidades de discriminação. Tais habilidades seriam pré-requisitos para comportamentos mais complexos e, por este motivo, deveriam fazer parte do currículo funcional destes indivíduos. Na tentativa de

favorecer o ensino dessas discriminações há diversos procedimentos. Um deles sugere começar com o treino de discriminações simples e gradativamente treinar discriminações mais complexas até a habilidade de matching de resposta construída "Constructed-Response Matching to Sample", que apresentaria, segundo a literatura, o mais elevado grau de complexidade. O objetivo desse estudo foi ensinar discriminações que estivessem deficitárias no repertório de um jovem autista de 18 anos. Para caracterizar o repertório inicial do participante, foram utilizados os instrumentos PEP-R e CARS (repertório comportamental) e o ABLA que avalia os diferentes tipos de discriminações auditivo-visuais. Tendo como base seu repertório discriminativo iniciou-se o ensino de matching identidade generalizado "Generalized Identity Matching to Sample". Foi utilizado como estímulo-modelo 51 figuras, 23 letras e 20 sílabas e três estímulos comparação. A introdução de estímulos-modelo diferentes ocorreu de forma gradual tanto em relação ao tipo de estímulo (por exemplo para introdução de letras havia tentativas desde o tipo F FFF, L FFL, L FLL, L LLL, onde F corresponde aos estímulos do tipo figuras e L aos estímulos do tipo letras) quanto em relação ao número de tentativas para cada novo arranjo de estímulos introduzido (5 tentativas, 10 tentativas e, finalmente, 15 tentativas) ao longo das sessões. As sessões continham 30 tentativas apresentadas em computador com tela sensível ao toque e ocorriam quatro ou cinco vezes por semana. A mudança de tipo de estímulo modelo ocorria após duas sessões consecutivas com, no mínimo, 90% de acerto nos diferentes arranjos das tentativas. Acertos (apontar estímulo de comparação igual ao modelo) foram seguidos de elogio e fichas, estas trocadas ao final da sessão por pequenos brinquedos/objetos. Às respostas incorretas seguiam-se procedimento de correção. Sondas de matching identidade generalizado foram realizadas esporadicamente e envolviam figuras, letras, sílabas, palavras de três e quatro letras não treinadas previamente. Tais sondas foram realizadas a fim de verificar a existência de generalização. Resultados mostraram que o jovem autista foi capaz de aprender matching identidade generalizado para figuras e letras; não houve generalização dessa habilidade para sílabas e palavras e que a introdução de estímulos novos (sílabas, por exemplo) afetou negativamente os desempenhos previamente estabelecidos para figuras e letras. Uma dificuldade adicional refere-se à motivação uma vez que é difícil identificar reforçadores para autistas.

[1]Bolsistas do PIBIC/CNPq/UFSCar
Palavras-chave: Discriminação, Autismo, Treinamento

****

AEC 15

AQUISIÇÃO DE DISCRIMINAÇÃO EM MÚLTIPLOS EXT (MIX VI EXT) E EXT (MIX EXT VI) EM RATOS. *Cloves Alves Brier, Alysson Albis Carvalho Pinto*, Hellen Rocha Campos* e Luiz Orlando Souza de Oliveira* (Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG)*

As taxas de respostas em FI tendem a ser maiores em momentos que precedem os reforçadores do que em outras oportunidades. Isto se verifica também quando períodos de extinção sinalizada são intercalados entre reforçadores sucessivos: as taxas de resposta são menores em períodos de extinção mais próximos do final do intervalo do FI. A pergunta feita neste estudo é se este tipo de distribuição de respostas se mantém quando se programa, com intervalos fixos, não apenas um único reforçador, mas um bloco de reforçadores e, conseqüentemente, se isto teria reflexo, a partir do arranjo experimental proposto, na aquisição de uma discriminação. Ratos foram usados como sujeitos e como equipamento uma câmara de condicionamento padrão. Após instalação da resposta de pressão à barra os sujeitos foram expostos ao seguinte procedimento. Um intervalo de 270 segundos foi dividido em 3 segmentos de 90 segundos. Os 90 segundos iniciais eram sinalizados por um estímulo auditivo (SD) e os 180 segundos restantes, por outro estímulo auditivo (SΔ). Para um grupo de ratos (INIC, N=3) os reforços eram programados em um esquema de VI 30s nos 90 segundos centrais do intervalo e, para o outro (FIN, N=3), nos 90 segundos finais, de modo que o esquema, nos 180 segundos finais, era um Mix VI 30s EXT para INIC e Mix EXT VI 30s para FIN. Foram coletadas as taxas de respostas em 5 segmentos sucessivos de 18 segundos antes do início do VI. Houve 33 sessões com duração de 90 minutos. Os principais resultados foram: 1) As taxas de respostas, nas 3 sessões finais, aumentaram em ambos os grupos, nos 5 segmentos sucessivos de 18 segundos que precediam o VI 30s. 2) As taxas de respostas nestes segmentos de 18 segundos das 3 sessões finais foram maiores no grupo FIN do que no grupo INIC. 3) Em apenas 3 das 33 sessões o índice de discriminação médio do grupo INIC foi superior ao índice do FIN, embora a variabilidade do índices inter sujeitos, maior no grupo INIC, impeça concluir por um desempenho discriminativo claramente melhor no grupo FIN. Estes dados mostram que, como em esquemas de FI, programar um bloco que reforçadores a intervalos regulares gera uma distribuição de respostas semelhante à do FI. A diferença de taxas de respostas, maior em FIN do que em INIC, em segmentos antecedentes ao VI deve ser vista como uma combinação de dois tipos de controle: os estímulos discriminativos e a passagem do tempo. Para o grupo FIN o responder é facilitado pelos dois fatores e para o grupo INIC, apenas pela passagem do tempo. A pequena diferença de desempenho discriminativo talvez deva ser atribuída a efeitos fracos do controle temporal uma vez que as taxas de respostas, em termos proporcionais, eram elevadas durante o VI e muito baixas nos momentos que o precediam.

Apoio: CNPq

Palavras-chave: Discriminação, Múltiplos, Distribuição de respostas

****

AEC 16

AUTO-RELATOS SOB CONTINGÊNCIAS DE PUNIÇÃO. *Elisa Tavares Sanabio (Departamento de Psicologia, Universidade Católica de Goiás, Goiânia-GO) e Josele Abreu-Rodrigues (Departamento de Processos Psicológicos Básicos, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília-DF)*

Os auto-relatos apresentam diferentes papéis na pesquisa em Psicologia. Em alguns estudos, tais relatos funcionam como um instrumento para acessar eventos privados, sendo esses eventos o foco de investigação. Em outros estudos, os auto-relatos passam a ser estudados enquanto variável dependente e o objetivo principal do pesquisador é identificar suas variáveis de controle. A partir dessa última perspectiva, o presente estudo investigou a influência de contingências de punição sobre os desempenhos verbal (auto-relatos) e não verbal (respostas de escolha). Oito estudantes universitários foram expostos a uma tarefa de escolha de acordo com o modelo. Após a resposta de escolha, a pergunta "Você acertou?" era apresentada e o participante deveria emitir a resposta de relato, indicando uma dentre duas alternativas, "SIM" e "NÃO". No Experimento 1, o feedback "Incorreto. Você perdeu 1 ponto" foi programado para as respostas de relato, compreendendo quatro condições experimentais: na condição de Linha de Base, o feedback nunca era apresentado; na condição SIM, os relatos "SIM" produziam o feedback 100% das vezes em que ocorriam; na condição SIM/NÃO, os relatos "SIM" produziam o feedback 50% das vezes, assim também como os relatos "NÃO"; e na condição NÃO, os relatos "NÃO" recebiam o feedback 100% das vezes. No Experimento 2, o feedback foi contingente às respostas de escolha, compreendendo, também, quatro condições: na condição de Linha de Base, nenhum feedback era apresentado; na condição CORRETA, as respostas de escolha corretas produziam o feedback 100% das vezes; na condição CORRETA/INCORRETA, tanto as respostas de escolha corretas quanto as incorretas recebiam o feedback 50% das vezes e na condição INCORRETA, as respostas incorretas de escolha recebiam o feedback 100% das vezes. No Experimento 1, o feedback exerceu funções punitivas sobre os auto-relatos e, dependendo das condições de discriminabilidade das contingências em vigor, influenciou também as respostas de escolha. No Experimento 2, o feedback não alterou as escolhas, possivelmente em função do controle discriminativo preciso exercido pelos estímulos-modelo, mas influenciou as respostas de relato. Os resultados dos dois experimentos sugerem que o desempenho verbal é mais sensível às contingências de punição que o desempenho não verbal. O presente estudo evidenciou o caráter operante dos auto-relatos, demonstrando experimentalmente o controle de contingências de punição. Além disso, os dados apóiam a noção de que os auto-relatos não mantêm, necessariamente, uma relação de correspondência com os eventos privados, o que não implica em dizer que tais eventos não influenciem os auto-relatos. Entretanto, explicações dos auto-relatos devem incluir variáveis ambientais históricas e atuais que, em última instância, são responsáveis pelo estabelecimento do possível controle por estímulos privados.

Palavras-chave: Punição; Auto-relato; Controle verbal

****

AEC 17

PREFERÊNCIA POR DIFERENTES COMBINAÇÕES DE ATIVIDADES BRINCAR E ESTUDAR E EFEITOS SOBRE PROPRIEDADES DE COMPORTAMENTOS DE ESTUDO EM CRIANÇAS. *Carolina Bertoli Albano Ramos* e Ana Lucia Cortegoso (Departamento de Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, S.P.)*

Crianças que iniciam o primeiro grau são expostas a importante modificação em exigências de dedicação às atividades brincar e estudar, tendo que dividir seu tempo entre estas atividades e outras que podem concorrer entre si. Brincar é, usualmente, considerado como uma adequada conseqüência para estudar, em conformidade com o princípio de Premack.. Uma averiguação mais específica sobre este aspecto parece, contudo, desejável, considerando a diversidade de situações e resultados que podem ser observados no acompanhamento de estudo de crianças. Variações na seqüência das atividades brincar e estudar podem alterar seu comportamento de estudo? A exposição de crianças a diferentes seqüências destas atividades pode influir em suas escolhas sobre estes arranjos? Considerando a relevância de produzir conhecimento útil para instalar e manter positivamente comportamentos de estudo adequados em crianças, foram objetivos investigar efeitos de diferentes combinações das atividades brincar e estudar sobre propriedades de comportamentos de estudo em crianças, e preferências destas crianças quanto a tais combinações. Este estudo foi realizado com uma menina de 8 anos, cursando segunda série do primeiro grau, no período matutino. De acordo com relato do sujeito, sua rotina no período vespertino consistia em brincar desde após o almoço e estudar a partir de aproximadamente 18 horas. Os dados foram coletados, por meio de filmagem, na residência do sujeito, nos locais em que ele habitualmente realizava atividades de estudo e lúdicas. O sujeito foi submetido a sessões experimentais, sob quatro diferentes condições: 1. Seqüência de atividades (brincar/estudar ou estudar/brincar) escolhida pela criança (Linha de Base); 2. Seqüência estudar/brincar, nesta ordem, definida pela pesquisadora, (C1); 3. Seqüência brincar/estudar, nesta ordem, definida pela pesquisadora (C2); 4. Seqüência de atividades estudar e brincar escolhida

pelo sujeito (C3); 5. Seqüência de estudar e brincar escolhida pela criança (CT: condição teste). Nas condições C1, C2 e C3, ao final da última atividade da seqüência, era liberada conseqüência potencialmente reforçadora. O sujeito variou sua preferência de seqüência quando pode escolher (LB, C3 e CT). Independente da seqüência que foi apresentada para o sujeito ou que ele escolheu, o rendimento observado nas tarefas de estudo foi alto, com 82,6%, em média, de acertos. Foi possível notar, ainda, que a possibilidade de escolha esteve relacionada a um melhor rendimento do sujeito, que apresentou uma média de acertos de 87,6% nestas sessões (LB, C3 e CT), enquanto que nas condições em que o sujeito não teve opção de escolha (C1 e C2), sua média de acertos foi de 75%. O tempo de estudo foi menor sob a condição (C3), em que tanto ele escolheu a seqüência de atividades, como também a seqüência escolhida foi a que ele habitualmente realizava em sua rotina. Assim, os mais altos índices de acertos, bem como os menores tempos despendidos com estudo foram observados em situações em que o sujeito escolheu a seqüência de atividades, sendo a escolhida coincidente com a que ele costumava seguir, sugerindo a relevância da oportunidade de escolha e da história de reforçamento para definir condições adequadas para desenvolver comportamentos de estudo.

Apoio: CNPq, por meio de Bolsa de Iniciação Científica.
Palavras-chave: Esquemas concorrentes; Estudar; Comportamento de escolha

***

AEC 18
APRENDIZAGEM DE DISCRIMINAÇÕES E CONCEITOS: INFLUÊNCIA DO TIPO DE VARIAÇÃO DOS ESTÍMULOS POSITIVOS E NEGATIVOS. *Raquel Maria de Melo**, Elenice Seixas Hanna e Patrícia Sergio de Jesus* (Universidade de Brasília-Brasília/DF)*

Estudos que relatam aprendizagem de discriminações sem ou com um número mínimo de erros utilizam procedimentos de modificação gradual em propriedades dos estímulos apresentados no início do treino. Estas etapas de modificação gradual podem ser analisadas como um conjunto de treinos discriminativos distintos, o que permite a aproximação dessa contingência à utilizada para estabelecer comportamento conceitual. A forma de variar os estímulos tem sido analisada de maneira combinada com outras variáveis (e.g., número de discriminações treinadas e grau de semelhança entre os estímulos), ou incompleta, o que dificulta a identificação do controle de estímulo estabelecido. O objetivo desta pesquisa consistiu em verificar a relação entre o tipo de variação dos estímulos (S+ e S-) e a aquisição de discriminações simples e condicional de posição. Quinze crianças de 4-5 anos foram expostas a três condições de ensino de discriminações de posição distintas (dentro, em cima, lado esquerdo), sendo que a forma de variar os estímulos era diferente em cada condição. Foram utilizados os procedimentos sem modificação (S+ e S- eram apresentados na sua forma final durante todo o treino), modificação gradual (os estímulos S+ e S- mudavam de forma gradual) e modificação não gradual (eram apresentados diferentes pares de S+ e S-), sendo mantido constante o número de tentativas do treino. O procedimento utilizado em cada condição era composto por três sessões de treino intercaladas com três testes de discriminação simples e um teste de discriminação condicional. Foi observado que o número de erros tendeu a diminuir no último treino de cada condição e foram mais freqüentes nas quatro primeiras e últimas tentativas. As crianças tenderam a apresentar desempenhos mais precisos no treino com mudança gradual e mais erros no treino com mudança não gradual. Os resultados dos testes de discriminação simples demonstraram que houve mais retenção e generalização para o procedimento sem modificação de estímulos. Além disso, no teste de discriminação condicional após o treino sem modificação as crianças escolheram, na maioria das vezes, o estímulo positivo do treino, mesmo quando o estímulo negativo era apresentado como modelo, enquanto que após outros procedimentos as crianças em geral responderam ao nível do acaso. Os testes de discriminação condicional mostraram que, ensinando discriminações simples de posição, não se aprende discriminação condicional. Os dados sugerem que a forma de modificar os estímulos resulta em aprendizagens distintas.

Financiamento: Pibic e CNPq
Palavras-chave: Discriminação sem erro; Modificação de estímulos; Conceitos

***

AEC 19
O COMPORTAMENTO HUMANO É MESMO INSENSÍVEL A ESQUEMAS DE REFORÇAMENTO?. *Drausio Capobianco*, Júlio C. de Rose (Laboratório de Estudos do Comportamento Humano - Universidade Federal de São Carlos)*

Em infrahumanos, esquemas de razão variável geram tipicamente altas taxas de resposta e esquemas de intervalo variável geram taxas moderadas. Quando submetidos a esquema múltiplo de reforçamento com componentes de razão variável e intervalo variável estes organismos apresentam taxas de respostas diferenciadas em cada componente do esquema. Nestes casos o índice de diferenciação entre as taxas de respostas em cada componente do esquema depende tanto dos valores estabelecidos para estes componentes como do tempo de duração dos componentes. Com sujeitos humanos, contudo, essas regularidades do responder a esquema múltiplo não tem sido facilmente observadas. A adequação do conceito de contingência de reforçamento para explicar o comportamento humano tem sido posta em causa quando a exposição de humanos a esquemas de reforçamento em condições experimentais não produz os mesmos efeitos comportamentais observados em infrahumanos. Diversas hipóteses têm sido construídas para explicar estas diferenças, por exemplo a de que o comportamento humano necessitaria de uma mediação verbal para tornar-se sensível às suas conseqüências. Outra possibilidade interpretativa considera que a metodologia experimental empregada para estudar controle do comportamento humano por esquemas de reforço pode ter sido às vezes inadequada. Por exemplo, a variedade de condições estudadas pode ter sido muito restrita. Para ampliar esta variedade, no presente experimento, a diferenciação do responder de humanos adultos foi comparada em esquema múltiplo e esquema concorrente. Treze sujeitos humanos foram submetidos a responder em esquemas múltiplo e concorrente de reforçamento, com componentes de razão variável e intervalo variável, em sessões experimentais consecutivas segundo um delineamento de linha de base múltipla. Seis diferentes grupos de sujeitos realizaram inicialmente 2, 4 ou 6 sessões respondendo em um dos dois tipos de esquema empregados (múltiplo ou concorrente). Para cada grupo de sujeitos esse primeiro conjunto de sessões foi imediatamente sucedido por um segundo conjunto de sessões em que o tipo de esquema de reforçamento foi alterado de concorrente para múltiplo ou vice-versa. As sessões realizadas em esquema múltiplo não produziram diferenciação entre as taxas de respostas em cada componente do esquema. As sessões realizadas em esquema concorrente produziram diferenciação acentuada entre as taxas de respostas em cada componente do esquema. Nos casos em que foram realizadas inicialmente sessões em esquema múltiplo e posteriormente em esquema concorrente a diferenciação de taxas de respostas entre componentes ocorreu após a alteração do esquema, de múltiplo para concorrente. Nos casos em que as sessões iniciais foram realizadas em esquema concorrente e posteriormente em esquema múltiplo, ocorreu diferenciação entre taxas de respostas somente nas sessões iniciais, em esquema concorrente. Neste último caso, quando passaram a serem realizadas sessões em esquema múltiplo, a diferenciação entre taxas de respostas desaparece imediatamente. Os resultados indicam que o comportamento humano pode ser pouco sensível a esquemas de reforço em algumas condições, mas isso não pode ser amplamente generalizado. Em condições diferentes, o comportamento humano pode ser bastante sensível a esquemas de reforço.

Agência Financiadora: FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
Palavras-chave: Sensibilidade a contingências; Esquemas concorrentes; Esquemas múltiplos

***

AEC 20
COMPORTAMENTO GOVERNADO POR REGRAS: UMA ANÁLISE CONCEITUAL. *Eileen Pfeiffer Flores ** (Universidade de Brasília)*

O objetivo deste trabalho é revisar e analisar criticamente o uso que tem sido feito do conceito de "comportamento governado por regras" na Análise Experimental do Comportamento. A justificativa para esse trabalho de análise parte da observação de que várias controvérsias na área de investigação sobre "comportamento governado por regras" partem de uma confusão entre questões conceituais e questões empíricas. Alguns desacordos, por exemplo, na área de pesquisa sobre "insensibilidade às contingências", são conceituais ou têm raiz em confusões conceituais, não sendo possível, portanto, resolvê-los por meio de pesquisas empíricas sem antes proceder a uma clarificação dos conceitos envolvidos. Por outro lado, aspectos que pediriam uma investigação empírica são às vezes atribuídos a priori ao "comportamento governado por regras" (por exemplo quando se afirma que o "comportamento governado por regras" permite uma aprendizagem mais rápida do que aquela promovida pela "exposição direta às contingências"). Algumas das perguntas que guiam esta revisão e análise teórica são: Quais são as principais definições do termo "comportamento governado por regras" que aparecem na literatura teórica e empírica da Análise Experimental do Comportamento? Como o conceito evoluiu desde que foi proposto formalmente pela primeira vez por Skinner? Qual tem sido a utilidade do termo técnico para a clarificação de questões teóricas e conceituais? Qual é a relação do termo técnico "regra" com o conceito cotidiano de "regra"? Um ponto importante para entender as controvérsias refere-se à origem do termo: a adoção deste por Skinner parece ter sido motivada antes por fatores históricos (responder, com uma análise em termos de contingências de reforçamento, ao apelo à "regras mentais" da teorização cognitivista que se tornava predominante na época) do que por uma necessidade, interna à teoria, de introdução de um novo termo técnico (por exemplo para interpretar e/ou integrar novos achados empíricos). Skinner usou o termo "comportamento governado por regras" para referir-se a uma série de fenômenos muito diferentes (e.g. agir de acordo com um aviso, obedecer a uma lei, utilizar um mapa, traçar um caminho, descrever o funcionamento de uma máquina), que não possuem todos alguma característica comum, mas, no máximo, "semelhanças de família". Skinner muitas vezes reconheceu essas diferenças (fazendo, por exemplo, uma análise das possíveis diferenças nas variáveis de controle envolvidas em "seguir um aviso" e "obedecer a um comando"). Ele e outros autores restabelecem que o conceito de "comportamento governado por regras" busca apenas uma distinção prática e não se refere a princípios especiais do comportamento. No entanto, na prática, foram feitas numerosas tentativas, por Skinner e outros, de agrupar fenômenos tão diferentes como os citados sob uma única definição, procurando algu

comum a todos eles e buscando delimitar rigidamente o uso do termo. Essas tentativas têm dado lugar a inconsistências teóricas, apontadas por autores da própria área de Análise Experimental do Comportamento. Com base na análise dessas inconsistências, conclui-se que a eliminação de distinções existentes na linguagem cotidiana e sua substituição por um termo único podem ter sido precipitadas e tendem a obscurecer possíveis diferenças funcionais entre os comportamentos estudados.

Palavras-chave: Comportamento governado por regras; Análise conceitual; Teoria na análise experimental do comportamento

***

ABC 21

A EMERGÊNCIA DE CLASSES SEQÜENCIAIS APÓS TREINO POR ENCADEAMENTO COM CRIANÇAS. *Hérik Regina da Silva Castro*, Ily Frotella, Grauben Assis e Maria Elizabeth C.Sampaio** (Departamento de Psicologia Experimental, Universidade Federal do Pará, Belém - PA)*

Relações entre estímulos podem ser investigadas quanto à ordinalidade segundo a qual os mesmos se seqüenciam, vindo a constituir-se em diferentes classes. Os estímulos membros de classes seqüenciais formadas através de reforçamento explícito, com base na ordem que cada estímulo ocupa em cada classe, podem ser relacionados entre si topográfica ou funcionalmente. A ordinalidade pela qual os estímulos são relacionáveis pode ser diversificada, implicando, por exemplo, na posição ocupada pelos estímulos, na seqüenciação temporal e espacial dos mesmos etc. A investigação acerca de desempenhos emergentes de seqüências pode ser vista como uma campo de pesquisa [illegible] nos últimos têm fornecido suporte experimental para a compreensão das relações entre estímulos estabelecidos a partir dos procedimentos de encadeamento, matching-to-sample (MTS) e de overlapping. Um estudo anterior realizado em nosso laboratório mostrou a eficácia do procedimento de encadeamento sobre os demais, na formação de classes seqüenciais. O objetivo do presente trabalho foi verificar os efeitos da natureza dos estímulos na formação de classes seqüenciais em crianças, através de um procedimento de encadeamento. Participaram deste estudo seis crianças na faixa etária de 8 a 9 anos, cursando a 2ª e 3ª série respectivamente. As sessões experimentais foram realizadas em uma sala do Laboratório de Psicologia Experimental, medindo aproximadamente 6m2. Foi usado um computador com tela sensível para o controle da apresentação de estímulos, números de tentativas, número de posições de cada estímulo e registro das respostas corretas e incorretas. O procedimento utilizado foi de encadeamento de respostas pertencentes a quatro conjuntos de estímulos visuais (vestuário, brinquedos, aves e mamíferos), cada um formado por cinco figuras. O experimento compôs-se de fases de treino e de testes (seqüenciação, estímulos não- adjacentes e substitutabilidade). Após a escolha correta, uma animação gráfica aparecia na tela. Caso o participante emitisse outra resposta, a tela se embranquecia por um segundo e não havia conseqüência. Os testes foram aplicados em extinção. Os resultados mostraram que todos os participantes atingiram o critério de acerto e foram expostos aos testes. Todos responderam 100% aos testes de pares de estímulos não-adjacentes e três aos de seqüenciação e um parcialmente. Dois participantes responderam 100% aos testes de substitutabilidade e um terceiro parcialmente. Concluiu-se inicialmente que houve uma generalização dos resultados quanto ao procedimento de encadeamento para esse tipo de população. Em seguida, as seqüências emergentes foram aquelas cujos componentes apresentavam maiores diferenças físicas (vestuários e brinquedos), sendo mais prontamente ordenadas. Esses resultados parecem indicar que a natureza dos estímulos afetou o desempenho dos participantes. Quando a topografia dos estímulos apresenta maior diferença entre si, os participantes respondem mais prontamente. Portanto, essa variável mostrou-se relevante na avaliação dos desempenhos não ensinados diretamente.

* Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/CNPq

Palavras-chave: Relações Ordinais; Classes Seqüenciais; Natureza dos Estímulos

***

ABC 22

EQUIVALÊNCIA DE ESTÍMULOS APÓS RETIRADA DO TREINO COMPLEXO COM PAREAMENTO CONSISTENTE DE ESTÍMULOS COMPLEXOS. *Grauben Assis; Aline Beckmann de Castro Menezes* e Olavo Mister Faro (Departamento de Psicologia Experimental/Universidade Federal do Pará - Belém-PA)*

Em um estudo anterior, ficou evidenciada a obtenção de equivalência com estímulos complexos através do treino com pareamento consistente, utilizando um arranjo experimental denominado Treino Complexo. O Treino Complexo consiste em uma adaptação do procedimento de treino com resposta discriminativa de observação (DO R.) ao procedimento pareamento arbitrário com o modelo. Buscando estender esses resultados, dois outros estudos foram organizados para verificar os efeitos do procedimento de treino com pareamento consistente modelo-comparação através na ausência de conseqüências diferenciais explícitas, envolvendo estímulos complexos (aqueles constituídos por dois elementos, dos quais apenas um exerce o controle sobre a resposta). No primeiro estudo, com quatro universitários (exceto de Psicologia), de ambos os sexos e seis conjuntos de estímulos. A cores; B figuras nomeáveis; C figuras nomeáveis; D figuras abstratas; E figuras abstratas; F cores, buscou-se investigar os efeitos da retirada do procedimento de Treino Complexo sobre as relações pré-estabelecidas, através de cinco fases experimentais, onde o participante avançava gradativamente na seguinte ordem: 1) estímulos simples e reforçamento diferencial (relações A-F, B-E e D-C); 2) estímulos complexos e treino complexo com pareamento consistente (relações AB-E/F e AD-C/F; 3) testes das relações emergentes (E-F, F-E, C-F, F-C, B-D e D-B); 4) retirada do treino complexo, mantendo os estímulos complexos e o pareamento consistente (relações AB-E, AB-F, AD-C e AD-F); 5) reexposição aos testes. Após a linha-de-base AB-E/F foi aplicado os testes EF e FE, e após a linha-de-base AD-C/F, os testes CF, FC, BD e DB. Foi usado um computador com tela sensível para o controle da apresentação de estímulos, números de tentativas, número de posições de cada estímulo e registro das respostas corretas e incorretas. O número de sessões dependia do desempenho individual, sendo que a sessão durava no máximo sessenta minutos. Dois participantes alcançaram o critério de acerto nos treinos (linha de base) e responderam consistentemente com 100% de acerto aos testes previstos de equivalência, mesmo após a remoção do treino complexo. No segundo estudo, três outros universitários foram submetidos a um procedimento de treino similar ao anterior, porém com duas alterações. Primeiro, foi introduzido o pareamento consistente com estímulos simples (Fase 1), retirando qualquer contato com o reforçamento diferencial explícito. Depois, foram alteradas (após um estudo piloto) as relações iniciais para A-E e B-F. Os resultados demonstraram que a aquisição do repertório, na ausência de reforçamento diferencial explícito, tornou-se mais lenta, contudo a variabilidade interparticipantes foi reduzida. Relações condicionais foram estabelecidas por dois participantes. Um participante demonstrou a emergência de equivalência de estímulos. Conclui-se que o treino complexo associado ao pareamento consistente, possibilitou a formação de classes de estímulos equivalentes, mesmo após sua remoção, mantendo-se as relações estáveis. Não houve registro da coerência restrita de estímulos, fenômeno observado tradicionalmente com populações com atraso no desenvolvimento.

*Bolsista de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq)

Palavras-chave: Treino com pareamento consistente; Treino complexo; Estímulos complexos

***

ABC 23

DIFERENÇAS INDIVIDUAIS NA VELOCIDADE DE APRENDIZAGEM E DESEMPENHO EM TESTES DE RACIOCÍNIO: DADOS PRELIMINARES. *Jorge M. Oliveira-Castro, Karina L. C. Melo**, Domingos S. Coelho, Célia C. V. Leite*, Daniela D. Ribeiro*, Lúcio C. Andrade*, e Mariana L. S. Pinheiro* (Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, DF)*

Quando alguém é descrito como resolvendo problemas aritméticos mentalmente, parte do que se afirma é que a pessoa é capaz de solucionar os problemas sem realizar certos passos intermediários, tais como escrever os números, os quais eram necessários no início do treino. Com o aumento do treino esses comportamentos precorrentes não requeridos deixam de ocorrer. Experimentos anteriores, utilizando um procedimento de pares associados no qual a duração desse tipo de comportamento pode ser medida, têm demonstrado que a duração do comportamento precorrente auxiliar decresce como uma função linear do logaritmo das tentativas em vários tipos de tarefas. Naqueles experimentos, amplas diferenças individuais foram observadas. Tendo em vista que: a) a taxa de diminuição do comportamento precorrente auxiliar pode ser utilizada como uma das medidas da velocidade de aprendizagem; e b) diferentes autores têm ressaltado a necessidade de se compreender melhor os processos básicos de aprendizagem ("cognitivos") relacionados às diferenças de desempenho em testes de "inteligência", o objetivo do presente experimento foi verificar possíveis relações entre o desempenho da tarefas de laboratório que medem a duração da resposta precorrente e o desempenho em uma bateria de testes de raciocínio. Vinte e cinco estudantes universitários participaram de três sessões experimentais, nas quais foram solicitados a aprender conjuntos de pares associados, formados por pares de formas e caracteres arbitrários. Em cada tentativa das sessões, formas arbitrárias eram apresentadas em um microcomputador, como primeiro membro do par, podendo o participante consultar um auxílio para ver os caracteres que compunham o segundo membro. A tarefa dos participantes consistia em aprender o segundo membro de cada par. Nas Sessões 1, 2 e 3 foram utilizados dez, oito e seis pares, respectivamente. O conjunto da Sessão 2 possibilitava o aprendizado de relações entre os elementos do primeiro e do segundo membro dos pares (regras de associação). Na Sessão 3, elementos da Sessão 1 foram recombinados com elementos da Sessão 2, possibilitando o aprendizado de relações entre eles. Os participantes responderam a um ou dois dos cinco testes de raciocínio (numérico, espacial, mecânico, verbal e abstrato) que compõem a Bateria de Raciocínio Diferencial (BRD), logo após o término de cada uma das sessões experimentais. O coeficiente de correlação entre a média do tempo total estimado para aprender os pares (área da função) nas três sessões foi igual a -0,46 (p=0,016) quando relacionada à média dos escores dos cinco testes, e igual a -0,53 (p=0,007) quando relacionada à média do tempo gasto para responder nas três sessões. Uma análise mais detalhada indicou que os escores dos testes de raciocínio numérico, espacial, verbal e abstrato, estiveram negativamente correlacionados às áreas das Sessões 2 e 3, e que a área da Sessão 1 não apresentou correlações significativas com nenhum dos testes. Apesar do

pequeno número de participantes, tais resultados sugerem que a velocidade de aprendizagem (estudo e execução) em tarefas experimentais que possibilitam a abstração de regras, ao contrário daquelas que só possibilitam memorização, podem estar relacionadas ao desempenho em tarefas utilizadas para medir aptidões numérica, verbal, abstrata e espacial.

Apoio CNPq
Palavras-chave: Diferenças individuais; Aprendizagem; Teste de inteligência

AEC 24

A FUNÇÃO ADVERBIAL DE "INTELIGÊNCIA": DEFINIÇÕES E USOS EM PSICOLOGIA. *Jorge M. Oliveira-Castro e Kalina L. C. Melo*** (*Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, DF*)

Não há consenso em psicologia sobre a natureza do conceito de inteligência, pois o mesmo tem sido relacionado a características biológicas dos indivíduos, a processos cognitivos, ou, ainda, a construtos teóricos, tais como traço latente. Além disso, mesmo dentre aqueles autores que concordam com a natureza do conceito, há divergências quanto ao nível de análise dos processos biológicos, cognitivos ou conceituais. Em psicometria, por exemplo, alguns autores defendem a concepção de um fator geral de inteligência, enquanto outros procuram por aptidões específicas, e mesmo neste último caso, não há concordância quanto ao número delas. Mesmo que tais posições teóricas não sejam necessariamente incompatíveis, a literatura indica confusões no uso do conceito. Partindo da premissa de que uma análise do uso de conceitos psicológicos na linguagem cotidiana pode ser útil para esclarecer dificuldades teóricas, realizou-se uma análise do uso dos conceitos de inteligência e raciocínio. Tal análise indicou que inteligência exerce uma função adverbial de caracterizar a maneira como as ações são executadas. Uma ação inteligente poderia ser quase qualquer ação que (a) fosse bem sucedida, seguindo critérios específicos da tarefa; (b) representasse o exercício de uma determinada habilidade do indivíduo, isto é, o sucesso não foi fortuito, podendo ser repetido em situações futuras, e (c) ocorresse em uma situação envolvendo algum tipo de novidade, isto é, a ação não consistiu em simples repetição de uma ação já desempenhada, o que, por exemplo, distinguiria uma habilidade de um hábito. Por isso, ações muito diversas, tais como jogar xadrez, resolver equações matemáticas, comprar uma casa, proferir um discurso, organizar uma festa, realocar a mobília da sala, podem todas elas ser executadas mais ou menos inteligentemente, segundo os critérios de sucesso específicos a cada uma das tarefas. O conceito é usado em níveis diferentes, funcionando como um termo adverbial das ações de um indivíduo de forma geral ou de tais habilidades específicas. Como 'sucesso' é relativo a valores culturais, a definição de inteligência também depende da cultura. A função adverbial pode vir a explicar pelo menos parte das divergências e controvérsias encontradas em psicologia. O conceito de raciocínio também parece ter uma função adverbial pois quando se descreve uma pessoa como raciocinando, não se afirma nada sobre o que ela está a fazer especificamente. O conceito parece indicar que a pessoa está seguindo passos mais ou menos sistemáticos na realização das tarefas, quaisquer que sejam. Portanto, ao contrário de alguns usos encontrados na literatura psicológica, os quais igualam os conceitos de inteligência e raciocínio, na linguagem cotidiana eles exercem funções diferenciadas. Na linguagem cotidiana, um raciocínio pode não ser inteligente e nem todo ato inteligente é realizado raciocinando. A interpretação de raciocínio como um componente da inteligência, como fazem alguns autores, não parece gerar contradições, na medida em que uma das formas de fazer algo inteligentemente é raciocinando (como pode ser também usando a intuição, ou a sagacidade). Nesse caso, trata-se de um advérbio (raciocinando) com a função de modificar outro advérbio (inteligentemente).

Apoio: CNPq
Palavras-chave: Análise conceitual; Inteligência; Raciocínio

AEC 25

AMPLIANDO O CONHECIMENTO SOBRE OS EFEITOS DA APLICAÇÃO DO PARADIGMA DE EQUIVALÊNCIA DE ESTÍMULOS: A OBSERVAÇÃO, EM SALA DE AULA, DO DESEMPENHO DE CRIANÇAS SUBMETIDAS A UM PROCEDIMENTO EXPERIMENTAL. *José Gonçalves Medeiros1, Patrícia Mendes da Silva2; Alessandra Souza Müller2; Ângela Hering de Queiroz3, Luciana Cristina Antunes4; Fernanda Pereira e Franciele Schmidt.* (*LAB-LIN (Laboratório de Linguagem e Comportamento Verbal), Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, SC*)

Uma estratégia para aproximar o pesquisador dos problemas relevantes de pesquisa, relativos à leitura e escrita, é sua integração dentro da própria escola, em particular, dentro da sala de aula. Para isso, é possível, em contextos escolares, utilizar os laboratórios de informática, existentes nas escolas públicas, para o ensino de leitura e escrita a crianças com dificuldades de aprendizagem. Os equipamentos desses laboratórios tem servido, na maioria das vezes, apenas para a edição de textos. Softs educativos são raros e aqueles que permitem a inserção de conteúdo pedagógico com interface amigável são praticamente inexistentes. Foi, a partir dessa realidade, que o presente trabalho foi realizado. Trata-se, portanto, de um projeto de investigação desenvolvido pela equipe do Laboratório de Linguagem e Comportamento Verbal (LAB-LIN). Utilizando-se um soft educativo nacional, ensinou-se relações de equivalência a crianças, de primeira série, repetentes, alunos de uma escola pública de Florianópolis. Além do ensino no laboratório das relações AB, AC, AF, CF e CE, realizou-se, também, em sala de aula, um procedimento de observação comportamental, da relação desenvolvida entre o professor e os alunos que faziam parte do procedimento, onde foram registrados os comportamentos acadêmicos e não acadêmicos dos alunos bem como os comportamentos do professor. Os testes finais indicam que não houve dificuldades para os sujeitos estabelecerem as relações de equivalência; a leitura das palavras de ensino foi percentualmente superior à leitura das palavras de generalização, o mesmo ocorrendo com o ditado das palavras de ensino em relação ao das palavras de generalização. Os resultados da observação em sala de aula permitem, pelo menos parcialmente, afirmar a respeito da existência de uma correlação positiva entre desempenho emergente (generalização) em leitura e escrita no laboratório e nível de atenção em sala de aula, identificada através da categoria comportamental "prestar atenção". Futuramente, pretende-se estender aos professores o procedimento e a tecnologia que estão sendo desenvolvidos de tal forma que os objetivos não se restrinjam apenas à pesquisa em leitura e escrita, mas ao treinamento dos usuários para uso dessa tecnologia em benefício das crianças, principalmente daquelas que apresentam dificuldades com o método tradicional.

1- Bolsa de produtividade em pesquisa - CNPq; 2 Bolsa de IC - PIBIC; 3 Bolsa do CNPq - por quota; 4 Monitora
Palavras-chave: Equivalência de estímulos; Observação de comportamento; Ensino por computador

AEC 26

AVALIAÇÃO DE UM PROCEDIMENTO PARA ENSINO DE CONTROLE POR S+ E S- EM DISCRIMINAÇÕES SIMPLES COM DUAS ESCOLHAS EM MACACOS-PREGO (CEBUS APELLA). *Paulo Roney Kilpp Goulart*; Romariz da Silva Barros, Olavo de Faria Galvão* (*Departamento de Psicologia Experimental, Universidade Federal do Pará - Belém-PA*)

O programa de pesquisa intitulado Escola Experimental de Primatas objetiva o ensino de rudimentos de comportamento simbólico a sujeitos não-humanos. Experimentos anteriores já demonstraram que a aplicação prévia do procedimento de reversões repetidas de discriminações simples reduz a variabilidade intra e intersujeitos em testes de escolha por identidade generalizada, aparentemente por permitir que os sujeitos fiquem sob controle preciso das características físicas dos estímulos a serem utilizados nos testes de relações condicionais. Um desempenho preciso pode ser obtido em treino de discriminação simples simultânea de um par de estímulos, mesmo que o sujeito esteja sob controle de apenas um dos estímulos do par: controle exclusivamente pelo S+ (seleção) ou controle exclusivamente por S- (exclusão). O objetivo do presente experimento foi aplicar um procedimento que garantisse o controle por ambos os estímulos apresentados (controle misto). Foi utilizado como sujeito um macaco-prego (*Cebus apella*) macho, adulto, que foi submetido a pelo menos uma sessão diária de 72 tentativas. O procedimento consistiu no treino de uma discriminação simples em que, além de tentativas apresentando ambos os estímulos da discriminação (S+ e S-), também eram apresentadas tentativas nas quais apenas um dos dois estímulos era disponibilizado enquanto o outro estímulo era substituído por um quadrado branco (MÁSCARA). Dessa forma, em um terço das tentativas de treino o sujeito deveria responder sob controle do S+ (em tentativas apresentando S+ e MÁSCARA-) e em outro terço, por exclusão do S- (quando apresentados MÁSCARA+ e S-). Nas demais tentativas o sujeito poderia apresentar os dois tipos de relação de controle (controle misto), o que poderia ser descrito como "estar atento a ambos os estímulos". Para prevenir que os resultados pudessem derivar da composição S+/MÁSCARA ou MÁSCARA/S-, ao invés do controle direto por S+ ou por S-, respectivamente, foi proposto um teste em que haveria tentativas de teste nas quais estímulos novos diferentes entre si (N1 e N2), ao invés da MÁSCARA, estariam assumindo as funções S+ e S- dos estímulos envolvidos. O critério estabelecido para a aplicação do teste foi o de no mínimo 90% de acerto em pelo menos 3 sessões consecutivas de 72 tentativas de treino de linha de base. O sujeito atingiu o critério após 7 sessões, com 70, 67, 71 e 71 acertos, respectivamente, nas quatro últimas sessões. Os erros nessa fase, principalmente após o estabelecimento do desempenho superior a 90% de acerto, aconteceram basicamente em tentativas em que a MÁSCARA era apresentada juntamente ao S+. Isso poderia ser explicado pelo fato de aquele estímulo estar funcionando, na mesma sessão, tanto como S+ quanto como S-. A escolha reforçada da MÁSCARA+ (resposta com probabilidade de reforçamento igual a 0,50), tornou a escolha potencialmente ambígua nas tentativas do tipo S+/MÁSCARA-. Quando submetido ao teste com os estímulos totalmente novos N1 e N2, substituindo a máscara, respectivamente nas funções S+ e S-, o sujeito apresentou desempenho de 100% de acerto, demonstrando que o procedimento utilizado pode ser eficiente no estabelecimento do controle misto sobre o desempenho de discriminação simples com duas escolhas em sujeito não-verbal.

Financiamento: UFPA - PRONEX - CNPq/PIBIC
Palavras-chave: Discriminação simples; Controle por S+; Controle por S-; Cebus apella

AEC 27

EFEITOS DO PROCEDIMENTO DE ENSINO DE CÓPIA COM ORALIZAÇÃO SOBRE A LEITURA GENERALIZADA EM CRIANÇAS COM HISTÓRIA DE FRACASSO ESCOLAR: ANÁLISE DO CONTROLE POR UNIDADES SILÁBICAS. *Danielle Graim Cardoso*, Olívia Misae Kato, Carolina José Alves de Assis e Karla Regina Sales Alves** (Departamento de Psicologia Experimental, Universidade Federal do Pará, Belém-PA)*

A leitura generalizada parece ser dificultada pelo controle restrito por unidades verbais mínimas (letras e sílabas), após o ensino de palavras. Este controle restrito pode ser revertido por procedimentos especiais de ensino que assegurem a independência funcional das sílabas e letras, necessária para uma leitura eficiente e generalizada. O objetivo do presente estudo foi identificar o controle restrito por unidades silábicas em palavras dissílabas ensinadas por meio de um procedimento de emparelhamento arbitrário com o modelo e verificar o efeito do ensino de cópia e/ou oralização na reversão deste controle restrito, promovendo a leitura generalizada. Participaram do estudo, seis crianças com história de fracasso escolar de uma escola da rede pública de Belém. Todas as crianças foram ensinadas as discriminações condicionais AB (palavra ditada-desenho) e AC (palavra ditada-palavra escrita) por um procedimento de emparelhamento arbitrário com o modelo. Em seguida, as crianças foram submetidas às sondas das relações de equivalência entre desenhos e palavras escritas (relação BC) e entre palavras escritas e desenhos (relação CB). Após estas sondas, foi conduzido o teste de leitura das palavras ensinadas (MALA, PATO e BOCA) e das novas palavras de generalização, envolvendo todas as possíveis recombinações das sílabas das palavras ensinadas. Se o participante não apresentasse a leitura generalizada, eram aplicadas as sondas de controle pelas unidades silábicas. A seguir, foram conduzidos os treinos isolados ou combinados de cópia e oralização. Após a ocorrência da leitura generalizada, foram aplicadas as sondas das relações A'B', A'C', B'C' e C'B' usando três palavras de generalização (BOLA, CABO e CAMA). Todas as seis crianças demonstraram as relações de equivalência BC e CB e a leitura das palavras ensinadas. Cinco delas demonstraram a leitura generalizada somente após o treino combinado de cópia com oralização. Somente uma criança apresentou leitura generalizada logo após o treino isolado de oralização. Esta criança leu as palavras de treino e reconheceu suas sílabas e letras durante o pré-teste, antes de serem ensinadas, no entanto ela não demonstrou as relações de equivalência BC e CB e nem leu as palavras de generalização no pré-teste. Esta criança continuou não apresentando leitura generalizada após demonstrar as relações de equivalência BC e CB. As sondas de controle silábico sugeriram o controle restrito pela primeira sílaba em duas das três palavras ensinadas para quatro participantes (FAM, ELA, CAM e EDIE) e nas três palavras em duas crianças (NAY e ROB), sendo estabelecido gradualmente o controle pela segunda sílaba após o treino de cópia com oralização. Todas as crianças apresentaram, ainda, a generalização da leitura com compreensão (relações B'C' e C'B') no contexto do procedimento de emparelhamento arbitrário com o modelo. Estes resultados indicam a maior eficiência dos procedimentos de ensino combinados de cópia com oralização em comparação com o procedimento isolado de cópia ou oralização em promover a independência funcional das sílabas e o controle por todas as sílabas que compõem a palavra, assegurando o desenvolvimento de uma leitura eficiente e generalizada.

*Aluna do curso de graduação em Psicologia

**Aluna do Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento

Palavras-chave: Leitura generalizada; Equivalência de estímulos, Cópia com oralização

AEC 28

EFEITOS DE ESTÍMULOS AMEAÇADORES PRÉ-DETERMINADOS FILOGENETICAMENTE NA EMERGÊNCIA DA EQUIVALÊNCIA DE ESTÍMULOS. *Sônia Maria Mello Neves, Tânia Madalena Vieira*, Lúcia Helena de Oliveira Rocha, Juliana Di Silva Oliveira*, Weber Martins e Marcio Borges* (Universidade Católica de Goiás e Universidade Federal de Goiás)*

Este estudo propôs investigar os efeitos dos estímulos filogenéticos e ontogenéticos e neutros na formação da equivalência de estímulos. Participaram do experimento quatro universitários, três do sexo feminino e um do sexo masculino. Utilizou-se um Microcomputador compatível ao IBM e o software Bioequivalencing 1.0 para programação das sessões. Também foi utilizado o hardware Biograph, que permite registrar o nível da condutância elétrica da pele durante as tarefas experimentais. Para seleção dos participantes foram utilizados os testes MMPI, IDATE e uma entrevista. O experimento foi executado em cinco fases. Na primeira ocorreu a seleção dos sujeitos. Na segunda, ocorreu a fase pré-experimental, onde os participantes foram submetidos a uma tarefa para determinar se os estímulos seriam apresentados de forma textual (palavras) ou pictórica (figuras). Na terceira fase ocorreu o pré-teste CB, onde numa situação de escolha de acordo com o modelo eram apresentados três estímulos B como comparação e um estímulo C como modelo, para avaliação dos tipos de relações condicionais que os sujeitos já estabeleciam entre diferentes tipos de estímulos (neutros: sem resposta de condutância elétrica da pele; ameaçadores ontogenéticos, com resposta de condutância e ameaçadores filogenéticos: selecionados da literatura sobre o tema e na presença do qual apresentavam resposta de condutância da pele). Na quarta fase ocorreu o treino das relações heterogêneas (constituídas de estímulos de diferentes tipos) entre AB e AC. O critério para a finalização da fase de treino era de 100% de acertos. Na última fase era novamente aplicado o teste CB para verificação do efeito dos treinos realizados. Na fase pré-experimental os resultados mostraram uma média mais alta de respostas galvânicas para "palavras" do que para "figuras", resultado este que indicou o uso de palavras como estímulos nas fases posteriores. No pré-teste CB, o participante J. formou mais classes heterogêneas do que homogêneas (constituídas de estímulos do mesmo tipo), no pós-teste o mesmo padrão foi mantido. Já o participante M., apresentou no pré-teste um percentual de 93% de classes homogêneas, e no pós-teste um percentual de 100% de relações heterogêneas. O participante A. formou 66% das classes no pré-teste do tipo homogênea, e manteve novamente o mesmo padrão no pós-teste. O participante R. replicou os resultados obtidos com o participante A. Dentre os participantes, apenas um apresentou modificações do padrão inicial obtido no pré-teste pela intervenção do treino de relações heterogêneas, sendo que 50% dos participantes formaram classes homogêneas antes e depois do treino. Os dados sugerem que não há diferença na emergência de relações entre estímulos de diferentes naturezas e que o treino de relações condicionais não parece ser um modo efetivo na mudança de padrões comportamentais relacionais envolvendo estímulos ameaçadores filogenéticos, ontogenéticos e neutros.

Apoio: VPG/PIBIC/CNPq

Palavras-chave: Equivalência de estímulos; Medida fisiológica; Emergência de classes de estímulos

AEC 29

EQUIVALÊNCIA DE ESTÍMULOS E A QUANTIFICAÇÃO DO VALOR AMEAÇADOR DO ESTÍMULO. *Sônia Mª M. Neves, Juliana Di S Oliveira* e Weber Martins (Laboratório de Análise Experimental do Comportamento, Universidade Católica de Goiás /Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Go)*

O presente estudo visou investigar as diferenças na emergência da equivalência, envolvendo estímulos ameaçadores com resposta verbal e fisiológica ou estímulos não ameaçadores, sem resposta verbal e fisiológica. Na seleção dos dois sujeitos universitários, foram utilizados os testes MMPI e IDATE, além de uma entrevista para levantamento dos estímulos. Para a coleta de dados utilizou-se o software Bioequivalencing 1.0 que permitia programar as sessões, randomizar a apresentação dos estímulos modelo e comparação, quantificar as respostas galvânicas quando da apresentação dos estímulos, analisar parcialmente os dados e imprimir em forma de relatório. Na fase 1, realizou-se uma sessão de identificação de resposta fisiológica (condutância elétrica da pele), diante dos diferentes estímulos, utilizando o hardware Biograph Pro Comp. Na fase 2, foram realizados treinos de relações condicionais (AB/AC) e testes de simetria (BA/CA) e transitividade (BC/CB), utilizando estímulos de natureza ameaçadora. Na fase 3, os estímulos utilizados foram de natureza não ameaçadora. Na fase 1, foram identificados nove estímulos ameaçadores com respostas de condutância elétrica da pele (> 0,1 ohm) e nove estímulos neutros com respostas < 0,01 ohm. Nas sessões de treino, fase 2, o sujeito MA necessitou de 180 tentativas A-B, 90 tentativas A-C e 120 tentativas A-B e A-C, para atingir o critério. O sujeito MO utilizou 120 tentativas A-B, 120 tentativas A-C e 120 tentativas A-B e A-C. No teste de simetria, ambos os sujeitos após 30 tentativas, atingiram o critério de 100% de relações derivadas ou consistentes. No teste de transitividade, o sujeito Ma após 60 tentativas, estabeleceu as relações: B2C1 , B1C2 , B3C3 , C1B2, C2B1, C3B3. Já o sujeito Mo, após 120 tentativas, apresentou as relações consistentes : B3C1, B1C2 , B2C3 , C2B1, C3B2 , C1B3. Na fase 3, o sujeito Ma necessitou de 90 tentativas A-B, 60 tentativas A-C e 30 tentativas A-B e A-C e o sujeito Mo necessitou de 60 tentativas A-B, 60 tentativas A-C e 90 tentativas A-B e A-C. No teste de simetria, o sujeito Ma necessitou de 30 tentativas para a emergência das relações BA-CA e o sujeito Mo após 60 tentativas estabeleceu as relações: B1A1 ,B2A2 , B3A3 , C1A1 , C2A3 , C3A3. No teste de transitividade, o sujeito Ma após 60 tentativas estabeleceu as seguintes relações: B2C1, B1C2, B3C3, C1B2, C2B1, C3B3 e o sujeito Mo necessitou de 60 tentativas para estabelecer as seguintes relações: B1C1 , B2C1 , B3C1 , C1B1 , C2B1 , C3B1. Ambos os sujeitos necessitaram, em média, de um maior número de tentativas de treino para estabelecer relações condicionais envolvendo estímulos ameaçadores. Em geral, quanto à emergência das relações de equivalência, não houve diferença entre classes de estímulos ameaçadores e não ameaçadores.

Apoio: VPG/UCG

Palavras-chave: Equivalência de estímulos, Medida fisiológica; Emergência de classes

AEC 30

EQUIVALÊNCIA DE ESTÍMULOS: UMA NOVA METOLOGIA QUE POSSIBILITA MINIMIZAR AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA LEITURA E NA ESCRITA. *Rosária Maria Fernandes da Silva (Profª. Ms. Universidade do Vale do Itajaí - Univali/SC); Ana Guimarães Medeiros (Profª. Dr.*

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC - Fpolis) * *Margareth Sonar (Universidade do Vale do Itajaí - Univali/SC)*

O presente estudo replica, parcialmente, o procedimento de Silva e Medeiros (2000) sobre a aquisição de comportamento textual em crianças com dificuldades de aprendizagem. Investigou-se, assim, a emergência de comportamentos de generalização, a partir do ensino de palavras trissílabas com seis crianças, com idades variando entre 8 e 11 anos, que não apresentavam o comportamento de leitura e escrita. Utilizou-se o procedimento de matching to sample (escolha de acordo com o modelo), juntamente com tentativas de sondas de leitura (testes), apresentadas durante as etapas de exclusão, além de serem apresentados também nas etapas dos pré e pós-testes. Os objetivos foram: a) verificar a ocorrência de leitura com compreensão através da recombinação entre as unidades silábicas que compõem as palavras ensinadas e b) verificar o aumento da probabilidade de leitura generalizada. Assim, foram apresentadas, aos sujeitos, palavras faladas como estímulos modelos e palavras impressas como estímulos de comparação. Esperava-se, através da utilização de sondas de leitura, verificar o seu efeito sobre a probabilidade de recombinação entre as unidades menores que compõem as palavras ensinadas, gerando assim leitura generalizada. Os resultados das sondas de leitura demonstraram que três Ss (S2, S4 e S5) obtiveram o índice máximo (100%) de leitura correta, já os Ss (S1, S3 e S6) obtiveram índices que variaram de 50% a 100% de acertos. Os percentuais dos dados referentes à leitura correta das palavras de ensino, principalmente nos pós-testes, também foram elevados, onde todos os Ss atingiram 100% em todas as sessões. Estes índices foram superiores aos resultados dos pré-testes. Observa-se, também, que dos seis sujeitos, a metade (S2, S4, S5) não repetiram nenhuma sessão e a outra metade (S1, S3 e S6) repetiu algumas sessões. S1 repetiu a exclusão (1 e 4), S3 repetiu a exclusão (1), e S6 a exclusão (4). Todos os sujeitos, ao longo do estudo, estabeleceram as relações entre a palavra falada, a palavra escrita e as figuras correspondentes, resultando num percentual de 100% nos testes de equivalência. Comparando os resultados dos testes finais das palavras de ensino, observa-se que o desempenho no Teste 1, foi o mesmo do Teste 2, com todos os sujeitos. Enquanto que, com as palavras de generalização apenas o (S6) teve um percentual abaixo de 100% no teste 2 (93,3%), sendo que no teste 1 obteve 100%. Os demais sujeitos conseguiram o índice máximo 100% em ambos os testes. Os resultados finais demonstram que os seis sujeitos apresentaram o comportamento de generalização, demonstrando que o procedimento foi eficaz para crianças que apresentam um baixo rendimento em leitura e escrita.

Programa Artigo 170 - Universidade do Vale do Itajaí - Univali/SC

Palavras-chave: Equivalência de estímulos; Sondas de leitura; Dificuldades de aprendizagem

****

AEC 31

SOBRE A NECESSIDADE DE ANÁLISE CONCEITUAL DA TEORIA SKINNERIANA DO COMPORTAMENTO VERBAL. *Lenny F. Campos de Alvarenga*, Luiz C. do Nascimento-Júnior** e Cláudio H. Nina-e-Silva*** (Departamento de Psicologia / Universidade Católica de Goiás)*

O comportamento verbal tem sido objeto de bastante atenção na Análise do Comportamento. Contudo, recentemente, tem-se argumentado que o lento desenvolvimento de um arcabouço de conhecimentos empiricamente demonstráveis e teoricamente coerentes sobre o comportamento verbal poderia ser resultante de problemas metodológicos. Essa explicação, entretanto, tem sido refutada pelo argumento de que o principal problema do estudo do comportamento verbal não é metodológico, mas sim conceitual. Logo, o objetivo do presente estudo foi o de analisar conceitualmente elementos fundamentais da teoria skinneriana do comportamento verbal. Foram avaliados os seguintes conceitos: "falante", "ouvinte", "audiência" e "privacidade". Empregou-se nessa avaliação o instrumental de análise conceitual da escola oxfordiana de filosofia da linguagem ordinária (Ryle, Austin, Quine e Strawson). Todos esses conceitos foram analisados em suas funções de premissa, possibilidade de permissão de inferência, credenciais de prova e padrões de identidade. Constatou-se ambigüidades no emprego skinneriano dos conceitos de "falante" e "ouvinte", uma vez que eles não podem ser considerados como proposições categóricas típicas. Embora Skinner os considerasse termos descritivos, eles, conforme a Teoria da Significação de Ryle e a noção de "nenhuma entidade sem identidade" de Quine, não o seriam de fato, posto que: (1) apresentariam contradições entre o que denotam e o que conotam; (2) careceriam de um padrão de identidade irrefutável. Já os conceitos de "audiência" e de "privacidade", embora se afastem consideravelmente da utilização ordinária ou canônica das palavras que os designam, não apresentariam significação em si próprios, dificultando avaliações conceituais e empíricas de generalização e de testabilidade. Todavia, uma análise de referência, baseada em Strawson, evidenciou a sofisticação semântica da definição de "audiência". O conceito de "privacidade" também foi analisado neste trabalho em termos de objetos proposicionais, analiticidade e permutabilidade. Embora em fase preliminar, os presentes resultados indicaram a urgência da superação, por meio de análise conceitual minuciosa, das ambigüidades conceituais que têm dificultado a elaboração de delineamentos experimentais realmente apropriados à investigação empírica das variáveis controladoras do comportamento verbal. Exemplos de aplicação pioneira da análise conceitual ao problema do comportamento verbal foram descritos, e seus resultados, discutidos em termos de relevância metodológica e conceitual.

Palavras-chave: Análise conceitual; Comportamento verbal; Filosofia da linguagem canônica

****

AEC 32

EFEITOS DE HISTÓRIA DE COERÊNCIA OU INCOERÊNCIA ENTRE DIZER E FAZER SOBRE INTERAÇÕES ENTRE RESPOSTAS VERBAIS E NÃO VERBAIS EM ESQUEMAS MÚLTIPLOS. *Carlos Aguiar** e Maria Amália Andery (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - São Paulo - SP)*

Efeitos de história anterior de reforçamento são usualmente invocados como explicações para certos resultados experimentais. Tais sujeitos humanos, anteriormente expostos a esquemas múltiplos em experimentos que pretendiam investigar a ocorrência de interações entre respostas verbais e não verbais mostraram, de forma consistente, correspondência entre dizer e fazer, mesmo quando não requerido pelas contingências programadas. Estes resultados podem ser explicados em função de uma história pré-experimental de correspondência diretamente relacionada entre dizer e fazer. O objetivo deste estudo foi fornecer, a esses mesmos sujeitos, alternadamente, histórias experimentais de coerência e de incoerência entre dizer e fazer e avaliar o efeito destas diferentes histórias sobre a ocorrência de interações entre respostas verbais e não verbais, em esquemas múltiplos. Períodos para emissão de respostas não verbais (pressão a uma tecla colorida em esquemas de intervalo VI 5S) foram intercalados a períodos para emissão de respostas verbais (pressão a uma tecla numerada correspondente à alternativa de descrição escolhida), para cada componente do esquema. Cinco fases experimentais foram programadas. Em todas as fases, conseqüências idênticas foram liberadas nos dois componentes do múltiplo, tanto para as respostas não verbais (pedaço de uma figura e um som) quanto para as respostas verbais (som e retorno ao jogo). Nas fases "Pontos para Coerência" e "Pontos para Incoerência", histórias de correspondência ou não-correspondência entre dizer e fazer foram fornecidas aos sujeitos. Além das conseqüências comuns, os sujeitos poderiam ganhar pontos, em função da correspondência ou da não-correspondência entre dizer e fazer, respectivamente. Nas fases "Pontos para Taxa" e "Pontos para Descrição", as interações entre respostas verbais e não verbais foram avaliadas. Nestas fases, os sujeitos poderiam produzir pontos, além das conseqüências comuns, em função da taxa de respostas de pressão durante o intervalo do VI ("Pontos para Taxa") ou da descrição escolhida ("Pontos para Descrição"). Os resultados obtidos nas fases "Pontos para Taxa" e "Pontos para Descrição" mostraram que todos os sujeitos, após uma história experimental de incoerência entre dizer e fazer, escolheram descrições não-correspondentes às taxas e emitiram taxas não-correspondentes às descrições. Este mesmos

escolheram descrições correspondentes às taxas e emitiram taxas correspondentes às descrições. Para dois sujeitos, o controle das descrições escolhidas sobre as taxas foi transitório, durante uma das exposições à fase "Pontos para Descrição". O conjunto dos resultados obtidos permite concluir que 1.) relações de controle entre respostas verbais e não verbais em esquemas múltiplos podem se dar nas duas direções; 2.) estas relações de controle são mais prováveis quando a resposta controlada for mantida por contingências que exerçam fraco controle discriminativo sobre padrões específicos de resposta, permitindo a variação do padrão sem levar à perda ou redução da magnitude do reforçamento; 3.) a manutenção do desempenho derivado de uma relação de controle nunca é tão estável quanto o desempenho mantido por suas conseqüências diferenciais diretas e 4.) o tipo de relação de controle a ser encontrado depende da história de reforçamento anterior de coerência ou incoerência entre dizer e fazer.

**Bolsista CAPES/DS (Mestrado)

Palavras-chave: Comportamento verbal; Esquemas múltiplos; Efeitos de história passada

****

AEC 33

EFEITOS DE HISTÓRIAS DE REFORÇAMENTO DE VARIAÇÃO OU DE ESTEREOTIPIA SOBRE A VARIABILIDADE COMPORTAMENTAL EM HUMANOS. *Carlos Amorim** (Universidade São Francisco, Faculdades Padre Anchieta e Universidade de São Paulo - São Paulo / SP), Érica M.M. Sant'Anna (Universidade São Francisco - São Paulo / SP), Kátia Fernanda Lima*, Paulo Alexandre da Silva* e Oziel Oliveira Rebouças* (Universidade São Francisco - São Paulo / SP)*

Quando humanos foram expostos a uma tarefa de computador que consistia em arrastar e soltar o ícone de uma carta sobre um ícone de uma gaveta, dentre 120 gavetas disponíveis, e que produzia como conseqüência o feedback verbal "Correto" para qualquer posição de gaveta escolhida, dois padrões de resposta bem definidos foram encontrados. Parte dos sujeitos emitiu respostas estereotipadas, escolhendo seqüências de linhas contíguas, enquanto outros sujeitos escolheram posições aleatoriamente. O objetivo do presente estudo foi investigar os efeitos de uma história experimental de reforçamento de topografias de resposta similares ou diferentes sobre a variabilidade comportamental em humanos expostos a esquemas de reforçamento contínuo.

intermitente e extinção. O aparato experimental consistiu em computador, teclado, mouse e o software Variar 1.1. A tarefa experimental consistiu em clicar o mouse sobre um ícone de uma carta, visível na tela do computador, arrastar e soltar esta carta sobre qualquer dos 120 ícones de gaveta, também presentes na tela. As gavetas apresentavam-se numa matriz quadrada de 11X11, com a carta na posição central. Cada tentativa iniciava-se com a carta na posição inicial. O sujeito deveria pressionar o botão esquerdo do mouse sobre a carta, arrastá-la até uma das gavetas e soltar o botão. Como consequência, a carta desaparecia e a gaveta em questão piscava, juntamente com o piscar da palavra correspondente ao feedback programado para a tentativa em questão ("Correto" ou "Incorreto") e com a liberação de um som sinalizando aprovação ou desaprovação. Os sujeitos foram divididos em dois grupos ("Estereotipia" ou "Variabilidade"), a depender da história experimental fornecida. O grupo "Estereotipia" foi exposto a um conjunto de tentativas no qual a escolha de posições próximas à última resposta reforçada era instalada (distância máxima 1,5 cm.). Já para o grupo "Variabilidade", a resposta de escolher posições mais distantes da última posição reforçada era inicialmente instalada (distância mínima 3 cm.). Esta fase de história experimental durava pelo menos 20 tentativas, com o critério de no mínimo 9, dentre as 10 últimas, com feedback "Correto". A seguir, os dois grupos foram expostos à mesma sequência de fases: CRF1 (12 tentativas com feedback "Correto"), VR3 (21 tentativas com feedback "Correto" liberado em razão variável 3), EXT (19 tentativas com feedback "Incorreto") e CRF2 (9 tentativas com feedback "Correto"). A medida de variabilidade empregada foi a variância, por fase, das distâncias (em centímetros) entre as posições das gavetas a cada par de tentativas. Nove estudantes universitários foram sujeitos. A análise dos resultados indicou, para os dois grupos, que a variabilidade é sempre maior sob extinção, quando comparado à fase de reforçamento contínuo e de reforçamento intermitente. Entretanto, a variância na fase VR3 foi maior que a encontrada em CRF1 apenas para o grupo "Estereotipia". De modo geral, a variância encontrada no grupo "Variabilidade" foi aparentemente maior em todas as condições, sugerindo que a história pré-experimental dos sujeitos constitui-se em um fator importante que interage com o efeito do esquema sobre a variabilidade do responder. A análise destes resultados, contudo, deve restringir-se ao critério de variabilidade aqui empregado.

Palavras-chave: Variabilidade comportamental; História passada; Esquemas de reforçamento.

****

AEC 14

VARIABILIDADE COMPORTAMENTAL SOB ESQUEMAS DE REFORÇAMENTO CONTÍNUO, INTERMITENTE E EXTINÇÃO: UMA REPLICAÇÃO SISTEMÁTICA DE ECKERMAN E VRELAND (1973). *Erica M.M.Santoro* (*Universidade São Francisco - São Paulo / SP*), *Cassiano Amorim*** (*Universidade São Francisco, Faculdades Padre Anchieta e Universidade de São Paulo - São Paulo / SP*), *Elizabeth T.B. Shiraldini* (*Universidade São Francisco - São Paulo / SP*), *Cristina Badin Alvares** e *Mariana Carvalho Borges** (*Universidade São Francisco - São Paulo / SP*)

A variabilidade da topografia de uma resposta operante é esperada quando as contingências programadas passam de reforçamento contínuo para reforçamento intermitente ou para extinção. O presente experimento pretende investigar variáveis que interferem na maior ou menor variabilidade de uma resposta operante após esquema de reforçamento contínuo: esquema de reforçamento - razão variável ou extinção - e configuração espacial das oportunidades de resposta. Vinte estudantes universitários, cursando o primeiro ano de Psicologia, foram sujeitos desta pesquisa. O aparato experimental consistiu em computador, teclado, mouse e o software Variar 1.0. A tarefa experimental consistiu em clicar o mouse sobre um ícone de uma carta, visível na tela do computador, arrastar e soltar esta carta sobre qualquer dos 120 ícones de gaveta, também presentes na tela do computador. Os sujeitos foram divididos em dois grupos (Quadrado e Triângulo), a depender da disposição espacial das gavetas. Para o grupo Quadrado, as gavetas achavam-se distribuídas numa matriz quadrada, de 11 linhas por 11 colunas, com a posição inicial da carta localizada no ponto central. Para o grupo Triângulo, as gavetas achavam distribuídas numa configuração triangular, com 15 linhas, com a posição inicial da carta localizada no vértice inferior do triângulo. O número de gavetas por linha aumentava progressivamente, de 1 para 15. Para os dois grupos, as mesmas contingências foram programadas. Cada sessão tinha a duração de 61 tentativas. Cada tentativa iniciava-se com a carta na posição inicial. O sujeito então clicava o botão esquerdo do mouse sobre a carta e arrastava-a até uma das gavetas, enquanto mantinha o botão pressionado. Soltar o botão do mouse, tendo arrastado a carta até uma das gavetas, produzia como consequência o desaparecimento da carta e o piscar da gaveta, juntamente com o som e o piscar da palavra correspondente ao feedback programado para a tentativa em questão ("Correto" ou "Incorreto"). Durante a fase experimental CRF1 (tentativas 1 a 12) e CRF2 (tentativas 53 a 61), Durante a fase VR3 (tentativas 13 a 33), as respostas receberam feedback "Correto" em esquema VR3. As outras tentativas receberam feedback "Incorreto". Durante a fase EXT (tentativas 34 a 52), todas as tentativas receberam feedback "Incorreto". Todos os sujeitos foram expostos à seguinte sequência de fases: CRF1, VR3, EXT, CRF2. A medida de variabilidade empregada foi a variância, por fase, das distâncias (em centímetros) entre as posições das gavetas a cada par de tentativas. A análise dos dados replicou os achados anteriores revelando que, de modo geral, a variabilidade depende do esquema em vigor, em esquemas contínuos a variabilidade é menor do que em esquemas intermitentes e em extinção, que é maior do que em esquemas intermitentes. Estudos adicionais deverão verificar se as diferenças encontradas entre as fases VR3 e EXT podem ser devidas a um efeito de sequência. Os sujeitos do grupo triângulo apresentaram índices de variabilidade maior do que aqueles do grupo quadrado. Esta diferença sugere que as restrições impostas à emissão da resposta podem ser determinantes importantes do grau de variabilidade encontrado sob as mesmas contingências experimentais.

Palavras-chave: Variabilidade comportamental; Esquemas de reforçamento; Humanos

****

AEC 15

RISCO 1.0: EXPERIMENTAÇÃO SOBRE O COMPORTAMENTO EM SITUAÇÕES COM ATRASO E PROBABILIDADE DO REFORÇO*. *Weber Martins1,3, Márcio Borges1, Cristiano Coelho1, 2, e Márcio Queiroz Barreto1* (*1Departamento de Psicologia - Universidade Católica de Goiás, 2Universidade de Brasília, 3Grupo PIRENEUS - EEE, Universidade Federal de Goiás*)

A utilização de softwares tem sido de fundamental importância no controle experimental na análise do comportamento humano. O presente trabalho tem como objetivo apresentar o programa RISCO 1.0, elaborado para a investigação de preferências hipotéticas ou reais entre diferentes quantias de dinheiro a serem recebidas após um atraso ou dependendo de probabilidades. O programa RISCO 1.0 possui duas versões de entradas para os participantes, tela sensível a toque, utilizando monitores coloridos SVGA de 14 polegadas. Desenvolvido nas linguagens Visual Basic e C++, inclui chamadas às bibliotecas da API do Windows e trechos em Assembler. O sistema processa saídas em texto (relatórios), gerando arquivos que podem ser impressos imediatamente após a sessão experimental. As instruções podem ser gravadas em arquivos independentes, facilitando a aplicação de diferentes tratamentos a diferentes participantes. O programa apresenta um cartão no qual são colocados valores menores a serem recebidos com certeza, imediatamente, com altas probabilidades ou curtos atrasos, e um segundo cartão que apresenta quantias maiores com diferentes probabilidades ou atrasos. A programação dos eventos foi desenvolvida de forma que quantias menores são ajustadas (aumentadas ou diminuídas) de acordo com o comportamento dos participantes, procedimento este baseado nos estudos psicofísicos da percepção. O ajuste das quantias menores é realizado para cada probabilidade ou atraso da quantia maior. Quando o participante toca a tela do computador sobre o cartão escolhido, ocorre uma mudança de estímulos e a quantia menor é ajustada, até que o participante mude sua preferência e a mantenha por duas tentativas consecutivas. A média entre os dois valores com os quais ocorreu a mudança é tomada como equivalente à quantia maior a ser recebida com a probabilidade ou o atraso expresso, iniciando-se uma nova tentativa com uma probabilidade ou atraso diferente. O software programa a apresentação dos atrasos ou probabilidades de quantias maiores, além das quantias menores (variando de 0,05 a 0,95 da quantia maior). Para um maior controle de estímulos, é programado um atraso de 0,5 segundos entre cada escolha, e um time-out de 1,5 segundos entre diferentes probabilidades ou atrasos, associado à mudança na cor da tela do computador. O arquivo de configuração, gerado separadamente, possibilita a utilização de uma larga amplitude das variáveis (magnitude da quantia maior, probabilidades e atrasos), além de permitir que as probabilidades sejam expressas em porcentagens, número de perdas a longo-prazo, e que os atrasos sejam apresentados em dias, semanas, meses ou anos, o que permite a investigação de diferentes aspectos do controle do comportamento de escolha em situação de risco, área esta que muito tem contribuído à compreensão do comportamento impulsivo.

*APOIO - VPG/UCG

Palavras-chave: Escolha; Humanos; Probabilidade; Atraso, Automação de Experimentos Psicológicos

****

AEC 16

TESTE DE UM MODELO QUANTITATIVO PARA ESQUEMAS CONCORRENTES COM ATRASO: UMA EXTENSÃO DA LEI DA IGUALAÇÃO PARA ESQUEMAS CONCORRENTES COM ATRASO. *Eliane Seixas Hanna1 e Cristiano Coelho1,2* (*1Universidade de Brasília, 2Universidade Católica de Goiás*)

Com o objetivo de investigar a aplicabilidade da extensão da Equação da Igualação que abrange o comportamento total emitido nos elos inicial e terminal (Todorov, 1990), três pombos foram submetidos a esquemas concorrentes independentes de intervalo variável (CONC VI-VI) com diferentes frequências e atrasos de reforço, em 20 condições divididas em cinco fases. Os tempos totais relativos e absolutos programados desde a entrada no elo inicial até o reforçamento foi manipulado entre as fases, enquanto o atraso para o estímulo reforçador em cada alternativa foi variado em cada fase (0 s - 0 s; 10 s - 10 s; 30 s - 30 s; 40 s, para o menor VI - 20 s, para o maior VI). Cinco freqüências relativas de tempo total para o estímulo reforçador foram utilizadas, associadas a diferentes freqüências absolutas programadas (1:1, com 2 ref/min; 1:4 e 4:1, com 1,25 ref/min; e, 3:4 e 4:3, com 1,16 ref/min). Nas

condições 1:1, a proporção de resposta e de tempo no elo inicial diminuíram com o aumento do atraso para o reforço para dois sujeitos. Nas condições 3:4, 4:3, 1:4 e 4:1 as proporções nos elos iniciais não apresentaram variações sistemáticas. Ao serem realizadas regressões múltiplas a partir da equação da Lei Generalizada da Igualação, obteve-se baixos coeficientes de determinação (r2 entre 0,53 e 0,78) tanto para respostas quanto para tempo. Utilizando-se o tempo total gasto nos dois elos, a análise da equação de Todorov apresentou valores de r2 mais altos (0,77 a 0,86) que os obtidos pela equação generalizada da igualação, e com um número menor de parâmetros livres. Os presentes resultados reforçam dados recentemente encontrados segundo os quais a freqüência relativa de reforços controla a razão de tempo gasto durante o elo inicial e durante o atraso, implicando em uma interpretação diferente do papel do atraso, o qual deveria ser tratado não como uma variável independente, mas um tempo adicional para se comportar, imposto pelo procedimento experimental. Essa interpretação admite críticas de que a Lei da Igualação seria inadequada para descrever dados com esquemas concorrentes encadeados.

Palavras-chave: Escolha, Lei da Igualação; Concorrentes Encadeados; Pombos; Modelos Matemáticos

*****

AEC 37

PROGRAMA DE ENSINO DE ESCOLHA DE ACORDO COM O MODELO POR IDENTIDADE GENERALIZADA A PARTIR DE DISCRIMINAÇÕES SIMPLES COM CEBUS APELLA. *Sandra Brasiello (Universidade da Amazônia e Universidade Federal do Pará); Olavo de Faria Galvão (Universidade Federal do Pará)*

Considerando que, no contexto de escolha de acordo com o modelo, que permite múltiplas fontes de controle de estímulos, as condições necessárias para ensinar o desempenho de identidade generalizada a sujeitos não humanos representam uma questão experimental ainda em aberto, o objetivo deste projeto foi o de testar procedimentos para aumentar a probabilidade de controle do desempenho do sujeito pelas variáveis relevantes, em procedimentos de escolha de acordo com o modelo com estímulos novos. Foi avaliado o desempenho do sujeito em duas situações: 1) em testes de escolha por identidade generalizada, com estímulos previamente conhecidos, em um procedimento de mudanças repetidas de discriminação simples sucessivas e 2) em testes de escolha de acordo com o modelo com estímulos completamente novos para o sujeito. Foi utilizado um macaco Cebus apella jovem, macho, com história experimental anterior de discriminações simples e condicionais de identidade. As sessões ocorreram em uma câmara experimental de 0,80 X 0,80 X 0,70 m., com um monitor com tela sensível ao toque. Acoplado a esta câmara havia um computador 486 DX2 66 que controlava as sessões e registrava os dados. O procedimento consistiu de cinco fases. As Fases 1, 2 e 4, consistiram de uma revisão de linha de base de discriminação condicional em procedimento de escolha de acordo com o modelo por identidade, seguida de um treino de mudanças repetidas de discriminação simples e, finalmente, escolha de acordo com o modelo por identidade com novos estímulos. Nas Fases 3 e 5 o procedimento de escolha de acordo com o modelo por identidade com novos estímulos antecedeu o treino de mudanças repetidas da discriminação simples. O critério de aprendizagem de 18 tentativas corretas consecutivas foi atingido em 21, 145, 402, 34, e 29 tentativas no procedimento de escolha de acordo com o modelo com novos estímulos nas Fases 1 a 5 respectivamente. O procedimento, portanto, foi eficaz para facilitar o ensino do desempenho de escolha por identidade com estímulos completamente novos e com estímulos já conhecidos em um procedimento de mudanças repetidas de discriminação simples. Outros estudos para determinar com maior precisão as variáveis que favorecem o desempenho de identidade generalizada são sugeridos.

Pesquisa apoiada pelo MCT/PRONEX 2

Palavras-chave: Escolha de acordo com o modelo por identidade; Identidade generalizada; Cebus apella

*****

AEC 38

UTILIZAÇÃO DE UM PROCEDIMENTO DE TAREAMENTO AO MODELO NA AQUISIÇÃO DE COMPONENTES ENVOLVIDOS NO CONTAR EM CRIANÇAS DO ENSINO FUNDAMENTAL. *Antonio José Neves de Oliveira* (Universidade da Amazônia); Maria Cláudia Fortes de Carvalho** (Universidade de Brasília); Rosana Mendes Éleres de Figueiredo*** (Universidade da Amazônia e Universidade Federal do Pará) e João dos Santos Carmo*** (Universidade da Amazônia, Universidade Federal de São Carlos) Belém - PA*

Dentre os diversos problemas presentes no contexto ensino-aprendizagem, particularmente nas escolas públicas, destaca-se a aversão à Matemática, vista por muitas crianças como uma disciplina que exige "muito esforço" ou que é "muito difícil". A dificuldade na aprendizagem dessa disciplina pode ser devida à ausência de habilidades numéricas básicas que permitiriam o enriquecimento do repertório matemático dos alunos. Uma dessas habilidades é a contagem. O presente estudo verificou a eficácia do procedimento de "Tareamento ao Modelo" na aquisição de componentes envolvidos no comportamento de contar. Participaram 12 crianças, de ambos os sexos, do Ensino Fundamental I, de uma escola de periferia da rede pública de Belém/PA, com idade variando entre 7 a 10 anos de idade. As crianças foram selecionadas a partir do resultado de um teste que envolvia cinco tarefas de contagem e foram distribuídas em Grupo Experimental, Grupo Controle I (foram submetidos somente à 1a; 3a e 4a etapas), e Grupo Controle II (foram submetidos somente à 1a e 4a etapas). Os sujeitos foram distribuídos nos três grupos e em todos os grupos havia crianças que "contavam" e crianças que "não contavam". O experimento envolveu quatro etapas: pré-teste; ensino de contagem através do programa informatizado, teste de generalização (acréscimo do estímulo "D"); pós-teste. Os estímulos utilizados foram algarismos de 1 a 9 (estímulos A); pontos pretos alinhados (estímulos B), nomes escritos dos números (estímulos C); pontos coloridos distribuídos aleatoriamente (estímulos D). Foram treinadas as relações AB e BC e testadas as relações AA, BB, CC, BA; CB; AC e CA. Seguiu-se um teste de generalização utilizando os estímulos D e finalmente, um pós-teste envolvendo 10 tarefas de contagem. Das cinco crianças do GE, duas "contavam" e três "não contavam". As que "contavam" tiveram desempenho de 96 e 100% e de 80 e 88% respostas corretas (RC), respectivamente no pré e no pós-teste. As que "não contavam" tiveram desempenhos de 13%; 0%; 56% de RC no pré-teste e 30%, 88% e 47% de RC no pós-teste, respectivamente. Dentre as quatro crianças do GC I, duas contavam e duas não contavam. Estas tiveram desempenhos de 40 e 56% de RC no pré-teste e 76 e 85% de RC no pós-teste respectivamente. As duas crianças que "contavam" do GC I tiveram desempenhos no pré e pós-teste de 96 e 100% e de 95 e 78%, respectivamente. No GC II havia duas crianças que "contavam" e uma que "não contava". Seus desempenhos foram respectivamente, no pré-teste 100; 97 e 40% e no pós-teste 100; 94 e 79%. Trabalhos como este, utilizando o ensino de relações condicionais, investigam procedimentos que podem ser uma alternativa eficaz na tentativa de amenizar a ocorrência de erros no processo de ensino-aprendizagem de conceitos matemáticos. Para isso, torna-se necessária a prática de replicações sistemáticas desses estudos a fim de que se possa estabelecer a generalidade dos dados.

Palavras-chave: Análise do Comportamento e Educação Matemática; Pareamento ao Modelo, Alunos do Ensino Fundamental

*****

AEC 39

AQUISIÇÃO DO SIGNIFICADO DE EXPRESSÕES FACIAIS POR ESTÍMULOS ABSTRATOS EQUIVALENTES A ELAS. *Renato Bortoloti** (Universidade Federal do Pará), Júlio C. de Rose (Universidade Federal de São Carlos) e Turma A de Pesquisa em Psicologia I da Universidade Federal de São Carlos (SP)*

Relações de equivalência envolvem relações entre estímulos que podem adquirir propriedades funcionalmente semelhantes no controle do comportamento sem que para isso se tenha que estabelecer um treinamento direto. Essa transferência de funções, descrita como possível entre os estímulos que se tornam membros de uma mesma classe, tem sido demonstrada em experimentos que normalmente procuram relacionar estímulos abstratos através de procedimentos em que os participantes têm que fazer escolhas forçadas. O presente trabalho usou estímulos significativos para verificar em que medida estímulos abstratos equivalentes a eles assumiriam os seus significados, avaliados por escalas bipolares constituídas de pares de adjetivos opostos. Para tanto, este estudo contou com dois grupos de participantes que avaliaram, valendo-se das escalas citadas, fotografias de faces humanas (aqui consideradas como estímulos A1, A2 e A3) que expressavam fortemente três estados emocionais distintos (alegria, raiva e nojo) e figuras abstratas (estímulos D1, D2 e D3) que nunca foram diretamente emparelhadas às fotos para nenhum dos grupos. Antes, porém, de efetuarem as avaliações dos estímulos, os participantes do Grupo 1 foram ensinados a estabelecer as relações condicionais A-B, A-C e C-D, onde B, C e D eram figuras abstratas, e foi testada a emergência das relações D-B e B-D, indicativas da formação de equivalência. Se o participante exibisse o desempenho emergente esperado, era-lhe então pedido que avaliasse os estímulos D1, D2 e D3 usando as escalas acima descritas. Ao segundo grupo de participantes foi pedido que avaliasse com as mesmas escalas todos os estímulos com os quais os participantes do Grupo 1 tiveram contato, mas, diferentemente desse grupo, nenhuma relação entre eles foi previamente ensinada, não sendo pois programado qualquer estabelecimento de classes. Os resultados mostram que houve correspondência entre as avaliações que os participantes do Grupo 2, que não formou classes, fizeram das expressões faciais e as avaliações dos estímulos arbitrários D1, D2 e D3 feitas pelos participantes do Grupo 1, que as formou. Particularmente interessante foi que a correspondência verificada entre as avaliações da expressão de raiva feitas pelos participantes do Grupo 2 e do estímulo abstrato a ela equivalente para os participantes do Grupo 1 foi bem maior se comparada com a correspondência verificada entre as expressões de alegria e de nojo com os seus respectivos estímulos equivalentes. Não se encontrou correspondência entre as avaliações que o Grupo 2 fez das fotografias e as suas avaliações de qualquer estímulo arbitrário, os quais, ao contrário das expressões faciais, foram consistentemente considerados neutros de acordo com os critérios estabelecidos. O uso de estímulos significativos e de medidas de transferência em que os participantes não estão forçados a fazer escolhas possibilitaram uma validação independente do modelo de equivalência, mostrando que estímulos arbitrários tornam-se símbolos das expressões faciais, adquirindo "significado" similar.

Agências financiadoras: MCT/PRONEX e CAPES.

Palavras-chave. Relações de equivalência; Transferência de funções; Aquisição de significado

*****

ABC 40

O PAPEL DA COR COMO ESTÍMULO ADICIONAL NA FORMAÇÃO DE CLASSES DE EQUIVALÊNCIA ENTRE ESTÍMULOS DE POSIÇÃO. *Carlos Augusto de Medeiros, Josiane de Lima Rodrigues*, Lina Villas Boas Bastos*, Lucas Ferraz Cordeiro*, Luciana Verneck*, Maria Sofya Santos Rocha*, Ricardo Simões Jemichi*, Vinícius Le Sénéchal Machado*, Henrique C. Cerqueira* (Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG), Antônio de Freitas Ribeiro (Universidade de Brasília, Brasília, DF)*

A literatura acerca de equivalência entre estímulos de posição tem relatado uma baixa incidência da demonstração das propriedades de equivalência, com a exceção de dois estudos. Estes estudos utilizaram cores como dimensões adicionais dos estímulos de posição, além de permitirem o re-teste das propriedades de equivalência. As cores não participaram da definição das classes, contudo estas podem ter contribuído para a emergência das relações testadas através da nomeação ou de um responder diferencial aos estímulos de cada classe de equivalência. As cores também podem ter prejudicado o desempenho dos participantes, os quais estariam respondendo às relações condicionais cor-posição, ao invés de relações condicionais posição-posição. O presente estudo objetivou verificar o papel das cores como condição necessária ou facilitadora do desempenho de formação de classes de equivalência entre estímulos de posição. Foi prevista uma diminuição da incidência de formação de classes de equivalência, mesmo após o re-teste das suas propriedades definidoras, em relação aos estudos que possuíam as cores como dimensão adicional dos estímulos de posição. Participaram do estudo 12 estudantes universitários. Foi utilizado um procedimento que visava a formação de três classes de equivalência de três posições. Os estímulos de posição foram representados na tela de um microcomputador por nove quadrados, formando uma matriz três por três. Os participantes utilizaram o mouse para responderem aos estímulos de posição. Utilizou-se o procedimento de pareamento arbitrário de acordo com o modelo para formar relações condicionais entre os estímulos de posição. O delineamento utilizado foi o linear AB/BC, com uma ordem de apresentação de treino e testes "simples-para-complexo". Seis participantes receberam instruções completas, as quais solicitavam a utilização do que fora aprendido durante as linhas de base para a realização dos testes das propriedades de equivalência. Os demais participantes não receberam tais instruções. Como previsto, houve uma diminuição da incidência de formação de classes de equivalência em relação aos estudos anteriores que manipulavam a cor como dimensão adicional dos estímulos de posição. Apenas metade dos participantes demonstrou todas as propriedades de equivalência. Ao contrário dos estudos anteriores, não foram observadas diferenças nos desempenhos em função das instruções às quais os participantes foram expostos. A incidência de padrões de erros sistemáticos foi superior à relatada pela literatura, além da observação de novos padrões de erros sistemáticos. Uma vez que metade dos participantes obteve sucesso nos testes, as cores como dimensões adicionais dos estímulos de posição não se constituem em uma condição necessária para a formação de classes de equivalência de posição. Os resultados obtidos sugerem que as cores possuíam um caráter facilitador sobre o desempenho, diminuindo a variabilidade entre os padrões de resposta frente aos testes das propriedades de equivalência. As cores como dimensões adicionais dos estímulos de posição provavelmente aumentam a probabilidade da emissão do desempenho requerido pelas propriedades definidoras das relações de equivalência.

Palavras-chave: Equivalência de Posição; Instruções; Cor como dimensão redundante dos estímulos

*****

ABC 41

EFEITOS DA RADIAÇÃO IONIZANTE SOBRE O DESEMPENHO DE RATOS EM DIFERENTES CONTINGÊNCIAS DE AQUISIÇÃO REPETIDA. *Lucas Alves Vasconcelos (Universidade de Brasília, Brasília, DF), Cristiano Xavier (*), Raquel Ramos Ávila (*) & Edite C. Caballero (Hospital Santa Lúcia, Brasília, DF)*

O estudo dos efeitos da radiação ionizante sobre respostas já adquiridas (desempenho), assim como sobre a aquisição de respostas (aquisição repetida) tem oferecido importantes contribuições para o campo da radiologia comportamental. O presente estudo teve como objetivo analisar a interação de diferentes doses de radiação ionizante com alterações nos componentes de aquisição repetida e desempenho, em um esquema múltiplo de reforçamento. Foram usados como sujeitos quatro ratos albinos (R1, R4, R5 e R6), machos, experimentalmente ingênuos. Os equipamentos utilizados foram um microcomputador 486 acoplado a uma interface, uma câmara filmadora, um monitor e duas câmaras modulares de condicionamento operante contendo três barras dispostas horizontalmente - esquerda (e), central (c) e direita (d). Os sujeitos foram expostos a um procedimento de modelagem de pressão à barra nas três posições e, posteriormente, à contingência de aquisição repetida em um esquema múltiplo. As sessões experimentais tiveram a duração de 1 hora: 30 min no componente de desempenho, no qual uma mesma seqüência foi mantida em todas as sessões (dce), e 30 min no componente de aquisição, no qual uma nova seqüência de três respostas foi programada a cada sessão (ced, dec, cde, ecd, edc). Os sujeitos R1 e R6 foram submetidos a um esquema múltiplo com sessões que começavam sempre com o componente de desempenho, e os sujeitos R4 e R5 a um esquema múltiplo em que os componentes de aquisição e desempenho se alternavam no início da sessão. As doses de 3, 4.5 e 6 Gy foram administradas nesta ordem, após 45, 30 e 30 sessões de linha de base, respectivamente. No componente de desempenho, os dados revelaram, em geral, uma queda na taxa de respostas nas primeiras 72 h que sucederam a exposição à radiação, com uma posterior recuperação. Entretanto, no componente de aquisição, observou-se uma variação na taxa de respostas entre as sessões. A medida de precisão de respostas mostrou que, no componente de desempenho, a porcentagem de erros aumentou nas primeiras sessões pós-radiação, retornando, em seguida, a valores de linha de base. Contudo, após a maior dose de radiação a precisão de respostas se mostrou inalterada para dois sujeitos. Apesar da variação observada no componente de aquisição relativa à porcentagem de erros, muitas sessões apresentaram valores próximos à linha de base. Os resultados obtidos, a partir da presente manipulação do esquema múltiplo, sugerem que as doses utilizadas afetaram diferencialmente os componentes de aquisição e desempenho, sendo este mais sensível aos efeitos de uma exposição. Independente das alterações na ordem de apresentação dos componentes os efeitos da radiação foram mais sistemáticos sobre as respostas já adquiridas, no componente de desempenho, do que sobre a aquisição de respostas.

(*) Bolsistas CNPq

Palavras-chave: Radiação ionizante; Aquisição repetida; Esquema múltiplo de reforçamento

*****

ABC 42

INTERAÇÃO FAMILIAR DO DEFICIENTE MENTAL APÓS A IMPLEMENTAÇÃO DO CURRÍCULO FUNCIONAL NATURAL. *Regina Keiko Kato Miura (Departamento de Educação Especial FFC - UNESP - Campus de Marília)*

A integração num contexto mais amplo como a escola, a comunidade, etc é fundamental para melhorar a qualidade de vida do deficiente mental. Porém, há que se preocupar com a primeira fase deste processo de integração, no meio familiar, onde a interação normalmente não ocorre de forma tranqüila. A maioria dos comportamentos de pessoas com necessidades educacionais especiais é moldado pelas ações e atitudes de outrem e a maneira como essas pessoas se ajustam ao meio familiar podem limitar e distorcer ou estimular e facilitar o seu potencial de crescimento. A orientação aos familiares de deficientes é um trabalho conjunto com a escola onde se busca refletir sobre as atitudes e posturas que podem conduzir a comportamentos inadequados, demonstrar através do processo de ensino e aprendizagem o desenvolvimento de habilidades do deficiente e produzir bons resultados com a prática pedagógica. O presente trabalho teve por objetivo o acompanhamento da mudança de atitudes e postura de pais em relação ao filho deficiente durante a implementação de um programa educacional, utilizando o currículo funcional natural. Participaram deste estudo os pais de um aluno com deficiência mental que freqüentam o atendimento educacional na área de Deficiência Mental/noturno do Departamento de Educação Especial, no Centro de estudos da Educação e da Saúde - CEES, unidade auxiliar da UNESP/Marília. Os dados foram analisados a partir do protocolo de entrevista preliminar, levantamento de rotina, avaliação pedagógica do sujeito, observação do desempenho do aluno em atividades e relato dos pais em reuniões mensais, agendadas previamente para o ano letivo. Os dados mostram as mudanças nas atitudes e posturas dos pais e do comportamento do aluno durante o atendimento educacional proposto, que foram registradas em filmes VHS e fitas de áudio. Os resultados após a implementação do programa educacional revelam a mudança do comportamento do sujeito em várias situações, principalmente em sua casa. Além disso, os pais demonstraram satisfação em relação ao atendimento educacional proposto, face às melhoras dos alunos e por aprenderem a lidar com alguns comportamentos inadequados do filho. Quando o trabalho educacional proporciona satisfação para os familiares e aos alunos é provável que os professores também tenham motivações e realizações satisfeitas.

Palavras-chave:

*****

ABC 43

EFEITO DA EXPOSIÇÃO A EVENTOS CONTROLÁVEIS E INCONTROLÁVEIS NA SOLUÇÃO DE PROBLEMAS E FORMULAÇÃO DE REGRAS. *Maria Virgínia de Carvalho, Carine Souza Santos Dias, Carolina Furtado Andrade, Cláudia Borba Lima, Gisele Marie Adélia Spielmann Moura, Milena Pereira Rocha e Tânya Maira Pithon Lobo (Departamento de Ciências Humanas, Universidade Salvador, Salvador-BA)*

Estudos na área do "efeito de interferência" têm demonstrado que o retardo na aprendizagem de uma nova resposta frente a eventos controláveis, após a exposição a eventos incontroláveis, é determinado pela incontrolabilidade do choque e não pela exposição ao choque em si uma vez que, sujeitos do grupo escapável e controle demonstram desempenhos similares. Estudos na área de solução de problemas e formulação de regras têm constatado casos de sujeitos

que consegiam solucionar o problema mas não conseguem relatar o critério (formular a regra) que adotou na solução do problema. O presente estudo vem integrar duas áreas até então desenvolvidas de forma separadas com o objetivo de verificar se o efeito da história de incontrolabilidade e controlabilidade afeta diferencialmente o comportamento de solucionar problemas e formular regras. Vinte sujeitos universitários do curso de psicologia, com a tarefa de colocar cartões (contendo letras e numeros) em uma de duas caixas (fácil e resmelhe), foram designados para um dos quatro grupos: aleatório-aleatório, aleatório-acordo, acordo-acordo e controle-acordo. A condição que vem antes do hífen corresponde a fase de treino e a condição que vem após o hífen corresponde a fase de teste. Na condição aleatório, o feedback "certo" ou "errado" era dado independente da resposta emitida pelo sujeito, na condição acordo, o feedback era dado em função do comportamento do sujeito de distribuir os cartões em relação as caixas e na condição controle, não era dado nenhum feedback. Em cada fase o sujeito era exposto a 60 tentativas. A fase de treino envolvia cartões com os estímulos letras (vogal e consoante) e a fase de teste envolvia cartões com os estímulos números (pares e ímpares). Os cartões eram randomizados de acordo com a ordem programada e em tentativas pré-programadas (1, 3, 5, 8, 12, 15, 18, 21, 24, 27, 30, 35, 40, 45, 50, 55 e 60), os participantes recebiam uma folha de registro para relatar qual o critério que estava adotando para solucionar o problema. Os resultados demonstram que o número médio de tentativas para a solução do problema na fase de teste foi de 32,5 para o grupo AL-AC; 24,2 para o grupo AC-AC e 72,0 para o grupo CT-AC. Com relação ao número médio de tentativas para a formulação da regra, foi encontrado 12,7 para o grupo AL-AC; 6,0 para o grupo AC-AC e 7,0 para o grupo CT-AC. Assim, observa-se que as médias do grupo exposto somente a feedback controlável (AC-AC), tanto para solução do problema quanto para formulação da regra, foram menores que as médias encontradas para os grupos expostos anteriormente a feedback incontrolável e a não feedback (AL-AC e CT-AC, respectivamente) e que nenhum sujeito do grupo AL-AL conseguiu solucionar o problema ou formular a regra. Esses resultados parecem confirmar a hipótese de que a exposição a eventos incontroláveis afeta na solução de problemas e formulação de regras. No entanto, pôde-se observar através do grupo CT-AC que o não feedback interfere mais na solução de problemas do que na formulação da regra.

Palavras-chave: Controlabilidade; Incontrolabilidade; Solução de Problemas; Formulação de Regra.

ABC 68

EFEITO DA VERBALIZAÇÃO DAS CONTINGÊNCIAS NO TREINO DE RELAÇÕES CONDICIONAIS SOBRE A FORMAÇÃO DE CLASSES DE EQUIVALÊNCIA COM FRAÇÕES E NA GENERALIZAÇÃO PARA NOVAS SITUAÇÕES.

Antonio Carlos Gofinho dos Santos e Adriana Moreira Paiva de Oliveira (Universidade Católica de Goiás; Goiânia-GO)

Resolver problemas matemáticos, que envolvem o conceito de magnitude relativa entre frações gera, frequentemente, dificuldades adicionais para alunos no final de quinta série. Vários estudos mostraram que o treino de relações de condicionalidade entre estímulos havia gerado resultou em aumento no desempenho dos sujeitos, na resolução de exercícios que envolveram relações arbitrárias entre frações. O presente trabalho teve como objetivo verificar se a verbalização das contingências durante o treino das relações condicionais afeta a formação de classes de equivalência com estímulos fracionários e a generalização de respostas para novas situações. Participaram do experimento, oito alunos de final de quinta série do primeiro grau, de ambos os sexos, que obtiveram os menores escores de acerto em um teste prévio, contendo frações relativas (quinze questões) e absolutas (cinco questões), denominado de avaliação inicial. Eles foram selecionados e divididos aleatoriamente em dois grupos experimentais: GE1 (quatro sujeitos) e GE2 (quatro sujeitos). Os exercícios foram apresentados por microcomputadores Aliabyt Pentium MMX 233MHz e Bull 386SX com um software especialmente programado para o procedimento experimental. Inicialmente todos os sujeitos foram treinados em tarefas de emparelhamento arbitrário e de identidade com o modelo. Em seguida, foram ensinadas nas condições de treino, para ambos os grupos experimentais, cinco relações arbitrárias entre os conjuntos de estímulos A, B, C, D, E e F (Relações AB, BC, BD, BE e BF). No treino AB, as frações foram expressas na forma pictórica e nos demais na forma numérica. Após cada treino, os sujeitos do GE1 respondiam a seguinte pergunta: "Descreva como você faz para acertar os exercícios". Ao longo do procedimento, foram conduzidos testes com relações de simetria, transitividade, equivalência e generalização. Os sujeitos que não verbalizaram as contingências foram diretamente instruídos a fazê-lo e posteriormente, resolveram os mesmos exercícios em que cometeram erros em um treino específico, como requisito para prosseguir nas demais condições. Os sujeitos do GE2 não passaram por essa exigência. Os resultados mostraram que os sujeitos do GE1 e GE2 apresentaram tais relações. O nível de generalização alcançado, em geral, foi acima de 90% de acerto. Os sujeitos do GE1, com exceção do sujeito 4, não explicitaram as estratégias utilizadas para resolver os exercícios de acordo com as regras matemáticas, frequentemente, ensinadas nas escolas. Os dados mostraram que a verbalização das contingências não foi condição necessária para a resolução dos problemas fracionários, sendo que a resposta foi aprendida durante a exposição às contingências.

1 Projeto financiado pelo BIC/VPG-UCG. 2 Bolsista BIC/VPG-UCG.
Palavras-chave: Equivalência de estímulos; Frações; Relato verbal.

PSICOLOGIA AMBIENTAL

AMB 01

AMBIENTES COLETIVOS PARA CRIANÇAS DE 0 A 30 MESES: UMA ESCALA DE AVALIAÇÃO. *Tatiana Noronha de Souza** e *Mara Campos de Carvalho (Departamento de Psicologia e Educação, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo)*

A crescente expansão dos equipamentos de educação infantil nas últimas décadas, sem os necessários investimentos técnico-financeiros por parte do poder público e da sociedade, acarretou na deterioração da qualidade do atendimento oferecido. Visto que ainda não se possui, no Brasil, instrumentos de avaliação de qualidade na educação infantil, este trabalho se propõe a dar continuidade a um estudo anterior de nosso grupo de pesquisa, sobre a Infant/Toddler Environment Rating Scale: esta escala foi desenvolvida nos Estados Unidos para avaliar salas de instituições para crianças de até 30 meses de idade. O objetivo é ampliar a verificação da precisão da escala em creches municipais de Ribeirão Preto (SP). A escala é composta por 35 itens, agrupados em 7 sub-escalas: Material e Mobiliário; Rotina e Cuidados Pessoais; Linguagem Oral e Compreensão; Atividades de Aprendizagem; Interação; Estrutura do Programa; Necessidades do Adulto. Há instruções específicas para pontuar cada item, de acordo com as condições observadas: (1) inadequado, (3) mínimo, (5) bom, (7) excelente; as pontuações intermediárias (2, 4, 6) são dadas quando estão presentes todas as condições da pontuação inferior e pelo menos a metade da pontuação superior. Na primeira etapa, de treinamento e familiarização do aplicador com o instrumento, este foi aplicado em 5 salas de creches filantrópicas de Ribeirão Preto; para decidir o término desta etapa foi realizado um teste de acordo entre dois avaliadores independentes, em outras duas salas de creches filantrópicas, sendo obtido 88 % de acordo. Na etapa de precisão, 18 salas de creches municipais foram avaliadas. Em geral, tem sido observado um baixo padrão de atendimento, porém as creches municipais apresentaram escores totais mais elevados que as filantrópicas, cujos escores localizaram-se mais próximos à pontuação mínima possível de ser obtida. Nas creches filantrópicas, a comparação entre sub-escalas indicou que quatro delas (I, II, IV, VII) se salientaram por apresentarem escores muito próximos ao escore mínimo possível de ser obtido. Quanto às municipais, destacou-se: (1) sub-escalas I e V, por apresentarem resultados melhores que as demais; (2) sub-escala II e VII, por apresentarem resultados próximos ao escore mínimo possível de ser obtido, na maioria das salas. Verifica-se que as sub-escalas II (Rotina e Cuidados Pessoais) e VII (Necessidades do Adulto) foram avaliadas com pontuações inferiores nos dois tipos de instituições. Concluindo, a escala tem se mostrado sensível para apontar diferenças (1) entre as salas de creches filantrópicas, bem como entre as salas municipais, (2) entre salas filantrópicas e municipais entre si e (3) diferenças dentro da mesma sala, em relação às várias sub-escalas, sendo que este último aspecto se mostra importante para futuros planos de intervenções.

(FAPESP/CNPQ)

Palavras-chave: Ambientes infantis; Avaliação de qualidade; Creche

*****

AMB 02

DIFERENTES ARRANJOS ESPACIAIS E OCUPAÇÃO DO ESPAÇO POR CRIANÇAS DE 1-2 E 3-4 ANOS EM CRECHES. *Jaceane Aparecida Olaio Bonfim** e *Mara Campos de Carvalho (Departamento de Psicologia e Educação, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo)*

A interdependência entre arranjo espacial - maneira como móveis e equipamentos existentes em um local estão posicionados entre si - e o papel estruturador do educador, foi evidenciada em estudos anteriores, realizados em creches. Constatou-se, dentre outros aspectos, a importância da estruturação espacial com zonas circunscritas (ZC - espaço delimitado pelo menos em três lados) no contato entre crianças de 2-3 anos e delas com a educadora. Este trabalho, com o objetivo de estender a análise para as faixas etárias adjacentes, examina a influência do arranjo espacial na ocupação do espaço, verificando a preferência por áreas específicas durante a ocorrência de atividades livres em creches, por crianças de 1-2 e 3-4 anos. A coleta de dados foi realizada através de três câmeras de videoteipe sem a presença do operador, em quatro salas (duas de cada idade) de duas creches municipais de Ribeirão Preto(SP). O estudo consistiu de três fases, com duas sessões cada: FI-arranjo espacial aberto: arranjo habitual, com uma área central vazia; FII-arranjo espacial aberto, introdução de estantes baixas de madeira nas laterais da sala; FIII-arranjo espacial semi-aberto: montagem de duas ZCs, com as estantes da fase anterior. Os dados apresentados foram obtidos a partir do levantamento da posição espacial, a cada minuto, de cada criança do grupo e respectiva educadora. Para auxiliar no levantamento da posição espacial no monitor de TV, foi utilizada uma planta quadriculada da sala desenhada numa folha de papel, onde cada quadrado correspondia a 1 m² da sala, podendo ser identificado por sua abscissa e ordenada, marcadas por letras e números, respectivamente. A cada minuto a imagem era congelada e localizava-se cada criança na tela do monitor, analisando cerca de 3 segundos antecedentes e conseqüentes ao minuto considerado, sendo a localização transposta para a planta quadriculada e, com base nesta, anotava-se a posição da criança, bem como a localização da educadora. A análise dos dados evidenciou que na FI, com menor estruturação, a maioria das crianças, de qualquer idade, preferiu a área em torno do adulto (ZA), única área estruturada, além desta concentração, as crianças, em geral, movimentaram-se muito pela sala, havendo redução desta dispersão nas demais fases. Considerando especificamente as crianças de 1-2 anos, observou-se preferência semelhante na FIII pela ZA (G1=39%; G2=16%) e pelas ZsCs (G1=37%; G2=18%). Na FII também houve no G1, ocupação preferencial semelhante pela ZA (36%) e área das estantes (41%), já no G2, houve ocupação preferencial desta área (35%) em detrimento da ZA (6%). Para as crianças de 3-4 anos verificou-se na FI maior ocupação da ZA, a qual, nas demais fases, foi preterida pelas crianças a favor, na FII, da área das estantes (G3=42%; G4=50%) e na FIII a favor das ZsCs (G3=63%; G4=56%). Estes dados apontam, portanto, que diferentes arranjos espaciais levam a padrões diversos de distribuição espacial. A diferença observada entre as faixas etárias indica que as crianças menores ocupam mais a ZA, em comparação às maiores, mesmo na presença de ZsCs, indicando maior necessidade de proximidade da educadora, provavelmente devido ao comportamento de apego.

(FAPESP / CNPq)

Palavras-chave: Psicologia Ambiental; Arranjo Espacial; Ocupação do Espaço

*****

AMB 03

PSICOLOGIA AMBIENTAL: UMA PROPOSTA DE VIDA NO CAMPUS. *Dalva Moraes Platiero, Dione Lindsey dos Santos*, Ana Cabral Rodrigues*, Carolina Pezzato Monteiro*, Liana Wernech*, Luciana Ribeiro Barbosa*, Aline Teixeira Lima*, Elisabeth Bezerra da Silva e Paulo Eddy Filho (Departamento de Psicologia, Universidade Federal Fluminense; Niterói - RJ)*

A questão ecológica ou ambiental passou, a partir dos anos 80, a ocupar um grande espaço nos veículos de comunicação de massa. A preocupação do ambiente e sua relação com a saúde e qualidade de vida humana, apesar de ter crescido, carece ainda de experiências de como isso pode ser feito. A proposta do Projeto Vida no Campus, na Universidade Federal Fluminense, é, a partir da base teórica pré-existente, testar a validade de algumas formas de intervenção no campo da conscientização para a questão. O contexto em que se insere este projeto é o campus do Gragoatá, um campus urbano localizado na orla ambientalmente crítica da baía de Guanabara. Busca-se identificar, por meio de informações obtidas da própria comunidade, os problemas ambientais e sociais existentes e, assim, construir uma agenda comunitária de prioridades que permita uma intervenção possível e contextualizada.

Sendo assim, o objetivo é sensibilizar a comunidade do Campus das questões ambientais, alertando para seu reflexo na melhoria da qualidade de vida. E ainda, integrar atividades acadêmicas à administração do campus para que se viabilizem ações concretas mediante a pertinência das metas e da co-responsabilidade.

O método utilizado aponta para uma pesquisa-ação, pois promove uma investigação do cotidiano do campus conjuntamente à abertura de vias interventivas implicadas com as mudanças definidas pela própria comunidade.

O trabalho é realizado através de entrevistas, questionários, seminários intensivos, palestras e comunicação entre todos os segmentos do Campus e com o apoio da Pró-Reitoria de Extensão, do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia e do Departamento de Psicologia, onde as ações foram organizadas e dinamizadas com a participação dos integrantes deste trabalho.

Já foram realizadas algumas ações concretas que permitiram o desenvolvimento do projeto e a promoção desta área do conhecimento: atividades de sensibilização ambiental com crianças da creche UFF, montagem do acervo fotográfico dos desequilíbrios existentes no Campus, vacinação dos gatos do mesmo local, educação ambiental para coleta seletiva de lixo, reuniões com dirigentes universitários, campanhas de conscientização da comunidade, proposta de alteração de gestão do campus, formas alternativas de recepção dos calouros (plantio de árvores), entre outros.

Seguindo o entendimento de que pouco adiantam ações pedagógicas de cunho conclamador, nas quais as respostas obtidas são escassas, ou até mesmo adversas, o projeto avançou mais dentro da área da Psicologia Ambiental, trabalhando as relações humanas com o ambiente.

Sintetizando, o Projeto Vida no Campus pretende desenvolver ações na área da Psicologia Ambiental e da Comunicação que possibilitem uma melhor integração dos aspectos administrativos, acadêmicos e sociais com o ambiente do campus. Podendo se tornar, assim, exemplo de articulação e intervenção não só para outros campi universitários, mas também para os espaços urbanos em geral.

Apoio e financiamento de bolsa: Pró-Reitoria de Extensão - PROEX/UFF

Palavras-chave: Ambiente; Intervenção; Qualidade de vida

*****

AMB 04

SEGURANÇA NO CAMPUS DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA: UM PONTO DE VISTA AMBIENTAL. *Elisa Dias Becker Rotschneider*, Aldo Carvalho*, Hartmut Günther (Laboratório de Psicologia Ambiental, Universidade de Brasília, Brasília, DF)*

O medo de crimes é um grande estressor urbano e contribui para a falta de qualidade de vida. Configurações do desenho ambiental e certos horários do

dos evocam mais medo do que outros. Diversos psicólogos ambientais têm estudado a relação entre espaço físico e segurança, criando o conceito de "espaço defensável", espaço que pelas características físicas do desenho seria menos vulnerável ao crime. Estudos na área têm demonstrado que certos locais levam "dicas de medo" (e.g.: vandalismo, pichação, pouca iluminação e isolamento visual), o que, segundo os autores, contribui para a percepção do ambiente como ameaçador. O aumento de crimes tem sido constatado no Brasil. No D.F., em 1998, 7% do número de óbitos registrados foram devidos exclusivamente à violência. Na Universidade de Brasília (UnB) percebe-se informalmente um sentimento de insegurança difundido entre os usuários do campus, salientado, recentemente, na discussão da colocação de portões no Instituto Central de Ciências (ICC). O objetivo deste trabalho é identificar a ocorrência e distribuição de crimes na UnB e a percepção da segurança dos alunos. O projeto foi dividido em duas partes. Na primeira levantou-se os registros de ocorrências policiais do campus da UnB no ano 2000. Os dados foram categorizados em tipos de crimes, locais de maior freqüência e época do ano. A segunda parte consistirá na elaboração e aplicação de um questionário das sensações de (in)segurança dos alunos na UnB. Dentre 580 ocorrências selecionou-se 237 relacionadas à violência. Constatou-se que os crimes contra a propriedade (furtos, roubos e arrombamentos) constituíram 60% das ocorrências, os crimes contra a pessoa (agressões físicas e verbais, ameaças, voyeurismo, estupros e assaltos) 11,2% e outros crimes (pedintes, invasões, passeatas, trotes, drogas, ameaça de bombas e brigas) 8,2% dos registros. O ICC norte, ICC sul e SGs são responsáveis por cerca de 50% dos crimes contra a propriedade em que o local foi registrado (n=176). Para os crimes contra a pessoa, nos quais o local foi registrado (n=24), as maiores ocorrências são no ICC norte (25%) e Centro Olímpico (12,5%). Para os outros crimes nos quais o local foi registrado (n=23) as maiores ocorrências são no multiuso I e II (26%), Centro Olímpico (13%) e ICC sul (13%). As ocorrências como um todo tendem a se concentrar nos dois meses de começo de cada semestre (março, abril, agosto e setembro). A segunda parte do projeto encontra-se em um estágio piloto, onde estão sendo feitas entrevistas abertas que orientarão a posterior construção do questionário. Este estudo possibilita identificar um esboço da situação de segurança da UnB e as reações que esta vem causando em seus usuários. Os dados obtidos possibilitam um melhor entendimento da dinâmica de segurança do campus e poderão talvez contribuir para a melhora desta situação.

Apoio financeiro: CNPq (PIBIC e IC)
Palavras-chave: Espaço defensável; Segurança; Campus da UnB

****

AMB 05

AMBIENTE URBANO E CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE. *Katia Cristina Tarouquella Brasil**, Maria Eveline Cascardo Ramos**, Juliana Castro Bentes de Carvalho*, Maria Aparecida Martins de Souza* e Melissa Cristina Freitas* (Laboratório de Psicologia Clínica, Universidade Católica de Brasília - Brasília-DF)*

O presente trabalho fundamenta-se na investigação da dimensão subjetiva a partir dos modos de vida humano, individual e coletivo, relacionando a ecologia ambiental e a ecologia humana. A relação da subjetividade com a exterioridade se revela como elemento importante na compreensão das perturbações dos modos de vida humano, que evoluem no sentido de uma progressiva deterioração. O eixo norteador da pesquisa considera a subjetividade na complexidade do fenômeno humano, evidenciando a dimensão psíquica, cuja concepção se encontra fundada no inconsciente e na linguagem, marcados pelo sentido. O objetivo da pesquisa é buscar compreender os modos de apropriação subjetiva do espaço urbano de meninos e meninas em situação de exclusão social e pessoal, procurando conhecer o envolvimento dos adolescentes com fatores ambientais, identificando a natureza (intra e intersubjetiva) dos vínculos construídos a partir do espaço urbano. A coleta de dados efetuou-se por meio de relatórios das atividades colhidos em abordagens semanais por equipe interdisciplinar, no período de março a dezembro de 2000, atingindo uma população de 25 meninos e meninas em situação de rua, com idades entre 5 e 18 anos. Os meninos e meninas em situação de rua são moradores ou trabalhadores de rua. Esse modo de vida revelou um rompimento com práticas sociais, ambientais e humanas cotidianas por meio da apropriação do espaço público em espaço privado. Esse espaço possibilitou a construção da casa simbólica, exemplo de espaço público subjetivamente significado, uma vez que representam uma casa convencional com objetos concretos, porém, disfuncionais. Este espaço é constituído por objetos provenientes do lixo urbano. Do mesmo modo, o lixo não é reconhecido como algo descartável, pelo contrário, todos os objetos recolhidos do lixo são apropriados por esses jovens, aos quais são atribuídos significados particulares. Tais como o papelão, representando um tapete, o qual delimita o espaço da casa; um fogão que não funciona representando a cozinha; o latão de lixo que representa um armário onde se guarda objetos pessoais. Estas relações com o meio ambiente, quer sejam de forma harmônica ou não, provocam uma série de implicações sobre as questões da ecologia ambiental e também da ecologia humana, uma vez que a organização exterior está diretamente vinculada e compreendida com a organização interior. A apropriação dos elementos do ambiente urbano como lixo, droga, dejetos humanos, remetem à dimensão constitutiva da identidade na rua. Nessa perspectiva, a assimetria entre uma ecologia humana, ambiental e social está representada na produção da subjetividade. Desse modo, torna-se imperativo reconhecer que os problemas ambientais traduzem iniquidade de um caráter físico, biológico, antropológico, sociopolítico, social e porque não dizer, psíquico. Nesse contexto, a ecologia humana significa não apenas uma forma de questionar e de pensar a relação do homem com o seu meio ambiente, mas uma posição de formas de desenvolvimento que estejam efetivamente voltadas para a melhoria da qualidade de vida do ponto de vista da saúde mental.

Apoio Financeiro: FAP - Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal - DF
Palavras-chave: Situação de rua; Ambiente urbano; Ecologia humana; Subjetividade

****

AMB 06

LUGARES PREFERIDOS DE ADOLESCENTES DO DISTRITO FEDERAL. *Mariana Costa Speller*, Cristine Murici Nepomuceno* e Hartmut Günther. (Laboratório de Psicologia Ambiental - Universidade Brasília - DF)*

Este estudo investigou a relação que o adolescente estabelece com o ambiente físico por meio de duas questões: a) qual é o lugar preferido pelo adolescente? b) qual é o lugar que o adolescente não gosta de estar? De acordo com a teoria de place attachment ao indicar preferências ou rejeições por determinados lugares, as pessoas manifestam sua identificação, suas atitudes e valores com relação ao ambiente. Uma das questões que acrescentamos é se, entre jovens, tais escolhas são influenciadas por fatores sócio-econômicos e pelo gênero. Baseando-se no estudo de lugares preferidos entre adolescentes da Estônia realizado em 1990, aplicaram-se 547 questionários a alunos do 1o ano do ensino médio (48,3% de escolas públicas e 51,7% de escolas particulares) do Distrito Federal, sendo 257 do sexo masculino e 290 do sexo feminino (idade média 15,6 anos). Do total, 39,5% moram no Plano Piloto e 60,5% moram em Cidades Satélites. As respostas foram reunidas em oito grupos e analisadas de acordo com os seguintes critérios: masculino/ feminino, escola pública/particular; Plano Piloto/Cidade Satélite. Os resultados indicaram 21 lugares considerados como favoritos pelos respondentes. Por ordem de freqüência, os três primeiros lugares apontados como favoritos foram minha casa (29%), shopping (18,8%) e boate (12,9%). Comparando por gênero, verificou-se uma forte preferência por shopping entre as jovens. Os jovens, por sua vez, indicaram preferência por minha casa e boate (χ^2(df=2)=19,4, $p < .001$). Em relação ao local de residência (Plano Piloto/Cidades Satélites), os dados indicam que os adolescentes que moram nas Cidades Satélites preferem minha casa e boate e os que moram no Plano Piloto preferem o shopping (χ^2(df=2)=14,38, $p < .001$). Quanto à natureza do estabelecimento de ensino, nota-se que os alunos da rede pública apontam para minha casa como sendo o lugar favorito e os da rede particular indicam shopping (χ^2(df=2)=20,49, $p < .001$). As respostas dos lugares que os jovens não gostam de estar foram classificadas de acordo com 33 categorias, sendo que as de maior freqüência foram escola (15%), boate (8%), nenhum ou em branco (8%) e show (7,5%). Em relação ao gênero, os adolescentes do sexo masculino indicaram não gostar de escola e as do sexo feminino de boate (χ^2(df=3) = 16,62, $p < .001$). Não houve diferenças significativas quando foram comparados os tipos de estabelecimento de ensino (público/privado) e o local de residência (Plano Piloto/Cidades Satélites). Os resultados sugerem que a condição sócio-econômica parece condizer com o lugar escolhido como preferido, os jovens que estudam em escola pública preferem a casa, enquanto os jovens das escolas particulares preferem o shopping - lugar de forte apelo ao consumo.

Bolsas financiadas pelo CNPq
Palavras-chave: Adolescentes; Lugares preferidos; Place attachment

****

AMB 07

REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL E DA EDUCAÇÃO EM SAÚDE EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS. *Hermes de Andrade Júnior** (Fundação Oswaldo Cruz - Rio de Janeiro - RJ), Angelina Luis Brochier (Universidade Gama Filho - Rio de Janeiro - RJ) e Marcos Aguiar de Souza** (Universidade Federal do Rio de Janeiro - Rio de Janeiro - RJ)*

As representações sociais se referem a um fenômeno no qual o homem manifesta sua capacidade inventiva, lidando com o mundo através de conceitos, afirmações e explicações originadas no dia-a-dia, durante as interações sociais. Desse modo, elas se tornam reproduções mentais do mundo e dos outros. Existe, assim, uma gênese socialmente compartilhada, a partir de crenças adotadas por grupos de pessoas com o objetivo de explicar a experiência social. Porém, apesar de serem compartilhadas, as representações sociais possuem caráter dinâmico, sendo negociadas através da interação social e da conversação, bem como modificadas ou adaptadas à medida que são incorporadas pelo indivíduo na sua concepção de mundo, funcionando como uma interface cognitiva entre a ação individual e a ideologia social. Num momento em que existe uma preocupação social com temas relacionados à educação ambiental e à educação em saúde e com o surgimento de programas desenvolvidos por entidades governamentais e não governamentais, torna-se de vital importância conhecer as concepções sobre esses temas, desenvolvidas por diferentes segmentos da sociedade. Assim, o presente estudo teve como objetivo investigar as representações sociais de educação ambiental e de

educação em saúde em estudantes universitários. Participaram do presente estudo 304 estudantes universitários de ambos os sexos, de diversos cursos de diferentes universidades da cidade do Rio de Janeiro, sendo 106 homens e 98 mulheres, na idade média de 26,9 anos. Para a coleta dos dados foi utilizado um questionário constando de perguntas abertas, solicitando-se aos participantes que definissem suas concepções de educação ambiental e educação em saúde. As respostas foram codificadas através da análise de conteúdo (Bardin, 1977). As respostas relativas à educação ambiental foram distribuídas em três categorias: (1) concepção antropocêntrica utilitarista; (2) antropocêntrica pactuada e (3) ecocêntrica. A análise dos dados evidenciou uma predominância da concepção antropocêntrica pactuada (48%), seguida pela concepção antropocêntrica utilitarista (32%) e com menor ocorrência a concepção ecocêntrica (18%). No que se refere à educação em saúde, as respostas foram classificadas em quatro categorias principais: (1) Saúde como ausência de doença (43%); (2) ênfase na saúde do corpo (22%); (3) saúde como equilíbrio corpo-mente (16%) e (4) concepção ecocêntrica de saúde (8%). Tanto em relação à educação ambiental quanto a educação em saúde, as categorias abaixo de 8% não foram consideradas no estudo. As evidências obtidas através dos dados permitem concluir uma dicotomia entre educação ambiental e educação em saúde, o que revela um enfoque ainda fragmentado da relação entre homem, saúde e ambiente. Ressalta-se ainda que embora exista uma tendência de mudança da concepção antropocêntrica para a ecocêntrica, tal objetivo ainda não foi alcançado. Verifica-se que não tem sido suficiente a implantação de programas com ênfase apenas na transmissão de informações, uma vez que tal procedimento, de acordo com os dados obtidos no presente estudo não têm permitido transformar informação em conhecimento. Sugere-se, assim, que sejam envidados maiores esforços no sentido de desenvolver programas que promovam a integração entre educação em saúde e educação ambiental.

Palavras-chave: Representação Social, Educação Ambiental, Educação em Saúde

---

AMB 08

O USO DAS DINÂMICAS PSICOLÓGICAS NA MOTIVAÇÃO DE COMUNIDADES PARA PROTEÇÃO AMBIENTAL. *Jussara Adaes Braga, Claudia Inês Kourrobaur Pilon, Paulo Ricardo Farias, *Cilia Regina D. Chaves, *Jacyla Dias de Lima, *Mônica Santiago, *Simone Menegatti, *Luciana Penha da Silva, *Karla Ferreira Lima (Departamento de Psicologia, Centro Universitário Luterano de Manaus-CEULM)*

A falta, em Manaus, de uma estrutura permanente de desenvolvimento e aplicação de dinâmicas de grupo voltadas à motivação para a preservação do meio - ambiente, representavam uma oportunidade para o curso de Psicologia do CEULM prestar um serviço diferenciado à comunidade. Em parceria com o curso de Engenharia Ambiental, professores e alunos atuaram de forma interdisciplinar para oferecer respostas às demandas sobre programas de intervenção ambiental. Desta forma, teve início, no ano de 2000, um trabalho onde foram desenvolvidas dinâmicas de grupo, direcionadas à motivação da comunidades para a proteção no meio - ambiente, tendo em vista a necessidade de integração dos mesmos a este processo. A primeira etapa do programa foi realizada em parceria entre CEULM e Secretaria Estadual de Educação, Secretaria de Desenvolvimento do Meio - Ambiente e o Instituto de Pesquisas da Amazônia, possibilitando a 520 alunos de 19 escolas públicas, com idades entre 9 e 17 anos, participarem do trabalho. O programa consistiu em passeios de ônibus por toda a extensão do "igarapé do 40" - desde sua nascente, no bairro Zumbi dos Palmares zona leste de Manaus, uma Área de reserva ambiental , até o seu desaguadouro, no Rio Negro, centro da cidade. Durante o percurso, os alunos entravam em contato, inicialmente, com a nascente preservada do referido igarapé, onde recebiam informações técnicas sobre aspectos importantes para a preservação da natureza, dos professores e alunos de Engenharia Ambiental, a saber: sobre o crescimento e evolução das florestas, o que é mata ciliar; conceito de meio - ambiente; elementos existentes no ecossistema, entre outras. Em seguida, professores e alunos do curso de Psicologia desenvolviam dinâmicas com o objetivo de sensibilizar os participantes para refletirem sobre os temas trabalhados, e aguçar a percepção quanto ao contato com a natureza. No restante do trajeto, os alunos tinham a oportunidade de observar a influência do homem sobre o meio ambiente e os impactos causados pelas intervenções nocivas que ocorrem em habitações às margens do igarapé, que serve de depósito para o lixo doméstico. Mônicas que nele também depositam seus rejeitos, na maioria das vezes tóxicos; pessoas que dele fazem uso para lazer e lá deixam restos de comida e latas de bebidas, entre outros. Por fim, na chegada ao desaguadouro, visualizavam o resultado: um aspecto de lixo que se encontra sobre ele, se depositando, principalmente, com o odor do local. Mais uma vez recebiam informações técnicas sobre as consequências da depredação ambiental e, através de dinâmicas psicológicas, eram levados a refletir sobre a importância da proteção e da responsabilidade que cada ser humano tem neste processo. Comparando a natureza preservada, com o desaguadouro completamente poluído e depredado pela influência humana, eram levados a comparar também os afetos mobilizados no início e no final do percurso, momento em que era trabalhada a necessidade de participar e lutar pela preservação da natureza, e de pensar e agir coletivamente, ou seja, verdadeiras lições de cidadania e compromisso social.

Palavras-chave: Dinâmicas; Meio - Ambiente; Motivação

AMB 09

SIGNIFICADOS PSICOLÓGICOS DO LIXO: UM ESTUDO ATRAVÉS DAS REDES SEMÂNTICAS NATURAIS. *Inaiá Carla Vieira Cortez, Tarsísio Lewis Mikami** e Rejane Pereira Brito** (Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa - PB)*

A quantidade de lixo produzido nos centros urbanos vem aumento de forma alarmante, levando os administradores públicos a buscarem soluções, tais como programas de coleta seletiva. O objetivo deste trabalho foi identificar significados psicológicos do lixo, possibilitando subsídios para uma melhor implementação desses programas, já que o significado pode ser entendido como um estado cognitivo que possui uma função mediadora entre o objeto e o comportamento. Participaram deste estudo 85 pessoas dos bairros de Manaíra, Tambaú e Cabo Branco da cidade de João Pessoa - PB; estes foram escolhidos por possuírem um programa de coleta seletiva de lixo. Os respondentes eram na maioria do sexo feminino (68,2%) e com nível superior completo (27,1%), com idade variando dos 15 aos 87 anos (M = 34; DP = 14,7). Foi utilizada a técnica das Redes Semânticas Naturais, esta consiste em pedir aos respondentes que digam uma lista de palavras definidoras de um conceito (neste caso lixo), e que posteriormente as hierarquizem. Foram analisados: Tamanho da Rede (TR) - número total de palavras definidoras produzidas; Peso Semântico (PS) - soma da ponderação da importância pela hierarquização assumida pelos respondentes; Núcleo da Rede (NR) - composto pelos definidores com maior Peso Semântico. Utiliza-se como ponto de quebra o PS a partir do qual a curva adquire seu caráter assintótico; Distância Semântica Qualitativa (DSQ) - das definidoras do NR, atribui-se aquela com maior PS o valor de 100% e efetua-se uma regra de três simples a partir deste valor para se identificar a DSQ das demais palavras; e Carga Afetiva (CA) - tomando-se por referência o conceito tomado, classificou-se as definidoras como positivas, negativas ou descritivas. Verificou-se que o TR foi igual a 148 definidoras e considerou-se como ponto de quebra um PS igual ou menor do que 30, desta forma o NR foi igual a 50 definidoras. Destas, as com maior peso semântico foram: sujeira (PS = 471; DSQ = 100%), doença(s) (PS = 227; DSQ = 48,2%); mal cheiro (PS = 208; DSQ = 42%), reciclagem (PS = 172, DSQ = 36,5%), poluição (PS = 133, DSQ = 28,2%); desorganização (PS = 109; DSQ = 21,2%); imundice (PS = 78; DSQ = 16,6%); educação (PS = 71; DSQ = 15%); falta de educação (PS = 64; DSQ = 13,6%) e inseto(s) (PS = 61; DSQ = 13%); apenas duas apresentaram CA positiva (reciclagem e educação). Os valores do TR e NR indicam que os respondentes apresentam significados psicológicos semelhantes diante da palavra lixo e o aparecimento de reciclagem indica que os respondentes começam a associar o lixo a este processo, demonstrando resultados positivos do programa de coleta seletiva. Não obstante, verificase que os respondentes associam o lixo mais a aspectos negativos do que positivos, o que pode dificultar o seu entendimento como um recurso que pode gerar benefício. Adicionalmente, estes resultados dão subsídios para uma maior eficácia do programa realizado pela prefeitura de João Pessoa e demonstra a importância de tais pesquisas antes da implementação de programas de coleta seletiva de lixo.

Palavras-chave: Significado Psicológico, Lixo; Rede Semântica Natural

---

PSICOBIOLOGIA E NEUROCIÊNCIAS

BIO 01

ESTUDO DOS EFEITOS DO TRATAMENTO CRÔNICO E AGUDO DA PLANTA CRATAEGUS OXYACHANTA L. EM TRÊS MODELOS ANIMAIS DE COMPORTAMENTO. *Andrade,M.*; Lasale,M.*; Sá Porto, R.*; Pereira-Gomes, A.*; Landeira-Fernandez, J. e Matsumoto, S. (Labor. Psicologia Comparada - UNESA - Rio de Janeiro, RJ)*

Este trabalho teve como objetivo investigar os efeitos comportamentais da planta crataegus, visando a uma avaliação do seu uso popular calmante/hipnótico. Para isto, foram utilizados os mesmos procedimentos aplicados para drogas sintéticas. Em um primeiro experimento, 78 ratos, wistar, machos, adultos, receberam durante 15 dias, chá de crataegus, via oral, nas doses: 5, 10 e 20 g/l. Ao final deste período, os animais foram submetidos ao teste do labirinto em cruz elevado (L.C.E.), ao teste do nado forçado e ao teste do catalepsímetro, modelos animais utilizados para screening de drogas ansiolíticas, antidepressivas e antipsicóticas, respectivamente. No teste do catalepsímetro, a análise estatística revelou uma diferença significativa na medida de catatonia induzida por haloperidol nos três grupos que receberam o tratamento com a planta (p≤ 0,05). Já, tanto no L.C.E. quanto no teste do nado forçado não foram verificados efeitos ansiolíticos ou antidepressivos, apesar dos resultados demonstrarem uma tendência em direção a estes efeitos. Em um segundo experimento, verificamos os efeitos da administração aguda do crataegus em 60 animais submetidos aos três modelos supracitados. Os resultados demonstraram que o tratamento agudo apresentou efeitos ansiogenicos (p < 0,05) no L.C.E. em relação ao número de entradas e tempo gasto nos braços abertos. Observou-se também um efeito depressor no teste do nado forçado tanto em relação à latência (p <0,05) como no tempo de imobilização (p < 0,05). Esses resultados indicam que o tratamento crônico e agudo com a planta crataegus produz efeitos comportamentais diferentes. O tratamento agudo embora não tenha revelado um efeito motor induzido pelo haloperidol, produziu um efeito ansiogênico e depressivo comportamental. Por outro lado, o tratamento crônico com o crataegus potencializou a catatonia induzida pelo haloperidol mas não causou qualquer efeito nos modelos de ansiedade e depressão. Dessa forma, o uso popular do crataegus como um agente redutor da ansiedade parece ser inconsistente em relação aos efeitos comportamentais observados no presente estudo.

Apoio Financeiro: UNESA e Farmácia Princípio Ativo

Palavras-chave: Modelos Animais; Etnobotânica; Crataegus oxyachanta

****

BIO 02

EFEITOS DA MICROINJEÇÃO DE UM AGONISTA SELETIVO DO SUBTIPO 5-HT2 NAS PORÇÕES VENTRAL E DORSAL DO HIPOCAMPO DE RATOS: IMPLICAÇÕES PARA O PAPEL DA SEROTONINA NA ANSIEDADE. *Sérgio Henrique de Souza Alves**, Gilson de Assis Pinheiro**, Hercílio Barbosa Tinoco**, Cristina Moreira de Azevedo*, Yanina Gadelha*, Vitor Motta, Jesus Landeira-Fernandez1 e Antonio Pedro de Mello Cruz (Laboratório de Psicobiologia do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, DF; 1 Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, RJ)*

O papel da serotonina (5-HT) e dos circuitos neurais envolvidos na ansiedade tem sido amplamente investigados. O presente estudo testou os efeitos da microinjeção de um agonista seletivo do subtipo 5-HT2 de receptores serotoninérgicos, o MK-212, nas porções ventral e dorsal do hipocampo de ratos expostos ao labirinto em cruz elevado (LCE). Utilizando um procedimento padrão de estereotaxia, ratos Wistar machos (200-280 g) tiveram cânulas (Plastics-One, modelo c315) unilateralmente implantadas 1mm acima das porções dorsal (AP = - 3,3, LM = 2,2, DV = 2,0) ou ventral (AP = -4,8, LM = 5,0, DV = 6,0) do hipocampo. Sete dias após, os animais receberam microinjeções (0,5 µl) de MK-212 (1, 3 e 10 µg) ou de seu veículo (salina 0,9%). Quinze minutos após, cada animal foi exposto durante 5 min ao LCE, registrando-se o número de entradas e tempo gasto nos braços abertos e fechados, bem como as categorias esquadrinhar, espreitar e exploração da extremidade. Estas últimas categorias vêm sendo amplamente utilizadas em nosso laboratório para o teste de drogas serotoninérgicas. Os resultados foram analisados através de uma ANOVA de dois fatores, tendo como primeiro fator o tratamento farmacológico (0, 1, 3 e 10 µg) e como segundo fator o sítio de injeção (hipocampo dorsal ou ventral). Os valores de F e de p da ANOVA para cada medida de ansiedade não estão indicados, estando apenas representados os valores de p das comparações post hoc entre os grupos com base no teste de Bonferroni. Quando microinjetado no hipocampo ventral, a droga (3 e 10µg) reduziu significantemente a porcentagem de tempo gasto nos braços abertos (p<0,05), o número de explorações da extremidade (p<0,01) e o tempo gasto na categoria esquadrinhar (p<0,01). Este padrão de resultados sugere um efeito ansiogênico da droga neste sítio cerebral. Esses efeitos parecem ter sido seletivos e independentes de alterações na atividade locomotora, uma vez que a droga reduziu significantemente o número de entradas nos braços fechados. Tais resultados estão de acordo com a previsão da hipótese serotoninérgica clássica da ansiedade, a qual atribui um papel ansiogênico para a 5-HT. Contudo, nenhum efeito significante foi observado com a microinjeção da droga no hipocampo dorsal. Em conjunto, nossos dados sugerem uma participação diferenciada da 5-HT nas porções ventral e dorsal do hipocampo sobre o estado de ansiedade avaliado no LCE. Além disso, estendem resultados prévios de nosso laboratório nos quais a microinjeção de um outro agonista 5-HT2, o TFMPP, promoveu o mesmo perfil de efeitos ansiogênicos na porção ventral do hipocampo em ratos expostos ao LCE.

Apoio: CNPq

Palavras-chave: Ansiedade; Serotonina; Hipocampo

****

BIO 03

EFEITO ANSIOGÊNICO DA MICROINJEÇÃO DE UM ANTAGONISTA 5-HT2A NA MATÉRIA CINZENTA PERIAQUEDUTAL DORSAL DE RATOS EXPOSTOS AO LABIRINTO EM CRUZ ELEVADO. *Hercílio Barbosa Tinoco** 1, Sérgio Henrique de Souza Alves**, Gilson de Assis Pinheiro**, Cristina Moreira de Azevedo*, Yanina Gadelha*, Vitor Motta, Jesus Landeira Fernandez 2 e Antonio Pedro de Mello Cruz (Laboratório de Psicobiologia do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, DF; 1 Faculdade de Ciências da Saúde do Centro Universitário de Brasília, DF; 2 Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, RJ)*

Este trabalho faz parte de uma série de experimentos que vimos realizando sobre o papel da serotonina (5-HT) e de seus principais sítios pós-sinápticos na ansiedade, especialmente a amígdala, as porções ventral e dorsal do hipocampo e a matéria cinzenta periaquedutal dorsal (MCPD). No presente estudo, investigou-se os efeitos da microinjeção do antagonista 5-HT2A SR 46349B na MCPD de ratos subseqüentemente testados no labirinto em cruz elevado (LCE), um dos modelos animais de ansiedade mais utilizados nos últimos anos. Empregando um procedimento padrão de estereotaxia, ratos Wistar machos (270 - 300 g) tiveram cânulas cirurgicamente implantadas 1 mm acima da MCPD (AP = 0,0; LM = 0,5; DV = 3,0). Um período de sete dias de recuperação pós-cirurgica foi dado para cada animal. Nos dois últimos dias, os animais foram manipulados durante 5 min pelo experimentador. Após o período de recuperação, os animais receberam microinjeções (0,5µl) de SR 46349B (1, 3 ou 5,6 µg) ou de seu veículo (salina 0,9 %). Quinze minutos após a microinjeção, cada animal foi exposto durante 5 minutos ao LCE. Foram registrados, além do número de entradas e tempo de permanência nos braços abertos e fechados, as categorias etológicas esquadrinhar, espreitar e exploração da extremidade dos braços abertos. Estas últimas categorias vêm sendo amplamente utilizadas em nosso laboratório para o teste de drogas serotoninérgicas. Os resultados foram analisados através de análise de variância não paramétrica, utilizando-se o teste de Kruskal-Wallis. A droga promoveu uma diminuição significante (p≤ < 0,05) das porcentagens de entrada (5,6 µg) e de tempo (3 e 5,6 µg) gasto nos braços abertos, caracterizando um efeito ansiogênico. Confirmando resultados prévios de nosso laboratório, nos quais as medidas etológicas de ansiedade no LCE mostram-se mais sensíveis para o teste de drogas serotoninérgicas, observou-se uma maior evidência deste efeito ansiogênico na diminuição do tempo gasto na categoria esquadrinhar (3 e 5,6 µg) e no número de explorações da extremidade (1, 3 e 5,6 µg). O efeito ansiogênico parece ter sido seletivo e independente de alterações na atividade locomotora, pois nenhuma das doses alterou o número de entradas nos braços fechados (p > 0,05). Uma vez que o bloqueio dos receptores 5-HT2A na MCPD promoveu efeito ansiogênico, nossos resultados são discutidos em termos da possibilidade de um controle tônico da 5-HT na gênese e elaboração dos estados ansiolíticos/ansiogênicos nesse sítio cerebral. Além disso, sugerem uma participação dos receptores pós-sinápticos do 5-HT2A nos efeitos observados.

Apoio: CNPq

Palavras-chave: Ansiedade; Serotonina; MCPD

****

BIO 04

EFEITO DA PIMOZIDA SOBRE A ABOLIÇÃO DA INIBIÇÃO LATENTE INDUZIDA POR FENCANFAMINA: UM MODELO DE ESQUIZOFRENIA. *Cilene Rejane Ramos Alves**1, Roberto DeLucia2 & Maria Teresa Araujo Silva1 (1Depto de Psicologia Experimental, e 2Depto de Farmacologia, ICB-1 Universidade de São Paulo, São Paulo-SP)*

Inibição latente (LI) é um procedimento comportamental animal proposto como modelo de perturbações na atenção que ocorrem na esquizofrenia. Os distúrbios de atenção e aprendizagem são considerados básicos na esquizofrenia: a percepção de estímulos externos e as funções cognitivas encontram-se alteradas em vários graus. A LI pode ser entendida como um retardo no condicionamento quando um estímulo é repetidamente apresentado sem reforço. O efeito da LI apresenta-se diminuído em pacientes esquizofrênicos e em ratos tratados com agonistas dopaminérgicos, anfetamina e fencanfamina (FCF). Os antagonistas dopaminérgicos (p. ex. antipsicóticos) se caracterizam por produzir dois efeitos sobre a LI: facilitação e bloqueio da abolição induzida por anfetamina. A pimozida, antagonista dopaminérgico seletivo (D2), possui propriedades farmacológicas como antipsicótico, melhorando os sintomas de pacientes com esquizofrenia. O objetivo deste trabalho é verificar o efeito da pimozida (PIM) sobre o modelo da LI. Ratos Wistar, machos, sob restrição de água, foram submetidos aos três estágios do paradigma de LI: a) Pré-exposição ao som; b) Condicionamento, pareamento som-choque; e c) Teste, efeito do som sobre a resposta de lamber. Os animais foram divididos em pré-expostos (PE) e não pré-expostos ao som (NPE), e subdivididos em grupo salina (SAL+SAL, n=18), fencanfamina (SAL+FCF, n=18), pimozida (PIM+SAL, n=17) e pimozida + fencanfamina (PIM+FCF, n=18).

Neste experimento os animais dos grupos PIM+SAL e PIM+PCP foram injetados com Pim (1,0mg/kg/ml, ip.) 4 hs antes da administração de SAL ou PCP. Já os grupos SAL+SAL e SAL+PCP receberam Sal 4 h antes da administração de SAL ou PCP. A PCP foi administrada na dose de 6,0 mg/kg, ip., e a SAL, ip., no volume correspondente de NaCl (0,9%), 15 min antes do início das fases de Pré-exposição e Condicionamento. A análise de variância (2X4) revelou efeito da condição de exposição (PE e NPE – $F(1,56)=91,751$, $p<.001$), da condição de droga ($F(3,56)=15,724$, $p<.001$) e da interação entre a condição de exposição e droga ($F(3,56)=10,676$, $p<.001$). O teste de Duncan indicou um claro efeito da LI no grupo PE em relação ao grupo NPE nos animais tratados com SAL+SAL, PIM+Sal e PIM+PCP. A LI foi abolida nos grupos tratados com SAL+PCP PE e PIM+PCP PE em relação ao grupo controle (μ+SE: SAL+SAL PE=0,543±0,052; SAL+PCP PE=0,070±0,017; PIM+PCP=0,298±0,061). Portanto, a PCP eliminou a LI, como habitualmente, e não houve bloqueio da PCP pela PIM. A PIM embora tenha reproduzido a LI em situações em que normalmente produzem esse resultado no grupo controle (muitas pré-exposições), foi insuficiente para reverter a abolição da LI induzida por PCP. Os dados sugerem que a abolição da LI induzida por PCP se deve, preferencialmente, ao seu efeito agonista sobre o receptor D1.

Apoio Financeiro: FAPESP e CNPq

Palavras-chave: Pimozida; Inibição Latente; Esquizofrenia

****

BIO 05

A INTERVENÇÃO DO PSICÓLOGO JUNTO A PACIENTES COM DISFUNÇÕES NEUROPSICOLÓGICAS. *Sandra Regina Schewinsky, Lucia Ghiringhello (Universidade São Marcos, São Paulo SP)*

Inúmeras são as causas geradoras de alterações das funções psicológicas superiores, como por exemplo acometimentos mórbidos do Sistema Nervoso Central por lesões cerebrais, síndromes demenciais, intoxicações e outros fatores que podem acarretar disfunções dos processos psicológicos superiores como memórias, praxias, gnosias, abstrações, organização e planejamento, organização temporal e espacial, linguagem em um ou mais dos seus vários aspectos, consciência e distúrbios na esfera emocional e comportamental. A neuropsicologia é o campo do conhecimento, de natureza multidisciplinar, que toma apoio na Anatomia, Fisiologia, Neurologia, Psicologia, Psiquiatria e Etologia. É da competência do profissional de Psicologia realizar o diagnóstico diferencial, verificando se há a ocorrência de disfunções neuropsicológicas e como estas interferem na performance global do paciente, diferenciando-as e relacionando-as com a dinâmica afetivo-emocional. Diante desta avaliação, estabelecem a conduta do tratamento psicológico pertinente, havendo muitas vezes a necessidade de trabalhar a reorganização cognitiva, além dos aspectos emocionais e comportamentais. Partindo da visão holística do Homem, em que se segue o paradigma monista, entende-se que as formas complexas do comportamento humano devem-se a um sistema funcional e não apenas a funções isoladas, neste sentido o presente trabalho objetiva demonstrar formas de atuação do profissional de Psicologia no tocante à reorganização cognitiva, estabelecendo a interligação entre a especificidade neuronal, suas disfunções e aplicação de possíveis atividades dirigidas para a reabilitação da função. O trabalho exemplifica possíveis estratégias de intervenção para disfunções decorrentes de acometimentos mórbidos em determinadas regiões do cérebro como, lobo frontal, lobo temporal, lobo occipital, lobo parietal, cerebelo e sistema límbico, atentando para o fato que nosso cérebro trabalha de forma integrada e sincrônica. Sabe-se que uma função complexa não depende de um "centro" mas sim da ação harmoniosa de diversas regiões corticais, logo o comprometimento de uma função complexa não a localiza necessariamente na região afetada, mas significa que este local participa do sistema ou rede de conexões relacionadas à função comprometida. A reorganização cognitiva propicia maiores oportunidades de se fomentar novas redes neuronais através do princípio de neuroplasticidade, incrementando assim uma melhora funcional. Concluída a avaliação psicológica, uma vez delimitada a presença de alterações neuropsicológicas, a intervenção deve ser direcionada de acordo com as necessidades e peculiaridades do paciente, por exemplo, diante de déficits no processo mnemônico, investigar quais os tipos de memória prejudicados e diante disto aplicar as atividades dirigidas, de acordo com o contexto sócio-cultural e o interesse do paciente. O centro da memória encontra-se junto ao centro das emoções, fato que justifica o porquê das situações com forte colorido afetivo serem melhor memorizadas. O presente trabalho pretende evidenciar a importância da intervenção do psicólogo junto a pacientes com disfunções neuropsicológicas, pois é o profissional que, por ter a compreensão funcional do cérebro, pode avaliar e tratar os déficits, como ainda integrá-los com os aspectos afetivos-emocionais e sociais, com o intuito de incrementar a melhor qualidade de vida para os pacientes com alterações das funções psicológicas superiores.

Palavras-chave: Neuropsicologia, Disfunções; Reorganização cognitiva BIO

****

BIO 06

EFEITO DO AÇÚCAR NO COMPORTAMENTO EXPLORATÓRIO DO RATO EM UM MODELO DE ANSIEDADE. *Pumar, L.* (Laboratório de Psicologia Comparada, Universidade Estácio de Sá, Campus Friburgo, RJ), Saliau, C. (Laboratório de Psicologia Comparada, Universidade Estácio de Sá, Campus Friburgo, RJ) e Morato, S (Laboratório de Psicobiologia, FFCLRP, USP, SP)*

O labirinto em cruz elevado (LCE) é um modelo animal de ansiedade, no qual a motivação para explorar um ambiente novo é contraposta à motivação de se manter em local seguro. Este conflito resulta no comportamento típico do rato no LCE, ou seja, uma maior exploração dos braços fechados do que dos abertos. Estudos demonstram que ratos que ingerem grande quantidade de sacarose apresentam maior exploração dos braços abertos em termos de freqüência de entradas e tempo gasto. O presente trabalho tem como objetivo determinar o efeito de diferentes concentrações de açúcar no comportamento de ratos expostos ao LCE.

Foram utilizados 72 ratos Wistar provenientes do Biotério da Universidade Estácio de Sá, Campus Friburgo, divididos em 5 grupos que receberam diferentes quantidades de açúcar: Grupo 1 (0g), Grupo 2 (30g), Grupo 3 (60g), Grupo 4 (120g) e Grupo 5 (240g) em soluções preparadas com sacarose de cana-de-açúcar diluídas em 1 litro de água e oferecidas aos animais 24h antes do experimento. Cada animal foi exposto a uma sessão de 5 minutos na arena e em seguida transferido ao LCE para uma outra sessão também de 5 minutos. Uma ANOVA de uma via em relação à porcentagem de entradas nos braços abertos indicou um efeito principal significativo ($F[4,71]=3,481$; $P<0,005$) do fator Tratamento (controle x 30g x 60g x 120g x 240g). A análise post-hoc demonstrou um aumento significativo deste índice ($P<0,05$) nos tratamentos 30g 60g e 240g. Um efeito semelhante ocorreu em relação à porcentagem de tempo gasto nos braços abertos, observando através de um aumento significativo neste índice nos mesmos tratamentos ($F[4,71]=6,089$; $P<0,001$). ANOVAs de duas vias desenvolvidas com os fatores Braços (abertos X fechados) e Tratamento apresentaram efeitos significativos do primeiro fator com relação ao tempo gasto nos mesmos ($F[1,143]=67,807$; $P<0,001$) e à freqüência de entradas ($F[1,143]=25,177$; $P<0,001$). Houve também uma interação significativa entre os dois fatores quanto à freqüência de entradas ($F[4,143]=2,776$; $P=0,029$) e ao tempo gasto nos braços ($F[4,143]=10,907$; $P<0,001$) sugerindo efeitos ansiolíticos dos tratamentos. A freqüência do comportamento de mergulhar apresentou um aumento significativo nos grupos de 30g 60g e 240g comparados ao controle ($F[4,71]=9,442$, $P<0,001$) e, por outro lado, a freqüência do comportamento de esticar mostrou-se reduzida significativamente em todos os tratamentos ($F[4,71]=3,839$; $P=0,007$). Não houve diferença significativa entre os tratamentos quanto ao comportamento de levantar ($F[4,71]=1,276$, $P=0,288$). As medidas da freqüência total de entradas nos braços e cruzamentos na arena indicaram, através de ANOVAs de uma via, um aumento significativo sob todos os tratamentos com açúcar, exceto com 120g.

Os resultados demonstram que os tratamentos com açúcar nas doses 30g, 60g e 240g produziram aumento no comportamento exploratório dos braços abertos, sugerindo efeitos ansiolíticos. Entretanto, tais resultados devem ser interpretados com cautela, já que paralelamente, houve um aumento no número total de entradas nos braços no labirinto e na arena, podendo refletir uma estimulação não específica no estado de alerta e locomoção.

Palavras-chave: Comportamento Exploratório; Labirinto em Cruz Elevado; Açúcar

****

BIO 07

EFEITOS DO TRATAMENTO AGUDO DE MUIRAPUAMA EM DOIS MODELOS ANIMAIS DE COMPORTAMENTO. *Fagundes, F.*; Pratagna, C.*; Sá Porto, K.*; Pereira Gomes, A.*; (Laboratório de Psicologia Comparada, Universidade Estácio de Sá, RJ), Landeira-Fernandez, J. (Laboratório de Psicologia Comparada, Universidade Estácio de Sá, RJ; Laboratório de Neurociências e Comportamento, PUC-Rio), e Masomenta, S. (Laboratório de Psicologia Comparada, Universidade Estácio de Sá, RJ)*

O estudo sobre o uso de plantas medicinais ainda é incipiente devido a problemas de reprodutibilidade, posologia e preparação dos extratos. Porém, a eficácia dessas plantas ainda carece de evidências experimentais bem controladas. Estudos etnobotânicos parecem indicar que a seleção da planta utilizada pela população para uso medicinal deve ser coletada no mesmo local de seu uso tradicional. Seguindo-se esse critério, selecionou-se a planta Muirapuama (Ptychopetalum olacoides) a partir de estudos etnobotânicos realizados pelo Museu do Pará Emílio Goeldi. Esta planta é indicada pelas populações ribeirinhas do Baixo Amazonas, cujo uso é amplamente difundido por todo território nacional. A indicação do uso da Muirapuama varia imensamente sendo sugeridos efeitos reumáticos, afrodisíacos - impotência e frigidez, e inclusive efeitos antidepressivos. O presente estudo investigou o efeito da Muirapuama em modelos animais de ansiedade (labirinto em cruz elevado – L.C.E.) e depressão (nado forçado) amplamente utilizados para o screening de drogas psicoativas. Ratos albinos receberam chá de Muirapuama, via oral, fornecido nos bebedouros durante 24 horas, nas doses 10g/l e 20g/l. Animais controles receberam água. Ao final deste período, 96 animais foram submetidos ao teste do labirinto em cruz elevado e 78 animais no teste do nado forçado. Os resultados indicaram que a Muirapuama na dose de 20g/l aumentou significativamente a entrada e o tempo de permanência no braço aberto no L.C.E. (todos os p's <0,05), indicando assim um efeito ansiolítico. No teste do nado forçado, observou-se que 20g/l de Muirapuama reduziu o tempo de imobilização e a latência para sua ocorrência (todos os p's < 0,05), revelando assim um efeito antidepressivo. Observou-se também que 10g/l de

Muirapuama potencializou o efeito antidepressivo da Imipramina. Esses resultados obtidos no teste do nado forçado confirmam os efeitos antidepressivos sugeridos pelo uso da população. Também foram verificadas propriedades ansiolíticas no teste do L.C.E.. As propriedades da Muirapuama relatadas neste estudo inicial fazem parte de um esforço interdisciplinar no sentido de aprofundar os conhecimentos sobre o uso de plantas medicinais com ação psicotrópica.

Apoio Financeiro: UNESA e Farmácia Princípio Ativo

Palavras-chave: Modelos animais; Etnobotânica; Ptychopetalum olacoides

*****

BIO 03

MARCADORES NEUROPSICOLÓGICOS DO DIAGNÓSTICO PRECOCE DA DOENÇA DE ALZHEIMER EM IDOSOS COM ALTA ESCOLARIDADE. *Helenice Charchat Fichman**, Ricardo Nitrini, Paulo Caramelli, Koichi Sameshima, Cássio Farias, Flávia Engelhardt (Instituto de Psicologia e Departamento de Neurologia da Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP; Instituto de Psiquiatria, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Serviço de Neuropsicologia, Curso de Psicologia, Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, RJ)*

O desempenho da população idosa em testes neuropsicológicos é influenciado por variáveis demográficas (idade, escolaridade e gênero) e clínicas (doenças neurológicas, psiquiátricas e metabólicas). Neste contexto, é possível observar a presença de sub-grupos com perfis neuropsicológicos distintos, destes, alguns apresentam maior risco de desenvolver a Doença de Alzheimer (DA). A identificação destes sub-grupos é fundamental para o diagnóstico precoce da DA. O objetivo do presente trabalho foi detectar os marcadores neuropsicológicos que aumentam o risco de desenvolver a doença de Alzheimer em idosos com alta escolaridade. Foram avaliados 32 controles (ausência de declínio cognitivo e ausência de prejuízo nas atividades funcionais), 37 idosos com declínio cognitivo leve (presença de declínio cognitivo e ausência de prejuízo nas atividades funcionais) e 40 pacientes com diagnóstico clinicamente provável de DA leve (presença de declínio cognitivo e presença de prejuízo de atividades funcionais). Todos os sujeitos apresentavam escolaridade maior que 8 anos. Os grupos foram pareados quanto à idade, gênero e anos de escolaridade. Os indivíduos foram submetidos a uma bateria de testes neuropsicológicos não computadorizados (RAVLT, Escala MATTIS de demência, fluência verbal, Hooper, Memória Lógica e Reprodução visual da Escala Weschler de Memória, desenho do relógio, construção com cubos) com a finalidade de avaliar o funcionamento cognitivo e a escala funcional de Pfeffer para avaliar a capacidade de realizar as tarefas do cotidiano. Com o resultado destas avaliações os casos e controles foram diagnosticados e os grupos divididos. Em um segundo estágio, os sujeitos foram submetidos a uma bateria de testes neuropsicológicos computadorizados (teste de tempo de reação de escolha com formas geométricas, teste de reconhecimento de faces, palavras e desenhos) para verificar quais indivíduos apresentavam maior risco de desenvolver a Doença de Alzheimer. Foi utilizada uma caixa de resposta serial como interface entre o sujeito e a tela do computador onde os estímulos foram apresentados. Foi realizada uma análise de regressão logística binária (grupo controle mais declínio cognitivo leve X grupo DA) que gerou um modelo que incluiu os testes computadorizados de reconhecimento de faces e palavras. Este modelo apresentou alta especificidade (91,5%) e baixa sensibilidade (67,5%). A baixa sensibilidade foi explicada ao realizar uma análise de conglomerados com a probabilidade de cada indivíduo desenvolver DA. Treze indivíduos inicialmente diagnosticados como declínio cognitivo leve apresentaram probabilidades acima de 40% de desenvolver DA. Estes sujeitos pertencem ao sub-grupo com maior risco de desenvolver DA. A memória verbal tanto na bateria de testes computadorizados e não-computadorizados foi o principal marcador neuropsicológico do diagnóstico precoce da DA em indivíduos com alta escolaridade.

Apoio Financeiro: Fapesp e UNESA

Palavras-chave: Doença de Alzheimer; Neuropsicologia; Idoso

*****

BIO 04

EFEITO DA ESTIMULAÇÃO ELÉTRICA AVERSIVA DO COLÍCULO SUPERIOR SOBRE O MEDO CONDICIONADO E INCONDICIONADO MEDIDOS NO LABIRINTO EM T ELEVADO. *Leandro Pinto Almada1*, Patrícia Lemos Ramos Ramos1*, Cláudia Alves Jacob1*, Jesus Landeira-Fernandez1,4, Hélio Zangrossi5, José Eduardo Pandóssio3 e Regina Lúcia Nogueira1,2 (1Laboratório de Psicologia Comparada, Universidade Estácio de Sá - RJ; 2Curso de Psicologia - Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP) - SP; 3Curso de Psicologia, Laboratório de Psicobiologia, Universidade Católica de Brasília - DF; 4Departamento de Psicologia, PUC-RJ e 5Departamento de Farmacologia, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo - SP)*

Estudos têm mostrado que a estimulação elétrica de camadas profundas do colículo superior produz respostas aversivas características, como alerta, imobilidade tensa e resposta de fuga, além de alterações autonômicas. No presente estudo, investigamos o efeito da estimulação elétrica aversiva do colículo superior sobre a esquiva inibitória e fuga medidas em um modelo animal de ansiedade, o labirinto em T elevado (LTE). Ratos Wistar, machos (200-230g, n=8) foram submetidos a uma cirurgia estereotáxica para um implante de um eletrodo no colículo superior. Seis dias após a cirurgia foi determinado a intensidade da corrente elétrica que produzia comportamento de fuga - limiar de fuga. Cinco, dez ou quinze min após a determinação do limiar de fuga, os ratos foram testados no LTE. O LTE possui um braço fechado perpendicular a dois abertos, elevados a 50 cm do solo. Cada animal foi colocado no fim do braço fechado e mediu-se por 3 vezes consecutivas, com intervalos de 30 s, a latência de saída desse braço (esquiva inibitória). Após 30 seg, o mesmo rato foi colocado no final de um dos braços abertos e mediu-se a latência de saída (fuga) por 3 vezes. Após o teste no LTE, a locomoção dos animais foi testada numa arena de madeira. Os controles foram um grupo não-operado e um grupo "sham" (operado mas não estimulado eletricamente). Os resultados mostraram que a estimulação elétrica do colículo superior 5 min antes do teste no LTE aumentou a esquiva dos braços abertos (F(2,33)=3,33, p<0,05), e diminuiu a locomoção na arena (F(2,29)=4,24, p<0,05). No entanto, o comportamento de fuga não foi alterado. Após as latências de 10 e 15 min não houve alteração da esquiva inibitória ou fuga. Esses resultados indicam que a estimulação elétrica do colículo superior aumenta a resposta de medo medida posteriormente no LTE. Portanto, o colículo superior pode estar modulando respostas adaptativas ao estresse. Além disso, o efeito da estimulação elétrica do colículo superior apenas sobre a esquiva inibitória mostra que dois tipos diferentes de medo são produzidos pelo LTE.

Apoio financeiro: Universidade Estácio de Sá, CNPq, UNAERP e FAPESP

Palavras-chave: Colículo superior, Estimulação elétrica, Esquiva inibitória

*****

BIO 10

INFLUÊNCIA DA COR DOS ALIMENTOS SOBRE O COMPORTAMENTO DE ESCOLHA EM CRIANÇAS. *Odara de Sá Fernandes1, Ana Cristina Cabral Dias*, Nívea de Araújo Lopes*, Fivia de Araújo Lopes** e Maria Emília Yamamoto2 (Pós Graduação em Psicobiologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte)*

O comportamento de escolha dos alimentos pode ser influenciado por diversos fatores, entre eles a cor. Acredita-se que a presença ou ausência desta e sua intensidade possam interferir de forma bastante significativa na impressão subjetiva da doçura dos alimentos, além de influenciarem o julgamento quanto a intensidade do sabor e conseqüentemente sua aceitabilidade. Além disso, o comportamento de escolha dos alimentos sofre forte influência cultural e social. A compreensão do efeito destes fatores nas diversas faixas etárias pode contribuir para a formulação de estratégias para a introdução de bons hábitos alimentares. O presente trabalho tem como objetivo testar duas variáveis que podem influenciar a escolha dos alimentos em crianças: a cor do alimento e a faixa etária à qual a criança pertence. Foram utilizadas 30 crianças subdivididas em três grupos: grupo1- 10 crianças entre 1 e 2 anos, grupo2- 10 crianças entre 3 e 4 anos e grupo 3- 10 crianças entre 5 e 6 anos. O alimento estímulo utilizado foi a gelatina (elaborada a partir de pó de gelatina sem cor e sem sabor, corado com quantidades definidas de corante de cor vermelha, amarela, verde, azul, sem corante, sendo adoçada com leite condensado). A gelatina foi apresentada às crianças dos três grupos citados em sala padronizada. Cada estímulo constou de dois copos descartáveis contendo 10 ml de gelatina cada, com combinações pré-determinadas das cores especificadas, sendo solicitado à criança que indicasse qual dos dois ela preferia. Cada indivíduo foi testado quatro vezes, sendo exposto a quatro combinações diferentes, em duas sessões. Os resultados sugerem que a cor dos alimentos exerce influência no comportamento de escolha alimentar em crianças, principalmente no que se refere a alimentos coloridos em oposição a alimentos brancos. Em geral, as gelatinas com corantes foram preferidas àquela sem corante, e as de cor azul e verde foram significativamente mais escolhidas do que a branca. Em relação às faixas etárias, verificou-se que as preferências não são uniformes, sendo estas mais bem estabelecidas em crianças de maior idade (grupo 3). Nossos dados sugerem que a cor é um fator importante na escolha alimentar em crianças. Aparentemente, as preferências por cores específicas se estabelecem mais tardiamente na infância, sugerindo a interferência da influência social, o que pode favorecer a formulação de estratégias de orientação sobre a formação de hábitos alimentares sadios em crianças.

1 Bolsista de apoio técnico do CNPq

2 Bolsista de produtividade do CNPq

Apoio FAPERN, PPPg/UFRN, CNPq.

Palavras-chave: Comportamento de escolha; Alimento; Influência da cor; Crianças

*****

BIO 11

AVALIAÇÃO NEUROPSICOLÓGICA E PERFIL DE CRIANÇAS DIAGNOSTICADAS COM TDAH. *Cíntia Teresa Conti* e Érica Pires Stefanello** (Departamento de Psicologia, Universidade Regional de Blumenau, Blumenau - SC)*

Introdução: Estudos sobre o Transtorno Déficit de Atenção e Hiperatividade/Impulsividade são feitos desde o começo do século XX. O Termo atual "Transtorno por Déficit de Atenção e Hiperatividade/Impulsividade" segundo classificação do Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, subdivide-se em Tipo Predominantemente Desatento, Tipo Predominantemente Hiperativo - Impulsivo e Tipo Combinado. De uma forma geral as crianças que apresentam o TDAH tem como características a dificuldade de atenção e concentração.

dificuldade de organização, problemas no comportamento (dificuldade de esperar a vez, agitação motora, etc). Objetivos: Avaliação e diagnóstico do TDAHI de 50 crianças, com sintomas deste Transtorno, encaminhadas pela rede escolar através de entrevistas estruturadas com estas crianças, seus familiares e professores, testagem comportamental, bateria neuropsicológica e aplicação de um programa de orientação aos pais e professores, ministrados por orientador/orientandos, das crianças diagnosticadas com o Transtorno. Metodologia: O presente estudo da pesquisa envolveu entrevista com pais e professores de 50 crianças matriculadas no ensino fundamental (estudantes de 2ª a 6ª série) com idades entre 8 e 14 anos e realização de um teste desenvolvido para medir a atenção, Tavis 2R, com as mesmas. Deste modo obtemos o diagnóstico do TDAHI de 23 crianças. Em seguida os pais e professores dessas crianças receberam orientação sobre como falar com as mesmas, respectivamente, no ambiente familiar e na sala de aula, através de palestras ministradas por orientador e orientadas. Resultados: Verificou-se que cerca de metade da amostra é composta por sujeitos com Tipo Misto (TDAHI). Constatou-se a presença da variável "Dificuldade no relacionamento familiar" e "Hereditariedade" em cerca de 70% da amostra dos diagnosticados. O item "Abuso de substância na família" alcançou uma porcentagem bastante elevada, atingindo quase metade da amostra deste estudo. Foi verificado a presença da características "Habilidade social insatisfatória" e "Fracasso escolar" em cerca de um terço dos sujeitos. Os resultados do teste neuropsicológico Tavis 2R referentes aos Erros por Omissão indicaram que as crianças diagnosticadas com TDAHI obtiveram baixo desempenho, e um nível de atenção geral significativamente inferior às controle. Quanto aos Erros por Ação, as crianças diagnosticadas apresentaram desempenho inferior. Os sujeitos com o subtipo TDAHI e THI obtiveram um menor tempo de reação que o TDA. Conclusões: O subtipo misto de TDAHI foi o mais diagnosticado na amostra (47%), seguido pelo TDA (30%) e o THI (17%). A análise do perfil das crianças diagnosticadas evidenciou alta incidência de fatores como "Hereditariedade", "Dificuldades de relacionamento familiar", "Habilidade social deficitária" e "Fracasso escolar" além do "Abuso de substância na família" e problemas pré, peri e neonatais. Os resultados do teste neuropsicológico Tavis 2R, aplicados nas crianças diagnosticadas, indicaram desempenho inferior aos sujeitos controles em Erros por Omissão, Erros por Ação e Tempo Médio de Reação. O subtipo THI apresentou menor tempo de reação, o TDAHI um nível intermediário e o subtipo TDA revelou aos estímulos com maior lentidão.
Bolsa PIBIC.
Palavras-chave: Déficit de Atenção; Hiperatividade; Impulsividade

---

BIO 12

EFEITO DO EXERCÍCIO FÍSICO AGUDO SOBRE A ANSIEDADE INDUZIDA PELO TESTE DE FALAR EM PÚBLICO. *2Ana Beatriz Carvalho Fernandes Braga**; 1 Cynthia Regina de Souza Lisboa*; 1Erika Gonçalo Teixeira Monbeck Coelho*; 1Daniela Ferreira Pereira Vasconcelos*; 3Arnaldo José Mesquita Mendes; 1Paula de Oliveira Mora; 1Bárbara Marques Castro Ramos; 1Regina Lúcia Nogueira*

1Curso de Psicologia - Universidade de Ribeirão Preto - SP; 2Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo - SP e 3 Laboratório de Psicologia Comparada. Universidade Estácio de Sá -RJ

O tratamento de escolha na terapia da ansiedade tem sido o farmacológico. Entretanto, estudos evidenciam os efeitos benéficos do exercício físico sobre o humor, incluindo a ansiedade. Entre as vantagens da utilização do exercício físico na terapia da ansiedade estariam a ausência de efeitos colaterais causados pelos ansiolíticos, além da presença dos efeitos benéficos adicionais do exercício sobre o sistema cardio-respiratório e muscular e o baixo custo financeiro. O objetivo do presente estudo foi investigar o efeito do exercício físico agudo em voluntárias sedentárias sobre a ansiedade induzida pelo teste Simulação da Falar em Público, um modelo experimental de ansiedade humana que consiste, basicamente, na realização de um discurso em frente a uma videocâmera. Para tal, mulheres voluntárias (n=20), 18-25 anos, universitárias, sedentárias, foram divididas em dois grupos: exercício aeróbio (uma sessão de 20 minutos de caminhada ou corrida, 55-69% da Frequência Cardíaca máxima) e placebo-atenção (uma sessão de 20 minutos de caminhada, <25% da Frequência Cardíaca máxima). Após a atividade, os sujeitos foram submetidos ao teste Simulação de Falar em Público. Os níveis de ansiedade dos sujeitos foram medidos através do Inventário de Ansiedade Traço-Estado (IDATE) e da Escala Analógica de Humor (EAH), antes (AN) e após a sessão de exercício (AP). 15 minutos após a sua habituação à sala experimental (H), após as instruções (PI), no meio do teste Simulação de Falar em Público (situacional - S) e 15 minutos após o mesmo (final - F). ANOVA two-way para medidas repetidas não revelou efeito de tratamento (IDATE, F(1,16)=0,12, p=0,69; EAH, F(1,16)=1,13, p=0,25) e de interação tratamento x situação experimental (IDATE, F(5,80)=1,18, p=0,33; EAH, F(5,80)=1,58, p=0,18), mas mostrou efeito da situação experimental (IDATE, F(5,80)=4,85, p=0,00; EAH, F(5,80)=6,21, p=0,00). O teste de Duncan mostrou aumento dos níveis de ansiedade (p<0,05) durante H e S, quando comparados à AN, AP e F (IDATE) e à F (EAH). Assim, os resultados mostram que o teste Simulação de Falar em Público induziu ansiedade. No entanto, os níveis de ansiedade não foram alterados pelo exercício físico agudo. A frequência com que o exercício é realizado, agudo ou crônico, bem como a condição física do sujeito, sedentário ou atleta, pode ser um fator importante nestes efeitos.
Apoio financeiro: UNAERP e CNPq.
Palavras-chave: Ansiedade; Exercício físico; Humanos

PSICOLOGIA CLÍNICA E DA PERSONALIDADE

CLIN 01

O CONCEITO LEIGO DE "DISTÚRBIO MENTAL" NO BRASIL. *Viviane Ghusky**, Mark Hantem (Departamento de Psicologia. New School University, New York, NY)*

Como o conceito de distúrbio mental pode ser definido e se até mesmo definições são possíveis tornou-se uma acalorada controvérsia na recente psiquiatria e psicologia norte-americana. Alguns autores sustentam que uma definição universal do conceito é pragmática e intelectualmente indispensável, sendo esta posição adotada pelos elaboradores do DSM-IV e por aqueles que propuseram definições alternativas, como Wakefield com sua teoria "transtorno prejudicial". Outros afirmam que não se pode demarcar uma fronteira exata em torno do conceito, argumentando que é fundamentalmente confuso e que varia de cultura para cultura. Porém, uma questão que tem sido largamente negligenciada no debate profissional sobre definição é como a população leiga intuitivamente entende o conceito de distúrbio mental. Uma análise dessa questão pode servir para vários objetivos importantes: discrepâncias entre conceitos profissionais e conceitos leigos podem mostrar que as crenças populares sobre distúrbio mental ficam aquém de opiniões e práticas profissionais, sugerindo diretrizes para educar o público; se o conceito leigo de distúrbio mental em fato varia de cultura para cultura esta variação merece atenção por si mesma. A avaliação de variações culturais é importante por causa da tendência de escritores norte-americanos fazerem afirmações universais duvidosas sobre o conceito, e porque o sistema norte-americano de diagnóstico, tal como o DSM-IV, embora tenha sido amplamente adotado pelo mundo a fora, pode incorporar definições de distúrbio mental que não correspondem aos conceitos nativos de outras nações. Assim para investigar essa questão-em culturas diferentes da norte-americana-o conceito leigo de distúrbio mental foi pesquisado no Brasil em um estudo de crenças sobre 60 condições, das quais 47 são distúrbios do DSM-IV. Os participantes-estudantes universitários leigos em psicologia– avaliaram as condições baseados nos aspectos comumente propostos em definições de "distúrbio mental", e julgaram se eles são ou não distúrbios mentais. Os resultados indicaram que desvio estatístico, disfunção psicológica, comportamento que transgride normas de condutas e irracionalidade, são os principais elementos do conceito brasileiro de "distúrbio mental". E que sofrimento emocional, capacidade prejudicada e etiologia assumida não foram caracterizados como elementos importantes. As condições que os participantes julgaram ser distúrbio mental não corresponderam sistematicamente àquelas oficialmente reconhecidas no DSM-IV como tal. O conceito brasileiro de "distúrbio mental" difere do conceito consolidado no DSM-IV, dando mais ênfase aos aspectos externos do distúrbio como desvio de conduta observável e menor ênfase para as dimensões subjetivas relativas ao distúrbio. Esses resultados questionam a validade de definições universais do conceito de distúrbio mental.

Palavras-chave: Distúrbio mental; Conceito leigo, DSM-IV

*****

CLIN 02

TEORIA DA TÉCNICA EM PSICOTERAPIA BREVE FRENTE AOS CONCEITOS DE QUEIXA E FOCO. *Lourdes Parta Da Silva*, Cláudia Chacon **, Eliane Moura Romanelli**, Joaquim Gonçalves Coelho Filho***. (Especialização Em Psicoterapia Breve - Universidade São Marcos- São Paulo/SP)*

Uma das grandes questões presentes no estudo da técnica breve refere-se à diferenciação dos conceitos queixa e foco. Boa parte dos teóricos que se dedicam à psicoterapia breve chega a sobrepor os dois conceitos, acarretando grandes transtornos na circunscrição da própria técnica e na condução do processo psicoterápico. É relevante considerar que a população de modo geral, e principalmente a institucional, apresenta dificuldades em incorporar a dimensão do mundo psíquico, não conseguindo discernir o elemento desencadeante dos conflitos, quase sempre atribuindo a causa de seus problemas ao mundo externo. Assim, esta pesquisa procura apresentar algumas queixas e respectivos focos de trabalhos apurados em atendimentos realizados dentro da técnica breve psicodinâmica. A partir das entrevistas preliminares, pautadas na EDAO - Escala Diagnóstica Adaptativa Operacionalizada, em que são destacados os setores afetivo-relacional, produtivo, orgânico e sócio-cultural, o foco é construído e apresentado ao paciente como proposta de tema do trabalho psicoterápico. Uma vez o foco tendo sido acordado pelo par terapêutico, define-se, a partir dele, o planejamento do processo psicoterápico, que se constitui de objetivos, principais intervenções que nortearão o atendimento, bem como o tempo estimado do trabalho. Observa-se que os casos estudados em que as queixas se referiam a: a) acúmulo de tarefas, medo da morte, falta de "espaço", não ter vida própria; b) relacionamento afetivo não resolvido; c) descontrole emocional, sentimento de abandono; d) depressão, mal relacionamento familiar; e) forte ansiedade, sentindo-se desestruturado; f) insegurança, medo, tiveram como focos acordados, respectivamente: A) dificuldade em discriminar o que é seu e do outro; B) abandono; C) rejeição; D) auto-estima rebaixada; E) auto-estima rebaixada/baixa; F) abandono. Pela ilustração dos pares queixa-foco, observa-se que as queixas foram ampliadas, contemplando os sentimentos subjacentes e proporcionando um enriquecimento no trabalho psicoterápico, o que oferece uma maior oportunidade ao paciente de apropriar-se de si mesmo, já que este pode generalizar as suas elaborações para outras situações que não estavam presentes na queixa inicial. Fica evidente, nas queixas apresentadas, que o paciente busca no atendimento psicológico a "cura" dos seus males, influenciado pelo modelo médico e atribuindo ao psicólogo a função de diagnosticar, tratar e solucionar os seus conflitos, em um plano bastante restrito e localizado. Conclui-se que a clareza da teoria da técnica facilita a atuação do profissional e contribui para o desenvolvimento do processo psicoterápico, sendo que, neste caso, o resultado do trabalho é potencializado, diante de um foco que contempla questões subjacentes ao funcionamento do paciente.

Palavras-chave: Psicoterapia Breve; Entrevistas Preliminares; Queixa; Foco

*****

CLIN 03

PORTA DE ENTRADA EM PSICOTERAPIA BREVE: ENTREVISTAS PRELIMINARES, FOCO E ESTRUTURA DE PERSONALIDADE. *Eliane Liberato Machado Greco**, Maria Regina Cocco Urtado**, Sonia Dias Girotto Almeida** e Joaquim Gonçalves Coelho Filho*** (Universidade São Marcos, São Paulo - SP)*

A prática da psicoterapia breve, em função do seu tempo limitado, requer procedimentos que viabilizem o pronto entendimento pelo psicoterapeuta do conflito vivenciado pelo cliente, bem como os limites de trabalho, decorrentes de sua estrutura de personalidade, a fim de que o foco do trabalho, os objetivos estabelecidos e o tempo do processo sejam coerentes e congruentes com a proposta da técnica breve. Assim, as entrevistas preliminares revelam-se de significativa importância para a compreensão da dinâmica do cliente, já que, a partir delas, o foco e o planejamento do processo serão estabelecidos. A adoção da EDAO - Escala Diagnóstica Adaptativa Operacionalizada -, fundamentada no conceito de adaptação e adequação, cuja compreensão do cliente se faz através dos setores afetivo-relacional, produtivo, orgânico e sociocultural, vem favorecer a construção de hipóteses diagnósticas, ou mesmo, correlacionar aspectos da estrutura da personalidade, como, também, e sobremaneira, vem viabilizar esta modalidade de processo psicoterápico que privilegia uma aliança terapêutica pautada nas funções egóicas advindas das áreas livres de conflito do cliente. Este trabalho tem por objetivo iniciar uma reflexão sobre as entrevistas preliminares e a utilização da EDAO, sua correlação com a estrutura da personalidade e o estabelecimento do foco nessa proposta de atendimento. Para ilustrar o objetivado, destacam-se os atendimentos relativos a 10 pacientes adultos, sendo nove mulheres, numa faixa etária entre 23 a 50 anos, e um homem de 19 anos, acolhidos pelo serviço de atendimento à comunidade do Curso de Especialização em Psicoterapia Breve. Dentro do trabalho realizado, foram constatados alguns aspectos relevantes quanto: a) à formação do pensamento clínico do psicoterapeuta; b) à estrutura da personalidade como norteadora do planejamento e manejo das intervenções terapêuticas; c) ao estabelecimento do foco como estruturante de uma escuta terapêutica atrelada ao núcleo básico do conflito; d) à participação do cliente no acordo do foco a ser trabalhado como favorecedora da validação e implicação do mesmo enquanto sujeito da sua própria vida. Verifica-se que a escuta sistematizada do psicoterapeuta pela EDAO facilita a identificação das áreas de conflito, sua extensão e profundidade, contribuindo para o fluxo do raciocínio clínico. Da mesma forma, a estrutura de personalidade do cliente torna-se mais visível, sugerindo os tipos de intervenção mais produtivos para o processo. O foco de trabalho, por sua vez, pode ser melhor explorado, quando as áreas mais comprometidas da dinâmica do paciente estão localizadas. E, por último, a proposta de foco, acordada pelo par terapêutico, incentiva uma atitude ativa do paciente, aumentando sua implicação com o processo. Como conclusão, fica evidente a necessidade de entrevistas preliminares sistematizadas na prática de psicoterapia breve, em face das características da técnica, bem como elemento desencadeante da congruência do processo.

Palavras-chave: Psicoterapia Breve; Foco, Estrutura de Personalidade

*****

CLIN 04

TÉCNICAS PROJETIVAS NA AVALIAÇÃO PSICOSSOMÁTICA - ESTUDO SOBRE O TESTE DE FÁBULAS EM CRIANÇAS COM ASMA. *Dina Luiz Peçanha, Juliana da Rocha Pitaluz* (Laboratório VIDA, Universidade Federal de São Carlos, SP)*

Em geral a literatura sobre metodologia científica evidencia controvérsias quanto à utilização de técnicas projetivas em pesquisa embora reconheça seu valor em estudos de caso clínico. Esforços têm sido feitos no sentido de permitir a quantificação dos resultados advindos dessas técnicas, buscando atender aos critérios de fidedignidade e validade, o que pode ser constatado nos estudos sobre o teste das Fábulas. De outro lado, se o termo somatização é de uso corrente, raros são os trabalhos que o definem operacionalmente, examinando esse construto em técnicas projetivas. A fim de suprir tal lacuna na literatura e face a importância crescente dos transtornos psicossomáticos, analisa-se a ocorrência de somatizações no teste das Fábulas, definidas como a utilização do corpo através da expressão verbal para fins de defesa do ego. Foram sujeitos deste estudo seis meninos com asma provenientes de famílias intactas, com idades variando de 6 a 9 anos. Salienta-se que a enfermidade em questão predomina no sexo masculino e que, nessa faixa etária, estudos epidemiológicos registram declínio ou superação das crises, independentemente de sexo. Portanto, tem-se, neste estudo, uma amostra pouco estudada. A análise dos resultados seguiu a metodologia proposta por Peçanha (1997). A partir das diversas categorias de respostas ao teste das Fábulas verificou-se que cada criança com asma apresentou, no mínimo, uma

evidência de somatização, em contraposição à ausência desse tipo de resposta em estudo com crianças consideradas sadias. As maiores freqüências de respostas referentes à somatização ocorreram, na mesma percentagem, nas fábulas 4 a 10 (67%). Salienta-se que estas fábulas oferecem uma possibilidade catártica após a mobilização de conflitos evolutivos, reafirmando, nos casos estudados, o recurso ao corpo como defesa. Mesmo na fábula 9 (notícia), pouco favorável à expressão somática, observou-se esse tipo de resposta (33%). No que tange ao desenvolvimento emocional dessas crianças, as respostas (83%) indicaram conflito com a mãe, descrita como invejosa ou zelosa, quando a situação triangular (pai-mãe-criança) foi-lhes apresentada na fábula 8. Considera-se que os objetivos do trabalho foram atingidos pois o teste das Fábulas detectou, como previsto, a ocorrência de somatizações na amostra examinada. Os resultados confirmam achados anteriores de que as crianças portadoras dessa enfermidade podem apresentar maior tendência a se defender de seus conflitos utilizando-se de sintomas físicos (crise) como defesa. Neste sentido, o presente estudo contribuirá ainda para um maior conhecimento dos fatores intrapsíquicos nessas crianças.
Palavras-chave: Técnicas Projetivas; Asma Infantil; Somatizações

****

CLIN 05
"ATTACHMENT" - PASSOS NA TRADUÇÃO E VALIDAÇÃO DE UM INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO DO APEGO EM ADULTOS. *Doris Lieth Peçanha (Laboratório VIDA, Universidade Federal de São Carlos, SP)*
A aplicabilidade dos princípios do apego sobre o ciclo vital humano. Particularmente, partiu-se do trabalho de tradução do "Q-set" sobre o apego infantil para se chegar ao estudo do apego em adultos. A Entrevista de Apego Adulto (AAI) fornece uma tríplice classificação dos estados mentais presentes nesse sistema. Essa técnica, apesar da sua validade e fidedignidade, é onerosa quanto à aplicação e formação do pesquisador. Buscando um instrumento válido e de fácil aplicação para o estudo do apego em adultos, optou-se pelo questionário de relações afetivas (QRA) (Bartholomew, 1990). A versão francófone, aplicada no Canadá (Lacharité e Peçanha, 1995), mostrou resultados animadores ao evidenciar que o estilo de apego numa amostra de 100 pais contribuía significativamente para explicar a variância do nível de funcionamento do filho(a) com transtornos mentais. Posteriormente, no Brasil, procedeu-se a tradução do QRA com base naquela versão francesa. Resultados preliminares com uma amostra piloto de mães de crianças com problemas respiratórios, internadas na Santa Casa de São Carlos e atendidas por nossos alunos em projeto de estágio curricular, sugeriram a validade do instrumento ao indicar que a segurança no apego associava-se a uma percepção positiva das relações interpessoais na família. A amostra possuía um nível baixo de escolaridade, necessitando da ajuda do examinador para a compreensão dos itens do QRA. Na tentativa de otimizar nossa tradução, buscou-se a versão inglesa do instrumento (Bartholomew e Horowitz, 1991). Com base nas duas versões chegou-se a uma tradução revisada, em língua portuguesa, em uso atualmente. Para a validação desta última versão coloca-se a hipótese de que o estresse maternal, avaliado através do Índice de Estresse Parental (versão portuguesa de Abidin, 1995) é baixo em mães que referem um apego seguro em suas relações afetivas. Outro problema diz respeito à versão em português dos termos utilizados para definir estilos de apego. Após atento exame da literatura, dos sentidos dados em língua inglesa e francesa e considerando a escassez de estudos brasileiros sobre o assunto, optou-se pela definição do apego em termos de seguro, desvinculado, preocupado e amedrontado. Essa classificação corresponde às assertivas propostas no QRA para avaliar o estilo de apego em adultos. Em função dos estudos psicossomáticos que se têm conduzido com crianças em risco biopsicossocial, a perspectiva de aplicabilidade do apego no estudo das díades mãe e criança com transtorno respiratório parece promissora. Além da formação do laço afetivo e da ativação do sistema de apego em situações de tensão como a doença, a teoria do apego tem sido considerada como uma das mais profícuas sobre o processo de prevenção psicológica, freqüentemente presente nestas crianças. Espera-se, assim, contribuir para avaliar o QRA quanto a sua confiabilidade, no estudo de mães brasileiras de baixa renda, visando a extensão da utilização desse instrumento a outros contextos.

Apoio parcial: CNPq
Palavras-chave: Apego; Problemas respiratórios; Questionário de relações afetivas

****

CLIN 06
COMPORTAMENTOS DELIQUENTES, UM ESTUDO SOBRE ABUSO DE DROGAS E AGRESSÃO, NUMA ABORDAGEM COMPORTAMENTAL E DE APRENDIZAGEM SOCIAL. *Eunice de A. Faria*[1], *Maria Aparecida C. Menezes*[2] e *Gessyca Guimarães*[3] *(LABC - Universidade Católica de Goiás/"Casa Água Viva" - Unidade de Saúde Mental da Secretaria Municipal de Saúde de Goiânia, Goiânia-GO)*
Têm sido realizadas várias pesquisas abordando comportamentos delinqüentes. Muitas delas têm dado ênfase ao papel do ambiente social para aquisição e manutenção desse padrão de comportamento. O enfoque desse estudo foi o do Behaviorismo Radical cuja prática está fundamentada na Análise Aplicada do Comportamento e da Aprendizagem Social. O objetivo deste trabalho foi relatar uma intervenção comportamental a partir da análise da agressão e da delinqüência, visando eliminar o comportamento de uso de drogas e brigas bem como instaurar um melhor aproveitamento escolar. Participou deste trabalho um jovem de quatorze anos (A. R.), sexo masculino, cursando a 7ª série do primeiro grau. As sessões foram realizadas na "Casa Água Viva" - Unidade Ambulatorial de Saúde Mental da Secretaria Municipal de Saúde de Goiânia. Utilizou-se uma sala com escrivaninha, cadeiras, tapetes, almofadas, lápis, papéis, pincéis e tintas guache. Mediante a análise funcional observou-se que A. R. apresentava comportamentos inadequados (uso de drogas e agressão). Infere-se que as variáveis controle seriam a imitação do grupo social em que vive (tio, primo e adolescentes da vizinhança) contingências sociais reforçadoras. As estratégias propostas foram: a) orientação familiar (mãe, avó), b) mudanças nas contingências sociais que mantinham o comportamento (diminuir contatos com tio, primo e vizinhos adolescentes), c) promoção de sessões conjuntas - mãe e filho; d) questionamento socrático com o jovem sobre os temas - delinqüência, drogas, agressão, adolescência entre outros, e) auto- registro de comportamentos inadequados. Até o momento foram realizadas dezesseis sessões e os resultados foram: a) remissão completa do comportamento de fumar maconha; b) começou a trabalhar na mesma empresa em que o avô trabalha, afastando-se por um período significativo do dia do ambiente social inadequado; c) maior adesão às atividades escolares. Os dados sugerem a eficácia desse tipo de enfoque para mudança de padrões comportamentais. Possibilitando, dessa forma, corroborar os princípios referentes à Análise Aplicada do Comportamento e da Aprendizagem Social que apontam para o ambiente como uma variável de controle importante na aquisição e manutenção de repertórios comportamentais delinqüentes.

1-Estagiária-terapeuta.
2-Orientadora de estágio.
3-Colaboradora.
Palavras-chave: Behaviorismo Radical; Análise Aplicada do Comportamento; Aprendizagem Social

****

CLIN 07
TIPIFICAÇÃO SEXUAL: UM COMPORTAMENTO INATO OU APRENDIDO?. *Eunice de A. Faria*[1], *Maria Aparecida C. Menezes*[2], *Thiago M. Oliveira*[3] *(LABC - Universidade Católica de Goiás/"Casa Água Viva" - Unidade de Saúde Mental da Secretaria Municipal de Saúde de Goiânia, Goiânia-GO)*
A questão da tipificação sexual e sua relação com gênero adequado é sem dúvida um dos temas mais antigos, mas que ainda suscita polêmicas de extrema atualidade. Vários autores têm abordado este tema posicionando-se tanto a favor do inatismo quanto da aprendizagem como fator determinante da tipificação sexual. O enfoque que se adotou foi o do Behaviorismo Radical cuja prática está fundamentada na Análise Aplicada do Comportamento, bem como o da Aprendizagem Social como uma possibilidade de explicação da formação de repertórios comportamentais típicos de cada gênero. A literatura enfatiza o papel cultural no qual o indivíduo está inserido, apontando meios para um processo educacional eficaz. O objetivo deste trabalho foi relatar o atendimento feito num ambulatório de saúde mental por uma estagiária-terapeuta, a um garoto de dez anos, com queixa de "comportamentos efeminados". Utilizou-se uma sala com escrivaninha, cadeiras, tapetes, almofadas, lápis, papéis, pincéis, tintas guache, cartolinas e gibis. A intervenção consistiu em modelação, modelagem e adequação de comportamentos típicos do gênero masculino, ensaio comportamental, mudanças nas contingências ambientais e reforçamento das condutas apropriadas já existentes no repertório do cliente. A partir da intervenção verificou-se a aquisição de comportamentos típicos do gênero masculino, tais como: jogar futebol, aumento do contato com os colegas do mesmo sexo, diminuição de brincadeiras com meninas, adequação na escolha de vestimentas apropriadas ao seu sexo, indiferença aos apelidos dados pelos outros. Mediante orientação os familiares extinguiram o comportamento de colocar apelidos. Diante dos dados obtidos, pôde-se observar a eficácia do método de tratamento utilizado, bem como verificar que o caso discutido corrobora os princípios referentes à Análise Aplicada do Comportamento e da Aprendizagem Social que apontam para o ambiente como uma variável de controle importante na aquisição e manutenção de repertórios típicos do gênero, tanto adequados quanto inadequados.

1-Estagiária-terapeuta
2-Orientadora de estágio.
3-Colaborador
Palavras-chave: Behaviorismo Radical; Análise Aplicada do Comportamento; Aprendizagem Social

****

CLIN 08
UMA REFLEXÃO SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOTERAPIA AOS ADOTADOS. *Maria Emília Rodrigues da Silva Brito (Universidade Federal de Uberlândia-UFU, Uberlândia, MG)*
O objetivo deste trabalho é fazer uma reflexão sobre as questões mais freqüentes em quinze casos de psicoterapia de pais e filhos adotivos, sem

implicações e significados. Refere-se ao atendimento realizado pela autora na abordagem psicanalítica. Os temas mais freqüentes nas sessões dos pais se referem a: (1) dificuldades para engravidar e frustração pela esterilidade; (2) conflito adotar versus não adotar, por medo das conseqüências se o filho tiver algum problema futuro; (3) dificuldade para revelar o segredo da adoção; (4) dificuldade para aceitar as supostas características herdadas geneticamente; (5) medo de o filho ter características de personalidade doentia como os personagens das novelas de TV que são adotivos; (6) sentimento de culpa e arrependimento por ter adotado; (7) medo de perder o filho se a mãe biológica o encontrar; (8) superproteção e dificuldade para colocar os limites estruturadores da personalidade; (9) necessidade de encontrar semelhança física e psicológica entre filho e pais adotivos; entre outros. Os temas mais freqüentes na psicoterapia dos filhos são: (1) motivo do abandono/adoção; (2) sentimentos ambivalentes em relação aos pais adotivos, ora amorosos e de gratidão e ora hostis; (3) necessidade de encontrar semelhança física e psicológica com os pais adotivos; (4) curiosidade sobre sua história familiar biológica; (5) sentimento de solidão e desamparo por não conhecer laços sangüíneos e pela maneira como foram doados; (6) conflitos gerados por superproteção e falta de limites, organizadores da personalidade; (7) dificuldade para controlar ansiedade como conseqüente quadro de bulimia/obesidade, entre outros. A conclusão a que se chega é que quando se aplica a psicoterapia analítica em casais de pais adotivos, eles se sentem mais preparados para lidar com o 'ser pai, ser mãe', 'ter filho', com toda a problemática que todo filho acarreta sendo adotivo ou não. Eles desidealizam o filho. Eles percebem que a superproteção e falta de limites organizadores da personalidade fragilizam o ego do filho que resulta em auto-estima baixa e/ou despreparo para lidar com as frustrações inevitáveis na vida, passando a ser mais firmes e continentes nas situações de crises e tensões. Os pais descobrem que o rótulo de 'adotivo' dado ao filho o discrimina e desencadeia o sentimento de inferioridade, que pode ser evitado passando a reconhecê-lo e apresentá-lo simplesmente como 'filho' e não como 'filho adotivo'. Por sua vez, o filho em sua psicoterapia lida com seus sentimentos se libertando da escravidão do rótulo adotivo, assumindo a sua história de vida verdadeira sem segredos e meias verdades. Isto favorece relações afetivas mais seguras, superando o passado de abandono, troca de família, reparando suas feridas psicológicas. Vale ressaltar que quando os pais não se dispõem a fazer a psicoterapia, os resultados não são tão bons. Finalizando a técnica psicanalítica tem se mostrado de grande utilidade para reorganizar a personalidade e as relações dos filhos com os pais. Observa-se ganho de maturidade em todas as relações afetivas dos pacientes.

Palavras-chave:

****

CLIN 09

TRATAMENTO DE COCAINODEPENDENTES EM UM AMBIENTE CONTROLADO - EVOLUÇÃO DOS MODELOS DE RELAÇÃO OBJETAL. *Ricardo Azevedo da Silva, *Augusto Duarte Faria, *Hercules Zoghbi Jorge, Ricardo Tavares Pinheiro, Bernardo Lessa Horta, **Andrea Wagner, Jaicia Gomes da Silva Mendes, Karen Tamassi e Paulo Luis Rosa Sousa (Escola de Psicologia - NUPPLAC, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, RS)*

Este estudo acompanha um grupo de cocainodependentes durante sua permanência em tratamento em um ambiente controlado (3 meses), buscando verificar se o modelo de relação de objeto, definido na teoria de Otto Kernberg dos Transtornos de Personalidade, sofre alteração. Os casos foram recrutados na CAEX - Pelotas e foram acompanhados todos os indivíduos enquadrados no DSM-IV, que ingressaram no período julho/98 - abril/2001. Objetivos: Avaliar a evolução do modelo de relação de objeto dos indivíduos com diagnóstico de dependência à cocaína durante o processo de tratamento em relação à probabilidade de manifestarem defesas psicológicas primitivas em três momentos do tratamento (primeiro, quinto e nono mês). Para verificação do diagnóstico de dependência de cocaína foram utilizados os critérios propostos no DSM-IV; para aferição das defesas primitivas foi utilizado o Rorschach, do qual são extraídas as respostas qualificáveis na escala de Lerner e Lerner, sistema de pontuação de respostas humanas e de detalhe humano para verificar a presença de defesas primitivas (divisão, identificação projetiva, idealização primitiva, depreciação e negação primitiva). Os resultados apontam para a inexistência de diferenças significativas entre os três momentos de aplicação, mostrando que o modo de relação com o mundo e o outro em especial não se alterou nesta população (p< 0.001).

Bolsas: BIC- CNPQ, BIC - UCPel

Palavras-chave: Cocainodependência; Defesas Primitivas; Avaliação de Tratamento

****

CLIN 10

PSICOTERAPIA COMPORTAMENTAL COM IDOSOS. *Sofia Helena Porto Di Nucci (Instituto de Psicologia Fonoaudiologia, PUC-Campinas / SP)*

Nas últimas décadas cresceram os estudos sobre aspectos psicológicos do envelhecimento, muitos deles voltados para o campo da psicoterapia. Tais estudos apontam resultados favoráveis das intervenções psicoterápicas com idosos nos mais diversos enfoques, destacando modificações nos procedimentos psicoterápicos tradicionais adequando-os às características e necessidades desta população. Este trabalho foi baseado no modelo da terapia cognitivo-comportamental, segundo as propostas de Beck e Ellis que destacam o papel das cognições na formação, manutenção e modificação de comportamentos. Seus objetivos foram: ajudar o idoso a redefinir sua auto-imagem, considerando as perdas decorrentes do próprio envelhecimento e da doença física, a desenvolver condições para lidar melhor com suas limitações físicas, problemas de saúde, perdas financeiras e afetivas e promover modificações de comportamentos desadaptativos, buscando melhor qualidade de vida. Foram atendidas 7 mulheres com idade entre 60 e 77 anos, casadas, com filhos. Três eram aposentadas, tendo exercido diversas profissões; quanto à escolaridade, uma completou o segundo grau e as demais tinham o primeiro grau incompleto. Seis pacientes foram encaminhadas por seus médicos, em decorrência de doenças física. Cinco pacientes apresentavam quadro depressivo e duas, ansiedade com distúrbios orgânicos; das pacientes depressivas, uma havia perdido parcialmente a visão após cirurgia e três tinham câncer de mama, tendo sido encaminhadas para psicoterapia após mastectomia. O procedimento foi psicoterapia individual por um período de 6 meses a um ano, considerando-se as necessidades de cada paciente e os objetivos propostos. Utilizou-se técnicas de relaxamento, modelagem, tarefas de casa que incluíam o planejamento de atividades diárias, treino assertivo e técnicas de reestruturação cognitiva (identificação dos pensamentos automáticos perturbadores e parada de pensamento, técnicas de reatribuição, entre outras). Das sete pacientes atendidas uma abandonou o atendimento após as férias de final de ano, quatro tiveram alta e duas continuam em atendimento, por não terem alcançado o critério de alta. A análise destes resultados aponta algumas considerações quanto ao seu significado e validade. Em primeiro lugar destaca-se o alto nível motivacional das pacientes em relação à psicoterapia, traduzido por suas verbalizações e pelo seu envolvimento, participando ativamente e apresentando um baixo índice de faltas a sessões. Outro ponto diz respeito à utilização do espaço terapêutico: as questões cotidianas que, em geral, as pessoas trocam e resolvem com as pessoas de sua convivência diária, eram sistematicamente levadas para as sessões por todas as pacientes, acompanhadas de afirmações do tipo "não tenho ninguém para falar disso", "só aqui posso falar livremente, sem ser criticada", "lá em casa ninguém tem paciência para me ouvir", evidenciando a solidão e o isolamento vividos por elas. Finalmente estes resultados apontam para a eficácia de um modelo que combina técnicas comportamentais e cognitivas, voltadas para a resolução de queixas específicas e com período de tempo determinado, no atendimento psicoterapêutico a idosos.

Palavras-chave: Idoso, Psicoterapia, Terapia Cognitivo-Comportamental

****

CLIN 11

AVALIAÇÃO DA PERSONALIDADE DOS CANDIDATOS A TRANSPLANTE HEPÁTICO ATRAVÉS DO DESENHO DA CASA. *Alice Isabel Argenta Del Vesco (Departamento de Transplante do Hospital São Vicente de Paulo, Passo Fundo/RS)*

O objetivo desse trabalho foi avaliar psicologicamente o candidato ao Transplante Hepático, investigando o perfil de personalidade através do desenho da casa. A metodologia utilizada foi o desenho da casa, parte do Teste House-Tree-Person- HTP, com aplicação individual. O teste integrou uma bateria de avaliação psicológica utilizada na seleção de candidatos a Transplante Hepático. Foram participantes da pesquisa 17 pacientes candidatos ao Transplante Hepático do Serviço de Transplante Hepático do Hospital São Vicente de Paulo- Passo Fundo-RS. Dos participantes, 13 foram homens e 4 mulheres, com idades variando de 23 a 61 anos de idade. Quanto à etiologia da cirrose hepática, nove pacientes apresentaram cirrose por álcool, três por hepatite vírus C, dois por hepatite vírus B, dois por cirrose biliar primária e um cirrose por hepatite vírus B e vírus C. Quanto à escolaridade, oito participantes possuem o primeiro grau incompleto, quatro o primeiro grau completo, quatro o segundo grau completo e um candidato possui o terceiro grau completo. Todos os participantes residem na cidade de Passo Fundo/ RS e região. Na interpretação do desenho da casa, parte do teste HTP, foram considerados os elementos essenciais como: telhado, paredes, porta e janela e o elemento acessório, linha do solo. Os resultados obtidos foram: Todos os participantes desenharam o telhado reforçado denotando uma preocupação e temor de que impulsos descarregados na fantasia se manifestem num comportamento aberto. As paredes, todos os analisados desenharam com traços fracos e inadequados ou muito reforçados, evidenciando um ego fragilizado e imaturo com deficiente sistema de defesas para manter a integridade egóica. Nos desenhos as portas e janelas estão fechadas (15), demonstrando autodefesa, interiorização, isolamento e regressão. Muitas casas aparecem suspensas por vigas (14) e/ou com linha do solo fragmentada (3), o que se relaciona ao afastamento do real e das pessoas, denotando um inadequado contato com o mundo externo. As conclusões demonstram que o perfil de personalidade dos candidatos a Transplante Hepático é de melancolia, com predomínio de sintomas depressivos como, apatia, tristeza, desânimo e ao isolamento. Os pacientes mostram-se introvertidos e pouco voltados à realidade e aos relacionamentos interpessoais. Assumem um comportamento dependente, submisso e regressivo das figuras parentais, principalmente da mãe, tendo diminuída a capacidade de resolver problemas e enfrentar situações de pressão emocional. Desde a notícia do diagnóstico de

cirrose hepática e a necessidade de transplante bem como, o período que o paciente permanece na lista de espera até a concretização do transplante, sugere-se acompanhamento psicológico ao paciente candidato a transplante, sendo fundamental o trabalho do psicólogo nas equipes de transplante de órgãos.

Palavras-chave: Avaliação Psicológica, Transplante Hepático, Desenho da casa

****

CLIN 12

GRUPO DE FINAL DE SEMANA: UMA ALTERNATIVA EM HOSPITAL DIA.

Marília Mendes Cesarioni e Brunilde Menegazzo Padilha** (Pontifícia Universidade Católica de Campinas-SP)*

Venho acompanhando o Grupo de Final de Semana, como co-terapeuta, desde março deste ano, como uma das práticas do Estágio Supervisionado de Psicologia Clínica, estágio obrigatório do quinto ano do curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (SP). Este estágio tem como campo o Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira, instituição alinhada ao movimento da Luta Antimanicomial, que se propõe a um tratamento de reinserção psicossocial destinado a pacientes psicóticos, neuróticos graves e adictos. Funciona na cidade de Campinas, dividido em seis unidades: Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), Núcleo Clínico, Centro de Convivência, Unidade de Atenção à Crise, Núcleo de Oficinas de Trabalho (NOT) e Hospital Dia, unidade esta que tem como um de seus recursos terapêuticos o Grupo de Final de Semana. O Hospital Dia é composto de uma equipe multidisciplinar (médicos, psicólogos, terapeutas ocupacionais, enfermeiros e auxiliares de enfermagem, além de estagiários de psicologia e terapia ocupacional) e funciona de segunda a sexta-feira, das oito às dezessete horas, o que acarreta o desligamento dos pacientes durante o final de semana. Tendo em vista a intensificação das angústias e ansiedades dos pacientes neste momento, foi necessário criar um recurso adequado que respondesse a esta demanda. Neste sentido, o Grupo de Final de Semana foi pensado como uma alternativa de acolhimento e contenção aos pacientes, funcionando como o fechamento das atividades no Hospital Dia. É um grupo aberto, composto por sujeitos de diversas patologias e faixas etárias, sem separação por gênero, caracterizando-se, assim, como um grupo heterogêneo. É dirigido por uma parceria de terapeuta (psicóloga) e co-terapeuta (estagiária de psicologia), mas é também aberto a todos os terapeutas e monitores da unidade, como forma de estar referendado pela maior parte possível da equipe de profissionais que compõe o Hospital Dia. Funciona nos moldes de um grupo operativo e focal, que tem como objetivos trabalhar a separação da instituição no final de semana e na busca de maior autonomia para vivência social em outros grupos que não os da instituição. Até o presente momento, o Grupo de Final de Semana tem se mostrado como um espaço terapêutico muito interessante, que tem possibilitado trabalhar questões como a solidão e o vazio vivenciados neste momento de separação, que se remetem a tantas outras vivências subjetivas, além dos sentimentos de impossibilidade e impotência em função da doença e seus ganhos secundários.

* Aluna de graduação do curso de Formação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (SP).

** Supervisora do Estágio em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (SP).

Palavras-chave: Separação, Reinserção psicossocial, Instituição

****

CLIN 13

GRUPO DE ACOLHIMENTO: UM ESPAÇO PARA OS PACIENTES QUE ESPERAM PELAS FAMÍLIAS QUE NÃO VÊM.

Maria dos Santos Antunes Schmidt de Magalhães e Brunilde Menegazzo Padilha***

A experiência relatada faz parte das atividades acadêmicas do Estágio Supervisionado de Clínica do quinto ano do Curso de Formação de Psicólogos, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas – S.P. O campo de estágio é o Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira, localizado em Souzas, distrito de Campinas: reconhecido nacional e internacionalmente por ser uma instituição alinhada com a Luta Antimanicomial e pelo desenvolvimento e implementação de novas tecnologias em saúde mental. A instituição se estrutura em cinco unidades: Hospital-Dia (HD); Núcleo de Atenção à Crise; Núcleo Clínico; Núcleo de Oficinas de Trabalho (NOT) e Centros de Atenção Psico-Social (CAPS). O estágio é desenvolvido na Unidade de Atenção à Crise, que tem como objetivo o atendimento a pacientes agudizados, psicóticos, alcoolistas e dependentes químicos e é composta por três equipes, denominadas Referências. A Referência na qual desenvolve-se o grupo acima denominado, tem como constante dos Planos de Tratamento Individual (PTIs) de seus pacientes, as Reuniões de Família. Apesar da importância ímpar que a reunião tem para o paciente em seu tratamento, muitas famílias deixam de comparecer à mesma. O Grupo de Acolhimento nasceu como uma alternativa a estas reuniões, para os pacientes cujas famílias ainda não chegaram ou não compareceram. Tem o objetivo de ser um espaço para a expressão dos afetos suscitados pela ausência familiar, normalmente sentida como abandono e isolamento, o que propicia a emergência de angústias bastante primitivas. Trata-se de um grupo terapêutico, focal, aberto, heterogêneo quanto ao diagnóstico, sexo e idade e é composto por pacientes da Referência cujos familiares ainda não chegaram ou não compareceram à Reunião de Família. Tem seu início concomitante com o início da Reunião de Família; a freqüência é semanal, ocorrendo às terças-feiras; com duração de, em média uma hora. Através de verbalizações facilitadas por um terapeuta (psicólogo) e um co-terapeuta (estagiária de psicologia), os pacientes têm liberdade para falar sobre seus sentimentos e para entrar e sair durante a realização do grupo. Apesar de ser um trabalho recente, portanto com resultados bastante iniciais, o grupo vem se mostrando como um espaço extremamente importante para o acolhimento do sofrimento desses pacientes em um momento de extrema fragilidade. Ao oferecer-se como um espaço para a expressão e elaboração das fantasias e afetos despertados pela ausência familiar, o grupo tem oferecido uma maior continência emocional, o que, muitas vezes, possibilita a não agudização dos sintomas, favorecendo o tratamento desses pacientes.

*Aluna de graduação do quinto ano do Curso de Formação de Psicólogos da Pontifícia Universidade Católica de Campinas - S.P.

** Supervisora do Estágio Supervisionado em Psicologia Clínica do Curso de Formação de Psicólogos, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas - S.P.

Palavras-chave: Psicose, Família, Grupo de acolhimento

****

CLIN 14

TREINAMENTO COMPORTAMENTAL DE PAIS PARA AQUISIÇÃO DE HABILIDADES SOCIAIS EM UMA CRIANÇA EPILÉPTICA.

Patrícia Martins de Freitas, Vitor Geraldi Haase, Lorenzo Lanzetta Natale*, Maria Isabel dos Santos Pinheiro** (Laboratório de Neuropsicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte MG)*

O treinamento comportamental de pais é um programa baseado nos princípios de aprendizagem e da modificação do comportamento através do manejo de contingências de reforçamento. O programa tem como foco de análise o ambiente natural de crianças com comportamentos desviantes. O treinamento comportamental de pais consiste em uma cooperação entre pais e terapeuta. Desta forma os pais têm participação efetiva na aplicação do tratamento funcionando como co-terapeutas. Assim o treinamento visa capacitar pais para uma educação não coercitiva e eficaz. O presente trabalho tem como principal objetivo a modificação de contingências que mantêm comportamentos inadequados (apatia, ausência de respostas para interações sociais) e prover novas contingências para produzir e manter comportamentos adequados (habilidades sociais básicas) em uma criança epiléptica. Dentro deste objetivo, adaptamos a versão original que era para crianças hiperativas para as necessidades da criança, no caso a aquisição de habilidades sociais. A metodologia de intervenção proposta foi realizada com pais de uma criança epiléptica, de quatro anos, do sexo masculino. A criança desenvolveu um quadro de desaceleração do desenvolvimento desde a idade de dois anos e meio. O quadro que o paciente apresentava era de ausência de respostas para interação social, apatia profunda, falta de interesse, diminuição da fala, com presença de alucinações. O treinamento comportamental de pais consiste em treinar pais para lidar com comportamentos inadequados de forma eficaz e capacitá-los a introduzir e manter no repertório da criança comportamentos adequados. O treinamento realizado consistiu de três passos, que terão seus resultados aqui apresentados. Na linha de base os comportamentos básicos para interação social, tais como sorrir, cumprimentar as pessoas, responder as perguntas, foram observados e registrados durante quatro sessões, obtendo no máximo 5 respostas. No passo 1 os pais são treinados a observar e registrar os comportamentos do paciente com objetivo de prestar mais a atenção nos comportamentos e nas possíveis contingências mantenedoras. No passo dois, o treino especial tem como objetivo que os pais apliquem a técnica do reforçamento diferencial e fiquem mais próximos da criança. Durante 15 minutos de brincadeira os pais iriam reforçar social e positivamente comportamentos adequados à interação social e extinguir comportamentos inadequados como não seguimento de normas e regras. O passo três foi o treino a comandos adaptado para a criança atender às interações sociais. Os pais foram orientados para dar "ordens" como perguntar como a criança estava, pedir que ela abraçasse uma pessoa, responder bom dia, no caso de obtenção de respostas os pais reforçavam tal comportamento. Após o passo 3 realizou-se nova medição de comportamentos, na qual pudemos observar diferenças significativas. Os comportamentos de interação social passaram de 5 por sessão durante a linha de base, para 21 na última sessão, pós treino. Diante destes resultados, concluímos que o paciente adquiriu comportamentos pró-sociais no seu repertório comportamental. As técnicas que envolvem os pais chegam a um resultado rápido, sem problemas de generalização pois são desenvolvidas no ambiente natural das crianças, e torna os pais capazes de manejar as contingências para uma educação não coercitiva.

CNPq/PIBIC

Palavras-chave: Treinamento comportamental; Epilepsia, Habilidades sociais

****

CLIN 15

ADESÃO AO ESQUEMA PSICOTERAPÊUTICO PROPOSTO PELA CLÍNICA-ESCOLA DA UNIVERSIDADE SÃO FRACISCO - SÃO PAULO. *Cláudio Garcia Capitão e Rita Aparecida Romaro*

Observa-se que nos últimos anos tem sido uma preocupação constante das Clínicas-Escolas caracterizar sua clientela e avaliar os serviços de psicologia prestados à população, especialmente a adesão às abordagens psicoterapêuticas adotadas, visando uma adequação mais apropriada às necessidades da sua clientela. A Clínica-Escola da UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO, câmpus de São Paulo, localizada no bairro do Pari, vem, nos seus seis anos de existência, realizando atendimento a pacientes provenientes da comunidade local. O presente estudo objetivou conhecer a adesão ao esquema de tratamento proposto, no período de 1995 a 2000, como também entender e propiciar a partir deste, atendimento psicológico mais adequado às características da sua clientela. Sabe-se que o tempo de permanência em qualquer processo psicoterapêutico depende de algumas variáveis, entre elas, a dinâmica psíquica do paciente e da qualidade da aliança terapêutica estabelecida. Consideramos como adesão em nosso estudo ao processo psicoterapêutico, os atendimentos que chegaram a um término estabelecido contratualmente, com alta ou encaminhamento interno ou externo. Utilizou-se como metodologia o levantamento de dados através dos prontuários clínicos dos pacientes e das fichas de triagem, caracterizando-se como um estudo retrospectivo-documental. Do total de 590 atendimentos, 67,5% concluíram o processo terapêutico e 32,4% desistiram, o que denota uma boa adesão ao esquema proposto, ou seja, a psicoterapia breve. A faixa etária acima de 60 anos obteve 100% de adesão, enquanto que a faixa compreendida entre 15 e 19 anos, obteve o menor índice, ou seja, de 56,6%. Da infância ao início da adolescência constatou-se 77% de adesão e na faixa etária compreendida entre 20 e 59 anos a adesão manteve-se em torno de 64%. Quanto ao gênero predominou o atendimento a pacientes do sexo feminino(57,8%), que oscilou de acordo com a faixa etária. Os dados mostram a necessidade de um serviço que atenda melhor a demanda adolescente, que é, por sinal, a faixa etária que apresentou um menor índice de adesão e, por outro lado, a criação de atendimento psicológico específico para a terceira idade, faixa etária esta que apresentou total adesão, ou seja, sem nenhuma desistência. Os altos índices de adesão à Psicoterapia foram resultantes de uma boa estratégia da Clínica-escola na escolha da modalidade a ser oferecida, ou seja, a psicoterapia breve, que possibilitou a criação de vínculos com a comunidade local, tornando-se com o passar dos anos, referência para o recebimento de encaminhamentos das mais variadas origens.

Palavras-chave: Adesão; Psicoterapia; Estudo

CLIN 16

AVALIAÇÃO SUBJETIVA DE FALHAS DE MEMÓRIA E A SUA RELAÇÃO COM CARACTERÍSTICAS DE PERSONALIDADE EM JOVENS UNIVERSITÁRIOS. *Carlos Henrique Sancineto da Silva Nunes[**], Maria Alice de Mattos Pimenta Parente, Daniel Teixeira Duarte de Oliveira[*], Vanessa Soares Mamone[*] (Instituto de Psicologia - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre - RS)*

Pesquisas na área da Neuropsicologia têm salientado a influência dos fatores idade, depressão, ansiedade, vulnerabilidade e estresse na capacidade de memória. Frente a esta questão, surgiu um interesse em estudar, em primeiro lugar, uma possível influência de características de personalidade (Neuroticismo, dentro do modelo dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade) nesta população e, em seguida, verificar que tipo de dificuldades de memória os jovens referem ter. Participaram da pesquisa 372 estudantes universitários de ambos os sexos (48,9 % do sexo masculino e 51,1 % do sexo feminino), de diversos cursos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com idades entre 17 e 51 anos. A média de idades foi de 22,6 anos, com desvio padrão de 5,5 anos. Para o levantamento das queixas de memória, foi efetuada a adaptação do Memory Self Evaluation (MSE). O questionário é composto de 19 perguntas, cujas respostas são dadas em uma escala que indica o quanto as situações apontadas são identificadas pelas pessoas. As perguntas dirigem-se a ocasiões de falhas de memória semânticas e verbais; de memória para rostos de pessoas; assim como, de memória prospectiva. As respostas são registradas em escalas tipo Likert de cinco pontos, cujas opções vão de "muito mal" a "muito bem". Para a avaliação da personalidade, foi utilizada a Escala Fatorial de Neuroticismo - EFN, que foi validada e apresenta normas brasileiras para universitários. O instrumento é composto por 82 itens que descrevem crenças, atitudes e opiniões sobre diversos aspectos que avaliam traços de personalidade. O respondentes devem registrar em escalas tipo Likert de 7 pontos o quanto identificam-se com as assertivas apresentadas. O levantamento da EFN produz escores para Vulnerabilidade, Desajustamento Psicossocial, Ansiedade e Depressão. O MSE foi submetido a uma análise fatorial exploratória, a partir do método de rotação direct oblimin, com o objetivo de verificar a sua estrutura interna. O Questionário de Memória utilizado possui quatro dimensões: Recuperação Lingüística, Percepção de Mudança, Memória Prospectiva e Memória Retrospectiva, com eigenvalues de 4,07; 1,52; 1,44 e 1,25 respectivamente. O fator Recuperação Lingüística foi aquele que os jovens relataram ter mais dificuldades. Esta categoria está ligada à capacidade de expressão lingüística. A categoria que os estudantes referiram ter menor dificuldade é a de Memória Prospectiva, chamada Memória de Futuro, por Einstein & Daniel. A consistência interna da escala foi avaliada pelo levantamento do Alpha de Cronbach, que foi de 0,79. Foram levantadas também as correlações entre as dimensões da EFN e o MSE. A partir desta análise, foi possível verificar-se que Ansiedade foi a escala que maior apresentou associação com as queixas de memória ($r=0,53$; $p<0,01$), sendo seguida por Vulnerabilidade ($r=0,49$; $p<0,01$) e Depressão ($r=0,45$; $p<0,01$). Os resultados indicam que diversos aspectos da personalidade são capazes de influenciar adversamente a percepção que as pessoas têm da eficiência da sua memória e vão ao encontro dos modelos propostos na área.

Projeto financiado pela CAPES

Palavras-chave: Memória; Neuroticismo; Cinco Grandes Fatores de Personalidade

CLIN 17

PSICO E SOCIOTERAPIA COM IDOSAS CEGAS. *Alexia Einig (Instituto de Psicologia - Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Rio de Janeiro - RJ)*

Esta intervenção psico e socioterápica num asilo de idosas cegas é conseqüência de um projeto de Extensão Universitária iniciado em 1999 e que vem tendo continuidade até hoje com novos estagiários, bolsistas de extensão. O objetivo inicial foi conhecer a realidade dessas 43 mulheres cegas cujas idades variavam de 65 a 94 anos e identificar qual a demanda de trabalho psicológico naquele local. Para a definição da melhor proposta de atendimento foi estabelecido um período de escuta no qual os estagiários acompanharam de perto o funcionamento da Instituição. A compreensão da dinâmica institucional bem como a dinâmica do funcionamento do grupo de internas foi fundamental para a condução dos trabalhos posteriores. Durante um período de cerca de três meses este trabalho de escuta identificou a necessidade de dois tipos de atendimento psicológico: individual e em grupo, além de estabelecer as possibilidades e limites do trabalho de socioterapia, que também era parte dos nossos objetivos iniciais. O fato de estarmos trabalhando com estagiários que tinham um período pré-determinado de duração da bolsa nos fez centrar a psicoterapia na solução de problemas utilizando a abordagem psicoterapêutica denominada Psicoterapia Breve que mantém o ponto de vista psicodinâmico na compreensão da problemática do paciente empregando, em sua solução, fatores psicanalíticos, cognitivos e comportamentais. Algumas limitações decorrentes da cegueira das internas tornaram a psicoterapia mais difícil e levou os estagiários a um grande esforço para superar tais dificuldades. Acostumados a trabalhar com clientes videntes, sentiram que a perda da dimensão do olhar e das expressões faciais das idosas, da troca de olhares entre terapeuta e paciente, ou seja, toda a linguagem não-verbal que a cegueira ao longo do tempo elimina pela falta de consciência do próprio corpo, teve que ser substituída por novos recursos. Assim, os estagiários procuravam dar entonação mais significativa à sua própria voz, ao mesmo tempo que se tornavam mais atentos às variações da voz das internas, buscando sentir as emoções que elas lhes transmitiam pela fala quando a expressão facial, muitas vezes, não se alterava. Surpreendentemente, apesar de todas as pacientes atendidas quer individualmente, quer em grupo, terem ficado cegas ao longo da vida, a perda da visão em si não é um tema constante na psicoterapia. Os temas mais comuns são as doenças, a repressão sexual, a solidão, as questões familiares, muitas vezes associadas às queixas sobre solidão, e o medo da morte. Em relação à segunda possibilidade de atendimentos, que privilegiou o aspecto socioterápico também nos dispusemos, inicialmente, a um período de escuta e de observação das atividades já existentes uma vez que a Instituição recebe a visita de vários grupos voluntários que realizam algumas festas, religiosas ou não, e dão algum atendimento em termos de trabalhos manuais. O trabalho integrado com a assistente social da Instituição permitiu-nos a organização dessas atividades e a inclusão de outras tais como serestas; apresentações de um grupo de canto e percussão e de um grupo de biodança; formação de uma "quadrilha" com as idosas cegas para apresentação nas festas juninas e o estímulo às internas para participarem ativamente desses encontros cantando, dançando e declamando, saindo da posição passiva daquele que só recebe. Uma situação que envolveu os dois estagiários, todas as idosas e a equipe de profissionais e da coordenação do asilo foi a transferência das idosas de um alojamento conjunto para quartos com apenas quatro vagas cada um que exigiu a realização de entrevistas e a montagem de um sociograma para identificar as melhores parcerias para os novos quartos. Foi necessário também que se desse apoio psicológico até que elas estivessem novamente orientadas espacialmente. O trabalho de psico e socioterapia no Sodalício da Sacra Família vem se consolidando à medida que percebemos a mudança no comportamento das idosas em relação à sua auto-estima e em seu relacionamento social. São estes resultados que nos estimulam a continuar com este trabalho tão especial, que já produziu uma monografia de final de curso.

Apoio: Foram concedidas, até agora, 04 (quatro) bolsas de extensão pela SR-3 - Sub-Reitoria de Extensão e Cultura da UERJ

Palavras-chave: Idosas, Cegueira, Psicoterapia

CLIN 18

A PRÁTICA E A PESQUISA EM CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO. *Joaquim Gonçalves Coelho Filho***, Rosa Maria Rizzo M. dos Santos**; Daniel Paulo da Silva**; Luciana Lopes Roche**; Renata Silva Esper** (Curso de Especialização - Universidade São Marcos, São Paulo/SP)*

A demanda da comunidade e a própria ciência da Psicologia vêm exigindo, cada vez mais, melhor qualificação dos profissionais que a exercem, com um nítido empenho, tanto do conselho profissional centralizado como dos regionais, em tornarem a especialização responsável, em que os cursos com esse propósito devem acolher profissionais interessados em sedimentar conhecimentos já adquiridos, a partir do sistema: prática - pesquisa - teoria da técnica - ensino. Este quadrinômio atende a objetivos da formação consistente e especializada, sem perder de vista o contexto a que pertence, uma vez que cada dimensão destacada implica e é implicada pelas outras, estabelecendo um sistema de retro-alimentação e atualização constante do sistema. Esta reflexão tem o propósito de destacar a importância desse sistema no processo ensino-aprendizagem, em nível de pós-graduação. Tomando-se como ilustração um curso de Especialização em Psicoterapia Breve, realizado pelo Programa de Pós-Graduação Lato Sensu da instituição vinculada, destaca-se a prática supervisionada como pilar de sustentação da sua proposta, em que todos os alunos estão envolvidos, por meio de atendimento à comunidade que acorre ao serviço. Esta prática reúne material clínico que permite o repensamento da própria prática, através de pesquisas voltadas, por exemplo, nos critérios de indicação e contra-indicação para a técnica breve, em análises do desenvolvimento do processo, utilizando-se do material de atendimento, com parte dele, inclusive, gravada em áudio. Estas análises sugerem reflexões sobre a prática e sobre a teoria da técnica, que é desenvolvida, paralelamente, como suporte teórico dos princípios norteadores da técnica breve. Estas reflexões promovem novas necessidades nos alunos e supervisores, determinando novas posturas no ensino e a busca de novos referenciais teóricos em resposta às necessidades dos alunos, influenciando diretamente a prática do processo psicoterápico. Destaca-se, assim, um sistema ativo de retro-alimentação, que por si só se mantém, preservando e promovendo a qualidade da formação de alunos implicados com a sua profissão. Um exemplo de envolvimento com a qualidade da formação, fruto da atividade do sistema proposto, é a participação de alunos de recente curso implantado (1° semestre em andamento), em que 50% dos alunos, que compõem duas turmas de especialização, encontram-se, espontaneamente, envolvidos com trabalhos inscritos em congressos de âmbito nacional. Verifica-se, então, que a proposta da especialização responsável torna-se presente, a partir dos pilares constituintes da real qualificação: a prática, a pesquisa, a teoria da técnica e o ensino.

Palavras-chave: Especialização, Sistema de Ensino, Pesquisa

****

CLIN 19

MANEJO DA TRANSFERÊNCIA E DO FOCO DE TRABALHO EM PSICOTERAPIA BREVE. *Eliane Moura Rezende**, Lourdes Paula da Silva*, Ricardo Moreira Duarte**, Joaquim Gonçalves Coelho Filho*** (Especialização em Psicoterapia Breve - Universidade São Marcos, São Paulo SP)*

A postura mais freqüente das pessoas que recorrem ao serviço psicológico, principalmente, institucional é a de buscarem soluções próximas da mágica, ou seja, soluções prontas e sob medida para os seus conflitos. Diante disso, o psicoterapeuta, freqüentemente, tem que lidar com essa expectativa do cliente, decorrente do modelo médico, cujo profissional é imbuído do papel de "salvador", o qual irá diagnosticar com precisão, tratar e curar sua dor. Fala-se, aqui, do clichê estereotípico assinalado por Freud, somado às idéias libidinais antecipadas. Fala-se da transferência. Na técnica breve, em que a transferência não deve ser estimulada, uma vez que já vem pronta, tampouco convertida em neurose transferencial, a transferência deve ser acolhida. Para isso, o psicoterapeuta precisa se ocupar da transferência, conhecê-la muito e manejá-la adequadamente, em conformidade com o enquadre psicoterápico adotado. Este trabalho visa, assim, demonstrar a importância da definição do foco de trabalho na técnica breve, como condutor do manejo da transferência acolhida. A partir de um estudo de caso, é destacada a validade de adoção do foco de trabalho, que deve ser acordado pelo par terapêutico. A ilustração do atendimento por um caso clínico demonstra a importância da definição do foco de trabalho (seja o "quarto-mãe"), já que este foco parte da queixa do cliente, que é compreendida nas entrevistas preliminares e expandida para outras áreas em que o conflito está presente, mas ainda não localizado pelo cliente. Observa-se que, com a devolutiva das entrevistas em forma de foco/área do trabalho psicoterápico, o cliente é convidado a se implicar com a sua dinâmica de funcionamento, responsabilizando-se, também, pelo desenvolvimento do processo. Observa-se, ainda, que a elaboração de conflitos emergentes por meio do foco de trabalho possibilita generalizações dos ganhos, por parte do cliente, para outras áreas de conflito, em um plano mais interno, ou mesmo para outras situações não contempladas pela queixa inicial, em um plano de funcionamento no mundo externo. O caso clínico estudado salienta que o cliente que, inicialmente, depositara toda a responsabilidade pelo restabelecimento do controle de si mesmo nas mãos do psicoterapeuta pôde assumir a responsabilidade pelo desenvolvimento do trabalho psicoterapêutico. A transferência inicialmente acolhida acabou sendo desidealizada, contribuindo para que o cliente pudesse se apropriar de si mesmo. Desta forma, conclui-se, preliminarmente, que o manejo do foco está diretamente ligado ao manejo da transferência, uma vez que a sua definição estabelece limites para as expectativas do cliente e o coloca em uma atitude ativa quanto aos seus conflitos. Embora a transferência na técnica breve não seja um pilar de sustentação da prática, como vem a ser na psicanálise, é de extrema importância para a configuração das atribuições do par terapêutico.

*** Doutor em Psicologia

Palavras-chave: Transferência, Foco, Psicoterapia Breve

****

CLIN 20

AS PALAVRAS E OS CORPOS: A CLÍNICA DA NEUROSE OBSESSIVA. *Vera Lopes Besset e Suzane Vasconcelos Zanotti** (Universidade Federal do Rio de Janeiro)*

O obsessivo é alguém que sofre de seus pensamentos, afirmou Freud. No entanto, aquilo do qual se apresenta como vítima - a circularidade compulsiva de seus pensamentos - nada mais é do que o recurso desse sujeito face ao mal-estar. Mal-estar do encontro com aquilo que o afeta e que se trata de evitar através do controle da cadeia - consciente - de representações. Nesse contexto, vale-se igualmente da dúvida, que aplica à questões universais sobre a vida e a morte, para contornar a angústia. Na relação com o outro, tingida de agressividade, a 'fobia de contato' desvela a evitação na relação com o corpo. Ela traduz o horror à aproximação do que pode escapar a seu controle e deixá-lo, como teme, à mercê do capricho daquele de quem, num dado momento, depende. Diante desse quadro, o tratamento da neurose obsessiva continua representando um desafio a uma prática que se serve da fala e tem como ferramenta a relação do sujeito com um Outro, a transferência. Como pensar a transferência nos casos de neurose obsessiva, que como descrito, são marcados por uma busca compulsiva de controlar seus pensamentos? Como se servir de uma fala controlada, retraída, sem livre acesso ao inconsciente? Como isolar o sintoma que nessa neurose é utilizado na busca incessante de satisfação, na obtenção de gozo? Apoiados na experiência clínica e na análise da conceituação teórica pertinente, elaboramos uma reflexão sobre o desafio que a neurose obsessiva apresenta na clínica. Na dimensão da experiência, pode-se traduzir no reconhecimento do modo de amar próprio a esses sujeitos, que não 'oferecem' seu ser à interpretação, mas ao contrário, o retêm. O obsessivo utiliza a fala do mesmo modo como o faz com o pensamento, para impedir o surgimento de sentido. A dificuldade que se apresenta na clínica com o obsessivo, em respeitar a regra fundamental da Psicanálise, é fruto dessa obediência ao mandamento do tabu de contato. Tabu que deriva, por extensão, da proibição do contato corporal direto, nuclear nesta modalidade de neurose. O obsessivo, com todas essas manobras, faz objeção à interpretação. No entanto, vale-se de palavras ambíguas, de expressões dúbias, que podem ser um fio condutor ao inconsciente. Entende-se portanto, que é a escuta da palavra, como significante e não como significado, a direção de tratamento que aparece indicada por esta neurose. A partir da realização dessa pesquisa, observou-se a importância da adequação da abordagem psicanalítica dos transtornos obsessivos para o tratamento do que, justamente, escapa à palavra.

Bolsa PQ e Mestrado - CNPq

Palavras-chave: Clínica, Corpo, Neurose Obsessiva

****

CLIN 21

AS REPERCUSSÕES EMOCIONAIS EM IRMÃOS DE DEFICIENTES VISUAIS *Elisa Marina Bourroul Villela (Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP)*

O objetivo deste trabalho é investigar o registro emocional dos irmãos enquanto integrantes de uma família com uma criança deficiente visual. A família nuclear atual detém o monopólio da afetividade e da preparação dos indivíduos para a vida. Como um subsistema da instituição familiar, as relações fraternas ocupam um importante lugar na formação da personalidade de quem os tem. Apesar disto pouco se tem dedicado ao estudo e ao reconhecimento da sua grande importância. Somente a partir dos anos 80 vamos encontrar estudos sistemáticos sobre o tema. No campo da psicanálise alguns autores têm se dedicado a estudar e compreender a relação fraterna, não somente como extensão ou substituição da relação com o objeto primário, mas sim como um fenômeno com uma especificidade própria. Famílias com um membro deficiente desenvolvem uma dinâmica própria e as relações fraternas sofrem influência desta. Este trabalho se propõe a conhecer as fantasias e os conflitos vividos relativos à relação fraterna dos irmãos a partir de seus próprios relatos. Investigamos 10 crianças de idade entre 6 a 11 anos irmãs de deficientes visuais, utilizando os recursos de entrevistas e do procedimento de Desenhos de Família com Estórias de Walter Trinca. Os dados obtidos revelam um padrão básico de funcionamento mental centrado na repressão da hostilidade. A rivalidade fraterna é uma experiência determinante no desenvolvimento das funções do ego e na configuração da estrutura defensiva, a qual a criança começa a edificar contra a hostilidade dirigida ao irmão. Esta hostilidade se não pode ser vivida fica retida no inconsciente, não tendo a chance de transformar-se em ação positiva para o desenvolvimento e para o auto conhecimento da pessoa. O custo emocional que foi observado nas crianças deste estudo foi que, em prol da preservação da relação fraterna

contra o ódio, há um afastamento de si próprios frente a seus verdadeiros desejos e necessidades. No entanto, o reconhecimento e a aceitação dos sentimentos negativos do filho não deficiente frente ao seu irmão deficiente por parte dos pais, possibilitará à criança vivenciar tais sentimentos e elaborá-los. Esta elaboração permitirá um crescimento pessoal verdadeiro. Justifica-se portanto o aprofundamento de estudos sobre a dinâmica familiar com um membro deficiente, assim como um incremento de práticas terapêuticas preventivas, visto que as crianças irmãs de deficientes visuais, por todo o contexto familiar específico, tendem a um sofrimento pela não elaboração de seus afetos ambivalentes, sendo assim em uma população de risco de sofrimento emocional e até mesmo de desenvolvimento de sintomas neuróticos.

Palavras-chave: Relações Familiares; Deficiência Visual; Procedimento de Desenhos de Família com Estórias

CLIN 22

SONHOS NA ANÁLISE DE UM MENINO CEGO. *Elisa Mariné Barroqui Villela (Universidade São Marcos, São Paulo, SP)*

O objetivo deste trabalho é ilustrar a relação existente entre os sonhos de um menino cego com sua organização psíquica e fazer considerações sobre o valor transferencial do relato de seus sonhos no encontro psicoterapêutico. Um risco para o desenvolvimento que estudiosos apontam frente à ausência da visão, é uma menor discriminação entre o real e o imaginário. Por um lado, a criança cega não pode se permitir um afastamento da realidade externa, pois somente uma vigilância constante de seu sistema perceptivo poderá lhe proporcionar uma fuga do desprazer. Por outro lado está limitada quanto à confirmação do dado de realidade. Desta forma, muito da sua atividade mental consiste em vencer, através da repetição e imaginação, as muitas situações dolorosas que experimenta. O sonho é uma forma de manifestação do mundo mental. E como tal está a serviço de um processo de integração do espaço intrapsíquico. O sonho revela a luta interna pela vida, pela tentativa de conter o caos desagregador. O modo como o sonho se expressa depende dos recursos internos que o sonhador possui. Quanto mais regredido o estado de mente deste, mais os sonhos estarão impregnados de sensorialidade, ou seja, distantes de uma elaboração e de um conhecimento da experiência emocional. Defendo a idéia de que a emergência de material onírico nas sessões de análise possibilita transformações rumo a uma maior organização psíquica. Esta idéia é ilustrada pelo relato de sonhos de um menino cego em análise. Os sonhos desta criança de dez anos confundem-se com experiências alucinatórias, são assustadores, impregnados de sensorialidade, sendo que, em muitos momentos, a criança não é capaz de diferenciar o sonho de uma experiência realística. Os conteúdos destes revelam impulsos orais agressivos, ligados a uma figura materna ameaçadora e apontam para fantasias arcaicas que dominam o espaço mental e para um ego frágil que fica tomado pela angústia. Para os cegos o efeito do distúrbio depois de acordar de um pesadelo tende a ser maior e mais prolongado, especialmente na infância, porque eles não têm a influência do teste de realidade imediatamente restaurado pela percepção visual. No processo de análise nota-se que a partir do relato dos sonhos a criança pode, aos poucos, ir aproximando-se de seus conflitos e seus fantasmas (inseguranças). Comunicando ao terapeuta a qualidade da relação analítica que, embora positiva está acompanhada de insegurança e ambivalência. O contar para a terapeuta seus sonhos possibilitou um movimento rumo a uma integração psíquica, ou seja, a uma vivência de relação de objeto menos dissociada entre bons e maus objetos.

Palavras-chave: Deficiência visual; Sonhos; Psicanálise

CLIN 23

DEPENDENTES QUÍMICOS INSTITUCIONALIZADOS: O GRUPO VERBAL COMO POSSIBILIDADE DE TRATAMENTO. *Gabriela de Souza Zenat* e Fernanda Menegazzo Padilha***

A experiência a ser relatada é uma das atividades acadêmicas do Estágio Supervisionado de Psicologia Clínica do quinto ano do Curso de Formação de Psicólogos da Pontifícia Universidade Católica de Campinas - S.P. O campo de estágio é o Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira, uma instituição alinhada com a Luta Antimanicomial e que se estrutura em cinco unidades: Unidade de Atenção à Crise, Hospital Dia (H.D.), Núcleo de Oficinas de Trabalho (NOT), Núcleo Clínico e Centro de Atenção Psicossocial (CAPS). O estágio é desenvolvido na Unidade de Atenção à Crise que tem como objetivo o atendimento a pacientes agudizados e que necessitam de contenção institucional. É composta por três equipes - referências, sendo que duas delas atendem pacientes psicóticos e a terceira atende a alcoolistas e dependentes químicos. O grupo verbal é oferecido para alcoolistas e dependentes químicos. É um grupo terapêutico, focal, aberto, devido à grande rotatividade dos pacientes que ficam internados, em média, de quinze a vinte dias. O grupo é heterogêneo quanto ao sexo e à idade dos pacientes que são atendidos. Ocorre duas vezes por semana, tem a duração de uma hora e é composto por, no máximo, dezesseis pacientes, número de vagas oferecidas pela unidade para dependentes e/ou alcoolistas internados. É coordenado por uma psicóloga contratada (terapeuta) e por uma estagiária de psicologia (co-terapeuta). Os pacientes são incentivados pela equipe a participarem do grupo verbal, mas esta atividade não é obrigatória. O objetivo é promover uma reflexão a respeito dos problemas psicológicos relacionados à dependência química e ao alcoolismo, e tem como foco trabalhar as possíveis resistências para a continuidade do tratamento a nível ambulatorial quando da alta desses pacientes, o que evitaria novas internações. Até o momento, os resultados obtidos apontam que o fator de identificação comum (dependência química) presente no grupo tem propiciado acolhimento suficiente para que a transferência paralela possa emergir, o que facilita a circulação do pensamento e do afeto, além de descentralizar a intensidade das manifestações emocionais das figuras das terapeutas. Outro dado emergente, diz respeito à sexualidade; aspectos homossexuais e a vivência de uma sexualidade impulsiva e descontrolada são focos trazidos nas falas dos pacientes, sinalizando para comprometimentos situados em diversos níveis da personalidade, esses dados, porém, necessitam de uma maior investigação.

*Aluna de graduação do quinto ano do Curso de Formação de Psicólogos da Pontifícia Universidade Católica de Campinas - S.P.

** Supervisora de Estágio Supervisionado em Psicologia Clínica do Curso de Formação de Psicólogos da Pontifícia Universidade Católica de Campinas - S.P.

Palavras-chave: Drogadição; Grupo terapêutico

CLIN 24

A TERAPIA COGNITIVA DE INTERVENÇÃO BREVE APLICADA À RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS COTIDIANOS EM UM CLIENTE NÃO PSIQUIÁTRICO. *Marco Antônio Silva Alvarenga* e Karl Christoph Kappler (Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais)*

A Terapia Cognitiva (T.C.) teve como fundadores Albert Ellis e Aaron Beck. Atualmente é dividida em dois modelos, o Clássico, conhecido como modelo Beckiano e o Construtivista, que recebe influências de estudiosos como Ruiz, Guidano, Greenberg e Mahoney. A T.C. tem eficácia cientificamente comprovada no tratamento de transtornos psiquiátricos, mas também pode ser utilizada como recurso para resolver problemas cotidianos como inassertividade, ansiedade e dificuldade em manifestar idéias e sentimentos em pacientes subclínicos (que não são considerados como portadores de algum tipo de transtorno mental segundo os critérios do CID 10). Com a proposta de buscar um conhecimento mais amplo sobre a aplicação da Terapia Cognitiva de Intervenção Breve (abreviado pelos autores como T.C.I.B.) nestes problemas, iniciou-se um estudo. Começando por um caso clínico em que participou um cliente que possui instrução de nível superior, pertence ao sexo masculino e tem 27 anos. Ele procurou atendimento psicológico pois sofria muito com problemas familiares, ansiedade em se expressar em público ou afetivamente e medo de cometer erros. O cliente se submeteu a vinte e cinco sessões, duas delas com acompanhamento após a terapia em períodos de tempo espaçados e previamente determinados (procedimento conhecido como Follow-up). Foram utilizadas técnicas como Treinamento de Assertividade, Dramatização, Questionamento Socrático, Curtograma, Uso de Imagens Mentais e Tomada de Decisões. As sessões foram conduzidas da seguinte maneira: 1.Uma sessão (1a) para entrevista inicial e anamnese, 2. Vinte sessões para avaliar cognições, comportamentos e afetos relacionados aos problemas cotidianos, a correspondência deles com a realidade, corroboração ou refutação de sua validade e a mudança a respeito de crenças irracionais do tipo "só tenho valor perante outro ser humano se não cometo erros" (sic) relativas a estes problemas, 3. Duas sessões para fazer análise das mudanças que ocorreram e prevenir recaídas e 4. Duas sessões de Follow-up, uma a cada três meses, para avaliar como o sujeito está se sentindo e se a T.C.I.B. surtiu efeitos positivos e duradouros na vida deste. Chegou-se ao resultado de que a T.C.I.B. aplicada a esse sujeito foi eficaz e capaz de promover mudanças nos esquemas cognitivos, afetivos e comportamentais. Constatou-se de que houve uma melhora em sua auto-imagem, qualidade de vida e capacidade adaptativa a problemas que antes lhe geravam ansiedade e desconforto como a manifestação assertiva de idéias e sentimentos. Esses dados foram fornecidos através da narrativa do cliente sobre como se posiciona e resolve atualmente os problemas que antes lhe afligiam: "...hoje me sinto mais capaz de resolver coisas bobas como conversar com meu irmão quando brigamos, perguntar alguma coisa a alguém quando tenho dúvida, errar sem me sentir culpado, isto tudo sem ficar nervoso e ansioso como antes. Confio mais em mim" (sic). Podemos concluir que a T.C.I.B. pode ser aplicada à resolução de problemas cotidianos apresentando resultados satisfatórios quanto aos aspectos cognitivos, afetivos e comportamentais, possibilitando a continuidade de estudos sobre sua aplicação e avaliação de forma mais ampla.

Palavras-chave: Terapia cognitiva; Intervenção breve; Problemas cotidianos

CLIN 25

PERCEPÇÃO DE ADOLESCENTES COM ACNE: SUA INFLUÊNCIA NO CONTATO SOCIAL. *Fernanda Zeni* e Maria Leonor Espinosa Enéas (Faculdade de Psicologia - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP)*

Este estudo investigou a percepção de adolescentes com acne e o quanto esta influencia tanto no contato social quanto na identificação pessoal. Foi criado um instrumento projetivo gráfico, baseado nas Fábulas de Düss, constituído de

uma foto de um adolescente e uma história a seu respeito que deveria ser completada pelos sujeitos. A aplicação foi coletiva em um colégio do interior de São Paulo para classes de oitava série. Foram sujeitos 54 adolescentes entre 13 e 15 anos, com acne. 26 deles receberam uma foto de um adolescente com acne (CA) e 28 a foto do mesmo adolescente sem acne (SA). As respostas compreenderam 16 categorias, sendo obtidas 102 respostas para CA e 116 para SA. Verificou-se que o grupo CA manifestou maior interesse em "se enturmar por iniciativa própria" do que "a partir do grupo" (19,61% e 6,82% respectivamente). Observou-se também, que no grupo SA, as categorias "sucesso no entrosamento", "aproximação afetiva para com o grupo", "dificuldade de aproximação do grupo", "agressão implícita e explícita por parte do grupo" e "uso dos pais como mediadores" obtiveram uma frequência maior de respostas em relação ao grupo CA, com diferenças de até 6 pontos percentuais. No grupo CA as categorias que se destacaram relativamente ao grupo SA foram "sentimento de desamparo", "dificuldade de entrar em contato com os próprios sentimentos" e "fracasso que leva à morte", com acréscimo de até 4 pontos percentuais. Especificamente o "sentimento de inferioridade causado pelo acne" obteve frequência de respostas semelhante. Contudo, não houve diferença estatisticamente significativa para o conjunto de respostas de ambos os grupos. Parece que o acne não chega a impedir que o adolescente procure integrar-se ao grupo, embora a vivência de ter acne pareça desconfortável o bastante para, ao menos, desencadear fantasias de fracasso pessoais em graus variáveis. Isto sugere a importância de um trabalho preventivo junto a grupos de adolescentes para desmistificar as eventuais fantasias. Há necessidade de estudos complementares mais abrangentes.

Palavras-chave: Adolescentes; Acne; Contato social; Instrumento projetivo

---

CLIN 26

UM ESTUDO DA PERSONALIDADE DA CRIANÇA OBESA ATRAVÉS DO DESENHO DA FIGURA HUMANA (D.F.H.) E DOS INDICADORES EMOCIONAIS DE KOPPITZ. *Maria Alice Salvador Bastos de Azevedo* (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual Paulista/UNESP, Bauru, SP)

A prevalência da obesidade exógena ou nutricional vem aumentando nos países desenvolvidos e em alguns em desenvolvimento. Nos Estados Unidos da América ela já é considerada problema de saúde pública. A obesidade é associada a efeitos deletérios à saúde dos indivíduos, tanto física quanto psicológica. A questão da sua etiologia é assunto extremamente complexo e bastante discutido. Esta é considerada multicausal e sofre a influência de uma complexa rede de fatores. O enfoque psicossomático desse transtorno alimentar, embora não descarte uma tendência hereditária que pode vir a se desenvolver ou não, dependendo do meio ambiental, considera o comer excessivo como um sintoma, superdeterminado por causas psicológicas e emocionais subjacentes, cujo controle exitoso depende da compreensão e remoção destas causas. O presente trabalho constitui-se numa contribuição para a compreensão da personalidade da criança obesa. Foi realizado um estudo do Desenho da Figura Humana através dos Indicadores Emocionais de KOPPITZ de crianças obesas e não obesas. Foram sujeitos da pesquisa 60 crianças de ambos os sexos, divididas em dois grupos: grupo experimental, com 30 crianças obesas (15 meninos e 15 meninas) e grupo controle, com 30 crianças normais (15 meninos e 15 meninas), todas da mesma faixa etária, de 7a 0 m. a 12 a 11m., alunos da 1a. à 6a. série do 1o. grau. Objetivos: a) investigar as características de personalidade da criança obesa; b) investigar a existência de sinais indicadores de conflitos emocionais na produção gráfica do D.F.H. das crianças. A análise dos desenhos revelou algumas diferenças entre os dois grupos. Os dados obtidos foram submetidos a provas estatísticas não-paramétricas. A análise dos dados indicou que as crianças obesas apresentaram uma maior quantidade de Indicadores Emocionais do que as normais, assim como mais escores superiores a 2, revelando um maior comprometimento emocional. Assim, na presente pesquisa, as crianças do grupo experimental revelaram-se mais patológicas sob este aspecto. Dos 30 Indicadores Emocionais da KOPPITZ (1976), três — omissão de orelhas, figura inclinada e braços curtos — serviram para discriminar os dois grupos, indicando um maior índice de distúrbios emocionais entre as crianças obesas, respectivamente significantes nos níveis de 2%, 5% e 20%. Estes Indicadores Emocionais discriminaram as crianças obesas das não-obesas, aparecendo mais no grupo experimental. Dos três, o item orelhas de vasta, que apresentou o maior significância estatística na discriminação dos dois grupos, aparece com maior frequência no D.F.H. de clientes psicossomáticos (KOPPITZ, 1976). Os Indicadores Emocionais que se destacaram na discriminação do grupo experimental indicam maior inadequação, retraimento, imaturidade e agressividade reprimida nas crianças obesas, confirmando as características encontradas na literatura pesquisada e revisada sobre os aspectos psicológicos da criança obesa.

Palavras-chave: Obesidade; Personalidade; Desenho da Figura Humana

---

CLIN 27

SUPERVISÃO DE ESTÁGIO EM ACONSELHAMENTO PSICOLÓGICO: CONSIDERAÇÕES SOBRE O RELATO DE UM PROCESSO EXPERIENCIADO POR UM GRUPO DE ALUNOS-ESTAGIÁRIOS. *Silvia Regina de Andrade Tellis* (Centro Universitário Nossa Senhora Medianeira de São Paulo - SP)

Este trabalho objetiva compreender o desenvolvimento do aluno-estagiário durante as supervisões de estágio em Aconselhamento Psicológico, apoiadas no referencial psicanalítico, em um curso de formação de Psicólogos. Esta pesquisa desenvolveu-se numa instituição privada de ensino superior da cidade de São Paulo. Foram sujeitos quatro alunos-estagiários, integrantes de um grupo de supervisão. Para a compreensão do seu desenvolvimento, foram analisados os relatos escritos, em forma de "diários de bordo", realizados por eles acerca de suas vivências nas supervisões no decorrer do estágio anual. A análise dos dados foi realizada tomando como base o referencial teórico psicanalítico. Foi possível observar o desenvolvimento dos alunos-estagiários, em função de suas mudanças de atitudes e de pontos de vista no decorrer das supervisões. Em seus diários, a maioria fez referência à necessidade de se realizar um trabalho pessoal terapêutico ou analítico, paralelamente ao processo de supervisão, reconhecendo que este podia ajudá-los a elaborar melhor as vivências e as dificuldades emergentes nos atendimentos clínicos. A maioria dos estagiários reconheceu que o conhecimento teórico e técnico e a capacidade intelectual não eram suficientes para formar o profissional, mas sim precisava também melhor conhecer a si mesmo e aspectos do seu mundo interno e desenvolver a capacidade de suportar as angústias e sofrimento e as dificuldades apresentadas pelo cliente. Este é um indício significativo do desenvolvimento do estagiário, na medida em que ele expressa o reconhecimento dos limites e da influência de seus aspectos subjetivos no vínculo estabelecido com o cliente. Reconheceram também a interferência de aspectos transferenciais e contratransferenciais na relação com o cliente, supervisor e colegas e modificaram alguns de seus temores e idealizações quanto ao papel do supervisor e do psicoterapeuta, substituindo algumas fantasias mágicas por percepções mais realistas baseadas na experiência. Pelos comentários dos estagiários nos diários de bordo, as relações transferenciais e contratransferenciais, predominantemente negativas entre alguns integrantes do grupo, dificultaram, em parte, o aproveitamento das supervisões. Mas, por outro lado, a transferência positiva, o clima de confiança e de colaboração com o supervisor favoreceu o aprendizado e a experiência com o cliente. Alguns estagiários revelaram seus sentimentos e atitudes juntos aos colegas, reconhecendo a transferência negativa. Essa postura evidencia a conquista de mais uma etapa no processo do desenvolvimento pessoal e profissional. Significa que os estagiários passaram a ver uma percepção mais do si mesmo, na medida em que puderam reconhecer a predominância do rival, da competição e da intolerância na relação dos integrantes do grupo e começaram a questionar a participação deles mesmos na criação desse tipo de relação. Os relatos dos estagiários, assim como minha compreensão de suas vivências, levam-me a concordar que é fundamental ficar atento à qualidade das interações dos integrantes do grupo e auxiliá-los a perceber que as suas atitudes com os colegas podem se tornar úteis em seu aprendizado, que, nesse sentido, o grupo de supervisão é uma experiência muito rica. A maioria dos estagiários começou a integrar a teoria à prática clínica e a desenvolver a escuta clínica.

Palavras-chave: Supervisão Estágio; Formação do Psicólogo

CLIN 28

LÓGICA CONVERSACIONAL E FALA NA SITUAÇÃO PSICANALÍTICA: UMA CONVERSA ENTRE FREUD E GRICE. *Simone R. Cavour* (Universidade de Brasília, DF)

Este trabalho pretende elucidar, baseado na perspectiva da filosofia da linguagem ordinária, a linguagem no campo da psicanálise. Partindo da teoria sobre Lógica e Conversação de Grice, analisa os traços gerais da fala em análise, tal como Freud propôs originalmente, e sua diferença dos traços gerais da conversação. Segundo Grice, existem traços gerais que delineiam a conversa cotidiana, sendo o principal denominado princípio da cooperação conversacional. Faça sua contribuição conversacional tal como é requerida, no momento em que ocorre, pelo propósito ou direção do intercâmbio conversacional em que você está engajado. Juntamente com esse princípio existem categorias e suas respectivas máximas que complementam os traços gerais do discurso. A primeira categoria, Quantidade, divide-se nas seguintes máximas: "Faça com que sua informação seja tão informativa quanto requerido (para o propósito corrente da conversação)"; "Não faça sua contribuição mais informativa do que é requerido". A categoria Qualidade é composta pelas máximas: "Tente fazer uma contribuição que seja verdadeira"; "Não diga o que acredite ser falso" e "Não diga senão aquilo para que você possa fornecer evidência adequada". Na categoria Relação, a máxima singular é: "Seja relevante". Na categoria Modo, as máximas são: "Seja Claro", "Evite obscuridade de expressão", "Evite ambiguidades"; "Seja breve (evite prolixidade desnecessária)", "Seja ordenado". Busca-se demonstrar que, a associação livre em conjunto com a atenção flutuante, estruturam um princípio particular de cooperação conversacional, bem como traços diferenciados que regem a fala em análise. As máximas conversacionais propostas por Grice, como traços fundamentais do discurso, apresentam distinções quando transpostas para o trabalho psicanalítico. São exatamente estas distinções que vão caracterizar o trabalho, fazendo dele um método que possibilita o emergir dos conteúdos inconscientes. Os traços gerais da fala em Freud seriam, então, delimitados pelas seguintes máximas: Quantidade - Faça com que sua contribuição seja tão informativa quanto requerido para o propósito desse

trabalho terapêutico. Fale o que sabe sobre você, o que acontece em seus pensamentos; Faça sua contribuição, independente se vá parecer mais informativa que o requerido normalmente. Qualidade - Não deixe de dizer o que lhe ocorre mesmo que aquilo lhe pareça falso ou mesmo que aquilo seja para os outros; Não deixe de dizer o que você acredita, ou o que lhe ocorre por não ter evidência disso. Relação - Fale tudo mesmo que não pareça relevante; Não desvie do princípio da Associação Livre. Modo - Diga o que lhe ocorre mesmo que pareça obscuro o que irá expressar; Não evite dizer por parecer ambíguo; Não é preciso ser breve; Faça sua fala em seu tempo e como conseguir falar, mesmo que pareça prolixo; Não se atenha a ser ordenado, deixe que seu pensamento te conduza. Pela tradução das regras da atenção flutuante e da associação livre, a partir da teoria sobre lógica e conversação de Grice, percebemos uma certa inversão das máximas conversacionais da linguagem ordinária, sem, no entanto, perder a dimensão cooperativa da interlocução.

Palavras-chave: Psicanálise; Linguagem Ordinária; Lógica Conversacional

CLIN 29

ALGUNS EFEITOS PHARMAKO-PSÍQUICOS DAS PROMESSAS DE IMORTALIDADE. *Marcelo Duarte Porto** & Valéria Maria Zanella de Loyola** (Universidade de Brasília-DF)*

A religião sempre teve seu lugar na história dos povos e na vida psíquica das pessoas. No entanto, poucas religiões tiveram tanto êxito e tamanha duração como o catolicismo ocidental. Freud, em sua leitura do fenômeno religioso, destacava que a popularidade da religião estava garantida e seria sempre insuperável, tendo em vista as promessas de imortalidade que só mesmo a religião poderia fazer, nunca a psicanálise ou qualquer outro tipo de terapia. O fenômeno da crença na imortalidade toca diretamente a questão narcísica mais premente no ser humano, a saber: sua finitude - castração última e mais angustiante na vida de um sujeito. Que tipo de sentido pode ser construído através das promessas de imortalidade para este ser finito que é o ser humano? O presente trabalho teve como objetivo investigar as dimensões psíquicas envolvidas pelas promessas de vida após a morte, ou seja, alguns efeitos pharmako-lógicos dessas promessas na vida psíquica dos sujeitos. A palavra *pharmako* foi escolhida propositalmente, posto que deriva etimologicamente da palavra grega *phármakon*, que em sua originalidade possui a potencialidade de vir a ser tanto remédio quanto veneno. Utilizamos esta palavra exatamente para atentar para a dupla possibilidade dos efeitos da promessa de imortalidade que, dependendo do sentido que tome para o sujeito, constitui-se ora como remédio, ora como veneno, ora tampona a falta e a ferida narcísica, ora consola e faz suportável a existência. Como ponto central para a compreensão dos efeitos das promessas de imortalidade, destacamos o papel que o Supereu e o Eu desempenham, visto que tais promessas se relacionam, por um lado, à questão da mortalidade, da ferida da finitude em si, mas, por outro lado, como contraparte da finitude, ao sentido da vida e à exigência de uma moralidade que faça jus à possibilidade de uma boa vida depois desta. Segundo Freud, o núcleo do Supereu corresponde a uma despersonalização do agente parental a partir do qual se teme a castração. O perigo se torna assim menos localizável e a angústia de castração se dissolve na moralidade. Desta forma, o conceito de Supereu se torna imprescindível no entendimento do fenômeno religioso. Tentamos compreender como a crença na promessa de imortalidade toca elementos do Supereu por meio de um assujeitamento das exigências de um Ideal do Eu vinculado à correção e à bela alma. Exigências estas conciliadoras de renúncias (Versagung) que colocam o corpo e a sexualidade em um segundo plano, mais dispensável. Além do mais, a promessa de uma vida futura após a morte pode servir a um dos propósitos mais fundamentais da neurose que é fuga de uma realidade insatisfatória para um mundo mais agradável de fantasia. Tais efeitos pharmakológicos refletem nos modos de viver, que se traduziriam em expressões psíquicas diferentes, ora conflituais/neuróticas, ora sublimadas. O trabalho constituiu-se assim, de um percurso de pesquisa e reflexão teóricos, percorrendo para tanto alguns textos da teoria psicanalítica de Freud.

Palavras-chave: Promessa; Religião; Psicanálise

CLIN 30

TÉCNICA DE AVALIAÇÃO DE FAMÍLIAS - EXTENSÃO DOS ESTUDOS AO PROBLEMA DA DROGADIÇÃO. *Dirce Lúcia Peçanha e Ivana Regina Remoaldo* (Laboratório VIDA, Universidade Federal de São Carlos, SP)*

Alguns estudos têm sido conduzidos utilizando a versão adaptada da Entrevista Familiar Estruturada (EFE), com enfoque sistêmico, no diagnóstico de famílias com uma criança portadora de doença crônica. Este trabalho objetiva contribuir para a extensão dos estudos de validade da EFE através da avaliação de famílias com um adolescente usuário de drogas. Atenção costuma ser dispensada ao problema da dependência à droga mas, geralmente, o enfoque limita-se ao usuário, negligenciando um fator importante para a compreensão do problema, ou seja, a dinâmica familiar na qual o dependente está inserido. Esta pesquisa foi conduzida com a participação consentida de cinco famílias que procuraram atendimento para filhos drogaditos na Divisão de Prevenção e Educação do Departamento de Narcóticos (Dipe-Denarc) da Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo, na cidade de São Paulo. O instrumento utilizado para esta investigação foi a EFE adaptada (Peçanha, 1997; Peçanha e Ferro-Bucher, 1999) que permite avaliar nove dimensões de interações familiares: comunicação, normas, papéis, liderança, conflitos, agressividade, afeição, individuação e integração. Todas as famílias participantes demonstraram disfuncionalidade em relação à afeição e integração, caracterizadas por dificuldade na expressão da afetividade, baixa auto-estima e pouca coesão. Manifestaram ainda disfuncionalidade nos papéis, em geral, indefinidos e nas normas, que pouco regulavam o comportamento dos membros. Algumas famílias evidenciaram dificuldades na expressão de conflitos e da agressividade. Estes resultados corroboram a visão sistêmica de sintomas expressos por um dos membros, no sentido de estarem relacionados ou cumprirem uma função no sistema familiar. Embora se trate de um estudo com pequeno número de casos pois foi difícil reunir esse tipo de famílias, conclui-se pelo alcance dos objetivos propostos. A EFE adaptada mostrou-se eficaz para detectar dimensões disfuncionais que foram confirmadas através da entrevista clínica com os pais e da entrevista e teste gráfico da família realizado pelo adolescente. Além disso esses padrões transacionais parecem específicos da problemática em estudo, quando comparados aos resultados já obtidos com outras amostras de famílias. Conclui-se que a EFE constitui uma técnica promissora na avaliação e intervenção em sistemas familiares com problemática de dependência química.

Palavras-chave: Adolescentes; Drogadição; Avaliação de Famílias

CLIN 31

CRIANÇAS DE 3 A 5 ANOS: AUMENTO NA PROCURA PARA PSICODIAGNÓSTICO EM CLÍNICA-ESCOLA. *Simone Fernandes Silveira Cerqueira (Centro Universitário – UniFMU - São Paulo-SP)*
Sílvia Regina de Andrade Telles (Centro Universitário - UniFMU - São Paulo-SP)
Nélia Vaulon Araki (Centro Universitário - UniFMU - São Paulo-SP)

Este trabalho tem por objetivo investigar o aumento dos encaminhamentos de crianças de 3 a 5 anos para atendimento em Psicodiagnóstico em Clínica-Escola de uma Instituição Particular de Ensino Superior em São Paulo durante o ano 2000, a partir da queixa trazida pelos pais. Diversas pesquisas na área revelam que a maioria dos encaminhamentos se concentra na faixa etária de 6 a 12 anos, com pico entre as idades de 8 e 9 anos. No entanto, nossa atenção foi despertada pela verificação de um maior número de encaminhamentos de crianças de 3 a 5 anos no ano 2000, quando comparado ao ano anterior. Em 1999 o número de crianças encaminhadas para Psicodiagnóstico representou 7,7% do total, já em 2000, representou 13,7%, ocorrendo um acréscimo em torno de 6%. Para podermos investigar este aumento foi feito um levantamento das queixas mais freqüentes trazidas pelos pais. Estas, se concentraram em: agressividade, agitação, irritabilidade, ansiedade e dificuldade com regras e limites. A análise dessas queixas revelou pais geralmente jovens (idades variando entre 20 e 36 anos), imaturos e com muitas dificuldades para exercerem seus papéis. Mostram-se confusos em relação à colocação de limites, não conseguindo fazer uma discriminação clara entre autoridade e autoritarismo. Na tentativa de mostrarem-se abertos e compreensivos, os limites se perdem e a criança tende a sentir-se confusa, sozinha e sem parâmetros de como agir. Os pais, por sua vez, tendem a se colocar no mesmo nível que a criança, perdendo-se desta forma os limites e fronteiras entre os subsistemas parental e filial. Podemos dizer a partir da análise realizada, que na avaliação de crianças desta faixa etária, torna-se fundamental mobilizar os pais para que percebam outros caminhos até então desconhecidos, que envolvem a compreensão do vínculo conjugal, o resgate do casal enquanto conjugalidade, parentalidade e enquanto indivíduos, para que desta forma reconheçam o filho como alguém que possa ser visto fora dessa dinâmica estabelecida por eles. Verifica-se então, a necessidade de o profissional repensar tanto as formas de atuação quanto de encaminhamento, considerando a possibilidade de atendimento para os pais, para a família como um todo ou para a criança. A prática clínica a partir desse enfoque tornaria estes trabalhos, em função de que já não é mais a criança o único paciente, pois os pais necessitam ser ouvidos.

Palavras-chave: Psicodiagnóstico Infantil; Clínica-Escola; Casal

CLIN 32

GRUPO DE APOIO A ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS PORTADORES DE TRANSTORNOS PSÍQUICOS GRAVES. *Karen de Almeida Rodrigues**, Michelle Gomes dos Santos*, Tânia Beltrame Bueno* (Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG)*

As instituições psiquiátricas durante muito tempo foram responsáveis pela exclusão de indivíduos portadores de transtornos psíquicos graves. Com a reforma psiquiátrica e com a luta antimanicomial foi possível destinar a estes indivíduos um tratamento mais digno e humano. A partir desta nova visão da doença mental, a psicoterapia de grupo, como também, os Grupos de Apoio e Orientação, sobretudo no contexto institucional, tornaram-se essenciais para a reinserção social destes. Este trabalho, realizado no Setor de Apoio e Orientação Psicológica (SEAPS) que oferece atendimentos aos alunos da Universidade Federal de Uberlândia, mostra a experiência de um Grupo de Apoio a estudantes universitários portadores de transtornos psíquicos graves

que apresentam dificuldade na apreensão da realidade interna e externa, contribuindo para o afastamento da vida acadêmica e do convívio social. Este grupo teve como objetivo facilitar a comunicação entre esses estudantes que estavam na preeminência de não conseguir um diploma universitário, reinserindo-os, assim, em um contexto social. O grupo é composto por duas estagiárias de Psicologia, uma psicóloga do SEAPS responsável pela coordenação do mesmo e cinco estudantes universitários dos cursos de Medicina, Economia, Administração, Geografia e Educação Física, os quais apresentam os seguintes transtornos mentais: paranóia, transtorno bipolar do humor, fobia social e esquizofrenia. Foram delimitados cinco encontros, os quais realizaram-se semanalmente, com a duração de uma hora e meia cada. Fez-se uma observação direta do relato verbal dos mesmos, com relação à doença mental e suas implicações na vida destes; havendo também a participação da psicóloga e das estagiárias como um veículo facilitador de comunicações possibilitando o esclarecimento de outros aspectos discutidos no grupo. Os pacientes reconheceram o grupo como um espaço de identificações, na medida em que se defrontaram com outros indivíduos que vivenciavam situações semelhantes, desmistificando assim, a idéia de serem os únicos a sofrerem com tais sintomas. Após o encerramento do Grupo verificou-se através dos relatos que, 3 pacientes continuaram os estudos, 1 obteve o diploma de graduação e 1 não conseguiu retornar à Universidade. O Grupo propiciou nestes estudantes o surgimento de novas formas de relacionar consigo mesmo, com o outro e com a própria doença. Certifica-se, assim, a importância de Grupos de Apoio serem formados na intenção de promover um suporte psicológico a universitários portadores de transtornos psíquicos graves, para que possam refletir sobre seus posicionamentos frente a vida e a doença; contribuindo para a reinserção destes no contexto universitário e ao convívio social, o que possibilita uma melhoria na qualidade de vida.

Palavras-chave: Transtornos psíquicos graves; Grupo de Apoio; Reinserção social

*****

CLIN 33

UM SERVIÇO DE APOIO E ORIENTAÇÃO PSICOLÓGICA A ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS. *Léa Souza Alves de Araújo**, Daena Priscila Toshimo*, Gisa Fernandes da Cunha*, Luciana da Silva Feitosa*, Michelle Gomes dos Santos*, Thaisa Baldonbe Borsa*. (Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG)*

A entrada e a permanência no contexto universitário podem ser situações geradoras de mudanças e conflitos capazes de comprometer o processo de formação profissional. O Setor de Apoio e Orientação Psicológica (SEAPS) da Universidade Federal de Uberlândia desenvolve um trabalho de assistência ao estudante universitário, prestando serviços em saúde mental, tendo como referência o contexto sócio, econômico, político e cultural deste. O setor prioriza o atendimento psicológico na forma de intervenções breves, de orientação psicanalítica, propiciando ao universitário a possibilidade de transformar as crises e dificuldades emocionais em situações de conhecimento, crescimento e aprendizagem, contribuindo de forma efetiva, para o desenvolvimento de suas potencialidades, melhorando sua qualidade de vida e seu desempenho acadêmico. Sendo assim, desenvolve-se no SEAPS, conforme critérios clínicos e institucionais, as seguintes modalidades de atendimento psicológico: o Plantão-Recepção, que é uma primeira "escuta", com duração de três sessões. De acordo com as sessões realizadas decide-se se o estudante será atendido no setor, encaminhado para fila de espera, para atendimento particular ou outra instituição. O Plantão Psicológico, destina-se a casos com focos mais circunscritos, com duração de sete sessões. Utiliza-se recursos saudáveis do paciente, poupando-o de angústias excessivas estranhas ao foco. A Psicoterapia de Apoio utiliza estratégias provocadoras de ansiedade, permitindo trabalhar um foco mais amplo que o do Plantão, sendo sua duração de doze sessões. A Psicoterapia Psicodinâmica destina-se a casos que requerem um atendimento mais a longo prazo, contribuindo para a elaboração de conflitos, reorganização interna do estudante e o desenvolvimento de suas potencialidades. O presente trabalho tem como objetivo caracterizar a clientela do SEAPS quanto ao curso de graduação e as queixas durante os anos de 1997 a 1998, visando adequar a atuação dos profissionais à especificidade da demanda. Para efetuar tal estudo, fez-se uma análise dos dados obtidos a partir de entrevistas de triagem semiestruturadas, as quais têm por finalidade coletar informações sobre o motivo da consulta, a história de vida do estudante, com objetivos psicodiagnósticos, determinar as condutas, modalidades de atendimento e um plano psicoterapêutico. Estas entrevistas são realizadas pelos psicólogos ou estagiárias do setor durante os atendimentos psicoterapêuticos individuais. Constatou-se que, a maior procura por atendimentos refere-se a universitários dos cursos de Psicologia (22,50%) e Letras (8,40%). As principais queixas estão relacionadas à dificuldades de relacionamento familiar e afetivo (16,40%), baixa auto-estima (8,70%) e depressão (5,15%). Com esta pesquisa, conclui-se a necessidade de adequar a atuação profissional ao perfil da clientela do SEAPS para propiciar a permanência do estudante no contexto universitário, promovendo a saúde mental.

Palavras-chave: Serviço psicológico; Estudantes universitários; Saúde mental

*****

CLIN 34

TRANSTORNO DO ESTRESSE AGUDO: ROMPIMENTO COM A REALIDADE. *Gina Nolêto Bueno Cunha** e Ilma A. Goulart de Souza Britto§ (LAEC - Laboratório de Análise Experimental do Comportamento, Universidade Católica de Goiás, Goiânia-GO)*

Utilizando-se das técnicas e estratégias da TCC, este trabalho pode constatar a sua auto-eficácia na funcionalização do Transtorno do Estresse Agudo. O T. E. A. aplica-se às reações graves, de curta duração - menos de quatro semanas - e imediatas ao trauma, com reações dissociativas e emocionais, que ocorrem durante ou imediatamente após o evento traumático. A participante deste trabalho é do sexo feminino, 18 anos, 3º ano do 2º grau, com diagnóstico médico de "embotamento afetivo total", considerado como um quadro psiquiátrico gravíssimo e prognóstico neurológico de irreversibilidade, após ter sido exposta à comportamentos violentos do pai contra a mãe e uma irmã desta. O ambiente utilizado foi um apartamento duplex de um hospital, sendo o material: cama, duas cadeiras, aparelho de TV, papel chamex, computador e impressora. A primeira fase deste estudo de caso constou da observação e coleta de dados sobre o trauma ocorrido, através de entrevistas com a mãe, uma tia-avó, a enfermeira-chefe e o médico neurologista. A segunda etapa foi a observação direta dos comportamentos da participante ante às tentativas de diálogos realizadas pela mãe, tia-avó e quadro de enfermagem do hospital - a terapêutica farmacológica e de reidratação sendo feitas por via intravenosa - mas, todas com resultado negativo. A terceira fase foi o levantamento de hipóteses e definição da estratégia terapêutica, visando a reversibilidade do quadro de entorpecimento emocional, ou seja, de ausência de respostas emocionais, redução da consciência e desrealização. A quarta fase constituiu-se de uma sessão intensiva de aplicação de técnicas da TCC, por cerca de 3 horas, uso da terapia do toque, reforçamento personalizado, informação e discussão - ainda que apenas em monólogo psicoterápico - dos fatos reais daquele dia e do anterior, quando da instalação do trauma e suas conseqüências. Ao término desse tempo, a participante já conseguia engolir a medicação oral, tomar um quarto do copo de suco e, ao seu final, sentou-se na cama quando, a partir daí, passou a comunicar-se piscando os olhos. Três horas mais tarde, a participante acorda de seu estado de entorpecimento emocional, lembrando-se de toda a longa sessão psicoterápica. As recordações do evento traumático são caracterizadas pela extrema excitabilidade emocional e fisiológica, podendo gerar, na pessoa, a sensação de imobilidade e inconsciência quanto ao que a rodeiam. O entorpecimento emocional é um dos mais difíceis desafios terapêuticos pelo risco, inclusive, de constituir-se num efeito irreversível do trauma. Portanto, quando bem aplicadas as técnicas que dispõe a Terapia Comportamental e Cognitiva para o tratamento do Transtorno do Estresse Agudo, ainda que com entorpecimento emocional total, promovem a auto-eficácia do ser humano, conduzindo-o à respostas assertivas, com equilíbrio psicológico, de aceitação da realidade, mesmo que traumática.

**Mestranda

§Orientadora da Mestranda

Palavras-chave: Eventos Traumáticos; Entorpecimento Emocional; Ansiedade

*****

CLIN 35

ABANDONO DE PACIENTES DOS ATENDIMENTOS EM CLÍNICA-ESCOLA: ESTUDO PRELIMINAR. *Maria Leonor Espinosa Enéas, Teresa Iochico Hatae Mito, Joanna Cristina Ribeiro* & Tania Mara Toscano*. (Faculdade de Psicologia - Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP)*

A supervisão dos atendimentos em clínica-escola permite observar grande número de abandonos nos vários momentos do percurso do paciente na Clínica Psicológica. Muitas vagas não são aproveitadas, o que dificulta a abrangência do serviço e prejudica seu alcance preventivo. Este estudo apresenta resultados parciais de uma pesquisa mais ampla que investiga o percurso dos pacientes na Clínica Psicológica Mackenzie. Refere-se ao levantamento dos pacientes, adultos e crianças, que deram entrada na clínica em 1996 e 1997 com o objetivo de identificar o montante de perdas no percurso dos atendimentos prestados, sendo entendidos como abandono tanto as desistências quanto as interrupções. Procedeu-se a análise das informações contidas no livro de registros de pacientes e nos prontuários dos mesmos, desde sua entrada, considerada a data da triagem, até o desfecho do processo em qualquer das etapas percorridas por eles. Na maioria das vezes, após a triagem realiza-se exploração e diagnose (ED), seguida de encaminhamento para psicoterapia breve infantil (PBI) ou de adultos (PBA), ou para outras modalidades terapêuticas na própria instituição ou fora dela. Considerou-se, neste momento de análise, a idade dos pacientes, o tipo de atendimento recebido e o desfecho do mesmo, se concluído ou se houve desistência (quando não chega a iniciar o atendimento) ou interrupção (quando o atendimento é rompido em qualquer momento após o início). Do total de 1217 pacientes adultos e 553 crianças inscritos nos dois anos, o número de desistências e interrupções representa mais de 35% de cada possibilidade de atendimento. Este índice supera o número geral de atendimentos tanto em ED quanto em PB, quando considerados isoladamente, sendo que para a população adulta no ano de 1996, isto acontece até mesmo considerando o conjunto destes atendimentos. Com relação aos atendimentos de ED, o número de casos

concluídos é significativamente maior que os interrompidos e desistentes tanto para crianças quanto para adultos nos dois anos considerados. Contudo, quando se observa os processos de TIA e PBI, não existe diferença significativa entre estes dois tipos de desfecho, também para os dois anos. Os dados sugerem que os pacientes apresentam maior adesão ao processo de BD que, no caso desta clínica, geralmente corresponde à primeira etapa de seu percurso. O índice de interrupção/ desistência é maior para adultos do que para crianças, sugerindo que, nos processos de PBI, a maior adesão dos pais pode ser facilitada pela intermediação da criança. Há necessidade de análise mais refinada que permita verificar a manutenção ou não desta tendência nos anos subseqüentes, além de identificar e compreender as vicissitudes dos abandonos.

Apoio financeiro: Mackpesquisa

Palavras-chave: Clínica-escola; Formação em psicologia; Saúde mental; Estudo documental

****

CLIN 36

UM OLHAR SOBRE O DESEMPENHO ESCOLAR DA CRIANÇA COM CÂNCER À LUZ DE DEPOIMENTOS MATERNOS. *Cláudia Araújo da Cunha, Daniele Tizo Costa*, de Souza*, Evellyne Suely de Lima Lopes*, Fabiana Ferreira de Souza*, Júlio César Cruvis Teixeira*, Lígia Ribeiro Horta*, Melissa dos Santos Martins*, Monalise Cristina Borges Silva* e Shirley de Carvalho Neves* (Faculdade de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG)*

O câncer infantil é objeto de estudo de vários pesquisadores da área da psico-oncologia e devido aos avanços diagnósticos e terapêuticos, tem sido possível registrar uma maior taxa de sobrevida de pacientes acometidos por essa doença crônico-degenerativa. De acordo com os especialistas, um dos aspectos que mais colaboram para esse aumento de sobrevida refere-se à participação e envolvimento das mães no tratamento e, em conseqüente, minimização dos sintomas emocionais envolvidos tais como, a baixa auto-estima, depressão, falta de interesse pelas coisas e, até mesmo, indiferença para com os mais próximos e para consigo mesmo. A mãe da criança oncológica tem um papel fundamental não só no tratamento, mas também na reintegração dessa criança ao convívio social, seja na escola, com os amigos e na própria família. Assim, objetivou-se investigar se crianças oncológicas apresentam ou não problemas de escolarização numa perspectiva materna. Um grupo de pesquisadores realizou estudos de casos com cinco mães que responderam a uma entrevista, composta de 11 perguntas, com duração média de 25 minutos. As perguntas foram as seguintes: Há quanto tempo se deu o diagnóstico?A partir desse momento, como foi a freqüência da criança à escola? A criança continuou as atividades escolares? Como?Como você vê o interesse da criança em ir para a escola?Você tem acompanhado a vida escolar da criança? Tem contato com a professora? Você mudou o nível de exigências feitas à criança quanto à vida escolar, após o diagnóstico?Como a criança realiza as tarefas escolares? Como é hoje, na sua percepção, o desempenho escolar da criança? Já houve queixas da professora quanto ao comportamento na escola? E quanto ao desempenho escolar?A criança já manifestou alguma queixa referente aos colegas ou à professora?Ela já se queixou de discriminações sofridas por parte da professora ou dos colegas, devido aos efeitos colaterais do tratamento?O comportamento da criança, de forma geral, sofreu alteração depois da doença? Os resultados evidenciaram que o aproveitamento escolar da criança com câncer é considerado satisfatório pelas mães. Elas afirmaram que as crianças gostam de ir à escola, são acompanhadas de perto quanto às atividades escolares, pois o ritmo delas é mais lento; as queixas são corriqueiras, próprias de crianças em fase escolar e o comportamento da criança se torna, por vezes, indisciplinado e agitado em função dos cuidados extremados dos pais e/ou responsáveis após o diagnóstico. Concluiu-se que o câncer em si não representa a causa única e direta das dificuldades de aprendizagem mas, em realidade, as crianças sofrem, por vezes, algumas restrições pelos próprios sintomas, sejam eles físicos e/ou sociais decorrentes da doença, interferindo na sua aprendizagem. Evidenciou-se também que a criança apresentando ou não problemas físicos conseqüentes da doença, pode não necessariamente apresentar problemas de escolarização, relacionados a sua conduta na escola. Isso nos leva a crer que mitos e preconceitos são determinados com relação ao retorno à escola de crianças oncológicas. Trabalhos psico-educacionais devem ser oferecidos em instituições escolares para promover o desenvolvimento dos aspectos cognitivos, sociais e afetivos das crianças, levando-as a ter contato com uma aprendizagem significativa continuada.

Palavras-chave: Desempenho escolar; Câncer infantil; Mães

****

CLIN 37

GRUPO DE APOIO - NECESSIDADES DO CUIDADOR DE IDOSO-DEPENDENTE. *Ezy Laura Ferreira Porto**, Daniele Tizo Costa* (Faculdade de Psicologia, Universidade Federal de Psicologia, Uberlândia, MG)*

A população mundial envelhece cada vez mais. Essa alteração na taxa demográfica promove esperança e alegria pelo aumento de anos de vida, mas ao mesmo tempo traz preocupações com relação às doenças que acometem os idosos, em especial as crônico-degenerativas. A Doença de Alzheimer, pelo seu caráter degenerativo e progressivo, exige ao longo da sua evolução a presença constante de um cuidador, já que o paciente torna-se incapaz de realizar seu auto-cuidado, e termina confinado ao leito, com alimentação parenteral e incontinências. Por ser uma tarefa estressante e com um grande ônus, leva o cuidador familiar enquanto responsável pelos cuidados do idoso a necessitar também de auxílio. O presente trabalho objetivou conhecer as necessidades desses cuidadores e para tanto entrevistou 11 participantes do "Projeto Cuidador" de uma cidade do Triângulo Mineiro, que tem como meta levar apoio a cuidadores familiares de idosos dependentes. Os dados coletados revelaram que a idade média do cuidador é de 48 anos (menor idade de 32 anos e a maior de 73), sendo 64% do sexo feminino. A idade média dos pacientes é de 71 anos (menor idade de 61 anos e a maior de 81), sendo 82% do sexo feminino, com aproximadamente 3 anos de diagnóstico. Do total dos cuidadores entrevistados, 55% chegaram ao grupo por informação de meios de comunicação, 36% através de amigos e 9% por indicação médica. Os dados revelaram que 55% dos sujeitos entrevistados têm alguma informação sobre a doença do seu idoso, 9% têm muita ou nenhuma e 27% têm pouca. Lidar com a alimentação, exercícios físicos e a depressão do paciente são as tarefas apontadas pelos entrevistados como de maior dificuldade. O item financeiro não é apontado pelos sujeitos como problema. Dificuldades sociais, problemas relacionados ao sono, problemas sexuais e tristeza do paciente são pouco apontados pelos sujeitos. Os demais itens (medicação, higiene, afetivo, incontinências, comunicação, ansiedade e medo) apresentam cerca de 20% de apontamento pelos cuidadores. Como problemas que motivaram os sujeitos a procurarem a ajuda do grupo estão a falta de informação (91%), a insegurança, a tristeza, o medo, a angústia e o estresse (45%) e a solidão, a culpa e a depressão (9%). Os cuidadores, em geral, esperam do grupo apoio e informação para poderem cuidar melhor do paciente e deles mesmos. Concluindo, a busca por informação é o principal motivo dos cuidadores estarem no grupo, sendo que o suporte para as suas emoções e orientação para as dificuldades cotidianas também são importantes.

Palavras-chave: Cuidador; Alzheimer; Grupo de Apoio

****

CLIN 38

A PERCEPÇÃO DO PRÓPRIO PESO PELAS MULHERES. *Sílvia Maria Rangel Machado Leite**, Amanda Patrícia da Conceição Rodrigues Lobo** e Maria Alice D'Amorim (Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social Curso de Mestrado - Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro - RJ)*

Pressupostos atuais em saúde acerca do peso condenam a obesidade como uma doença, e consideram a magreza sinônimo de beleza, especialmente para as mulheres. Magreza é defendida como sendo a única definição aceitável de saúde e beleza (Brownell,1991; Ryan , 1995; Striegel-Moore, Silberstein & Rodin,1986).Segundo Paul Schilder, o conceito de imagem corporal caracteriza-se como a construção que se assenta nos sentidos, mas nunca pronta e definitiva, alternando-se constantemente e permanecendo estável apenas o suficiente para modificar-se. Tal flexibilidade da imagem corporal é justificada pela influência que a mesma recebe de estados emocionais, dos conflitos psíquicos, experiências vividas além do intercâmbio com as imagens corporais alheias. Cerca de um terço das pessoas está preocupantemente insatisfeita com sua aparência, principalmente o sexo feminino e muitas vezes o problema não expressa a realidade e sim a percepção que se tem sobre seus próprios corpos. Em virtude da relevância deste assunto, este estudo objetivou investigar a relação entre: fazer dieta, aparência e auto conceito com a percepção que as mulheres têm acerca do seu próprio peso.198 mulheres universitárias, com idade entre 17 a 54 anos, declararam seu peso e altura e depois responderam um questionário com 47 itens:13 perguntas acerca do auto conceito, 28 sobre sua aparência, 6 sobre sua opinião a respeito de fazer dieta. O índice de massa corporal foi calculado pelo peso dividido pelo quadrado da altura. Três análises fatoriais sucessivas foram feitas, eliminando 4 itens, cujos valores estavam abaixo de 0,30 para melhorar a adequabilidade. A última análise excluiu o auto conceito e ficou 31 itens divididos em três fatores: O primeiro representa uma visão pessoal da própria aparência, sem a preocupação de se comparar com os demais; o segundo fator tem um conteúdo mais comportamental ligado à dieta e a um desejo de mudar a aparência. O terceiro fator está mais ligado à opinião dos outros assumindo um caráter mais social. O alfa total foi de 0,54. Uma regressão múltipla foi calculada tendo como variável dependente a percepção da própria aparência e como variáveis independentes o IMC e os três fatores obtidos. 28,2% da variância da percepção foi explicada diretamente pelo IMC, fazer dieta e indiretamente pela aparência. O auto conceito e a opinião dos demais não contribuíram para a explicação da variância. Os resultados deste estudo mostram distorções entre a percepção da própria imagem e o IMC. O fato de que muitas discrepâncias foram encontradas entre a percepção do próprio peso e a imagem corporal que elas desejam ter, mostra o perigo para algumas mulheres desenvolverem distúrbios alimentares como a bulimia e anorexia nervosa.

**Apoio financeiro: CAPES - bolsa de estudo Mestrado

Palavras-chave: Percepção do peso; Auto conceito; Dieta

****

CLIN 39

REDES SOCIAIS E AFETIVAS DE UM GRUPO DE MÃES DE CRIANÇAS COM RISCO NUTRICIONAL. *Cinara Raisse Martins Nunes**, (ULBRA, *Prefeitura Municipal de Três Coroas e Centro de Estudos, Atendimento e Pesquisa da Infância e Adolescência-CEAPIA) e Circe Salcides Petersen* (PUCRS, ULBRA)

A pesquisa buscou investigar, quantitativamente, se existe diferença entre as redes sociais e afetivas de dois grupos distintos, residentes na mesma área geográfica, bem como, suas correlações com fatores de risco e sintomas depressivos. Participam deste estudo trinta e oito mulheres, divididas em dois grupos. A amostra corresponde em dezenove mulheres com filhos que se encontram em risco nutricional, participantes do Programa de Vigilância Nutricional (PVN) da Secretaria Municipal da Saúde e Serviço Social e dezenove mulheres com filhos hígidos. Os instrumentos utilizados foram o Mapa dos Cinco Campos (Samuelsson, Thernlund & Ringström apud Martha Wankler Hoppe 1998). Inventário sobre ocorrência de riscos (baseado no Adolescent Family Inventory of Life and Changes (A-FILE) de McCubbin, Paterson, Bauman e Harris, citado por Hoppe) adaptados para uso nessa população e Inventário de depressão Beck – BDI ((Beck, Ward, Mendelson et al apud Cunha, Freitas e Raymundo, 1993),. Os resultados deste estudo são discutidos de forma a integrar os dados dos instrumentos utilizados. Os dados coletados foram processados através do Programa Statistical Package for the Social Sciences em sua última versão (SPSS 10.0). Os resultados foram submetidos à análise estatística a fim de examinar a correlação entre os grupos no que refere-se à formação das redes, características e estabelecimento de vínculos afetivos. (RESULTADOS) O campo família foi citado em primeiro lugar nos dois grupos; Conforme resultados obtidos, podemos dizer que há uma diferença significativa (estatisticamente) entre os grupos em alguns eventos de risco, tais como: gravidez indesejada ou de risco, violência doméstica, problemas com a lei (prisão/intimação), internação hospitalar (basicamente dos filhos), ausência dos pais biológicos. Estes dados indicam que o grupo de mães de crianças em risco nutricional está submetido a maior estresse e vulnerabilidade. A ruptura dos vínculos por separação, por perda, produz invariavelmente sofrimento. Através da análise do BDI detectamos que os escores indicam depressão. Portanto observamos que há uma diferença nos comportamentos dos grupos. Como vimos anteriormente o grupo experimental está exposto a fatores estressantes (riscos) que podem justificar a diferença na distribuição dos resultados. Mães que têm maior fator de proximidade com vizinhos e amigos apresentam um menor fator de proximidade com contatos formais (CONCLUSÃO) As diferenças encontradas foram em relação aos riscos ao qual estão expostas e a presença de sintomas depressivos, estes podem ou não estar vinculados à rede do indivíduo; considerando o fator de proximidade levantado pelo Mapa dos Cinco Campos como um índice do potencial afetivo das mães, encontramos resultados que podem esclarecer diferenças individuais em relação à presença de eventos de riscos, ou seja, quando conseguem estabelecer relacionamentos saudáveis nos diferentes campos do mapa, apresentam maior afetividade, estabilidade emocional e menor incidência de fatores de risco e consequentemente em relação à saúde mental. Destacamos que a família fundamentou-se em uma das opções de maior importância para os dois grupos. Isto reflete que o grupo familiar é fundamental para o estabelecimento de relações sociais e afetivas prazerosas. Em relação ao nosso problema de pesquisa constatamos que não observamos diferença significativa na formação das redes sociais e afetivas entre as mães do grupo experimental e controle, no entanto, o ambiente familiar, as relações com os parentes revelam aspectos do contexto que influenciam o desenvolvimento saudável com melhores índices de sintomas depressivos e menores percentuais de risco.

O processo de sistematização de nosso conhecimento e experiências vividas permitiram-nos concluir que a proteção oferecida pela rede social da amostra pesquisada é fundamental para o desenvolvimento da saúde mental.

Palavras-chave: Risco nutricional; Redes de apoio social; Depressão materna

****

CLIN 40

O ESTRESSE DA EQUIPE DE ENFERMAGEM EM UMA SALA DE ATENDIMENTO À PACIENTES POLITRAUMATIZADOS. *Eliane Regina Nunes** *(Universidade Luterana do Brasil-RS) e Circe Salcides Petersen (PUCRS e Universidade Luterana do Brasil-RS)*

Investigamos a equipe de enfermagem trabalhadora de uma sala de atendimento à pacientes graves em um hospital de emergência, onde situações estressantes fazem parte do cotidiano. Consideramos pertinente investigar os estímulos desse meio ambiente e as reações por essas situações provocadas nos profissionais da área de saúde, bem como a percepção desses indivíduos em relação a presença do estresse e a problemática deste. O estudo aborda a relação da presença do estresse com as diferentes formas de expressão do sofrimento no trabalho. Investiga-se a sintomatologia apresentada nos trabalhadores expressa-se pela via psíquica ou somática. (METODOLOGIA) Este estudo é quantitativo - descritivo, avaliamos a incidência de estresse nos referidos profissionais bem como o reconhecimento da carga psíquica à qual estão submetidos. O instrumento aplicado foi o ISS - Inventário de Sintomas de Stress, validado para o Brasil por Lipp, (M. E. N. em 1989). Cada participante foi convidado a responder um questionário contendo dados demográficos e duas perguntas referentes a percepção do estresse e a relação deste com o trabalho. A amostra foi constituída por 28 participantes, de ambos os sexos, que compõe a equipe de enfermagem do setor de politraumatizados de uma instituição que presta atendimento de emergência. A análise de dados foi processada a partir do trabalho estatístico do SPSS Statiscal Package For The Social Science. Assim os dados foram submetidos a análise de freqüência e posteriormente realizado o teste de Fisher, para verificar a relação entre a opinião do respondente e o resultado do instrumento. (RESULTADOS) Os achados demonstram que, quanto à presença do estresse, segundo avaliação com o instrumento ISS, a prevalência foi de 32% de presença de estresse nos participantes, o que sugere que estas pessoas estejam submetidas a circunstâncias que exacerbam seu sofrimento psíquico além do esperado para a população em geral. Desses indivíduos, 66,7% encontram-se na fase de resistência, 33% na fase da quase - exaustão. Quanto a sintomatologia do estresse, verificamos que 66,7% apresentam sintomatologia de ordem psicológica, e 33,3% apresentam sintomas por via somática. Em relação a percepção do participante quanto a presença do estresse, 67,9% sentiam-se estressados, e 32,1% não sentiam-se estressados. Foi verificado também, no caso do participante sentir-se estressado, a relação deste com o trabalho. Destes 50% responderam sim, 21,4% responderam não e 28,6% não responderam. A fim de se concluir o estudo, foi feita a relação entre a opinião do respondente e o resultado do instrumento, onde foi constatado que 67,9% sentiam-se estressados e 32,1% não sentiam-se estressados. Sendo a significância do teste exato de Fisher inferior a 0,05, nos permite afirmar que a probabilidade de estarmos equivocados é pequena, e assim podemos concluir que há uma proporção significativamente maior da presença de estresse dentre aqueles que acham que estão estressados. Não houve nenhum caso da pessoa que pensava não estar estressada e o teste confirmar o contrário. Podemos concluir que todas as pessoas que apresentam sintomas de estresse conseguem perceber sua presença

Palavras-chave: Estresse no trabalho, Equipe de saúde, Somatização

****

CLIN 41

ATENDIMENTO AOS PAIS DE CRIANÇAS COM DOENÇAS GRAVES - A PSICANÁLISE NA INSTITUIÇÃO. *Sueli Pinto Minatti*** *(Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - SP)*

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre os atendimentos feitos numa Instituição que acolhe crianças com doenças graves - principalmente câncer - que vêm de vários pontos do país e lá se hospedam durante período de tratamento. Os atendimentos são direcionados aos acompanhantes dessas crianças, mas acontece de atender também a criança ou adolescente, quando há pedido. A via dessa reflexão acontece pelo referencial psicanalítico, em Freud. O eixo escolhido para referendar e situar o material clínico encontrado e conduzi-lo a partir dessa problemática, é a transferência. A transferência em Freud foi considerada a partir do tratamento psicanalítico e como via de possibilitá-lo. No entanto, a transferência também é um fenômeno social que possibilita a aproximação entre as pessoas e o endereçamento de uma à outra. O que diferencia a transferência num e noutro lugar é a resposta que se dá a esse endereçamento, e aí entra a relevância da posição do psicanalista como tal. Socialmente os dois parceiros estão presos, cada um por seu lado, à sua própria transferência e na psicanálise o psicanalista vai possibilitar o desenvolvimento desse questionamento colocando-se numa posição de escuta. A ética que orienta o trabalho pode ser resumida em: há um sujeito que se movimenta a partir de um lugar particular e o faz de uma forma particular. O trabalho estava baseado na dialética entre duas linhas de pesquisa: uma teórica e uma clínica. A pesquisa teórica tem como eixo a análise do conceito da transferência dentro da psicanálise, especialmente em Freud. A pesquisa clínica parte de fragmentos de atendimentos feitos na Instituição. Tendo estes atendimentos uma especificidade que foge à do setting psicanalítico mostrado em consultório, desde a forma como os pacientes chegam, local de atendimento, tempo das entrevistas, continuidade do tratamento, discute-se os alcances e limites da escuta analítica neste contexto institucional. Nesses atendimentos há um acolhimento no sentido de que não se responde à demanda, quando há uma, e permite que se construa, quando não há - o que se verifica que é possível em alguns casos -, o que possibilita desdobramentos de questões na construção de um trajeto que provoca uma diferença tanto no sujeito em questão quanto na instituição como um todo. Conclui-se, portanto, que há necessidade de se definir os alcances e limites dessas diferenças.

Palavras-chave: Psicanálise; Transferência; Instituição

****

CLIN 42

PSICOLOGIA E SAÚDE: ANÁLISE FUNCIONAL NO TRATAMENTO ODONTOLÓGICO - CONTEXTOS E EFEITOS. *Gustavo Rolim** *(Faculdade de Psicologia Unimep - Piracicaba/SP), Antônio Bento Alves de Moraes*** *(FOP-UNICAMP - Piracicaba/SP) e José César*** *(Faculdade de Psicologia Unimep - Piracicaba/SP)*

A análise funcional do comportamento pode ser realizada em muitos contextos, por exemplo na clínica psicológica, na escola, em serviços de saúde, etc. Dentre os serviços de saúde, tem sido de interesse de alguns pesquisadores a saúde bucal promovida pela odontologia. O Cirurgião-Dentista (CD) é um profissional que deve estar habilitado a utilizar estratégias de manejo do comportamento para superar as dificuldades apresentadas pelos

pacientes não-colaboradores. Portanto, essas estratégias precisam ser estudadas no contexto odontológico, visando possibilitar uma melhor intervenção. Este trabalho tem como objetivo observar, registrar e analisar funcionalmente como as unidades comportamentais do paciente, combinadas com outros elementos do contexto odontológico, determinam o comportamento do CD, e como esta interação contribui no desenvolvimento do tratamento odontológico (TO). Esse estudo foi desenvolvido no Laboratório de Psicologia Aplicada, unidade do Centro de Pesquisa de Atendimento Odontológico para Pacientes Especiais da Faculdade de Odontologia de Piracicaba (Cepae-FOP-UNICAMP), que compreende uma sala de observação e de atendimento. As observações da sala de atendimento foram realizadas por um espelho unidirecional e com o uso de equipamentos para gravação. Participaram deste trabalho duas cirurgiãs-dentistas. Uma realizando função de CD, promovendo o TO; a outra realizando a função de auxiliar, ambas estagiárias do Cepae. Participou também um paciente, com idade de 6 anos, selecionado por apresentar uma história de atendimento odontológico de não-colaboração. Estava presente, na sala de atendimento, a mãe da criança, esclarecida sobre os procedimentos clínicos e da pesquisa a serem realizados, descritos pelo "Termo de Informação e Consentimento Esclarecido". Todas as sessões (seis) foram filmadas, e posteriormente, descritas e analisadas seqüencialmente, registrando-se os comportamentos verbais e motores emitidos pelo CD e paciente, num período especial de observação. A seleção das unidades comportamentais foram feitas durante o registro corrido da fita e classificadas em categorias. Foram levadas em consideração as rotinas odontológicas, parte do contexto do qual decorrem eventos comportamentais, assim como a seqüência temporal destes, ressaltando- ainda que o CD estava sobre o controle da regra "não realizar contenção-física". A noção de campo comportamental permitiu identificar a dinâmica de interação do dentista-criança. Os resultados observados revelam a utilização de estratégias de intervenção (CD), tais como: "mostra-conta-faz", distração, explicação, estabelecimento de regras e demonstram a ocorrência colaboração e não colaboração como categorias comportamentais da criança. A análise dos dados, permite identificar o reforçamento de comportamentos evitativos na criança. Pode-se perceber que o CD frente ao padrão fuga e esquiva da criança, apresenta comportamentos diferenciados e ineficazes para obter colaboração, caracterizando assim um processo similar ao da extinção. Provavelmente isto ocorreu devido ao fato do CD estar sob controle da regra externa (instituída no procedimento), que impedia uma intervenção odontológica mais restritiva, inibidora de respostas de fuga ou esquiva.

Palavras-chave: Análise funcional do comportamento, Behaviorismo Radical, Campo comportamental

---

CLIN 45

DEPRESSÃO INFANTIL: UMA ANÁLISE COMPORTAMENTAL. *Ana Rachel Pinto*, Eluisa Aires Meirelles* e Rosana Morales Elerot de Figueiredo* (*Universidade da Amazônia, Belém-Pa)*

O presente trabalho, apresenta uma análise da depressão infantil relacionada à separação de pais, a partir da abordagem comportamental. Fazendo referência à proposta do "desamparo aprendido", segundo um modelo experimental da depressão, os indivíduos depressivos teriam dificuldades em discriminar que determinadas respostas produzem determinados efeitos. Considera-se a história de vida baseada em exposição anterior a eventos incontroláveis, relevante no desenvolvimento da depressão. Na Análise do Comportamento, a depressão é vista como resultante da diminuição na freqüência de reforçamento positivo conseqüente à emissão de operantes, onde esta redução de freqüência pode estar ligada a vários fatores que a mantém. Para identificar como esses padrões estão sendo mantidos e como podem ser modificados, analisa-se os padrões de interações familiares no momento atual de vida do indivíduo. Explicando a depressão infantil considerando-se a história de vida, as contingências ambientais e os aspectos comportamentais, o presente trabalho objetivou verificar possíveis alterações comportamentais em crianças após a separação dos pais. Participaram desta pesquisa 32 crianças de ambos os sexos, sendo algumas de pais separados e outras não, na faixa etária entre 10 e 12 anos de idade, regularmente matriculadas na quinta série do Ensino Fundamental de uma escola da rede particular de Belém-Pa. Entrou-se em contato com a psicóloga da escola para selecionar a turma que seria participante deste estudo. Solicitou-se autorização à professora e aplicou-se o questionário às crianças, contendo as seguintes perguntas: com quem você mora?; Há quanto tempo?; Foi você quem escolheu morar com esta pessoa?; Você gosta de morar com quem mora?; Se você não mora mais com quem morava, o que você acha que mudou? O que você fazia antes que não faz mais?; Você costuma ser bem passear?; com quem você passeia mais?; Você gosta de brincar?; Você gosta de ir ao colégio? Dos participantes, 4 moram com os avós, 11 com a mãe e 1 com outros. No entanto, todos verbalizaram "gostar" de morar onde estão residindo. 9 escolheram morar com quem moram e 19 não escolheram; 6 responderam que suas vidas sofreram alterações e 7 responderam que não, todos disseram que gostam de brincar; 10 gostam de ir ao colégio e 6 não, 29 costumam ser bem passear e 2 não, sendo que 12 passeiam mais com a mãe. Os resultados indicaram que as alterações comportamentais identificadas ainda não são o suficiente para apoiar uma relação clara entre depressão infantil e separação de pais. Outros trabalhos são propostos, a partir dos resultados obtidos, procedendo-se a investigação de quais fatores estão intimamente ligados ao desencadeamento de um quadro depressivo em crianças, a fim de que se encontre possibilidades ao nível preventivo e assim, ajudar outras crianças que possam estar prestes a desenvolver o quadro.

Palavras-chave: Depressão Infantil, Separação de pais; Alterações comportamentais

---

PSICOLOGIA COGNITIVA

COG 01

DÉFICITS COGNITIVOS E COCAÍNA: UM ESTUDO PILOTO. *Paula Jamanzi Cunha, Cláudia Helena Pires de Camargo e Sergio Nicastri (Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, São Paulo/SP)*

O uso de cocaína vem crescendo nos últimos anos. Conseqüências desastrosas para a saúde física e para a vida social, bem como para as funções cognitivas do indivíduo têm sido descritas na literatura. Déficits em atenção, memória e funções executivas são os mais freqüentemente observados, mas até o momento não há um consenso entre os pesquisadores sobre quais os reais déficits provocados pela dependência de cocaína. Este trabalho teve como objetivo pesquisar déficits cognitivos em sete dependentes de cocaína segundo os critérios do DSM-IV, em tratamento em regime de internação, com a média de um mês de abstinência à droga. Para isso, foi aplicada uma bateria neuropsicológica em cada sujeito, avaliando-se as seguintes funções, com os respectivos testes: 1) atenção: Trail Making Test (Partes A e B), Stroop Test (I, II e III) e Dígitos diretos e indiretos (Wechsler Memory Scale-Revised, WMS-R); 2) linguagem: Vocabulário (Wechsler Adult Intelligence Scale-Revised, WAIS-R), Fluência Verbal e Boston Naming Test (BNT); 3) memória: Memória Lógica I e II (WMS-R), Reprodução Visual I e II (WMS-R) e evocação tardia da Figura de Rey; 4) praxia construtiva: Figura de Rey e Cubos (WAIS-R); 5) funções motoras: Desenhos alternados de Luria e Códigos (WAIS-R); 6) formação de conceitos e flexibilidade mental: Wisconsin Card Sorting Test (WCST), versão com 64 cartões; 7) processo de aprendizagem: Selective Reminding Test (SRT). A média de desempenho dos sujeitos em cada teste foi analisada e comparada com os valores esperados para a população, considerando-se os fatores idade, gênero e escolaridade. Foram observados déficits em amplitude atencional (Dígitos diretos, WAIS-R), atenção dividida (Trail B), coordenação visomotora (Códigos, WAIS-R), memória visual (Reprodução Visual II e evocação tardia da Figura de Rey), memória verbal (Memória Lógica I e II) e capacidade de aprendizagem (SRT), embora inteligência, linguagem e praxia construtiva estivessem preservadas. Foi possível encontrar déficits cognitivos em pacientes dependentes de cocaína com um mês de abstinência, que segundo a literatura podem ocorrer secundariamente a alterações de metabolismo e fluxo sangüíneo cerebral. Estes fenômenos têm sido observados através das modernas técnicas de neuroimagem, tais como a tomografia por emissão de pósitrons (PET) e a tomografia computadorizada por emissão de fóton único (SPECT), em sujeitos com até seis meses de abstinência à droga. No entanto, são necessários estudos controlados e prospectivos, que permitam conhecer os reais déficits cognitivos provocados pelo abuso crônico da cocaína e se eles persistem ou tendem a remitir no decorrer da abstinência. Acredita-se que essas informações sejam importantes para o delineamento de programas de tratamento mais efetivos aos dependentes de cocaína.

Palavras-chave: Abuso de drogas, Neuropsicologia, Cocaína

***

COG 02

O DESEMPENHO MNEMÔNICO DOS IDOSOS EM FUNÇÃO DAS CONDIÇÕES DE CODIFICAÇÃO, DOS ATRIBUTOS DOS ESTÍMULOS E DO TIPO DE TESTE. *Terezinha de Jesus Cordeiro Galvão von Ertzen** e Gerson Américo Janczura (Departamento de Processos Psicológicos Básicos da Universidade de Brasília)*

A literatura tem apontado para uma significativa discrepância no desempenho entre jovens e idosos quando fatores que afetam a codificação são manipulados ou quando comparam-se testes de memória. Segundo alguns pesquisadores, um tempo limitado de apresentação dos estímulos desfavorece a organização das informações principalmente para os idosos que têm dificuldades para monitorar a codificação. Para outros, o tempo livre aumenta o número de intrusões sugerindo deficiência dos idosos em inibir as informações irrelevantes para a prova. Algumas variáveis podem diminuir os efeitos de fatores que interferem na codificação tais como a força da conexão pista-palavra alvo no teste de Recuperação com Pista, ou a presença de contexto semântico representado pela dupla pista-alvo apresentada na fase de estudo na Recuperação com Pista Intra-lista. Dois experimentos investigaram esses fatores: o primeiro analisou a influência da Faixa Etária, da Complexidade da Tarefa e do Tempo de Apresentação dos Estímulos na Recuperação Livre, e o segundo avaliou o efeito da Faixa Etária, da Complexidade da Tarefa e do Tipo de Teste sobre a memória imediata. Esperava-se que o desempenho dos jovens fosse superior aos idosos e que as interações entre as variáveis maximizariam as diferenças entre grupos. Testou-se com idosos (60 a 87 anos) e com jovens (18 a 28 anos), controlando-se as variáveis gênero, escolaridade, fluência verbal e saúde geral. Os estímulos foram listas de sentenças terminadas com as palavras-alvo. Os resultados revelaram que o desempenho dos idosos foi inferior ao dos jovens em todas as condições experimentais. No primeiro experimento, a diferença no desempenho entre jovens e idosos no teste de Recuperação Livre foi 21,4%. Na condição de alta complexidade todos os sujeitos produziram recuperação inferior à condição de baixa complexidade, principalmente quando o tempo de apresentação dos estímulos foi limitado. No segundo experimento a diferença observada entre jovens e idosos foi 26%, salientando-se que, neste estudo, as pistas eram fracamente associadas à palavra alvo. No entanto, a diferença foi de 13% quando se aplicou o teste de Recuperação com Pista intra-lista. Usando este teste e mantendo a pista fraca, a diferença registrada foi 19,5% enquanto que, com o contexto presente e a pista fortemente associada à palavra alvo, a diferença reduziu-se para 9,3%. No primeiro experimento a deficiência no desempenho dos idosos teve origem diversa. Na condição de alta complexidade, em que era necessário dividir a atenção entre o julgamento de sentenças e memorização, os idosos aplicavam-se mais à primeira tarefa em detrimento da segunda. Aqui, a recuperação dos idosos foi mais baixa quando o tempo de apresentação dos estímulos era limitado. Na condição de baixa complexidade, onde a tarefa era simples principalmente quando o tempo foi livre, os idosos apresentaram um aumento nos erros, especialmente de intrusões, evidenciando que houve codificação de informações irrelevantes junto com as relevantes. No segundo experimento, a interação deste fator com o tipo de teste revelou que o contexto semântico reduziu significativamente a diferença entre o desempenho dos jovens e idosos apesar das dificuldades observadas na codificação, e favoreceu o resultado dos dois grupos em relação à condição em que o contexto estava ausente. Estas diferenças foram mínimas quando a pista presente no contexto era fortemente associada ao alvo, indicando que o contexto semântico é um mecanismo inibitório auxiliar e que idosos são sensíveis a ele. Concluiu-se que idosos têm dificuldade de realizar um duplo processamento, manifestam diferentes problemas em relação ao uso do tempo e apresentam deficiências em relação à inibição das informações irrelevantes.

Palavras-chave: Memória de idosos, Complexidade da tarefa, Tipo de teste, Tempo de apresentação dos estímulos

***

COG 03

A INTERFERÊNCIA DA LÍNGUA NA MEMÓRIA DE BILÍNGÜES. *Anne Francis dos Santos** e Gerson Américo Janczura (Departamento de Processos Psicológicos Básicos da Universidade de Brasília)*

Esta pesquisa testou os efeitos da língua na memória de sujeitos bilíngües que tinham o português como sua primeira língua e o inglês como a segunda língua. Dentre os modelos apresentados na literatura que visam explicar o funcionamento cognitivo de bilíngües encontra-se o modelo de Assimetria, o qual propõe que a relação entre a língua nativa e a segunda língua é assimétrica. Os estudos sobre interferência retroativa em bilíngües não têm investigado o efeito que informações apresentadas em uma língua poderiam causar na recuperação de informações apresentadas em outra língua. O presente trabalho supõe que essa questão possa estar relacionada às conexões assimétricas propostas pelo modelo de Assimetria. Assim, este estudo verificou se as informações apresentadas nas duas línguas do bilíngüe interfeririam uma na outra; se seria mais fácil lembrar na língua nativa do que na segunda língua; e, se a primeira língua causaria mais interferência que a segunda. Três experimentos foram conduzidos utilizando a tarefa de recuperação com pista intralista em um paradigma A-B/A-C de interferência retroativa. As listas foram compostas de pares de palavras sendo que, o primeiro item do par era o nome de uma categoria e, o segundo, um membro da mesma categoria. Os pares foram selecionados de normas associativas para categorias semânticas coletadas em português, no Brasil, que normatizaram a força associativa entre nomes de categorias e seus membros. Os dois primeiros experimentos diferiam na língua da informação alvo que era português no primeiro e, inglês, no segundo. O terceiro experimento incluiu ambas as línguas na lista alvo. As listas de interferência de todos os experimentos apresentavam os estímulos em ambas as línguas. Os acertos na recuperação das listas das condições experimentais foram comparados com os acertos das listas das condições controle. Os resultados evidenciaram interferência nos três experimentos sugerindo que as duas línguas do bilíngüe produziram efeitos similares sobre a recuperação da informação alvo. O primeiro experimento foi comparado com o segundo experimento para verificar se havia diferenças significativas entre informações a serem recuperadas na língua nativa e informações a serem recuperadas na segunda língua dos bilíngües. Os resultados apontaram ser mais fácil lembrar na segunda língua do que na língua nativa. O terceiro experimento replicou esses resultados. Também foi verificado, nos três experimentos, qual a língua (nativa ou segunda língua) apresentada na lista de interferência prejudicaria mais o desempenho na recuperação da informação alvo. Essa comparação não revelou diferenças significativas sugerindo que a língua apresentada na lista de interferência não foi um fator determinante na recuperação da informação alvo. Os resultados foram discutidos segundo o modelo de Assimetria.

Apoio financeiro: CNPq (bolsa de mestrado)

Palavras-chave: Memória, Bilíngües, Interferência retroativa

***

COG 04

COMO REPRESENTAM E O QUE REPRESENTAM AS CRIANÇAS AO RESOLVER PROBLEMAS E OPERAÇÕES DE DIVISÃO?. *Síntria Labres Lautert** e Alina Galvão Spinillo (Pós-Graduação em Psicologia, UFPE, Recife, PE)*

Tradicionalmente, pesquisas sobre o conceito de divisão tendem a focalizar as concepções iniciais e as estratégias de resolução adotadas em problemas de divisão. Entretanto, além desses, outro aspecto merece ser investigado, como as crianças representam a divisão. Por exemplo, pouco se sabe a respeito: (a) dos grafismos adotados na divisão (pictográficos, icônicos, simbólicos), (b) dos elementos (termos e procedimentos) contemplados nestas representações, e (c)

da influência da situação em que a criança é solicitada a representar a divisão. Com o objetivo de examinar tais aspectos, 80 crianças (Jardim, Alfabetização, 1ª e 2ª séries do ensino fundamental) foram individualmente solicitadas a representar, no papel e através do material concreto, operações (Estudo 1) e problemas de divisão (Estudo 2). As representações produzidas foram analisadas em função dos tipos de grafismos utilizados e em função dos procedimentos de resolução adotados. Comparações entre séries, entre situações (gráfica e concreta) e entre estudos (operação e problema) foram conduzidas, podendo os principais resultados serem assim resumidos: (a) o efeito da escolaridade. As crianças não instruídas adotam a adição e a subtração ao invés da divisão, representando apenas o enunciado ou produzindo representações sem uma aparente conexão com o que foi apresentado pelo examinador. As crianças instruídas usam a divisão, representando o processo de resolução e não apenas o enunciado. O efeito da escolaridade é mais acentuado nas representações dos procedimentos do que na natureza dos grafismos. Grafismos simbólicos foram amplamente utilizados pelas crianças em todas as séries; (b) o efeito da situação (gráfica e concreta): Tanto nos problemas como nas operações, as crianças ou têm o mesmo desempenho no gráfico e no concreto ou acertam mais no gráfico. Observa-se que os tipos mais detalhados de representações de procedimentos emergem na situação gráfica. Assim, o material concreto não favorece o desempenho nem tampouco o aparecimento de representações explícitas da dinâmica dos processos de resolução adotados; (c) comparações entre operação e problema de divisão: As crianças não instruídas sobre a divisão usam grafismos simbólicos nas operações e pictográficos nos problemas. As crianças já instruídas usam grafismos simbólicos tanto nas operações como nos problemas. As crianças instruídas adotam representações elaboradas nas operações e nos problemas, enquanto as crianças não instruídas apresentam representações mais elementares nas operações do que nos problemas; (d) a representação dos termos: O divisor e o dividendo são os termos mais representados, sendo o resto freqüentemente omitido, mesmo entre as crianças já instruídas. A partir desses resultados, é possível dizer que, o que a criança representa da divisão (termos e procedimentos) e a forma como representa (grafismos), não expressam apenas suas habilidades lógico-matemáticas, mas expressam, sobretudo, os limites e as possibilidades conferidas pela própria situação em que é solicitada a representar a divisão.

CNPq e FACEPE
Palavras-chave: Problemas; Operações de divisão; Desenvolvimento

***

COG 05

ANSIEDADE, DEPRESSÃO E O PROCESSAMENTO DA INFORMAÇÃO ESPACIAL NA MEMÓRIA DE TRABALHO. *Alexandre Vianna Montagnero*, Ederaldo José Lopes e Renata Ferrarez Fernandes Lopes (Faculdade de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, MG)*

O objetivo desta pesquisa foi verificar o desempenho de sujeitos em um teste de memória espacial de palavras com cunho negativo. Procurou-se relacionar a eficiência na tarefa com o grau de ansiedade e depressão apresentado pelos sujeitos, bem como pela existência ou não de um agente facilitador para a lembrança. O experimento foi elaborado no programa "power point 97", na forma de slides com 1 segundo cada. A apresentação completa foi composta por cinco slides, o primeiro apresenta uma tela colorida (verde, vermelho ou azul), o segundo uma tela em branco e o terceiro um quadrado de 5 colunas e 4 linhas, dividido assim em 20 células, em alguma destas células se encontrava uma palavra com conotação negativa que podia estar escrita na mesma cor da primeira tela (verde, vermelho, azul) caracterizando o agente facilitador, ou escrita em preto, caracterizando ausência do facilitador. O quarto slide continha vogais aleatoriamente distribuídas que serviam como uma máscara de distração, e finalmente um slide que continha a frase: "para a próxima apresentação acione a barra de espaço". O teste foi composto de 120 apresentações, 60 com facilitador e 60 sem facilitador, as palavras utilizadas apareceram 12 vezes e são: miserável, rejeitado, destruído, pessimista, deprimido, horroroso, solitário, torturado, abandonado e terrível. A amostra foi composta por quarenta sujeitos de ambos os sexos com idade entre dezoito e trinta e dois anos, estudantes de graduação na Universidade Federal de Uberlândia. O experimento foi realizado no laboratório de psicologia experimental da Universidade Federal de Uberlândia. O sujeito lia em uma folha impressa as instruções para a execução do experimento, em seguida fazia cinco exemplos na tela do computador, em caso de dúvida deveria esclarecê-las com o experimentador. Sanadas as dúvidas, o sujeito deveria observar os cinco slides e em seguida marcar em um cartão de respostas, com um "X", a célula do quadrado em que ele acreditava que a palavra havia aparecido. A seguir ele deveria acionar a barra de espaço para a próxima apresentação com mais 5 slides, e assim sucessivamente, até totalizar as cento e vinte apresentações. Terminado o teste o sujeito respondia o inventário Beck de depressão, e o inventário de ansiedade de "A mente vencendo o humor".

Os dados foram analisados estatisticamente através da correlação de Pearson, e os resultados demonstraram que não há relação entre o agente facilitador (palavra com cor ou sem cor) e o índice total de acertos. Também não foi encontrada relação entre o desempenho no teste e o grau de depressão, contudo encontrou-se uma forte correlação negativa (p < 0,05) entre o número de erros e o grau de ansiedade e uma correlação negativa entre índice de erros em sujeitos ansiosos e a ausência do facilitador. Os resultados encontrados para os sujeitos ansiosos estão de acordo com a teoria do "Processamento Eficiente e memória de trabalho" que afirma que o central executivo e o "loop articulatório" são alterados nos estados de ansiedade, o que faz com que sujeitos em tarefas de reconhecimento tenham um tempo de resposta mais lento e um índice de erros baixo. É possível que a ação do agente facilitador tenha sido potencializada pela alocação extra de recursos atencionais pelo central executivo nos sujeitos ansiosos.

Palavras-chave: Memória espacial; Depressão; Ansiedade

***

COG 06

ENSINO INTRODUTÓRIO DE ÁLGEBRA ELEMENTAR: COMPARAÇÃO ENTRE UM FRAGMENTO DE SEQUÊNCIA USUAL E UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA COM BALANÇA DE DOIS PRATOS PARA ATIVIDADE EM SALA-DE-AULA. *Evelyne Vieira Costa** e Jorge Tarcísio da Rocha Falcão (Pós-graduação em Psicologia, UFPE, Recife, PE)*

Este estudo teve como objetivo investigar eventuais diferenças de desempenho na resolução de problemas e equações algébricos em função de seqüência didática para introdução no campo conceitual da álgebra elementar, utilizando a balança de dois pratos como auxiliar didático no processo de construção de significado para o princípio de equivalência em álgebra e para a habilidade com o manuseio de incógnitas. Para tanto, foram constituídos dois grupos, com 19 sujeitos cada, experimental, submetido à referida seqüência didática, e controle, submetido à programação usual de trabalho em matemática proposta pela escola. Ambos os grupos foram emparelhados, e constituídos de sujeitos com idades entre 12 e 15 anos, sem conhecimento de álgebra elementar, e cursando a 7a série do 1º grau de uma escola pública da cidade do Recife. Os dados obtidos em função da comparação de desempenho e em relação ao aspecto procedural (em problemas e equações) em tarefas de pré e pós-testes, intergrupo e intragrupo, mostraram-se bastante interessantes. Os resultados da análise de desempenho preliminar de acerto e erro, quanto às equações, intergrupos, demonstraram uma diferença significativa em prol do grupo experimental. No entanto as análises intra-amostrais dos grupos experimental e controle, mostraram não haver qualquer benefício em termos de aprendizagem em equações no grupo experimental, e no grupo controle, um desempenho mais baixo após a intervenção. Na categoria problemas, neste primeiro nível de análise, a diferença interamostral no pós-teste não mostrou diferença significativa entre os grupos, enquanto a diferença intra-amostral mostrou uma diferença significativa a favor do grupo experimental no pós-teste. Na análise procedural o resultado mostrou que a seqüência didática beneficiou significativamente o grupo experimental, tanto nas equações como nos problemas. Para tal análise foram avaliadas em categorias diferentes os problemas e equações, de acordo com quatro tipos de procedimentos: i) procedimentos algébricos; ii) procedimentos pré-algébricos; iii) procedimentos aritméticos; iv) sem procedimento explícito. A categoria algébrica e pré-algébrica apareceram com um percentual muito mais alto no grupo experimental (tanto nas equações como nos problemas) que no grupo controle. Tais dados sugerem que a utilização da balança pode trazer benefícios para a introdução à álgebra elementar, sem que tal ferramenta esgote as dificuldades inerentes a tal domínio matemático. Este estudo foi importante no sentido de chamar a atenção para uma didática de sala de aula mais acurada na área da aritmética, principalmente em "expressões aritméticas", e na passagem tão decantada da aritmética para a álgebra, que não deve significar uma ruptura, mas seguir uma direção no sentido aritmética/álgebra, álgebra/aritmética realizando uma recorrência didática capaz de integrar os dois campos conceituais.

Palavras-chave: Didática da matemática; Conceitos algébricos; Balança de dois pratos

***

COG 07

PROCESSOS DE ESTRUTURAÇÃO DE GÊNEROS TEXTUAIS DIFERENCIADOS: ANÁLISE COMPARATIVA EM PRODUÇÕES TEXTUAIS DE CRIANÇAS. *Albany Amadine Amélia Freire Soares* e Rosângela Francischini (Departamento de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN)*

Atividades com diferentes gêneros textuais em sala de aulas vêm sendo preconizadas como essenciais na medida em que proporcionam ao aluno, seja em situações de produção ou de compreensão do texto, possibilidades de reconhecer as características particulares de cada um desses gêneros, bem como de utilizar-se de recursos apropriados à estruturação dos mesmos em linguagem que se escreve. Nesse sentido, os papéis do locutor e do interlocutor, os objetivos do texto e as particularidades contextuais devem ser levados em consideração. Neste trabalho procuramos relevar o papel do locutor em atividades de produção do texto escrito, em que este se encontra como um referente, no interior do próprio texto, considerando que as operações cognitivo-discursivas mobilizadas nessas atividades tomam características próprias, decorrentes da posição enunciativa do sujeito. Com esse objetivo, analisamos textos descritivos, explicativos e argumentativos, produzidos por crianças, individualmente, do 3º. ano, primeiro Ciclo do Ensino Fundamental, como parte das atividades de sala de aulas, em uma

escola pública do município de Natal/RN. A inserção do "eu" nos textos e os problemas de construção das cadeias anafóricas decorrentes dessa condição foram analisados nas seguintes condições: escrita das regras de um jogo para crianças - jogo "cobra cega" -; descrição de um passeio realizado pelos alunos da escola e, por fim, escrita de uma carta em que a criança necessitaria colocar sua posição diante de um determinado problema e justificá-la. A análise dos dados tem demonstrado que os textos apresentam particularidades, no que diz respeito ao aspecto selecionado em nosso trabalho, evidenciando dificuldades específicas a cada gênero textual. A posição do locutor, seus objetivos e as características dos gêneros levam a escolhas de recursos lingüísticos próprios a cada uma das condições especificadas acima. No gênero explicativo - regras do jogo - o papel do interlocutor é preponderante na escolha dos recursos lingüísticos. Dirigir-se ao outro como requer esse gênero textual determina o emprego de recursos específicos, como por exemplo, o uso do "você". Na situação de produção do texto descritivo, a criança participou do evento ao qual o texto faz referência. Portanto, o emprego de recursos que reflitam essa condição está presente: eu, a gente, eu e meus coleguinhas, dentre outros. Os textos argumentativos requerem a consideração do ponto de vista do outro e a possibilidade de apresentar objeções. Isto implica em necessidade de organização cognitiva do conteúdo e de recorrer a formas lingüísticas apropriadas ao contexto. Os textos apresentam, basicamente, justificação; apenas um, negociação. Essa característica pode estar refletindo dificuldade da criança em considerar o ponto de vista do outro e, a partir dele, apresentar e defender suas próprias posições.

(CNPQ)

Palavras-chave: Produção textual; Gênero; Linguagem escrita

*****

COG 08

AUTOCONCEITO DE COMPETÊNCIA, INTELIGÊNCIA SOCIAL E RENDIMENTO ESCOLAR. *Célia Zaviani e Sonia Medeiros** (Universidade Gama Filho)*

Será a cognição social uma faculdade separada da cognição não-social? Será a inteligência social diferente da inteligência geral aplicada socialmente? Revisão abrangente recente do conceito de inteligência social conclui deixando em aberto essas perguntas, ao mesmo tempo que reserva para o futuro a descrição de avaliações da inteligência social baseadas na compreensão dos processos sócio-cognitivos gerais, a partir dos quais emergem diferenças individuais no comportamento social (Kihlstrom & Cantor). Corroboram essas indagações pesquisas brasileiras com escalas de inteligência social ao consistentemente registrarem a independência entre os resultados dessas escalas e medidas tradicionais de inteligência. Avaliamos diferenças individuais em capacidade intelectual, mas ainda não compreendemos os processos que formaram o substrato cognitivo dessa capacidade; enfim, cada um de nós tem uma concepção, ou teoria implícita, da inteligência, mas ninguém sabe ao certo o que realmente ela seja (Sternberg). Dentro desse contexto teórico, escala originalmente holandesa de autoconceito de competência (Bay & Snellman), adaptada para Portugal com trinta e um itens tipo Likert com cinco pontos (Faria, Lima-Santos & Bessa), modificada para adaptação brasileira (Gerk-Carneiro, Zaviani & Medeiros), após análises psicométricas (N=403) que sugeriram revisão e elevação do número de itens para setenta e seis (Medeiros) foi utilizada em pesquisa com N=200 participantes de dezesseis (18 deles), dezessete (95) e dezoito (87) anos de idade, compreendendo 115 mulheres e 85 homens. Todos matriculados no terceiro ano do ensino médio de escola pública federal tradicional do Rio de Janeiro. Suas respectivas notas médias em dez disciplinas (Língua Portuguesa, Inglês, Educação Física, Geografia, História, Matemática, Física, Química, Biologia e Sociologia) foram obtidas. A escala de autoconceito como um todo (alfa=.90) avalia a percepção da própria competência nos seis domínios designados por Resolução de Problemas, Assertividade Social, Cooperação Social, Solicitação na Aprendizagem, Prudência na Aprendizagem e Pensamento Divergente. Tomadas como preditoras em regressão múltipla stepwise tendo a média nas disciplinas como variável dependente representando rendimento escolar, o modelo final incluiu duas subescalas (Pensamento Divergente, beta = -.302, p<.000 e Resolução de Problemas, beta = .293, p<.000) e excluiu quatro. As duas subescalas voltadas para a inteligência social, Cooperação e Assertividade, figuraram entre as quatro subescalas excluídas. Assertividade Social (alfa=.72, 15 itens), muito embora tendo apresentado beta = -.141, p<.07, no modelo da regressão, correlacionou em torno de zero com todas as dez disciplinas tomadas isoladamente. O mesmo ocorreu com a subescala Cooperação Social (alfa=.73, 12 itens) que se mostrou independente em relação aos dez diferentes aspectos do rendimento escolar. Propostas teóricas recentes, tendo como referência uma base dialética hegeliana para o entendimento do estudo da cognição, notadamente com a relação entre inteligência e sabedoria (Sternberg), são discutidas como ponto de partida potencialmente esclarecedor do processo envolvido na inteligência prática que procura o equilíbrio, em busca do bem comum, entre a autoconsciência do interesse pessoal e a percepção do interesse do outro.

Palavras-chave: Autoconceito de competência, Inteligência social, Sabedoria

*****

COG 09

CONSTRUÇÃO DE ESQUEMAS COGNITIVOS POR MEIO DA TROCA DE PAPÉIS EM UM JOGO DE SENHA. *Marilda Pierro de Oliveira Ribeiro (Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP)*

Em uma perspectiva piagetiana os jogos são meios úteis para favorecer a construção de conhecimentos em crianças. Estudou-se o efeito de procedimentos de intervenção na aprendizagem de estratégias para jogar o Jogo das Boas Perguntas (JBP), uma modalidade de jogo de senha. Neste jogo deve-se descobrir uma figura escondida, em seis jogadas, fazendo-se perguntas que só podem ser respondidas com "sim" ou "não". No pré-teste cada criança jogava fazendo as perguntas. A experimentadora jogava respondendo, estimulava a criança a fazer boas perguntas e solicitava-lhe que explicasse o que havia feito ao ganhar. A fase de intervenção foi composta por três procedimentos: A) Troca de papéis no jogo entre a criança e a experimentadora em partidas alternadas. A experimentadora utilizava uma estratégia que consistia em fazer perguntas, baseadas no agrupamento das figuras em classes amplas, que eliminavam um número significativo de possibilidades em cada jogada, qualquer que fosse a resposta obtida, até que sobrassem poucas figuras e o acerto estivesse garantido. Assistematicamente comentava que figuras haviam sido eliminadas a partir da pergunta e da resposta recebida. B) Diálogo com a criança de modo a incitá-la a refletir sobre o melhor tipo de pergunta a ser feita. C) Exercícios de predicação, de construção de coleções de acordo com critérios dados e de seriação de classes, para favorecer a construção esquemas necessários para jogar bem. No pós-teste repetiu-se o procedimento do pré-teste e incluiu-se partidas adicionais do JBP com figuras novas e também sem troca de papéis. Participaram da pesquisa doze crianças entre 8 e doze anos de idade, da segunda e terceira séries do ensino fundamental, com história de insucesso escolar, metade submetida a todas as etapas da pesquisa e metade constituindo um grupo controle. Realizou-se uma análise de estratégias que considerava, em cada jogada, o tipo de pergunta feita e a interpretação da resposta recebida, bem como as relações entre jogadas. No pré-teste, as doze crianças apresentaram uma estratégia totalmente dependente da sorte para ganhar, que consistia em indicar a figura que imaginavam estar escondida, em cada jogada. Das seis que passaram pela fase de intervenção, cinco desenvolveram estratégias de jogo qualitativamente superiores às do pré-teste, quatro mantiveram tais estratégias na etapa inicial do pós-teste e três delas as generalizaram para o jogo com conteúdo novo. Observou-se também evolução na compreensão do sistema do jogo por meio das explicações dadas pelas crianças ao ganhar. Nenhuma das crianças do grupo controle apresentou evolução no pós-teste. A comparação das condutas durante a troca de papéis com as do pós-teste permitiu mostrar que o procedimento de intervenção que garantiu a evolução nas estratégias foi a troca de papéis. Dada a estrutura do JBP, os resultados permitem concluir que este procedimento favoreceu a construção de esquemas cognitivos relacionados à operação de classificação e ao raciocínio de exclusão.

Palavras-chave:

*****

COG 10

EFEITO DE IDADE E DEPRESSÃO NAS AVALIAÇÕES SUBJETIVA E OBJETIVA DE FALHAS DE MEMÓRIA. *Ana Paula Rech Kasper*, Ina Caroline Simon*, Nelson Dalmolin*, Sheila Wermelinger*, Maria Alice M. P. Parente (Departamento de Psicologia do Desenvolvimento e da Personalidade, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS)*

As freqüentes queixas de memória tendem a aumentar com o avanço da idade e podem estar associadas a falhas dessa função cognitiva ou fatores emocionais, como depressão. A Neuropsicologia tem investigado formas de avaliar falhas de memória e alterações de desempenho, através de testes objetivos e questionários subjetivos. Nosso objetivo é verificar a influência da idade nas respostas de um questionário de avaliação subjetiva, assim como correlacionar queixas com resultados nos testes objetivos. População: 85 sujeitos sem histórico de doenças neurológica e psiquiátrica, com escolaridade maior do que oito anos e de faixas etárias diferentes, distribuídos equivalentemente nas faixas etárias de 20 a 39 anos, 40 a 59 anos e 60 anos ou mais. Material: adaptação portuguesa do Memory Assessment Clinics Self Evaluation Scales, provas de memória de curto prazo, de trabalho e prospectiva. O questionário é composto por 15 questões sobre situações cotidianas em que ocorrem erros de memória e duas relacionadas à sensação de mudança ou eficacidade da memória. Os indivíduos responderam em escala de Likert de cinco pontos, que foram transformados em uma classificação dicotômica, recebendo ponto 1, quando os sujeitos consideravam sua memória adequada e zero, quando ocorriam falhas nas diferentes situações. Análise: A fim de verificar o efeito de idade no questionário de avaliação subjetiva foi realizada uma regressão logística do escore total, de cada item e tipo de memória envolvida. O escore total foi correlacionado com os resultados dos testes de memória de curto prazo, de trabalho e de memória textual. Resultados: Não foram encontradas diferenças de idade no escore total do questionário. Diferenças de idade foram encontradas apenas nos itens referentes à memória prospectiva e à sensações de mudança. A análise de "odds ratio" mostrou que com o incremento de cinco anos, existe uma chance de 17% de aumento da sensação de piora da memória e de 20% de lentidão no acesso das informações. Já com um incremento de 10 anos, a chance de sensação de mudança aumenta para 36% e de lentidão para 44%. Os dados até

agora coletados demonstram que os jovens têm apresentado mais queixas quanto à memória para fatos do que os idosos, sugerindo que exigências sociais atuam na impressão subjetiva de falhas de memória. A análise de probabilidade mostrou que existe um aumento homogêneo da sensação de mudanças a partir dos 25 anos. Já a sensação de lentidão em acessar informações na memória mostra um declínio mais acentuado a partir dos 45 anos. Foi encontrada correlação positiva entre queixas de memória lingüística e tarefa de memória textual, entre queixas de memória prospectiva e extração de macroestrutura textual, entre queixas de memória retrospectiva e prova de memória de curto prazo com palavras curtas.

CAPES, CNPq, FAPERGS E PROPESQ
Palavras-chave: Impressão subjetiva; Testes objetivos; Envelhecimento

***

COG 11

INVESTIGAÇÃO EXPERIMENTAL DAS FALSAS MEMÓRIAS EM PRÉ-ESCOLARES. *Carmem Beatriz Neufeld **; Giovanni K. Pergher*1; Lilian M. Stein***; Leandro Feix*2; Anna Virgínia Williams*3 (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS)*

O fato de lembrarmos de coisas que na realidade nunca ocorreram tem preocupado os pesquisadores e estudiosos da memória. Ao longo deste século pesquisadores têm se interessado pelos processos responsáveis pela falsificação da memória de crianças pré-escolares. Atualmente, vasto material científico tem sido produzido nesta área, principalmente devido a suas implicações legais, relacionadas à habilidade de crianças em relatar fidedignamente os fatos vividos, tanto como vítimas de abuso físico ou sexual, quanto como testemunhas oculares de contravenções em geral. As falsas memórias podem ser espontâneas (quando a distorção é endógena como auto sugestão) ou sugeridas (fruto de uma sugestão de falsa informação acidental ou deliberada). No presente estudo, as falsas memórias espontâneas e sugeridas de pré-escolares foram comparadas para estudar o efeito do momento da sugestão, o efeito do momento da testagem, o efeito de um mero teste de memória anterior, a persistência das memórias, e o efeito da voz da fonte de informação. Foi adaptado, para a língua e realidade brasileiras, o paradigma experimental de investigação da falsificação da memória em crianças de Stein. Inicialmente, foi apresentado para a criança uma lista de frases alvo. Metade das crianças receberam a sugestão de falsa informação na mesma sessão e a outra metade receberam uma semana depois. A sugestão consistiu de frases idênticas às frases alvo, porém algumas delas continham sugestão de falsa informação. Todas as crianças responderam a dois testes de memória de escolha múltipla: um imediato e outro uma semana depois. Os resultados demonstraram que a memória das crianças foi afetada pela sugestão de falsa informação da seguinte maneira: (1) observou-se o efeito clássico da sugestão de falsa informação, ocorrendo o aumento das falsas memórias e a supressão das memórias verdadeiras quando a sugestão havia sido apresentada; (2) os dois tipos de falsas memórias (espontâneas e sugeridas) aumentaram quando o teste foi posterior; (3) um mero teste de memória anterior aumentou as memórias verdadeiras no teste posterior; (4) o efeito de persistência foi encontrado para memórias verdadeiras e falsas, porém as respostas da voz foram as mais persistentes; (5) a mesma voz da fonte da informação aumentou a acurácia da memória das crianças; (6) crianças pequenas parecem basear suas memórias fundamentalmente em traços literais. O presente estudo concluiu que os resultados sustentam as explicações sobre a falsificação da memória da Teoria do Traço Difuso. Quando crianças são expostas a frases alvo, elas armazenam representações dissociadas destas frases para informações específicas (traços literais) e de sentido (traços da essência).

Pesquisa financiada pelo CNPq e FAPERGS
*1 Discente da Faculdade de Psicologia - PUCRS, bolsista de iniciação científica do CNPq.
*2 Discente da Faculdade de Psicologia - PUCRS, bolsista de iniciação científica da FAPERGS.
*3 Discente da Faculdade de Psicologia - PUCRS, bolsista de iniciação científica do CNPq/PIBIC.
** Psicóloga, Mestre em Psicologia Social e da Personalidade - PUCRS, Doutoranda em Psicologia - PUCRS e Professora do Curso de Psicologia - URCAMP.
*** Psicóloga, Ph.D., Professora Adjunta da Faculdade de Psicologia - PUCRS, Professora orientadora do Pós-Graduação em Psicologia do Grupo de Pesquisa em Processos Cognitivos - PUCRS.
Palavras-chave: Falsas memórias; Sugestibilidade; Pré-escolares

***

COG 12

ESTILO, SUBJETIVIDADE, ATO DE FALA E CRIAÇÃO. *Marina Coelho dos Santos*, Cristiane Rodrigues de Freitas*, Silvia Helena Tedesco** (Departamento de Psicologia/UFF - Universidade Federal Fluminense, Niterói - RJ)*

O objetivo deste estudo foi o observar episódios lingüísticos inovadores ao código, existentes na fala de procedimentos preferenciais. Diante da tendência observada nos estudos da psicologia da linguagem e da psicolingüística, que funda o elo entre linguagem e subjetividade em aspectos invariantes e representacionais, opta-se por descrevê-lo como processo de variação e integrante do movimento de criação próprio às duas realidades em jogo. De um lado, as pesquisas de Austin, de Ducrot e de Bakhtin inspiraram no encaminhamento da leitura pragmática da linguagem. Toma-se a linguagem como ato de fala, caracterizado por sua potência performativa e criadora de novas significações. De outro, os estudos da produção de subjetividade, iniciados por Deleuze e Guattari, orientam a entendê-la como processo ininterrupto de invenção de si, realizado num campo misto, no qual interferem componentes econômicos, tecnológicos, políticos assim como cognitivos e lingüísticos. A amostra foi composta de 15 adolescentes de ambos os sexos entre 13 e 18 anos incompletos, inscritos no programa CRIAA-UFF - Centro Regional Integrado de Apoio à Adolescência, instituição localizada em Niterói e especializada no atendimento de adolescentes com envolvimento com drogas lícitas e ilícitas. A implantação desta pesquisa justifica-se pelo fato deste grupo, segundo o relato dos técnicos, apresentar "resistência" ao atendimento através do uso de linguagem particular, de um código incompreensível pelos atendentes. Segundo a orientação da pesquisa, tal linguagem, longe de funcionar como obstáculo ao bom funcionamento do programa, realiza o encontro entre semióticas distintas e apresenta-se como ocasião privilegiada para o estudo do processo de variação lingüística. Durante 7 meses, foi feita a observação regular e sistemática das situações de fala semi-espontâneas, correspondentes às atividades em grupo, desenvolvidas em oficinas de artes plásticas (método naturalista). O material foi gravado e posteriormente transcrito. A análise do material foi realizada segundo as categorias indicadas pela Análise do Discurso de Authier-Revuz, com subdivisões propostas por Ducrot e Courtine. Os resultados obtidos consistiram no levantamento dos procedimentos estilísticos de equivocação do código e de produção de novos sentidos. Esses episódios de criação na linguagem, na medida em que revelam-se como efeito do atravessamento entre as duas semióticas vigentes - linguagem dos adolescentes e linguagem dos técnicos, comprovam assim que o embate entre códigos, diferente de ser tratado como um obstáculo paralisante, ativam a potência criadora do elo entre linguagem e subjetividade. Os resultados da pesquisa visam liberar a noção de sujeito da linguagem do caráter de invariância. A relação deste com o código lingüístico deixa de ser de submissão para impor-se como atividade inventiva, através da qual a subjetividade põe a própria linguagem e a si mesmo em movimento de transformação. Neste sentido a atual pesquisa encontra sua relevância nos subsídios fornecidos às práticas de intervenção sobre o sujeito através da discussão das bases para uma escuta atenta destes instantes estilísticos - marcadores do processo de variação no qual comungam a linguagem e a subjetividade.

CNPq/PIBIC
Palavras-chave: Estilo; Linguagem; Subjetividade

***

COG 13

ESTIMANDO PROBABILIDADE: O CONHECIMENTO INICIAL E AS DEMANDAS COGNITIVAS DAS SITUAÇÕES DE EXAME. *Alina Galvão Spinillo (Universidade Federal de Pernambuco)*

Pesquisas em psicologia voltadas para o exame de conceitos complexos têm ressaltado dois pontos cruciais acerca da lógica da criança: que esta é mais sofisticada do que se pensava e que as habilidades cognitivas não emergem igualmente em todas as situações. Estudos com estimativas, por exemplo, evidenciam que alguns dos princípios essenciais a um determinado conceito lógico-matemático aparecem nas ações das crianças desde cedo. Outras pesquisas, por sua vez, ressaltam que as tarefas apresentadas, mesmo versando sobre um mesmo conceito lógico-matemático, demandam habilidades cognitivas distintas e que estas demandas têm efeito sobre a emergência das noções intuitivas das crianças sobre o conceito em estudo. Tomando o conceito de probabilidade, aquisição da maior importância no desenvolvimento do raciocínio lógico-matemático, verifica-se que tradicionalmente as pesquisas sobre o tema adotam situações de julgamento. Em uma série de estudos conduzidos pela autora desde 1995, o conhecimento inicial sobre probabilidade tem sido investigado através de outros tipos de tarefas: tarefas inseridas em um contexto de jogo, de ordenação, de comparação e de construção. O presente estudo dá continuidade a estas investigações, inserindo uma visão de desenvolvimento ao examinar crianças de diferentes idades cujo desempenho é comparado em duas situações distintas: julgamento e construção. Variações deste tipo (julgar vs. fazer) influenciariam o desempenho de crianças? Ou o conhecimento sobre probabilidade se expressaria igualmente em ambas as situações? Como este possível efeito se manifestaria ao longo do desenvolvimento? Com o objetivo de explorar estes aspectos, 120 crianças com idades entre 5 e 8 anos foram solicitadas a estimar a probabilidade em duas tarefas distintas. Metade das crianças realizou a Tarefa 1 (julgar), sendo solicitadas a julgar o nível de chance de tirar uma ficha azul em um conjunto de fichas azuis e rosas apresentado. A outra metade realizou a Tarefa 2 (construir), sendo solicitadas a construir um conjunto de fichas azuis e rosas com um nível de probabilidade especificado pelo examinador. Justificativas e explicações foram sistematicamente solicitadas. De modo geral, as crianças foram bem sucedidas em ambas as tarefas, principalmente as de 7 e 8 anos cujo desempenho era superior ao das crianças mais novas. Este resultado indica que as crianças desta faixa etária fazem estimativas corretas sobre probabilidade. Entretanto, observou-se um melhor desempenho na Tarefa 2 (construir) do que na Tarefa 1 (julgar). Uma possível explicação para isto é que ao construir

arranjos a criança tem a oportunidade de mentalmente antecipar como o arranjo será composto, de manipular o material e a oportunidade de fazer ajustes e modificações que achar necessário. Estes aspectos parecem favorecer o desempenho. Verificou-se, ainda, que os tipos de erros identificados também variaram em função da tarefa que estava sendo realizada. A natureza da tarefa parece, portanto, explicar a variabilidade no desempenho e nos tipos de erros. Adotando-se uma perspectiva de desenvolvimento, os resultados são discutidos em termos das possibilidades e das dificuldades apresentadas, realizando-se comparações entre as idades. Implicações metodológicas acerca da pesquisa na área são também consideradas.
(Apoio CNPq e FACEPE)
Palavras-chave: Crianças; Estimativa; Probabilidade; Características Das Tarefas

*****

COG 14

VERSÃO BRASILEIRA DO PROTOCOLO DE APRENDIZAGEM AUDIO-VERBAL DE REY PARA CRIANÇAS. *Rosinda Martins Oliveira, Jéssica Santos de Macedo* e Pedro Marcos Brandão Júnior* (Setor de Neuropsicologia, Serviço de Psicologia Aplicada, Curso de Psicologia, Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, RJ)*

O teste de aprendizagem audio-verbal de Rey é protocolo clássico para avaliação de memória e aprendizagem na clínica neuropsicológica. Não há normas para este protocolo para a população brasileira. O presente estudo tem como objetivo estabelecer estas normas e comparar os resultado obtidos com as normas internacionais. As normas internacionais são estratificadas de acordo com a idade e, assim, para efeito de comparação, restringiu-se a amostra deste estudo a dois grupos de crianças, de ambos os sexos: 7 a 8 anos de idade (grupo 1, n=27) e 9 a 10 anos (grupo 2, n=19). Foi elaborada uma versão do protocolo em português, para crianças, que consiste em 4 evocações de uma lista de 12 palavras (lista A), seguidas da evocação de uma 2a lista (lista B), também de 12 palavras. É feita uma 5a evocação da lista A, logo após a lista B e outra evocação da lista A após intervalo de 20 minutos, seguida do reconhecimento das duas listas. As médias e desvios padrões para as 4 primeiras evocações da lista A (A1 a A4), para o grupo 1 foram: 4,78±1,48 (A1), 6,89±2,06 (A2), 7,74±1,95 (A3) e 8,70±1,86 (A4). Para o grupo 2, as médias e desvios padrões para as 4 primeiras evocações da lista A foram 5,17±1,62 (A1), 7,11±2,05 (A2), 8,17±1,47 (A3) e 9,22±1,48 (A4). A ANOVA revelou efeito do fator evocação (1a a 4a), mas não houve efeito de grupo. Para a evocação da lista B, os resultados foram 4,37±1,71 (grupo 1) e 4,33±1,19 (grupo 2). Para a 5a evocação da lista A as médias foram 6,59±1,89 (grupo1) e 6,56±1,65 (grupo 2). Para a evocação da lista A após intervalo, as médias foram 6,72±2,12 (grupo 1) e 6,61±1,79 (grupo 2). O grupo 1 reconheceu, em média, 10,33±1,94 palavras da lista A e o grupo 2 reconheceu 10,00±1,64 palavras da mesma lista. O grupo 1 reconheceu em média 5,44±2,62 palavras da lista B e o grupo 2 reconheceu 5,00±2,35 palavras da mesma lista. Testes t para amostras independentes revelaram que a diferença entre os dois grupos, para cada um dos escores acima, não foi significativa. Os resultados revelam que não há diferença, na presente amostra, entre os grupos 1 e 2. Este resultado difere do descrito na literatura. Os resultados obtidos pelo grupo 1 não diferem daqueles da literatura, mas o mesmo não se aplica aos resultados do grupo 2. Os resultados são discutidos à luz de outras variáveis demográficas que podem estar por trás da diferença entre os resultados aqui descritos e a literatura.
Rosinda M. Oliveira é bolsista de Produtividade em Pesquisa - CNPq
Pedro M. Brandão Júnior é bolsista de I.C. - CNPq
Jessica S. Macedo é bolsista de I.C. - PIBIC - UNESA
Palavras-chave: Neuropsicologia; Avaliação neuropsicológica; Neuropsicologia clínica

*****

COG 15

DADOS NORMATIZADOS DO TESTE DE FLUÊNCIA VERBAL PARA ADULTOS BRASILEIROS COM ALTA ESCOLARIDADE. *Helenice Charchat Fichman, Rosinda Martins Oliveira, Luciana Bellucci, Márcia Kaiser Ebermohlen, Patrícia Ribeiro Porto, Mônica Regina de Moraes Campos, Tatiana dos Santos Quintério. (Setor de Neuropsicologia, Serviço de Psicologia Aplicada, Curso de Psicologia, Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, RJ)*

O teste de fluência verbal avalia a produção espontânea de palavras iniciadas por uma letra ou categoria semântica específica em um intervalo de um minuto. Os testes de fluência verbal são utilizados para o diagnóstico de doenças do sistema nervoso central, especialmente aquelas relacionadas com o funcionamento dos lobos pré-frontais. Esse teste é considerado um dos mais sensíveis e específicos para o diagnóstico diferencial da Doença de Alzheimer e das afasias. Diante da importância do teste de fluência verbal e da ausência de normas para população brasileira, o presente estudo tem como objetivo estabelecer estas normas, inicialmente para adultos com alta escolaridade, e comparar os resultado obtidos com as normas internacionais. Foram estudados 38 adultos com idade média 26,5 anos e desvio padrão de 4,84. Destes, 24 eram do sexo feminino e 14 do sexo masculino. Todos os sujeitos apresentavam escolaridade maior que 11 anos (segundo grau completo). Todos os indivíduos foram submetidos a três testes de fluência verbal para uma categoria semântica - animais, frutas e roupas- e três testes de fluência verbal fonêmica, palavras iniciando com as letras F, A e M. Os testes foram administrados por 4 examinadoras treinadas. Em cada teste o sujeito foi solicitado a falar o maior número possível de palavras iniciando com uma das letras ou pertencendo a uma das categorias durante um minuto. Foi registrado o número de palavras em cada categoria semântica ou fonêmica e a presença de erros. Os erros foram classificados em: nomes próprios, derivações, perseverações, intrusões, categoria específica e outros. Os resultados obtidos foram: no teste de fluência verbal semântica com categoria animais, a média foi 22,6 ± 5,92, com categoria frutas, a média foi 19,15 ± 4,71 e com a categoria roupas, a média foi 21,02 ± 4,67. No teste de fluência verbal fonêmica com a letra F, a média foi 16,7 ± 4,47; com a letra A, a média foi 15,77 ± 4,99 e com a letra M, a média foi 17,7 ± 3,91, a média da soma de todas as letras foi 50,22 ±1,91. Ao aplicar testes t pareados comparando fluência verbal semântica e fonêmica foi observada diferença significativa (p<0,01) entre cada um dos testes de fluência por categoria e os testes de fluência fonêmica. Ao analisar os erros, o tipo perseveração foi o mais freqüente no teste de fluência animais, palavras iniciadas com a letra A e F. Nos demais testes não houve um tipo de erro mais freqüente. Estes achados concordam com os dados da literatura internacional para a faixa etária e nível de escolaridade estudados.
Rosinda M. Oliveira é bolsista de produtividade em pesquisa - CNPq
Palavras-chave: Fluência verbal fonêmica; Fluência verbal semântica; Teste neuropsicológico

*****

COG 16

DESENVOLVIMENTO DE INTERFACES GRAFICAS PARA SOFTWARES INTELIGENTES DE ENSINO A DISTÂNCIA ASSÍNCRONO PELA INTERNET. *Milton José Paschoal Madeira, Cora Helena F.Pinto Ribeiro, José Falcão M.de Oliveira, Rose Marie Visani, Eduardo Krause Diehl**, Marilda Spindola Chiaramonte**, Francine Biza**, Renata Zanchi**, Karine Beschorner de Souza**, Ricardo Wagner**, Regina Verdin**, Márcio Luís Lopes Barbosa*, Daniel Krieff de Araujo Corrêa* e Simone Dicca Chiarelli* (Grupo de Pesquisa em Processos Cognitivos/Curso de Psicologia/Centro de Ciências da Saúde/Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS/São Leopoldo, Rio Grande do Sul)*

A presente pesquisa apresenta um estudo sobre preferências de interfaces gráficas, considerando os estudos da Ergonomia Cognitiva, investigado através das opções de preferências na cultura dos funcionários de uma Empresa de Telecomunicações. Esta investigação orienta a construção gráfica e navegacional de três Tutores Inteligentes para o ensino assíncrono e individualizado via rede Intranet, para os conteúdos de Telecomunicações, Sistema Digital de Transmissão de Dados (SDH) e Negociação Empresarial. Estes softwares (Tutores Inteligentes) são o propósito principal do Projeto multidisciplinar Tapejara - Sistemas Inteligentes para o Ensino na Internet, que ocorre em parceria entre o Curso de Psicologia da UNISINOS, o Instituto de Informática da UFRGS e a Empresa de Telecomunicações CRT Brasil Telecom, no qual a presente pesquisa se insere. O Instrumento da pesquisa apresenta uma estrutura composta de páginas Web, as quais incorporam tecnologias como Java e PHP, desenvolvido a partir da confecção de um mini-curso de divulgação do Projeto Tapejara para a população-alvo, através de uma rede Intranet. Os procedimentos para a efetiva participação dos funcionários, as instruções de como participar da pesquisa são obtidos durante a navegação pelo curso, enquanto o usuário responde questões específicas para construção de seu perfil, interesse de informações culturais e expõe suas preferências no tocante aos aspectos gráficos e de layout da interface. Os sujeitos pesquisados foram 32 funcionários da empresa de Telecomunicações. Apresentamos aqui, portanto, os resultados referentes aos aspectos gráficos (cores, fontes, distribuição do conteúdo), os aspectos relativos ao modelo de navegação (ícones, textos e menus) bem como informações da caracterização da amostra (sexo, idade, escolaridade etc.) que foram registrados e armazenados num servidor Web e posteriormente analisados, afim de gerar essas informações que subsidiam a construção da interface dos Tutores Inteligentes. Salienta-se que os resultados das análises no que diz respeito aos aspectos gráficos indica que a cor preferida pela população para construção da interface é a azul (com a preferência de 18% dos pesquisados, P < 0,019389), a fonte mais freqüentemente escolhida foi a minúscula sem serifa (44 %, P < 0,028731942), quanto ao modelo de navegação, os resultados indicam que o botão de navegação (avançar) mais utilizado localiza-se no canto inferior direito (49 %, P < 0,007704), os elementos de navegação mais utilizados foram aqueles posicionados à esquerda da tela (57 %, P < 1,48.10-06) enquanto que no que diz respeito aos elementos e posição do menu, os mais freqüentemente escolhidos foram os ícones posicionados à direita (65 %, P < 0,0148). Estes e outros resultados analisados permitem a construção de uma interface amigável, que reflete as preferências da cultura da Empresa-alvo, sendo adaptada à ergonomia cognitiva dos aprendizes, para a montagem dos Tutores Inteligentes previstos no Projeto Tapejara.

Projeto financiado pelo Conselho Nacional de Pesquisa - CNPq e Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS) para uma bolsa BIC
Palavras-chave: Interfaces Gráficas; Tutores Inteligentes; Ensino à Distância

*****

COG 17

ANÁLISE QUANTITATIVA DA RELAÇÃO DE CONTINGÊNCIA ENTRE ANSIEDADE TRAÇO E RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS MATEMÁTICOS. *Daniele Pereira Gonçalves**, Milton José Pendel Medeiros**, Daniela Benites* (Curso de Psicologia/Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI, Santo Ângelo, RS)*

A presente pesquisa surgiu do interesse em estudar as inter-relações entre emoção e cognição. Buscou-se um tipo específico de emoção, ou seja, o conceito de Spielberg de ansiedade traço o qual afirma ser aquela que faz parte da estrutura emocional do indivíduo, que é permanente ou que pode acompanhá-lo por um longo período de tempo. Buscou-se, no que concerne à cognição, a análise de resolução de problemas matemáticos. O objetivo da pesquisa foi o de analisar se a ansiedade traço interfere na resolução de problemas matemáticos em crianças escolarizadas. Para tanto foram utilizados como instrumentos o Inventário de Ansiedade Traço para crianças (IDATE – C) que foi traduzido e adaptado por Biaggio e o de Resolução de Problemas Matemáticos, elaborado especialmente para esta pesquisa. O Inventário de Ansiedade Traço é constituído de duas escalas do tipo auto-avaliação. Nesta pesquisa foi usada a escala A-Traço do IDATE-C, composta por vinte afirmações as quais pedem que a criança indique como geralmente se sente. Este instrumento foi aplicado numa amostra inicial de 464 alunos de escolas públicas estaduais de Santo Ângelo. Com a amostra inicial pôde-se constituir a amostra definitiva composta por 96 alunos, de 3ª série do 1º grau, de escolas públicas estaduais de Santo Ângelo, distribuídos em grupos de Ansiedade Traço alta, média e baixa. A elaboração do Instrumento de Resolução de Problemas Matemáticos passou por cinco etapas: na primeira coletou-se, através das professoras das escolas públicas estaduais da cidade de Santo Ângelo, os conteúdos programáticos da 3ª série do 1º grau concernentes à matemática; na segunda etapa estes conteúdos foram analisados, a fim de que fosse possível compor uma lista de trinta Problemas Matemáticos com conteúdos aprendidos pelos alunos até a época de aplicação deste segundo instrumento; na terceira, esta lista foi mandada a uma especialista da área da Matemática que selecionou 15 desses 30 problemas; em seguida esses 15 problemas foram repassados às professoras que apontaram os 7 problemas mais acessíveis às suas turmas; na última etapa foi montado o instrumento contendo os sete problemas mais votados pelas professoras. O Instrumento de Resolução de Problemas Matemáticos foi aplicado posteriormente na amostra definitiva com a utilização da técnica "thinking aloud", onde se pedia para cada sujeito declarar em voz alta seu pensamento durante a resolução dos problemas. Para a análise quantitativa foram usados os protocolos escritos pelos sujeitos, com os quais, através da correção dos problemas matemáticos, obteve-se a eficácia dos grupos, ou seja, o número de acertos e erros. Aplicando uma Análise da Variância de Um fator nos resultados dos três grupos de Ansiedade Traço (alta, média e baixa) percebeu-se uma grande homogeneização dos dados, ou seja, a pesquisa obteve resultados quantitativos não significativos (p= 0,34). Pode-se, então, concluir que, neste grupo amostral de crianças escolarizadas de Santo Ângelo a ansiedade traço não interfere na eficácia da Resolução de Problemas Matemáticos. A análise qualitativa será realizada posteriormente através dos protocolos verbais resultantes da técnica "thinking aloud".

Projeto financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado Rio Grande do Sul - FAPERGS

Palavras-chave: Contingência; Ansiedade Traço; Resolução de Problemas Matemáticos

---

COG 18

CURVA DE DESEMPENHO DAS MEMÓRIAS RETROSPECTIVA E PROSPECTIVA NO DECORRER DA IDADE. *Nelson Dutra Jr.*, Ana Paula Rosh Kasper*, Ana Carolina Simeão*, Milena Escudero Costa*, Maria Alice M. P. Parente (Departamento de Psicologia do Desenvolvimento e da Personalidade, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS)*

Introdução: A memória envolve uma série de sistemas interligados. Algumas memórias são consideradas retrospectivas, pois evocam informações aprendidas num momento passado. Outro tipo de memória, denominada memória prospectiva, refere-se a acontecimentos futuros, estando relacionada ao planejamento e execução de ações a serem realizadas numa ocasião futura determinada. Memória prospectiva é um sistema complexo que envolve atenção, memória e ação. Apesar de possuir um elemento retrospectivo, a especificidade da memória prospectiva refere-se à intenção da ação, remetendo à lembrança de que algo deve ser feito. A maioria dos trabalhos sobre memória compara jovens com idosos, mas pouco se sabe sobre a curva de desempenho no decorrer da idade adulta e do envelhecimento. Objetivo: comparar o efeito da idade na memória retrospectiva (na memória de curto prazo, na memória de trabalho, na memória textual) e na memória prospectiva, verificando a possível existência de processos cognitivos distintos. População: 85 sujeitos, de ambos os sexos, sem histórico de doenças neurológicas ou psiquiátricas, com escolaridade superior a oito anos e situando-se numa faixa etária de 20 a 81 anos. O número de participantes nas diferentes faixas de 10 anos foi semelhante. Material: O instrumento contou com uma bateria de memória composta pelas seguintes provas: a)span de palavras; b)memória de trabalho; c)memória textual e d)memória prospectiva. Resultados: A regressão logística mostrou que a idade foi um fator importante no desempenho de provas de repetição de palavras fonologicamente semelhantes e de palavras neutras, no teste de memória de trabalho, no total da prova de memória prospectiva e em três itens específicos desta prova. A análise de Odds ratio mostrou que, com aumento de cinco anos, a chance de apresentar piora na memória de curto prazo é de 32% para a prova de palavras similares e de 42% para a de palavras neutras. Já para a prova de memória prospectiva, a chance é de 65%. A probabilidade de piora na memória prospectiva já é evidente na idade adulta, havendo um decréscimo ainda maior após os 60 anos. Entretanto a probabilidade de piora das memórias retrospectivas aparece de forma mais evidente apenas após os 60 anos. Discussão e Conclusão: Os resultados evidenciam que os sistemas de memória retrospectiva e prospectiva são afetados de forma distinta pela idade: a memória prospectiva decresce gradualmente já na fase adulta, enquanto que a retrospectiva é mantida até idades mais avançadas, sofrendo um decréscimo tardio. Esses resultados podem ser explicados pelo fato de que a memória prospectiva constitui um sistema complexo, sendo assim, mais suscetível a pequenas mudanças etárias. Eles também estão de acordo com a noção de que memória retrospectiva e memória prospectiva representam processos cognitivos distintos.

CAPES, CNPq, FAPERGS, PROPESQ.

Palavras-chave: Sistemas de Memória; Memória Prospectiva; Envelhecimento

---

COG 19

(RE)INTERPRETANDO A SALA DE AULA COM O PROFESSOR DE MATEMÁTICA. *Anna Luiza A.R.Martins de Oliveira** (Dep. de Psicologia e Orientação Educacionais, UFPE Recife-PE) e Luciana de Lemos Meira (Pós-graduação em Psicologia, UFPE Recife- PE)*

Nos últimos anos, tem crescido o interesse pela sala de aula de matemática como contexto de pesquisa em psicologia. Vários autores chamam a atenção para interdependência dos componentes do processo de ensino e aprendizagem dessa disciplina e, em particular, para o papel do professor. Projetos na área de educação de professores têm sido propostos visando mudanças nas concepções e posturas desses profissionais no que diz respeito ao ensino da matemática. Adotando como referencial teórico e metodológico a psicologia discursiva, que concebe a educação em sala de aula como um processo discursivo sócio-histórico este trabalho tem como objetivos: compreender a atividade de uma professora de matemática em sala de aula, através da análise de fragmentos discursivos do seu cotidiano escolar; envolver a professora num processo de análise de sua própria prática, através do uso da videografia; e analisar o uso dessa ferramenta (videografia) na formação de professores. Trata-se de um estudo de caso com uma professora da quarta série do ensino fundamental, de uma escola da rede particular da cidade do Recife. Divide-se em três etapas principais: (1) observações, anotações etnográficas e filmagem de aulas de matemática da professora, (2) seleção pela pesquisadora de episódios de aulas gravadas na etapa anterior, para serem analisados pela professora e (3) filmagem do processo de análise dos vídeos pela professora. Em oposição à postura tradicional da pesquisa psicológica, voltada para formulação de leis gerais, para quantificação e que enfatiza a dicotomia cognição e contexto social, esse estudo realizou uma análise qualitativa dos processos investigados, através das seguintes ferramentas: videografia, microanálise interpretativa e análise conversacional. Ao final da pesquisa observou-se que: (1) as interações discursivas entre professora e alunos são influenciadas por suas crenças sobre como as crianças aprendem e qual a melhor forma de ensiná-las, (2) a professora faz uso de uma série de mecanismos de controle em relação ao discurso dos alunos com o objetivo de aproximá-los do significado que ela pretende atingir e (3) a videografia é uma ferramenta útil na formação de professores, desde que sejam planejadas situações que proporcionem a esses profissionais o mínimo de segurança para moverem-se de uma zona de conforto - caracterizada pela previsibilidade e controle - para uma zona de risco - caracterizada pela incerteza, flexibilidade e surpresa. Com relação a esse último ponto, sugere-se que sejam elaboradas situações que envolvam trabalhos em grupo, em que os professores possam analisar, conjuntamente, diversos vídeos sobre sua prática de sala de aula e tenham a oportunidade de confrontar suas crenças sobre o ensino com concepções científicas, para levá-los a possíveis mudanças em sua prática.

CNPq

Palavras-chave: Sala de aula de matemática, Discurso, Formação de professores

---

COG 20

TEORIA DA CODIFICAÇÃO DUAL: A CONSTRUÇÃO DE UMA LISTA DE PALAVRAS SUBSTANTIVO PARA TESTAGEM DOS CONSTRUTOS IMAGEM, CONCRETUDE E SIGNIFICADO. *Maria Martha Khan, Alessandra Ghisolfi Malacarne, André Luiz Moreira*, Luciana Bertoldi* e Michele Mariani* (Núcleo de Estudos Experimentais em Psicologia, Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, RS)*

No paradigma do processamento da informação, uma das principais teorias que tem sido utilizada nos estudos sobre memória é a Teoria da Codificação Dual, proposta por Alan Paivio. Esta teoria tem sido largamente utilizada por ser de fácil testagem empírica, pois apresenta-se uma lista de palavras substantivo e, posteriormente, verifica-se o recordar desta lista. Entretanto, não existem tais listas na língua portuguesa, nem no panorama da psicologia cognitiva brasileira. Logo, são poucos os estudos experimentais sobre memória

e representação mental na perspectiva da teoria da codificação. Assim, o objetivo da presente pesquisa foi construir uma lista de palavras substantivo, considerando os três principais constructos da teoria da codificação dual como variáveis: imagem, concretude e significado. Foram utilizadas três amostras diferentes para cada uma das variáveis, sendo cada uma composta por 30 estudantes secundaristas, perfazendo um total de 90 participantes, com idades entre 16 e 19 anos. Cada lista foi composta por 300 substantivos, previamente selecionados a partir das listas originais produzidas por Alan Paivio. Aos participantes foi solicitado que assinalassem em uma escala de 7 pontos a sua resposta para cada substantivo, tendo sido informado os extremos da escala previamente. As listas foram aplicadas em 7 sessões distintas, com intervalo de aproximadamente 1 semana. Conforme a literatura, os dados foram analisados de modo estatístico, tendo sido utilizado o coeficiente de correlação de Person para análise da interação entre as variáveis imagem e concretude (r = .65), imagem e significado (r=.45) e concretude e significado (r=.65). Os resultados indicam que alguns substantivos, como morte e deus, apresentam uma distribuição bimodal, indicando que estes não deveriam ser utilizados em estudos experimentais. (DAAD)

Palavras-chave: Memória, Palavras substantivo, Aprendizagem verbal

---

COG 21

QUAL O NÍVEL DE CONHECIMENTO ORTOGRÁFICO ACESSADO PELA TAREFA DE ERRO INTENCIONAL?. *Thor Cassiano Ferro Cavalcante e Lúcia Lino Barbosa Rego (Pós-graduação em Psicologia Cognitiva, Universidade Federal de Pernambuco, Recife-PE)*

As crianças enfrentam inúmeras dificuldades na aquisição da ortografia do português. Essas dificuldades de aquisição são decorrentes principalmente da existência de relações não-biunívocas entre letras e sons, que são consideradas problemáticas na aprendizagem da língua escrita. Devido a essa problemática, muitos estudos sobre ortografia foram desenvolvidos com o objetivo de compreender melhor as dificuldades ortográficas dos aprendizes, e para tal foi necessário a criação de instrumentos metodológicos eficazes. Baseado em um modelo teórico da psicolinguística que argumenta que o indivíduo em desenvolvimento reelaborava as suas próprias representações internas em níveis cada vez mais complexos, surgiu um estudo sobre ortografia que se propôs verificar os níveis de conhecimento ortográfico. Esse estudo criou uma tarefa de erro intencional para verificar o conhecimento ortográfico que as crianças tinham elaborado a um nível explícito não-verbal, com a hipótese de que quando a criança transgride propositadamente a norma ortográfica, ela precisa ter um conhecimento explícito do que está violando. Portanto, assume o pressuposto de que um aluno com boa ortografia deveria ter condições de cometer mais erros intencionais do que um aluno com dificuldades ortográficas. Para isso, solicitou-se aos alunos de ensino fundamental em uma situação de brincadeira de faz-de-conta, que escrevesse um texto com erros intencionais. Nessa investigação foi concluído que a tarefa de erro intencional acessa um nível de conhecimento explícito não-verbal e que os alunos que sabem mais ortografia eram intencionalmente mais nos contextos ortográficos críticos (efeito da escolaridade). O presente estudo surgiu para verificar se a tarefa de erro intencional realmente acessa o nível de conhecimento explícito não-verbal sugerido por esse estudo anterior e consequentemente saber qual a influência da escolaridade na capacidade de realização dessa tarefa pelas crianças. Para tal foram investigadas duas regras de contexto: o uso do R e do RR, a nasalização diante de P e B e diante das demais consoantes. A amostra foi constituída por 60 crianças, sendo 30 alunos de 2ª série e 30 alunos de 4ª série do ensino fundamental, de duas escolas particulares da cidade do Recife. Foi realizado, inicialmente, uma tarefa de ditado de palavras e de pseudopalavras, avaliando o percentual de acertos nos contextos ortográficos investigados, e posteriormente, uma tarefa de erro intencional em que as crianças eram solicitadas a errar intencionalmente (num contexto de brincadeira de faz-de-conta). Os resultados indicaram que em todos os contextos ortográficos a escolaridade exerceu forte influência na capacidade de errar intencionalmente, quando aplicado um teste estatístico houve diferenças significativas entre as séries em todos os contextos ortográficos. Esses resultados não indicam que os alunos que sabem mais ortografia eram mais intencionais, pois os alunos da 2ª série têm altos percentuais de acertos nos contextos investigados. Os resultados sugerem que a tarefa de erro intencional é uma atividade metaortográfica complexa e é uma medida imprecisa para acessar o nível de conhecimento ortográfico explícito não-verbal. Essa tarefa acessa o conhecimento das possibilidades ortográficas, podendo ser usada como atividade pedagógica que leve a reflexão das crianças sobre a norma ortográfica.

CNPq

Palavras-chave: Ortografia; Metacognição; Instrumento metodológico

---

COG 22

USO DO CONHECIMENTO ORTOGRÁFICO POR CRIANÇAS DE LÍNGUA PORTUGUESA E INGLESA. UM ESTUDO COMPARATIVO. *Ana Cortez, Elizabet Menezes (Universidade Federal do Rio de Janeiro) e Morag MacLean (Oxford Brookes University)*

O entendimento que a criança possui das convenções ortográficas de sua primeira língua tem sido investigado quer a partir da análise dos erros ortográficos cometidos pelas crianças quer através de tarefas que permitam examinar o uso de analogias ou o papel da consciência morfossintática na escrita da criança. Ler e escrever em um sistema ortográfico irregular, como é o caso da inglês, requer o emprego de estratégias tanto lexicais (relativas à palavras) como não-lexicais (baseadas nas correspondências grafofônicas). Apesar de sistemas ortográficos mais regulares que o inglês, como a língua portuguesa, permitirem o emprego eficaz de estratégias não-lexicais, isto não significa, porém, que esta seja a única estratégia requerida nestas línguas para o aprendizado da escrita. O presente estudo examina diferenças quantitativas na escrita ortográfica da criança em idade escolar e sua capacidade de testar hipóteses acerca de palavra desconhecida em duas línguas: o português e o inglês. A comparação entre as duas línguas permite examinar o desenvolvimento do conhecimento da criança em dois sistemas ortográficos com marcada diferença quanto à sua regularidade. Foram entrevistadas 81 crianças brasileiras dos 1º e 2º Ciclo do Ensino Fundamental com idades entre 7 a 12 anos e 95 crianças inglesas com idades e escolaridade equivalentes. A atividade proposta às crianças foi a de jogar forca com as pesquisadoras. Foram usadas no jogo palavras de 4 e 5 letras com diferentes padrões silábicos ortográficos. Não foi observada diferença significativa no desempenho das crianças inglesas em termos do tamanho das palavras ou de seus padrões silábicos. Entretanto, o desempenho das crianças brasileiras foi bastante heterogêneo para as palavras de 4 letras, especialmente em relação àquelas que se desviavam do padrão silábico ortográfico CVCV, indicando uma maior sensibilidade da criança brasileira ao padrão silábico. A análise qualitativa dos protocolos mostrou que as escolhas de letras das crianças durante o jogo também foi guiada por sua sensibilidade à especificidade ortográfica de cada língua. Em relação às estratégias utilizadas durante o jogo para descobrir a palavra desconhecida observou-se, para ambas as línguas, o uso tanto de estratégias lexicais como não-lexicais, havendo, porém, maior uso das estratégias lexicais para as palavras de 4 letras. O padrão de uso de tais estratégias, entretanto, variou conforme as diferentes fases do jogo. As crianças inglesas fizeram pouco uso da estratégia lexical a não ser ao final do jogo enquanto as crianças brasileiras a usaram comparativamente mais tanto na abertura como ao desenvolvimento do jogo, sendo, assim, o seu padrão de uso influenciado pela escolaridade. O uso de estratégias lexicais e não-lexicais pelas crianças foi influenciado, também, pela demanda cognitiva da tarefa nas diferentes fases do jogo. Os resultados sugerem que as estratégias lexicais e não-lexicais não se mostram como vias independentes e alternativas para a aquisição da ortografia. Ao contrário, tais estratégias parecem interagir mesmo em línguas com diferentes graus de regularidade em seus sistemas ortográficos.

FAPERJ e CNPq

Palavras-chave: Ortografia; Escrita; Estudo comparativo

COG 23

O USO DAS ROTAS DE LEITURA FONOLÓGICA E LEXICAL EM ESCOLARES: RELAÇÕES COM COMPREENSÃO, TEMPO DE LEITURA E CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA. *Jerusa Fumagalli de Salles*, Vanessa Soares Mauricette* e Maria Alice de Mattos Pimenta Parente (Departamento de Psicologia do Desenvolvimento e da Personalidade, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS)*

Este estudo analisa o aspecto cognitivo da leitura, tendo como aportes teóricos a Psicologia Cognitiva, abordagem do processamento da informação, e a Neuropsicologia Cognitiva. Os objetivos foram analisar a validade dos Modelos Cognitivos de Leitura de Dupla-Rota, o uso preferencial sobre uma das rotas de leitura e as possíveis relações com compreensão, tempo de leitura e consciência fonológica em uma amostra de 76 crianças, de ambos os sexos, com idades entre 8;9 e 9;8 anos. A amostra freqüentava segunda e terceira série do Ensino Fundamental de uma escola particular de Porto Alegre-RS, que atende uma população de classe sócio-econômica média-alta. As crianças foram avaliadas em relação às habilidades de leitura de palavras isoladas (regulares, irregulares e pseudopalavras), compreensão de leitura (reconto de história e resposta a questões de múltipla escolha), tempo de leitura textual e consciência fonológica (análise e síntese fonêmica e identificação de rimas). Para identificar grupos quanto às rotas preferencialmente usadas na leitura de palavras, foi utilizada a análise de cluster com os valores das porcentagens de acertos nesta tarefa. Foi possível identificar quatro grupos segundo as habilidades de leitura de palavras isoladas: 1) bons leitores por ambas as rotas (fonológica e lexical); 2) maus leitores por ambas as rotas; 3) leitores preferencialmente lexicais e 4) leitores preferencialmente fonológicos. Quase metade da amostra fazia uso proficiente de ambas as rotas de leitura, fonológica e lexical. O fator Grupo de Leitores determinou diferenças de desempenho em tempo de leitura de texto e consciência fonológica. Crianças proficientes no uso de ambas as rotas de leitura de palavras possuem melhores habilidades de consciência fonológica e foram mais velozes na leitura textual. O fator série escolar influenciou no desempenho de todas as habilidades estudadas. Crianças da 3ª série apresentaram melhores habilidades compreensivas, de leitura de palavras e de consciência fonológica do que crianças da 2ª série e foram mais velozes na leitura textual. As quatro habilidades consideradas no estudo (precisão na leitura de palavras isoladas,

compreensão de leitura, tempo de leitura textual e consciência fonológica) estavam correlacionadas entre si. Das variáveis estudadas, consciência fonológica mostrou-se o melhor preditor da variância em precisão na leitura de palavras isoladas e em compreensão de leitura. Conclui-se que os modelos de leitura de dupla-rota são válidos para explicar as habilidades de leitura das crianças estudadas: ambas as rotas de leitura são funcionais na amostra, porém a rota fonológica parece estar melhor desenvolvida do que a rota lexical, que está em expansão, sugerindo um processo de desenvolvimento das habilidades de leitura. O leitor hábil e preciso é aquele que faz uso proficiente de ambas as rotas de leitura de palavras.

Apoio Financeiro: bolsa do CNPq

Palavras-chave: Rotas de leitura; Compreensão de leitura; Consciência fonológica

* * * *

COG 24

A METACOGNIÇÃO E A AQUISIÇÃO DE CONCEITOS MATEMÁTICOS ELEMENTARES. *Anderson Sardou Oliveira*, Brígida Sá Lima*, Bruno Bordon Ribeiro*, Danielle Mangualde Rodrigues*, Eduardo Castello Branco*, Juliana Sobral de Oliveira*, Marcelo Giglio**, Maria Eduarda Moleu Bandeira* e Samantha Grisel Baltazar* (Laboratório de Metacognição/Instituto de Psicologia/Universidade Federal do Rio de Janeiro/Rio de Janeiro - RJ)*

O Laboratório de Metacognição é um projeto integrado que vem há anos pesquisando o uso de técnicas metacognitivas em sala de aula, seja quanto ao desenvolvimento de processos cognitivos inatos, como em relação a áreas de ensino formal. No que concerne ao ensino da matemática, nosso trabalho tem por objetivo elaborar um instrumental lúdico (jogos) através do qual as crianças apreendam as regras generativas que conduzem a um domínio conceitual metacognitivo de enumerabilidade, primordialmente quanto ao princípio ordinal (agrupamento V de Piaget) mas também envolvendo a compreensão do princípio cardinal (inclusão/composição aditiva - agrupamento I) e atividades de conservação numérica - um Manual Técnico de prontidão para uso do professor, em fase final de conclusão. Nosso projeto traz ainda atividades introdutórias com o objetivo de estimular a reflexão sobre a função social dos números e sua identificação pelas crianças e, sobretudo, validar por meio de estudos e pesquisas uma técnica de modelação (elaboração dirigida) que capacite a veiculação daquelas regras generativas e oportunizar uma maior igualdade social pela via do desenvolvimento cognitivo. Participaram na pesquisa, através de aplicações sucessivas em campo, crianças com pouca ou nenhuma escolaridade formal, pertencentes a classes sociais distintas, com idades variando entre 4 e 6 anos. Foram elaborados testes individuais destinados a mensurar o domínio conceitual de enumerabilidade pela explicitação de esquemas e operações mentais relevantes, antes e depois do treinamento experimental por meio de jogos; estes consistem em atividades realizadas com grupos experimentais de até 10 (dez) crianças, conduzidas por um aplicador e um observador treinados, visando favorecer a ontogênese do conceito de número enquanto produto de uma relação serial aditiva. Os ótimos resultados alcançados, do ponto de vista estatístico, apontam para a viabilidade do uso sistemático da metacognição em sala de aula, no âmbito do ensino da matemática dentro dos primeiros anos de escolaridade e notadamente entre a população sócio-economicamente desfavorecida (t de Student = 3,72, $p<.01$; $t=2,42$ $p<.05$; r de Pearson = .82 no pós-teste, subtarefa de seriação). Coerentemente à proposta de habilitar a criança ao seu aprendizado futuro, pretende-se logo estender a técnica ao ensino de outros tópicos ensinados desde o pré-escolar ao primeiro ciclo do ensino fundamental.

Projeto financiado pelo CNPq, CEPG e FAPERJ

Palavras-chave: Desenvolvimento; Cognição; Educação

* * * *

COG 25

ANÁLISE DE PROCEDIMENTOS USADOS EM TAREFAS DE DIVISÃO. *Márcia Regina F. de Brito (Universidade Estadual de Campinas)*

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), o trabalho com as operações aritméticas pode ser realizado através da compreensão dos diferentes significados de cada uma delas, nas relações existentes entre elas e na aprendizagem significativa de cálculos de diferentes tipos (cálculo mental ou escrito, exato ou aproximado). A metodologia da solução de problemas com as quatro operações torna-se de grande importância para o exame do raciocínio lógico-matemático, em particular, o exame de conceitos que, inseridos em situações-problema, requerem o uso de tais operações, como ocorre, por exemplo com situações que envolvem razão e proporção. No caso da divisão, por exemplo, pode-se formular situações-problema que contêm significados à divisão: ações "repartir (igualmente ou não)" e "determinar quanto cabe". Estudos anteriores mostraram que o conceito de divisibilidade e divisão estão entre os mais difíceis de serem compreendidos. Esta dificuldade permanece, muitas vezes, ao longo da escolaridade. Além disso, pela própria natureza, a divisão é considerada a mais difícil das operações aritméticas. Com o objetivo de examinar o uso e a adequação da divisão em situações-problema diversas, apresentou-se a 390 alunos de quarta e quinta séries três tarefas distintas de divisão, com graus variados de dificuldade. Essas tarefas faziam parte de uma testagem maior feita através de uma prova tipo lápis e papel. O objetivo era verificar quais os procedimentos usados; a adequação das respostas a problemas de divisão inexata; o grau de facilidade para adequar o enunciado do problema, o procedimento e a resposta; e, a representação do conceito de divisão do todo. Verificou-se que alguns participantes tentaram encontrar a solução ao acaso, por ensaio e erro, ou tentavam descobrir palavras-chave nos problemas que indicassem os cálculos que deveriam ser efetuados, sem procurar a solução por meio do raciocínio e estabelecimento de relações. Outros, tentaram aplicar diferentes algoritmos sucessivos, não demonstrando nem uma compreensão adequada da proposição verbal do problema e nem conhecimento sobre a adequação entre a proposição inicial e o resultado final obtido. Quando solicitados a explicar suas respostas, um número considerável de sujeitos simplesmente explicou a primeira etapa da solução, ignorando totalmente o resto da divisão, o que indica que os estudantes não estavam estabelecendo relações entre a situação inicial, as transformações obtidas via procedimento e o estado final do problema. De maneira geral, pode-se afirmar que, para os sujeitos desses dois grupos, o uso de um único algoritmo foi a única forma de concretização da resposta, isto é, o sujeito selecionava um algoritmo e o aplicava como instrumento de registro para responder às tarefas apresentadas. Com relação à representação apresentada por uma parcela dos sujeitos (n=50) foi verificada uma grande dificuldade para perceber a representação da divisão de figuras e resolver o problema relacionado.

Palavras-chave: Solução de problemas; Divisão; Análise de procedimentos.

* * * *

COG 26

QUANDO FAZER CONTAS NÃO É A ÚNICA FERRAMENTA PARA A RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS. *Jane Correa (Universidade Federal do Rio de Janeiro)*

Através do seu papel amplificador e estruturador para a cognição, a matemática é ao mesmo tempo objeto de conhecimento e instrumento de pensamento. A ênfase na precisão do cálculo tem feito com que o ensino da matemática nas séries iniciais do primeiro grau negligencie ferramentas cognitivas importantes para o raciocínio como a estimativa e o julgamento relativo de quantidades. O uso de tais recursos tem sido apontado nas pesquisas em psicologia cognitiva como importante para que as crianças mais novas possam lidar com situações-problema envolvendo conceitos matemáticos complexos para os quais ainda não desenvolveram as competências de cálculo apropriadas. No que se refere especificamente à aritmética, seria mais fácil, então, para a criança mais nova raciocinar sobre as relações entre as quantidades na divisão em termos relativos, usando por exemplo, relações como "mais que/menos que", do que pela quantificação numérica precisa do resultado da operação. Em se tratando, ainda, da compreensão inicial do conceito de divisão pela criança, há que se distinguir duas classes de situações-problema: as de divisão partitiva e as de divisão por quotas. Nos problemas de divisão partitiva procura-se repartir uma dada quantidade em um número igual de partes, enquanto nas situações envolvendo a divisão por quotas, procura-se determinar quantas vezes é possível obter quotas de mesmo tamanho a partir de uma dada quantidade. No presente trabalho, investigou-se, portanto, o entendimento intuitivo que crianças entre 6 e 7 anos têm da divisão partitiva e por quotas em dois tipos de tarefa. Em uma delas, as crianças deveriam estimar o valor relativo dos quocientes. Em outra, deveriam calcular o valor numérico do quociente. Para os dois tipos de tarefas, os valores usados para o dividendo foram 12 e 24 e, para o divisor, 2, 3 e 4. A percentagem de crianças que resolveram as situações-problema foi maior quando lhes foi permitido raciocinar em termos relativos do que quando se lhe exigiu, como resposta, o cálculo do valor numérico. Tais resultados foram observados tanto nas tarefas de divisão partitiva como naquelas de divisão por quotas. Uma vez que, do ponto de vista cognitivo, a experiência da criança com diferentes tipos de situações e formas de representação é fundamental para o desenvolvimento de conceitos matemáticos, os resultados obtidos encorajam, no aprendizado da aritmética, o uso da estimativa com ênfase nas relações a serem estabelecidas entre os fatores cruciais para a solução do problema. Este recurso auxiliaria a criança a direcionar seu pensamento, contribuindo para que, no futuro, ela possa julgar, inclusive, a plausibilidade dos cálculos que realiza através da intuição construída acerca dos efeitos de uma dada operação aritmética. (CNPq)

Palavras-chave: Compreensão Da Divisão; Estimativa; Conceitos Matemáticos

* * * *

PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO

DES 01

O ADOLESCENTE NO MUNDO CONTEMPORÂNEO: UM RETRATO ATRAVÉS DE DIÁRIOS. *Josiane de Paula Lima Isaac e Regina Helena Lima (Departamento de Psicologia e Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP)*

A adolescência tem sido considerada um período crítico de definição de identidade, que se desenrola em meio a conflitos e desequilíbrios, caracterizando-se principalmente por uma imagem associada a turbulências emocionais. No entanto, quando partimos da concepção de adolescência como fenômeno cultural, esta imagem começa a ser questionada na amplitude de sua validade. Este trabalho tem por objetivo contribuir para o conhecimento destas vivências a partir da ótica do próprio adolescente, através da análise de diários escritos no final da década de noventa. Foram analisados qualitativamente quatro diários, compostos cada um por um conjunto de um a três cadernos, num total de oito cadernos; estes diários foram escritos entre os anos de 1993 e 1998, por autoras com idade entre 10 e 15 anos, pertencentes às camadas médias, e que faziam parte de um mesmo círculo de amigas. A análise foi levada a efeito através de leituras sucessivas do material; numa primeira etapa foi realizada a leitura do conjunto de cadernos na sua íntegra, numa segunda, realizou-se a releitura dos cadernos diário a diário, fazendo-se o levantamento dos temas presentes. A partir do enfeixamento entre os temas levantados em cada diário foram delineados os tópicos finais de análise que permitiram uma descrição de todo o material de tal forma a caracterizar as vivências ali retratadas. Em termos formais os diários são escritos de maneira coloquial, ocorrendo com freqüência erros gramaticais e sintáticos. A pontuação e os parágrafos são escassos, propiciando misturas entre os assuntos tratados num mesmo dia e reforçando o sentimento no leitor de que se escreve da maneira como se fala. Muitas vezes o texto consiste num diálogo imaginário com o próprio diário, que aparece personificado na figura de um ouvinte. Quanto às temáticas, predominam aquelas ligadas às relações afetivas entre os sexos opostos, e às relações estabelecidas no grupo de amigas, abordadas de maneira mutuamente imbricada. As experiências aparecem retratadas como definitivas e vivenciadas com uma tonalidade afetiva intensa, mas rapidamente deixadas de lado e os sentimentos substituídos por outros completamente opostos. A aproximação com o sexo oposto aparece, por um lado, através da escolha de artistas famosos como ídolos, e por outro, através da vivência de situações em que a "paquera" gradualmente se transforma no "ficar". Estas últimas são partilhadas pelo grupo, e aparecem nos diários através de uma linguagem de códigos comum a todo o grupo, e cuja tradução consta em legendas nos próprios escritos. A paquera e o ficar são motivo de rivalidade e disputa dentro do grupo, a maior experiência posiciona a menina numa situação de superioridade frente às outras, mas o grupo se une perante à ameaça ao "sucesso" causada por alguém de fora. Este quadro mostra uma adolescente implicada nas questões particulares relacionadas a suas vivências, que explora as possibilidades de sensações e atitudes no relacionamento em turma, a fim de delimitar um papel pessoal e social. Por outro lado a intensidade das vivências aparece contrabalançada pela sua fugacidade, num quadro que coincide apenas parcialmente com a imagem de conflitos e desequilíbrios.

Palavras-chave: Adolescência, Diário, Sexualidade

****

DES 02

A PERSPECTIVA DE FATORES DE RISCO E PROTETORES X A DE REDE DE SIGNIFICAÇÕES NA COMPREENSÃO DE TRAJETÓRIAS CRIMINAIS. *Ana Paula Soares da Silva** e Maria Clotilde Rossetti-Ferreira (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, SP)*

A literatura sobre envolvimento, permanência e rompimento com práticas criminais ao longo do ciclo vital tem privilegiado o levantamento de fatores de risco e/ou protetores para cada uma dessas etapas desenvolvimentais. A partir da perspectiva de Rede de Significações, que se fundamenta em pressupostos sócio-históricos e sustenta a complexidade e o processo de significação como fundantes e constituintes do desenvolvimento humano, considera-se que, além do levantamento de diferentes fatores e suas associações, faz-se necessário procurar compreender as redes de significações presentes em cada momento de vida das pessoas e os mecanismos que medeiam e que significam a tessitura desses fatores numa trajetória de vida particular. Partindo dessa abordagem, o presente projeto tem por objetivo compreender as redes de significações que permeiam as avaliações e interpretações sobre o movimento de continuidade/rompimento com atos infracionais, a partir da narrativa de homens que tiveram envolvimento com o crime. A coleta de dados foi realizada através da técnica de história de vida associada ao uso de entrevistas semi-estruturadas, com dois homens em torno dos 45 anos de idade: um envolvido com o delito desde o início da adolescência e, outro, não mais envolvido, mas que cometeu infrações no final da adolescência e por vários anos da vida adulta. A análise é feita em dois níveis: 1) através da metodologia de Rede de Significações, onde são identificados os contextos, as características individuais e os parceiros de interação no ciclo de vida (infância, adolescência e vida adulta) dos participantes; 2) através da interpretação das narrativas que os participantes fazem de si mesmos, buscando temáticas e posicionamentos em relação à continuidade/mudança no envolvimento com o crime. A partir do primeiro nível, os resultados têm indicado que: 1) não são os fatores em si que conduzem para uma determinada trajetória, mas sim, o significado pessoal e coletivo que a eles são atribuídos nas interações que estabelecem nos vários contextos em que se inserem (grupo de amigos, família, vizinhança, instituições etc); 2) o "poder" e a hierarquia de influência desses elementos devem ser considerados em relação aos demais, ou seja, é o movimento de circulação entre esses espaços/fatores e a complementariedade de significados que os indivíduos estabelecem entre eles que indicam a capacidade que eles possuem de, de modo articulado, afetar e constituir a trajetória de vida de uma pessoa determinada. Já no segundo nível, são verificadas algumas diferenças entre as narrativas: 1) o participante ainda envolvido com o crime apresenta uma narrativa muito mais reflexiva, com posicionamentos que abrem a possibilidade de retorno e dúvida em relação a futuros atos criminais; 2) o outro participante tem uma narrativa mais definida, determinada e persuasiva, construindo uma versão atual de si enquanto um conselheiro e colaborador para que outros não venham a passar pelo que ele passou. Os resultados também questionam a polaridade presente nos estudos revisados entre continuidade e mudança no envolvimento com o crime, que aparecem muito mais como acontecimentos de um mesmo fenômeno desenvolvimental.

(FAPESP)

Palavras-chave: Trajetória criminal, Mudança/continuidade, Narrativa

****

DES 03

O QUE PROPICIA O SURGIMENTO DO COMPARTILHAR/AJUDAR NAS CRIANÇAS EM RISCO DE DESENVOLVIMENTO?. *Sylvia de Siqueira Nunes**, Cecília Guarnieri Batista e Adriana Cristine Venâncio* (Cepre-FCM-Unicamp, Campinas, SP)*

Crianças com problemas orgânicos podem estar em risco de desenvolvimento. Isso é particularmente verdadeiro para crianças com diagnóstico de deficiência visual, em muitos casos acompanhada de outros problemas orgânicos. Em sua história inicial, é muito freqüente ocorrerem interações que se caracterizam por superproteção, mimo e não imposição de limites, acrescida da descrença nas possibilidades de aprendizagem da criança. Nesse contexto, é muito provável a criança ser menos exposta às situações de interação com outras crianças que normalmente favorecem o desenvolvimento social. Coloca-se, então, a pergunta sobre as formas de interação entre essas crianças, e, especialmente, no que se refere ao compartilhar e ao ajudar. No presente estudo, foram analisados episódios de interação entre crianças, observadas em um período de quatro meses para um grupo composto por sete crianças, na faixa etária de 4 a 6 anos. Três crianças eram cegas e as demais tinham diagnóstico de baixa visão. Diagnósticos de doenças adicionais incluíam: toxoplasmose (2), complicações devidas à prematuridade (2) e síndrome de origem genética (1). As atividades dos grupos de Psicologia Educacional eram semanais, com duração de 90 minutos. Eram filmadas e também era feito um relato cursivo da mesma. Foram analisadas as atividades relativas aos momentos menos estruturados da sessão (objetos variados no tapete, sendo o adulto coordenador responsável pela mediação da exploração dos objetos e das interações entre as crianças). A análise dos relatos e transcrições dos vídeos das sessões permitiu identificar os seguintes tipos de interação entre as crianças: a) relativas ao brincar: isolamento com barreira (a criança brinca sozinha e dificulta a aproximação de colegas); isolamento sem barreira; uso paralelo de brinquedo com algum contato com colegas; compartilhamento; b) relativas ao ajudar: oferta de objetos ao colega, orientação referente ao manuseio de algum objeto ou à execução de alguma atividade. Dentre essas modalidades, observou-se um predomínio de brincadeira isolada. Várias das crianças não apresentaram exemplos de compartilhar e ajudar, principalmente as que haviam ingressado neste ano. Houve redução do isolamento com barreira, e aumento do uso paralelo de objetos. Um exemplo é o de Beatriz (nomes fictícios), que inicialmente não deixava os colegas chegarem perto dos objetos que estava manuseando. Algumas semanas depois, foi observado um episódio em que brincou lado a lado com Valdir, ambos fazendo montagens com o brinquedo Polifórmico, e Valdir "puxando" conversa sobre os tamanhos das respectivas montagens. Outro exemplo é do próprio Valdir, que nos anos anteriores raramente falava, e que passou a disponibilizar materiais, descrevendo-os e entregando-os aos colegas. Quanto aos possíveis motivos para a escassez do compartilhar/ajudar, sugere-se que se deva, em parte, à falta de oportunidades anteriores de convivência adequadamente mediadas, somadas às atitudes familiares anteriormente citadas. Quanto aos modos de promover essas modalidades de interação, sugere-se a influência de: tipo de material apresentado (diferentes opções); disponibilidade dos objetos (número elevado de peças), organização espacial da sala, e tipos de intervenção do adulto (favorecimento "indireto" da interação entre as crianças; intervenção em situações de conflitos). Sugerem-se medidas para favorecer o desenvolvimento social dessas crianças, de forma a reduzir as defasagens atualmente observadas.

Infraestrutura Fapesp, 1998/99023-3. Faep - Unicamp 026/1999 e 131/2000

Palavras-chave: Desenvolvimento social; Crianças com deficiência; Risco de desenvolvimento

****

DES 04

AVALIAÇÃO ASSISTIDA: TAREFAS DE CONTAGEM EM CRIANÇAS EM RISCO DE DESENVOLVIMENTO. *Cecília Guarnieri Batista, Sabrina de Silveira Neves** e Márcia Cristina Rodrigues* (Cepre/FCM-Unicamp, Campinas, SP)*

O objetivo do presente trabalho é discutir a contribuição da avaliação assistida, especificamente em uma tarefa de contagem, para a identificação de habilidades cognitivas em crianças em risco de desenvolvimento. Foram aplicadas provas assistidas de contagem a seis crianças em risco de desenvolvimento, na faixa etária de 4 a 10 anos. Todas as crianças tinham diagnóstico de deficiência visual (2 cegas, 4 com baixa visão, dentre as quais duas enquadráveis na categoria "profunda"). Os problemas orgânicos adicionais incluíram: epilepsia (2), síndrome de origem genética (1) e toxoplasmose e hidrocefalia (1). As provas foram aplicadas por duas vezes, com intervalos de um ano entre elas. Para as crianças com seis anos ou mais, foi também aplicado o WISC verbal. A análise dos dados constou de exame das transcrições das provas assistidas (contagem 4 e 9 cubos e, dependendo do desempenho da criança, prova de subtração, um a um, após a contagem de 9) e análise do protocolo do WISC - aritmética (três primeiras questões). As provas assistidas foram classificadas de acordo com os seguintes critérios: a) Grau de acerto: A - respostas corretas desde o início; B - respostas corretas após a orientação do aplicador durante a prova; C - ausência de respostas ou respostas incorretas. b) Nível de orientação: N - ausência de orientação, OI - orientação indireta; OD - orientação direta. A análise dos dados de avaliação assistida mostrou que o desempenho da maioria das crianças melhorou ao longo das aplicações. Dentre os níveis de orientação, predominou a orientação direta (envolvendo, principalmente, a organização das peças contadas). O desempenho tendeu a ser melhor na avaliação assistida que no WISC. Os resultados indicaram contribuições da avaliação assistida. Mostraram que tornar a avaliação um momento de aprendizado (através de dicas e orientações) pode evidenciar capacidades da criança, uma vez que as intervenções de orientação permitiram, além da identificação de conhecimentos já adquiridos, a análise mais detalhada do processo de elaboração cognitiva pela criança, pela forma como ela aproveitava, ou não, as orientações fornecidas. No caso da contagem, essa análise permitiu identificar os aspectos em que a criança tinha mais facilidade (ou dificuldades), dentre aqueles relevantes para a contagem (correspondência um a um, princípio cardinal e verbalização da seqüência numérica em ordem crescente ou decrescente). A flexibilidade da interação permitiu, também, conhecer a receptividade (ou oposição) das crianças às interações de ensino, o que é bastante relevante, em crianças com histórias anteriores de rotulação e/ou fracasso escolar. Considerou-se que, no presente estudo, a modalidade de avaliação assistida permitiu a identificação dos modos de aprender das crianças, de acordo com a concepção de Vygotsky e outros autores de orientação sócio-histórica a respeito de avaliação de habilidades.

Infra-estrutura Fapesp, 1998/8942-3. Faep - Unicamp 026/1999 e 131/2000.
Palavras-chave: Avaliação assistida; Contagem numérica; Crianças com deficiência

***

DES 03

O CONTEXTO DO DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS DE 3 ANOS: A ESCOLA E A FAMÍLIA. *Silvia Regina Ricco Lucato Sigolo (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual Paulista - Araraquara - SP) e Taciana Mirna Sambrano** (Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar, Universidade Estadual Paulista – Araraquara - SP)*

Em consonância à perspectiva ecológica, além do lar, a instituição infantil é o único ambiente que serve como um contexto abrangente para o desenvolvimento humano à partir dos primeiros anos de vida, porque proporcionam a oportunidade de investigar o impacto de um ambiente primário concomitante sobre o curso do desenvolvimento ao longo da vida. A literatura demonstra que as modificações nas estruturas e nos modos de vida familiares e nos processos escolares deram origem a um sistema de interdependências e de influências recíprocas entre estas duas instituições e neste sentido, este trabalho objetiva descrever e analisar a relação família e escola e a visão dos diferentes "atores" que representam estas instâncias: diretoras, professoras e mães, envolvidas no início do processo de escolarização de crianças em instituição de ensino pré-escolar. Foram entrevistadas quatro mães de crianças de 3 anos ingressantes em um Centro de Educação e Recreação, sem histórico de freqüência pregressa em instituições pré-escolares, a professora responsável pela classe de 3 anos no mesmo C.E.R. e a respectiva diretora. Como instrumento para a coleta de dados, utilizou-se a entrevista semi-estruturada. O roteiro de entrevista dirigido às mães busca elucidar questões relativas à escola na vida das crianças, o processo de adaptação, a educação infantil, a criança na escola e a rotina familiar. O roteiro elaborado para a direção escolar segue uma divisão metodológica em termos das descrições e julgamentos da direção e propostas da escola, nas questões relativas ao processo de entrada das crianças na instituição, comunicação família-escola e expectativas familiares em relação à unidade escolar, enquanto que o dirigido à professora enfatiza a estrutura escolar, os primeiros dias de aula e relacionamentos com a família, além de questões acerca das crianças da pesquisa. Os resultados revelam que as mães sentem-se satisfeitas com a escola da criança, suas expectativas estão sendo atingidas, embora encarem a educação infantil enquanto momento para socialização e brincadeiras, não havendo referências para aspectos pedagógicos da ação educativa, relatam diferenças no comportamento da criança entre o momento presente e o anterior ao ingresso escolar, tanto positivas, como desinibição, autonomia e independência em relação à figura materna, quanto negativas, como agressividade física e verbal, diminuição do tempo disponível para a interação mãe e criança, a ruptura de hábitos e desajustes nas relações familiares, conduzindo à busca de novas adequações e mudanças na rotina da mesma. Os dados obtidos com a direção escolar demonstram que, embora haja um plano escolar que objetive integrar a família e a escola, pouco se efetiva na prática, pois os contatos resumem-se basicamente às periódicas reuniões de pais. Desta forma, de acordo com a perspectiva ecológica as alterações que ocorrem em um membro da família, acabam por modificar as relações familiares como um todo, sendo a inserção da criança na pré-escola um exemplo dessas alterações. Neste sentido, há a necessidade de estudos no campo da interação família e escola, uma vez que se trata de uma relação complexa e assimétrica no que tange aos valores e objetivos entre as duas instituições.

Palavras-chave: Desenvolvimento Infantil; Família; Escola

***

DES 04

O DESENVOLVIMENTO DA NOÇÃO DE RELIGIOSIDADE NA INFÂNCIA A PARTIR DA CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE PECADO. *Thiago Barbosa Rodrigues Reis* e Alderson L. Costa Júnior (Universidade de Brasília, Brasília, DF)*

Em todas as sociedades humanas observa-se registros de fenômenos da ordem do religioso. A religião é apontada como uma condição para a aquisição e manutenção de relações sociais entre indivíduos e sociedades, sendo mediadora das noções de sanção e de moralidade. Conforme o modelo teórico piagetiano, o desenvolvimento do julgamento moral da criança ocorre ao longo de estágios cognitivos evolutivos. Observa-se que como a construção do pensamento lógico se estabelece no decorrer destes estágios, mudanças no desenvolvimento das cognições das crianças alteram o modo como elas efetuam julgamentos acerca de assuntos morais. Este estudo teve por objetivo investigar como o conceito de religiosidade se desenvolve na criança a partir da noção de pecado - caracterizado pelas possíveis relações entre moralidade e religião. Para tanto, foi planejada uma atividade lúdica com dois grupos distintos: (a) o primeiro, composto por 8 crianças entre 5 e 7 anos de idade - segundo o modelo piagetiano, período pré-operacional, de representações ou intuições articuladas; e (b) o segundo, composto por 8 crianças de 10 a 12 anos - período de operações concretas, conforme a Epistemologia Genética de Piaget. As crianças de ambos os grupos estavam inseridas no contexto religioso evangélico - presbiteriano, para o qual o conceito de pecado é o expoente máximo de sanção moral. Nesta atividade, cada criança foi instruída a desenhar e/ou pintar em um painel (com dimensões de 1m2) situações que acreditavam ser pecado ou que percebiam como pecaminosas. Este procedimento ocorreu em sessões de 75 minutos de duração, concomitantemente a observações assistemáticas de comportamento das crianças. Entrevistas semi-estruturadas, solicitando às crianças que descrevessem seus desenhos e respectivos significados foram realizadas após as sessões. Observou-se que no grupo de crianças de 5-7 anos, os desenhos foram mais figurativos, retratando cenas do cotidiano das crianças, tais como agressão à natureza e brigas entre irmãos. Os desenhos não evidenciaram generalização para outros contextos, sendo a moralidade ainda heterônoma, dependendo da orientação externa, exercida pelos pais, professores e outros agentes socializadores. Já no grupo de crianças de 10-12 anos, as ilustrações foram mais discursivas, os participantes utilizavam expressões verbais, generalizando o conceito de pecado para uma gama de contextos sociais e fictícios. Sugere-se que neste estágio, a moralidade já está em vias de conquista da autonomia, uma vez que os desenhos e verbalizações indicaram a existência de valores e princípios definidos. No entanto, esses valores foram construídos a partir da mediação do ambiente psicossocial em que estavam inseridos, no qual a sanção e o limite, designativos do "pecado", possuem valor normativo. Aponta-se que, na socialização em contexto evangélico - presbiteriano, o desenvolvimento da moralidade se insere, sobretudo, na relação que a criança estabelece com a religião, nos diferentes estágios do seu desenvolvimento cognitivo e na sua relação com a interdição e com o limite.

Palavras-chave: Religião; Pecado; Desenvolvimento cognitivo e religiosidade

***

DES 07

ANÁLISE FENOMENOLÓGICO-SEMIÓTICA DE EVENTOS MARCANTES NA HISTÓRIA DE VIDA. *Mariana Lima de Souza**, Anderson Rodrigues Barbieri*, William Barbosa Gomes (Núcleo de Estudos em Psicologia Fenomenológica, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS)*

Os estudos sobre eventos marcantes vêm sendo bastante utilizados na área da psiquiatria, medicina e psicologia para investigar a relação entre diversos tipos de doenças (câncer, ganho de peso, depressão) e os eventos na história de vida dos pacientes. Estudos na área do desenvolvimento humano sugerem que os eventos marcantes variam de acordo com a idade, o gênero e os estados afetivos e cognitivos da pessoa. Na literatura, os questionários são construídos por pesquisadores e apresentados aos participantes, apontando temas como: morte de um ente querido, gravidez, problemas profissionais, mudança de residência, entre outros. Contudo, são raras as pesquisas qualitativas

focalizando o conteúdo (temática) e a forma (narrativa) desses eventos. O objetivo do presente estudo foi examinar relatos sobre eventos marcantes na história de vida quanto ao tema e estilo de narrativa. Participaram do estudo 67 universitários (52 mulheres e 15 homens), com idade entre 17 e 32 anos, estudantes das áreas de saúde, psicologia e educação. Os dados foram obtidos através de entrevistas abertas, solicitando aos participantes que relatassem por escrito um evento marcante que viveram. Os relatos foram submetidos à análise fenomenológica para a identificação do conteúdo e à análise da expressividade para a identificação do estilo de narrativa. A análise fenomenológica seguiu os três passos da fenomenologia semiótica: descrição, redução e interpretação. A análise da expressividade seguiu a fórmula da ponderação de substantivos e adjetivos e de verbos e advérbios para identificar o estilo de narrativa como descritivo ou dinâmico. A análise temática dos relatos revelou grande variedade de temas, agrupados em três tópicos: eventos recentes, eventos remotos e eventos negativos. O tópico eventos recentes abrangeu episódios relacionados à fase de desenvolvimento psicológico em que os participantes se encontram: o final da adolescência (aprovação no vestibular e primeira relação sexual) e a idade adulta (nascimento de um filho, problemas com o trabalho). Os tópicos eventos remotos (lembranças da infância ou adolescência e os relatos de mudança de cidade) e eventos negativos (conflitos familiares, doença ou morte de um familiar) não apresentaram relação com a idade dos participantes. Houve ainda, episódios com temas muito específicos (uma experiência de transcendência e um relato de conversão religiosa). Os três primeiros tópicos repetem as listas de temas apresentados nos questionários sobre eventos de vida. O tópico eventos recentes confirma a relação entre eventos marcantes e a idade do narrador, apontada por estudos anteriores. A análise de expressividade apontou 18 relatos de estilo descritivo e 49 de estilo dinâmico. Verificou-se uma relação entre determinados temas e os estilos expressivos de narrativa. Os resultados desse estudo repetiram, em grande parte, as listas dos temas selecionados por pesquisadores para construir questionários sobre eventos marcantes. Entretanto, temas peculiares foram apontados como intensamente significantes para certos indivíduos. Tais achados indicam a necessidade de se rever os questionários sobre eventos marcantes, abrindo espaço para essas peculiaridades como forma de torná-los substancialmente representativos da história de vida de cada indivíduo.

Apoio: Capes
Palavras-chave: Eventos marcantes; Fenomenologia semiótica; Análise de expressividade

*****

DES 08
RELAÇÃO REVERSIVA ENTRE QUANTIDADE E QUALIDADE NAS PESQUISAS DE AUTOCONSCIÊNCIA. *Mariana Luna de Souza** e William Barbosa Gomes (Núcleo de Estudos em Psicologia Fenomenológica, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS)*
A discussão metodológica sobre a utilização das abordagens quantitativa e qualitativa tem produzido como resultado diversas publicações no campo da psicologia. O debate inclui a reflexão crítica sobre a controvérsia método quantitativo versus método qualitativo e propostas para a integração dos dois métodos em procedimentos de pesquisa. Entretanto, são escassos os estudos que questionam o problema de uma perspectiva epistemológica. A proposta do presente estudo foi oferecer um modelo capaz de articular qualidades e quantidades, respeitando a diferença lógica entre um e outro. O objetivo foi exemplificar movimentos reversíveis entre dados quantitativos e qualitativos, elegendo como tema a experiência da autoconsciência pública e privada. Os dados quantitativos foram obtidos de uma escala Lickert de autoconsciência (Escala de Autoconsciência Revisada - EAC) e os dados qualitativos foram formados de relatos sobre eventos marcantes de vida. A unidade de comparação entre os dois contextos foi a direção do foco de autoconsciência. Participaram deste estudo 101 estudantes universitários (78 mulheres e 23 homens), com idade entre 17 e 31 anos. A análise foi dividida em três etapas de acordo com a especificidade de cada conjunto de dados: 1) a EAC forneceu o perfil de autoconsciência classificado como público (APU) e privado (APR); 2) dois juízes identificaram a presença ou ausência de descritores dos diferentes perfis de autoconsciência nos relatos de acordo com um protocolo baseado nos itens da EAC e 3) os dois conjuntos de dados foram comparados seguindo critérios qualitativos (análise e conclusão). A comparação entre quantidades e qualidades exigiu alguns ajustes no material procedente da escala e dos relatos. Os escores dos participantes na escala foram divididos em três grupos - baixo, médio e alto - para os dois tipos de autoconsciência (APR e APU). Para efeito de comparação com os relatos, excluiu-se os participantes de perfil médio para autoconsciência privada ou autoconsciência pública, permanecendo para comparação apenas 13 casos com os seguintes perfis: 1) APR baixa com APU baixa; 2) APR baixa com APU alta; 3) APR alta com APU baixa e 4) APR alta com APU alta. A identificação de descritores nos relatos apresentou uma concordância de 87% entre juízes para o total da amostra (N = 101) e de 78% para os 13 casos extremos. Os três casos em que os juízes discordaram foram retirados da última etapa de análise (comparação entre escala e relatos). Nos 10 casos restantes, 7 relatos apresentaram unicamente descritores de APR, 3 apresentaram tanto descritores APU quanto APR e nenhum relato apresentou unicamente descritores de APU. Esses resultados indicaram uma relação entre os perfis de autoconsciência identificados nos relatos e os perfis de autoconsciência obtidos na escala. A compatibilidade entre a medida de autoconsciência da escala e o perfil de autoconsciência dos relatos foi verificada qualitativamente. Foram mostradas as possibilidades e os limites deste tipo de comparação, e indicados critérios para a comparação de um mesmo fenômeno em diferentes contextos.

Apoio: Capes.
Palavras-chave: Metodologia; Autoconsciência; Eventos marcantes na história de vida

*****

DES 09
RESPOSTAS DE CRIANÇAS ACERCA DE PREFERÊNCIAS LÚDICAS, PARCEIROS E LOCAIS. *Andréa de Jesus Corrêa da Costa*, Suely Rocha de Oliveira*, Laudinéia Macêdo Leão*, Cláudia Rejane Costa da Silva* e Celina Maria Colino Magalhães** (Laboratório de Psicologia Experimental, Universidade Federal do Pará, Belém-PA)*
Segundo alguns teóricos do desenvolvimento a brincadeira para a criança tem um significado especial, não somente por propiciar um eficiente funcionamento motor, mas por desenvolver outras esferas como emocional, cognitivo e social. Encontra-se documentado na literatura da área que meninos e meninas se envolvem em diferentes tipos de atividades lúdicas, e essa preferência já pode ser observada a partir do primeiro ano de vida. Embora prefiram parceiros de brincadeira do mesmo sexo, as crianças também participam de brincadeiras em grupos mistos. O objetivo deste estudo foi verificar a preferência de crianças por brincadeiras, parceiros e locais, em função da faixa etária e classe social. Participaram do estudo 112 crianças, 56 pertencentes ao gênero masculino e 56 ao gênero feminino, com idades entre 5 e 10 anos, pertencentes aos níveis sócio-econômicos médio e baixo. As crianças estavam distribuídas nas séries de Educação Infantil e Ensino Fundamental (1ª à 4ª série) de duas instituições escolares, sendo uma da rede pública e outra da rede particular de ensino, ambas situadas na cidade de Belém do Pará. Os sujeitos foram entrevistados em suas respectivas escolas, durante cinco dias consecutivos, sendo que para os alunos de classe média, o ambiente foi a sala de leitura e para os de classe baixa o ambiente foi a secretaria da instituição. Para a coleta de dados utilizou-se como instrumento um questionário semi-estruturado com perguntas diretivas que caracterizaram-se por conter indagações abertas sobre quais as atividades lúdicas que mais gostam de brincar, tais brincadeiras foram distribuídas por ordem de preferências segundo o relato do sujeito, haviam também perguntas sobre o porquê, onde e com quem brincam. Para análise dos dados comparou-se as freqüências de respostas considerando o gênero, o nível sócio-econômico e a faixa etária do sujeito. Os resultados do estudo mostraram que em relação às preferências lúdicas tanto na classe baixa quanto na classe média ambos os sexos preferem as brincadeiras de correr e pegar, possivelmente por estas brincadeiras apresentarem-se neutras em relação à estereotipia de gênero. Com relação aos parceiros de brincadeiras, verificou-se que as crianças (meninos e meninas) da classe baixa relatavam uma freqüência maior de brincadeiras no núcleo familiar, enquanto que na classe média estes brincam mais com coetâneos não familiar. No que diz respeito aos locais de brincadeiras, as crianças da classe baixa brincam mais na rua, enquanto que as da classe média citando a casa como preferido, infere-se que tais resultados retratam as desigualdades sociais, pois crianças de classe menos favorecidas moram em locais cujas as proximidades contêm áreas abertas, como campos e terrenos baldios, enquanto que crianças de classe média moram em áreas urbanizadas, fechadas e estruturadas. O conhecimento das atividades lúdicas pode ser uma ferramenta valiosa para os professores pré-escolares, pois a compreensão dos gostos e parceiros das crianças, por parte do educador, poderá viabilizar o processo ensino-aprendizagem de forma mais eficaz.
Palavras-chave: Brincadeiras infantis; Preferências; Gênero

*****

DES 10
A SOCIALIZAÇÃO VIRTUAL: UMA ANÁLISE DO IMPACTO DA INTERNET EM UM GRUPO DE ADOLESCENTES. *Nilma de Araújo Lopes*, Monique Bezerra Paz Leitão*, Michelline Menezes Lima*, Clara Maria M. dos Santos (Departamento de Psicologia - Universidade Federal do Rio Grande do Norte - Natal - RN)*
A Internet é a tecnologia do século XX que mais revolucionou os serviços e as relações sociais. Com sua popularização, milhares de pessoas mantêm-se conectadas a essa rede mundial. Os adolescentes, especialmente, sentem-se bastante atraídos pelos bate-papos virtuais. Isso ocorre porque nessa fase os jovens buscam por sua identidade necessitando ampliar e aprofundar seus laços de amizades a partir dos relacionamentos com o "grupo de iguais", fonte de afeição, simpatia, compreensão, autonomia e independência. A Internet torna-se um meio propenso para tais relações, pois os canais de bate-papo são oportunidades para promover a formação de grupos. Nesta pesquisa, estudamos um grupo de internautas que compõe um canal de bate-papo chamado Irmasl. Este interesse surgiu baseado em uma pesquisa anterior sobre a socialização dos adolescentes na Internet. Nesta pesquisa, os resultados indicaram que a Internet se apresenta como um novo veículo de socialização e

que com o passar do tempo a maioria dos internautas tendiam a diminuir a freqüência nos canais de bate-papo. O que nos chamou bastante atenção na ocasião foi que o canal Itanatal demonstrou um resultado oposto ao esperado com relação a esse último aspecto. Sendo assim, nosso objetivo na presente pesquisa é investigar mais detalhadamente o impacto da Internet na socialização destes adolescentes. Participaram deste estudo vinte internautas do canal Itanatal. Foram utilizados questionários e entrevistas, abordando aspectos tais como freqüência na Internet por semana, freqüência de encontros fora da rede, benefícios e custos por participar do canal, dentre outros. Os resultados indicam que adolescentes ligados ao Itanatal permanecem neste canal durante um tempo acima da média encontrada nos outros grupos de canal de bate-papo. Os encontros realizados fora da Internet pelo grupo acontecem, em geral, duas vezes no mês. Os benefícios por pertencer ao canal são associados a maior socialização, inclusão a um grupo de amigos, afastamento da solidão, aumento de participação em eventos sociais, possibilidades de relacionamentos amorosos e aprender a conviver com pessoas diferentes. Já os custos são vinculados a reclamações por parte dos pais, cansaço e sono decorrentes do tempo e do horário que passam conectados ao canal. Sugerimos que o tempo voltado aos bate-papos virtuais relaciona-se a uma certa dificuldade de relacionamentos e à timidez observada nestes internautas. Eles parecem encontrar na Internet um espaço onde se sentem mais à vontade e por isso desenvolvem uma dependência à mesma. Isto também está associado à razão entre custos e benefícios feita por eles, tendo os custos como mínimos diante dos benefícios. A alta freqüência dos encontros fora da rede aponta que eles não se distanciam do contato real. Além disso, a fidelidade e exclusividade a essas amizades revelam uma forte integração e identificação entre os componentes do grupo, evidenciando um perfil de comportamento semelhante, apesar de não compartilharem um mesmo ambiente social. Não podemos prever as conseqüências da dependência encontrada, mas é certo que a Internet pode ser facilitadora no processo de socialização de grupos específicos de adolescentes.
Palavras-chave: Internet, Adolescência, Socialização

****

DES 11
ALGUNS PROBLEMAS NA ORIENTAÇÃO DE PAIS DE UMA CRIANÇA COM DIAGNÓSTICO DE AUTISMO. *Alfredo Neves Khoury, Karina Miguel Sancho*[1] *e Carolina Lampreia (Departamento de Psicologia, PUC-Rio)*
Os programas de intervenção com crianças autistas requerem, em sua maioria, além de seu atendimento em uma instituição especializada e/ou uma creche, a participação dos pais. Estes são considerados um dos principais artífices das mudanças e seu envolvimento é considerado fundamental. Contudo, grande parte da literatura aponta para a necessidade de procedimentos específicos visando a motivação e suporte aos pais. A presente pesquisa teve como objetivo analisar algumas dificuldades encontradas no âmbito de um programa de orientação de pais. Os sujeitos foram o pai e a mãe de um menino de 4 anos anteriormente diagnosticado como autista. Ele já havia participado de duas pesquisas anteriores cujo objetivo havia sido uma avaliação do seu repertório comportamental e de seu ambiente de desenvolvimento. Esta avaliação proporcionou elementos básicos para a elaboração de um programa de intervenção com os pais que inspirou-se no trabalho desenvolvido por Geraldine Dawson. O procedimento envolveu visitas domiciliares semanais de uma hora e meia de duração. Nestas visitas os pais recebiam o programa da semana no qual constava o objetivo a ser alcançado, como proceder, assim como sugestões de atividades estruturadas e não-estruturadas a serem desenvolvidas. Este programa era explicado pelo terapeuta e discutido com os pais. A principal dificuldade encontrada foi a não realização por parte dos pais das atividades estruturadas. Embora se mostrassem interessados e participantes, os pais alegavam sempre falta de tempo. Outro problema foi não permitir a demonstração por parte do terapeuta de como proceder. Estes resultados apoiam as recomendações de outras pesquisas acerca da importância de se programar a motivação e engajamento dos pais em programas de intervenção.

[1] Bolsista PIBIC/CNPq
Palavras-chave: Autismo; Intervenção, Orientação de pais

****

DES 12
AS INICIATIVAS DE COMUNICAÇÃO DE UMA CRIANÇA AUTISTA. *Cristina Teixeira de Souza Marques*[1]*, Marcelo Condack*[1] *e Carolina Lampreia (Departamento de Psicologia, PUC-Rio)*
O problema social e de comunicação tem sido definidor do autismo. Contudo, alguns autores argumentam que não há uma falha total na reciprocidade social. Entendemos a iniciativa de comunicação como um dos pressupostos para o desenvolvimento da linguagem. O objetivo da pesquisa foi examinar as iniciativas de comunicação de uma criança autista de 4 anos. O sujeito foi diagnosticado como autista pelo DSM IV e CARS em uma pesquisa anterior na qual os resultados do PEP-R indicaram um desempenho nulo na área da linguagem. A presente pesquisa procurou avaliar as respostas do sujeito à iniciativa de comunicação por parte de outros e suas próprias iniciativas de comunicação, através da observação natural. Foram realizadas 14 sessões filmadas em vídeo, em diferentes situações. As 6 sessões em casa se deram em situações livres, de almoço e banho. As 6 observações na creche ocorreram em situações de sala de aula, pátio e almoço ou lanche. Na fonoaudióloga foram feitas 2 observações. As categorias de análise foram: Iniciativa de comunicação e Respostas à iniciativa de comunicação. Os resultados mostram que o sujeito apresentou 82 episódios de iniciativa de comunicação, em sua maioria (61) em situações de lazer com a mãe e em casa. A forma usada pelo sujeito para fazê-lo foi olhar fixamente, puxar pelas mãos, subir no colo, abraçar, puxar objetos que estivessem de posse do outro. Estas ações não ocorreram somente com a mãe, mas também na creche com as professoras e recreadoras, embora tenham sido menos freqüentes. Na creche ocorreram 13 episódios de iniciativa de comunicação. No que diz respeito às respostas à iniciativa de comunicação, foi observada a mesma discrepância quantitativa entre os ambientes. O sujeito apresentou 135 respostas em casa e 15 na creche. Uma possível explicação para o menor número de iniciativas por parte do sujeito na creche pode estar na pouca solicitação proporcionada pelos profissionais havendo uma falta de incentivo do adulto em relação ao sujeito, assim como poucas atividades estruturadas que envolvam a criança. Em síntese, o que pôde ser observado, principalmente na creche, é que não apenas o sujeito se isola mas ele também é mantido isolado pelos outros que pouco interagem com ele.

[1] Bolsista PIBIC/CNPq
Palavras-chave: Autismo; Iniciativas de comunicação; Respostas à iniciativas de comunicação

****

DES 13
APOIO SOCIAL PERCEBIDO ENTRE MÃES ADOLESCENTES E ADULTAS
Cesar A. Piccinini, Andrea Rapoport, Daniela C. Lewandowski e Patrícia R. Voigt (Instituto de Psicologia - UFRGS)
O presente artigo investigou o apoio social dado à mãe adolescente e adulta desde a gestação até o terceiro mês de vida do bebê. Foi examinado, em particular, o apoio dado pelo pai do bebê, pelas avós, outros familiares, amigos, empregados da casa e instituições que atendem bebês e crianças pequenas. Participaram do estudo 26 mães primíparas, sendo 13 mães adolescentes e 13 adultas. Foram realizadas entrevistas com as mães, em suas residências, no último trimestre de gestação e quando os bebês tinham três meses. Análise de conteúdo foi utilizada para se examinar as respostas das participantes em relação a quatro categorias temáticas: expectativas da gestante quanto ao apoio social após o nascimento do bebê; apoio social dado à mãe desde a gestação até o terceiro mês de vida do bebê; solicitação de apoio pela mãe a outras pessoas para o cuidado do bebê; e sentimentos da mãe em relação ao apoio social dado a ela. De uma forma geral, tanto as adolescentes como as adultas relataram que possuíam uma rede de apoio social, sentindo-se amparadas pela mesma. Algumas diferenças foram reveladas em relação aos provedores e à busca de apoio social. Por exemplo, enquanto as mães adolescentes relataram maior solicitação de apoio de familiares (principalmente avós maternas) e outras pessoas, as adultas tenderam a solicitar menos apoio, assumindo mais responsabilidades em relação ao bebê e às tarefas domésticas. Em ambos os grupos a creche apareceu como uma opção para o cuidado dos bebês somente após o segundo semestre de vida do bebê. Os resultados apóiam a idéia de que apoio social contribui para uma experiência mais positiva da maternidade, em especial para as mães adolescentes, em função das particularidades desta fase de desenvolvimento.
Palavras-chave

****

DES 14
O EFEITO DA MEMÓRIA DE TRABALHO NO DESENVOLVIMENTO DOS PRINCÍPIOS DA CONTAGEM. *Márcia de Melo (Departamento de Psicologia Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG), Paulo Gelardelo (Departamento de Psicologia Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG)*
De acordo com a teoria piagetiana, para que a criança aprenda a contar é necessário que ela seja capaz de conservar quantidades, classificar e seriar. Estas habilidades estariam associadas à entrada no período das operações concretas. Recentemente alguns pesquisadores têm questionado a teoria piagetiana no que diz respeito à aquisição do número. Estes pesquisadores propõe alguns princípios que devem ser respeitados para que a criança possa contar. Estes princípios são a capacidade de fazer a correspondência termo a termo (que devemos contar todos os objetos uma vez e somente uma vez), que devemos contar em uma ordem estável (a contagem deve seguir uma ordem constante na enumeração de números, se desobedecermos esta ordem chegaremos a conclusões erradas sobre o número de elementos do conjunto), que o último número contado representa um conjunto de elementos (cardinalidade). Os autores demonstraram que estes princípios (correspondência termo a termo, cardinalidade e ordem estável) são adquiridos antes da passagem da criança para o período das operações concretas. Os estudos que investigaram esta questão apresentam dois problemas: primeiro os objetos contados foram distribuídos de forma linear durante o experimento, o que pode ter favorecido a performance das crianças. Segundo, não se testou a capacidade de memória de trabalho das crianças em um experimento. Teorias recentes sobre o desenvolvimento cognitivo sugerem

que a capacidade de memória de trabalho das crianças é um importante fator de controle cognitivo. Poucos estudos investigaram esta relação, sobre a memória e o desenvolvimento da habilidade de contar. Estes estudos mostram que a performance no teste de memória auditiva de trabalho influenciaram a performance na tarefa de contagem. O problema é que a memória auditiva de trabalho é medida pela memorização de dígitos. É possível que o conhecimento dos dígitos tenha interferido na tarefa de contagem. Neste estudo investigamos a relação entre a capacidade de memória de trabalho incluindo também a memória de trabalho visual e o conhecimento sobre os princípios da contagem em 48 crianças de 4 e 5 anos de idade utilizando objetos dispostos aleatoriamente ou linearmente. De um modo geral os resultados das correlações mostram um efeito positivo e significativo para as correlações entre a memória visual e a performance nos testes independente do tipo de arranjo. O mesmo tipo de interferência não foi encontrado no caso da memória de dígito. Os resultados serão discutidos sob a luz das teorias sobre o desenvolvimento cognitivo.

Palavras-chave: Desenvolvimento cognitivo; Número; Memória de trabalho

***

DES 15

O PAPEL DA FAMÍLIA, DA AMIZADE, DO LAZER, DA ESCOLA E DO AFETO NO BEM-ESTAR SUBJETIVO AO LONGO DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL. *Claudia H. Giacomoni**, Ana Paula Tabeli*, Gabriel da Silva Martini*, Jocelise Fátima Zanchettin*, Tatiana Schmidt* e Claudio S. Hutz (Programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul, Porto Alegre-RS)*

A ausência de indicadores subjetivos da qualidade de vida impulsionou estudos sobre o bem-estar subjetivo. Bem-estar subjetivo, também denominado qualidade de vida subjetiva, ou felicidade, é um construto que vem sendo pouco estudado ao longo do desenvolvimento infantil. Pesquisadores, interessados em como as pessoas experienciam suas vidas, vêm procurando avaliar esses sentimentos de bem-estar através da satisfação de vida e do afeto positivo e negativo. Durante muito tempo, os estudos sobre bem-estar restringiram-se a investigação dos fatores que promovem a qualidade de vida subjetiva de adultos e pessoas na terceira idade. Portanto, os indicadores que promovem o bem-estar subjetivo infantil não foram muito explorados. Baseados nos modelos explicativos de bem-estar subjetivo em adultos, vem-se procurando investigar modelos multidimensionais explicativos do bem-estar subjetivo infantil. Neste estudo, objetivou-se investigar o papel das dimensões família, escola, lazer, afeto e amizade no bem-estar subjetivo ao longo do desenvolvimento infantil. Para tanto, participaram deste estudo 200 crianças (105 meninos e 95 meninas) de 5 a 12 anos de idade (idade média = 9,6 anos) divididas em 4 faixas etárias (5-6 anos, 7-8 anos, 9-10 anos, 11-12 anos), estudantes de escolas públicas e privadas de Porto Alegre. Foi realizada uma entrevista semi-estruturada envolvendo questões sobre bem-estar subjetivo, felicidade, com as crianças na escola. A entrevista tinha como finalidade identificar as dimensões explicativas do bem-estar destas crianças. A análise de conteúdo das entrevistas permitiu identificar as categorias temáticas referentes às dimensões explicativas do bem-estar subjetivo infantil mais freqüentes: Afeto (37,3%), Lazer (24,4%), Família (22,4%), Amizade (9,8%), Escola (6,2%). A partir da identificação das dimensões, o levantamento de freqüência das mesmas ao longo das faixas etárias nos possibilitou investigar o papel dessas dimensões ao longo do desenvolvimento infantil. A dimensão "Afeto" foi a dimensão que obteve a mais alta freqüência ao longo das faixas etárias, juntamente, com a "Família" que manteve a sua significativa importância ao longo do desenvolvimento. A dimensão "Lazer" apresentou declínio de freqüência conforme o aumento da idade. Esta variação decrescente pode ser atribuída ao fato de que na categoria "Lazer" inclui-se o brincar, que foi mais representativo nas crianças menores e menos representativo nas crianças maiores. Opostamente, a dimensão "Amizade" apresentou aumento da freqüência com o aumento da idade. A dimensão "Escola" manteve-se com a menor representatividade em comparação às demais ao longo das faixas etárias. Os achados referentes às diferenças entre sexos são apresentados, assim como, o modelo multidimensional explicativo do bem-estar subjetivo infantil é discutido.

Apoio financeiro: CAPES (bolsa de doutorado)

Palavras-chave: Bem-estar subjetivo infantil; Crianças

***

DES 16

IMPLICAÇÕES DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS MATERNAS NO COMPORTAMENTO INFANTIL. *Patrícia Alvarenga** e Maíra Kury Ribeiro* (Departamento de Psicologia - ULBRA - Cachoeira do Sul - RS)*

A literatura tem apontado a importância das práticas educativas utilizadas pelos pais para o desenvolvimento infantil. Práticas de caráter indutivo, como o uso de explicações e negociações, têm sido associadas ao desenvolvimento de padrões de comportamento ajustados, enquanto práticas de caráter coercitivo tendem a estar relacionadas a problemas de comportamento. O presente estudo teve por objetivo investigar as implicações das práticas educativas de mães no comportamento de seus filhos. Foi utilizado um delineamento correlacional através do qual foram examinadas as práticas educativas utilizadas pelas mães em relação à presença ou ausência de problemas de comportamento nas crianças. Participaram do estudo trinta e quatro mães de crianças em idade pré-escolar de nível sócio-econômico baixo. As crianças eram de ambos os sexos e tinham de quatro a seis anos de idade. O recrutamento dos participantes foi realizado em duas escolas públicas de Cachoeira do Sul. As mães responderam a uma entrevista sobre práticas educativas maternas e ao Inventário de Comportamentos da Infância e Adolescência (CBCL). O teste de correlação de Spearman revelou uma correlação negativa estatisticamente significativa entre práticas maternas indutivas e problemas de comportamento nas crianças. Além disso, foi encontrada uma correlação positiva estatisticamente significativa entre práticas maternas coercitivas e problemas de internalização nas crianças. Por outro lado, contrariando uma das hipóteses iniciais do estudo, não houve correlação significativa entre práticas coercitivas e o escore total de problemas de comportamento das crianças. Os resultados confirmaram parcialmente as hipóteses do estudo e estão de acordo com os achados da literatura, que indicam a importância das práticas educativas parentais como preditoras do nível de ajustamento comportamental durante a infância.

Órgão Financiador: PROICT/ULBRA

Palavras-chave: Práticas educativas; Problemas de comportamento; Infância

***

DES 17

PERCEPÇÃO DE MÃES ACERCA DE SEU ESTILO MATERNO E O ESTILO PATERNO DOS PAIS DE SEUS BEBÊS EM COMPARAÇÃO COM O QUE CONSIDERAM SER A MATERNAGEM E PATERNAGEM IDEAL. *Clarisse Correa Silva Lopes* (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ) - Karla da Costa Seabra** (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ) - Michele Silvério Martins* (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ) - Maria Lucia Seidl de Moura** (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ)*

Este trabalho é um recorte de uma pesquisa longitudinal e transcultural sobre a interação mãe-bebê e desenvolvimento infantil. Tem como objetivo comparar a percepção de mães sobre seu papel e o dos pais de seus bebês em relação ao que consideram como mãe e pai ideal. A amostra utilizada é composta de 30 mães primíparas, residentes com os pais de seus filhos, do Estado do Rio de Janeiro. A idade das mães variou de 18 a 40 anos e a dos pais de 19 a 48 anos. O nível de instrução das famílias variou do Ensino Fundamental Incompleto à Pós-Graduação. 44% das famílias participantes são de classe média e 56% de classe baixa. A pesquisa foi realizada quando os filhos tinham cinco meses de idade. Foram aplicados às mães e analisados três instrumentos: Escala de Desejabilidade Social, Estilo Materno e Estilo Paterno. O primeiro avalia a tendência do sujeito de responder às questões de acordo com o que é desejado socialmente. O Estilo Materno é sobre como as mães avaliam seu comportamento atual quanto à maternagem em comparação com o que consideram ser a mãe ideal, e o Estilo Paterno fornece uma medida de satisfação das mesmas com o envolvimento e comportamento do pai em relação ao filho. Ambos têm 17 itens e foram subdivididos em quatro domínios, segundo a classificação de M. H. Bornstein (cuidados básicos, domínio social, domínio didático e domínio material). Os resultados indicaram que as mães consideram que as atividades que realizam no domínio cuidados básico estão abaixo do ideal de maternagem e percebem os pais de seus filhos como pouco participativos em relação a esse mesmo domínio. Com relação ao domínio social as mães se mostraram satisfeitas com seu estilo materno em relação a esse domínio e também consideraram ideal a participação dos pais de seus bebês em tais atividades. É possível que para essas mães a socialização dos filhos seja uma tarefa que deva ser dividida entre os pais. Com relação aos domínios didático e material observa-se uma grande expectativa dessas mães em relação à participação dos pais nestes domínios, atribuindo que é papel predominantemente paterno a colocação de limites e regras para os filhos. Conclui-se que, apesar das transformações que os papéis parentais têm sofrido nas últimas décadas, percebe-se que ainda há uma tendência significativa na divisão de tarefas e uma ambivalência materna em relação à participação dos pais no cuidado de seus filhos. Esses resultados são ainda preliminares, mas já trazem algumas evidências que permitem uma reflexão sobre a distribuição de responsabilidade dos cuidados parentais em um grupo cultural urbano brasileiro e sobre algumas características do "Nicho de Desenvolvimento" das crianças desse grupo. Isso contribui para a construção do conhecimento sobre o desenvolvimento humano como um processo social e culturalmente situado.

FAPERJ/CNPq/CAPES

Palavras-chave: Estilo materno; Estilo paterno; Desenvolvimento infantil

***

DES 18

LEVANTAMENTO DAS CONCEPÇÕES DO PROFESSOR ACERCA DO ABUSO SEXUAL INFANTIL: PROPOSTA DE INTERVENÇÃO. *Rachel de Faria Brino** (Laboratório de Análise e Prevenção da Violência, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, S.P.) e Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams (Laboratório de Análise e Prevenção da Violência, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP)*

A escolha do abuso sexual como enfoque deste trabalho considera o fato deste ser, dentre os abusos, aquele que provoca os piores prejuízos psicológicos para a vítima. Esta forma de violência é geralmente mais difícil de ser identificada por não apresentar, na maioria dos casos, marcas físicas. Se aos profissionais que trabalham diretamente com a criança fosse possibilitado o acesso a conhecimento acerca da questão do abuso sexual, talvez tornar-se-ia mais fácil a identificação de casos. Estudos envolvendo diferentes grupos de profissionais que trabalham diretamente com a criança, apontaram que profissionais de saúde e pediatras são mais bem informados do que professores acerca do conhecimento sobre abuso sexual. Por outro lado, estudos que capacitavam estes professores em um programa de prevenção sobre abuso sexual concluíram que o grupo que recebeu treinamento aumentou significativamente seu conhecimento sobre abuso sexual, se comparado ao grupo que não recebeu. A partir de tais conclusões, o presente estudo teve como objetivos: a) realizar um levantamento das concepções que professores têm acerca do abuso sexual infantil; b) com base em tal levantamento, propor um treinamento que os capacite a lidar e denunciar possíveis casos de abuso sexual e c) construir um instrumento para avaliar a eficácia deste treinamento. As participantes do levantamento foram 20 professoras de Escolas Municipais Infantis do município de São Carlos. Foram realizadas entrevistas individuais seguindo um roteiro semi-estruturado, com duração média de 30 minutos com cada participante. As informações foram gravadas, transcritas e posteriormente categorizadas e analisadas. Os resultados gerais apontaram para o fato de que as professoras detêm conhecimento insuficiente a respeito do abuso sexual, o que corrobora as conclusões de estudos anteriores. Além disso, as professoras apresentaram crenças e atitudes inadequadas sobre o abuso e não têm acesso a cursos de capacitação acerca do tema. O levantamento aponta a necessidade de se promover um treinamento para professores, avaliando o desempenho destes. Com base nas conclusões do levantamento, foi então proposto um treinamento que envolveria informações básicas sobre abuso sexual, procedimentos a serem utilizados por profissionais diante de um caso de abuso sexual, bem como a desmistificação de crenças inadequadas sobre o tema. Para avaliação da eficácia do treinamento (que será um estudo iniciado a seguir) foram propostos dois instrumentos: um Questionário sobre Conhecimento e Crenças a respeito do Abuso Sexual (construído a partir de artigos e manuais referentes à área de violência sexual) e um Registro das Atitudes em relação ao Abuso Sexual (adaptado do instrumento utilizado em artigo de Hazzard (1984)). Dados referentes à testagem dos dois instrumentos e uma análise preliminar de sua adequabilidade sugeriram a necessidade de modificações para posterior utilização dos mesmos.

Trabalho financiado pela FAPESP - Processo no. 001387-6
Palavras-chave: Abuso Sexual; Desenvolvimento Infantil; Capacitação de professores

DES 19

RELAÇÕES PAIS E FILHOS ADOLESCENTES E ESTRATÉGIAS DE PREVENÇÃO A RISCOS. Maria Aparecida Trevisan Zamberlan (Universidade Estadual de Londrina-PR.); Maura Glória de Freitas (Universidade Estadual de Londrina-PR.); Ligia Fabiluri* (Universidade Estadual de Londrina-PR)

A prevenção de problemas desviantes de comportamento é uma estratégia recente que mobiliza os estudos do desenvolvimento humano. O relacionamento familiar conflituoso, o mau desempenho escolar, a pouca importância atribuída à vida são fatores de risco, muitas vezes associados ao contexto em que se processa o desenvolvimento. A capacidade humana de enfrentar as adversidades da vida e ser capaz de superá-las, seja no âmbito da ação de indivíduos ou grupos é um processo que tem sua origem na infância e intensifica-se na adolescência. A família tem um papel preponderante em criar condições que oportunizem aos filhos condições para o aprendizado de comportamentos que garantam competência na resolução de seus problemas. Conflitos familiares, alterações na estrutura da família, dificuldades econômicas, pouca facilidade de acesso a recursos comunitários, problemas comportamentais ou outras dificuldades com seus membros podem levar a família a mobilizar grande quantidade de tensão, o que requer apoio ao grupo como um todo. A família que vivencia condições significativas de estresse pode ser um agente determinante de riscos ao desenvolvimento de sua prole. Este trabalho teve por objetivo levantar alguns fatores associados ao relacionamento familiar, que afetam o comportamento de filhos adolescentes. A amostra utilizada nessa pesquisa constituiu-se de 317 estudantes, freqüentando o segundo grau em escola pública do centro de Londrina. Foram coletados dados de 143 sujeitos masculinos e de 174 sujeitos femininos, distribuídos conforme o agrupamento de faixas etárias em adolescência inicial (15 a 17 anos) e adolescência final (18 a 20-21 anos). Um inventário, descrevendo aspectos da vida de adolescentes e de suas famílias foi aplicado, sendo composto de questões gerais sobre a família (parte 1) e de um "checklist", contendo itens relativos a eventos estressantes que possam ter afetado a vida dos seus componentes (parte 2) forma adaptada do inventário-padrão "Familia y Adolescencia: Indicadores de Salud" da W.K. Kellogg Foundation. Os dados são analisados em função das variáveis sexo e grupos de idade e cobrem aspectos como o grau de satisfação nas relações materna e paterna, saúde e condições estressantes vivenciadas pela família e como essas possam afetar a vida dos adolescentes, como os adolescentes avaliam os aspectos de sua vida pessoal e, quais são suas expectativas, realizações e comportamentos em relação à escola. A análise preliminar de dados indica que além dos aspectos do relacionamento familiar satisfatório o ajustamento escolar possa ser um meio de prevenção a riscos psicossociais no grupo adolescente. Sugere-se que se fatores de riscos forem precocemente detectados, poderão ter sua ação minimizada num processo re-educativo.

Fonte Financiadora: Fundação Araucária Protocolo nº 888 e Bolsista PIBIC/CPG-UEL
Palavras-chave: Famílias; Adolescentes; Prevenção a riscos

DES 20

FAMÍLIAS URBANAS DA CIDADE DE LONDRINA: ESTRUTURA, ECOLOGIA, CONTEXTO DE RELAÇÕES E ESTRATÉGIAS DE PREVENÇÃO A RISCOS NA ADOLESCÊNCIA. Maria Aparecida Trevisan Zamberlan (Universidade Estadual de Londrina-PR.); Maura Glória de Freitas (Universidade Estadual de Londrina-PR.); Danielle da Silva Morais* (Universidade Estadual de Londrina-PR.)

Mudanças significativas na configuração do grupo familiar vêm ocorrendo nas três últimas décadas com efeitos nos padrões de funcionamento de seus membros, principalmente no que diz respeito às famílias reconstituídas. O conceito de família foi modificado e provocou um processo de assimilação e formulação de novos valores. Tais mudanças têm repercussões importantes sobre o desenvolvimento da prole e a adolescência pode ser considerada um período de teste dos aprendizados pelo qual o indivíduo passa de seu nascimento até esse momento e que o habilitam ou não a emitir comportamentos direcionados para a autonomia e independência pessoal como cidadão. Este trabalho teve por objetivo identificar componentes estruturais, ecológicos e dinâmicos presentes na estruturação familiar de populações urbanas de diferentes segmentos sociais como substrato para a análise de condições favoráveis ou de riscos ao desenvolvimento psicossocial de sua prole. Mediante um estudo exploratório de levantamento junto a 317 adolescentes que cursam o ensino médio em escolas públicas da cidade de Londrina, foram registrados dados referentes ao extrato social de procedência, nível educacional e profissional dos pais, fontes de renda, estrutura e composição familiar, bem como os tipos de recursos de apoio com os quais as famílias possam contar. Para essa coleta de dados, foi utilizada a parte 1 da forma adaptada do inventário-padrão "Familia y Adolescencia: Indicadores de Salud" da W.K. Kellogg Foundation, que é composto de questões gerais sobre a família. Mediante os dados obtidos foram comparadas respostas dos adolescentes em fase inicial e final dessa etapa (15 a 17 anos e 18 a 21 anos) e diferenças quanto a padrões adaptativos para indivíduos do sexo feminino e do masculino. Os resultados indicam uma distribuição eqüitativa entre os três níveis de instrução dos pais: primário, secundário e superior (33,3%). As profissões referidas dos pais são, na maioria, relacionadas aos setores de serviços e às liberais; que, no geral, seus filhos estudantes quando em fase inicial da adolescência (15 a 17 anos) não trabalham fora de casa, enquanto os em fase final (18 a 21 anos) já trabalham e contribuem na composição da renda familiar. Quanto a recursos e apoio declararam, na maioria, que contam tanto com o serviço de saúde pública quanto com o privado e suas famílias possuem bens de consumo, tais como casa e carro próprios. Aspectos da dinâmica e coesão familiar sugerem dados quanto ao exercício do poder centralizado no pai, o estabelecimento de regras e autoridade no contexto familiar, bem como com relação às rotinas partilhadas na família. Esses dados gerais são correlacionados como variáveis à pontuações obtidas no "checklist", que consta da parte 2 do inventário, onde são levantados indicadores de risco à saúde da família e da sua prole, relevantes tanto para caracterizar o comportamento adaptativo do grupo (família e filhos adolescentes) quanto para incrementar estratégias de ação psico-educativas e recursos de apoio àquelas, junto às escolas.

Fonte Financiadora: Fundação Araucária - PR. Processo nº 888. Bolsista PIBIC/CPG-UEL
Palavras-chave: Famílias; Adolescência; Ecologia; Ações psico-educativas

DES 21

DIAGNÓSTICO PRECOCE DE AUTISMO: UMA DISCUSSÃO ACERCA DE SUAS POSSIBILIDADES E IMPLICAÇÕES A PARTIR DE UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE DOIS BEBÊS COM UM MÊS DE VIDA E DOIS ANOS DE IDADE. Susana Engelhard Nogueira** e Maria Lucia Seidl de Moura (Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro - RJ)

De acordo com o DSM IV, o autismo é uma síndrome cujos sintomas podem aparecer antes dos 30 meses de idade. Apesar de muitos estudos estarem sendo realizados a fim de se investigar como e a partir de que faixa etária é possível observar diferenças nos comportamentos que caracterizam o início de seus sintomas, há uma carência de estudos que reportem aos primeiros meses de vida de crianças que receberam tal diagnóstico.

O presente trabalho buscou investigar e comparar diferentes aspectos observados em períodos precoces do desenvolvimento, a partir de duas

crianças da mesma idade cronológica: uma com diagnóstico de suspeita para autismo (Bebê 1) e outra, sem dificuldades de desenvolvimento (Bebê 2). A partir de observações de vídeos, diferentes aspectos puderam ser apontados e discutidos em momentos distintos do desenvolvimento: um mês e, posteriormente, dois anos de idade.

Os dados de cada bebê foram analisados em termos da ocorrência ou não, das atividades que cada um realizou e das ocorrências de interação e tentativa de interação. As atividades realizadas por cada bebê foram comparadas e uma análise qualitativa foi realizada. Durante a observação dos vídeos na idade de dois anos, algumas categorias específicas foram analisadas: nível da progressão do desenvolvimento infantil em termos da atividade de brincar com objetos e nível de desenvolvimento no processo de aquisição da linguagem, em termos de produção e compreensão, apresentados por cada bebê individualmente.

Alguns resultados interessantes puderam ser observados: quando ambos os bebês estavam com um mês de vida, diferentemente do ocorrido para o Bebê 2, o Bebê 1 apresentou atividades restritas do olhar, voltando-se mais para o ambiente e com características de passividade em termos da focalização visual, não apresentando ainda quaisquer episódios de interação e tentativa de interação. Já aos 2 anos de idade, ao contrário do esperado, tanto o Bebê 1 quanto o Bebê 2 apresentaram episódios de interação e tentativa de interação, assim como atividades de olhar o ambiente de forma ativa e dirigida, estando sensíveis aos eventos ao seu redor. Apesar destes dados, o Bebê 1 apresentou sinais de comprometimentos relacionados a habilidades distintas: foram identificadas apenas brincadeiras ainda no nível exploratório e dificuldade de simbolização (ausência de brincadeiras de faz-de-conta), diferentemente do Bebê 2, que apresentou brincadeiras com caráter simbólico, caracterizadas por faz-de-conta seqüencial e com substituição. Os dois bebês apresentaram níveis diversos de desenvolvimento da linguagem, com evidências de alguma defasagem no caso do Bebê 1. O Bebê 2 apresentou compreensão de um vocabulário razoável e de unidades semanticamente mais complexas. Seu desenvolvimento da produção da linguagem acompanhou o de compreensão, apresentando ainda capacidade de produzir sentenças com pelo menos três unidades semânticas. Em contraste, o Bebê 1 apresentou apenas vocalizações e compreensão de um vocabulário inicial com combinações simples de palavras.

A partir destes resultados, busca-se discutir até que ponto tais evidências podem servir como indicadores seguros para auxiliar o estabelecimento de um diagnóstico precoce para o autismo, a fim de que confusões com quadros clínicos de outras síndromes possam ser evitadas.

Palavras-chave: Desenvolvimento infantil; Diagnóstico; Autismo

***

DES 22

OFICINA DE LINGUAGEM - MODALIDADE DE APOIO PARA O CUMPRIMENTO DAS TAREFAS DE DESENVOLVIMENTO DA MENINICE

*Luciana Carla dos Santos Elias** (Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto- Universidade de São Paulo-SP), Edna Maria Marturano (Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo-SP) e Michelle Cristine Mazzetto Betti* (Universidade de Ribeirão Preto- SP).*

A demanda infantil das clínicas de psicologia compreende predominantemente crianças na idade escolar, apresentando problemas de comportamento explícito e / ou desempenho escolar pobre. Esses problemas refletem dificuldades no enfrentamento das tarefas de desenvolvimento típicas da meninice, relacionadas a desempenho acadêmico e competência interpessoal.

A Oficina de Linguagem constitui modalidade de intervenção clínica para essa clientela, com o objetivo de melhorar a realização acadêmica e elevar a auto-estima da criança enquanto estudante. Sua realização é pautada por princípios de aprendizagem mediada. O atendimento, em pequenos grupos, inclui encontros semanais com duração de uma hora e meia a duas horas. As sessões são estruturadas em torno de tarefas coletivas como pesquisas e projetos, onde a linguagem oral e escrita é usada ativamente como meio para alcançar os objetivos comuns. Estudos prévios demonstraram melhora na motivação e no desempenho escolar das crianças atendidas nessa modalidade de intervenção.

A presente investigação tem o objetivo de verificar os efeitos da Oficina de Linguagem em crianças que apresentam problemas de comportamento associados à dificuldade escolar. Participaram 20 crianças de ambos os sexos, com idade entre sete e 11 anos, encaminhadas a uma clínica de psicologia vinculada ao SUS, com queixa de dificuldades escolares. Para seleção dos participantes, foi feita uma avaliação focalizando nível intelectual, leitura e escrita e problemas de comportamento. Os instrumentos utilizados foram a ECI-A2 de Rutter, CBCL de Achenbach, Matrizes Progressivas Coloridas de Raven e Teste de Desempenho Escolar. As crianças nas quais se detectou co-ocorrência de dificuldades de aprendizagem e problemas de comportamento foram atendidas em oficinas de linguagem durante 20 semanas. Os dados das avaliações pré- e pós-intervenção foram comparados através do teste t para amostras emparelhadas. Os resultados indicaram melhoras significativas tanto nas habilidades acadêmicas como nos problemas de comportamento. Os perfis do CBCL revelaram melhora mais pronunciada nas escalas de Problemas Sociais e Comportamento Agressivo, embora em algumas crianças os problemas de comportamento persistam em nível clínico. A correlação entre dados da avaliação inicial e indicadores de melhora mostrou que as crianças com desempenho escolar mais pobre ou mais problemas de comportamento foram as mais beneficiadas pela intervenção. A Oficina de Linguagem parece contribuir para o cumprimento das tarefas de desenvolvimento relacionadas não só à aprendizagem escolar, mas também às relações interpessoais. Está em curso um estudo de seguimento para verificar a permanência dos efeitos observados.

**FAPESP; *CNPq

Palavras-chave: Intervenção; Desempenho Acadêmico; Comportamento

***

DES 23

VERIFICANDO HABILIDADES DE SOLUÇÃO DE PROBLEMAS INTERPESSOAIS EM CRIANÇAS COM DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM E PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO, ANTES E APÓS UMA INTERVENÇÃO ESPECÍFICA PARA O DESENVOLVIMENTO DESSAS HABILIDADES.

*Luciana Carla dos Santos Elias** (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo) e Edna Maria Marturano (Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo).*

A literatura aponta que crianças com dificuldades de aprendizagem, assim como aquelas com problemas de comportamento, podem apresentar déficit em habilidades sociais, entre elas nas habilidades de solução de problemas interpessoais (HSPI). As HSPI são habilidades compostas de dois processos: soluções alternativas para problemas com companheiros ou figuras de autoridade e antecipação do potencial das conseqüências na ação interpessoal. Estudos têm demonstrado que o desenvolvimento ou aprimoramento das HSPI favorece as relações sociais e atenua problemas de comportamento. O Programa de Desenvolvimento de Habilidades de Solução de Problemas Interpessoais tem por objetivo atenuar problemas de comportamento através do desenvolvimento de recursos cognitivos de avaliação de situações sociais problemáticas. Baseado em uma proposta de Myrna Shure, busca ensinar a criança a reconhecer seus sentimentos e os dos outros, e então levá-la a pensar no que pode fazer em situações problemas, tendo em mente as conseqüências de seus atos para si mesma e para os outros. O programa inclui técnicas como diálogos de solução de problemas, "brainstorming" e dramatização. Em sua forma adaptada para crianças com dificuldades de aprendizagem, inclui atividades de produção de textos entre as técnicas de fixação dos conteúdos. As atividades são realizadas em pequenos grupos, em 20 - 23 sessões semanais de duas horas. O objetivo deste trabalho é avaliar a eficácia do programa para atenuar problemas de comportamento, assim como verificar se ele tem algum efeito sobre as dificuldades escolares das crianças atendidas. Participaram 22 crianças de ambos os sexos, com idade entre sete e nove anos, encaminhadas a uma clínica de psicologia vinculada ao SUS em razão de dificuldades de aprendizagem. Os participantes foram selecionados segundo critérios de presença de problema de comportamento e ausência de déficit intelectual. Os instrumentos utilizados foram a Escala Comportamental Infantil A2 de Rutter - ECI (versão para pais), Matrizes Progressivas Coloridas de Raven, Teste de Desempenho Escolar - TDE e o teste Preschool Interpersonal Problem Solving - PIPS. Durante 22 semanas, as crianças foram atendidas no programa e as mães receberam orientação focal quinzenal. No final do atendimento, as crianças foram reavaliadas. Os dados das avaliações pré- e pós-intervenção foram comparados através do teste t para amostras emparelhadas. Os resultados indicaram melhora em todos os índices utilizados. No PIPS, houve aumento nas soluções alternativas a problemas interpessoais e aumento no número de respostas socialmente aceitas. Ocorreu redução dos problemas de comportamento (ECI) e melhora no desempenho em leitura e escrita (TDE). Confirmando resultados de intervenções propostas por outros autores, o programa avaliado mostrou eficácia na atenuação dos problemas de comportamento. Uma contribuição adicional foi a melhora no desempenho em leitura e escrita, que se buscou favorecer através do acréscimo de atividades de produção de textos entre as técnicas de fixação do conteúdo do programa. Está em curso um estudo de seguimento para verificar a manutenção das melhoras obtidas. Os resultados sugerem que as HSPI são um aspecto relevante no trabalho com crianças em atendimento psicológico que apresentam co-ocorrência de problemas de comportamento e aprendizagem.

**FAPESP

Palavras-chave: Habilidades Sociais; Aprendizagem; Comportamento

***

DES 24

AS ATIVIDADES DE LAZER DESENVOLVIDAS EM UM CENTRO DE ATENDIMENTO A ADULTOS E IDOSOS SEGUNDO A PERCEPÇÃO DOS PARTICIPANTES E DA EQUIPE DE TRABALHO.

Sueli Aparecida Freire, Andreana Silva Freitas, Elayne de Moura Braga*, Fernanda Maria Lima de Miranda*, Lívia Silva Spósito* e Luciane Medeiros de Machado*. (Faculdade de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG)*

O presente trabalho foi desenvolvido em um centro de atendimento a adultos e idosos na cidade de Uberlândia-MG, com os objetivos de a) verificar a percepção dos participantes de atividades de lazer quanto aos benefícios pessoais delas decorrentes; b) levantar as avaliações dessas atividades feitas pelos participantes; c) comparar a percepção dos participantes e dos funcionários quanto aos benefícios decorrentes da participação nas atividades oferecidas. Foram aplicados cinquenta questionários contendo cinco questões abertas e vinte e seis questões fechadas além dos dados pessoais, para adultos

e idosos com idade entre cinquenta e oitenta e três anos que participavam de pelo menos uma das atividades oferecidas pelo centro. Participaram também desta pesquisa, dez funcionários do centro, os quais responderam a um questionário contendo quatro questões abertas. Para análise das questões fechadas utilizou-se o programa "SPSS for Windows" para cálculo de freqüências e médias e, para as questões abertas, fez-se uma análise qualitativa. Concluiu-se a partir dos resultados que a maioria dos participantes procuram as atividades para não se sentirem sós. Também manifestaram que preferem participar de atividades com pessoas da mesma faixa etária, com quem podem compartilhar seus problemas pois argumentam que em casa, as pessoas nem sempre têm tempo disponível para escutarem seus problemas. A grande maioria afirmou que, após começar a freqüentar o centro, sentiram mais disposição para realizar as atividades domésticas, maior segurança, descobriram atividades que lhes dão mais prazer, que houve uma amenização de problemas físicos, psíquicos (como o medo) e até financeiros. A maioria foi incentivada pelos familiares a participarem das atividades e acreditam que as relações familiares e com os amigos melhoraram após começarem a freqüentar o centro. Grande parte dos sujeitos sente-se mais calma e tranqüila e com maior bem-estar após desenvolver as atividades. Segundo os funcionários, os participantes procuram o centro para fugirem da solidão, ter maior socialização e acesso aos serviços médicos, fisioterápicos e psicológicos também oferecidos pelo centro. Pode-se verificar então uma correlação entre os participantes das atividades e os funcionários da instituição. A maioria dos entrevistados foram mulheres e as atividades mais freqüentadas são os trabalhos manuais (vagonite), as aulas especiais (yoga) e o baile, sendo este último a mais preferida pela maioria. Muitos concordam que as atividades poderiam melhorar, mas poucos sugeriram propostas para esta melhora. Conclui-se que adultos e idosos estão buscando alternativas como as atividades de lazer para obterem satisfação, prazer e melhora da qualidade de vida.

Palavras-chave: Envelhecimento; Lazer; Bem-estar subjetivo

****

DES 25

APROXIMAÇÕES ENTRE ESCOLA E FAMÍLIA: UM DESAFIO PARA EDUCADORES. *Silvia Regina Ricco Lucato Sígolo (Departamento de Psicologia da Educação, Universidade Estadual Paulista - Araraquara - SP) e Sarah de Oliveira Lullio (Mestre em Educação Escolar - Universidade Estadual Paulista - Araraquara - SP)*

O significado da infância em nossa sociedade contemporânea revela a atribuição de grande importância a esse período, considerando-se a existência de uma legislação específica, o Estatuto da Criança e do Adolescente, que pressupõe a garantia de seus direitos. Ao nos aproximarmos da família e da escola, temos a possibilidade de entrar em contato com o modo de educar e as concepções subjacentes, o que nos permite refletir sobre a socialização da criança nessa realidade. A maneira como as instituições educativas interagem é relevante, pois há atribuição de responsabilidade a uma ou outra havendo muitas vezes emergência de conflitos nesta situação. Neste trabalho a orientação teórica fundamenta-se na perspectiva ecológica do desenvolvimento humano, que objetiva analisar as concepções de pais e professores sobre a criança, o ambiente familiar e as possíveis relações que estes diferentes contextos podem estabelecer. Participaram da pesquisa duas professoras de primeira série do ensino fundamental de escola pública estadual e 12 famílias, sendo que 6 delas tinham seus filhos matriculados no período da manhã e as demais à tarde. A metodologia utilizada foi entrevista com roteiro semi-estruturado. Os dados obtidos mostraram que as famílias atribuem grande valor à instituição escolar, modificam a rotina familiar, demonstram interesse e auxiliam no processo de escolarização dos filhos para favorecer o bom desempenho dos mesmos. Nos momentos de contato entre pais e professoras (reuniões escolares), o desenvolvimento acadêmico do filho se constitui em conteúdo pouco explorado nas discussões; no entanto, permanece o interesse dos responsáveis pela criança. A postura parental de meros espectadores durante os encontros e as críticas relatadas pelos pais em relação a esse fator, revelam que a comunicação entre as instâncias educativas parece não ser adequada. As concepções das professoras construídas ao longo da trajetória profissional revelam questões individuais, crenças e valores subjacentes ao contexto pessoal e social. O modo de verem a escola revela a preocupação em formar o aluno "para o mundo", preparando-o para lidar com a competição cotidiana e mostrando-lhe aspectos positivos da realidade. A visão da criança enquanto pura e meiga é comum às professoras, fator que as impulsiona para a realização do trabalho, considerando-se as dificuldades inerentes à situação profissional. No entanto, ao refletirem sobre a prática docente, a agressividade e a indisciplina infantis prejudicam o processo educacional. Diante de tais impasses existe o estabelecimento da relação entre os alunos "problemáticos" e a desestrutura familiar, o que mostra o desconhecimento em relação aos componentes dos grupos e às próprias crianças, portanto a concepção é baseada em visões estigmatizadas. A representação social negativa sobre as famílias é subjacente à prática e dificulta o entendimento entre as instituições responsáveis pela educação da criança - família e escola - bem como o envolvimento dessas instâncias no processo educativo. A aproximação entre as instituições deve possibilitar reflexões que propiciem o desenvolvimento infantil adequado.

Palavras-chave: Desenvolvimento infantil; Família; Escola

****

DES 26

O SUPERDOTADO TAL COMO É VISTO PELOS ESTUDANTES DO CURSO DE PSICOLOGIA. *Aglaia Papazissis, Denise Maia Zapparoli e Lucia Chiringhello (Universidade São Marcos, São Paulo, SP)*

A nova Lei de Diretrizes e Base, de 1996, considera superdotado como sendo uma pessoa portadora de necessidades educacionais especiais. Define-se superdotado como o "indivíduo que apresenta notável desempenho e/ou elevada potencialidade em qualquer dos seguintes aspectos, isolados ou combinados: capacidade intelectual superior; aptidão acadêmica específica; pensamento criador ou produtivo; capacidade de liderança; talento especial para artes visuais, artes dramáticas e música; e capacidade psicomotora". Apesar da definição incluir diferentes talentos aquele que é mais freqüentemente lembrado é a superdotação intelectual. Esta desperta um misto de admiração e inveja nas pessoas comuns. O indivíduo superdotado por diferir significativamente da maioria da população pode ser visto como desviante e como tal ser estigmatizado pelos membros dos grupos nos quais se insere. Os estereótipos de que "todo gênio tem uma parcela de loucura"; de que a superdotação é um dom "abençoado" e condição suficiente para se ter sucesso na vida; de que está associada a uma fragilidade física, e que o alto nível intelectual gera um desajuste emocional, predominam entre nós. Este estudo tem por finalidade averiguar a presença destes estereótipos e como se configura, entre estudantes do curso de Psicologia. Considera-se que o resultado dessa investigação pode contribuir para que os estudantes do curso de Psicologia, estejam mais atentos aos seus pré-conceitos e estereótipos e desse modo possam no futuro atingir melhor desempenho profissional. Em geral esse tipo de investigação adota como instrumentos de coleta de dados, entrevistas, questionários, inventários ou outros instrumentos verbais. Optou-se por um instrumento projetivo gráfico na expectativa de se obter um padrão de resposta menos submetido ao discurso racional e que possibilite acessar o estereótipo e os possíveis pré-conceitos sobre a superdotação. Participaram como sujeitos, 30 estudantes, de ambos os sexos, alunos do terceiro e quarto semestres do curso de Psicologia. Estes foram escolhidos por não terem cursado, ainda, as disciplinas de Técnicas Projetivas Gráficas e Psicologia do Excepcional. A coleta de dados se deu num único encontro, com aplicação coletiva. Os sujeitos foram solicitados a fazer três desenhos com as seguintes instruções: a) Desenhe uma pessoa superdotada, b) Desenhe uma pessoa superdotada na escola; e c) Desenhe uma pessoa superdotada na família. Os desenhos foram analisados com base nos princípios desenvolvidos por K. Machover e J. Buck.

Palavras-chave: Superdotação; Estereótipo; Técnicas projetivas gráficas

****

DES 27

RELAÇÃO MÃE E FILHO: MAIS DO QUE UMA TROCA DE AFETOS. *Larissy Alves Cotrinhoto, Giselle do Carmo*, Juliana Fonte de Oliveira*, Letícia Francisca Alves da Silva*, Marcela Gomes Rodrigues*, Tatiana Lúcia Santana*, Vanessa Bettencourt* (Departamento de psicologia social e educacional, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Minas Gerais)*

A relação simbiótica estabelecida entre mãe e bebê é, inicialmente, puramente biológica e será transformada no que eventualmente se tornará a primeira relação social do bebê. Estudos anteriores comprovam que este vínculo mãe-filho é um fator relevante na transição do fisiológico para o psicológico e social. Desta forma, tudo aquilo que falta à criança e que é compensado pela mãe deve ser fornecido por esta de forma adequada. É a partir da constatação da importância da presença, não só da mãe, mas também do pai ou de seus substitutos neste primeiro ano de vida, que esta pesquisa tem como objetivo a melhor compreensão dos fatores que facilitam ou inibem o vínculo mãe-filho e que levam a um melhor desenvolvimento psicológico e cognitivo do bebê. Para a obtenção de tais dados foram realizadas entrevistas com mães que procuravam auxílio à pediatria do Hospital de Clínicas da Universidade Federal de Uberlândia. Foram confeccionadas, pelas próprias pesquisadoras, vinte e duas perguntas abertas e fechadas, que incluíam desde dados pessoais a perguntas mais específicas ao estudo realizado. As entrevistas foram feitas frente a frente com a mãe e durou em média trinta minutos cada uma. Os resultados obtidos demonstraram que a relação que a mãe estabelece com seu filho a partir da gestação, desde os sentimentos de rejeição da criança à completa aceitação da mesma, tem influências significativas no desenvolvimento, principalmente psicológico, do bebê. Encontrou-se também influências que o tipo de parto gera na elaboração da nova situação familiar e no estabelecimento da interação mãe-bebê. Descobriu-se também a importância da presença do pai na hora do nascimento tanto para auxiliar a mãe quanto para ligar-se mais fortemente ao bebê. Constatou-se que, apesar de não receber tal importância por alguns autores, a presença do genitor masculino na vida do filho é relevante. Uma vez que eles influenciam no desenvolvimento cognitivo de seus filhos mais do que as mães. Conclui-se, então, que o vínculo estabelecido entre pais e filhos, principalmente, entre mãe e bebê, é um fator de grande importância para o desenvolvimento físico, cognitivo e psicológico da criança. Neste período de vida, o papel paterno e materno é importantíssimo e a carência de contato com eles, sofrendo de contato corporal cotidiano, denota um déficit na base que a criança

estabelecerá para as suas futuras relações sociais. É de importância a constatação de que mesmo a mãe tendo assim importância no desenvolvimento de seu filho, qualquer um dos genitores que desempenhar um papel importante na vida do bebê, influenciará muito no desenvolvimento da personalidade de seu filho.

Palavras-chave: Relação mãe-bebê; Psicoprofilaxia; Desenvolvimento

---

DES 28

TRAJETÓRIAS DE ADOLESCENTES DE UM BAIRRO POPULAR: SIGNIFICADOS PERCEBIDOS SOBRE RISCO-PROTEÇÃO. *Maria Alves Ramos de Medeiros, Lia Rocha Londelo, Mayara Nascimento Reis e Ana Cecília de Sousa Bastos (UFBA)*

O presente estudo tomou como objeto percepções e modos de enfrentamento de condições de risco à saúde e ao desenvolvimento do adolescente, no contexto de um bairro popular, assumindo tacitamente discutir: (1) os nexos entre o dizer e o fazer, a partir do discurso dos adolescentes e suas famílias; (2) as relações entre cultura e desenvolvimento e as diferentes perspectivas encontradas em sua abordagem (transcultural e inclusiva da cultura). Nas análises aqui destacadas, o objetivo específico foi caracterizar o processo através do qual adolescentes apreendem e elaboram os significados do contexto relacionados a condições de risco e proteção e a estratégias possíveis em seu enfrentamento. É parte de um estudo longitudinal, de cunho etnográfico, mais abrangente, com foco na família enquanto contexto de desenvolvimento e de estratégias de enfrentamento de adolescentes em condições de risco. Uma amostra de sete famílias participaram do estudo longitudinal que foi iniciado em 1992. Na etapa de seguimento atual foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com adolescentes pertencentes a cada uma das famílias do estudo original, com o objetivo de compreender como sua percepção de eventos indicadores de risco e proteção direcionam suas trajetórias de desenvolvimento. A adolescência é uma etapa do desenvolvimento em que ocorre diferenciação em relação às figuras de referência, supostamente acompanhada por um progressivo envolvimento de participação em vários âmbitos do cotidiano, e que podem ser analisados assumindo, de acordo com Bronfenbrenner, que o contexto se apresenta multinivelado e multidimensionado. Esse processo, também chamado, por alguns autores, de protagonismo juvenil, no qual a ação do adolescente nos acontecimentos que o afetam baseia-se em valores vividos e incorporados por ele, envolve também a concretização de um projeto de vida. Foram selecionados episódios nos quais o adolescente relata eventos ou aspectos aos quais atribui o significado de risco. Esses episódios foram interpretados dentro da configuração de sentidos presente nos projetos de vida em construção pelos adolescentes, considerando ainda suas competências desenvolvimentais em diferentes domínios: social, profissional, interpessoal, acadêmico e esportivo. Foi possível identificar variações quanto ao modo de comportar-se a fatores de risco baseados na percepção desse mesmo fator como representativo de risco sob variados graus. Os adolescentes ativamente selecionam aspectos do contexto e elaboram representações que passam a direcionar seus comportamentos. Delineiam, assim, comportamentos de risco e ações voltadas para a proteção. Experiências do adolescente assim como aspectos como idade e gênero parecem estar relacionados às atribuições de significado. São finalmente tomados quatro casos, contrastantes na percepção de eventos de risco, para discutir como essa percepção incide sobre o direcionamento de projetos de vida.

Palavras-chave: Adolescência, Percepção e Risco; Trajetórias de desenvolvimento

---

DES 29

PINÓQUIO E PSICOLOGIA- O QUE HÁ EM COMUM?. *Indira Caldas C. de Oliveira** e Rosângela Francischini (Departamento de Psicologia - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN)*

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998) compreende a brincadeira como uma ação que ocorre no plano da imaginação, existindo uma diferença entre o brincar e a realidade. Enquanto as crianças brincam elas assumem papéis com suas ações e características específicas, os quais ajudam a estabelecer vínculos, relações e generalizações para outras situações e internalização de modelos e valores do adulto. A brincadeira favorece a auto-estima, possibilita o desenvolvimento da linguagem oral e gestual e a elaboração das emoções, sentimentos e regras sociais. Esta compreensão está baseada em teorias psicológicas, e entre elas, a que o presente trabalho enfocou foi a teoria sócio-histórico-cultural proposta por Vygotsky e Leontiev. Esses autores compartilham da idéia de que o brinquedo constitui em uma atividade especial no desenvolvimento da criança, considerando-o como principal, no sentido que ela prepara o caminho de transição de um estágio para outro e que através dela ocorrem as mais importantes mudanças no desenvolvimento psíquico. A necessidade da utilização do brinquedo surge em decorrência das crianças, em idade pré-escolar, querer satisfazer necessidades que não podem ser realizadas em decorrência de sua própria capacidade física (ex. dirigir um carro) e, para satisfazer suas necessidades ela envolve-se num mundo imaginário e ilusório - o brinquedo, no qual é uma atividade baseada na percepção que a criança tem do mundo dos objetos e não do objeto em si, ou seja, está baseada no processo e não no resultado. Desta forma, a criança começa a dirigir a sua ação pelo significado da situação (objeto), existindo uma separação entre objeto e significado, o que a leva posteriormente atingir uma definição funcional de conceitos ou de objetos e ao desenvolvimento de pensamento abstrato. Ocorre também a separação entre ação e significado, o significado predomina sobre a ação, levando a criança a desenvolver a vontade e a capacidade de fazer as suas escolhas conscientes. Sob a ótica da psicologia analisamos a obra de Carlos Collodi: As aventuras de Pinóquio (versão original escrita e não do filme) em que descreve a história de um marceneiro chamado Gepeto que recebe um pedaço de madeira falante, com o qual constrói um boneco e quem é dado o nome Pinóquio. Este se envolve em várias aventuras, e dentre os vários aspectos abordados nesta obra, elegemos o aspecto da brincadeira como foco principal. A perspectiva adotada utilizada é a análise e discussão da brincadeira dentro da psicologia fazendo uma relação com a condição vivenciada pelo personagem. A análise tem sinalizado que na obra citada há uma incompatibilidade entre o brincar e a escola, não sendo possível os dois aspectos estarem juntos. Pinóquio, não achando espaço para brincar, foge com um amigo para a cidade dos brinquedos, onde a brincadeira não tem hora para acabar. No entanto, é justamente neste local que o personagem vira burro, o que mais uma vez, na obra de Collodi, mostra uma desvalorização da brincadeira. Collodi coloca a brincadeira como algo prejudicial ao desenvolvimento da criança, contrariando as contribuições que a psicologia apresenta.

Palavras-chave: Brinquedo, Escola; Desenvolvimento Infantil

DES 30

INTERAÇÃO MÃE-BEBÊ E DESENVOLVIMENTO: OS EFEITOS DA DEPRESSÃO MATERNA E A INTERVENÇÃO DO PSICÓLOGO. *Fernanda Piccoli da Silva* e Maria Lucia Seidl de Moura** (Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro - RJ)*

No contexto de uma maior compreensão de alguns dos efeitos da Depressão Pós-Parto na construção da relação mãe-bebê e da atuação do psicólogo em face da ocorrência do diagnóstico de depressão materna, o presente trabalho tem como principais objetivos investigar como esse condição vem sendo identificada e encaminhada pelos profissionais da saúde e discutir o papel do psicólogo neste processo. A amostra foi constituída por ninte profissionais da área de saúde: dez psicólogos, dez pediatras e dez obstetras. Estes profissionais residem em diferentes bairros da cidade do Rio de Janeiro e têm tempo de formação profissional diferenciado. Os dados foram colhidos através da aplicação individual de um questionário especialmente desenvolvido para este estudo, o qual visa obter informações sobre a identificação, avaliação e encaminhamento dos casos de depressão pós-parto com base na experiência de cada um destes profissionais. Os resultados parciais parecem corroborar algumas hipóteses iniciais, de que, de maneira geral, casos de depressão pós-parto são pouco identificados, verificando-se uma maior incidência do tipo mais leve de depressão materna - "tristeza pós-parto" ou "baby blues". Além disso, os pediatras e obstetras demonstraram estar atentos aos indícios apresentados por algumas mães que poderiam levar a um diagnóstico de depressão puerperal, fazendo um encaminhamento do caso ao psicólogo. Considerando-se tais fatos, se verifica a importância da formação e do treinamento de equipes multidisciplinares para desenvolverem programas dirigidos à saúde da mulher e da criança, as quais possam, conjuntamente e de forma interdisciplinar, intervirem durante a gravidez e logo após o parto, fatores de risco que podem vir a acometer prejuízos à criança em fases posteriores de seu desenvolvimento. Estes programas devem conter informações acerca dos cuidados gerais com o bebê (e. g., higiene, alimentação, etc.) e criar espaço para que as mães possam falar e trocar experiências sobre os seus sentimentos em relação ao processo da maternagem. A formação de um vínculo entre o bebê e seu cuidador (mãe) é essencial para a sobrevivência do bebê e para o seu processo de desenvolvimento. Assim, conhecer o vasto conjunto de variáveis atreladas a este tipo de "adoecimento" psíquico pode favorecer a adoção de programas de acompanhamento e assistência pré e peri-natal importantes ao bem-estar e desenvolvimento futuro das crianças.

CNPq - Projeto Integrado

Palavras-chave: Interação mãe-bebê; Depressão pós-parto; Intervenção do psicólogo

---

DES 31

O CONTO PINÓQUIO COMO ARMA UTILIZADA POR EDUCADORES NA FORMAÇÃO INFANTIL. *Walquiria Patrício de Lima Santos** e Rosângela Francischini (Departamento de Psicologia - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN)*

O tema mentira tem sido discutido por autores de várias abordagens do desenvolvimento infantil. Para a Psicogenética, esta ação de mentir é percebida pela criança pequena como um comportamento "mal". Por outro lado, esse comportamento é fonte de grande preocupação para os adultos. Nas crianças pequenas, aquilo que os adultos chamam de mentira, muitas vezes, confunde-se com a fantasia lúdica e considerada, na corrente de estudo acima citada como atividade inteiramente saudável da mente infantil, característica inerente à

criança pequena que a leva, muitas vezes, a fazer "afirmações falsas", "testemunhos defeituosos" e "interpretações errôneas", porém sem intenção de enganar o outro. Essa capacidade aparece desde o período Sensório-motor, mas é no Pré-operatório que mais intensamente se manifesta, pois a função simbólica se desenvolve especificamente nessa condição (representação do ausente, imaginação, jogos simbólicos etc). No que diz respeito ao desenvolvimento da moralidade, a fantasia é de grande importância para a avaliação do que é certo ou não. Estritamente ligado aos conceitos de mentira e fantasia está o de punição. Este consiste no critério usado pelo adulto para com a criança pequena que determina se uma mentira é permissível ou não. Existem dois tipos de punição - a expiatória e a por reciprocidade. Na criança pequena observa-se a aplicação da punição expiatória que consiste em uma punição forte dada às crianças pelos pais ou outras autoridades pela desobediência às regras. Ela tem caráter arbitrário e não guarda qualquer relação com o conteúdo da ordem não obedecida. É neste contexto que esse trabalho se insere, tendo como objetivo o desenvolvimento da inter-relação entre os três temas definidos considerando suas conseqüências para o desenvolvimento da criança e o conto de Carlos Collodi - As aventuras de Pinóquio (versão do livro e não do filme). Esse conto tem sido há anos, tanto pela família quanto no ambiente escolar, usado como advertência contra a atitude de faltar com a verdade. Dentre vários aspectos o livro procura caracterizar um personagem que, em situações de mentira ou fantasia, recebe como punição o crescimento de seu nariz (punição do tipo expiatória já que não guarda qualquer relação com o caráter de suas mentiras). O presente trabalho propõe a análise e discussão da temática nas obras mais representativas da vertente de apreciação que vem direcionando nossa proposta, procurando relacionar condição vivenciada pelo personagem à mentira, à punição recebida e à mudança de atitude. Paradoxalmente às lições propostas pelo texto, os resultados sinalizaram para o reconhecimento da fantasia como uma característica do desenvolvimento infantil.

Palavras-chave: Mentira, Punição, Formação Infantil

DES 32

IMPLICAÇÕES DA AUSÊNCIA PATERNA PARA A QUALIDADE DA INTERAÇÃO MÃE-BEBÊ. *Helenita Ferrari e Cesar A. Piccinini (Instituto de Psicologia - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)*

O presente estudo teve por objetivo examinar as implicações da ausência paterna na qualidade da interação mãe-bebê. Participaram do estudo quatorze mães primíparas, com idade entre 21 e 31 anos, metade das quais residiam com o companheiro e as demais não residiam nem conviviam com o companheiro. Todas as mães eram de nível sócio-econômico médio baixo e não apresentaram problemas de saúde durante a gravidez. Para se investigar a qualidade da interação mãe-bebê foi realizada uma sessão de observação da díade interagindo livremente na residência das famílias quando o bebê havia completado três meses. Para fins de análise foram selecionados os primeiros seis minutos da sessão de observação, que foram divididos em intervalos de quinze segundos, durante os quais se examinou a incidência de quatorze categorias de comportamentos maternos, nove de comportamentos do bebê e vinte e cinco seqüências sincrônicas. Análise estatística utilizando o Teste Mann-Whitney revelou diversas diferenças significativas entre os dois grupos de mães. As mães sem companheiros, no geral, mostraram-se menos responsivas, assim como os seus bebês. Já as mães com o companheiro tenderam a interagir quantitativamente mais e melhor do que as que não tinham companheiro. As mães com companheiros apresentaram uma maior diversidade de comportamentos interativos, incluindo o olhar, o sorriso, as trocas verbais e o contato corporal, aproximando-se mais de uma interação marcada pela sincronia com seu bebê. Embora os resultados sugiram que a presença do pai seja um fator importante para a qualidade da interação mãe-bebê, enfatiza-se que a existência de uma rede de apoio à mãe sem companheiro pode minimizar eventuais conseqüências da ausência paterna.

Palavras-chave:

DES 33

DEMANDAS DA CRIANÇA E RESPONSIVIDADE DO ADULTO EM AMBIENTES DOMÉSTICO E DE CRECHE. *Eulina Lordelo, Anderson Chalhub* e Cláudio Seal* (Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Bahia - Salvador, BA)*

O constructo responsividade vem sendo sistematicamente associado na literatura à construção de esquemas cognitivos precoces, relativos às expectativas de contingência e controle do ambiente pelo comportamento da pessoa. Os padrões de responsividade do adulto estariam associados à formação de vínculos de apego e, por extensão, a praticamente todas as áreas do desenvolvimento. A responsividade caracteriza-se pela tendência do adulto em seguir a iniciativa da criança, atentando prontamente para seus estados comportamentais e respondendo apropriadamente, em sintonia com a demanda da criança. Em decorrência, os ambientes de cuidado coletivo poderiam, em tese, ser caracterizados como ambientes de baixa responsividade adulta, devido ao número de crianças por adulto exceder ao que é comumente encontrado nos ambientes familiares de criação. Assim, dada as repercussões dessa variável no desenvolvimento, o estudo visou investigar os níveis de responsividade em ambientes domésticos e de creche. Foram filmadas 58 crianças em creche em situação de brinquedo livre, e 90 em ambiente doméstico em situação de entrevista semi-estruturada com as mães. Essas filmagens foram utilizadas para categorizar necessidades da criança e respostas dos adultos. Foram registrados as seguintes situações e/ou estados comportamentais da criança: necessidades fisiológicas, situações de perigo, busca de conforto emocional, situações de dor, busca de intercâmbio social, incapacidade motora, conflitos com outra criança ou busca de independência. Registraram-se cinco níveis de respostas do adulto: ignorar, olhar, interação corporal; interação compartilhada; interação exclusiva e recíproca. Os resultados mostraram que a maioria das situações de demanda da criança, independentemente do tipo de ambiente em que são observadas, é de natureza social - trocas verbais, solicitação de apoio, busca de confirmação, convites para brincadeiras ou simplesmente busca de contato físico. As crianças dos ambientes de creche apresentam um número de demandas ao adulto muito menor do que as crianças em ambientes domésticos, embora o tipo de demanda seja semelhante. As crianças de status sócio-econômico médio demandam mais intercâmbio social enquanto as outras procuram mais conforto emocional, embora no conjunto das demandas não sejam observadas diferenças significativas relacionadas ao nível de renda das famílias. As freqüências da categoria ignorar as demandas da criança são mais elevadas nas creches e nos ambientes de nível socio-econômico baixo. Os resultados são discutidos em termos das contribuições de variáveis ecológicas para o nível de responsividade ao qual a criança está exposta e suas repercussões para o desenvolvimento. A dupla dependência da responsividade do adulto tanto ao tipo de ambiente como ao nível sócio-econômico dos cuidadores sugere um importante nível de articulação entre variáveis de natureza material e cultural, que deve ser um referencial orientador para a pesquisa na área.

Apoio: CNPq

Palavras-chave: Responsividade; Interação adulto-criança; Ambiente de desenvolvimento

---

DES 34

VARIAÇÕES NA ATRIBUIÇÃO DE SIGNIFICADO DADA PELA MÃE AO COMPORTAMENTO DO BEBÊ EM FUNÇÃO DO GÊNERO EM DUAS FASES DO DESENVOLVIMENTO. *Daniela de Paiva Pietroluongo*, Sonya Franco Rocha* e Maria Lucia Seidl de Moura (Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro)*

As interações diádicas mãe-bebê, principalmente as interações mediadas pela fala materna, podem ser importantes para explicar as transformações de processos psicológicos naturais e espontâneos, em culturais e de comunicação social. Pressupõe-se que as interações proporcionam mudanças interpessoais nas díades e intrapessoais na criança. O estudo da Atribuição de Significado (subcategoria de análise da fala materna) se justifica na medida que os adultos procuram incorporar as crianças à sua cultura, atribuindo significado às suas condutas. Algumas regras sociais implícitas no uso da linguagem estão relacionadas a uma série de diferenças observadas em relação a variáveis como idade e gênero. Assim, este estudo analisou a fala materna atendo-se às atribuições de significados feitas pelas mães aos comportamentos de seu bebê, levando em consideração o gênero da criança em duas etapas do desenvolvimento inicial. A amostra foi composta de 20 díades com bebês de trinta dias e 20 díades com bebês de cinco meses, com igual número de meninos e meninas. As díades foram filmadas em ambiente natural sendo suas falas e vocalizações transcritas. As díades residiam no Rio de Janeiro, seu nível sócio-econômico variou entre baixo e médio, as mães possuíam entre 18 e 41 anos, com nível de escolaridade predominante de ensino médio. As atribuições de significado feitas continham aspectos referentes a: Preferências/vontade, Necessidades básicas/fisiológicas, Condição/sensação física, Estados emocionais, Capacidade cognitiva. A análise dos enunciados maternos revelou diferenças em seus comportamentos comunicativos em função do gênero da criança nos aspectos preferência e vontade e sensação física. As médias de enunciados foram significativamente maiores para os meninos do que para as meninas aos 30 dias, não ocorrendo o mesmo aos 5 meses. Na média do total de meninos e meninas, foram observadas diferenças significativas no aspecto preferência e vontade. Esses resultados podem contribuir para a compreensão de crenças parentais socialmente compartilhadas influenciadas por questões de gênero. Neste estudo elas se revelaram em diferenças nas categorias preferências e vontade e sensações físicas, quando os bebês tinham 30 dias, parecendo transformar-se à medida que cresce o conhecimento da mãe acerca das características pessoais do bebê. Isto se revela na ausência de diferenças quando os bebês tinham 5 meses. É possível que a diferença observada na categoria sensações físicas possa ser atribuída à crença das mães de terem menos conhecimento para lidar com bebês de sexo diferente do seu. A ausência de diferença significativa na categoria estado emocional sugere transformações nas expectativas tradicionais relativas à emocionalidade de homens e mulheres. Nas categorias necessidades básicas e estados emocionais, o maior número de atribuições feitas aos bebês de 30 dias pode vincular-se ao fato destes parecerem oferecer menos pistas. Assim, as mães têm que formular mais hipóteses para explicar seus comportamentos, fazendo mais atribuições. O estudo da fala materna pode oferecer importantes subsídios para a

compreensão de aspectos sociais e culturais implícitos, de fundamental importância para a compreensão do desenvolvimento humano.

CNPq/FAPERJ
Palavras-chave: Interação; Atribuição de significado; Gênero

*****

DES 35
PROCESSOS DIALÉTICOS DE CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO REPRESENTADOS EM LINGUAGEM DE PROGRAMAÇÃO LÓGICA. *Gabrielle Rosende Soares*, Meldany Vieira Junior*, Renata Bastos Capovilla Rosário*, Roger Cruz Pinheiro* e Sônia Silveira de Queiroz. (Departamento de Psicologia Social e do Desenvolvimento da Universidade Federal do Espírito Santo - Vitória - ES)*

As bases teóricas fundamentais são derivadas do trabalho de Piaget. A dialética, tal como sistematizada em sua última obra, e as formulações da Epistemologia e Psicologia Genéticas. Como bases teóricas secundárias contamos com as contribuições da Inteligência Artificial (IA), sobretudo em suas vertentes relacionadas aos Sistemas Especialistas e ao Processamento de Linguagem Natural.

São objetivos da pesquisa: a investigação dos processos dialéticos de construção do conhecimento, utilizados pelos sujeitos na resolução do jogo "Arca de Noé"; a elaboração de um sistema modelar de representação do conhecimento aplicável à linguagem de programação lógica utilizável em ambiente de Inteligência artificial.

Os sujeitos são estudantes de 05 a 14 anos, distribuídos em faixas etárias (05 a 07 anos; 08 a 10 anos e 11 a 14 anos) conforme cronologia dos estádios de desenvolvimento elaborados na Epistemologia Genética de Piaget. Participaram também como sujeitos desta pesquisa 04 professores do ensino fundamental, 02 com habilitação em Magistério (nível de 2o. Grau) e 02 que possuem o curso de Pedagogia.

A metodologia da pesquisa baseou-se na abordagem microgenética construtivista. Utilizamos como instrumento principal uma adaptação do jogo "cara-a-cara", comercializado no Brasil pela Estrela S.A. Nessa adaptação, as figuras originais (24 caricaturas) foram substituídas por fotografias de 24 animais diferentes, sendo 06 mamíferos, 01 anelídeo, 06 artrópodes, 04 aves, 01 anfíbio, 03 peixes e 03 répteis, configurando assim o jogo "Arca de Noé". O jogo é composto ainda por dois conjuntos de cartas idênticas às dos tabuleiros, e que servem para extrair-se a carta (senha) a ser adivinhada pelos jogadores. Todos os sujeitos jogaram 02 partidas iniciais, com apenas o seu tabuleiro, em que deveriam adivinhar a senha escondida em até 06 perguntas; analogamente, outras 04 partidas foram jogadas, dessa feita em regime de competição com o experimentador, que portava outro tabuleiro. As intervenções deram-se pelo uso de perguntas de exploração, justificação e controle, sempre após a conclusão das ações dos sujeitos. Todas as sessões foram integralmente filmadas e as cenas editadas em fita única para posterior análise.

Os resultados da pesquisa propõem uma tipificação de erros específica para o jogo "Arca de Noé"; apontam para a confirmação do nivelamento, tal como elaborado na dialética de Piaget, em função das características apresentadas pelos sujeitos em suas ações e justificações das mesmas, e permitem a elaboração de um modelo primário e fundamental de aquisição de conhecimentos baseado em linguagem de inteligência artificial.

As conclusões desta investigação, além da trivial contribuição para esta linha científica de pesquisa, indicam a viabilidade de integração entre as Ciências da Computação e os postulados da Epistemologia e Psicologia Genéticas, no avanço no que diz respeito aos modelos de aquisição de conhecimentos baseados em sistemas especialistas.

CNPq/PRPPG/UFES
Palavras-chave: Construtivismo; Processos dialéticos; Inteligência artificial

*****

DES 36
PROCESSO INTERATIVO DE BEBÊS EM CRECHE ANALISADO A PARTIR DE UMA VISÃO SÓCIO-HISTÓRICA. *Adriana Mara dos Anjos*; Cícero Roberto Fonseca e Vasconcelos** e Maria Clotilde Rossetti-Ferreira (Departamento de Psicologia e Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo)*

Na tentativa de contribuir para ampliar os conceitos que se tem sobre interação em crianças pequenas no contexto de creche e auxiliar as educadoras diretamente envolvidas com essas crianças, no sentido de favorecer as interações que possibilitem o desenvolvimento dentro dos domínios filogenético, histórico, ontogenético e microgenético e de melhor organizar este ambiente de cuidado coletivo é que desenvolvemos um estudo microgenético de episódios interativos, fundamentado nos trabalhos de Wallon e Wygotsky e na nova proposta teórico-metodológica da Rede Dinâmica de Significados que está sendo desenvolvida pelo grupo de pesquisa de Rossetti-Ferreira do CINDEDI (Centro de Investigações do Desenvolvimento e Educação Infantil). Neste estudo, entendemos interação como o compartilhamento de uma mesma atividade, de olhares, posturas e alguns movimentos corporais claramente direcionados ao outro. Para que a microgênese desse processo fosse investigada, recorremos a um banco de dados do referido grupo de pesquisa (cinquenta e quatro fitas de vídeo com setenta e cinco horas de duração) de um Processo de Adaptação de Bebês em Creche, filmado diariamente por três meses seguidos. Desse banco de dados recortamos todas as cenas interativas no campo criança-criança de um bebê de doze meses e 5 dias, ao entrar na creche, e seus pares, com posterior transcrição e análise. Do material analisado, pudemos verificar um refinamento das cenas interativas ao longo de todo o processo, no qual o nosso sujeito vai adquirindo meios para intervir no seu mundo e em si mesmo, utilizando-se dos recursos disponíveis nas várias situações em que se encontra e descobrindo outros num processo contínuo de aprendizagem e desenvolvimento enquanto ser inserido em um contexto de interação social onde são compartilhadas manifestações afetivas em um estado de fusão de um com o outro e depois a diferenciação para constituição de si mesmo. Essa transformação do interpessoal em intrapessoal é o resultado de um processo longo de desenvolvimento onde ocorrem transformações qualitativas e graduais de formas elementares de comportamentos para formas complexas, reestruturando, a cada estágio, as relações entre todas as funções mentais existentes. É, por conseguinte, histórico quanto à sua natureza, fruto de um processo dialético. Não apenas o sujeito de nosso estudo mas também seus parceiros estão envolvidos e são constituídos em um jogo de significações, definido fundamentalmente pelo papel, posição ou perspectiva assumida ou atribuída a cada sujeito nas ações e interações que ocorrem em seu ambiente interativo, onde as redes de significações são constituídas por fatores físicos, sociais, ideológicos e simbólicos, próprios da cultura do grupo social em que nosso sujeito está inserido.

(FAPESP/CNPq)
Palavras-chave: Interação criança-criança, Microgênese, Desenvolvimento

*****

DES 37
ADOLESCENTE E INTERNET. RELAÇÕES REAIS OU VIRTUAIS?. *Alda Leila Palheta*, Larissa Wolfart de Oliveira*, Leyla de Perpétuo Tavares de Almeida*, Márcia Regina Valente Pimentel*, Ana Cristina Costa França (Universidade da Amazônia, Belém-Pa)*

Analisar a relação entre adolescente e Internet se faz relevante e atual devido a uma tendência crescente do uso da Internet por adolescentes. Os sites possibilitam variados tipos de entretenimento e possibilidades de relacionamentos, que vão da simples amizade ao sexo virtual. Apesar deste mundo virtual se mostrar atraente, também se torna perigoso, na medida em que o adolescente deixa de vivenciar o contato real, substituindo-o pelo virtual. A presente pesquisa focalizou uma problemática apresentada por adolescentes que apesar de receberem um suposto suporte que os leve à socialização, não conseguem relacionar-se diretamente com outros adolescentes, voltando-se demasiadamente à Internet, como uma espécie de substituição de relações. O objetivo da pesquisa foi avaliar os motivos que levam adolescentes a substituírem o contato direto entre adolescentes pelo contato virtual, via Internet. Participaram adolescentes de classe média, de ambos os sexos, com idade entre 14 a 19 anos, cursando o ensino fundamental segundo ciclo ou ensino médio, freqüentando escolas privadas na cidade de Belém-Pa, que possuíssem computador em sua residência com Internet disponível, passando mais de quatro horas conectado. Aplicou-se um questionário contendo dez perguntas: Qual a sua opinião sobre a Internet?, Quais situações você utiliza a Internet?, Dentre estas alternativas em quais você recorre a Internet?, Qual o período do dia em que você fica mais conectado a Internet?, Quantas horas em média você fica conectado a Internet?, Sua família monitora o tempo que você fica conectado?, O que você deixa de fazer para navegar na Internet?, Como são os seus relacionamentos com outras pessoas fora da Internet?, Você prefere mais os relacionamentos virtuais (Internet) ou reais (contato direto)?, De acordo com sua resposta anterior explique o porquê de sua preferência. Todos os participantes relataram utilizar freqüentemente as salas de bate-papo, enviar e receber e-mails ao utilizar a Internet. Os horários em que os adolescentes relataram ficar conectados à Internet também é unânime: noite e madrugada. O tempo em que permanecem conectados varia de 4 a 15 horas. Verificou-se uma diferença nas respostas dos participantes, onde 60% destes, deixam de ir ao Shopping para ficar navegando na Internet, outros 40% substituem os eventos familiares pela Internet. Observou-se ainda que os participantes divergem quando perguntado a respeito dos seus relacionamentos fora da Internet, variando de regular a ótimo. Os resultados não confirmaram as hipóteses, pois os adolescentes apesar de disporem de tempo significativo dedicado à Internet em sua maioria relataram ter preferência por relacionamentos reais. Parece não haver uma substituição do contato real pelo virtual, contrastando com o problema proposto e com o referencial teórico. Na análise dos dados infere-se que os adolescentes buscam no real o que encontram nas relações virtualizadas, no entanto ao se depararem com essa impossibilidade, voltam-se cada vez mais para a utilização da Internet como veículo de relacionamentos entre adolescentes. Os dados até aqui apresentados representam uma prévia, pois requerem uma nova coleta para que se possa verificar e confirmar a inferência acima descrita.

Palavras-chave: Adolescência e Internet; Relações Virtuais; Relações Reais

*****

DES 38

ABUSO SEXUAL NA INFÂNCIA. *Bianca Fiuza Damas*, Elmar Moreira Curado*, Rafael Plakudi Souto Maior*, Rosângela Lopes de Souza*, Sabrina Ferreira Feitoza*. (Universidade de Brasília, Distrito Federal)*

O abuso sexual é definido como um ato sexual, de relação hetero ou homossexual entre um ou mais adultos e uma criança ou adolescente, tendo por finalidade estimulá-los sexualmente ou utilizá-los para obter uma atração sexual sobre sua pessoa ou outra pessoa. O objetivo do trabalho foi abordar definições de conceitos relevantes ao abuso sexual, seus efeitos a curto e longo prazo e os cuidados ambientais pertinentes às formas de prevenção e intervenção psicológica. Em seus locais de trabalho, utilizando-se registro em áudio, foram realizadas seis entrevistas com profissionais que lidam diretamente com as crianças vítimas e suas famílias. Foram analisados dados estatísticos da Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente e do SOS Criança, ambos do Distrito Federal, além de dados do Instituto Médico Legal Renato Chaves, do Pará. Um levantamento teórico sobre o tema apontou melhores definições, efeitos mais recorrentes e sugestões de intervenção. No tocante aos resultados, as denúncias costumam ser feitas à instituições de atendimento à criança e ao adolescente pelos professores, vizinhos ou parentes. O abuso também pode ser identificado quando a criança apresenta sinais físicos como sangramento vaginal e fissuras anais. Quanto ao contexto familiar, o abuso é mais freqüente dentro da família, o que traz conseqüências mais severas devido à confusão no que se refere ao papel dos familiares. A reação da criança depende da sua idade e do uso ou não de violência. Como efeitos psicológicos imediatos, foram freqüentemente citados: sentimentos de abandono, culpa pela possível desestruturação da família e medo de represália de outros parentes. A médio e longo prazos, a criança pode passar por um processo de dissociação e não recordar-se do abuso até que haja intervenção. Outros efeitos mais tardios são: falta de confiança nos adultos, insegurança, tristeza, tendência ao isolamento, mudanças súbitas de humor, distúrbios de sono e apetite. No decorrer do desenvolvimento, as áreas afetiva e sexual parecem ser as mais afetadas, podendo surgir dificuldades de estabelecer relações duradouras, baixa auto-estima ou, em pólos opostos, hipersexualização ou entendimento do sexo como algo sujo ou pecaminoso. As intervenções profissionais não são preestabelecidas, sendo diferentes para cada criança e família. Psicoterapia individual ou terapia de grupo são indicadas ao agressor, quando este não apresentar um quadro de psicopatia que exija intervenções mais severas. Em casos de abuso intrafamiliar, pode haver necessidade de intervenções com outros membros da família. Como tratamento para as crianças, algumas sugestões foram escolas de recreação terapêutica, ludoterapia individual e terapia de grupo. Recomenda-se o acompanhamento da criança durante cinco anos. Para a Psicologia, as informações obtidas neste trabalho indicam a necessidade de uma maior interdisciplinaridade com outras ciências para que haja a possibilidade de se empreender um trabalho mais eficaz de identificação do abuso e estabelecimento das intervenções. Para o psicólogo de modo individual, esta realidade indica a relevância de sua atuação na avaliação psicológica da vítima pós-abuso e acompanhamento subseqüente, na tentativa de evitar possíveis seqüelas no desenvolvimento infantil.

Palavras-chave: Abuso sexual infantil; Agressão familiar; Transtornos psicológicos

*****

DES 39

DO PAPEL DAS IMAGENS, AS IMAGENS NO PAPEL. *Ana Lopes Palmer** (Departamento de Psicologia da Aprendizagem e do Desenvolvimento Humano, Instituto de Psicologia - Universidade de São Paulo, São Paulo-SP)*

Esse painel terá como objetivo apresentar o projeto de dissertação do mestrado. Esta dissertação pretende fazer um estudo sobre o conceito de imagem na psicologia genética de Jean Piaget e na Psicologia Analítica de Carl Jung, localizando ao longo das obras, tal conceituação e a importância da imagem para o desenvolvimento psicológico. Ambas as teorias serão relacionadas, comparando-se o papel atribuído pelos autores às imagens. O estudo focalizará ainda os desenhos como forma de expressão das imagens. Como Piaget trabalhou com os desenhos infantis ao longo de sua obra? O que pensou Jung sobre os desenhos e as expressões gráficas? As imagens têm um papel fundamental na psique humana. Piaget atribui tal importância no desenvolvimento das funções cognitivas. Já desde a passagem do período sensório motor, as imagens participam como auxiliares da função cognitiva. Nesse momento sua função é auxiliar na construção do objeto permanente. É a partir do uso da imagem, que os deslocamentos do objeto serão percebidos, por exemplo. Mais adiante, na passagem do período operatório concreto, para o operatório formal, as imagens também vão participar como estruturantes da função de representação. É com a possibilidade de representação dada pelas imagens que poderá se constituir a representação reversível, e não mais dependendo das próprias imagens. No período operatório formal, as imagens continuarão participando, como elementos fundamentais da capacidade cognitiva abstrata. Jung, define a importância das imagens a partir do desenvolvimento psíquico que ocorre em função do diálogo entre o inconsciente e a consciência. Quando ele se refere às imagens, está falando no sentido de imagens internas, de representação da fantasia. Nesse sentido a imagem, assim como o sonho, é capaz de conter conteúdos/informações, do inconsciente, e, portanto, ser importante como possibilidade desse diálogo. Faz parte deste trabalho lidar com essas duas teorias, que mesmo partindo de conceituações distintas, definem um caminho de compreensão das imagens. A relação entre essas duas teorias pode servir como ponto de partida para a investigação de como outros autores e pesquisadores pensaram tal questão, se usam os mesmos pressupostos epistemológicos e teóricos, e pensar em formas de intervenção psicológica com as imagens, tanto na realidade educacional, quanto na realidade clínica. Na pesquisa bibliográfica já feita, não foi encontrado nenhum trabalho que focalize tal relação. Porém alguns trabalhos estão sendo importantes, na medida em que focalizam alguns pontos centrais: ora a questão da imagem em Jung, ora desenhos em Piaget, ora a possibilidades de trabalhos com desenhos. A intenção do painel é apresentar o projeto, levantar alguns pontos relevantes dentro dessa metodologia de trabalho teórico e demonstrar graficamente como está a pesquisa, quais os pontos que já foram alcançados.

Projeto subsidiado pela FAPESP

Palavras-chave: Imagens; Piaget; Jung

*****

DES 40

INDECISÃO VOCACIONAL NA ADOLESCÊNCIA: EFEITOS DAS VARIÁVEIS ORIENTAÇÃO DE PAPEL SEXUAL E AMBIENTE SÓCIO-CULTURAL. *Mauro de Oliveira Magalhães**, Marco A. P. Teixeira** e Ana Maria Maia* (Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento/UFRGS e Universidade Luterana do Brasil, RS)*

As pesquisas sobre escolha vocacional sugerem que diversos fatores podem estar implicados no fenômeno da indecisão. Entre estes encontram-se a orientação de papel sexual e o ambiente sócio-cultural em que o indivíduo está inserido. A orientação de papel sexual pode ser considerada tradicional ou não tradicional, dependendo se a identidade de gênero do indivíduo coincide com o seu sexo (caso de sujeitos tipificados masculinos ou femininos) ou não (sujeitos tipificados como andróginos, indiferenciados ou tipificados cruzados). Já o ambiente sócio-cultural pode variar no que diz respeito às pressões que exerce sobre os indivíduos para que estes se conformem ou não aos papéis sexuais tradicionais, podendo ser mais conservador (tradicional) ou mais liberal (não tradicional). Estudos recentes têm sugerido a existência de interações entre estas variáveis no que se refere às suas relações com a indecisão vocacional. Seguindo as sugestões da literatura, foram levantadas as seguintes hipóteses nesta pesquisa: a) em um ambiente sócio-cultural tradicional, encorajador de papéis sexuais tradicionais, indivíduos com orientação de papel sexual não tradicional estariam em uma situação desfavorável à livre expressão de seus interesses, em comparação a seus pares tradicionalmente orientados; portanto, tenderiam a apresentar escores mais elevados em medidas de indecisão vocacional; e b) em ambientes caracterizados por culturas mais progressistas, que não encorajam diferenças papéis sexuais no mundo do trabalho, deveria ocorrer o inverso, ou seja, indivíduos tradicionalmente orientados tenderiam a apresentar maior grau de indecisão. Participaram do estudo 186 adolescentes de ambos os sexos (86 do interior e 100 da capital), estudantes do ensino médio (média de idade 17,0 anos). O instrumento utilizado para classificar a orientação sexual dos sujeitos foi o Inventário de Papéis Sexuais de Bem (versão brasileira). Foram considerados "tradicionais" homens tipificados masculinos quanto ao gênero e mulheres tipificadas femininas quanto ao gênero. Os sujeitos classificados como andróginos, indiferenciados e tipificados cruzados (homens "femininos" e mulheres "masculinas") foram considerados de orientação sexual "não tradicional". O ambiente sócio-cultural também foi categorizado como tradicional (cidade do interior) e não tradicional (capital). A indecisão vocacional foi avaliada através de uma escala desenvolvida para esse fim específico (alpha=0,91). A análise dos dados consistiu na realização de uma ANOVA 2x2 (orientação sexual: tradicional/não tradicional x ambiente sócio-cultural: capital/interior), com a indecisão vocacional como variável dependente. Observou-se uma interação significativa ($p<0,05$) entre as variáveis independentes. Análises posteriores revelaram apenas que os sujeitos tradicionais do interior obtiveram índices de indecisão mais elevados do que os da capital ($p<0,05$). Os resultados obtidos, portanto, não apoiam as hipóteses levantadas. No entanto, tendências inesperadas observadas nos resultados sugerem a necessidade de se realizar novas pesquisas sobre o tema, com amostras maiores e ambientes sócio-culturais mais distintos do que os selecionados para este estudo.

CNPq

* Estudante de graduação (ULBRA/RS) ** Estudantes de pós-graduação (UFRGS)

Palavras-chave: Escolha profissional; Indecisão vocacional; Desenvolvimento vocacional

*****

DES 41

DIFERENÇAS ENTRE OS SEXOS NA PREDIÇÃO DO NÍVEL DE SATISFAÇÃO DE VIDA NA ADOLESCÊNCIA: O PAPEL DO APOIO EMOCIONAL DE PAIS, DE AMIGOS E DO DESEMPENHO ESCOLAR. *Marco A.P. Teixeira** e Cláudia H. Giacomoni** (Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento, UFRGS, Porto Alegre, RS)*

A literatura sobre adolescência revela controvérsias quanto à importância relativa do apoio emocional de pais e de amigos para o desenvolvimento psicológico nesta fase da vida, especialmente quando se comparam homens e mulheres. Em geral, as pesquisas têm demonstrado que as relações com pais e mães são percebidas como sendo mais importantes pelas mulheres do que pelos homens. Neste estudo, buscou-se testar um modelo de predição do nível de satisfação de vida na adolescência (uma componente cognitiva do bem-estar psicológico) a partir das variáveis apoio emocional de pais, apoio emocional de amigos e desempenho escolar, sendo o modelo testado separadamente para homens e mulheres. O desempenho escolar foi incluído no modelo por ser considerado uma possível fonte de satisfação, uma vez que se supõe estar associado a sentimentos de competência pessoal. Participaram da pesquisa 130 estudantes (50% mulheres) do ensino médio de uma escola particular de Porto Alegre (média de idade 15,5 anos), sendo que todos moravam com o pai e a mãe no mesmo domicílio. O nível de satisfação de vida foi avaliado através de uma escala internacional adaptada previamente para o português. Para avaliar o apoio emocional dos pais foram utilizadas escalas de responsividade parental, já adaptadas, que medem o quanto os pais têm atitudes compreensivas para com seus filhos e procuram, através do apoio emocional e da comunicação bi-direcional, promover a autonomia dos jovens (foi calculada a média dos escores atribuídos a pais e mães). O desempenho escolar foi avaliado pelos próprios participantes, que indicaram suas notas escolares em diversas disciplinas, cuja média foi posteriormente calculada. Por fim, o apoio emocional dos amigos foi medido através de uma escala elaborada especialmente para este estudo, com itens que refletem percepção de apoio e disponibilidade de amigos, além de uma avaliação positiva da qualidade das relações de amizade. Análises de regressão indicaram que, entre as mulheres, o apoio emocional dos pais explicou 26,9% da variação na satisfação de vida, o apoio de amigos 9,2% e o desempenho escolar não contribuiu significativamente para o modelo. Já entre os homens o apoio emocional de amigos explicou 13,5% da variação em satisfação e o desempenho escolar 4,9%, enquanto o apoio dos pais não acrescentou poder explicativo ao modelo. Esses resultados sugerem que o apoio emocional dos pais é mais importante para a satisfação de vida de moças do que de rapazes, mais até do que o apoio dos amigos. Por sua vez, o apoio de amigos e o desempenho escolar mostraram-se mais importantes para a satisfação de vida dos rapazes do que o apoio parental. Implicações teóricas das diferenças observadas entre homens e mulheres são discutidas, e novas perspectivas de pesquisa são apontadas.

CNPq / CAPES
** Estudantes de pós-graduação

Palavras-chave: Adolescência, Desenvolvimento, Satisfação de vida

***

DES 42

ANÁLISE DA INTERAÇÃO ADULTO E CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA VISUAL EM SITUAÇÃO DE AVALIAÇÃO ASSISTIDA DE HABILIDADES COGNITIVAS. *Sônia Regina Fiorim Enumo (Universidade Federal do Espírito Santo), Ana Cristina Barros da Cunha (Universidade Federal do Espírito Santo e Universidade Federal do Rio de Janeiro), Kely Maria Pereira de Paula (Universidade Federal do Espírito Santo), Tatiane Lebre Dias (Universidade Federal do Espírito Santo e Universidade do Estado do Mato Grosso)*

A Psicologia tem uma longa e polêmica tradição de uso de provas cognitivas ou testes de inteligência. Sua aplicação em crianças com Deficiência Visual (DV) tem sido problemática, pois a adaptação de provas visuais para táteis altera a padronização e os resultados. A avaliação assistida, como nova proposta teórica e metodológica, tem se mostrado eficiente na avaliação dos processos cognitivos de crianças com deficiência visual. Uma das lacunas no estudo da avaliação assistida refere-se aos aspectos relacionados à interação entre adulto e criança durante o processo de testagem dinâmica. Desse modo, o objetivo da presente investigação foi analisar a interação entre adulto e criança na situação de avaliação de habilidades cognitivas. Os participantes do estudo foram um experimentador e 13 crianças com deficiência visual (cegueira/baixa visão) de idade variando entre 5 a 11 anos, sendo oito crianças em idade escolar e cinco pré-escolares. No registro em videotape de 13 sessões foi analisada a interação entre o adulto e a criança na aplicação das provas de Exclusão de Figuras Geométricas ou Prova de Pergunta de Busca. Essas provas foram apresentadas na forma de avaliação assistida e consistiam em uma situação de mini-aprendizagem, compondo-se de três fases: sem ajuda, com ajuda do aplicador e uma última fase sem ajuda. As interações foram avaliadas segundo um sistema de categorias de comportamentos verbais para o adulto e verbais e não-verbais para a criança, o qual continha categorias como feedback positivo, comentário sobre a tarefa, solicitação de atenção, para o adulto e questão sobre a tarefa, comentários sobre a tarefa, respostas referentes à tarefa, apontar, mostrar afeto, entre outras. Os dados encontrados revelaram que as análises das interações entre adulto e criança não mostraram diferenças significativas entre as crianças em idade escolar e pré-escolar com relação à freqüência das categorias de comportamento apresentadas pelos membros da díade.

Apoio: CNPq
Palavras-chave: Interação adulto-criança; Deficiência visual; Avaliação assistida

***

DES 43

NÍVEL ECONÔMICO, EFICÁCIA PARENTAL E COMPORTAMENTOS DE EXTERNALIZAÇÃO E INTERNALIZAÇÃO. *Giana B. Frizzo*, Angela H. Marin*, Fabio B. Pires*, Tiago Rotoretto* (Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Santa Maria, RS), Ebenezer A. de Oliveira (Department of Psychology, Hobart College, Ohio, E.U.A.)*

Várias pesquisas têm documentado a relação linear negativa entre o nível econômico familiar e comportamentos de externalização (ex.: agressividade verbal e física, desobediência, destruição de objetos) e de internalização (ex.: retração social, sintomas depressivos, ansiedade) em crianças pequenas. Modelos explicativos geralmente apontam para mecanismos envolvendo práticas parentais coercitivas e um estilo parental negligente ou autoritário, que tendem a ocorrer mais freqüentemente em famílias de baixa renda. A literatura pouco explora o possível papel que a eficácia parental pode exercer como fator mediativo na relação entre a desvantagem econômica e comportamentos de externalização e de internalização da criança. Segundo a teoria cognitiva social de Albert Bandura, a percepção de controle que o indivíduo tem de uma situação desafiadora específica influencia diretamente tanto no esforço como no desempenho, e a percepção de controle parece variar em função do nível econômico. Hipotetizamos, portanto, que o nível econômico teria uma correlação positiva com a eficácia parental, e que esta, por sua vez, também se relacionaria negativamente com os níveis de externalização e internalização infantis. Examinamos longitudinalmente essa questão numa amostra de 29 meninos e 23 meninas (idade média = 4 anos e 10 meses) e suas respectivas mães, com renda familiar mensal variando de 2 a mais de 25 salários mínimos. Na coleta de dados inicial, além de prover a informação financeira, as mães preencheram a subescala Eficácia Parental (traduzida do Parental Locus of Control Scale). Aproximadamente 18 meses mais tarde, as mães participantes informaram sobre os comportamentos de externalização e internalização das crianças, através do Inventário de Comportamentos da Infância e Adolescência. Correlações de ordem zero e regressões múltiplas com entradas planejadas revelaram que a eficácia parental é um mecanismo importante através do qual a baixa renda familiar influencia no comportamento de externalização. Contudo, para o modelo de internalização, a eficácia parental teve efeitos significativos aditivos aos da baixa renda familiar. Em conjunto, os resultados mostram que tanto os comportamentos de externalização como os de internalização crescem linearmente na medida que a renda familiar declina, mas a eficácia parental atua como mecanismo mediador para externalização e como fator preditivo independente para internalização.

Bolsa de Iniciação Científica CNPq / FAPERGS
Palavras-chave: Estudo longitudinal; Mediação; Cognição social

***

DES 44

O VALOR DA FIDELIDADE NAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS ENTRE ESCOLARES: NOVOS DADOS. *Luciana Aparecida Nogueira da Cruz*, Nelson Pedro da Silva** (Departamento de Psicologia Evolutiva, Social e Escolar da Faculdade de Ciências e Letras - Assis, SP)*

Os estudos sobre o desenvolvimento moral estão, em sua maioria, fundamentados na ética da justiça. Em razão disso, investigamos se a fidelidade comparece como valor moral para os estudantes do ensino fundamental. Procuramos, além disso, saber se ela é dependente do sexo, da idade dos escolares, do tipo de envolvimento entre as personagens e do conteúdo da traição cometida. Foi nosso intento, igualmente, verificar a avaliação dos participantes em relação à manutenção da fidelidade aos acordos propostos. Para coletar as informações, contamos histórias, envolvendo dilemas morais (conforme o modelo piagetiano) a estudantes de escolas públicas, de ambos os sexos, com as idades de seis, nove e doze anos. Os resultados mostram que cerca de 30% dos escolares foram motivados pela fidelidade ao acordo de não contar nada sobre a autoria do furto e/ou da mentira e 15% de não dar dinheiro a um colega faminto para comprar alimento. Verificamos, outrossim – no caso do furto e da mentira – que, quanto maior é a idade, mais os escolares são influenciados pela referida fidelidade, e menos diante da possibilidade de empréstimo. Em relação ao sexo, as meninas, proporcionalmente, foram mais fiéis, sobretudo nas situações que envolvem a mentira e a generosidade. Observamos, também, que os escolares, participantes do presente estudo, são mais fiéis aos irmãos, no contexto do furto e da mentira, e aos amigos e aos colegas do grupo, no da generosidade. Cabe assinalar que a fidelidade aos acordos tende a ser menor quando o objeto furtado é de grande valor, a mentira contada produz danos consideráveis e o objetivo do empréstimo é considerado fútil. É interessante notar, ainda, que os escolares – mesmo os que foram fiéis – julgam errada a manutenção da fidelidade nos contextos propostos (furto, mentira e generosidade), apesar de não a avaliarem como razão suficiente para o término da amizade e/ou para deixar de fazer parte do grupo de colegas. Esses resultados indicam que a ética do dever (ser honesto e falar a verdade) e a da moral (ser generoso) não se colocam, para uma parcela dos escolares, como imperativos mais importantes e dignos de serem respeitados do que o acordo estabelecido de ajudar ou de não falar nada um do outro a ninguém (por pior que seja a situação).

Bolsa: CNPq/PIBIC
Palavras-chave: Moralidade; Fidelidade; Piaget

*****

DES 45

DESENVOLVIMENTO DO CONTROLE INSTRUCIONAL NA BRINCADEIRA ENTRE PARCEIROS DE IDADE. *Helena Sloyo Meneses Robles** e Maria Stella Coutinho de Alcântara Gil (Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos; São Carlos-SP)*

Na extensa literatura que analisa os mecanismos presentes no controle instrucional ou que propõe procedimentos para instalar o atendimento a instruções, uma proporção significativa de estudos adota a análise experimental e focaliza, sobretudo, o desempenho de jovens e adultos. Neste trabalho, analisamos o desempenho instrucional de crianças em atividades do cotidiano e consideramos as situações de brincadeira livre como uma oportunidade privilegiada para o estabelecimento e refinamento do controle instrucional, uma vez que crianças, enquanto brincam, ora são agentes instrucionais ora são emissoras de respostas instruídas, o que favoreceria uma crescente complexidade e sofisticação do repertório instrucional. Nosso objetivo foi caracterizar, em situação de brincadeira livre, alguns aspectos da aquisição e desenvolvimento do controle instrucional por uma criança (C), com idade de dois anos e cinco meses no início da coleta de dados, que apresentava déficit no dar e no seguir instruções. Participaram do estudo quatro crianças com idades aproximadas e que frequentavam uma creche na cidade de São Carlos. As crianças eram familiares entre si, duas delas apresentavam desenvolvimento na pauta e duas delas, dentre as quais C, apresentavam desenvolvimento abaixo da pauta, de acordo com o Inventário Portage Operacionalizado. Durante quatro meses foram videogravadas três sessões semanais de brincadeira livre. Os eventos analisados foram transcritos literal e cronologicamente, focalizando o desempenho dos parceiros como antecedentes e subsequentes ao desempenho de C e vice-versa. De acordo com os resultados, as instruções constituíram-se de estímulos gestuais, motores e orais. Os gestos e as ações motoras eram acompanhados por vocalizações nas quais prevaleceram descrições parciais de contingências. No primeiro mês de estudo, C apresentou duas instruções motoras, uma delas acompanhada de vocalização, dirigidas a uma mesma criança que não as seguiu e recebeu, dos seus parceiros, duas instruções orais que não seguiu mas atendeu a duas outras instruções motoras que foram acompanhadas por vocalização. Após cinco meses, C apresentou 40 instruções de diferentes tipos - gestuais, motoras e orais - e 50% destas instruções foram seguidas pelos parceiros de brincadeira. Ao mesmo tempo, recebeu 140 instruções dos parceiros de brincadeira e seguiu aproximadamente 70% delas. Discutimos a possibilidade de desenvolvimento do repertório instrucional de crianças com déficit tanto no que diz respeito ao dar como ao seguir diferentes tipos de instruções. Analisamos, ainda, as possibilidades de que algumas características das instruções sejam relevantes para o seu atendimento ou não, tal como ocorre na apresentação de instruções mais complexas nas quais, pelo menos, parte da contingência é descrita.

Capes; Produtividade em pesquisa CNPq
Palavras-chave: Controle instrucional; Desenvolvimento humano; Brincadeira

*****

DES 46

ADAPTAÇÃO BRASILEIRA DO PSYCHOEDUCATIONAL PROFILE REVISED (PEP-R). *Viviane Costa de Leon** e Cleonice Bosa (Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS)*

O Psychoeducational Profile Revised (PEP-R) (Schopler & Reichler, 1979) é um instrumento utilizado para avaliar a idade de desenvolvimento em crianças com autismo ou com outros transtornos da comunicação, com idade entre zero e doze anos, com abordagem desenvolvimentista. Vem sendo empregado, com sucesso, desde 1970, em suas clínicas, servindo como base para posterior intervenção terapêutica, particularmente nas instituições que trabalham com o modelo TEACCH (Treatment and Education of Autistic and Handicapped Communication Children). É também utilizado em pesquisas na área dos transtornos invasivos do desenvolvimento.

Compõe-se de 174 itens distribuídos em duas escalas: a do desenvolvimento (131 itens) e a de comportamento (43 itens). A escala de desenvolvimento é subdividida em sete áreas: imitação, coordenação motora fina, coordenação motora ampla, coordenação visuomotora, percepção, performance cognitiva e cognição verbal. A escala de comportamentos foi desenvolvida com base no CARS (Childhood Autism Rating Scale) e avalia, por exemplo, aspectos relacionados à interação social, afetividade, interesse em materiais, modalidades sensoriais, presença de estereotipias e linguagem. Dois tradutores bilíngües realizaram a tradução de retorno português/inglês de forma independente. A comparação das traduções revelou poucas discordâncias, as quais foram eliminadas através de consenso. Vários materiais (ex: imagens e letras do alfabeto) foram substituídos em função de adequação cultural e da necessidade de tornar o material mais atrativo. A substituição das imagens (originalmente em preto e branco) foi realizada utilizando-se os programas de clipart e por um arte-finalista, sendo que a adequação das mudanças será testada em um estudo piloto composto por 10 crianças com desenvolvimento típico, verificando-se a estabilidade das respostas. As letras do alfabeto também sofreram modificações, substituindo-se aquelas que são freqüentes no alfabeto americano mas que raramente aparecem na língua portuguesa (ex: e por a; y por u, etc.). Essa substituição baseou-se em estudos sobre a média da freqüência das letras na língua inglesa e portuguesa. Para validação das escalas de desenvolvimento e comportamento, o PEP-R será administrado em 20 crianças com autismo, 20 crianças com síndrome de Down e 40 crianças com desenvolvimento típico, com idade entre cinco e seis anos. As Matrizes Coloridas de Raven (forma de tabuleiro adaptada) e a versão brasileira do CBCL (Child Behavior Checklist) também serão administradas. A fidedignidade entre avaliadores, os quais efetuarão a aferição do PEP-R, independentemente, será examinada com base nos vídeos produzidos a partir da filmagem realizada durante a aplicação individual do teste em seis crianças (duas de cada grupo). Serão apresentados dados sobre o processo de adaptação dos materiais do teste: tradução, substituição de materiais e fidedignidade.

Palavras-chave: Escala de desenvolvimento; Validação; Autismo

*****

DES 47

CARACTERIZAÇÃO DE INDICADORES DA MEDIAÇÃO MATERNA E DO COMPORTAMENTO DE CRIANÇAS PRÉ-ESCOLARES NASCIDAS PRÉ-TERMO E MUITO BAIXO PESO (<1500 G) EM SITUAÇÃO ESTRUTURADA DE OBSERVAÇÃO. *Vivian Caroline Klein*(Faculdade de Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP), Janiscir Bertini Martins**(Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP), Maria Beatriz Martins Linhares (Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP) e Francisco Eulógio Martinez (Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP)*

A prematuridade, a condição de muito baixo peso e as complicações moderadas ou severas perinatais constituem-se em fatores de risco no processo normal de desenvolvimento psicológico, na medida em que tornam a criança vulnerável. A presença de mecanismos protetores ambientais pode reduzir ou compensar os efeitos adversos do risco perinatal, favorecendo o aparecimento de sinais precoces de resiliência na criança. Em contrapartida, quando o ambiente familiar apresenta-se inadequado o risco pode ser intensificado. A mãe desempenha um papel de destaque no ambiente familiar, na medida em que é a principal mediadora da interação da criança com o seu meio externo e esta mediação pode constituir-se em um importante fator de proteção para o desenvolvimento infantil. O presente estudo teve por objetivo caracterizar indicadores da mediação materna e do comportamento de crianças pré-escolares nascidas pré-termo e com muito baixo peso em situação estruturada de brincar/aprender. A amostra foi composta por 15 crianças de seis anos de idade, nascidas pré-termo e com muito baixo peso (<1500g) e suas respectivas mães. Estruturou-se uma situação de observação sistemática da interação mãe-criança, com duração de 15 minutos, em que era solicitado à mãe que brincasse com seu filho utilizando o material lúdico e pedagógico como faria em sua casa. A sessão foi filmada e gravada em áudio. A análise dos dados focalizou o início e desenvolvimento dos episódios de contato das díades no momento lúdico e o conteúdo das verbalizações maternas. Para a análise dos episódios de contato elaborou-se um sistema de categorias que caracterizou o início e desenvolvimento dos episódios de contato mãe-criança, assim como os episódios de ausência de interação e de observação de um dos membros da díade em atividade. Para a análise das verbalizações maternas foi elaborado um sistema de categorização do conteúdo das unidades verbais. Os dados apontaram alta incidência de intercâmbios, tanto iniciados pela mãe quanto pelas crianças. Além disso, cerca de metade das díades apresentou alta incidência da categoria em que a mãe observa a criança em atividade. Em três díades foi constatada alta incidência de ausência de interação. As mães interagiram verbalmente com as crianças predominantemente através de: envolvimento à participação, informação e solicitação. As mães envolviam a criança na tarefa predominantemente através de estímulo à participação, informavam fornecendo mais informações específicas do que inespecíficas e solicitavam predominantemente a atenção das crianças. Verificou-se que os sistemas de categorias permitiram além da análise do grupo, análises específicas de modo a observar as variações individuais intra-grupo. Os achados mostram indicadores de interação que atendem a um dos cinco critérios principais de mediação propostos por Tzuriel e Haywood para que ocorra uma Experiência de Aprendizagem Mediada, definido como intencionalidade e reciprocidade, caracterizando assim, aspectos da mediação materna regulada ao comportamento da criança, fundamentalmente necessária em situação em risco para problemas de desenvolvimento.

(FAPESP; CNPq; FAEPA)
Palavras-chave: Pré-termo; Muito baixo peso; Mediação materna

*****

DES 48

QUEM SÃO OS EDUCADORES INFANTIS DE NITERÓI?. *Micheline Fraga Machado*, Alessandra de Saldanha da Gama* & Vera Maria Ramos de Vasconcellos (Departamento de Psicologia - Universidade Federal Fluminense - Niterói - RJ)*

Foi realizada coleta de dados em 8 (oito) creches públicas e 12 (doze) particulares, com o objetivo de definir o perfil dos profissionais das Unidades de Educação Infantil do município de Niterói, estabelecendo possíveis pontos de semelhanças e diferenças entre as educadoras das respectivas creches. Os pontos escolhidos para análise foram: grau de escolaridade, faixa salarial, carga horária semanal e tempo de serviço. Nas creches públicas nossa amostra foi de 65 profissionais, sendo 33 professoras e 32 auxiliares de creche e nas creches particulares 25 professoras. Partindo dos dados levantados, pudemos constatar que nas creches públicas, assim como nas particulares esses profissionais possuem grau de escolaridade bastante elevado, 57,57% as professoras das creches públicas possuem 3º grau completo e 15,27 3º grau incompleto, quanto as auxiliares de creche o percentual de 3º grau completo e de 31,25% e 12,50% com 3º grau incompleto, nas creches particulares esses dados não são muito diferentes. 32% possuem 3º grau completo e 28% incompleto. No entanto, seja nas creches públicas ou particulares esses profissionais recebem proventos incompatíveis com sua formação escolar. Nas creches públicas 41,31% das professoras recebem até 4 salários mínimos, nas creches particulares esse número é ainda mais significativo, com 74,63% das professoras na mesma situação, entre os profissionais que exercem a função de auxiliar de creche a discrepância é ainda maior, já que 87,50% tem rendimento mensal de até 2 salários mínimos. A carga horária semanal de 93,63% dos auxiliares de creche é de 40 horas semanais, para as professoras das creches públicas a carga horária é de 20 horas semanais em 69,70% dos casos e nas creches particulares 40% possuem carga horária semanal de 20 horas e 36% de 30 horas. Pudemos ainda constatar que com relação à experiência esses profissionais também possuem condições de realizar um bom trabalho, 33,33% das professoras da rede pública tem tempo de serviço superior a 15 anos, 15,15% entre 16 e 15 anos e 12,12% entre 5 e 10 anos, ou seja, 2/3 desses funcionários tem experiência superior a 5 anos; nas creches particulares 12% tem tempo de serviço superior a 15 anos, 36% entre 10 e 15 anos e 36% entre 5 e 10 anos, os auxiliares de creche são os que possuem menos tempo de serviço 43,75% entre 3 e 4 anos apenas e 21,87% com mais de 5 anos. Seguindo a LDB/96 que prevê que até 2007 todos os profissionais de Educação Infantil devem ter 3º grau, os dados revelam que a Educação Infantil Pública e Privada no município de Niterói atende à proposta oficial. Assim sendo perguntamos - QUEM SÃO OS EDUCADORES INFANTIS DE NITERÓI ? Esse painel tem como proposta responder a esta pergunta.

PROPP/UFF
Palavras-chave: Perfil; Educador; Educação infantil

*****

DES 49

CONTEXTOS SÓCIO-CULTURAIS E ESTILOS MATERNOS DE CUIDADO À CRIANÇA. *Celine Lordelo, Anderson Carvalho** e Cláudia Saul* (Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Bahia - Salvador, Bahia)*

Relações entre o desenvolvimento e as práticas de criação têm sido um tema constante na literatura, desde as proposições dos antropólogos sobre cultura e personalidade até os extensivos estudos da psicologia sobre experiências iniciais e aspectos como identidade, cognição e psicopatologias, entre outros. Qualificar as dimensões relevantes das práticas de cuidado, entretanto, tem sido uma tarefa difícil, em vista da dependência das medidas empregadas aos contextos culturais em que ocorrem. Dessa forma, justifica-se o investimento em estudos observacionais e em ambientes naturais, bem como na busca de um quadro de referência capaz de explicar trajetórias desenvolvimentais diferenciadas. O presente estudo teve como objetivo a descrição de práticas de cuidado características de estilos maternos diferenciados e relacioná-las aos diversos contextos sócio-culturais em que ocorrem. Um total de 90 mães de crianças entre 1 e 3 anos e meio, divididas igualmente em dois grupos por nível sócio-econômico (médio e baixo), foram entrevistadas e filmadas em suas residências, na presença de seus filhos. As filmagens foram utilizadas para codificar a ocorrência de categorias comportamentais definidas previamente, relativas à natureza das respostas maternas às demandas apresentadas pela criança, bem como de indicadores quantitativos dos níveis de interação apresentados, como o tempo de interação, o tempo de espera da criança e o nível de monitoramento visual da criança pela mãe, as categorias de respostas maternas foram: Ignorar, Apenas olhar, Interação corporal e Interação exclusiva e recíproca. Esses indicadores foram relacionados às variáveis idade e sexo da criança, idade, nível sócio-econômico e escolaridade da mãe, através da análise de variância (ANOVA). Os resultados encontrados mostraram forte associação entre os níveis de interação recíproca e o nível sócio-econômico das famílias, bem como à escolaridade da mãe, sendo observadas médias mais elevadas entre as mães de classe média e escolaridade mais alta. O uso da restrição física como forma de cuidado também se mostrou relacionado a esses fatores, na direção inversa. Aspectos como a idade da mãe e o sexo da criança não mostraram efeitos significativos nos indicadores pesquisados. Os resultados sugerem que as diferenças de estilos maternos encontrados podem ser concebidas em termos qualitativos, vez que os indicadores mais quantitativos, como tempo de interação, tempo de espera da criança e tempo de presença física não foram afetados pelas variáveis investigadas. Discute-se o significado dos dados obtidos em termos de um sistema de criação em perspectiva ecológica - integração entre aspectos imediatos do ambiente físico e crenças e valores engendrados em contexto sócio-histórico, reconstruído nas trajetórias individuais.

Apoio: CNPq
Palavras-chave: Interação adulto-criança; Estilo materno; Perspectiva ecológica

*****

DES 50

A AVALIAÇÃO DAS HABILIDADES COGNITIVAS EM UM GRUPO DE IDOSOS. *Irani de Lima Argimon*1, Clarissa Trentini*2, Anna Virginia Williams*3, Lilian Milnitsky Stein**4 (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul)*

A população idosa vem crescendo sensivelmente com o passar dos anos, apresentando um desafio à competência dos profissionais da área quanto ao entendimento de seus problemas específicos e também quanto às estratégias a serem utilizadas para avaliar questões características dessa fase. Entre as áreas mais pesquisadas, encontra-se a busca de parâmetros das habilidades cognitivas para a população acima de 65 anos. Freqüentemente, profissionais deparam-se com a difícil tarefa de encontrar instrumentos adequados para discriminar a tênue diferença entre declínio cognitivo natural da terceira idade e demência. Sendo assim, o presente estudo se propõe a avaliar o desempenho de algumas habilidades cognitivas em idosos, são elas: percepção subjetiva da memória, fluência verbal, memória, atenção, orientação temporal e espacial. É, além disso, pretende analisar a eficácia dos instrumento aplicados. A amostra foi composta por 13 idosos aposentados, com idade média de 79 anos, residentes na zona urbana de Porto Alegre, com escolaridade formal de dois a seis anos. Foi realizado, inicialmente, um encontro individual com duração média de duas horas, onde os sujeitos eram cuidadosamente instruídos a preencher uma ficha de identificação detalhada, e convidados a responder diversos instrumentos. Tais instrumentos foram selecionados de acordo com a capacidade de fornecer dados quantitativos e qualitativos sobre as habilidades cognitivas dos sujeitos. Os instrumentos utilizados foram: Percepção subjetiva da memória, Fluência verbal, categoria animal, Teste de evocação de Buschke, Memória lógica I e II (Weschler), Digit span (Weschler), e Mini-mental. Além desses, para avaliar a intensidade da depressão, o Beck Depression Inventory (BDI) foi administrado como critério de exclusão. Quanto aos dados sócio-demográficos, sua utilização restringiu-se a correlações com pontuações alcançadas nos testes cognitivos. A análise estatística dos dados coletados demonstrou, preliminarmente, que a maioria dos instrumentos utilizados foram eficientes na avaliação cognitiva dos idosos. Entretanto, para a amostra estudada, a Memória Lógica I e II não se mostrou adequada, sendo excluída da próxima etapa da pesquisa. Ao que se pôde concluir, é optar, pela reestruturação dos instrumentos administrados. Ressalta-se a relevância de mais estudos nesta área, a fim de se alcançar uma melhor precisão do desempenho de idosos, conforme amostras específicas e, em cada caso em especial.

Pesquisa financiada pelo CNPq.

*1 Doutoranda em Psicologia - PUCRS.
*2 Mestranda em Psicologia - PUCRS.
*3 Discente da Faculdade de Psicologia - PUCRS, bolsista de iniciação científica do CNPq/PIBIC.
**4 Psicóloga, Ph.D., Professora Adjunta da Faculdade de Psicologia - PUCRS, Professora orientadora do Pós-Graduação em Psicologia do Grupo de Pesquisa em Processos Cognitivos - PUCRS.

Palavras-chave: Idosos; Habilidades cognitivas; Instrumentos de avaliação

*****

DES 51

MENINA ENTRA OU NÃO ENTRA? A SEGREGAÇÃO SEXUAL ENTRE CRIANÇAS DE 6 E 9 ANOS. *Fabrício de Souza** (Dept° de Psicologia Social e do Desenvolvimento da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES / Dept° de Pedagogia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Colatina, Colatina, ES) e Maria Margarida Pereira Rodrigues (Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES)*

A segregação sexual é um fenômeno comumente observado na interação entre as crianças em diferentes culturas e grupos sociais. A tendência à composição de grupos segregados sexualmente aparece entre 2 e 3 anos de idade e intensifica-se com o aumento da idade mantendo-se notavelmente entre os 6 e 11 anos. São as meninas quem primeiramente manifestam esta postura quando começam, em torno dos dois anos, a se aproximar mais umas das outras. Já os meninos permanecem mais "neutros" até, aproximadamente, os três anos e, quando atingem o quinto ano de vida, manifestam uma preferência bem mais forte do que as meninas por parceiros do mesmo sexo. A preferência por parceiros do mesmo sexo é relacionada a três principais fatores: os diferentes estilos que meninos e meninas têm para influenciar os colegas, a esquiva de contatos que podem ser interpretados, pelos colegas, como relacionamentos românticos e a capacidade que adquirem de classificar os diferentes gêneros e assumir o próprio. Nenhuma teoria consegue contemplar, por si só, a total complexidade envolvida na explicação da segregação entre as crianças e,

tampouco, o papel que o estilo de brincadeira e a identificação dos gêneros desempenham em favor dessa preferência. Uma completa compreensão do fenômeno em questão somente seria possível através de um modelo teórico que incorpore aspectos de diversas teorias. A maior parte dos estudos sobre a segregação sexual foi conduzida em ambiente escolar e focalizou muito mais os comportamentos responsáveis pela segregação que os comportamentos exibidos nas interações meninas-meninos. Supomos que o estudo das interações meninas-meninos podem contribuir para a compreensão da segregação sexual, especialmente, em condições que permitam a formação espontânea de grupos e sejam caracterizadas pela ludicidade. Diante de tais considerações, o presente trabalho investigou, sob uma perspectiva etológica, o papel das variáveis situacionais presentes na regulação do comportamento de segregação sexual entre crianças durante as interações sociais nos contextos das brincadeiras. Registrou-se, em vídeo, o comportamento de um grupo de crianças de oito e nove anos, participantes do movimento bandeirante de Colatina/ES, Brasil. A composição do grupo pesquisado oscilou entre nove e dezoito componentes sendo que oito meninos e cinco meninas tiveram seus comportamentos mais frequentemente registrados por terem participado do movimento por quase todo o período de coleta de dados. Frente à variação no número de crianças durante a coleta de dados, a análise incidiu sobre os comportamentos expressos pelas crianças nos diferentes contextos. Resultados demonstraram que os meninos apresentam padrão de comportamento mais agitado que o das meninas. Estas se mostraram mais calmas no contato entre elas e mais agitadas em dadas interações com os meninos. Muitos foram os contextos nos quais a aproximação entre meninos e meninas e a manutenção das interações não-agonísticas entre ambos evidenciaram-se. Variáveis situacionais e estilos de brincadeira mostraram-se importantes na análise dos diferentes categorias comportamentais assim como na determinação da segregação sexual.

Palavras-chave: Criança-Desenvolvimento; Interação social em crianças; Sexo-Diferenças

***

DES 52

INVESTIGANDO O TAMANHO MÉDIO DA EMISSÃO DA FALA DIRIGIDA AO BEBÊ E O FOCO DE ATENÇÃO. *Angela Donato Oliva (Universidade do Estado do Rio de Janeiro/ Universidade Federal do Rio de Janeiro) Maria Lucia Seidl de Moura (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)*

Este trabalho faz parte de um estudo sobre aquisição de linguagem e as diversas variáveis que podem ter participação no desenvolvimento desse processo. O primeiro objetivo desta pesquisa foi descrever e comparar o tamanho médio das emissões da fala dirigida ao bebê em três diferentes idades, trinta dias, cinco meses e oito meses, em termos do número de morfemas (MLU) e em termos do número de palavras. Nesta etapa buscou-se obter, através da análise do MLU, um parâmetro de medida comparável com diferentes linguagens. Através da contagem do número de palavras por emissão buscou-se contornar as dificuldades decorrentes do primeiro procedimento especificamente em relação à língua portuguesa. A escolha das idades dos bebês deveu-se ao fato de com trinta dias ele apresentar um repertório de ação bastante limitado; com cinco meses já inclui pessoas, objetos e respostas sociais em suas interações; com oito meses mostra os primeiros sinais de compreensão de linguagem. O segundo objetivo foi procurar investigar se haveria uma relação entre o MLU e o número médio de palavras por emissão e o foco de atenção do bebê. Ou seja, se haveria mudanças no tamanho da emissão em função de a mãe usar o foco do bebê (dirigido a ela ou a um objeto) para manter a atenção conjunta. Doze díades compostas por mães (ou adultos) com bebês foram filmadas, por trinta minutos, em suas casas. As díades foram separadas e compuseram três grupos etários em função da idade do bebê. Os resultados da análise de variância indicaram que houve diferença significativa no tamanho médio da emissão (MLU) para os três grupos (F= 3,68), apresentando um padrão decrescente com a idade. A análise do número de palavras, embora tenha apresentado o mesmo padrão decrescente, não foi significativa (F= 2,85). As análises decorrentes do teste-t para amostras relacionadas comparando as médias obtidas para cada grupo etário do MLU e do MLU em momentos em que a mãe utilizava o foco de atenção do bebê não apresentaram diferença significativa em nenhuma das faixas etárias (0,093; 0,64; 0,61). O mesmo ocorreu com as médias para o número de palavras por emissão e o número de palavras quando a mãe utilizava o foco do bebê. A análise dos resultados permite inferir que há um ajuste de linguagem relacionado a um nível crescente de desenvolvimento e compreensão. Quando os bebês são muito pequenos, a fala dirigida a eles se assemelha mais à fala dirigida a um adulto. Com a percepção de que eles são receptivos a trocas e respondem socialmente aos estímulos começa a ser útil simplificar ou diminuir o tamanho da emissão, provavelmente porque isso facilitaria a compreensão da criança.

Palavras-chave: Tamanho médio da emissão; Foco de atenção; Fala dirigida ao bebê

***

DES 53

UMA RELAÇÃO FUNCIONAL DA FALA DIRIGIDA AO BEBÊ E O FOCO DE ATENÇÃO. *Angela Donato Oliva (Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Universidade do Estado do Rio de Janeiro) Maria Lúcia Seidl de Moura (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) Jane Correa (Universidade Federal do Rio de Janeiro)*

Este trabalho faz parte de uma investigação ponto-enfocando das influências das variáveis sociais e do input linguístico no processo de aquisição de linguagem. O primeiro objetivo desta pesquisa foi descrever funcionalmente a fala dirigida ao bebê em diferentes idades. O segundo foi relacionar a ocorrência das funções de linguagem com o foco de atenção dos bebês em diferentes idades. Foram filmados durante trinta minutos, em ambiente natural, doze díades de mãe ou adulto com seus respectivos bebês. Essas díades compuseram três diferentes grupos etários de acordo com a idade do bebê: trinta dias, cinco meses e oito meses. A fala dirigida aos bebês foi transcrita e as emissões categorizadas em termos das funções conativa, fática, emotiva e referencial. A primeira hipótese que norteou a investigação foi a de que as mães ou os adultos ajustam funcionalmente a fala que dirigem aos bebês de diferentes idades. A segunda foi a de que haveria um ajuste funcional nos grupos etários dependendo do tipo de foco apresentado pelo bebê. Quando foram consideradas as funções independentemente do foco de atenção, os resultados indicaram que, apesar de as proporções médias das funções fática e conativa, presentes na fala dirigida ao bebê, apresentarem um padrão de elevação com o desenvolvimento (Proporção Média de Função Conativa: 30 dias = 0,22; 5 meses = 0,31; 8 meses = 0,32. Proporção Média Função Fática: 30 dias = 0,35; 5 meses = 0,35; 8 meses = 0,37), a diferença entre as proporções médias dessas funções nos três grupos etários não foi significativa. Quando foi considerada a condição em que a mãe utilizava o foco do bebê (em direção a ela ou a um objeto) e este se mantinha estável por mais de seis segundos, a proporção média das funções conativa e fática, detectadas na fala da mãe dirigida ao bebê, foi significativamente superior e diretamente proporcional ao aumento da idade dos bebês. (Proporção Média de Função Conativa: 30 dias = 0,12; 5 meses = 0,026; 8 meses = 0,16 e Kruskal-Wallis = 0,05. Proporção Média Função Fática: 30 dias = 0,08, 5 meses = 0,016; 8 meses = 0,22 e Kruskal-Wallis= 0,012). As análises dos resultados parecem sugerir que o foco de atenção está relacionado com o uso das funções conativa e fática e estas são importantes para a manutenção do foco de atenção e para a organização da conduta. Esses aspectos parecem estar relacionados a noções defendidas por teóricos da cognição social e podem ajudar na compreensão do processo de aquisição de linguagem, considerado como construído por fatores diversos.

Palavras-chave: Função de linguagem; Foco de atenção; Fala dirigida ao bebê

***

DES 54

FICAR: UMA NOVA CONCEPÇÃO DE RELACIONAMENTO. *Aline Marçal de Souza*, Elizabeth Tânia de Souza Cordeiro* e Cláudia Maria Laurelli Dal Moro (Universidade da Amazônia, Belém)*

O ficar é uma nova nomenclatura para o antigo flertar, mas não é isto que lhe dá o status de relacionamento do momento, mas sim pela grande quantidade de jovens que aderiram a ele como forma preliminar de envolvimento afetivo com o sexo oposto antecedendo a escolha definitiva do namorado(a). Nesta modalidade afetiva os adolescentes são livres para escolherem não só o parceiro, bem como a quantidade de parceiros em um certo espaço de tempo, pois um simples beijo ou um abraço já caracteriza o ficar, o que podemos dizer que isto despertou a ansiedade e a curiosidade deles diante dos jogos afetivos e sexuais. Podemos dizer também que o que leva a grande maioria dos adolescentes optarem pelo ficar e não pelo namoro é o fato de terem que assumir um compromisso sério com outra pessoa e eles não se acham capazes de tal responsabilidade. Este trabalho de pesquisa teve como objetivos: investigar os comportamentos do ficar e suas características no universo de escolhas afetivas dos adolescentes; verificar como se manifesta o comportamento do ficar nos adolescentes ; verificar os vários significados do ficar para os adolescentes além de identificar as reações afetivas dos adolescentes envolvidos no fenômeno do ficar. A coleta de dados foi realizada através de entrevista feita aos grupos, mas com respostas individuais ao questionário proposto, sendo realizada com vinte e cinco adolescentes de ambos os sexos, com idades entre treze a dezessete anos, cursando a oitava série do ensino fundamental no Centro de Serviços Educacionais do Pará (CESEP), escola particular da cidade de Belém. Os resultados mostraram que a maioria dos adolescentes entrevistados prefere ter como envolvimento afetivo o ficar, pois o namoro exige um compromisso sério com o parceiro (a) e eles consideram-se novos demais para assumir compromissos. Em relação aos pais destes ficantes a maioria aceita este tipo de relacionamento afetivo, porém sempre estão questionando sobre o assunto. A consequência negativa do ficar, apontada pelos adolescentes como a mais significativa é o medo de ficar falada (o), pois costuma-se usar os termos "galinha" e "piranha" para as meninas e "garanhão" para os meninos. A consequência positiva é o fato de conhecerem melhor os parceiros, antes de assumir uma relação mais estável e responsável como o namoro. Ainda na abrangência do tema desta pesquisa propõe-se que sejam realizadas outras pesquisas com subtemas como: o ficar como modalidade afetiva também para os adultos e a primeira relação sexual entre os ficantes adolescentes.

Palavras-chave: Ficar; Adolescente; Relacionamento

***

DES 56

TEORIA DA MENTE NA VIDA DIÁRIA DE INDIVÍDUOS AUTISTAS. *Alessandra Ghinato Mainieri, Tânia Mara Sperb, Luciane Carraro*** (Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS)*

O autismo tem recebido significativa atenção dos investigadores que trabalham na área da Teoria da Mente. Nas pesquisas desenvolvidas por estes investigadores, assume-se que um déficit na capacidade metarrepresentacional seria responsável por problemas relacionados à linguagem pragmática e à teoria da mente apresentados no autismo. Assim, o objetivo do presente estudo foi explorar a relação entre os déficits na capacidade de teoria da mente e na linguagem pragmática presentes no autismo. Participaram do estudo quatro adultos com autismo, do sexo masculino, com idades entre 22 e 26 anos, com possibilidade de fala articulada e presença de pouca ecolalia, pertencentes a escolas especiais, cada um representando um estudo de caso. Todos os participantes foram observados num total de 20 horas cada, utilizando-se um delineamento de séries temporais. No decorrer das observações foram gravadas as conversas dos participantes durante suas atividades escolares, para posterior análise da presença de termos mentais. Ao final do período total de observações, foi aplicada a tarefa de crença falsa, em sessões individuais. Logo, duas medidas diferentes de teoria da mente foram utilizadas: a tarefa de crença falsa e a presença de termos mentais no discurso dos participantes. Para a investigação da linguagem pragmática, foram contabilizadas as locuções que continham termos mentais. Os resultados indicaram que, embora respondendo corretamente à tarefa de crença falsa e utilizando termos mentais, problemas relacionados à linguagem pragmática ainda persistiam, porém pouco acentuados e relacionados a situações lingüísticas específicas. Discutem-se as implicações do contexto na linguagem pragmática e sua relação com a teoria da mente.

(CNPq)
Palavras-chave: Teoria da mente; Autismo; Atos de fala

****

DES 56
A ATIVIDADE EXPLORATÓRIA DE MENINOS E MENINAS DE DOIS ANOS. *Luciana Lorenzatto**, Tatiana M. Schmidt*, André Oliveira Costa* e Tânia Mara Sperb (Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS)*

A atividade exploratória é de fundamental importância para o desenvolvimento cognitivo da criança. De acordo com a literatura, a exploração é uma atividade direcionada a um objetivo que envolve lidar ativamente com objetos ou eventos do ambiente para construir novas estruturas de conhecimento, podendo ser conceitualizada como um processo exploratório. Neste processo pode-se identificar diferentes níveis funcionais, como a locomoção, a manipulação, a percepção visual e tátil e as verbalizações. A literatura tem mostrado que há uma seqüência com relação aos vários tipos de exploração em que a criança se engaja, sendo esta seqüência finalizada quando se inicia o brinquedo. No segundo ano de vida, a atividade manipulatória caracteriza-se por uma ênfase em comportamentos de manipulação, enquanto que os comportamentos visuais e táteis aparecem correlacionados e em menor intensidade. Contudo, a atividade exploratória de crianças de dois anos ainda é pouco pesquisada, pois a maioria dos estudos sobre comportamento exploratório envolve crianças entre cinco e dez anos de idade e em muitos casos a questão do desenvolvimento não é de importância central. Além disso, o fator gênero não tem sido contemplado nestes estudos. Assim, esta pesquisa tem por objetivo investigar a atividade exploratória desencadeada por objetos não-familiares, de meninos e meninas de 24 meses de idade, visando explicitar a seqüência dos diferentes tipos de comportamentos exploratórios e a passagem destes comportamentos para o início do brinquedo simbólico, de acordo com o gênero. A amostra constituiu-se de 14 crianças com 24 meses de idade, 7 do sexo feminino e 7 do sexo masculino. Para avaliar a atividade exploratória filmou-se a criança em uma sessão de 10 minutos, enquanto permanecia brincando com objetos não-familiares na presença de sua mãe. Todas as observações foram realizadas no Laboratório do Brinquedo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Na análise dos comportamentos apresentados pelas crianças considerou-se as categorias de exploração visual, tátil, manipulatória e verbal, e o brinquedo simbólico. Para fins de codificação, a unidade de análise empregada foi o tempo de duração de cada exploração e do brinquedo, considerando-se que um tipo de atividade exploratória cessa no momento em que um dos outros tipos é iniciado pela criança. Na análise qualitativa dos dados, verificou-se que as crianças, durante os dez minutos, exploraram mais do que brincaram. Com relação à exploração, a atividade manipulatória mostrou-se predominante, corroborando os estudos anteriores. Quanto às diferenças de gênero, encontrou-se que as meninas exploraram visual, tátil e verbalmente o dobro do tempo quando comparadas aos meninos. Já a forma predominante dos meninos foi a manipulatória. No que se refere ao tempo do brinquedo, não foram observadas diferenças de gênero. Esses resultados contribuem para um maior conhecimento dos aspectos que caracterizam as crianças de dois anos.

(CNPq, FAPERGS)
Palavras-chave: Atividade exploratória; Gênero; Dois anos de idade

****

DES 57
PAZ, GUERRA E VIOLÊNCIA: O QUE PENSAM CRIANÇAS E ADOLESCENTES DE PORTO ALEGRE. *Luciana Karine de Souza**, Tânia Mara Sperb (Programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS)*

Este trabalho baseou-se numa linha de pesquisa existente há quatro décadas na Europa e na América do Norte, qual seja, pesquisas sobre as concepções de crianças e adolescentes acerca da paz e da guerra. Tratam-se de fenômenos sociais e, portanto, as idéias a eles associadas são influenciadas por aspectos culturais, além de aspectos individuais e de desenvolvimento. Neste estudo, investigou-se as concepções de 124 estudantes porto-alegrenses sobre os fenômenos de paz, de guerra e de violência. Os dados foram coletados através de duas entrevistas temáticas, semi-estruturadas. Metade dos participantes foi entrevistada sobre paz e metade sobre guerra. Todos responderam a questões sobre violência. Faixa etária e gênero foram igualmente distribuídos nos dois grupos, com as idades variando de seis a dez anos e de onze a quatorze anos. Realizaram-se entrevistas individuais, em ambiente escolar, gravadas em audiotape e posteriormente transcritas. O exame dos resultados foi levado a efeito através de análise de conteúdo, gerando categorias de respostas comuns, para cada pergunta, de cada entrevista. Nos resultados sobre paz e guerra, os participantes apontaram temas também encontrados em trabalhos de outras culturas, como emoções positivas (paz) e mortes (guerra). Ao mesmo tempo, o tema da violência sobressaiu-se nas categorias de respostas, demonstrando a inserção deste fenômeno no cotidiano dos entrevistados. Tal resultado diferenciou esta amostra das de outras pesquisas. Os participantes que apontaram guerra ou ausência de paz no Brasil, justificaram-na mencionando a violência. Análises estatísticas de Qui-quadrado e a Análise de Correspondência indicaram diferenças etárias e de gênero nos resultados. Os estudantes mais novos verbalizaram temas de natureza mais concreta com relação à paz e à guerra. Os mais velhos, por outro lado, apresentaram temas mais abstratos, como atitudes humanitárias (paz) e conflitos de interesses (guerra). Com relação às meninas, nas duas entrevistas, as respostas foram mais direcionadas às interações sociais e à preocupação com o bem-estar de outrem. Já os meninos, apresentaram respostas mais relacionadas a questões técnicas e/ou de justiça. Observou-se também que, com relação à violência, a maioria dos participantes apresentou respostas de natureza mais concreta, por exemplo, assaltos. Outras questões, mais específicas, nas duas entrevistas, investigaram uma possível assimetria entre as idéias de paz e de guerra. Esta assimetria confirmou-se apenas nas respostas dos entrevistados mais novos. O material sobre a compreensão de crianças e adolescentes sobre os fenômenos de paz, de guerra e de violência fornece subsídios para a elaboração e execução de projetos educacionais e sociais que visem fomentar a paz e diminuir a violência e a incidência de guerras. Espera-se que os resultados obtidos neste trabalho indiquem da importância de se introduzir, na educação de crianças e adolescentes, questões sobre paz.

CAPES - CNPq
Palavras-chave: Paz; Violência; Desenvolvimento

****

DES 58
O DESENVOLVIMENTO DO DISCURSO NARRATIVO NO BRINCAR E NA LINGUAGEM. *Rafael Pauletto Corsetti*, Rodrigo Silva Ramos*, André Guirland Vieira**; Tânia Mara Sperb (Departamento de Psicologia do Desenvolvimento e da Personalidade, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre - RS)*

Em nosso trabalho anterior, estudamos o brinquedo simbólico como uma forma de linguagem capaz de falar da subjetividade da criança. Assim, procuramos no brincar alguns dos elementos, lingüísticos ou não, que a criança utilizava para produzir significado. Naquele trabalho, conseguimos trazer à luz pelo menos um deles, chegando, desse modo, a uma comparação entre a forma do brincar e a estrutura dos enunciados narrativos. Para isso, utilizamos o esquema narrativo de Tzvetan Todorov o qual aplicamos sobre a atividade representativa do brincar. O esquema narrativo de Todorov funcionou como uma espécie de crivo e de método de leitura da atividade de brincar, o qual permitiu que enxergássemos o caráter de estrutura narrativa desta atividade. Conseguimos, desse modo, isolar três tipos ou situações de brincar em que o modelo de Todorov foi aplicável ao brincar, ou em que não o sendo, levantou problemas, para nós, preciosos. Na primeira situação, tivemos a construção de uma narrativa através do brincar baseada tanto em enunciados lingüísticos quanto na imagem em movimento. Na segunda situação, a narrativa foi construída exclusivamente sobre a imagem em movimento. Nestas duas situações, o modelo proposto por Todorov foi aplicável porque o processo de transformação dos cenários e dos personagens ao longo da narrativa independe de enunciados lingüísticos, podendo também estar fundamentado na imagem em movimento. Já na terceira situação, tivemos a construção de um cenário estático. Aqui o modelo de narrativo não pode ser aplicado em função de que tínhamos a construção de uma única proposição inicial de estado, e esta na forma de uma imagem estática. Vimos, assim, que, em função do brincar apresentar uma quantidade muito grande de elementos icônicos, necessitaríamos, para um melhor entendimento, de uma comparação entre a expressão de narrativas lingüísticas e a de narrativas através de imagens no

brincar. O presente trabalho estuda o desenvolvimento da produção narrativa da criança, focando uma comparação entre a narrativa produzida no brincar e a narrativa produzida na linguagem falada. Procuramos estudar a presença ou não de uma sincronia entre o desenvolvimento da narrativa através de imagens, no caso do brincar, e da narrativa articulada através da linguagem falada, representado aqui pelo "falar sobre o brincar". Utilizamos um estudo de caso, no qual acompanhamos uma criança ao longo de cinco encontros, nos quais foram produzidas cinco situações de brincar. As narrativas produzidas pelas situações de brincar e pelo falar sobre o brincar foram analisadas pelos modelos de J-M. Adam e de T. Todorov. Como resultado, verificamos a presença de uma sincronia estrutural em todas as situações de brincar, o que é verificado pela presença de uma estrutura narrativa tanto na imagem como na linguagem. No entanto, observamos que a narrativa através da imagem apresentou uma maior riqueza e complexidade do que a narrativa articulada através da linguagem.

CNPq

Palavras-chave: (Narrativa; Imagem; Brincar

DES 59

JULGAMENTO MORAL E LOCUS DE CONTROLE: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE MÃES ADOTIVAS E BIOLÓGICAS. *Débora Prieto Mezzomo da Silva** (Universidade da Região de Campanha-URCAMP e Universidade Federal do Rio Grande do Sul -UFRGS),Caroline Tozzi Reppold** (Universidade Federal do Rio Grande do Sul -UFRGS) e Cláudio S. Hutz (Universidade Federal do Rio Grande do Sul -UFRGS)*

A falta de pesquisas sobre o tema da adoção no contexto brasileiro implica a perpetuação de idéias mistificadas a respeito do processo adotivo. Alguns estudos demonstram que a adoção é associada, no imaginário social, à caridade e filantropia. Outros descrevem a adoção como uma tentativa de satisfazer o hedonismo dos pais. Nesse sentido, referem-se a uma expectativa de diferenciação dos níveis de reflexão social entre famílias biológicas e adotivas. O objetivo do presente estudo foi investigar diferenças entre mães adotivas e biológicas quanto aos níveis de julgamento moral e locus de controle. Participaram 40 mulheres divididas em dois grupos (grupo 1: com experiência de maternidade adotiva e grupo 2: com experiência de maternidade biológica) emparelhadas por idade, escolaridade, número de filhos e estado civil. A idade média da amostra foi 42,2 anos (dp=9,25), sendo a maioria casadas (55%). Quanto aos motivos da adoção, 60% das adotantes relacionavam-nos ao fato de não poder ter filhos biológicos. Os instrumentos utilizados foram um questionário relativo a dados demográficos a adaptação brasileira do Sociomoral Reflection Objective Measure e a Escala Multidimensional de Locus de Controle de Levenson, que é constituída por três subescalas referentes às crenças de internalidade, acaso e outros poderosos. Os resultados não indicaram diferenças significativas entre as variáveis estudadas e o tipo de maternidade. Na escala de julgamento moral, a média estabelecida neste estudo caracterizou a amostra no estereótipo 3/4. Tal escore aproxima-se dos resultados encontrados em outras pesquisas realizadas com amostras brasileiras não clínicas. Na escala multidimensional de locus de controle, a subescala que apresentou maior escore é a de internalidade. As principais correlações encontradas ocorrem entre o nível de julgamento moral e a crença de internalidade de locus de controle ($p<0,001$) e entre os fatores acaso e outros poderosos ($p<0,001$). A tendência à internalidade do locus de controle dos participantes que atingem níveis mais elevados de moralidade explica-se na literatura pela autoconfiança dos mesmos capazes de criticar a moral vigente e desejar modificá-la. A maturidade do julgamento moral e o locus de controle em outros poderosos apresentaram diferenças significativas relativas à escolaridade. Quanto maior o grau de instrução do indivíduo, menor é sua tendência a explicar os eventos de sua vida a partir de um controle externo. No que se refere ao grau de instrução das participantes e ao nível de julgamento moral apresentado, os dados evidenciaram uma correlação positiva. Quanto ao estado civil, as diferenças ocorreram em relação ao julgamento moral e locus de controle interno. Entre as mulheres com experiência anteriormente de fertilização artificial, observou-se uma tendência à crença de locus por outros poderosos, o que pode estar relacionada à situação de vulnerabilidade frente ao conhecimento técnico e à manipulação corporal. Os resultados apresentam implicações sociais para a constituição de uma nova cultura da adoção, à medida que não corroboram as expectativas sociais de maior hedonismo ou maior preocupação com o bem comum entre as mães adotivas.

Palavras-chave: Adoção; Julgamento moral; Locus de controle

DES 60

A INFLUÊNCIA DA TELEVISÃO NA ATIVIDADE LÚDICA DE PRÉ-ESCOLARES, VERIFICADA ATRAVÉS DA PERCEPÇÃO DOS PAIS E DA OBSERVAÇÃO DE CRIANÇAS. *Patrícia Oasis*, Maria da Paz Ferreira (Faculdade de Psicologia - UNISA, São Paulo - SP) e Celso Goulart de LEMOS** (Faculdade de Psicologia - UNISA e Doutoranda em Psicologia Escolar - IP-USP, São Paulo - SP)*

O presente trabalho teve como objetivo estudar a influência da televisão sobre a atividade lúdica de crianças pré-escolares, a partir da percepção dos pais e da observação de crianças em atividade lúdica. A amostra foi composta por 20 alunos e 20 pais de uma escola particular de educação infantil da zona sul de São Paulo. Todas as crianças estavam com 4 anos de idade por ocasião da coleta de dados, sendo 55% do sexo feminino e 45% do sexo masculino. A idade dos pais variou entre 24-30 anos (20%), 31 a 36 (35%) e 37 a 42 anos (45%). 75% dos pais estudados possuem nível superior e 25% segundo grau completo, sendo que 70% possui carga horária semanal de pelo menos 40 horas de trabalho. A coleta dos dados foi realizada na própria pré-escola, onde foram realizadas observações da atividade lúdica infantil em situações de recreio, utilizando-se o método ouvisto. Aos pais foram aplicados dois questionários adaptados de Emeljanow (1989): o primeiro deles constituído de alternativas com respostas afirmativas ou negativas, sem ter um parâmetro de opinião formada à respeito da influência da TV no comportamento de seus filhos. O segundo questionário pretendia coletar informações sobre os hábitos da criança, a frequência com que fica exposta e a forma como se utiliza da televisão. Os resultados mostram que os pais preocupam-se com a influência da TV sobre os filhos, procuram controlar o tempo de exposição dos mesmos, principalmente durante a semana (até uma hora - 65% dos pais, duas ou mais horas - 35%), sendo menor a restrição aos finais de semana (até uma hora - 55%, duas horas ou mais - 45%). 80% dos pais reconhecem a influência da TV na formação de seus filhos e observam que a criança imita o que vê na televisão. Apesar de 85% dos pais perceberem a influência da TV no brincar dos filhos, observamos que há discordância entre os mesmos com relação a se a televisão reduz o tempo de brincadeira das crianças (55% dos pais concordam e 45% discordam). As situações de observação da atividade lúdica mostram que as brincadeiras mais utilizadas pelas crianças são de representações de papéis sociais, algumas delas de modelos assimilados diretamente da televisão, imitação da luta entre super-heróis e bandidos, brincadeiras com bonecos miniaturas de Pokémons e Digimons, etc. Outras são de imitação de modelos adultos: casinha, brincadeira de médico, salão de beleza, etc. as quais não podemos afirmar se sofrem ou não influência da televisão. Os resultados obtidos confirmam a hipótese de que as crianças utilizam conteúdos da TV em suas brincadeiras e que a mesma é um veículo de influência que transmite formas de agir, pensar e se comportar. A hipótese de que o tempo dedicado à TV é maior que o tempo dedicado à atividade lúdica não foi comprovada nos resultados. Consideramos relevante que pais e educadores fiquem atentos ao período que as crianças destinam à TV, à forma como a interpretam, bem como sua influência em suas brincadeiras. Acreditamos que a melhor forma de trabalhar junto às crianças é a prevenção e o esclarecimento dos assuntos veiculados pela TV, minimizando seu impacto sobre as mesmas.

Palavras-chave: Atividade Lúdica; Pré-escolares; Meios de Comunicação

---

ERGONOMIA

ERG 01

GESTÃO DA INFORMAÇÃO EM CALL CENTER E USO DO SCRIPT NO ATENDIMENTO AOS USUÁRIOS. *Mário César Ferreira, Juliana Costa de Faria* (Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, Laboratório de Ergonomia, Universidade de Brasília - UnB, Brasília - DF)*

Os serviços de tele-atendimento têm se multiplicado nos últimos anos. As centrais de atendimentos, sob o formato call centers e serviços 0-8000, se banalizam. Elas expressam o "casamento" das tecnologias de informação com os modelos de gestão do trabalho, voltados para o novo cenário de competição globalizada. Todavia, os efeitos dos usos de novas tecnologias nas condições de trabalho e, sobretudo, nos atendentes permanecem pouco estudados. A escassa literatura alerta para os efeitos perversos que têm sido produzidos pela combinação entre a organização do trabalho, de feição taylorista, e o uso de dispositivos tecnológicos no serviço de telefonia. O objetivo da pesquisa, realizada com base no enfoque da "Ergonomia Aplicada ao Serviço de Atendimento", foi produzir um diagnóstico sobre uso do script - técnica de padronização de mensagens - em um serviço de call center de Brasília - DF, visando propor recomendações para garantir o bem-estar dos operadores, a eficiência e a eficácia do serviço prestado pela instituição. A abordagem metodológica, "Análise Ergonômica do Trabalho - AET", apoiou a coleta de dados com base: (a) análise documental da empresa, o serviço e a regulamentação do serviço de telefonia; (b) entrevistas semi-estruturadas (N=8) com chefias, encarregados dos serviços; (c) análise de conteúdo dos textos do script; (d) observação sistemática da atividade dos operadores (N=20) em situação de uso dos scripts (6h). A sistematização e análise de dados possibilitou construir um cenário de compreensão dos principais problemas existentes, indicando a inter-relação de fatores determinantes dos indicadores críticos. Dentre os principais resultados, cabe destacar: (a) o uso do script inscreve-se no processo mais global de gestão da informação em call center que, do ponto de vista cognitivo, caracteriza-se basicamente por atividades de receber, tratar, registrar/atualizar, responder a diversidade de informações; (b) as principais etapas que caracterizam o ciclo de produção de scripts mostram limites metodológicos, pois não proporcionam uma participação efetiva dos atendentes no seu processo de elaboração e validação; (c) o enfoque organizacional que preside a concepção e a produção dos scripts no serviço de atendimento do call center é de caráter tecnocêntrico, o que intensifica os custos cognitivo e psíquico do trabalho e, desta forma, produz efeitos negativos para a qualidade do serviço. O estudo possibilitou mostrar o caráter cognitivo dos scripts e suas implicações para o processo de trabalho, pontuando algumas recomendações para a melhoria do serviço de atendimento com base no bem-estar dos atendentes e na satisfação dos usuários.

Palavras-chave: Ergonomia; Atendimento ao público; Script, Usuários

*****

ERG 02

TELE-ATENDIMENTO E AS NOVAS TECNOLOGIAS: UMA ANÁLISE DA CARGA DE TRABALHO. *Thaisa Berbert Rodrigues Reis* e Júlia Issy Abrahão (Laboratório de Ergonomia, Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, Universidade de Brasília, Brasília, DF)*

O primeiro estudo sobre o trabalho das telefonistas foi realizado por Le Guillant (1956). Ele observou que as exigências deste trabalho geravam um quadro sintomatológico, que posteriormente ele denominou "síndrome neurótica das telefonistas". Malgrado as evoluções tecnológicas, observa-se que as queixas de desgaste, fadiga e sofrimento continuam presentes neste contexto de trabalho. Este estudo buscou compreender o porquê tais queixas manifestadas por tele-operadores guardam similitudes com aquelas manifestadas pelas operadoras em meados do séc.XX, visando entender, à luz do conceito de carga de trabalho, os indicadores de prazer e sofrimento e observar o conteúdo cognitivo que permeia esta atividade. Tendo como fio condutor a Análise Ergonômica do Trabalho, procedeu-se uma análise documental da empresa e da tarefa por ela prescrita; observações globais e sistemáticas; entrevista semi-estruturada com 14 dos operadores; registros em fita cassete das interações operador/usuário; e análise de dados referentes à saúde desses operadores. A partir dessa análise observou-se que a organização do trabalho ainda se remete ao modelo taylorista, cuja a rigidez e o controle (monitoramento de toda a atividade) são características expressivas. As verbalizações apontam que sob pressão temporal, a interação operador/usuário pode se configurar em uma fonte de sofrimento, o que também se observa no que concerne ao ambiente físico e ao nível de exigência da tarefa - identificador do componente cognitivo. Os dados empíricos evidenciam que em 22,5% das ligações, o usuário tem dificuldade em expressar sua demanda ("ligações problema"). Entretanto, nota-se que os operadores, em especial os mais experientes, conseguem "decifrar" a demanda deste usuário, elevando esse percentual para 34%. Isso mostra o alto investimento cognitivo na tarefa e o alto grau de atenção exigido nesta atividade, que acabam por se tornar mais um indicador de sofrimento, colaborando para que as queixas de desgaste ainda se configurem em um problema e culminem na fragilidade da saúde - o que fica implícito nas planilhas de absenteísmo. Este estudo permitiu verificar que as inovações tecnológicas, propiciadoras de agilidade no atendimento, aprimoraram também o controle e as formas de monitoramento. Nesse sentido, o aprimoramento tecnológico não traz necessariamente consigo prejuízos à saúde. A questão se coloca, sobretudo, na forma de apropriação da tecnologia pelos modelos vigentes de organização do trabalho, que guardam fortes resquícios do taylorismo, exigindo do trabalhador um modelo padronizado sem considerar a diversidade e a particularidade dos indivíduos.

Bolsa de Iniciação Científica PIBIC/UnB

Palavras-chave: Ergonomia; Tele-atendimento, Carga de trabalho

*****

ERG 03

A USABILIDADE DE UM SISTEMA E AS SUAS REPERCUSSÕES NO TRABALHO: O ESTUDO EM UM RESTAURANTE UNIVERSITÁRIO. *Andrea Ribeiro Castello Branco (Lab. de Ergonomia / Instituto de Psicologia / Universidade de Brasília, Brasília - DF)**, Júlia Issy Abrahão (Lab. de Ergonomia / Instituto de Psicologia / Universidade de Brasília, Brasília - DF) e Marcelo Ortega Júdice (Lab. de Ergonomia / Instituto de Psicologia / Universidade de Brasília, Brasília - DF)*

A informatização tem um importante papel no cotidiano de grande parcela da sociedade, seja como fonte de estudo, de lazer ou de trabalho. A tendência atual é que, passemos a "dialogar" cada vez mais com sistemas informatizados. O impacto desses avanços tecnológicos no trabalho, altera não apenas os processos de produção, mas também a organização do trabalho. É inegável que a implementação destes nas empresas traz resultados vantajosos, tais como: a diminuição da freqüência de erros, o aumento do controle sobre a produção, a precisão das informações utilizadas, bem como maior agilidade do processo produtivo de forma geral. Estes sistemas transformam o conteúdo e a natureza da atividade realizada, e podem repercutir na saúde dos sujeitos e na eficácia das organizações. O objetivo do presente estudo é analisar a usabilidade da interface de um aplicativo informatizado em fase de implementação num restaurante universitário. A metodologia utilizada apoiou-se na Análise Ergonômica do Trabalho. Num primeiro momento foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, observações globais e sistemáticas, com o intuito de apreender a atividade desenvolvida e num segundo momento realizou-se a avaliação do aplicativo por meio de duas técnicas: avaliação heurística e lista de verificação. Os sujeitos envolvidos foram: todos os funcionários do setor financeiro do restaurante (N=8) e especialistas em usabilidade (N=3). Os resultados mostraram que em 75% da concepção do aplicativo não foram consideradas as atividades desenvolvidas no trabalho, bem como as características dos usuários (a experiência e nem a escolaridade), fazendo com que a lógica do sistema se sobreponha à lógica dos usuários. Critérios ergonômicos como: condução e homogeneidade não foram utilizados, tornando difícil a avaliação heurística, nesse sentido foi necessária a criação de uma lista de verificação para a análise intrínseca deste aplicativo. Apenas 40 % do aplicativo atende aos critérios de usabilidade apontados pela literatura, como por exemplo a arquitetura da informação. O baixo índice no atendimento aos critérios de usabilidade poderá ter como conseqüência o aumento na carga de trabalho dos usuários e a sobreposição das atividades desenvolvidas, podendo também, afetar a saúde dos trabalhadores e a eficácia da organização. Um dos limites do presente estudo foi não ter incorporado o usuário final na análise. Conclui-se que para analisar a usabilidade de um sistema é fundamental conhecer as características dos usuários, as exigências das tarefas, a atividade e incorporar na análise a participação dos usuários finais do sistema.

Apoio financeiro: Telemática Sistemas Inteligentes Ltda

Palavras-chave: Ergonomia; Interface; Usabilidade

*****

ERG 04

WEB SITE: USO VIRTUAL E PROBLEMÁTICA REAL. *Mário César Ferreira, Kelly Christina Vargas *, Maíra Moreira *, Marcelo Eduardo M Oliveira *, Marília de Campos Moreira* (Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, Laboratório de Ergonomia, Universidade de Brasília - UnB, Brasília - DF)*

Com os avanços tecnológicos da informática, torna-se cada vez mais imprescindível o uso do web site nas organizações. Este passa a ser um importante meio de comunicação entre os seus membros internos e o público externo. Dessa forma, é inquestionável a sua validade. Não se pode afirmar o mesmo sobre a sua utilizabilidade. Suas propriedades de funcionamento, sua operacionalização são acessíveis aos usuários? A funcionalidade do site constituiu a demanda principal dos usuários, assim o objetivo da pesquisa em ergonomia foi a melhoria da interação interface-usuário no web site de um curso da Universidade de Brasília. A norma ISO 9241 conceitua a utilizabilidade como a capacidade do sistema operativo de realizar, em um determinado contexto de uso, a tarefa de maneira eficaz, eficiente e agradável. Assim, qualquer questão que afete uma destas variáveis (bem-estar, eficiência e eficácia) interessa à ergonomia aplicada à informática. Nesse contexto, o objetivo da ergonomia é diagnosticar as situações críticas do uso da tecnologia, visando propor recomendações que garantam o bem-estar dos usuários e a funcionalidade do sistema. A abordagem metodológica adotada foi a Análise Ergonômica do Trabalho - AET, de matriz francofônica, cujo pressuposto centra-se no estudo da atividade real de trabalho. Suas principais etapas foram: análise da demanda, do contexto sócio-técnico e da atividade, e elaboração do diagnóstico. Para a coleta de dados, foram utilizados: análise documental;

exploração do site existente, entrevista semi-estruturada (N=7), e observação (10hs). Participaram do estudo 17 sujeitos (sendo 5 professores, 5 alunos do curso, 2 funcionários, 5 usuários externos ao departamento). Os resultados indicam uma defasagem considerável entre o processo de concepção do site, em termos de propriedade de funcionamento projetadas, e as situações de uso dos sujeitos. Com base em critérios ergonômicos de utilizabilidade, os principais problemas identificados foram: falta de homogeneização das formas, páginas com densidade informacional exagerada com páginas "vazias", formatação heterogênea, indicações insuficientes sobre o curso. Tais problemas afetam os usuários em função da sobrecarga perceptiva (exemplo, dificuldade de leitura), da exigência cognitiva (exemplo, identificação de dados) ou do esforço físico (exemplo, dificuldade de acionamento dos comandos), ocasionando, sobretudo, perda de tempo e instabilidade dos sujeitos. Os limites identificados impactam negativamente na utilizabilidade do web site, desestimulando o seu uso pelos sujeitos e não conseguindo cumprir os objetivos institucionais propostos.

Palavras chave: Ergonomia, Web site, Utilizabilidade

ERG 05

CARGA DE TRABALHO E RITUAL COTIDIANO DE TRATAMENTO DE INFORMAÇÕES NA CENTRAL DE ATENDIMENTO AO PÚBLICO *Luciane Miranda*** e *Mário César Ferreira (Laboratório de Ergonomia do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, Brasília - Distrito Federal)*

A importância dos serviços de atendimento ao público tem aumentado como critério da conscientização dos cidadãos. A necessidade de se aperfeiçoar esse serviço é reconhecida pelo governo brasileiro que o estabeleceu como área prioritária para treinamento no ano de 2000. Trata-se de uma temática multidimensional, onde os aspectos cognitivos constituem um fator importante para a própria execução do serviço. O objetivo do estudo é analisar uma situação de atendimento ao público no Banco Central do Brasil, buscando identificar as exigências da carga cognitiva e os modos operatórios dos atendentes para garantir a qualidade do serviço e preservar o estado de saúde. O enfoque teórico adotado concebe o atendimento ao público como uma resultante da interação entre o atendente, o cliente e a instituição. Participaram da pesquisa 14 funcionários da Central de Atendimento ao Público da Divisão de Informação do banco. O método utilizado foi a Análise Ergonômica do Trabalho - AET que combina os enfoques qualitativo e quantitativo. Empregaram-se os seguintes instrumentos: análise documental, entrevistas semi-estruturadas (N=14, sendo 12 atendentes e 2 gerentes, com faixa etária entre 31 e 54 anos, 6 mulheres e 8 homens com tempo médio de trabalho na instituição de 12 anos), observação livre (12h) e questionários (N=14). Os resultados evidenciaram fatores que caracterizam a carga de trabalho dos sujeitos (média mensal de 6.000 atendimentos e média diária de 27 atendimentos/funcionário). Os atendentes agrupam o trabalho em seis atividades principais: prestação de informações; atendimento a denúncias e reclamações; registros; controle de pendências; elaboração de relatórios estatísticos; estudo de novas normas e leis. Os funcionários queixam-se do sistema de registro dos atendimentos, o qual não se interessa no processo adotado pelos sujeitos (enfoque tecnocêntrico e não antropocêntrico na construção do sistema). A maior queixa dos atendentes foi a da diversidade de informações necessárias para o atendimento, a qual sinaliza para a complexidade da tarefa e das cargas psíquica e cognitiva exigidas. As análises exigências do trabalho (diversidade de assuntos, heterogeneidade do público, variabilidade do suporte instrumental disponibilizado) revelam que a atividade constitui-se numa rotina cotidiana de tratamento de informação - solicitação, identificação, cotejamento, pesquisa, registro, emissão, orientação e arquivamento. Para responder adequadamente as exigências, os sujeitos constroem estratégias operatórias (padronizar respostas, delegar serviços, demorar mais tempo em cada atendimento, realizar rodízio de tarefas, utilizar pastas de anotações pessoais) para garantir eficiência e eficácia do serviço. Os resultados mostram que o treinamento da instituição, com foco atitudinal, é ineficiente, pois não responde aos aspectos cognitivos do trabalho.

Palavras-chave: Ergonomia; Atendimento ao público; Complexidade; Tratamento de informação

---

ERG 06

ERGONOMIA DOS ACIDENTES: QUEDA DO BERÇO. *Francisco de Paula Antunes Lima (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), Antônio Renato Pereira Moro (Universidade Federal de Santa Catarina), Afrânio Otávio Vargas Assis e Cristina Filha da Silva (Universidade do Estado de Santa Catarina)*

O lar é o ambiente que concentra o maior potencial de risco, quando comparado a outros espaços frequentados pelas crianças. Embora os fatores de risco estejam sendo identificados no ambiente doméstico, o design do berço sugere atenção especial na medida em que há incompatibilidades entre as características dos bebês e os componentes desse mobiliário, o que sugere custos humanos pela ocorrência de acidentes graves e até óbitos. O presente estudo tem como objetivo determinar o Centro de Massa (CM) do corpo de dez bebês, como base para investigações ergonômicas do design de berços. Para o estudo foi utilizada uma plataforma de força (AMTI) e um calibrador de referência espacial, em conjunto com o Sistema de Análise do Movimento (Peak Motus), apoiado por três vídeo-câmeras posicionadas de modo a focalizar os participantes, individualmente, em diferentes ângulos observacionais. As imagens e as forças de reação foram registradas durante a permanência dos bebês em decúbito dorsal sobre uma prancha posicionada na plataforma de força. Dois pontos de referência anatômica foram afixados nesses bebês (cicatriz umbilical e ápice da cabeça), como referência para a projeção dos seus CM. As imagens foram digitalizadas e associadas aos eventos de força emitidos pela plataforma. Essas imagens discriminaram, com precisão, a posição espacial do CM no plano transversal de referência anatômica. A partir destes dados, está sendo possível obter-se o Centro de Massa no plano transversal dos corpos dos bebês. Os resultados do estudo indicaram que a localização do CM está sujeita a variações, no plano transverso, em diferentes estágios do desenvolvimento humano. A variabilidade de posição do CM ocorre em função do percentual maior da massa da cabeça do bebê, em relação aos demais segmentos corporais, quando comparados aos do adulto. Essa característica do desenvolvimento faz com que os bebês tenham o centro de equilíbrio de sua massa corporal em uma posição mais elevada com relação à sua base de sustentação. A queda do berço ocorre na medida em que o bebê consegue superar a altura da grade de proteção. Trata-se de uma cadeia de comportamento envolvendo o "erguer os braços", para tração do corpo, e consequente deslocamento do CM para cima do limite superior da grade lateral, provocando o desequilíbrio do corpo e consequente queda. Na medida em que a queda do berço pode culminar em óbitos ou em sequelas incapacitantes na população infantil, dados de pesquisas ergonômicas, comportamentais e biomecânicas devem ser considerados nos projetos desse peça de mobiliário infantil, desde a sua concepção. Tentativas de compatibilizar o design do berço com o sistema músculo-esquelético e o repertório comportamental dos bebês. As grades laterais do berço, por exemplo, têm se constituído em componentes lesivos a serem substituídos ou (re)projetados no sentido da redução das taxas de acidentes infantis.

Apoio: PAPERJ

Palavras-chave: Prevenção de Acidentes; Berço

PSICOLOGIA ESCOLAR E DA EDUCAÇÃO

ESC 01

JOGAR COM O SABER DO PROFESSOR. Isabel da Costa Nunes Ferreira (Instituto de Psicologia, UERJ, R.J., Brasil)

O objetivo desta pesquisa foi formar um professor diferenciado, especializado em trabalhar com turmas de aceleração formadas por alunos que, por motivo de repetidas reprovações, apresentavam distorções idade/série de mais de dois anos, levantando a questão do fracasso escolar. O estudo configurou-se como uma pesquisa-ação, envolvendo 50 professores responsáveis pela educação de 163 alunos do ensino fundamental, que representavam 28% da matrícula deste segmento na Rede Municipal de Educação de Mangaratiba, Rio de Janeiro, entre 1999 e 2000. O trabalho assumiu como hipótese que há relação entre a dificuldade do professor em criar uma prática pedagógica mais adequada ao aluno com dificuldades de aprendizagem e o modo pelo qual ele próprio aprendeu. Frente à tarefa de ensinar alunos que não aprendem como o previsto, o professor defronta-se, a todo o momento, com o seu não-saber. Observa-se que sua resistência em modificar a prática pedagógica deve-se a que fica aprisionado pelo molde de uma educação opressora e alienante que não lhe dá liberdade de escolher outro modo de ser professor, diferente do que vivenciou enquanto aluno. Então, repete, no ensinar, o modelo com o qual aprendeu. A intervenção objetivou o resgate do professor enquanto ser auto-construtor do conhecimento, levando-o a discutir esta problemática, a questionar a formação do professor, concluindo que ela deve ir além da transmissão de conteúdos pedagógicos e da análise crítica da prática. O brincar foi a chave para abrir um espaço de experiência que permitisse ao professor pôr em jogo seu saber, vivenciando conflitos e correndo riscos, em nível simbólico. Várias estratégias foram usadas objetivando estimular o professor a resgatar sua capacidade de lidar com o lúdico, com a arte e o aprender mais criativo. Gravadas em VT, estas atividades serviram de material de reflexão, de discussão sobre a prática e reelaboração de conceitos. Os resultados mostraram que a intervenção facilitou aos professores refletir sobre o processo de aprender, vencer a resistência à mudança, permitindo a ressignificação do seu próprio aprender e do conceito de aprendizagem, o que propiciou a criação de alternativas pedagógicas mais apropriadas a este alunado especial, minimizando o fracasso escolar. Dos 163 alunos inseridos no projeto, 70% foram acelerados, 20% permaneceram na mesma série, mas com significativos ganhos qualitativos; os 10% restantes foram transferidos para a classe comum (6%) ou se evadiram (4%).

Palavras-chave: Formação do professor; Brincar; Fracasso escolar

ESC 02

INTERAÇÃO PROFESSOR-ALUNO E CONDIÇÕES QUE PROPICIAM O DESENVOLVIMENTO DE PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO. Heloisa Sturm Menezes Robles** (Universidade Federal de São Carlos, São Carlos-SP)

As escolas de ensino regular mostram dificuldades em lidar com crianças que apresentam comportamentos considerados inadequados. Por conta disso, estas crianças, geralmente, recebem diversos rótulos e são encaminhadas para o ensino especial. Pode-se dizer que existem contingências de reforçamento em vigor no ambiente de sala de aula e que favorecem o aparecimento e a manutenção destes comportamentos. Foi objetivo deste trabalho identificar e descrever uma situação-problema diante da queixa de uma professora de educação infantil com relação a um aluno que apresentava comportamentos considerados anti-sociais como desobediência e agressividade. Procurou-se identificar as condições que estariam favorecendo o aparecimento e manutenção dos problemas apontados e, posteriormente, delinearam-se algumas intervenções com a finalidade de diminuir os comportamentos inadequados apresentados pela criança. A coleta de dados consistiu de uma entrevista semi-estruturada realizada com a professora a fim de se obter informações sobre a criança e de observações em sala de aula realizando-se o registro contínuo dos desempenhos da professora, do aluno-alvo e da classe. Definiu-se um comportamento-problema – desobediência – de acordo com critérios pré-estabelecidos, identificou-se aspectos favorecedores e mantenedores do problema e descreveu-se estratégias visando solucionar o problema identificado. A partir da análise de episódios construídos pela tríplice contingência (desempenho antecedente da professora - desempenho do aluno/classe e desempenho subseqüente da professora) identificou-se fatores que pareciam desencadear e manter o comportamento-problema: a professora dava atenção para o aluno apenas quando ele se envolvia em comportamentos considerados inadequados ou quando desobedecia; as instruções apresentadas pela professora quanto à realização de tarefas não foram consideradas claras pois elas geralmente não descreviam concisamente o comportamento esperado nem as possíveis conseqüências; em todos os episódios analisados não foram identificadas conseqüências positivas apresentadas pela professora aos comportamentos pró-sociais do aluno-foco; as crianças passavam longos períodos sem atividade o que favorecia o engajamento delas em comportamentos considerados inadequados; as práticas educativas utilizadas pela professora foram consideradas inconsistentes, a professora manejava o comportamento de seus alunos inadequadamente. Observou-se que o comportamento da professora em relação ao aluno-foco contribuía para que ele apresentasse determinados problemas de comportamento, isto porque, os aspectos identificados acima, são considerados como alguns dos responsáveis pelo desenvolvimento de problemas de comportamento em crianças. Com base nos dados obtidos, a professora foi orientada a: observar qualidades positivas na criança; conseqüenciar positivamente e com mais freqüência os comportamentos adequados da criança; ignorar, quando possível, comportamentos inadequados da criança e apresentar instruções mais claras e com objetivos explícitos. Embora os comportamentos-problema apresentados pela criança não pareçam "graves", julgou-se necessária uma intervenção, pois, crianças pequenas que apresentam problemas de comportamento como desobediência e agressividade, tendem a apresentar problemas similares durante a idade escolar com risco de desenvolver problemas acadêmicos e sociais mais sérios na idade adulta. Discute-se o fato de que a orientação da professora a partir dos dados obtidos pode contribuir para que ela se implique na situação analisada, pois ela se referia ao aluno como sendo "o problema", não se colocando como parte das contingências que poderiam favorecer e manter os comportamentos-problema da criança.

Palavras-chave: Problemas de comportamento; Interação professor-aluno; Orientação de professores

ESC 03

POSTURA DO PROFESSOR, DISCIPLINA DO ALUNO E DESEMPENHO ACADÊMICO. Cristiane Parolin Quintana Brito*; Maria Agnes Pérez Gilert*; Erica Maluf Machado* e Isabel Cristina Dib Bariani (Curso de Psicologia da PUC-Campinas, SP)

Considerando a importância da interação entre professor e aluno para o processo ensino-aprendizagem, esta pesquisa objetivou identificar, na relação professor-aluno no ensino superior, que postura tem o professor que melhor mantém a disciplina dos estudantes em sala de aula e se esta postura contribui para a otimização do desempenho dos alunos. Os dados foram coletados com 90 universitários de 1ª, 3ª e 5ª séries dos cursos de Medicina, Engenharia Civil e Direito, de uma Universidade Confessional do Estado de São Paulo por meio de um questionário, construído especialmente para efeito desta pesquisa. Os dados foram analisados quantitativamente (questões fechadas) e qualitativamente, utilizando-se o processo de categorização (questões abertas). A análise dos dados referentes ao professor que melhor mantém a disciplina resultou nas seguintes categorias: relacionamento interpessoal, preocupação com o processo ensino-aprendizagem e características pessoais. Estas mesmas categorias, também, aparecem relacionadas ao professor que não mantém a disciplina em sala de aula, sendo acrescentada a categoria formação do professor. A maioria dos estudantes dos três cursos apontou que seus professores têm uma postura democrática, destacando-se que no Curso de Medicina não foi feita nenhuma referência à existência de professor autoritário. Com relação aos fatores que influenciam o aprendizado do aluno, estes foram classificados quanto à freqüência com que se manifestam (sempre, freqüentemente, algumas vezes, raramente e nunca), observando-se que os alunos de Direito citam o domínio do conteúdo e a didática do professor como fatores que sempre influenciam o aprendizado e, freqüentemente, a disciplina em sala de aula e a motivação do aluno; nos Cursos de Medicina e Engenharia, a motivação do aluno e a didática do professor são apontados como fatores que influenciam sempre o aprendizado e a disciplina em sala e a postura do professor, freqüentemente. Em suma, de forma geral, foram salientados como relevantes o domínio de conteúdo, a didática e a postura do professor e a motivação e a disciplina do próprio aluno. Vale ressaltar que, embora, a disciplina dos alunos em sala e a postura do professor não tenham sido consideradas como fatores determinantes para o desempenho do aluno, foram apontadas como importantes. Ainda, os estudantes indicam como ideal o professor que é democrático, amigável, descontraído, com bom senso, ciente de sua autoridade em sala de aula, possuidor de boa didática e domínio do conteúdo a ser ministrado. Desse modo, as características indicadas como sendo do professor que mantém a disciplina em sala de aula são similares às encontradas no professor ideal: democrático, possuidor de boa didática e que mantém com os alunos um relacionamento baseado no respeito e diálogo. Os resultados observados sugerem que um conjunto de aspectos colabora para a boa postura do professor, entretanto, destaca-se que a base de suas relações com os alunos está centrada no respeito e no diálogo.

Palavras-chave: Professor universitário; Disciplina; Desempenho acadêmico

ESC 04

FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DOS PSICÓLOGOS ESCOLARES DO DISTRITO FEDERAL: UM ESTUDO INTRODUTÓRIO. Amélia Raquel Pérez-Nebra*, Luis Eduardo Garcia**, Juliana Afonso Prado*, Lucy Anne Cavalcanti**, Sandra Francesca Conte de Almeida (Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento - Universidade de Brasília - DF)

A psicologia escolar encontra-se em um momento de expansão dos significados referentes ao seu papel, podendo-se definir o trabalho do psicólogo escolar pelo seu caráter preventivo, promocional, subjetivo e contextual. Neste sentido, entende-se que cabe ao serviço de psicologia escolar promover a consciência da necessidade de promoção de um funcionamento saudável da instituição. O presente estudo é parte de uma pesquisa de âmbito maior referente à formação e atuação dos psicólogos escolares no Distrito Federal. A amostra desta etapa da pesquisa foi composta por 8 psicólogos escolares da rede pública de ensino do Distrito Federal, sendo todos do sexo feminino, com idade variando entre 27 e 51 anos. Esses profissionais foram

abordados inicialmente por contato telefônico, em seus ambientes profissionais ou domésticos, para fins de marcação das entrevistas individuais, realizadas no seu âmbito de trabalho em um segundo momento. Como instrumentos foram utilizados uma carta de apresentação para o entrevistado, um roteiro de entrevista estruturado para levantamento dos dados pessoais do sujeito e um questionário semi-estruturado para entrevista. Constata-se que o enfoque clínico-terapêutico mantém-se presente na atuação do psicólogo escolar observando-se que se faz necessário buscar novas formas de ação junto à escola e ao professor, redirecionando o foco de atenção para as múltiplas questões relativas ao processo ensino-aprendizagem; tendo em vista que os psicólogos escolares entrevistados mostram-se preocupados em diferenciar seu papel do atendimento clínico. Causa estranhamento a pouca menção ao trabalho preventivo, visto ser a amostra constituída por sujeitos atuando em escolas. A lacuna deixada pela graduação preocupa, com relação à psicologia escolar, principalmente quanto à ausência de estágios na área, havendo também uma carência de conteúdos específicos desta, implicando na falta de embasamento consistente para o trabalho do psicólogo na escola. A metodologia de pesquisa salienta-se como outro foco a ser trabalhado nos currículos de graduação. Levanta-se assim que a formação calcada entre teoria e prática e a especialização em psicologia escolar mostram-se especialmente relevantes para definição do papel e da identidade do psicólogo dentro da escola. Postula-se, ainda, uma vivência de sofrimento no trabalho do psicólogo escolar provavelmente em virtude de uma certa ausência do significado do trabalho, no sentido da falta de reconhecimento e afirmação de sua identidade profissional dentro da instituição.

Palavras-chave: Identidade profissional; Psicólogo escolar; Formação profissional; Atuação; Escola.

****

ESC 05

BARREIRAS À CRIATIVIDADE PESSOAL ENTRE PROFISSIONAIS DA ÁREA DE EDUCAÇÃO. *Eunice Soriano de Alencar (Universidade Católica de Brasília, Brasília, DF), Denise de Souza Fleith (Universidade de Brasília, Brasília, DF), Adriana Quintes Filippelli* (Universidade de Brasília, Brasília, DF), Daniela Rezende Matos* (Universidade de Brasília, Brasília, DF), Gabriela Grandeza* (Universidade Católica de Brasília, Brasília, DF), Luciene Luz Rezende* (Universidade de Brasília, Brasília, DF) e Rejane Arruda Ribeiro* (Universidade Católica de Brasília, Brasília, DF)*

A criatividade não é apenas um fenômeno de natureza intra-psíquica, pois fatores de ordem sócio-cultural também contribuem de forma considerável para sua emergência, reconhecimento e cultivo, ou pelo contrário, para a sua repressão. Obstáculos de naturezas diversas (perceptuais, culturais e emocionais), que bloqueiam, dificultam ou mesmo impedem o desenvolvimento e expressão da capacidade de criar têm sido um tema amplamente discutido pela literatura da Psicologia da Criatividade. No entanto, notam-se poucos estudos empíricos relacionados às barreiras à criatividade pessoal. Foi objetivo do estudo investigar as distintas modalidades de barreiras à expressão da criatividade pessoal em profissionais da área de educação. Participaram do estudo 544 professores de escolas públicas e particulares. Dessa amostra, 41,2% atuavam no ensino fundamental, 24,1% no ensino médio e 11% no ensino superior. Os demais lecionavam em mais de um nível. Para coleta de dados, utilizou-se o Inventário para a Identificação de Barreiras à Criatividade Pessoal (Alencar, 1999), que se compõe de 66 itens relativos a quatro modalidades de barreiras: Inibição/Timidez; Falta de Tempo/Oportunidade; Repressão Social e Falta de Motivação. Para a análise dos dados obtidos foram utilizados delineamento fatorial e análises de variância. Observou-se no estudo que Falta de Tempo/Oportunidade foi o fator mais freqüentemente apontado pelos professores como barreira à expressão de sua criatividade. Repressão Social foi o fator menos apontado como barreira pelos professores que participaram do estudo. Em dois grupos de barreiras – Inibição/Timidez e Repressão Social, foram observadas diferenças entre professores do sexo masculino e feminino. Verificou-se que professoras do sexo feminino se referiram mais freqüentemente a itens desses fatores como elementos que restringem a sua criatividade. Diferenças foram também observadas entre professores de distintos níveis de ensino, tendo os professores do Ensino Fundamental apresentado médias significativamente mais altas do que professores dos demais níveis de ensino nas barreiras denominadas Inibição/Timidez e Repressão Social. Os dados obtidos sugerem barreiras distintas que se referem direta ou indiretamente aos motivos, meios e oportunidades para a expressão da criatividade dos indivíduos. A freqüência de tais barreiras sugere a necessidade de estratégias que ampliem as possibilidades de expressão criativa em profissionais da área de educação.

Apoio: CNPq

Palavras-chave: Criatividade; Professores; Barreiras.

****

ESC 06

ESCOLHA PROFISSIONAL: UMA ETAPA NECESSÁRIA PARA O ALUNO. *Walter Mariano de Faria Silva Neto (Sociedade de Psicologia do Triângulo Mineiro, Uberlândia/MG), Luciane Medeiros Machado*, Dinamy Souza de Oliveira*, Caio André de Souza Barros Gonçalves*, Déborah Vieira Andrade*, Jordana Eurípedes de Moura*, Thiago Borges da Fonseca*, Carla Costa Ferreira*, Sybele Macedo* (Faculdade de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia/MG), Nelson Rodrigues Borges (Diretor da Instituição, Uberlândia/MG)*

A adolescência é um período da vida do sujeito em que ocorrem muitas e significativas transformações, tanto do ponto de vista físico, através da maturação biológica, quanto com relação ao desenvolvimento da identidade. Em relação a esta última, destacam-se as dimensões afetivo-sexual, através da formação da identidade de gênero, social e intelectual, através do desenvolvimento dos senso de pertencimento psicológico a um grupo e da autonomia em relação à família e na independência financeira, ligada diretamente ao fortalecimento da escolha profissional. Considerando o valor atribuído à escolaridade em nossa cultura nota-se que a escolha profissional acaba gerando ansiedades que podem dificultar essa escolha. Neste contexto, o presente trabalho teve como objetivo inicial implementar em uma escola pública da cidade de Uberlândia um projeto para esclarecer o aluno sobre as possíveis áreas de atuação, mercado de trabalho e peculiaridades sobre o exercício de uma profissão. Para executá-lo foram necessárias duas etapas: Na primeira aplicou-se um questionário, junto aos alunos do Segundo Colegial, composto de três questões sobre identificação e seis questões referentes à escolha de uma profissão e assuntos de interesse para discussão, para verificar se a escolha profissional tem sido alvo de preocupação dos alunos que estão próximos a vestibular, se esta é a questão que mais os preocupam neste momento e quais outras questões relacionadas a este período levariam nesta escolha. Responderam ao questionário 119 sujeitos sendo que destes 72 (60,5%) eram do sexo feminino, e 47 (39,5%) do sexo masculino, com idade média de 18 anos. 98% relataram que ter que escolher uma profissão é algo muito difícil e que traz-lhes preocupações, 75% relataram apresentar muitas dúvidas quanto a que profissão optar e disseram que obter informações sobre os cursos seria algo importante para ele, pois apresentam muito pouca informação acerca de cada profissão. 89% sente necessidades de discutir assuntos variados que muitas vezes não têm oportunidade de fazê-lo. Destes (38,86%) gostariam de discutir sobre sexualidade; drogas(21,76%), relacionamentos interpessoais (13,45%) e (25,93%) outros. A partir destes dados, foi desenvolvida uma Segunda etapa, com o objetivo de intervir junto aos mesmos alunos, já no Terceiro Colegial, através de um evento denominado Universidade na Escola, com a participação de 20 alunos (10,52% do total de alunos do terceiro colegial), que estiveram presentes em todas as palestras realizadas por profissionais de nove áreas (Biologia, Odontologia, Engenharia Mecânica, Direito, Ciências da Computação, Pedagogia, Medicina Veterinária, Administração e Psicologia), além de uma oficina sobre Sexualidade. Ao término do evento foi possível realizar uma avaliação qualitativa possibilitando concluir que embora contrariando a expectativa de uma maior participação dos alunos no evento, este foi satisfatório visto que relatos demonstraram que os alunos sentiram-se muito mais esclarecidos em relação aos cursos apresentados e com isso menos ansiosos quanto à sua escolha, mostrando uma necessidade de identificar as falhas e continuar com este espaço de informação e discussão. Como projeto inicial deve ser revisto e sofrer as devidas reformulações a fim de que os resultados obtidos sejam mais satisfatórios.

Palavras-chave: Escolha Profissional; Adolescência; Dúvidas.

****

ESC 07

PSICODRAMA, EDUCAÇÃO, GÊNERO E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS. *Maria Luiza Neto Sagrebe (Departamento de Psicologia e Orientação Educacionais - Centro de Educação - Universidade Federal de Pernambuco - Recife / PE)*

Os mecanismos ideológicos de gênero presentes no cenário educacional nem sempre são explicitados verbalmente. Além disso, já é reconhecida a relação ambivalente entre discurso e prática pedagógica. Isso pode ser ilustrado pelo fato de que padrões de comportamento dos atores sociais da escola ainda refletem uma cristalização de procedimentos discriminatórios, acompanhados de um discurso que afirma a desigualdade de gênero como algo ultrapassado. Assim, partimos do pressuposto de que as representações sociais de gênero, com suas implicações cognitivas e afetivas, necessitam de recursos alternativos de investigação, os quais ampliem as possibilidades de trabalho com os conteúdos verbais, contemplando também os conteúdos não verbais. Com essas considerações, desenvolvemos uma pesquisa-ação, numa escola municipal do Recife / PE, adotando as referências sócio-psicodramáticas. Nesse sentido foram consideradas: a possibilidade de articulação do gênero, como categoria relacional, à teoria psicodramática, cuja acepção de ser humano também é eminentemente relacional; as questões de gênero, na nossa realidade, necessitam de uma abordagem que vá além de uma mera constatação, intervindo também nos seus cenários sociais; a metodologia sócio-psicodramática como instrumento tanto de diagnóstico (por sua possibilidade de desvelamento da ideologia de gênero perpetrada na escola), como de intervenção sócio-educativa, baseada em consistentes princípios éticos. Na escola escolhida como campo de trabalho, 421 alunos são atendidos por 24 professoras de Educação Infantil e Ensino Fundamental. O foco de nosso trabalho foi direcionado a essas profissionais, partindo do pressuposto de que desempenham papel de destaque no cenário educacional, em termos de modelo de vida significativo e de sua relação com crianças mais jovens e, portanto, mais vulneráveis às transmissões ideológicas. A viabilização de nossa proposta de pesquisa-ação foi concretizada através de leitura de cenas do

cotidiano escolar (observação participante das salas de aula, sala dos professores, pátio de recreação etc.), entrevistas semi-estruturadas (com uma amostra representativa segundo critérios de uma investigação qualitativa), técnicas do sociodrama (reconhecido como modalidade do psicodrama, mais voltado para questões grupais, sociais, ou ideologias coletivas), jogos psicodramáticos. De acordo com os recursos materiais disponíveis, temos registros escritos da observação participante, das sessões de sociodrama e jogos psicodramáticos, bem como, registros fotográficos dessas atividades. Temos recorrido à análise de conteúdo, análise sociométrica e análise de cenas, como instrumental metodológico descritivo e interpretativo. Os resultados obtidos indicam que as representações sociais desses profissionais são ilustrativas de uma ideologia de polarização de gênero, pouca consciência crítica acerca das questões de gênero na sociedade como um todo e no contexto escolar, e de uma perspectiva androcêntrica na instituição escolar.

Palavras-chave: Psicodrama; Gênero; Representação social

****

ESC 08

ENTREVISTA RECORRENTE: UM PROCEDIMENTO NA BUSCA DO DESENVOLVIMENTO DO PROFISSIONAL PRÁTICO-REFLEXIVO. *Ana Maria Falcão de Aragão Sadalla, Mariana Wisnivesky*, Fernanda Costa Paulino*, Carolina Pasquote Vieira*, Paula Saretta*, Carolina de Aragão Escher*, Raquel Ventura Casato[?]*, Ana Paula Azevedo Corrêa* e Mariana Garcia Lea[?]** (Instituto de Psicologia e Fonoaudiologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas - Campinas-SP)

A linguagem é um elemento central e permeia todo o processo que se estabelece na interação entre pesquisador e participante, até produzir um conhecimento significativo para o contexto em que foi construído. Deste modo, a entrevista recorrente pode ser compreendida como uma interação social planejada, em que, a partir da fala integral do participante da pesquisa, o pesquisador procede à busca de significado daquilo que foi relatado até que ambos fiquem satisfeitos e concordem com o que foi referido. Esta postura, frente ao ato de pesquisar, implica a ausência de neutralidade, uma vez que o conhecimento é gerado em um processo de participação mútua, em um contexto de forças sociais e valores individuais. A interação entre pesquisador e participante pressupõe também a autonomia de ambos os interlocutores, que têm a possibilidade de transformação do fenômeno estudado. Com o objetivo de identificar, descrever e analisar os momentos que caracterizam a prática do profissional prático-reflexivo, buscando compreender as crenças a respeito da formação docente, bem como dos dilemas cotidianos que permeiam sua atividade profissional, realiza-se uma pesquisa em que duas etapas de coletas de dados foram efetuadas: a áudio-gravação de 23 encontros entre uma coordenadora e um grupo de seis docentes da rede municipal de educação, que foram em seguida transcritos e, numa segunda etapa, a partir dos dados já gerados, foram realizadas as entrevistas recorrentes com o mesmo grupo de docentes. Ao final das transcrições, as falas representativas foram selecionadas e categorizadas, buscando-se identificar o que estava subjacente a elas, ou seja, suas crenças e os elementos a elas relacionados. O resultado dessa análise foi organizado em três matrizes referentes aos objetivos propostos, que foram entregues às docentes para que procedessem às leituras. Durante a leitura individual do material, foi resguardada às professoras a possibilidade de reformular ou concordar com a análise preliminar realizada pelas pesquisadoras. Após esse momento, as seis professoras participantes se dividiram em dois grupos, de acordo com a disponibilidade de horários de cada uma delas, para a realização das entrevistas recorrentes. Nestas, as docentes foram solicitadas a opinar a respeito das três temáticas envolvidas na presente pesquisa: formação do profissional prático-reflexivo, formação docente e dilemas cotidianos. Após o término dessas entrevistas, as matrizes foram reorganizadas para permitir a análise final dos dados. Este procedimento promoveu a realização de uma pesquisa concomitante à intervenção, uma vez que as docentes tiveram oportunidade de refletir e se conscientizar de suas crenças e teorias, possibilitando uma possível reformulação. O professor, ao mesmo tempo em que está refletindo sobre sua ação, está mais capacitado para desenvolver, também nos seus alunos, atitudes mais autônomas na direção de uma aprendizagem mais eficaz. Para que se possa auxiliar o professor a construir seu próprio conhecimento é fundamental que se saiba qual é o objetivo do trabalho que se pretende desenvolver. Qualquer intervenção para que seja bem sucedida deve ser intencional, a partir da crença que se tem a respeito daquele objeto de estudo.

Projeto de pesquisa apoiado pela FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) e pela CEAP (Coordenadoria de Estudos e Apoio à Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Campinas)

Palavras-chave: Formação do professor; Professor prático-reflexivo; Entrevista recorrente

****

ESC 09

PSICOLOGIA E LICENCIATURA: CONSIDERAÇÕES SOBRE CRENÇAS, DILEMAS E CONTRIBUIÇÕES. *Ana Maria Falcão de Aragão Sadalla, Fábio Bacchiega*, Tamara Abrão Pina* e Mariana Wisnivesky*** (Faculdade de Educação - Universidade Estadual de Campinas - Campinas - SP)

Sob o olhar de 200 discentes de Licenciatura de uma Universidade Pública do Estado de São Paulo, este estudo tem por objetivo identificar e avaliar as crenças dos licenciandos acerca das competências que julgam necessárias em sua formação e na prática docente, além de suas expectativas no que concerne às contribuições da Psicologia Educacional. Para tanto, foi realizada uma atividade acadêmica (A Carta e O Pedido) por alguns docentes de Licenciatura. Foi solicitado que os alunos redigissem uma carta a um diretor de escola, indicando as competências que possuíam e as que, mesmo não possuindo, julgavam necessárias para serem indicados ao cargo. Além disso, deveriam constar suas experiências docentes, ressaltando também informações adicionais que os tornariam aptos para lecionar (A Carta). Em seguida, os alunos eram convidados a repensar até que ponto suas experiências, por eles apontadas, estavam realmente desenvolvidas, devendo, então, escrever uma solicitação, endereçada à docente responsável pela disciplina Psicologia Educacional-Aprendizagem, apontando, das competências anteriormente indicadas, aquelas que ainda não estavam desenvolvidas, suas lacunas de formação, expectativas, enfim, os aspectos que gostariam que fossem discutidos e as principais dificuldades encontradas (O Pedido). O procedimento de análise de dados - análise de conteúdo - permitiu identificar dois conjuntos temáticos relacionados às crenças dos futuros docentes em relação àquelas competências que consideram necessárias: as que se relacionam ao processo ensino-aprendizagem propriamente dito (trabalhar em equipe; ter adequada interação professor-aluno; promover, no aluno, capacidade de reflexão, consciência e crítica; promover motivação, cooperação e autonomia nos alunos; estabelecer adequada relação entre teoria e prática; utilizar novas tecnologias educacionais; e promover e dirigir adequadamente o processo ensino-aprendizagem). No segundo conjunto temático estão as crenças que fazem referência ao desenvolvimento profissional docente (administrar sua própria formação contínua; ter experiência docente; não ter experiência docente; ter participado/realizado pesquisa científica, e participar da administração e da elaboração do projeto pedagógico da escola. Em relação às solicitações dos alunos acerca das contribuições da Psicologia, a análise dos dados permitiu identificar quatro conjuntos temáticos: interação professor-aluno; processo ensino-aprendizagem (estabelecer adequada relação entre teoria e prática); desenvolvimento moral e social discente (desenvolvimento humano), e desenvolvimento pessoal do professor. Com base nas informações aqui obtidas pretende-se melhor compreender e analisar a formação docente dentro dos cursos de Licenciatura, como também as contribuições da ciência psicológica na formação de professores, especialmente na constituição e desenvolvimento do profissional prático-reflexivo para a melhora da formação de professores na direção de uma melhor qualidade de ensino.

Palavras-chave: Formação do professor; Licenciatura; Psicologia Educacional

****

ESC 10

O FRACASSO ESCOLAR DO ALUNO, NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR: UM ESTUDO SOBRE ATRIBUIÇÕES DE CAUSALIDADE. *Mirella Lopez Martini** e Zilda Aparecida Pereira Del Prette* (Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, USP - Ribeirão Preto, SP)

Objetivos: As interações professor-aluno constituem um momento privilegiado de concretização do pensamento pedagógico do professor e da transmissão, intencional ou não, de suas crenças sobre o aluno e outros aspectos importantes do contexto educacional. As crenças dos professores podem afetar as características das interações sociais educativas e, por essa via, o desempenho escolar dos alunos. Baseado na Teoria da Atribuição de Causalidade de Weiner, este estudo teve como objetivo compreender as crenças dos professores sobre as causas responsáveis pelo fracasso escolar dos seus alunos, em outras palavras, investigar suas atribuições de causalidade para o fracasso escolar. Material e Método: A amostra foi composta por 33 professores da 3a série do Ensino Fundamental de nove escolas públicas de São Carlos. Os dados foram coletados através de um questionário composto por cinco questões abertas onde foram apresentadas aos professores situações de fracasso no cotidiano escolar. Na primeira questão alguns alunos não conseguiram fazer uma lição, na segunda, terceira e quarta questões alunos de alto, baixo e médio desempenho acadêmico, respectivamente, tiveram notas baixas em uma prova e, na quinta questão alguns alunos não compreenderam a matéria dada em sala de aula. As respostas foram estudadas por análise de conteúdo e categorizadas segundo a literatura da área. Resultados: Na primeira questão, referente aos alunos não conseguirem fazer uma lição e na terceira, onde alunos de baixo rendimento acadêmico tiveram notas baixas, a categoria mais freqüente foi Falta de Capacidade. Na segunda questão, onde alunos de alto rendimento acadêmico não tiravam boas notas, os professores atribuíram a Problemas Emocionais do Aluno o fracasso vivido. Para a quarta questão, relativa ao mau desempenho em uma prova, por alunos de rendimento acadêmico médio, a Falta de Esforço foi a atribuição mais freqüente. A Falta de Ajuda do Professor foi a categoria mais freqüente da quinta questão, referente aos alunos não compreenderem a matéria dada em sala de aula. Categorias como Dificuldade da Tarefa e Características Familiares do aluno estiveram presentes em menor proporção. Conclusão: Os dados confirmam a literatura da área ao demonstrarem a tendência dos professores atribuírem aos alunos as causas do fracasso escolar e, principalmente, atribuírem o fracasso dos alunos de baixo rendimento acadêmico à sua falta de capacidade. Os dados são discutidos em termos da

necessidade de que a postura determinista, o estado de passividade pedagógica e a visão pessimista sobre a competência intelectual e sócio-emocional dos alunos seja rompida. Ressalta-se a importância do professor compreender o processo educacional como um fenômeno complexo e multideterminado, acreditar na importância do seu trabalho como promotor do sucesso escolar e estar consciente das possíveis interferências dos julgamentos que faz em relação a seus alunos, sobre o desenvolvimento e aprendizagem dos mesmo

Apoio FAPESP
Palavras-chave: Formação de Professores; Atribuições de Causalidade; Fracasso Escolar

*****

ESC 11

EDUCAÇÃO NO CAMPO E EDUCAÇÃO URBANA: CONTRIBUIÇÕES PARA A MELHORIA DA QUALIDADE DO ENSINO. *Francisco José Bernal de Albuquerque, Mênsia dos Santos Silva** (Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa - PB)*

O atual contexto brasileiro requer a expansão do sistema de ensino e a melhoria de sua qualidade, que por lei deve ter padrões mínimos, envolvendo a adequação do calendário, do currículo e de sua metodologia. Isso pode ser subsidiado pela avaliação da qualidade desse ensino, avaliando o aluno e os fatores contextuais e escolares, como faz o Sistema de Avaliação da Educação Básica - Saeb - e o Laboratório Latinoamericano de Evaluación de la Calidad de la Educación, Unesco. As pesquisas do Saeb indicam que a educação ministrada no campo é de qualidade inferior à das escolas urbanas. Segundo o estudo da Unesco nas cidades com menos de 2.500 habitantes o ensino possui qualidade inferior ao das cidades que têm mais habitantes, ressaltando que fatores familiares e educacionais podem amenizar e até superar esta diferença. Tendo como alicerce estes estudos, foi realizada uma pesquisa destinada a verificar a qualidade do ensino de Português e o de Matemática, ministrado em escolas públicas situadas no campo e no setor urbano. Para tanto, avaliou-se o rendimento do aluno, considerando a infra-estrutura, o professor, os recursos didáticos, a localização da escola e o seu tipo de administração, pública ou privada. A pesquisa foi realizada nas cidades de Areia e Catolé do Rocha, na Paraíba, e envolveu 200 alunos da 4ª série do Ensino Fundamental e seus professores, em onze escolas, sendo nove municipais - seis situadas no campo e três no setor urbano - e duas particulares. Foram coletados dados sobre a infra-estrutura escolar e entrevistados professores, além de uma avaliação escrita para o professor e de atividades escritas em português e em matemática, destinadas ao aluno e um questionário sócio-demográfico para o aluno. As atividades foram realizadas em horário de aula. Quanto ao desempenho dos alunos em Matemática os resultados indicaram que nas turmas de escolas públicas de Areia e de Catolé do Rocha houve mais de 60% de acerto em questões que envolvem habilidades em resolver exercícios de adição, identificar combinações multiplicativas básicas e reconhecer padrões. Os alunos das escolas privadas obtiveram melhor desempenho do que os das públicas, entretanto, diferentemente do esperado, as turmas de escolas urbanas públicas não apresentaram desempenho superior ao das turmas do campo. Em Português, independente da localização urbana ou rural as turmas das escolas de ambas as cidades demonstraram bom desempenho para leitura e interpretação de texto, principalmente nos casos em que a resposta encontrava-se explícita. Todavia, menos de 50% dos alunos das escolas públicas acertaram questões que envolviam o uso de noções de concordância gramatical ou distinção entre as partes de um texto, quando a resposta estava implícita no texto. Quanto a grau de formação dos professores, a maioria tem o magistério, o que pode explicar estes resultados. Aliado a isto, como ocorre em Areia a estrutura das escolas no campo também pode estar auxiliando na superação das limitações advindas da localização da escola, o que deve ser levado em conta na implementação de medidas educacionais voltadas à melhoria da qualidade do ensino

Bolsa: CAPES
Palavras-chave: Ensino; Rural; Urbano

*****

ESC 12

UM ESTUDO SOBRE RELAÇÕES ADITIVAS: ENUNCIADOS DE PROBLEMAS NO JOGO QUILLES. *Rosely Palermo Brenelli (Departamento de Psicologia Educacional, Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP)*

Estudos e pesquisas têm apontado dificuldades em escolares na formulação escrita de enunciados de problemas, ainda que apresentem êxito na resolução das operações via algoritmo. As razões evocadas para explicar tais dificuldades, destacam: a necessidade da troca de contexto operacional, quando da passagem do algoritmo matemático à escrita, a exigência de uma nova organização da informação por evocar uma representação distinta da realidade; os graus de complexidades distintos das variadas formas de relações aditivas, por envolver adições e subtrações; as defasagens provocadas pelas reconstruções novas, exigidas no processo de generalização do conhecimento já adquirido e as dificuldades de ordem lingüística. Dois objetivos orientaram a presente investigação. O primeiro foi o de realizar uma análise metodológica com o jogo Quilles, destacando do contexto lúdico, situações a fim de solicitar dos sujeitos, a elaboração de enunciados escritos de problemas. O segundo objetivo foi o de verificar se uma intervenção psicopedagógica com o jogo analisado, favoreceria tal elaboração. Foram organizados um pré-teste, dois pós-testes e sessões de intervenção psicopedagógica. A amostra foi composta por dez sujeitos de 4ª série do ensino fundamental, que no pré-teste apresentaram êxito em três operações aditivas, envolvendo estados e transformações, formuladas por meio de algoritmos (5 + 4 = ?; 5 + ? = 9; ? + 6 = 8), entretanto, quando solicitados a elaborarem enunciados de problemas, a partir desses algoritmos, não obtiveram êxito. Em duplas, oito sessões de intervenção com o jogo Quilles foram realizadas. Durante o jogo os sujeitos eram solicitados, por meio de situações-problema, a refletirem sobre diferentes relações aditivas, a construírem registros escritos e a formularem enunciados de problemas a partir do contexto lúdico. Finalizando, dois pós-testes foram aplicados idênticos ao primeiro. O pós-teste 2, foi aplicado 25 dias após a última sessão de intervenção. Os resultados, analisados qualitativamente, evidenciaram avanços na formulação de enunciados de problemas que envolviam estados e transformações, sugerindo que as atividades com o jogo puderam desencadear essas construções, por permitirem abstrações reflexivas e generalizações construtivas. As reflexões que permitem a presente investigação, apontam para a pertinência de situações lúdicas no contexto escolar, desde que, das mesmas participe o professor como um mediador das atividades. Além disso, torna-se relevante que o jogo seja previamente analisado pelo professor, a fim de que possa estruturar as atividades lúdicas, segundo os objetivos que pretende abordar. O jogo oferece um contexto fértil, tanto por favorecer a atividade construtiva da criança, como por garantir seu interesse e envolvimento

Palavras-chave: Jogo; Enunciados de problemas; Intervenção

*****

ESC 13

ESTUDO PILOTO SOBRE AS CAUSAS DE EVASÃO NA UFF. *Francisco de Assis Palharini, *Sabrina de Freitas Rocha, *Angela Oliveira Gonçalves Dias *Flávia dos Santos Souza (LEITAD/ Laboratório de Transciplinar Departamento de Psicologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ)*

Esta pesquisa teve por objetivo investigar as causas da evasão entre estudantes universitários da UFF, que ingressaram no período compreendido entre 1979 e 1993. A magnitude com que esse fenômeno vem se expressando nas Universidades Brasileiras(média de 40,5%) está a exigir maior atenção dos gestores universitários a fim de reduzi-la a níveis aceitáveis. No entanto, as causas da evasão só mais recentemente vêm sendo pesquisada sistematicamente. Por evasão compreende-se a saída definitiva do aluno de seu curso de origem sem concluí-lo. Para isso, foram consideradas as seguintes modalidades: o aluno não se matricula e abandona o curso; o aluno comunica oficialmente a desistência; o aluno opta pela transferência para outro curso e o aluno é excluído por norma institucional. Para identificação dos alunos evadidos utilizou-se a metodologia de coortes, que implica em acompanhar a geração completa de estudantes até o máximo de tempo permitido para sua permanência na Universidade. Para identificação das causas da evasão foi construído um questionário com 4 questões fechadas, a partir de discussões realizadas com os coordenadores dos 35 cursos envolvidos. Na sua construção, foram considerados os seguintes fatores: fatores individuais como motivações pessoais relacionadas à escolha da profissão e influência dos pais, fatores institucionais e fatores externos à instituição. Os questionários foram enviados, juntamente com um envelope selado para a resposta e uma carta solicitando sua atenção para com este problema da Universidade Brasileira. O retorno foi de 689 questionários devolvidos, equivalentes a 30,59% do universo investigado. O tratamento preliminar dos dados, para o conjunto da instituição, indica grande influência dos fatores institucionais (horário do curso; intervalos grandes entre as disciplinas no mesmo dia e ausência de disciplinas no horário noturno) e de fatores externos à instituição, como a dificuldade para exercer outras atividades. Como causas pouco significativas foi apontado: dificuldade para obter bom desempenho no curso por falta de conhecimento, falta de vocação para a carreira, desconhecimento da realidade do curso e problemas de ordem familiar. Destaca-se ainda o fato de os respondentes terem cursado no máximo 3 semestres letivos antes de abandonarem(60%). A análise preliminar dos dados, no entanto, indica que diferentes fatores podem concorrer ao mesmo tempo para o abandono dos estudos. Em decorrência, um novo instrumento de pesquisa vem sendo desenhado, bem como a metodologia sendo aperfeiçoada com vistas a resultados mais conclusivos. Uma análise estatística mais refinada vem sendo implementada como forma de analisar as causas indicadas pelos diferentes cursos e áreas do conhecimento da Universidade.

Bolsa de Pesquisa:CEAP/UFF/PROAC/UFF
Palavras-chave: Evasão; Universidade; Avaliação

*****

ESC 14

ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM PSICOLOGIA ESCOLAR: UMA INTERVENÇÃO COM A ADOLESCÊNCIA. *Sirelli, M.Helena Mattede; *Nascimento, Ana Cláudia; * Pereira, Cristiane ; Castanha, Daniela Cantanhe;*

Rossilem, Denis ;* Villaça, Maria Tereza ;* Gatti, Mayra ;* Fernandes, Melissa;* Reis, Milena;* Mariani Neto, Natal;* Novaes, Renata (Instituto de Psicologia e Fonoaudiologia PUC-Campinas-SP)

A intervenção psicossocial com a adolescência tem crescentemente se legitimado na escola, dado que a Psicologia dispõe de conhecimentos sobre o desenvolvimento humano, as relações interpessoais e a forma como se processa a estruturação do sujeito frente ao conhecimento socialmente construído. Este projeto de estágio supervisionado teve por objetivo atuar junto à população da escola pública, nos seus diferentes papéis, promovendo o aprimoramento de sua ação educativa, e das relações interpessoais, resgatando a reflexão e ampliando o acesso a novos conhecimentos. Buscou-se promover a Saúde Mental dos agentes e sujeitos do processo educativo e seu desenvolvimento psicossocial. As ações desenvolvidas fundamentaram-se em um diagnóstico realizado pelos estagiários e supervisor, que elaboraram um projeto submetido às instâncias que dele participaram. Foram desenvolvidos quatro sub-projetos, por dez estagiários de quinto ano de Psicologia, divididos em duplas, os quais dedicavam ao projeto 06 horas semanais (cada dupla), totalizando 30 horas semanais, durante 10 meses. As estratégias utilizadas foram: palestras, grupos operativos e de trabalho, vídeos e debates, elaboração conjunta de material informativo. Foram desenvolvidos quatro sub-projetos de Orientação e Acompanhamento: 1. Dos alunos/adolescentes; 2. Do trabalho psicopedagógico dos professores; 3. Do trabalho administrativo e funcional; 4. Das atividades desenvolvidas pelos alunos voluntários. Observou-se melhora das relações interpessoais, diminuição dos comportamentos agressivos e de depredação do prédio, diminuição da evasão e do abandono escolar (de 46 alunos em 1999 para 06 alunos em 2000). Os alunos melhoraram significativamente sua postura grupal, expondo seus pontos de vista nas discussões, mesmo quando estes eram contrários aos da maioria, e o grupo os ouvia. Entende-se que a recuperação da comunicação e dos valores de convivência humana como a ética e o respeito à diversidade, vivenciados por todos os segmentos escolares, foram os elementos transformadores dessa realidade.

Palavras-chave: Intervenção psicoeducacional na escola; Atuação psicoeducacional com a adolescência; Prevenção e Saú

***

ESC 15

CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO*. *Carmem Silvia Rotondano Taverna**; Ana Luisa Ribeiro Fernandes*(Curso de Psicologia - Universidade São Marcos - São Paulo - SP)*

A pesquisa teve por propósito conhecer estudos científicos e aprofundar as discussões da área da Psicologia da Educação, enquanto campo de conhecimento e atuação profissional. Esta pesquisa compôs uma unidade da disciplina Psicologia da Educação I, do 6º período, do curso de Psicologia da Universidade São Marcos, São Paulo. Tal empenho referiu-se ao cumprimento do objetivo da disciplina de incentivar o desenvolvimento do compromisso científico do estudante, além de possibilitar uma visão dos diferentes focos de estudo e das diversas abordagens enfatizadas pela Psicologia da Educação. Para tanto, solicitou-se a cada estudante a busca de estudos científicos, dissertações de mestrado ou teses de doutorado, produzidos no período de 1991 a 2000 e o preenchimento de uma ficha bibliográfica contendo: título; assunto; referência teórico-metodológica; nome do autor, data, tipo de obra; universidade; local; informações sobre o autor e informações sobre os propósitos da obra. Os dados obtidos na ficha bibliográfica foram organizados em um quadro que orientou a discussão e reflexão sobre o conteúdo dos estudos científicos pesquisados, as teorias psicológicas utilizadas, as tendências filosófico-políticas que fundamentam esses estudos. Ficou a critério de cada estudante a universidade na qual faria a busca. Apresentaram um total de 56 estudos científicos realizados em três universidades da cidade de São Paulo e duas no interior do estado. A partir do quadro pôde-se perceber que, nesse universo de estudos, há uma concentração de pesquisas voltadas ao ensino, particularmente na formação de professores e na relação professor-aluno. Destacam-se ainda, estudos que discutem a formação e a atuação do psicólogo. Com menor ênfase encontram-se estudos que salientam a preocupação com a educação especial - inclusão do deficiente. O fracasso escolar é um tema presente, são feitos os estudos sobre as responsabilidades da família, do professor, do próprio aluno ou da sociedade. Encontram-se também estudos sobre o desenvolvimento infantil, de crianças pré-escolares e escolares, relacionados à curiosidade, atenção, criatividade, participação dos pais e na aprendizagem da leitura e escrita e da matemática, a partir de jogos. Raros são os estudos que tratam da questão da exclusão escolar e social: das crianças institucionalizadas ou aquelas que vivem na rua. Verifica-se um único trabalho que aborda a Psicologia no projeto educacional de uma escola pública estadual. Entretanto, alguma preocupação e interesse são anunciados por pesquisadores da área quanto às políticas públicas para a Educação e a questão da condição da mulher nos espaços institucionais. Embora, a literatura específica da Psicologia da Educação tem indicado, desde o início da década de 90, a necessidade de se intensificar a relação tanto com outras áreas da psicologia, como também, com outras áreas do conhecimento científico, marcando seu caráter interdisciplinar, observa-se que esse caminho se faz lentamente.

Palavras-chave: Psicologia da educação; Psicologia escolar

***

ESC 16

BOA MEDIAÇÃO X MÁ MEDIAÇÃO: AS INTERAÇÕES EDUCADORA/CRIANÇA EM CONTEXTOS LÚDICOS. *Celia Vectore (Faculdade de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG)*

Vários autores têm demonstrado a importância do brincar para o adequado desenvolvimento da criança, em especial, no período de zero a seis anos, época da construção de um representativo número de estruturas cognitivas, motoras e da personalidade do indivíduo, capazes de fornecer indícios quer de um processo ajustado ou, ao contrário, com problemas. Com a finalidade de compreender os padrões mediacionais utilizados pelas educadoras, através da adaptação do Programa MISC - Mediational Intervention Sensitizing Caregivers, foi realizada uma pesquisa com dez educadoras infantis, oriundas de cinco instituições públicas. As educadoras trabalham com crianças de cinco a seis anos, suas idades variam de 24 a 50 anos, possuem em média 5 anos de experiência na função e, apenas duas têm cursos de especialização na área. O material utilizado para a coleta de dados foi a vídeo-gravação, através da filmagem de 50 observações, de cerca de 20 minutos, das interações das educadoras com as crianças, nas situações de brinquedo. Os dados obtidos, após observação minuciosa, foram categorizados e organizados de maneira a permitir a identificação dos comportamentos mediacionais, ligados às boas mediações, como a focalização, a expansão, a mediação do significado/afetividade, a recompensa e a regulação do comportamento. Como foram freqüentes, a ocorrência de comportamentos de não interação entre as educadoras e as crianças, optou-se também pela categorização dos comportamentos não mediacionais, ligados às más mediações, como fazer outra atividade (conversar com as colegas, varrer a sala, demonstrar "enfado" enquanto as crianças brincam etc). Os resultados das sessões foram agrupados em tabelas e gráficos, objetivando conhecer tais padrões. Os dados revelaram a fragilidade da incorporação do lúdico em nossas instituições infantis: dentre todas as observações realizadas, em apenas três episódios foi possível vislumbrar a manifestação do simbólico, na maioria das vezes, o que se tem são atividades extremamente repetitivas, enfadonhas, muitas vezes inadequadas à faixa etária das crianças envolvidas. Um outro dado que nos pareceu extremamente preocupante é o número de educadoras que se mostrou como "más mediadoras". Foi possível constatar que a improvisação, o descompromisso, a falta de vínculos significativos com as crianças são aspectos que gravitam no universo, de 4 em cada 10 desses "profissionais". Em virtude da importância que assume a identificação de situações favorecedoras tanto de boas mediações quanto de más, através da criação e/ou adaptação de instrumentos capazes de avaliar a qualidade de tais interações, cuja literatura psicológica é farta de exemplos ao relacionar os riscos afetivos e cognitivos, aos quais estão sujeitas as crianças que vivenciam situações onde é perceptível o descaso do adulto, medidas relativas à capacitação de tais profissionais deveriam ser empreendidas de forma sistemática. Este estudo originou uma proposta de formação continuada, visando contemplar a importância das boas mediações no desenvolvimento infantil.

Apoio: CAPES

Palavras-chave: Mediação; Brinquedo; Educadora

***

ESC 17

CONCEPÇÕES DE ALUNOS SOBRE A AVALIAÇÃO DE SUA APRENDIZAGEM ESCOLAR. *Viviane Teiu** e Maria Lúcia Faria Moro (Universidade Federal do Paraná - Programa de Pós-Graduação em Educação - Curitiba - PR)*

Trata-se de estudo de caso para identificar as concepções de alunos a respeito da avaliação de sua aprendizagem, realizada pela professora, em atividades de expressão escrita, tais como tarefas ou testes, bem como suas concepções sobre a forma atual da escola avaliar sua aprendizagem. Parte da hipótese de que o conhecimento que o aluno vai construindo sobre suas possibilidades e dificuldades em relação à aprendizagem tem relação com o sistema de avaliação ao qual está submetido. Os sujeitos do estudo, nove alunos da 2ª etapa do Ciclo II de Aprendizagem (equivalente à 4ª série do ensino fundamental) de uma escola da rede municipal de ensino da cidade de Curitiba, foram selecionados aleatoriamente e submetidos a uma entrevista individual, de tipo semi-estruturada. Foram utilizadas três atividades de expressão escrita de cada sujeito, na entrevista, como referência para suas apreciações sobre o modo de correção das mesmas e sua utilização como um instrumento de avaliação. Os dados, registros das expressões verbais gravadas em áudio, foram analisados qualitativamente e classificados de acordo com sete temas principais, que reúnem o material obtido em uma ou mais perguntas da entrevista: concepção do aluno sobre sua facilidade/dificuldade de aprendizagem; sobre o próprio desempenho na tarefa avaliada; sobre os modos de correção das tarefas; sobre atitudes tomadas frente às suas dificuldades na execução de tarefas; sobre os critérios de avaliação da professora; sobre a atual forma de registro da avaliação da aprendizagem e sobre seu processo de aprendizagem. Os resultados demonstram que os sujeitos tendem a analisar seu processo de aprendizagem em estreita relação com a correção de suas atividades, feita pela professora. Assim, os sujeitos se baseiam quase sempre nas marcas de correção que a professora utiliza para emitir um parecer sobre sua própria aprendizagem. Além disso, ficou

evidenciada a importância que os sujeitos atribuem à correção individualizada da professora, levando a crer que os modos de correção em grupo, muito utilizados atualmente, não transmitem aos alunos a certeza de que estão realmente aprendendo. E, ainda, que um significado é atribuído ao registro da avaliação da aprendizagem efetuado pela escola, mesmo que este significado não seja exatamente aquele indicado por convenção pelo sistema escolar. Pode-se evidenciar, também, o fato de que os sujeitos podem ser nitidamente separados em dois grupos: um deles, mais autônomo em relação à professora, tem maior capacidade de verbalizar apreciações sobre o próprio processo de desenvolvimento da aprendizagem, indicando um melhor conhecimento de suas capacidades e dificuldades. O outro grupo, mais dependente, baseia-se naquilo que a professora expressa em termos de avaliação de sua aprendizagem para expressar apreciações sobre o próprio desempenho escolar. A discussão sublinha a importância das idéias que os sujeitos elaboram a respeito das situações de avaliação a que são submetidos no ambiente escolar no seu processo de construção do conhecimento.

Palavras-chave: Avaliação; Aprendizagem; Concepções de Alunos

* * *

ESC 18

PARCERIA ENTRE O PROFESSOR E O PSICÓLOGO ESCOLAR: REFLEXÕES NA DIREÇÃO DO DESENVOLVIMENTO DO PROFISSIONAL PRÁTICO-REFLEXIVO. *Larissa Carpintero de Carvalho** e Ana Maria Falcão de Aragão Sadalla (Instituto de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas-Campinas - SP)*

Através da história da educação no Brasil é possível perceber o processo crescente de desvalorização da profissão de professor. Para ser professor, bastava "gostar de crianças", "ter o dom"; além disso, a "escolha" desta profissão esteve relacionada à uma questão cultural de gênero (ser mulher) ao lado de uma questão social e econômica (ter o diploma de professora, trabalhar, ter o status de profissão). Atualmente, ser professor não tem sido motivo de orgulho: salários baixos, condições de trabalho piores ainda, ausência de políticas educacionais de valorização e formação e dificuldades do cotidiano da sala de aula são reclamações ouvidas constantemente nas escolas. Entretanto, também se encontram professores motivados, que desempenham seu ofício com paixão e dedicação. Atualmente, tem-se discutido a perspectiva de formar profissionais prático-reflexivos, podendo o psicólogo escolar contribuir sobremaneira neste processo. Tal perspectiva traz consigo a visão de que o professor é sujeito de sua prática e, a partir da reflexão, tem a possibilidade de se tornar mais consciente das crenças e teorias implícitas em sua formação e ações cotidianas. O presente trabalho teve como ponto de partida a prática de formação docente desenvolvida em uma escola pública municipal de Campinas, tendo como objetivo proporcionar um espaço de reflexão da prática docente a partir de discussões sobre situações, sentimentos, atitudes e crenças relacionadas a essa prática. Foram realizadas reuniões semanais de duas horas de duração entre seis professoras de 1a a 4a série e uma estagiária do curso de Psicologia da PUC-Campinas. Dentre as temáticas discutidas, destaca-se a formação profissional realizada durante o primeiro semestre do ano 2000. A partir de reflexões sobre a importância do trabalho grupal, as funções dos professores e a influência da formação na prática cotidiana e conseqüentemente na formação dos alunos, foram utilizadas estratégias deflagradoras das discussões como filmes e técnicas de dinâmica de grupo. As discussões possibilitaram a reflexão sobre os diversos motivos que levaram à escolha da profissão (questão de gênero, falta de opção, influência familiar), a importância da troca entre os pares através da possibilidade de participar de cursos e grupos de reflexão; a responsabilidade política do professor de contribuir para transformar a sociedade; a liberdade e autonomia no trabalho; a troca estabelecida em sala de aula com os alunos sendo uma das causas que motivam a continuidade na profissão; a desvalorização do professor, o baixo salário e as dificuldades cotidianas. Com este trabalho foi possível perceber a importância de o professor considerar o psicólogo escolar como um profissional que caminha ao seu lado, abrindo espaço para a reflexão de sua prática e para a expressão dos conflitos, (des)esperanças, alegrias e todos os sentimentos presentes em sua profissão. Tendo o professor este espaço, pode-se promover a valorização de sua auto-estima, sentindo-se responsável novamente pelo ensino, por sua própria formação e pela contribuição na construção de uma sociedade mais justa e igualitária através do seu trabalho.

Apoio: CNPq

Palavras-chave: Formação de professor; Psicologia Escolar; Professor prático-reflexivo

* * *

ESC 19

A REPRESENTAÇÃO DA EQUIPE PEDAGÓGICA SOBRE O PAPEL DO PSICÓLOGO NA ESCOLA NO RIO GRANDE DO NORTE. *Danielle Cristine Araújo de Andrade*; Margareth Rose Barreto de Lima Justi; Rose Angélica de Mendonça Câmara** e Oswaldo H. Yamamoto (Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN)*

Estudos nacionais e alguns de âmbito local têm discutido a relevância e o papel do psicólogo que trabalha no ambiente escolar. Estes estudos referem-se à inadequação da formação, dos modelos de atuação e das atividades que vêm sendo realizadas pelo psicólogo na escola. O presente estudo procura conhecer a representação que os responsáveis pela equipe pedagógica das escolas que possuem psicólogos no seu quadro funcional, têm sobre a prática destes profissionais. Para tal, construímos uma listagem das escolas dos municípios com mais de 30.000 habitantes do estado do Rio Grande do Norte. Dessa lista descartamos as escolas públicas, pelo fato de os psicólogos que atuam nestas não terem vínculo com nenhuma escola específica e, sim, com as Secretarias de Educação. Entramos então, em contato com as escolas privadas destes municípios e identificamos as escolas que possuíam psicólogos em seus quadros funcionais. Foram pesquisados 13 municípios com um total de 42 escolas. Foi construído um questionário contendo perguntas sobre formação, características da escola e, principalmente, sobre a visão que os responsáveis pela equipe pedagógica têm da atuação do psicólogo em suas escolas. Dentre os resultados alcançados, destacamos a Pedagogia, como principal área de formação dos responsáveis pelas escolas, sendo 10 nesta área, havendo entre os outros, uma diversidade de formações, sendo 1 em Psicologia, 1 em Matemática, 1 em Farmácia, 1 em Educação Física e 1 em Serviço Social; 3 participantes não responderam a essa questão. Outro aspecto para o qual chamamos atenção, diz respeito às razões que foram determinantes para a contratação do psicólogo escolar. Podemos apontar dois blocos de respostas, um que engloba motivos voltados para a prática pedagógica e outro que engloba motivos dirigidos para o trabalho com questões emocionais, comportamentais e de relacionamento. Com relação às principais atividades que devem ser desempenhadas pelos psicólogos na escola, as mais citadas foram: assessoria pedagógica aos professores, atendimento às famílias e análise e modificação comportamental. Quanto à questão de haver ou não necessidade de psicólogos em todas as escolas, 2 disseram que cada escola deveria analisar suas necessidades, 1 não respondeu a essa questão e os demais responderam que sim, uma vez que concebem o psicólogo como um diferencial à instituição, complemento à equipe pedagógica, modificador comportamental, facilitador do processo de ensino-aprendizagem e profissional que trabalha as relações humanas. A partir dos resultados, percebemos que a imagem do psicólogo escolar é bastante confusa e indefinida. Ao mesmo tempo que pode ser visto como um integrante da equipe pedagógica, também é identificado como um profissional habilitado a lidar somente com questões emocionais e comportamentais. Não percebemos receptividade por parte do sistema de ensino privado, à execução de novas formas de trabalho, apontadas pela literatura, para o psicólogo na escola.

CNPq/CAPES

Palavras-chave: Psicólogo; Escola; Representação

* * *

ESC 20

O DESENVOLVIMENTO DO COMPROMISSO COM O CURSO COMO FATOR DE PERMANÊNCIA NA UNIVERSIDADE. *Elizabeth Mercuri e Jamile Cristina Ajub Bridi** (Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP)*

Estudos anteriores voltados para os determinantes da evasão entre universitários têm mostrado que o grau de compromisso com o curso, compreendendo o grau de segurança quanto à escolha do curso e o grau de segurança profissional propiciado por ele, se constitui num dos fatores mais importantes na determinação da permanência do estudante no curso e sua finalização. Nesse estudo propusemos os seguintes objetivos: 1) aprofundar o entendimento do compromisso com o curso, através da: a) detalhamento da descrição de seus dois componentes; b) análise da relação entre os dois componentes em diferentes cursos de graduação; 2) identificar as condições da história de vida acadêmica que propiciam um aumento desse compromisso. Para o detalhamento da descrição dos componentes do compromisso com o curso foram analisados dados de 137 alunos evadidos da graduação da Universidade Estadual de Campinas, aos quais foi enviado um questionário cuja primeira questão solicitava a indicação dos motivos que determinaram a não continuidade de seus estudos nesta universidade. Através da análise das respostas dos estudantes aprofundamos a descrição dos componentes da categoria e determinamos a freqüência de ocorrência de cada uma delas. Resposta ao segundo objetivo foi buscada através de entrevistas com seis estudantes de graduação que apresentavam baixo compromisso com o curso por ocasião de seu ingresso e que, no entanto, haviam finalizado ou estavam finalizando seus cursos. Procurou-se no momento das entrevistas identificar o grau de compromisso com o curso e as condições responsáveis por eventuais mudanças em relação ao grau de compromisso inicial. Os dados apontaram que os componentes da categoria em questão envolvem essencialmente a natureza das atividades desenvolvidas no curso ou na carreira profissional e a extensão do mercado de trabalho sendo que, um alto grau de segurança em um dos aspectos não assegura alto grau no outro. Entre os fatores que atuam na modificação do grau de segurança quanto à escolha do curso aparecem condições externas à universidade relacionadas à família, experiências anteriores em cursos de graduação, e condições internas relacionadas ao envolvimento com colegas e aos conteúdos das atividades de formação. Quanto às condições que se mostraram importantes no desenvolvimento do grau de segurança profissional propiciado pelo curso estão as externas à universidade relacionadas à obtenção de informações da área profissional e da

trabalho. Entre os fatores associados à universidade destaca-se o reconhecimento da instituição, vista pelos estudantes como facilitador do seu ingresso no mercado de trabalho. Diretamente associados ao curso está a percepção da qualidade da formação. No processo total evidenciam-se as atividades não obrigatórias como monitorias, estágios, iniciação científica, participação em congressos, encontros as quais, segundo os alunos, possibilitam uma visão integrada de seus conhecimentos, o aprofundamento das informações sobre o acesso, a natureza e extensão da atividade e campo profissional. Nota-se que, um baixo compromisso inicial com o curso pode ser gradualmente transformado à medida em que o estudante experiencia atividades que propiciam um maior conhecimento das características e extensão da sua área de atuação e lhes proporcionam uma maior segurança quanto à sua capacidade de realizá-lo.

Apoio financeiro: PIBIQ/CNPq
Palavras-chave: Universitários; Ensino; Compromisso com o curso

****

ESC 21

NÍVEIS DE AQUISIÇÃO DA AUTONOMIA PROFISSIONAL ENTRE PROFESSORES DE 5A A 8A SÉRIES. *Clara Ribeiro de Sá Leite Chakur (Departamento de Psicologia da Educação da Faculdade de Ciências e Letras - Universidade Estadual Paulista - Araraquara, SP)*

A profissionalidade docente tem sido vista em anos recentes sob o paradigma do pensamento do professor e o modelo da racionalidade prática, mas os estudos daí derivados mostram lacunas e imprecisões conceituais, além de avaliações exageradas das capacidades de reflexão e autonomia do professor. O presente trabalho contrapõe-se a investigações nessa linha e diverge, igualmente, de estudos evolutivos sobre o ciclo de vida profissional do professor, que localizam perfis vocacionais e não explicam os "desvios de rota" encontrados no desenvolvimento profissional docente. A pesquisa buscou investigar a existência de níveis de aquisição de autonomia profissional entre professores de 5a a 8a séries do Ensino Fundamental e as formas de reação que apresentam diante de conflitos presentes no cotidiano escolar, em que está em jogo a própria autonomia. Foram tomados como sujeitos 19 professores de 5a a 8a séries, de várias disciplinas, de uma escola estadual de Araraquara, SP, com idades entre 23 e 47 anos e tempo de serviço entre 3 e 20 anos. Recorreu-se à entrevista clínica, aplicando-se individualmente nos professores um instrumento composto de histórias simulando situações do cotidiano escolar, salientando dois tipos de conflito: entre professor e alunos e entre professor e diretor de escola. Os depoimentos foram analisados qualitativamente tomando-se como critérios a centração e descentração das avaliações (relativamente a personagens das histórias, por exemplo), julgamentos segundo a aparência/imediatismo e seu oposto, grau de autonomia e grau de responsabilidade profissional conferidos aos personagens e qualidade argumentativa. A análise possibilitou o estabelecimento de 3 níveis hierárquicos na aquisição da autonomia docente, cada qual acompanhando-se de uma forma de reação compensatória ao conflito. No nível I, da heteronomia profissional, predomina a submissão/conformismo aos constrangimentos da situação e às pressões da hierarquia ocupacional; os julgamentos/explicações são superficiais e centrados no objetivo ou resultado mais aparente; e as reações ao conflito revelam negação/afastamento/deformação da situação, com soluções geralmente heterônomas, quando não autoritárias e voluntaristas. No nível II, de semi-autonomia, as tomadas de decisão autônoma obedecem a certas circunstâncias e os julgamentos/explicações afastam-se da aparência ou imediatismo, mas as reações ao conflito revelam centrações alternadas ora em um, ora em outro personagem, com tentativas de acomodação e recurso ao questionamento, à autocrítica e a soluções de compromisso (compensações parciais). No nível III, de autonomia profissional responsável, as decisões baseiam-se no sentimento do "dever autônomo" e na reflexão; os julgamentos/explicações mostram análise contextualizada e visão integrada da situação, com assimilação do conflito e recurso a soluções políticas, integradoras ou cooperativas. Conclui-se que fatores tais como mudança nas exigências sociais, imposições burocrático-administrativas ("pacotes curriculares") e desvalorização da profissão são os maiores obstáculos ao desenvolvimento da autonomia profissional docente, cuja aquisição é obra coletiva.

Palavras-chave: Níveis de aquisição da autonomia profissional. Desenvolvimento profissional docente. Formas de reação

****

ESC 22

REPENSANDO COM A CRECHE: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO DO PSICÓLOGO ESCOLAR EM INSTITUIÇÃO INFANTIL DE 0 A 6 ANOS. *Cristiane Cerqueira Moraes*, Renata Macedo Santos* e Luciana Ribeiro Guimarães Carvalho***

Desde 1988, com a aprovação da Constituição Brasileira, a creche passou a ser definida como um direito da criança, um dever do Estado e uma opção da família.

Hoje propõe-se conceber a creche enquanto uma instituição que atribui a si a função de complementar o papel educativo das famílias. Este novo conceito substitui o antigo, que caracterizava-se por uma visão assistencialista.

Adotando esta nova concepção, o presente projeto visa qualificar o trabalho de educadores de 0 à 6 anos, possibilitando uma teoria e prática acerca do desenvolvimento infantil bem como aproximar pais e instituição através da proposta de "Escola de pais". O mesmo tem sido desenvolvido em uma creche não governamental situada em Uberlândia - MG, desde a inserção do psicólogo escolar na equipe de profissionais desta em setembro de 2000.

Para a implantação deste projeto foram seguidas as seguintes etapas:

Realização de entrevistas iniciais com pais ou responsáveis para que, a creche possa tomar conhecimento da história de vida da criança e assim tenha a oportunidade de trabalhar com a mesma dentro levando em conta o seu contexto.

Capacitação das educadoras oferecendo a estas o conhecimento básico necessário para a implantação do planejamento das atividades noções de desenvolvimento global de 0 à 6 anos.

Discussão de temas complementares relacionados à rotina da creche: Agressividade, sexualidade infantil e outros relacionados às necessidades da instituição.

Acompanhamento anual do desenvolvimento das crianças observando-se a evolução destas nas atividades realizadas.

Elaboração de um programa básico para cada agrupamento visando estimular as áreas: cognitiva, social, motora e linguagem.

Realização da "Escola de pais" na qual são discutidos temas sobre os quais tenham dificuldade sendo estes escolhidos através da solicitação dos próprios pais e/ou pelas educadoras e coordenação da instituição.

Com a implantação deste trabalho, tem-se tornado possível despertar o valor real do papel do psicólogo escolar junto às instituições de educação infantil, reforçando a proposta de serem os educadores facilitadores do contínuo desenvolvimento da criança e agentes centrais deste processo, resgatando nestes, a capacidade de auxiliar na organização de um ambiente e uma rotina que incentive a interação das crianças e que propicie auxílio nas atividades desenvolvidas por estas de uma maneira dinâmica adequada às mudanças pelas quais as crianças passam no decorrer de seu desenvolvimento.

Vale ressaltar que este projeto, a partir da evolução conquistada por esta instituição piloto, levou as demais ONG's de Uberlândia a solicitarem a implantação deste trabalho, havendo sido realizado até o presente momento, maio de 2001, um encontro entre seis outras ONG's onde discutiu-se a viabilidade de uma base única de planejamento, no qual enfatizou-se, no entanto, a necessidade de executar todas as etapas anteriormente citadas para efetivação do trabalho, principalmente no que tange às noções básicas do desenvolvimento infantil.

*Alunas do curso de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia
**Professora do Departamento de Psicologia Social e Educacional da Universidade Federal de Uberlândia

Palavras-chave: Psicólogo escolar; Creche; Educador infantil

****

ESC 23

CAPACITAÇÃO DE EDUCADORES DE CRECHE: PROJETO DE INTERVENÇÃO. *Larissy Alves Cotonhoto** (Departamento de Psicologia Social e Educacional, Universidade Federal de Uberlândia, MG), Caroline Batista Silva* (Universidade Federal de Uberlândia, MG), Cristiane de Sousa Faria* (Universidade Federal de Uberlândia, MG) e Mirany Katyo Ilyumara Murakami* (Universidade Federal de Uberlândia, MG)*

A Educação Infantil no Brasil tem se caracterizado pela diversidade de indivíduos, sejam eles profissionais ou não, que trabalham com as crianças de 0 a 6 anos de idade, resultando em perfis diferenciados dentro das instituições onde esses atuam e o tipo de trabalho que ali se realiza. E, como se sabe, tradicionalmente o trabalho de psicólogos em creches e pré-escolas restringe-se em atendimento a familiares e a crianças com problemas de aprendizagem e comportamento, colocando em segundo plano o educador, sua função, necessidades e formação. O objetivo deste projeto de extensão foi o de fazer o levantamento do funcionamento da instituição, assim como promover, auxiliar e subsidiar a prática profissional do educador infantil através de formação e informação continuada a esses educadores. Com esta intenção, o projeto desenvolveu-se em duas grandes frentes: inicialmente procurou-se traçar o Perfil da Instituição e o Perfil do Educador e, em segunda, fazer uma Capacitação desses educadores através de módulos quinzenais, os módulos abordaram temas que foram propostos pelas educadoras no levantamento de dados feito pelas estagiárias. O projeto foi realizado em uma creche comunitária da cidade de Uberlândia, MG, subsidiada pela prefeitura, sendo que esta atende cerca de 300 crianças, período integral, com idades variando de 0 à 6 anos. O projeto teve duração de três meses, com períodos de módulos e de observações das estagiárias. A duração dos módulos era de aproximadamente 2 (duas) horas. As crianças são agrupadas conforme a faixa etária, sendo a creche constituída de "casinhas" onde essas crianças permanecem durante todo o dia. Os educadores destacam-se por uma formação de nível primário secundário nas redes públicas, sendo que apenas uma educadora encontra-se cursando o terceiro grau. Os dados obtidos levaram à percepção de que ocorre uma carência de informação e formação entre os 12 (doze) educadores da creche, principalmente com relação a conhecimentos acerca do desenvolvimento global das crianças (temas que envolvem a função da creche, psicomotricidade, sexualidade infantil,

agressividade, o papel dos pais), além de atividades pedagógicas para cada faixa etária e, principalmente, do estabelecimento de uma rotina que conjugasse o cuidar e o educar, assim como necessidade do grupo de maior integração e apoio pedagógico. Outra constatação foi que o projeto desencadeou nas educadoras e na instituição uma proposta de confecção de um planejamento pedagógico que satisfizesse as necessidades da creche e dos seus membros, pois segundo as educadoras, muito do que fora trabalhado nos módulos de capacitação não era abordado no planejamento que elas tinham como referência.

** Mestranda e docente da Faculdade de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, MG.
* Alunos de graduação da Faculdade de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, MG.
Palavras-chave: Educação Infantil; Creche; Formação de professor

ESC 24
A PALAVRA É DO ALUNO: AVALIANDO A UFF ATRAVÉS DOS EGRESSOS. *Francisco de Assis Palharini, *Aline da Silva Marques, *Cleuse Diniz Pereira, *Tatyana Carrola da Silva (LUTADI - Laboratório Transdisciplinar de Avaliação e Desenvolvimento Institucional - Departamento de Psicologia da UFF, Niterói, RJ)*
Esta pesquisa objetivou conhecer a opinião de alunos diplomados pela UFF sobre currículo vivenciado, aprendizado obtido, corpo docente, dificuldades para conclusão do curso, contribuição para seu desempenho profissional; e identificar o perfil do desempenho profissional desses alunos, a realização de outros cursos e o grau de satisfação com a profissão correspondente. Insere-se no conjunto de ações desenvolvidas pela Universidade com vistas à avaliação institucional. Os alunos-alvo da pesquisa foram aqueles que se graduaram até 1998, tendo ingressado no período de 1980 a 1995. Para sua abordagem construiu-se um questionário, composto por 25 questões fechadas, com formas de resposta variadas, e uma aberta. Seu conteúdo foi definido em função do interesse dos coordenadores dos cursos envolvidos. Os alunos diplomados no período considerado foram identificados e o endereço do Sistema de Informações da Universidade foi utilizado para a remessa do instrumento pelo correio. O percentual de respondência foi de 19,5%, equivalente a 1422 respostas, de 41 cursos, as quais foram alocadas em um banco de dados, a fim de serem efetuadas uma série de análises para o conjunto da instituição, por área de conhecimento e por curso. Resultados preliminares, para o conjunto da instituição, mostraram que os alunos têm boa clareza (67%) do perfil profissional. Desta forma, a integração ciclo básico e profissional é percebida como coerente por 57,8% dos respondentes, que a situam entre regular e ótima. A avaliação da integração entre docentes e alunos, é assinalada entre regular e ótima por 90,1% do total das respostas. O domínio do conteúdo é assinalado pelos respondentes como acima de regular por 98,4% das respostas. A metodologia de ensino utilizada ficou entre bom e regular para 82,7% das respostas. O que corroborou a resposta sobre o grau de dificuldade para conclusão do curso, que esteve entre pouco e médio (72,1%). Avaliação profissional do ex-aluno demonstra que o curso ajudou na carreira profissional no mínimo parcialmente (96,8%) e que a maioria que se encontra empregada (88,7%) atua na área em que se graduou pelo menos parcialmente (85,9%). Opinião em relação ao curso demonstrou que na época da graduação o nível do curso era bom, obtendo-se aqui mais da metade das respostas (61,5%), o que nos leva a pensar que o curso é mais voltado para o exercício profissional, pois este obteve 67,4% das respostas. Em relação ao que influenciou para escolha da graduação, viu-se uma discrepância entre a resposta mais encontrada: opção própria (77%) e todas as outras que estiveram, em sua maioria, abaixo de 3%. E o que os motivou para escolherem a UFF foi esta ser gratuita (49,2%). A expectativa relativa à pós-graduação, mostrou que os alunos têm interesse em fazer uma pós-graduação na UFF (62,0%), principalmente mestrado (46,9%) e especialização (42,7%). Tomando como referência o percentual de respondência é possível hipotetizar que os resultados obtidos sejam decorrentes de características específicas da amostra considerada. Conseqüentemente estamos procedendo a um tratamento mais refinado dos dados, por curso e por área de conhecimento, a fim de verificar discrepâncias e semelhanças nestes subconjuntos.

Bolsa de Pesquisa UFF/PROAC/CPA/UFF e Monitoria em Psicologia do Trabalho I
Palavras-chave: Diplomados; Egressos; Qualidade

ESC 25
INSERÇÃO ESCOLAR DO ALUNO COM DEFICIÊNCIA MENTAL: DISCUTINDO A IMPLEMENTAÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA DA PROFESSORA DO ENSINO REGULAR. *Claudia Dechichi (Faculdade de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia/MG)*
Considerando o processo de inserção escolar do aluno deficiente mental em salas do ensino regular, o presente estudo teve como objetivo principal compreender, de modo mais aprofundado, o fenômeno deste tipo de inserção, a partir da investigação e análise dos aspectos relacionados à prática pedagógica da professora do ensino regular que atende a criança ou jovem com deficiência mental e dos aspectos relacionados às interações sociais estabelecidas dentro do microssistema de sua sala de aula. O trabalho relata uma investigação empírica, realizada dentro dos parâmetros metodológicos do estudo de caso etnográfico, em uma escola pública municipal, envolvendo a participação de uma professora da primeira série do Ensino Fundamental. Os dados obtidos foram analisados tendo como referência os pressupostos teóricos da orientação ecológica do desenvolvimento humano, segundo Bronfenbrenner (1996). Como estratégia de investigação e coleta de dados foi utilizada a Entrevista Reflexiva a partir do Registro de Observação que, no ambiente da pesquisa, ofereceu à professora um espaço interacional de discussão e reflexão, a partir de elementos de sua própria prática pedagógica. Ao considerarmos o fenômeno da inserção de alunos com deficiência mental em salas do ensino regular, compreendido através da perspectiva da professora que vivencia tal fenômeno em seu cotidiano profissional, destacaram-se em nossa análise quatro aspectos importantes que apareceram, permanentemente, influenciando e interferindo na implementação de sua prática pedagógica: (1) a formação profissional deficiente da professora que não a preparou adequadamente para lidar com o tipo de realidade escolar encontrado em sua sala; (2) a dicotomia entre o pensado e vivido estabelecida pela professora ao implementar sua prática pedagógica; (3) a visão limitada e a falta de informações da professora sobre o microssistema de sua sala de aula; e (4) a existência de um jogo de contradições nas comunicações estabelecidas dentro ambiente ecológico da escola. Observamos que a ocorrência conjunta desses quatro fatores surtia um efeito paralisador nas ações da professora e favorecia a ocorrência de díades observacionais de caráter autoritário, dentro do microssistema da sala de aula. A análise dos dados revelou-nos a expectativa da professora de que o processo educacional promova todos os alunos ao mesmo nível de desempenho e competência, estabelecidos como o padrão ideal. Em conseqüência dessas expectativas, ao planejar e implementar sua prática pedagógica, a professora não encontra lugar para o diferente, em especial, para aquelas diferenças apresentadas pelo aluno em decorrência de sua deficiência mental. A expectativa de "normalidade", que nunca será concretizada em relação ao aluno deficiente mental, induz a professora a excluí-lo do grupo de alunos considerados por ela como sendo aqueles passíveis de serem educados. Não encontrando lugar para este tipo de aluno em sua concepção padronizada de educação, a professora acaba por incluí-lo no grupo daqueles que permanecerão à margem do processo educativo instaurado dentro da sala.
Palavras-chave: Inclusão Escolar; Deficiente Mental; Bronfenbrenner

ESC 26
DIAGNÓSTICO DA PRÁTICA DO BRINCAR EM UMA CRECHE MUNICIPAL. *Maria Dorotéa de Paiva Nazareth**, Priscilla Alves Sant'Ana*, Thaísa Belfiore Borin*, Verediana Silva Nogueira* (Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG)*
O brincar fornece à criança a possibilidade de construir uma identidade autônoma, cooperativa e criativa. A criança que brinca se insere no mundo do trabalho, da cultura e dos afetos pela via da representação e da experimentação. A brincadeira é um espaço educativo fundamental da infância. Brincar é experimentar por meio da repetição e da ação imaginativa outras formas de ser e de pensar, é manipular o sentido da realidade das palavras, dos sentimentos e da realidade, tendo consciência de que é uma simulação. A criança que brinca vive, portanto, a sua infância, amplia as suas chances de adequadamente tornar-se um adulto equilibrado física e emocionalmente, sendo capaz de suportar melhor as pressões das responsabilidades adultas e tendo possibilidade de criar para solucionar problemas. De acordo com o que foi exposto em relação à importância da prática do brincar e sua inserção no âmbito escolar, surge o interesse de se fazer uma análise do uso dessa prática por educadores de creche como suporte do desenvolvimento infantil. Este estudo tem como objetivo fazer o diagnóstico da prática do brincar em uma creche municipal de um bairro periférico da cidade de Uberlândia. Foram feitas nove observações da rotina da creche pelas estagiárias de psicologia, nos turnos matutino e vespertino em três agrupamentos (berçário: seis crianças de quatro meses a um ano e seis meses; 2º agrupamento: dezoito crianças de um ano e seis meses a dois anos e de dois anos a três anos; 3º agrupamento: nove crianças de quatro anos a cinco anos e oito meses). As visitas foram feitas semanalmente com duração de cinqüenta minutos. Observou-se as atividades lúdicas na sala de aula e no pátio da creche. Também fez-se entrevistas com as educadoras e a coordenadora, sendo que com as primeiras a entrevista ocorreu no decorrer das atividades realizadas pelas mesmas com as crianças, enquanto que com a última deu-se separadamente em sua sala. As entrevistas tinham como objetivo avaliar o planejamento das atividades lúdicas. Dentre os resultados foi detectada uma ausência de planejamento com relação às atividades lúdicas. Constatou-se que, as educadoras não orientavam as crianças quanto a jogos, utilização de brinquedos ou demais brincadeiras. Percebeu-se que, as educadoras preocupavam-se mais em distrair as crianças do que proporcionar atividades que culminassem em um desenvolvimento global (psicomotor, afetivo e cognitivo) das mesmas. Concluiu-se que há um déficit do planejamento do brincar, o qual não é visto pelas educadoras como um aspecto fundamental para o desenvolvimento das crianças. Faz-se necessário uma conscientização

da importância deste fomentar e de seu devido planejamento por parte das mesmas.
Palavras-chave: Creche; Atividades lúdicas; Diagnóstico

ESC 27
WORKSHOP TEMATIZADO: FERRAMENTA PARA TRABALHAR A SUBJETIVIDADE E A COMPETÊNCIA DO EDUCADOR. *Irene Rodrigues de Andrade (Curso de Psicologia, Universidade de Franca, Franca-SP/Doutoranda em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP) e Vânia Maria Jorge Nassif (Pró-Reitora Adjunta de Pesquisa, Universidade de Franca, Franca-SP)*

Frente a um mundo em transformação de valores e a constatação de um quadro alarmante de comportamentos inadequados, iniciados com pequenas atitudes de indisciplina, desrespeito a normas estabelecidas, transgressões a valores éticos e morais e o consumo de substâncias psicoativas entre crianças e adolescentes, o Colégio de Aplicação da Universidade de Franca (Franca, SP) criou o Projeto ObjetiVida. Visou primeiramente trabalhar com prevenção à drogadependência. A partir de 1998 este projeto foi ampliado em várias frentes, de modo que se estruturaram núcleos, que pretendiam sistematizar intervenções junto à instituição como um todo, desde os alunos e sua família até os agentes educacionais. Desta forma também acreditava-se que estariam sendo potencializadas atividades de integração entre Universidade e Colégio de Aplicação. Neste contexto é que o presente relato se insere e neste momento será discutido um dos núcleos referidos, formAÇÃO, o qual procurava articular as atividades de aprimoramento/capacitação do corpo docente, de apoio pedagógico, geral e administrativo. De modo específico, os workshops tematizados, em número de três, ocorreram junto aos docentes, nos anos de 1998 e 1999. Este trabalho coloca-se, portanto, de um relato retrospectivo das ações desenvolvidas naquele período, em contexto institucional escolar. Os workshops realizados foram tidos como "tematizados" em função de a cada encontro ter havido a seleção de um tema como objeto de discussão, que seria então utilizado como ferramenta para se trabalhar aspectos subjetivos e competências dos educadores. Para o desenvolvimento das atividades, utilizou-se de métodos adaptados de textos, filmes e lendas, acreditando-se que por este intermédio estaria se otimizando a integração junto aos integrantes do grupo e sugerindo eventuais matérias para discussão. Do ponto de vista do enfoque psicodinâmico, perspectiva adotada nos encontros, acreditava-se ainda que essa ferramenta aqueceria e mobilizaria os participantes para vivências subjetivas, as quais possibilitariam reflexões sobre seus papéis profissionais, suas escolhas e competências educacionais. Com base nessa experiência, estes workshops constituíram-se em um espaço onde os educadores puderam trocar com seus pares seus "saberes" e "fazeres", o que possibilitou ressignificações sobre seus papéis, ações e lhes permitiu encontrar alternativas para transformar suas relações com os alunos, famílias e até mesmo com a própria instituição. Ao término dos encontros, realizou-se avaliações junto aos participantes, os quais apontaram que este tipo de encontro foi positivo e manifestaram o desejo de que outros pudessem ocorrer. De modo geral, percebeu-se que este tipo de ação, calcada em fundamentos e técnicas psicodramáticas, possibilitou o trabalho das relações entre agentes de educação de modo satisfatório. Entretanto, isto sugeria que outros parâmetros de avaliação pudessem ser adotados em momentos futuros. Também verificou-se a necessidade do desenvolvimento de pesquisas nesse contexto, para que as percepções ora apontadas pudessem se tornar mais precisas e fundamentadas em critérios objetivos em complemento aos subjetivos ora priorizados.
Palavras-chave: Competência Educacional; Workshop; Psicodrama

ESC 28
OFICINAS DE LEITURA E ESCRITA: UMA ABORDAGEM PSICOPEDAGÓGICA ÀS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM. *Ana Correa; Daniela Chaves Alves Rodrigues*, Ingrid da Paula e Silva* e Elizabet Mokrejs (Universidade Federal do Rio de Janeiro)*

As Oficinas de Leitura e Escrita fazem parte de projeto de extensão universitária que visa fornecer assessoramento à escola de Ensino Fundamental do Município do Rio de Janeiro no que se refere ao aprendizado da leitura e da escrita. O aprendizado da língua escrita, concebido como a aquisição de um sistema de representação, baseia-se não na mera reprodução de seus sinais gráficos, mas no uso produtivo de seu código. Neste sentido, é um aprendizado de natureza conceitual, requerendo o desenvolvimento de competências metalinguísticas, isto é, relativas à capacidade dos indivíduos de tomar a língua escrita não apenas como instrumento de expressão do pensamento mas, também, como objeto de pensamento. As Oficinas de Leitura e Escrita oferecem atividades extra-classe de natureza psicopedagógica aos alunos com dificuldades no aprendizado da língua escrita, procurando desenvolver competências metalinguísticas que os auxiliem no aprendizado escolar. O projeto foi construído com base nos estudos da Psicologia do Desenvolvimento Cognitivo sobre a alfabetização e das contribuições da Teoria dos Campos Conceituais e da Didática de Conteúdos Específicos para aprendizagem. O trabalho é feito em parceria com a professora e demais membros da equipe pedagógica da escola através de ação integrada que permite: (a) avaliar as dificuldades das crianças e os obstáculos por elas encontrados para aprender, discutindo-se, inclusive, a propriedade da participação das crianças nas Oficinas; (b) organizar situações didáticas próprias à sala de aula e adequadas às necessidades tanto das crianças indicadas a participar das Oficinas, como daquelas que seriam beneficiadas por mudanças apenas nas condições de ensino. As Oficinas de Leitura e Escrita propriamente ditas são realizadas duas vezes por semana, organizadas em torno de atividades lúdicas que visam o desenvolvimento da consciência fonológica, a construção de estratégias não-lexicais (baseadas no uso de correspondências grafofônicas) para a leitura e escrita bem como o desenvolvimento da escrita ortográfica de palavras, frases e textos. As crianças trabalham preferencialmente em duplas ou trios. De modo geral, as crianças que participaram deste programa apresentaram melhoras significativas em seu desempenho escolar, passando, inclusive, a participar ativamente das atividades da sala de aula à medida que sentiam-se confiantes em sua capacidade em ler e escrever com autonomia. Não menos importante é reconhecer o papel ativo do professor como agente deste processo, uma vez que a ele compete o planejamento das experiências escolares que visam garantir aos alunos as condições favoráveis ao seu aprender.

Apoio FAPERJ
Palavras-chave: Oficinas de leitura e escrita; Dificuldades de aprendizagem; Ensino fundamental

ESC 29
EDUCAÇÃO INCLUSIVA: LEVANTAMENTO DAS PERSPECTIVAS DE PAIS EM RELAÇÃO À SUA IMPLEMENTAÇÃO. *Priscilla Bellard Mafra Souza* e Virgínia Monteiro Cardoso (Departamento de Psicologia Social e Escolar, Universidade Federal do Pará)*

Implantar um sistema de educação inclusiva em um contexto educacional historicamente voltado para o ensino de crianças consideradas "normais", no qual se evidencia o valor da competição e a problemática da desigualdade, não é tarefa simples, principalmente quando envolve pessoas portadoras de necessidades educativas especiais que apresentam sinais estigmatizantes. O preconceito e a discriminação sempre estiveram ligados a atitudes de pessoas "normais" em relação às pessoas deficientes, o que pode influir sobremaneira na implementação do ensino inclusivo, apesar de vários estudos indicarem que esse processo de educação pode beneficiar tanto os alunos especiais quanto os não especiais, aumentando a aceitação e a integração de todos não só na escola como também fora dela. Atualmente, alguns estudos sobre a aceitação ou não deste processo de educação têm demonstrado a presença de comportamentos preconceituosos e discriminatórios em relação a mesma. Em vista disso, o objetivo desta pesquisa foi fazer um levantamento das perspectivas dos pais quanto à implementação do processo de educação inclusiva. Foram entrevistados dez pais de alunos, sendo 2 de alunos de turmas regulares, 3 de turmas especiais e 5 de turmas inclusivas, todos de escolas da região metropolitana de Belém - PA. Para coleta de dados foi utilizado um questionário previamente estruturado e um gravador. Os resultados demonstraram que, segundo os pais:1) os professores do ensino regular não estão preparados para atender de forma eficaz as crianças especiais em turmas inclusivas devido a falta de preparação que os mesmos não recebem em suas formações, ou seja, não há um preparo do profissional da educação para lidar com uma situação em que tenha que trabalhar na mesma sala de aula crianças com necessidades educativas diferenciadas;2) na turma inclusiva, pode-se ter maior evidência da presença de discriminação em relação aos alunos especiais por parte de alunos não especiais e alguns professores, gerando medo por parte dos pais de crianças especiais em colocar os seus filhos junto com crianças "normais". Contrapondo-se a essas opiniões, outros pais acham que as turmas inclusivas podem propiciar maior aceitação e consciência acerca da deficiência por parte de professores e alunos não - especiais, à medida que a educação inclusiva proporcionará um maior contato dessas pessoas consideradas "especiais" com seus pares "normais". Através desses dados, pode-se concluir também que grande parte desse preconceito é decorrente da desinformação por parte de todas as categorias envolvidas, principalmente das pessoas que menos convivem com uma situação de diferença, gerando, portanto, medo e estranheza.

*Bolsista do Programa Integrado (PROINT)
Palavras-chave: Educação inclusiva; Preconceito, discriminação

ESC 30
INCLUSÃO E INTEGRAÇÃO ESCOLAR: ANÁLISE DE TRABALHOS APRESENTADOS EM EVENTOS CIENTÍFICOS DE PSICOLOGIA NO BRASIL. *Vanessa Cristina Calixto Bonfim**, Ana Paula Azevedo Campos* e Ana Maria Falcão de Aragão Sadalla (Instituto de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas - Campinas,SP)*

Educação inclusiva é um tema que tem suscitado inúmeras discussões nos diversos segmentos da sociedade de todo o mundo. Ao se reportar à inclusão escolar de pessoas com necessidades educacionais especiais, mais especificamente, a pessoas com algum tipo de deficiência, este tema torna-se ainda mais polêmico. Com base nisto, com a intenção de fazer uma análise de como o tema da inclusão/integração escolar de pessoas com algum tipo de

deficiência tem sido abordado no campo da Psicologia foi realizada esta pesquisa. Realizou-se um levantamento dos trabalhos publicados nos últimos 5 anos (1996-2000) em Anais de três importantes eventos científicos da Psicologia no Brasil: Reunião Anual de Psicologia organizada pela Sociedade Brasileira de Psicologia (SBP), Congresso Nacional de Psicologia Escolar promovido pela Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE) e o Simpósio de Pesquisa e Intercâmbio Científico da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Psicologia (ANPEPP). A partir da análise desses dados, verificou-se que num total de 4.141 produções científicas, apenas 223 (5,4%) versaram sobre as pessoas com algum tipo de deficiência e 33 (0,8%) sobre a sua inserção no ensino regular. Dos 2471 trabalhos científicos publicados nos Anais da Sociedade Brasileira de Psicologia, 4,9% fazem referência à pessoa com deficiência e 0,4% a sua inclusão/integração no ensino regular. Foram analisadas 752 publicações nos Anais da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE), verificando-se que 7,6% dos estudos se referem à pessoa com deficiência e 1,8% a sua inclusão/integração no ensino regular. Os trabalhos publicados nos Anais da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Psicologia (ANPEPP) mostram que das 718 produções realizadas, 5% discute sobre a pessoa com deficiência e 1,2% sobre a inserção desta no ensino regular. Fazendo-se uma análise dos trabalhos que abordam o tema da inclusão/ integração escolar da pessoa com deficiência, publicados neste período, verificou-se que 51,5% destes estudos apresentam um relato de experiência sobre as intervenções realizadas com o aluno (27,3%), com o professor e/ou equipe pedagógica (12,1%) e sobre as práticas de inserção propriamente dito (12,1%). 18,2% investigam as concepções e atitudes de professores (9,1%), pais (6%) e alunos (3,1%) acerca da inserção, 18,2% tecem reflexões sobre a temática em questão e 12,1% abordam outras questões relacionadas à inserção. Estes dados permitem concluir que apesar de ter havido um aumento significativo das produções científicas no período de 1996-2000, tanto no que se refere à totalidade de trabalhos publicados, bem como naqueles relacionados à temática em questão, a inclusão/integração da pessoa com deficiência no ensino regular ainda é um tema pouco explorado pelos psicólogos brasileiros, apesar de a legislação educacional prever sua inserção, o que sugere que novas pesquisas sejam realizadas buscando melhor compreender a inclusão no cotidiano escolar.

Pesquisa realizada com o apoio do CNPq

Palavras-chave: Inclusão escolar, Integração escolar, Produção científica

****

ESC 31

DESEMPENHO NO VESTIBULAR, CRENÇAS, PERCEPÇÕES E CONDIÇÕES: RELAÇÕES DE PREDIÇÃO. *Cláudia Araújo da Cunha, Maria do Carmo Fernandes Martins, Aline Langoni Salgado*, Ananda de Faria Ferreira*, Eliane Rodrigues Leite*, Janaina Aparecida Paulino*, Marange Dias*, e Tatiana Martins de Aquino*(Faculdade de Psicologia-Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG)*

Um dos desafios do psicólogo escolar é a atuação junto aos vestibulandos, ou seja, alunos de cursos pré-vestibulares e concluintes do Ensino Médio. Mesmo tendo um grande número de profissionais atuantes nesta área, a produção científica encontrada sobre este tema é relativamente baixa, o que indica a necessidade de um estudo exploratório com o intuito de se obter uma primeira aproximação das crenças e percepções acerca do vestibular. O objetivo deste estudo foi investigar a relação de predição entre um conjunto de variáveis relativas às crenças, percepções e condições relacionadas à vida dos vestibulandos antes do vestibular e a aprovação ou reprovação no mesmo. A amostra, intencional, foi composta por 487 sujeitos, de ambos os sexos, sendo 256 sujeitos recém-aprovados no vestibular da Universidade Federal de Uberlândia-MG, em seis cursos, sendo dois de alta (Medicina e Psicologia), dois de média (Biologia e Engenharia Mecânica) e dois de baixa relação candidato-vaga (Pedagogia Noturno e Geografia Noturno), e 231 sujeitos reprovados no vestibular, de três cursos pré-vestibulares da mesma cidade. Foi elaborado um questionário de 13 itens com aspectos que podem influenciar o desempenho dos sujeitos no vestibular. Os sujeitos marcaram suas respostas numa escala de quatro pontos (concordo totalmente - discordo totalmente). Dados adicionais referentes à idade, sexo, renda familiar, procedência escolar e tempo de curso pré-vestibular foram coletados. Os dados foram tratados através do programa SPSS e submetidos à análise de regressão logística. Estatísticas descritivas foram calculadas. Os resultados mostraram que o modelo prevê significativamente a aprovação no vestibular (nível de significância = 0,000). As variáveis significantes do modelo foram: procedência escolar, relativa ao tipo de escola em que o aluno concluiu o ensino médio, se escola pública ou privada; grau de dificuldade da prova, onde o aluno atribui seu desempenho à dificuldade ou à facilidade da mesma; relação candidato-vaga do curso escolhido; influência familiar; participação em técnicas de relaxamento, concentração e memorização, que são técnicas praticadas pelos psicólogos de cursos pré-vestibulares; organização pessoal, onde o aluno expressa sua competência relativa à administração da vida profissional, íntima, social e pessoal; religiosidade/espiritualidade, onde o aluno externaliza a responsabilidade sobre seu desempenho, atribuindo-o a forças sobrenaturais; preparação pré-prova, que determina a preferência por atividades conhecidas como "aulas da véspera" ou descanso nos dias de prova. Este conjunto prediz corretamente 72% dos casos; em 15% ocorreu erro falso negativo e em 13%, falso positivo. A comparação das médias dos grupos de aprovados e reprovados mostrou que eles parecem diferir quanto às crenças sobre a determinância do grau de dificuldade da prova, a importância atribuída à relação candidato-vaga do curso escolhido, a influência da religiosidade/espiritualidade e o tipo de preparação pré-prova. Embora interessantes os resultados obtidos não podem ser generalizados, pois a amostra limitou-se à acima descrita. A fim de garantir a generalização dos dados é necessário reaplicar o questionário em outras regiões do país e abranger maior número de sujeitos, visto que este trabalho pode ser considerado uma investigação prévia que servirá de base para estudos posteriores.

Palavras-chave: Crenças/percepções; Vestibular; Desempenho

****

ESC 32

PERCEPÇÃO DE PROFESSORES DE 1ª A 4ª SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL SOBRE O TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO/HIPERATIVIDADE. *Alessandra Araújo*, Cláudia Araújo da Cunha, Mariana Polizer de Albuquerque*, Rogério Alves De-Souza* (Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia - MG)*

Conceitualmente, Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH) pode ser entendido como um transtorno clínico caracterizado por desatenção, agitação e impulsividade, geralmente diagnosticado na infância e/ou adolescência, apresentando uma prevalência em torno de 3 a 5% em crianças com idade escolar; sua presença acarreta consideráveis problemas sociais e de aprendizagem. Estudos recentes indicam que a principal forma de tratamento tem sido a associação entre psicofarmacologia e psicoterapia. O ambiente escolar tem sido invariavelmente aquele onde o TDAH é primeiramente notado. Nesse sentido, pretendeu-se realizar uma pesquisa exploratória objetivando investigar a percepção de professores de 1ª a 4ª série do ensino fundamental sobre este transtorno. Participaram deste estudo 32 professoras, escolhidas aleatoriamente, docentes de escolas públicas, sendo uma municipal, duas estaduais e uma federal. Construiu-se um questionário com 5 questões abertas explorando: tempo de docência, fato de já ter entrado em contato ou não com o tema, percepção do que venha a ser o TDAH, bem como o fato de já ter tido ou não um aluno que fosse considerado pelos professores como possuidor deste transtorno. Os sujeitos responderam-no individualmente, em suas salas de aula ou na sala de professores, conforme disponibilidade dos mesmos, necessitando de aproximadamente dez minutos para preenchê-lo. Os dados foram posteriormente categorizados e suas freqüências analisadas. Dos 32 questionários aplicados, dois foram posteriormente invalidados, em virtude das respostas não estarem de acordo com as instruções previamente estabelecidas. Assim, contou-se com 30 sujeitos, todos do sexo feminino, com tempo de docência variando de dois meses a 42 anos, sendo o tempo modal (53,3%) acima de 20 anos. Vinte e dois sujeitos (73,3%) disseram já ter entrado em contato com o tema, e os meios mais citados para tanto foram leituras (35,5%), outros profissionais (22,6%) e cursos e/ou encontros (22,6%). A maior parte das professoras aparentemente considerou o TDAH relacionado com falta de atenção/concentração (36,9%) e agitação (30,5%). No entanto, atribuíram-no a causas errôneas como má estrutura do ensino, falta de atividades ou excesso de energia, desconsiderando totalmente sua real natureza, ou seja, um transtorno clínico. Dezenove professoras (63,3%) disseram já ter tido um aluno a quem consideravam como hiperativo, justificando-se pelos seguintes comportamentos observados: falta de atenção/concentração (24%), relacionamentos agressivos e/ou autoritários (11%). Conclui-se que os sujeitos têm uma idéia confusa sobre o TDAH. Chegam a descrever alguns de seus sintomas, valendo-se para isso possivelmente da nomenclatura do transtorno, porém atribuem-lhe causas completamente difusas e errôneas. Com base no exposto, percebe-se a necessidade de um serviço psicopedagógico que instrua os professores sobre o TDAH, como seu conceito, etiologia, formas de manifestação, para, assim, munilos de recursos a fim de que possam lidar melhor com a questão em sala de aula.

Palavras-chave: Hiperatividade; Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade; percepção de professores

****

ESC 33

O TRABALHO DO PSICÓLOGO NA EDUCAÇÃO: DESAFIOS DA FORMAÇÃO. *Alacir Villa Valle Cruces** (Centro Universitário de Santo André, Santo André, São Paulo)*

Apesar de podermos verificar diversas modalidades de atuação inovadoras dentro das áreas tradicionais da Psicologia, elas podem ainda ser consideradas incipientes pois ocorrem esporadicamente e sem que saibamos ao certo que fatores possibilitaram que ocorram, se ocorrem apenas em função da formação - na graduação e fora dela - ou se há elementos, além dela, que devemos considerar ao pensar nesse mercado. O que se percebe em relação à Psicologia em suas interfaces com a educação, por exemplo, é que, ao lado de modelos tradicionais de atuação podem ser vistas abordagens mais críticas e comprometidas com a transformação da sociedade que levam ou predispõem a uma intervenção mais preventiva do que curativa, à ampliação da visão do profissional que passa de individualizada a institucional e que se insere na instituição por meio de propostas interdisciplinares e não mais considerando

cada saber isoladamente, além do predomínio das intervenções grupais, em detrimento dos individualizados. Estudos têm sido desenvolvidos no sentido de verificar como o trabalho nesta área vem sendo realizado e pode-se concluir que na maioria dos casos, o diagnóstico de "problemas" que têm como base a queixa referente a problemas de aprendizagem ou de comportamento é o que predomina e é, portanto, o que caracteriza o profissional de Psicologia quando atuando na educação. Essa avaliação, no entanto, parece partir de uma concepção de homem e de mundo que centra na própria pessoa as dificuldades apresentadas como que culpabilizando-a ou à sua família pelas atitudes que toma e desvinculando-se assim de uma realidade sócio-econômica mais ampla na qual ele e a escola estão inseridos. Parece considerar, ainda, os fenômenos psicológicos como a-históricos ou atemporais quando acredita que se pode falar de inteligência, de aprendizagem, de ensino, de dificuldade, de problema ou mesmo de comportamento de modo abrangente e descontextualizado, sem se pensar em como se dão ou em como ocorrem, em que locais e em que épocas surgem, quem são seus motivadores ou e em quais são os dinamismos institucionais que o promovem. Além disso percebe-se a quase ausência de aspectos referentes ao próprio aluno e a sua visão da situação pois parece partir-se do pressuposto que a visão da escola, representada por seus profissionais, é a especializada e, portanto, a "correta". Tais estudos, em número já relativamente altos, permitem que possamos verificar o importante papel da formação nessas posturas e nessas concepções mais tradicionais assumidas por esses profissionais, sendo por não transmitirem e não mostrarem aos estudantes outras modalidades de atuação, que não a clínica ilustrada em consultórios e limitada à cura de problemas ou dificuldades, então pela manutenção da ideologia liberal e da precariedade da visão e da abrangência da Psicologia como possibilidade de transformação dessa mesma condição. Pode-se também perceber a falha da formação ao não discutir e não promover a pesquisa que evidencie a determinação sócio-histórica da construção do conhecimento e da subjetividade dos indivíduos que permitiria e vem permitindo uma abordagem mais crítica dessas condições.

Palavras-chave: Psicologia e educação; Formação do psicólogo; Diagnóstico de problemas

ESC 34

CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA À EDUCAÇÃO POPULAR. *Fernanda Bernardes de Assis. (Faculdade de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG)*

A teoria sócio-histórica na qual se baseia este trabalho, concebe o homem como um ser ativo e participante da construção de relações, tanto social, quanto afetiva e intelectual. Esta concepção, entende que na medida em que o indivíduo muda sua forma de viver, muda também o seu mundo psíquico, construindo novos valores e atitudes. Este trabalho tem como objetivo expor alguns resultados parciais de uma experiência que está sendo desenvolvida com alunos de um projeto de educação popular, Projeto Pré-vestibular Alternativo (Convênio entre Associação Educacional Paulo Freire e Pró-reitoria de Extensão da UFU). Este projeto, que atende alunos carentes, homens e mulheres, trabalhadores, com idades variadas entre 17 e 37 anos , conta com o trabalho de professores voluntários (alunos de graduação em sua maioria) e com uma equipe psicopedagógica na qual estou envolvida. O trabalho psicológico que vem sendo desenvolvido, procura analisar e levantar as dificuldades de aprendizagem de estudantes carentes. Além disso, visa trabalhar e promover a superação dessas dificuldades, atentando para as suas condições sócio-econômicas. Ao final de 5 meses foram realizadas 10 dinâmicas de grupo, a cada quinze dias, com duração média de uma hora e meia cada, com o intuito de discutir temas como: cooperação, competição e promover atividades que levassem os alunos a reconhecerem e encontrarem em conjunto, formas de minimizar suas dificuldades, o que proporcionou um contato com a realidade social dos mesmos, possibilitando uma análise de suas trajetórias escolares, de suas experiências didático-pedagógicas, bem como das carências de cunho emocional. Todos estes aspectos constituem uma gama de possibilidades de estudo e intervenção da psicologia que por ora estamos atentos. Os resultados demonstraram que dos 100 alunos presentes, 65 participaram ativamente, o que possibilitou a estes um evidente aumento de motivação em sala de aula, maior interação entre os mesmos, contribuindo para o conhecimento mútuo e para a troca de informações. Esta nova postura dos alunos promoveu mudanças didático-pedagógicas dos professores em sala, com aulas mais dinâmicas, mais motivadoras e o desenvolvimento de atividades extra-classe. Estes resultados comprovaram a importância deste tipo de trabalho com alunos e alunas, trabalhadores, excluídos em sua maior parte, de políticas públicas educacionais e da participação direta no processo de ensino-aprendizagem. Conclui-se que a Psicologia tem um papel importante, no sentido de contribuir para uma análise crítica do processo de aprendizagem de alunos carentes. Isso sugere que na formação de psicólogos, privilegie-se não apenas um conhecimento pronto e acabado para a resolução de dificuldades, mas profissionais que estejam comprometidos em analisar e propor caminhos dentro de uma perspectiva de educação popular.

Palavras-chave: Educação popular; Dificuldade de aprendizagem; Psicologia escolar

ESC 35

APRENDIZAGEM DA ESCRITA EM UM GRUPO DE PRÉ-ESCOLARES DA CIDADE DE UBERLÂNDIA-MG. *Claudia Araújo da Cunha, Edmar Henrique D. Dias*, Fabiana Pires*, Fernanda Bernardes de Assis*, Juliana Assunção de Silva*, Maria Teresa Peres* , Randolfo dos Santos Junior * e Laura Rezende França* (Faculdade de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG)*

Pesquisas recentes destacam que a escrita é considerada um instrumental valioso para a compreensão do mundo. Os estudos de Emília Ferreiro e Ana Teberosky, e o Construtivismo Piagetiano contribuem para pensarmos o processo de aquisição da linguagem escrita como algo significativo e não apenas como um processo de repetição. Desse modo, consideramos que o Construtivismo possibilita ao aluno a compreensão da escrita em contextos e em atividades complexas e diversificadas, demonstrando resultados significativamente diferentes se comparado a outras abordagens de ensino. Desse modo, objetivou-se verificar se um grupo de crianças pré-escolares da cidade de Uberlândia-MG, estudantes de uma escola construtivista, tradicional e intermediária (que mescla preceitos construtivistas e tradicionais) apresentam desempenhos significativamente diferentes frente a um exercício de escrita. A amostra constituiu-se de 52 crianças de ambos os sexos, com idades entre 5 e 6 anos, assim distribuídas: 13 crianças de uma escola construtivista, 15 de uma escola intermediária e 24 de uma escola tradicional ou não construtivista. O instrumento utilizado consistiu numa atividade de escrita, confeccionada por uma professora de uma escola construtivista, composta por uma sequência de 9 palavras grifadas. Instruiu-se que caso a palavra estivesse escrita em letra de forma deveria ser reescrita com letra cursiva e vice-versa. Foi computado como erro, toda vez que as crianças reescreveram a palavra da mesma forma que a palavra grafada no exercício. Foram consideradas respostas inválidas aquelas que não seguiam as instruções previamente fornecidas pelo exercício, tais como: rabiscos, desenhos bem como respostas deixadas em branco. Os resultados demonstraram que os pré-escolares da escola tradicional obtiveram 90 acertos (66%), na escola intermediária 117 acertos (87%) e na escola construtivista 109 acertos (93%). Quanto aos erros, os alunos da escola tradicional apresentaram um escore de 46 erros (34%), 18 erros (13%) na escola intermediária e 8 erros (7%) na escola construtivista. Significativo também foi o número de respostas inválidas fornecidas pelos alunos da escola de abordagem tradicional que contabilizou 80 respostas desse tipo (37%) sendo que nas demais escolas o percentual foi igual a zero. Conclui-se que os alunos de escolas construtivista e intermediária apresentaram um desempenho mais satisfatório se comparados aos sujeitos que frequentam escola tradicional. Percebeu-se, nesse sentido, que os alunos de escola construtivista aprendem a escrever de forma mais diversificada, o que não ocorre com a metodologia tradicional de ensino, que coloca a aprendizagem da escrita como repetição mecânica e não como um processo de construção do conhecimento em função das interações constantes entre sujeito e objeto. Exercícios de escrita construtivistas proporcionam, portanto, uma aprendizagem significativa entre os alunos, o que sugere seu emprego em situações psico-educacionais semelhantes.

Palavras-chave: Escrita; Abordagens de ensino; Aprendizagem

ESC 36

GRUPOS OPERATIVOS DE ENSINO. PREVENÇÃO E INTERVENÇÃO PSICO-EDUCACIONAIS A ALUNOS COM PROBLEMAS DE ESCOLARIZAÇÃO. *Claudia Araújo da Cunha, Ana Paula Teixeira*, Cristiane Leles Silva*, Daniele Maria Silva*, Karine Rodrigues Alves* e Vanessa Queiroz da Cunha Gomes* (Faculdade de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG)*

Estudos recentes no âmbito da psicologia escolar denotam a importância dos grupos operativos de ensino na minimização de queixas escolares. Os grupos operativos têm objetivos, problemas, recursos e conflitos que devem ser estudados e considerados pelo próprio grupo à medida que vão aparecendo. Sendo assim, o objetivo deste estudo foi o de organizar grupos com alunos do ensino fundamental numa escola pública estadual da cidade de Uberlândia-MG. Cinco estagiárias de Psicologia Escolar da Universidade Federal de Uberlândia realizaram observações semanais na escola por um período de 1 mês e meio, seguindo um roteiro previamente estruturado para tal fim. A coleta de dados baseou-se também no relato das professoras quanto ao comportamento dos alunos nas dependências da escola. Partiu-se do pressuposto de que a aplicação da técnica dos grupos operativos de ensino no contexto escolar refletiria uma melhora significativa não só no comportamento do aluno em sala de aula mas também no contexto familiar e social como um todo, amenizando, pois, as queixas escolares inicialmente levantadas. As queixas detectadas referiam-se primordialmente à indisciplina, agressividade e problemas de escolarização e aprendizagem. Os grupos operavam sobre suas próprias necessidades, em atividades de reflexão acerca de comportamentos inadequados, além da criação de espaços voltados ao desenvolvimento e expressão da criatividade e da afetividade dos alunos. Fizeram parte do trabalho 4 classes sendo três da 3a série e uma da 1a série, priorizadas a partir da realização das observações na escola. Os grupos reuniam-se uma vez por semana com duração média de uma hora, com aproximadamente 15 alunos para cada estagiária, totalizando 75 alunos. Ao final de 6 meses de estágio em psicologia escolar, 24 encontros foram realizados com cada grupo de 15 alunos. As tarefas eram propostas pelos grupos mediante seus interesses e consistiam

em atividades de pintura, confecção de pipas artesanais, desenhos livres e/ou direcionados, brincadeiras de expressão corporal e narração de estórias. Foram trabalhados aspectos como cooperação, criatividade, afetividade, motricidade, relacionamento interpessoal, atenção, motivação e memória. Os resultados demonstraram que houve mudanças significativas nos comportamentos antes classificados como inadequados de acordo com os relatos das professoras. Isso significou que 50 crianças das 75 (66,6%) atendidas inicialmente com queixas escolares mais severas relativas à agressividade e indisciplina, mostraram-se integradas a suas classes, participando das aulas, com interesse e com desempenho escolar considerado bom pelas professoras. Cinquenta e cinco sujeitos (73,3%) evidenciaram um comportamento mais criativo em tarefas que exigiam soluções diferenciadas para um enunciado de um dado problema matemático. Observou-se, também que 61 alunos (81,33%) apresentaram-se mais sociáveis, participando de atividades extra-curriculares, que envolviam a comunidade, assim como oficinas de música e produção de texto. Conclui-se que a formação de grupos operativos possibilita a expressividade de sentimentos e desejos acerca de determinada situação, por ora confinados para o aluno no contexto educacional. Isto leva-nos a considerar que um espaço psicopedagógico favorável contribui para a socialização e melhor desempenho escolar do aluno e que a escola pode ser um lugar prazeroso e interessante no seu cotidiano.

Palavras-chave: Grupos operativos; Ensino fundamental; Desempenho escolar

*****

ESC 37

O PAPEL DO PROFESSOR PARA O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM DE CIÊNCIAS: UMA VISÃO A PARTIR DO TRABALHO DOCENTE E DAS NOVAS TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS. *Vera Lucia Assunção Souza** *(Universidade Federal de Pernambuco - Recife, PE)*

Este trabalho discute as inter-relações entre educação, psicologia e comunicação, especialmente no que se refere ao uso das novas tecnologias educacionais, como subsídios para o desenvolvimento cognitivo no processo ensino-aprendizagem. Discute-se, também, os novos paradigmas na relação entre a psicologia cognitiva e a psicologia escolar, educação e comunicação, reforçando, assim, a interrelação entre essas áreas do conhecimento. Tal reflexão se justifica devido à necessidade do professor ampliar o conjunto de teorias que dão suporte ao seu fazer pedagógico, desenvolvendo competências e habilidades compatíveis com a didática do ensino de ciências, sob a perspectiva das demandas dos aparatos tecnológicos educacionais.

Na sociedade do terceiro milênio a aprendizagem ganha destaque em todos os ramos da atividade humana, uma vez que processos cognitivos e processos vitais estão intimamente relacionados.

As ciências cognitivas sobressaem neste momento apontando novos caminhos para o desenvolvimento e a potencialização de aprendizagens, baseada em descobertas que apontam para o aspecto plástico do cérebro.

O grande desafio das escolas e professores é fazer com que o ensino acompanhe a linguagem dos novos tempos. Os recursos tecnológicos podem ser ferramentas úteis ao professor na transmissão de informações aos alunos, enriquecendo esse processo. O seu uso vai depender da visão do professor sobre o que é ensinar e o que é aprender, enfim, de como se constrói conhecimento.

Este estudo visa investigar os avanços cognitivos e pedagógicos que acontecem em Escolas da Rede Pública de Ensino, especificamente no ensino de ciências. O projeto procura traçar uma nova visão do processo ensino-aprendizagem, onde o ambiente colaborativo assenta-se na interdisciplinaridade. O trabalho, avaliado a partir da análise de alunos e professores, após uma intervenção educativa, em um processo de sensibilização, objetiva desenvolver competências nos docentes, para a utilização dos aparatos tecnológicos na metodologia de ensino.

Tem-se delineado uma grande transformação nos procedimentos de ensino-aprendizagem associadas aos processos de disseminação de informação e às novas tecnologias.

Aprender é fazer próprio o que é do outro, é apropriar-se. Por isso, a aprendizagem envolverá sempre a subjetividade de dois sujeitos em relação. Ensinar não é apenas transmitir conteúdos.

O processo de aprendizagem sempre supõe a relação de uma pessoa (o aprendiz) com outra que ensina (o professor): aprender é aprender com alguém, que será colocado numa determinada posição de suposto saber.

A teoria interacionista vygotskyana retrata a visão do homem inserido em um contexto social. Vygotsky é um dos estudiosos mais sensíveis à influência da cultura e do ambiente sobre o desenvolvimento cognitivo.

Os objetivos deste trabalho são analisar a contribuição dos aparatos tecnológicos e comunicacionais como subsídios para uma aprendizagem mais eficiente diante dos aperfeiçoamentos das técnicas pedagógicas e viabilizar as condições de capacitação para profissionais de Educação, objetivando o uso de novas tecnologias.

Além disso, verifica-se como os professores tratam o trabalho docente no que se refere ao processo de aprendizagem com a entrada das novas tecnologias nas escolas, verificando os efeitos no desenvolvimento do pensamento crítico dos alunos e, finalmente, avaliando uma nova maneira de ensino, utilizando tecnologia atualizada, incorporada dentro de conteúdos específicos.

Palavras-chave: Novas tecnologias; Desenvolvimento cognitivo; Psicologia escolar

*****

ESC 38

CONCEPÇÃO DE PROFESSORES DA REDE PÚBLICA DE ENSINO ACERCA DA VIOLÊNCIA NO COTIDIANO ESCOLAR. *Carolina Martinelli*, Fernanda de Campos*, Gabriela Grandino*, Gracia Nunes*, Luciene Pires*, Tatiana de Paula*, Viviane Legnani, Cynthia Bisinoto e Viviane Faria (Universidade Católica de Brasília, Brasília)*

O interesse de realizar essa pesquisa surgiu frente ao conhecimento de publicações científicas de diversos autores acerca das causas do fracasso escolar que se traduz, na atualidade, não somente pelas dificuldades de aprendizagem, como também por meio da problemática da indisciplina e violência que assola o sistema escolar. Dentro dessas concepções as referidas problemáticas ocorrem em função da inadequação da formação dos professores, como em função dos vínculos preconceituosos construídos no cotidiano escolar e consequente esvaziamento do ato educativo, principalmente quando o corpo discente é composto por alunos das camadas empobrecidas. Segundo essas mesmas pesquisas, na concepção dos professores as referidas problemáticas se constroem em torno de uma má estruturação ou negligência familiar, ou mesmo pela responsabilidade dos próprios alunos. O objetivo do trabalho foi identificar os fatores que na concepção dos professores participam da construção da violência no cotidiano escolar. Foram utilizados os pressupostos das "Teorias das Representações Sociais", introduzida pelo psicólogo social Sérgio Moscovici, segundo a qual as representações sociais são verdadeiras "teorias" do senso comum. Assim sendo, utilizamos o pensamento social, a idéia, concepções e definições que os professores têm acerca da violência no cotidiano escolar e sua influência no fracasso escolar, para realizar este trabalho. A pesquisa foi realizada com dez professores (oito mulheres e dois homens) da rede pública de ensino do Distrito Federal. Desses professores, seis lecionavam no ensino médio e quatro no ensino fundamental. Os dados foram coletados por meio de uma entrevista semi-estruturada, composta por uma única pergunta registrada por escrito simultaneamente pela entrevistadora: "Quais são os fatores que contribuem para a construção da violência no contexto escolar?". Por meio de uma análise de conteúdo, procedeu-se primeiramente, uma análise quantitativa mediante a qual os dados foram agrupados em categorias de acordo com a freqüência com que foram enunciados. Posteriormente, realizou-se uma análise qualitativa, procurando-se comparar os resultados dessa análise com os já citados na literatura. Os resultados indicaram que, apesar do "fator escola" (falta de orientação pedagógica, preconceito e falta de atenção dos professores), aspectos externos e também da própria personalidade do aluno terem sido citados como contribuintes para a construção da violência, os vínculos familiares são destacados e responsabilizados pela violência dentro da escola. Os professores citam, principalmente, a falta de tempo dos pais e de orientação em casa. Foi possível observar, também, que há uma tendência, por parte dos professores em atribuir as causas da violência a um fator único, decorrente de uma visão linear, negando-se, assim, que a violência também pode ser construída no âmbito da escola. Os resultados encontrados apontam que na concepção dos professores a maioria das problemáticas do atual contexto escolar (problemas de aprendizagem, indisciplina, violência) decorrem de problemas familiares dos alunos. Tal análise que pode parecer contextual, na verdade denota uma visão linear como o agravante de gerar no cotidiano escolar uma visão que se estratifica em torno das dificuldades e que não cria possibilidades de transformação e mudanças, tão necessárias para que se faça uma verdadeira inclusão via escola.

Palavras-chave: Escola; Representação social; Violência

*****

ESC 39

REPRESENTAÇÕES DE ALUNOS DE QUINTA SÉRIE SOBRE A ESCOLA. *Carolina Martinelli*, Cynthia Bisinoto*, Gabriela Grandino*, Luciene Pires*, Elizabeth Tunes. (Universidade Católica de Brasília, Brasília, DF)*

O fenômeno a que a literatura educacional vem denominando de fracasso escolar é antigo, persistente e apresenta-se em todas as séries do ensino, no Brasil. Todavia, manifesta-se com taxas de evasão escolar e repetência tipicamente mais altas nas quintas séries do ensino fundamental. Na condução de um estudo realizado numa escola pública de uma cidade satélite de Brasília, pôde-se constatar, em meados de 2000, um outro agravante do fenômeno do fracasso escolar, ou seja, havia um número muito grande de estudantes que, segundo seus professores, não sabiam ler, nem escrever, nem fazer as operações aritméticas básicas. Ainda, conforme a análise desses professores, esses estudantes apresentavam uma grande resistência ao ensino. Tomando como base essas declarações dos professores e assumindo que a resistência por eles constatada poderia ligar-se a uma incompatibilidade entre o que os alunos esperavam da escola e o que é proposto pelo sistema educacional, desenvolveu-se o presente estudo com o objetivo de identificar as representações dos alunos acerca da escola, tanto a real quanto a que idealizavam. Foram, então, entrevistados individualmente 30 alunos da quinta série da referida escola, sendo dez de cada turma do turno matutino, escolhidos aleatoriamente por meio de sorteio. A idade dos alunos sorteados

encontrava-se entre 12 e 16 anos (com média igual a 13, 6 anos), sendo que 60% deles eram do sexo masculino e 40%, do feminino. As entrevistas semi-estruturadas, mesclando-se com o relato de uma história padronizada, narrando um dia corriqueiro na dia-a-dia da criança, eram conduzidas por uma pesquisadora enquanto outras duas faziam o registro verbatim. Os dados foram, então, analisados e agrupados em categorias. Os resultados mostraram que os estudantes indicam os fatores ligados à própria escola e aos professores como os determinantes mais fortes de sua resistência a frequentá-la. Dentre os fatores negativos encontrados na escola, em sua grande maioria, apontaram aqueles decorrentes das relações entre os próprios alunos (brigas, amigos que atrapalham, bagunça, cola, falta de educação etc.) Todavia, ao sugerirem mudanças, indicaram-nos preferencialmente nas condições ligadas à atividade escolar, explicitando desejar (professores mais atenciosos, mais orientação, mais estudo etc.) Ainda e mais por isso declararam que concordariam em frequentar a escola após a implementação das mudanças propostas. Finalmente, os treze alunos distribuíram-se homogeneamente em três grupos, considerando-se a representação geral que fazem do espaço escolar, a saber: escola como espaço para um projeto futuro, escola como espaço de educação e aprendizagem e escola como espaço genérico.

Palavras-chave: Ensino fundamental; Fracasso escolar; Representações sociais

---

ESC 40

CONSTRUINDO AS CONDIÇÕES DE SAÚDE NO COTIDIANO ESCOLAR. *Melissa Marsiglia*, Luis Gustavo Wagner Gomes*, Valéria de Paiva Bessa* e Marisa Lopes da Rocha (Instituto de Psicologia da UERJ. Rio de Janeiro)*

Este trabalho tem como objetivo apresentar os resultados obtidos a partir de uma investigação realizada junto ao corpo docente e ao corpo de funcionários de uma escola pública do Estado do Rio de Janeiro que atende a uma população de 1.400 alunos. Sendo parte do projeto de pesquisa-intervenção "Psicologia e Educação: trabalho docente, produção de subjetividade e saúde", esta investigação teve como finalidade a construção coletiva de análises que possibilitassem intervenções transformadoras na direção da conquista por melhores condições de saúde no cotidiano do trabalho. O quadro de funcionários da referida escola é constituído de 60 professores e 61 funcionários "de apoio", distribuídos em três turnos. Como metodologia foram utilizadas entrevistas com os professores e com os funcionários, além de um esforço de escuta aprofundada e observação sistemática do trabalho realizado por tais profissionais na busca de um melhor entendimento sobre suas práticas a partir do enfoque da Ergonomia. Segundo Buschinelli, ainda, através da participação coletiva, engendrar novos modos de operar que tornem promotores da saúde. Porém, até o momento, a gestão do cotidiano escolar tem produzido como resultado da fragmentação instituída o isolamento dos profissionais entre si e em relação aos outros segmentos, a naturalização das análises e discussões sobre os impasses cotidianos resolvidos de forma pessoal e individualizada, a precarização da saúde no trabalho e a ausência da dinâmica do reconhecimento das práticas profissionais em marcha naquela escola, o que vem trazendo como conseqüência o adoecimento dos professores, manifestados através do estresse, da rouquidão e da ansiedade e, ao mesmo tempo, o crescimento do medo em função da vitimização consentida. No que se refere aos funcionários "de apoio", estas manifestações vêm se traduzindo nas constantes readaptações funcionais e na alienação no que se refere ao exercício de seu trabalho, uma vez que estes profissionais não têm clareza nem sobre seus cargos, nem sobre suas funções, o que por muitas vezes acarreta a situação de desvio de função. A questão e grande desafio que se colocou diante de nós neste momento é a viabilização de um trabalho que facilite ao professor e demais funcionários a análise/concepção das tarefas e realização das atividades de forma a contemplar seus meios, objetivos e anseios, construindo assim novos sentidos para o seu trabalho. Sabemos que o meio não pode ser descrito como um estado de equilíbrio, estável, plano ou uniforme, mas como um campo de negociação cotidiana e permanente para tornar a vida viável. Desta forma objetivamos o favorecimento do engajamento dos profissionais na produção de alternativas redimensionadoras de valores e hábitos instituídos, contribuindo para a articulação com todos os segmentos da escola com vistas à melhoria da qualidade da vida de toda a comunidade escolar.

(UERJ, FAPERJ, CNPq)

Palavras-chave: Cotidiano escolar; Trabalho; Saúde

ESC 41

AVALIAÇÃO DO AUTO-CONCEITO DE CRIANÇAS - ADAPTAÇÃO DO SELF-DESCRIPTION QUESTIONNAIRE I - PARA A POPULAÇÃO BRASILEIRA. *Silvana C. Gerosa* e Tânia Maria Simões De Rose (Psicóloga na Universidade Federal de São Carlos - SP)*

Verifica-se um intenso interesse na compreensão da influência das variáveis motivacionais como o auto-conceito sobre a Aprendizagem escolar. As pesquisas têm evidenciado uma correlação positiva entre auto-conceito acadêmico e desempenho acadêmico, sugerindo que um auto-conceito positivo é uma meta educacional amplamente desejável. No Brasil, uma das dificuldades para o desenvolvimento de investigações sobre a relação entre auto-conceito e aprendizagem é a ausência de instrumentos de medidas validados e padronizados. O presente estudo teve como objetivos: a) adaptar o Self-description Questionnaire I - SDQ I - um dos instrumentos para avaliação do auto-conceito de escolares de 6 a 12 anos mais amplamente utilizado nas pesquisas, tendo em vista, disponibilizá-lo para estudos posteriores e, b) verificar se entre um grupo de alunos brasileiros observa-se a correlação positiva entre o auto-conceito acadêmico e o desempenho escolar descrita na literatura. Para tal, foi feita uma tradução da escala do SDQ I, composta por 72 itens que avaliam três áreas do auto-conceito acadêmico (leitura, matemática e auto-conceito escolar geral), quatro áreas do auto-conceito não-acadêmico (habilidades físicas, aparência física, relacionamento com colegas e relacionamento com os pais) e uma escala de auto-conceito geral. O instrumento foi aplicado em 64 escolares de 3a e 4a série do Ensino Fundamental, de ambos os sexos. De acordo com a avaliação pedagógica das professoras, os escolares foram divididos em dois grupos: com desempenho acadêmico Satisfatório e Insatisfatório. Os dados foram quantificados e tratados estatisticamente através do Teste t e Teste não-paramétrico de Mann-Whitney. Verificou-se que o instrumento foi sensível e adequado à avaliação das diversas dimensões do auto-conceito acadêmico e não-acadêmico. As crianças com desempenho insatisfatório apresentaram auto-conceito acadêmico e não-acadêmico significativamente menor em relação ao grupo Satisfatório ($p<.0,05$). Os resultados obtidos com a amostra de escolares brasileiros corroboram os resultados obtidos em vários outros estudos transculturais que utilizaram o SDQ I no que se refere à correlação positiva entre auto-conceito acadêmico e rendimento escolar. Verifica-se a necessidade de dar continuidade ao trabalho investindo em estudos de validação e padronização do SDQ I e de aplicação do mesmo em amostras mais amplas e variadas.

Apoio Financeiro: CNPQ

Palavras-chave: Auto-conceito; Desempenho Escolar; Motivação

ESC 42

O PAPEL DA INTERAÇÃO ENTRE O PSICÓLOGO E O PROFESSOR NA TOMADA DE CONSCIÊNCIA PARA A REELABORAÇÃO DE CONCEPÇÕES E PRÁTICAS: O ADULTO EM QUESTÃO. *Maria Helena Fávero e Conceição de Maria Costa Medeiros* (Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, DF)*

As concepções sobre a aquisição do conhecimento e sobre a capacidade do outro, são questões permanentes para a Psicologia do Desenvolvimento e para a Psicologia Escolar. No caso do adulto, a concepção dominante é a da sua limitação. Tratando-se da alfabetização do adulto, as dificuldades são justificadas pela combinação entre idade e falta de escolarização. A aquisição de uma língua estrangeira é, por isso mesmo, uma situação particular para o estudo destas concepções, uma vez que a questão da escolarização não é uma explicação suficiente: os adultos têm uma longa escolarização, mas a idéia da limitação permanece, resultando numa prática de ensino ineficiente e apontadas como insatisfatórias pelos próprios alunos. Com o intuito de estudar a lógica destas concepções, visando à reformulação da prática de ensino, desenvolvemos nesse trabalho as fases de um procedimento de intervenção, junto a professores de inglês, dois homens e duas mulheres, com uma média de 27 anos de idade: colhemos seus conceitos sobre as facilidades e dificuldades de aprendizagem do adulto, desenvolvemos sessões de interação centradas na articulação entre o processo de construção do conhecimento e o conceito de desenvolvimento psicológico; reavaliamos estas concepções; observamos e discutimos a prática de sala de aula. As interações dos registros das intervenções entre a psicóloga e os professores foram submetidas a uma análise de conteúdo, tomando-se a proposição como unidade de análise e categorizando as trocas verbais. Os resultados apontam: a tomada de consciência sobre as implicações entre as concepções sobre o desenvolvimento psicológico e, em particular, sobre o desenvolvimento adulto, e a prática de ensino; a mudança na concepção do desenvolvimento adulto, inclusive o próprio; a identificação de alternativas compatíveis para esta prática. Discutem-se: a importância do estudo da tomada de consciência e das regulações cognitivas e metacognitivas nas situações de intervenção; o papel das interações verbais entre os adultos neste processo. Concluí-se sobre a viabilidade do modelo proposto para a prática da Psicologia Escolar; a viabilidade do modelo de análise para a avaliação desta; a viabilidade da proposta metodológica para o estudo do desenvolvimento psicológico adulto em situações potenciadoras de aquisição de competências.

Palavras-chave: Psicologia escolar; Desenvolvimento adulto; Tomada de consciência

---

ESC 43

ATITUDES DE CRIANÇAS DESATENTAS FRENTE AO CONTEXTO ESCOLAR E AOS COLEGAS. *Josiane Maria de Freitas Tavolaro (Universidade São Francisco, Itatiba, São Paulo)*

O principal objetivo deste estudo consiste na identificação de crianças desatentas no contexto de sala de aula, através de critérios pré-estabelecidos e verificação da forma pela qual são observadas e percebidas por seus colegas.

Além disto, propôs-se a verificação das atitudes manifestadas pelos sujeitos frente ao contexto escolar e aos colegas, e da aceitação e rejeição manifestada entre colegas, relacionando estes aspectos com ausência ou presença de atenção. Os dados foram coletados numa escola pública, de ensino fundamental, com alunos de cinco classes de primeira série. A amostra constituiu-se de 123 escolares, dos quais 56 eram pertencentes ao sexo masculino e 77 ao sexo feminino, com idades variando entre seis e nove anos. Foram utilizados para a coleta de dados os seguintes instrumentos: Lista de critérios para Identificação do Transtorno de Falta de Atenção, conforme definição do DSM-IV, Escala de Atitudes do Aluno em Relação aos Colegas e em Relação à Escola, adaptadas especialmente para este estudo e Sociograma. Os dados foram coletados através de entrevistas realizadas com as professoras dos escolares envolvidos, para a identificação dos comportamentos de falta de atenção e diretamente com os sujeitos, através de sessões individuais, destinadas à aplicação das Escalas de Atitudes em Relação aos Colegas e à Escola e através de sessões coletivas, em cada sala de aula, para realização do sociograma. Após a coleta, os dados foram submetidos a tratamentos estatísticos, suficientes e necessários para sua interpretação. A análise dos dados definiu dois grupos distintos formados por escolares com e sem problemas de atenção. A comparação dos resultados obtidos pelos dois grupos, permitiu que se observasse a presença de um número significativamente menor de atitudes negativas em relação aos colegas e à escola no grupo de crianças com problemas de atenção; este grupo também se caracterizou como o que continha maior número de escolares rejeitados e menor número de escolares aceitos pelos colegas de sala de aula, configurando seus componentes como menos populares. Considerando-se que a socialização e boa relação com os pares na escola é um aspecto importante e que contribui para a obtenção de sucesso na aprendizagem da leitura, escrita e cálculo, crianças desatentas, além dos problemas que per se interferem no processo de aprendizagem, enfrentam ainda a rejeição por parte de seus pares ou iguais, como fator agregado e provavelmente intensificador das dificuldades que possam enfrentar. Espera-se com a análise dos resultados obtidos, que estudos desta natureza, consideradas suas limitações, permitam que se identifique melhor as variáveis intervenientes na aprendizagem de crianças desatentas, observadas com freqüência no processo de escolarização, para que possam ser trabalhadas de forma mais eficaz.

Palavras-chave: Desatenção; Relação entre iguais; Socialização.

ESC 44

RELAÇÕES ENTRE AUTO-EFICÁCIA MATEMÁTICA E DESEMPENHO EM MATEMÁTICA DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL. *Liane Ferreira das Neves** e Idéria Regina Ferreira de Brito (Faculdade de Educação - Unicamp, Campinas - SP)*

Tem sido reconhecido atualmente que o desempenho acadêmico dos alunos nas diversas disciplinas é resultado de uma interação entre diversos fatores, principalmente de ordem cognitiva e afetiva. Uma crescente atenção tem sido conferida ao estudo dos fatores afetivos envolvidos na aprendizagem, por ter sido demonstrado através de pesquisas, que estes exercem um papel na motivação, no desempenho acadêmico e até mesmo na futura escolha profissional dos alunos. Dentre as variáveis afetivas que se relacionam ao desempenho acadêmico, encontram-se as crenças de auto-eficácia, que compreendem julgamentos das pessoas a respeito de suas próprias capacidades para alcançarem determinados desempenhos, bem como para exercerem controle sobre alguns eventos que afetam suas vidas. Estas crenças são fortes determinantes e podem ser usadas como preditores do nível de realização que os indivíduos alcançam. Por conseguinte, o estudo destas crenças tem recebido especial atenção no contexto educacional e, mais especificamente, nas pesquisas, que buscam relacioná-las ao desempenho acadêmico, à ansiedade em relação a testes e à escolha profissional. Estão relacionadas também às atitudes, atribuições de causalidade, auto-conceito, dentre outros. Fundamentado na Teoria Sócio-Cognitiva de Albert Bandura, este estudo visa investigar as relações entre as crenças de auto-eficácia matemática e o desempenho matemático em alunos do segundo ciclo do ensino fundamental em uma escola pública do município de Limeira - SP. Foram sujeitos da presente investigação, 122 alunos de terceira e quarta séries do ensino fundamental, sendo 63 sujeitos do gênero masculino e 59 do gênero feminino, com idade variando entre nove e treze anos. Os instrumentos utilizados foram aplicados coletivamente durante o período normal de aula. Foram usados: a) um Questionário de Auto-Eficácia Matemática, com treze questões de escala tipo Likert, com 5 pontos, que variavam de "nada confiante" a "totalmente confiante", b) uma Prova de Matemática direcionada aos conteúdos escolares das séries estudadas, de questões fechadas de múltipla escolha, com somente uma possibilidade de resposta, ou seja, somente uma alternativa correta, e) uma subescala, parte integrante de uma Escala de Auto-Eficácia, na qual eram apresentados os problemas de matemática presentes na prova, e os sujeitos eram solicitados a aferir o grau de confiança com que eles acreditavam que solucionariam o problema corretamente. Para o tratamento dos dados foi utilizada a medida da correlação de Pearson, sendo verificada uma relação positiva e significativa entre auto-eficácia e desempenho na prova de matemática, tanto quando a auto-eficácia foi avaliada através do Questionário de Auto-Eficácia ($r = .449$, $p = .000$) como quando foi avaliada através da subescala relativa aos problemas ($r = .432$, $p = .000$). Estes resultados estão de acordo com diversas pesquisas realizadas sobre o mesmo tema e também confirmam o papel preditivo desempenhado pelas crenças de auto-eficácia nos resultados alcançados pelos alunos, conforme hipotetizado pelo modelo teórico adotado.

Apoio Financeiro: FAPESP

Palavras-chave: Auto-eficácia; Desempenho em matemática; Variáveis afetivas.

ESC 45

AS ORIENTAÇÕES MOTIVACIONAIS E O CONHECIMENTO DE ALUNOS SOBRE A PROGRESSÃO CONTINUADA. *Edna Rosa Correia Neves** (Universidade Estadual de Campinas) e Evely Boruchovitch (Universidade Estadual de Campinas, Campinas - SP, Universidade São Francisco, Bragança Paulista - SP)*

Objetivando medidas de não-exclusão do aluno pelo sistema escolar tanto pela garantia de vagas como pela efetivação de uma aprendizagem bem sucedida, foi criado o regime de Progressão Continuada (LDB 9394/96). Essa medida altera o percurso escolar, permitindo que a organização escolar seriada seja substituída por um ou mais ciclos. Aquele que não vence ao final de um ciclo, exceto a última, apresenta um aproveitamento escolar insuficiente à classificação para a série seguinte acompanhado por um conjunto de medidas pedagógicas e de recuperação. O objetivo desse estudo foi investigar o conhecimento por parte dos alunos do ensino fundamental sobre a progressão continuada e explorar o impacto desta medida na orientação motivacional do aluno. Participaram desta pesquisa 80 alunos distribuídos na 2ª (40) e 4ª (40) séries de uma escola estadual de Campinas, com faixa etária de 6 a 14 anos, de ambos os sexos e nível socio econômico desfavorecido. Os dados foram coletados por meio de uma entrevista individual estruturada, com questões abertas, e mediante a apresentação de uma gravura com uma história envolvendo a motivação intrínseca e extrínseca e a progressão continuada. A questão formulada foi a seguinte: Nessa escola repete ou não de ano? Quais séries que repetem de ano? A estória foi a seguinte: "Lino estuda muito, mesmo sabendo que se não estudar não irá mais repetir de ano. Você acha que ele está certo? Sim ou Não? Porque?" As respostas dos alunos à estória foram estudadas por análise de conteúdo. No que diz respeito ao conhecimento dos alunos acerca da progressão continuada, verificou-se que 85,0% responderam que na escola, repete-se de ano. Sendo que 43,5% acreditam que em todas as séries, 26,3% não sabem em qual série, 21,3% confundiram as séries, 6,3% apenas uma série correta e 2,5% dos alunos responderam as séries corretas. Quanto aos resultados da estória, 90,8% responderam que o garoto da estória estava certo. A análise de conteúdo revelou a existência de 7 categorias de justificativas sobre o estudo. Oportunidade de Aprender Mais (39,4%), Para Evitar Repetência (16,3%), Inteligência/Esperteza (14,3%), Dever/Obrigação (11,2%), Para se Ter Uma Vida Melhor (8,2%). É Função da Escola/Repetovar/Repetir (6,1%) e Não é Importante/Não repete (1,1%). A prova do Qui-Quadrado revelou relações significativas entre o conhecimento por parte dos alunos à respeito da progressão continuada e série escolar. Observou-se que os alunos da 2ª e da 4ª série, desse estudo, conhecem pouco o sistema de progressão continuada. Todavia, alunos mais avançados na escolaridade demonstraram um conhecimento maior. Quanto à motivação para estudar mesmo sabendo que não irão repetir de ano, os alunos revelaram orientações motivacionais intrínsecas e extrínsecas, com o predomínio da intrínseca. Discute-se a importância de se aprofundar conhecimentos acerca do impacto da progressão continuada na motivação para aprender do aluno.

Projeto de Mestrado financiado pela CAPES
Projeto realizado sob a supervisão da Profª. Drª. Evely Boruchovitch.

Palavras-chave: Motivação; Progressão Continuada; Ensino Fundamental.

ESC 46

INDÚSTRIA CULTURAL E PSICANÁLISE: CONSIDERAÇÕES SOBRE A QUESTÃO DO PRAZER. *Mayra Rocha Valle** e Idéria Christina Justo Pereira** (Departamento de Psicologia da Educação, Unesp/Araraquara, SP)*

O presente trabalho visa pensar sobre o prazer em dois aspectos: enquanto produto da Indústria Cultural e enquanto objeto teórico da psicanálise. Pretende-se portanto, abarcar questões do prazer propiciado pela indústria do divertimento, e conceitos psicanalíticos relativos ao desenvolvimento psicossexual do indivíduo, tendo em vista as formas de pensamento primário e secundário que podem ser correlacionadas com os princípios do prazer e da realidade do funcionamento psíquico de Freud e a conceituação de Indústria Cultural. A idéia central é de que estes conceitos poderiam se aproximar freqüentemente em termos da linguagem muitas vezes adotada pela Indústria Cultural como estratégia para "vender seu produto" por meio da vivência do prazer. A análise da Indústria Cultural e seus veículos (meios de comunicação de massa, mídia, etc.) diante da questão prazer/alienação, pode ser realizada a partir de dois diferentes referenciais metodológicos: 1. a análise estrutural dos veículos da indústria cultural e as relações entre a natureza destes e os fenômenos de alienação ou revelação. Nesse caso, existem duas grandes vertentes teóricas, a de Karl Marx (pensou como pressuposto a idéia de que todo produto traz em si as marcas do sistema produtor que o engendrou e buscam analisar os conteúdos das mensagens, que nesses meios

da ideologia do capitalismo) e a de Marshall McLuhan (que vai analisar a Indústria Cultural não em termos de conteúdos, mas voltar-se-á para os meios, dizendo que estes são a mensagem) e 2. a análise pelo processo de significação, sem levar em conta o conteúdo ou a mensagem propagada, bem como, sem realizar a análise dita estrutural. Esta análise usa a semiótica como referencial metodológico. A metodologia adotada no presente trabalho de pesquisa é esta última, que relaciona proposições da semiótica e os produtos da Indústria cultural, na qual, o problema com a indústria cultural não é tanto o que ela diz ou não; não é tanto o fato de ser ela deste ou daquele modo, estruturalmente; nem o fato de ter surgido neste ou naquele sistema político social mas, sim, no modo como diz, utilizando-se basicamente, do signo indicial. Além disto, adotou-se conceitos psicanalíticos para se pensar sobre a questão do prazer. A conclusão que se chega é de que é possível, (por meio de conceitos de Adorno, Pierce e Freud) uma aproximação entre a linguagem característica do pensamento do processo primário e aquela utilizada pela Indústria Cultural. Esta última utiliza-se de símbolos relacionados a conteúdos arcaicos, ou seja, uma linguagem que mobiliza o lado infantilizado e regredido (conteúdos inconscientes, relacionados ao processo primário e ao princípio do prazer) das pessoas. Este tipo de mobilização faz com que o indivíduo procure uma forma de satisfação imediata, não permitindo que, como no processo secundário, a satisfação seja adiada e experiências mentais que põem à prova diferentes caminhos possíveis de satisfação sejam possíveis. A Indústria Cultural impõe "a forma", ou "o caminho", impedindo assim, o processo de transformação, de conhecimento e de escolha, essenciais ao desenvolvimento humano.

Apoio Financeiro: BOLSA FAPESP.
Palavras-chave: Semiótica, Processo primário; Processo secundário

*****

ESC 47

CONSTRUINDO O FUTURO: UM PROGRAMA DE INCENTIVO A ALUNOS DE BAIXA RENDA. *Zania Maria Diário** (Departamento de Psicologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba/PR)*

O Programa Bom Aluno, implantado na cidade de Curitiba há 3 anos, é composto por crianças de classe sócio-econômica baixa e com bons resultados escolares, originárias da rede pública. Mantém em caráter permanente 200 crianças, e seu objetivo geral é elevar a escolaridade desta população através do Programa de Desenvolvimento Pessoal e Hábito de Estudo, administrados por profissionais treinados e qualificados e do incentivo financeiro com o pagamento de mensalidades escolares e cursos e de inglês, informática, entre outros, ainda com o fornecimento de materiais didáticos e livros escolares. Os cursos de Desenvolvimento Pessoal e Hábito de Estudo são conduzidos através de dinâmicas de grupo e aulas expositivas. Estes cursos têm como objetivos específicos, desenvolver a visão do futuro, principalmente quanto ao exercício da cidadania; intensificar aspectos do processo de ensino aprendizagem, instalar o hábito de estudo e métodos sistemáticos de estudo, instalar o hábito de leitura, favorecendo também a interpretação e produção de texto; estimular o trabalho em equipe, trabalhar a construção de um sujeito ativo no processo de aprendizagem; desenvolver a capacidade de análise crítica e responsabilidade pessoal e social, possibilitar o crescimento do aluno nas formas de comunicação e expressão verbal e corporal (oratória, postura corporal, etc.); buscar a qualidade nas relações sociais, desenvolver estratégias de superação de obstáculos; despertar a busca do auto-conhecimento, favorecendo o desenvolvimento da autoconfiança e auto-estima, trabalhar aspectos relacionados com a adolescência, tais como: as mudanças, a sexualidade, as drogas, entre outros, bem como orientar os responsáveis do aluno para dar o apoio necessário e adequado ao sucesso de seu empenho e desempenho escolar. Este programa de intervenção tem proporcionado avanços significativos no desempenho e comportamento das crianças, propiciando uma habilidade social e educacional de maior funcionalidade que se estende a outros núcleos de relações da criança, tais como, a família, escola, amigos, entre outros que possam fazer parte do universo infantil. O Programa Bom Aluno tem atingido os seus resultados no que diz respeito ao aumento da escolarização com 100% de aprovação no vestibular durante os quatro anos em que o Programa está operando no nível superior de ensino. Neste contexto, o Programa também atende a uma necessidade maior que é a contribuição social com o país, que apresenta um baixo número de alunos que alcançam o nível superior. Esta iniciativa visa a contribuir na compreensão, recuperação e incentivo de alunos pobres no Brasil, para uma maior qualidade de vida destes estudantes e a suas famílias através da oportunidade de estudo.

Palavras-chave: Habilidades; Estudo; Desenvolvimento

*****

ESC 48

OBSTÁCULOS À CRIATIVIDADE PESSOAL ENTRE ESTUDANTES BRASILEIROS E MEXICANOS: UM ESTUDO COMPARATIVO. *Eunice Soriano de Alencar (Universidade Católica de Brasília, Brasília, DF), Denise de Souza Fleith (Universidade de Brasília, Brasília, DF), Albertina Mitjáns Martinez (Universidade Católica de Brasília, Brasília, DF) e Ramón Ferreiro Gravié (Universidad la Salle, Cidade do México, México)*

Há um reconhecimento crescente da importância da criatividade no atual cenário caracterizado por um ritmo acelerado de mudanças, complexidade e instabilidade. Apesar deste reconhecimento, observa-se que há diferentes obstáculos que impedem o desenvolvimento e expressão da capacidade de criar. Os estudos empíricos sobre este tema restringem-se, porém, especialmente às barreiras pessoais nas organizações, tendo sido desenvolvidos vários instrumentos para identificar tais barreiras no ambiente de trabalho. Com menor número de investigações tem sido as barreiras à expressão do potencial criativo. O presente estudo foi desenvolvido com o objetivo de investigar barreiras pessoais à criatividade entre estudantes universitários, visando identificar aquelas mais freqüentes e também possíveis diferenças entre estudantes brasileiros e mexicanos e do sexo masculino e feminino. Participaram do estudo 385 universitários brasileiros e 305 mexicanos. Para coleta de dados, utilizou-se o Inventário de Obstáculos à Criatividade Pessoal, desenvolvido e validado por Alencar (1999). Este instrumento, composto por 66 itens, focaliza quatro fatores que podem bloquear a expressão da criatividade pessoal, denominados: Inibição/Timidez; Falta de Tempo/Oportunidade; Repressão Social; e Falta de Motivação. Os resultados indicaram que a média mais alta foi observada no fator Falta de Tempo/Oportunidade, seguido por Inibição/timidez. Uma análise multivariada (MANOVA) 2 x 2 foi utilizada para investigar diferenças entre universitários brasileiros e mexicanos e do sexo masculino e feminino. Diferenças significativas foram observadas entre estudantes do Brasil e do México, e entre aqueles do sexo masculino e feminino. Estudantes mexicanos se referiram a fatores motivacionais como barreiras à sua criatividade pessoal mais do que universitários brasileiros. Por outro lado, universitários do sexo feminino se referiram a itens do fator denominado Inibição/Timidez mais frequentemente do que estudantes do sexo masculino. Os resultados apontaram várias barreiras à criatividade pessoal que são comuns entre universitários. Estes obstáculos devem ser conhecidos por aqueles que atuam na área educacional, para que os mesmos possam ajudar os universitários a serem menos suscetíveis a obstáculos que bloqueiam a sua criatividade pessoal.

Apoio à primeira autora: CNPq
Palavras-chave: Criatividade; Barreiras; Universitários

*****

ESC 49

A APRENDIZAGEM CONSTRUTIVISTA DA MULTIPLICAÇÃO/DIVISÃO DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL. *Ana Ruth Starepravo **, Maria Tereza Carneiro Soares e Maria Lucia Faria Moro (Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR)*

Este trabalho trata-se de um estudo de caso para examinar o processo de compreensão que alunos do ensino fundamental apresentam a respeito das estruturas multiplicativas conforme a teoria dos campos conceituais de Vergnaud. O objetivo do trabalho consiste em descrever e analisar os procedimentos pessoais de solução expressos nas notações de crianças de 3ª série diante de problemas envolvendo multiplicação/divisão, bem como o tipo de notação usada na resolução e a interpretação destas notações, por parte das crianças. Os quatro sujeitos desta pesquisa, com idades variando entre 9 e 13 anos, foram escolhidos aleatoriamente, sendo todos estudantes da mesma classe de 3ª série de uma escola pública de Curitiba. Foram-lhes apresentados, oralmente, com apoio em encartes de ofertas comerciais, 6 problemas envolvendo multiplicação e divisão. Estes problemas foram selecionados de acordo com a classificação dos diferentes subgrupos de problemas de estrutura multiplicativa apresentadas por Vergnaud, sendo que todos possuem uma estrutura que consiste de uma proporção direta entre duas medidas. Após solucionarem cada problema, os sujeitos eram solicitados a dar explicações sobre suas notações. Para isso foi usado o estilo de entrevista clínico-crítica criado por Piaget. Os dados coletados, registros em lápis/papel e expressões verbais, gravados em vídeo e transcritos em protocolos de entrevistas foram analisados qualitativamente. Apresentando os problemas oralmente, em uma conversa a partir de encartes de ofertas, constatamos que os procedimentos de solução apresentados pelos alunos foram, em sua maioria, diferentes dos procedimentos típicos ensinados na escola. Quando usaram os algoritmos escolares, os sujeitos recorreram freqüentemente à aplicação mecânica de regras, revelando a ausência de compreensão do valor posicional dos algarismos nos algoritmos convencionais. Os procedimentos foram diferenciados de acordo com o tipo de problema, sendo usados com maior freqüência os procedimentos do tipo aditivo (tanto nos problemas de divisão como de partição). Os problemas de multiplicação foram mais facilmente solucionados que os de divisão. Divisões com resto ou com quociente de valor decimal foram mais difíceis para nossos sujeitos, sobretudo por dificuldades de operar com números decimais. Foi significativa, ainda, a ocorrência de antecipações de solução, de variados tipos, feitas pelos sujeitos antes da produção da notação. Estas antecipações, provocadas ou não pelo entrevistador, foram usadas pelos sujeitos como controladores dos resultados. As interpretações que os sujeitos fizeram de suas notações, revelaram um conteúdo avaliativo, em geral, provocado pelo entrevistador. Nas interpretações deste tipo os sujeitos perceberam inadequações de procedimentos e/ou incorreções de resultados, procedendo a novas tentativas de solução. A discussão sublinha a relevância da elaboração de procedimentos pessoais de solução e a sua interpretação para a compreensão progressiva das

estruturas focalizadas, bem como a importância da exploração de antecipações de solução e do uso de estimativas.

O presente trabalho resulta das investigações relatadas em Dissertação de Mestrado (Sinepravo, 2001) realizado com bolsa da CAPES

Palavras-chave: Aprendizagem; Resolução de problemas; Procedimentos pessoais

ESC 50

A ESCOLARIZAÇÃO DA CRIANÇA SURDA: PARTICIPAÇÃO E OPINIÃO DAS MÃES SOBRE ESTE PROCESSO

Camila Deliatorre Borges, Lucia Beatriz Lopes Petroni. (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo, SP)

A família desempenha papel importante na promoção de suportes para a criança durante o processo de escolarização, e na educação especial uma ênfase maior na relação família-escola tem sido necessária. O conhecimento sobre a modalidade de ensino oferecida e o acompanhamento do aprendizado do filho (a) são fatores significativos que merecem atenção. Assim este trabalho teve como objetivo verificar qual a envolvimento das mães no processo de escolarização de seus filhos e suas percepções sobre o mesmo. Foram entrevistadas 10 mães de crianças deficientes auditivas, com idade entre 7 a 16 anos que frequentavam escolas em Ribeirão Preto. As entrevistas foram realizadas seguindo um roteiro semi-estruturado. Os dados foram analisados quantitativamente e qualitativamente. Em relação à escolha dos pais, 40% das mães possuem 1O grau incompleto, das crianças 40% encontram-se na faixa etária de 11 a 14 anos. 50% possuem perda profunda e 50% frequentam a classe especial. Os resultados demonstram a escolha de instituições escolares pelas mães está sendo norteada pela sugestão dos profissionais, contudo estes não foram bem explicar as características e objetivos de cada instituição. As mães avaliam o desempenho das professoras através de atributos pessoais. 80% delas sabem informar o desempenho acadêmico do filho, e 75% das crianças que recebem tarefas são auxiliadas pela mãe e/ou irmão. Quanto a sala de recurso, esta é valorizada como fonte de auxílio para a realização de atividades acadêmicas, suprimindo por vezes o trabalho que seria da família, entretanto alguns pais reconhecem que há uma sobrecarga para as crianças, pois estas permanecem os dois períodos (vespertino e matutino) na escola. A reunião de pais é frequentada por 70% das mães, sendo que para 2 delas não havia sido oferecida pela escola essa atividade. A reunião de pais é percebida como espaço para comunicação e resolução de problemas entre pais e professores. A não ocorrência da reunião é apontada negativamente, pois dificulta o acompanhamento do aprendizado da criança. Conclui-se que as mães acompanham as atividades relacionadas a escolarização do filho, tendo uma percepção positiva da reunião de pais, observando-se assim um dos recursos que auxiliam na interação família-escola. Quanto a sala de recursos, elas demonstram ter consciência do seu papel, sendo necessária a adoção da sobrecarga para a criança, pois este auxílio pedagógico mostra-se valoroso na escolarização desta clientela. A postura adotada pelos profissionais que indicam as instituições escolares dificulta uma escolha mais consciente dos pais quanto as modalidades educativas para a escolarização do filho. Fazendo-se necessário uma maior capacitação destes, para que estejam melhores preparados para orientar as famílias.

Palavras-chave: Educação Especial, Família, Surdez.

ESC 51

NOVAS PERSPECTIVAS ENTRE A PSICANÁLISE E A EDUCAÇÃO ESCOLAR

Maria Lúcia de Oliveira (Departamento de Psicologia da Educação, Universidade Estadual Paulista - Campus de Araraquara, São Paulo)

A pesquisa consiste em caracterizar a produção psicanalítica a partir de seus contatos com a educação escolar. Mais precisamente, trata-se de identificar o modo pelo qual a psicanálise tem sido inserida no âmbito educacional e a concepção de psicanálise que se aprende dessa inserção. Por intermédio da análise da produção brasileira das últimas três décadas de pesquisas, livros, artigos e de propostas de intervenção na escola, constata-se um marcante distanciamento da visão veiculada nas primeiras décadas do século XX, quando a psicanálise foi tomada, em sua aplicação na educação, como doutrina, psicoterapia ou visão de mundo. A criação das sociedades de psicanálise, enquanto instituições formadoras de pesquisa e difusão dos saberes acumulados sobre a psique, é uma marca nas relações entre psicanálise, educação e educação escolar. O avanço da investigação psicanalítica, com a evolução das teorias sobre a mente e a constituição do sujeito, possibilitou uma ampliação do conhecimento dos processos psíquicos envolvidos no fenômeno educacional e, ao mesmo tempo, uma crítica ao uso restritivo da psicanálise à psicoterapia. Somam-se a esses fatos, a ampliação da formação em psicanálise a profissionais não médicos, como fator de renovação da Psicanálise. Além disso, os dados da pesquisa mostram que as práticas curativas e profiláticas do ambiente escolar foram substituídas por uma visão ampliada da psicanálise enquanto método de investigação do psiquismo, marcado pela intersubjetividade. Nesse processo de recuperação metodológica, a psicanálise foi tomada como instrumento de elucidação do fenômeno educacional e revalorizada em sua potencialidade de crítica do conhecimento. A crescente inserção da psicanálise na escola, atesta essa compreensão renovada, o que, por sua vez, significa considerar a psique nos diversos campos do social. Por um lado, há uma tendência de valorização da psicanálise como disciplina que acumulou saberes sobre o fenômeno de humanização e que é, por isso, fundamental na formação do educador. Por outro, afirma-se como método de excelência na investigação do ser humano e suas relações, podendo ser ampliada, para além da situação clínica, como redescoberta da invenção freudiana. O ponto central da mudança de perspectiva da psicanálise, em relação à educação na atualidade, diz respeito ao privilégio do método (enquanto instrumento de elucidação e de apuração) sobre a teoria. Conclui-se que tanto a formação do educador, quanto as concepções mais correntes sobre a experiência educacional escolar podem passar por mudanças radicais se afetadas por contribuições da psicanálise e de psicanalistas que partilham dessas idéias. Essas contribuições, embora não necessariamente uniformes, contemplam o valor da intersubjetividade na construção do conhecimento e do autoconhecimento e por isso, talvez, propiciem entre a psicanálise e a educação, um futuro pautado por relações menos ortopédicas e mais criativas.

Palavras-chave: Educação escolar; Evolução histórica; Psicanálise

ESC 52

VALIDAÇÃO BRASILEIRA DE INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO DO ESTILO MOTIVACIONAL DE PROFESSORES (PROBLEMS IN SCHOOLS)

Sueli Edi Rufini Guimarães; José Aloyseo Bzuneck (Universidade Estadual de Londrina, Pr - Departamento de Educação); Evely Boruchovitch (Rheinau/Universidade São Francisco)

A qualidade da motivação no contexto de aprendizagem, as emoções e o desempenho dos alunos na escola são influenciados, em grande parte, pela qualidade do estilo instrucional dos professores. Entre as linhas de pesquisa mais produtivas na área da motivação salienta-se aquela que contempla a polarização da motivação intrínseca versus extrínseca, bem como as condições contextuais que favorecem ou prejudicam o desenvolvimento da motivação intrínseca e das formas mais autônomas da motivação extrínseca na escola. Estudos têm revelado que os professores apresentam diferentes estilos para ensinar e motivar seus alunos, que parecem manter-se estáveis ao longo de um ano letivo. Há professores que contam em um estilo relativamente controlador e, por isso, estabelecem para seus alunos formas específicas de comportamentos, sentimentos ou de pensamento, oferecendo incentivos extrínsecos ou antecipando certas consequências para aqueles que se apresentam do padrão esperado. Outros professores apoiam os interesses dos alunos e buscam alternativas para levá-los a valorizar a aprendizagem como tal. Este último grupo é reconhecido como tendo um estilo promotor de autonomia, porque busca fortalecer a auto-regulação autônoma de seus alunos e assim favorece a motivação intrínseca. De acordo com essa perspectiva, o estilo motivacional dos professores varia em um continuum que, numa ponta, se caracteriza por ser altamente controlador até o outro extremo em que aparece como altamente promotor de autonomia. O objetivo da presente pesquisa foi o de validar mediante análise fatorial um instrumento de avaliação desse estilo motivacional. O instrumento original data de 1981, denominado Problems in Schools (PS). São apresentadas oito vinhetas descrevendo problemas motivacionais de crianças na escola. Cada vinheta lista quatro maneiras diferentes de o professor responder ao problema. A cada vinheta, os entrevistados assinalam uma entre quatro respostas em uma escala Likert de 1 a 7 pontos. Cada opção de resposta representa um ponto no longo do continuum que vai de um estilo altamente controlador a um estilo altamente promotor de autonomia. O questionário foi cedido pelo autor principal, com a sua devida autorização para adaptação e utilização em pesquisas. Após tradução e back translation foi aplicado a uma amostra piloto e, após eventuais adaptações, foi aplicado a uma amostra de 445 professores da rede pública e particular do ensino fundamental de diversas cidades e estados brasileiros. Análise fatorial exploratória, através dos métodos de Componentes Principais e Eixos Principais, revelou três fatores com eigenvalue de 5,2; 2,6 e 1,5, respectivamente, que explicam 29,45 da variância dos dados. A análise de consistência interna das questões através do α de Cronbach foi de 0,77. Os resultados atestam a validade do emprego da escala em pesquisas, permanecendo discutível a repartição em quatro fatores, da proposta original.

Palavras-chave: Motivação intrínseca-extrínseca, Estilos motivacionais de professores

ESC 53

HABILIDADES SOCIAIS EDUCATIVAS: A PERSPECTIVA DO PROFESSOR

Mirella Lopes Martini[1] e Zilda Aparecida Pereira Del Prette (Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, USP - Ribeirão Preto, SP)

Objetivos: A condução do processo de ensino-aprendizagem requer o planejamento de interações entre educador, educandos e objeto-de-conhecimento. O professor, como agente e mediador destas interações em sala de aula, necessita tanto do domínio dos conteúdos específicos como de um conjunto de crenças e competências didático-pedagógicas que se influenciam reciprocamente e se articulam às ações pedagógicas. As habilidades sociais educativas são ações do professor intencionalmente voltadas para a promoção

da aprendizagem e do desenvolvimento do aluno. Este estudo teve como objetivo investigar como professores valorizam a importância de um conjunto de habilidades sociais educativas para a aprendizagem dos alunos. Material e Método: A amostra foi composta por 33 professores da 3a série do Ensino Fundamental de 9 escolas públicas de São Carlos. Os dados foram coletados através de um questionário composto por 60 itens que caracterizam um conjunto de habilidades sociais educativas agrupadas em classes mais gerais, tais como: habilidades de apresentação de atividades, habilidades de transmissão e avaliação dos conteúdos, habilidades de mediação de interações educativas entre os alunos e habilidades de promoção de comportamentos socialmente habilidosos. Os professores avaliaram, numa escala de zero a dez, a importância das habilidades sociais educativas para a aprendizagem dos alunos. As respostas foram computadas e submetidas à análise estatística descritiva. Resultados: A obtenção dos índices médios demonstrou que os professores avaliaram mais positivamente as habilidades de apresentação das atividades, transmissão e avaliação do conteúdo e as habilidades de promoção de comportamentos socialmente habilidosos, como ações importantes para a aprendizagem dos alunos. As habilidades de mediação de interações educativas entre os alunos foram menos valorizadas pelos professores. Conclusão: Embora, de modo geral, os professores avaliem positivamente as habilidades sociais educativas como ações facilitadoras da aprendizagem dos alunos, a mediação de interações sociais educativas entre os alunos, tão relevantes para a construção social do conhecimento e, portanto, para aprendizagem dos alunos, foram menos valorizadas. Os dados são discutidos em termos da importância de se verificar a relação entre as crenças do professor e sua prática pedagógica. Além disso, discute-se o significado desses resultados para a formação dos professores e para o encaminhamento de programas de Treinamento de Habilidades Sociais na escola.

Projeto financiado pela FAPESP - Processo número 00/06607-1
Palavras-chave: Habilidades Sociais Educativas, Aprendizagem; Formação de Professores

ESC 58

FORMAÇÃO DOCENTE: UM ESTUDO COM PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL E ESTUDANTES DE PEDAGOGIA. *Deborah Renária Barbosa (Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas/SP)*

A questão da preparação e formação docente tem sido objeto de estudos nas últimas décadas tanto no Brasil, como no panorama internacional. O presente trabalho objetivou discutir a formação do professor do ensino fundamental na atualidade brasileira a partir de um conjunto de conhecimentos sobre a prática de ensino na sala de aula. Foram participantes deste estudo 60 professoras do ensino fundamental e 68 estudantes do curso de Pedagogia. A amostra de docentes era composta, em sua maioria, por pessoas do sexo feminino, casadas, com idade entre 31 e 40 anos, experiência de mais de 11 anos de docência e pertencentes a duas escolas da cidade de Campinas/SP. A amostra de estudantes era predominantemente feminina, solteira e com idade entre 17 e 30 anos, tendo pouca experiência docente e pertencentes a diferentes classes envolvendo os quatro anos do curso de Pedagogia de duas universidades locais. Como material de pesquisa, foi realizada a tradução e adaptação de um instrumento norte-americano, da Série Praxis do ETS (Educational Testing Service), que enfoca conhecimentos do exercício da docência a partir de quatro domínios: Planejamento e Preparação; Ambiente de sala de aula; Ensino; e Responsabilidades Profissionais. A partir da adaptação, elaborou-se um questionário composto por 26 afirmações distribuídas entre os quatro domínios descritos, onde os sujeitos deveriam fornecer três julgamentos: se receberam ou não preparo em sua formação com relação a este conhecimento (Preparo Recebido), sobre a importância desse conhecimento para o exercício docente (Importância) e se este conteúdo expresso na afirmação deveria ser ensinado num curso para preparação de professores (Necessidades de Formação); além disso, qual a ênfase cada um dos domínios deveria receber num curso para docentes (Ênfase no Conteúdo). Também constavam perguntas para caracterização das amostras, opinião sobre a formação acadêmica que receberam e conselho sobre curso ideal para formação do professor. Os resultados indicaram a partir da análise das médias, desvios-padrão e porcentagens das respostas, que na opinião das duas amostras os conteúdos descritos nas afirmações fizeram parte da preparação acadêmica recebida (Preparo Recebido), eram importantes (Importância) e deveriam integrar um curso para formação docente (Necessidade de Formação). Também por meio dos cálculos das médias e uso do teste t2 (inter-grupo) verificou-se que os sujeitos de ambas amostras acreditam que a ênfase a ser dada a cada um dos domínios num programa de desenvolvimento para professores deveria ser a mesma. Na comparação dos resultados das duas amostras (inter-grupos), através do teste t (Student) constatou-se que estas têm concepções semelhantes sobre os itens enfocados. Além disso, elas entendem quanto ao curso de formação ideal para preparação docente que, na opinião de ambos, deve ser a graduação em Pedagogia, seguida da formação permanente de professores. Conclui-se que as afirmações do instrumento são bons indicadores dos conteúdos que estes sujeitos julgam ser relevantes para constar num curso para formação docente, e também que os mesmos acreditam que é preciso que o professor apoie sempre se atualizando e procurando realizar cursos como os de ensino superior, além de buscar um desenvolvimento permanente em sua formação.

Apoio: CNPq
Palavras-chave: Formação docente; Ensino fundamental; Psicologia escolar

ESC 85

CRENÇAS DE ALUNOS DE LICENCIATURA NA DISCIPLINA PSICOLOGIA EDUCACIONAL-APRENDIZAGEM SOBRE AS NECESSIDADES DOCENTES. *Marli Amélia Lucas Pereira** (Universidade Estadual de Campinas), Gilma Aparecida Pereira de Oliveira** (Universidade Estadual de Campinas / Universidade São Francisco), Eliana Maria Ferreira* (Universidade São Francisco), Roberto Gurgel Alli** (Universidade Estadual de Campinas)*

O interesse em examinar as crenças sobre necessidades docentes entre alunos de um curso de Licenciatura se sustenta na convicção de que é preciso apontar as lacunas de formação identificadas nestes cursos, de forma a contribuir para a reflexão sobre um domínio particular de análise destas necessidades educativas que são construídas pelas atividades de formação de professores, uma vez que é cada vez mais evidente a exigência que estas necessidades sejam convenientemente explicadas, objetivadas e, finalmente traduzidas em objetivos de formação. Estudos demonstram que os estudantes iniciam sua formação com idéias, conhecimentos e crenças assentadas, que afetam a forma como interpretam e assimilam a nova informação, neste sentido é necessário combinar os fatores específicos que afetam o processo de aprender a ensinar a fim de modificar as crenças e concepções mediante a reflexão. Objetivo: Investigar as crenças que alunos, de um curso de Licenciatura, na disciplina Psicologia Educacional-Aprendizagem, possuem sobre o que é necessário para ser docente. Material e procedimento: foi solicitado a 30 alunos, no final do semestre letivo na disciplina Psicologia Educacional-Aprendizagem, que completassem a frase "para ser docente é necessário..." Resultados: Pelas respostas obtidas percebe-se que os professores em formação entram no programa de formação com crenças pessoais a respeito do ensino e com estereótipos do que seja um bom professor. Nas crenças dos alunos da licenciatura sobre docência o que fica mais evidente é a questão do respeito à pluralidade (social e cognitiva), do domínio dos conteúdos a serem tratados, bem como sobre os conhecimentos de métodos e técnicas de ensino/aprendizagem. Poucos alunos fizeram menção sobre a necessidade de despertar o interesse do conteúdo a ser aprendido, ter compromisso com o processo educacional, ser um intermediário entre o conhecimento e o aluno e empenhar-se em pesquisar. Conclusão: Os resultados obtidos não permitem discutir detalhadamente as crenças dos alunos, futuros professores, sobre o que é ser docente, entretanto, é possível dizer que estes estudantes têm noção da importância dos aspectos que fazem parte da construção da docência, sendo preciso trabalhar outros conceitos importantes, como por exemplo a relação entre teoria e prática, a importância dos conhecimentos de psicologia para a formação do professor e acima de tudo a pesquisa como um princípio educativo. É preciso encontrar caminhos que levem o aluno - futuro professor, a conscientizarem-se da importância destes aspectos na sua formação, visto que as crenças afetam diretamente as ações, quer se admita consciente estas crenças, quer não.

** Mestranda em Psicologia Educacional pela Faculdade de Educação - UNICAMP. Integrante do PES - Grupo de Pesquisa Psicologia e Educação Superior
** Mestranda em Psicologia Educacional pela Faculdade de Educação - UNICAMP. Integrante do PES - Grupo de Pesquisa Psicologia e Educação Superior, Instrutora na Universidade São Francisco
* Instrutora na Universidade São Francisco
** Professores do departamento de Educação da UNICAMP, integrantes do PES - Grupo de Pesquisa Psicologia e Educação Superior.
Palavras-chave: Crenças; Formação de professores; Ensino de psicologia

ESC 94

CONCEPÇÃO DE APRENDIZAGEM DE ALUNOS DA DISCIPLINA PSICOLOGIA EDUCACIONAL-APRENDIZAGEM EM UM CURSO DE LICENCIATURA. *Marli Amélia Lucas Pereira** (Universidade Estadual de Campinas), Gilma Aparecida Pereira de Oliveira** (Universidade Estadual de Campinas / Universidade São Francisco), Eliana Maria Ferreira* (Universidade São Francisco), Roberto Gurgel Alli** (Universidade Estadual de Campinas)*

A Psicologia chega até os cursos de Licenciatura como uma das disciplinas responsáveis pelo embasamento teórico e está presente no currículo como uma disciplina pedagógica, visando subsidiar a atuação docente através do conhecimento sobre os processos de desenvolvimento e aprendizagem que constituem, tradicionalmente os temas mais enfocados no campo da Psicologia da Educação. Para que se possa auxiliar o futuro professor a construir sua própria concepção sobre como se dá a aprendizagem torna-se necessário inicialmente a pensar sobre sua concepção do aprender. A importância de entender a concepção de alunos de um curso de Licenciatura, na disciplina Psicologia Educacional-Aprendizagem, sobre o que é aprender, se refere não

apenas as opiniões destes alunos sobre algo, mas também das suas operações e seu poder de construção do real, sobre os valores e as idéias compartilhadas pelo grupo. Objetivo: investigar as concepções de alunos da disciplina Psicologia Educacional-Aprendizagem em um curso de Licenciatura sobre o que é aprender. Material e procedimento: foi solicitado a 32 alunos da disciplina Psicologia Educacional-Aprendizagem, ao final do semestre letivo, que completassem a frase: "aprendemos quando ...". Resultados: Pelas respostas obtidas percebe-se que na concepção dos alunos de licenciatura sobre aprendizagem o que fica mais evidente é a questão do interesse, ou seja, o estudante entende que a aprendizagem é realizada quando o interesse é despertado e mais, que para que esta aprendizagem ocorra é importante aliar a teoria com a prática estabelecendo assim a reconstrução do conhecimento. Poucos alunos fizeram menção sobre a necessidade da participação no processo de aprendizagem e da importância do conhecimento das suas dificuldades e possível superação. Conclusão: Pelos resultados obtidos é possível dizer que estes estudantes têm consciência da importância dos aspectos que fazem parte da construção da aprendizagem e esta concepção sobre o aprender parece situar as contribuições da psicologia como fontes importantes para instrumentalizar as ações do futuro docente sobre as várias maneiras de lidar com esta questão. Através dos depoimentos dos alunos acreditamos que as situações de aprendizagem não devem afastar-se da realidade, envolvendo discussões sobre o cotidiano escolar. As situações concretas do processo de aprender contribuem não apenas para formação profissional do futuro professor, mas também para sua formação pessoal envolvida na apropriação do conhecimento, de habilidades, que são indispensáveis para sua atuação como profissional da educação.

** Mestranda em Psicologia Educacional pela Faculdade de Educação - UNICAMP, integrante do PES - Grupo de Pesquisa Psicologia e Educação Superior.

** Mestranda em Psicologia Educacional pela Faculdade de Educação - UNICAMP, integrante do PES - Grupo de Pesquisa Psicologia e Educação Superior. Instrutora na Universidade São Francisco.

* Instrutora na Universidade São Francisco.

** Professora do departamento de Educação da UNICAMP, integrante do PES - Grupo de Pesquisa Psicologia e Educação Superior.

Palavras-chave: Aprendizagem; ensino de psicologia; Licenciatura.

****

ESC 57

ERROS ESPECÍFICOS NA ESCRITA E SUA CORRELAÇÃO COM O DESEMPENHO PSICOMOTOR**. *Valéria Queiroz Furtado e Gislene de Campos Oliveira (Gepesp, Unicamp, Campinas-SP)*

Tem-se constatado que embora os estudiosos ressaltem a importância do desenvolvimento psicomotor para a aprendizagem da leitura e escrita pouco tem sido feito em benefício de uma educação que estimule o desenvolvimento das habilidades psicomotoras. Levando em consideração estes aspectos esta pesquisa teve como objetivo avaliar o desempenho psicomotor de crianças ingressantes da primeira série do primeiro grau, e posteriormente compará-lo com o desempenho obtido ao final do ano letivo, e os tipos de erros mais freqüentes na escrita. A fim de atingir os propósitos da pesquisa foram avaliados 24 sujeitos de uma escola estadual de Londrina-PR com idade entre 6 e 7 anos de idade, sendo 13 do sexo feminino e 11do sexo masculino. Utilizaram-se os seguintes instrumentos: exame psicomotor, proposto por Oliveira (1996) e a avaliação da escrita elaborada por Carraher (1984). O exame psicomotor foi aplicado no início e final do ano letivo, enquanto a avaliação da escrita foi aplicada no final do ano. Constatou-se que os sujeitos que obtiveram um alto nível psicomotor na primeira avaliação, também o demonstraram na segunda. No entanto, os sujeitos que apresentaram baixo nível psicomotor na primeira avaliação, embora tenham obtido uma melhora, esta não foi suficiente para que alcançassem o desempenho esperado para sua idade, ou se aproximassem do desempenho obtido pelas demais crianças. Posteriormente, dividiu-se o grupo de sujeitos em 3 subgrupos, de acordo com o desempenho obtido na escrita, usando os quartis como intervalos: grupo fraco, regular e forte. Foram comparados especificamente os grupos forte e fraco a fim de observar a relação entre desempenho psicomotor e escrita. Os resultados apontaram que os sujeitos do grupo fraco obtiveram baixo desempenho na avaliação psicomotora, tanto no início como no final do ano letivo. O grupo forte, por sua vez, obteve bom desempenho tanto na avaliação psicomotora do início como final do ano letivo. Dentre os erros mais comuns apresentados na escrita podemos citar: repetição de sílabas ou palavras, substituição de palavras ou sílabas, inversões de letras, sílabas ou palavras, omissões de letras ou palavras, confusão de letras, ilegibilidade na escrita, acentuação/ortografia, troca e acréscimo de letras. Embora se espere alguns destes erros ao se tratar de crianças em início de alfabetização, foi possível constatar uma diferença significativa entre o número de erros apresentados pelos sujeitos do grupo forte (106) em relação ao número de erros do grupo fraco (613). Traçando um paralelo entre os erros demonstrados na escrita e desempenho psicomotor obtido pelos sujeitos foi possível fazer correlações entre essas variáveis, ressaltando desta forma a importância de um trabalho mais efetivo que possibilite o desenvolvimento psicomotor destas crianças antes do ingresso na primeira série.

Apoio financeiro: Fapesp.

Palavras-chave: Desenvolvimento Psicomotor; Psicomotricidade; Escrita.

****

ESC 58

ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO. *Maria Elizabete Compagnolo Ariel**, *Cecília Margo Maudio**, *Ana Cláudia Buchow** e *Leila Rezende*** *(Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUCCAMP, Campinas, São Paulo)*

As tentativas de categorizar e medir estratégias de aprendizagem que os estudantes utilizam têm sido muitas e variadas. A teoria da auto-regulação focaliza atenção no por que e no como os estudantes controlam sua própria aprendizagem. O "como" da aprendizagem auto-regulada pode ser visto em termos de estratégias específicas utilizadas pelos estudantes e como eles comprometem-se com a tarefa de aprender. Verificar as estratégias de aprendizagem utilizadas na solução de problemas do cotidiano escolar por alunos do Ensino Médio, dos sistemas público e privado constituiu-se o objetivo da presente pesquisa. Foram sujeitos 90 alunos da terceira série do Ensino Médio, pertencentes à faixa etária entre 17 e 25 anos de duas escolas, uma do sistema público e outra do privado, situadas em municípios diferentes do Estado de São Paulo, mas com características semelhantes em tamanho e importância econômica. Como instrumento de coleta de dados foi utilizado o questionário para identificação de estratégias de aprendizagem, composto por 10 questões abertas cujas respostas foram categorizadas por referencial semântico. As estratégias apontadas como mais utilizadas foram: entre os alunos da escola do sistema público Pesquisando e memorizando (32,2%), Procurando ajuda do outro (14,3%) e Conseqüências próprias (13,6%); entre os alunos da escola do sistema privado Procurando ajuda do outro (26,8%), Pesquisando e memorizando (16,1%) e Organizando e transformando (16%). As estratégias apontadas como menos utilizadas foram: entre os alunos da escola do sistema público Auto-avaliação (0,7%), Revisando anotações (1,9%) e Organizando e transformando (4,6%); entre os alunos da escola do sistema privado Revisando anotações (2,7%), Ajustando e monitorando anotações (2,1%) e Auto-avaliação (0,2%). Os resultados obtidos indicam que para os dois grupos, a aprendizagem ocorre mais em função de fatores mediadores e externos do que pelo desenvolvimento e crescimento pessoal, sendo o meio ambiente apontado como elemento facilitador, interferindo na condição psicológica e nos resultados alcançados na aprendizagem. Os estudantes da escola pública apoiam-se mais nas situações do cotidiano da sala de aula e em suas anotações pessoais, buscando na memorização o caminho para o sucesso em seus estudos. Os estudantes da escola privada dispõem de uma variedade maior de recursos como pesquisas em bibliotecas, internet, plantões de dúvidas. As estratégias mais utilizadas tanto pelos alunos da escola do sistema privado como do público, dizem respeito a pesquisar, memorizar e procurar assistência junto ao outro. Assim, evidenciamos a necessidade do educador atentar para a orientação dos estudantes quanto à utilização de outras estratégias, buscando em si mesmo e em suas próprias experiências, os indicadores dos bons auto-reguladores de aprendizagem como meios a alcançar um controle da auto-eficácia de uma aprendizagem mais significativa.

Palavras-chave: Estratégias; Aprendizagem; Estudantes de ensino médio.

****

ESC 59

A PERCEPÇÃO DE UNIVERSITÁRIOS QUANTO À UTILIZAÇÃO DE NOVAS TECNOLOGIAS NO ENSINO SUPERIOR. *Débora Dalbosco Dell'Aglio, Daniel Bock Kirstmann*, Simone Bicca Charczuk* e Tatiana Guimarães Jacques (Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS – São Leopoldo, RS)*

O uso da informática e da educação à distância têm ocupado um espaço cada vez maior na área da educação, especialmente nas universidades, exigindo uma grande adaptação e uma atualização constante por parte de toda comunidade universitária. A Universidade, como produtora de conhecimento e com o compromisso de atender às demandas sociais, através de ensino e pesquisa, necessita conhecer como está se dando a utilização de novos recursos pelos alunos e suas percepções quanto às repercussões da tecnologia nos processos de ensino-aprendizagem, para que possa lidar com os novos desafios de uma forma mais adequada. Por isso, o objetivo deste estudo foi investigar as percepções de alunos quanto à utilização de novas tecnologias na educação superior. Participaram deste estudo 206 alunos, de ambos os sexos, dos cursos de Biologia, Nutrição, Enfermagem, Psicologia e Educação Física da UNISINOS (média de idade=23,7; d.p.=5,6). Foi utilizado um questionário com questões abertas e fechadas, aplicado de forma coletiva. Através dos dados levantados pode-se observar que 92,6% destes alunos utilizam a Internet para a realização de trabalhos acadêmicos ou profissionais, 74,5% utilizam e-mail, 32,5% fazem pesquisas através do COMUT, 17,9% participam de fóruns ou listas de discussão, e 10% já participaram da construção de home-pages. Do total de alunos, 36,5% responderam perceber incentivos por parte da universidade às novas tecnologias no ensino, através da utilização de diferentes tecnologias em sala de aula, home-pages das disciplinas, listas de discussão, disponibilização de laboratórios de informática para os alunos e utilização de canais para comunicação entre alunos e professores e entre alunos. Quanto às percepções da utilização das novas tecnologias no processo ensino/aprendizagem, foi realizada uma análise de conteúdo das respostas

apresentadas pelos alunos, chegando-se às seguintes categorias: traz mais facilidade e rapidez ao processo (24,5%), permite uma diversificação das aulas tornando-as mais interessantes e motivadoras (21,4%), possibilita uma atualização constante (20,4%), colabora no processo de aprendizagem favorecendo a ampliação do conhecimento (15,5%), permite um maior acesso a informações (11,1%). Houve ainda referências à forma de utilização dos recursos, destacando que a tecnologia pode colaborar mas depende de como é utilizada, pois deve ser apenas uma ferramenta e não substituir as aulas. Desta forma, pode-se concluir que a utilização de novas tecnologias já faz parte da vida acadêmica nesta universidade, e é vista pelos estudantes de uma forma bastante positiva, se constituindo numa ferramenta de apoio ao processo de ensino/aprendizagem e como forma de preparação para acompanhar o processo de globalização e o mercado de trabalho.

Palavras-chave: Tecnologia, Educação, Processo ensino/aprendizagem

****

ESC 60

ENTENDENDO AS RELAÇÕES ENTRE ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM E A ANSIEDADE. *Elis Regina da Costa* (Universidade Estadual de Campinas) e Evely Boruchovitch (Universidade Estadual de Campinas, Universidade São Francisco)*

Considerando que um bom desempenho escolar envolve o uso eficiente de estratégias de aprendizagem e o controle de variáveis psicológicas do aluno, esta pesquisa teve como objetivo verificar relações entre o uso de estratégias de aprendizagem e a ansiedade de alunos do ensino fundamental. A amostra foi composta de 156 alunos de 2a., 4a., 6a. e 8a séries de uma escola pública de Campinas, de ambos os sexos e de nível sócio econômico baixo. Os dados sobre estratégias de aprendizagem foram coletados por meio de uma entrevista individual estruturada, traduzida e adaptada do Self-regulated Learning Interview schedule, na qual constavam 16 perguntas. As informações sobre ansiedade foram obtidas por meio do Inventário de Ansiedade Traço-Estado - IDATE, forma infantil. As estratégias de aprendizagem foram analisadas quanto a: a) utilização ou não na situação proposta, b) quanto ao tipo: se simples ou complexas, se apropriadas ou inapropriadas e se cognitivas ou metacognitivas. Os resultados da ANOVA revelaram diferenças significativas entre a ansiedade de alguns alunos e as estratégias de aprendizagem (administração de tempo, auto-motivação, estruturação do ambiente de estudo), a utilização de estratégias de aprendizagem na situação proposta, bem como os tipos de estratégias mencionadas pelos sujeitos. Os dados parecem mostrar que a tendência para experimentar ansiedade na vida escolar pode afetar a utilização ou não de estratégias de aprendizagem nas atividades de estudo e aprendizagem na escola e em casa. De maneira específica, ao contrário do que se poderia esperar, alunos que mencionaram usar estratégias mais complexas para organizar o ambiente e para se motivar, apresentaram níveis de ansiedade traço e estado ligeiramente mais elevados do que os demais. É possível que maiores níveis de ansiedade traço e estado estejam propiciando uma maior motivação e promovendo uma melhor disposição para agir no sentido de estruturar o ambiente físico de forma mais apropriada. É essencial que futuras pesquisas sejam conduzidas no sentido de aprofundar o conhecimento, não só sobre a relação entre o uso de estratégias de aprendizagem e as variáveis afetivas, como a ansiedade, mas também sobre o real impacto da ansiedade no rendimento escolar.

Projeto financiado pela FAPESP (98/10615 - 0)

Projeto realizado sob a supervisão da Profa Dra Evely Boruchovitch, Faculdade de Educação, Departamento de Psicologia Educacional da UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas)

Palavras-chave: Estratégias de aprendizagem; Ansiedade, Ensino fundamental

****

ESC 61

DESENVOLVIMENTO DE PROFESSORES PRÁTICO-REFLEXIVOS: UMA CONTRIBUIÇÃO DA PSICOLOGIA PARA A EDUCAÇÃO. *Cassia de Almeida Pimentel* e Ana Maria Falcão de Aragão Sadalla (Pontifícia Universidade Católica de Campinas - Campinas, SP)*

A preocupação com a formação de professores vem aumentando nos últimos anos, à medida que as pesquisas apontam que as práticas pedagógicas são, em parte, determinadas pelas idéias que os professores têm acerca desta prática, assim, as crenças interferem nas escolhas pedagógicas, que interferem nas práticas cotidianas, que influenciam, por sua vez, as crenças. Associado a isso, a mudança de enfoque de um professor exclusivamente cumpridor de tarefas, para aquele que toma sua própria ação e reflete sobre ela, ou seja, um professor prático-reflexivo, mostra a importância de se trabalhar com o desenvolvimento profissional destes docentes. Partindo desses pressupostos, o presente trabalho relata a atuação de estágio supervisionado em Psicologia Escolar, através da PUC-Campinas, em uma escola pública municipal, que vem sendo realizado desde 1999. Atualmente, as reuniões com esses professores ocorrem semanalmente, com duração de 50 minutos, onde são discutidos assuntos trazidos pelos próprios professores, buscando sempre contribuir com o olhar da Psicologia Escolar. Os encontros são áudio-gravados, e, em seguida transcritos, buscando oferecer aos professores, na reunião seguinte, a possibilidade de melhor compreensão de suas crenças e teorias. Os temas discutidos são: a importância da relação professor-aluno no processo de ensino-aprendizagem; métodos de avaliação do desempenho escolar; violência e agressividade; indisciplina na sala de aula; processo de inclusão (escola de qualidade para todos); relacionamento família-escola; aspectos envolvidos na profissão, como dificuldades, (des)valorização do professor enquanto profissional e, conseqüentemente, enquanto pessoa; aspectos ideológicos da prática educacional; e também a troca de experiências positivas, das esperanças, das conquistas, dos sentimentos que, apesar dos inúmeros obstáculos, mantêm nesses professores a crença positiva na Educação. O objetivo deste trabalho junto ao grupo de professores é proporcionar um espaço de reflexão sobre a prática docente, utilizando estratégias previamente elaboradas que deflagram discussões sobre situações, sentimentos, atitudes e crenças relacionadas a essa prática. Partindo disto, momentos de reflexão sobre a experiência destes professores, contribui para uma melhor compreensão e melhoria do ensino, os auxiliando nas discussões e reflexões, oferecendo um espaço de troca de experiências, angústias, dificuldades, capacidades e sucessos, proporcionando a compreensão de algumas situações em sala de aula e a autonomia para tomar atitudes adequadas perante elas. Busca-se, assim, teorizar o respeito do que tem sido enfocado, o que propicia a formação prático-reflexiva desses profissionais. Desde o início do trabalho nesta escola, a ação do psicólogo vem sendo reconhecida por professores, funcionários, diretores, alunos e pais, como uma prática integrante da escola. Assim, a atuação do psicólogo, neste contexto, tem grande importância, considerando o aspecto afetivo do processo de ensino-aprendizagem como determinante e indispensável para a prática educacional. A partir do pressuposto que a prática de ensino-aprendizagem é um processo de mútua influência, e sendo assim, não ocorre separadamente, o psicólogo escolar tem a responsabilidade de garantir um espaço de reflexão sobre os aspectos afetivo-emocionais envolvidos nesta prática, sendo também um recurso capaz de ajudar a aumentar a qualidade e a eficácia do processo educacional.

Palavras-chave: Psicologia Escolar; Professor Prático-Reflexivo; Formação de Professores

****

ESC 62

A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NO PROCESSO DE REABILITAÇÃO SEGUNDO A PERCEPÇÃO DE ADULTOS CEGOS REABILITADOS. *João Roberto Franco e Tárcia Regina da Silveira Dias (Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, Programa de Pós-Graduação em Educação Especial - PPGEEs)*

O processo de reabilitação consiste num conjunto de medidas de natureza médica, social, educativa e profissional, caracterizando-se pela prestação de serviços especializados destinados a preparar ou reintegrar o indivíduo à sociedade com o objetivo de fazê-lo alcançar o maior nível de sua capacidade ou potencialidade.

A reabilitação é uma reorganização total de um indivíduo diante da complexidade decorrente da deficiência. Esta reorganização implica em uma readaptação física, psicológica, social e profissional de um indivíduo como um todo.

Este estudo buscou contribuir para a área de reabilitação de pessoas com deficiência visual, principalmente no que se refere à atuação do profissional de psicologia.

As funções do psicólogo no processo de reabilitação de pessoas com deficiência visual têm se caracterizado principalmente pela coordenação de grupos de discussão com a equipe de reabilitação, o treinamento de pessoal auxiliar, orientação aos pais e professores, a avaliação diagnóstica e o aconselhamento.

O objetivo deste estudo foi o de investigar como pessoas cegas adultas adquiridas e reabilitadas, avaliavam a atuação do psicólogo durante o seu processo de reabilitação.

Os participantes foram oito pessoas cegas, com idades entre 27 e 63 anos que perderam a visão na idade adulta, entre 17 e 60 anos, e que haviam concluído um processo de reabilitação.

Entrevistas individuais e sucessivas foram empregadas na coleta de dados. As entrevistas foram realizadas nas casas e nos locais de trabalho dos participantes, em locais reservados, não sujeito a interferência de outras pessoas.

A partir dos relatos, foi possível perceber a importância dada à atuação do psicólogo no processo de reabilitação de pessoas cegas. Todos os entrevistados consideraram fundamental a atuação do psicólogo, embora nem todos tenham considerado tal atuação como satisfatória, principalmente quando o seu nível de expectativa era alto. De acordo com os depoimentos, quanto mais adequada for a intervenção do psicólogo, maior a importância atribuída a este profissional.

Concluindo, o estudo apontou para a importância de se repensar a atuação do psicólogo durante o processo de reabilitação de pessoas cegas, de maneira a assegurar maior envolvimento dessas pessoas no direcionamento do seu processo de reabilitação e maior compreensão sobre o que os mesmos esperam desse processo, garantindo, conseqüentemente, uma melhor qualidade de atendimento.

Pesquisa financiada pela FAPESP

Palavras-chave

****

ESC 63

O LUGAR DO BRINCAR NA PRÁTICA INSTITUCIONAL: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO COM EDUCADORAS INFANTIS. *Célia Vectore (Faculdade de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG)*

A pesquisa sobre o brincar e as mais possíveis contribuições para o desenvolvimento e aprendizagem do homem têm mobilizado esforços dos mais diversos estudiosos e produzido uma ampla literatura internacional e nacional, quanto à pertinência de sua utilização em diferentes contextos educativos. Assim, o objetivo deste trabalho foi verificar as concepções de educadoras infantis acerca do brincar e o seu uso na prática pedagógica. Participaram dez educadoras que trabalham com crianças de cinco a seis anos, oriundas de cinco instituições públicas de uma cidade no interior de Minas Gerais. As idades das educadoras variaram de 24 a 50 anos. Em relação à formação profissional apenas duas educadoras possuíam cursos de especialização na área. O tempo de trabalho das educadoras em instituições infantis variou de 4 a 19 anos, sendo a maior concentração em torno dos 5 anos. O material utilizado para a coleta de dados foi um questionário semi-estruturado, solicitando as seguintes informações: Dados sobre a instituição. Dados pessoais das educadoras (idade; formação escolar e profissional, tempo de trabalho em instituições infantis e na atual função, razões pela escolha da profissão, vantagens e problemas percebidos na profissão). Dados sobre a prática educativa em relação ao brincar, como: a importância atribuída ao brincar da criança; a utilização de brinquedos nas atividades, a organização dos espaços para brincar; a utilização do brinquedo livre, a dificuldade ou não em trabalhar com o brincar infantil; a participação do educador nas atividades de brincadeira das crianças. Os resultados relativos às respostas dadas pelas educadoras foram categorizados, chamando atenção os seguintes aspectos: apenas uma educadora cita fatores ligados à profissionalização, na determinação de sua escolha profissional; as demais, não escolheram deliberadamente, e sim foram absorvidas por um mercado não exigente de qualificações. 30% das educadoras não utilizam recursos lúdicos e apontam os seguintes motivos: inexistência de brinquedos bem conservados na creche, inexistência de doações impossibilitando a montagem de uma caixa de brinquedos, cobrança dos pais por tarefas de alfabetização. Estas respostas referem duas problemáticas, as quais pela literatura já se supunham superadas, isto é, o desconhecimento de que o lúdico não se prende apenas ao objeto material, concreto, sofisticado, industrializado, estando presente nos jogos, nas parlendas, no faz-de-conta etc e também, a questão da alfabetização precoce, ainda colocada como função primeira da pré-escola, exercida através do controle rígido do corpo infantil. A quase totalidade das respondentes utiliza a sala de aula para as brincadeiras, sem o planejamento dos espaços lúdicos. Outro dado interessante é a constatação da dificuldade das educadoras em lidar com as brincadeiras infantis, ou seja, 4 em cada 10 não se sentem à vontade em vivenciar situações ligadas à representação do real, o que sugere a necessidade de investimentos na formação holística de tais profissionais, integrando aspectos cognitivos e afetivos, uma vez que o simples conhecimento teórico sobre a importância do brincar não tem garantido a adequada utilização do recurso. Tal estudo propiciou a elaboração de um programa de formação continuada para educadores visando a promoção de uma educação infantil de qualidade.

Apoio: CAPES

Palavras-chave: Brinquedo; Educadoras; Instituição infantil

****

ESC 64

CONTRIBUIÇÕES DE INTERVENÇÕES EDUCATIVAS JUNTO A CRIANÇAS E ADOLESCENTES À FORMAÇÃO PROFISSIONAL DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS: ANÁLISE DE RELATÓRIOS DE ATUAÇÃO NO PROJETO BEM-ME-QUER. *Ângela Maria de Oliveira Almeida, Joanna Mendes de Mello*, Juliana Moreira Telles* (Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento, Laboratório de Psicologia Escolar, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília - DF)*

A violência doméstica tornou-se preocupação social principalmente pelo agravamento do quadro de abuso, físico e psicológico, contra crianças e adolescentes. Somente pesquisas que têm como foco essa temática podem conhecer melhor o fenômeno, pelo acesso diferenciado às crianças e suas famílias daquele que instituições públicas têm conseguido diante das queixas de violência familiar a que têm acesso. A violência é alimentada pela desigualdade social, valores e práticas autoritárias em diversos setores da sociedade e órgãos estatais e pela impunidade. O Projeto Bem-me-quer nasceu acreditando que somente uma prática que promovesse a mudança de percepção de "vitimizado" para "cidadão" possibilitaria que tais indivíduos modificassem a relação estabelecida com a realidade, podendo atuar como cidadãos no meio em que vivem. As oficinas do projeto eram destinadas a crianças e adolescentes entre 7 e 14 anos. Mestres, profissionais e estudantes universitários foram organizados em duplas de trabalho que assumiam as oficinas e apoio terapêutico (estudantes ou profissionais de Psicologia). A prática levou-nos a uma orientação que visamos aqui analisar. Nos propomos a uma reflexão acerca da visão que programas institucionais têm de tais crianças e adolescentes, tomando como ponto de partida os relatórios finais dos oficineiros não-psicólogos participantes do Projeto Bem-me-quer. Utilizou-se o Software Alceste (versão 4.5), que conforme os eixos de estruturação dos relatórios no contexto de similaridade entre palavras que aparecem no discurso dos instrutores, sendo identificados agrupamentos de idéias. O trabalho do pesquisador consiste em interpretação para reconstituição do sentido nas relações entre as classes identificadas. Intenta-se, portanto, reconstrução do discurso coletivo dos instrutores. Observamos quatro classes de palavras que se relacionam em dois blocos, em relação de oposição. Denominamos um deles "criança", no qual se trata da inserção da criança ou adolescente nas oficinas e a direção de suas ações. O outro, "ação do instrutor", se refere à descrição técnica das oficinas e ao relato da inserção do próprio instrutor no projeto. Pode-se observar a concepção de que, enquanto o aluno aparece como inserido na oficina, o instrutor se coloca como inserido no Projeto Bem-me-quer. A visão do instrutor, centrada na descrição técnica das oficinas e na sua inserção leva a pensar a formação profissional desse educador que se coloca menos implicado com a criança que com sua própria prática. Discutiremos como o Projeto Bem-me-quer e experiências afins colaboram para a execução das diretrizes curriculares vigentes. Este trabalho traz contribuições à Análise de dados, conquanto discute-se o uso do programa Alceste como instrumento de pesquisa de discurso. Aborda-se, ainda, como essas crianças e adolescentes são tratados por projetos tais como o Bem-me-quer e como esses projetos participam da formação profissional dos estudantes universitários.

Palavras-chave: Instrutor; Formação profissional; Discurso

****

ESC 65

CRENÇAS DE UM GRUPO DE PROFESSORES SOBRE A INCLUSÃO DA CRIANÇA ESPECIAL NA ESCOLA REGULAR. *Claudia Araújo da Cunha e Andréa Alves Coutinho* (Faculdade de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG)*

A inclusão da criança especial tem sido um tema amplamente debatido no âmbito nacional e internacional. A sociedade, a família e a escola exercem o papel de discutir e elaborar uma nova realidade para o portador de necessidades especiais. Nesse contexto, o professor é capaz de criar condições propícias ao processo de aceitação e inserção destas crianças no meio social vigente. Sendo assim, foi objeto deste estudo analisar a situação atual da inclusão da criança especial na escola regular, discutindo as crenças de um grupo de professores. Participaram deste estudo 10 professores de uma escola particular que atende crianças com necessidades especiais, indo do maternal até a quarta série do ensino fundamental, na cidade de Uberlândia-MG. Um questionário, composto de quatro perguntas, foi entregue aos professores, que levaram em média de 30 minutos para respondê-lo. As perguntas foram as seguintes: 1-Cite duas características que uma escola deveria ter para receber crianças especiais; 2 a- Conte uma situação difícil que você vivenciou com crianças especiais na escola; 2 b- Relate uma situação em que houve interação entre criança especial/colegas/professor de forma satisfatória; 3- Enumere dois aspectos que revelam como se dá a participação dos pais de crianças especiais na escola e 4- Você acredita que todo professor independente de trabalhar com crianças especiais, teria de ter na sua formação acadêmica disciplinas voltadas para a educação especial. Explique. Em cada questão foram agrupadas respostas por semelhança, criando-se, então, categorias com o intuito de resumir o material coletado. Foram considerados como unidade de análise o número total de respostas e não de participantes. Os resultados demonstraram que na primeira questão, a maioria (n=9) respondeu que uma escola deveria privilegiar a capacitação de professores e 6 professores responderam que o espaço físico apropriado e os equipamentos adaptados são essenciais para o dia-a-dia da criança especial. Com relação à segunda questão, 4 professores externalizaram o sentimento seguido de insegurança/medo de machucar a criança especial e 3 professores relataram situações em que presenciaram uma crise convulsiva. Quanto ao relato de uma situação em que houve interação da criança especial com os demais de forma satisfatória, as respostas evidenciaram que a maioria (n=7) relatou experiências cotidianas de interação social, especialmente nas práticas pedagógicas e brincadeiras desenvolvidas. Na terceira questão, a maioria (n=8) revelou que os pais participam de reuniões e palestras bem como de eventos comemorativos. Na quarta e última questão, as respostas foram 100% afirmativas. As justificativas referiram-se a trabalhar melhor com classes heterogêneas (n=5) e adquirir conhecimento sobre a criança especial (n=4). Conclui-se que os professores estão preocupados com relação à demanda da criança especial. Isso pode ser constatado, quando citaram, por vezes, informações relacionadas à capacitação e formação profissional, à adaptação dos recursos da escola e à aquisição de conhecimentos sobre a criança especial. Verificou-se, também que os pais estão participando das atividades propostas pela escola, o que sugere, um aprimoramento da integração escola-família-aluno no intuito de preservar e construir novas posturas e atitudes em relação ao portador de deficiência.

Palavras-chave: Inclusão; Professores; Escola regular

****

ESC 66

PROFESSOR E ALUNO: ONDE ESTÁ O LIMITE? RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA COM PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL PERTENCENTES A UM CENTRO EDUCACIONAL DE UM MUNICÍPIO DO

ESTADO DO RIO DE JANEIRO. *Nilma Figueiredo de Almeida** (Departamento de Psicologia e Orientação, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ)*

O problema do papel dos limites em Educação vem adquirindo proporções relevantes no âmbito acadêmico. Atualmente sofremos as conseqüências sociais do excesso de liberdade concedida aos filhos e da falta de autoridade dos pais. A postura exageradamente psicologizante e permissiva dos pais têm contribuído para um comportamento tirânico nos filhos, podendo, mais tarde, conduzi-los à marginalização, falta de responsabilidade social e de projetos de vida. O envolvimento assustador de adolescentes da classe média e alta, em atos de selvageria, agressões, assassinatos e violência, têm preocupado cientistas sociais, psicólogos e educadores em geral. As escolas de ensino fundamental e médio têm promovido palestras sobre temas como violência, drogas, Aids, etc. na tentativa de minorar o problema. O objetivo deste trabalho foi desenvolver a reflexão e autodescoberta em professores do ensino fundamental de um Centro Educacional do município do Rio de Janeiro, a fim de clarificar a questão dos limites na criança e no adolescente, e despertar nos alunos a importância da cooperação e da pertinência a um grupo. A metodologia utilizada consistiu em dividir a atividade em duas etapas. A primeira, com carga horária de seis horas, destinada às professoras. A segunda, com carga horária de duas horas, direcionada aos alunos. Participaram da primeira etapa do encontro, 18 professoras e 2 estagiárias, quando realizou-se uma palestra apresentando conceitos, o funcionamento do psiquismo e os fatores que interferem nas relações humanas, segundo a Psicologia Analítica de C.G. Jung. Posteriormente realizou-se um trabalho prático, que consistiu em vivências de autodescoberta, através de dinâmicas de grupo, tais como jogos exploratórios ("identificação transpessoal", "criação da própria realidade") e jogo de sensibilização e confiança ("de pé"). Na segunda etapa utilizou-se dinâmicas de grupo para trabalhar a integração entre os alunos. Nesta fase participaram alunos do ensino fundamental, pertencentes a várias séries. Cada grupo de alunos foi coordenado por uma professora e as atividades consistiram em: apresentação ("corrente de nomes"), exercício de confiança ("guia de cego", "desvanecimento", "de pé"), exercício de integração ("busca da saída", "técnica de penetração"), um simbólico exercício de encerramento ("presente da alegria", "círculo"). Possibilitar um espaço onde as professoras pudessem se colocar, se expressar, refletir e elaborar situações, foi avaliado como algo singular e enriquecedor. Consideraram a experiência "esclarecedora", "importante", "necessária" e "gratificante", pois "elas sempre se reúnem para falar dos alunos, nunca sobre elas...". A vivência com os alunos foi igualmente positiva, pois houve participação intensa nas atividades, ocasionando maior entrosamento entre eles e com os professores. A conclusão obtida nesta experiência é que a questão do limite passa pela consciência, pela autoridade, pelo sentimento, pela personalidade e pela responsabilidade pelo modelo que fornecemos aos outros. Finalmente, o limite depende da relação que se estabelece com o próximo. O processo ensino-aprendizagem começa na interação professor-aluno e, assim como na terapia a "cura" está na relação, a aprendizagem está na aliança que se faz entre mestre e aprendiz.

Palavras-chave: Psicologia Analítica; Limite; Professores

*****

ESC 67

VARIÁVEIS QUE GERAM MAU COMPORTAMENTO SEGUNDO PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS E ESTUDANTES DE PSICOLOGIA. *Ana Cristina Wolff** (UMC), Geraldina Porto de Carvalho de Carvalho** (PUC-Campinas), Elvira T. Arias Oliveira** (UMC) e Fabíola Ribeiro de Mattos** (PUC-Campinas e IPF-PUC-Campinas)*

Profissionais da área da educação têm procurado debater e identificar alguns aspectos de relevância ao processo de ensino-aprendizagem, onde as variáveis que geram mau comportamento do aluno em sala de aula se incluem. Quando se considera que aprendizagem e comportamento são inseparáveis no ensino, revela-se a importância de se realizar estudos sobre a temática. Além disso tem sido crescente o número de queixas relacionadas ao mau comportamento em contextos escolares nos últimos anos, nas mais variadas faixas etárias. Tendo-se algumas destas questões como eixo é que este trabalho foi desenvolvido. Com ele objetivou-se: 1. identificar aquelas variáveis que geram mau comportamento na percepção de professores e alunos universitários; 2. comparar as percepções dos dois grupos no que diz respeito ao resultado geral obtido. A amostra foi composta por 30 participantes selecionados aleatoriamente, sendo 15 professores e 15 alunos universitários de uma instituição do interior paulista. Entre os professores predominaram pessoas do sexo feminino (73%), entre 41 e 50 anos (46%), lecionando nos primeiros anos da graduação (40%). Já os alunos têm distribuição equilibrada no que diz respeito ao sexo (47% masculino e 53% feminino), com idade entre 18 e 20 anos (40%), cursando o terceiro ano universitário (46%). Para coleta de dados foi aplicado um questionário, o qual continha 10 questões abertas. As variáveis pesquisadas focalizavam três áreas: 1. ensino-aprendizagem, como falta de interesse, de motivação, de didática e de criatividade; 2. comportamento, como aluno falante, agitado e imaturo e 3. social, como falta de educação, de respeito e de limites. No momento de aplicação do instrumento os participantes eram encorajados a perguntar e esclarecer eventuais dúvidas. Os dados foram tratados descritivamente e para comparação entre as percepções de professores e alunos (objetivo 2) utilizou-se do teste estatístico não-paramétrico Qui-quadrado (χ^2). Os resultados indicaram que, entre professores, não houve indicativos de que os maus comportamentos que percebiam eram significativamente superiores em determinada área. Apontaram que em 33% dos casos referiram-se ao ensino-aprendizagem, em 32% ao comportamento e em 35% referiram-se à área social. Entre alunos percebeu-se que em 35% dos casos os maus comportamentos foram atribuídos à categoria ensino-aprendizagem, em 14% ao comportamento e em 51% ao social. Para verificar se as variáveis que geram maus comportamentos na percepção dos professores e dos alunos eram compatíveis, realizou-se o teste χ^2, sendo n.g.l.=2, nível de significância=0,05. Constatou-se que o χ^2 crítico (5,991) foi menor do que o χ^2 observado (13,44). Portanto, a hipótese de nulidade foi refutada, existindo, com base no resultado geral obtido entre os participantes, diferenças significativas nas suas percepções sobre variáveis que geram maus comportamentos em sala de aula. De modo específico, a categoria social foi apontada como a que mais gera o mau comportamento pela amostra em questão. No contexto deste trabalho, observa-se a necessidade de se incorporar novas pesquisas aos trabalhos educativos, que possam elucidar melhor e ampliar os resultados ora apresentados.

(CNPq / CAPES)

Palavras-chave: Comportamento; Psicologia Escolar; Universidade

*****

ESC 68

CAUSAS ATRIBUÍDAS POR ALUNOS DE QUINTA SÉRIE AO SEU BAIXO DESEMPENHO ACADÊMICO. *José Augusto da Silva Pontes Neto & Camila Cristina de Oliveira Rodrigues* (Departamento de Psicologia Evolutiva, Social e Escolar - Universidade Estadual Paulista, Campus de Assis)*

Teorias de atribuição de causalidade têm se mostrado um referencial útil para o estudo de certos problemas educacionais. Apesar disso, em nosso país há um número relativamente pequeno de pesquisas que estudam questões como, por exemplo, o insucesso ou fracasso escolar sob essa ótica motivacional. O presente estudo, inserido na perspectiva da teoria de atribuição de Bernard Weiner, focalizou a quinta-série de escolas públicas. O objetivo básico foi o de verificar as causas atribuídas por alunos dessa série para o seu mau desempenho acadêmico em quatro escolas públicas de um município do interior do Estado de São Paulo. Inicialmente, cada um dos professores de Ciências, Geografia, História, Matemática e Português das escolas em questão identificaram cinco alunos, por classe, que estavam apresentando baixo desempenho acadêmico na sua disciplina. Com isto, de um total de 505 alunos, houve 52 nomes indicados mais de uma vez e trabalhou-se efetivamente com 49 alunos. Destes, 38 eram do sexo masculino e 11 eram do sexo feminino, com idade variando entre 11 e 14 anos, aproximadamente. Esses alunos foram entrevistados, individualmente, e os dados, registrados literalmente, foram posteriormente submetidos a uma análise de conteúdo. Surgiram, então, 33 fatores causais, que foram organizados em oito categorias, a saber: disciplina (e.g.: fazer bagunça, manter conversas paralelas), motivação (e.g.: não prestar atenção às aulas, não ter vontade de estudar e aprender), cognição (e.g.: não conseguir aprender, ter dificuldade para entender a explicação do professor), interação com o professor (e.g.: ter aversão ao professor, professor tratar mal o aluno), didática (e.g.: professor não explicar bem, falta de paciência do professor para explicar), família (e.g.: família morar muito longe da escola, irmã estragar os trabalhos do aluno), saúde física (e.g.: não enxergar o que está escrito na lousa, possuir problema físico que dificulta a verbalização oral) e personalidade (e.g.: timidez, esquecimento por nervosismo). As categorias que agruparam maior número de fatores causais foram: motivação (37%), cognição (18,5%) e disciplina (16,5%), o que significa, como outras pesquisas já detectaram, que o aluno percebeu-se como o principal responsável por seu baixo desempenho nas 5as séries estudadas. Mas, ao contrário de pesquisas referentes a séries escolares anteriores, os alunos estudados também perceberam mais que o seu insucesso era provocado por fatores causais externos (didática-11%, aspectos familiares-2%) e por fatores que só parcialmente dependiam de seu controle volitivo (interação com o professor-10%). Esta tendência e suas implicações educacionais, entre outros aspectos, precisam ser consideradas, levando-se em conta a teoria e a pesquisa na área.

Palavras-chave: Motivação, Atribuição de causalidade, Insucesso escolar

*****

ESC 69

CARACTERÍSTICAS DO PROFESSOR EFICIENTE : UM ESTUDO NUMA AMOSTRA DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE SÃO PAULO. *Joana d'Arc Marinho Corrêa Sabat (Universidade de Santo Amaro - UNISA e Instituto de Psicologia da USP, São Paulo - SP) e Walquíria Fonseca Duarte (Universidade de Santo Amaro - UNISA e Universidade de São Paulo - USP/LTEP, São Paulo - SP)*

Objetivo: pesquisar as percepções que uma amostra de professores de instituições paulistanas de ensino superior têm a cerca de si mesmos, tratando relacioná-las à (in)eficácia do processo de aprendizagem no contexto educacional. Método: a amostra foi constituída por 60 docentes de cinco cursos distintos (Administração, Física e Matemática, Processamento de Dados, Odontologia e Psicologia), provenientes de instituições públicas e privadas. Foi utilizado um questionário composto por 105 pares de afirmações sobre características descritivas do professor, onde os docentes deveriam assinalar a alternativa considerada mais importante, combinadas duas a duas

aleatoriamente, a saber: 1) Aproveita todas as oportunidades para educar; 2) Compreende as dificuldades dos alunos; 3) Conhece bem a matéria; 4) Cuida de sua aparência; 5) Desperta o interesse do aluno pelo assunto; 6) É comunicativo, expansivo e amigo dos alunos; 7) É imparcial no trato e na avaliação dos alunos; 8) É inteligente; 9) É organizado e cumpre o que promete; 10) Emprega métodos atuais de ensino; 11) Gosta de ensinar; 12) Possui cultura geral; 13) Possui equilíbrio emocional; 14) Promove o rendimento escolar do aluno; e 15)Tem facilidade de se adaptar a novas situações. Resultados e Conclusões: a partir das freqüências obtidas para cada uma das características, foram calculadas a freqüência média, o desvio padrão da amostra e o desvio padrão da média. A partir dessas médias foi determinado o ponto de corte. Destacamos os seguintes resultados, entre outros, que apresentaram diferenças significantes: 1) a característica "desperta o interesse dos alunos para o assunto" foi escolhida como sendo a que mais define o perfil do professor eficiente e "cuida de sua aparência", foi considerada a menos importante; 2) "equilíbrio emocional" apresentou um índice de escolha acima da média, com diferença significante em relação àquelas menos escolhidas; e 3) quanto às características que melhor se aproximam dos pressupostos de uma escola moderna, segundo a literatura pesquisada, apenas "é comunicativo, expansivo e amigo dos alunos" não atingiu a nota de corte (7).A partir de então, podemos traçar o seguinte perfil do professor eficiente no ensino superior, segundo a percepção da amostra: a) desperta o interesse dos alunos pelo assunto; b) compreende as dificuldades dos alunos; c) conhece bem a matéria; d) aproveita todas as oportunidades para educar; e) gosta de ensinar; e f) tem facilidade de se adaptar a novas situações. Neste contexto, observamos que a ação pedagógica adquire sentido quando é capaz de integrar afetividade à cognição. Os resultados apontaram ser os aspectos afetivos e amigáveis do professor os mais valorizados, levando-os ao âmbito da (in)viabilidade do processo de ensino-aprendizagem.

Instituto de Psicologia da USP / LITEP
Universidade de Santo Amaro - UNISA
Palavras-chave: Professor Universitário, Professor Eficiente, Perfil de Eficiência

ESC 70
SILÊNCIO E/OU PARTICIPAÇÃO? A QUESTÃO DA DISCIPLINA NA CONCEPÇÃO E NA PRÁTICA DE PROFESSORAS DE 1ª SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL. *Maria do Socorro Martins Lima e Ângela Uchôa Branco (Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento, Laboratório de Microgênese das Interações Sociais - Universidade de Brasília, Brasília - DF)*
Este estudo analisou, a partir de uma concepção co-construtivista, a questão da disciplina e do controle da classe em turmas de 1ª série do ensino fundamental, destacando o papel do professor, das interações sociais e das concepções das professoras. Participaram da pesquisa quatro professoras da 1ª série do ensino fundamental, e suas classes, de diferentes escolas públicas do Plano Piloto – DF. Utilizou-se a metodologia qualitativa e tomou-se como base a observação direta e gravada em vídeo de episódios interativos em sala de aula, e o discurso das professoras (2 que referiram e 2 que não referiram problemas disciplinares com suas turmas). Desenvolveu-se por meio da observação direta, registros em vídeo e entrevistas. Analisou-se os aspectos qualitativos extraídos do discurso das educadoras e confrontou-se com os registros em vídeo das suas práticas pedagógicas. Constatou-se uma tendência geral em apontar a homogeneidade entre as características comportamentais e conhecimento das crianças e o acompanhamento dos pais como fatores redutores da indisciplina. Foi registrado na ação das professoras mais experientes, as seguintes estratégias: chamar atenção da criança reservadamente, estabelecimento e explicação de regras, compreensão, tolerância e respeito às características das crianças, elogio e incentivo às interações; flexibilidade; promoção da autonomia. Já as professoras com menor tempo de experiência utilizaram estratégias de comando como insistir na manutenção da ordem e do silêncio e demonstravam forte preocupação com os aspectos formais do ensino. O clima nas turmas das primeiras era de participação e colaboração das crianças entre si e com a professora. Enquanto nas demais turmas registrou-se pouca participação e colaboração. Foi levantado como fator relevante em lidar melhor com questões disciplinares e de participação a experiência das professoras ao agir de forma mais compatível com os princípios do co-construtivismo, e do desenvolvimento humano como processo dinâmico, que integra os aspectos cognitivos e sócio-emocionais, e quanto à bidirecionalidade dos processos de ensino-aprendizagem.Tendo em vista que a disciplina é um processo longo, lento e composto de pequenas conquistas, este estudo sugere que a formação do educador deveria propiciar oportunidades de vivências de situações de interação e negociações com a criança desde o início do curso, a interação precisa ser considerada como fundamental para o desenvolvimento. O professor deveria compreender, aceitar, valorizar a criança, promovendo sua participação, estabelecendo relação de confiança e diálogo baseada na motivação. As reuniões de pais e mestres necessitariam ser centradas em informações e discussões sobre aspectos que auxiliariam os pais a melhor promover o desenvolvimento e aquisição do saber pelos filhos, e a valorizar o saber da família no contexto escolar.
Palavras-chave: Interação; Disciplina; Participação

ESC 71
ASPECTOS COMPORTAMENTAIS E AUTOCONCEITO DE CRIANÇAS COM DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM. *Judith Siqueira Stefanini* (Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto - SP) e Sonia Regina Loureiro (Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto - SP)*
As dificuldades de aprendizagem e as dificuldades comportamentais constituem-se em situações reconhecidas como de vulnerabilidade para o desenvolvimento infantil. O autoconceito tem sido considerado um dos fatores que afeta a ambos, o desempenho e o comportamento da criança. Objetivou-se avaliar as relações entre aspectos comportamentais e o autoconceito de crianças encaminhadas para atendimento com queixa de dificuldade de aprendizagem. Foram avaliadas 32 crianças, de ambos os sexos, na faixa etária de 8 a 11 anos, alunos de 1ª a 4ª série, com inteligência pelo menos média inferior, encaminhadas com queixa de dificuldade de aprendizagem ao Ambulatório de Psicologia Clínica Infantil do HCFMRP-USP, diferenciadas em dois grupos: G1 - 23 crianças com dificuldades de aprendizagem e dificuldades comportamentais, identificadas pelos pais, e G2 - 9 crianças com dificuldades de aprendizagem sem dificuldades comportamentais. Procedeu-se a avaliação das crianças através do Teste das Matrizes Coloridas de Raven e da Escala Infantil Piers Harris de Autoconceito, traduzida e adaptada para o nosso meio, e os pais responderam a Escala Comportamental Infantil A2 de Rutter (ECI). Na codificação dos instrumentos consideraram-se as recomendações técnicas. Diferenciou-se em G1- crianças com dificuldades comportamentais, dois subgrupos um com indicadores de desordens neuróticas (13 crianças) e outro com indicadores anti-sociais (7 crianças), tendo como base os escores de corte da ECI e os itens específicos. Os dados foram quantificados e os grupos e subgrupos foram comparados por meio do Teste não paramétrico de Mann Whitney e procedeu-se a identificação dos itens que diferenciam significativamente os grupos entre si e com relação aos dados normativos através do Teste Exato de Fischer ($p \leq 0,05$). Quanto ao comportamento avaliado pelos pais, as crianças de G1 foram consideradas mais inquietas, comparativamente às crianças de G2 e aos dados normativos, predominando no subgrupo com características neuróticas indicadores de preocupação e medo de situações novas e no subgrupo com características anti-sociais os indicadores de desobediência, não aceitação pelos pares, mentira, dificuldade de permanecer na atividade e destruição de objetos. Quanto ao autoconceito geral e suas categorias os grupos, assim como os subgrupos com indicadores neuróticos e anti-sociais, não diferiram significantemente. Foram detectadas diferenças estatisticamente significantes em dois itens relativos à categoria de popularidade, sendo que as crianças de G1 identificaram-se como menos criticadas e mais incluídas nas brincadeiras comparativamente ao G2. Conclui-se que as dificuldades comportamentais caracterizaram formas diversas de manifestação de dificuldades no processo de desenvolvimento e na socialização destas crianças, embora as dificuldades comportamentais não tenham-se mostrado associadas a maior prejuízo quanto ao autoconceito.

CNPq / FAPESP
Palavras-chave: Dificuldade de aprendizagem; Aspectos comportamentais; Autoconceito

ESC 72
FIGURAS PATERNAS COMO PARADIGMA ESTUDANTIL. *Rosimar Gaspar de Oliveira e Alexandre Tenta (Centro de Estudos de Pessoal do Exército Brasileiro - Rio de Janeiro - RJ), Marcos Aguiar de Souza** (Universidade Federal do Rio de Janeiro - Rio de Janeiro - RJ) e Luiz Cláudio Lopes da Silveira (Colégio Militar do Rio de Janeiro - Rio de Janeiro - RJ)*
A preocupação da relação entre ambiente familiar e desempenho escolar tem ocupado a atenção de profissionais em educação e psicologia escolar há décadas. Em geral, tem havido uma tendência de se considerar que as diferenças no desempenho de alunos de diferentes classes sociais podem ser explicadas com base em fatores econômicos. Porém, o posicionamento da família diante do estudo por vezes tem sido apontado como uma fonte de influências capaz de direcionar o posicionamento do aluno na escola. Em estudos relacionados ao fracasso escolar, observa-se que a permanência dos jovens na escola é conseqüência direta do entendimento que eles possuem em relação à possibilidade que as pessoas de sua classe social têm de serem bem sucedidas academicamente. As ambições e as expectativas de uma criança em relação ao ensino e à carreira profissional, são produtos estruturalmente determinados da experiência educacional e da prática cultural de seus pais, pares ou do grupo a que pertence. Em alguns casos, é possível identificar-se uma relação mais evidente do desempenho escolar da criança com a história educacional dos pais, do que com a pertença a uma classe social mais privilegiada. Tal fato parece justificado diante da constatação de que, já nos primeiros anos da infância, os pais exercem papel crucial no processo de socialização dos filhos, e por meio do reforçamento e da modelagem podem direcionar a percepção que seus filhos terão da escola. Nestes termos, o presente estudo teve como objetivo investigar a influência do grau de escolaridade dos pais no desempenho de seus filhos. Participaram do presente estudo 167 alunos do, sendo 97 do sexo masculino e 70 do sexo feminino, do

ensino fundamental do Colégio Militar do Rio de Janeiro, na idade média de 12,8 anos. As informações necessárias foram obtidas por meio de consulta à ficha dos alunos. A amostra foi dividida em dois grupos: um formado por alunos cujos pais concluíram curso superior e outro formado por alunos cujos pais concluíram, no máximo, o ensino médio. A comparação dos dados de ambos os grupos, por meio do teste t de Student, evidenciou uma média significativamente superior na nota final do 1º trimestre obtida pelos alunos cujos pais possuem curso superior ($t = 2,637$; $p < 0,009$). Considerando-se o resultado obtido em cada disciplina, novamente observou-se que filhos de pais que possuem curso médio apresentaram desempenho inferior aos filhos de pais que possuem curso superior em Matemática ($t = 2,790$; $p < 0,006$); Português ($t = 2,576$, $p < 0,011$), História ($t = 2,707$, $p < 0,008$) e Ciências Físicas e Biológicas ($t = 2,136$; $p < 0,016$). Nas disciplinas Inglês e Geografia, as diferenças observadas não foram significativas. Diante das evidências obtidas no presente estudo, conclui-se pela necessidade de desenvolvimento de reuniões com os pais dos alunos no sentido de proporcionar-lhes uma melhor compreensão da influência exercida no desempenho escolar dos filhos.

Palavras-chave: Desempenho escolar; Escolaridade dos pais; Colégio Militar

ESC 73

AUTOCONCEITO E LOCUS DE CONTROLE DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO. *Angela Maria Freitas de Andrade (Fundação Osório - Rio de Janeiro - RJ), Cristina Kim, Márcio Aurélio Lima Medeiros (Centro de Estudos de Pessoal do Exército - Rio de Janeiro - RJ), Thaís Grosso Araújo Aragão (Colégio Master - Aracaju - SE) e Marcos Aguiar de Souza (Universidade Federal do Rio de Janeiro - Rio de Janeiro - RJ)*

O presente estudo refere-se a uma primeira etapa de uma investigação maior que tem como objetivo uma melhor compreensão de variáveis relacionadas à escolha profissional, através da utilização de um Programa de Orientação Vocacional que vem sendo desenvolvido com estudantes do Colégio Master, em Aracaju, Sergipe. Nesta primeira fase, foi investigada a relação entre autoconceito e locus de controle, como variáveis capazes de influenciar tanto a escolha profissional como o desempenho do aluno na escola, os quais são também considerados fatores inter-relacionados. O autoconceito é definido como um conjunto de atitudes e crenças que um indivíduo tem a respeito de si próprio, considerando-se que essas crenças são um produto da interação social, que estão organizadas hierarquicamente e que, dada a natureza dinâmica do sistema, mudanças em um aspecto podem levar a mudanças em outros. O Locus de controle, de maneira geral, é definido como a expectativa do indivíduo sobre a medida em que os seus reforçamentos se encontram sob controle interno ou externo. Assim, um indivíduo pode avaliar um acontecimento como fruto de seu esforço ou competência pessoal, enquanto que outros poderiam avaliar um acontecimento semelhante como conseqüência de outras pessoas, da sorte ou do acaso. Participaram do presente estudo 129 alunos do Colégio Master de Aracaju, Sergipe, com idade média de 17,3 anos, sendo 45 do sexo masculino e 84 do sexo feminino, os quais responderam à Escala de Autoconceito Global, constituindo de uma medida geral do autoconceito e à Escala de Locus de Controle de Levenson, constituída por três fatores: (1) Internalidade - ou dimensão pessoal, na qual a fonte de controle é o próprio indivíduo; (2) Outros poderosos - ou dimensão social, na qual a fonte de controle é representada pelos outros poderosos e (3) Chance - ou dimensão impessoal, na qual a fonte de controle é a sorte, o acaso, ou ainda o destino. Os dados foram inicialmente analisados através do coeficiente de correlação linear de Pearson, entre autoconceito, internalidade, outros poderosos e chance. Foram observadas correlações positivas significativas entre o autoconceito e o fator outros ($r = 0,260$; $p < 0,003$), entre autoconceito e chance ($r = 0,408$; $p < 0,000$) e entre chance e outros poderosos ($r = 0,374$; $p < 0,000$). As correlações negativas significativas foram observadas entre autoconceito e internalidade ($r = 0,390$; $p < 0,00$), entre internalidade e chance ($r = -0,279$; $p < 0,000$) e entre internalidade e outros poderosos ($r = -0,298$; $p < 0,001$). Na comparação entre alunos do sexo masculino e do sexo feminino através do teste t de Student, foi observado que os homens foram superiores às mulheres somente em relação à internalidade ($t = 2,271$; $p < 0,007$). Em relação a chance, outros poderosos e autoconceito, as mulheres foram superiores, apesar das diferenças observadas não terem sido significativas. Diante do resultado diferente do previsto de uma correlação significativa entre internalidade e autoconceito, conclui-se pela necessidade de maiores estudos visando principalmente relacionar tais construtos com o desempenho escolar.

Palavras-chave: Autoconceito; Locus de controle; Ensino Médio

ESC 74

O JOGO DE FAZ-DE-CONTA E O DESPRENDIMENTO DO REAL: MEDIAÇÕES DE POSSIBILIDADES IMAGINATIVAS. *M. Silvia P. M. L. da Rocha, Marcelo Micheletto (PUC-Campinas, Campinas, SP)*

A teoria histórico-cultural sobre o jogo de faz-de-conta aponta para a importância crucial dos processos de mediação, em sua constituição e desenvolvimento, e para o fato de que esta modalidade lúdica permite/constitui-se por uma dupla perspectiva: representação e inclusão de elementos da realidade e possibilidades de desprendimento do real, aliadas à instauração e desenvolvimento da capacidade de imaginar. O presente trabalho consiste em um esforço para investigar as possibilidades de se mediar o faz-de-conta de forma a investir em processos de criação e imaginação cada vez mais originais e menos apoiados nas instâncias da realidade já vivenciada (seja no que se refere aos objetos utilizados, às ações e papéis desempenhados). Seu objetivo é analisar de que modos as crianças, participantes da pesquisa, enfrentam propostas de rompimento do desenvolvimento habitual de seus jogos de faz-de-conta e de criação de novas possibilidades de produções simbólicas. Estas propostas foram realizadas com a participação dos pesquisadores em episódios de atividade lúdica de crianças de idade variando entre 03 a 07 anos, alunos de uma mesma turma de escola comunitária de Hortolândia, SP. As participações dos pesquisadores nesses episódios tiveram como objetivo provocar a emergência e/ou o desenvolvimento dos seguintes processos: 1. efetivação de ações insólitas/inovadoras (com objetos substitutivos ou apenas nomeados); 2. criação de elementos não existentes na realidade; 3. rompimento da consecutividade das ações/inversão no modo como se organizam no cotidiano e/ou como eram reproduzidas nos jogos de faz-de-conta e 4. desenvolvimento de ações não habitualmente desempenhadas na representação mais típica de papéis, apresentadas pelas crianças em suas brincadeiras de faz-de-conta. Este trabalho tratará, particularmente, do material empírico referente a intervenções do primeiro e segundo tipos. O material constituiu-se de episódios de jogos de faz-de-conta, vídeo-filmados e analisados qualitativamente. Os resultados indicam que, nas situações observadas, as crianças têm condutas que podem ser assim categorizadas: 1. aceitam as propostas, mas não a complementam; 2. aceitam a proposta e criam outros elementos análogos; 3. acrescentam elementos totalmente novos, complementando e articulando ao que os mediadores propuseram. Estes resultados trazem as seguintes contribuições: trazem novos elementos para reflexão sobre o processo de desprendimento do real possível no faz-de-conta, de modo geral bem menos explorado nos estudos disponíveis; permitem discutir alguns apontamentos teóricos, segundo os quais haveria uma tendência de as crianças rejeitarem situações em que o desenvolvimento do jogo não se apoiasse no que é vivenciado em seu cotidiano; e, finalmente, apontam direções para reflexões sobre mediações que intensifiquem as possibilidades de constituição de processos imaginários a partir de atividades de faz-de-conta.

Palavras-chave: Faz-de-conta; Imaginação; Desenvolvimento infantil

ESC 75

FABRINCAR: CONSTRUÇÃO DE SONHOS E REALIDADES. *Maria Silvia Pinto de Moura Librandi da Rocha (Departamento de Psicologia Escolar da Pontifícia Universidade Católica de Campinas - Campinas - SP); Anelícia Almeida Costa e Santos ** (Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo - São Paulo - SP); Juair da Silva Bispo, Marcelo Micheletto*

A importância da atividade lúdica para o desenvolvimento infantil tem sido largamente apontada pela literatura, bem como a responsabilidade das instituições educacionais para sua emergência e desenvolvimento. O projeto Fabrincar: construção de sonhos e realidades foi desenvolvido, primordialmente, na EMEF Jardim Santiago, do município de Hortolândia. Esta escola atende a quatro bairros surgidos a partir de ocupação ilegal de terras, organizada pelo Movimento dos Sem-Teto. A proposição do projeto surgiu do conhecimento da escola e dos bairros, que revelou: escassez de recursos físicos e materiais para desenvolvimento de atividades lúdicas; baixa qualidade e quantidade de brincadeiras desenvolvidas; problemas na mediação feita por adultos e educadores, de jogos e brincadeiras; dificuldade de acesso a brinquedotecas e espaços de lazer; existência de farto material abandonado pelas ruas. Os objetivos do projeto foram: proporcionar enriquecimento da atividade lúdica, oportunizar capacitação de educadores enquanto mediadores do brincar, transformar relações entre público-alvo e contexto social, cultural e urbano onde vivem. O projeto compôs-se pelas seguintes ações: construção de jogos e brinquedos - etapa da qual participaram os 414 alunos da EMEF Jd. Santiago, incluindo coleta de sucata pelas ruas, limpeza do material e utilização para a construção de brinquedos; confecção de bonecas, fantoches e fantasias - coordenada por educadora leiga pertencente à comunidade, envolvendo crianças, adolescentes e adultos moradores da região, resultando em 170 itens; capacitação de professores I - desenvolvida, especialmente, com professores de educação infantil, 1a série e Classe de Aceleração, visando o assessoramento dos educadores no sentido de incluir a atividade lúdica no dia-a-dia escolar; montagem de brinquedoteca - com acervo composto por brinquedos e jogos industrializados e confeccionados por alunos, professores e comunidade, ao longo do projeto; capacitação de professores II - curso oferecido a 50 professores da Rede Pública do Município com objetivo de capacitá-los como mediadores do brincar e para elaborar projetos de montagem de brinquedotecas. Dentre os resultados finais podemos destacar: disponibilização de recursos materiais variados para a atividade lúdica; viabilização de estratégias diferenciadas para inserção da atividade lúdica no contexto educacional, possibilitando que o brincar passasse a fazer parte do cotidiano da escola, abrangendo alunos de idades variadas (6-14 anos); elaboração de coletânea com jogos e brinquedos escolhidos dentre o acervo criado ao longo do projeto; elaboração de apostila com descrição do projeto em suas várias etapas, ressaltando pontos críticos e sugestões que podem servir como orientadoras para o desenvolvimento de iniciativas

semelhantes; criação de vídeo ilustrando etapas do projeto e incluindo depoimentos dos participantes; possibilidade de chamar a atenção dos órgãos públicos para a importância da escola como espaço promotor do brincar, que resultou na ampliação do projeto para outras unidades educacionais, visando abranger todo o município. A realização do Fabrincar indica a importância e viabilidade de realização de projetos de desenvolvimento de atividades lúdicas, através de procedimentos co-participativos, de modo a efetivamente alterar o cotidiano educacional e as políticas educacionais, para que se constituam, cada vez mais e de modos diferenciados, como promotoras do desenvolvimento psicológico dos sujeitos que nele se inserem e que a partir delas se constituem.

Apoio: Programa Crer Para Ver da Fundação Abrinq e Natura Cosméticos e Secretaria de Educação, Esportes e Lazer do Município de Hortolândia
Palavras-chave: Atividade lúdica; Brinquedoteca; Escola pública

*****

ESC 76

CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: ANÁLISE DE PERIÓDICOS DE PSICOLOGIA E DA EDUCAÇÃO. *Glória Aparecida Pereira de Oliveira** Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) / Universidade São Francisco, Marli Amélia Lucas Pereira** Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Roberta Gurgel Azzi** Departamento de Psicologia Educacional da Faculdade de Educação da Universidade de Campinas (Unicamp)*

As contribuições da Psicologia na formação de professores é marcada por correntes teóricas que tratam tradicionalmente dos processos de desenvolvimento e aprendizagem. Como disciplina integrante do currículo em cursos de formação, a Psicologia serve como ferramenta para os alunos desses cursos, para a sua atuação em sala de aula, uma vez que oferece subsídios ao futuro professor para analisar as mediações que se operam nos integrantes do processo educativo, para descrever a natureza e características desses integrantes, bem como os fatores que influenciam na interação entre eles e o processo de aprendizagem. O presente estudo teve como objetivo fazer uma análise dos periódicos de Psicologia e de Educação da Faculdade de Educação de uma universidade pública do estado de São Paulo. Foram selecionados para a análise os periódicos dessas duas áreas que continham artigos que tratavam da temática "Conteúdo/Temas de Psicologia na Formação de Professores" e "Conteúdos/Temas da Psicologia na Formação do Professor-Pesquisador". A primeira fase do trabalho consistiu em identificar os periódicos destas áreas que tratassem das temáticas, e encontrou-se artigos referentes a esses temas em 15 periódicos da Educação e em 7 periódicos da Psicologia. Para facilitar a busca foram utilizadas as seguintes palavras-chave: na primeira área temática - conhecimento psicológico/ psicologia e formação de professor/ ensino de psicologia e licenciatura; na segunda área temática - professor pesquisador/ professor reflexivo/ formação docente/ pesquisa e ensino. É importante destacar que, por maior cuidado que se tenha tido, algumas publicações provavelmente não foram arroladas no levantamento, devido ao recorte temático comportar uma extensa variedade de abordagens. Dos periódicos da área da Educação foram analisados 29 artigos e dos periódicos da área da Psicologia analisou-se 13 artigos. A partir do levantamento realizado verificou-se que esses temas em questão vem sendo trabalhados em maior número nos periódicos da área da Educação. Nos periódicos da área de Psicologia encontrou-se um maior aprofundamento de artigos mais ligados ao curso de Psicologia, com assuntos mais específicos como atribuição de causalidade, ansiedade, formação do psicólogo do que os ligados à formação de professores. Estes dados permitem concluir que é preciso investir no estudo dos conhecimentos psicológicos na formação de futuros professores, uma vez que a discussão de autores sobre os conteúdos de Psicologia aplicada à Educação representa um eixo importante no processo de formação acadêmica dos futuros professores e também por ser uma área de pesquisa com implicações para a aprendizagem e o ensino, e por apresentar um meio para a compreensão da tarefa educacional no contexto da sala de aula e sociocultural.

Palavras-chave: Periódicos; Conteúdos Psicologia; Formação de Professores; Ensino de Psicologia, Educação

*****

ESC 77

POSSIBILIDADES DE ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NA ESCOLA: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO. *Margarete Moreno Grigaliunas*, Adriana de Paula*, Maria do Prado* (Universidade Cruzeiro do Sul - UNICSUL - SP) e Roberto Montes Salvador** (Supervisor de Estágio em Psicologia Escolar - Universidade Cruzeiro do Sul - UNICSUL - SP)*

O presente trabalho é parte de uma experiência de intervenção realizada por alunas do quarto ano do curso de Psicologia da Universidade Cruzeiro do Sul - UNICSUL, no ano letivo de 2000, durante o estágio supervisionado de Psicologia Escolar, em uma escola da rede pública municipal de São Paulo. Esse estágio configurou-se a partir de uma proposta de parceria formalizada pela Universidade e as Unidades de Ensino da 10ª Delegacia Regional de Ensino Municipal - DREM, interessadas neste projeto. A formação através do estágio apresentou-nos a oportunidade de encarar questões que desafiam a prática e que podem ser o ponto de partida para um projeto de pesquisa ou para a abertura de um espaço onde estas questões possam ser trabalhadas. O estágio teve por objetivo, como lugar de iniciação de uma prática e ao mesmo tempo de reflexão teórica, o contato com um espaço de criação e construção de conhecimento pelo desafio da situação nova, as demandas da escola pública. A intervenção foi realizada com base nos dados relatados pelos professores, coordenação e direção da escola, a partir de entrevistas e, também, por observações realizadas na escola de diversas situações do cotidiano (sala de aula, intervalos, horário de entrada e saída dos alunos, reunião de pais, atividades extra-classe). Estas intervenções foram realizadas semanalmente junto a um grupo de alunos selecionados e considerados "problemáticos" pelas professoras. Nestas intervenções foram utilizados recursos audiovisuais, material gráfico, atividades corporais e dinâmicas grupais, de acordo com as características do grupo atendido e com o objetivo de cada encontro. Após nove meses de intervenção, pudemos perceber modificações nas atitudes dos alunos, tais como vivências diferenciadas na sala de aula, na percepção da sua auto-imagem e na sua socialização. Concluímos que a escola ainda é um campo a ser conquistado pelo psicólogo, pois podemos perceber que uma atuação mais sistemática pode favorecer num resultado produtivo para aquelas crianças consideradas "problemáticas", ajudando os alunos a desenvolverem suas potencialidades, resgatarem sua auto-estima, afetividade e criatividade, e possibilitar a eles (cada qual a sua maneira e ao seu tempo), a possibilidade de evoluir para um aprendizado pleno. Percebemos ainda que a nossa inserção na escola, sob forma de estágio, oferece, a nós estagiários, vivências de aprendizagem social, profissional e cultural, proporcionadas pela possibilidade de participarmos em situações reais de vida e de trabalho na escola. Outro aspecto importante a se considerar, é a variedade de "motivos" para justificar a indicação do "tratamento" psicológico, que reflete, ainda, a dificuldade de compreensão do papel do psicólogo dentro da escola.

Palavras-chave: Psicologia Escolar; Formação; Educação

*****

ESC 78

ESTUDO SOCIOPSICOLÓGICO DA RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO. *Maria das Graças Vasconcelos Paiva, Jeanikki Cunha Ramires* (Departamento de Fundamentos da Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, Rio de Janeiro RJ)*

As relações professor/aluno têm sido objeto de estudo de muitos pesquisadores em todo o mundo. A razão da ocorrência deste interesse se deve ao fato de estarem eles convencidos de que esta relação desempenha um papel central no processo ensino/aprendizagem, um de seus mecanismos fundamentais. Este assunto já foi abordado segundo diversos enfoques teóricos: psicanalítico, existencial-humanista, institucional, entre outros. Nesta pesquisa a natureza desta relação será considerada do ponto de vista da cognição social que se ocupa dos aspectos cognitivos que estão relacionados com os sentimentos, as necessidades e objetivos sociais. Estudos sociocognitivos anteriores mostraram que a relação professor/aluno em sujeitos adultos pode-se representar de três formas distintas: psicossomática (indicado como efeito "halo", ou seja comunicação difusa, emocional e inconsciente), funcional (relação utilitária com fins concretos e conscientes) e sociopsicológica (a tarefa não é o centro mas, sim as relações pessoais, o relacionamento se dá com base na atividade, mas há transcendência). Estariam estas categorias já organizadas na criança? O objetivo deste estudo consiste em verificar do ponto de vista evolutivo se as três formas de representação da relação encontradas em estudantes adultos universitários estariam presentes em sujeitos adolescentes e pré-adolescentes e de investigar um eventual efeito da idade. A pesquisa visa também comparar os resultados com os quatros níveis anteriormente formulado por Selman (I - egocêntrico; II - coordenações sem reciprocidade; III - reflexão conjunta: reciprocidade; IV - empatia, colaboração e reflexão).

Hipóteses - as categorias psicossomática, funcional e sociopsicológica são evolutivas e dependem da faixa etária do sujeito. Sujeitos - 120 alunos de idade entre 10 a 17 anos, cursando de quinta à oitava séries de escola municipal do Estado do Rio de Janeiro, distribuídos em quatro faixas etárias, contendo cada uma trinta sujeitos. Instrumento - uma escala de julgamento sobre a relação professor/aluno constituída de trinta proposições precedidas das expressões "Concordo" (C) ou "Discordo" (D), que foram distribuídas pseudoaleatoriamente de modo a formar três grupos de dez proposições. Procedimento - a aplicação foi realizada em todas as séries do turno da manhã de forma padronizada. As proposições foram lidas oralmente pelo experimentador. Resultados - os dados obtidos, submetidos à análise variância, mostraram as significâncias das diferenças entre as quatro faixas etárias. Constatou-se uma diferença significativa (p<0,05) entre as categorias na faixa de 16-17 anos, isto é, nos sujeitos em plena adolescência. A categoria psicossomática, presente em todas as faixas etárias, teve a menor freqüência apresentando uma diferença significativa (p<0,001) em relação às outras categorias, em todas as faixas etárias. Conclusões - a relação sociopsicológica professor/aluno pressupõe o desenvolvimento de aspectos sociais da cognição a partir de seis anos a criança apresenta estratégias nesse sentido, porém, terá que percorrer muito tempo até que estas apresentem um cunho verdadeiramente social. Os resultados mostram que a capacidade para estabelecer um relacionamento social cooperativo e reflexivo surge mais tarde quando o indivíduo atinge a plena adolescência. Os níveis evolutivos III e IV

de Selman não se distinguiram quanto aos aspectos práticos e sociopsicológicos. Há uma competição entre estas categorias sem o predomínio de uma sobre a outra. O aspecto psicossomático parece essencial à relação, indicando que estas se passam também no plano imaginário, de identificação.

Palavras-chave: Relação professor/aluno; Cognição social; Educação

ESC 79

AMBIENTE DE APRENDIZAGEM INFORMATIZADO E POSICIONAMENTO DE ALUNOS FRENTE À DISCIPLINA MATEMÁTICA. *Eliana Martins da Silva Rosado (Curso de Pós-Graduação /Pontifícia Universidade Católica de Campinas/Campinas- São Paulo); Ana Cristina Alves Lima** (Curso de Pós-Graduação/ Pontifícia Universidade Católica de Campinas/ Campinas- São Paulo)*

O presente relato refere-se a uma dentre várias atividades que compõem projeto de pesquisa mais amplo que tem por objetivo geral explorar as relações entre uso de Logo e processos cognitivos, visando melhor compreender o processo de tomada de consciência exposto por Papert (concepção do Logo) em contexto real de aprendizagem. Um dos pressupostos da pesquisa supõe que as representações dos sujeitos frente à disciplina a ser aprendida com o auxílio do Logo, bem como suas concepções sobre o que seja ensinar-aprender Matemática, teriam interferência nas condutas mobilizadas pelos alunos em interação no ambiente informatizado. Desse modo, o objetivo deste relato é de destacar tais posicionamentos dos alunos buscando-se inferir possibilidades de atuação dos alunos em contexto real de ensino.

O estudo foi realizado em uma escola estadual do interior do Estado de São Paulo, com 25 alunos de 6ª série em módulo de Matemática que entraram pela primeira vez em um laboratório de informática equipado com Logo para a realização da disciplina. Esses sujeitos tinham em média 13 anos de idade, sendo 11 meninas e 14 meninos. Os dados foram coletados via questionário (31 questões abertas e fechadas), respondido por escrito e individualmente, em horário de aula, antes do primeiro contato dos sujeitos com o laboratório de informática. Extração de percentuais e uso de análise de conteúdo corresponderam ao tratamento dos dados. A variável aqui apresentada corresponde a uma dentre cinco exploradas pelo instrumento.

As análises mostraram uma neutralidade (68% dos alunos) em relação à matemática, sendo muito pequena a quantidade (4% de alunos) que afirmaram não gostar da disciplina, os 28% restantes dos alunos afirmaram adorar a disciplina. Em vista disso, os alunos também apontavam não ter dificuldades em usar o que foi aprendido em ambiente escolar na vida fora da escola, totalizando 84% dos alunos e os 16% complementares, declararam raramente ou até mesmo nunca se apropriarem dos conteúdos aprendidos em sala de aula em outros contextos. No entanto as questões abertas que permitiram uma associação de idéias de ajudar um colega com dificuldade em matemática não revelaram essa eficiência dos alunos, dando margem para que se pudesse entender que os alunos ainda não fazem uso prático de seus conceitos teóricos.

Frente a esses dados pode-se concluir que a matemática não é uma disciplina tão diferente das outras como as pessoas falam assustadoramente e que até mesmo, as pessoas reconhecem seu uso em vários contextos, sendo útil não só em contexto escolar, mas também em outros que lidam com conteúdos cotidianos.

Projeto financiado pela FAPESP

Palavras-chave: LOGO; Representação social; Ensino-aprendizagem de matemática

ESC 80

TRABALHO E SAÚDE NA EDUCAÇÃO: DESAFIOS DE CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA CIDADANIA. *Alexandre dos Anjos de Oliveira*, Marisa Lopes da Rocha, Rita Célia Cavalcante*, Valéria da Hora Bessa* (Instituto de Psicologia da UERJ, Rio de Janeiro)*

Este trabalho tem como objetivo apresentar a análise do modo de gestão e da organização do processo de trabalho, assim como suas conseqüências para o cotidiano educacional. Foi constituído a partir da pesquisa-intervenção "Psicologia e educação: trabalho docente, produção de subjetividade e saúde" desenvolvida em um CIEP de ensino fundamental e médio do Estado do Rio de Janeiro, que atende a uma população de 1100 alunos. A pesquisa-intervenção tem como perspectiva investigar as formas de implicação da comunidade com o dia a dia das práticas escolares, colocando em análise as instituições atravessadas no processo de ensino-aprendizagem, as demandas produzidas e os mecanismos em funcionamento, a fim de ampliar as ações coletivas no sentido da melhoria das condições de qualidade de vida no trabalho. Para isso, utilizamos como dispositivo inicial a realização de entrevistas com os segmentos da escola, envolvendo 16 professores, 100 alunos e 42 funcionários, de modo a conhecer a dinâmica instituída, as relações estabelecidas entre educadores e destes com o processo de trabalho, evidenciando questões, práticas e tensões. O acompanhamento deste processo se deu através de debates com a comunidade escolar organizado a partir das atividades desenvolvidas na escola nas quais tivemos uma participação sistemática: grêmio estudantil e conselho de representantes dos alunos; reunião de funcionários, reuniões, conselhos diários e assembléias de professores. O que pudemos observar é que os diversos segmentos apresentavam demandas e formas distintas de análise das condições do trabalho, sendo recorrentes os pontos considerados mais críticos: massificação crescente do trabalho, fragmentação e hierarquia nos diferentes setores e entre os segmentos, isolamento dos profissionais e centralização das decisões. Evidenciamos também que nas análises realizadas pelos educadores, os fatores que mais contribuem para as dificuldades de organização de ações coletivas, para a ampliação do grau de conhecimento e controle das regras de seu ofício estão ligados à desvalorização do trabalho na educação, enquanto fortemente presentes na cultura dos profissionais da educação vinculada às tradições que afirmam a hierarquia dos especialistas e as políticas de gabinete. Mesmo com o avanço na construção de análises coletivas sobre as normativas do trabalho educacional e as singularidades das práticas locais, com a ampliação das polêmicas que se estabelecem entre a política governamental e o cotidiano institucional e com as tentativas de mudança na organização do processo de trabalho, verificamos que tais ações se fazem apenas a partir de pequenos grupos isolados. Ficou claro que a desconstrução das formas de gestão centralizadas não é tarefa simples, pois não se trata de mudança na ordem da lei, mas de transformações nos modos de subjetivação dos trabalhadores da educação. É fundamental a criação de novos modos de articular educação, trabalho e saúde. Neste sentido, a pesquisa-intervenção desenvolvida pela equipe de psicologia da UERJ, vem buscando contribuir para as análises das políticas, ações e mecanismos postos em movimento pelo coletivo, possibilitando o questionamento da implicação dos trabalhadores frente à perspectiva do desenvolvimento de uma cidadania mais ativa.

(UERJ/CNPq/FAPERJ)

Palavras-chave: Educação e trabalho; Pesquisa-intervenção na escola; Gestão escolar

ESC 81

MUDANÇA CONCEITUAL DE PROFESSORES SOBRE O JOGO EDUCATIVO. *Alessandra Pimentel** (Universidade de São Paulo, São Paulo/SP)*

De que modo a atuação do psicólogo dentro da escola contribui para a melhoria da aprendizagem? Tomando esta questão como ponto de partida, apresentamos os resultados da implementação de um projeto de formação continuada de professores, quando atuamos diretamente com o corpo docente de 1a a 4a séries do ensino fundamental em três escolas públicas da cidade de Londrina/PR. À luz do paradigma de educação lúdica, em que o jogo é o mediador privilegiado da escolarização, objetivamos fomentar uma mudança conceitual da prática educativa, desencadeada pela apropriação de um conhecimento teórico-prático profundo do papel do jogo na aprendizagem e no desenvolvimento psicológico do educando. Concebendo a profissionalização como um processo em permanente transformação, buscamos nos colocar numa relação colaborativa-investigativa junto aos professores, provocando e incentivando a atitude analítico-reflexiva sobre sua própria atuação. Elaboramos as estratégias formativas com base nas idéias da abordagem sócio-histórica sobre as relações entre jogo e desenvolvimento das funções psicológicas superiores e elegemos o conceito vygotskyano de zona de desenvolvimento proximal como princípio norteador do percurso formativo. Em cada escola parceira, executamos o projeto a partir do seguinte tripé de estratégias: 1) apresentação de um teatro de fantoches ao grupo de professores e, subseqüentemente, debate subsidiado pelas proposições vygotskyanas sobre o brincar; 2) realização de três oficinas de jogos e brincadeiras para subsidiar discussões sobre as funções educativas do jogo e, concomitantemente, garantir a vivência lúdica de confeccionar jogos com sucata e criar brincadeiras; 3) duas sessões de assessoramento visando a inserção de atividades lúdicas no planejamento de ensino. Essas estratégias se intercambiaram ao longo do processo, constituindo-se mais num parâmetro do que num modelo fixo de operacionalização do trabalho. Tendo em vista a obtenção de dados para avaliação do projeto, adotamos o recurso da videogravação, além de entrevistas, registros cursivos e questionários aplicados antes e após a execução do projeto. Das análises efetuadas, pudemos concluir que, ao vivenciar sua própria ludicidade, os participantes se predispõem a interagir mais ludicamente com seus alunos, levando à sala de aula as sugestões apresentadas nas oficinas e, principalmente, utilizando-as para criar outras. Se, de início, temas como agressividade, problemas de aprendizagem e dificuldades de controle na gestão da sala são apontados como obstáculos para a prática educativa lúdica; progressivamente, esta passa a ser considerada uma alternativa viável na solução/minimização desses problemas. Relatos dos professores indicam também que, à medida que inserem jogos e brincadeiras em sala de aula, notam melhora nas interações interpessoais. Entendemos que nossa opção teórico-metodológica, com atenção no papel da interação e nos colocando como parceiro mais experiente, garantiu a articulação entre teoria e prática, contribuindo para a autonomia dos envolvidos e transformação de sua atuação pedagógica. Por último, mas não menos importante, esse campo de ação da psicologia escolar pretende somar-se a outras iniciativas que buscam resgatar a importância da ludicidade na constituição de todo ser humano.

Palavras-chave: Jogo e aprendizagem; Teoria sócio-histórica; Formação de professores

ESC 02

CONCEITO, CAUSAS E ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA NA PERCEPÇÃO DE ADOLESCENTES DA PERIFERIA DE SALVADOR, BAHIA. *Feizi Masrour Milani** (Instituto Nacional de Educação para a Paz e os Direitos Humanos), Adriana Nascimento (Instituto Nacional de Educação para a Paz e os Direitos Humanos), Rita Dias P. de Jesus (Instituto Nacional de Educação para a Paz e os Direitos Humanos), Érica Amorim*(Universidade Federal da Bahia), Carla Sampaio* (Universidade Federal da Bahia), e Ana Cecília Sousa Bastos (Universidade Federal da Bahia)*

Nas Américas e no Brasil, a violência alcançou tamanha disseminação, magnitude e freqüência que passou a ser reconhecida como um problema prioritário de Saúde Pública. Suas conseqüências não se limitam às crescentes taxas de mortalidade, mas englobam seqüelas biopsicossociais e morais a nível pessoal, familiar e coletivo, além de impactos econômicos. Neste país, o principal grupo de risco para mortalidade por homicídio é composto por adolescentes e jovens do sexo masculino, afrodescendentes, residentes em bairros pobres ou periféricos das metrópoles, com baixa escolaridade e pouca qualificação profissional. Um número expressivo de adolescentes do sexo feminino é submetido a modalidades de violência que, em geral, não evoluem a óbito, mas podem causar severos danos à sua saúde física e mental, a exemplo do incesto, estupro e violência intrafamiliar ou cometida pelo parceiro. A presente comunicação integra um projeto mais abrangente, que visa compreender o fenômeno da violência de maneira sistêmica e desenvolver estratégias de prevenção da violência interpessoal cometida por, contra ou entre adolescentes. O objetivo específico deste trabalho foi identificar, no discurso de estudantes adolescentes, as representações de violência, a percepção de condições que favorecem e mantêm a violência no âmbito da escola, bem como possíveis estratégias de enfrentamento. Foram realizados quatro grupos focais junto a 36 alunos (19 meninas e 17 meninos) da 5ª à 8ª série, com idade entre 12 e 17 anos, de uma escola da rede municipal de ensino, localizada em Pirajá, no Subúrbio Ferroviário de Salvador. A composição dos grupos foi baseada nos seguintes critérios: (01) meninos, (02) meninas, (03) "lideranças positivas", (04) "lideranças negativas". Os estudantes identificaram como violência, fundamentalmente, episódios de agressão física, exemplificados nos atos de bater, ferir, chutar, empurrar, jogar pedra e utilizar armas. Citaram variados fatores que favorecem a violência em sua escola: falta de disciplina e de educação familiar dos alunos; disputa por namorados(as); discussão; relacionamento conflituoso entre eles e seus professores; brigas entre grupos; fofoca; estrutura precária da escola - ausência de quadra de esportes, ventilação e iluminação inadequadas, não oferecimento de merenda; por falta de professores. Quanto às estratégias de prevenção da violência na escola, apenas no grupo de meninos (01), os adolescentes se posicionaram de maneira pessimista e cética, sugerindo medidas punitivas como expulsar os bagunceiros e colocá-los no reformatório. Nos outros três grupos, os alunos enumeraram muitas sugestões: a evitação de brigas e discussão; fazer mais amigos; mudar a maneira de pensar; ter professores e diretores que saibam dialogar com eles; estabelecimento de regras "mais fortes"; promoção de atividades culturais e motivadoras - ouvir música no intervalo, produzir jornal informativo, biblioteca bem estruturada. Além disso, os alunos identificaram o período de atuação do grêmio estudantil como sendo marcado pela redução de episódios violentos. Estes seriam alternativas de relacionamentos com os outros e com o contexto escolar, em contraposição à opção "violência". O discurso dos adolescentes legitima a possibilidade de se criar alternativas frente à violência, em contraste com o caráter monolítico e desfocado da ação que prevalece nas representações coletivas da violência urbana no Brasil contemporâneo.

Apoio Financeiro: Instituto Nacional de Educação para a Paz e os Direitos Humanos e Ashoka Empreendedores Sociais.

Palavras-chave: Violência; Adolescência; Escola

ESC 03

PRODUÇÕES EM PRÁTICA DE ENSINO/ESTÁGIO SUPERVISIONADO E A VINCULAÇÃO COM A PSICOLOGIA. *Patrícia Cristina Albieri de Almeida** (Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas, SP / Departamento de Pedagogia, UNITAU, Taubaté, SP), Maria Amélia Lucas Pereira** e Roberta Gurgel Azzi (Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas, SP)*

Já é sabido que a Psicologia, em sua trajetória histórica, tem representado importante fonte de conhecimento quando trata-se de compreender o fenômeno educativo. Porém, mesmo sendo consensual que a psicologia traz uma significativa contribuição à educação, parece-nos que a efetivação dessa contribuição tem sido, até hoje, colocada em questão. Entende-se que a dificuldade de garantir a efetiva contribuição da psicologia enquanto elemento de análise da prática educativa, nos cursos de licenciatura, não é conseqüência apenas da forma como a psicologia é conduzida em sala de aula, mas também da desarticulação entre as disciplinas pedagógicas. A literatura tem indicado que é preciso garantir que o futuro professor aproprie-se de um conjunto combinado e estruturado de atitudes, princípios e pressupostos educacionais que norteiarão a sua prática educativa. Esse tipo de formação será viabilizado nos cursos de licenciatura, na medida em que o futuro professor tenha oportunidades diferenciadas de perceber a articulação entre as diferentes áreas do conhecimento. Isso significa possibilitar ao licenciando problematizar a prática, podendo interpretá-la a partir da diversidade de pressupostos teóricos e epistemológicos. É nesse sentido que percebe-se uma grande proximidade entre a Psicologia, a Didática e a Prática de Ensino enquanto disciplinas pedagógicas. E foi com o interesse em compreender melhor essa relação que o presente estudo teve como objetivo investigar, na literatura disponível, a produção de Prática de Ensino/Estágio supervisionado, no período de 1990 a 2001, buscando responder a seguinte questão: O que existe sobre a vinculação entre a Psicologia e a Prática de Ensino? A busca resultou no levantamento de 34 produções que tinham como temática central a Prática de Ensino e Estágio Supervisionado. Dentre as produções localizadas foram analisados 10 artigos de Revistas de Educação, 05 artigos extraídos do Anais do ENDIPE, 06 capítulos de coletâneas, um livro e uma tese de Doutorado. Das 23 produções analisadas, 11 (47,8%) não fazem nenhum tipo de menção à Psicologia. Não existe referência à Psicologia enquanto disciplina pedagógica, nem enquanto área do conhecimento, como também não são feitas críticas à Psicologia. Em 9 produções (39,1%) a Psicologia é mencionada como área do conhecimento que compõe o rol das disciplinas pedagógicas previstas nos cursos de formação de professores. Há 3 produções que fazem algum tipo de vinculação com a Psicologia: a primeira destaca as teorias da Psicologia que influenciaram os educadores; a segunda faz referência ao conhecimento do pensamento espontâneo ao discutir os conhecimentos que nós professores precisamos ter para abordarmos os problemas que a atividade docente nos impõe; e a terceira faz vinculação com a psicologia ao discutir o papel do outro no desenvolvimento e aprendizagem do futuro professor a partir dos referenciais teóricos de Vygotsky. A análise mostrou que a vinculação com a psicologia deu-se basicamente enquanto disciplina pedagógica quando os autores mencionaram a necessidade de articulação entre a Prática de Ensino e as demais disciplinas do curso. Porém, pouco avançam no sentido de se viabilizar formas de articulação, e muito menos ainda, de discutir o papel da psicologia no processo de formação do professor.

Palavras-chave: Psicologia da Educação; Prática de Ensino/Estágio Supervisionado; Formação de professores

ESC 04

DISCIPLINAS PEDAGÓGICAS EM CURSOS DE LICENCIATURA NA PERSPECTIVA DO LICENCIANDO. *Maria Amélia Lucas Pereira** (Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas, SP), Patrícia Cristina Albieri de Almeida** (Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas, SP / Departamento de Pedagogia, UNITAU, Taubaté, SP) e Roberta Gurgel Azzi (Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas, SP)*

O currículo dos cursos de licenciatura é organizado em disciplinas pedagógicas e específicas. Compõe o currículo mínimo para a formação pedagógica as disciplinas de Psicologia da Educação, a Didática, a Estrutura e Funcionamento do Ensino e a Prática de Ensino. A literatura, nos últimos trinta anos, tem apresentado alguns dilemas na formação dos professores para o ensino fundamental e médio. Entre os mais mencionados, temos: a desarticulação entre as disciplinas pedagógicas e específicas, a insuficiência da formação pedagógica, os limites e possibilidades da Prática de Ensino/Estágio Supervisionado, os conflitos entre Bacharelado e Licenciatura, falta de integração entre formação acadêmica e realidade prática, etc. Nessa perspectiva, da busca de superação para os dilemas dos cursos de licenciatura que o presente estudo tem por objetivo investigar a concepção de alunos sobre as contribuições e lacunas das disciplinas pedagógicas cursadas no processo de formação do educador. A investigação foi realizada com alunos de cursos de licenciatura de duas universidades, sendo uma estadual e outra particular. Como forma de analisar as verbalizações dos alunos utilizou-se um questionário contendo questões abertas. Os resultados foram organizados em categorias que permitiram identificar como aspectos/temas mais importantes para a prática docente: conhecimentos de psicologia; conhecimento da organização escolar; noções de Didática para a atuação em sala de aula; e contato com a realidade escolar. Quanto as lacunas de formação, enfatizam: a desarticulação entre teoria e prática; a formação didática na perspectiva do trabalho docente em sala de aula, conhecimentos sobre adolescência/adolescentes, e conhecimento do contexto da escola brasileira numa perspectiva histórica. Os dados analisados permitem perceber que a Psicologia da Educação ganha relevância do ponto de vista dos alunos, que fizeram estes cursos, quando indicam os conhecimentos psicológicos como uma das temáticas mais importante para a prática docente. Porém, entendemos que a formação do licenciando só tem sentido quando possibilita ao futuro professor compreender o fenômeno educativo a partir dos fundamentos psicológicos da educação em combinação com todos os outros fundamentos teóricos. Em literatura recente, podemos encontrar discussões nesse sentido (Larocca 1999; Azzi, Batista e Sadalla, 2000; Witter, 1999), onde o desafio que se coloca é um ensino de psicologia que estabeleça vínculos reais com as escolas e com seus alunos, que problematize as realidades encontradas no contexto escolar. Além dos conhecimentos em psicologia, outro aspecto que chama atenção é o futuro professor sentir-se despreparado para as situações em sala de aula, indicando tanto nas contribuições como nas lacunas, a formação de competências para ensinar. Tais aspectos pressupõem que, se os cursos de licenciatura querem formar um professor com competências e habilidades profissionais em novas condições e modalidades de trabalho, é sem dúvida necessário desenvolver as disciplinas pedagógicas numa perspectiva interdisciplinar.

Palavras-chave: Disciplinas Pedagógicas; Psicologia da Educação; Formação de professores

*****

ESC 85

MAGISTÉRIO: O PROCESSO DE FORMAÇÃO PSICOSSOCIAL DA IDENTIDADE PROFISSIONAL. *Magali C Serjan Pereira, Silvana Carina Gonçalves Munhoz ** (Departamento de Psicologia Social e Institucional, Universidade Estadual de Londrina, Londrina - PR)*

O presente estudo surgiu do contato profissional com futuros professores do ensino fundamental, alunos do curso de magistério. Estes demonstravam que, ao se formarem, não tinham uma consciência do significado social da atividade que desempenhariam - educadores. Assim, a pesquisa objetivou compreender o processo de construção da identidade profissional, dentro deste ensino técnico, e aspectos da realidade social e educativa que o curso consolida. Identidade aqui, é compreendida como um processo dinâmico, que encontra-se em constante re-construção. A opção pelo ensino técnico permaneceu apesar da nova LDB, aprovada em 1996, prever que toda formação de professor, inclusive do ensino fundamental, deverá ocorrer a nível de 3° grau. Na verdade, percebia-se a necessidade de estudos sobre a construção da identidade profissional no ensino técnico. Para tal análise, enfatizou-se aspectos que podem influenciar o processo de construção da identidade profissional, como por exemplo o processo educacional, em específico o ensino técnico, no Brasil; a adolescência (fase em que a maioria dos estudantes fazem a opção profissional) e o trabalho docente. Procurou-se também, verificar quais disciplinas do currículo do curso em questão contribuem, de forma significativa, para o processo de formação do professor. Participaram da pesquisa as alunas do último ano do curso de magistério (1999), de um colégio particular situado em Londrina-PR. Utilizou-se, para a aquisição dos dados, entrevistas orientadas por um roteiro semi-estruturado. Verificou-se que o curso de magistério contribuiu muito para que as futuras professoras alterassem a representação que tinham do papel docente ao ingressarem no curso, passando estas alunas agora, a possuir uma postura mais consciente acerca do papel social do educador. Notou-se ainda, que disciplinas como psicologia, didática e história da educação foram consideradas de extrema importância para a formação do educador. Apesar do curso de magistério (técnico) ter proporcionado subsídios para um repensar sobre o ser professor, notou-se que este espaço ainda não é suficiente para que se "construa" (dinâmico) uma identidade profissional que esteja em consonância com o papel do educador. Desta forma, alerta-se para a necessidade da formação continuada deste profissional, destacando-se o aspecto de "quem educa quem". Espera-se que o trabalho tenha suscitado reflexões sobre a representação social do professor, e ainda sobre questões que possam ser melhoradas no processo de formação deste profissional (visto como algo sem fim, mas constante), tendo sempre em vista, a escola como espaço sócio-cultural.

Palavras-chave: Identidade Profissional; Formação de Professores; Ensino Técnico

*****

ESC 86

APRENDIZAGEM E A TERCEIRA IDADE: CAMINHOS E DESCAMINHOS DO ENVELHECIMENTO. *Cláudia Araújo da Cunha, Ana Luiza Patrocínio Mineo*, Giselle do Carmo*, Janaína Pinto de Oliveira*, Letícia Francisco Alves da Silva*, Sâmela Gomes Rodrigues*, Tatiana Lúcia Santana* e Vanessa Bittencourt* (Departamento de Psicologia Social e Educacional, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Minas Gerais)*

O envelhecimento é um processo biopsíquico de involução orgânica, caracterizado também, por aspectos sociais e culturais nele envolvidos. Estudos anteriores, entretanto, ressaltam a experiência e sabedoria do idoso como algo glorioso e crescente no homem. Sendo assim, o mito da inatividade e da falta de ânimo pode ser combatido desde que propostas integrativas sejam feitas, respeitando, pois, o desejo e a vontade de aprender embutidos nesses indivíduos. A partir de constatações deste tipo, o objetivo desta pesquisa foi o de comparar o pensamento e sentimento de 14 idosos pertencentes a duas instituições especializadas na cidade de Uberlândia, Minas Gerais. Uma delas apresenta caráter assistencialista, sem comprometimento psicopedagógico e outra interacionista, oferecendo serviços médicos, atividades esportivas, de lazer e culturais. Em cada instituição foram entrevistados sete sujeitos que responderam a 14 questões abertas, confeccionadas pelas pesquisadoras. As perguntas verificavam desde os dados pessoais do idoso, até questões mais específicas e seus sentimentos em relação à dada instituição. As entrevistas foram feitas frente a frente com o idoso e durou em média 20 minutos cada uma. Os resultados demonstraram diferenças significativas acerca das crenças e expectativas dos idosos nas duas instituições pesquisadas. No asilo assistencialista, os sentimentos predominantes foram de tristeza e não aceitação de sua situação, representando uma porcentagem igual de 25%. Quanto aos motivos apresentados para estarem no asilo, 57,14% responderam que eles estavam incomodando na família. Entretanto, as relações com a família e com os colegas institucionalizados foi considerável agradável e de amizade, com 57,14% e 50% respectivamente. As necessidades básicas de um idoso obtiveram percentual de 21,73% para o item maior atenção dos funcionários e em seguida os itens Ter o que fazer, família presente e fé, com 13,04% cada um. Quanto à vantagem de ser idoso, responderam que a aprendizagem é maior (40%) e desvantagem foi o item dependência (40%). O desejo por aprender algo, 34% respondeu nada, em seguida, empatados com 22%, os itens qualquer coisa e artes manuais. Na instituição interacionista, porém, 57% respondeu sentir alegria em freqüentar tal local; os relacionamentos com a família e com os colegas também foi considerados bom, com 85,7% e 80% respectivamente. As necessidades básicas de um idoso apresentadas por eles foi carinho (22,75%) e compreensão (18,20%). A vantagem em ser idoso foi a de Ter experiência acumulada (30%) e a desvantagem o arrependimento pelo que não fez (34%). O desejo de aprender a dançar (25%) e psicologia (20%) foram os mais falados. Quanto à expectativa futura, os sujeitos da instituição assistencialista responderam que não tinham expectativas (16,66%). Os sujeitos da instituição interacionista, com o mesmo percentual, relatam para viver cada vez melhor. Concluiu-se, de fato, ao compararmos uma instituição voltada para uma proposta psicopedagógica mostra-se eficaz na promoção e manutenção de sentimentos agradáveis em relação ao processo de envelhecimento ao passo que uma instituição com bases assistencialista e cuidadoras reflete a passividade e inatividade tão comum em alguns idosos. Isso demonstrou que a visão do processo de envelhecimento depende do contexto biopsicossocial que o idoso se encontra e da auto-estima e motivação do mesmo.

Palavras-chave: Envelhecimento; Psicossocial; Aprendizagem

*****

ESC 87

SUBJETIVIDADE E FRACASSO ESCOLAR: APONTAMENTOS PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA PRAXIS PREVENTIVA DO PSICÓLOGO NA ESCOLA. *Vilésia Maria Zanello de Loyola** (Universidade de Brasília, Brasília-DF)*

O fracasso escolar é um fenômeno que muito tem preocupado os profissionais ligados direta ou indiretamente à área educacional. Muitas pesquisas têm sido realizadas no intuito de compreendê-lo melhor, bem como as causas que nele estão implicadas. No entanto, pouco se tem perguntado sobre a natureza mesma deste conceito. Em boa parte da literatura consultada, encontramos um apontamento tangencial do que vem a ser ou como vem sendo conceituado o fracasso escolar: mau desempenho escolar, baixo rendimento acadêmico, repetição de ano, evasão. De modo geral, não encontramos uma definição direta e reflexiva sobre o conceito, de modo que em nosso trabalho propomos uma discussão do que seria o fracasso escolar adotando-se uma outra perspectiva que não apenas aquela relacionada ao desempenho cognitivo das crianças. Percebemos que mesmo aqueles autores que tratam o fenômeno do fracasso escolar através de uma abordagem dita mais integral (que leva em conta outros âmbitos como o afetivo, o relacional, etc.), não questionam e reconstroem o próprio conceito do que venha a ser o fracasso até o parâmetro por eles mesmos adotado. Em outras palavras, é proposto que o fracasso escolar abrange não apenas aqueles alunos que não aprendem, mas também aqueles outros afetados em dimensões tais como a afetividade, a relação com os colegas, etc. Levou-se em conta, nesta perspectiva, como parâmetro, os conceitos de saúde e de subjetividade, desenvolvidos pela teoria de Gonzalez-Rey. Segundo este autor, a subjetividade deve ser compreendida tanto em seu aspecto social quanto individual, sem perder a imensa complexidade entre estas dimensões. Deste modo, foi apontado como o fracasso escolar aparece relacionado não apenas ao indivíduo, mas ao universo de relações (macro e micro-sociais) nos quais se vê envolvido e participa. Além da teoria de Gonzalez-Rey, utilizamos a filosofia do diálogo de Martin Buber para situar o fenômeno do fracasso escolar como um fenômeno essencialmente intersubjetivo. Buber aponta a relação como o fundamento da existência do homem, de maneira que não se poderia isolar o individual do contexto intersubjetivo. Tratamos assim o fracasso escolar como um fenômeno relacionado à subjetividade individual, à subjetividade social e à intersubjetividade. A conseqüência de tal enfoque foi a valorização do papel que o professor desempenha nos processos de formação e informação dos alunos. Tal enfoque nos levou, por fim, à proposição de um modelo de trabalho para o psicólogo na escola tanto no âmbito macro como micro-social, trabalho este intitulado como "formação continuada" do corpo docente. A pesquisa-ação estaria na base de tal modelo, sobretudo no que diz respeito à idéia de que pesquisa e intervenção não podem e nem devem estar separadas.

Palavras-chave: Fracasso escolar; Subjetividade; Psicologia escolar

*****

ESC 88

AS ADAPTAÇÕES REALIZADAS PARA A UTILIZAÇÃO DA COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA DE BAIXA TECNOLOGIA POR CRIANÇAS COM GRAVES TRANSTORNOS MOTORES. *Maria Helena Machado Paza **, Maria Amélia Almeida***, Departamento de Pós-graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP)*

A paralisia cerebral caracteriza-se por perturbações motoras e sensoriais, resultantes de uma lesão encefálica que pode ocorrer da concepção até a primeira infância, sendo que qualquer agente pode ser considerado como um fator causal da paralisia cerebral. Diante das perturbações motoras que ocorrem, a criança com paralisia cerebral apresenta um comprometimento comunicativo bastante variável, podendo encontrar-se indivíduos com a fala próxima do normal, com leves distúrbios articulatórios, graves atrasos na

aquisição da oralidade ou total ausência da mesma. A comunicação alternativa e aumentativa (CAA) surge como um método para solucionar o relacionamento interpessoal, complementando a linguagem já existente no indivíduo e auxiliando-o no desenvolvimento de seu potencial comunicativo. O objetivo deste estudo foi o de investigar se o Sistema PECS-Adaptado associado às figuras do PCS e devidamente reorganizado às necessidades físicas dos participantes pode ajudar crianças com déficits motores, a se comunicarem com seu interlocutor em situações variadas. Neste estudo participaram 6 adolescentes não verbais, com graves transtornos motores e deficiência mental. Utilizou-se as figuras do Sistema PCS, transformadas em fichas comunicativas de baixa tecnologia, manuseadas em pranchas de madeira. Associada às figuras do PCS utilizou-se o sistema PECS-Adaptado por se apresentar como um manual de treinamento de CAA desenvolvido para crianças com distúrbios comunicativos, sendo que este sistema não requer material complexo e nem técnicos especializados para o treinamento. A intervenção foi dividida em 5 sub-fases reformuladas do PECS-Adaptado, porém com alguns ajustes para facilitar a utilização das fichas por portadores de paralisia cerebral. Tais fases foram: Fase 1: Aprendendo a fazer a troca; Fase 2: Aumentar a espontaneidade; Fase 3: Discriminação das figuras e redução do tamanho das mesmas; Fase 4: Formar sentenças; Fase 5: Aumentar vocabulário. Durante a coleta de dados observou-se dificuldades em algumas situações sendo necessário a realização de adaptações nas sub-fases ou nos protocolos de registro. Os resultados mostraram que as adaptações realizadas foram apropriadas para as dificuldades motoras apresentadas pelas crianças, pois estas responderam muito bem as tais modificações. Foi observado que o fator agravante para uma melhor resposta à CAA não se dá pelo comprometimento motor que uma patologia pode causar, mas sim pelo grau da deficiência mental que os indivíduos possuam, podendo ser o causador das dificuldades encontradas. Constatou-se que, apesar dos problemas de saúde, das inabilidades motoras e do elevado grau de deficiência mental a maioria dos participantes, apresentou uma melhora em seu relacionamento comunicativo. Concluindo, a criança com paralisia cerebral pode desenvolver uma comunicação satisfatória, desde que suas dificuldades motoras sejam respeitadas por meio de adaptações da CAA às suas necessidades físicas. Isso ocorrerá, sem prejuízo para seu relacionamento interpessoal, contribuindo no desenvolvimento e na complementação de sua linguagem que é alterada devido a disfunções variadas.

Projeto financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP.

** Mestranda em Educação Especial - UFSCar
*** Orientadora Docente do Programa de Pós-graduação em Educação Especial - UFSCar

Palavras-chave: Comunicação Alternativa, Paralisia Cerebral, Distúrbios da Comunicação

***

ESC 89

A CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE NA FORMAÇÃO DOS ALUNOS DE ENGENHARIA DO I. T. A. *(Soraya Souza, Mercedes Capelillo, Universidade Católica de Goiás-GO **)*

Esta pesquisa busca analisar como se configura no discurso institucional a constituição da subjetividade na formação dos alunos de engenharia do Instituto Tecnológico da Aeronáutica. Como objetivos específicos elencou-se: identificar os elementos que constituem a subjetividade nos alunos desta Escola; compreender as relações existentes entre os elementos da subjetividade socialmente construídos e os singulares aos alunos, como se configura a mudança no modo de vida e no processo de escolarização na constituição da subjetividade. O método dialético foi utilizado para compreender o fenômeno em estudo, através de uma epistemologia qualitativa. Busca-se analisar os dados construídos de maneira processual, articulando as contradições apresentadas nos discursos, na tentativa de compreender a constituição da subjetividade na formação dos alunos de engenharia do ITA. Participaram da pesquisa alunos do primeiro ano no ensino fundamental do ITA, oriundos de diversos Estados brasileiros, que vivem em regime de internato no alojamento da Escola. Os instrumentos utilizados foram entrevistas semi-estruturadas e abertas. A aplicação coletiva das entrevistas semi-estruturadas com complementos de frases foi realizada com 12 alunos. Destes, 5 alunos e 2 professores, foram escolhidos para entrevistas abertas pelo critério de disponibilidade e indicadores do fenômeno. A análise dos dados aponta a questão do gênero, dentre os alunos escolhidos, havia uma aluna, portanto no item do questionário que designava o gênero apresentou-se como masculino, embora seja permitido não é autorizado neste espaço o feminino. Outra, é o regime de internato, há uma justaposição dos e nos significados escola/casa como se fizessem parte do mesmo cenário. As identificações apresentadas são: escola internato: lugar internato, lugar de repetição dos modelos institucionais estando o ano sob o dispositivo de internação. Escola-casa: lugar relacional, onde os alunos estudam, recebem amigos. Os espaços são estendidos e confundidos, não há demarcação de espaços públicos e privados. Escola-instituição onde acontece as aprendizagens de maneira sistematizadas. Outra senda, é a representação que identifica a Escola como a realização de um "sonho", que se tornou realidade. Esta se remete nos documentos da instituição ao sonho de Santos Dumont por uma "escola de verdade". O que será uma escola de verdade? A identificação de "Escola Ideal" é um mito, porém neste contexto é construído a instituição e constituída a subjetividade dos sujeitos.

Palavras-chave: Constituição; Subjetividade; Desenvolvimento

***

ESC 90

HABILIDADES METALINGÜÍSTICAS, LEITURA E ESCRITA DE ESCOLARES DE 3ª E 4ª SÉRIES DO ENSINO MÉDIO. *Joseli Soares de Brazarollo e Maria da Piedade Resende da Costa (Programa de Pós Graduação em Educação Especial / UFSCar)*

Desde a década de 70 inúmeras pesquisas têm enfatizado a importância das habilidades metalingüísticas no processo da aquisição da leitura e da escrita, sendo que as diferentes formas de consciência lingüística, como a consciência de palavras, de sílabas e dos fonemas representam funções diferenciadas na linguagem escrita. Observa-se, deste modo que as crianças passam da tentativa de representar os sons da língua para estratégias mais avançadas que buscam a coordenação dos aspectos fonológicos (da representação dos sons) a aspectos morfo-sintáticos ao gerar a grafia das palavras e durante a leitura. Desta forma, o objetivo deste estudo foi realizar, com 30 crianças de 3ª e 4ª séries (idade entre 9 a 11 anos), a avaliação das habilidades metalingüísticas de Consciência Fonológica e Consciência Sintática, bem como a avaliação da leitura e escrita, por meio de instrumentos padronizados e de duas tarefas adaptadas, sendo que os resultados obtidos mostraram que: 1) Em relação à Prova Consciência Fonológica (Capovilla & Capovilla, 1998), todas as crianças apresentaram habilidades fonológicas iniciais (como por exemplo, julgamento de rimas, aliteração e segmentação silábica), 43,3% tiveram pelo menos um erro nas habilidades que envolviam consciência fonêmica e 100% das crianças apresentaram dificuldades (solicitação de repetições na instrução da tarefa ou auxílio visual e dicas da examinadora); 2) Nas tarefas de Consciência Sintática, as crianças poderiam obter uma pontuação de 0 a 12 na Tarefa de Categorização de Palavras e 0 a 10 na Tarefa de Ordenação de Vocábulos em Sentenças, sendo que 33,3% acertaram todos os itens de ambas as provas e 76,67% obtiveram melhor escore na tarefa de categorização de palavras; 3) Na Leitura Oral de texto (TLOT - Braz & Pellicciotti, 1980), todas as crianças apresentaram dificuldades nas regras de pontuação (o que também foi observado no ditado), pouca fluência e a leitura ocorreu em 75 % das crianças pela decodificação de sílabas; e 4) Para a escrita, nas duas avaliações propostas, 86,67 % dos participantes apresentaram um escore superior a 50 % de acertos em palavras ditadas, o tipo de erro mais comumente encontrado foi a substituição e a natureza dos erros mais freqüentes foram as representações múltiplas, seguida da confusão entre "am" e "ão" e omissão do "h" inicial, sistematicamente. A avaliação das habilidades metalingüísticas e da leitura e escrita demonstraram que as crianças do estudo estão na fase de aquisições de habilidades mais refinadas para apropriarem-se do sistema de escrita, porém ainda com muitos erros ortográficos, cuja freqüência tende a diminuir, sendo necessários estudos de acompanhamento da trajetória evolutiva que os erros podem estar tendo até o pleno domínio ou apropriação de seu sistema de linguagem escrita.

Apoio financeiro da FAPESP
Palavras-chave: Habilidades metalingüísticas; Leitura e escrita; Avaliação

***

ESC 91

AVALIAÇÃO DA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO. O OLHAR DO ALUNO EM FASE DE AQUISIÇÃO DA ESCRITA. *Selma de Cássia Martinelli (Universidade Estadual de Campinas-Campinas/SP), Fermino Fernandes Sisto (Universidade São Francisco/Itatiba-SP)*

As teorias que procuram investigar as percepções dos alunos com respeito à escola e as relações sociais que nela se estabelecem, afirmam que elas influenciam o rendimento escolar dos alunos. No entanto, verifica-se uma escassez de pesquisas referentes as inter-relações entre rendimento escolar e fatores de natureza afetiva. Estudos dessa natureza, relacionados ao baixo desempenho na aquisição da escrita são ainda mais raros ou até mesmo inexistentes. Isso provavelmente se deva à falta de instrumentos de medida tanto no que se refere as variáveis afetivas como em relação ao desempenho acadêmico em uma área específica. Tendo em vista o alto índice de fracasso escolar verificado nas últimas décadas e as dificuldades de aprendizagem verificadas nos primeiros anos de escolaridade, principalmente no que se refere a aquisição da escrita, esse estudo procurou analisar o que os alunos com baixo desempenho em escrita acreditam que seus professores pensam a seu respeito. Participaram desse estudo 120 sujeitos, sendo 62 do sexo masculino e 58 do feminino, entre 9 e 10 anos e freqüentando a 3ª série do ensino fundamental, de uma escola pública da cidade de Campo Limpo Paulista/SP. Os sujeitos foram avaliados por dois instrumentos. O desempenho na escrita, por meio de um ditado padronizado para esse fim. E a percepção do que o professor pensa do aluno, do ponto de vista do aluno, por um instrumento, contendo vinte afirmações, sendo 10 delas apontando para atitudes positivas frente ao comportamento ou desempenho do aluno e dez negativas (Ex: Minha professora elogia meus deveres escolares, Minha professora acha que eu estudo pouco), no qual solicitava-se a freqüência

(sempre, às vezes, ou nunca) com que o aluno percebe sua ocorrência. Encontrou-se pela prova estatística de correlação de Pearson (n=120) um valor de r= -.336, com nível de significância de p= .000, sendo este altamente significativo. A tendência dos dados permite afirmar que quanto mais erros na sua avaliação escrita, pior a criança acha que o professor a julga, da mesma forma que quanto menos erros na escrita, melhor ela acha que o professor a vê. Esse resultado sugere que a crença da criança quanto aos critérios do professor para julgá-la enquanto aluno, está diretamente ligado ao seu desempenho. Estes dados suportam as tendências apontadas pela literatura de que o desempenho dos alunos é influenciado por variáveis afetivas, sendo que a expectativa que o professor tem de seu aluno e a percepção dessa expectativa pelo aluno, interfere em seu desempenho acadêmico.

Palavras-chave: Desempenho acadêmico, Percepção, Relação professor-aluno

---

ESC 92

AVALIAÇÃO DO AUTOCONCEITO EM CRIANÇAS COM DIFICULDADE NA AQUISIÇÃO DA ESCRITA. *Gabriela Rocha Silva** (Faculdade de Educação/Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP) e Selma de Cássia Martinelli (Faculdade de Educação/Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP)*

Atualmente, as interações afetivo-emocionais, motivacionais e de relacionamento interpessoal vêm sendo apontadas como variáveis importantes para se avaliar o fracasso escolar. A busca pela compreensão deste fenômeno, nos remete também ao estudo de um assunto polêmico, as dificuldades de aprendizagem. Entendendo-se que o autoconceito integra e organiza a experiência do indivíduo, regulando os estados afetivos e atuando como motivador e guia do comportamento, o presente estudo propõe a análise da relação entre esta variável, avaliando-a nos diferentes contextos (escolar, social, familiar e pessoal) com a dificuldade de aprendizagem, em especial a aquisição da escrita. Para realização da pesquisa utilizou-se uma escala de avaliação do autoconceito construída e validada para a população brasileira um ditado contendo as dificuldades lingüísticas para avaliação da dificuldade na escrita. Os instrumentos foram aplicados coletivamente, na sala de aula durante o período normal de atividade. A amostra foi composta por 277 sujeitos, sendo 144 do sexo masculino e 133 do sexo feminino, estudantes da 3a série do ensino fundamental de quatro escolas públicas de Campinas/SP. A idade dos sujeitos variou de 9 a 10 anos. Na escala do autoconceito geral, encontrou-se para a dificuldade de aprendizagem na escrita F=2,718 e p=.045. E, na escala de autoconceito escolar, encontrou-se para a dificuldade de aprendizagem na escrita F=7,7751 e p=.000. Na escala de autoconceito social, encontrou-se para a variável gênero F=10,926 e p=.000. Em relação às médias observadas, na escala de autoconceito geral, percebe-se que o valor da média diminui conforme aumenta o nível de dificuldade de aprendizagem, assim as crianças que não possuem a DA possuem uma média mais alta (x=21,18) do que as crianças com DA (x=115,14), sendo a média do grupo (x=118,78). Observa-se que quanto mais baixa a média do autoconceito escolar maior o nível de DA. Observa-se também que crianças sem DA tiveram uma pontuação mais elevada no autoconceito (x=30,29) do que as com (x=26,92), sendo a média geral do grupo (x=28,63). Em relação à variável gênero observou-se que a média do autoconceito social do sexo masculino (x=30,52) é mais elevada do que do sexo feminino (x=29,18). Observa-se também que os sujeitos que apresentam mais dificuldades de aprendizagem na escrita também se diferenciam com relação à idade e que estas diferenças aparecem em relação ao gênero. No sexo masculino, os sujeitos com 9 anos têm uma média mais elevada (x=31,70) do que os com 10 anos (x=29,16). E no sexo feminino, os sujeitos com 9 anos tem média mais baixa (x=28,39) do que os com 10 anos (x=29,30).

**Bolsista CAPES

Palavras-chave: Autoconceito, Dificuldade de aprendizagem na escrita; Gênero

---

ESC 93

OFICINA DE TEATRO: UM DISPOSITIVO MOBILIZADOR DA COMUNIDADE ESCOLAR. *Isabel Costa Lima*, Luciana Ferreira Barcellos*, Maria Rachel Bretas*, Melissa Marsdru* e Marisa Lopes da Rocha (Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, RJ)*

Este trabalho tem como objetivo apresentar a oficina de teatro que vem se realizando em uma escola da rede pública do Estado do Rio de Janeiro, cuja perspectiva é a discussão de temáticas relativas à sexualidade, por meio do dispositivo dramático. A oficina de teatro funciona como um dos dispositivos de mobilização do cotidiano educacional na pesquisa-intervenção "Psicologia e Educação: trabalho docente, produção de subjetividade e saúde" que desenvolvemos através do Instituto de Psicologia da UERJ. Neste sentido, foram estabelecidos encontros semanais com alunos do ensino fundamental e médio, interessados tanto no aprendizagem de técnicas teatrais, quanto na problematização das questões relativas à adolescência. O trabalho é realizado semanalmente, contando com a participação de dois membros da nossa equipe de pesquisa, com a professora de artes cênicas da escola e uma psicóloga vinculada ao Centro de Educação Sexual (CEDUS) e está dividido em duas etapas: a primeira, tem por objetivo proporcionar discussões com os alunos do grupo, acerca das questões por eles vivenciadas na forma de dramatização, mediante debates e dinâmicas, a segunda, se constitui no espaço onde os alunos aprendem a arte da dramaturgia. A aula é ministrada pela professora de artes cênicas e as questões são polemizadas nas relações vivenciadas no cotidiano dos trabalhos da oficina. O trabalho corporal, a convivência em grupo, a postura, a fluência verbal, são aspectos essenciais desenvolvidos no processo com adolescentes em fase de descobertas. Questões como sexualidade, o lidar com o corpo, gêneros, preconceitos, gravidez precoce, aborto, entre outras, são dramatizados pelos alunos em eventos organizados pela escola de forma que todos os segmentos tenham oportunidade de entrar em contato com o trabalho realizado pelo grupo. Até o momento já foi possível a apresentação de uma peça teatral, construída pelos próprios alunos, com grande repercussão entre os professores e os demais integrantes do corpo escolar. Dentre as dificuldades encontradas, evidenciamos a predominância maciça de moças interessadas em fazer teatro, assim como na discussão pública sobre sexualidade. Esse fato, que vimos trabalhando com as turmas, se deve à existência de preconceitos entre os jovens em relação à realização de atividades que necessitam de certa desenvoltura e mobilidade corporal, colocando em questão a virilidade masculina, do mesmo modo que são questões que os rapazes costumam discutir entre si. A experiência vem ganhando importância, pois é capaz de informar e polemizar questões que atravessam o cotidiano dos jovens, de forma dinâmica e interessante, mantendo-os atentos e implicados com debates sobre aspectos de suas vidas que nem sempre a escola e a família conseguem abordar.

UERJ, CNPq, FAPERJ

Palavras-chave: Sexualidade; Escola; Adolescência

ESC 94

ESTRESSE OCUPACIONAL, ESTILOS DE APRENDIZAGEM, ESTILOS DE PENSAMENTO E COPING - NA SATISFAÇÃO, MAL ESTAR FÍSICO E PSICOLÓGICO DOS PROFESSORES E ALUNOS DO CURSO PRÉ-VESTIBULAR. *Tereza Cristina Siqueira Cerqueira (Faculdade Católica de Brasília, Brasília-DF), Clarisse Miranda Reiner (Psicóloga Clínica), Maria Cristina Alves Vieira (Escola de Governo do Distrito Federal, Brasília-DF)*

A pesquisa relacionou o estresse ocupacional, os estilos de aprendizagem, de pensamento e de coping à satisfação no trabalho e ao mal-estar físico e psicológico em professores e alunos do curso pré-vestibular. Tendo como referencial a Teoria do Estresse Ocupacional (Cooper & Payne, 1980, Cooper & Baglioni Jr., 1988, Cooper, 1993), a Teoria da Aprendizagem Experiencial (Kolb, 1984, 1989, 1993, 1999) e a Teoria do Self-Cognitivo Experiencial (Epstein, 1973, 1985, 1990, 1994, 1995), três estudos são descritos. No primeiro estudo, foi elaborado o Inventário de Estresse em Professores e em Alunos, tendo como base a lista dos estressores ocupacionais identificados em uma amostra de 65 professores e 62 alunos. No segundo estudo, foi aplicado o Inventário de Estilos de Aprendizagem em uma amostra de 81 professores e 104 alunos. No terceiro estudo, foi analisada a relação entre estilos de pensamento e de coping, mensurados pela versão reduzida do Inventário Racional versus Experiencial - RVEI-S e pelo Inventário do Pensamento Construtivo - CTI-S, como preditores e a satisfação no trabalho e o mal-estar físico e psicológico como critério na mesma amostra na qual foi aplicado o Inventário de Estilos de Aprendizagem de Kolb. Os resultados do segundo e do terceiro estudos evidenciam que: a) o estresse ocupacional, o estilo convergente e o pensamento racional são preditores significativos do mal-estar psicológico, b) que o estresse ocupacional, o estilo de aprendizagem assimilador associado a algumas dimensões do pensamento construtivo são preditores significativos do mal-estar psicológico, mas não significativos para o mal-estar físico e para a satisfação no trabalho.

Palavras-chave: Estresse Ocupacional; Estilos de Aprendizagem; Coping

---

ESC 95

A FORMAÇÃO DE CONCEITOS NO COTIDIANO DA SALA DE AULA DE UMA ESCOLA RELIGIOSA. *Adalgisa Regina Teixeira e Mercedes Villa Cupolillo (Programa de Mestrado em Psicologia, Universidade Católica de Goiás - Goiânia,Goiás)*

O estudo apresentado enfoca a formação de conceitos a partir da análise das interações entre as professoras e os alunos da 3ª série do ensino fundamental em contextos diferentes na própria instituição de ensino religioso da rede privada de Goiânia. A pesquisa desenvolveu-se em duas situações: em uma sala comum (todos os alunos) com a professora regente e outra na sala de recuperação paralela (com um número restrito de alunos considerados defasados em seus processos de aprendizagem) com outra professora. Investigou-se a intervenção do professor na formação de conceitos novos para a construção do conhecimento do aluno, bem como a utilização dos conceitos espontâneos da criança na formação de conceitos escolares na sala de aula. Procedeu-se à investigação através de pesquisa bibliográfica, pesquisa documental (do organograma da instituição) e pesquisa de campo, através de gravações em vídeo retiradas das aulas. Os recortes foram realizados a partir de gravações em vídeo retiradas das aulas. Os recortes foram analisados a partir de contextos de significação. Cada professora e coordenadora foram entrevistadas, para uma melhor compreensão de seus objetivos e de seus

padrões interativos. Com base nas dinâmicas das aulas e interações das professoras com os alunos, as análises interpretativas evidenciaram que, nessa escola, os valores religiosos caracterizaram-se como um importante catalisador na formação de conceitos. Conclui-se que os processos que envolveram a formação de conceitos apoiados na unidade valores-cognição-afeto emergiram de forma diferenciada pelas professoras na complexa rede de aspectos que participaram das situações de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Formação de conceitos; Valores religiosos; Escola

*****

ESC 96

PSICÓLOGO ESCOLAR E PROFESSOR: PARCERIA APONTADA EM EVENTOS CIENTÍFICOS. *Angela Leite dos Santos**, Raquel Ventura Casato* e Ana Maria Falcão de Aragão Sadalla (Instituto de Psicologia - Pontifícia Universidade Católica de Campinas - Campinas, SP)*

Com o intuito de compreender como está a produção científica com relação à atuação do psicólogo escolar junto ao professor, foi realizada vasta análise dos Anais de dois eventos científicos mais recentes que congregaram psicólogos: Sociedade Brasileira de Psicologia -SBP- (1999 e 2000) e Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional -ABRAPEE- (1998 e 2000). O fato de serem duas organizações de representatividade nacional implicou no critério de escolha, bem como a participação de representantes da Comunidade Científica de todas as áreas da psicologia na SBP e o direcionamento para a psicologia escolar na ABRAPEE. Esses quatro eventos juntos, somaram um total 2064 produções científicas, sendo 867 da psicologia escolar e 295 relacionadas ao trabalho do psicólogo escolar junto ao professor. O exame dos Anais da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE), publicados no período de 1998 a 2000, mostra que a produção na área de psicologia escolar aumentou 35% nesse período, passando de 261 produções científicas em 1998 para 407 em 2000. Contudo, o número de trabalhos apresentados de psicólogos escolares que atuam com professores não acompanhou esse crescimento e se manteve estável na faixa dos 21%. A análise dos Anais dos dois últimos encontros da Sociedade Brasileira de Psicologia (SBP) em 1999 e 2000, mostra um aumento de 10% de um ano para outro na produção científica no contexto geral. No entanto o mesmo não ocorre com a representatividade da psicologia escolar, uma vez que em 1999 foram 100 trabalhos, 15% do total e, em 2000, esse índice caiu para 13,5% mesmo que o número absoluto (99) de trabalhos de psicólogos escolares não tenha sido alterado. Por outro lado, a atuação do psicólogo escolar com professores obteve um aumento de 11%, considerando que em 1999 foram 31 trabalhos (31%) e em 2000 foram 42 trabalhos (42%). É interessante notar que nesses eventos científicos de Psicologia, merecem destaque os estudos e pesquisas relacionados ao trabalho do psicólogo escolar com professores do ensino fundamental. Considerando que 14% (1998) e 23% (2000) dos trabalhos apresentados se referem a essa categoria de ensino na ABRAPEE e 38,5% (1999) e 19% (2000), dos trabalhos na SBP estavam relacionados ao ensino fundamental. Vale a pena ressaltar que grande parte das produções não declarou a série de atuação do docente. A representatividade do trabalho com professores no conjunto geral aumentou progressivamente na SBP mas manteve-se estável na ABRAPEE. Esses dados são importantes para se identificar elementos necessários para o conhecimento da realidade e comunidade escolar, bem como a visão e atuação da comunidade científica que participou desses eventos, em relação ao trabalho do psicólogo escolar com o professor. Deste modo, pode-se supor que apesar do aumento nas produções, são ainda necessários estudos que apontem a parceria do psicólogo e do docente na direção da formação do professor competente.

Apoio: CNPq

Palavras-chave: Psicologia Escolar; Produção Científica; Formação de Professores

*****

ESC 97

A EXPRESSÃO CORPORAL NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO: UMA EXPERIÊNCIA COM EDUCADORES INFANTIS. *Lúcia Helena F. Mendonça Costa, Rosana Giacchero Pimenta*, Pércia Nunes de Oliveira* (Faculdade de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia - MG)*

Este trabalho retrata o relato de uma experiência acerca da atuação do psicólogo escolar na formação de 12 educadoras, de uma escola particular, que trabalham com crianças de 3 a 6 anos de idade. Objetivou instrumentalizar as educadoras visualizando a conscientização das mesmas sobre a importância da dança e da expressão corporal como recurso psicopedagógico e sua contribuição para o desenvolvimento da criança, à luz da teoria de Henri Wallon que privilegia o desenvolvimento da pessoa completa, nos planos afetivo, cognitivo, motor e social. As atividades foram estruturadas em seis mini-cursos divididos nas seguintes temáticas: (1) A importância da expressividade corporal na construção do conhecimento, (2) A construção recíproca da inteligência e afetividade através da expressão corporal e (3) A expressão corporal no desenvolvimento integral da criança. Nas temáticas 1 e 2 ressaltou-se, com base na perspectiva Walloniana, que a dança, o movimento e a expressão corporal possuem diversas significações e têm um papel fundamental na afetividade como também na inteligência e, conseqüentemente, na construção da personalidade e do conhecimento da criança. Desse modo realizou-se vivência de atividades como: brincadeiras de roda, imitação, dramatização, dança e relaxamentos que podem ajudar as educadoras em suas ações pedagógicas, bem como promover o desenvolvimento infantil. Notou-se que as mesmas apresentaram dúvidas em relação ao desenvolvimento global da criança e desconhecimento das contribuições das atividades no campo da expressão corporal, motivo que desencadeou a última temática. Nesta realizou-se um fechamento enfatizando como a expressão corporal contribui para o desenvolvimento da criança como um todo, destacando o papel da escola/educador na sua construção. Percebeu-se que as educadoras obtiveram uma conscientização no que tange a importância da expressão corporal demonstrado pelo interesse durante os mini-cursos e o estímulo em realizar as atividades com as crianças, bem como uma sensibilização e compreensão de que a dança e o movimento são formas reais de promover, entender e desenvolver o ser humano de forma integrada. No entanto, genes discordâncias no que diz respeito ao papel do educador demonstrado pela dicotomia entre os conceitos de ensino-aprendizagem e o de educar. E, ainda, questionamentos sobre o papel da escola e da família no processo de educar, sendo atribuído aos educadores maior responsabilidade nesse processo, gerando sentimentos de frustração, sobrecarga de atribuições por parte das mesmas. A discussão final centrou na necessidade deste trabalho ser estendido aos pais visando instrumentalizá-los sobre a importância do lúdico no desenvolvimento infantil e integrá-los como co-responsáveis no processo educativo. Assim, acreditando na importância da qualificação do trabalho do educador, esta experiência demonstra como fundamental o trabalho do psicólogo em instituições educacionais como mediador, que instrumentaliza e orienta tanto pais como educadores para que se alcance a meta maior da educação que é o desenvolvimento da criança como um todo, em especial conscientizá-los da importância da dança e expressão corporal como um recurso psicopedagógico.

Palavras-chave: Expressão corporal; Henri Wallon; Educadores infantis

*****

ESC 98

APRENDENDO BRINCANDO: UMA PROPOSTA PSICOEDUCACIONAL DO FAZER INFANTIL EM CRECHE. *Lúcia Helena F.M.Costa, Caroline Lebrão Mattiello* e Rosana Giacchero Pimenta* (Faculdade de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia - MG)*

Este trabalho insere-se nas discussões a cerca da prática do psicólogo em instituições educacionais, realizado em duas creches comunitárias, composta de 22 educadoras e 200 crianças na faixa etária de 2 a 6 anos e 11 meses de idade, durante o período de 8 meses, configurando-se como um projeto de intervenção de um estágio supervisionado. Objetivou-se discutir o fazer infantil nas instituições e apresentar propostas psicoeducacionais norteando o trabalho das educadoras, à luz da teoria de Henri Wallon, que privilegia o desenvolvimento da criança como um todo nas dimensões afetiva, cognitiva, motora e social. A partir de observações, entrevistas com educadoras/equipe administrativa, brincadeiras com as crianças foi possível compreender a dinâmica de funcionamento das creches, estruturação didático pedagógica, interações educador-criança e criança-criança. Observou-se a inadequação da utilização do espaço físico e dos recursos disponíveis; falta de iniciativa e pouca criatividade na execução das atividades; limitação das educadoras no que tange a valorização e reconhecimento do aspecto lúdico, gerando ociosidade e indisciplina; bem como dificuldades nas relações interpessoais entre coordenador e educadores. Com base nesses dados a proposta psicoeducacional foi estruturada em dois momentos: (1)- com as crianças, (2)- com as educadoras. No primeiro momento, realizou-se atividade lúdica nos agrupamentos da creche, subdividida de acordo com a faixa etária, que consistiu em: dramatizações; oficinas de histórias, de música, de jogos matemáticos; gincana da sexualidade, jogos de regras e limites. No segundo momento, o trabalho voltou-se para: (a) assessoria nos agrupamentos: orientações, discussão com as educadoras sobre suas necessidades e conhecimento sobre a criança; (b) S.O.S. Psicologia: caixinha com objetivo de receber dúvidas, sugestões, críticas, curiosidades das educadoras; (c) Oficina de Sucata: intitulada "Um, do, li, tá, já" - criando para brincar e estruturada em conteúdos da matemática, da musicalidade, da comunicação e da estética; (d) Mini-Cursos: temáticas voltadas para parceria psicólogo escolar-educadores infantis, relações interpessoais, agressividade, sexualidade/afetividade e Parâmetros Curriculares. Devido à carência de atividades lúdicas estruturadas na creche, detectada inicialmente, o trabalho com as crianças deu-se de forma mais tranqüila e eficaz, desencadeando um maior envolvimento e participação das mesmas, com criatividade, autonomia, limites, iniciativa nas ações propostas, condições necessárias para a formação da personalidade e identidade da criança nesta faixa etária, segundo Henri Wallon. Quanto aos educadores notou-se que a partir da melhoria das relações interpessoais, e das reflexões sobre o papel dos mesmos na creche, houve um aumento da sensibilidade do educador quanto à importância da expressividade da criança, do movimento entre o afetivo e o cognitivo e do reconhecimento do brincar no aprender. As atividades psicoeducacionais propostas, portanto, fortalecem as discussões sobre a necessidade da atuação do psicólogo em instituições infantis, contribuindo para o olhar diferenciado sobre o desenvolvimento da criança como um todo.

Palavras-chave: Intervenção psicológica; Creche; Henri Wallon

****

ESC 99

LETRAMENTO: O JOVEM LEITOR DO ENSINO MÉDIO. *Eliane Porto Di Nucci* (Universidade Estadual de Campinas e Universidade São Francisco/SP)*

Sob a ótica do letramento, a leitura e a escrita são vistas não apenas como a tecnologia de registrar a fala em escrita, de decodificar a escrita em fala mas também, enquanto práticas sociais de inserção do indivíduo na sociedade. Estudiosos como Kleiman (1995;1998), Soares (1998) e Ribeiro (1999) têm se preocupado em conceituar o letramento e compreender sua relevância para a inserção cultural do indivíduo em uma sociedade letrada, considerando os diferentes níveis de letramento. Embora haja diferentes concepções sobre o letramento, o eixo norteador dos estudos são as práticas sociais da leitura e da escrita presentes no cotidiano do indivíduo. Ler o jornal do dia, os outdoors nas ruas, o letreiro dos ônibus, as contas a pagar, deixar escrito um bilhete, fazer anotações na agenda ou encaminhar um relatório, entre outras situações que fazem parte do cotidiano do indivíduo, podem ser denominados eventos de letramento. Estamos o tempo todo em contato com estes eventos que nos permitem compreender o mundo embora, muitas vezes, não percebemos esses eventos em nosso dia-a-dia. No entanto, não basta apenas estar em contato com os diferentes eventos de letramento. É preciso que estes eventos tenham um uso funcional no cotidiano. Esse uso funcional, particularmente da leitura, é que insere culturalmente o indivíduo em uma sociedade letrada. Entender o letramento no contexto do atual Ensino Médio implica em compreender essas práticas presentes no cotidiano de adolescentes do Ensino Médio. Assim, este trabalho visa descrever e analisar as práticas sociais de letramento destes adolescentes, particularmente as práticas de leitura. Para este estudo foram selecionados 20 sujeitos de uma classe de 2ª série do Ensino Médio, do período noturno, de uma escola pública da cidade de Campinas. Primeiramente, foi realizado o contato com o diretor e os coordenadores pedagógicos que aprovaram o desenvolvimento do trabalho. A pesquisadora buscou compreender como os alunos articulavam os conteúdos acadêmicos com as práticas sociais cotidianas de leitura e de escrita. Estas informações nortearam a construção do questionário para a coleta de dados. O questionário era fechado e composto por diferentes eventos de letramento. Os dados mostram que 85% dos sujeitos lêem jornal, mais especificamente as partes relacionadas aos classificados, noticiário local e horóscopo. Com relação à leitura de revista, o tipo de revista mais lido é de informação (38,23%). Apenas 65% da amostra lêem livros, preferencialmente best-seller (84,61%). Entre os eventos de letramento do cotidiano, 75% lêem sinais de trânsito e 80% bilhetes e correspondências. Entre os textos menos lidos destacam-se textos religiosos (40%) e receitas culinárias e memorandos (35%). Conclui-se que os jovens lêem pouco, principalmente revistas e livros relacionados aos conteúdos acadêmicos. Além disso, parece que a leitura ocorre em função das necessidades cotidianas, sem que haja a busca pela informação para a aquisição de conhecimentos.

Palavras-chave: Letramento; Ensino Médio; Leitura

****

ESC 100

FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE 1ª A 4ª SÉRIE: ABRINDO UM ESPAÇO PARA REFLEXÃO DE SUAS AÇÕES.

APOIO FINANCEIRO: PRONEX E CNPQ

FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE 1ª A 4ª SÉRIE: ABRINDO UM ESPAÇO PARA REFLEXÃO DE SUAS AÇÕES. *Raquel Guzzo Leme*, Luciane Oliveira Benedetti* e Ana Maria Falcão de Aragão Sadalla - Pontifícia Universidade Católica de Campinas - Campinas, SP)*

Acredita-se que as crenças do indivíduo estão diretamente relacionadas com suas ações. No caso do professor isso acontece durante o processo de ensino-aprendizagem e nem sempre há consciência das teorias que fundamentam as ações. A reflexão a partir da ação consiste em pensar as situações práticas reais que aconteceram em sala de aula e discuti-las à luz de teorias psico-educacionais. O desenvolvimento profissional docente deve ser compreendido como o processo em que se constitui o professor como sujeito de seus propósitos e objetivos, deixando de considerá-lo como um mero cumpridor de tarefas, muitas vezes ditadas por especialistas. Tradicionalmente, o psicólogo tem sido, historicamente, um dos profissionais que ocupa o espaço da escola para apontar para os professores as ações que devem desenvolver na direção de um processo ensino-aprendizagem de qualidade. O trabalho do psicólogo na perspectiva aqui discutida tem sido a de assistir este professor, desde promover a identificação de suas crenças até contribuir com a reflexão e planejar ações futuras, ou seja, mediar na tomada de consciência de que suas falas e, conseqüentemente, de suas teorias, buscando junto ao docente, melhores alternativas para resolver problemas cotidianos. Para tanto, desde 1999 realiza-se um trabalho em uma escola pública municipal da cidade de Campinas, sendo que neste ano, tem sido desenvolvido, por duas estagiárias de Psicologia Escolar, um grupo com as docentes de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental. Os primeiros encontros tiveram como objetivo estabelecer vínculo e buscar receber a confiança das professoras com as estagiárias, além de levantar os assuntos de maior interesse a serem discutidos. Os temas apresentados foram: indisciplina, hiperatividade, problemas no processo ensino-aprendizagem, relação professor-aluno, inclusão escolar (escola de qualidade para todos), jogos e literatura infantil. Estes temáticos têm sido discutidas em encontros semanais de duas horas de duração, a partir de técnicas de dinâmica de grupo, músicas, vídeos e textos. A avaliação realizada pelos docentes ao longo dos anos aponta na direção de uma maior conscientização de suas próprias capacidades, competências e saberes, sentindo-se cada vez mais autônomas para resolver problemas que surgem no dia-a-dia escolar. Além disso, percebe-se com este trabalho que as professoras sentem-se mais seguras nas atividades realizadas em classe a partir do momento em que são vistas como profissional em contínuo desenvolvimento e ao mesmo tempo em que refletiam sobre suas ações, sentem-se mais capazes para desenvolver em seus alunos atitudes mais autônomas, tornando a aprendizagem mais eficaz, na direção de seus propósitos e objetivos.

Palavras-chave: Formação de professores; Pensamento do professor; Crenças; Professor prático-reflexivo

****

ESC 101

MANTENDO A ATENÇÃO EM SALA: O QUE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL FAZEM. *Mariana Della Mura Iannini Schlieper** *(Departamento de Psicologia Educacional, Unicamp - Campinas, SP) e Evely Boruchovitch (Departamento de Psicologia Educacional, Unicamp - Campinas, SP / Universidade São Francisco)*

O uso eficaz das estratégias de aprendizagem no contexto de sala de aula e de estudo vêm sendo considerado de grande importância para o bom desempenho acadêmico dos estudantes. Poucas pesquisas sobre estratégias de aprendizagem foram realizadas no Brasil. Tendo como referencial teórico a Psicologia Cognitiva baseada na Teoria do Processamento da Informação, o objetivo desse trabalho foi o de investigar quais as estratégias mencionadas por alunos brasileiros do ensino fundamental para manter a atenção dentro da sala de aula. Participaram desta pesquisa 150 alunos sendo, 50 da 3ª série, 50 da 5ª e 50 da 7ª série do ensino fundamental, de uma escola municipal de Campinas. Os participantes eram de ambos os sexos, de nível sócio-econômico desfavorecido e de faixa etária entre 8 e 14 anos. Os dados foram coletados por meio de uma entrevista estruturada, com questões abertas e fechadas baseadas em uma entrevista sobre estratégias de aprendizagem. A estratégia de manutenção da atenção em sala de aula foi explorada mediante as seguintes questões: "Alguns alunos, às vezes, percebem que quando a professora está falando, eles estão pensando em outra coisa e não sabem o que ela está falando. Isso acontece com você? Você costuma perceber quando isso lhe acontece? O que você costuma fazer para lhe ajudar a prestar mais atenção ao que a professora está falando? Foi também questionado a freqüência com que os alunos percebiam quando acontecia a perda da concentração e a freqüência da utilização das estratégias mencionadas. Após realizada uma análise de conteúdo foram encontradas 5 categorias de respostas: Não Sei (45,6%); Concentrar na Figura/Postura do Professor (18%); Evitar Distrações (14,6%), Controle do Comportamento (13,3%) e Controle dos Pensamentos (8,6%). Relações significativas foram encontradas entre as estratégias de aprendizagem mencionadas pelos alunos para manter a atenção em sala de aula e o gênero. Alunos do sexo masculino relataram mais "Concentrar na Figura/Postura do Professor", enquanto que estudantes do sexo feminino mencionaram mais "não saber". No que diz respeito a idade, a série e a repetência dos participantes e as estratégias de manutenção da atenção, não foram verificadas relações significativas. É importante ressaltar que uma grande parte dos estudantes demonstraram falta de conhecimento sobre o que são as estratégias de aprendizagem e sobre como utilizá-las. De maneira geral, as estratégias de aprendizagem relatadas pelos alunos podem ser consideradas como apropriadas e relevantes para a questão investigada. O gênero foi uma variável associada a diferenças nas estratégias de aprendizagem relatadas pelos alunos para manter a atenção. Torna-se evidente a necessidade dos professores estarem refletindo sobre a prática educacional dentro da sala de aula, utilizando estratégias de ensino motivantes que, não só contribuam para a manutenção da atenção do aluno, mas também que o ajudem a desenvolver um maior controle de sua própria atenção, durante as aulas.

Projeto de Mestrado Financiado pela FAPESP (Processo No 99/07896-0)

Palavras-chave: Estratégias de Aprendizagem; Atenção; Desempenho Escolar

****

ESC 102

O BRINCAR COMO EXPERIÊNCIA DE CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA ATRAVÉS DA APRECIAÇÃO E EXPRESSÃO ARTÍSTICA. *Juliana Moreira Telles*, Regina Lúcia Sucupira Pedroza (Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília-DF)*

O projeto Brincar surgiu em uma escola pública de ensino fundamental no Distrito Federal, localizada em cidade satélite, onde já havia sido iniciado o trabalho de inserção do psicólogo escolar. A proposta é resultado da construção de trabalho interdisciplinar, envolvendo pedagogos e psicólogos, para formação continuada do professor. Esta intervenção foi realizada através de oficinas semanais, das quais participaram a psicóloga, duas estagiárias de psicologia, as professoras já engajadas no projeto e as crianças avaliadas como portadoras de dificuldades de aprendizagem, que deveriam receber aulas de reforço. As oficinas tinham como objetivo dar a oportunidade às professoras de

perceberem a necessidade de considerar o educando como inserido num contexto maior de aprendizado que o da sala de aula. Pretendia-se, assim, que o professor vislumbrasse novos rumos para seu trabalho, no sentido de valorizar a diversidade de ambientes nos quais o aluno pudesse se inserir. Foram utilizados jogos e atividades diversas, num contexto interrelacional, no qual professoras e alunos participavam ativamente na construção do processo de conquista da autonomia. Ainda como parte das atividades das oficinas, eram mostradas obras de pintores famosos, por meio de livros com gravuras, momento importante de interação. Posteriormente, as crianças produziam pinturas e desenhos, a partir da apreciação e da troca de idéias acerca do que viam. Podemos perceber, ao longo do trabalho, que diante dessa forma de considerar a obra de arte, através do diálogo e da possibilidade de livre expressão, as crianças podiam ter suas dificuldades e limites respeitados e suas potencialidades valorizadas. Inicialmente as relações nas oficinas do projeto Brincar estabeleceram-se como promotoras da prática de troca de idéias e ampliação da percepção do mundo pela escuta do outro, que pode ser a expressão artística de alguém. Posteriormente, desenvolveu-se a capacidade de expressão livre de sentimentos e percepções, através da tentativa de reprodução das obras apreciadas. As crianças foram se expressando de forma cada vez mais criativa, construindo o caminho para a autonomia. A experiência no Brincar contribuiu à percepção de que o desenvolvimento infantil pode contar com a arte como importante mediador da construção da percepção crítica da realidade, possibilitando uma nova relação com o processo de aprendizagem. Abre-se um campo de investigação dos processos psíquicos envolvidos na atividade criativa que se relaciona ao desenvolvimento infantil nesse contexto de promoção da autonomia.

Palavras-chave: Psicologia escolar; Autonomia; Expressão artística

* * * * *

ESC 103

A LEITURA NO ENSINO SUPERIOR: UMA REALIDADE ESQUECIDA. *Ana Paula Cavalleiro Ferreira*, Janyffe Hanna Mansur*, Marcely Cruz Siqueira*, Onegila Antonelli Corrêa de Almeida Martins e Silva*, Patrícia Moraes de Souza* e Ana Cristina Costa Frampel (Universidade da Amazônia, Belém, Pará)*

O presente trabalho foi constituído com o objetivo de discutir quais os fatores que dificultam aos alunos de graduação exercitar, com qualidade, o processo de Leitura Funcional. O tema Leitura foi escolhido como resultante de observação das dificuldades de leitura, para compreensão de textos em classe e de consulta para trabalhos científicos. A leitura é tema do interesse da Psicologia e da Educação. Assim sendo, o processo que envolve a leitura exige um trajeto de investigação cuidadoso, lento e reflexivo. A nova exigência de avaliação sobre o futuro profissional, o Provão, requer maior cuidado e atenção sobre o fenômeno leitura. A pesquisa realizou-se com alunos no 1º ano de Psicologia, da Universidade da Amazônia, em Belém, Pará. Aplicou-se um teste contendo perguntas a fim de avaliar suas capacidades de compreensão em Leitura Funcional. Utilizou-se um texto conceituando subjetividade e objetividade. O teste foi realizado em sala de aula e englobou a participação de 47 alunos. Sua duração foi de 50 minutos e acompanhado pela orientadora e aplicadores. Perguntou-se qual é a idéia central do texto; o significado de subjetividade, o significado de objetividade e quais as palavras chaves do texto. Para a 1ª pergunta, dos 47 alunos apenas 19 responderam adequadamente (é a diferença entre objetividade e subjetividade), para a 2ª, 26 alunos responderam adequadamente (é ser parcial e pessoal), para a 3ª, 17 alunos responderam adequadamente (é ser imparcial e ver a verdade), por fim, para a última pergunta 25 alunos responderam que é objetividade e subjetividade. A partir dos resultados obtidos, pode-se concluir que a maioria dos alunos de graduação não sabem fazer uma leitura funcional que se adeque aos requisitos de uma universidade. Os processos mentais, subjacentes à leitura, são considerados complexos e relevantes para aqueles que a identificam, através do seu estudo, como uma possibilidade de contribuição ao desenvolvimento desta área científica. A partir da observação desse fato podemos comentar que o ato de ler requer a busca de um significado mais profundo e profícuo para a leitura, pois essa é a compreensão de uma mensagem, isto é, a percepção, o entendimento de uma comunicação, notícia ou recado verbal, escrito ou gestual codificada em signos visuais. Por esse motivo, não basta apenas e simplesmente ensinar a ler, decifrar caracteres, exige-se muito mais. Para se atingir a plena leitura, é necessário criar o hábito de ler. Sabe-se que esta tarefa de sensibilização não é tão simples, mas adquirir a capacidade de expressão é resultado também da força de vontade do aluno, capacidade essa decorrente de seus reiterados estudos, de observação, experiências, adolescência, dentre outros recursos pedagógicos, recursos, infelizmente, deficitários no sistema educacional brasileiro. Este é, portanto, um campo vasto de pesquisa e investigação científica. Há, também, o papel social do texto escrito favorecendo sua utilização tanto dentro quanto fora do ambiente escolar. Baseados neste enfoque contextualizado, consideramos esta pesquisa relevante e útil para a sociedade de forma geral e para a comunidade científica.

Palavras-chave: Leitura Funcional; Objetividade; Subjetividade

* * * * *

ESC 104

PREDIÇÃO DO DESEMPENHO ESCOLAR NA PRIMEIRA E NA SEGUNDA SÉRIE, ATRAVÉS DA AVALIAÇÃO COGNITIVA E DO REPERTÓRIO DE ENTRADA NA PRIMEIRA SÉRIE. *Ângela Celeste Morales Escolano** (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - USP) e Maria Beatriz Martins Linhares (Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto - USP)*

Considerando-se a importância dos fatores cognitivos para a aprendizagem, a contribuição advinda de diferentes abordagens combinadas de avaliação cognitiva, as questões sobre a melhor predição do desempenho escolar de crianças e a influência marcante do desempenho escolar no desenvolvimento da criança, propõe-se o presente estudo que tem por objetivo verificar a relação entre aspectos do funcionamento cognitivo (avaliados através da combinação da avaliação cognitiva psicométrica e avaliação assistida) e do desempenho em leitura e escrita inicial de crianças na entrada da primeira série do ensino fundamental na predição do desempenho escolar em leitura e escrita no final da primeira e da segunda série do ensino fundamental, respectivamente. A amostra foi constituída por 47 alunos regularmente matriculados e freqüentando desde a primeira até a segunda série do ensino fundamental de uma escola pública estadual de Ribeirão Preto. O procedimento foi composto por três etapas: a) no início da primeira série, incluiu a aplicação do Raven e do procedimento de avaliação cognitiva assistida Jogo de Perguntas de Busca com Figuras Geométricas para a avaliação cognitiva e o dimensionamento do repertório de entrada da criança na primeira série quanto a noções de leitura e escrita inicial e leitura de texto; b) no final da primeira série, em que foi realizada a Avaliação Pedagógica I e o Teste de Desempenho Escolar (TDE) para a avaliação do desempenho escolar; c) no final da segunda série, em que foi realizada a Avaliação Pedagógica II e a reaplicação do TDE. A análise de dados incluiu a regressão linear múltipla, regressão logística e análise da função discriminante. Verificou-se que as avaliações através do Raven, avaliação cognitiva assistida, Sondagem de Leitura e Escrita Inicial e Leitura de Texto no início do ano predizem o desempenho escolar tanto na primeira série quanto na segunda série. Destaca-se, porém, que os melhores preditores do desempenho na primeira série foram Raven e Sondagem de Leitura e Escrita Inicial e o do desempenho da segunda série, por sua vez, foram os mesmos procedimentos de avaliação citados acrescidos de Leitura de Texto. Quando se restringe a análise focalizando-se as crianças que não alfabetizaram (8), verificou-se alta correlação entre perfil de desempenho cognitivo na avaliação assistida e desempenho escolar. Os achados permitem concluir que a avaliação de aspectos cognitivos e das noções iniciais de leitura e escrita por ocasião da entrada na escola contribuem para a predição do desempenho escolar tanto na primeira quanto na segunda série do ensino fundamental. Além disso, mostram a sensibilidade do procedimento de avaliação cognitiva assistida para avaliar crianças com dificuldade de alfabetização.

FAPESP

Palavras-chave: Avaliação Cognitiva; Avaliação Assistida; Desempenho Escolar

* * * * *

ESC 105

DESEMPENHO ESCOLAR DE CRIANÇAS NA TRAJETÓRIA DA PRIMEIRA À SEGUNDA SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL: RECURSOS E DIFICULDADES. *Ângela Celeste Morales Escolano** (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - USP) e Maria Beatriz Martins Linhares (Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto - USP)*

O processo de escolarização da criança requer a articulação satisfatória de múltiplos recursos da criança e de condições ambientais. Considerando-se a influência do desempenho escolar no desenvolvimento da criança à luz dos fatores de risco e mecanismos de proteção a que está exposta, propõe-se o presente estudo longitudinal acerca do desempenho escolar, contemplando indicadores cognitivos, comportamentais (avaliados por pais e professores) e do ambiente familiar da criança focalizando a entrada e o final da primeira série e o final da segunda série. Tem por objetivo comparar o desempenho escolar da primeira com a segunda série e identificar quais indicadores (cognitivo, comportamental e ambiental) melhor explicam o desempenho no final da segunda série. A amostra foi constituída por 47 crianças freqüentando desde a primeira até a segunda série do ensino fundamental de uma escola pública, seus pais e professoras. O procedimento foi realizado em três etapas: a) início da primeira série, com a aplicação do Raven, do procedimento de avaliação cognitiva assistida Jogo de Perguntas de Busca com Figuras Geométricas e o dimensionamento do repertório de entrada da criança quanto a noções de leitura e escrita inicial e leitura de texto; b) final da primeira série, com a aplicação da Avaliação Pedagógica I e o Teste de Desempenho Escolar (TDE) (avaliação do desempenho escolar); c) final da segunda série, com a aplicação da Avaliação Pedagógica II e a reaplicação do TDE, aplicação dos questionários Conners para professores e pais (avaliação do comportamento) e da Escala de Eventos Adversos com os pais (avaliação do ambiente familiar). Através dos indicadores de cada avaliação foi realizada uma análise descritiva do desempenho das crianças, comparação entre desempenho escolar no final das séries estudadas e a relação entre desempenho escolar e comportamentos percebidos pelos professores e pais e adversidades no ambiente familiar, respectivamente, no final da segunda série. Verificou-se que essas crianças mostraram bom desempenho (0,63 das crianças na média ou acima dela) nas avaliações realizadas no início da primeira série. Verificou-se correlação

positiva significativa entre os desempenho no TDE e nas Avaliações Pedagógicas dentro de um mesmo ano escolar e de um ano para outro. Comparando-se os resultados obtidos nas Avaliações Pedagógicas I e II ocorreu uma diferença significativa da primeira para a segunda série denotando uma queda no desempenho escolar das crianças. A mesma tendência foi observada no TDE em que houve uma piora no desempenho escolar avaliado pelo teste. As avaliações que melhor explicam o desempenho escolar no final da segunda série foram o Raven, a Sondagem de Leitura e Escrita e o Conners para Professores. Os dados mostram que as crianças deste estudo embora apresentem recursos cognitivos e noções de leitura e escrita no seu repertório de entrada na escola, pouca adversidade ambiental e poucos problemas comportamentais, parecem estar piorando o seu desempenho escolar de uma série para outra. Nesse sentido, deve-se se a escola está cumprindo seu papel na promoção do desenvolvimento da criança ou se está perdendo oportunidade de ativação de recursos, representando, portanto, risco para o seu desenvolvimento adaptativo.

FAPESP
Palavras-chave: Fatores de Risco, Desempenho Escolar, Adversidades no Ambiente Familiar

****

ESC 106

ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA E AS FONTES DE ESTRESSE NO ESTUDANTE. *Anita Isabel Argenta Dal Vesco, (Departamento de Pós-Graduação - Mestrado de Educação da Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo-RS)*

A vivência com a Matemática, na maior parte das vezes, é temida pelos estudantes e relaciona-se a uma experiência ansiogênica. Certamente, a resistência ou aversão não acontecem por acaso. O medo da Matemática está a serviço de fatores psicológicos ou intelectuais individuais, tais como baixa auto-estima, fraco desempenho e a falta de aptidão para a Matemática. Mas será que é só isso? O que contribui para tornar a Matemática uma das mais temidas disciplinas do currículo escolar? Esta pesquisa procurou pelo fenômeno alunos e professores em aulas de matemática. Buscou compreender se a Alfabetização Matemática aparece como fonte de estresse para o estudante de 5ª série, quando este vivencia o ensino e a aprendizagem da Matemática. Assim, teve como questionamento: A Alfabetização Matemática escolar é fonte de estresse no estudante de 5ª série? Acompanhou durante quatro meses, as aulas de Matemática, registrando e gravando, buscando verificar se a mesma, no contexto escolar, é fonte de estresse nos estudantes de 5ª série . Os participantes da pesquisa foram estudantes de uma Escola estadual urbana da cidade de Passo Fundo-RS, de duas turmas de 5ª série, perfazendo um total de 57 alunos, com idades variando de dez a 15 anos, e seus respectivos professores da disciplina de matemática. Os instrumentos utilizados na coleta dos dados foram os registros e os desenhos da aula de Matemática. Na pesquisa qualitativa, seguiu a abordagem fenomenológica. O procedimento de análise teve dois momentos. No primeiro, o da análise ideográfica, na qual evidenciou 23 Unidades de Significado. E no segundo, o da análise nomotética, na qual as Unidades de Significado convergiram para as Categorias Abertas: Avaliação, Metodologia de Ensino, Relacionamento Professor-Aluno-Matemática, Relacionamento Aluno-aluno e Dificuldade de Compreensão, e para as Microcategorias: Facticidade, Diálogo, Aula de Reforço de Matemática, Lugar do aluno na sala de aula e Influência dos pais. A partir da análise das categorias, pode concluir que a Alfabetização Matemática, no contexto escolar de sala de aula, é fonte geradora de estresse nos aspectos Avaliação, Metodologia de Ensino, Relacionamento Professor-Aluno-Matemática, Relacionamento Aluno-Aluno e Dificuldade de Compreensão. Constatou ainda que, no professor, aparece uma excessiva preocupação com a quantidade de notas e de exercícios matemáticos, bem como atitudes de punição e impaciência. Penso que o professor deve ficar mais atento às necessidades do aluno, valorizando suas potencialidades, auxiliando nas dificuldades, orientando-os e capacitando-os a assumir a condição de agentes ativo e crítico na transformação da realidade sócio-cultural e na transformação de si próprios.

Palavras-chave: Educação Matemática; Alfabetização Matemática, Estresse

****

ESC 107

O DIAGNÓSTICO PSICOPEDAGÓGICO NAS DIFICULDADES DE LEITURA E DE ESCRITA: UMA CONTRIBUIÇÃO DA TEORIA SÓCIO-HISTÓRICA AO TRABALHO DOCENTE. *Marlênia Gonçalves Almeida Barros ** (Mestranda Em Educação Especial / Universidade Estadual do Ceará)*

As dificuldades de leitura e de escrita diagnosticadas precocemente permitem a utilização de estratégias de intervenção que previnem o fracasso escolar e a segregação dos alunos com estas dificuldades. Para que o professor execute o diagnóstico psicopedagógico adequado é necessário que ele esteja capacitado teoricamente. Este estudo tem como objetivo sugerir alternativas de trabalho ao professor para o diagnóstico das dificuldades de leitura e de escrita. Para atender este propósito foi realizado um projeto piloto , utilizando a metodologia qualitativa de investigação científica, na modalidade estudo de caso, onde foram entrevistados o colegiado de professores do 1º Ciclo de Educação Básica , de duas escolas públicas da cidade de Tauá-Ceará. Com o intuito de investigar o nível de conhecimento dos professores para executarem o diagnóstico das dificuldades de leitura e de escrita. As respostas apresentadas revelaram que o aluno com essas dificuldades é identificado por um baixo rendimento escolar. Ele é avaliado exclusivamente pelo colegiado de professores, e a família não participa do diagnóstico. Os professores descreveram que não seguem uma teoria para realizarem o diagnóstico, e nenhum teste específico para esse fim. Os alunos se submetem a exames de conhecimento elaborados pelos próprios professores. Estes dados revelam que os professores utilizam o saber da experiência. Para contribuir com o trabalho docente foi realizada uma pesquisa teórica utilizando a técnica de análise de documentos. Como resultado verificou-se que os estudos de Lev Vigotsky e da teoria sócio-histórico-cultural revelou-se como um dos mais adequados para o diagnóstico das dificuldades de leitura e de escrita. Isto ocorre em virtude do tratamento dedicado ao desenvolvimento e aquisição do conhecimento humano. Para Vigotsky, o desenvolvimento psíquico é condicionado prioritariamente pelo contexto histórico-social do sujeito. Nesta concepção, o diagnóstico tem um enfoque psicopedagógico, cujo processo de investigação busca identificar as necessidades específicas do indivíduo, levando em conta o ambiente que determina suas potencialidades. É um processo contínuo de avaliação e intervenção, e tem um caráter retroalimentador. O diagnóstico deverá apontar as potencialidades do indivíduo. Não é simplesmente o que esse tem, mas o que pode ser e como poderá se desenvolver. O trabalho do diagnóstico não está restrito à concepção biológica, conclusiva, mas enfatiza a visão histórico-cultural. Ele não deve concentrar-se nas mãos de especialistas, mas é uma construção coletiva, interativa envolvendo a família, a escola, o grupo, a sociedade, a comunidade. Os instrumentos a serem utilizados serão provas, observações, entrevistas, e todos estes procedimentos devem estar contextualizados com a realidade do aluno e do processo ensino e aprendizagem.

Bolsista da Fundação Cearense de Amparo à Pesquisa (FUNCAP)
Palavras-chave: Diagnóstico Psicopedagógico; Formação de Professores; Teoria Sócio-Histórica

****

ESC 108

AVALIANDO HABILIDADES DE LEITURA NO ENSINO FUNDAMENTAL ATRAVÉS DE PROGRAMA DE LEITURA EM FAMÍLIA. *Maria Cristina Rodrigues Azevedo Joly (Universidade São Francisco - Itatiba/SP)*

Considerando-se pesquisas recentes sobre habilidades de leitura envolvidas na aprendizagem associadas a modelos de leitores eficientes, foi desenvolvido o Programa de Leitura em Família num colégio particular do interior de São Paulo, com 350 alunos desde a educação infantil até a 8a série do ensino fundamental, visando avaliar quais habilidades de leitura eram adquiridas através do incentivo ao hábito de ler em parceria com a família, além dos efeitos no rendimento em Português. Na Educação Infantil, os alunos retiravam um livro da biblioteca escolar para ser lido pelos pais durante o final de semana e registravam em gráficos a história para socializar com os colegas as experiências de leitura em família. No ensino fundamental, os alunos de 1ª a 4ª série retiravam semanalmente livros de gêneros literários variados e adequados à sua faixa etária da biblioteca e produziam um portfólio onde registravam sua opinião e considerações gerais sobre a história lida junto com seus pais. Na sala de aula, os registros eram socializados e realizados projetos interdisciplinares de escrita relacionados às leituras. Os alunos de 5ª a 8ª série iniciaram o programa com leitura espontânea de qualquer tipo de material para atingirem o nível de leitura orientada de clássicos da literatura infanto-juvenil. Foram estabelecidos contratos mensais de leitura firmados entre aluno, pais e professor , que eram avaliados mensalmente, nos quais eram indicados os materiais e a freqüência de leitura a que se propunha o aluno. A princípio, os registros das leituras foram realizados em portfólios individuais e gradativamente através do uso de gráficos criativos e produção de ensaios literários. Os pais participavam como co-autores da produção escrita dos alunos. Foram coletados dados, antes e depois do programa através de questionário com os pais e alunos sobre seus hábitos de leitura e sobre a participação da família nesse tipo de atividade. A análise desses dados revelou que para os alunos de educação infantil, segundo relato dos pais, as habilidades de leitura adquiridas por eles após o programa foram: ouvir histórias com interesse e compreensão, criticar e criar a partir da história, solicitar que histórias sejam lidas pelos pais, visitar livrarias e bibliotecas e manusear mais freqüentemente diferentes materiais de leitura. Seus pais passaram a envolver-se com atividades de leitura e a observar as atitudes de seus filhos relativas à aquisição das novas habilidades, favorecendo-se um novo tipo de relação entre a família. No tocante ao ensino fundamental, a opinião dos alunos foi muito favorável ao programa pois adquiriram novas habilidades - compreensão, fluência, vocabulário, criatividade, criticidade, capacidade de escolher livros, identificando seus gêneros e sua estrutura textual, que lhes permitia escrever melhor e com mais facilidade, refletirem sobre as mensagens presentes nas histórias como "lições de vida", além de possibilitar-lhes uma aprendizagem significativa e um conhecimento geral mais amplo. Os pais identificaram mudanças nos hábitos de leitura de seus filhos associadas ao seu envolvimento com as tarefas de aprendizagem e seu próprio desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita aplicadas às situações de rotina. Houve alteração estatisticamente significante no

rendimento em Português. Verificou-se que programas como esse possibilitam uma parceria efetiva com a família, envolvendo-a no processo acadêmico e de desenvolvimento de seus filhos.
Palavras-chave: Estratégias de leitura; Avaliação; Família

*****

ESC 109
O SUCESSO E o FRACASSO ESCOLAR SOB A ÓTICA DE ALUNOS DE QUARTA SÉRIE. *Adriana Vaz Gonçalves Magrão*, Alessandra dos Santos Menezes*, Andreza Viviane Rubio*, Daniele Martins Pessoa*, Elizabete Ângela França*, Elisângela Sayuri Tanaka*, Júlia Carola Perdini*, Marisilia Judite da Silva Barbosa*, Karina Vieira Ferreira*, José Augusto da Silva Pontes Neto (Departamento de Psicologia Evolutiva, Social e Escolar, Universidade Estadual Paulista, Campus de Assis, SP)*
As teorias da atribuição de causalidade buscam explicar o processo de atribuir causas aos eventos que permeiam a vida do ser humano. Um levantamento de pesquisas aplicadas à área educacional indica que é comum a procura de explicações relacionadas ao desempenho dos alunos, objetivando entender o que leva uns ao êxito e outros não. Assim sendo, esse estudo teve por objetivo identificar quais razões são usadas pelas crianças para expressar seu sucesso ou seu fracasso em contexto escolar. O estudo desenvolveu-se em quatro escolas municipais de ensino fundamental no município de Assis, São Paulo, sorteadas de um universo de 12 escolas que oferecíam a quarta série. Forneceram dados para a sua realização 100 estudantes com idade entre 10 e 14 anos, sendo 47 meninas e 53 meninos. Inicialmente solicitou-se às professoras que indicassem cinco de seus alunos que tivessem bom desempenho escolar e cinco considerados de mau desempenho. A seguir, esses alunos indicados foram entrevistados, individualmente e em situação privada, iniciando-se com um rapport, de modo a se obter de cada um deles as razões que os levaram a ter o desempenho relatado pelos professores, obtendo-se um total de 132 respostas para a situação de sucesso e 80 para o fracasso. Os dados assim coletados foram objeto de análise de conteúdo, resultando nas seguintes categorias causais: esforço, disciplina, atenção, capacidade, professor, sorte, motivação intrínseca e extrínseca, religiosidade, auxílio de outros, mudança de escola, ausência às aulas, dificuldade da matéria, problemas familiares e ansiedade. Em seguida essas categorias foram classificadas de acordo com as dimensões locus, estabilidade e controle da causa. Dentre as atribuições, o esforço (causa interna, controlável e instável) foi apontado como condição essencial para o sucesso em 30% das respostas e a falta deste como causa de fracasso em 18,75%. O professor (causa externa, estável e incontrolável) foi citado como causa de sucesso em 14,75% das respostas e culpado pelo fracasso dos alunos em 10%. Com relação à capacidade (causa interna, incontrolável e estável) um total de 12% apontou-a como fator responsável pelo sucesso, enquanto 12,5% viram a falta desta como fator de fracasso. O estudo mostrou de maneira geral, que tanto o sucesso ou "ir bem" como o fracasso, ou "ir mal" são percebidos como dependendo mais de fatores internos ao próprio aluno. Os dados refletem, ainda, a opinião socialmente generalizada de que o sucesso acadêmico depende do esforço pessoal e mostram algumas dificuldades da realidade dos alunos que devem ser conhecidas dos educadores para que compreendam o comportamento e consigam melhor desempenho de seus alunos.
Palavras-chave: Atribuição de causalidade; Sucesso escolar; Fracasso escolar

*****

ESC 110
PSICOLOGIA ESCOLAR E ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL: PRODUÇÃO APRESENTADA NOS EVENTOS CIENTÍFICOS. *Carolina Santino Margo Macedo** e Ana Maria Falcão de Aragão Sadalla (Instituto de Psicologia - Pontifícia Universidade Católica de Campinas - Campinas, SP)*
A Orientação Profissional tem sido caracterizada pelos estudiosos contemporâneos como um processo facilitador do momento da escolha do jovem, ajudando-o a compreender sua situação específica de vida, na qual estão incluídos aspectos pessoais, familiares e sociais. Alerta-se para uma concepção de Orientação Profissional cujo paradigma tenha em vista o compromisso com as camadas menos privilegiadas e a análise dos diversos sistemas nos quais pertence o adolescente e pelos quais é influenciado. Identificar os diferentes tipos de trabalhos que vêm sendo desenvolvidos pelo psicólogo escolar e que foram apresentados nos mais recentes eventos científicos nacionais a respeito da temática de Orientação Profissional, constitui-se o objetivo da presente pesquisa. Para tanto foram examinados os Anais dos últimos cinco anos das seguintes associações científicas e/ou profissionais que congregam psicólogos: Associação Nacional de Pesquisa em Psicologia (ANPEPP), Sociedade Brasileira de Psicologia (SBP), Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE) e Associação Brasileira de Orientadores Profissionais (ABOP). Num total de 2427 trabalhos analisados do conjunto dos eventos científicos, apenas 138 (5,68%) referenciam esta temática. Entre as produções sobre Orientação Profissional, um total de 80 (57,97%) refere-se ao trabalho com alunos, 14 (10,14%) abordam a formação do orientador profissional; 13 (9,42%) discutem técnicas de Orientação Profissional; 10 (7,25%) foram encontrados no formato de resenhas, 6 (4,34%) descrevem a Orientação Profissional junto aos Pais de adolescentes pré-vestibulandos, 5 (3,62%) descrevem trabalhos de Orientação Profissional em Escolas Públicas; o mesmo número de trabalhos - 5 (3,62%) - trata do uso de testes psicológicos como instrumentos da Orientação Profissional; 4 (2,97%) discorrem acerca da re-orientação de carreira junto a adultos como uma nova perspectiva do trabalho da Orientação Profissional e apenas um (0,72%) trabalho foi encontrado junto a professores. Entre os trabalhos com alunos os temas tratados dizem respeito a grupos de Orientação Profissional na escola de ensino médio, à informação profissional, à preparação para o vestibular, à Orientação Profissional com alunos de cursos universitários, nas escolas de nível técnico, com jovens portadores de necessidades especiais e junto a jovens hospitalizados. Na categoria que se refere a Pais de Adolescentes pré-vestibulandos, encontram-se trabalhos que buscaram identificar a existência de uma relação entre a escolha dos filhos e as expectativas dos pais. Na categoria Professores o trabalho encontrado trata das dificuldades apresentadas pelos professores de ensino médio, ao serem abordados por seus alunos quanto a assuntos ligados a profissões, mercado de trabalho e indecisão frente à escolha. Na categoria Orientação Profissional na Escola Pública, os trabalhos dizem respeito à necessidade de se elaborar uma proposta de orientação também junto a estes alunos, para que possam refletir sobre a construção de seu projeto de vida assim como o jovem de escola privada. Os resultados desta busca bibliográfica permitiram identificar uma significativa preocupação do Orientador Profissional junto ao aluno de Ensino Médio de escolas da rede particular, voltando-se para seu processo de escolha profissional. Assim, evidencia-se a necessidade de se ampliar a atuação do Orientador junto a escolas públicas, abordando toda a comunidade escolar em parceria: pais, professores, alunos e sociedade.

Pesquisa realizada com o apoio do CNPq
Palavras-chave: Orientação Profissional; Produção científica; Adolescência

*****

ESC 111
A NATUREZA DA MOTIVAÇÃO EM ESTUDANTES DE PRIMEIRO ANO DE PSICOLOGIA. *Carolina Margo Macedo **, Valdete Maria Ruiz ** e Ana Cláudia Bortone ** (Pontifícia Universidade Católica de Campinas, SP)*
A incidência de pesquisas sobre motivação em universitários é pequena, em relação a estudantes de outras faixas de escolarização. Pouco se sabe sobre porque ingressam em seus cursos, que mudanças ocorrem durante seus estudos e que fatores influenciam sua motivação para estudar e aprender. Considerando que a natureza da motivação pode ser identificada por meio dos conhecimentos, habilidades e experiências que os alunos ingressantes esperam obter ao longo de seus cursos, este estudo teve como objetivo avaliar a maior ou menor importância atribuída por universitários de primeiro ano de Psicologia a estes três domínios, assim como verificar, dentro de cada domínio, quais os itens mais valorizados e comparar os resultados de universitários de IES pública e privada quanto a esta avaliação. Os sujeitos foram 23 primeiranistas de Psicologia de uma IES pública e 21 de uma IES privada localizadas no Estado de São Paulo, com idade média entre 17 e 23 anos, de ambos os sexos. Aplicou-se coletivamente a eles um questionário adaptado da versão original de Radford e Holdstock (1993), composto de 48 itens, sendo 15 deles relativos a conhecimentos, 17 a habilidades e 16 a experiências. As respostas foram assinaladas numa escala Likert de cinco pontos que correspondem, em ordem decrescente, ao grau de importância atribuído a cada item. Foram calculadas notas ponderadas de 0,0 a 5,0, com base na freqüência de respostas observadas em cada um dos níveis de avaliação, a fim de permitir melhor discriminação da importância relativa atribuída pelos sujeitos a cada item do questionário. Os resultados indicam que os três domínios foram avaliados entre os níveis importante e muito importante, com pequenas diferenças entre si. O domínio considerado mais importante foi o de conhecimentos (nota 4,4) e neste, os itens mais valorizados foram emoção e motivação (nota 4,8), teorias da personalidade e memória e aprendizagem (notas 4,7), os menos valorizados foram estatística (nota 3,5) e história da psicologia (nota 4,0). Num nível intermediário de importância situa-se o domínio das habilidades (nota 4,3), sendo que os itens mais valorizados foram auto-percepção (nota 4,9), técnicas de observação (nota 4,8), avaliação crítica (nota 4,7) e os menos valorizados foram habilidades numéricas (nota 2,9) e uso de computadores (nota 3,6). Por último, na avaliação de importância dos sujeitos classificou-se o domínio das experiências (nota 4,2). Neste, os itens mais valorizados foram realizar o melhor de si próprio e desenvolver-se como pessoa (notas 4,8), enquanto os considerados menos importantes referem-se a esportes (nota 3,0) e a relações íntimas/sexuais (nota 3,1). Feitas correlações entre os dados da IES pública e da IES privada, verificou-se serem altamente significantes as relações entre eles nos itens referentes aos três domínios (r=1,00). Conclui-se que, na avaliação dos universitários pesquisados, os conhecimentos, habilidades e experiências que podem obter em seus cursos são fatores que influenciam sua motivação de forma quase igualmente importante. Os resultados obtidos podem subsidiar programas de orientação profissional, projetos pedagógicos de cursos de Psicologia e estratégias de ensino-aprendizagem utilizadas nestes cursos.
Palavras-chave: Motivação; Universitários, Estudantes de Psicologia

*****

ESC 112

UMA AVENTURA PELO MUNDO DA AVALIAÇÃO NO CONTEXTO DE UMA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL. *Silse Pereira (Universidade de Caxias do Sul/ Caxias do Sul/RS)*

O presente trabalho visa a relatar uma experiência relacionada ao processo de avaliação da aprendizagem que vem acontecendo no contexto de uma escola de Ensino Fundamental. Trata-se de uma escola particular cuja concepção de ensino-aprendizagem é pautada por pressupostos epistemológico-pedagógicos de base interacionista-construtivista. Apoiada pelo Setor de Psicologia, a escola consultou os professores a respeito da modalidade de devolução dos resultados da avaliação do desempenho dos alunos. Ficou decidido que primeiramente os professores e os respectivos alunos fariam discussão sobre a trajetória percorrida - sob o ponto de vista individual e grupal - para só depois incluir os pais no processo, diferentemente do que em geral ocorre, especialmente em se tratando de crianças. Os primeiros resultados têm sido surpreendentes. Todas as turmas, desde a pré-escola até a 8ª série aceitaram a proposta e se debruçaram na tarefa de refletir sobre o seu desempenho e apresentar propostas para aperfeiçoamento do trabalho. As verbalizações das diferentes turmas são registradas em fita cassete. E as verbalizações revelam o quanto as crianças e os adolescentes são capazes de fazer críticas acerca dos seus progressos em direção às aprendizagens almejadas, sobre as dificuldades que vão se interpondo ao longo do percurso e sobre os recursos de que dispõem para superar os obstáculos. Os principais benefícios revelam o desenvolvimento do pensamento crítico e da responsabilidade pelos alunos a respeito do seu desempenho escolar e do seu processo global de desenvolvimento. E como decorrência, observam-se mudanças na sua postura frente ao papel que têm na construção do conhecimento e da sua própria personalidade. Os alunos também aproveitam esse espaço para fazer críticas ao funcionamento da Instituição. E na medida em que tais espaços são potencializados, repercussões profundas ocorrem no contexto escolar. No que se refere à direção da escola e aos professores, a experiência vem contribuindo para que flexibilizem os seus pontos de vista e para que valorizem as contribuições dos alunos na construção de modos mais participativos de organizar as estratégias e os ambientes de ensino-aprendizagem. Diante das críticas, considerações e sugestões possibilitadas por essa prática, os próprios professores têm enfatizado a necessidade de se reverem e de se fortalecerem para fazer frente às novas demandas. Ninguém sai imune de uma experiência tão densa e tão rica quanto esta: todos têm saído transformados, dispostos a rever/redimensionar ações, com vistas a assegurar que a escola se constitua em um lugar saudável para crescer, para aprender e para ser feliz, porque permite que os diferentes atores vivam em plenitude cada momento e cada espaço. Um processo como o descrito, diferentemente daqueles que tradicionalmente seguem uma via linear, de mão única, se constitui num processo em que as vias são circulares, se efetivam em diferentes direções, e, por isso mesmo, comportam dimensões não apenas didático-pedagógicas mas também, e principalmente, dimensões psicossociais de importância decisiva para a construção de personalidades saudáveis por parte dos alunos.

Palavras-chave: Avaliação da aprendizagem; Autonomia; Desenvolvimento

*****

ESC 113

RECRUTAMENTO DE RECURSOS HUMANOS: NOVAS PERSPECTIVAS. *Francisco de Assis Palharini, Patrícia Figueiredo Nascimento*, Flávia da Silva Nunes*, Vinícius Alves Parada Martins* (LUTADI - Laboratório Transdisciplinar de Avaliação e Desenvolvimento Institucional - Departamento de Psicologia da UFF, Niterói, RJ)*

Este trabalho teve como objetivo investigar os fundamentos e as tendências atuais da atividade de recrutamento de Recursos Humanos. O pressuposto que o orienta é que as mudanças que se operam atualmente nos sistemas de trabalho, alteram, de modo considerável tanto a forma como a natureza das atividades desenvolvidas nesta área de atuação. Trata-se de ir além da orientação de disponibilizar "o homem certo para o lugar certo", para ressaltar as implicações psico-sócio-políticas da estratégia de atração de talentos, que visa tanto a organização funcionar satisfatoriamente quanto se desenvolver continuamente num ambiente instável econômica e tecnicamente. Para tal construção tomamos como referência os fundamentos da atividade de recrutamento conforme o estabelecido na literatura clássica, orientada para o suprimento de mão de obra, e confrontamo-la com as exigências que se fazem ao trabalhador nos modernos sistemas produtivos, bem como com as novas práticas utilizadas por profissionais da área. O papel do recrutador neste contexto é discutido a partir de uma retrospectiva de sua atividade desde o advento da Revolução Industrial até a introdução da "internet" e das atuais tecnologias na sua atividade. Desse percurso histórico e relativo a um nível macro ou mais global, faz-se um recorte e discute-se a realidade brasileira e suas tendências atuais no que diz respeito à atividade de recrutamento. Discute-se, ainda, o papel político que a área de Recursos Humanos assumiria nesse contexto, assim como a questão da ética e do sócio-cultural como fatores relevantes a serem considerados nas políticas e estratégias da atividade dos Recursos Humanos em um ambiente organizacional. Vale ressaltar que a produção teórica deste trabalho foi utilizada experimentalmente como texto didático na turma de Psicologia do Trabalho I, oferecida em 2/00, no curso de graduação da Universidade Federal Fluminense. Críticas e observações foram feitas pelos alunos, tanto no que se refere à clareza da redação quanto da apresentação dos conceitos e discussões realizadas. Tais pontuações foram levadas em consideração e possibilitaram novas reflexões e algumas remodelações no texto original, contribuindo de modo qualitativo ao trabalho elaborado. De qualquer modo, vale deixar claro que essas modificações dizem respeito à forma e até alguns conteúdos do texto, no entanto em nada mudaram quanto à natureza do trabalho. O texto produzido revê os objetivos e procedimentos tradicionais em recrutamento, além de acrescentar novas formas de atuação que começam a se destacar e a ganhar espaço nos dias atuais. Destaca as mudanças no papel do recrutamento tanto do ponto de vista do trabalhador quanto do recrutador, introduzindo exemplos das novas práticas extraídas da realidade brasileira.

Bolsa de Monitoria da Disciplina Tópicos Especiais em Psicologia IX

Palavras-chave: Recrutamento, Novos Paradigmas; Realidade Brasileira

*****

ESC 114

CADERNOS ESCOLARES: FUNÇÕES E SIGNIFICADOS PARA ALUNOS DA 1A SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL. *Anabela Almeida Costa e Santos **, Marilene Proença Rebello de Souza (Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo - São Paulo -SP)*

Os cadernos escolares são objetos muito presentes e importantes no cenário escolar. Têm sido apontados pela literatura como importantes fontes de informação sobre aquilo que ocorre nas instituições de ensino. A presente pesquisa teve como objetivo conhecer as funções e significados que os cadernos adquirem para os alunos de 1a série do ensino fundamental, ao longo de sua utilização, buscando conhecer os modos de utilização, compreender os significados assumidos, a constituição de saberes relativos ao seu uso e desvelar aspectos das relações, mediadas pelo caderno, do aluno com a escola e com o professor. Para isto foram realizadas 29 observações em uma sala de aula de 1a série de escola municipal do município de Hortolândia, sob perspectiva etnográfica, ao longo de todo o ano letivo de 2000. Durante as observações foram realizadas entrevistas informais com alunos e professora a fim de compreender situações ocorridas, as informações foram registradas em diários de campo e parte das entrevistas informais foi gravada. A análise de cadernos também foi utilizada. Foi possível verificar que o início da utilização dos cadernos, que geralmente ocorre na 1a série do ensino fundamental, implica em aprendizagens específicas à utilização deste material escolar e que passam a ser consideradas, na escola, imprescindíveis para o prosseguimento da escolarização, tais como onde e como escrever, respeitar a sucessão espacial das folhas; aprender as relações entre lousa e caderno: o que deve ser copiado, em que momentos é possível fazer adequações e modificações e em quais a cópia deve ser reprodução fiel. O caderno revelou-se um importante instrumento de controle, possibilitando que: professores controlassem o trabalho de seus alunos e o acompanhamento realizado pelos pais; que pais controlassem o trabalho de seus filhos e do professor e que os coordenadores controlassem a prática docente. Alguns eventos ligados aos cadernos revelaram-se especialmente ilustrativos dos significados desses objetos: a escrita de bilhetes pela professora e uso feito deles quando terminam. Os bilhetes são predominantemente vistos, pelos alunos, como algo indesejável e negativo. Em relação aos cadernos que terminam, ou seja, que são completamente preenchidos, os alunos não atribuem utilidades. Assim, o caderno é visto como algo cujo valor restringe-se à realização de atividades e à exercitação; o seu conteúdo adquire valor efêmero. Os resultados desta pesquisa ressaltam a importância que deve ser dada às aprendizagens específicas ao uso do caderno, de modo que estas não se tornem impeditivas de outras aprendizagens, mas, sim, saberes que sejam suportes para a aquisição daqueles considerados como mais objetivos da escola. A função comunicativa do caderno também pode ser destacada e, à luz dos resultados desta pesquisa, ser utilizada de forma a construir boas relações e possibilitar oportunidades de desenvolvimento. A relevância de que, ao longo de sua utilização, o caderno possa passar a ser visto pelos alunos com valor de registro de aprendizagens e conteúdos.

Apoio FAPESP

Palavras-chave: Cadernos escolares; Ensino fundamental; Pesquisa etnográfica

*****

ESC 115

ATENDIMENTO PSICOPEDAGÓGICO A PAIS DE ALUNOS: A RESSIGNIFICAÇÃO DO APRENDER. *Claudia Araújo da Cunha, Ana Paula Tavares*, Cristina Lalor Silva*, Daniela Maria Silva*, Karine Rodrigues Alves* e Vanessa Queiroz da Cunha Gomes* (Faculdade de Psicologia,Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG)*

Pesquisas anteriores têm demonstrado que caso os pais e/ou responsáveis de alunos se interessem pelo seu dia-a-dia na escola e pelas suas tarefas de casa, eles se sentem mais seguros e motivados para aprender, levando-os a atribuir maior significado à escola. Neste sentido, a participação da família na vida escolar dos filhos também é capaz de proporcionar o estreitamento da relação afetiva entre pais e filhos. Com esse intuito e fazendo parte de um projeto mais amplo que englobe um estágio em Psicologia Escolar oferecido pela Universidade Federal de Uberlândia- MG, um grupo de estagiárias e

supervisora optou pela formação de um grupo de atendimento psicopedagógico a pais e/ou responsáveis, objetivando minimizar as ansiedades geradas no cotidiano escolar. Fizeram parte do estudo 20 pais e/ou responsáveis de crianças do ensino fundamental de uma escola pública municipal da cidade de Uberlândia- MG, com participação voluntária. Foram realizadas quinze sessões de intervenções, semanalmente, com duração média de uma hora e meia cada. As queixas mais recorrentes dos pais de alunos foram relacionadas à desobediência, comportamentos agressivos, dispersão, dificuldade ou desinteresse na leitura e na escrita e dificuldades de relacionamento. As intervenções caracterizaram-se como um espaço onde os membros do grupo podiam relatar experiências pessoais relacionadas a situações afetivas e escolares com seus filhos. A partir da 7a sessão, alguns temas foram sugeridos pelos pais, tais como a falta de atenção dos filhos, a indisciplina e a falta de limites. As estagiárias priorizavam a discussão do tema em grupo a partir da vivência de troca de papéis e dinâmicas relacionadas a situações do contexto doméstico e educacional. Os resultados evidenciaram que os pais foram capazes de se identificar com a problemática dos outros membros do grupo, o que contribuiu com a constatação de que a redução da ansiedade estava relacionada à possibilidade de escolha de um tema de interesse e ao mesmo tempo do questionamento acerca das dúvidas relativas ao comportamento dos filhos, seja em casa, na vizinhança ou na escola. Dos 20 pais participantes, 16 deles relataram estar sentindo-se menos ansiosos diante das situações de interação com os filhos, uma vez que eles conseguiram trabalhar lado a lado com as crianças em casa aquilo que foi vivenciado pelos mesmos no grupo de atendimento psicopedagógico na escola. Concluiu-se que a diminuição da ansiedade dos pais deveu-se ao fato de que a partir da possibilidade de elaboração de situações já vividas e criação de outras, por ventura, ainda desconhecidas, possibilitou-lhes a compreensão do dia-a-dia escolar e, conseqüentemente, a melhoria das relações estabelecidas com seus filhos e demais participantes da comunidade com um todo. Pode-se observar também um efeito secundário verificado através do relato dos professores, uma vez que o desempenho escolar dos alunos envolvidos nesse processo aumentou gradativamente. O atendimento psicopedagógico a pais de alunos foi satisfatório no que tange as melhorias evidenciadas nas relações psicoafetivas entre pais e filhos e no aproveitamento escolar dos alunos, o que sugere a realização de outros grupos de atendimento a pais e/ou responsáveis em contextos psico-educacionais semelhantes.
Palavras-chave: Pais de alunos; Escola pública; Atendimento psicopedagógico

*****

ESC 116

DISTÚRBIOS PSICOMOTORES NA PERSPECTIVA DE AUXILIARES DE CRECHE. *Cláudia Araújo da Cunha, Andréa Gonçalves Borges*; Clenilde Clara de Souza*; Cristiane Esperândio Moraes*; Cristiane Veloso*; Josiane Alves de Carvalho; Renata Macedo Santos; Silvia Martins Garcia e Telma Rodrigues Batista* (Faculdade de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG)*

A psicomotricidade caracteriza-se por uma educação que utiliza o movimento como um meio, um suporte que auxilia a criança a adquirir o conhecimento do mundo que a rodeia. Distúrbios psicomotores referem-se a problemas relacionados à formação do esquema corporal, da lateralidade, da estrutura espacial bem como da orientação espacial e pré-escrita. Sabedores de que o professor enquanto mediador do processo ensino-aprendizagem exerce função primordial na integração da criança na sociedade, objetivou-se investigar as percepções de um grupo de professores acerca dos distúrbios psicomotores. Participaram da pesquisa 42 auxiliares de três creches públicas da cidade de Uberlândia-MG, sendo 7, 9 e 26 professores pertencentes a 1a, 2a e 3a creche, respectivamente. Foi confeccionada uma entrevista composta das seguintes perguntas: 1-Há quanto tempo você trabalha com crianças? 2-Qual a sua escolaridade? 3- O que você entende por distúrbio psicomotor? 4- Você considera que alguma criança com as quais trabalha tem algum distúrbio psicomotor? Dê exemplos e 5- Na sua prática, como você trabalha com crianças que têm distúrbio psicomotor? Cada um dos professores respondeu a entrevista, levando em média 15 minutos para respondê-la. Os resultados demonstraram que na 1a e na 2a creche pesquisada, 16 sujeitos (38,09%), trabalham há pelo menos 3 anos com crianças, entretanto na 3a instituição, 11 sujeitos (26,19%) trabalham com crianças há aproximadamente 10 anos. Quanto ao grau de escolaridade, na 1ª creche, 5 sujeitos (71,42%) possuíam o 2º grau incompleto, enquanto que na 2a e 3a creches foi predominante o magistério (n=5), equivalente a 55,56% e (n=10) referente a 38,46% respectivamente. Cabe ressaltar que enquanto a 3a creche possuía 5 sujeitos (19,23%) com curso de pós-graduação, as demais não possuíam sujeitos com esse nível de escolaridade. Na 3ª questão, a resposta de maior incidência foi a "dificuldade motora", com 21 sujeitos (50%). Nove auxiliares (21,42%), entretanto, fizeram somente uma tradução literal do termo. Com relação à presença de crianças com distúrbio psicomotor, 28 professoras (66,66%) consideraram não estarem trabalhando com nenhuma criança com distúrbio psicomotor. Na última questão, 24 auxiliares (57,14%) mencionaram trabalhar com crianças que consideram ter distúrbio psicomotor. De acordo com as respostas mencionadas, algumas categorias foram preponderantes. Dentre elas: 16 professoras (38,09%) responderam dar mais atenção e afeto; 8 professoras (19,04%) referiram-se a estimulação não-específica, 5 professoras (11,90%) relataram seguir orientação com outros profissionais; 4 professoras (9,52%) apontaram respeitar os limites da criança e 3 professoras (7,14%) verbalizaram a realização de atividades artísticas. Percebeu-se que, apesar do conhecimento vago das auxiliares de creche acerca de distúrbios psicomotores, pode-se notar que a 3a creche foi a que possuía não só o nível de escolaridade mais avançado e o maior tempo de trabalho com as crianças bem como apresentou um alto índice de respostas quanto às possibilidades de se trabalhar com as crianças portadoras de distúrbios psicomotores. Cabe ao psicólogo orientar educadores e pais no sentido de conscientizá-los quanto à identificação de problemas relacionados ao desenvolvimento psicomotor, assim como o apoio de profissionais capacitados no trabalho de educação/reeducação psicomotora, melhorando a qualidade de vida dessas crianças.
Palavras-chave: Distúrbios psicomotores; Professores; Creches públicas

*****

ESC 117

RELAÇÕES ENTRE O DESEMPENHO EM ORTOGRAFIA E AS HABILIDADES DE LEITURA EM ESCOLAS COM ABORDAGENS PEDAGÓGICAS DIFERENTES. *Angela Maria Oliveira Santa Clara** e Lúcia Lins Browne Rego (Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife-PE)*

As habilidades de leitura e escrita são reconhecidas na literatura como sendo processos correlatos, tendo, contudo, algumas especificidades. Por essa razão os estudos mais recentes acerca das dificuldades na aprendizagem desses dois objetos, têm buscado investigá-los em diferentes idiomas, e com crianças submetidas a diferentes metodologias de ensino. O presente estudo teve por objetivo investigar crianças usuárias do Português, comparando grupos com bom desempenho em ortografia, a grupos com dificuldades específicas, em dois contextos escolares diferentes, tentando capturar a relação entre a ortografia e as diferentes habilidades de leitura, verificando ao mesmo tempo se isto é afetado pela natureza da instrução escolar. Participaram do estudo quatro grupos de alunos da quarta série: dois grupos de escola construtivista e dois de escola tradicional. Em cada escola, formou-se um grupo de crianças com ótimo desempenho em ortografia, e um grupo com grande deficiência nesta habilidade, a partir de um instrumento de avaliação ortográfica. Os quatro grupos foram avaliados em tarefas, tais como correção em leitura, número de palavras corretas por tempo de leitura, compreensão de texto e atenção na leitura. Através da análise comparativa dos resultados, buscou-se delinear o perfil da leitura das crianças com dificuldades em ortografia, expostas às diferentes metodologias escolares. Na escola tradicional, as crianças com baixo desempenho em ortografia, quando comparadas às crianças com bom desempenho, apresentaram um baixo nível de correção em leitura, associado a erros de decodificação. Na escola construtivista, a leitura das crianças com dificuldade em ortografia também se mostrou inferior à das crianças com bom desempenho, mas essa diferença se manifestou numa baixa fluência na leitura, com predomínio de erros de hesitação e pontuação, além de um baixo nível de atenção para com a forma escrita das palavras. Portanto, na escola tradicional, a aquisição da ortografia esteve associada ao bom desempenho em decodificação, sugerindo que a ênfase do ensino na análise do código lingüístico em detrimento do uso de estratégias de apoio no contexto faz com que os alunos que não conseguem superar suas dificuldades de decodificação (e desenvolver por si mesmos as referidas estratégias), encontram maiores dificuldades ortográficas. Já na escola construtivista, a ortografia parece estar relacionada aos fatores: fluência e atenção na leitura, sugerindo que sendo o ensino (da ortografia) nesta escola realizado de forma não específica, mas diluído em meio aos estudos dos textos, cria-se uma grande demanda de processamento para trabalhar compreensão, produção de significado e escrita de palavras, simultaneamente, o que explica tanto a falta de fluência na leitura de alguns alunos, quanto suas dificuldades ortográficas. Os resultados mostram que ambas: a abordagem que incentiva a análise do código, e a que enfatiza o uso de estratégias de apoio no contexto, são insuficientes, isoladamente, para sanar as dificuldades de ortografia específicas de algumas crianças, mostrando que a atuação do professor é fundamental para o diagnóstico de tais dificuldades, e emprego de estratégias de ensino que promovam de modo mais eficiente, a aquisição da ortografia.

CNPq
Palavras-chave: Ortografia; Habilidades de leitura; Diferenças instrucionais

*****

ESC 118

APRENDIZAGEM E MEIOS DE COMUNICAÇÃO. *Cláudia Araújo da Cunha, Eduardo Guerra França, Juliana Cassiano Silva*, Kênia Soares Rosa*, Mayra Ribeiro Alves*, Micheli Ribeiro*, Michelle Alves*, Sandra Sampaio Silva*, Vanessa Cristina Alvarenga* (Faculdade de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG)*

Os meios de comunicação de massa são formas de entretenimento e importantes veículos na transmissão de informações com grande potencial para contribuir na aprendizagem e desenvolvimento da criança. A televisão, especificadamente, por ser de fácil acesso, é um dos meios de comunicação que colabora para a formação de conceitos e legitimação de idéias das crianças. Nesse sentido, objetivou-se identificar as preferências de um grupo de crianças frente a programas televisivos. Participaram da pesquisa 54 crianças entre 6 e 8 anos da 1ª série do ensino fundamental de 3 escolas, sendo 10 sujeitos de uma

escola particular, 18 de uma federal e 26 de uma municipal. Cada uma das crianças respondeu a um questionário fechado composto por cinco perguntas, tais como: Qual a sua idade? Você assiste televisão? Em qual período do dia você mais assiste televisão?(manhã, tarde, noite) Qual é o seu tipo de programa preferido?(desenho, filme, novela, jornal, esporte) Quais programas você costuma assistir?(Castelo Rá Tim Bum, Fantástico Mundo de Bob, Pokémon, Eliana e Angélica, Band Kids, Gente Inocente, Sandy e Júnior, Ratinho, Gugu e Faustão, Linha Direta, Caldeirão do Huck, Jornal Nacional). Das 54 crianças entrevistadas, apenas 3 não assistem televisão, devido a crenças religiosas. Cinqüenta e um sujeitos, portanto, responderam que assistem televisão. Os resultados demonstraram que 39 sujeitos (76%) costumam assistir televisão no período da manhã, 23 sujeitos (45%) no período da tarde e 33 sujeitos (65%) no período da noite. De acordo com a pergunta sobre qual o tipo de programação preferida, constatou-se que 49 crianças (96%) preferem assistir desenhos, 30 (59%) novela, 26 (51%) filme, 18 (35%) esporte e 16 (31%) jornal. Com relação a pergunta referente a quais programas são assistidos freqüentemente, os dados apontaram que 45 crianças (88%) assistem o desenho Pokémon, 42 (82%) os programas Eliana e Angélica, 42 (82%) Sandy e Júnior, 38 (74%) Gente Inocente, 37 (72%) Gugu e Faustão, 35 (69%) Caldeirão do Huck, 32 (63%) Castelo Rá Tim Bum, 28 (55%) Fantástico Mundo de Bob, 28 (55%) Band Kids, 27 (53%) Ratinho, 23 (45%) Jornal Nacional e 18 (35%) Linha Direta. Conclui-se que as crianças dão preferência a assistirem desenhos no período da manhã, seguido de novelas no período da noite. Isso sugere que a preferência das crianças pelo desenho Pokémon pode estar associada ao mecanismo de apresentação do mesmo que prioriza movimento e ação dos personagens. O movimento atrai a atenção da criança, ajudando-a a lembrar a ação dos fatos que se sucedem na história. Além disso, a televisão constitui-se num meio eficaz de detecção das percepções das crianças não só quanto as preferências, mas também com relação as habilidades cognitivas, afetivas e sociais, incluindo-se o raciocínio, a atenção, concentração e memorização.

Palavras-chave: Aprendizagem; Televisão; Comportamento

****

ESC 119

A AÇÃO DE PAIS DA ZONA RURAL NA PROMOÇÃO DOS ESTUDOS DE SEUS FILHOS NA 1ª SÉRIE DE ENSINO FUNDAMENTAL: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA. *Eliane Xavier da Silveira (Secretaria Municipal de Educação, Porto Velho/RO); Marcelo Maia Cecílio Teda (Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho/RO);Cristiane Corrêa de Paula* (Departamento de Psicologia,Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho/RO); Luzana de Oliveira Freitas* (Departamento de Psicologia,Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho/RO) & Pedro Eugênio Zimmermann Neto* (Departamento de Psicologia,Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho/RO)*

Estudos têm mostrado a importância do apoio da família no processo ensino-aprendizagem de seu filho, enfatizando a zona urbana. Conhecer como este apoio ocorre na zona rural também é de grande relevância. A pesquisa foi realizada na única escola de ensino fundamental de Triunfo, Distrito de Candeias do Jamari/RO, localizada a 120km da capital do Estado, de povoamento recente. Foram realizadas 23 entrevistas semi-estruturadas com os pais dos alunos contendo questões referentes ao seu nível de escolaridade, participação dos pais na vida escolar de seus filhos e, ações buscadas para favorecerem o desempenho escolar de seus filhos. Os pais tinham como nível de escolaridade: 1ª série:22,7%; 4ª série:18,2%; 5ª série:13,6% e analfabetos:13,6%. Todos os entrevistados vieram de outras localidades. A idade dos alunos variou de 7 a 13 anos, com maior freqüência nas idades de 9 anos (28,5%) e 13 anos (23,6%). O início da vida escolar ocorreu aos 6 anos para 23,8% dos alunos; 7 anos para 52,3% e na idade de 8, 11 e 12 para 4,7% respectivamente. Segundo os pais, 71,4% dos filhos gostam de ir à escola e 76,2% têm o hábito de estudar em casa solicitando ajuda para a realização dos deveres escolares. A pessoa buscada pelo filho para ajudar nas tarefas é: os pais para 42,9% e os irmãos mais velhos para 38,1%. Para acompanhar o desempenho escolar de seus filhos 38,1% dos pais participam das reuniões escolares; 38,1% olham o caderno; 4,8% conversam com a professora e 4,8% não acompanham, sendo que 95,2% dos pais afirmaram acompanhar os estudos de seus filhos. Para melhorar o desempenho escolar dos seus filhos 14,3% dos pais passam tarefa; 9,5% explicam a matéria; 9,5% cobram leituras, 4,5% só acompanham e 9,5% contratam professora particular. 90,5% dos pais sabem o nome da professora de seu filho. Parece que os pais não têm empreendido ações eficazes para promoverem a aprendizagem de seus filhos, talvez em decorrência ao seu nível de instrução, ou então pelas constantes mudanças de localidades, em pleno período letivo, em busca de melhor qualidade de vida.

Palavras-chave: Pais; Processo ensino-aprendizagem; Zona rural

****

ESC 120

APRENDIZAGEM: CONCEPÇÃO DE ALUNOS DE LICENCIATURA. *Andréia Eliana Moura* e Ana Maria Falcão de Aragão Sadalla. (Instituto de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas - SP)*

Aprendizagem é um termo muito utilizado em educação a partir da definição de diversos autores representantes de múltiplas teorias. É indubitável que toda intervenção educativa necessita apoiar-se no conhecimento teórico e prático, oferecido em parte por disciplinas que investigam a natureza dos fenômenos envolvidos nos complexos processos educativos, e em parte pela própria prática dos atores que fazem parte deste processo. Diversas teorias originadas no campo de estudos psicológicos têm proposto o estudo do complexo e diverso fenômeno da aprendizagem. Dependendo do enfoque utilizado, percebe-se que nem todas as teorias têm enfrentado o problema de compreender os processos de aprendizagem com a mesma intensidade. Pressupondo que há uma influência das contingências externas sobre o comportamento observável e uma organização e manipulação de tais contingências para produzir as condutas desejadas, as Teorias Associacionistas concebem aprendizagem como um processo de associação de estímulos e respostas, provocado por condições externas. Deste modo, o indivíduo aprende quando estabelece conexões estáveis frente a certos estímulos que lhe são apresentados. Já as Teorias Mediacionais consideram que aprendizagem é um processo de conhecimento, de compreensão de relações, em que as condições externas atuam mediadas pelas condições internas. Estas Teorias pressupõem que toda aprendizagem intervém, de forma mais ou menos decisiva, nas peculiaridades da estrutura interna. Consideram que o indivíduo aprende quando se conservam, condicionados pelo meio, os esquemas internos que intervêm nas respostas comportamentais. Há outros autores que utilizam este termo como sinônimo de conhecimento, certamente demonstrando uma coincidência entre o processo e o seu produto final. Outros autores concebem este termo como sendo a mudança de comportamento, apontando apenas o que acontece quando o indivíduo aprendeu algo, e não como concebem este objeto. Para outros teóricos, a aprendizagem só pode ser inferida quando há um evento observável através do desempenho do sujeito. Partindo do pressuposto que o fenômeno da aprendizagem é um processo interno, realizou-se um estudo que teve como objetivo identificar a concepção de aprendizagem de estudantes de licenciatura de uma universidade pública paulista. Com a intenção de compreender suas definições, solicitou-se a 150 discentes da disciplina Psicologia Educacional-Aprendizagem que apresentassem suas concepções. Esta atividade foi dividida em duas etapas. Na primeira, pedia-se que a conceituação fosse feita antes que este tema fosse discutido em classe. No final do semestre, os alunos foram convidados a revisitar sua definição e a reescreverem caso considerassem pertinente. Os dados foram analisados a partir da leitura das definições iniciais e finais, organizando-os em três conjuntos temáticos: aprendizagem como comportamento observável; aprendizagem como desempenho e aprendizagem como representação mental. Ao final, foi possível depreender que a maioria dos alunos inicialmente concebia aprendizagem como sendo associada à idéia de desempenho, e, ao final do curso, esta concepção era alterada para a atribuição de um significado, sendo uma representação ou um modelo mental deste conteúdo. Estas informações são fundamentais para a formação do professor, uma vez que a partir de sua definição de aprendizagem pode ser localizado todo o seu referencial podendo ser analisadas as crenças e teorias que fundamentam sua atividade docente.

Palavras-chave: Licenciatura; Formação de Professores; Natureza da aprendizagem

****

ESC 121

PRODUÇÃO ORAL DE HISTÓRIAS, LEITURA DE FAZ-DE-CONTA E CONCEPÇÃO DA ESCRITA DE CRIANÇAS INSERIDAS EM CLASSES ESPECIAIS. *Elisandra A.Menendes** e Tânia Maria Santana De Rose (Mestrado em Educação Especial na Universidade Federal de São Carlos - SP)*

O letramento emergente constitui-se em um conjunto de conhecimentos que são adquiridos na primeira infância e no período pré-escolar mostrando-se como bom indicador do êxito ou fracasso da aquisição de leitura e escrita no 1o grau. Entre os aspectos do letramento emergente investigados, destacam-se: a avaliação da concepção de escrita, os conceitos básicos sobre a escrita, a avaliação do esquema de história e da leitura de faz-de-conta. Estudos sobre a avaliação do letramento de crianças que apresentam acentuadas dificuldades de aprendizagem poderiam estar contribuindo para identificação de necessidades educacionais. O propósito deste estudo foi obter uma caracterização dos conhecimentos relativos ao letramento emergente por parte de alunos que não foram bem sucedidos no processo de aquisição da leitura e da escrita no ensino regular, sendo transferidos para classes especiais. Participaram deste trabalho 20 alunos de duas escolas de Bauru/SP, com idade média de dez anos e oito meses que freqüentavam classes especiais. Foram aplicados instrumentos e procedimentos adequados para avaliações de concepções da escrita, conceitos básicos sobre a escrita, do uso de esquemas de histórias em produções orais e no recontar de histórias e leituras de faz de conta. Os dados foram analisados de acordo com os critérios estabelecidos para cada avaliação. Verificou-se que: a) mais da metade dos alunos encontravam-se no nível pré-silábico da concepção de escrita; b) a avaliação dos conceitos básicos sobre a escrita revelou que nenhuma criança tinha conhecimento de todos os conceitos; c) tanto na avaliação da inclusão das categorias estruturais da produção oral quanto do recontar, observou-se que todas as crianças apresentaram esquemas de histórias incompletos; d) todas as crianças, exceto uma, fizeram uso das gravuras e não da escrita para recontar as histórias lidas. De um modo geral, os resultados mostraram um atraso na aquisição e conhecimentos típicos do período de letramento emergente dos alunos em relação aos resultados obtidos com crianças em idade pré-escolar e escolar. A

maioria das habilidades analisadas se correlacionaram, apresentando dados relevantes à compreensão do processo de alfabetização destas crianças. O presente estudo possibilitou a identificação de necessidades educacionais de crianças com dificuldades de aprendizagem que freqüentam classes especiais e apontou questões para pesquisas futuras voltadas para a promoção do letramento emergente no âmbito escolar e familiar.

Apoio financeiro: CNPQ

Palavras-chave: Letramento emergente; Dificuldades de aprendizagem; Leitura e escrita

PSICOLOGIA DA FAMÍLIA E COMUNIDADE

FAM 01

CIÚME NO CASAMENTO. *Alessandra dos Santos Souza*, Igor de Mesquita Kandel*, Regina de Paula Barbosa de Almeida* e Ana Cristina Costa França (Universidade da Amazônia - Belém-PA)*

A pesquisa objetivou verificar quais os motivos relatados pelos casais a sentirem ciúme recíproco do parceiro no casamento. Estudiosos afirmam que o ciúme é um sentimento de possessão exclusivista, por medo ou risco de perda, e o ciumento quer ter informações sobre o outro para controlá-lo, indo contra um dos princípios mais importantes da vida: a liberdade. O ciumento patológico restringe seu objeto de ciúme, na tentativa de controlar seu objeto amado. No ciúme patológico, o sentimento de posse se intensifica gradativamente, limitando as ações do parceiro, implicando na perda da identidade de quem é alvo de ciúme. O maior sofrimento que o ciumento sente é não ter certeza se o outro o engana ou não. Apesar das desvantagens que o ciúme apresenta, como stress emocional e físico, emoções descontroladas e violência, ele também possui vantagens, como ensinar a dar valor ao parceiro, levar a um exame do relacionamento. A pesquisa foi realizada com sujeitos da cidade de Belém, Pará, tendo uma amostra de 05 casais heterossexuais, com idade entre 24 e 57 anos, tendo entre 05 e 10 anos de casados, um filho, sendo primeiro casamento, que tenham concluído o ensino médio e que relataram ter ciúme do(a) seu(sua) parceiro(a). Seis (6) perguntas foram utilizadas na entrevista: 1º) Você sente ciúme de seu esposo(a)? 2º) O que é ciúme para você? 3º) Quem tem mais ciúme você ou seu esposo(a)? Por quê? 4º) Em que ocasião você sente mais ciúme do seu marido/esposa? 5º) Como o casal lida com a questão do ciúme? 6º) O ciúme atrapalha a relação do casal? Como? Observou-se que os casais entrevistados sentem ciúme do parceiro, em níveis diferentes. Foi verificado que a mulher expressa mais verbalmente seu sentimento, enquanto que o homem demonstra ser menos ciumento do que realmente é. Os casais relataram que ter ciúme é querer o(a) esposo(a) demais, é uma sensação de insegurança, de medo, é uma sensação de perda. Dessa forma, os relatos confirmam que o ciúme está relacionado com a posse da pessoa amada e o medo de perdê-la. Em termos quantitativos, os homens relataram que as esposas sentem mais ciúme. As esposas afirmaram sentir mais ciúme, coincidindo com as respostas de seus esposos. Foi percebido também que os homens sentem mais ciúme quando suas esposas estão relacionando-se com outros homens. Já as mulheres sentem mais ciúme quando os esposos estão longe delas, com os amigos. Os casais relataram que lidam com o ciúme brigando e dialogando. Percebeu-se ainda que o ciúme em excesso atrapalha a relação porque desgasta, desestimula e torna cansativo o relacionamento. Nota-se, então, que os casais sentem-se incomodados com o ciúme, em excesso, no relacionamento. Novos sujeitos serão entrevistados além de corroborar os resultados obtidos. Percebeu-se que os dados coletados confirmam os dados da literatura. Outros trabalhos são propostos, investigando o ciúme no namoro, para que se possa comparar, apontando as semelhanças e diferenças acerca do ciúme em diferentes níveis de relacionamento.

Palavras-chave: Casais; Ciúme; Relação amorosa

***

FAM 02

O ESTUDO DE UMA FAMÍLIA "QUE SUPERA AS ADVERSIDADES DA POBREZA": UM CASO DE RESILIÊNCIA EM FAMÍLIA?. *Maria Angela Mattar Yunes** (Fundação Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, RS) & Heloisa Szymanski (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP)*

Estudos com famílias geralmente enfatizam os aspectos deficitários e negativos da convivência familiar através da demonstração de suas desajustes e falhas. O interesse pelo fenômeno da resiliência em famílias, vem contribuir para reverter esse ciclo de raciocínio invertendo o foco para os aspectos sadios e de sucesso do mundo familiar. Entretanto, o termo resiliência ainda dá margens a controvérsias ideológicas, agravadas quando o alvo do fenômeno se coloca na família e na pobreza. Para minimizar as contradições, o presente estudo partiu de um conceito amplo e sistêmico de resiliência definida como "processo de superação de adversidades". A postura fenomenológica foi adotada durante todos os passos da pesquisa, a fim de que a questão pudesse ser analisada na sua complexidade e independente dos modelos teóricos pré-existentes. Foi realizado um estudo de caso com uma família de baixa renda, moradora de um bairro categorizado como "muito pobre" pela comunidade. Um dos pesquisadores tinha o conhecimento informal de que a família "vivia bem apesar da situação de pobreza". As estratégias metodológicas que mostraram-se compatíveis para o estudo formal da família foram: a obtenção do relato da história de vida da unidade familiar nos moldes da entrevista reflexiva, o genograma e a análise dos dados através da grounded-theory. Os resultados confirmaram que a família vivenciou várias experiências de risco como, adoção, privação de necessidades básicas, migração e doenças. Dentre os indicadores da "superação de adversidades", o sistema de crenças da família emergiu como um dos eixos norteadores dos relatos. A família mostrou que valoriza as relações interpessoais e se percebe como construtivas dos seus membros. Suas interações intra e extra familiares se formam nos padrões de ajuda, aprendizagem, afeto e solidariedade. Diante de crises, a família posiciona-se de forma elaborativa, procurando a compreensão e o sentido das dificuldades para manter o controle da situação. Cada adulto atribui sentido às adversidades através de mecanismos próprios. Nessas ocasiões, a valorização das relações também manifesta-se na família pela organização, coesão, comunicação aberta e respeito mútuo, além da busca de apoio na família extensa e na rede social externa. O resultado da crise, ou seja, o período pós-adversidade é percebido como transformador e benéfico, e o grupo familiar se sente mais forte e com sentimento de solidariedade, que é uma marca desta família. Por último, pode-se afirmar que esta família percebe-se, sente-se e age como se fosse diferente daquelas que os rodeiam, a quem eles próprios criticam como "famílias violentas, negligentes com os filhos e acomodadas à situação de miséria". Sua postura em relação a vizinhança não é crítico-passiva, mas ativa no sentido de promover o bem estar de outras famílias do mesmo endereço social. É difícil afirmar se os processos acima identificados são adequados para definir a "resiliência em família", ou se apenas sugerem a adaptação do grupo às normas sociais dominantes. Pode-se concluir que enquanto contexto de desenvolvimento, a família transcende os "muros" de suas crises, para tornar-se também, contexto de desenvolvimento para outras famílias que vivem a mesma situação de pobreza. Poderíamos denominar esse fenômeno "resiliência"?

Apoio financeiro: CAPES (com bolsa de doutorado PICDT no país) e CNPq (com bolsa de doutorado sanduíche no exterior)
Palavras-chave: Resiliência em família; Família; Populações de risco

***

FAM 03

CASAMENTO CONTEMPORÂNEO: CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CONJUGAL. *Terezinha Féres-Carneiro (Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro)*

O estudo investigou como homens e mulheres das camadas médias da população carioca vivenciam a constituição do casamento e a construção da identidade conjugal, ou seja, como se forma e se mantém a conjugalidade. Comparamos as vivências masculinas e femininas em relação à concepção de casamento, à sua construção e à sua manutenção, através de entrevistas semi-estruturadas com 32 sujeitos casados e com filhos. Foram analisadas as categorias: escolha amorosa, definição de casamento, vivência da sexualidade, segredos, percepção de si mesmo, percepção do outro, projetos e influência da conjugalidade sobre a subjetividade dos parceiros. Em relação à escolha amorosa, duas diferentes tendências foram ressaltadas nas falas de homens e mulheres: por um lado uma escolha lenta, construída gradativamente, e por outro uma escolha intensa e repentina, descrita no discurso feminino como paixão e amor à primeira vista, e no discurso masculino como atração física imediata. Quanto à definição de casamento, homens e mulheres ressaltaram a importância da valorização da individualidade, na vida a dois, assim como conceberam a conjugalidade como cumplicidade e possibilidade de compartilhar. Em relação à vivência da sexualidade, a grande maioria dos entrevistados ressaltou a importância do sexo na relação conjugal. As mulheres enfatizaram uma diminuição da freqüência e um aumento da qualidade na vivência da sexualidade, ao longo do casamento. Quanto à possibilidade de haver segredos entre os cônjuges, homens e mulheres enfatizaram a importância de espaços para os mesmos, sobretudo quando o segredo não interfere na relação e/ou pode magoar a outra pessoa. Em relação à percepção de si mesmo no casamento, os homens se vêem como companheiros, muito presentes e compartilhando a vida familiar com a mulher. As mulheres se percebem no casamento sobretudo como mães e como pessoas felizes e realizadas. Em relação aos projetos, futuro profissional, moradia e viagens foram temas que surgiram tanto no discurso dos homens como no das mulheres. Quanto às expectativas em relação ao casamento, os homens mostraram-se satisfeitos e sem muitas necessidades de mudanças, enquanto as mulheres ressaltaram o desejo de melhorar a relação conjugal. Quanto à influência da conjugalidade sobre a subjetividade dos parceiros, o amadurecimento e o crescimento foram os fatores mais mencionados tanto pelos homens quanto pelas mulheres, que ressaltaram também mudanças nos valores como conseqüência do convívio conjugal.

Apoio: CNPq e FAPERJ
Colaboradoras: Ilana Cytrynbaum, Julia Gasper, Maria Fernanda Borges, Mariana Matos, Renata Mello, Samantha Lamas (Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro)
Palavras-chave: Escolha amorosa; Casamento; Sexualidade

***

FAM 04

COMO FAMÍLIA E CRECHE INFLUENCIAM A EDUCAÇÃO INFANTIL NA PERSPECTIVA DA FAMÍLIA. *Ana Paula Cordeiro*, Fernanda da Veiga Ortal*, Lília Vales Domingues e Vera Maria Ramos de Vasconcellos (Departamento de Psicologia - Universidade Federal Fluminense - Niterói - RJ)*

Este trabalho traz uma análise parcial dos dados produzidos na Pesquisa "Crenças e Valores dos Educadores Infantis", iniciada no Brasil, em 1998, em intercâmbio com a Alemanha. O presente recorte refere-se ao segmento família, o qual, bem antes do espaço creche, se caracteriza como o primeiro contexto de estruturação do processo de educação da criança. Marcada por sua referência sócio cultural, "amalgamada" entre gerações e construída, a partir de experiências e demandas internas e externas à própria casa, esta família vai estruturando suas teorias subjetivas sobre a Educação Infantil, tendo um papel fundamental no desenvolvimento cognitivo, emocional e social de sua criança.

Ao apostar nas interações criança-criança e criança-adulto, a creche estará sempre interferindo, mas sendo, igualmente, influenciada pelas experiências interacionais da família. As teorias subjetivas deste segmento, são "traduzidas" em sua "fala", cujo conteúdo pode permitir a interlocução com a "fala" dos demais sujeitos implicados, direta e indiretamente, na referida pesquisa (professores e crianças). O objetivo principal é identificar a visão da família sobre a Educação Infantil, a partir de dois eixos: o primeiro, voltado para ela própria e o segundo, voltado para a visão que ela tem do espaço creche. O paralelo entre ambos vem, direta e indiretamente, expresso, constituindo-se em um terceiro objeto de análise. Dentre as perguntas de partida, questiona-se: como a família identifica seus objetivos e estratégias educacionais; como hierarquiza e avalia sua própria influência e a influência da creche, na educação da criança, em seu processo de inserção e interação com o mundo que a cerca? Os instrumentos utilizados para a análise foram entrevistas semi-estruturadas e questionários, aplicados, junto a 12 (doze) famílias, cujas crianças freqüentam 08 (oito) creches públicas do município de Niterói. Esta amostra foi construída, a partir da seleção de crianças consideradas "difíceis" pelas professoras das referidas creches. A metodologia utilizada foi a análise de conteúdo. Identificamos alguns marcos estabelecidos pela família, acerca de suas concepções sobre a Educação Infantil: disciplina, obediência, autonomia e interação estão entre as mais categorias de objetivos educacionais, previamente selecionados pela pesquisa e identificados pelas famílias, como os mais significativos. O respeito pelo outro e a educação, enquanto um conjunto de símbolos ou comportamentos favoráveis à vida, bem como as relações entre "o certo e o errado", entre "o bem e o mal" se constituem em outras categorias de objetivos educacionais, igualmente identificados. Ao ser questionada sobre quem exerce mais influência no comportamento social da criança, a família atribui um maior grau a si própria. Com os resultados analisados, esperamos subsidiar a permanente interlocução família-creche, proposta pela pesquisa, identificando se as teorias subjetivas sobre as práticas de Educação Infantil podem ser vistas como conceitos específicos das micro culturas presentes em cada família, ou se misturam, em caráter universal.

Palavras-chave: Família; Educação infantil; Influência

****

FAM 05

RELAÇÕES AFETIVAS ENTRE VOLUNTÁRIOS E INTERNOS DE UMA INSTITUIÇÃO QUE ABRIGA PORTADORES DO VÍRUS HIV. *Anamaria Silva Neves, Carliene Freitas da Silva*, Kelly Cristina Pereira*, Marília Rabelo de Souza*, Waldiza de Oliveira Cavalcante* (Faculdade de Psicologia / Universidade Federal de Uberlândia-MG)*

O presente trabalho apresenta um projeto de análise institucional direcionado a uma instituição localizada na cidade de Uberlândia, Minas Gerais, a qual constitui-se de seis casas, refeitório coletivo, salão recreativo, creche, consultório dentário, horta e salão de reuniões. Abriga aproximadamente 54 pessoas, incluindo crianças, jovens, adultos. Torna-se característica da instituição acolher, "o lixo social", homossexuais, travestis, drogadictos, ex-presidiários e prostitutas portadores do vírus HIV, pacientes com doenças terminais ou qualquer pessoa que por ventura precise de abrigo. Trata-se de uma instituição sanitária, com predomínio de características de instituições de controle social -formal com caráter assistencial e religioso. É regida por princípios religiosos e implicitamente direciona internos e voluntários de forma que eles cumpram as premissas cristãs. Cabe aos voluntários, através da caridade, cumprirem tarefas, como doações de alimentos, utensílios de uso pessoal e coletivo, que possibilitem adquirir a representação de pessoas boas, dedicadas e servis. E aos internos, cabe, modificarem seus comportamentos através da solidariedade e dos cuidados prestados a outros internos enfermos. Foram realizadas 10 observações participativas seguidas de relatório e supervisão, de setembro à dezembro de 2000, em horários e dias distintos, onde pôde-se analisar a demanda explícita e implícita da instituição. O foco das observações foi a dinâmica das relações entre voluntários e internos da mesma. Constatou-se a ociosidade percebida pelos internos, relatada na falta de continuidade e irregularidade das atividades desenvolvidas pelos voluntários (ginástica, curso de bijouteria, bordados, crochê, artesanato...). Como resultados preliminares observou-se não ser objetivo da instituição promover a autonomia e, sim, inconscientemente manter a dependência de forma a reforçar a caridade. A falta de expectativa dos internos frente a morte iminente leva-os a não engajarem em atividades contínuas. Constatadas tais hipóteses faz-se pertinente a capacitação do voluntário e treinamentos básicos, com intuito de promover um sentido de comunidade, de cidadania, e, conseqüentemente, um significado de vida para os membros da instituição, transformando sua postura assistencialista numa prática conscientizada. A proposta de intervenção visa resgatar o conceito de cidadania, conscientizar o voluntariado acerca das especificidades emocionais vivenciadas pela clientela da instituição (morte social, isolamento, rejeição, elaboração da perda da saúde e depressão) e tem o intuito de mobilizá-los a uma prática efetiva e fundamentada. Com base na análise das observações realizadas bem como a respaldo dos resultados preliminares, elaborou-se uma proposta de intervenção com palestras abordando os seguintes temas: Cidadania e Institucionalização e, As Relações Afetivas da Instituição. Foram ainda programadas dinâmicas que auxiliem os voluntários a delimitarem seus interesses enquanto tal.

Palavras-chave: Análise Institucional; Voluntários; HIV

****

FAM 06

INTERVENÇÃO TERAPÊUTICA EM CASOS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NO CONTEXTO JURÍDICO. *Fábio Pereira Angelim*, Gláucia Hernandes Côrtes* (Universidade de Brasília) e Marília Lobão Ribeiro (Núcleo Psicossocial do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios)*

A prática clínica em Psicologia tem se desenvolvido no sentido de atender às demandas cada vez mais diversificadas da sociedade. Neste sentido, a Psicologia Jurídica tem se apresentado como um instrumento bastante eficaz em favor da justiça. Uma das áreas da Psicologia clínica que tem sido de grande auxílio são as terapias sistêmicas, que buscam a reconfiguração de todas as relações familiares apresentadas que sustentam a construção de relações patológicas e não apenas a mudança nas relações de um único membro da família. O foco dessas abordagens não são os indivíduos isoladamente, mas os indivíduos em relação, os quais, desta forma, constituem um sistema familiar. O terapeuta trabalha no sentido de possibilitar uma maior flexibilidade nas relações entre os membros do sistema familiar e na adequação dessas relações. Seguindo a perspectiva das terapias sistêmicas (as relações construídas pela família enquanto foco de intervenção), o Núcleo Psicossocial (NUPS) desenvolve seus trabalhos de intervenção terapêutica junto às famílias que apresentam episódios de violência doméstica. Estes episódios de violência são levados a juízo das autoridades policiais as quais dão seguimento ao processo encaminhando autores e/ou vítimas do ato de violência ao Juiz. Na medida em que o Juiz percebe que as partes, em litígio, são ligadas por relacionamento duradouro (consortes, parentes ou vizinhos) estes são convidados a participarem de seções de intervenção terapêutica no Núcleo Psicossocial. Os atendimentos no NUPS podem ser divididos em duas etapas: acolhimento das partes e intervenção terapêutica. Num primeiro momento um psicólogo ou assistente social da equipe conversa com as partes a fim de esclarecer quais os objetivos dos atendimentos que serão realizados ali. Diferencia-se, assim, o espaço da audiência com juiz, marcado pelo litígio, do espaço de intervenção terapêutica, permeado pela colaboração e auto-crítica dos participantes. Nos atendimentos, trabalha-se a demanda das partes que, ao chegarem ao Juizado criminal esperavam responder um processo jurídico para inocentar-se ou culpar o outro no sentido de aumentar os recursos das partes envolvidas para solucionar seus conflitos, sensibilizando-as para o processo relacional que possibilitou o surgimento da violência entre eles e da co-responsabilidade na manutenção de um relacionamento saudável. Ao se inserir a prática terapêutica junto às práticas jurídicas na solução dos problemas de violência doméstica, pode-se perceber uma redefinição do conceito de justiça a qual deixa de ser uma atribuição do Juiz e passa a ser parte da realidade cotidiana da família desonerando o Estado e possibilitando relações mais saudáveis no seio da família.

Apoio: Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios

Palavras-chave: Psicologia jurídica; Violência doméstica; Intervenção terapêutica

****

FAM 07

CASAMENTO E SEPARAÇÃO: ASPECTOS PSICOSSOCIAIS. *Bernardo Jablonski (Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro)*

A presente pesquisa está sendo realizada com indivíduos casados (no mínimo há cinco anos) e separados (entre três e cinco anos) pertencentes às camadas médias da população carioca. A amostra, intencional não-probabilística (de conveniência), é constituída por aproximadamente 100 sujeitos, metade casados, metade separados, de ambos os sexos, todos com idades variando dentro da faixa dos 40/50 anos. Trata-se na verdade de uma réplica modificada da pesquisa anterior acerca da percepção social da crise do casamento contemporâneo. Neste sentido estamos avaliando a evolução da influência de fatores psicossociais nos motivos que levam homens e mulheres cariocas a dissolver (ou não) suas uniões/casamentos. Entre as principais variáveis estudadas estão: a) a religiosidade e o processo de secularização; b) as mudanças provocadas pelo movimento de emancipação feminina (e seu impacto nos papéis assumidos pelos homens); c) a ênfase dada ao amor romântico na formação dos casamentos; d) a questão da sexualidade e e) o abalo produzido pela evolução de certos valores sociais, como por exemplo, a flexibilização nos papéis de gênero e a posição a ser adotada pelos sujeitos da amostra para lidar com as demandas antagônicas presentes em nossa sociedade (permanência versus apego ao novo; monogamia versus permissividade; vida em família versus realização individual). Apesar de ainda estarmos em fase de avaliação e discussão dos dados parciais obtidos, já podemos antecipar alguns resultados. Embora, de acordo com pesquisas anteriores, o amor romântico possa ser muito valorizado antes do casamento (pelos jovens solteiros), temos - aos olhos da nossa amostra atual - que o respeito mútuo é igualmente importante quando se pensa na manutenção do vínculo conjugal. Dentre os maiores empecilhos para uma separação, apontam-se os filhos como verdadeiros freios quando um casal vislumbra a possibilidade de vir a separar-se. Além disso, observamos diferenças significativas entre homens e mulheres quanto ao papel desempenhado pelo

sentimento de culpa, bem mais valorizado pelo contingente masculino. Possivelmente, em função de seu histórico papel de provedor, o homem se sinta ainda, apesar do movimento de emancipação feminina, como principal responsável pela vida econômica da família. Pode pesar neste item, também, o fato de que homens, bem mais que as mulheres, tenham se engajado em relações extramaritais, sem dúvida nenhuma, fonte significativa de sentimentos de culpa. É igualmente digna de nota a pouca referência dada às questões religiosas: nossa amostra de classe média parece não levar muito em conta os dogmas religiosos que preconizam a manutenção do vínculo conjugal, acima de quaisquer questões de ordem individual. Enfim, são dados preliminares que, somados aos que ainda estão por ser analisados, servirão para que possamos contribuir de modo significativo para clarificar o que se convencionou chamar de "crise do casamento contemporâneo".

Apoio: CNPq e FAPERJ
Colaboradoras: Joana D'Angelo, Luisa Mascarenhas, Paula Castro, Sheila Tavares, Suzana Rodrigues, Tânia Kaperman (Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro)
Palavras-chave: Casamento; Separação; Crenças psicossociais

****

FAM 08

PERFIL SOCIOCULTURAL DE FAMILIARES DE MENINOS INSTITUCIONALIZADOS NO CENTRO RENASCER - CIDADE DE CAXIAS DO SUL, E CARACTERIZAÇÃO DO LOCUS DE CONTROLE, DA RESILIÊNCIA E DAS EXPECTATIVAS DE VIDA. *Maria Elisa Fontana Carpena (Departamento de Psicologia/Universidade de Caxias do Sul) Sílvia Helena Koller (Instituto de Psicologia/Universidade Federal do Rio Grande do Sul)*

A Psicologia e a pesquisa científica não tem oferecido respostas satisfatórias para diferentes questões sobre famílias de menores infratores. Temas como: a família de menores em situação de risco social e pessoal, sua situação real de vida, expectativas e crenças de locus de controle dos familiares sobre o futuro de seus filhos, são pouco encontrados na literatura. Essa dificuldade, indica a necessidade de se realizar mais estudos nesta área. Este estudo tem por objetivo investigar estes aspectos, possibilitando uma melhor compreensão sobre a população de familiares de meninos infratores que estejam institucionalizados, da cidade de Caxias do Sul, RS, junto ao Centro Renascer, que visa a medida de semi-liberdade como forma de ressocialização desta população. Para a construção deste estudo, que teve início em outubro de 2000 e se estenderá até dezembro de 2001, os familiares dos meninos institucionalizados estão sendo entrevistados em seus locais de residência utilizando-se, como informante, o familiar que estiver disponível no momento da visita. Os endereços são fornecidos pela instituição *Renascer*. As entrevistas ocorrem frente ao consentimento do respondente para a utilização dos dados neste estudo e em estudos posteriores. É utilizado um questionário, previamente pilotado, para nortear a entrevista. Os dados coletados estão sendo tabulados através de categorias obtendo-se freqüência e percentual. Posteriormente, outras análises serão realizadas. A análise dos dados coletados até o momento, tem demonstrado que o papel de provedor da família, que está sendo atribuído ao familiar institucionalizado, pode ser uma variável que reforce o comportamento transgressor, o mesmo não ocorrendo com a questão da pobreza. O aspecto referente a escolaridade, tanto dos familiares quanto do menino institucionalizado merece uma atenção especial já que parece haver significativa evasão escolar por parte dessa população, o que certamente vem a contribuir para exclusão social. Outra questão que tem demonstrado ser relevante nesse estudo é a participação de gangs e a utilização de armas e de drogas (lícitas e ilícitas) por parte dos meninos que cometeram o(s) delinqüência(s). Percebe-se ainda, tanto uma expectativa positiva por parte dos familiares, em relação a melhora do comportamento do institucionalizado, quanto negativa, a partir da internação.
Palavras-chave: Perfil sócio-cultural; Família; Institucionalização

****

FAM 09

INTERVENÇÃO INSTITUCIONAL EM COMUNIDADES PERIFÉRICAS. *Dércio Tadeu Lisboa Oliveira**, Priscilla Alves Sant'Ana*, Thaisa Reboucas Bovo*, Verbênia Silva Nogueira* (Universidade Federal e Uberlândia, Uberlândia, MG)*

Este trabalho é fruto de inquietações diante de uma realidade que a princípio parece estar distante do contexto universitário. Este distanciamento, segundo Kaës, estaria ligado a uma dificuldade fundamental que se opõe aos nossos esforços para constituir a instituição como objeto do pensamento. Essa dificuldade vincula-se, preponderantemente, aos riscos psíquicos da nossa relação com a instituição. No entanto, percebe-se que a Universidade como produtora de conhecimentos não deve isolar-se da comunidade não universitária, onde esses conhecimentos possam ser aplicados. Há uma preocupação direcionada a um segmento específico desta comunidade não universitária: a população de baixo nível sócio-econômico-cultural, a qual se contrasta com os grandes centros econômicos e bairros nobres das cidades brasileiras. É na tentativa de aproximar esses diferentes realidades que intervenções comunitárias foram feitas em uma das populações mais carentes de Uberlândia. O presente trabalho visa mostrar as intervenções psicossociais realizadas por estagiários do curso de psicologia devidamente supervisionados, cujo objetivo é identificar e intervir na prevenção primária e secundária, enfocando os sintomas afetivos, motivacionais, cognitivos comportamentais, fisiológicos e de distorções nas relações interpessoais. Entende-se que a intervenção primária baseia-se em oferecer informações que modifiquem comportamentos de risco e atue preventivamente, eliminando-os como evitáveis. Já, a intervenção secundária estabelece efetiva e efetivamente a valorização dos indivíduos da comunidade, utilizando para tais, intervenções e em grupos. Foi-se, através de visitas semanais pela equipe de interventores, no decorrer de 48 semanas durante o ano de 2000, à análise das demandas, clarificação dos analisadores e diagnóstico provisório. Os analisadores observados para compor o diagnóstico provisório foram: exclusão preventiva à violência urbana, omissão em relatar problemas com os quais se identificava - "lei do silêncio", estranhamento à presença dos analistas, vigilância constante aos visitantes até a identificação da finalidade da visita, comportamentos ilícitos relativos ao uso de drogas e prostituição. A partir destes dados, elaborou-se as estratégias de intervenção: reuniões comunitárias, palestras e dinâmicas de grupo, com a finalidade de promover a auto-análise e autogestão do grupo comunitário. No decorrer desta intervenção colheu-se dados para o diagnóstico definitivo da comunidade e elaborou-se junto à mesma uma proposta de acompanhamento das ações comunitárias. Dentre os resultados obtidos ressaltam-se a identificação do grupo com suas necessidades, o desenvolvimento da capacidade de autoanálise das demandas e da autogestão para o direcionamento de ações que visem o atendimento das demandas identificadas. Conclui-se que, a partir de uma análise efetiva da comunidade é possível direcionar suas ações no sentido de conscientização dos seus limites e potencialidades para a solução de problemas e atendimento de suas carências, buscando assim alternativas mais eficazes do que as práticas assistencialistas vigentes.
Palavras-chave: Comunidade; Intervenção, Instituição

****

FAM 10

A MORTE E O LUTO NA ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NAS ÁREAS CLÍNICA E INSTITUCIONAL: UMA PROPOSTA PIONEIRA NO BRASIL. *Valéria Tinoco, Cecília Casali Oliveira, Gabriela Casellato, Luciana Mazorra e Maria Helena P. F. Bromberg (Instituição: Quatro Estações - Instituto de Psicologia)*

O Instituto foi criado em 1998, por um grupo de psicólogas que trouxeram suas experiências acadêmicas e clínicas ligadas à morte e ao luto para ampliar sua atuação nesta área, apoiadas em princípios de psicologia clínica e psicologia da saúde. O 4 Estações traz uma proposta pioneira no Brasil de implantação de um serviço voltado para a intervenção em situações de perda e luto. Esta proposta caracteriza-se por uma atuação que abrange desde a intervenção profilática e educacional até o tratamento de pacientes com luto complicado já instalado. Portanto, nossa atuação extrapola o âmbito clínico e busca atingir uma mudança dos paradigmas sociais em torno das experiências de morte e de luto no Brasil.

Entre as atividades desenvolvidas destacam-se atividades clínicas que envolvem o suporte psicológico para a população enlutada, incluindo aí o apoio a profissionais da saúde que trabalham nesta área; atendimento psicoterapêutico individual, familiar, de casal e em grupo para adultos e crianças; supervisão para profissionais que realizam atendimento a pessoas enlutadas, e grupos de estudo voltados a profissionais, estudantes e voluntários que lidam com estes aspectos nas atividades que realizam ou que desejam especializar-se nesta área.

As atividades educacionais caracterizam-se por atividades de conscientização social e educação, visando a reflexão em torno do tema morte e a divulgação de informações sobre o processo de luto após uma experiência de perda concreta ou simbólica. Realizamos palestras e oficinas dirigidas a estudantes, profissionais da área de saúde, social e educacional e população enlutada. Também oferecemos treinamentos e assessoria para instituições que lidam com perdas em seu cotidiano profissional tais como escolas, hospitais, empresas aéreas, empresas funerárias, entre outras. Há dois anos oferecemos um curso de capacitação dirigido a profissionais da área da saúde, social e educacional que desejam oferecer cuidado profissional aos pacientes enlutados.

Oferecemos ainda outros recursos informativos como site especializado na Internet, assessoria para outros sites ligados ao tema, apresentação e organização de eventos científicos e congressos, exposição em mídia e divulgação de material informativo, como folhetos e apostilas.

Os atendimentos em psicoterapia já realizados nos oferecem um perfil da população que recorre ao nosso Instituto de Psicologia buscando cuidados no enfrentamento do luto pessoal. Serão apresentados os resultados dos atendimentos realizados no intervalo de um ano de atividade, no que se refere ao perfil e demanda dessa população.

Na avaliação da implantação do serviço observamos que o trabalho de psicoterapia oferece, não só ao indivíduo enlutado, mas também ao seu contexto familiar e social, um suporte que facilita a reorganização após a instalação da crise desencadeada pela experiência de perda.

As atividades educacionais e de cunho informativo vêm possibilitando o reconhecimento deste processo psico-social, bem como sua profilaxia e tratamento, que podemos observar pelo aumento da demanda tanto por parte dos profissionais como pela população em geral.
Palavras-chave: Luto; Prevenção; Tratamento

****

FAM 11

GRUPO DE PAIS: REFLEXÕES SOBRE PRÁTICAS EDUCATIVAS E AFETIVIDADE. *Maria Aparecida Prioli Bagliani, Camila Dellatorre Borges, Fernanda Neise Mariano, Cristina Maleca (Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto, SP)*

As transformações ocorridas ao longo deste século - o desenvolvimento das teorias psicológicas, a entrada da mulher no mercado de trabalho, os meios de comunicação e a tecnologia, e muitos outros aspectos - têm influenciado a relação entre pais e filhos e a maneira de educá-los. Há muitas dúvidas sobre a forma de agir, de colocar limites e de se comunicar com os filhos. Espaços de discussão sobre a maternidade/paternidade, a educação e os fatores que permeiam a relação entre pais e filhos se tornam cada vez mais necessários. Neste trabalho descreveu-se uma intervenção com um grupo de pais de crianças e adolescentes de uma instituição educacional e assistencial de um bairro da periferia de Ribeirão Preto. A intervenção teve por objetivo estimular a reflexão sobre as práticas educativas adotadas e as relações que estabelecem com os filhos, visando uma melhor interação entre eles e a promoção da saúde dessas famílias. Foram realizados 8 encontros mensais, com 1 hora e 30 minutos de duração, com a participação de 50 pais, tendo duas psicólogas como coordenadoras. O grupo era aberto, não existindo restrições quanto à entrada de novos participantes no decorrer das reuniões. Foi realizado registro cursivo dos encontros, e posteriormente uma análise qualitativa. Os temas trabalhados foram: as fases do ciclo vital; a educação e o vínculo da criança com a família; reflexão sobre a educação recebida e dada aos filhos; colocação de limites; divisão de papéis entre os pais; o significado de ser mãe e as suas perspectivas de vida enquanto mulheres. As técnicas utilizadas foram: aquecimentos; confecção de cartazes e desenhos; modelagem com massa de modelar, discussões em subgrupos e com o grupo todo. Quanto aos resultados, observou-se que a situação econômica familiar permeou vários dos temas trabalhados, como a dificuldade em oferecer aos filhos o que desejavam, ou mesmo o desemprego. Em muitos momentos houve a contraposição entre a infância vivida pelos participantes e a de seus filhos (as transformações ocorridas, as práticas educativas e vivências que se repetem). Em relação à educação e ao vínculo com os filhos ocorreram correlações entre o estabelecimento de limites, o respeito aos pais e a afetividade. Quanto ao papel vivenciado pelas mães, estas mostraram-se sobrecarregadas, muitas vezes definindo-se como "mãe e pai" de seus filhos; percebe-se ainda que estas trouxeram suas expectativas e frustrações enquanto mulheres - ausência de lazer, trabalho e escolaridade. As técnicas proporcionaram momentos lúdicos como envolvimento com a atividade e o aprofundamento da discussão das temáticas. Conclui-se que o espaço grupal possibilitou a troca de experiências, a reflexão sobre os valores relacionados à educação e ao vínculo com os filhos, e com outros aspectos de suas vidas. Ressalta-se assim a relevância de trabalhos em que seja oferecido um espaço para reflexão sobre a educação e vivência com os filhos, bem como possa dar continuidade a outras questões importantes relacionadas à promoção da qualidade de vida.

Palavras-chave: Família; Grupo de Pais; Práticas Educativas

****

FAM 12

DISCIPLINA, CASTIGOS E PALMADAS. *Lidia Natalia Dobrianskyj Weber, Ana Paula Viezzer*, Cláudia Regina Endo Zacche* (Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Paraná, Curitiba-PR)*

Esta pesquisa teve como objetivo investigar o estilo parental em relação à disciplina dos filhos. Foram verificados a forma, a freqüência e as condições de utilização de punição física, castigos e conversas na educação intra-familiar. Participaram desta pesquisa 96 crianças da 4ª série de uma escola municipal de Curitiba, as quais responderam um questionário com 60 questões, especialmente elaborado para este trabalho. Após contato com a diretora e professoras da escola, os questionários foram distribuídos para todas as crianças, e em seguida a pesquisadora leu e explicou cada questão para a turma. Os resultados mostraram que somente 13,5% das crianças nunca foram punidas fisicamente, 47,9% levavam "só uns tapas"; 34,5% levavam tapas e surras. 60,4% das crianças também receberam outros castigos. Em relação ao local do corpo e modo que a punição foi utilizada, 53,1% dos participantes apanharam nas nádegas e 41,7% dos pais utilizaram somente as mãos para bater, porém o chinelo (21,9%) e o cinto (30,2%) também foram empregados para punir. Das crianças que foram punidas, 36,1% ficaram com marcas e/ou machucados. A mãe aplicou castigos físicos em 75,0% dos participantes, enquanto o pai o fez em 49,0% dos casos. Dentre todas as crianças, 22,9% apanharam somente "uma ou duas vezes" em toda sua vida e 30,3% apanharam num intervalo entre "mais de uma vez por dia" e "uma vez por semana". As situações em que as crianças mais apanharam, considerando cada uma delas como 100%, foram: responder de jeito malcriado (70,6%), fazer bagunça (41,7%) e fazer algo que estavam avisados para não fazer (52,1%). As situações mais freqüentes em que as crianças foram punidas com castigos foram: sair de casa sem avisar (20,8%) e fazer algo que foram proibidas de fazer (24,0%). O castigo mais utilizado foi a proibição de sair de casa (31,3%). Ao se verificar a opinião das crianças, constatou-se que 92,7% delas concordaram que os pais devem conversar com os filhos para ensiná-los que não podem fazer coisas erradas; 53,1% concordaram que os castigos são importantes para que as crianças aprendam a respeitar seus pais; 51,0% concordaram que é importante a criança levar "uns tapas" para se comportar melhor, mas em outra questão posterior, 66,6% discordaram da idéia de que os pais devem bater nos filhos. Portanto esta contradição no pensamento da maioria das crianças ("os pais não devem bater, porém é importante que as crianças levem uns tapas para se comportar bem") é um assunto que precisa ser melhor investigado. Pode-se concluir, a partir de todos esses dados, que a maioria absoluta dos pais ainda acredita que a punição física é a melhor maneira para educar os filhos. As crianças pesquisadas dividiram-se em relação ao que pretendem fazer quando tiverem seus filhos: 42,7% afirmaram que pretendem punir fisicamente seus filhos, 42,7% disseram que não pretendem utilizar a punição física, e 14,6% têm dúvidas quanto ao procedimento que utilizarão.

A segunda autora conta com uma Bolsa de Iniciação Científica do CNPq.
Palavras-chave: Punição física; Estilo parental; Limites e disciplina.

****

FAM 13

ESTUDO DESCRITIVO DAS DENÚNCIAS RECEBIDAS PELO PROGRAMA SOS-CRIANÇA DE CURITIBA. *Lidia Natalia Dobrianskyj Weber, Ana Paula Viezzer*, Cláudia Regina Endo Zacche* (Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Paraná, Curitiba-PR)*

O SOS-Criança é um programa da Prefeitura Municipal de Curitiba que visa a proteção integral à crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica, como a agressão física, negligência e abandono, abuso sexual e maus-tratos psicológicos. Atua através de denúncias da comunidade e faz o diagnóstico, promoção, defesa e prevenção dos maus-tratos ocorridos dentro de casa contra crianças e adolescentes, atendendo ao Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). O objetivo deste trabalho foi descrever o perfil das famílias envolvidas nas denúncias feitas ao SOS-Criança de Curitiba entre os anos de 1995 e 2000. Foi realizada uma análise documental (descritiva e inferencial) dos registros de denúncias recebidas pelo SOS-Criança, utilizando-se um formulário especialmente elaborado para esta pesquisa. A coleta de dados foi realizada in loco, sendo que a amostra aleatória foi composta de 400 registros de casos ocorridos entre 1995 e 2000, envolvendo crianças e adolescentes entre zero e 18 anos de idade. A análise dos dados mostrou que foram os vizinhos que realizaram denúncias com maior freqüência (42,0%) e somente em 2,3% dos casos a própria criança ou adolescente procuraram o programa SOS-Criança. A maior parte das denúncias (53,0%) foram realizadas em função do direito de liberdade, respeito, dignidade, ou seja, o denunciante achou que estava ocorrendo maus-tratos, violência e agressão física a uma criança ou adolescente. Em segundo lugar (34,0%), ocorreram denúncias que feriram o direito à convivência familiar e comunitária, isto é, casos de abandono e/ou negligência intrafamiliar. Em 20,5% dos casos, as vítimas tinham até 2 anos de idade; 22,8% tinham de 3 a 6 anos; 23,4% tinham entre 7 e 10 anos e 33,6% tinham mais de 11 anos; 51,0% eram do sexo feminino e 49,0% do sexo masculino. Dos casos em que foi possível identificar a situação sócio-econômica, verificou-se que 49,5% das famílias pertenciam à classe baixa; 27,9% foram classificadas como indigentes, 18,6% eram de classe média baixa e 4,0% de classe média alta. Dos registros nos quais havia informação sobre a situação conjugal dos pais da vítima, verificou-se que em 40,2% dos casos, os pais coabitavam ocasião da denúncia; no restante dos casos tratava-se de uma família monoparental, chefiada pela mulher, geralmente por separação conjugal (26,5%) ou situações nas quais a mãe era solteira (17,3%). Do total de registros, a mãe foi a mais denunciada: 44,5% dos casos, enquanto o pai apareceu em 16,3% e em 10,0% dos casos, ambos foram denunciados. Dentre as denúncias em que, de fato, foi constatada agressão física, o agressor alegou que estava "educando" e "corrigindo" o comportamento da criança ou adolescente (51,6%). Em segundo lugar, o autor negou a denúncia (18,4%) e, em terceiro lugar (15,6%), o agressor disse que estava sob efeito de álcool e/ou drogas ou estava "nervoso". Apesar do fenômeno da violência doméstica infantil ser um fenômeno multicausal, histórico e cultural, pode-se concluir que a mãe foi a pessoa que mais agrediu fisicamente ou negligenciou os filhos e esse fenômeno não está diretamente ligado à situação de carência econômica.

A segunda autora é bolsista de Iniciação Científica do CNPq
Palavras-chave: Maus-tratos; Violência doméstica; Agressão física

****

FAM 14

CASAIS SEM FILHOS: A FERTILIDADE FRENTE À INFERTILIDADE. *Nádia Vaiani Ardil (Centro Universitário UniFMU - São Paulo - SP)*

Este trabalho se propõe a investigar como se constrói a conjugalidade num casal sem filhos por problemas de infertilidade. A conjugalidade é aqui entendida como o modo como o casal configura a sua relação, num espaço de construção conjunta, em que cada um dos elementos é parte desse conjunto. A história de um se articula com a do outro e existe uma intersecção de vivências que são permeadas por necessidades, sentimentos, emoções e projetos compartilhados, mesmo que conflitantes, que apóiam a existência conjugal. Para desenvolvermos este estudo, utilizamos a análise de conteúdo das entrevistas feitas com 03 (três) casais heterossexuais, pertencentes à classe média, brancos, que não tiveram filhos até o momento. Estabelecemos as

seguintes categorias de análise: a concepção de família; o significado do filho; o significado que atribuem à infertilidade; e a concepção da dinâmica relacional do casal - o casal em movimento. A partir da análise feita, podemos dizer que os casais estão em três movimentos diferentes na construção da sua relação conjugal. O primeiro movimento, o qual chamamos de esperança, se caracteriza por ter o filho fazendo parte do imaginário deste casal. A sua concepção de família pressupõe, necessariamente, a existência do filho, e é ele quem dá o sentido à relação do casal. Isto porque, se a criança está presente na fantasia, ela pode sempre existir, estando ausente, mas ao mesmo tempo presente. A infertilidade é vivida como algo passageiro e facilmente contornável. O segundo movimento, nós chamamos de desesperança. O casal está vivenciando um luto por todas as perdas que esta problemática lhe traz, como a falta do filho, a perda da parentalidade e da perpetuação de sua história, na medida em que não poderá haver a transmissão do seu legado pessoal e familiar. O filho está presente no imaginário desses casais e a concepção de família pressupõe a existência dele, mas podemos perceber uma certa ambivalência de sentimentos quanto à presença do filho. O terceiro e último movimento nós chamamos de a busca da fertilidade, frente à infertilidade que se faz presente. Aqui o casal já passou pela vivência do luto e está em busca de uma reorganização e re-significação da sua relação conjugal sem a presença do filho. O casal busca novos objetivos e um novo sentido para o seu sistema relacional. Deposita os seus desejos, as suas alegrias e as suas realizações em outras atividades, tais como: a vida profissional, o trabalho voluntário, viagens, estudos e o próprio relacionamento do casal. Procura outros meios para exercer a sua parentalidade, transformando assim, o que é infértil, numa fertilidade da vivência conjugal.

Palavras-chave: Casal; Infertilidade; Psicologia; Família

*****

FAM 15

SEPARAÇÃO CONJUGAL: DISSOLUÇÃO DA CONJUGALIDADE E RECONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES INDIVIDUAIS. *Terezinha Féres Carneiro (Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro)*

Este estudo investigou como homens e mulheres das camadas médias da população carioca vivenciam a dissolução do casamento. A grande maioria dos estudos nacionais e estrangeiros publicados sobre a separação conjugal enfatiza suas causas e suas conseqüências, e muitos deles ressaltam sobretudo os aspectos negativos da separação. São raras as pesquisas que enfatizam, além dos fatores sociais, os fatores psicológicos implicados no processo de separação. São mais escassas ainda as investigações que comparam a vivência dos homens com a vivência das mulheres na constituição do casamento e no processo de separação conjugal. Investigamos como ocorre a dissolução do laço conjugal nas camadas médias da população carioca. Estudamos o processo de separação conjugal desde a descoberta do desejo de se separar até a efetivação da separação. Comparamos as vivências masculinas e femininas quanto à manifestação do desejo de separação, às atitudes e os sentimentos frente à ruptura do casamento. Estudamos a dissolução da conjugalidade num grupo de 32 sujeitos, 16 homens e 16 mulheres, separados do primeiro casamento com duração mínima de 3 anos, com filho(s) deste casamento, que ainda não estavam recasados, com idades variando de 25 a 35 e de 45 a 55 anos; pertencentes às camadas médias da população carioca. Analisamos as categorias de desejo de separação, decisão da separação, processo de separação e reconstrução da identidade individual. O desejo de separação apareceu, tanto na fala das mulheres como na fala dos homens, como um desejo predominantemente feminino. Quanto à decisão de separação, a maioria das mulheres descreveu como sendo delas a tomada de decisão, enquanto que na percepção dos homens a decisão de separação, além de descrita como feminina também foi ressaltada como uma decisão mútua. Apesar de a decisão de separação ser predominantemente feminina, foram as mulheres que apareceram tomando a iniciativa para conversar e buscando iniciativas para manter o relacionamento. O processo de separação foi descrito, por homens e mulheres de ambas as faixas etárias como muito difícil e sofrido. Enquanto os homens enfatizaram mais os sentimentos de frustração e fracasso, as mulheres ressaltaram a vivência da mágoa e da solidão. Em relação ao processo de reconstrução da identidade individual, a maioria dos homens relatou como difíceis os primeiros tempos após a separação. Tanto os homens como as mulheres ressaltaram a vivência da liberdade como um aspecto positivo decorrente da separação conjugal e a solidão como uma dificuldade a ser enfrentada.

Apoio: CNPq e FAPERJ

Colaboradoras: Ilana Cytrynbaum, Julia Galper, Maria Fernanda Borges, Mariana Matos, Renata Mello e Samantha Lemos (Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica)

Palavras-chave: Separação conjugal; Decisão de separação; Processo de separação

*****

FAM 16

A "CAIXA-PRETA" DE UMA INTERVENÇÃO? LIMITES DA NOÇÃO DE REDE NUMA COMUNIDADE. *Diana Lindoso dos Santos*, Edmilson Wallace Vicente Medeiros* e Marcia Oliveira Moraes (Departamento de Psicologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ)*

A partir da pesquisa A Psicologia uma Ciência? A questão da cientificidade da Psicologia à luz da teoria ator-rede (1999), e do desenvolvimento de outra em andamento, Intervenções em rede: Propostas para uma Psicologia em ação, investigamos o modo de organização em redes de uma organização não governamental (Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré) no complexo de comunidades da Maré, de modo a analisar tanto os efeitos dessa organização, quer seja do ponto de vista dos usuários ou daqueles que ali trabalham, quanto os efeitos das propostas de intervenção da psicologia como práticas políticas. A noção de rede relativa à teoria ator-rede dá relevância a um plano de conexões heterogêneas a partir do qual emergem tanto as ciências quanto as crenças, as religiões etc. Pergunta-se pelos desvios, pelas múltiplas alianças que produzem efeitos no mundo e que modificam todos aqueles que nela se implicam, sejam humanos, não humanos, técnicos ou sociais. Pela propomos uma atuação psicológica híbrida, em comunidade, cujas alianças não são mais aquelas da filosofia cartesiana, mas daquelas que viabilizam o saber psicológico entendido como rede de atores. Tal viabilidade se dá na aliança com as filosofias da diferença de Michel Serres e Deleuze & Guattari, juntamente com indicadores de análise de Bruno Latour a respeito da produção científica. Através de atuação junto à instituição procuramos inventariar dinâmicas, entrevistas semi-estruturadas e questionários a fim de estabelecer a coleta de dados e a investigação empírica. No Primeiro Encontro de Universitários da Maré no qual usuários, ex-alunos, coordenadores e trabalhadores, entre setenta participantes, se reuniram, foi possível produzir efeitos com a ação do grupo de pesquisadores. Retomando a expressão "caixa-preta" podemos discutir o sentido do termo rede na instituição. A dificuldade de ser universitário, tema em debate no encontro, mostrou-se produto de um pertencimento matizado por diferenças sócio-econômicas e divergências étnico-culturais. Assumir o status de universitário, cumprir o credo da autonomia e atender à demanda de mercado no inquestionado modo de subjetivação implicado na valorização da conquista individual. Latour menciona caixas-pretas como verdades e uma asserção indiscutível porque nada a mais se tem a dizer sobre ela. Uma ciência pronta. A noção de rede, tal como trabalhamos em nossa perspectiva, encontra limites nas formas de atuação naquela instituição. As práticas verticalizadas que cotidianamente se estabelecem como hierarquia, lá assumem relevância; limita-se a emergência dos efeitos das práticas entre os múltiplos atores sociais, reproduzindo identidades homogeneizadas e a hegemonia de um contexto cristalizado da responsabilidade social. As atuações em rede, por nós propostas, foram capturadas por formas instituídas de ser universitário, atendendo às demandas de mercado, o que de um certo modo, está presente naquela instituição. Com esta pesquisa, questionamos a identidade de ser universitário e nos perguntamos pelas alianças que podem produzir e criar diferenças.

CNPq - Conselho Nacional de Pesquisa

FAPERJ - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

Palavras-chave: Rede; Psicologia; Intervenção

*****

FAM 17

A INFLUÊNCIA DA SEPARAÇÃO CONJUGAL NO DESEMPENHO DA CRIANÇA PRÉ-ESCOLAR1. *Elaine Soares Queiroz e Rita Aparecida Romaro (Universidade São Francisco, SP)*

A separação conjugal tem sido considerada, por muitos segmentos da sociedade, inclusive por alguns educadores, como um dos fatores responsáveis pelas dificuldades emocionais e pelo fracasso escolar de crianças e adolescentes, apesar do restrito número de pesquisas sobre o tema. Nas duas últimas décadas, a investigação e a maior compreensão dos mecanismos que regem a dinâmica familiar tem possibilitado a revisão de alguns conceitos e preconceitos, passando-se a considerar as disfunções familiares enquanto expressão das dificuldades dos diversos membros que a compõe. O presente trabalho objetiva investigar se existe uma diferenciação no desempenho escolar de alunos que freqüentam a pré-escola cujos pais são separados e cujos pais permanecem unidos, avaliando-se diferentes aspectos do desempenho escolar de acordo com a faixa etária, Nível de Adaptação, Aspectos Sociais, Cognitivos e Afetivos. Empregou-se uma metodologia documental de consulta retrospectiva das fichas de desempenho escolar e dos prontuários de 45 crianças de 01 a 06 anos de idade, de ambos os sexos, de nível sócio-econômico médio baixo que freqüentavam uma escola de educação infantil de abordagem construtivista. Este grupo de crianças foi dividido em dois subgrupos. G1 (crianças cujos pais permanecem unidos (30 alunos)) e G2 cujos pais estavam separados (15 alunos). Do total de alunos, 49% apresentaram Desempenho Escolar Satisfatório (DES), correspondendo a 73% do G1 e 60% do G2. Dentre as crianças que apresentaram Desempenho Escolar Pouco Satisfatório (DEPS), 8 pertenciam ao G1 e 4 ao G2. Encontrou-se dificuldades nas seguintes áreas avaliadas: G1-75% das crianças apresentaram dificuldades nos aspectos Sociais, 88% nos Aspectos Afetivos, 25% nos Aspectos Cognitivos e 75% no Nível de Adaptação. No G2 observou-se uma distribuição de dificuldades em todas as áreas. Comparando-se G1 e G2 o Aspecto Cognitivo apresentou maior prejuízo no G1. O DEPS predominou no G1 nas faixas etárias de 02, 05 e 06 anos, sendo na faixa dos 06 anos todos os alunos com DEPS pertenciam ao G1. O DEPS predominou no G2 nas faixas dos 03 e 04 anos de acordo com a análise

dos resultados obtidos, conclui-se que o estado civil dos pais não é responsável pela dificuldade escolar dos filhos, portanto os dados verificados contrariam estigmas de que filhos cujos pais são separados sofrem de problemas emocionais e apresentam dificuldades escolares devido à separação. Todavia os resultados são preliminares e levam ao questionamento dos vínculos familiares como um provável fator desencadeante das dificuldades escolares dos alunos, pois as maiores dificuldades foram encontradas nos Aspectos Afetivos, Sociais e no Nível de Adaptação, aspectos esses vivenciados e aprendidos no contexto familiar.

1-Trabalho desenvolvido a partir o Trabalho de Conclusão de Curso de Eliane Soares Queiroz apresentado no CCHJHS - Universidade São Francisco/SP em dezembro de 2000, sob orientação da Profa. Dra. Rita Apparecida Romero

Palavras-chave: Desempenho escolar; Separação conjugal; Criança pré-escolar

---

FAM 38

DROGADIÇÃO E DELINQÜÊNCIA JUVENIL NO DISTRITO FEDERAL: CONSTRUINDO UM INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO DAS REDES SOCIAIS DE ADOLESCENTES EM CONFLITO COM A LEI. *Maria Helena Oliveira Sudbrack*, Paula Liane dos Santos*, José Leonardo Neves e Silva*, Ana Cláudia Chagas Estrêla Lins*, Tarsiane Ramos Deocredo*, Ilse Adelgerque Barbosa*, Agnaldo José Martins* (PRODEQUI / Departamento de Psicologia Clínica Instituto de Psicologia / Universidade de Brasília / Brasília, DF)*

O conceito de Redes Sociais surge como um construto útil para uma análise contextual do indivíduo dentro de uma perspectiva sistêmica para fazer face aos processos de exclusão a que estão sujeitos os adolescentes em conflito com a lei. O aspecto do pertencimento a um grupo de referência sujeito a um sistema de crenças e regras é fundamental, na medida em que permite um lugar importante para as trocas entre indivíduos, já que uma organização mínima coincide com a mutualidade e a convivência das pessoas que compõem a rede. Sluzki enumera algumas características da rede pelas quais esta pode ser avaliada, tais como densidade, homogeneidade, dispersão geográfica e funções dos componentes da rede. Dentro dessa visão, foi elaborado um instrumento de avaliação das redes sociais de adolescentes em situação de risco psicossocial, que foi aplicado em estudo piloto com adolescentes delinqüentes sob medida sócio-educativa no contexto do Distrito Federal. O instrumento consiste em duas entrevistas semi-estruturadas que procuram, por meio do relato do indivíduo, obter informações sobre as características da rede social desses jovens, além da visão dos sujeitos em estudo em relação a seus principais segmentos sociais de referência: família, trabalho, religião, polícia, justiça, escola e outras instituições. Uma característica peculiar do instrumento é o preenchimento, durante a primeira entrevista, de um mapa que permite a representação gráfica da rede, em termos de vínculos mais estreitos ou mais distantes, abrangendo a família, as amizades, o contexto do trabalho e o contexto institucional. O objetivo do presente trabalho é apresentar o instrumento construído, analisando sua composição em termos dos aspectos da rede social que aborda, e os resultados do estudo piloto. Participaram como sujeitos 15 adolescentes em conflito com a lei, identificados por medida judicial como dependentes de drogas. Os dados foram coletados no contexto da instituição onde os sujeitos cumpriam medida de semiliberdade, por uma equipe de graduandos em psicologia. Cada sujeito foi entrevistado por dois membros da equipe, dos quais um entrevistava e o outro fazia registro escrito do relato do sujeito. Os resultados do estudo piloto contemplam uma reflexão crítica de vários aspectos do processo: o conteúdo das entrevistas realizadas; o mapeamento gráfico das redes sociais; a metodologia de registro das entrevistas; o enquadre (setting) das entrevistas; e, de forma especial, a relação dos entrevistadores com os sujeitos, na perspectiva da investigação qualitativa, que considera a subjetividade do pesquisador como recurso do processo de investigação. O estudo piloto demonstrou, em síntese, que o instrumento de avaliação das redes sociais não apenas atingiu os objetivos diagnósticos inicialmente propostos, mas revelou-se como propiciador de uma relação terapêutica na medida em que referem-se às redes sociais representou para os sujeitos oportunidade ímpar de expressão de sentimentos e de insights a respeito da realidade de sua inserção/exclusão no contexto sócio-familiar e comunitário.

O presente estudo está inserido no projeto de pesquisa-ação: Drogas e Cotidianidade - a ressonância do fenômeno das drogas nas redes sociais dos jovens de contextos diferenciados e a construção de uma metodologia de intervenção preventiva - estudo comparativo entre duas capitais: Brasília e Rio de Janeiro. Projeto de Auxílio Integrado com apoio do CNPq. Coordenado pelos professores: Maria Helena Oliveira Sudbrack (Universidade de Brasília) e Teresa Cristina Othenio Cardoso Carretero (Universidade Federal Fluminense). Sendo o segundo e o terceiro autores bolsistas de Iniciação Científica do CNPq no presente projeto.

Palavras-chave: Drogadição; Delinqüência Juvenil; Redes Sociais

---

FAM 39

CIDADANIA SEXUAL E REPRODUTIVA: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO COMUNITÁRIA. *Cecília de Mello e Souza*, Adelina Nunes*, Beatriz Lourenço*, Bianca Sequeira*, Catarina Resende*, Fabiana Gaspar*, Juliana Magalhães*, Juliana Rodrigues*, Patrícia Castro**, Pedro de Antônio Faria*, Renata Gomes*, Rita de Cássia Guedes*, Rosane Margarit*, Roberta Xavier*, Tami Benchimol* e Vanessa Fonseca* (Programa ECOS. UERJ, Rio de Janeiro, RJ)*

O trabalho apresenta uma avaliação do projeto "Sexualidade, Saúde Reprodutiva e Cidadania" no município de Duque de Caxias em 2000. Integrante do Programa Universidade Solidária Regional no seu primeiro ano, o projeto teve como objetivo capacitar e formar agentes multiplicadores em saúde, sexualidade, reprodução, cidadania, e direitos humanos, estabelecer grupos de trabalho e redes comunitárias no município e formar alunos de graduação e pós-graduação em psicologia comunitária. Em parceria com a Secretaria de Educação e Saúde do município de Duque de Caxias, oito comunidades de baixa renda foram selecionadas procurando-se reforçar o Programa Saúde da Família e suprir a carência do Programa Saúde da Mulher ainda a ser implantado nessas comunidades. Seguindo os preceitos da metodologia da pesquisa participante, pesquisa-ação e da psicologia comunitária, os temas selecionados foram trabalhados no formato de sete oficinas realizadas junto à onze grupos de lideranças comunitárias, agentes de saúde e professores/alunos da rede municipal de ensino e com a elaboração e distribuição de material educativo. As oficinas buscavam propiciar a conscientização e sensibilização dos participantes sobre os temas selecionados e capacitá-los para futuros trabalhos comunitários referentes às questões trabalhadas através de dinâmicas de grupo, trabalhos em grupo, vídeos, análise de casos, debates, exposições de conteúdo. Buscando uma ensino, pesquisa e extensão, os alunos supervisionados planejaram e coordenaram oficinas sobre os seguintes eixos: dependência química, gênero, violência de gênero, sexualidade, cidadania sexual, DSTs/AIDS e contracepção; fizeram registros em diários de campo, aplicaram pré e pós-testes, relatoram as discussões e trabalhos das oficinas, elaboraram material educativo e seminários e deram assessoria às comunidades para a elaboração e implementação de projetos locais. A análise dos dados coletados nas oficinas e nos pré e pós-testes darão subsídios à esta avaliação como também às intervenções comunitárias futuras. Os resultados do projeto incluem a participação sistemática de 110 lideranças, a formação de 11 grupos de trabalho, a elaboração de 10 projetos locais, a sensibilização e capacitação das lideranças, a elaboração de três publicações educativas, e a formação de alunos em psicologia comunitária. O projeto indica uma demanda significativa por este tipo de intervenção em comunidades de baixa renda, o sucesso da metodologia proposta e a necessidade de futuros financiamentos contemplarem recursos para o desenvolvimento de projetos locais pelas lideranças comunitárias.

* Ph.D., Professora Adjunta do Departamento de Psicologia Social da UERJ

* Aluno de graduação do Instituto de Psicologia da UERJ

** Mestranda do Programa ECOS, UERJ

Apoio/Financiamento: Programa Universidade Solidária Regional, SESU, MEC

FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA

FORM 01

O CORPO E A ALMA NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO MODERNO.

*Fernando de Almeida Silveira** (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto-USP); Reinaldo Furlan - Prof. Doutor do (Dep. Psicologia e Educação da FFCLRP-USP) e Maria Clotilde Rossetti Ferreira (Dep. Psicologia e Educação da FFCLRP-USP.)*

A obra de Michel Foucault destaca a relevância do corpo e da "alma" como expressões e sustentáculos de forças de poder e de saber que se articulam estrategicamente na história da sociedade ocidental. A corporeidade ocupa uma posição central na obra de Foucault, que a ressalta como realidade bio-política-histórica, isto é, como "interpenetrada de história" e ponto de apoio de complexas correlações de forças, sobre a qual incidem inúmeras conformações discursivas produtoras de "verdades" que tanto podem confirmar como recriar o sentido do corpo presente, ou a sensibilidade individual/coletiva nele inerente. O que representa o espaço sobre o qual Foucault desenvolve uma "genealogia da alma moderna", caracterizando-a como "o correlato atual de uma certa tecnologia do poder sobre o corpo". No caso, não é o sujeito epistemológico autônomo que produz um saber útil ou arredio ao poder, mas o poder-saber, os processos e as lutas que o atravessam e que o constituem que representam as formas e os campos possíveis do conhecimento. Na medida em que Foucault retira do sujeito autônomo do conhecimento seu papel central no processo de produção do saber, o corpo - enquanto suporte dos embates das forças de poder e saber - e a alma moderna - "ela mesma uma peça no domínio exercido pelo poder sobre o corpo" - adquirem uma importância renovada. O corpo é uma peça dentro de um jogo de dominações e submissões presente em toda a rede social, que o torna depositário de marcas e de sinais que nele se inscrevem, de acordo com as efetividades desses embates que, por sua vez, têm na corporeidade seu "campo de prova". É a alma histórica, enquanto elemento discursivo de produção de uma série de conceitos gerados ao redor e através do corpo, é o depositário de verdades que permite um acesso direto do "poder-saber" sobre tais corpos. Este projeto estuda das suas obras: "Vigiar e Punir", "História da Sexualidade - Vol. I", aspectos relativos ao corpo e à alma nelas presentes, visando à compreensão da concepção do corpo e da alma no processo de formação do sujeito moderno, em um enfoque transdisciplinar, que se remete tanto ao campo da psicologia como da filosofia, na medida em que se analisa o acesso ao corpo dos saberes modernos que o constitui.

FAPESP

Palavras-chave: Corpo/alma; Foucault; Subjetivação

****

FORM 02

CARACTERIZAÇÃO E CONHECIMENTOS BÁSICOS DA ÁREA EM ALUNOS RECÉM INGRESSOS EM UM CURSO DE PSICOLOGIA.

*Paulo Rogério Morais (UBC - UNIFESP)**; Matilde Nunes Baptista (UBC - UNIFESP)**; Fábio Cardoso Souza (UBC)*; Janaina Aparecida Torre Riegi (UBC)* - Curso de Psicologia - Universidade Braz Cubas - Mogi das Cruzes - SP*

As características sócio-demográficas, bem como a avaliação de conhecimentos básicos, sobre a Psicologia, em alunos recém ingressos de uma Universidade é de fundamental importância para o planejamento de estratégias de ensino mais adequadas para a realidade do aluno. O objetivo deste trabalho foi conhecer o perfil sócio-demográfico e obter informações sobre o tipo de conhecimento básico em Psicologia que o aluno recém ingresso tem ao adentrar uma Universidade. Foram sujeitos desta pesquisa 147 alunos do primeiro semestre de um curso de Psicologia de uma Universidade particular da grande São Paulo, com média de idade 23 (± 7) anos, sendo 91% do sexo feminino. Para avaliar as variáveis citadas, foi utilizado um questionário contendo 54 perguntas abordando vários tópicos, do qual foram selecionadas para esta pesquisa questões, referentes aos dados sócio-demográficos; conhecimentos básicos relacionados à área e curso escolhidos; perspectivas de atuação no mercado de trabalho, bem como expectativa de ganhos com a futura profissão, expectativa de uma formação continuada e, conhecimento sobre os principais nomes ligados à ciência psicológica. O questionário foi aplicado de maneira coletiva por dois auxiliares de pesquisa, treinados para responder quaisquer questões pertinentes ao estudo. Os resultados demonstraram que 93,3% dos sujeitos relataram ser a Psicologia uma ciência humana, 58,5% como uma ciência biológica, 3,4% como uma ciência exata e 1,4% como um estudo religioso. Após ingresso, 75% ainda não definiram a linha teórica que pretendem seguir, no entanto a área desejada para atuar já é sabida por 90,4% dos sujeitos, sendo que as mais votadas foram clínica (20,4%) e organizacional (11,6%). A grande maioria dos sujeitos (90%) acredita que o mercado de trabalho será de "regular" a "excelente" após sua formação, além de que 96% dos sujeitos pretendem trabalhar na área logo após a formação. Com relação a expectativa de ganho, apenas 13,6% acreditam que irão ganhar menos de seis salários mínimos, além de que 64% dos sujeitos pretendem fazer pós-graduação. Por último os nomes mais citados como expoentes da ciência psicológica foram: Freud (69,4%), seguido por Skinner (40,3%) e Piaget (73,5%). No entanto, nomes não pertencentes diretamente à Psicologia também foram citados, como por exemplo Marx (43,5%), São Tomas de Aquino (23%), Ghandi (10%) e Kardec (9,5%), além de nomes fictícios ou não relacionados, como Green Smith (6%) e Paulo Coelho (4,1%). É interessante notar que uma pequena parcela dos alunos desconhecem a área que pertence a Psicologia, classificando-a como uma ciência exata ou ensino religioso. Como já relatado em diversos estudos, a preferência dos estudantes pela área clínica foi novamente demonstrada. Merece destaque a porcentagem de alunos que pretendem dar continuidade aos seus estudos, provavelmente pela percepção da alta competitividade do mercado de trabalho. Sendo assim, mostra-se necessário a avaliação e comparação dos resultados aqui apresentados com os de outros semestres, bem como de outras Universidades, a fim de verificar se estas são características que se mantêm durante toda a graduação, o que servirá de parâmetros quanto à qualidade da formação universitária.

Apoio Financeiro: UBC

Palavras-chave: Aluno Universitário; Formação; Profissão

****

FORM 03

DIFICULDADES NA ELABORAÇÃO E APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS ESCOLARES RELATADAS POR UNIVERSITÁRIOS.

Marcio Sérgio dos Reis (UBC); Giuliana Arantes* (UBC); Victor Francisco Ramos Martins (UBC); Paulo Rogério Morais** (UBC - UNIFESP); Matilde Nunes Baptista** (UBC - UNIFESP). Curso de Psicologia da Universidade Braz Cubas (Mogi das Cruzes-SP)*

A vida universitária requer uma série de comportamentos complexos por parte dos estudantes e diversos trabalhos apontam alguns fatores geradores de estresse nesta população. Para que se possa planejar maneiras mais eficientes e menos aversivas de transmitir conhecimento, é de suma importância, tanto para as instituições de ensino superior, quanto para o corpo docente, saber quais as dificuldades encontradas pelos universitários. O objetivo principal desta pesquisa foi levantar informações sobre as dificuldades encontradas por universitários em suas atividades pedagógicas, tais como a elaboração de relatórios, resenhas, seminários, entre outras. Para isso, foram avaliados 60 estudantes universitários de um curso de Psicologia da Região do Alto Tietê, divididos em três grupos conforme o semestre (G2S - 2º semestre; G5S - 5º semestre, G9S - 9º semestre). Para a coleta de dados foi utilizado um questionário elaborado pelos próprios pesquisadores contendo questões fechadas abordando aspectos gerais das atividades universitárias, além de questões específicas sobre as principais dificuldades que o aluno encontra ao realizar trabalhos escolares exigidos pelas diversas disciplinas. O questionário foi aplicado de forma coletiva em sala de aula, durante o período letivo, por pesquisadores familiarizados com o instrumento. Os resultados demonstraram que os fatores que mais preocupam o aluno ao apresentar algum trabalho foram, para o G2S, "não ter domínio do que foi estudado" (50% dos sujeitos); para o G5S, destacou-se o "medo da avaliação dos colegas" (45%), seguido pelo "medo de falar em público" (35%) e, para o G9S, o fator que mais preocupou (50%) foi a "ansiedade de ser avaliado pelo professor". Também foram verificadas algumas estratégias utilizadas pelos alunos quando estão desenvolvendo algum trabalho escolar, sendo que destacaram-se nos grupos G2S e G5S, a procura por colegas, utilização da biblioteca, busca de informação com professores e, somente no G2S, a utilização da Internet; no G9S a maior freqüência foi para a utilização da biblioteca, seguido pelo uso de recursos da Internet. Os grupos apresentaram diferentes dificuldades para a elaboração de trabalhos escolares, sendo que no G2S a dificuldade mais pontuada foi reunirem-se em grupo para discutir/elaborar o trabalho, no G5S a dificuldade mais citada foi o uso de recursos da Internet, e no G9S destacaram-se a correta utilização da metodologia e também a dificuldade para reunir-se em grupos. Todos os grupos relataram a presença de sintomas de ansiedade durante a apresentação oral de trabalhos em sala de aula, sendo que os sintomas mais freqüentes são no G2S "tensão", no G5S "fala rápida" e "tensão", e no G9S "dor de cabeça" e "tensão". Embora os grupos apresentem sintomas ansiosos relacionados à apresentação de trabalhos em sala de aula, 90% dos sujeitos citaram que tais apresentações são importantes tanto para os alunos que apresentam o trabalho, quanto para os demais colegas que assistem o mesmo. Pode-se constatar que diversas atividades universitárias foram citadas como geradoras de sintomas ansiosos, além da dificuldade, por parte dos alunos de algumas dificuldades ligadas a falta de domínio de novas tecnologias.

Apoio Financeiro: UBC

Palavras-chave: Dificuldades Escolares; Estudantes Universitários; Ansiedade

****

FORM 04

RESPOSTA DE UMA CRIANÇA EM RELAÇÃO AOS ATENDIMENTOS EM PSICOTERAPIA INFANTIL EM FORMA DE DESENHO.

*Marcilei Marques Tavela** (ex-estagiária da Universidade São Marcos), Margherita Gallo Ingrao Merlo** (ex-estagiária da Universidade São Marcos) e Ligia Carolina Costa Correa** (supervisora de estágios da clínica-escola da Universidade São Marcos e Universidade Paulista)*

O processo de psicoterapia infantil na Universidade São Marcos tem duração de um semestre, sendo aproximadamente 14 encontros com as crianças que são atendidas por uma dupla de estagiários do último semestre para a conclusão do curso.

Os responsáveis pela criança, participam de um grupo de sessão de orientação à pais, após o atendimento das crianças, destinadas à discussão e compreensão das dificuldades de seus filhos que é dirigido pela supervisora. Além da participação dos estagiários, sendo que desta forma, os pais ou responsáveis

ficam envolvidos diretamente no processo psicoterápico da criança e na compreensão das necessidades e dificuldades desta e, consequentemente, através das intervenções feitas, a dinâmica familiar também acaba sendo alterada e ressignificada.

Este trabalho ilustra a produção gráfica de uma criança de oito anos, que chegou à Clínica-escola com a queixa de dificuldade de aprendizagem, lentidão e atenção dispersa. Esta criança tem uma história de violência doméstica, por conta de alcoolismo paterno, ausência materna, além de um ambiente familiar hostil e agressivo. Esta criança no início dos atendimentos se apresentou de forma muito rígida, pouco falante e desconfiada, pois houve dificuldades de formação de vínculo terapêutico, resultante de ameaças feitas pela figura paterna em relação ao que ela poderia falar em atendimentos. Na primeira sessão, ela desenhou uma borboleta sem forma e nas cores preta e verde, sendo que este desenho foi por sua escolha, o qual ela apenas o identificou e não quis falar nada sobre ele. Durante o processo psicoterápico, o vínculo terapêutico deu-se de forma lenta e gradativa. Em meados dos atendimentos, os pais desta criança separaram-se e esta pôde deixar de sentir-se ameaçada pela figura paterna e consequentemente mostrou-se mais falante e confiante nas sessões. Na última sessão, a criança também escolheu o tema da borboleta e desenhou de forma delicada, colorida e harmoniosa e contou a história de uma borboleta que agora teria que ir em busca de ser feliz e fazer novos amigos. Desta forma, pudemos perceber que a partir das sessões, assim como sua produção gráfica, a criança pôde ser vista, assistida, acolhida e validada tanto nas sessões, como pela própria mãe, que foi orientada sobre as necessidades e dificuldades de sua filha, revelando assim a importância do trabalho psicoterápico infantil, bem como o trabalho de orientação aos pais.

Palavras-chave: Resposta Lúdica Psicoterápica

*****

FORM 05

SENSO COMUM E CONHECIMENTO CIENTÍFICO: O QUE É O PSICÓLOGO E O QUE ELE FAZ. *Diego Henrique Soares Cardoso*, Jane Carvalho de Sales Machado*, Monica Bagnatto*, Tina Fabiane Luego*, Yvone Esperanda Leiterman (Centro Universitário Positivo - Curitiba - PR)*

Este trabalho visa a verificação da opinião do homem comum acerca do que é um Psicólogo e qual sua função em sociedade, a ser analisada com base nos conceitos de Senso Comum e Psicologia Científica. Senso Comum é entendido como conhecimento intuitivo e espontâneo acumulado no cotidiano e, Conhecimento Científico é considerado como o conjunto de características formado por objeto específico, linguagem rigorosa, métodos e técnicas específicas, ou ainda, é um processo cumulativo de conhecimento específico. Ao nos depararmos com as teorias, observamos então a importância de saber o que a comunidade pensa acerca da Psicologia. Somente desta forma poderemos progredir em nossa ciência e possibilitar a oportunidade de ir ao encontro das necessidades atuais da comunidade e entender qual será a visão de Psicologia que vai se estruturar. Diante disso, levantamos uma questão acerca do que a população entende a respeito do que é o Psicólogo e o que ele faz e, diante de suas respostas, poder observar se há predominância cultural de Senso Comum ou Conhecimento Científico. Para a realização deste trabalho utilizamos, para a coleta de dados uma entrevista dirigida, registrada em equipamentos de áudio e/ou vídeo, as respostas foram transcritas e categorizadas. Esta pesquisa foi realizada nas ruas da cidade de Curitiba - Pr, em diferentes contextos sociais, por alunos do Primeiro ano de Psicologia do UNICENP. Foram entrevistadas 119 (cento e dezenove) pessoas em diferentes faixas etárias, que variavam entre adolescentes (até 20 anos) e idosos (até 60 anos aproximadamente); dentre os entrevistados 55,46% eram mulheres e 44,54% eram homens. Todos os entrevistados que participaram desta pesquisa autorizaram o uso de suas respostas, voz ou imagem para o fim aqui apresentado. As respostas foram categorizadas de forma a verificar a freqüência de respostas que refletem uma visão de Senso Comum e Conhecimento Científico. Encontrou-se que a maior parte da população curitibana tem uma noção sobre o Psicólogo e o que faz baseado no Senso Comum, e uma pequena parte desta mesma população nos mostra algumas noções que são vinculadas ao que chamamos de Conhecimento Científico. Na conclusão desta pesquisa observa-se que o resultado encontrado traz informações que podem ser importantes para os profissionais da área de Psicologia como forma de conhecimento da visão que a população tem, em geral, em relação ao Psicólogo e a sua função diante da sociedade.

Palavras-chave: Senso Comum; Conhecimento Científico; Psicologia

*****

FORM 06

INTERESSE PROFISSIONAL DOS ALUNOS DE PSICOLOGIA EM TRÊS MOMENTOS DISTINTOS DO CURSO. *Sergio Paulo Betulian, (Curso de Psicologia, Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, RJ), J. Landeira-Fernandez (Curso de Psicologia, Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, e Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, RJ)*

O objetivo do presente trabalho foi o de investigar qual o interesse dos alunos de psicologia em períodos iniciais, intermediários e finais do curso nas diferentes áreas de atuação psicológica. Em um estudo transversal, alunos do curso de psicologia do Campus Rebouças da Universidade Estácio de Sá cursando o 1° ou 2° período (grupo "início do curso"; N=44), 5° período (grupo "meio do curso"; N=24) e 9° e 10° período (grupo "final do curso"; N=38) preencheram de forma anônima um questionário que buscou verificar a primeira e a segunda opção do seu interesse profissional em 12 áreas de atuação profissional em psicologia, além de detectar as áreas que os alunos se imaginaram trabalhando depois de formados. Os resultados foram tratados em porcentagens e as comparações entre os 3 grupos foram realizadas através do teste chi-quadrado. Diferenças significativas entre grupos foram determinadas a partir de um $p<0,05$. A análise dos resultados revelou uma preponderância na área clínica como primeira opção de interesse (faixa de 40%), mantendo-se constante ao longo dos 3 grupos pesquisados. Ainda em relação à primeira opção, observou-se que as áreas da psicologia social e comunidade, hospitalar e escolar também apresentaram uma constância de interesse ao longo dos 3 grupos (cada área na faixa de 10%). Por outro lado, a escolha pela psicologia organizacional tendeu a ser baixa no meio do curso (faixa de 5%), mas apresentou grande incremento no interesse entre os alunos no final do curso (faixa de 25%). O fenômeno oposto foi observado na área de pesquisa em psicologia que atingiu uma preferência de 15% entre os alunos no meio do curso mas sofre um decremento na escolha entre os alunos do final do curso (3%). Como segunda opção, constatou-se novamente uma preponderância na área clínica entre os alunos do início e do final do curso (faixa de 20%). Mas ainda, alunos do final do curso demonstraram também grande interesse pela área hospitalar (25%) como segunda opção. Em relação aos alunos do meio do curso, observou-se um aumento de interesse na área do magistério (15%). Em relação às áreas que os alunos se vêem trabalhando depois de formados, observou-se uma preponderância nas áreas de clínica e organizacional (ambas na faixa de 25%) de forma constante entre os 3 grupos. Esses resultados indicam que o grande interesse por parte dos alunos de psicologia está relacionado com a área clínica tanto como primeira como segunda opção. Em seguida, as áreas da psicologia organizacional e hospitalar aparecem como escolhas importantes. O interesse detectado entre os alunos no meio do curso na área da pesquisa (primeira opção) e no magistério (segunda opção) pode estar relacionado ao fato do aluno, neste momento do curso, estar em contato com as cadeiras de licenciatura e bacharelado. Ao se projetarem para quando estiverem formados, os alunos apresentaram preferência pela psicologia clínica e organizacional.

Palavras-chave: Formação em Psicologia, Interesse Profissional; Áreas de Atuação Psicológica

*****

FORM 07

PSICÓLOGO EMPREGADO OU PSICÓLOGO EMPRESÁRIO? A EXPERIÊNCIA DA EMPRESA JÚNIOR NO CURSO DE PSICOLOGIA. *Sergio Paulo Betulian, Ana Paula Costa Furlani*, Martina Wedull*, Marcia dos Santos Valentim*, Patrícia Barcelos da Silva*, Patrícia dos Santos Cruz*, (Curso de Psicologia, Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, RJ), J. Landeira-Fernandez (Curso de Psicologia, Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro e Pontifícia Universidade Católica-Rio, Rio de Janeiro, RJ)*

O trabalho teve como objetivo apresentar a experiência da PSICONSULT - Psicologia e Consultoria, empresa júnior do Curso de Psicologia do Campus Rebouças da Universidade Estácio de Sá. Trata-se de associação civil registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas e na Prefeitura, sem fins lucrativos, onde todo e qualquer valor arrecadado deve ser aplicado na própria empresa. A Universidade participa através do fornecimento de espaço físico, do mobiliário e de orientações sobre administração contábil. Surgido na França na década de 60, o conceito de empresa júnior chegou ao Brasil no final dos anos 80, com as primeiras experiências acontecendo no estado de São Paulo. Constituída somente por alunos de graduação em psicologia, a PSICONSULT tem estimulado a face empreendedora desse corpo discente que, tradicionalmente, não chega à universidade com o firme propósito de se tornar um empresário. Sua organização está caracterizada por três círculos concêntricos, onde no mais interno se encontra a Equipe Central (Diretoria da Empresa com gestão de um ano), no círculo intermediário está a Equipe Periférica, composta por alunos que não são da diretoria, mas que participam dos projetos quando se faz necessário (esses alunos possuem freqüência mais flexível e não assumem um compromisso de permanência anual) e, finalmente, o último grupo, composto por professores que orientam e acompanham todos os trabalhos. Os objetivos acadêmicos da Empresa estão divididos entre o exercício prático da psicologia organizacional, a produção de pesquisa neste campo de atuação e a oportunidade para o aluno se experimentar como administrador de um negócio empresarial. Para isto, a empresa, além de oferecer os serviços em recursos humanos, possui um grupo de estudo semanal para aprofundamento de temas relevantes e planejamento das pesquisas programadas. As reuniões de diretoria também servem para que cada aluno se auto-analise e perceba suas deficiências. Com isto, diversas lacunas na formação teórica já foram detectadas, o que serviu de feedback para algumas disciplinas. A dimensão social da Empresa Júnior pode ser reconhecida quando o conhecimento acadêmico da psicologia, muitas vezes restrito às grandes organizações, pode ser repassado às micro e pequenas empresas através de consultorias com remuneração simbólica. Valor este que, evidentemente, acaba se tornando o principal diferencial em relação às outras empresas que atuam no mesmo ramo. Os serviços oferecidos visam o desenvolvimento dos trabalhadores (sujeito individual) e da organização (sujeito coletivo) mediante projetos que envolvam diagnóstico, intervenção e

acompanhamento. Apesar de oferecer consultoria nos segmentos tradicionais da psicologia na área de recursos humanos, as principais demandas se enquadram em projetos para cursos de treinamento de conteúdo psicológico, captação e clima organizacional. Como conclusão, podemos afirmar que o movimento da empresa Júnior ainda desperta interesse em parcela reduzida dos alunos do curso. No entanto, com o fenômeno da terceirização dos serviços da psicologia e a conseqüente redução de empregos para psicólogos, consideramos que a possibilidade de aprender a trabalhar como consultor, seja fator que aumente a demanda por esta experiência na formação do psicólogo.
Palavras-chave: Formação em Psicologia; Empresa Júnior; Empreendedorismo

****

FORM 08
CARACTERIZAÇÃO DE ALUNOS INGRESSANTES EM UM CURSO DE PSICOLOGIA. *Rosa Maria Rizzo M. dos Santos** e Maria Regina Cilico (Curso de Psicologia - Universidade São Marcos - São Paulo/SP)*
O presente estudo tem como objetivo o levantamento do perfil de alunos ingressantes em um curso de Psicologia, de uma instituição particular, da cidade de São Paulo, identificando as diferenças entre os períodos matutino e noturno. Foram respondidos 109 questionários, referentes a um período letivo, sendo que 29 são do período matutino e 80 do período noturno, o que configura maior procura pelo curso noturno. Dos questionários respondidos, 84% são do sexo feminino e 23% do sexo masculino, o que confirma a maior procura pelos Cursos de Psicologia pela população do sexo feminino. A distribuição por faixa etária mostra uma maior concentração de 17 a 20 anos, no período matutino e de 21 a 30 anos para os ingressantes do período noturno. Tanto no período matutino quanto no período noturno, a população é predominantemente solteira 84%. Da população estudada, apenas 10% dos ingressantes do período matutino exercem atividade remunerada com carga horária variando de 20 a 40 horas, no entanto, para os alunos do período noturno 53% possuem uma atividade profissional com a mesma carga horária. Enquanto no período matutino apenas 3% dos estudantes pagam seus estudos, no período noturno 41 % dos estudantes são responsáveis pelo próprio estudo. A escolaridade dos pais em nível superior é representada por 17% no período matutino e 25% no período noturno. 48% dos ingressantes são oriundos de escola pública, perfazendo no período matutino 3% e 40% para o o período noturno. O veículo mais utilizado como fonte de informação sobre os acontecimentos no mundo, por seqüência de escolha, são TV e revista para o períodos matutino e TV e jornal para os ingressantes do período noturno. 50% da amostra prestou vestibular somente na instituição pesquisada. Em média por ano, 17% no período matutino e 40% no período noturno, leem de 1 a 3 livros. Encontrou-se, neste estudo, diferenças entre o alunado do período matutino e noturno. Este levantamento pretende levar a uma reflexão sobre as diferenças e sobre suas possíveis conseqüências no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que, em alguns aspectos, as diferenças entre os períodos são significativas. Acreditamos que o conhecimento do nível sócio-econômico-cultural da população discente poderá facilitar o planejamento e desenvolvimento de programas mais adequados à realidade e permitir transformações pertinentes ao seu crescimento e aperfeiçoamento. Um bom indicador dos recursos físicos do alunado refere-se ao seu contato com a informática, 70% possuem computador em casa e 26% se utilizam do computador fora do ambiente doméstico, apenas 3% nunca fizeram uso do equipamento. Este dado é significativo e aponta para possibilidade do professor utilizar-se da tecnologia no processo ensino-aprendizagem. Ainda na direção desse processo, a identificação do perfil do alunado permite ações de caráter corretivo, bem como aquelas que venham potencializar os recursos existentes, na busca de melhor qualificação do profissional em formação.
Palavras-chave: Caracterização; Perfil; Aluno Ingressante

****

FORM 09
UMA CARACTERIZAÇÃO GERAL DA ATUAÇÃO DE PSICÓLOGOS EM "UNIDADES DE SAÚDE" DA REDE PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE NATAL / RN. *Cândida Maria B. Dantas*, Denis B. Carvalho**, Fabiana L. Silva*, Isabel M. F. F. de O. Cunha**, Oswaldo H. Yamamoto (Departamento de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN)*
O presente trabalho, parte integrante do projeto "Políticas públicas e a prática social do Psicólogo", tem por objetivo realizar um levantamento de aspectos relativos à formação e aos modelos de intervenção dos psicólogos norte-riograndenses nas Unidades de Saúde da rede municipal de Natal / RN, considerando a adequação à proposta do Sistema Único de Saúde, regulamentado pela Lei 8080 de 1990. Foram realizadas 28 entrevistas, entre os 63 psicólogos atuantes nas referidas Unidades de Saúde, utilizando-se um roteiro semi-estruturado que englobava dados pessoais, formação, atividades desenvolvidas, perfil da clientela e outras considerações. As entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas na íntegra para análise de conteúdo. Entre os principais resultados encontrados, no que diz respeito à formação profissional, 25 psicólogos foram graduados pela UFRN (única agência formadora naquele período), sendo a Clínica o principal campo de estágio (68%) e o enfoque teórico predominante a Psicanálise (39%). Quanto à abordagem utilizada atualmente pelos profissionais, a Psicanálise continua predominando (68%), enquanto 25% dos entrevistados não têm um enfoque definido. Ao compararmos o enfoque teórico do estágio e o atual, vemos um crescimento de 29% dos que utilizam a Psicanálise na sua atuação. Ao avaliar a formação, 29% dos profissionais qualificam a formação como boa, enquanto 57% a caracterizam como básica, limitada ou deficiente. Esse dado se complementa com a informação que 78% dos entrevistados não consideram o conhecimento adquirido durante a graduação como suficiente para a atuação na área da saúde pública. Isso corrobora com dados da literatura que apresenta a Psicologia como uma profissão mais voltada para uma prática clínica individualista e elitista, não sendo comum as agências formadoras darem ênfase no treinamento de práticas sociais. No que se refere às atividades desenvolvidas, 13 profissionais realizam exclusivamente atendimento clínico individual, enquanto 15 afirmam desenvolver atendimento individual e grupal, englobando neste grupos terapêuticos, grupos educativos, acolhimento, palestras e aplicação de técnicas. Alguns profissionais justificam a falta de formas diferenciadas de atuação devido à inexistência de local adequado, não credibilidade em práticas psicológicas fora do tradicionalmente estabelecido e por não sentir-se preparado para atender "demandas sociais". Quanto à clientela atendida, é claro o predomínio de atendimentos a mulheres adultas e crianças, caracterizando-se os usuários como prioritariamente de classe popular. A formação profissional é avaliada como inadequada para o trabalho na Saúde Pública, o que repercute na prática profissional do psicólogo na Rede Municipal de Saúde de Natal, que é marcada pela hegemonia do atendimento individual clínico, referendado por uma concepção psicanalítica, que justifica teoricamente a intervenção centrada no indivíduo. Essa característica deve também estar ligada à formação prestada pela agência local, que durante muitos anos privilegiou a atuação clínica em detrimento das outras áreas da Psicologia.

(CNPq /CAPES)
Palavras-chave: Formação do psicólogo; Prática profissional; Saúde pública

****

FORM 10
ANÁLISE DA LEITURA COM COMPREENSÃO ENTRE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS DO 5O. ANO DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE DA AMAZÔNIA. *Helga Samara Ferreira Bruno*, Wagner Egídio Teixeira Silva* e Rosana Mendes Éleres de Figueiredo**. Universidade da Amazônia - Belém, PA)*
Ler não é uma habilidade ou uma capacidade. Quando dizemos que uma pessoa é capaz de ler queremos dizer que ela virá a se comportar de certa maneira em condições adequadas que envolvem um estímulo não proveniente de um auditório. Tem se observado ainda que os comportamentos encobertos que estão relacionados à leitura são considerados complexos. O presente estudo teve como objetivo verificar o desempenho acerca da leitura realizada por estudantes universitários. Participaram deste trabalho 06 alunos do 5o. ano, do curso de Psicologia da Universidade da Amazônia (UNAMA). Os mesmos foram selecionados a partir de convite oral. Utilizou-se ainda como critério de participação o fato de eles não terem tido alguma história prévia em estudos semelhantes. Após a seleção, marcou-se hora e local para a coleta de informações. O estudo correu no espaço da própria Universidade. Apresentou-se textos divididos em três categorias: informativo, literário e científico e posteriormente 03 testes contendo 05 questões cada, sobre o conteúdo dos respectivos texto. Depois do aluno entregar o texto, entregou-se o teste sobre o que havia lido. Informou-lhes que teriam um tempo para leitura e resposta, mas este tempo seria determinado por eles. Estabeleceu-se uma randomização na apresentação dos textos. Os resultados principais referem-se a 70% de acerto nos textos informativos e literários e 63,5% nos textos científicos. Registrou-se ainda 6,7% de erros para os textos científicos, 10% de "respostas inadequadas" e 10% de "acertos parciais". Nos textos informativos obteve-se 13,4% de "acertos parciais"; 10% de "respostas inadequadas" e 3,3% tanto para "erros" como para "não respostas". Em relação aos textos literários obteve-se 13,3% de "erros"; 6,7% tanto para "acertos parciais" como para "respostas inadequadas" e 3,3% para "não resposta". Enfatiza-se que apenas duas perguntas não foram respondidas em todos os três testes, sendo que uma no texto/teste informativo e outra no literário. Essas respostas foram consideradas e categorizadas como "não resposta" (NR). Considera-se que o desempenho mostrado pelos participantes da pesquisa, na compreensão da leitura de textos, aponta deficiência na compreensão textual global, pois os estudantes tiveram problemas com a associação e a transferência de significado dos conceitos presentes nos textos. Entende-se que seja imprescindível que o estudante universitário deva desenvolver habilidade de leitura que possibilite tomada de decisões seguras para sua vida profissional. Sugere-se que as deficiências devam ser trabalhadas nas diferentes práticas educativas, como, o incentivo ao uso da biblioteca e a produção de artigos, resenha etc., bem como a utilização de variados tipos de textos como, por exemplo, revistas científicas e teses. Melhorando, não só a qualidade do nível de ensino oferecido, mas também garantindo uma capacitação adequada aos profissionais que por ela passam, uma vez que esta, possivelmente, é uma das últimas etapas para o aprimoramento da leitura do ensino formal.
Palavras-chave: Análise Experimental do Comportamento; Alunos Universitários, Compreensão Textual

****

FORM 11
A INVASÃO DO PÚBLICO NO PRIVADO: CONSEQÜÊNCIAS PARA A FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO CLÍNICO. *Branca de Menezes Padilha, Marly Aparecida Fernandes, Sofia Helena Porto Di Nucci e Vera Engler Cury (Instituto de Psicologia e Fonoaudiologia / PUC-Campinas)*

O curso de formação de Psicólogo da PUC-Campinas vem reestruturando a formação clínica de seus alunos desde 1989 quando, através de um convênio com a prefeitura municipal, passou a integrar o Sistema Único de Saúde, tornando sua Clínica Psicológica parte da rede de atenção à Saúde Mental do município. A conseqüência desta parceria foi uma mudança conceitual de clínica não restringindo a epistemologia ao método. Esta ruptura com um conceito tradicional do saber/fazer clínico se inicia na cadeira de Psicopatologia, alocada nas terceira e quarta séries do curso e oferece como campo de observação tanto instituições psiquiátricas (locus tradicional de ensino) como instituições e experiências onde o contraponto normal e patológico tem que ser procurado, questionado e pensado. O desdobramento desta ruptura se dá curricularmente em duas vertentes: na disciplina Psicodiagnóstico, que se expande para além da clínica-escola com a inclusão de práticas externas em instituições de saúde da rede pública, e nos estágios supervisionados em Psicologia Clínica, oferecidos na clínica-escola e em campos externos a mesma: Centros de Saúde, Hospital Geral e Hospital Psiquiátrico, todos integrando a mesma rede de saúde do município. No contexto da clínica-escola vem acontecendo um crescente aumento no envolvimento do aluno com esta instituição, mudando-se o modelo tradicional de atendimento em psicodiagnóstico e psicoterapia, característico do atendimento em consultório, para um modelo institucional de atenção à Saúde Mental. Neste sentido os estagiários, alunos das quarta e quinta série do curso, participam de diversas modalidades de práticas clínica, buscando atender as diferentes demandas da população que utiliza este serviço. Baseado na experiência de uma das autoras, este relato destaca as demandas específicas da formação clínica em hospital psiquiátrico alinhado com o movimento antimanicomial. As solicitações institucionais incluem e extrapolam o núcleo da psicoterapia: aos alunos cabe realizar procedimentos tais como acompanhamento terapêutico, instalação e monitoramento de moradias extra-hospitalares, acompanhamento em oficinas de trabalho, atuação terapêutica no CAPS - o que inclui um olhar clínico em atividades não terapêuticas como, por exemplo, o café dos pacientes da instituição - enfim, uma possibilidade de atuação do psicólogo clínico que extrapola a técnica e o setting tradicional. Na parceria institucional o aluno se vê efetivamente inserido na equipe multiprofissional, o que demanda uma articulação do seu olhar junto aos "multi-olhares" que se voltam para o paciente. Esta formação clínica, fruto da invasão da prática, tem propiciado mudanças tanto nos supervisores como nos alunos e na academia, uma vez que a teoria conhecida não reassegura os questionamentos. O encontro com o público vem possibilitando a saída do espaço privado presente no modelo de consultório e, ao chegar nas instituições, nos deparamos com um espaço onde a concepção tradicional de Psicologia Clínica se inclui e se subverte.
Palavras-chave:

*****

FORM 12
VICISSITUDES DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM NO CURSO DE PSICOLOGIA. *André Rossi Coutinho*, Danielle Teixeira Oliveira*, Cleverson William Vicente Medeiros*, Eduardo de Almeida Bittencourt*, Michele Monique Gomes de Abreu*, Viviane de Carvalho Millen*, Analice Teresinha da Silva Araújo e Márcia Oliveira Moraes (Orientadoras de Pesquisa). Dep. de Psicologia - Universidade Federal Fluminense, Niterói/RJ.*

A avaliação tornou-se um procedimento necessário aos cursos de graduação do ensino superior. O curso de Psicologia UFF vem desenvolvendo esforços, desde meados da década de 90, no sentido de promover a análise da formação que tem sido empreendida na tentativa de melhorar a qualidade do curso. Os padrões de qualidade do MEC, embora mereçam críticas, apresentam interessantes sugestões: o acompanhamento da progressão do aluno ao longo do curso. Esta pesquisa parte do levantamento de dados realizados com os alunos ingressantes no curso de Psicologia em 1/2000. Na ocasião, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com a finalidade de investigar, dentre outros pontos, a presença ou não da evasão na vida estudantil desses alunos. A amostra foi composta por 30 alunos: 93 % vestibulandos e 7% transferidos. Esta pesquisa tem o objetivo de analisar o fenômeno da evasão ampla e restrita, problematizando a complexidade desta última. Entendemos por evasão ampla o abandono do curso, enquanto que por evasão restrita, o desligamento temporário do aluno por relação a uma ou mais disciplinas. Os indicadores de evasão restrita são números de faltas e recusa de realizar tarefas propostas pelo professor. Este fenômeno tem sido observado na Universidade Federal Fluminense, porém acreditamos não ser uma questão limitada a esta, mas sim um fenômeno que se estende a inúmeras universidades do território nacional. Consideramos que a preocupação com o fenômeno da evasão merece atenção por estar articulado intrinsecamente com os processos de aprendizagem e produção de subjetividade. O objetivo principal dessa pesquisa é acompanhar as vicissitudes da aprendizagem no percurso do estudante ao longo do curso, de forma a contribuir para uma reestruturação do plano pedagógico e conseqüentemente desenvolver estratégias que minorem os efeitos da evasão restrita. Para isso, estamos acompanhando o processo de aprendizagem dos alunos entrevistados em 1/2000. Este acompanhamento tem sido feito através de entrevistas semi-estruturadas individuais e grupais. Destacamos que os procedimentos utilizados na coleta de dados, nos permitem fazer análises verticais e horizontais dos contextos de aprendizagem nos quais os alunos estão inseridos. As análises verticais têm como primazia acompanhar o processo de aprendizagem de cada aluno, do primeiro ao último período do curso. As análises horizontais têm como objetivo principal agrupar os alunos a partir de traços comuns nas entrevistas individuais, como por exemplo, a presença ou não da evasão na vida estudantil dos alunos. Portanto, através do que foi exposto, destacamos que a partir do resultado desta pesquisa poderemos problematizar questões de aprendizagem e discutir a formação em psicologia.

Instituição De Fomento: Pró-Reitoria De Assuntos Acadêmicos
Palavras-chave: Evasão; Aprendizagem; Formação em Psicologia

*****

FORM 13
CARACTERIZAÇÃO DO SERVIÇO DE PSICOLOGIA APLICADA DA UNIVALE. *Martinelli, João Carlos Mouta[1]; Souza, Iolanda Maria Pereira[2]; Cavalli, Cristiane Mota[*] (Universidade Vale do Rio Doce - Governador Valadares MG)*

O Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) da Univale presta serviços à comunidade desde 1993. Este trabalho descreve dados da pesquisa "Caracterização e Avaliação dos Atendimentos Realizados no Serviço de Psicologia Aplicada da Universidade Vale do Rio Doce". Tem como objetivo a caracterização da clientela atendida e da qualidade dos serviços prestados à comunidade. Descrição/Material: Foram pesquisadas 1587 fichas de inscrição arquivadas pelo SPA, abrangendo o período de 1993 a agosto de 1998. Procedimento: Utilizou-se o programa SPSS for Windows 6.0. Foram consideradas 20 variáveis. Resultados: Sexo Masc. 43,2%. Escolaridade (completa/incompleta) (N=474) 72,6% 1ºGrau, 5,5% 2ºGrau, 21,9% 3ºGrau. Profissão (N=1402) estud - 58,5% Do lar - 9,2% Aposent - 0,6% Outras - 30%; Estado Civil (N=1580) 78,2% solt. 17,5% cas. 2,5% divorc/separ. 1,2% viúvos. Renda Fam. salários mín. (N=300) até 1 - 29,7%, 2-4 - 44,4, 4-6 - 9,1% acima 6 - 16,8%; Encaminhamento (N=352) 29% outros profissionais, 0,6% Univale, 70% Outras insts; Idade 0 a 5 - 4,8%, 6-10 - 22,9%, 11-15 - 21,3%, 16-20 - 13,1%, 21-35 - 24,1%, 35-50 - 10,8%, 51 acima 2,8%. 46,8% dos atendimentos foram em psicoterapia, 30,2% em psicodiagnóstico e 7,7% em ludoterapia, 7,6% psicodiagnóstico e psicoterapia ou ludoterapia. 4,8% PEPA I e PEPA II e ludoterapia, 2,9% orientação vocacional. O arquivamento se deu por alta em 7,3%, por falta, 9,7%; desistência 27%; não comparecimento 12,3 %; e finalização do estágio 0,5%; em 43,5% das fichas não consta este dado. Dos pacientes submetidos ao psicodiagnóstico, 20% foram encaminhados para psicoterapia; destes, 78,7% procuraram o atendimento. 43,2 % dos clientes disponibilizam a tarde para seu atendimento. Pagamento: sem desconto 32,8%, 13,6% com desconto e 3,9% foram isentos. Fichas sem débito somam 56,4% dos dados válidos (50%), e 4,9% devendo de 06 a 15 sessões. Em 44,7% os pais são responsáveis; e em 45,4% o cliente é o responsável. Conclusão: Há uma quantidade crescente de pesquisas enfocando clínicas-escola quanto à caracterização/avaliação. Na análise dos dados encontraram-se diversas variáveis com resultados similares aos de outras pesquisas. O grande índice de arquivamento por desistência e por faltas chama atenção para um exame mais cuidadoso do que ocasiona este quadro e abre discussões sobre o papel das clínicas-escola, da formação profissional proporcionada pela graduação e do atendimento feito à comunidade. Este estudo tem mostrado grande relevância para o direcionamento de mudanças no SPA e na formação dos alunos.

Pesquisa financiada pela FAPEMIG, sob o nº SHA 1357/97
[1] Professor Adjunto, End. Universidade Vale do Rio Doce - UNIVALE -Curso de Psicologia - Rua Moreira Sales, 850 / Vila Bretas - Caixa Postal 295, CEP. 35.030-390 - Governador Valadares, MG. Tel (033) 32795164 E-mail martinelli@univale.br
[2] Docente do curso de Psicologia UNIVALE E-mail: iolanda@univale.br
[*] Graduanda em Psicologia
Palavras-chave: Psicologia, Psicologia Clínica; Serviço de psicologia, Atendimento Psicológico, Clínica-escola

*****

FORM 14
CARREIRA PROFESSIONAL: EXPECTATIVAS DE UMA AMOSTRA DE ESTUDANTES DE PSICOLOGIA. Elaine C. Castro** *(Faculdade de Psicologia da Universidade de Santo Amaro - UNISA, Curso de Psicologia da Universidade São Francisco - USF, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo - IPUSP/LITET - São Paulo - SP), Cristiano S V da Silva*, Débora A da Silva*, Gentil L. Cortez Jr.*, Luciana C Santos*, Marcos Marinho*, Mônica A de Toledo*, Priscila M. Gosler*, Silvana F dos Santos* (Curso de Psicologia da Faculdade Paulistana de Ciências e Letras - FAPA - São Paulo - SP)*

O presente estudo teve como objetivo investigar quais as expectativas de estudantes de Psicologia quanto ao futuro profissional. A amostra foi composta por 64 estudantes do quarto ano de um curso de Psicologia de uma instituição particular de ensino superior. Como instrumento foi utilizado um questionário

contendo 12 questões fechadas e semi-fechadas que procuraram levantar dados referentes à área de atuação pretendida, tipo de influências recebidas, expectativas profissionais após a graduação, entre outros. A aplicação dos instrumentos ocorreu coletivamente, em sala de aula. Destacam-se os seguintes resultados: a) cerca de 43% dos sujeitos pretendem seguir a Área Clínica e 21% a Área Hospitalar; b) 23% dos sujeitos afirmaram não ter restrição a nenhuma área de atuação, enquanto que, 21% relataram que não gostariam de atuar na Área Organizacional e 18% em Pesquisa em Psicologia; c) cerca de 36% dos sujeitos afirmaram estar totalmente seguros em relação à escolha de área de atuação e 37% relataram estar mais ou menos seguros; d) 37% da amostra considerou o conhecimento adquirido durante o curso com sendo equilibrado entre as Áreas Clínica, Escolar e Pesquisa; e) 12% da amostra declarou pretender cursar Pós-Graduação em Psicologia e 33% afirmou que pretende iniciar atividade profissional na área e continuar estudando. Tais resultados confirmam a tendência, anteriormente apontada por outros estudos, da preferência de psicólogos iniciantes pela Área Clínica, seguida aqui, pela área Hospitalar, que tem sido mencionada em outras pesquisas como estando em momento de ascensão. Positivo e importante, o fato de que grande parte da amostra demonstra preocupação em dar continuidade à formação através da Pós-Graduação. Contudo, a restrição em relação à atuação como pesquisador em Psicologia parece apontar para o desconhecimento da importância em estar produzindo conhecimentos e tecnologia adequados à realidade brasileira.

Palavras-chave: Carreira Profissional; Formação do Psicólogo; Áreas de Atuação em Psicologia

---

FORM 15

RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA DE INTERVENÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL NA GRADUAÇÃO. *Ana Lucia P.B.Pacheco (Laboratório de Práticas Sociais/ Universidade Estácio de Sá / RJ)1, Anne Muller2, Fabio Serra Gomes3, Alessandra V. de Souza Pedolaldi4 e Carla G. de Moraes Teixeira5*

Este trabalho pretende descrever a experiência de construção de um laboratório de pesquisa em psicologia social na graduação e levantar questões sobre a importância desta iniciativa na formação do psicólogo. O Laboratório de Práticas Sociais já funciona há dois anos, e foi construído, em parceria com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA (autarquia federal vinculada ao Ministério do Planejamento), para participar, inicialmente, da avaliação de projetos sociais. Nestes dois anos, o Laboratório já produziu diversos tipos de trabalhos, desde descrições de programas sociais, construção de instrumentos para avaliação, até pesquisas de campo em favelas do Rio de Janeiro, mobilizando mais de 130 alunos de psicologia. As pesquisas acadêmicas realizadas pelo Laboratório têm um caráter predominantemente descritivo e crítico da realidade social além do compromisso de juntar a teoria aprendida na graduação à prática vivenciada em campo.

Este estudo visa discutir, a partir das percepções do aluno sobre o trabalho desenvolvido no Laboratório, em que medida este está relacionado com a psicologia sócio-histórica e os seus contribuições para a formação do aluno. Foram entrevistados 7 de estudantes, bolsistas do Laboratório e seus relatos analisados. Os temas abordavam as seguintes questões: influência do Laboratório na formação, relação das práticas do Laboratório com a psicologia social, percepções sobre a importância do Laboratório para o curso de psicologia, impacto dos trabalhos realizados no Laboratório na vida pessoal, contribuições dos trabalhos realizados no Laboratório para a formação, dificuldades vs facilidades no desempenho das atividades.

A análise dos relatos aponta para um desconhecimento teórico por parte do aluno, que ingressa no laboratório, sobre quais seriam as ações do psicólogo social, comprometendo a articulação entre a teoria e as atividades realizadas por eles. Entretanto, parece que esta vivência leva uma busca a novas informações. Interessante verificar que todos os graduados (6) que já fizeram pesquisas no Laboratório, realizaram suas monografias de conclusão de curso relacionadas às práticas em psicologia social e sua articulação com a abordagem sócio-histórica. Duas destas monografias deram origem a publicações em periódicos nacionais. Porém a visão predominante das políticas sociais ainda é assistencialista. A dimensão política da psicologia está ainda distante do currículo dos alunos. Vale ressaltar, que a partir da divulgação dos trabalhos desenvolvidos no laboratório um grande número de alunos (300) participou voluntariamente das pesquisas realizadas nas favelas do R. J. Desta forma, esta iniciativa torna-se importante porque, além de unir um trabalho de aplicação prática com a teoria, abre novos campos de atuação para os psicólogos vinculados à nossa realidade.

1-Profª do Curso de Psicologia da Universidade Estácio de Sá e Doutoranda do Programa EICOS / UFRJ

2-Psicóloga e auxiliar de pesquisa no Laboratório de Práticas Sociais da Universidade Estácio de Sá

3-Psicólogo e auxiliar de pesquisa no Laboratório de Práticas Sociais da Universidade Estácio de Sá

4-Aluna e estagiária do Laboratório de Práticas Sociais da Universidade Estácio de Sá

5-Aluna e estagiária do Laboratório de Práticas Sociais da Universidade Estácio de Sá

Palavras-chave: Psicologia social; Formação; Desenvolvimento humano

---

FORM 16

INTEGRANDO CONTEÚDOS PARA APRENDER A OLHAR O MUNDO E SEU COTIDIANO: USO DE TÉCNICAS VIVENCIAIS E REFLEXIVAS. *Vânia Maria Jorge Nassif (Curso de Psicologia e Pró-Reitora Adjunta de Pesquisa, Universidade de Franca, Franca -SP), Irene Rodrigues de Andrade** (Curso de Psicologia, Universidade de Franca, Franca -SP/Doutoranda em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas -SP) e Elizabeth Esposito Freitas (Curso de Psicologia, Universidade de Franca, Franca -SP/ Mestranda em Ciências da Saúde, UNIFRAN)*

A Psicologia enquanto ciência e profissão tem proposto em suas várias instâncias, (re)pensar-se. As inúmeras críticas à formação do psicólogo, têm apontado necessidades de buscar recursos e alternativas para aproximar, desde os primeiros anos da graduação, teoria e prática. A proposta de Diretrizes Curriculares para os Cursos de Psicologia, o Provão e a Avaliação de Oferta de Cursos têm tornado público as carências da Formação do Psicólogo. O Curso de Psicologia da Universidade de Franca tem procurado facilitar, por iniciativa de alguns docentes, desde sua criação (1989), não só a busca de inter-relação dos conhecimentos entre as várias disciplinas desenvolvidas em sua grade curricular, como também estimular a leitura da relação teoria e prática. A experiência dessa integração tem se construído através de alguns trabalhos interdisciplinares, utilizando recursos que visam facilitar o processo ensino-aprendizagem dentro de uma visão sistêmica. O presente relato se insere em uma experiência desenvolvida no 2º ano do Curso de Psicologia aglutinando conteúdos das disciplinas de: Experimental II, Aprendizagem, Desenvolvimento I e II, Personalidade I, Social I, Técnicas de Observação e Entrevista e Sociologia da Saúde Mental. Tal experiência nasceu na disciplina de Psicologia Experimental II tendo como tema gerador: O CONTROLE, o qual permanece ao longo dos anos. O objetivo da tal proposta é a tentativa de reduzir a fragmentação do conhecimento propiciado pela formação acadêmica, fortemente percebida nos três primeiros anos do Curso de Psicologia. Tem-se utilizado de ferramentas de ensino como filmes, textos literários e estudos de casos, como pretexto para a leitura teórica da prática simulada. A aprendizagem é processada por meio de teatros, monólogos, performances construídos e apresentados publicamente pelos alunos, ao final do ano letivo, como recurso para a integração dos conteúdos e a "concretização" do conhecimento. Os doze anos de exercício dessas práticas, têm acumulado um total de 34 produções que revelam um exercício crítico para com os diferentes referenciais psicológicos e experienciados na vivência dos diversos segmentos da sociedade, capturados pelos olhos dos alunos. Essas produções têm trazido conteúdos e cenários diversificados os quais revelam o drama com "humor ingênuo" porém de intensa repercussão no espectador. Os ganhos secundários refletem no aprender a trabalhar em grupo, no desenvolvimento da cooperação e, sobretudo, no respeito ao outro. Em meio a este trama, há constante demanda da necessidade de aproximação entre a realidade social que se apresenta no país e as práticas psicológicas construídas e viabilizadas pelas agências formadoras. Estas têm se mostrado, por um lado eficientes para a construção de uma Psicologia no Brasil, e por outro, incipiente para a construção de uma Psicologia para o Brasil.

Palavras-chave: Curso de Psicologia; Experiência Pedagógica; Interdisciplinaridade

---

FORM 17

LEVANTAMENTO LITERÁRIO DE TESES E DISSERTAÇÕES DO INSTITUTO DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO DO PERÍODO DE 1995 A 1999, QUE FOCAM DINÂMICAS DE GRUPOS E/OU RELAÇÕES HUMANAS. *Nivaldo Belisio Borges* e Valdirene Pereira Araújo* (Faculdade de Psicologia da Universidade de Santo Amaro, São Paulo, SP)*

Goldstein (1983) e Sorokin (1956) falam sobre momentos no qual o estudo de grupos foi mais e menos intensificado. Para o primeiro autor, a Segunda Grande Guerra, impulsionou um grande número de pesquisas sobre grupo que pouco depois sofre queda. Nas últimas décadas, movidos principalmente pelo interesse por pequenas minorias que exigiam autonomia, há um novo aumento no número de estudos de grupos (Goldstein, 1983). A presente pesquisa documental focalizou como fonte principal para análise as dissertações de mestrado e teses de doutorado, defendidas no curso de pós-graduação do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP). Foram selecionadas as dissertações de mestrado e teses de doutorado do período de 1995 a 1999. Sofreram análise 77 (setenta e sete) pesquisas, ou melhor, títulos destas. Compreendeu-se por títulos a formulação total do mesmo incluindo as partes enunciadas entre parênteses ou vindo após dois pontos, algum travessão, ou ainda apostas como subtítulos. Os trabalhos foram divididos em: Psicologia Social (PS), Psicologia Educacional e do Desenvolvimento (PED), Psicologia Experimental (PE), Psicologia Clínica (PC) e Neurociência do Comportamento (NC), que consistem nas áreas que a pós-graduação do IP-USP oferece. Classificados os documentos, foram os mesmos analisados em termos da dinâmica de um grupo e/ou relações humanas. Todavia, em alguns casos, nem sempre ficava nítido um desses elementos, os quais foram eliminados. Os pesquisadores analisavam os títulos de forma isolada, para depois compararem os resultados, a fim de se levantar a fidedignidade dos dados obtidos. Os principais resultados estão apresentados

a seguir: a) o campo de maior concentração de pesquisas envolvendo dinâmicas de grupos e (ou) relações humanas são: a Psicologia Social, e a Psicologia Educacional e do Desenvolvimento, ambas com 28,57%, b) todas as áreas tiveram um aumento do número de pesquisas no ano de 1999 comparados com 1998, destaque merece ser dado a Psicologia Educacional e do Desenvolvimento, que sofreu um aumento de 300% neste período, o que a faz pular do 3º lugar em número de pesquisas abordando este tema para o 1º lugar; c) o crescimento de 300% em 5 anos, em amostra total, do número de pesquisas envolvendo dinâmicas de grupos e/ou relações humanas. Estes resultados vêm de encontro com as alternativas de Goldstein (1983) e Sorokin (1956), os quais deixaram que o estudo dos grupos, aumenta e diminui de acordo com o momento histórico. A pesquisa feita demonstra que as áreas que mais estudaram grupos foram a Psicologia Social e a Psicologia Educacional e do Desenvolvimento, assim com mesmo percentual, ao contrário ao Encontro anterior. Ao fazermos uma análise cuidadosa dos dados veremos que a partir de 1997 até 1999, houve um maior número de pesquisas na segunda área, o que não pode ser demonstrado na análise do período todo. Esta pesquisa de levantamento teve o caráter exploratório, se fazendo necessários novos estudos para confirmar os resultados aqui apontados.

Palavras-chave: Pesquisa documental; Dinâmicas de grupo; Formação em psicologia

---

FORM 38

DESEMPENHO ENTRE CALOUROS DE PSICOLOGIA NO PROVÃO DE PSICOLOGIA 2000: DISTINÇÃO ENTRE DOIS GRUPOS DE QUESTÕES

Cristina Mendes Campos Oliveira, Renata Bello (Universidade Católica do Rio de Janeiro) e Acsa Landeira Fernandez (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e Universidade Estácio de Sá)*

O Provão de Psicologia realizado por todos os formandos desse área no ano de 2000 revelou uma alta correlação entre o conceito atribuído ao curso e a sua respectiva nota de vestibular candidato/vaga (r=0,63; p<0,001). Dessa forma, é possível que esse instrumento de avaliação de conhecimento específico de psicologia seja também sensível a dimensões impostas pelo vestibular. O presente estudo teve como objetivo investigar se o Provão de Psicologia é capaz de diferenciar o desempenho entre calouros que estão iniciando o curso de psicologia da mesma forma que diferenciou o desempenho dos formandos advindos de diferentes cursos de psicologia. Participaram deste estudo 383 calouros de psicologia distribuídos entre 4 cursos selecionados de acordo com o seu conceito no Provão (A, B, C e E). Cada aluno, com no máximo duas semanas de aula em psicologia, realizou a parte do Provão de Psicologia 2000 composta por 40 questões de múltipla escolha. As provas foram realizadas nas próprias dependências do curso durante o horário regular de aula. Não houve limite de tempo para a realização do Provão. Das 40 questões respondidas pelos calouros, analisou-se 39 uma vez que uma das questões foi anulada pela comissão responsável pelo Provão (INEP). Essa análise demonstrou que calouros provenientes de diferentes cursos apresentaram desempenhos altamente diferenciados. A análise de variância de uma via mostrou uma diferença significativa em relação ao desempenho dos calouros no Provão distribuídos entre os 4 cursos ($F(3,382)=23,3$; $p<0,0001$). Comparações post hoc indicaram que essas diferenças foram proporcionais aos respectivos conceitos do curso (todos os p's <0,05). A fim de buscar quais as questões do Provão responsáveis por essa discriminação entre os calouros, realizou-se uma análise de item para cada uma das 39 perguntas. Através de correlações entre cada questão e o desempenho total de cada sujeito, observou-se que 15 das 39 questões apresentaram alta discriminação (r>0,37). A re-análise dos resultados, considerando-se apenas as 24 das 39 questões do Provão que apresentaram baixa discriminação (r<0,34) não demonstrou qualquer diferença entre os calouros matriculados nos diferentes cursos ($F(3,381)=1,43$; $p>1,42$). Esses resultados indicam que calouros provenientes de diferentes cursos, selecionados de acordo com o seu conceito no Provão, apresentam desempenhos diferenciados e proporcionais aos conceitos de seus cursos. Essa diferenciação se deve a 15 questões que tiveram alto poder de discriminação entre os calouros. Visto que os calouros não tiveram contato com os conteúdos programáticos do curso de Psicologia, é possível dividir as questões de múltipla escolha do Provão de Psicologia 2000 em dois grandes grupos: um grupo de 15 questões, equivalente a 38% do Provão, capaz de discriminar o desempenho de calouros e que dessa forma são questões que independam do conteúdo específico da psicologia. Outro grupo de 24 questões, equivalente a 62% do Provão, cuja resolução depende de conteúdo específico, uma vez que essas questões não discriminam o desempenho desses alunos que estão iniciando o curso.

Palavras-chave: Psicologia; Provão; Avaliação; Alunos; Calouros

---

FORM 39

TERAPIAS ALTERNATIVAS NA PERSPECTIVA DE PSICÓLOGOS E DE NÃO-PSICÓLOGOS

Adriana Pereira Jardim, Marianne L. de Souza*, Giovana Gauer*, Adriana Migliavacca*, William Barbosa Gomes (Núcleo de Estudos em Psicologia Fenomenológica, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS)*

O crescente número de psicólogos e profissionais de outras áreas que procuram formação em técnicas alternativas tem intensificado os debates sobre o tema. Tais debates têm ocorrido em diversas instâncias, incluindo os Conselhos Regionais e Federal de Psicologia. Por outro lado, estudos têm apontado diferenças entre as concepções de terapeutas alternativos com e sem formação em psicologia. O presente trabalho focaliza a diferença discursiva entre os dois grupos para obter elementos sobre métodos utilizados e possíveis impactos da formação no tratamento. Para tanto foram entrevistados: 1) cinco terapeutas alternativos sem formação acadêmica em psicologia e 5 pacientes desta modalidade, 2) cinco terapeutas alternativos com formação em psicologia e 5 pacientes desta modalidade. Os dados das entrevistas foram analisados de acordo com os critérios qualitativos de reflexões sistemáticas e sistêmicas que consistem em 3 etapas: descrição compreensiva dos dados, análise indutiva e interpretação qualitativa. Os resultados preliminares da comparação entre descrição (síntese compreensiva de cada entrevista) e da análise indutiva (tipificação de recorrências e singularidades entre entrevistas) sugerem a interpretação qualitativa de que a formação acadêmica em Psicologia é especificadora do tipo de trabalho que será feito em psicoterapia. Os terapeutas sem formação acadêmica em Psicologia mostraram em seu discurso que a técnica alternativa que utilizam possui um papel central no tratamento. Os terapeutas com formação em Psicologia ressaltaram a semelhança entre a terapia que fazem e a terapia dita convencional, destacando que os recursos alternativos são complementares para o trabalho terapêutico. Essa tendência foi evidenciada pelos terapeutas que adotam como técnica alternativa as correntes Junguiana. Os terapeutas de abordagens Psicossomática e Holística relataram a utilização de uma gama bem mais ampla de técnicas e apontaram influências locais de correntes do pensamento oriental e de elementos místicos em suas respostas, tendo a influência de teorias aceitas pela Psicologia acadêmica (a Psicanálise de Freud, Jung e Reich e o Psicodrama). Quanto à percepção dos pacientes, há um reconhecimento de que a experiência terapêutica é positiva e traz muitos benefícios. Os pacientes de terapeutas alternativos sem formação em Psicologia relataram a terapia como uma ajuda na capacidade de relaxar, de pensar e de compreender a si e ao outro. Os pacientes de terapeutas com formação em Psicologia acrescentaram aos benefícios apontados à percepção de mudanças mais permanentes em padrões de comportamento e na maneira de lidar com os próprios sentimentos. O terapeuta alternativo é visto como empreendedor, criativo e não tão comprometido a terapeutas tradicionais que foram descritos como mais cerebrais, lógicos, rígidos e secos. Na percepção desses pacientes, a atitude de afetuosidade é o que caracteriza o terapeuta como alternativo. A terapia verbal foi descrita como importante para mudanças mais permanentes. As técnicas alternativas, por outro lado, foram descritas como importantes para ajudar o paciente a relaxar e acalmar a sua mente e para pensar e resolver problemas. A interpretação apresentada sustenta-se em rigorosos cuidados hermenêuticos e privilegia a perspectiva recolhida junto aos entrevistados. No entanto, a interpretação crítica dos pesquisadores destaca a estabilidade de resultados qualitativos que vêm sendo obtidos ao longo de vários estudos sobre o tema. Tais estudos abrem dois pólos de discussão. De um lado, pergunta-se, qual a confiabilidade de uma medida alternativa de julgamento para sustentar a estabilidade de uma mudança? De outro, pergunta-se qual diferença real entre tratamentos psicológicos, além dos construtos justificativos de cada corrente terapêutica, pode ser apontada considerando-se que os benefícios relatados assemelham-se aos indicados por processos de terapias convencionais.

Apoio: CNPq/Capes

Palavras-chave: Psicoterapia; Terapias alternativas; Fenomenologia

---

HISTÓRIA DA PSICOLOGIA

HIS 01

A CRIANÇA E O JOVEM NO INÍCIO DO SÉCULO SOB A ÓTICA DE PRÁTICAS JURÍDICAS. *Regina Helena Lima Caldana, Luciana Moraes Reschini*, Rafael de Tilio*, Juliana Ribeiro* (Departamento de Psicologia e Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP.)*

A atenção à infância e adolescência como etapas formativas é, no mundo atual, um fenômeno intenso, que se expressa nos mais diferentes níveis: na dimensão política, na jurídica, nas instituições sociais e na família; a preocupação com as práticas educacionais e interpessoais envolvidas no contato entre adultos e crianças ou jovens é parte deste contexto. Esta situação pode ser compreendida como fruto de um processo histórico com raízes na modernidade ocidental, que vem se dando através de sucessivas transformações e que em absoluto pode ser apontado como linear, contínuo ou uniforme; para seu estudo faz-se necessário recorrer a fontes diversas. Este trabalho faz parte de um projeto voltado para a compreensão deste processo de transformações no contexto brasileiro, focalizando especificamente a passagem do século XIX ao XX, palco de profundas transformações políticas e sociais, sendo que no que diz respeito à temática em questão destacamos a geração de uma legislação voltada para a proteção à infância, e a maior penetração social da mentalidade médica higienista e da puericultura. Tem como objetivo apresentar o resultado de um levantamento dos processos judiciais, envolvendo menores, existentes no Arquivo do Fórum da cidade de Ribeirão Preto, datando de 1874 a 1927. Em um total de 4500 processos, foram localizados 505 envolvendo menores; estes últimos foram classificados de acordo com a temática envolvida, sendo: tutela (pedido ou remoção - 38%), procedimentos legais envolvendo a administração de bens nos casos de tutela (27%), procedimentos legais para casamento em idade abaixo da permitida (19%), soldada (10%), crimes cometidos contra menores (envolvendo violência física /ou sexual - 5%), apreensão de menores ou órfãos (3%) e separações conjugais (2%). Esta distribuição parece-nos apontar: 1) para a importância do alto índice de mortalidade adulta perante o cuidado dos menores de idade; 2) o cuidado em zelar pela proteção ao patrimônio dos órfãos, mas coexistindo com a permissão da exploração do trabalho de órfãos pobres; 3) uma legislação sobre idade de casamento em relativo descompasso com a prática social; 4) a pequena utilização da prática jurídica no sentido da proteção da criança e do jovem. Observando-se a distribuição dos processos ao longo do tempo, o período compreendido entre os cinco anos que antecedem e os cinco que sucedem a virada do século mostra-se como um ponto de inflexão, à medida em que nele alguns tipos de processos passam a aparecer ou desaparecem definitivamente, ou ainda em que sua quantidade aumenta ou diminui; este quadro reafirma a importância do período como momento de transformações que se refletiram na legislação e nas práticas jurídicas e sociais envolvendo o cuidado com jovens e crianças.

Palavras-chave: Infância; Família; Práticas jurídicas

*****

HIS 02

A PSICOLOGIA NO BRASIL ENTRE DOIS PILARES: INSTITUIÇÃO CATÓLICA E MEDICINA. *Ana Maria Jacó-Vilela, Adriana A. do Espírito Santo, Jessé Guimarães da Silva, Roberta Ferreira Domingues, Antônio Carlos de A. Cerezzo (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)*

Baseados no contingenciamento histórico na determinação dos saberes e práticas que aparecem-nos como representantes do "caminho natural" do conhecimento, desenvolvemos estudos sobre História da Psicologia, diferenciando-nos da forma comumente encontrada, centrada em seu percurso interno, em investigações conceituais e empíricas. Em nossos estudos, a necessidade da discussão alma versus corpo, presente já no século XIX, e atualizada no século XX através tanto dos discursos e práticas católicas, quanto dos diferentes dispositivos da instituição médica, mostrou-se necessária, particularmente no que se refere ao processo de autonomização da Psicologia. Para isso, investigou-se, no Rio de Janeiro, o período que vai da criação dos Cursos de Medicina no Brasil (década de 1830) à regulamentação da profissão e dos cursos de Psicologia (1962). No Brasil da segunda metade do século XIX, o discurso da alma, que então chegou a ser denominado como psicológico, encontrava-se enfraquecido diante do crescente materialismo científico, notadamente pela presença cada vez mais decisiva do Positivismo. Acompanhando as tentativas de aproximar a realidade brasileira das condições ideológicas, sociais, políticas e econômicas que se consolidam principalmente na Europa e que norteiam o que passa a ser entendido como "modernidade", o interesse desloca-se para a descoberta da localização física dos atributos da alma, com a conseqüente perda de seu caráter transcendente e a fragmentação em várias esferas (jurídica, econômica, científica) da totalidade configurada até então através de um único valor - a religião. A possibilidade de descoberta da verdade da natureza (e não mais a aceitação de uma verdade revelada por Deus) e de um "método" para tal fim, conforme operacionalizado pelo Positivismo, atraiu intelectuais, militares e médicos brasileiros, vindo a ter um grande papel entre eles, inclusive na proclamação da República e no modo de organização do novo regime político. Neste contexto, as explicações católicas sobre a "alma" vão perdendo sua prevalência social, tornando-se restritas ao meio especificamente religioso, enquanto a visão médica, "moderna", conquista cada vez mais novos espaços. Entre os médicos, o positivismo introduziu uma nova forma de construção do conhecimento sobre o ser humano, baseada nas funções das diferentes partes do organismo, não mais essencialista (corpo e alma dotados de uma natureza própria). Nos múltiplos espaços em que os médicos estão inseridos, principalmente os assistenciais, seguindo a tradição brasileira, a Psicologia aparece através de pesquisas em laboratórios e por meio da aplicação hospitalar de técnicas psicológicas. Na área de pesquisa, os médicos contribuíram com a criação de novos centros, como os laboratórios de hospitais, e da Liga Brasileira de Higiene Mental, criada em 1923 com o propósito inicial de melhorar a assistência a doentes mentais através da reforma dos estabelecimentos psiquiátricos. A Igreja Católica, após um período de certa imobilização, conseguiu esforços para a recuperação do espaço perdido no domínio do saber - a chamada Reação Católica - valendo-se de seus intelectuais. Assim, tem-se a criação do Centro Dom Vital, da revista "A Ordem", da Ação Universitária Católica e do Instituto Católico de Estudos Superiores, do qual se originaria a PUC-RIO.

(CNPq, FAPERJ, UERJ)

Palavras-chave: História da Psicologia; Medicina; Catolicismo

*****

HIS 03

ONTOLOGIA E CIÊNCIA NAS OBRAS DE QUINE E SKINNER. *Fernando Gutierrez Magalhães** (Departamento de Filosofia e Metodologia da Ciência, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP)*

O objetivo é propor uma analogia entre Skinner e Quine com relação ao compromisso de ambos com um não realismo ontológico e as conseqüências dessa postura à noção de teoria científica. O material consistiu em textos pertinentes à área. A leitura crítica e produção de texto foram os métodos empregados. Por se tratar de uma pesquisa teórica, não há resultados empíricos. Discussão e conclusão seguem abaixo. Enquanto o realismo assume a existência real de um mundo objetivo e atribui à ciência a tarefa de descobrir a verdade absoluta sobre esse universo, a visão pragmatista da ciência não busca a descoberta de uma verdade única, mas sim, a maneira mais útil de dar significado à nossa experiência. O pragmatismo é agnóstico com relação à existência de um mundo objetivo. A verdade de uma sentença é medida segundo seu poder explicativo. A verdade é instrumental e não intrínseca aos objetos do mundo. Dada a tendência pragmatista de Skinner, uma ciência do comportamento deve fornecer a descrição mais útil para compreender a conduta humana. O behaviorismo radical não tem compromisso com a idéia de um comportamento real a ser desvendado. Concentra-se nas relações, operacionalizando termos como "resposta, estímulo e reforço", para descrevê-las. Comportamento é todo evento que pode ser descrito nesses termos. Para Skinner, uma ciência do comportamento deve representar relações uniformes mediante uma terminologia mínima, permitindo uma maior generalização e, conseqüentemente, uma compreensão mais econômica de seu objeto de estudo. Contemporaneamente a Skinner, Quine defendia as teses de indeterminação da tradução e inescrutabilidade da referência. A primeira, designa a impossibilidade de tradução de uma linguagem para outra, entendendo linguagem como o sistema lingüístico compartilhado por uma comunidade verbal. Não há garantias de que os critérios de verdade e falsidade sejam os mesmos em linguagens diferentes. Os critérios de individuação das palavras pode ser diferente. A imposição dos termos da nossa linguagem à análise de outras denota a impossibilidade de atingir a verdade de um objeto, levando à segunda tese. Não só o significado é indeterminado, como também a extensão à qual as palavras se referem, mesmo considerando uma única linguagem. A que se refere à palavra "verde"? A algo abstrato, como a "cor verde" ou a algo concreto, como o "verde da grama"? Evidencia-se o caráter não absoluto com o qual a linguagem refere-se às coisas. Quanto à ciência, Quine sustenta que uma dada teoria só tem significado quando se especifica, numa mesma linguagem, quais serão as sentenças dessa teoria, seus critérios de verdade e os valores das variáveis. Isso não implica o estabelecimento da verdade, mas apenas um referencial que pode ser questionado em prol da eficácia da teoria. Conclui-se que tanto Quine quanto Skinner vêem a linguagem como uma das maneiras possíveis de se falar sobre o mundo. Para eles, a ciência não deve constituir o último árbitro sobre a existência das coisas, mas deve fornecer a explicação mais útil num determinado contexto.

CAPES

Palavras-chave: Pragmatismo; Ontologia; Ciência

*****

HIS 04

POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DO EXPRESSIONISMO ALEMÃO PARA A HISTÓRIA DA LOUCURA: OS EXEMPLOS DAS OBRAS CINEMATOGRÁFICAS DE FRITZ LANG E FRIEDRICH WILHELM MURNAU. *Claudio Herbert Nina-e-Silva (Instituto de Ciências Humanas, Universidade Paulista, Campus de Goiânia, Goiás)*

O presente estudo objetivou descrever as referências à "loucura" apresentadas pelo discurso típico do "Expressionismo Alemão" e verificar a possibilidade de contribuições dessa modalidade de arte cinematográfica para o enriquecimento da História da Loucura. Partindo-se do pressuposto de que o conteúdo de uma obra artística reflete o ambiente sócio-histórico-cultural no qual ela foi produzida, pretendeu-se apreender as concepções alemãs de "loucura" do início do século XX através de filmes produzidos nesse período. Para tanto,

analisou-se a ontogênese da "loucura" dos personagens principais de filmes dos cineastas Lang ("Der Müde Tod", 1921; "Dr. Mabuse, der Spieler", 1922; "Metropolis", 1926; e "M", 1931) e Murnau ("Nosferatu, eine Symphonie des Grauens", 1922; "Der Letzte Mann", 1925; e "Faust", 1926). Levou-se em consideração a condução do roteiro, a caracterização dos personagens pelos atores e aspectos técnicos dos filmes em questão (a fotografia e a montagem de cenas específicas). Consideraram-se como "loucos" personagens que satisfizessem aos seguintes requisitos: (1) designação explícita ou sugerida nos próprios roteiros originais; (2) enquadramento nos critérios da CID-10 para diagnóstico de esquizofrenia, transtornos esquizotípicos e delirantes (F20-F29) e transtornos de personalidade e de comportamentos em adultos (F60-F69). Esses critérios díspares foram adotados com o intuito justamente de contrapor as concepções de "loucura" contemporâneas às alemãs da década de vinte do século passado. Os filmes de ambos os cineastas, refletindo o "Zeitgeist" alemão da época deles, enfatizaram a responsabilidade que as relações e instituições sociais teriam no desenvolvimento da "loucura", contrapondo-se a uma visão unívoca da experiência delirante. Todavia, em Murnau, a "loucura" dos personagens foi apresentada como uma construção fundamentalmente social. Já na obra de Lang, a "loucura" tem a sua origem alhures, sendo que as questões sociais se responsabilizariam apenas pela manutenção e agravamento da alienação dos personagens. Verificou-se que, nas obras de Lang e Murnau, a iluminação das cenas tornou-se gradativamente mais tênue, acompanhando a desintegração psicológica dos personagens. Os planos, inicialmente amplos, foram, lentamente, substituídos por "close-ups", gerando um clima claustrofóbico e angustiante, coincidindo com o acirramento da opressão social sofrida pelos personagens. A montagem das cenas, sobretudo em Lang, enfatizou associações entre experiências sociais frustrantes e comportamentos agressivos/desviantes. Concluiu-se que o estudo das concepções de "loucura" reveladas pelo "Expressionismo Alemão", apesar das representações obviamente idiossincrásicas de diretores como Lang e Murnau, mostrou-se útil como visão complementar à historiografia psicológica e psiquiátrica referente ao conturbado meio sócio-cultural alemão da década de vinte do século passado. Sugere-se a realização de novas investigações sobre esse tema que possam ampliar a amostra de filmes e de diretores, possibilitando o refinamento da metodologia de análise novo-historicista empregada no presente estudo.

Palavras-chave: História da Loucura; Expressionismo Alemão; Novo-Historicismo

***

HIS 05

A IMPORTÂNCIA DO SURGIMENTO DA ETOLOGIA PARA A SUPERAÇÃO DA DICOTOMIA INSTINTO-APRENDIZAGEM NA PSICOLOGIA ANIMAL. *Cláudio Herbert Nina-e-Silva** (Laboratório de Etologia, Departamento de Psicologia, Universidade Católica de Goiás e Instituto de Ciências da Saúde, Universidade Paulista, Goiânia, Goiás)*

A história do desenvolvimento da etologia como disciplina científica independente é extremamente fascinante. Afinal, traz em seu bojo a marca de alguns dos maiores empreendimentos científicos da humanidade, como a Teoria da Evolução das Espécies de Charles Darwin e a Genética de Gregor Mendel. Além disso, em diversos momentos, a história da etologia perpassa e até mesmo se confunde com a da própria construção de outras ciências, em especial da psicologia. Desse modo, o presente trabalho objetivou descrever a relevância da contribuição do estabelecimento da etologia para o progresso da psicologia animal por meio do incentivo ao abandono da discussão teleológica acerca do instinto. No decorrer de seu desenvolvimento e consolidação, a etologia ora se mostrou como alternativa para pontos de vista conflitantes (e, aparentemente, irreconciliáveis) sobre o comportamento animal e ora esteve ela própria envolvida em ácidos debates. Embora possa se considerar a etologia como um desdobramento da zoologia, entre os seus pressupostos filosóficos há nítidas influências das concepções de Naturwissenschaft e Naturphilosophie e do Naturalismo inglês à la Royal Society de Londres. Quando a etologia surgiu, a psicologia animal era caracterizada pela disputa entre a Psicologia Hórmica e o Behaviorismo. Ambas as posições em contenda eram mutuamente excludentes e o acirramento dos radicalismos pouco contribuía para o desenvolvimento de corpo de conhecimentos mais global e consistente sobre o comportamento animal. E a etologia, recém-nascida, ao propor uma via de análise diferente dos dois modelos em debate, tornou a discussão fútil, introduzindo novos conceitos e métodos de estudo. A explicação para isso decorreria do fato de a etologia lidar com o comportamento sob a égide do pensamento evolucionista, o que impôs forte restrição à aceitação dos princípios reducionistas teleológicos instintivo e ontológicos típicos das abordagens exclusivistas defensoras apenas do instinto ou da aprendizagem somente. Isso só foi possível porque quando a etologia considerou o comportamento como evento evolutivo, ela demonstrou, tanto à Psicologia Hórmica quanto ao Behaviorismo a impossibilidade de rastreamento ad infinitum de toda a história de relações de causalidade que constituiriam o comportamento e, muito menos, da finalidade dele. Deveria-se, na visão da etologia, estudar-se o processo comportamental em si e não as sequelas ou subprodutos desse processo, como as psicologias hórmica e behaviorista vinham fazendo até então. Desse modo, os reducionismos ontológicos e teleológicos instintivistas não foram vistos pelos etólogos apenas como filosoficamente indesejáveis, mas, acima de tudo, como operacionalmente improdutivos. Dessa maneira, conclui-se que o surgimento da etologia como ciência do comportamento na década de 30 do século do passado foi algo extremamente benéfico para o progresso da compreensão do comportamento animal ao tornar supérfluo o debate, aparentemente interminável, entre os defensores do instinto (Psicologia Hórmica de McDougall) e os da aprendizagem (Behaviorismo de Watson).

Palavras-chave: História da psicologia animal; Etologia; Behaviorismo; Psicologia hórmica

***

HIS 06

A DIFERENÇA QUE NOS UNE: UM ESTUDO SOBRE AS CONDIÇÕES DE SURGIMENTO DO SABER PSICOLÓGICO EM SUA DISPERSÃO. *Arthur Arruda Ferreira Leal (Orientador)*; * Gerluce Cruz Ferraz, *Clarice Sá C. Pereira; * Karen Strougo; * Laura Pozzana de Barros; * Lara Rodrigues Freitas Silva, * Mariana Toledo Barbosa (Departamento de Psicologia Geral e Experimental/ UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro - RJ)*

O que movimenta este trabalho é a discussão acerca do modo de funcionamento do saber psicológico, que almejando ser científico, e se cercando de todos os procedimentos metodológicos para tal, funciona de modo bem diverso das ciências naturais em que se inspira, portando uma multiplicidade de escolas, sistemas, doutrinas, teorias, práticas, que se embatem na busca de uma unidade impossível, sem que nenhuma saia vencedora, ou pior, nenhuma perdedora. Questões como estas, que indagam sobre a natureza do conhecimento psicológico, assim como seu funcionamento, remetem a um exercício crítico que atravessa o espaço psicológico em todas as suas direções. Como bem lembra Michel Foucault (1957) este exercício crítico na psicologia não remete a um expurgo do erro, como nas ciências naturais, mas a uma denúncia das ilusões, sem aproximação a qualquer verdade. Logo, não se atendo a uma promessa de redenção futura, o que se objetiva aqui é a constituição de modelos que dêem conta desta pluralidade da psicologia. A constituição deste modelo é encaminhada por meio da leitura de epistemólogos e filósofos da ciência como Immanuel Kant, Augusto Comte, Georges Canguilhem e Isabelle Stengers. Destes e de outros autores, almeja-se extrair uma série de enunciados sobre a cientificidade da psicologia. De modo crítico, uma investigação de natureza histórica e epistemológica pode se medir pela coerência, fecundidade e fidelidade aos textos examinados. No primeiro caso trata-se de evitar qualquer contradição grosseira, no segundo, a fertilidade, tendo a pesquisa que se mostrar heurística e instigante na geração de novos exames, no terceiro, de qualquer violência às fontes consultadas, dentro das possibilidades de leitura que elas fornecem. O modelo descritivo do modo de funcionamento da psicologia, "máquina de múltiplas capturas", é de natureza sincrônica. Propõe ainda que as diferentes psicologias representam os diversos modos pelos quais as práticas sociais são acopladas ao poder de captura de um conceito científico e, com este poder de ser ciência, retornam às práticas sociais, produzindo subjetividades, num processo circular ao infinito. Esse diálogo porém, parte para além do domínio epistemológico, dirigindo-se a autores que não comungam com o ideal de progresso do saber científico. Aqui foi buscado, em seguida, o domínio da história geral, muito diverso do da história das ciências (de orientação epistemológica). Produziu-se neste diálogo com a história um modelo diacrônico, que busca as condições de possibilidade dos elementos da "máquina de múltiplas capturas" na modernidade. Foi buscado estabelecer e explicitar os traçados históricos e epistemológicos que compõem o modelo, batizado aqui de "máquina de múltiplas capturas", proposto para que se dê conta das implicações de caráter gnosiológico, ético e político da psicologia. Neste ponto, a "máquina de múltiplas capturas" deixa de ser uma aproximação do campo psicológico, para apontar no interior deste espaço quais as regiões que operam mais de acordo com o processo histórico que ela revela. Todas as psicologias produziriam verdades, mas apenas poucas se dão conta da evanescência deste processo.

AGÊNCIA FINANCIADORA: FAPERJ - Fundação de Amparo à pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

Palavras-chave: História da Psicologia; Epistemologia; Fundamentos da Psicologia

***

HIS 07

A SELECTA CATHOLICA: IDÉIAS PSICOLÓGICAS EM UM JORNAL RELIGIOSO DO SÉCULO XIX. *Raquel Martins de Assis** (Faculdade de Educação - Universidade Federal de Minas Gerais-MG)*

O objetivo deste trabalho é investigar as idéias psicológicas presentes na Selecta Catholica (1846), jornal religioso veiculado durante o bispado de D. Antônio Ferreira Viçoso, bispo de Mariana (1844 - 1875) durante a segunda metade do século XIX. Trata-se portanto de um trabalho em História das Idéias psicológicas.

D. Antônio Viçoso, participou ativamente de diversas experiências educacionais importantes em Minas Gerais. O seu grande projeto educativo foi a reforma dos costumes e educação do clero e das gentes mineiras a exemplo de S. Carlos Borromeu, bispo de Milão.

Para a execução desta reforma, D. Viçoso teve como instrumento as visitas pastorais, as instituições educativas e a indicação de leituras que lhe pareciam

as mais úteis para a boa formação da pessoa humana. Para que estas leituras fossem colocadas em circulação, o bispo trabalhou na tradução e publicação de diversas obras e textos impressos que foram veiculados nas regiões que faziam parte da Arquidiocese de Mariana, província de Minas Gerais.

Nesta perspectiva, a circulação destas obras e impressos visava a finalidade de educar os costumes da população local, lutando contra algumas teorias iluministas que estavam sendo propagadas em terras mineiras.

A Selecta Católica era um jornal publicado quinzenalmente, cujo principal organizador foi João Antônio dos Santos, um dos maiores colaboradores de D. Viçoso no início de seu bispado. A intenção da publicação deste jornal pela Arquidiocese de Mariana nesta época era oferecer uma leitura alternativa à "falsidade" e o "indiferentismo" das teorias enciclopedistas, ressaltando seus malefícios para a finalidade última do homem, para a sua felicidade na vida presente e para a prosperidade das sociedades humanas.

Em termos metodológicos, a História das Idéias psicológicas trata de conhecimentos e práticas de outras épocas que atualmente podem ser entendidos como psicológicos. A análise da documentação obedece a duas etapas: leitura e descrição das fontes a fim de levantar as categorias apropriadas para o estudo do objeto investigado e análise crítica, com o objetivo de realizar uma interpretação dos dados, bem como estabelecer relações com as fontes secundárias relevantes para esta pesquisa.

As idéias psicológicas encontradas nesta fonte são principalmente definições sobre natureza humana (envolvendo os conceitos de paixões, validade da razão, sentidos, etc.) e sociedade (entendida como expressão das relações que se derivam da natureza do homem). Além disso, a Selecta Católica expressa um interessante debate entre as idéias defendidas pelo grupo de intelectuais que se organizaram em torno de D. Viçoso e algumas concepções dos denominados "deístas", cujo principal representante era Jean Jacques Rousseau.

Apoio: Cnpq

Palavras-chave: Idéias psicológicas; Educação; Século XIX

HIS 08

DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO DA PSICOLOGIA EM NATAL-RN. *Denis Barros de Carvalho, Kátia Cristina de Augusto Resende*, Pablo de Sousa Sousa* (*Departamento de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal - RN)*

O presente trabalho objetivou descrever o desenvolvimento da Psicologia como discurso científico e prática profissional em Natal, Rio Grande do Norte. Um levantamento de textos acadêmicos e publicados nos principais jornais da cidade durante o período entre 1889 e 1995 foi realizado. Estudamos a Psicologia como um conjunto de saberes, técnicas e práticas criadas no contexto da modernidade e difundido pelo processo de modernização e a partir de sua relação com a instância de mediação que é a cidade. A modernização urbana de Natal ocorre em três momentos distintos: 1) a transformação da cidade Colonial em uma cidade moderna, no período de 1889-1930; 2) a consolidação da modernidade urbana, após a II Guerra Mundial (1945-1965); 3) a urbanização turística, a partir da primeira metade da década de oitenta. A Psicologia surge nesta cidade como disciplina escolar com sua implantação, parcialmente, nos currículos das principais instituições de ensino secundário da capital potiguar: o Atheneu, a Escola Normal e a Escola Doméstica, durante os cinco primeiros lustros do século XX. Em 1945, a Psicologia aparece no primeiro currículo da Escola de Serviço Social, primeira instituição de ensino superior regular de Natal. O Centro de Psicologia Aplicada, primeira instituição psicológica do Rio Grande do Norte, seria criado em 1965. Os primeiros psicólogos que trabalhavam e residiam em Natal, apareceram na cidade no início da década de setenta. O primeiro curso de Psicologia seria criado em 1972, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Em 1981, a primeira turma de estagiários do curso de Psicologia-UFRN popularizou a Psicologia Humanista de Carl Rogers numa Natal que se transformava em uma cidade de contrastes. A psicologia se revelou uma tecnologia do self, valorizando formas de comportamentos que expressam uma valorização da autonomia individual. Acreditamos que este trabalho oferece uma contribuição não somente para a História da Psicologia, como também para a História Cultural da Cidade de Natal.

(CNPq/CAPES)

Palavras-chave: História da Psicologia: História do Rio Grande do Norte; Psicologia na Educação

---

HIS 09

PSICOLOGIA VERSUS SOCIOLOGIA NAS TESES E DISSERTAÇÕES DOS CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFRGS. *Anatalia da Costa da Silveira*, Priscilla Braga*, Raquel Nunes Ebert* e William B. Gomes (*Núcleo de Epistemologia e História da Psicologia, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS)*

Desde o final do século XIX a Psicologia tem sido um importante aliado da Pedagogia no desenvolvimento de teorias, métodos e técnicas educacionais. Esta relação de complementaridade entre os dois campos percorreu grande parte do século XX. Recentemente, notou-se um crescente interesse entre os pesquisadores da educação pelos estudos sociológicos. Tal interesse, pode em princípio significar uma abertura de horizontes para a compreensão e a intervenção em questões educacionais mais amplas, mas pode também indicar um esgotamento ou questionamento das contribuições tradicionais da psicologia à pedagogia. O desenvolvimento inicial da Psicologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) esteve relacionado principalmente às Cátedras de Psicologia Geral e Educacional da Faculdade de Filosofia. Com a reestruturação universitária de 1968, os professores ligados à área de Psicologia Educacional ficaram parte do corpo docente da recém-criada Faculdade de Educação (FACED). Junto à FACED foi criado em 1972 o Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU), cujas linhas de pesquisa incluíam a de Psicologia Educacional. O Centro de Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento, associado ao então Departamento, atual Instituto de Psicologia, só veio a ser criado em 1986. Assim, a produção sistemática de pesquisa em psicologia na UFRGS esteve concentrada no PPGEDU por 16 anos, o que se verifica na apreciação dos temas de dissertações já defendidas. Por outro lado, também se observa nesses trabalhos a influência temática e teórica da sociologia. As perguntas de pesquisa são as seguintes: 1) qual a proporção de teses e dissertações classificadas como psicológicas e sociológicas no período entre 1972 a 1999? 2) Quais as tendências teóricas presentes nos trabalhos sobre psicologia no mesmo período? 3) A criação do Mestrado (1986) e do Doutorado (1994) em Psicologia estaria associada a alguma declínio no número de teses e dissertações classificadas como psicológicas nos programas da Educação? Procedeu-se, então, uma análise bibliométrica das teses e dissertações com o tema "psicologia" e "sociologia", produzido na FACED, através da classificação pelo Sistema Automatizado de Bibliotecas da UFRGS (SABi). No total foram encontradas 245 teses e dissertações defendidas na Faculdade de Educação desde o início do curso de pós-graduação. Destes, 127 produções (o equivalente a 17% do total) versavam sobre o tema "psicologia", e 33 (4% do total) sobre "sociologia". Nos períodos 1972-79 e 1980-89 a psicologia esteve presente, respectivamente, em 21% do total de teses e dissertações defendidas. Já na década de 1990, a psicologia corresponderá a apenas 13% do total das produções. Em contraste, as produções em sociologia passaram de 2% no período 1972-79, para 9% no período 1980-89, dobrando para 6% no último período. Os conteúdos psicológicos presentes foram categorizados e analisados, investigando-se, inclusive, quem eram os orientadores e quais as suas relações reconhecidas com a psicologia no Brasil. Assim, nos dois primeiros períodos predominavam temas sobre psicologia do desenvolvimento cognitivo e social. No último período, contudo, a psicanálise foi adicionada aos interesses, passando a ter destaque sobre as produções na Educação. A consolidação da pós-graduação em Psicologia da mesma Universidade está sim associado a um importante declínio no números de produtos classificados como psicologia. Por outro lado, os produtos em sociologia estão em marcha ascendente, embora que ainda não tenham alcançado as proporções dos produtos em psicologia. Por fim discutem-se as implicações da diminuição do interesse por Psicologia pelos pesquisadores da Educação e também o que pode estar associado ao crescente interesse por teorias sociológicas e psicanalíticas.

Palavras-chave: Educação; História da psicologia; Sociologia

HIS 10

A PSICOLOGIA NA UFRGS APÓS A REFORMA UNIVERSITÁRIA. *Gustavo Gauer** e William Barbosa Gomes (Núcleo de Epistemologia e História da Psicologia, Instituto de Psicologia, UFRGS, Porto Alegre, RS)*

O presente estudo tem por objetivo narrar a história da psicologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Especial atenção foi dada ao período posterior a 1971, ano em que foi criado o Departamento de Psicologia. O início do desenvolvimento da Psicologia como área de ensino, pesquisa e extensão na UFRGS remonta à década de 1940, quando os cursos da Filosofia e Pedagogia da Faculdade de Filosofia compreendiam as Cátedras de Psicologia Geral e Psicologia Educacional. Desde 1954, um Departamento de Psicologia Clínica prestava serviços de psicologia aplicada (clínica e aconselhamento, orientação vocacional, seleção de pessoal), coordenado pelo Prof. Nilo Antunes Macedo, titular de Psicologia Geral. Um projeto de curso de graduação em psicologia foi proposto pela equipe do Prof. Graciema Pacheco em 1963, logo após a regulamentação da profissão de psicólogo. No entanto, tal projeto não foi adiante. Por conseqüência da reforma universitária, o Departamento de Psicologia (DP) foi criado em 1971, junto ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH). Constituiu nos princípios da reforma, o novo Departamento deveria centralizar os recursos humanos e materiais referentes ao ensino, pesquisa e extensão em psicologia de toda a universidade. Contudo, isso ideal não se confirmou. Na prática, a extensão ficou a cargo do Centro de Orientação e Seleção Psicológica (COESP), órgão que substituiu o antigo Departamento de Psicologia Clínica. A pesquisa psicológica em nível de pós-graduação também ocorria então fora do DP, especificamente no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU) da Faculdade de Educação, criado em 1972. Até 1973, o DP esteve encarregado de uma parte das disciplinas de psicologia em diversos cursos de graduação. A partir da criação do curso de graduação, em 1973, o corpo docente do DP, inicialmente formado por alguns professores formados em outras áreas, passou a contar com psicólogos de formação. Do segundo período da década de 1970 até meados dos anos 1980, o curso de psicologia funcionou sem maiores alterações, com ênfase nas áreas de

aplicação da psicologia clínica, escolar e do trabalho. Nesse ponto iniciou um novo período departamental, com importantes mudanças nas forças internas ao Departamento e também pela renovação das forças dirigentes da Universidade. Essas mudanças e a chegada de professores com formação pós-graduada alteraram o panorama da ciência psicológica na UFRGS, culminando com as criações da Revista Psicologia: Reflexão e Crítica em 1986 e do primeiro programa de pós-graduação stricto-sensu em 1988 (PPG Psicologia do Desenvolvimento). Essas iniciativas incrementaram a procura por titulação entre o corpo docente e fomentaram a pesquisa sistemática. Em 1996 o Departamento foi promovido a Instituto, colocando-se a Psicologia no mesmo patamar dos campos mais tradicionais de conhecimento da universidade. O decurso dos eventos relativos à psicologia na UFRGS reflete as condições históricas do próprio desenvolvimento da psicologia no Brasil: das antigas cátedras aos programas de pós-graduação, passando pela departamentalização, e da ênfase na aplicação do conhecimento à ênfase na produção do conhecimento.

Este trabalho contou com o apoio financeiro da CAPES
Palavras-chave: História da psicologia; Rio Grande do Sul; Reforma universitária

****

HIS 31

HISTÓRICO DAS IDÉIAS PSICOLÓGICAS NO KARATÊ-DO DE GICHIN FUNAKOSHI A MASATOSHI NAKAYAMA. *Cristiano Roque Antunes Barreira** e Marina Massimi (Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto, USP - Dept. de Psicologia e Educação)*

Introdução: Este trabalho é parte de um projeto destinado ao estudo da recepção no Brasil das idéias psicológicas relacionadas ao caratê. Além da compreensão do pensamento psicológico de uma cultura diversa, espera-se que o projeto auxilie posteriormente estudos teóricos relacionados à entendimento de mecanismos de contenção da violência. A difusão do karatê-do pelo mundo, foi acompanhada das idéias psicológicas e morais que o contextualizavam e o idealizavam como uma arte voltada ao desenvolvimento do caráter. Tais idéias provêm, essencialmente, do mestre-fundador Gichin Funakoshi (1868-1957), objeto de pesquisa anterior cujos resultados apontaram para as influências do confucionismo, o taoísmo e o zen-budismo no que diz respeito à construção das idéias psicopedagógicas. A internacionalização do caratê através do envio de instrutores para fora do Japão deveu-se a um seu discípulo, Masatoshi Nakayama (1922-1987), instrutor dos primeiros professores a ensinarem caratê no Brasil, que assumiu a responsabilidade de dar seguimento a esse que fora um dos últimos projetos de seu mestre.

Objetivo: Este trabalho procura reconhecer as possíveis modificações de conteúdo e ênfase nas idéias psicológicas entre as obras de Funakoshi e de Nakayama, possibilitando melhor compreensão do pensamento que contextualiza o caratê no período histórico em que este passa a se internacionalizar, chegando ao Brasil.

Material e Método: A utilização de documentação traduzida ocasiona perspectivas de compreensão sobre o tema já com as marcas da ocidentalização da arte. Toma-se como fonte documental a obra escrita de Nakayama e uma entrevista por ele concedida, onde são evidenciadas as idéias de cunho psicológico e moral. Seu pensamento é examinado à luz da, já anteriormente examinada, doutrina de Funakoshi e de suas influências originais.

Resultados: Pode-se observar que o pensamento de Funakoshi é constantemente referido com extrema reverência por Nakayama que se remete a ele outorgando-lhe autoridade maior. Apesar disso há modificação na ênfase, antes dada a aspectos tais quais a valorização da humildade e desapego proposto pelo Zen. Nakayama pratica novas propostas como a esportivização e atenta mais à atitude mental necessária à aplicação das técnicas em luta. Atenta para o risco de que a prática esportiva acarrete mudanças essenciais na prática dos exercícios que fundamentam técnica centenárias, deteriorando seu efeito.

Conclusão: Há continuidade com o ideal de Funakoshi baseado no aperfeiçoamento do caráter. Depreende-se que a esportivização foi tida como necessária à popularização internacional do caratê, temendo-se o que ela pudesse causar, pois tem-se na mecânica de ensino e prática dos fundamentos a transmissão daquilo que são considerados valores próprios dessa arte, como a necessária cortesia e etiqueta, humildade, luta em nome da justiça e o desenvolvimento da personalidade. Afirma-se na doutrina Zen que a arte de escolha para o desenvolvimento espiritual -que é tido como objetivo final do caratê - deve, antes de mais nada, ser atrativa ao seu praticante. Nakayama parece propiciar maior atratividade tanto com a esportivização quanto com a publicação de livros voltados às técnicas do caratê, mesmo considerando com isso o risco de que a essência dos objetivos se perca em meio ao espetáculo.

Palavras-chave: Idéias psicológicas; Idéias morais; Caratê

****

HIS 32

O CONCEITO DE LIBERDADE NA "PSICOLOGIA FILOSÓFICA" DA COMPANHIA DE JESUS[1]. *Paulo Roberto de Andrade Pacheco** e Marina Massimi (Grupo de Pesquisa em História das Idéias Psicológicas da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto/SP)*

Esta pesquisa é parte de um projeto mais amplo, que visa reconhecer as categorias antropológicas, filosóficas e psicológicas que sustentam a experiência de liberdade descrita em cartas de jesuítas dos séculos XVI e XVII, solicitando ao Padre Geral da Companhia o envio em missão ao além-mar. As, assim chamadas, cartas Indípetae (petição das Índias) parecem conter elaborações dessa experiência estreitamente relacionada com outras categorias próprias do período histórico e do contexto institucional estudados: "vontade", "desejo", "obediência" etc. Interessados, pois, em localizar as raízes históricas do conceito de liberdade na cultura luso-brasileira, a partir do estudo das bases da "psicologia filosófica" da Companhia de Jesus, buscamos analisar um texto bastante representativo das matrizes do pensamento jesuítico: o tratado dos Cursus Conimbricenses sobre a Ética a Nicômaco, editado em 1593, com vistas ao ensino de filosofia moral no Colégio das Artes de Coimbra e nos colégios da Companhia no Brasil. Para este trabalho utilizamos metodologia própria da História Conceitual: 1) leitura cuidadosa da obra supracitada; 2) localização do uso dado à categoria filosófica "liberdade" nesta obra; 3) estudo de fontes secundárias e 4) comparação dos dados deste estudo e da análise da obra referida. Reconhecemos então que, não obstante as influências renascentistas, como a leitura cristã de autores neo-estóicos e neoplatônicos, reafirmam-se as matrizes aristotélico-tomistas do pensamento jesuítico. Quanto à estrutura, trata-se, antes, da redação de algumas "disputas" que resumem as questões mais relevantes da obra Ética a Nicômaco, de Aristóteles, onde aparece, sobretudo, o desenvolvimento teórico dessas questões. Segundo o autor, a finalidade de toda filosofia moral é conduzir o homem – ser que age livremente - à felicidade. À pergunta sobre o que é, portanto, a felicidade, responde-se ser o bem e o fim último da vida; em seguida, questiona-se o que é o bem e o fim; que tipo de bem é a felicidade; e da resposta, encaminha-se para a compreensão dos atos humanos e seus três princípios ("vontade", "intelecto" e "apetite sensitivo"), seguem-se ainda disputas sobre a bondade e a malícia dos atos, sobre as paixões e as virtudes etc. Mas nos detemos particularmente na disputa sobre os atos humanos e seus princípios, onde o conceito de liberdade é mais claramente expresso. Do que concluímos: todos os atos humanos nascem da vontade, que é livre na medida em que é precedida de deliberação do intelecto. A liberdade pressupõe, portanto, o uso reto da razão - que sempre busca o Bem e o Fim últimos da vida - e sua manifestação formal se dá através da vontade. Ao contrário, não é livre e, conseqüentemente, não é humano, aquele ato que se deixa mover apenas pelos apetites sensitivos, especialmente quando estes, de tão veementes, perturbam a razão e a impedem de deliberar retamente. Há, nesse sentido, uma certa hierarquia entre os princípios dos atos, de forma que é mais excelente obedecer à reta razão do que pretender dominar os apetites (que são movidos pela vontade com "poder político"), assim como é mais excelente "obedecer ao Rei no Paço do que mandar no lugarejo".

1 Projeto financiado pela CAPES

** Mestrando em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo.

Bolsista CAPES
Palavras-chave: Liberdade; "Psicologia-filosófica"; Jesuítas

****

HIS 33

CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS ACERCA DA IMPLANTAÇÃO DA PSICANÁLISE DE CRIANÇAS NO BRASIL. *Jorge Luís Ferreira Abrão (Departamento de Psicologia Evolutiva, Social e Escolar - Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista - SP)*

As primeiras formulações teóricas e técnicas relativas à psicanálise de crianças desenvolvidas na Europa a partir da década de vinte, por intermédio dos trabalhos pioneiros de Melanie Klein e Anna Freud, difundiram-se para diversas partes do mundo e passaram a influenciar as práticas de assistência à criança existentes nestes locais. Com o objetivo de investigarmos o processo de implantação e desenvolvimento da psicanálise de crianças no Brasil, efetuamos um estudo qualitativo mediante a execução de um minucioso levantamento bibliográfico, que identificou os primeiros trabalhos voltados ao tema publicados no Brasil, e realização de entrevistas com profissionais que tenham obtido destaque como pioneiros na difusão da psicanálise de crianças em nosso meio. Com base neste levantamento pudemos identificar quatro etapas distintas, porém complementares, que caracterizam a implantação e o desenvolvimento da psicanálise de crianças em nosso país. A primeira etapa, que teve como marco inaugural a publicação, em 1927, do livro A Psychanalyse na Educação de Deodato de Moraes, estende-se até meados dos anos trinta. Este período foi marcado pela divulgação teórica dos conhecimentos relativos à psicanálise de crianças junto ao meio educacional. Destacaram-se nessa fase: Arthur Ramos, Júlio Porto-Carrero e Gastão Pereira da Silva. Na segunda etapa, que se estende da segunda metade dos anos trinta até o início dos anos cinqüenta, iremos acompanhar o surgimento de uma prática de assistência à criança inspirada em princípios psicanalíticos que se efetivou por intermédio de Clínicas de Orientação Infantil, que tinham por finalidade atender crianças com dificuldades escolares. Neste sentido foi criada, no Rio de Janeiro, em 1934, sob a coordenação de Arthur Ramos, a Seção de Ortofrenia e Higiene Mental e, em São Paulo, em 1938, sob direção de Durval Marcondes, a Seção de Higiene Mental Escolar. Já a terceira etapa, que percorre a segunda metade dos anos cinqüenta e toda a década de sessenta, teve como marca distintiva a ampliação do atendimento oferecido à criança nas

Clínicas de Orientação Infantil, que passou a contar com a psicoterapia psicanalítica realizada por profissionais que iniciavam formação analítica. Por fim, a última etapa, que compreende as décadas de setenta e oitenta, caracteriza-se pela ampliação da prática clínica em psicanálise de crianças, pela promoção de cursos voltados à formação de psicanalistas de crianças e pelo reconhecimento da especialidade junto às Sociedades de Psicanálise existentes no Brasil.

FAPESP
Palavras-chave: Psicanálise; Criança; História

HIS 14

O DISCURSO EUGÊNICO NO RIO GRANDE DO NORTE: UM MAPEAMENTO PRELIMINAR. *Dante Ramos de Carvalho, Kátia Cristina de Augusto Resende*, Pablo de Sousa Seixas* (Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Departamento de Psicologia, Natal - RN)*

O presente trabalho objetiva realizar um mapeamento preliminar dos discursos eugênicos no Rio Grande do Norte. Nosso estudo foi feito a partir de um levantamento de textos pedagógicos, de saúde e jurídicos, que versassem sobre o assunto e que foram encontrados na Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes e da Biblioteca Central Zila Mamede da Universidade Federal do Rio Grande do Norte; arquivo do Instituto Histórico-Geográfico, do Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Norte e da Biblioteca Pública Luís da Câmara Cascudo. Essa pesquisa fez parte de um estudo mais amplo acerca do desenvolvimento histórico da Psicologia no Rio Grande do Norte durante o século XX, a partir de sua vinculação com o desenvolvimento dos sistemas educacionais, médicos, jurídicos e de assistência social do Rio Grande do Norte. O conceito de eugenia foi criado pelo circulista inglês Francis Galton no final do século passado. A compreensão que seria possível o desejável controle à reprodução humana, com o objetivo de aperfeiçoar a espécie, gerou grande notoriedade e adesão em diversos países ocidentais, incluindo o Brasil. A divulgação dos ideais eugênicos, em nosso país, foi uma tarefa predominantemente médica, apesar de alguns temas eugênicos exigirem mudanças no sistema jurídico e educacional brasileiros. No Rio Grande do Norte, os principais divulgadores dos princípios eugênicos foram o engenheiro e educador Cristovam Dantas, o médico e escritor Januário Cicco e o jurista João Medeiros Filho. Cristovam Dantas, através de suas aulas e de artigos, divulgou os ideais eugênicos com o objetivo de sensibilizar as autoridades locais para que as mesmas os implementassem. Seu principal interesse era a criação de um projeto educacional que privilegiasse o atendimento integral das crianças, o que não excluía a possibilidade do controle pelo estado do casamento e da reprodução dos cidadãos brasileiros. Januário Cicco, em vários textos defende a obrigatoriedade do exame médico pré-nupcial para a concessão do direito de casamento além do exame e tratamento médico compulsório para os cidadãos que supostamente portassem algum tipo de doença que pudesse ser transmitida hereditariamente, como também a proibição de casamento para esses doentes. João Medeiros Filho defendeu a idéia de que o casamento deveria ser anulado quando um dos cônjuges possuísse alguma enfermidade passível de ser transmitida a prole que fosse desconhecida do seu parceiro. Esses exemplos ilustram como o ideal eugênico conseguiu influenciar intelectuais de várias áreas do saber em Natal.

*Bolsista - CNPq/PIBIC
Palavras-chave: História da Psicologia; História do Rio Grande do Norte; Psicologia na Educação

---

METODOLOGIA DE PESQUISA E INSTRUMENTAÇÃO

METD 01

AVALIAÇÃO DE INCIDÊNCIAS DE EXPRESSÕES FACIAIS POR TÉCNICA DE OBSERVAÇÃO. *Mirnna Isabel de Souza**, Cibele Zamarchi Dias Vieira*, Adriana Costa da Silva*, Daniela Teixeira Araujo* (Departamento de Psicologia, Faculdades de Filosofia, Ciências, Letras, Enfermagem e Fisioterapia de Guarulhos, Guarulhos, SP)*

Objetivo: avaliar a incidência de expressões faciais pré-definidas (sorriso, surpresa e tensão), em transeuntes de lugares públicos da cidade de Guarulhos, usando a técnica de observação e relato descritivo dos eventos, seja em tipos ou quantidade. Para execução do trabalho foram usados os seguintes materiais: ficha com descrição das três expressões citadas acima, planilha de descrição elaborada para relato intervalar e de evento e cronômetro. Estratégia: os recursos humanos, orientados previamente sobre a especificação de cada expressão facial, foram distribuídos da seguinte forma: três observadores simultâneos, um operador de cronômetro e um classificador de gênero, totalizando cinco elementos para captação dos eventos. A técnica fundamentou-se na observação dirigida e aplicada à três expressões minuciosamente descritas anteriormente (1.sorriso: retração dos cantos da boca para os lados e para o alto, podendo haver exposição de dentes, 2.surpresa: sobrancelhas retraídas para o alto, estiramento das pálpebras, expansão da abertura ocular, lábios separados, sendo o inferior retraído ou solto acompanhado pelo queixo, 3. sobrancelhas enrijecidas e contraídas acentuadamente para o centro, uma contra a outra e levemente para baixo, podendo causar dobra de pele). A equipe fez a coleta dos dados em três lugares distintos de Guarulhos no período de 12 à 26 de maio/2001, são eles: shopping, praça pública e aeroporto, observando vinte minutos divididos em dez intervalos de dois minutos, determinando claramente os pontos de passagem específicos a serem considerados.

Os locais acima foram, ainda, explorados em diversos setores ou situações como por exemplo, no aeroporto a observação foi feita no embarque e desembarque, na saída dos banheiros, no shopping foi realizada na porta de entrada principal, como também, numa passagem específica para o parque de diversões, sendo que cada situação trás resultados específicos.

Num total de 731 sujeitos observados, sendo 314 no shopping, 299 no aeroporto e 118 em praça pública, verificou-se que as expressões faciais definidas como sorriso, surpresa e tensão tiveram respectivamente as porcentagens de 60,05%, 9,03% e 30,92%. De acordo com a análise observacional analisou os resultados que demonstram acentuada incidência de expressão denominada sorriso. Neste momento conclusivo, torna-se importante ressaltar que o fato de encontrarmos o comportamento denominado sorriso, isso não evoca as questões subjetivas, ligadas à contentamento ou alegria, apesar de encontrarmos estudos que relacionam as feições e expressões faciais com as emoções, o que nos levaria a um outro foco de pesquisa.

Palavras-chave: Avaliação; Observação; Expressões-Faciais

****

METD 02

NEXUS 1.0: SISTEMA COMPUTADORIZADO COM TECNOLOGIA INTERNET PARA COLETA DE DADOS PSICOMÉTRICOS E EXPERIMENTAIS VIA A WORLD WIDE WEB. *Lauro Nalini**1, J. Sirlon Diniz**2, Weber Martins1, 2 e Jorge Oliveira-Castro3. (1Laboratório de Análise Experimental do Comportamento, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, GO; 2Grupo PIRENEUS, Escola de Engenharia Elétrica, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO) e 3Laboratório de Aprendizagem Humana, Universidade de Brasília, Brasília, DF)*

O uso científico da World Wide Web (WWW) – o mais vasto sistema de comunicação hipermídia da Internet – encontra-se dentre as principais aplicações desta revolucionária tecnologia. Tal uso, contudo, tem estado relacionado quase que totalmente ao acesso e troca de informações científicas entre pesquisadores em universidades, institutos de pesquisa e empresas de ciência e tecnologia. O uso da WWW como meio e instrumento para viabilizar a implementação e a realização prática de etapas de projetos de investigação científica é, ainda, bastante limitado. O presente estudo refere-se ao resultado atual do esforço interdisciplinar de desenvolvimento de um sistema computacional para coleta de dados psicológicos (psicométricos e experimentais) via a WWW. O NEXUS 1.0 é um programa desenvolvido para a Internet com o uso da tecnologia Active Server Pages® (ASP) atuante na face servidor, o que proporciona dinamismo às páginas e acesso à base de dados onde ocorre o armazenamento de todas as informações e interações. No NEXUS 1.0, o arranjo e captação dos valores das variáveis temporais (latências, durações, atrasos, etc.) são estabelecidos com a linguagem Java Script atuante na face cliente/navegador, o que garante precisão satisfatória, confiabilidade e fidedignidade ao registro. A base de dados do NEXUS 1.0 é gerenciada pelo Access®, o que permite fácil utilização em qualquer máquina com o sistema Windows®. O funcionamento pleno do NEXUS 1.0 está condicionado ao servidor Internet Information Server da Microsoft® para o WindowsNT, ou, num caso mais simples, ao Personal Web Server® (PWS) para o Windows9x. Versões atualizadas de qualquer dos navegadores hoje disponíveis (p.e., o Netscape® ou o Internet Explorer®) permitem a interação com o NEXUS 1.0. Nesta primeira versão, o NEXUS 1.0 está subdividido em quatro módulos (M1, M2, M3 e M4). O M1 permite a identificação e o registro de dados demográficos do usuário. O M2 e o M3 são módulos para levantamento de respostas verbais a estímulos visuais (figuras, ícones, representações pictóricas, letras ou palavras escritas, etc.). No M2 o usuário pode julgar ou fazer estimativas em relação aos estímulos quanto a fatores tais como significado, familiaridade ou nomeabilidade, usando escalas tipo Likert (ajustáveis), conjugadas ou não com tarefas de comparação entre dois ou mais estímulos. No M3 é possível ao usuário emitir respostas verbais (escritas) aos estímulos, desde nomes até sentenças. Por fim, o M4 possibilita a condução de experimentos em situação de pares-associados, onde os seguintes parâmetros podem ser manipulados: i) número de itens do par, ii) número de pares a ser apresentado, iii) o valor de aleatorização da seqüência de pares, iv) presença ou ausência da possibilidade de emissão de resposta de consulta (ao termo-resposta), v) permanência ou não do termo-estímulo após a resposta de consulta, vi) ocorrência ou não de feedback como conseqüência à emissão de cada item ou de todos os itens do termo-resposta, vii) a possibilidade de interrupção da tarefa para a emissão de relatos verbais, assim como o critério de interrupção (tempo ou número de tentativas), e viii) o intervalo entre termos do par e entre apresentações dos pares. No NEXUS 1.0 são mensuradas as seguintes variáveis dependentes: i) o número total de emissões corretas e incorretas dos termos-resposta (item a item e para todo o termo), ii) o número total de respostas de consulta, iii) o número de respostas de consulta por par, iv) a duração das respostas de consulta, iv) a configuração do termo-resposta quando da emissão da resposta de consulta, v) a latência de cada resposta a cada item do termo-resposta, vi) a duração total da emissão do termo-resposta, vii) a duração das interrupções para relato, e viii) a duração total da sessão. Caracteriza ainda o NEXUS 1.0 a possibilidade de atualização contínua da biblioteca de estímulos utilizados nos módulos.

Financiamento: PICD/CAPES, VPG/UCG.

Palavras-chave: Internet; World Wide Web; Dados psicométricos e experimentais; Pares-associados

****

METD 03

INVESTIGAÇÃO DAS CORRELAÇÕES ENTRE MEDIDAS PROJETIVAS E OBJETIVAS DE PERSONALIDADE. *Analice Sehnem**, Bartholomeu Tróccoli e Tatiana Vasconcelos** (Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, Laboratório de Pesquisa em Avaliação e Medida - Universidade de Brasília-DF)*

Inventários psicológicos, questionários e testes projetivos são usados para avaliar aspectos da personalidade e para testar teorias. Muitas vezes esses testes são utilizados em conjunto com a finalidade de avaliar construtos semelhantes de personalidade e integrar um parecer completo sobre o indivíduo. No entanto, há uma escassez de pesquisas que forneçam dados empíricos sobre a relação entre testes projetivos e objetivos: se são medidas ortogonais ou interdependentes. Este trabalho visou investigar as possíveis relações entre o Inventário Fatorial de Personalidade Reduzido (IFP-R) e o teste projetivo Wartegg. O IFP-R é um instrumento de 110 itens, de natureza verbal, tendo por finalidade avaliar o indivíduo normal em treze dimensões da personalidade, baseado na teoria das necessidades básicas de Murray. O teste Wartegg avalia a personalidade quanto às suas "funções básicas", como: Emoção, Imaginação, Intelecto e Atividade. Compõe-se de oito campos com um estímulo próprio, devendo o respondente desenhar o que lhe vier à mente a partir dos estímulos apresentados. Devido à proximidade teórica de certos aspectos mensurados em ambos os testes, esperava-se observar correlações positivas e significativas entre o campo 5 e o fator Desempenho do IFP-R, entre o campo 3 e o fator Afiliação e entre o tipo de Seqüência do Wartegg e o fator Ordem. Ambos os testes foram aplicados em uma amostra de 723 sujeitos, com nível de escolaridade superior, sendo 74,6% do sexo masculino e 25,4% do sexo feminino. Os testes Wartegg foram corrigidos por dois avaliadores independentes para que fossem comparados os escores, enquanto os resultados do IFP-R foram obtidos através de um programa estatístico. Foram realizadas correlações bivariadas entre as avaliações do Wartegg feitas pelo avaliador 1, avaliador 2 a média de ambos e os fatores do IFP-R para testar a hipótese de que as medidas estariam correlacionadas. Diferentemente do esperado, as correlações entre os aspectos referidos dos testes tenderam a índices próximos de zero, indicando não haver relação entre os construtos hipotetizados. As correlações entre avaliador 1 e 2 do Wartegg não corresponderam ao esperado, sendo o maior índice de 0,78 e o menor de 0,18. Os resultados indicam que tais testes não devem ser abordados como medidas complementares, pois parecem mensurar aspectos diferentes da personalidade. Além disso, esses testes estão baseados em teorias diferentes de personalidade, o que pode justificar os resultados encontrados. Os baixos índices de correlação em alguns aspectos entre os avaliadores do Wartegg apontam para a necessidade de avaliação dos modos de correção de testes projetivos. Necessita-se de novas pesquisas de comparação entre testes projetivos e objetivos para verificar se estes são complementares, suplementares ou independentes, a fim de se chegar a um conjunto de dados fidedignos do indivíduo.

Apoio: CNPq

Palavras-chave: Wartegg; IFP-R; Correlações

****

METD 04

AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DA PROVA DE MATEMÁTICA - 8A SÉRIE - DO SAEB 1999. *Margarida Maria Mariano Rodrigues** e Jacob Arie Laros* (UnB/IP/Centro de Pesquisa em Avaliação Educacional - Brasília - DF)

Um dos principais objetivos do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB) é identificar variáveis que influenciam a qualidade da educação no Brasil através da obtenção de dados empíricos e fazer intervenções no sistema educacional visando melhorá-lo. É importante considerar que decisões sobre políticas educacionais são tomadas pelo SAEB com base nas informações estatísticas e avaliativas da educação brasileira. Essas informações advêm da estimativa do desempenho educacional dos alunos e da coleta de dados indicativos das mudanças ocorridas em função do contexto, nas séries e graus específicos, bem como, nas subpopulações definidas pelas características demográficas e pelas experiências e conhecimentos específicos.

Para ser capaz de atender este objetivo, o desenvolvimento de instrumentos de avaliação de alta qualidade os quais meçam o desempenho de estudantes brasileiros é essencial. A construção dos itens que compõem as provas é sempre baseada nas matrizes curriculares de referência para a avaliação da educação básica no Brasil. A estruturação, o estabelecimento, a hierarquização e a distribuição dos conteúdos desejáveis e necessários às demandas e exigências implícitas no sistema educacional foram desenvolvidos a partir de uma ampla consulta nacional sobre conteúdos praticados nas escolas brasileiras de ensino fundamental e médio. O objetivo deste estudo foi analisar a qualidade dos itens que compõem a prova de Matemática para a 8a série do Ensino Fundamental, um dos instrumentos de avaliação do SAEB.

As provas aplicadas pelo SAEB adotaram, desde 1995, um procedimento chamado Blocos Balanceados Incompletos. Neste delineamento o total de itens, que é de 169, se encontra disposto em 13 blocos, que se combinando de forma espiralada vão compor 26 diferentes cadernos. Os dados analisados correspondem a 17.890 estudantes que responderam à prova.

Os resultados demonstram que existem diferenças substanciais na dificuldade dos cadernos: a média da dificuldade dos itens nos cadernos variaram de 0,33 a 0,60, com um valor médio de 0,42. O nível de dificuldade dos cadernos é alto considerando-se que todos os itens são itens de múltipla escolha com 4 alternativas. Os 26 cadernos também diferem em relação à consistência interna: o alfa de Cronbach variou de 0,74 a 0,88, com um valor médio de 0,82. A consistência interna não é alta considerando que cada caderno era composto por 39 itens. A aplicação da análise gráfica dos itens (AGI) indicou que 15 dos 169 itens são de muito baixa qualidade e deveriam ser excluídos de análises futuras.

Conclui-se que: (1) os cadernos desta prova não são paralelos; (2) o nível de dificuldade é bastante alto (na literatura, autores sugerem que para provas de larga escala, como é o caso do SAEB, o nível de dificuldade deveria estar em torno de 0,60); (3) o índice de consistência interna dos cadernos é baixo, considerando-se que cada caderno é composto por 39 itens e (4) a AGI indica que 15 itens devem ser excluídos das análises futuras.

Agência financiadora: CAPES
Palavras-chave: Avaliação da qualidade de provas educacionais

***

METD 05

AVALIAÇÃO DO IMPACTO DE EVENTOS DE VIDA ESTRESSORES EM ADOLESCENTES DA REGIÃO METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE: DESENVOLVIMENTO DE UMA ESCALA. *Klayne Leite de Abreu*, Letícia Silveira Ramos*, Aletéia Freitas de Oliveira*, Andrey Ignês da Silveira*, Ingrid Stoll*, Juliane Silveira Lima** (Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS), *Renato Zamora Flores* (Departamento de Genética, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS) e *Christian Haag Kristensen*** (Núcleo de Neurociências, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS)

A adolescência é um período de transição psicossocial no qual o indivíduo está sujeito a profundas mudanças biológicas. Nesse contexto, a ocorrência de eventos de vida estressores pode representar um fator adicional de risco para a manifestação de diferentes psicopatologias no curso do desenvolvimento. A identificação dos eventos de vida estressores de alta e baixa magnitude e a mensuração do impacto que os adolescentes atribuem aos eventos experimentados constitui-se em uma proposta relevante para o desenvolvimento de instrumental psicológico. O presente trabalho objetiva contribuir na construção de uma escala de avaliação do impacto de eventos de vida estressores em adolescentes. A partir de revisão da literatura e revisão de instrumentos existentes sobre estresse construiu-se uma primeira versão do instrumento (84 itens), aplicado em 98 adolescentes. Através do procedimento de análise semântica, foram suprimidos 08 itens e retificados 80% do conteúdo de itens quanto à expressão das alternativas. Na segunda versão do instrumento, em uma escala do tipo Likert de 5 pontos, os 76 itens eram pontuados em relação ao nível de estresse potencial para cada evento. O inventário foi aplicado em 776 adolescentes de ambos os sexos, com nível de escolaridade fundamental e médio em quatro escolas particulares e da rede pública municipal da região metropolitana de Porto Alegre. Nessa versão, o instrumento apresentou elevada consistência interna (coeficiente alpha de Cronbach de 0,95) e os itens apresentaram, em linhas gerais, sensibilidade e discriminação quando analisados a partir do desvio-padrão e da correlação bi-serial. A partir dessa aplicação, foram excluídos 14 itens que não caracterizaram, em sentido estrito, eventos de vida. Dos itens restantes, 20 foram reformulados em relação à padronização da linguagem e 42 itens permaneceram sem alterações. Além disso, foram realizadas modificações nas instruções e na estrutura do instrumento, de tal forma que os adolescentes, para cada item, indicassem em uma alternativa sim/não se o evento ocorreu e, a partir disso, pontuassem em uma escala de Likert de 5 pontos o impacto atribuído a cada evento de fato experienciado. Em sua versão atual, a Escala de Eventos de Vida Estressores em Adolescentes foi aplicada em uma amostra de 304 adolescentes de ambos os sexos com idades variando entre 13 a 20 anos (16,01 ±1,61 anos), provenientes de escolas públicas (150 adolescentes) e particulares (154 adolescentes) da região metropolitana de Porto Alegre. Os dados foram tabulados e analisados estatisticamente através do programa NCSS (versão 6.0). As respostas aos 62 itens apresentaram distribuição com assimetria positiva, com mediana de 43 e desvio padrão (unbiased) de 38,71 pontos. O instrumento manteve elevada consistência interna (coeficiente alpha de Cronbach de 0,94) após o processo de reformulação. Através da análise dos componentes principais, foram identificados 5 fatores com eigenvalue superior a 2, respondendo por 44,42% da variância. Observou-se ainda que não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nos escores de impacto em relação ao tipo de escola (pública ou particular), sexo ou idade do adolescente. Apesar de análises adicionais serem necessárias, o instrumento mostra-se promissor na avaliação de eventos de vida estressores em adolescentes.

Apoio financeiro: UNISINOS
Palavras-chave: Estresse; Adolescência; Eventos de vida

***

METD 06

O MODELO DE AVALIAÇÃO NA UNIVERSIDADE PÚBLICA: UM ESTUDO FATORIAL. *Maria do Carmo Fernandes Martins* (Departamento de Psicologia Social e Educacional - Faculdade de Psicologia - Universidade Federal de Uberlândia - Uberlândia - MG)

As várias tentativas de avaliar a universidade brasileira perpassam a história da educação superior no Brasil desde a década de 50. Todavia, não foi identificado nenhum estudo brasileiro acerca da maneira como a avaliação é realizada e de como os professores universitários a percebem. Esta identificação poderia trazer mais luz à área, possibilitando conhecer-se o como seus profissionais sentem efeitos desse processo. A partir do modelo identificado por Martins em 1998, foram construídos 46 itens que relatavam características da avaliação das universidades, com o objetivo de investigar como os professores percebiam a avaliação na universidade em que atuavam. A escala de 46 itens foi aplicada a 475 professores de universidades públicas federais das regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste do Brasil que assinalavam se a característica citada em cada item caracterizava ou não a avaliação realizada em sua universidade. O índice de Kaiser-Meyer-Olkin (0,78) indicou a fatorabilidade da amostra. Verificada a independência entre os fatores, os dados foram submetidos à rotação Varimax. A análise inicial dos componentes principais detectou 6 fatores com eigenvalues ³ 1,5, responsáveis pela explicação de 50,7% da variância total. Para a seleção dos itens utilizou-se critério de carga fatorial ³ 0,40. Os índices de fidedignidade dos fatores variaram entre 0,78 e 0,91. O fator 1, "Avaliação institucional da universidade", ficou composto por doze itens, cujos conteúdos relacionam-se à avaliação global da universidade. O fator 2, "Administradores como avaliadores das funções básicas da universidade", reuniu quatro itens cujos conteúdos relacionavam-se à presença do corpo administrativo da universidade como avaliador do ensino, da pesquisa, da extensão e de suas próprias ações administrativas. O fator 3, "Avaliação das atividades e da eficiência da universidade", reuniu sete itens relacionados à avaliação do ensino de pós-graduação, da produção acadêmica, das ações de ensino dos professores, das atividades de extensão, do desempenho docente e da eficiência global da universidade. O fator 4, "Avaliação do ensino", ficou composto por quatro itens referentes à avaliação de disciplinas, cursos e atuação dos departamentos e unidades acadêmicas. O fator 5, "Docentes como avaliadores das funções básicas da universidade", reuniu quatro itens, cujos conteúdos referem-se aos professores como avaliadores do ensino, pesquisa, extensão e das ações administrativas. O fator 6, "Pares da comunidade científica como avaliadores das funções básicas da universidade", foi composto por três itens cujos conteúdos referem-se aos pares da comunidade científica como avaliadores do ensino, da pesquisa e da extensão realizados na universidade. Este estudo pôde revelar a estrutura fatorial da avaliação realizada nas universidades brasileiras das regiões amostradas. Além disso, revelou também que a avaliação era realizada em todas as universidades amostradas, mesmo sem que houvesse uma imposição dos órgãos oficiais. Apesar disso, o modelo subjacente às avaliações realizadas ainda é pobre e carece de ser ampliado, envolvendo outros aspectos importantes que poderiam revelar de modo mais fidedigno o "desempenho" das universidades brasileiras. Este estudo precisa ser ampliado para envolver todas as universidades federais brasileiras e à luz do novo modelo de avaliação imposto pelos órgãos governamentais.

Palavras-chave: Avaliação de universidades; Instrumento de medida; Escala

***

METD 07

ESTRUTURA FATORIAL DA ESCALA DO MUNDO JUSTO. *Bartholomeu T. Tróccoli, Julie Carolyne Cimerio*** (Laboratório de Pesquisa em Avaliação e Medida (LabPAM), Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, DF)*

Segundo a teoria do Mundo Justo, formulada por Lerner nos anos sessenta, os indivíduos necessitam acreditar que vivem num mundo onde as pessoas geralmente recebem o que elas merecem. Esta crença permite que o indivíduo confronte seu ambiente físico e social como se fossem estáveis e ordenados. A crença que o mundo é justo serve uma função adaptativa tão importante que as pessoas resistem a idéia de descartá-la, sentindo-se gravemente perturbadas quando encontram evidências que o mundo realmente não é justo e ordenado. Em 1981, Tróccoli encontrou evidências empíricas relativas a validade de uma das primeiras traduções e adaptações para o português da Just World Scale (JWS). Nesta sua primeira versão, a JWS foi considerada como sendo unidimensional, fornecendo um único índice do nível de crença do indivíduo. Uma análise mais detalhada, tanto da teoria quanto dos itens da escala, no entanto, sugere a possível presença de duas dimensões. Alguns itens afirmam positivamente que o mundo é justo enquanto que o restante afirma exatamente o contrário. Índices elevados de concordância no primeiro conjunto de itens, acompanhados de alta discordância frente aos itens do segundo conjunto, representaria uma alta crença no mundo justo. Esta hipótese foi testada e confirmada neste estudo em uma análise fatorial exploratória (método de extração dos eixos principais com rotação varimax) realizada com 365 estudantes universitários de ambos os sexos e das mais diversas áreas acadêmicas. Foram extraídos dois fatores ortogonais (Fator I: crença no mundo justo, alpha = 0,67 e Fator II, crença no mundo injusto, alpha = 0,51). Usando-se como ponto de corte o valor 0,30 foram eliminados quatro dos vinte itens da solução fatorial final. Embora os conjuntos de itens retidos na análise correspondam aos fatores hipotetizados, tanto os índices alfa de cada fator quanto seus percentuais de variância e covariância (Fator I, 9,4 e 60,9 e Fator II, 6,1 e 39,5, respectivamente) revelam que esta estrutura fatorial explica pouco da variância dos itens, enquanto que a importância de cada fator no conjunto da escala é reduzida. Estes resultados não são surpreendentes porque a JWS não foi originalmente elaborada tendo em vista uma estrutura multidimensional. O que os resultados sugerem é que, tanto a JWS quanto seus fundamentos teóricos, necessitam ser repensados em função da qualidade dos seus itens isoladamente e da possível existência de duas dimensões independentes e antagônicas. Um indicativo disto foi encontrado nas associações positivas (baixas, embora significativas) entre a crença no mundo como algo injusto (Fator II) e índices de depreciação do pensamento experiencial (r=0,21) e do pensamento racional (r=0,19). Já a crença no mundo como um lugar justo (Fator I), apresentou uma correlação positiva e significativa apenas com a depreciação do pensamento racional (r=0,19).

Apoio CNPq.

Palavras-chave: Mundo justo, Estrutura fatorial; Validade de construto

METD 08

PSICOLOGIA ESCOLAR NO ENSINO SUPERIOR: ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA. *Isabel Cristina Dib Bariani, Carolina de Aragão Escher*, Edinaris Boér*, Raquel de Camargo Barros* (Instituto de Psicologia e Fonoaudiologia, PUC-Campinas, SP)*

Neste estudo é considerada a importância de investigações que se propõem à avaliação de outras pesquisas, uma vez que esses trabalhos podem subsidiar processos de tomada de decisão na produção do conhecimento e na definição de políticas de pesquisa e de pós-graduação, além de favorecer a melhoria da formação e atuação do psicólogo. O interesse desta pesquisa bibliográfica centrou-se na análise de estudos nacionais sobre a educação superior, que tenham abordado as temáticas: corpo docente, corpo discente e processo ensino-aprendizagem. A análise objetivou a identificação e descrição: dos objetivos propostos, dos métodos científicos adotados, dos informantes, dos instrumentos, dos procedimentos de coleta e análise de dados. Primeiramente, foi realizada uma busca bibliográfica, cobrindo os últimos cinco anos, em bibliotecas de duas universidades da cidade de Campinas, SP, sendo identificadas 34 pesquisas, 11 artigos de periódicos e 23 Dissertações de Mestrado e Teses de Doutorado dos Cursos de Pós-Graduação das universidades investigadas. Cada documento foi lido na íntegra por duas pesquisadoras (por uma das estudantes e pela professora responsável pelo estudo), que realizaram a análise dos mesmos, independentemente, preenchendo uma ficha de análise; posteriormente, todas as análises foram discutidas, garantindo-se acordo entre os juízes. O tratamento dos dados se deu de forma qualitativa (análise categorial) e quantitativa (estatística exploratória). Considerando os objetivos da totalidade dos trabalhos, identificou-se que a maior incidência recaiu nas categorias corpo discente e processo ensino-aprendizagem (ambas com 38,2%), enquanto a categoria corpo docente foi privilegiada em 23,6% dos estudos. Quanto aos métodos científicos adotados, verificou-se que apenas uma pesquisa usou o método experimental, sendo que dentre as que utilizaram propostas metodológicas não experimentais, a grande maioria optou por métodos descritivos. Para a coleta de dados, a maior parte dos autores utilizou como fonte de informações estudantes iniciantes e concluintes e de diferentes séries; também, notou-se que a maioria foi desenvolvida em apenas um curso. Os instrumentos mais utilizados são os impressos (76,5%), os quais foram, em geral, aplicados coletivamente. Para o tratamento dos dados foram empregados tanto procedimentos quantitativos como qualitativos, seja de forma exclusiva ou complementar. Enfatiza-se que apesar de terem se intensificado os esforços no sentido de tomar a educação superior como objeto de estudos científicos, ainda, há escassez de pesquisas nacionais na área e, assim, há a necessidade de um maior investimento para a ampliação e aprofundamento do conhecimento sobre este nível de ensino. Além disso, evidencia-se a urgência de mais iniciativas de sistematização e organização do saber produzido que ofereçam subsídios para o planejamento de investigações científicas e proporcionem uma melhor base para os programas educativos e as políticas decisórias.

Palavras-chave: Psicologia escolar, Ensino superior, Produção científica

METD 09

CONFUSÃO CONCEITUAL ENTRE MEDIDAS DE AUTO-EFICÁCIA E LOCUS DE CONTROLE EM UMA AMOSTRA DE TREINANDOS DE UMA EMPRESA DO SETOR DE TELECOMUNICAÇÕES. *Gardênia Abbad, Pedro Paulo Murce Meneses**, Amanda Moura Walter* (Bolsista do CNPq-PIBIC) e Ana Carolina Meneses Leite* (Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal)*

Pesquisas em Treinamento e Desenvolvimento vêm demonstrando uma certa preocupação quanto ao estudo de variáveis individuais que permitam uma maior compreensão de efeitos de eventos instrucionais. Nessa perspectiva, o objetivo da pesquisa em questão é descrever os resultados de dois processos de validação referentes à escalas de auto-eficácia e de locus de controle. Auto-eficácia é definida como as análises feitas pelos indivíduos acerca de suas capacidades para obter sucesso em suas realizações, e, locus de controle, pelas crenças sobre as quais os indivíduos estabelecem a fonte de controle do próprio comportamento e de outros eventos. A amostra estudada, 504 casos obtidos em uma empresa de médio porte atuante no setor privado de telecomunicações, era constituída, em sua maioria, por treinandos de 21 a 30 anos (73,6%), com nível superior incompleto (47,3%), do sexo feminino (62%), solteiros (57,5%), sem filhos (68%) e católicos (47,2%). As respostas válidas às variáveis mencionadas foram então submetidas a análises dos principais componentes (PC), extração dos fatores principais (PAF com rotação oblíqua e tratamento pairwise para casos omissos), além de análises de confiabilidade (Alpha de Cronbach). O valor dos eigenvalues, a porcentagem de variância explicada e o teste do scree plot sugeriram uma estrutura com três fatores. Como sugerido pelas comunalidades, índices obtidos com a extração dos fatores principais, a maioria dos itens definia bem os três fatores obtidos, entretanto, 5 itens de auto-eficácia pareciam não compartilhar variância suficiente com os demais itens para serem incluídos nos fatores constituídos. Os fatores explicaram conjuntamente 32,21% da variabilidade das respostas. As escalas, as variâncias explicadas por cada uma delas e os índices de confiabilidade foram os seguintes: locus de controle/sorte (12 itens, 17,86% e α = 0,92), locus de controle/interno e auto-eficácia (22 itens, 8,17% e α = 0,78) e locus de controle/outros (12 itens, 6,19% e α = 0,90). Devido à estrutura unifatorial sugerida para as medidas de locus de controle/interno e auto-eficácia, novas análises foram realizadas, a partir das respostas dos treinandos somente àquelas duas escalas, no intuito de se compreender melhor os resultados obtidos. Os resultados confirmaram a presença de apenas um fator, com 10 dos 12 itens de locus de controle e 13 dos 15 itens de auto-eficácia com cargas fatoriais superiores a 0,30. O Alpha de Cronbach encontrado foi de 0,83. Os índices descritos evidenciam a adequação das escalas de Locus de controle e Auto-eficácia, porém mostram que Locus de Controle interno e Auto-eficácia são medidas correlatas, provavelmente pertencentes a um construto mais abrangente como Auto-conceito. Isso indica uma necessidade primordial de submeter os construtos de auto-eficácia e de locus de controle interno a análises conceituais, a fim de que ambos possam ser definidos precisamente e as redundâncias reduzidas.

Apoio Financeiro: PRONEX e CNPq

Palavras-chave: Auto-eficácia; Suporte à transferência; Impacto do treinamento

METD 10

AUTO-EFICÁCIA ESPECÍFICA: VALIDAÇÃO DE UM QUESTIONÁRIO EM UMA EMPRESA DE TELECOMUNICAÇÕES. *Gardênia Abbad, Pedro Paulo Murce Meneses**, Amanda Moura Walter* (Bolsista do CNPq-PIBIC), Ana Carolina Meneses Leite*, Ana Beatriz Rodrigues Rosa* e Juliana Rodrigues Reis* (Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal)*

Atualmente, percebe-se uma concentração na literatura especializada em Treinamento e Desenvolvimento em torno de variáveis individuais que permitam uma melhor explicação dos efeitos de treinamentos. Auto-eficácia, apesar de ser considerada uma importante variável explicativa de transferência de treinamento, ainda vem sendo pouco estudada. Neste trabalho define-se auto-eficácia como o quanto os indivíduos se sentem capazes de obter sucesso em atividades profissionais. O objetivo do presente estudo é relatar os resultados de um processo de validação de um questionário de auto-eficácia específica, composto por 12 itens respondidos de acordo com uma escala de 5

pontos, onde pouquíssimo correspondia ao valor 1 e muitíssimo ao valor 5. Vale ressaltar que os itens do instrumento referido foram elaborados a partir de uma escala de auto-eficácia geral com índices satisfatórios de validade e confiabilidade. Seus itens, descritivos de forma a se relacionarem com situações profissionais, foram aplicados em uma amostra de participantes de 26 treinamentos oferecidos por uma empresa privada de telecomunicações. A amostra obtida, 504 casos, apresentou as seguintes características: 60,4% tinham idades entre 21 e 40 anos; 40% tinham nível superior incompleto; 63,7% eram do sexo feminino; 54,6% eram solteiros; 56,1% não tinham filhos e 60,9% eram praticantes de religião/culto. As respostas válidas aos itens do questionário foram submetidas à análise dos componentes principais para estimar o número de fatores e avaliar a fatorabilidade da matriz. Não foram identificados outliers multivariados para um $\alpha = .001$ como critério de exclusão. O valor dos eigenvalues, a porcentagem de variância explicada pelo primeiro fator e o teste do scree plot sugeriram uma estrutura unifatorial. Quanto aos resultados da extração dos fatores principais, como indicado pelo SMC de 0,735, o fator sugerido estava razoavelmente bem definido pelas variáveis que o compunham. Entretanto, as comunalidades de cada variável tenderam a ser pequenas. A porcentagem de variância explicada pelo fator sugerido foi de 18,08. A escala final contém dez itens, dos doze elaborados, com cargas fatoriais superiores a 0,30 e um Alpha de Cronbach de 0,67. A maior carga fatorial obtida foi de 0,55 e a menor, de 0,32. Os resultados descritos indicam uma necessidade de revisão do instrumento. A hipótese mais plausível para o ocorrido se centra na dificuldade no processo de elaboração dos itens, uma vez que foram encontrados poucos relatos de pesquisa sobre medidas de auto-eficácia e não foram coletados, junto a amostras de trabalhadores, um número maior de indicadores de sucesso profissional que pudessem garantir maior validade de conteúdo à escala. Pesquisas posteriores deverão realizar análises dos construtos subjacentes a medidas correlatas de avaliação auto-referente como autoconceito profissional, por exemplo, com a finalidade de aumentar a precisão e a confiabilidade da escala.

Apoio Financeiro PRONEX e CNPq
Palavras-chave: Auto-eficácia; Avaliação de treinamento; Transferência de treinamento

---

MET0 11

MAPA - PROGRAMA COMPUTACIONAL PARA IMPLEMENTAÇÃO DE PROCEDIMENTO PSICOFÍSICO PARA PERCEPÇÃO DE FALA EM BEBÊS NUM PARADIGMA DE HABITUAÇÃO. *Marisa Moreira dos Santos*, Rosana Maria Tristão e Maria Angela Guimarães Feitosa (Universidade de Brasília, Brasília, DF)*

O estudo da percepção de fala em bebês traz uma série de dificuldades associadas à exigência de especificação de estímulo, no repertório comportamental do bebê e à caracterização de um procedimento psicofísico confiável e gerenciável. Apresentamos nesta comunicação um programa computacional desenvolvido em nosso laboratório com recursos da linguagem Delphi, que implementa um procedimento psicofísico utilizado por Eimas para o estudo da percepção da fala em bebês. Em linhas gerais, o procedimento tem uma primeira fase em que o sujeito é exposto a um conjunto de estímulos auditivos, com algumas características programáveis. A duração do olhar é registrada e a análise online da trajetória de sua duração, tentativa a tentativa, permite identificar eventual habituação ao estímulo auditivo. Atingido o critério de habituação escolhido pelo experimentador o programa aciona a segunda fase do experimento, de teste, em que são apresentados estímulos familiares e novos, por um número de tentativas critério. A sessão experimental pode ser encerrada por um conjunto de regras especificadas pelo experimentador ou por acionamento manual. Os dados são automaticamente arquivados e alimentam um relatório padrão que inclui elementos de identificação do experimento, descrição das condições experimentais programadas e análise de dados, tentativa a tentativa, além de algumas estatísticas básicas da sessão como um todo. O programa inicial condições para especificação de arquivos wav a serem usados, definição de um conjunto de parâmetros de estímulo como número de blocos de estímulos, número de estímulos por bloco, intervalo entre estímulos, intervalo entre blocos de estímulos, definição de critério para habituação e para teste. O programa captura registro de respostas através do mouse e implementa regras para o andamento da uma sessão experimental. A configuração mínima para sua instalação inicial plataforma Windows 95 ou 98, espaço de disco de 1Mbyte, resolução de vídeo de 800x600, placa de som em funcionamento e pelo menos 16 Mbytes de RAM. O uso do programa libera o pesquisador para se concentrar no registro da resposta do bebê de atenção ao som durante a realização do experimento.

Apoio: CNPq
Palavras-chave: Software para psicofísica; Percepção de fala; Psicofísica do bebê

MET0 12

DESENVOLVIMENTO E VALIDAÇÃO DO TDP - TESTE DAS DINÂMICAS PROFISSIONAIS. *Angela Maria Fontes de Andrade (Fundação Osório, Rio de Janeiro - RJ), Gustavo Lisboa Braga (Colégio Militar do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro - RJ), Luiza Helena Morgado de Horta (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro - RJ) e Thaís Bretas Araújo Angelo (Fundação Osório, Rio de Janeiro - RJ)*

A Orientação vocacional/profissional vem se constituindo num dos campos de maior crescimento. Essa maior valorização de um processo de auxílio ao jovem na escolha de uma profissão parece justificada, num momento em que a sociedade passa por uma série de transformações, principalmente de caráter econômico, mas tendendo por impor modificações em diferentes setores. Entre tais setores está a profissão. Novas profissões surgem, profissões desaparecem quase que por inteiro e outras têm seu status aumentado ou diminuído. A ocupação profissional tem sido, conseqüentemente, entendida como um dos grandes eventos na vida de um indivíduo. É considerando-se que muitas vezes a escolha feita, adequada ou não, será mantida por toda a vida profissional, é natural que sejam envidados esforços no sentido de realizar uma escolha da forma mais consciente e acertada. Além disso, uma escolha adequada é entendida como benefício tanto individual quanto social. Diante desse quadro, uma série de modificações se impõem também a programas de orientação vocacional, sejendo com que seja uma característica da área a busca por novas abordagens e novas áreas e formas de atuação. Nesse sentido, o presente estudo relete-se ao processo em andamento de elaboração do Teste das Dinâmicas Profissionais (TDP), como um instrumento direcionado à detecção e mensuração de preferências profissionais em doze áreas, cada qual abrangendo atividades e trabalhos específicos: Ar Livre, Mecânica, Cálculo, Científica, Persuasivo, Artística, Literária, Musical, Serviço Social, Administrativa, Religiosa e Militar. O teste é composto por duas diferentes partes: a primeira constituída por 144 perguntas, sendo 12 por cada área, nas quais o aluno avalia num grau de 1 a 5 sua vontade de desempenhar a atividade, independente dos seus conhecimentos ou habilidades atuais. Na segunda parte, o indivíduo ordena as áreas que são mais do seu agrado, de acordo com a descrição apresentada de cada área. Os itens do teste, tanto na primeira quanto na segunda etapa foram avaliados por profissionais em Psicologia e considerados adequados. Numa aplicação inicial, participaram 416 alunos de ambos os sexos do ensino médio, sendo 268 da Fundação Osório, Rio de Janeiro, RJ, e 148 do Colégio Master, Aracaju, SE. O cálculo da consistência interna dos 144 itens, através do alfa de Cronbach variou de a 0,72 a 0,96 nas 12 áreas profissionais consideradas. Assim, no mesmo ao que se refere à primeira parte do instrumento, pode-se afirmar que o TDP tem se mostrado adequado na identificação de preferências profissionais em alunos do ensino médio. Os estudos no sentido de análise da segunda parte do instrumento estão sendo desenvolvidos, buscando-se indicativos de validade interna e externa, bem como de fidedignidade em cada item e no instrumento como um todo.

Palavras-chave: Preferências profissionais; Orientação Vocacional; Instrumento

---

MET0 13

A MONOGRAFIA NO CURSO LATO SENSU EM PSICOPEDAGOGIA. ANÁLISE DE SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO, E DAS CONDIÇÕES FACILITADORAS E DIFICULTADORAS PARA A SUA REALIZAÇÃO, SEGUNDO A OPINIÃO DOS ALUNOS. *Roberta Gurgel Azzi**(Departamento de Psicologia Educacional da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) - PES - Grupo de Pesquisa Psicologia do Ensino Superior, Cláris Aparecida Pereira de Oliveira**(Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) - PES - Grupo de Pesquisa Psicologia do Ensino Superior / Universidade São Francisco)*

A Psicopedagogia enquanto campo interdisciplinar vem sido visto como um dos seus espaços de consolidação os cursos PGLS. Basicamente este aluno busca, especialização/atualização/aperfeiçoamento e ampliar conhecimentos em sua área de atuação profissional. Alunos pós-graduandos em psicopedagogia devem desenvolver monografias como parte das atividades exigidas para conclusão do referido curso. A monografia por se constituir como uma atividade de articulação do conhecimento deve ultrapassar o nível da compilação de textos, dos resumos ou opiniões pessoais, assim tal procedimento pertence o desenvolvimento de um espaço de construção do conhecimento na formação profissional. Nesse sentido, é importante conhecer as condições para que se efetive este percurso de construção, bem como a percepção que os alunos possuem sobre a contribuição da monografia para sua formação. Objetivos: conhecer a opinião dos alunos a respeito das condições facilitadoras e dificultadoras da elaboração de monografia, e quais são as contribuições que a realização desta ao final do curso trará a sua formação. Participantes e procedimentos: questionário com questões abertas e fechadas, aplicados pelos pesquisadores e respondido por 62 alunos de três turmas de PGLS de duas instituições do estado de São Paulo. Os resultados aqui apresentados referem-se à parte das questões respondidas no questionário aplicado. Resultados: Os resultados mostram que as condições facilitadoras percebidas pelos alunos agrupam-se principalmente em três categorias: Orientação (47,1%), Material Bibliográfico (29,8%) e Estrutura do Curso (21,1%). As respostas fornecidas sobre quais são as condições dificultadoras para realização da monografia distribuíram-se principalmente nas seguintes categorias: Tempo Institucional e pessoal (33,3%), Material Bibliográfico (28,1%) e Orientação (16,6%). A análise dos resultados mostra que a Orientação é considerada facilitadora por sua existência e dificultadora por sua inexistência

ou por gerar algumas adversidades no processo de realização do trabalho. O Material Bibliográfico também é um aspecto presente tanto como facilitador quanto dificultador, principalmente pela facilidade ou dificuldade de sua localização. Ressalta-se que a questão temporal aparece como o aspecto dificultador mais mencionado. As respostas fornecidas a respeito da contribuição percebida pela realização da monografia dividem-se em três categorias: Conhecimento (68,7%), Pesquisa (21,4%) e benefícios Pessoais/Profissionais (17,9%). Discussão: Os resultados encontrados permitem dizer nos cursos estudados identifica-se uma predisposição positiva dos alunos a respeito da contribuição da monografia. Por outro lado, as condições dificultadoras apontadas mostram a necessidade de ajustes nas condições institucionais disponibilizadas para os alunos de forma a que a realização da monografia configure-se como uma atividade de articulação e reconstrução do conhecimento, possibilitando assim, que se estabeleça parâmetros para um processo de desenvolvimento profissional cotidiano.

Palavras-chave: Psicopedagogia; Pós-Graduação Lato Sensu; Monografia

PSICOLOGIA ORGANIZACIONAL E DO TRABALHO

ORG 01

ESTUDO DA INFLUÊNCIA DO ESTILO DE LIDERANÇA NO NÍVEL DE ESTRESSE EM FUNCIONÁRIOS DE UMA ORGANIZAÇÃO PÚBLICA VINCULADA AO PODER JUDICIÁRIO. *Marília Sobral Benjamin*, Caroline Zuppa Kalmeri Seidler*, Cristina Xavier*, Daty Mamede Dantas Silva*, Luiza Pappin Zandonadi*, Cláudio Vaz Torres (Laboratório de Psicologia Social e Organizacional, Universidade de Brasília - Brasília, DF)*

Entende-se por estresse ocupacional a condição em que há um desequilíbrio real ou percebido entre as demandas do ambiente de trabalho e os recursos adaptativos dos indivíduos. O objetivo do trabalho foi investigar o nível de estresse entre um grupo que prefere um estilo de liderança participativo versus outro que prefere um estilo autocrático dentro de uma organização pública vinculada ao Poder Judiciário. No estilo autocrático, o poder é centrado no mais alto chefe da organização, que define, maximiza e busca influenciar os subordinados em relação às metas que devem ser perseguidas. Já no estilo participativo, a decisão é compartilhada por diversos indivíduos dentro de uma mesma organização. Baseando-se na literatura da área, a hipótese levantada foi a de que o grupo que prefere maior participação dentro de organização autocrática apresentará maior estresse do que aquele que prefere menor participação. Os dados foram coletados com dois instrumentos distintos: o questionário de liderança baseado no Modelo de Recurso Potencial e uma Escala de Estresse, que apresenta um coeficiente de precisão (Alfa) de 0,84. Também foram coletados dados demográficos, tais como gênero, idade, grau de instrução, estado civil e profissão. A amostra foi composta por 85 integrantes de uma organização notadamente autocrática do Distrito Federal. Participaram da amostra 45 sujeitos do sexo masculino e 40 do sexo feminino. A média de idade foi de 31,49 (DP=7,2). Os sujeitos foram abordados individualmente em seu local de trabalho e receberam informações sobre a pesquisa e instruções verbais para o preenchimento do questionário. Os dados analisados indicaram que 96,47% dos sujeitos preferem maior participação na tomada de decisões dentro da organização, enquanto que 3,53% preferem menor participação. Quanto ao nível de estresse, os dados mostraram que a média deste foi de 2,06 (DP=0,48), ou seja, um baixo índice de estresse. A partir da comparação feita entre as variáveis observou-se que não houve correlação significativa entre preferência de participação e nível de estresse: nem a preferência por estilo de participação prediz o nível de estresse, nem o estresse prediz a preferência do estilo de participação. A hipótese de que a preferência por maior participação levaria a um maior nível de estresse em funcionários de uma organização considerada autocrática foi refutada. Discute-se que explicações para tal fato decorrem das mudanças na política administrativa da organização, da distribuição da autoridade e dos funcionários obedecerem a regras e prazos governamentais, em sua maioria pré-determinadas em atos normativos e legais. Outro aspecto incluído na interpretação dos dados foi o fato de a amostra observada apresentar, de forma homogênea, um nível baixo de estresse independente da preferência pelo tipo de participação.

Palavras-chave: Nível de estresse; Percepção de liderança participativa; Percepção de liderança autocrática.

*****

ORG 02

VALORES ORGANIZACIONAIS E COMPROMETIMENTO ORGANIZACIONAL. *Luiza Pappin Zandonadi*, Amalia Raquel Pérez-Nebra*, Álvaro Tamayo (Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, Universidade de Brasília, DF)*

A psicologia organizacional tem manifestado, nas últimas décadas, interesse significativo e constante no estudo do comprometimento das pessoas com o seu trabalho. O vínculo do indivíduo com o seu trabalho é complexo e multidimensional. Ele compreende, não somente a relação com o trabalho em si, mas também com o emprego, com a equipe de trabalho, com a carreira ou ocupação, com o sindicato e com a organização na qual trabalha. O objetivo desta pesquisa foi estudar o comprometimento com a organização e a influência dos valores organizacionais sobre o mesmo. Por valores organizacionais entende-se aqui os valores percebidos pelos empregados como sendo efetivamente característicos da organização. Trata-se, portanto, de princípios ou crenças compartilhados pelos empregados, que orientam o funcionamento e a vida da organização. Eles expressam opções feitas pela empresa através da sua história, preferências por comportamentos, padrões de qualidade, estruturas organizacionais, estratégias de gerenciamento, etc. O referencial teórico para o estudo dos valores organizacionais foi o proposto por Tamayo que define a estrutura dos valores organizacionais a partir de três dimensões bipolares: autonomia versus conservadorismo, hierarquia versus igualitarismo e domínio versus harmonia. Nesta pesquisa foi estudada a força preditiva destes pólos axiológicos sobre o comprometimento organizacional comportamental extra-papel. Foram sujeitos desta pesquisa 205 funcionários de um órgão público brasileiro. 43,4 % da amostra foi composta por representantes do sexo masculino, enquanto 56,6 % eram do sexo feminino. A média de idade dos sujeitos foi de 36,56 (DP 10,24) anos. Foram utilizados dois instrumentos: o Inventário de Valores Organizacionais e a Escala de Comprometimento Organizacional Comportamental desenvolvida por Pearce e Gregersen (1991), traduzida e validada por Borges-Andrade, Pilati & Vilela. A regressão múltipla stepwise revelou que os tipos de valores organizacionais Harmonia e Hierarquia são preditores do comprometimento (R^2 = 0,11). Os dois pólos axiológicos relacionaram-se positivamente com o comprometimento. Das variáveis demográficas, somente a idade entrou na equação. Esta variável explica 8% e relaciona-se positivamente com o comprometimento (β = 0,28). O efeito positivo da estrutura hierárquica da empresa sobre o comprometimento, pode-se explicar pela familiaridade cultural e vivencial que os empregados têm com modelos hierárquicos e pelo fato que estes modelos definem, geralmente, de forma precisa os níveis hierárquicos, os papéis organizacionais e as formalidades do relacionamento. A relação do fator harmonia com o comprometimento pode ser conseqüência da importância crescente que as pessoas estão dando aos valores ecológicos. Conclui-se que aspectos da cultura organizacional influenciam o desenvolvimento de comprometimento dos empregados com a empresa.

* Apoio financeiro: PIBIC / CNPq

Palavras-chave: Valores organizacionais, Comprometimento organizacional

*****

ORG 03

CONSTRUÇÃO E VALIDAÇÃO DOS INSTRUMENTOS DE MOTIVAÇÃO PARA APRENDER, SUPORTE PRÉ-TREINAMENTO E MOTIVAÇÃO PARA TRANSFERIR. *Érika Rodrigues Magalhães Lacerda**, Gardênia Abbad, Juliana Ribeiro Trindade*, Kamyla Freire do Nascimento*, Ludmilla de Souza Diniz*, Viviane Reis Balbino*, Thaís do Couto Pinto**

O presente trabalho tem como objetivo apresentar a construção e validação das escalas de Motivação para Aprender, Suporte Pré-Treinamento e Motivação para Transferir, desenvolvidas para investigar a relação destas variáveis com alguns níveis de avaliação de treinamentos. As variáveis em questão são consideradas características da clientela, sendo que Motivação para aprender investiga o interesse do treinando em aprender o conteúdo do programa de treinamento. Motivação para Transferir refere-se ao grau de interesse do treinando em aplicar no trabalho esses conteúdos aprendidos e Suporte Pré-Treinamento investiga as percepções do treinando quanto ao apoio da chefia para a sua participação no treinamento. Noe (1986) e Warr (1995) sugeriram que a motivação é um dos fatores que podem influenciar a efetividade do treinamento, sendo um importante determinante de seus resultados. Os instrumentos descritos neste trabalho foram elaborados com base na revisão da literatura específica, adaptando-se itens da escala de Motivação para Aprender e Motivação para Transferir de Warr (1999) e os itens de Apoio Gerencial ao Treinamento de Abbad (1999) para um contexto pré-treinamento, ao que foi denominado Suporte Pré-Treinamento. Os questionários foram submetidos à validação semântica com 10 participantes, com escolaridade igual ou superior ao terceiro grau incompleto, quatro de uma instituição pública e seis da Universidade de Brasília. Os instrumentos foram aperfeiçoados como resultado da validação semântica, ficando os instrumentos de Motivação para Aprender, Suporte Pré-Treinamento e Motivação para Transferir com, respectivamente, 6, 6 e 5 itens, todos associados a uma escala Tipo Likert de 5 pontos. Os três instrumentos foram aplicados coletivamente em participantes de 9 cursos do Instituto Serzedello Corrêa - Tribunal de Contas da União, no Distrito Federal, sendo que Motivação para Aprender e Suporte Pré-Treinamento foram aplicados antes de ser iniciado o treinamento e Motivação para Transferir no último dia do curso. Responderam aos instrumentos pré-treinamento 175 participantes e aos pós-treinamento, 156. As respostas válidas foram submetidas à análise de componentes principais (PC) e análise fatorial (PAF), com tratamento pairwise para casos omissos. Utilizando o critério de eigenvalues iguais ou superiores a 1, os resultados dessas análises indicaram um fator para Motivação para Aprender (com 46,2% da variância total explicada, KMO=0,75 e cargas fatoriais entre .50 e .67), um fator para Suporte Pré-Treinamento (com 57,1% da variância total explicada, KMO=0,63 e cargas fatoriais entre .51 e .77) e um fator para Motivação para Transferir (com 70,76% da variância total explicada, KMO=0,86 e cargas fatoriais entre .74 e .88). Foram consideradas as cargas fatoriais iguais ou superiores a 0,30, ficando as escalas com o número de itens semelhante ao original resultado da validação semântica. Os índices de consistência interna, calculados por meio do Alpha de Cronbach, foram de 0,75 para o fator de Motivação para Aprender, 0,85 para o de Suporte Pré-Treinamento e 0,89 para Motivação para Transferir. As escalas apresentam boas características psicométricas e futuramente deverão ser relacionadas a outras características da clientela, bem como a reação, suporte à transferência e impacto do treinamento no trabalho.

Apoio: CNPq

Palavras-chave: Características da clientela; Motivação; Avaliação do treinamento

*****

ORG 04

A PESQUISA SOBRE ASSÉDIO SEXUAL NO AMBIENTE ACADÊMICO: ALGUNS DADOS SOBRE O NÃO-DITO. *Fátima Ribeiro** (Departamento de Psicologia / Universidade Federal de Pernambuco / Recife / PE), Juliana Monteiro Souto Gomes* (Departamento de Psicologia / Universidade Federal de Pernambuco / Recife / PE), Patrícia Fischer Cândido Carneiro* (Departamento de Psicologia / Universidade Federal de Pernambuco / Recife / PE), Eros de Souza (Psychology Department / Illinois State University / Normal/ IL) e John Pryor (Psychology Department / Illinois State University / Normal/ IL)*

O assédio sexual pode ser conceituado como uma descriminação baseada no sexo, que envolve comportamentos sexuais inoportunos por parte do assediador e insatisfação e incômodo nas vítimas. A literatura científica na área aponta três formas de assédio sexual: a atenção sexual indesejada, a coerção sexual e o sexismo, que variam quanto à freqüência de ocorrência e quanto aos efeitos para as vítimas. O volume de estudos científicos sobre o assédio sexual no Brasil ainda é pequeno e o tema pode ser considerado pouco comum quando se trata das discussões sobre condições de ensino ou trabalho. No entanto, a literatura internacional é prolífica em exemplos sobre a vivência e as conseqüências negativas de tais comportamentos. Objetivando avaliar a ocorrência de assédio sexual no ambiente acadêmico, as estratégias utilizadas pelas vítimas para seu enfrentamento e seus efeitos sobre as vítimas, 232 alunos de uma universidade pública brasileira, de ambos os sexos, com idade média de 22,3 anos e predominantemente solteiros (97%), católicos (63,6%) e brancos (58,5%) foram entrevistados com o auxílio de um instrumento amplamente utilizado em pesquisas sobre o tema, traduzido (back translation procedure) e adaptado para realidade brasileira. Os resultados encontrados demonstraram um elevado índice de ocorrência de assédio sexual dentro da universidade, um maior número de vítimas do sexo feminino, a predominância de estratégias pessoais (não-institucionais) para lidar com o fato e claros efeitos negativos sobre as vítimas (sobretudo para as mulheres). Da análise destes resultados, pode-se concluir que o assédio sexual é um problema que aflige os estudantes, causado por um comportamento sexual visto como não adequado ao espaço acadêmico e que raramente tais fatos chegam ao conhecimento da instituição em função da preferência por "soluções" pessoais por parte das vítimas. A manutenção do fenômeno do assédio sexual no campo do privado impede que o conhecimento público do assunto possa resultar em políticas institucionais de repressão ao abuso e dificulta a igual oportunidade para as pessoas, independente do seu sexo.

PIBIC / CNPq
Palavras-chave: Assédio Sexual; Ambiente Acadêmico; Gênero

ORG 05

VARIÁVEIS PREDITORAS DE AUTO E HETEROAVALIAÇÃO DE IMPACTO DO TREINAMENTO NO TRABALHO PARA UMA AMOSTRA DE UMA INSTITUIÇÃO FINANCEIRA DE GRANDE PORTE. *Gardênia Abbad, Pedro Paulo Murce Meneses**, Maria Fernanda Borges F. da Silva*, Suzane Kanitz*, Larissa Pesce Zanmatam*, Thaís da Costa Pinchi* e Patrícia Tavares de Meneses (Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal)*

Essa pesquisa analisou, em situações de treinamento, a relação entre características individuais, reações ao treinamento, motivação para o curso e percepção de suporte organizacional à transferência, com medidas de auto e heteroavaliação de impacto do treinamento no trabalho. Quanto às características individuais, utilizaram-se medidas de auto-eficácia, referentes à análises de indivíduos sobre suas capacidades para obter sucesso em suas realizações, de locus de controle, crenças sobre as quais os indivíduos estabelecem a fonte de controle do próprio comportamento, e dados demográficos. Suporte organizacional à transferência relaciona-se ao apoio psicossocial e material à utilização adequada das habilidades adquiridas em treinamento. Impacto compreendeu o auto-relato e relato de supervisores sobre os efeitos dos cursos nos desempenhos dos treinandos. Sobre a coleta de dados: primeiro dia de curso - auto-eficácia, locus de controle e motivação para a aprendizagem; último dia do curso - reação e; três meses, no mínimo, após o curso - auto e heteroavaliação de impacto do treinamento e de suporte à transferência. A amostra de 199 casos foi constituída, em sua maioria, por treinandos entre 21 e 40 anos de idade (30,9%), com nível superior incompleto (46,2%), do sexo masculino (68,7%), casados (55,9%), com filhos (56,9%) e praticantes de religião (94,6%). As respostas válidas aos questionários foram submetidas a análises exploratórias, extração dos fatores principais (PAF com rotação varimax e tratamento pairwise para casos omissos) e análises de confiabilidade (Alpha de Cronbach). As seguintes escalas foram obtidas: Auto-eficácia (11 itens, a = 0,79), Locus de Controle Externo/Sorte (12 itens, a = 0,92), Locus de Controle Externo/Outros (13 itens, a = 0,89), Locus de Controle Interno (12 itens, a = 0,81), Motivação para o Treinamento (9 itens, a = 0,74), Satisfação com o Treinamento (25 itens, a = 0,94), Auto (17 itens, a = 0,90) e Heteroavaliação de Suporte à Transferência (18 itens, a = 0,90) e Auto (13 itens, a = 0,89) e Heteroavaliação de Impacto do Treinamento (12 itens, a = 0,88). Exceto pelas variáveis de auto e heteroavaliação do impacto do treinamento, tratadas critérios, as demais foram utilizadas como antecedentes. Submetidas à análise de regressão múltipla padrão, as variáveis antecedentes explicaram 35% e 34% da variabilidade das respostas de auto (R^2 = 0,40 e R^2ajustado = 0,35) e heteroavaliação do impacto (R^2 = 0,39 e R^2ajustado = 0,34), respectivamente. Observa-se que somente as variáveis de auto-eficácia (Beta = 0,27 e sr^2 = 0,06) e de autoavaliação de suporte à transferência (Beta = 0,45 e sr^2 = 0,17) contribuíram significativamente na explicação das respostas de autoavaliação de impacto. Heteroavaliação de suporte à transferência foi a única variável que contribuiu significativamente (Beta = 0,53 e sr^2 = 0,23) na explicação da heteroavaliação do impacto do treinamento. Os resultados encontrados apontam uma necessidade de desenvolvimento de ambientes de trabalhos e estratégias instrucionais adequadas para que os treinandos apresentem índices de auto-eficácia satisfatórios durante e após os treinamentos e ainda possam receber o apoio necessário à transferência dos conhecimentos, habilidades e atitudes adquiridos.

Apoio Financeiro: PRONEX e CNPq
Palavras-chave: Auto-eficácia, Suporte à transferência, Impacto do treinamento

---

ORG 06

LEVANTAMENTO DE NECESSIDADES DE TREINAMENTO: INTERVENÇÃO NA ÁREA OPERACIONAL DOS CORREIOS. *Renata Silveira Carvalho** (Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, Universidade de Brasília, Brasília, DF)*

A padronização de processos operacionais tem-se caracterizado como um grande diferencial competitivo nas empresas, diante da crescente necessidade de qualidade nos serviços oferecidos. No entanto, a implantação de tais mudanças vem sendo realizada sem adaptações, com conteúdo pré-definido e uma abordagem que não considera a realidade dos colaboradores. O objetivo geral deste trabalho foi oferecer aos Correios dados objetivos que justificassem adaptação de treinamentos para supervisores operacionais (SO) da Empresa. Os objetivos específicos foram: realizar um levantamento de necessidades de treinamento, com base no modelo de análise do papel ocupacional, na unidade piloto do projeto; identificar necessidades específicas para desenvolvimento individual dos colaboradores; e oferecer parâmetros para formatação de treinamentos diferenciados para unidades subseqüentes. Participaram do trabalho 300 colaboradores do Centro de Operações Integradas de Fortaleza/CE - COI/FLA, membros de equipes de 1º SO. Elaborou-se um instrumento de hetero-avaliação, contendo campo para dados do avaliado (nome e lotação) e 20 itens relativos a 9 competências (comunicação com equipe, negociação com equipe, gerenciamento de conflitos, acompanhamento de operações da equipe, solução de problemas da rotina da unidade, cortesia com equipe e clientes, saber ouvir a equipe, respeitar e ser respeitado, motivar equipe para atingir resultados), avaliados por escala de freqüência de 4 pontos. A aplicação do instrumento deu-se de forma coletiva, de forma a garantir compreensão do instrumento, devido à exigência mínima de primeiro grau para o cargo da equipe. Os dados foram agrupados por supervisor avaliado, permitindo a identificação das competências a serem desenvolvidas para cada supervisor, e analisados por estatísticas descritivas (médias por item e por competência, desvios padrões). Os resultados indicaram, de forma geral, avaliações positivas (médias de 2,39 a 3,56), com exceção de um SO, que recebeu todas as avaliações negativas (média=1,12, DP=0,37). Os altos desvios padrões (de 0,70 a 1,22), no entanto, demonstraram incoerência entre os membros da equipe e indicaram tratamento diferenciado por parte do supervisor. O agrupamento das avaliações por competência mostrou uma avaliação geral positiva, com índice maior de avaliações abaixo da média de 31% (negociação com equipe). Estes resultados foram complementados com avaliações das chefias dos SO, realizadas por sistema de gerenciamento de desempenho da Empresa. A indicação para uso dos resultados consistiu em: enfatizar, no treinamento, as competências com maior índice de avaliações abaixo da média e orientar os psicólogos do COI/FLA no sentido de traçar planos de desenvolvimento individuais para cada SO. Os resultados apresentados à organização contribuíram para a adaptação dos treinamentos e, atualmente, a auto-avaliação dos supervisores foi incluída em outras unidades, como parâmetro complementar de comparação. O estudo, no entanto, apresentou alguns entraves metodológicos. Cita-se, por exemplo, a diferença entre os instrumentos usados pelas chefias imediatas e pela equipe, dificultando comparação entre as avaliações. Sugere-se maior número de intervenções e publicações nesta área, haja visto a escassez atual no meio acadêmico e o pouco conhecimento da tecnologia instrucional por parte das empresas.

Palavras-chave: Treinamento, Levantamento de necessidades de treinamento, Avaliação de chefias

---

ORG 07

PROJETO PILOTO DE IMPLANTAÇÃO DE UM PROGRAMA DE AVALIAÇÃO DE POTENCIAL DOS EMPREGADOS RECÉM-ADMITIDOS. *Heloisa Helena Ferraz Ayres** (Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ)*

A avaliação de desempenho é uma estratégia fundamental para o conhecimento do potencial dos empregados nas Organizações e instrumento de informações para a gestão de pessoas. O presente trabalho apresenta uma experiência de implantação de um programa de avaliação do potencial de empregados recém-admitidos baseado em pressupostos da prática de gestão participativa, enfatizando os valores de participação, confiança, responsabilidade e autonomia. O projeto foi realizado numa empresa privada de grande porte, através da Área de RH, com 44 empregados recém-admitidos. A demanda consistia na elaboração de projeto piloto de avaliação desses empregados, em relação aos fatores de desempenho funcional definidos pelo Gerenciamento de Desempenho de Pessoal da Empresa. Ao concluírem seu curso de formação específica seriam os mesmos encaminhados para seus postos de trabalho dando-se início ao processo de avaliação.

Entretanto, os gerentes não dispunham de elementos para fazer as avaliações, impedindo a elaboração do plano de metas individual. Os principais objetivos do Programa de Avaliação do Potencial dos Empregados Recém-admitidos foram: orientar os gerentes avaliadores e propiciar condições para reflexão e auto-avaliação de cada empregado quanto às suas competências em relação aos fatores de desempenho esperados. O processo foi concebido de forma a possibilitar o envolvimento de todos a partir das seguintes etapas: 1ª Elaboração do Programa (Consultoria); 2ª Definição conjunta do Programa (Consultoria e Empresa); 3ª Apresentação e discussão do Projeto com todos os participantes (Consultoria e Empresa); 4ª Realização do Programa Comportamental, (Consultoria e Empresa), trabalho com o grupo, através de situações simuladas, propiciando condições para vivência e reflexão dos fatores de desempenho, visando a construção da auto-avaliação e do plano de ação individual quanto ao desenvolvimento profissional; 5ª Resultado das Avaliações do Potencial (Consultoria e Empresa), análise do desempenho de cada participante no programa comportamental, considerando as auto-avaliações ; 6ª)Devolução dos resultados (Empresa) colocou-se à disposição dos participantes o resultado final da avaliação , e 7ª etapa - Avaliação do Programa (Consultoria) validação do processo para implantação do Programa em toda a Empresa, tendo sido aplicado um questionário aberto, anônimo. Os resultados da avaliação do programa foram bastante significativos, sendo 90% dos participantes afirmado que o programa atingiu seu objetivo de avaliação do potencial , 86% considerado terem participado efetivamente e 86% apontado o programa comportamental como facilitador na aprendizagem dos conteúdos relacionados aos fatores de desempenho. Aspectos resultados positivos foram a oportunidade da auto-avaliação e receber informações sobre seu comportamento (hetero-avaliação), podendo-se depreender que a estratégia adotada criou condições para avaliação do potencial dos empregados de forma mais participativa, adequada à realidade da Empresa, voltada para o crescimento de cada empregado , sendo demonstrando a importância desta prática para a Empresa.

Palavras-chave: Avaliação de desempenho; Gestão participativa; Programa comportamental

*****

ORG 08

ESTUDO DA RELAÇÃO ENTRE CLIMA E COMPROMETIMENTO ORGANIZACIONAL AFETIVO EM UMA INSTITUIÇÃO PÚBLICA EM BRASÍLIA/DF.

Aline Pessoa Paz, Lia Albuquerque Barbosa*, Jennifer Vieira Albernaz*, Paula de Faria Pacheco*, Túlio Manso* , Viviane Paz Costa*, Amália Raquel Pérez-Nebra*. (Laboratório de Psicologia Social e Organizacional. Universidade de Brasília. Brasília-DF)*

Este estudo visa investigar a correlação de dois aspectos específicos do contexto atual nas organizações: o clima organizacional e comprometimento organizacional afetivo. O conceito de clima organizacional adotado refere-se a um conjunto estruturado de percepções compartilhadas, relativamente duradouras, sobre o ambiente total do trabalho, que influencia o comportamento e o desempenho dos empregados na organização. Entende-se como comprometimento organizacional afetivo um processo afetivo de identificação e envolvimento do indivíduo com uma organização, que inclui três características: crença e aceitação dos objetivos e valores organizacionais, disposição para defender a organização e o desejo de manter vínculo com ela. Participaram deste estudo 169 funcionários de uma empresa pública do Distrito Federal, sendo 69,8% do sexo masculino e 30,2% do sexo feminino. A coleta de dados foi realizada com auxílio de duas escalas, uma de clima organizacional constituída de 36 itens, que incluem 4 fatores: gerenciamento das relações interpessoais, valorização do desempenho, expectativa de desempenho e autonomia - inovação; e outra de comprometimento organizacional afetivo com 7 itens. Os resultados indicam correlação positiva entre os quatro fatores da escala de clima: gerenciamento das relações interpessoais ($r=0,29$, $p<0,001$), valorização do desempenho ($r=0,35$, $p<0,001$), expectativa de desempenho ($r=0,48$, $p<0,001$) e autonomia e inovação ($r=0,50$, $p<0,001$) e o comprometimento organizacional afetivo. Outras correlações, apesar de não terem sido previstas, foram evidenciadas, especialmente entre o comprometimento e idade, tempo de serviço e gênero dos sujeitos. A análise de regressão stepwise demonstrou os fatores de autonomia e inovação como os melhores preditores para o comprometimento ($R2 = 0,25$, $p<0,001$). Observou-se um acréscimo na explicação da variância do comprometimento quando os seguintes fatores são analisados em conjunto: autonomia - inovação e idade ($R2 = 0,33$, $p<0,001$), autonomia - inovação, idade e expectativas de desempenho ($R2= 0,38$, $p<0,001$), autonomia - inovação, idade, expectativas de desempenho e gênero ($R2 = 0,39$, $p<0,001$); e autonomia - inovação, idade, expectativas de desempenho, gênero e gerenciamento das relações interpessoais ($R2= 0,40$, $p<0,001$). Discute-se a forte relação entre comprometimento organizacional afetivo e clima organizacional, e o poder explicativo do segundo com relação ao primeiro. Um aspecto interessante a ser ressaltado foi a ausência da capacidade de predição do fator valorização do desempenho sobre comprometimento, o que difere das evidências da área.

Palavras-chave. Clima organizacional; Comprometimento organizacional afetivo; Valores organizacionais

*****

ORG 09

CLIMA ORGANIZACIONAL: UMA ESCALA BRASILEIRA.

Maria do Carmo Fernandes Martins, Carliene Freitas da Silva, Keila Cristina Pereira*, Marília Rabelo de Souza* (Faculdade de Psicologia. Universidade Federal de Uberlândia-MG)*

Clima organizacional pode ser definido como a percepção global do empregado acerca de seu ambiente de trabalho, influenciada por dimensões individuais e organizacionais. Através de uma revisão cuidadosa da literatura pode-se identificar vários aspectos que aparecem freqüentemente relatados como componentes do construto clima organizacional: comunicação organizacional, envolvimento dos trabalhadores com o seu trabalho, coesão do grupo de trabalho, apoio do supervisor, recompensa recebida da organização, autonomia para executar as tarefas do seu cargo, orientação recebida do supervisor acerca das tarefas a serem desempenhadas, pressão recebida da organização ou diretamente da chefia durante a execução do trabalho, diretas sobre o que fazer no trabalho, controle exercido pela chefia ou pela organização, possibilidade de inovação nas tarefas executadas e conforto físico durante a execução do trabalho. Devido à importância do conceito para o conhecimento da dinâmica de funcionamento da organização e à carência de instrumentos para o diagnóstico do mesmo, o objetivo deste trabalho foi construir e validar uma escala de clima organizacional, buscando a estrutura empírica do construto através da análise dos componentes principais. Respeitados os princípios psicométricos, foram construídos 127 itens que cobrissem toda a extensão do conceito. Para cada um dos 12 aspectos identificados na literatura foram construídos pelo menos 10 itens. Este conjunto de itens foi aplicado a 710 trabalhadores de ambos os sexos, de escolaridade mínima de primeiro grau completo, oriundos de organizações públicas e privadas da região do Triângulo Mineiro. Os sujeitos deveriam marcar suas respostas em uma escala tipo Likert de 5 pontos que variava de "discordo totalmente" à "concordo totalmente". Os dados foram analisados através do SPSS e submetidos à análise dos componentes principais, com rotação VARIMAX, após confirmada a independência entre os componentes. A análise do KMO revelou a fatorabilidade da amostra. Os critérios para a seleção foram, para os fatores, eigenvalue ³ 1,5 e para os itens, cargas ³ 0,40. A análise retornou 13 fatores, seis com índices de fidedignidade aceitáveis (entre 0,70 e 0,95) que explicaram 39% da variância total. A análise do conteúdo dos itens revelou fatores que puderam ser denominados: "Apoio da Chefia e da Organização", "Coesão", "Controle", "Conforto Físico", "Ambiente Físico" e "Recompensa". Esta estrutura revelou que, para esta região brasileira, clima organizacional possui somente seis componentes, quando a literatura aponta cerca de 10. A estrutura identificada corrobora achados recentes da literatura que apontam que o construto de clima organizacional é composto somente por aspectos cognitivos. As diferenças precisam ser confirmadas em estudos posteriores, testando-se esta estrutura para outras regiões do país.

*Alunas de graduação do Curso de Psicologia da UFU

Palavras-chave: Clima organizacional; Organização; Trabalho

*****

ORG 10

O EFEITO DE INTERRUPÇÕES NA PRODUTIVIDADE DE TAREFAS.

Elisa Dias Rajkiewicz, Patrícia Regina Lopes Galvão*, Priscila Carlos Sclemann*, Tiago Dias Gôfredo Cavalcanti*, Tiago Cortez Viegas*, Cláudio V.Torres (Laboratório de Psicologia Social e Organizacional, Universidade de Brasília, Brasília-DF).*

Pesquisas recentes na área de ergonomia têm apontado a tendência em se valorizar a relação mútua entre fatores físicos e cognitivos do indivíduo e o ambiente de trabalho. Pesquisas a respeito do efeito de pausas programadas de relaxamento no bem-estar e produtividade de operadores de computador têm constatado que pausas de três minutos, quando dotadas de exercícios de relaxamento, contribuem para uma melhoria da produtividade e bem-estar físico dos trabalhadores. Já estudos com oficinas abertas (aquelas em que não há paredes internas nem divisórias no ambiente de trabalho) têm partido do pressuposto de que um ambiente de trabalho flexível facilita o contato entre gerentes e subordinados, melhorando canais de comunicação e propiciando coesão do grupo, maior eficiência e produtividade. Na prática foram constatados problemas relativos à falta de privacidade e grande quantidade de distrações e perturbações. Apesar de ser imaginável o alto nível de coesão nestas oficinas, não há provas de que este tipo de desenho melhore a produtividade. As pessoas normalmente preferem privacidade à acessibilidade, o que significaria que a oficina fechada associar-se-ia com uma alta satisfação e desempenho. Dentro desta idéia, o objetivo do presente estudo foi o de verificar o efeito de interrupções não-programadas na produtividade de tarefas. Este tipo de interrupção consiste de comportamentos que perturbam a execução da tarefa. Participaram voluntariamente do estudo 44 alunos universitários dentre os quais, quatro eram aliados dos experimentadores (confederados). Foram formados 10 grupos de cinco pessoas (um confederado e quatro não-confederados); cinco grupos para a condição experimental (conversa) e cinco para a condição controle (não-conversa). Em cada grupo o papel dos confederados era certificar o cumprimento da condição estabelecida pelos experimentadores. Os procedimentos adotados foram realizados em duas etapas: uma aplicação do teste Fator F da bateria CEPA - Toulouse-Piéron e a montagem, em grupo, de um quebra-cabeça de 200 peças. O propósito da primeira etapa foi avaliar as habilidades de atenção concentrada dos

participantes, que supostamente influenciariam os resultados da etapa seguinte. A segunda etapa foi elaborada para avaliar a influência de cada condição de trabalho na produtividade, medida neste estudo como o número de peças montadas nos quebra-cabeças. Os resultados, obtidos por meio de regressões hierárquicas, apontaram que a condição experimental prediz cerca de 36% do número de peças montadas (R2 = 0,36; p < 0,00). Na condição experimental a produtividade foi menor do que a condição de controle. Concluiu-se também que o teste da primeira etapa não interfere nos resultados , o que nos sugere que a habilidade da atenção concentrada do indivíduo não prediz o desempenho deste em atividades coletivas. Os dados obtidos têm um impacto direto para situações reais de trabalho, permitindo uma melhor compreensão e controle da produtividade nas organizações.

Palavras-chave: Interrupção; Tarefa; Produtividade

****

ORG 11

MUDANÇA E COMPROMETIMENTO: EXPLORANDO SUAS RELAÇÕES EM UM CASO BEM SUCEDIDO DE REESTRUTURAÇÃO ORGANIZACIONAL. *Antonio Virgílio Bittencourt Bastos, Sérgio Ricardo Franco Vieira*, Mirna Correia Rios* e Daniele Miranda Tejo Di Paoli* (Departamento de Psicologia - UFBA, Salvador-BA)*

A configuração do mundo moderno demanda das organizações constantes reestruturações, em virtude das transformações tecnológicas, sociais, culturais e políticas. A velocidade destas transformações exige igual rapidez de adaptação aos novos contextos emergentes, trazendo repercussões para o ambiente de trabalho e afetando diretamente o comprometimento do trabalhador com a organização, que em última análise é o principal responsável pela implementação bem sucedida das mudanças. Analisar as relações entre comprometimento do trabalhador com a sua organização e os processos de mudança organizacional é o objetivo central da presente comunicação. O estudo de caso foi conduzido em uma empresa do setor de extração de matéria-prima e fabricação de ligas de alumínio, situada na Bahia. O aumento da energia e queda do preço do alumínio, no início dos anos noventa, levou a empresa a uma crise que a obrigou a realizar uma reformulação profunda da sua estrutura e do seu modelo de gestão, guiando-se pelos princípios que norteiam a idéia de uma "organização de aprendizagem". Apoiada em um projeto coletivamente construído, denominado "Nosso Caminho", a empresa superou a crise, consolidando um estilo de administração participativo, apoiado em equipes com maior autonomia. Aplicou-se um questionário a 154 funcionários, contendo escalas tipo likert de sete intervalos, validadas para o contexto brasileiro, que avaliam comprometimento organizacional (OCQ de Mowday e col., 1982) e as bases de comprometimento (Meyer e Allen, 1997), a saber: afetiva (apego psicológico, associa-se a idéia de lealdade, sentimento de pertencer e desejo de contribuir); instrumental (custos econômicos, sociais ou psicológicos associados a deixar a organização) e normativa (sentimento de dever devido à internalização de valores e objetivos da organização). Através de rotinas do SPSS 10.0, foram comparados os grupos com diferentes tempo de serviço na empresa, buscando-se evidências dos possíveis impactos da vivência do processo de mudança sobre os níveis e as bases de compromisso do trabalhador com a organização. Tanto os que viveram a crise e a mudança quanto os que chegaram após o processo demonstram níveis altos de comprometimento, sendo ligeiramente maior o índice dos mais antigos (até 3 anos = 5,39; acima de 10 anos = 5,62). Em relação às bases, verificou-se que o grupo possui um vínculo mais fortemente afetivo (5,10) do que normativo (4,47) ou instrumental (4,30), indicando que os trabalhadores se revelam mais ligados à organização pelo sentimento de pertencimento do que pelo de dever ou pelo retorno financeiro. A inexistência de diferenças estatisticamente significativas nos níveis de comprometimento entre subgrupos analisados sinaliza que os processos desencadeados pela mudança estão sendo efetivos no sentido de levar os membros mais novos a se sentirem pertencentes ao projeto de organização delineado por aqueles que construíram o "Nosso Caminho" há quase dez anos. Em síntese, observando-se as características organizacionais (níveis de participação, estilo gerencial e estrutura orgânica, entre outros) e os escores de comprometimento verifica-se, no caso estudado, a consolidação de uma cultura mais sólida e que privilegia o aprendizado coletivo, a responsabilidade e compromisso, o que tem sido tratado na literatura como essência de uma "cultura de comprometimento".

Pesquisa apoiada pelo CNPq.

Palavras-chave: Comprometimento organizacional; Bases do comprometimento; Mudanças organizacionais

****

ORG 12

AUTOCONCEITO PROFISSIONAL E COMPROMETIMENTO ORGANIZACIONAL. *Alvaro Tamayo, Maria Gabriela Santos de Souza* (Laboratório de Psicologia Social e Organizacional, Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal)*

O construto de comprometimento organizacional refere-se à aceitação, por parte do empregado, dos valores, normas e objetivos da organização, à sua disposição de investir esforços em favor da organização e ao seu desejo e vontade de se manter membro da organização. Os diversos antecedentes do comprometimento afetivo organizacional têm sido classificados em variáveis individuais, características do trabalho, experiências no trabalho e características do papel. No grupo das variáveis individuais encontram-se, entre outras, a idade e o tempo de empresa, sendo que, nos dois casos, medidas maiores associam-se com níveis mais elevados de comprometimento. O comprometimento tende a decrescer quanto maior o nível educacional e a percepção do locus de controle externo. Recentemente foi estudada a relação dos valores pessoais com o comprometimento. Os resultados mostraram que este último está associado com as motivações axiológicas de conservação e autotranscendência. A presente pesquisa tem como objetivo estudar a influência de mais uma variável individual: o autoconceito profissional. São inúmeras as pesquisas usando o autoconceito como variável dependente ou independente. A relação do autoconceito com o comportamento e com o sucesso na vida tem sido amplamente estudada. Contudo, são escassas as pesquisas sobre o autoconceito profissional. Os autores não acharam na literatura científica nenhuma pesquisa relacionando esta última variável com o comprometimento organizacional. Participaram da pesquisa 200 empregados de uma organização pública com média de 11,53 anos de serviço (dp = 8,52). Para a avaliação da variável dependente foi utilizada a Escala de Comprometimento de Mowday e cols., traduzida e adaptada para o contexto brasileiro por Borges-Andrade, Afanasieff e Silva. O coeficiente alpha da escala para esta pesquisa foi de 0,83. O autoconceito profissional foi avaliado por meio da Escala de Autoconceito Profissional de Costa, validada fatorialmente e composta por seis fatores que avaliam a percepção da pessoa sobre a autonomia, realização, competência, saúde, segurança e ajustamento no trabalho. Os dois instrumentos foram aplicados individualmente no próprio local de trabalho dos participantes. A regressão múltipla stepwise revelou que o fator competência no trabalho é um preditor importante do comprometimento afetivo (R2 = 0,40). Maior a percepção de competência no trabalho, maior o comprometimento organizacional (ß = 0,63). Este resultado pode ser explicado pelo fato que o comprometimento organizacional implica na aceitação, por parte do empregado, das normas e objetivos da organização, de investir nela e de se manter como membro da mesma. A percepção de competência profissional favorece o ajustamento da pessoa às exigências da organização bem como a possibilidade de investir construtivamente em benefício da mesma. Concluiu-se que a autopercepção de competência profissional constitui um preditor importante do comprometimento organizacional afetivo.

Palavras-chave: Autoconceito profissional; Comprometimento organizacional; Competência profissional

****

ORG 13

VALIDAÇÃO DE UM INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO DO GRUPO DE SUPERVISÃO OPERACIONAL E ADMINISTRATIVO DE UMA EMPRESA DE SEGURANÇA DO INTERIOR DO ESTADO DE SÃO PAULO.. *Elisângela Maria Machado Pratta** (Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP), Ariane Agnes Corradi Gonçalves (Universidade de Brasília, Brasília, DF), Gislaine Aparecida Braz, Ágata de Fátima Alves**, Elizabeth Joan Barham (Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP)*

Para empresas no setor terciário, a qualidade do serviço oferecido é fundamental para o sucesso desta. O sistema de comunicação interna afeta muito a qualidade dos serviços, sendo que a avaliação é uma ferramenta básica na manutenção desta comunicação. A avaliação de desempenho corresponde a um processo que permite verificar a adequação do trabalhador na sua função, desenvolver o seu potencial e detectar problemas de supervisão. Para tanto é importante que a avaliação abranja todos os níveis hierárquicos da empresa, usando questionários com conteúdos que reflitam as responsabilidades de cada grupo de funcionários. Este estudo objetivou desenvolver e padronizar o processo de avaliação de desempenho (instrumento, aplicação e devolutiva dos resultados) do grupo de supervisão operacional e administrativo. O processo de avaliação incluiu a auto-avaliação, a avaliação pelos subordinados e a avaliação pela diretoria. Os funcionários avaliavam os supervisores com os quais mantinham maior contato. Participaram deste estudo os seis supervisores da empresa, seus subordinados (primeira aplicação: 169, segunda: 212, terceira: 224 e quarta: 185), além do superior imediato do grupo de supervisão (diretor operacional). O instrumento utilizado era composto por: a) duas escalas que avaliavam desempenho operacional e relacionamentos interpessoais; b) três questões abertas para registrar as sugestões e opiniões dos participantes em relação à avaliação de desempenho da supervisão. Na primeira aplicação, os funcionários entregavam os questionários preenchidos diretamente aos supervisores. Nas outras, implantou-se um sistema de recolhimento através de urnas, garantindo o sigilo das respostas. A apresentação dos resultados aos supervisores foi feita individualmente pelo diretor operacional. O tratamento dos dados envolveu: a) análise da confiabilidade das escalas; b) cálculos descritivos (médias de desempenho individuais); c) análise comparativa entre a auto-avaliação e a avaliação dos subordinados e entre a auto-avaliação e a avaliação pela diretoria; d) cálculo das freqüências absoluta e relativa das categorias encontradas nas questões abertas. Comparando-se os resultados das quatro aplicações, constatou-se que: a) as escalas apresentaram índices de confiabilidade acima de .70; b) as médias individuais mantiveram-se estáveis durante as quatro aplicações, classificando o desempenho dos supervisores entre "bom" e "excelente"; c) no decorrer das

aplicações, as médias da auto-avaliação, da avaliação pela diretoria e da avaliação pelos funcionários ficaram mais próximas; d) verificou-se problemas relativos ao relacionamento interpessoal e problemas na apresentação de críticas aos funcionários, ambos relacionados com a falta de comunicação efetiva entre funcionário/supervisor e diretoria/supervisor. Concluiu-se que o processo de avaliação de desempenho do grupo de supervisão desenvolvido foi eficaz, apontando objetivamente os aspectos que necessitavam de melhorias, para os quais foram planejados cursos e treinamentos específicos. As escalas utilizadas no estudo apresentaram índices de confiabilidade satisfatórios (acima de .70). Em relação ao *feedback*, pode-se dizer que as comparações realizadas entre as três avaliações (auto-avaliação, avaliação pela diretoria e avaliação pelos funcionários), possibilitou um retorno mais claro e objetivo aos supervisores sobre os aspectos do desempenho que necessitavam ser melhorados, deixando claras as expectativas da empresa em relação a este grupo específico de funcionários.

Palavras-chave: Avaliação de desempenho; Análise de confiabilidade; Processo de comunicação

ORG 14

CONTRIBUIÇÃO DE CARACTERÍSTICAS INDIVIDUAIS NA EXPLICAÇÃO DE SATISFAÇÃO COM TREINAMENTOS EM UMA ORGANIZAÇÃO PÚBLICA. *Gardênia Abbad, Pedro Paulo Murce Meneses**, Patrícia de Andrade Oliveira Sales*, Renato Minghetti Junqueira* e Vilma M. A. Paz Moreira* (Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal)*

Esta pesquisa investigou o relacionamento de características individuais e de expectativas de suporte à transferência com satisfação dos participantes com o treinamento. Entre as variáveis individuais, foram utilizadas medidas de auto-eficácia, referentes às suas capacidades para obter sucesso em suas realizações, e de locus de controle, relativas às crenças sobre as quais os indivíduos estabelecem a fonte de controle do próprio comportamento e de outros eventos. Com exceção do questionário de satisfação com o treinamento, aplicado no último dia de curso, todas as outras variáveis, auto-eficácia, locus de controle e expectativas de suporte à transferência, foram avaliadas no primeiro dia de curso. A amostra, 137 participantes de 6 treinamentos oferecidos por uma instituição pública de grande porte, possuía as seguintes características: 37,9% dos treinandos tinham entre 31 e 40 anos, 30,1% tinham concluído o 2º grau, 61,1% eram do sexo masculino, 50% eram casados, 52,6% tinham filhos e 64,6% praticavam alguma religião. Inicialmente, as respostas dos participantes aos questionários foram submetidas a análises exploratórias, à análise dos componentes principais, fatorial (PC e PAF com rotação oblíqua e tratamento listwise para casos omissos). Por meio dessas análises foram obtidas 5 escalas, com índices de confiabilidade satisfatórios (Alpha de Cronbach), relativas às variáveis antecedentes dos modelos de regressão múltipla: auto-eficácia geral (13 itens, $\alpha = 0,77$), locus de controle externo - sorte (12 itens, $\alpha = 0,91$), locus de controle externo - outros (12 itens, $\alpha = 0,86$), locus de controle interno (12 itens, $\alpha = 0,74$) e expectativas de suporte à transferência (20 itens, $\alpha = 0,90$). A variável critério considerada foi satisfação com o treinamento ou reações (35 itens, $\alpha = 0,93$). As variáveis estudadas explicaram 15% da variabilidade das respostas de satisfação dos participantes com o treinamento ($R^2 = 0,20$ e R^2 ajustado $= 0,15$). Entretanto, analisando-se a contribuição individual de cada uma das variáveis independentes que entraram no modelo de regressão, somente expectativas de suporte à transferência, como observado nas correlações entre as variáveis, apresentou índices estatisticamente significativos (Beta = 0,40 e $sr^2 = 0,15$). As demais variáveis não ofereceram contribuições significativas na explicação da variável critério. Os resultados acima evidenciam a importância de se coletar informações sobre a existência ou não de suporte à transferência antes mesmo de o treinamento ter iniciado e, não somente, após os treinandos terem retornado aos seus trabalhos. Treinandos que, antes do treinamento, acreditavam não dispor do suporte necessário à transferência dos conteúdos nos quais eles seriam treinados, ficaram menos satisfeitos com o curso do que aqueles que acreditavam dispor do suporte necessário. Isso sugere, do ponto de vista prático, o envolvimento de toda a equipe, da qual cada participante faz parte, com o treinamento a ser realizado, a fim de que o mesmo atinja os objetivos definidos. Indica também uma necessidade de se realizar levantamentos de necessidades de treinamento precisos de forma a captar, além dos conhecimentos, habilidades e atitudes que deveriam ser o foco de treinamentos, informações com relação ao tipo de suporte necessário a uma transferência adequada dos conteúdos dos treinamentos.

Apoio Financeiro: PRONEX e CNPq

Palavras-chave: Reação ao treinamento; Suporte à transferência; Características da clientela

ORG 15

IMPACTO DO TREINAMENTO DE CRIATIVIDADE EM ORGANIZAÇÕES PÚBLICAS: BARREIRAS E ESTÍMULOS. *Elmira Maria Fontenele Mourão* (ENAP - *Escola Nacional de Administração Pública*)

Criatividade é um tema que vem ocupando cada vez mais espaço no âmbito das organizações. As mudanças súbitas e constantes que ocorrem no mundo exigem das empresas adaptações rápidas e para isso devem contar com pessoas e ambientes criativos, o que justifica o crescente interesse por criatividade no meio organizacional. Embora reconhecida a importância da criatividade como algo vital para as organizações, pouco tem sido estudado sobre os fatores que influenciam a expressão do potencial criador dos funcionários, e raros são os estudos que versam sobre a influência do contexto onde os profissionais exercem suas atividades diárias. Vários exemplos na revisão da literatura que contempla o estado da arte da teoria, pesquisa, ensino e prática de criatividade nas organizações, observaram que a maioria dos trabalhos encontrados têm aplicabilidade direta mínima nas organizações e ainda não há número significativo de pesquisas empíricas nessa área. Constataram ainda que são raros os que usam os membros das organizações como sujeitos ou que considerem a influência do ambiente de trabalho nos atos criativos. Acrescentam ainda que os pesquisadores de gerenciamento, com raras exceções, também não têm realizado pesquisas sobre criatividade, pois entre os 1300 trabalhos apresentados em 1994, no "Academy of Management Meeting" nenhum tratava de estudos empíricos. Analisando o impacto de um treinamento de criatividade nas organizações públicas, verificou-se a ocorrência de mudanças ou não do desempenho no ambiente organizacional e no estímulo para a execução das tarefas cotidianas. Pode-se estudar criatividade e esperar que ocorram mais mudanças no plano de decisão, desempenho e convívio entre colegas? Os preditores de impacto de treinamento no trabalho que investigam transferência de treinamento como variável critério considerados foram: contexto ou suporte organizacional, projeto de treinamento e características da clientela. Partindo destes pressupostos realizou-se pesquisa através de correio eletrônico com 40 funcionários públicos federais e estaduais, oriundos de 14 instituições públicas sediadas em Brasília-DF, de ambos os sexos (com predominância feminina de 57%), a maior parte da clientela possuía nível superior completo de escolaridade (75%) e grande parte dos participantes situava-se na faixa etária de 36 a 40 anos. A seleção da amostra foi feita através da listagem dos participantes dos treinamentos de criatividade realizados durante o segundo semestre de 1999 na ENAP - Escola de Administração Pública, que totalizaram 3 turmas. Foi utilizado questionário adaptado do modelo desenvolvido e testado por Abbad (1999), com 27 perguntas avaliando o impacto do treinamento de criatividade no trabalho. Para os objetivos deste estudo, foram inseridas questões do impacto global do treinamento no trabalho, fatores situacionais de apoio, suporte material e conseqüências associadas ao uso de novas habilidades, além de dados demográficos. Os dados mostram baixo impacto do treinamento quando não ocorre suporte organizacional e em organizações que incentivam práticas inovadoras os treinandos geram mudanças criativas. Evidencia-se a necessidade de se atentar para o papel dos gerentes e como suas ações exercem forte influência no clima criativo das equipes de trabalho. Há necessidade do aumento da capacitação dos gerentes em temas relativos a criatividade nas organizações.

Palavras-chave: Criatividade; Impacto treinamento; Barreiras e estímulos

ORG 16

VALORES LABORAIS E COMPROMETIMENTO ORGANIZACIONAL. *Leisa Pasqualí Zanderwadt*, Amalia Raquel Pérez*, Álvaro Tamayo (Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, Universidade de Brasília, DF)*

Segundo Rokeach, o conhecimento das prioridades axiológicas de um indivíduo permite predizer o seu comportamento nas diversas situações de sua vida, incluindo, obviamente, no âmbito do trabalho e da organização em que trabalha. Foi objetivo desta pesquisa analisar a relação dos valores laborais com o comprometimento organizacional. O comprometimento compreende a identificação do empregado com a empresa, o envolvimento com os papéis próprios da função por ele desempenhada e a lealdade para com a organização. O interesse pelo estudo do comprometimento organizacional pode ser explicado pelas transformações que vêm ocorrendo no mercado de trabalho e pelas novas exigências impostas pela cultura organizacional, além de sua importância no bom funcionamento do ambiente organizacional. O referencial teórico para o estudo dos valores laborais foi o da teoria de Schwartz. Desta forma, os valores relativos ao trabalho foram considerados no contexto da estrutura bidimensional dos valores, proposta nesta teoria e verificada em diversas culturas. Segundo Ros, Schwartz & Surkiss, a primeira dimensão, abertura à mudança versus conservação, corresponde com a valorização intrínseca e extrínseca do trabalho e, a segunda dimensão, autotranscendência versus autopromoção representa a valorização do trabalho por causa da sua dimensão social e do prestígio que ele dá. Foram sujeitos desta pesquisa 205 funcionários de um órgão público brasileiro. 43,4 % da amostra foi composta por representantes do sexo masculino, enquanto 56,6 % eram do sexo feminino. A média da idade dos sujeitos foi de 36,56 (DP 10,24) anos. Para a avaliação dos valores laborais, utilizaram quatro itens, cada um deles representando um dos pólos da estrutura bidimensional. Para a avaliação do comprometimento, lançou-se mão da escala de comprometimento com o papel desenvolvida por Pearce e Gregersen (1991), traduzida e validada por Borges-Andrade, Pinho & Vilela. Na regressão múltipla stepwise só duas variáveis entraram na equação: a valorização do trabalho por causa do seu aspecto interessante e variado e a dimensão social do mesmo. Estas duas

variáveis explicaram 27% da variância. A dimensão social do trabalho (ß = 0,44) e o enriquecimento do trabalho (ß = 0,28) relacionaram-se positivamente com o comprometimento. Os resultados desta pesquisa convergem com resultados obtidos em estudos sobre o significado do trabalho. Eles podem ser explicados pela satisfação obtida pelo empregado na execução do seu trabalho. Se o trabalho é realizado num contexto social agradável e, além disso, ele é desafiador e interessante, o empregado passa a se envolver espontaneamente com a organização na qual é executado o trabalho. Conclui-se que a dimensão social e desafiadora do trabalho são bons preditores do comprometimento extra-papel.

*Apoio financeiro: PIBIC/ CNPq

Palavras-chave: Valores laborais; Comprometimento organizacional

****

ORG 17

SAÚDE MENTAL E TRABALHO NO PEQUENO COMÉRCIO (BOUTIQUES). *Camila Milhomem Fernandes*, Isabela Lopes da Silva*, Jeyce Grimaldi Mendes*, Juliana Leão Braga*, Luciana Henriques Pontes*, Stella Cristina Mendes Pereira*, Marcelo Vidal Nepomuceno*, Cláudio Torres, Wanderley Codo (Psicologia Social e do Trabalho - Laboratório de Psicologia do Trabalho-Universidade de Brasília-DF)*

O diagnóstico integrado do trabalho, desenvolvido pelo Laboratório de Psicologia do Trabalho da UnB, foi aplicado a 147 trabalhadores em pequenas boutiques em 3 shoppings da cidade de Brasília. A amostra é composta por 19 caixas, 23 gerentes ou proprietários, 104 vendedores e, ainda, um trabalhador de função não especificada. A presente pesquisa teve como objetivo examinar as condições objetivas e subjetivas do trabalho, a relação entre estas condições e o grau de sofrimento psíquico dos trabalhadores. O instrumento aplicado investiga escalas de trabalho, clínicas, e de alcoolismo. Como escalas de trabalho foram utilizadas: 1) significado do trabalho e suas subescalas, controle do trabalhador sobre o trabalho, importância social do trabalho, rotina, sentido do trabalho, 2) relações sociais de produção, ou seja, o relacionamento com colegas e com a hierarquia; 3) atitudes do trabalhador frente ao trabalho constando das subescalas satisfação no trabalho e comprometimento no trabalho, 4) carga mental no trabalho; 5) dificuldades no relacionamento social do trabalhador devido ao trabalho; suporte social; suporte afetivo; conflito trabalho-família. Como escalas clínicas, depressão, histeria, paranóia, mania, esquizofrenia, desvio psicopático e obsessão. Para que os problemas percebidos fossem tidos como significativos, utilizou-se como procedimento estatístico o Chi-quadrado e a regressão logística backward LR (spss 7.5), reportando-se apenas os casos em que a variável analisada mantinha significância estatística nos dois testes. Pode-se inferir que os gerentes apresentaram problemas relacionados ao conflito trabalho-família (p=0,042) e ao sentido do trabalho (p=0,041). Já os caixas os apresentaram com relação ao conflito trabalho-família (p=0,042), escala geral de significado do trabalho (p=0,034) e a subescala, controle do trabalhador sobre o trabalho (p=0,000), importância social do trabalho (p=0,028); esquizofrenia (p=0,013), satisfação e seu comprometimento(p=0,007); relacionamento com colegas e com a hierarquia (p=0,073); e atitudes do trabalhador frente ao trabalho (p=0,10). Quanto aos vendedores, apresentaram problemas frente à escala geral de significado do trabalho (p=0,034) e sua subescala, a de controle do trabalhador sobre o trabalho (p=0,002); à importância social do trabalho (p=0,028), e ao relacionamento com colegas e com a hierarquia (p=0,073). Os resultados permitem conhecer melhor a realidade do trabalho destes sujeitos e o modo como sua subjetividade se comporta, permitindo a elaboração de estratégias que visem a melhorar o bem estar e consequentemente a produtividade no trabalho.

Palavras-chave: Saúde Mental; Trabalho; Boutique

****

ORG 18

SAÚDE MENTAL E TRABALHO EM FARMÁCIAS. *Adriana Rezende Alves*, Caroline Quindeler Araújo Costa Silva*, Daniel Mauro Benuzzi*, Marcos Moreira Melo*,Miguel Ricardo de Carvalho Vargas*,Thaysa Moema*, Marcelo Vidal Nepomuceno*, Cláudio Vaz Torres, Wanderley Codo. (Universidade de Brasília, Brasília, DF)*

O diagnóstico integrado do trabalho desenvolvido pelo Laboratório de Psicologia do Trabalho da UnB foi aplicado a 140 trabalhadores em farmácia, sendo 24 caixas, 12 gerentes, 1 proprietário e 103 vendedores. Por falta de número significativo, gerentes e proprietários foram retirados da amostra. O objetivo deste estudo é examinar os sentimentos com relação ao trabalho e o grau de sofrimento psíquico dos trabalhadores. O instrumento aplicado investiga 13 escalas de trabalho, 7 clínicas, e 1 de alcoolismo. A partir dos pressupostos básicos destas escalas, este instrumento busca estudar o significado do trabalho (o controle do trabalhador sobre o trabalho), a importância social do trabalho, a rotina, o sentido do trabalho, as relações sociais de produção (o relacionamento com colegas e com a hierarquia), as atitudes do trabalhador frente ao trabalho, sua satisfação e seu comprometimento, a carga mental do trabalho, as dificuldades no relacionamento social do trabalhador devidas ao trabalho, o suporte social, o suporte afetivo, o conflito trabalho-família, depressão, histeria, paranóia, mania, esquizofrenia, desvio psicopático, obsessão e alcoolismo. Para que os problemas afetados fossem considerados significativos foram levados em conta os resultados do Chi-quadrado e depois, para evitar as interações entre variáveis se procedeu a uma regressão logística backward LR (SPSS 7.5), se reportando apenas os casos em que o cargo conservava significância estatística nos dois testes. Os resultados obtidos apontam uma diferença entre a categoria dos caixas e os vendedores. Essa diferença se faz sensível principalmente quando são avaliadas as escalas de: Relacionamento Social com a chefia (29,4% dos caixas apresentam problemas contra 14,3% dos vendedores, com p=0,11); escalas de Relacionamento Profissional com a Chefia (caixas com 33,3% contra 12,1% dos vendedores, com p=0,03); escalas de Importância Social do Cargo (caixas com 35,3% contra 8,6% dos vendedores, com p=0,00); escalas de Desvio Psicopático (caixas com 29,4% contra 8,3% dos vendedores, com p=0,02), escala de Paranóia (caixa com 35,3% contra 12,5% dos caixas, com p=0,02); e escala de Comprometimento com o Trabalho (caixas com 29,4% contra 13,6% dos vendedores, com p=0,10). O objetivo da presente pesquisa é permitir um melhor conhecimento a respeito da realidade do trabalho realizado nas farmácias e também identificar o modo como a subjetividade das pessoas que trabalham nesse ambiente se comporta. Assim, será possível elaborar estratégias visando o aperfeiçoamento das condições do bem estar e da produtividade dos trabalhadores em farmácia. Assim, analisando os dados obtidos nessa pesquisa, o trabalho de caixa em farmácia aparenta ser de maior risco para a saúde mental do trabalhador do que o trabalho de vendedor.

Palavras-chave: Saúde mental; Trabalho; Farmácia

****

ORG 19

O ENSINO DA PSICOLOGIA ORGANIZACIONAL E DO TRABALHO: UTILIZANDO O ESPAÇO ACADÊMICO COMO LABORATÓRIO. *Jaime Ribeiro** (Departamento de Psicologia / Universidade Federal de Pernambuco / Recife / PE)*

As questões quanto às condições de ensino da psicologia organizacional e do trabalho tem se repetido na literatura da área. Em geral, tratam do quantitativo de disciplinas nas grades curriculares dos cursos de graduação (vistos ainda como essencialmente voltados para a psicologia clínica), da definição do papel do psicólogo organizacional e do trabalho e das oportunidades de atividades práticas anteriores à formação, como os estágios curriculares e extra curriculares. Especificamente no que diz respeito às possibilidades de prática, freqüentemente nos deparamos com as poucas oportunidades oferecidas pelas instituições (mercado) ou pelo choque entre os interesses dessas instituições e as metas da universidade, especialmente no que tange à carga horária de ensino/estágio. Objetivando suprir uma notada carência de possibilidades de exercício prático dos conteúdos próprios da Psicologia Organizacional e do Trabalho e a utilização destes conhecimentos para melhoria do serviço prestado pela universidade, os alunos da disciplina Recursos Humanos nas Organizações (semestre letivo 2-1999), do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, coordenados pelo autor deste trabalho empreenderam, durante um semestre letivo, um trabalho de diagnóstico da oferta de serviço por parte de uma empresa de limpeza e conservação, contratada em regime de terceirização pela universidade e da proposição de estratégias de melhoria da qualidade do referido serviço. Para o diagnóstico, representantes da prestadora de serviço (auxiliares de serviços gerais, supervisores e administradores), da clientela (administração universitária, professores, alunos e visitantes) e de outras empresas do ramo foram entrevistados com o auxílio de um roteiro de entrevista especialmente elaborado para o trabalho. A proposta de intervenção foi definida tendo como base os dados coletados no diagnóstico e os conhecimentos da área. Como resultados pode-se destacar a construção de um relatório evidenciando pontos positivos e negativos do serviço contratado, alguns equívocos nos critérios utilizados para contratação e as causas das falhas notadas pela clientela. Deve ser mencionada, ainda, a construção de um plano de ação e reversão do quadro deficitário voltado tanto para a forma e para a organização do serviço prestado quanto para o comportamento da clientela. O relatório final do trabalho foi formalmente solicitado pela administração universitária (chefia departamental e direção de centro) e reconhecido como sendo de utilidade para o planejamento de ações institucionais na área. A avaliação da experiência realizada demonstrou a validade de se utilizar o ambiente acadêmico como campo de ação para a prática em psicologia organizacional e do trabalho quer pelo volume de possibilidades de intervenção que permite, quer pelos reflexos que pode ter na melhoria das condições de ensino e de funcionamento da instituição.

Palavras-chave: Ensino de Psicologia Organizacional; Ambiente Acadêmico; Prática profissional

****

ORG 20

A BUSCA DO PRAZER NO TRABALHO - ASPECTO EMERGENTE EM UM GRUPO DE REORIENTAÇÃO PROFISSIONAL. *Juan Carlo Ramírez* e Dulce Helena Penna Soares (Professora da UFSC e Coordenadora do Laboratório de Orientação e Informação Profissional do Departamento de Psicologia, Laboratório de Informação e Orientação Profissional da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC)*

O presente trabalho, fruto da realização de um estágio em Orientação Profissional, expõe o desenvolvimento de um grupo de re-orientação profissional e os aspectos propulsores de discussões e intercâmbios de idéias e vivências. Este grupo aconteceu no Laboratório de Informação e Orientação Profissional (LIOP), pertencente ao Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, no período de dois meses entre março e maio de 2001. Os objetivos a serem alcançados compreendiam a reflexão de uma escolha previamente realizada e questionada pelos participantes através do auto-conhecimento, da informação profissional e discussão das realidades profissionais dos integrantes - a fim de promover melhorias no relacionamento dos indivíduos com o seu trabalho/curso e/ou no seu campo de atuação. Participaram desse grupo doze pessoas das quais quatro eram estudantes universitários, quatro profissionais formados em diferentes áreas e ausentes no mercado de trabalho, três trabalhadores do Banco do Estado de Santa Catarina em probabilidade de demissão pelo processo de privatização da instituição e um funcionário público da Universidade Federal deste Estado sem nível superior. Insegurança, ansiedade e temor frente a situação conflitante de insatisfação profissional - no caso de trabalhadores já inseridos no mercado de trabalho - ou insatisfação com o curso universitário - em relação aos estudantes graduandos, são sentimentos comumente mencionados pelas pessoas que buscam o serviço de re-orientação profissional do LIOP. A heterogeneidade do grupo quanto à faixa etária teve destaque no desenvolvimento do trabalho, compreendendo pessoas de dezenove a quarenta e seis anos. O programa das atividades foi organizado em oito encontros semanais de duas horas de duração. A cada encontro utilizou-se dinâmicas de grupo, leitura de textos, atividades escritas e técnicas vivenciais como instrumentos na obtenção dos objetivos propostos. Resultaram desta atuação psicológica discussões e reflexões acerca da satisfação do homem com o seu trabalho, a necessidade sentida pelos participantes de realização profissional através do exercício prazeroso de uma atividade; a insegurança frente ao momento de mudanças contínuas e inevitáveis obrigando o indivíduo a se posicionar nesse contexto; a dicotomia encontrada na realidade do mercado de trabalho (suas exigências e suas impossibilidades), e também, a necessidade de confirmação da capacidade individual e a autorização para tentar novamente, procurando algo melhor para si. A criatividade e a versatilidade apareceram como forma de driblar as dificuldades do mercado de trabalho. Configurou-se, então, a constante busca do homem na obtenção do prazer no exercício de sua prática profissional, aspecto de suma importância na manutenção da saúde física e psíquica do trabalhador. Sendo a identidade profissional um elemento componente da identidade global do sujeito, a re-orientação profissional assume um importante papel na promoção da saúde sendo um espaço reflexivo, buscando conciliar as exigências profissionais - o que se tem que fazer - e a realização no trabalho - o que se gosta e tem prazer em fazer.

Palavras-chave: Re-orientação profissional; Escolha; Satisfação no trabalho

***

ORG 21

ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO E PRAZER-SOFRIMENTO: ESTUDO EXPLORATÓRIO COM VIGILANTES TERCEIRIZADOS DE UMA EMPRESA PÚBLICA. *Rogério Rodrigues da Silva*, Josiane Viana Albertini*, Ana Magnólia Mendes (Universidade de Brasília, Brasília, DF)*

O estudo investiga a relação entre a organização do trabalho e o prazer-sofrimento dos vigilantes terceirizados de uma empresa pública. A organização do trabalho é a forma como as atividades são realizadas no que se refere às normas, regras, processos e carga de trabalho, envolve a natureza e dinâmica das relações socioprofissionais. O prazer é definido como: valorização, sentimento de que o trabalho tem sentido, é importante para empresa e sociedade; e reconhecimento, sentimento de ser aceito e admirado no trabalho, tendo liberdade para expressar sua individualidade. O sofrimento é definido como: desgaste, sentimento de desânimo, descontentamento, adormecimento intelectual e apatia em relação ao trabalho; e insegurança, sentimento de temor por não conseguir satisfazer as imposições organizacionais relacionadas à competência profissional, produtividade, ritmo e volume de trabalho. A pesquisa realizou-se com 29 vigilantes do sexo masculino em uma empresa pública. A idade média é de 30 anos. O tempo de serviço médio é de 5,5 anos. A escolaridade dos sujeitos é: 52% com 1° Grau, 41 % com 2° Grau e 7 % com 3° Grau. Foi aplicada a Escala de Indicadores de Prazer-Sofrimento (escala Likert de 5 pontos). Foi ainda acrescentada à escala uma pergunta aberta "o que poderia ser mudado no ambiente de trabalho para gerar mais satisfação". Os dados foram analisados por meio de estatística descritiva e análise de conteúdo. Os resultados demonstraram maior vivência de prazer. As médias foram: valorização: 4,1 com DP=.76, reconhecimento: 3,2 com DP=.66, desgaste: 2,1 com DP=.77 e insegurança: 1,8 com DP=.73. A análise do conteúdo da pergunta aberta sugeriu que há insatisfação com a situação atual de trabalho, o que pode indicar, de forma subjacente, uma certa vivência de sofrimento, conforme demonstram as categorias: 1. Relacionamento com a chefia: poderia ser mais satisfatório, almejando uma maior liberdade para se expressar diante das chefias. É preciso ter uma menor cobrança e menos "perseguição"; 2. Falta de reconhecimento: maior valorização da chefia e da sociedade, com um maior apoio para a realização das atividades; 3. Condições de trabalho: melhoria dos salários e uma diminuição da carga horária; 4. Oportunidades de crescimento profissional: almejam maiores e melhores oportunidades de crescimento incluindo as condições para estudarem e melhor se profissionalizarem. Pode-se assim concluir que nesse grupo de trabalhadores, de acordo com os resultados da escala, existe mais vivência de prazer, o que pode ser explicado pelo conteúdo da tarefa realizada, pelas relações socioprofissionais e pela flexibilidade da organização do trabalho em oferecer condições para o ajustamento da realidade às necessidades dos trabalhadores. Não obstante, as verbalizações indicam insatisfação com alguns aspectos do trabalho, os quais encontram-se associados à elementos do sofrimento. Isto implica também vivência de sofrimento, verbalizada como sentimentos de desgosto em relação ao trabalho. Essa contradição, aponta a necessidade de outras pesquisas para melhor investigar o sofrimento desta categoria profissional, bem como verificar até que ponto as respostas predominantemente de prazer atendem uma desejabilidade social, tendo em vista o contexto atual em relação à terceirização e ao desemprego.

Palavras-chave: Organização do trabalho; Prazer-sofrimento; Vigilantes

***

ORG 22

AVALIAÇÃO DE NECESSIDADES, ANÁLISE DO DESEMPENHO E DO PAPEL OCUPACIONAL. *Gardênia Abbad (Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília-DF) Letícia Carvalho, Thaís da Costa Picchi**, Maria Auxiliadora Moura Bessa**, Angelina Veloso***

Treinamento é definido como uma experiência planejada de aprendizagem que visa desenvolver mudanças no conhecimento, nas atitudes ou habilidades de indivíduos em seus ambientes de trabalho. A importância desse tipo de atividade tem aumentado nas organizações atuais frente às constantes mudanças tecnológicas, políticas, econômicas e sociais. A avaliação de necessidades é o primeiro passo para se desenvolver adequadamente um treinamento, garantindo que o conteúdo deste seja coerente com o papel ocupacional desempenhado pelos treinandos. Borges-Andrade e Lima (1983) desenvolveram uma fórmula, chamada de Índice de Prioridade Geral, que engloba os índices de importância e domínio de cada habilidade, permitindo identificar necessidades de treinamento e suas prioridades. O objetivo deste trabalho é realizar o levantamento de necessidades de treinamento de uma função desempenhada em uma instituição pública utilizando a abordagem de análise de papel ocupacional (Borges-Andrade e Lima, 1983) e apontar outros obstáculos ao bom desempenho da função seguindo o enfoque de Mager e Pipe, 1979). Participaram do estudo, 24 funcionários de uma empresa pública, que desempenham a função de encarregado de tesouraria, em 6 estados do país. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com 4 funcionários de agências dessa empresa no Plano Piloto - DF. Em seguida, elaborou-se um instrumento de avaliação de necessidades que, após validado junto aos funcionários entrevistados, foi aplicado em 21 encarregados de tesouraria, incluindo um já entrevistado na fase inicial, e um supervisor. A aplicação ocorreu na agência central, em Brasília. Tais funcionários foram também submetidos a entrevistas individuais realizadas com o intuito de aprofundar a avaliação de necessidades e identificar fatores que poderiam prejudicar o desempenho. Por meio da análise do Índice de Prioridade Geral não foi encontrada discrepância de desempenho em nenhuma das habilidades. Porém dois itens, que eram referentes a habilidades no uso de certos equipamentos, apresentaram desvios padrões altos (DP= 1,12 e 1,09). Os dados das entrevistas sugerem que isso se deve à grande variação da realidade das agências nos diversos estados: em algumas agências não havia os tais equipamentos. Por meio das entrevistas constatou-se uma grande insatisfação dos ocupantes da função quanto à grande quantidade de trabalho realizada por eles e problemas de comunicação entre os departamentos da empresa. Também foram constatados problemas de lay out e de padronização dos procedimentos.

Palavras-chave: Levantamento de necessidades; Treinamento

***

ORG 23

SATISFAÇÃO NO TRABALHO: DESENVOLVIMENTO DE UMA ESCALA E IDENTIFICAÇÃO DE FONTES DE INSATISFAÇÃO DOS FUNCIONÁRIOS DE UMA EMPRESA DE SEGURANÇA. *Elisângela Maria Machado Pratta** (Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP), Ariane Agnes Corradi Gonçalves** (Universidade de Brasília, Brasília, DF), Cristiane Aparecida Braz, Ágda de Fátima Alves**, Elizabeth Barham (Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP)*

Pesquisas sobre satisfação no trabalho indicam que as pessoas se engajam a uma organização esperando a satisfação de algumas necessidades profissionais e pessoais, estando dispostas a incorrer em certos custos e a fazer determinados investimentos pessoais. Quando a empresa atende às expectativas dos funcionários, estes sentem-se satisfeitos e comprometidos com a mesma e com o trabalho. A satisfação no trabalho é expressada em sentimentos, pensamentos e comportamentos, sendo uma variável multideterminada, podendo ser afetada por diversos fatores como o trabalho em si, condições e ambiente de trabalho, mudanças tecnológicas, profissionalização da força de trabalho, valores pessoais e estresse. No caso de serviços terceirizados, porém, é necessário diferenciar entre os fatores ligados à empresa, com a qual existe um vínculo empregatício e os fatores que variam de acordo com o local onde o serviço é prestado. Este estudo objetivou: a) desenvolver e padronizar um instrumento de avaliação de satisfação dos funcionários de uma empresa de serviços de vigilância, b) identificar os

aspectos do trabalho e da empresa que estavam gerando insatisfação. A satisfação dos funcionários foi avaliada semestralmente (primeira aplicação: n=130 funcionários, segunda n=185, terceira: n=253). O instrumento utilizado era composto por três escalas que avaliavam: a) grau de satisfação do funcionário em relação ao trabalho e à empresa; b) serviços prestados pelo setor administrativo; c) ambiente interpessoal do trabalho. Os protocolos respondidos foram depositados em urnas lacradas, garantindo o sigilo das respostas. O tratamento dos dados envolveu: a) análise de confiabilidade das escalas; b) cálculos descritivos (média, desvio padrão, mínimo e máximo para cada item avaliado e para as escalas). Observou-se que: a) nas duas primeiras aplicações a escala sobre relacionamento interpessoal apresentou índices de confiabilidade insatisfatórios (abaixo de .70). Através de reformulações, o índice de confiabilidade aumentou (de .69 para .92), mantendo-se estável nas aplicações posteriores. As demais escalas apresentaram índices de confiabilidade satisfatórios, entre .73 ("bom") e .91 ("excelente"); b) nas três aplicações os funcionários mostraram-se satisfeitos com o trabalho em si e insatisfeitos com algumas condições de trabalho, justiça nas promoções, salário, quantidade e qualidade da orientação, oportunidades de utilizar as capacidades no trabalho, possibilidade de aprender coisas novas e quantidade de trabalho. Em relação ao primeiro objetivo, conclui-se que as escalas finais apresentaram índices de confiabilidade satisfatórios. Em relação ao segundo objetivo, os itens que apresentaram as menores médias foram sempre os mesmos, confirmando a necessidade de melhorias nestes aspectos para aumentar a satisfação dos funcionários. Apesar dos funcionários considerarem-se satisfeitos com o trabalho em si, destaca-se a existência de respostas neutras a vários itens das escalas, o que indica baixa motivação, podendo ocasionar problemas no desempenho. Assim, esta avaliação, mostrou-se um recurso importante para a empresa identificar como realizar melhorias nas condições de trabalho sob seu controle, aumentando e facilitando o fluxo de comunicação entre a empresa e seus funcionários.

Palavras-chave: Satisfação no trabalho; Processo de comunicação; Condições de trabalho

****

ORG 24

GESTÃO DE PESSOAS EM CONTEXTO DE MUDANÇA: A IMPORTÂNCIA DE ELEMENTOS 'AGENCY' E 'COMMUNITY'. *Antonio Virgílio Bittencourt Bastos (Departamento de Psicologia da Universidade Federal da Bahia - Salvador - BA), Igor Gomes Menezes* (Departamento de Psicologia da Universidade Federal da Bahia - Salvador - BA) e Vitor Luís Ramos Neris* (Departamento de Psicologia da Universidade Federal da Bahia - Salvador - BA)*

A partir da década de 80, os estudos organizacionais foram impactados pelos diversos processos de mudança no mundo do trabalho e pela rápida reestruturação do ambiente organizacional, sendo estes considerados de relevância para a capacidade produtiva das organizações. A partir desse momento, a Gestão de Recursos Humanos viu-se na exigência de adotar um papel mais decisivo para os processos de organização, formulando, assim, um conjunto estruturado de estratégias, políticas, programas e instrumentos de gestão integrados entre si e com as demais estratégias da organização. Concomitante a isto, cresce o interesse pela investigação de como esquemas cognitivos de líderes organizacionais lhes permitem interpretar o ambiente externo e interno da organização e estabelecer objetivos que fundamentam as suas práticas de gestão. D. Rousseau e M. Arthur conceitualizaram um modelo que articula duas concepções tradicionalmente opostas acerca dos processos de gestão de pessoas nas organizações. A primeira refere-se à noção de agency, que defende a habilidade de os atores tomarem decisões e agirem de acordo com seus interesses, sendo o empreendedor autônomo o seu protótipo. A segunda - community - enfatiza uma maior participação e interdependência dos atores, o aprendizado conjunto e o desenvolvimento de uma mente coletiva, tendo como base a idéia de homem comprometido. Com base nestes referenciais, o presente trabalho buscou comparar, em um grupo de mestrandos em administração, a importância de elementos agency e community ao construírem um mapa cognitivo de uma organização desejável em termos de como estruturar as suas políticas de recursos humanos. Participaram do estudo 44 alunos, sendo que 32 pertenciam ao Mestrado Profissional (MP) e 12 ao Mestrado Acadêmico (MA). Diante de vinte itens divididos equitativamente entre as concepções agency e community, solicitou-se a construção de dois modelos de organização, 'desejável' ou 'indesejável'. Essas idéias deveriam ser registradas nos 'mapas' que representavam os dois modelos, sendo que o indivíduo deveria escolher quatro idéias centrais e essenciais e seis idéias periféricas para cada 'mapa'. As análises foram feitas utilizando-se o software SPSS 10.0. Os resultados, de modo geral, indicam uma tendência nas duas turmas (MP ou MA) de projetar os valores e práticas community em seus modelos de organização desejável e aquelas agency na indesejável, sendo essa tendência mais forte no MA. Em três itens observou-se diferença estatisticamente significativa entre os dois grupos; em todos eles, os alunos do MA rejeitaram mais fortemente os conteúdos agency e aderiam com mais força aos conteúdos community. A idéia de maior centralidade descrita no mapa coletivo das turmas para o modelo mais desejável de organização priorizava o trabalho em equipe e a troca de experiências, em contraponto ao modelo indesejável que preconizava que os indivíduos e organizações deveriam agir em defesa de seus próprios interesses. Embora, ocorra uma larga predominância de elementos community, há elementos agency nos modelos construídos pelas duas turmas, o que fortalece a postulação de Rousseau e Arthur sobre a necessidade de um modelo híbrido agency-community neste momento de transição por que passam as organizações.

Apoio CNPq

Palavras-chave: Mudanças Organizacionais; Gestão de Pessoas; Mapas cognitivos

****

ORG 25

VALORES ORGANIZACIONAIS E ADESÃO À GINÁSTICA LABORAL. *Raquel Ramos Ávila*, Juliana Lima Barreto*, Maíra Gabriela Santos de Souza*, Kátia de Lima*, Ana Karolina Fernandes de Menezes*, Amalia Raquel Pérez-Nebra* (Laboratório de Psicologia Social e Organizacional, Universidade de Brasília, Brasília, DF)*

A ginástica laboral refere-se a uma atividade corporal que visa levar ao ambiente de trabalho práticas preventivas, com o intuito de reduzir a incidência de doenças ocupacionais e elevar o nível de saúde geral dos empregados. Uma das sérias dificuldades enfrentadas por profissionais da área de saúde é a não-adesão total ou parcial do paciente à prescrição feita para seu tratamento, cura ou prevenção. O motivo para a não-adesão a tratamentos e programas de bem estar e saúde, inclusive os de prevenção, variam conforme características da doença, do paciente, riscos à saúde, contexto sócio-cultural-familiar do indivíduo, do profissional envolvido e da instituição provedora do serviço. Esse problema tem representado um dos grandes impedimentos para o sucesso dos programas de saúde, no entanto, o estudo e a implantação da ginástica nas empresas é bastante recente sendo as pesquisas na área escassas . Um grande interesse por parte de empresas e pesquisadores tem surgido em torno do tema, mostrando sua relevância e atualidade. Poucos estudos investigaram a relação entre valores organizacionais e a prática de ginástica laboral. O objetivo da presente pesquisa foi estudar o impacto dos valores organizacionais sobre a adesão à ginástica laboral. Participaram da pesquisa 200 empregados de uma instituição pública federal no Distrito Federal, com tempo médio de 6,87 anos de serviço (d.p = 5,51). Para avaliação das variáveis foi utilizado um Inventário de Valores Organizacionais, acrescido de duas questões que avaliaram a adesão e importância dada à prática da ginástica O instrumento foi aplicado individualmente no próprio local de trabalho dos participantes. A regressão múltipla stepwise revelou que o fator domínio é um preditor da importância conferida à ginástica pelos empregados ($R2 = 0,40$). Quanto mais a organização valoriza o domínio dos recursos materiais, do mercado, da tecnologia e do conhecimento na área específica de atuação, maior a percepção de que a prática da ginástica é importante ($b = 0,21$). A análise da correlação revelou que o fator harmonia apresenta correlação significativa com a adesão à ginástica ($r = 0,17$, $p<0,05$). Isso quer dizer que quanto maior a valorização da proteção à natureza, cooperação e integração interorganizacional, maior a adesão. Esses resultados explicam o fato de que a ginástica laboral pode ser considerada como forma de promover a imagem da organização no mercado, que passa a ser vista como exemplo de inovação e liderança. A importância dada à ginástica não implica necessariamente em adesão, embora haja uma correlação significativa entre ambos ($r = 0,27$, $p<0,001$). A percepção de cooperação e integração na organização favorece a adesão a programas como o de ginástica. Conclui-se que o fator domínio, entre os valores organizacionais, foi o melhor preditor da importância dada à ginástica.

Palavras-chave: Valores organizacionais; Ginástica laboral; Adesão

****

ORG 26

CONSTRUÇÃO E DESCONSTRUÇÃO DO SIGNIFICADO DO TRABALHO: UM ESTUDO COM PETROLEIROS DE ALTO DO RODRIGUES E DE MOSSORÓ. *Cláudia Cristina Fragoso Carmo*, Sarah Jane de Vasconcelos Câmara*, Alda Leila de L. Teixeira* e Livia de Oliveira Borges (Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN)*

A literatura especializada na Psicologia Organizacional e do Trabalho é convergente em sublinhar o caráter dinâmico, multifacetado e psicossocial da atribuição de significados ao trabalho, abrangendo a noção de que o significado do trabalho é construído de acordo com a inserção social do indivíduo. O dinamismo de tal processo tem sido exacerbado pelo acentuado processo de mudança em curso no mundo do trabalho, o qual inclui a gestão, a tecnologia, a organização do trabalho, as políticas de redução de custo e as relações de produção. Em cada empresa, tal processo de mudança assume suas particularidades. Os operadores de petróleo dos Ativos Produção de Alto do Rodrigues e de Mossoró da PETROBRÁS necessitaram se submeter a um novo regime de trabalho, designado por turno fixo, que consiste na atuação, em produção contínua, em um único turno durante um determinado período. Tais operadores têm apresentado queixas sobre as implicações de tal regime. A presente pesquisa objetivou avaliar implicações de tais mudanças, indagando: Em que aspectos a atribuição de significados ao trabalho por esses operadores de petróleo difere daquela da época do ingresso na Petrobras? Aplicaram-se, então, questionários abertos em 34 operadores de petróleo (numa população de 45 pessoas) e as respostas obtidas foram posteriormente submetidas à análise de conteúdo. Quando questionados sobre o motivo pelo qual escolheram a

Petrobrás para empregar-se, as respostas mais freqüentes se referem a aspectos econômicos (67,6% dos participantes) e às expectativas de amparo social e estabilidade (55,9%), acompanhados, num segundo patamar de freqüência, pela imagem positiva da empresa (23,5%) e aspectos expressivos (20,5%). Quando indagados sobre o que significa o trabalho atualmente, as respostas dos operadores de petróleo revelam que: (a) continuam atribuindo significados ao trabalho semelhantes aos motivos de admissão, posto que os mais freqüentes estão nas categorias de significados econômicos (55,9%), de estabilidade e amparo social (38,2%), importância geral (29,3) e expressividade e reconhecimento (29,2%); (b) a valorização de tais categorias de significados, porém, foi rebaixada, pois estão em faixas de freqüência mais baixas, principalmente, no que diz respeito à estabilidade e ao amparo social; (c) há maior dispersão das respostas e (d) ocorre o aparecimento de uma categoria de aspectos negativos (obrigação, perseguição, falta de perspectiva de ascensão, falta de realização) que não havia entre os motivos da escolha do emprego. O desenvolvimento do trabalho sob o turno fixo adiciona um significado que se opõe à importância atribuída à família (esfera da vida mais valorizada), posto que se submeter a esse regime de trabalho implica um afastamento maior do que tinham de suas famílias. Em outras palavras, cria um conflito entre alvos igualmente importantes: de um lado, o desejo de manter o emprego, a assistência econômica à família e a dedicação ao emprego, e, de outro, desfrutar do convívio da família e assisti-la pessoalmente. Dessa forma, observa-se um processo de desconstrução dos significados atribuídos ao trabalho, através do enfraquecimento das bases que os sustentam, o que se associa às mudanças no trabalho, principalmente, no que se refere à adoção do turno fixo.

Apoio do SINDIPETRO-RN
Palavras-chave: Desconstrução; Significado do trabalho; Regime de trabalho

*****

ORG 27

SAÚDE PSÍQUICA DOS QUE LIDAM COM A SAÚDE. *Hilze Benigno de Oliveira Moura* e Lívia de Oliveira Borges. (Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN)*

Fenômenos como tensão emocional e depressão estão sendo vivenciados cada vez mais pelas pessoas sendo, por isso, objeto de estudos e pesquisas em todo mundo. Na busca por qualidade de vida e pela saúde psicológica, aqueles que lidam com a questão da saúde - os profissionais de saúde - tentam soluções para identificar melhor o limite entre estado de saúde e doença e para amenizar a dor e o sofrimento dos pacientes, porém, sabe-se pouco acerca da saúde psíquica de tais profissionais. Diante deste quadro, planejou-se a presente pesquisa para avaliar a saúde psíquica de tais profissionais na cidade de Natal a partir de uma coleta de dados desenvolvida com uma amostra de quatrocentos e oitenta e sete (487) profissionais distribuídos em várias instituições sanitárias incluindo unidades básicas de saúde, hospitais universitários, hospitais da rede pública de saúde e algumas instituições particulares. Utilizou-se o QSG-12 (Questionário de Saúde Geral, formato reduzido), de autoria de Goldberg, composto de doze itens apresentando uma série de sintomas, o qual indica a possibilidade de apurar escores de fatores relacionados ao sentimento de perda da auto-eficácia e à tensão emocional e depressão. A aplicação do QSG-12 ocorreu no próprio local de trabalho dos participantes que responderam ao questionário marcando alternativas sobre a freqüência em que sentem os sintomas indicados a cada item do questionário, correspondendo a uma escala de Likert de 0 a 3. A estimativa dos escores individuais nos dois fatores consiste nas médias das respostas apresentadas aos itens que compõem o fator. Entre os participantes da amostra, as médias em ambos fatores (0,74 e 0,96) são abaixo da mediana. Entretanto, ao examinar a distribuição de freqüência dos escores nos fatores, observa-se que 22,1% dos participantes apresentam escores de perda da auto-eficácia nos níveis moderados a altos e 41,3%, escores de tensão emocional e depressão nos mesmos níveis. Tal constatação significa que há uma parcela relevante dos profissionais de saúde com comprometimento na saúde psíquica geral, especialmente, referente à tensão emocional e depressão. Examinaram-se as distribuições de freqüência dos escores do QSG-12 em conformidade com aspectos demográficos (gênero e idade) e por categoria ocupacional, observando-se que o Qui-Quadrado rejeita a independência entre esta última variável e os escores de Tensão Emocional e Depressão (Qui-quadrado=53,12 para p=0,03), de modo que os odontólogos, médicos, enfermeiros, nutricionistas e agentes comunitários tendem a apresentar os escores mais elevados. Sem desconsiderar os inúmeros aspectos que esses resultados podem estar associados, levanta-se a hipótese de que o ritmo diário enfrentado por tais profissionais, a falta de elaboração de projetos de humanização nas organizações e o distanciamento da concepção do bem-estar biopsicossocial entre o ideal e o real podem estar entre os principais. Outro aspecto, refere-se às exigências do mercado de trabalho que crescem, sem ter em consideração a natureza das atividades e as responsabilidades inerentes a cada categoria ocupacional, podendo assim acarretar esgotamento, preocupações e comprometimento na saúde psíquica e na qualidade de vida de cada um ou de alguns. Sugere-se, por fim, que estas hipóteses sejam exploradas em novas pesquisas.

Apoio do CNPq, as autoras são respectivamente bolsista de iniciação científica e de produtividade.
Palavras-chave: Profissionais de Saúde; Saúde e doença; Qualidade de Vida

*****

ORG 28

TRABALHO, IDENTIDADE E SUBJETIVIDADE EM EMPREENDIMENTOS DE AUTOGESTÃO - A AUTONOMIA DO SUJEITO TRABALHADOR EM QUESTÃO. *Ricardo Augusto Alves de Carvalho (Núcleo de Estudos Sobre o Trabalho Humano - NESTH/ Rede Interuniversitária de Estudos e Pesquisas sobre o Trabalho - UNITRABALHO, Universidade Federal de Minas Gerais- UFMG, Belo Horizonte, MG); Ana Rita Castro Trajano** (NESTH/ UNITRABALHO, UFMG, Belo Horizonte, MG), Selma Cordeiro Salomão* e Luciana Nery Oliveira Morais* (NESTH/UNITRABALHO/UFMG, Belo Horizonte, MG)*

A presente investigação, dentro da perspectiva da pesquisa-ação, envolve sujeitos trabalhadores em processo de construção de novas relações de trabalho na construção de empreendimentos de autogestão em socioeconomia solidária. Interessa-nos investigar as configurações psicossociais em processos autogestivos, buscando uma abordagem da dimensão psicossocial do sujeito no mundo do trabalho. Parte-se da constatação da centralidade do trabalho na sociedade contemporânea e de uma abordagem inter/transdisciplinar, visando compreender o lugar do trabalho nos processos de subjetivação e da construção identitária do sujeito trabalhador. Os objetivos desta pesquisa, em particular, assim se expressam:1) verificar em que medida os processos de construção identitária em empreendimentos de autogestão se diferenciam de processos identificatórios em empresas heterogeridas. Buscam construir a autonomia, possibilitando a emergência de sujeitos humanos livres e criativos, criando uma nova cultura? Ou, ainda, apenas se está mudando o culto e não a cultura? 2) analisar o processo de mobilização da subjetividade do trabalhador pela organização autogestionária, investigando como o sujeito se posiciona e experiencia esta mudança da organização do trabalho, trazendo nesta medida mudanças na configuração identitária dos mesmos. A ação se desenvolve em quatro empreendimentos, sendo a forma jurídica desses a de Cooperativa. A construção do processo autogestionário tem início a partir da falência da empresa anterior, tipicamente capitalista, apresentando-se como uma resposta dos trabalhadores à ameaça de perda de trabalho ou desemprego. Pesquisa essencialmente qualitativa, orientando-se pelos pressupostos da pesquisa-ação e da psicossociologia do trabalho: não separação entre pesquisador e objeto de estudo, pressupondo participação e ação efetiva dos interessados, contato com o sujeito e com a realidade do trabalho a ser investigado, evitando a princípio uma definição rígida de hipóteses. Dentre os instrumentos utilizados ressaltamos: "Observação in loco" e "conversa ao pé da máquina" (observação de campo e apreensão da dinâmica estabelecida na relação sujeito/trabalho, ou seja, a apreensão do sujeito em processo na própria atividade laboral); "História de vida no trabalho"(resgata-se as relações entre um passado heterogestivo com a prática atual de construção da autogestão, as elaborações do sujeito sobre a sua experiência como trabalhador) e "Oficinas"(formação de Grupo de Trabalhadores na perspectiva teórica do Grupo Operativo). Até o presente momento, a análise dos dados colhidos - através de observações, "conversa ao pé da máquina" e entrevistas individuais abordando a "história de vida no trabalho"- nos apontam mudanças em processos subjetivos e identitários, revelando-nos a dificuldade de assunção de processos autônomos para os sujeitos que vêm de experiências heterônomas, produtoras de indivíduos heterônomos, conformados aos ideais da "cultura da empresa". Identidade, Subjetividade e Autonomia se conectam neste processo, indicando possibilidades de transformação de indivíduos heterônomos em sujeitos autônomos.

A formação de um Grupo/Oficina se encontra em processo de andamento, tendo alguns temas emergentes já indicados, na interação pesquisador/sujeito trabalhador: Relação entre dirigentes e cooperados; Relação entre Cooperativa e Sindicato dos Trabalhadores; Desemprego e exclusão social; Dinheiro e Lucro; Trabalho e Família; Trabalho e Liberdade

Apoio financeiro/bolsas: bolsa de mestrado/CAPES, bolsa de iniciação científica/FAPEMIG.
Palavras-chave: Trabalho; Identidade; Subjetividade

*****

ORG 29

TRANSFORMAÇÕES NO MUNDO DO TRABALHO - O COOPERATIVISMO POPULAR COMO ALTERNATIVA VIÁVEL. *Jacques C. Rochael Nasciutti; *Carla Rodrigues de Mello; *Fabiana Silveira Dutra; *Juliana de Santana Matos; *Tatiana Ramos de Lima (UFRJ; Rio de Janeiro - RJ)*

Atualmente, com o crescente desemprego, as cooperativas populares vêm sendo apontadas como uma alternativa para trabalhadores marginalizados no mercado de trabalho. Constituem uma forma organizacional de estilo democrático de desenvolvimento, onde conceitos como participação popular, autogestão e co-gestão são colocados à prova. (Guimarães, 1998). Nestes últimos dez anos, registra-se no Brasil um progressivo crescimento de cooperativas, chegando o número de cooperativados a aproximadamente 4 milhões indicando uma possível preocupação com a coletividade. Sendo assim, a proposta do Cooperativismo, de um modelo solidário nas relações de

trabalho, se apresenta na contramão do modelo individualista e competitivo que regula o mundo neo-liberal. Podemos supor, portanto, que neste contexto sócio-econômico contemporâneo, caracterizado pela exclusão, a cooperatividade apresente como uma fonte de resgate da cidadania. Partindo desta perspectiva, nossa pesquisa tem como objetivo analisar diferentes aspectos do cooperativismo, pelo viés da psicossociologia que inclui pressupostos teóricos e metodológicos interdisciplinares (psicologia institucional, psicologia do trabalho, sociologia e economia). Possui ainda como intuito apreender os modos de existência da cooperativa de produção, em sua forma popular e urbana, a partir de como ela se representa no imaginário social/histórico (nível instituído), como ela se viabiliza enquanto rede de comunicações/afinidades (nível funcional) e como se estruturam as relações interpessoais e investimentos pessoais (nível relacional). Visa ainda verificar de que forma os princípios da doutrina do cooperativismo estão sendo aplicados e respeitados na formação e gestão destas instituições e como esses princípios são representados no discurso dos cooperativados e técnicos em suas práticas cotidianas. A metodologia de pesquisa que está sendo utilizada é a pesquisa participante por ser apropriada para o conhecimento da realidade das cooperativas, visto que desenvolve-se através da participação dos membros da equipe de pesquisa nas diferentes atividades que compõem a prática institucional. Como técnicas estamos utilizando a observação participante (in loco de reuniões, assembléias, análise documental e atividades cotidianas de cooperativados e entrevistas semi- estruturadas com cooperativados que ocupem diferentes lugares e papéis na cooperativa e com profissionais que prestam assessoria às cooperativas. Os resultados obtidos até o momento parecem reforçar o ideário coletivista quando o mesmo é ameaçado em sua essência (o caráter democrático e não imposto) na formação e gestão de cooperativas populares urbanas. Nestes dados de pesquisa mostram, que embora a motivação primeira para integrar uma cooperativa seja o desemprego e que, se a grande vantagem é não ter patrão, a maior desvantagem do modelo cooperativista é, segundo seus associados, justamente a falta da "carteira assinada" (símbolo do vínculo patrão/empregado), alguns elementos de análise se destacam evidenciando resultados hipotetizados pela doutrina cooperativista. Eles apontam na direção da solidariedade e fraternidade na divisão do trabalho e para uma mudança na representação de si mesmo frente ao mundo, formação da consciência de condição de cidadão. Vínculos sociais e afetivos mais fortes, diversão não apenas de sobras ou perdas, mas principalmente de responsabilidades, desafios, conhecimento e confiança, aprendizagem e melhora na auto- estima foram algumas das conquistas apontadas pelos cooperativados. O orgulho da apropriação do trabalho, o respeito adquirido na comunidade, a descoberta de que o fazer junto não só é possível como fortalece todos e cada um, parece ser o que tem mobilizado as pequenas cooperativas populares urbanas no Rio de Janeiro. Nesses pequenos núcleos agentes e facilitadores de formação de cidadania podemos perceber que modelos produtivos alternativos podem também ser produtores de bem-estar psicossocial na sociedade brasileira. A questão de gênero e da carteira de trabalho surgiram entre os resultados como pontos de tamanha evidência que mereceram abordagens mais aprofundadas, constituindo os sub- projetos em elaboração desta pesquisa. A participação majoritária de mulheres em cooperativas parece refletir alguns indicadores psicossociais relacionando diferença de gênero na gestão associativa para o cooperativismo. Para o segundo sub- projeto, a carteira de trabalho se apresenta antagonicamente como símbolo de aquisição de direitos do trabalhador e ao mesmo tempo como representante da cultura capitalista onde o trabalho é visto de forma dissociada do bem-estar do trabalhador, delegando- lhe um lugar de não- poder nas relações de trabalho. Como pesquisadores preocupados com a função social da universidade brasileira, nosso intuito é contribuir, através da reflexão sobre as práticas, para a reelaboração de modelos produtivos que sejam também produtores do bem-estar psicossocial da população brasileira.

Carla Rodrigues de Mello - bolsista de Iniciação Científica - PIBIC/CNPq
Fabiana Silveira Duhra - bolsista de Iniciação Científica - FAPERJ
Juliana de Saviana Maia - bolsista de Iniciação Científica - FAPERJ
Tatiana Ramos de Lima - bolsista de Iniciação Científica - PIBIC/CNPq
Palavras-chave: Cooperativismo; Cidadania; Comunidade

ORG 30

APOIO AO FUNCIONAMENTO DE INCUBADORA DE COOPERATIVAS POPULARES: ORGANIZAÇÃO INTERNA, APRIMORAMENTO DAS CONDUTAS DE MEDIADORES E PROCESSO DE ESTRUTURAÇÃO DOS EMPREENDIMENTOS SOLIDÁRIOS. *Fernanda Calheiros de Oliveira* (Incubadora Regional de Cooperativas Populares/Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP), Paula Bertini Faleiros ** (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP), Daniela Lucena, (Incubadora Regional de Cooperativas Populares/Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP), Kellen Aniceto Lopes Vieira* (Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP), Ana Lucia Cortegoso (Departamento de Psicologia/Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP)*

A Incubadora Regional de Cooperativas Populares da UFSCar, como outras similares, tem por finalidade prestar assessoria a grupos populares na formação de cooperativas, como organização multidisciplinar para desenvolver atividades de ensino, pesquisa e extensão, com a participação de docentes de diferentes áreas de conhecimento, profissionais de diferentes campos de atuação profissional, e de alunos de diferentes cursos de graduação e pós-graduação. Dentre seus objetos de estudo e intervenção estão características e condições de funcionamento de cooperativas como organização social e de trabalho e processos de incubação, subsidiando cooperados para administrar seu próprio empreendimento de forma autônoma e para reivindicarem, de forma coletiva, melhorias de qualidade de vida. Neste contexto, a contribuição da Psicologia vem se dando a partir do envolvimento de psicólogos, docentes e alunos interessados, do ponto de vista científico e do ponto de vista prático, em três frentes principais: apoio ao funcionamento da incubadora como organização; apoio ao trabalho dos membros da equipe que atuam junto aos grupos incubados; apoio aos grupos incubados para desenvolvimento das atividades da cooperativa. Para isso tem sido necessário responder, com produção de conhecimento e intervenção profissional, a questões sobre condições para o funcionamento da incubadora como organização de trabalho; b) desenvolvimento das atividades de apoio aos grupos de cooperantes c) viabilidade da constituição e implementação das cooperativas. Em termos de funcionamento da incubadora, foram propostas, planejadas e implementadas atividades relativas a 1. identificação e descrição das competências de indivíduos e da agência, necessárias ao cumprimento de seus objetivos em termos de relações organismo-ambiente e de responsáveis por estes comportamentos, a partir de entrevistas com participantes e de documentos relativos a diferentes processos de incubação conduzidos; 2. sistemática de reuniões e de trabalho da equipe; 3. sistemática de recrutamento, triagem e inserção de participantes na incubadora compatível com seus objetivos e características. Como condição de apoio à equipe responsável por implementar o processo de incubação junto aos cooperantes, foram propostas e desenvolvidas 1. recursos para elaboração de regimento interno, 2. instrumentos e procedimentos favorecedores da ocorrência de comportamentos de cooperantes compatíveis com a proposta cooperativista de organização do trabalho e um programa destinado ao preparo de indivíduos para atuar cooperativamente. Quanto ao apoio dado aos grupos em processo de incubação, foram implementados recursos e oferecidas assessorias para caracterização de perfil do grupo, estudo da viabilidade econômica da cooperativa, treinamentos e simulações sobre atividades e princípios cooperativistas, organização de trabalho coletivo, habilidades sociais, práticas de planejamento e de atividade produtiva. Constituem produtos desses trabalhos, um mapeamento de condutas institucionais e humanas desejáveis para os vários envolvidos no processo de incubação de cooperativas populares, um conjunto de procedimentos para lidar com tais comportamentos na condição de membros da incubadora e de mediadores do processo de incubação, uma sistemática de apoio para garantir adequada inserção e integração dos recursos humanos na incubadora, programas de ensino destinados a capacitar para a prática cooperativista, bem como relatos sobre condições de atendimento a um grupo incubado específico que criou e implementou uma cooperativa de limpeza e serviços afins.

Palavras-chave: Cooperativismo; Análise de contingências no trabalho; Incubação de cooperativas

ORG 31

IMPACTOS DO DESEMPREGO SOBRE TRABALHADORES DESEMPREGADOS DA GRANDE FLORIANÓPOLIS. *Maria Chatlin Coutinho e Carla Michele Serafim* (Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis - SC)*

Este trabalho faz parte de um projeto de pesquisa que tem por objetivo identificar o perfil psicossocial e econômico de trabalhadores desempregados da Grande Florianópolis. Os dados foram coletados através da aplicação de um questionário fechado com desempregados que se cadastravam junto aos postos da Delegação Regional do Trabalho - DRT, para obter seguro desemprego, e do Sistema Nacional de Empregos - SINE, buscando recolocação no mercado de trabalho. Foram entrevistados 1354 sujeitos, no período de novembro de 2000 a fevereiro de 2001, que responderam questões relativas a: dados de identificação, situação familiar e renda, formação e qualificação, atividades profissionais, estratégias para recolocação profissional e efeitos do desemprego. Neste painel serão apresentados alguns aspectos relativos ao perfil levantado, dando destaque aos efeitos do desemprego percebidos pelos entrevistados. Os dados coletados indicam um perfil de desempregados no qual predominam os trabalhadores do sexo masculino, com até 40 anos, brancos, solteiros, oriundos do próprio Estado de Santa Catarina e, particularmente, da Região da Grande Florianópolis. Em relação à escolaridade observou-se que um contingente significativo dos entrevistados (32%) ainda não completou o ensino fundamental, no entanto, cerca de 40% destes já concluíram o ensino médio. Foram coletadas informações a respeito da última atividade exercida com vínculo empregatício. Os tipos de ocupações foram classificados de acordo com a Classificação Brasileira de Ocupações - CBO, as mais freqüentes (acima de 10%) foram relacionadas a: turismo, hospedagem, servanha, segurança etc.; serviços administrativos, contabilidade e telefonia; construção civil, fabricação de borracha e plástico, papel e papelão etc. e comércio. Três destes tipos de atividades estão relacionados ao setor de serviços (característico da Região da Grande Florianópolis) e um à produção industrial. O último salário recebido pela maioria dos entrevistados situa-se em uma faixa de até três salários mínimos, o que caracteriza uma remuneração baixa. O principal motivo de desligamento declarado pelos entrevistados foi

decorrente da iniciativa do próprio entrevistado, que solicitava a sua saída (cerca de 30%). O tempo de desemprego da maioria dos sujeitos é inferior a um ano, para os cadastrados na DRT este tempo tende a ser menor, já que a legislação exige que a solicitação do seguro desemprego seja feita até três meses após a demissão. Os entrevistados foram solicitados a informar quais as conseqüências percebidas do desemprego em relação a dificuldades econômicas, problemas físicos de saúde, dificuldades emocionais, comportamentais e de relacionamento. Tal como era esperado, a maioria (82%) percebe os problemas econômicos decorrentes do desemprego, independente do tempo em que está desempregado, já os problemas físicos de saúde e de relacionamento geralmente não foram associados ao desemprego. As dificuldades emocionais (67%) também foram relacionadas pela maioria como decorrentes do desemprego. As dificuldades comportamentais, ainda que não observadas pela maioria, são apontadas por um contingente significativo de entrevistados (aproximadamente 40%). Estes resultados sugerem que não só os impactos objetivos (dificuldades econômicas), mas também as repercussões subjetivas (dificuldades emocionais e comportamentais) são importantes quando se analisa o modo como os trabalhadores vivenciam a situação de desemprego.

APOIO FINANCEIRO: Esta pesquisa faz parte de um programa mais amplo denominado "Projeto de Intervenção Psicossocial com Trabalhadores Desempregados Beneficiários do Seguro Desemprego da Grande Florianópolis". Esse projeto foi desenvolvido por uma equipe de professores do Departamento de Psicologia da UFSC e contou com recursos financeiros oriundos do Fundo de Amparo ao Trabalhador.
Palavras-chave: Trabalho; Desemprego; Perfil profissional

-∗-∗-∗-

ORG 32

VALORES CULTURAIS COMO PREDITORES DE COMPROMETIMENTO EM POLICIAIS MILITARES. *Antonio Paulo Pinheiro Lima*, Fabiana Lopes Dias*, Jeferson Avelino Ribeiro Júnior*, Liége Pedrosa Dias Drumond*, Ludmyla Rodrigues Gomes*, Thiago Cardoso Costa*, Cláudio Vaz Torres (Laboratório de Psicologia Social e Organizacional, Universidade de Brasília, Brasília - DF)*

Diante o grande crescimento da violência, surge a necessidade de se estudar o comportamento organizacional em profissões de risco. Dentro desse amplo campo de estudo se ressalta o constructo comprometimento, o qual busca estudar como se estabelece uma ligação e envolvimento do indivíduo com o seu trabalho. Mais especificamente, o construto de comprometimento afetivo relaciona-se à identificação do indivíduo com a organização na medida em que este aceita os valores e se esforça em prol da organização em que atua. Nesse contexto, os valores culturais relacionam-se aos ideais socialmente compartilhados sobre o que é considerado bom, correto e desejável por um grupo social. Tal definição implica ressaltar que os valores são metas em que os indivíduos se fixam, relativos a estados de existência ou a modelos compartilhados. Dentre a amplitude de valores que podem ser investigados, destacam-se as dimensões de individualismo e coletivismo e suas manifestações vertical e horizontal. Individualismo-coletivismo se referem à definição do self como independente ou interdependente, enquanto que as características vertical-horizontal dizem respeito à expectativa de uma diferença de poder social e conseqüente hierarquia na sociedade. O objetivo desse trabalho foi o de analisar o impacto dos padrões culturais de individualismo-coletivismo horizontal-vertical sobre o comprometimento afetivo com a organização, segundo a perspectiva de policiais militares do Distrito Federal. A amostra foi composta de 40 policiais militares de dois batalhões distintos. A média de idade foi de 34 anos, sendo que desses 88,7% eram do sexo masculino. A maior parte dos pesquisados eram soldados (49,2%) e a escolaridade predominante foi de Segundo Grau Completo (42,5%). 48,8% possuíam renda de 1001 a 1500 reais. Foram utilizados como instrumentos uma Escala de Valores (alfa = 0,73) e uma Escala de Comprometimento Afetivo (alfa=0,87). Verificou-se, assim, que coletivismo-horizontal, individualismo-vertical e individualismo-horizontal não foram bons preditores de comprometimento afetivo, ou seja, tais valores não implicaram que os indivíduos se comprometessem com a instituição em um nível afetivo. Entretanto, coletivismo-vertical se mostrou como um bom preditor desse comprometimento ($R2 = 0,07$; $p < 0,02$). Entende-se por coletivismo-vertical a identificação e o envolvimento do sujeito com os membros do seu grupo (i.e., self interdependente), aliado à expectativa de uma hierarquia vigente entre os grupos sociais. Além do coletivismo-vertical, as variáveis patente e renda também se mostraram preditoras de comprometimento ($R2 = 0,15$; $p < 0,00$; e $R2 = 0,04$; $p < 0,02$, respectivamente). Discutiu-se, então, que o comprometimento afetivo nessa instituição se relaciona ao fato da hierarquia proposta pelo coletivismo-vertical, demonstrada através da patente dos policiais militares, outorgar ao sujeito maior poder de decisão e responsabilidade pelos atos dos seus subordinados.
Palavras-chave: Comprometimento afetivo; Valores; Padrões culturais

-∗-∗-∗-

ORG 33

AVALIAÇÃO DAS NORMAS PARA ESTILOS DE LIDERANÇA NAS REGIÕES BRASILEIRAS: DIFERENÇAS CULTURAIS E DE LIDERANÇA. *Cláudio V. Torres, Rodrigo Vasconcelos*, Renata Minghelli* e Fabiana Brasileiro* (Laboratório De Psicologia Social e Organizacional - Universidade de Brasília, Brasília - DF)*

Diversos estudos demonstraram que o contexto cultural deve ser levado em consideração nas pesquisas sobre teorias de liderança. Evidências científicas sugerem uma variação na preferência por estilo de liderança relacionada à cultura da região dos subordinados. A variável cultura pode ser examinada por meio da avaliação de dimensões culturais, tais como as manifestações vertical-horizontal do individualismo-coletivismo. Os padrões culturais individualismo-horizontal, individualismo-vertical, coletivismo-horizontal e coletivismo-vertical são postulados como resultantes dessa interação, sendo que cada padrão cultural varia quanto à percepção do indivíduo como pertencente a um grupo, e quanto à aceitação de desigualdade social. A norma social é um componente da cultura que também relaciona-se a essas dimensões. O Modelo de Retorno Potencial, que mede as normas sociais, foi usado para medir as diferenças entre as normas para estilos de liderança das 5 regiões geográficas do Brasil. Os dados foram coletados com 360 funcionários de universidades federais brasileiras. Foi solicitado que os participantes apresentassem o seu nível de aprovação para dois contínuos de comportamentos de liderança, que variavam de comportamentos autocráticos a participativos, e também que respondessem a uma escala de valores que mede os seus padrões culturais. Os resultados sugerem que os brasileiros das regiões Norte e Nordeste têm uma preferência por estilos de liderança mais autocráticos, quando comparados aos participantes das demais regiões do país. Também sugere-se que a maioria dos brasileiros das regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste têm uma preferência pelo padrão cultural individualista-horizontal, enquanto que a maioria dos respondentes das regiões Norte e Nordeste preferiram o padrão cultural coletivista-horizontal. Discute-se que esses dados podem representar uma contribuição para a efetividade de treinamentos de liderança.
Palavras-chave: Diferenças culturais; Estilos de liderança; Individualismo-coletivismo

-∗-∗-∗-

ORG 34

ESTRATÉGIAS DEFENSIVAS E MOBILIZAÇÃO SUBJETIVA PARA ENFRENTAR O SOFRIMENTO NO TRABALHO: ESTUDO EXPLORATÓRIO COM PROFESSORES E VENDEDORES. *Vitor Cortes Magalhães* e Ana Magnólia Mendes (Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, Universidade de Brasília, Brasília, DF)*

O trabalho pode ser gerador de prazer ou de sofrimento. O prazer é vivenciado quando a organização do trabalho possibilita a execução de tarefas e de relações socioprofissionais significativas e gratificantes, e o sofrimento emerge diante da incompatibilidade entre as demandas do indivíduo e a realidade externa frente às imposições, restrições e pressão geradas na organização do trabalho. Quando esse sofrimento é vivenciado é enfrentado pelas estratégias defensivas ou pela mobilização subjetiva. As estratégias defensivas são, na sua maior parte, inconscientes e tem por finalidade proteger o indivíduo de idéias e afetos dolorosos, sendo o sofrimento negado, evitado ou minimizado. Na literatura são encontradas, predominantemente, como defesas utilizadas no ambiente organizacional: repressão, regressão, projeção, identificação, formação reativa e negação. A mobilização subjetiva implica utilização de estratégias criativas que visam transformar as situações geradoras de sofrimento em situações geradoras de prazer. Para tal, são necessários recursos psicológicos dos indivíduos e um coletivo de trabalho marcado pelas relações de cooperação, confiança e solidariedade. Nessa perspectiva, a pesquisa tem por objetivo estudar as estratégias defensivas e a mobilização subjetiva, utilizadas por professores e vendedores, para enfrentar o sofrimento psíquico no trabalho. Participaram da pesquisa 05 professores de uma escola de inglês e 05 vendedores de uma empresa distribuidora de bebidas. Utilizou-se como instrumento entrevistas coletivas semi-estruturadas com objetivo de identificar o discurso emergente das duas categorias profissionais em relação às estratégias de enfrentamento do sofrimento vivenciado. As entrevistas tiveram duração de 1h e 10min, foram transcritas e em seguida analisadas com base na técnica de análise de conteúdo. Os resultados observados para os professores da escola de inglês foram classificados nas seguintes categorias: satisfação com o trabalho; bom relacionamento com colegas/chefia; preocupação com os alunos e; descomprometimento dos alunos. Para o grupo de vendedores foram identificadas as seguintes categorias: bom relacionamento com colegas/chefia; reconhecimento do trabalho, pouca liberdade e; dificuldades com a responsabilidade. Observa-se, então a predominância da vivência de prazer nas duas ocupações, expressa nas categorias satisfação, reconhecimento e bom relacionamento. O sofrimento é vivenciado em função das preocupações com alunos pelos professores e pela pouca liberdade e dificuldades com as responsabilidades pelos vendedores. Diante desse sofrimento, o grupo de professores verbalizam comportamentos relacionados à mobilização subjetiva como cooperação e confiança nas relações com os pares, que discutem as dificuldades buscando modificar as situações geradoras de sofrimento. Os vendedores verbalizam o mecanismo de defesa racionalização para criar explicações lógicas que amenizam seu sofrimento, considerando que as dificuldades com o trabalho são inerentes à organização do trabalho, não propondo nenhuma estratégia para modificar as situações geradoras de sofrimento. A partir desses resultados, ainda exploratórios, pode-se concluir

que as estratégias de enfrentamento do sofrimento são distintas para diferentes grupos ocupacionais, o que demonstra sua especificidade e particularidade, e ainda que a organização do trabalho possivelmente é o elemento que favorece a utilização de defesas ou de mobilização subjetiva quando oferece ou não liberdade para o trabalhador negociar suas necessidades, falar do trabalho e encontrar alternativas para mudar as situações geradoras de sofrimento

Bolsa de iniciação científica PIBIC
Palavras-chave: Prazer-sofrimento; Defesa; Mobilização subjetiva

****

ORG 35

ESTILOS DE CARÁTER NO CONTEXTO DE UMA EMPRESA PÚBLICA NA ÁREA DE SAÚDE. *Ana Magnólia Bezerra Mendes, Beatriz Montenegro Franco de Souza*; Mariana da Silva Oliveira* (Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, Universidade de Brasília, Brasília, DF)*

O estudo utiliza o referencial psicanalítico para entender a dinâmica que envolve o comportamento dos indivíduos nas organizações. Parte do pressuposto que o contexto organizacional é reflexo de uma relação dinâmica entre indivíduo-trabalho-organização, na qual a forma pessoal como cada indivíduo experiencia a organização reflete simbolicamente as primeiras experiências infantis, que são recodificadas e reconstruídas no contato do indivíduo com a realidade de trabalho. A variável Estilos de Caráter, de natureza psicanalítica, é identificada nesse modelo teórico como representativa da dinâmica indivíduo-organização. Os estilos de caráter são compartilhados nas organizações por meio de padrões de comportamento que tendem a se repetir para a maioria dos seus membros. Esses comportamentos são associados às fases do desenvolvimento da sexualidade infantil, sendo resgatados a partir da relação simbólica que o indivíduo estabelece com a organização, por meio dos mecanismos de identificação, transferência, idealização e projeção. Os indivíduos assumem determinados comportamentos no contexto organizacional em função da dinâmica de gratificação e frustração das suas necessidades dadas pela organização, revivendo comportamentos já vividos progressivamente frente às vicissitudes pulsionais ao longo do desenvolvimento da sexualidade infantil. O presente trabalho objetiva analisar os estilos de caráter mais evidentes em uma empresa pública da área de saúde de Brasília utilizando questionário desenvolvido e validado para medir essa variável. Essa variável tem como fatores os Estilos Narcisista (relação indivíduo-trabalho-organização é permeada pela necessidade de atender, de forma imperiosa e imediata, seus interesses pessoais) associado à fase oral; Obsessivo (relação indivíduo-trabalho-organização é baseada na necessidade de normas, regras, ordem e hierarquia) associado à fase anal; Coletivista (relação indivíduo-trabalho-organização é baseada na necessidade de união, coesão e identificação com o grupo de trabalho) e Individualista (definido como o estilo no qual a relação indivíduo-trabalho-organização é baseada na necessidade de realização profissional e produtividade articuladas às trocas profissionais, à ética e à cidadania) associados à fase fálica. Foram aplicados 62 (sessenta e dois) questionários numa amostra de 308 (trezentos). O resultado encontrado mostra a prevalência do estilo obsessivo, com média de 3,46 e DP=,68. Os demais estilos apresentaram média abaixo de 3, ponto médio da escala. Tal resultado pode está indicando que a organização apresenta uma estrutura burocrática, marcada pela hierarquização. Dinamicamente, esta estrutura pressupõe comportamentos de controle entre seus membros. Os comportamentos do estilo obsessivo como a disciplina, normas e regras, demonstra que a organização resgata simbolicamente uma relação indivíduo-trabalho-organização mais associadas à fase anal, o que significa relações de trabalho mais regressivas e infantis quando comparadas às relações características dos estilos de caráter coletivista e individualista. A partir desses resultados, pode-se concluir que a organização encontra-se em fase de crescimento do ponto de vista da maturidade, precisando encontrar estratégias para o desenvolvimento de relações sócio-profissionais mais amadurecidas. A pesquisa continua em andamento.

CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico)
Palavras-chave: Estilos de caráter; Organização; Empresa pública

****

ORG 36

ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE LOCUS DE CONTROLE, AUTO-EFICÁCIA E AS CARACTERÍSTICAS DEMOGRÁFICAS DE TREINANDOS DE UMA EMPRESA DE TELECOMUNICAÇÕES. *Gardênia Abbad, Ana Carolina de Menezes Leite* e Juliana Rodrigues Rios* (Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal)*

Nos últimos anos, vem crescendo o interesse dos pesquisadores acerca das características individuais que influenciam os processos e resultados de treinamentos no trabalho. Nesse contexto, este trabalho apresenta os resultados de análises do relacionamento de Locus de Controle, Auto-eficácia e características demográficas dos treinandos de uma empresa de telecomunicações de médio porte. Locus de Controle refere-se às crenças sobre as quais os indivíduos estabelecem a fonte de controle do próprio comportamento e de outros eventos, enquanto Auto-eficácia é entendida como as análises feitas pelos indivíduos acerca de suas capacidades para obter sucesso em suas realizações. A coleta de dados foi realizada por meio da aplicação de instrumentos independentes para os dois construtos, ambos com escalas Likert de 5 pontos e índices satisfatórios de validação e confiabilidade. A amostra compunha-se de 504 treinandos, que participaram de 16 treinamentos, sendo que 60,4% possuíam idades entre 21 e 40 anos; 40% tinham nível superior incompleto, 63,7% eram do sexo feminino, 54,6% eram solteiros; 56,1% não tinham filhos e 64,9% eram praticantes de alguma religião/culto. Os itens da escala de Locus de Controle, submetidos à análise de componentes principais e análise fatorial com rotação oblíqua, mostraram uma estrutura com dois fatores - Locus de Controle Interno (Alpha = 0,81), abrangendo (número) os itens relativos ao controle dos eventos realizado por "por mim mesmo" e Externo (Alpha = 0,81), englobando os itens relativos ao controle exercido "por outros poderosos ou pela sorte" (Alpha = 0,88). A análise de Auto-eficácia foi semelhante, mostrando uma estrutura unifatorial para essa escala. Com a finalidade de analisar diferenças entre grupos quanto a Locus e Auto-Eficácia, as variáveis "escolaridade", "estado civil", "idade" foram transformadas em dicotômicas. Os resultados dos Testes T de diferenças entre médias para essas variáveis e para "sexo", "praticar alguma religião" e "possuir filhos", mostraram, com um índice de confiabilidade de 95%, que os homens possuem médias significativamente mais altas que as mulheres (Médias Homens: 3,39; DP: 0,26; t:2,15; df: 491 e Sig (2-tailed): 0,019 e Médias Mulheres: 3,33; DP: 0,24, t: 2,32; df:381,396 e Sig. (2-tailed): 0,021), em auto-eficácia, ocorrendo o mesmo com os indivíduos solteiros, divorciados, desquitados e viúvos, com relação aos casados (Média Não-casados:3,38; DP: 0,24; t: 2,19; df: 487 e Sig. (2-tailed): 0,022 e Médias Casados: 3,33; DP: 0,26, t: 2,20, df: 327,524 e Sig. (2-tailed): 0,28). Quanto a Locus de Controle, os indivíduos que praticam alguma religião, possuem médias relativas a Locus de Controle Interno mais elevadas que aqueles que não praticam (Média Praticantes: 4,76; DP: 0,25; t: 4,11; df: 434 e Sig. (2-tailed): 0,000. Médias Não praticantes: 4,65; DP: 0,30; t:3,87; df: 268,88 e Sig. (2-tailed): 0,000). Os dados fornecem interessantes informações, que remetem inclusive à questões de gênero e que devem ser investigadas mais a fundo, a fim de buscar as implicações dessas características para a vida social e profissional desses indivíduos. Pesquisas são necessárias para investigar o relacionamento entre auto-eficácia e locus de controle com transferência de treinamento.

Palavras-chave: Locus de Controle; Auto-Eficácia; Treinamento

****

ORG 37

AVALIAÇÃO DE ESTRESSE DOS VIGILANTES DE UMA EMPRESA DE SEGURANÇA EM PLENO DESENVOLVIMENTO. *Elizângela Morri Machado Paula** (Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP), Gislaine Aparecida Brás, Ágda de Fátima Alves**, Elizabeth Joan Barham (Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP)*

No contexto do trabalho brasileiro, empresas terceirizam serviços de apoio como limpeza e vigilância. Assim, empresas que oferecem estes serviços, estão crescendo rapidamente, estimulando o desenvolvimento profissional de seus funcionários. Por outro lado, é também mais provável, que os funcionários enfrentem fontes de estresse tais como: ambigüidade na função, ordens confusas do superior, dificuldades nos relacionamentos interpessoais no trabalho, sobrecarga de trabalho e conflitos entre trabalho e família. Quando estes fatores perduram durante um período prolongado, eles podem levar à uma queda na produtividade e na eficiência do funcionário, além de propiciar o aparecimento de doenças que afastam o indivíduo de sua função. Sendo assim, é importante para uma empresa em fase de expansão, verificar o nível de estresse de seus funcionários. O presente estudo objetivou verificar: a) a confiabilidade de escalas norte-americanas e canadenses, adaptadas à realidade brasileira, b) o nível de estresse vivenciado pelos vigilantes da empresa; c) as situações no trabalho que estavam gerando estresse e afetando a qualidade de vida no trabalho; d) os custos pessoais (tempo para auto-cuidados, manutenção de vínculos afetivos e desenvolvimento pessoal) vivenciados pelos funcionários. Participaram deste estudo 211 vigilantes da empresa (198 homens e 13 mulheres). Utilizou-se o questionário "Estresse e suas conseqüências no ambiente de trabalho", composto por oito questões fechadas e quatro escalas do tipo Likert. A escala de estresse possui 13 itens, avaliados numa pontuação de freqüência variando entre 1 (nunca) e 5 (sempre). Aplicou-se o questionário em situação coletiva, em turmas de aproximadamente 25 pessoas. Para as variáveis categóricas foram calculadas as freqüências absoluta e relativa. Em relação às escalas, foram realizados cálculos de análise de confiabilidade e pontuação média. Os resultados mostraram que: a) duas escalas obtiveram índices de confiabilidade satisfatórios (α>,70), enquanto duas apresentaram índices regulares (α>,50), b) o nível médio de estresse no grupo de funcionários obteve pontuação 2,3 ("quase nunca"), c) no ambiente de trabalho, as principais fontes de estresse foram: falta de estabilidade na empresa, exigência de muita concentração, justiça nas promoções e trabalho nos dias de folga; d) sobre os custos pessoais, os funcionários apresentaram menor satisfação com o tempo disponível para realizar atividades físicas, trabalho voluntário e lazer. Constata-se a necessidade de melhorias nas duas escalas que apresentaram índices de confiabilidade mais baixos. Em relação ao nível de estresse, este apresentou uma pontuação abaixo da média da escala (3,0), aspecto positivo considerando-se o tipo de profissão. É importante estar atento às fontes de estresse identificadas, pois estas podem levar ao cansaço e à incerteza entre os

vigilantes, com impactos negativos no seu desempenho. Além disso, a falta de tempo para realizar atividades pessoais pode gerar insatisfação em relação ao trabalho e à própria organização. Concluindo, observou-se a adequação geral do Instrumento aos objetivos do estudo, sendo que os resultados ajudam a entender o estresse no trabalho em uma empresa moderna, brasileira, em fase de expansão.

Palavras-chave: Avaliação de estresse; Fontes de estresse; Custos pessoais

*****

ORG 38

PERÍODO DE TRANSIÇÃO: DO MODELO PATERNALISTA PARA O SISTEMA LIBERAL. OS IMPACTOS SOBRE O TRABALHADOR. *Wilson Ferreira Coelho. (Departamento de Psicologia, Universidade de Ribeirão Preto, UNAERP)*

A empresa já não é mais a mesma. São visíveis os sinais de que as mudanças por conta dos efeitos macroeconômicos vividos pelo mundo, e em particular pelo nosso país, estão de fato acontecendo. Positivas ou não, é preciso refletir um pouco sobre este tema. As atuais necessidades de sobrevivência das organizações em função do avanço tecnológico e das mudanças nas relações de trabalho, não são contempladas em organizações com ênfase na estrutura, na divisão do trabalho e especialização das partes, na desconsideração da interdependência dos setores, das relações informais de trabalho, dos trabalhos experimentais e de uma visão desvinculada das alterações do mercado (sistema fechado de organização). Este projeto visa estabelecer relações entre as percepções frente às mudanças organizacionais e a influência destas mudanças na saúde dos profissionais e nas relações sociais de trabalho. Foram estudados 84 profissionais de uma empresa de transporte de Ribeirão Preto, todos do sexo masculino, com idade variando entre 20 e 43 anos, escolaridade variando entre quarta série primária e segundo grau completo, com experiência na função acima de três meses. Foram realizadas entrevistas individuais com os profissionais estudados utilizando um roteiro de entrevista com questões abertas que investigaram aspectos relacionados à satisfação no trabalho quanto ao ambiente físico, políticas da organização, supervisão das tarefas, relacionamento com os colegas e aspectos motivacionais tais como realização profissional, autonomia no trabalho, reconhecimento e participação nas decisões. Além das entrevistas, foi aplicado uma escala para verificação do diagnóstico organizacional sugerida por William Byham que investiga doze pontos referentes ao conhecimento e entendimento da missão organizacional, as formas de decisão, níveis de qualidade, delegação e parceria, comunicação, sistemas de avaliação e reconhecimento, liderança, aspectos operacionais e políticas de R.H., valorização das chefias, treinamento, relações interpessoais, atuação orientada para a satisfação do cliente. As entrevistas foram analisadas considerando as categorias de avaliação do próprio instrumento de satisfação no trabalho. Foram calculadas as médias e desvios-padrões da amostra para a verificação da dispersão dos dados obtidos junto à avaliação de diagnóstico organizacional. Foram realizados estudos através do cálculo do coeficiente de correlação de Spearman, considerando como índice de significância p≤0,05. As relações encontradas entre as variáveis avaliadas pelo instrumento de expectativas frente às mudanças indicam que o clima organizacional é influenciado pela forma administrativa da organização, sendo que o clima organizacional tende a melhorar com uma administração participativa e que envolva os profissionais em suas decisões, além de reconhecimento e importância profissional. Outros aspectos importantes para a melhoria do clima estão relacionados à integração dos entre setores e conhecimento da organização como um todo, a participação da supervisão nos procedimentos e avaliação do trabalho realizado associados à delegação de responsabilidades. O coleguismo e cooperação no trabalho está relacionado com a divisão equitativa e clareza nas tarefas e a definição de objetivos e processos favorecem o posicionamento da chefia e a aproximação com os funcionários.

Pró-reitoria de Pesquisa - UNAERP

Palavras-chave: Psicologia; Trabalho; Saúde

*****

ORG 39

ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO ORGANIZACIONAL. UM ESTUDO COMPARATIVO COM OUTROS PROFISSIONAIS DE RH. *Lucas Goldo Andrade* e Wilson Ferreira Coelho (Departamento de Psicologia, UNIP Ribeirão Preto, SP)*

As questões afetas ao desempenho de profissionais psicólogos em organizações se revestem de dúvidas que recaem tanto sobre os objetivos quanto sobre as formas de atuação. Assim, é comum observar cada vez mais que as organizações têm preferido terceirizar as aplicações desse profissional uma vez que, não conseguem visualizar a dimensão das aplicações da Psicologia na organização do trabalho. É comum o discurso de profissionais psicólogos que sinalizam para a falta de espaço nas organizações e que esta falta os relegam para atuações secundárias e/ou distanciadas da Psicologia. Entretanto, quais os fatores que estariam determinando esta atuação: a estrutura das organizações ou a postura dos profissionais? Com o objetivo de investigar as possíveis explicações, esta pesquisa busca caracterizar e explicitar as diferenças qualitativas na intervenção deste profissional de Recursos Humanos, enfocando a utilidade do Psicólogo Organizacional enquanto agente de mudanças e facilitador dos sistemas administrativos. Considerando a formação profissional enquanto determinante da prática profissional, para este estudo, foram realizadas 14 entrevistas semi-estruturadas com profissionais que atuam na área de Recursos Humanos, de ambos os sexos, todos de nível superior e experiência acima de 1 ano, sendo 7 profissionais psicólogos e 7 não psicólogos. As entrevistas foram realizadas individualmente, utilizando um roteiro de entrevista com questões sobre a percepção do profissional frente à missão e o papel do Recursos Humanos e suas aplicações, implicações e características, e a realidade do Recursos Humanos dentro das organizações, investigando o envolvimento do profissional com a área, sua atuação e diretrizes na organização de Recursos Humanos. De maneira geral, os dados encontrados indicaram diferenças entre as percepções dos profissionais analisados frente a área de Recursos Humanos bem como a necessidade de um caráter multiprofissional para desenvolvimento dessa área. Para os profissionais psicólogos, um dos aspectos importantes para uma aplicação adequada em Recursos Humanos está no conhecimento administrativo, envolvendo conteúdos relacionados à Organização e Método, Benefícios, leis trabalhistas, estruturas organizacionais, etc. Em sua maioria, realizam apenas recrutamento e seleção e verbalizam insatisfação profissional. Já os profissionais não psicólogos, apesar de reconhecerem a necessidade em ter um psicólogo na organização, restringem o recrutamento e seleção, e realizam funções com características de departamento pessoal. Analisando como um todo, pode-se verificar que tanto os profissionais psicólogos quanto os não psicólogos, apresentam a mesma visão de atuação em Recursos Humanos, fundamentada em atuações voltadas à aplicação de técnicas de seleção de pessoal e de treinamento, atividades clássicas da Administração de Recursos Humanos. Apenas um profissional psicólogo apresentou preocupações diferenciadas, onde aponta para atuação voltada para uma vertente de saúde mental no trabalho e o psicólogo como um agente de mudanças e desenvolvimento pessoal e profissional nas organizações. Frente a estes dados, podemos sugerir a necessidade em rever os conteúdos apresentados nos cursos de Psicologia que enfatizam uma visão distanciada da Psicologia do Trabalho e remetem o profissional a um "mero" aplicador de técnicas sem dimensão social.

Pró-reitoria de Pesquisa - UNIP

Palavras-chave: Psicologia; Trabalho; Formação

*****

ORG 40

SATISFAÇÃO NA COMUNICAÇÃO DOS FUNCIONÁRIOS DE UMA INSTITUIÇÃO BANCÁRIA FEDERAL. *Beatriz Brito Ramos*, Emília Cesarina Lindbergtiene*, Graciano Paulo Mendes*, Ana Cristina Jordani*, Maria Isabel Henriques*, Cláudio V. Torres, Amalia Raquel Pérez-Nebra* (Laboratório de Psicologia Social e Organizacional, Universidade de Brasília, Brasília - DF)*

Uma organização compreende a ação planejada de indivíduos para um objetivo comum. Para que este seja alcançado, é necessária a contribuição de uma série de elementos, como a comunicação. É notada a importância da comunicação, por exemplo, na eficiência de atividades que dependem da ação conjunta de vários trabalhadores; na percepção do papel que o trabalhador desempenha no contexto organizacional, no conhecimento, pelo mesmo, da importância das suas atividades individuais para um resultado. Portanto, os meios de comunicação permitem um nível de integração entre pessoas e atividades que orienta as ações organizacionais para os objetivos. O presente estudo objetivou verificar a satisfação dos funcionários de uma instituição bancária com os seguintes meios de comunicação: e-mail, revista da Instituição, quadro de avisos e reunião. Para a variável satisfação, os aspectos investigados foram adequação dos meios de comunicação às atividades que deles demandam informações; quantidade de informação recebida relacionadas ao cargo ocupado pelo funcionário, confiabilidade dos conteúdos transmitidos, rapidez do processo, entendimento, preferência e utilização de algum meio. A amostra foi constituída por 106 funcionários de uma organização pública federal no Distrito Federal, com idade variando entre 20 e 29 anos (45%), e na sua maioria de nível superior incompleto (46,2%). Os dados foram coletados com o auxílio de uma escala sobre satisfação de comunicação. Os resultados indicaram que a rapidez dos meios de comunicação foi considerada importante e proporciona satisfação com a comunicação na empresa. Entre os quatro meios analisados, o e-mail foi considerado como o mais rápido, mais utilizado e preferido (70,8%). Observou-se que a adequação dos meios de comunicação organizacional contribui para a satisfação na comunicação. Ainda que, na opinião dos participantes, a quantidade de informações recebidas seja insuficiente para a realização das atividades, os sujeitos se dizem satisfeitos com relação a essas informações. Quando a linguagem é entendida, os participantes apresentam maior confiança no e-mail ($r = 0,50^{**}$), quadro de avisos ($r = 0,79^{**}$), reunião ($r = 0,62^{**}$), revista da instituição ($r = 0,74^{**}$). Essa maior confiança influencia a satisfação com a comunicação, e-mail ($r = 0,34^{**}$), quadro de avisos ($r = 0,76^{**}$), reunião ($r = 0,47^{**}$), revista da Instituição ($r = 0,68^{**}$). A preferência por meios de comunicação pessoais está relacionada a uma maior credibilidade das mensagens por eles veiculadas ($r = 0,47^{**}$). Os funcionários mais jovens acreditam mais nas informações que são passadas pessoalmente ($r = -0,27^{*}$), preferindo receber informações pessoalmente($r = -0,21^{**}$). Verificou-se que se a totalidade de informações relativas às atividades de um cargo fosse

comunicada, isso não acarretaria uma maior satisfação (r = 0,56**). Discutiu-se que os funcionários apresentariam maior confiança nas mensagens se os meios pessoais de comunicação fossem utilizados para a sua transmissão. A escolha do meio pelo qual a informação chegará ao funcionário tem um impacto sobre a sua satisfação.

Palavras-chave: Comunicação organizacional; Meios de comunicação; Satisfação

*****

ORG 41

EXPECTATIVA E PERCEPÇÃO DA REALIDADE DO TRABALHO. *Rafaelécio Souza da Silva e Livia de O.Borges (Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal-RN)*

Compreender a motivação humana sempre foi algo de grande interesse e importância. Vários autores têm proposto modelos para explicá-la e entre eles, há concordância sobre a motivação abranger vários componentes. A presente pesquisa visou, portanto, verificar a relação entre um componente da motivação - a expectativa de ver acontecer determinados resultados no trabalho - e a percepção da realidade concreta do trabalho. A amostra foi composta por 642 participantes, sendo 155 bancários de diversas instituições e 487 profissionais de saúde das várias categorias ocupacionais alocados em diferentes instituições. Foi aplicado o questionário IMST (Inventário de Significado e Motivação do Trabalho) o qual mensura, entre outros aspectos, expectativas em relação ao trabalho e a percepção da realidade de trabalho. Ele possui 73 itens correspondentes a possíveis resultados do trabalho, nos quais os sujeitos assinalavam, de acordo com uma escala Likert de 0 a 4, o quanto os resultados citados aconteciam no trabalho deles (percepção da realidade) e o quanto eles esperavam que estes viessem a acontecer (expectativas). Mensura a percepção da realidade concreta do trabalho conforme os seguintes fatores: auto-expressão, responsabilidade e dignidade; desgaste e desumanização; recompensa econômica e condições no trabalho. As expectativas do trabalho, por sua vez, são medidas segundo os seguintes fatores: justiça no trabalho e auto-expressão; desgaste e desumanização; benefícios e independência e responsabilidade. Estimaram-se, então, os escores dos indivíduos (média dos pontos atribuídos aos itens) nos dois conjuntos de fatores citados acima, a partir dos quais se realizou teste de correlação linear. As correlações foram estimadas utilizando a amostra geral e, também, por subgrupos desta amostra a partir da distribuição dos participantes pelo tempo de serviço (tempo mínimo e máximo), dividindo-a em 5 intervalos. Foram encontradas, para a amostra total, correlações significativas entre todos os fatores de expectativa e os fatores de percepção da realidade, mostrando que a expectativa que os trabalhadores pesquisados têm de que algum resultado do seu trabalho venha a acontecer recebe influência da maneira como a realidade de trabalho é percebida e, por outro lado, as expectativas que eles possuem interferem na maneira de perceber a realidade. Logo, como a expectativa é componente central da motivação, esta recebe influência direta da maneira como a realidade do trabalho apresenta-se. As correlações estimadas com os subgrupos da amostra apresentaram variações entre si de modo que na medida em que se observavam participantes com maior tempo de serviço os índices de correlação, de modo geral, tendiam a aumentar, apesar de haver uma tendência clara de crescimento não-linear. Portanto, quanto mais tempo de serviço num local, maior a relação descrita anteriormente, isto é, quanto mais contato se tem com determinada realidade de trabalho, mais as expectativas serão construídas em função do que o trabalhador vê ao seu redor e aumenta a influência das expectativas na leitura da realidade do trabalho.

Apoio: CNPq/UFRN (Esta pesquisa é parte de um projeto integrado apoiado pelo CNPq e a segunda autora é bolsista de produtividade em pesquisa pelo CNPq).

Palavras-chave: Motivação no trabalho; Expectativas; Realidade

*****

ORG 42

CONSTRUÇÃO E VALIDAÇÃO DE UM INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO DE EFETIVIDADE ORGANIZACIONAL. *Vanessa da Fonseca Guimarães*, Adriângela Dias*, Maria do Carmo Fernandes Martins (Faculdade de Psicologia - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG)*

Pode-se definir efetividade organizacional como as atividades da organização que visam fornecer suporte para a realização de sua missão, ou seja, tudo o que a organização faz para cumprir seus objetivos. O estudo deste construto é de extrema importância para os psicólogos e administradores que atuam e pesquisam na área organizacional porque através dele é possível compreender vários aspectos que podem auxiliar ou dificultar o desenvolvimento da produtividade empresarial. Preocupados com isto, os pesquisadores deste estudo buscaram construir um instrumento que avaliasse a efetividade da organização, buscando identificar uma ferramenta válida e confiável de trabalho para os profissionais e pesquisadores desta área. Este estudo teve, então, como objetivo construir e validar um instrumento para medir a efetividade organizacional. Uma análise de vários estudos publicados na literatura da área levou à identificação dos seguintes aspectos como os componentes mais importantes do construto de efetividade: visão geral da empresa, trabalho individual e em grupo, interdependência das tarefas, comunicação descendente e ascendente, suporte e influência do supervisor, qualidade de serviço e produto e visão geral do departamento. Os itens eram 134 afirmações a respeito do trabalho distribuídos nos 8 aspectos teóricos acima relacionados. Os sujeitos marcavam suas respostas em uma escala de quatro pontos (de discordo totalmente a concordo totalmente). Dada a extensão do questionário inicial, ele foi aplicado em um grupo representativo da amostra e suas respostas ao conjunto dos 134 itens foram submetidas à análise da correlação item/total. Esta análise serviu de base para reduzir o conjunto de itens de 134 para 73. A amostra foi constituída por 377 sujeitos de ambos os sexos, com nível de escolaridade mínima de primeiro grau e que trabalham em organizações públicas ou privadas na região de Uberlândia - MG. Os dados foram analisados por meio do SPSS e submetidos à análise dos componentes principais, com rotação VARIMAX, dada a independência entre os componentes. A análise do KMO (0,89) revelou a fatorabilidade da amostra. Utilizou-se como critério de seleção dos fatores eigenvalue de 1,5 e dos itens, cargas fatoriais ≥ 0,40. A análise reteve 49 itens reunidos em 5 componentes, responsáveis por 37 % da variância total explicada, com índices de fidedignidade variando entre 0,63 e 0,92. A análise do conteúdo dos itens de cada componente levou a identificá-los como: "Suporte do Supervisor", "Comunicação", "Suporte da Organização" e "Interdependência das Tarefas". O conjunto dos componentes que formam o construto de efetividade organizacional identificado neste estudo é numericamente mais restrito do que aquele apontado por estudos anteriores. Todavia, dadas a falta de instrumentos brasileiros para este fim e as boas qualidades psicométricas do instrumento construído neste trabalho, pode-se afirmar sua adequação para ser utilizado tanto em futuros estudos quanto em diagnósticos da efetividade das organizações.

Financiamento: Programa de Incentivo de Iniciação Científica a Graduandos-PIBIC/ CNPq.

Palavras-chave: Efetividade organizacional; Análise organizacional; Organizações

*****

ORG 43

A VIOLÊNCIA NO TRABALHO HOSPITALAR: O CASO DAS TRABALHADORAS DE UMA CLÍNICA OBSTÉTRICA. *Sônia Brasão Vieira (Depto. Psicologia/ UFPb- Universidade Federal da Paraíba/João Pessoa-PB)*

O campo do presente estudo é a Saúde Mental no Trabalho. Analisou-se a questão do sofrimento psíquico e o prazer em uma clínica obstétrica, especificamente, a exposição às diferentes formas de violência aí presentes. A noção de sofrimento psíquico está associada à idéia da existência de uma "normalidade enigmática" pois, nas situações de trabalho, para preservação do equilíbrio psíquico, os indivíduos travam uma luta constante em direção ao bem-estar. Seguiu-se as orientações teórico- metodológicas da Psicodinâmica do Trabalho e da Ergonomia da Atividade. Privilegiou-se a dimensão subjetiva, por considerá-la a forma mais adequada para análise do sofrimento e do prazer já que estes, são conceitos que não têm validade fora da ordem singular. Lançou-se mão de entrevistas coletivas e privilegiando-se o trabalho real, o modo das trabalhadoras interagirem nas situações de trabalho, com o ambiente e entre si. Quanto aos resultados, do ponto de vista estrutural, observou-se como a questão do multiemprego na área de saúde, representa uma importante fonte de sofrimento quando associada à intensidade das atividades desenvolvidas e às condições de trabalho. Quanto à exposição das trabalhadoras a determinados riscos à integridade física e mental, identificou-se como a questão da violência está presente no hospital, e esta sem dúvida, foi um importante "achado" do presente estudo. São vários os tipos de agressões presentes no setor analisado que inclui desde violências verbais até agressões físicas. Verificou-se como os relacionamentos inter-profissionais, podem se constituir em fonte de prazer mas também em sofrimento psíquico, assim como aqueles derivados do convívio com as pacientes, os recém-nascidos e seus familiares. As enfermeiras e auxiliares de enfermagem, pela própria natureza das atividades desenvolvidas, são alvos fáceis nos momentos de grande ansiedade e tensão. Depoimentos de médicas, corroboraram esta vulnerabilidade. Outras formas de violência verbal e não-verbal existem, cujos danos são difíceis de avaliar e freqüentemente, suas marcas se mantém por longo prazo. Essas violências interferem diretamente na mobilização psíquica, projetiva ou defensiva, através da qual se exprime a dimensão afetiva do sujeito com seu trabalho e sob a qual se edifica o equilíbrio psíquico no trabalho e a identidade social. O trabalho pode e deve desempenhar um papel estruturador da identidade. Identificou-se que o risco das trabalhadoras serem invadidas por uma ansiedade incontrolável, inerente à própria natureza do trabalho hospitalar, pode ser atenuada ou estimulada pelo processo técnico no hospital. Os sistemas sociais de defesa são desencadeados para auxiliar os indivíduos a fugir da ansiedade, da culpa, da dúvida e da incerteza a que estão submetidos. Um dos grandes desafios do trabalho hospitalar é o fato do objeto do trabalho ser uma pessoa. Portanto, além da dimensão técnica há a dimensão relacional e, conseqüentemente, a atividade desempenha uma importante função para o bem estar das trabalhadoras dos serviços de saúde.

Apoio Financeiro: Bolsa PICD/CAPES

Palavras-chave: Sofrimento Psíquico e Prazer; Violências verbais e não-verbais; Clínica obstétrica

ORG 44

DESENVOLVIMENTO DO INVENTÁRIO DE CLIMA ORGANIZACIONAL

*Fernando Amaral Pinheiro*** (Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília - UnB e Caixa Econômica Federal, Brasília, DF) e *Paulo Cesar Garcia* (Caixa Econômica Federal)

INTRODUÇÃO: A mensuração do clima psicossocial nas organizações é uma necessidade constante por resultar em um instrumento de grande poder de subsidiar decisões e redirecionamentos dos metas nos diversos sistemas administrativos, sobretudo naqueles afetos à gestão de pessoas. Inúmeros instrumentos têm sido desenvolvidos para esta finalidade e, no Brasil, é possível encontrar questionários com bons índices psicométricos. A finalidade da construção de um novo instrumento foi a de atender às peculiaridades de uma instituição pública de abrangência nacional que se encontra em plena fase de mudança organizacional. Este trabalho constitui no desenvolvimento e análise das propriedades psicométricas de um inventário de clima organizacional, em uma amostra de 1169 empregados de uma empresa estatal. MÉTODO: O instrumento foi construído com base em questionários para a avaliação do clima na organização, utilizados em filiais diversas da empresa. O banco de itens era composto de 105 afirmativas sobre vários aspectos da vida no trabalho que, teoricamente, cobririam 12 fatores teóricos: Organização do trabalho, Condições de trabalho, Imagem da empresa, Política social, Mudanças, empregabilidade e esperança, Imagem da unidade, Imagem da gerência geral, Imagem das gerências, Relacionamento interpessoal, Motivação, Comunicação e Qualidade de vida. A chave de respostas consistiu em uma escala de concordância de cinco pontos, onde o valor 1 significa a discordância total e o valor 5 era atribuído à sensação de concordância total com a afirmativa. Optou-se pela realização de Análise Fatorial, método PAF com rotação Oblimin, utilizando-se o pacote estatístico SPSS PC+. RESULTADOS: Os resultados evidenciaram a existência de 5 fatores de primeira ordem, a saber: a)Relacionamento positivo com a chefia, 13 itens, índice alpha = .92; b) Dificuldades do desempenho, 15 itens, índice alpha = .90; c) Sobrecarga e estresse frente à mudança, 11 itens, índice alpha = .82; d) Confiança na empresa, 13 itens, índice alpha = .85 e e) Imagem positiva da unidade, 3 itens, índice alpha = 64. A alta correlação entre os fatores 1, 4 e 5 mostrou a existência de um fator de segunda ordem, cujo teor pode ser traduzido como "imagem positiva da empresa". CONCLUSÃO: Mantendo-se o inventário na versão atual, a adoção do fator de segunda ordem é interessante, do ponto de vista da parcimônia da estrutura fatorial, além de contornar a dificuldade em se trabalhar com o fator 5, com poucos itens e baixa confiabilidade. Este grande fator reúne itens de conteúdo relativo ao relacionamento positivo com a chefia, à confiança na empresa e à imagem positiva da unidade; é composto de 38 itens e tem índice de confiabilidade igual a .94. Uma nova versão do inventário é sugerida, com a manutenção dos cinco fatores de primeira ordem e o aperfeiçoamento do último fator (imagem positiva da unidade), para garantir-lhe a confiabilidade e melhor cobertura.

Os autores agradecem à Caixa Econômica Federal, por viabilizar os recursos materiais e financeiros necessários à realização deste trabalho.

Palavras-chave: Clima organizacional; Mensuração; Psicologia Social nas Organizações

PERCEPÇÃO E PSICOFÍSICA

PERC 01

EFEITO DE INDÍCIOS PICTÓRICOS DE PROFUNDIDADE NO TAMANHO PERCEBIDO DE OBJETOS FAMILIARES E NÃO FAMILIARES. *Nelson Torro Alves* e Sérgio Sheiji Fukusima. (Departamento de Psicologia e Educação, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP)*

O objetivo deste trabalho foi investigar o efeito de informações pictóricas de profundidade na percepção de tamanho. No primeiro experimento observadores compararam o tamanho de retângulos brancos em relação a uma carta de baralho e no segundo o tamanho de retângulos brancos em relação a um retângulo branco. Em cada experimento quatro grupos de observadores escolheram qual dentre duas figuras que apareciam na tela de um computador era mais alta. No experimento 1 não foram dadas instruções que definiam o critério de julgamento que os sujeitos deveriam utilizar. No experimento 2 foram dadas instruções que orientavam os sujeitos a basearem seus julgamentos no tamanho objetivo ou tamanho aparente das figuras. No primeiro experimento as figuras comparadas foram uma carta de baralho (estímulo padrão) situada na parte inferior da tela, e um retângulo branco (estímulo teste) situado na parte superior. No segundo experimento as figuras comparadas foram um retângulo branco (estímulo padrão) situado na parte inferior da tela, e um retângulo branco (estímulo teste) situado na parte superior. Em ambos experimentos, cada grupo foi submetido a apenas uma das condições de textura: (1) Sem textura (controle), (2) gradiente de compressão de linhas horizontais, (3) gradiente de linhas de perspectiva, (4) gradiente combinado de linhas de compressão e de perspectiva. Em cada condição uma linha do horizonte podia ser apresentada ou não e a carta de baralho ou o retângulo branco podia ser pequeno ou grande. Resultados: Uma ANOVA aplicada aos erros relativos de tamanho indicou existir um efeito significativo em ambos os experimentos do tamanho da figura utilizada como estímulo teste: [$F(1,36) = 1417,02$; $p < 0,001$] e [$F(1,28) = 5,67$; $p < 0,05$], e da presença da linha do horizonte [$F(1,36) = 14,40$; $p < 0,001$] e [$F(1,28) = 52,89$, $p < 0,001$]. Apenas no primeiro experimento a condição de textura utilizada teve efeito significativo [$F(3,36) = 3,86$; $p < 0,05$]. No segundo experimento as instruções tiveram importante papel nos julgamentos de tamanho das figuras [$F(1,28) = 24,92$; $p < 0,001$]. Conclusão: A presença da linha do horizonte e o tamanho da carta de baralho são informações efetivas que distorcem o tamanho percebido de retângulos brancos em relação a um objeto de tamanho familiar e também de retângulos brancos em relação a um retângulo branco. O efeito do gradiente de textura utilizado está relacionado com a presença ou não de instruções (aparente ou objetivo) que orientam os julgamentos. A utilização de instruções anula o efeito das diferentes condições de textura sobre as estimativas de tamanho.

(CNPq)
Palavras-chave: Profundidade; Tamanho Percebido; Textura

****

PERC 02

MENSURAÇÃO PSICOFÍSICA DA INTENSIDADE DE EMOÇÕES. *Francisco M. S. Cardoso** (Instituto de Psicologia Cognitiva - FPCE-Universidade de Coimbra, Portugal), Ricardo Kamizaki** (Departamento de Psicologia e Educação - FFCLRP-USP - Ribeirão Preto-SP), Elton H. Matsushima (Departamento de Psicologia e Educação - FFCLRP-USP - Ribeirão Preto-SP), Armando M. de Oliveira (Instituto de Psicologia Cognitiva - FPCE-Universidade de Coimbra, Portugal) e José Aparecido da Silva (Departamento de Psicologia e Educação - FFCLRP-USP - Ribeirão Preto-SP)*

O objetivo principal deste estudo foi estimar o grau de intensidade das emoções consideradas básicas através de descritores. Assim, as emoções alegria, aversão, medo, raiva, tristeza, surpresa e amor foram escalonadas. Estas escalas foram determinadas utilizando métodos psicofísicos diretos e indiretos, tais como escalas de razão e escalas de ordenações, sendo, posteriormente comparadas. Este estudo consistiu no escalonamento de adjetivos referentes às 7 emoções. O número de adjetivos variou de 13 a 20 para cada emoção básica. Foram utilizados os métodos de estimação de magnitude numérica e de estimação de magnitude através de comprimento de linha. Para cada emoção básica, foram escolhidos adjetivos descritores, sendo levado previamente a preocupação de se analisar o grau de familiaridade e de adequação de cada descritor na população de estudo. Como exemplos para os descritores, podemos citar para a emoção correspondente à alegria, os adjetivos êxtase, delícia, gracioso; para a emoção amor, enamorado, sensualidade, encantado; para a aversão, nauseante, asqueroso, execrável; para o medo, sobressaltado, horrorizado, em pânico; para a raiva, furioso, irritado, enraivecido; para a surpresa, espantado, boquiaberto, pasmado; e para a tristeza, os adjetivos melancólico, infeliz, desamparado. Estes descritores foram escalonados pelos métodos de estimação de magnitudes por 21 participantes, estudantes universitários do Campus da USP - Ribeirão Preto. As médias geométricas das estimativas de magnitude e comprimento de linha das emoções foram as seguintes: Alegria (30,51; 32,22), Amor (62,11; 28,15), Aversão (25,92; 28,20), Medo (34,21; 40,80), Raiva (61,30; 36,50), Surpresa (22,73; 23,38) e Tristeza (67,97; 49,34). Os coeficientes de correlação de Pearson entre as estimações de magnitude e por comprimento de linha entre as amostras foram as seguintes: Alegria (0,83), Amor (0,86), Aversão (0,81), Medo (0,92), Raiva (0,86), Surpresa (-0,12) e Tristeza (0,93). Os expoentes da função-potência encontrados para as emoções foram os seguintes: Alegria (0,63), Amor (0,87), Aversão (0,73), Medo (1,15), Raiva (0,65), Surpresa (-0,12) e Tristeza (0,69). Com base nesses resultados, a amostra nos indica que quantitativamente as intensidades de emoções Tristeza, Raiva e Amor, cujas médias geométricas variaram de 62,11 a 68,00 para as estimativas de magnitude, são as maiores, enquanto que para a Surpresa, Aversão, Alegria e Medo foram as menores, pois que suas médias geométricas variaram de 22,73 a 34,23. Em síntese, o estudo revelou que houve uma boa consistência entre as estimações de magnitude e comprimento de linha e que foi possível criar contínuos de intensidades emocionais, com exceção da emoção surpresa. O resultado não concordante para esta emoção pode ser atribuído ao fato dos sujeitos não terem estimado os descritores de forma proporcional. O que levanta a questão de saber por que razão este fato só aconteceu nesta emoção. Duas respostas se tornam possíveis: uma devida às propriedades dos descritores, outra devido à própria conceptualização da surpresa como uma emoção básica. Realce-se a este propósito que tem sido verificado em diversas culturas uma menor riqueza vocabular para a designação das diferentes intensidades relacionadas à Surpresa.

Apoio: (BD 19784) Fundação para a Ciência e Tecnologia - Portugal

Palavras-chave: Intensidade de emoções; Psicofísica; Estimação de magnitude

****

PERC 03

EFEITO DE INFORMAÇÕES PICTÓRICAS DE PROFUNDIDADE E LOCALIZAÇÃO DO ESTÍMULO NA PERCEPÇÃO DE TAMANHO. Ferreira_Baco*, *Adriana do Vale e Fukusima, Sérgio Sheiji (Departamento de Psicologia e Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - USP, Ribeirão Preto-SP)*

Os julgamentos de tamanhos de objetos situados a uma distância do observador podem ser feitos a partir de informações pictóricas de profundidade como o gradiente de textura e a linha do horizonte. Neste experimento, investigou-se o efeito dessas informações na percepção do tamanho relativo em ambiente virtual não-imersivo. Participaram do experimento cinquenta adultos universitários, distribuídos em cinco diferentes grupos conforme a apresentação das informações pictóricas: (1) condição controle (ausência de gradiente e de linha do horizonte), (2) somente linha do horizonte, (3) gradiente de compressão de linhas horizontais, (4) gradiente de linhas de perspectiva e (5) gradiente combinado de linhas de compressão e de perspectiva. A tarefa para todos os participantes consistia em comparar uma barra teste vertical apresentada no campo superior da tela de um computador com uma barra padrão no campo inferior pelo método staircase. Em todos os grupos (exceto o primeiro) a linha do horizonte coincidiu com o ponto de fixação do olhar e a barra teste podia estar abaixo, ao nível ou acima do ponto de fixação. Os erros relativos de comparação do tamanho foram submetidos a uma ANOVA que indicou existir efeito do gradiente de textura [$F(4,44)=3,37$, $p<0,05$], da posição da barra teste em relação ao ponto de fixação do olhar [$F(2,88)=16,41$; $p<0,001$] e da interação entre a posição da barra teste ao nível do ponto de fixação e o gradiente de textura [$F(4,44)=5,01$; $p<0,05$]. Os resultados nos permitem concluir que indícios pictóricos de profundidade podem ser efetivos nos julgamentos de tamanho, sendo que a linha do horizonte parece ser a variável de maior importância neste efeito quando comparada ao gradiente de textura.

Apoio financeiro: CNPq.
Palavras-chave: Tamanho Relativo; Gradiente de Textura; Linha do Horizonte

****

PERC 04

ESTUDO PSICOFÍSICO SOBRE GRAVIDADE DE INFRAÇÕES DE TRÂNSITO COM CONDUTORES HABILITADOS ANTES E APÓS A IMPLANTAÇÃO DO CÓDIGO BRASILEIRO DE TRÂNSITO - 1998. *Rodrigo Tsyomori Tanaka* e Sueli Lopes Marques (Departamento de Psicologia - UFSCar, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP)*

O Brasil tem passado por um rápido processo de urbanização e por um acentuado crescimento no número de veículos automotores. Assim sendo, as necessidades e relações do homem com o trânsito se tornaram de tal forma conflitivas, que exigem constante revisão e aperfeiçoamento. Atualmente, o conflito do homem com o trânsito deriva-se da nova proposta de comportamento atribuído pelo "Código" vigente de trânsito e pelo comportamento atual dos condutores de veículos que precisa ser eliminado ou minimizado; pois normas de conduta que bem atendiam no passado, hoje não são mais satisfatórias. Frente a isto, o objetivo do presente estudo foi de verificar o nível de informação dos condutores a respeito do Código de Trânsito Brasileiro (1998), bem como o seu julgamento em relação a gravidade das infrações de trânsito, através da comparação entre as estimativas de categorias e as estimativas de magnitude. Participaram da pesquisa condutores de veículos automotivos, de ambos os sexos, com a idade variando entre 18 a 40 anos divididos em dois grupos. Um grupo foi composto por condutores de veículos habilitados, com mais de cinco anos de experiência, portanto não tendo passado pelo Código em vigor. Este grupo foi designado como sendo Veteranos. O outro grupo foi constituído por condutores que estavam sendo educados pelo Código de Trânsito Brasileiro - 1998, e que estavam pleiteando a

Carteira Nacional de Habilitação, sendo designado como Pleiteando CNH. Ambos os grupos fizeram julgamentos de categorias e magnitude. Para a coleta dos dados foi elaborado um caderno contendo 50 infrações de trânsito do tipo leve, média, grave e gravíssima. A seqüência das infrações apresentadas nos cadernos de coleta de dados foi aleatória tanto para julgamentos de categorias quanto para magnitude. Uma análise estatística, Correlação de Pearson, aplicada sobre as médias dos julgamentos de magnitude, foi encontrado um índice significativo entre os grupos experimentais em relação às estimativas de gravidade das infrações r = 0,464 (p≤0,001). No caso dos julgamentos de estimação de categoria, foi aplicado a técnica do Coeficiente de Correlação por Postos de Kendall, e foi encontrado um t = 0,75, altamente significativo ao nível de 0,01. Os dados revelaram que embora tenha ocorrido uma correlação altamente significativa entre os grupos, verificou-se uma diferenciação na ênfase que foi dada em relação prioridade escalonamento da gravidade das infrações. Assim sendo, observou-se uma tendência de os Veteranos darem maior ênfase às infrações voltadas ao ato de conduzir o veículo enquanto os Pleiteando enfocaram, em primeiro plano, aspectos relacionados à cidadania e relações humanas. Este último aspecto talvez seja um reflexo da grande importância que o Código de Trânsito Brasileiro de 1998 atribui à aprendizagem dos Primeiros Socorros.

FAPESP - Proc: 00/10524-7

Palavras-chave: Psicologia do Trânsito; Código de Trânsito Brasileiro; Educação no Trânsito

*****

PERC 05

LOCALIZAÇÃO VISUALMENTE PERCEBIDA É UM INVARIANTE NO CONTROLE DA AÇÃO APUD PHILBECK, LOOMIS E BEALL (1997). *Bernardo C. Gomes*, Myriam Brito dos Santos**, Nilton P. Ribeiro-Filho (Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ), Elton H. Matsushima** e José A. Da Silva (Universidade de São Paulo, Campus de Ribeirão Preto, SP)*

Dois experimentos indicaram que os observadores param próximo a uma mesma localização em uma ação dependente da tarefa, fornecendo evidências para uma ação controlada através de algum invariante, tal como apresentado por Philbeck, Loomis e Beall (1997). Através de dois processos componentes da localização, perceptivo e representar, verificou-se a localização de pontos terminais de uma extensão exocêntrica, no Experimento 1, e de um ponto egocêntrico, no Experimento 2, com o uso do procedimento de caminhar com a visão ocluída (ciclo-aberto). No Experimento 2, a posição geográfica do ponto egocêntrico correspondeu à posição do segundo ponto terminal do intervalo exocêntrico apresentado no Experimento 1. Os alvos foram apresentados em três níveis ordinais de afastamento em relação ao ponto de parada, próximo, intermediário e distante. A configuração das cenas constituiu-se, na tarefa da extensão exocêntrica, de uma trilha com duas extensões, e na tarefa do ponto egocêntrico, de duas distâncias egocêntricas para cada alvo. A razão F obtida através da estatística T2 de Hotelling pelos processos de uma MANOVA sobre as coordenadas cartesianas de cada posição estimada consideradas como variável dependente, os processos de estimativas como fator entregrupos, e o afastamento em relação ao ponto de parada e trilhas como tratamentos intrasujeitos. Os tratamentos intrasujeitos mostraram confiáveis diferenças significativas, enquanto que os processos não produziram diferenças significativas. A posição estimada do primeiro ponto terminal não foi acuradamente localizada, indicando a modulação por tendências do observador, e o segundo ponto terminal e a localização do ponto egocêntrico denotaram tendências à acurácia. A equivalência entre os níveis do fator processo de estimativa permite supor a localização percebida como um invariante, e supor a multiplicidade de indícios e um estímulo interno como moduladores da localização percebida, provavelmente a tensão entre a vergência fusional e a elevação angular.

CNPq - 523572/94-4.

Palavras-chave: Percepção visual; Ação visualmente dirigida; Caminhar

*****

PERC 06

ESTUDOS SOBRE O FENÔMENO DE "MUITAS-FACES": NÚMERO E RECONHECIMENTO DE OUTRAS FACES PERCEBIDAS. *Maria Lúcia de Bustamante Simas, Ana Cristina Taveira Guerdes Cavalcanti*, Lubé Cristina de Oliveira Régo*, Natanael Antonio dos Santos. (Laboratório de Percepção Visual, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE)*

O fenômeno de "Muitas-Faces" que relatamos em estudos anteriores se caracteriza pela percepção de movimentos, mudanças de expressão e até outras faces, conhecidas ou não, todas diferentes da que se encontra na foto. No presente estudo analisamos as narrativas de 13 sujeitos que relataram ter visto o fenômeno nas fotos do pai e/ou da mãe. Nos sujeitos cujos relatos são compatíveis com a presença do fenômeno, classificamos as narrativas de acordo com as seguintes categorias: (1) reconhecimento de uma face, (2) reconhecimento de 2 faces; (3) reconhecimento de 3 ou mais faces e (4) não-reconhecimento das faces percebidas. Os relatos foram obtidos nas seguintes condições: as fotos 3X4 do pai e/ou da mãe foram digitalizadas, ampliadas e impressas acromaticamente na Deskjet-890c. O método consiste em colocar um círculo preto (~1 cm de diâmetro) no nariz e marcar um ponto de fixação à direita e à esquerda da face. O sujeito fixa o ponto indicado (cada olho separadamente) movimentando o estímulo para frente e para trás até desaparecer o círculo do nariz e mantém a fixação enquanto narra em voz alta suas observações. A única instrução apresentada é que o sujeito diga o melhor possível o que está acontecendo com a imagem que vê, mesmo que o que veja ocorra muito rapidamente. O material utilizado nesta análise dos dados constou da revisão de cinco fitas de vídeo onde estão registrados 37 relatos. Dentre os 23 sujeitos (que fizeram o experimento com fotos da mãe e do pai) 13 (59%) narraram a percepção do fenômeno. Quarenta e seis porcento destes 13 sujeitos relataram ter visto uma face só, enquanto 30,7% viram duas faces e 23% três ou mais faces. Esses dados foram também analisados em relação ao reconhecimento das faces percebidas segundo as classificações acima. Os resultados foram: reconheceu 1 face (38,4%), reconheceu 2 (7,6%), reconheceu 3 ou mais (0%) e não reconheceu nenhuma (53,8%). Comparamos também a incidência do reconhecimento de outras faces de acordo com as mesmas quatro categorias acima descritas nas fotos da mãe vs pai. Os resultados foram: 39,13%, 0%, 0% e 13,04% para mãe e 21,73%, 8,69%, 0% e 17,39%, respectivamente, para fotos do pai. Concluímos que estes resultados são compatíveis com nossa hipótese da importância das faces percebidas com maior freqüência na primeira infância.

Projeto financiado pelo CNPQ

Palavras-chave: Percepção de faces; Ponto cego; Interpolação neural

*****

PERC 07

PERCEPÇÃO E PROCESSAMENTO VISUAL DE FORMA: FUNÇÃO DE SENSIBILIDADE AO CONTRASTE DE FREQUÊNCIAS ESPACIAIS E ANGULARES EM DUAS FAIXAS ETÁRIAS. *Santos, N.A., Ferreira, A.C.S*, Nogueira, R.M.T.B.L.*, Bezerra, K.R* & Simas, M.L.B. (Laboratório de Percepção Visual, LabVis, Universidade Federal de Pernambuco, PE)*

Objetivos: O LabVis vem caracterizando a resposta do sistema visual humano em adultos para padrões de freqüências espaciais, radiais, angulares, dentre outros. Neste estudo, mensuramos a função de sensibilidade ao contraste para estímulos de freqüências espaciais e angulares em duas faixas etárias (entre 20-26 anos e acima de 60 anos). Material e Métodos: Participaram do estudo seis voluntários na faixa de 20-26 anos (ACP, ACT, DHE, GMM, LCO, RMT,) e cinco voluntários na faixa de 60-65 anos (MLM, ISM, JCS, VT, MTB) todos apresentando acuidade visual normal ou corrigida. As freqüências utilizadas para estimar as curvas para freqüências espaciais foram: 0,5, 1, 2, 3, 4, 6 e 9 cpg, e para freqüências angulares foram: 8, 16, 24, 32, 48, 64 e 96 ciclos. As estimativas foram feitas com o paradigma psicofísico da escolha forçada, a uma distância de 150 cm, binocularmente, com luminância média de 2,0 fL. Os estímulos eram circulares com 7,25 graus de ângulo visual. Em cada sessão experimental eram apresentados pares de estímulos, um contendo uma das freqüências espaciais citadas e o outro contendo apenas um círculo cinza a luminância média. O observador tinha que escolher sempre o estímulo que continha a freqüência espacial ou angular. Resultados: Para freqüências espaciais a sensibilidade máxima ocorreu na freqüência de 3 cpg para as duas faixas etárias, sendo que os sujeitos com mais de 60 anos precisaram de três vezes mais contraste para detectar esta freqüência. Para as freqüências angulares a sensibilidade máxima ocorreu em 32 ciclos para os sujeitos de 20-26 anos, e em 16 ciclos para os sujeitos acima de 60 anos, sendo que estes precisaram de 1,7 mais contraste para detectar cada uma das freqüências, comparado com os sujeitos de 20-26 anos. Conclusão: Os resultados mostram que o sistema visual humano tem a sensibilidade, tanto para freqüências espaciais como para freqüências angulares, diminuída com a idade, sendo a faixa de maior sensibilidade deslocada para as freqüências mais baixas no caso de estímulos angulares. Também se observa uma maior perda de sensibilidade para freqüências espaciais em comparação com as freqüências angulares.

Bolsas: CNPq e FACEPE

Palavras-chave: Limiar de contraste; Freqüência espacial; Freqüência angular

*****

PERC 08

UMA COMPARAÇÃO ENTRE FILTROS DE FREQÜÊNCIA ANGULAR CENTRADO EM 48, 64 OU 96 CICLOS E FREQÜÊNCIAS ESPACIAIS DE 4,0, 6,0 OU 9,0 CICLOS. *Simas, M.L.B., Esplanada, D.H.P*, Mendes, G.M*. e Santos, N.A. (Laboratório de Percepção Visual, LabVis, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco)*

Objetivos: O LabVis vem caracterizando o sistema visual humano em termos de resposta a filtros freqüências espaciais utilizando vários padrões (por exemplo, freqüências angulares, radiais e espaciais). Neste estudo mensuramos filtros de freqüências angulares e espaciais de banda estreita com contraste máximo concentrado em 48, 64 ou 96 ciclos e 4,0, 6,0 ou 9,0 cpg respectivamente. Métodos: Participaram deste estudo seis sujeitos adultos com acuidade visual normal ou corrigida. Foram medidas 12 curvas para os filtros de freqüências angulares de 48 ciclos (DHE: 2 GMM: 2), de 64 ciclos (DHE: 2 LCO: 2) e de 96 ciclos (DHE: 2 ACT: 2) e 12 curvas para os filtros centrados de 4 cpg (ACP: 2, ACT: 2), de 6 cpg (ACT: 2, RMT: 2) e 9 cpg (ACP: 2, RMT: 2)

totalizando 21 curvas. Uma curva de filtro de freqüência angular era composta por 17 condições experimentais que corresponde às freqüências de fundo de 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 12, 16, 24, 32, 48, 64 e 96 ciclos e a curva filtro de freqüência espacial era composta por 11 condições que corresponde às freqüências de 0.2, 0.3, 0.5, 0.8, 1.0, 2.0, 3.0, 4.0, 5.0, 6.0 e 9.0 cpg. Todas as condições foram medidas duas vezes em dias diferentes com o método da escolha-forçada aliado ao paradigma psicofísico de somação de respostas a contrastes supralimiares. Todas as medidas foram realizadas a uma distância de 150 cm binocularmente, com luminância média de 2.0fL. Os estímulos eram circulares com diâmetro de 7,25 graus de ângulo visual. Durante cada sessão experimental, par de estímulos era apresentado, um contendo a freqüência de teste do filtro (48, 64 ou 96 ciclos, no caso do filtro angular ou 4, 6 ou 9 cpg, no caso do filtro de freqüência espacial) somada a uma das freqüências de fundo angular ou freqüência espacial e o outro era uma das freqüências de fundo acima sozinhas. A tarefa do voluntário foi escolher a freqüência de teste (angular ou espacial) na soma. Resultados: Somação máxima foi encontrada para todos os filtros nas respectivas freqüências de teste. Inibições em freqüências vizinhas também foram encontradas. Conclusão: Os resultados demonstram a existência de algum tipo de filtragem seletiva no sistema visual humano para freqüências angulares e espaciais na faixa estudada.

Apoio Financeiro: CNPq, FACEPE
Palavras-chave: Filtro; Freqüência angular; Freqüência espacial

---

PERC 19

DIFERENÇAS SEXUAIS NO RECONHECIMENTO DE EXPRESSÕES FACIAIS DE EMOÇÃO ATRAVÉS DA OBSERVAÇÃO DE FOTOS DAS REGIÕES DOS OLHOS E DA BOCA

*Arelaza dos Passos Bacchiddi** (Pontifícia Universidade Católica de Campinas - SP), Eduardo José Legal** (Universidade do Vale do Itajaí - SC), Carlos Roberto de Oliveira Nunes e Samuel Galizzi Grimm* (Universidade Regional de Blumenau - SC)*

A face é a principal fonte de comunicação não-verbal nos seres humanos, sendo um dos mais importantes indicadores de emoção. Estudos sobre diferenças sexuais mostram que mulheres tendem a se sobressair no reconhecimento de expressões faciais de emoção, principalmente se são julgadas faces de modelos do próprio sexo e posando expressões de emoções negativas, como tristeza e medo. As várias regiões da face certamente informam diferentemente as emoções experienciadas pelo sujeito. A parte superior da face parece ser mais informativa do que a inferior para o reconhecimento de expressões faciais por sujeitos adultos. Objetivou-se comparar diferenças sexuais no reconhecimento de expressões faciais de emoção, por sujeitos adultos, quando observam partes de rostos, especialmente a região da boca versus a região dos olhos. Participaram 88 universitários da Universidade Regional de Blumenau, 55 mulheres e 33 homens, entre 18 e 39 anos, escolhidos aleatoriamente. Para a coleta de dados, foram utilizadas pranchas com faixas, de um lado ao outro do rosto, de fotos preto e branco de modelos de ambos os sexos, contendo "os olhos e as sobrancelhas" ou "a boca", e expressando ALEGRIA, TRISTEZA, NOJO, RAIVA, MEDO ou SURPRESA. A coleta dos dados foi realizada nas dependências da Universidade. Os dados foram analisados através do teste t de Student ($n = 0,05$). Os resultados indicaram que, na avaliação do total das fotos apresentadas, as mulheres acertaram mais do que os homens. As mulheres tiveram desempenhos superiores no reconhecimento geral das expressões de emoção através da observação da região dos olhos - comparando-se os grupos masculino e feminino no somatório de acertos de reconhecimento das expressões de emoção de todas as partes de fotos de olhos -, no reconhecimento da expressão da emoção de tristeza, através da observação da região da boca, e da expressão da emoção de alegria, através da observação da região dos olhos. Foi encontrada também a tendência ($p<0,10$) das mulheres identificarem mais do que os homens as expressões de raiva e surpresa através da observação da região dos olhos dos modelos, bem como as mulheres tenderam a reconhecer mais a expressão da emoção de alegria, comparando-se o número de acertos do total das fotos desta expressão de emoção. Conclui-se que as mulheres de um modo geral parecem sobressair-se na tarefa de reconhecimento de expressões faciais de emoção, como indicado pela literatura, ainda mais quando os sujeitos observaram a região dos olhos nas expressões emocionais de alegria, raiva e surpresa, e a região da boca na emoção de tristeza.

**CNPq
Palavras-chave: Emoções; Expressões Faciais; Diferenças Sexuais

---

PSICOLOGIA DA SAÚDE

SAU 01

QUALIDADE DE VIDA DE PORTADORES DE HIV E ADESÃO AO TRATAMENTO ANTI-RETROVIRAL. *Giuliano Arias (UBC)*; Marcio Sérgio dos Reis(UBC)*; Victor Francisco Martins Ramos (UBC), Makilim Nunes Baptista (UBC; UNIFESP)**; Paulo Rogério Morais (UBC; UNIFESP)** – Curso de Psicologia – Universidade Braz Cubas - Mogi das Cruzes - SP*

Receber o diagnóstico positivo para o Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) possuía conotação extremamente negativa no passado, pois poucas eram as terapêuticas eficazes contra as doenças oportunistas que se manifestavam em virtude da baixa no sistema imunológico. Nos anos 90, ocorreram grandes avanços no tratamento de portadores de HIV com a introdução dos Anti-Retrovirais (ARVs). Embora tais medicamentos sejam bastante eficazes, exigem do paciente rigoroso comprometimento com a terapia, pois possuem efeitos colaterais bastante desagradáveis e horários rígidos para se tomar o remédio. O objetivo deste trabalho foi verificar as dificuldades encontradas pelos portadores de HIV na adesão ao tratamento com os ARVs. Foram avaliados 18 indivíduos, sendo 11 do sexo masculino e 7 do sexo feminino, contaminados de diferentes maneiras e em tratamento em duas instituições especializadas. Para a coleta de dados foram utilizados uma ficha de identificação e um questionário elaborado pelos pesquisadores com questões abertas e fechadas visando a identificação de fatores que possam influenciar na adesão ao tratamento com os ARVs. Os sujeitos foram abordados individualmente em suas instituições de origem por um psicólogo treinado. Foi observado que 56% dos sujeitos eram portadores do HIV em um período de até 7anos, e os outros 44% eram portadores a mais de 7 anos. Setenta e três por cento dos sujeitos utilizavam os ARVs em um prazo de até dois anos. Quanto a adesão ao tratamento com os ARVs, 84% dos sujeitos a classificaram como "muito boa" ou "excelente"; nenhum sujeito classificou sua adesão como "ruim" ou "muito ruim", porém 6% dos sujeitos afirmaram nunca terem pensado no assunto. Tal resultado é coerente, pois 94% dos sujeitos relataram não terem dificuldades em estar tomando os ARVs. No entanto, contradições passam a ser observadas quando é solicitado ao sujeito que assinale uma lista com itens apresentados como possíveis dificuldades para a sua adesão ao tratamento, sendo que os homens assinalaram um número maior de fatores dificultadores do que as mulheres. Em ambos os sexos, os efeitos colaterais foi o fator que mais dificultou a adesão ao tratamento com os ARVs. No entanto, alguns fatores funcionaram como facilitadores para tal adesão, merecendo destaque para o grupo masculino as orientações médicas, e para o grupo feminino a distribuição gratuita dos medicamentos. Ambos os grupos citaram a necessidade de tomar os ARVs para evitar que o vírus se alastre. Quanto à avaliação que fizeram de sua qualidade de vida antes e depois do uso dos ARVs, 73% dos sujeitos consideraram-na "melhor" ou "muito melhor", enquanto que 27% não perceberam diferença alguma, ou acreditaram que está pior do que antes de aderir ao uso dos ARVs. Estes resultados demonstram que, embora os efeitos colaterais associados ao uso dos ARVs sejam apontados como um dificultador para a adesão ao tratamento, o uso de tais medicamentos melhorou a qualidade de vida dos sujeitos. Por fim, é importante salientar que a generalização destes dados deve ser avaliada com cautela, já que o número de pacientes foi pequeno, bem como as instituições pesquisadas possuíam características peculiares.

Apoio Financeiro: Universidade Braz Cubas
Palavras-chave: HIV; Qualidade de vida; Adesão ao Tratamento

*****

SAU 02

ASPECTOS PSICOSSOCIAIS ENVOLVIDOS NO USO ABUSIVO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS. *Otto Luiz Faccamelo(UBC)*, Luciana Parrilla(UBC)*, Makilim Nunes Baptista (UBC; UNIFESP)**; Paulo Rogério Morais (UBC; UNIFESP)** - Curso de Psicologia – Universidade Braz Cubas - Mogi das Cruzes – SP*

Diversas variáveis estão implicadas com o uso abusivo de substâncias psicoativas, entre elas as bebidas alcoólicas. O alcoolismo pode ser considerado um problema social de grandes proporções. A investigação dos fatores que levam o indivíduo a ingerir abusivamente o álcool é de fundamental importância no desenvolvimento de programas de prevenção e tratamento deste problema. Sendo assim, este trabalho teve como objetivo avaliar algumas variáveis psicossociais implicadas com o abuso de álcool. Foram avaliados 16 indivíduos do sexo masculino participantes do grupo de auto ajuda dos Alcoólicos Anônimos (GA) e 10 indivíduos controles pareados pela variável sexo e sem histórico de uso abusivo de bebidas alcoólicas (GC), ambos os grupos pertencentes a região do Alto Tietê. Para a avaliação do grau de dependência alcoólica foi utilizado o Questionário Padronizado para Avaliação do Grau de Severidade da Síndrome de Dependência do Álcool (Short-Alcohol Dependence Data - SADD), além de um questionário elaborado pelos pesquisadores avaliando alguns aspectos motivacionais para o consumo de bebidas alcoólicas e os efeitos do uso, como por exemplo: consumo de álcool na família, relação entre consumo e humor, consumo de álcool e reforçamento social relacionado a este consumo, entre outros. Os questionários foram aplicados individualmente tanto no GA quanto no GC por pesquisadores familiarizados com os instrumentos. Os resultados demonstraram que todos os indivíduos do GA foram classificados como de "alta dependência", enquanto que no GC a classificação foi de baixa dependência, sendo que foram excluídos 02 sujeitos classificados como "alta dependência" e 04 sujeitos como "baixa dependência". Foi observada diferença estatisticamente significante quanto a variável idade, a média(±DP) do GA foi de 51,6±11 anos e do GC foi de 36,1±7,3. Em relação a ocupação também foi observada diferença, sendo que 69% do GA se encontravam aposentados ou desempregados, enquanto 20% dos sujeitos do GC encontravam-se sem ocupação. A existência de um membro da família como modelo de consumo de bebidas alcoólicas foi observada em 81% dos sujeitos do GA e em 70% dos sujeitos do GC, não denotando diferença. A relação entre consumo de bebidas alcoólicas e tristeza foi estatisticamente significante, uma vez que todos os sujeitos do GA relatam consumir álcool "muitas vezes" ou "sempre" que estão tristes, enquanto que todas as respostas observadas no GC foram "poucas vezes" ou "nunca". Não foi observada diferença quanto a aprovação do uso de bebidas por colegas entre os grupos, existindo uma tendência dos sujeitos do GC terem este comportamento mais freqüentemente aprovado do que o GA. Por último, foi observada diferença estatisticamente significante quanto ao uso de bebidas alcoólicas para o alívio de tensões, sendo maior freqüência no GA. A partir destes dados, pode-se observar que o uso do álcool está associado a inadequadas estratégias de enfrentamento para situações aversivas, como por exemplo o uso do álcool como esquiva de situações de tristeza e fuga para as situações de tensão.

Apoio Financeiro: Universidade Braz Cubas
Palavras-chave: Alcoolismo; Fatores psicossociais; Estratégias de enfrentamento.

*****

SAU 03

PACIENTE ODONTOLÓGICO E O CIRURGIÃO-DENTISTA. *Cloves Amissis Amorim (Curso de Psicologia) Pontifícia Universidade Católica do Paraná; (Curso de Psicologia)Centro Universitário Positivo. Ana Maria Moser** (Curso de Psicologia) Pontifícia Universidade Católica do Paraná e (Departamento de Psicologia Experimental) da Universidade de São Paulo. Décio Zanoni Júnior** (Departamento de Psicologia Experimental) Universidade de São Paulo. Curitiba - PR.*

O tratamento odontológico é avaliado e percebido pela população como ansiogênico. A pessoa que busca ajuda profissional o faz porque não pode resolver sozinha o seu problema de saúde bucal. A intervenção de um cirurgião-dentista (além das representações sociais - carniceiro, malvado, sádico), ocorre num ambiente percebido como hostil, pouco familiar, com ruídos desagradáveis e eventualmente com odores que podem eliciar respostas de ansiedade. Esta pesquisa investigou que procedimentos os cirurgiões-dentistas utilizam para manejar, minimizar ou prevenir a ansiedade de seus pacientes. E quais as expectativas dos pacientes. Sessenta alunos matriculados na disciplina de Psicologia Aplicada à Odontologia, entrevistaram 110 cirurgiões-dentistas em seus consultórios particulares, anotando o número do CRO, endereço e dados sócio-demográficos. Aleatoriamente solicitaram a 110 adultos da comunidade local que informassem o que o cirurgião-dentista poderia fazer para minimizar o seu medo, e aos cirurgiões-dentistas questionaram o que se poderia fazer para diminuir a ansiedade/nervosismo/medo de seu paciente adulto. Os participantes (profissionais) tinham idade média de 26,7 anos, 65% casados, 80% católicos, com experiência profissional variando de 01 a 30 anos. Cem por cento dos cirurgiões-dentistas entrevistados afirmaram como primeira estratégia conversar e explicar o tratamento a ser realizado; 78% afirmaram que são empáticos e procuram deixar o paciente confortável; 52% demonstram calor humano e verbalmente manifestam apoio e finalmente 30% procura deixar o paciente relaxado, distraindo-o para aliviar a ansiedade. Quanto aos clientes, 60% eram casados, 78% católicos, com idade média de 31 anos(18 a 55 anos), informaram que a competência do cirurgião-dentista, que se traduz em trabalho rápido e eliminação da dor, era a principal característica do profissional para diminuir o medo, em segundo lugar (70%) afirmaram que a calma e o apoio moral eram desejados e , (50%) que o cirurgião dentista se comportasse com amabilidade e explicasse, inicialmente, os procedimentos a serem realizados. O tratamento odontológico requer do profissional saber identificar e manejar as necessidades emocionais do paciente. A postura profissional (calor humano, empatia, sorriso) pode manifestar a ausência de repertório em identificar eventos (antecedentes e conseqüentes) da multideterminação da conduta ansiosa. Ou seja, as estratégias utilizadas pelos cirurgiões -dentistas dessa amostra não tem fundamentos científicos e nenhum faz referência à contribuição de conhecimentos advindos do âmbito da Psicologia. Por outro lado, os usuários descrevem suas expectativas(que supostamente minimizariam a ansiedade/medo) de forma clara em comportamentos antecedentes ao tratamento (Instruções dadas pelo cirurgião-dentista) e em eventos conseqüentes (tratamento realizado, eliminação da dor e interação verbal com o cirurgião dentista. Portanto, a Análise Funcional do Comportamento seria uma estratégia bastante útil, prática, e adequada ao manejo e compreensão do comportamento de ansiedade do paciente odontológico.

Palavras-chave: Ansiedade odontológica; Cirurgião-dentista/paciente; Manejo da ansiedade

*****

SAU 04

ATENDIMENTO EM GRUPO A MULHERES AGREDIDAS PELO PARCEIRO1. *Ricardo da Costa Padovani*, Juliane Marcondelli * Maria Cecília Fáucia Gasparoto* e Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams (Laboratório de Análise e Prevenção à Violência, Departamento de Psicologia Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, S.P.)*

A questão da violência contra a mulher embora extremamente freqüente tem sido pouco pesquisada. Os programas de intervenção a mulheres agredidas no Brasil são esparsos e assistemáticos. Convém lembrar que a violência contra a mulher é considerada por alguns pesquisadores como sendo o crime mais freqüente do mundo. O programa de intervenção psicológica à vítimas de violência doméstica está em andamento desde março de 1998 na Delegacia da Mulher de São Carlos. Até o momento todo o atendimento clínico havia sido em sessões individuais, daí o interesse neste projeto do atendimento em grupo. O objetivo do projeto consiste em conduzir sessões de atendimento psicológico em grupo a mulheres vítimas de agressão física por parte do parceiro, conscientizando-as sobre maneiras de impedir e prevenir a violência doméstica. Os instrumentos utilizados para avaliar a intervenção foram: entrevista individual (triagem) com cada participante, questionários de crença de violência doméstica, escala de auto-estima e avaliação da intervenção pelas participantes. O atendimento do grupo foi realizado nos meses de agosto e setembro de 2000. As sessões foram conduzidas semanalmente no Serviço-Escola em Psicologia da UFSCar com duração média de 2 horas. Os temas e atividades abordados em cada sessão foram respectivamente: 1) dinâmica de apresentação dos membros do grupo, explicação do atendimento psicológico em grupo, estabelecimentos de regras do grupo, relato da história de cada participante, esclarecimento sobre os tipos de violência (física, sexual, psicológica); 2) relaxamento, relato de como foi semana, esclarecimento sobre medidas de proteção ou segurança, informação e discussão sobre crenças sociais/mitos que perpetuam a violência doméstica; 3) como trabalhar sentimentos: raiva, culpa e medo, efeitos emocionais da violência sobre auto-estima, treino de assertividade; 4) impacto da violência sobre a criança e família, filme educativo sobre violência; 5) informação e discussão sobre caracterização do agressor e de um relacionamento violento, importância da denúncia da agressão, serviços disponíveis na comunidade, analisar possíveis mudanças ambientais, relaxamento; 6) informação e discussão sobre a questão do gênero, ciúmes no relacionamento, casamento como escolha, relaxamento; 7) informação sobre temática suicídio e depressão, sinalizadores do comportamento suicida e ou depressivo, quando buscar ajuda profissional, prevenção de suicídio, relaxamento; 8) avaliação e manutenção dos ganhos terapêuticos, encerramento do atendimento do grupo, dinâmica de encerramento (música). Adicionalmente o atendimento em grupo envolveu "lições de casa" semanais sendo distribuídas folhas de registro para serem anotados pensamentos e comportamentos por parte das participantes. Quatro mulheres vítimas de agressão física e/ou psicológica pelo parceiro participaram do grupo. As atividades preferidas pelas participantes foram: treino de assertividade, relaxamento e filme. As participantes revelaram, de um modo geral, uma auto-estima adequada. Diante da constação de sintomas depressivos nas participantes foram encaminhadas para uma avaliação psiquiátrica no decorrer do atendimento psicológico. As entrevistas individuais forneceram dados ricos sobre histórico da violência. Em contraste, as participantes tiveram dificuldades em preencher o questionário de crenças. Elas avaliaram o grupo terapêutico como tendo sido ótimo.

1 Projeto financiado pela PROEx (UFSCar)
Bolsista: Ricardo da Costa Padovani

Palavras-chave: Violência doméstica; Atendimento em grupo; Mulheres

****

SAU 05

INFLUÊNCIA DE UMA MENSAGEM PERSUASIVA, BASEADA NO COMPORTAMENTO ALIMENTAR EM PESSOAS SAUDÁVEIS E DIABÉTICAS *Deise Soares da Silva Taveira**; Rachel Mendonça; Maria Alice D'Amorim (Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social Curso de Mestrado - UNIVERSIDADE GAMA FILHO, Rio de Janeiro - RJ)*

O aumento da obesidade, nos últimos anos, acentuou o interesse no estudo do tema dos hábitos alimentares das pessoas não obesas, como uma prevenção primária da obesidade. Um estudo foi realizado com o objetivo de verificar os hábitos alimentares dos funcionários de uma empresa privada que fornece refeições diárias, inclusive cardápios de dieta. Decidiu-se inicialmente fazer um Inquérito Dietético usando 39 tipos de alimentos entre os oferecidos pelo restaurante da companhia. O instrumento perguntou pela freqüência de seu uso, sendo respondido por 100 pessoas, 50 homens e 50 mulheres. Os doze alimentos escolhidos com maior freqüência foram usados como itens no instrumento final, assim como as cinco pessoas cuja opinião acerca da alimentação seria acatada pelos participantes Como hipóteses foi previsto que os jovens teriam maior preferência pelos alimentos insalubres, assim como as mulheres. A persuasão teria o efeito de diminuir a intenção de consumir alimentos calóricos. O estudo principal teve 198 participantes, equilibrados quanto ao sexo, cuja idade variou de 18 a 65 anos. Dois grupos foram criados, um experimental, com 100 pessoas que receberam uma comunicação que as influenciava a evitar os alimentos não saudáveis e um grupo controle que não recebeu a comunicação. O instrumento final mediu a atitude, em relação aos alimentos descritos, em geral de alto valor calórico, usando um diferencial semântico combinado em um só item. O instrumento constava doze itens acerca das conseqüências de ingerir tais alimentos e 12 com a sua avaliação, além de 5 itens acerca da influência de pessoas específicas acompanhados de 5 itens acerca da motivação para acatar sua opinião e um último item perguntando aos participantes sobre a sua intenção de evitar total ou parcialmente, os alimentos mais calóricos descritos no instrumento. Os resultados mostraram algumas diferenças de sexo, e numerosas diferenças de idade, com o grupo mais jovem, de 18 a 30 anos, sendo significativamente mais inclinado a evitar os alimentos acima descritos que as pessoas mais velhas. A comunicação teve o efeito esperado reduzindo o número daqueles inclinados a comer os alimentos mais calóricos e aumentando o número dos que tem a intenção de evitá-los. Estes resultados confirmam duas das três hipóteses feitas. Não sendo obtido diferenças significativas de sexo. A variância de 41.8 % na intenção foi devida três variáveis independentes, Atitude, Crenças acerca das conseqüências de usar alimentos calóricos e a pressão para evitar este tipo de alimento. Atualmente uma pesquisa semelhante está sendo realizada com pacientes diabéticos, utilizando a mesma metodologia (Inquérito dietético e Comunicação Persuasiva). Além da apresentação dos resultados do segundo estudo uma comparação será realizada entre os resultados dos dois estudos.

**Apoio financeiro - CNPq - Bolsa de estudos Mestrado
Palavras-chave: Alimentação; Comunicação persuasiva; Diabéticos e saudáveis

****

SAU 06

PERCEPÇÃO DE PROFESSORES E ALUNOS SOBRE A ADEQUAÇÃO DA PSICOLOGIA À FORMAÇÃO INICIAL DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE. *Maria Lúcia dos Reis**; Antônio Wilson Pagotti - Orientador (UNIT - Centro Universitário do Triângulo, Uberlândia, MG)*

Desde o século XIX, educadores e políticos já se preocuparam em inserir conhecimentos psicológicos nos cursos de formação dos profissionais de saúde, em instituições brasileiras. Essa inclusão deu-se de forma gradativa, sobretudo ao longo do século XX, tornando-se obrigatória no final do mesmo. Diversos autores têm enfatizado a importância da integração desses conhecimentos aos demais conteúdos de formação dos profissionais de saúde. As pesquisas na área ressaltam a importância do ensino de Psicologia de forma vivencial e continuada nos cursos de formação de médicos e enfermeiros. O presente trabalho, parte de um estudo mais amplo, teve como objetivo avaliar a percepção de 45 professores de estágio e de 150 alunos estagiários, dos cursos de Enfermagem, Fisioterapia e Medicina, de quatro instituições de ensino superior do Triângulo Mineiro. Foi construída a Escala Adequação da Psicologia para a Formação do Profissional da Saúde (APS), composta de 31 assertivas, avaliando a(s) disciplina(s) ligada(s) à Psicologia nos referidos cursos. A Escala APS fez parte dos questionários SEPES e ENPAL, respondidos por professores e alunos, respectivamente. Os sujeitos foram contatados em seus locais de estágios (hospitais e clínicas), grupos de discussões, onde responderam ao questionário auto-administrável. Os dados foram tratados utilizando-se o programa SPSS. Os resultados apontam que a Psicologia é considerada importante e necessária à formação do profissional de saúde, tanto por professores como pelos alunos. Os professores e os alunos concordam que a Psicologia mostrou o lado mais humano da profissão, como também permitiu uma compreensão mais global do paciente. A minoria dos alunos concorda que a turma aprendeu bastante com as aulas de Psicologia, sente segurança com os conhecimentos adquiridos na disciplina, como também receberam embasamento para atender o paciente. Os alunos apontam, ainda, que a quantidade de aulas, tanto teóricas quanto práticas, foi insuficiente para desenvolver o conteúdo mais importante e para o contato com o paciente. Os professores apresentaram-se incertos em relação aos resultados do trabalho da Psicologia, no que diz respeito à aprendizagem e segurança adquiridas pelos alunos com as aulas da disciplina e à adequação de sua metodologia. A diferença entre as médias das respostas (t de Student) foi significativa em 18 itens, sendo que os professores tendem a avaliar mais positivamente a Psicologia do que os alunos. A consistência interna da escala APS foi determinada pelo alfa de Cronbach, que obteve valor igual a 0,89, indicando bom nível de confiabilidade. 21 itens tiveram correlação alta com o escore total e apresentaram alto poder de discriminação dentro da escala. Conclui-se pelo presente estudo que a forma de trabalho da Psicologia, devido à importância atribuída pelos sujeitos, necessita ser revista, pois a sua contribuição para a formação dos alunos é considerada insuficiente. Os professores de estágio desconhecem a totalidade do trabalho da disciplina e os seus resultados, indicando a desintegração na organização e na transmissão do conhecimento na formação dos profissionais de saúde.

Palavras-chave: Adequação, Psicologia, Saúde

****

SAU 07

DIFICULDADES DOS ALUNOS NO ATENDIMENTO AO PACIENTE NA OPINIÃO DE ALUNOS E PROFESSORES DOS CURSOS DE FORMAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DA ÁREA DE SAÚDE *Maria Lúcia dos Reis**; Antônio Wilson Pagotti - Orientador (UNIT – Centro Universitário do Triângulo, Uberlândia, MG)*

São inúmeros os aspectos psicológicos que emergem na relação profissional-paciente interferindo nos resultados do tratamento proposto. Diversos autores têm enfatizado aspectos como a importância do uso da comunicação adequada, a valorização de aspectos tanto técnicos quanto humanos, a necessidade de se observar manifestações inconscientes ligadas ao aparecimento da doença, permitindo uma compreensão mais global do paciente e possibilitando uma intervenção mais eficaz junto a este. O presente trabalho, parte de um estudo mais amplo, teve como objetivo avaliar a percepção de 43 professores de estágio e de 130 alunos estagiários quanto às suas dificuldades no atendimento ao paciente. São sujeitos dos cursos de Enfermagem, Fisioterapia e Medicina, de quatro instituições de ensino superior do Triângulo Mineiro. Foi construída a Escala Dificuldades encontradas pelos Alunos no Atendimento ao Paciente (DAAP), contendo 16 itens que versam sobre situações evocadoras de dificuldades no relacionamento com o paciente. A Escala DAAP fez parte dos questionários SEPES e ENPAL, respondidos por professores e alunos, respectivamente. Os sujeitos foram contatados em seus locais de estágios (hospitais e clínicas), grupos de discussões, onde responderam ao questionário auto-administrável. Os dados foram tratados utilizando-se o programa SPSS. Como principais resultados verificou-se que os alunos avaliaram a maioria das situações como evocadoras de Pouca Dificuldade ao lidar com elas, como relacionar-se com a equipe, esclarecer o tratamento ao paciente, tocar o paciente, realizar atendimento de grupos, entre outras. Avaliaram cinco itens apontando dificuldade Intermediária, como lidar com pacientes resistentes, lidar com pacientes com transtornos psicossomáticos e outros. Apontaram ter Muita dificuldade frente a situações que se referem ao cuidado com o paciente psiquiátrico. Os professores avaliaram as dificuldades dos alunos como Intermediárias em sete itens (como exemplo, relacionar-se com a equipe multiprofissional, esclarecer o tratamento de forma compreensível) e Muita dificuldade em nove itens (lidar com paciente psiquiátrico em fase aguda ou crônica, paciente terminal, pacientes resistentes ao tratamento). A diferença entre as médias das respostas (t de Student) foi significativa em todos os itens, sendo que os professores tendem a avaliar as dificuldades dos alunos como mais intensas do que estes as avaliam. A consistência interna da escala DAAP foi determinada pelo alfa de Cronbach, que obteve valor igual a 0,83, indicando bom nível de confiabilidade. 15 itens tiveram correlação alta com o escore total e apresentaram alto poder de discriminação dentro da escala. Conclui-se pelo presente estudo que professores e alunos percebem de forma diferente as dificuldades destes no atendimento ao paciente. Pode-se concluir, também, que as situações, frente às quais os estagiários apresentam maiores dificuldades, são as que exigem um maior preparo emocional, destacando-se o cuidado com o paciente psiquiátrico. Os resultados sugerem que a(s) disciplina(s) ligada(s) à Psicologia, presente(s) nos cursos pesquisados possa(m) ampliar o seu trabalho no sentido de minimizar as dificuldades dos alunos no atendimento ao paciente, bem como criar discussões que possibilitem encontrar os fatores ligados à diferença perceptiva de professores e alunos e auxiliar na sua diminuição.

Palavras-chave: Dificuldades, Alunos, Atendimento

*****

SAU 08

ARTICULANDO EXPERIÊNCIA PRÁTICA E CONHECIMENTO CIENTÍFICO: PROGRAMA DE FORMAÇÃO EM SAÚDE, GÊNERO E TRABALHO EM ESCOLAS PÚBLICAS. *Milton Athayde (Programa de Pós-graduação em Psicologia Social/ Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ), Jussara Cruz de Brito (Escola Nacional de Saúde Pública/Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, RJ) Ana Cláudia Barbosa da Silva* (Instituto de Psicologia/ Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ), Lúbia Rosset Masson* (Instituto de Psicologia/ Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ), Sabrina Dias Loureiro* (Instituto de Psicologia/ Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ)*

O cruzamento entre os processos de subjetivação, saúde-doença e trabalho, na perspectiva de compreender para transformar, exige análise pluridisciplinar e incorporação da experiência daqueles que vivem tais processos. A partir da demanda dos "profissionais de educação", através de seu sindicato no Rio de Janeiro, vem sendo desenvolvido um Programa de Pesquisas, onde se insere o foco deste painel: o Programa de Formação em Gênero, Saúde e Trabalho. No primeiro momento (foco mais específico deste painel), envolveu um grupo multiprofissional de 14 trabalhadoras/es sindicalistas, de diferentes regiões do estado, contemplando duas etapas: (a) curso (agosto de 2000) e (b) exercícios práticos nas escolas, alternados (metodologia de alternância) com encontros em grupo para discussão (até março de 2001). Objetivos: ampliar a Comunidade de Pesquisa, instituindo um espaço de trocas, debates e desenvolvimento mútuo entre conceitos e resultados de pesquisas com a experiência prática das/os trabalhadoras/es, acerca das questões apontadas. Visa também a formação de trabalhadoras/es para uma escuta e registro (monitoramento/Observatório) acerca desta problemática, tornando-se agentes multiplicadores para que a discussão sobre tais questões possa ocorrer sistematicamente nas escolas. O curso foi dividido em partes: uma, destinada à leitura individual ou em grupo do Caderno de Textos, como subsídio para discussão (textos selecionados a partir das pesquisas que vinha desenvolvendo, segundo seu caráter potencialmente mobilizador de reflexão); outra, exposições e esclarecimentos por especialistas sobre cada tema; seguido a cada tema, os participantes foram divididos em subgrupos, debatendo cada tema; por fim, discussão envolvendo o conjunto dos participantes, selecionando-se cinco focos de estudo de campo, assim como preparando-se para realizá-lo. Após o curso, duplas de participantes desenvolveram estudos, recolhendo dados da sua realidade de trabalho, direcionados pelos seguintes focos: "sobrecarga de trabalho", "espaço de trabalho", "sistemas de encaminhamento do adoecimento", "pressões", "dinâmica psicológica no trabalho". Cada estudo de campo foi alternado com reuniões gerais, apresentando-se e discutindo-se o modo de execução do estudo e seus resultados parciais. Constituiu-se deste modo a primeira forma de Comunidade Ampliada de Pesquisa. Todas as etapas foram registradas, de formas diversas e revelaram-se férteis materiais de análise. O Programa de Formação, em encaixe permanente com outros dispositivos de pesquisa, encontra-se em andamento, agora em seu segundo momento: um sistema de "multiplicação", quando os participantes do primeiro momento coordenarão, acompanhados pelos especialistas, outros grupos de formação - nova fase de ampliação da Comunidade Ampliada de Pesquisa. Os resultados até aqui alcançados confirmam nossas expectativas: ampliação do leque de materiais para análise e mesmo do enfoque da própria análise, assim como já ocorreram micro-experiências de mudanças, a serem validadas: ampliação do olhar crítico dos trabalhadores sobre sua própria situação de trabalho, como de nossa capacidade de compreensão da problemática. Os passos seguintes serão os de avançar na ampliação pelas escolas, na perspectiva da constituição de um monitoramento sistemático e a constituição de um Observatório, assim como de efetuar experimentações de maior porte, de modo a validá-las, subsidiando a montagem de pautas de lutas reivindicatórias.

Agências Financiadoras: CNPQ, FAPERJ, UERJ e FUNDO DE GÊNERO BRASIL CANADÁ

Palavras-chave: Saúde; Trabalho; Escola

*****

SAU 09

TRABALHO INTERDISCIPLINAR: QUESTÕES DA SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA. *Danielle Cardoso de Andrade*, Felipe Kezen dos Santos*, Fernanda Carneiro Bastos**, Larissa Cardoso Braga*, Stella Taquette** (Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Rio de Janeiro/RJ)*

O presente trabalho faz parte do projeto/programa Clinisex, que está inserido no NESA - Núcleo de Estudo da Saúde do Adolescente - na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Este programa tem como proposta atender às questões referentes à sexualidade dos adolescentes na atualidade, dando destaque para as DST's - Doenças Sexualmente Transmissíveis - e AIDS, através de uma atuação interdisciplinar fornecendo um atendimento integral ao adolescente a partir de atividades assistenciais, preventivas, de extensão e pesquisa. Atualmente, tem sido observado um aumento das DST's e gravidez não planejada na adolescência. A baixa idade de iniciação da atividade sexual, assim como, a pouca informação a respeito de temas relacionados à sexualidade podem ser apontados como fatores de risco. Desta forma, as atividades de extensão tem grande importância dentro deste contexto devido ao seu cunho sócio educativo que possibilita além da aquisição de informação pelos adolescentes, o desenvolvimento de pensamento crítico frente às questões da sexualidade, elaborando assim práticas mais conscientes e seguras. Com isso, a partir de uma demanda do Colégio Militar, mediante ao contato feito pela direção do mesmo com o Clinisex, foram desenvolvidas oficinas de sexualidade com os alunos da 8ª série. Antes do início das atividades foi realizada uma sensibilização, na qual a temática das oficinas foi divulgada, através de uma atividade interativa com perguntas e respostas curtas. O ciclo de atividades foi composto de cinco encontros com duração de uma hora e meia cada durante o mês de abril de 2001, sendo a participação dos alunos voluntária, mediante a autorização dos pais. Para a realização das oficinas foram utilizados álbuns seriados, recorte colagem, cartilhas/folders educativos e informativos, cartazes e várias dinâmicas que propiciassem a discussão e reflexão dos adolescentes sobre sexualidade. A equipe que participou e organizou este trabalho contou com estagiários e profissionais de Psicologia, Serviço Social, Enfermagem e Medicina. Este trabalho abriu um espaço de discussão sobre questões da sexualidade relativas àqueles alunos do Colégio Militar, possibilitando aos mesmos, além da oportunidade de expor suas dúvidas, um exercício de respeito aos valores do outro e até mesmo o questionamento de seus próprios pontos de vista. A discussão da sexualidade com os adolescentes faz-se cada vez mais necessária, a partir do momento em que se torna o principal veículo para a promoção da reflexão e princípios para a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e gravidez indesejada. É válido ressaltar que a quantidade de questões levantadas pelos alunos de referência tanto biológica, psicológica quanto social, durante a atividade no Colégio Militar do Rio de Janeiro, permitiu-nos avaliar a extrema relevância de um trabalho realizado por uma equipe interdisciplinar para dar conta de uma demanda que é múltipla, abrindo-se, assim, a possibilidade de um entendimento do sujeito como um todo.

Bolsa de Extensão/UERJ

Palavras-chave: Educação; Saúde; Interdisciplinaridade

*****

SAU 10

SALA DE ESPERA: CONHECENDO QUESTÕES DA ADOLESCÊNCIA NO NESA - UERJ. *Danielle Cardoso de Andrade*, Felipe Kerzer dos Santos*, Fernanda Gregorio Bezerra**, Lucia Cardoso Braga*, Stella Tapajós** (Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro/RJ)*

O presente trabalho faz parte do projeto/programa Clínica, que está inserido no NESA - Núcleo de Estudo da Saúde do Adolescente - na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Este programa tem como proposta, através de uma atuação interdisciplinar, desenvolver atividades assistenciais, preventivas e de pesquisa, tendo como enfoque principal as questões referentes à sexualidade dos adolescentes. Atualmente tem sido observado um aumento das DST's - Doenças Sexualmente Transmissíveis - e gravidez não planejada na adolescência. A baixa idade de iniciação da atividade sexual, assim como, a pouca informação a respeito de temas relacionados à sexualidade podem ser apontados como fatores de risco. Dentro deste contexto, fez-se necessário a criação de um espaço de discussão como estratégia de oferecer informação, de maneira democrática e acessível aos adolescentes e seus acompanhantes, e gerar debates sobre temas relevantes na adolescência, a todos os usuários do serviço de saúde do NESA, enquanto esperam as consultas médicas. Dentro do dispositivo "sala de espera" os temas são abordados de forma não determinada, ou seja, são construídos junto com os usuários, possibilitando além de uma maior participação, um exercício de respeito aos valores do outro e até mesmo o questionamento de seus próprios pontos de vista, possibilitando, assim, um pensamento crítico frente ao que está sendo exposto pela equipe e pelos demais participantes da "sala de espera". Estes grupos são realizados quinzenalmente, contando com a participação de estagiários e profissionais de Psicologia, Serviço Social, Medicina e Enfermagem. Logo após o término dos grupos, realizamos uma reunião com toda a equipe para uma análise do trabalho desenvolvido e para organização de planejamentos futuros. Para atender as necessidades que permeiam tais discussões, os adolescentes e seus acompanhantes têm acesso a cartilhas/folderes educativos e informativos, cartazes e filmes sobre a temática, exposição de slides, dinâmicas educativas-reflexivas e recortes de reportagens sobre o tema. Além disso, no final de cada "sala de espera" os participantes voluntariamente preenchem uma ficha de avaliação da atividade daquele dia, podendo assim, expor suas opiniões e sugestões, colaborando para a análise do trabalho desenvolvido e auxiliando na construção e reelaboração das nossas práticas. Este trabalho tem sido de grande importância visto que, possibilitou uma maior conscientização dos adolescentes usuários dos serviços ambulatoriais do Núcleo de Estudo da Saúde do Adolescente. Permite também, um melhor atendimento das necessidades dos jovens e uma ampliação dos conhecimentos sobre as questões que atravessam esse universo da adolescência, que é cada vez mais complexo no mundo contemporâneo, para o coletivo que trabalha cotidianamente com essa população.

Palavras-chave: Prevenção; Adolescente; Saúde

*****

SAU 11

FUNCIONAMENTO PSICOSSOCIAL NA ESCLEROSE MÚLTIPLA: RESULTADOS INICIAIS. *Shirley Silva Lacerda**, Eduardo de Paulo Lima*, Raquel Caseres, Vitor Geraldi Haase e Marco Aurélio Lana Peixoto (Laboratório de Neuropsicologia do Desenvolvimento, Centro de Investigação em Esclerose Múltipla de Minas Gerais, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte - MG)*

Fatores psicossociais são de crescente relevância no cuidado com pacientes portadores de esclerose múltipla. Nós pretendemos com este estudo, caracterizar o funcionamento psicossocial de pacientes com esclerose múltipla e verificar sua possível relação com variáveis da doença tais como, estado funcional (índice ambulatorial) e anos de evolução da doença. Participaram deste estudo vinte e três pacientes portadores da esclerose múltipla com idade média de 44,9 anos (dp= 8,20) e escolarização formal média de 11 anos (dp= 5,4). Oitenta e três por cento dos participantes eram do sexo feminino e exibiam uma média de 9,9 (dp=8,36) anos de evolução da doença e índice ambulatorial médio de 2,26 (dp= 2,56) com 14 (60%) dos pacientes com escore abaixo de 1. Os participantes foram submetidos ao Questionário de Saúde Geral de Goldberg (QSG), ao Inventário Beck para Depressão e a Escala de Fadiga em Esclerose Múltipla. Nove 9 (40%) tiveram escores no inventário Beck entre 10 e 20, enquanto 7 (30%) pacientes tiveram escores abaixo de 10 e 7 acima de 20 (30%). Correlações de Spearman entre as variáveis da doença (índice ambulatorial e anos de evolução da doença) e medidas psicossociais (QSG, Beck e Escala de Fadiga) não foram significativas. As médias para as sub-escalas de fadiga cognitiva e física foram, respectivamente, 22,0 (mín. = 4,0 e máx. = 38,0) e 22,5 (mín. = 7,0 e máx. = 36,0). As correlações de Spearman entre as sub-escalas de fadiga (fadiga física e cognitiva) foram significantes a $p < 0{,}001$ (rho = 0,698). As sub-escalas de fadiga também se correlacionaram com o escore total no QSG (rho = 0,789 para fadiga física e rho = 0,530 para fadiga cognitiva, ambos a $p < 0{,}005$). O comprometimento psicossocial nesta amostra de pacientes com esclerose múltipla não necessariamente se correlaciona com a incapacidade funcional ou com os anos de evolução da doença. Por outro lado a fadiga tem um significante papel no ajustamento psicossocial na esclerose múltipla.

* Aluno de Graduação / Bolsista de Iniciação Científica - FAPEMIG

** Aluna de Pós-Graduação / Bolsista de Aperfeiçoamento - FAPEMIG

Palavras-chave: Funcionamento Psicossocial; Esclerose Múltipla; Fadiga

*****

SAU 12

O BRINCAR E O VÍNCULO ENTRE A MÃE E SEU FILHO HOSPITALIZADO. *Maria de Fátima Pinheiro da Silva Junqueira** (Instituto Fernandes Figueira / Fiocruz, Rio de Janeiro, RJ)*

Realizamos uma pesquisa de cunho qualitativo nas enfermarias pediátricas do Instituto Fernandes Figueira/FIOCRUZ, tendo como objeto de estudo a relação entre a atividade lúdica promovida pelo Saúde e Brincar - Programa de Atenção Integral à Criança Hospitalizada, e o vínculo existente entre a mãe e seu filho hospitalizado. Sabemos que a hospitalização da criança levará a se confrontar com um estado de desamparo, ao perceber sua fragilidade corporal que resultou no adoecimento. Dessa forma, o brincar se insere nesse contexto como uma tentativa de transformar o ambiente das enfermarias, proporcionando condições psicológicas melhores para as crianças internadas, visto que facilita o acesso à atividade simbólica e a elaboração psíquica de vivências do cotidiano infantil. Pode-se dizer que a criança se apropria da experiência dolorosa através do brincar, esse espaço de ilusão situado entre o real e a fantasia. Ela passa a ser sujeito e não somente objeto da experiência. Winnicott nos fala do brincar como um espaço potencial onde nascem a afeição e o prazer pela própria experiência de ser. A partir desta concepção, este estudo voltou-se, então, para a investigação da importância do brincar não somente para a criança, mas também para a própria relação mãe-filho, tendo como pressuposto a importância de um vínculo forte entre ambos como uma forma de auxílio à recuperação da criança. Na presente pesquisa nos propusemos a analisar a possibilidade de o brincar intervir nesse vínculo como um agente facilitador, como um espaço potencial proporcionador de um fortalecimento da relação mãe-filho, auxiliando também a mãe na elaboração da doença e da internação da criança. Dessa forma, desenvolvemos este estudo a partir de duas vertentes básicas e complementares: uma revisão da literatura e uma pesquisa de campo qualitativa. Os sujeitos da pesquisa foram as mães e seus filhos que se encontravam internados nas enfermarias pediátricas do IFF, unidade de saúde de referência materno-infantil, e a coleta de dados se deu sob duas formas: observação participante e entrevistas de caráter semi-estruturado com as mães. A pesquisa realizada, dentro de uma perspectiva qualitativa, nos proporcionou uma compreensão dos significados do brincar para o vínculo estabelecido entre mãe e seu filho hospitalizado. Dentre as conclusões podemos ressaltar: o brincar como sinal de saúde, na perspectiva das mães (diminuição da angústia materna e estabelecimento de uma relação mais confiante com a criança); o brincar como uma outra possibilidade de a mãe se comunicar e se relacionar com seu filho, que não somente a perspectiva da doença, o fato de o brincar diluir diferenças acarretadas pela patologia, permitindo à mãe perceber seu filho aceito, olhado e respeitado como qualquer outra criança e, conseqüentemente, ela própria aceita, sem discriminações (no caso de crianças com distúrbios neurológicos); o brincar como um espaço de escoamento das ansiedades maternas.

Apoio financeiro: FIOCRUZ/FAPERJ

Palavras-chave: Hospitalização infantil; Brincar; Vínculo mãe-filho

*****

SAU 13

DEPENDÊNCIA E MORTE DA "MÃE DE FAMÍLIA": UM ESTUDO DA SITUAÇÃO DE FAMÍLIAS DE CONDIÇÃO SOCIAL MENOS FAVORECIDA NO ADOECIMENTO DA MULHER POR ESCLEROSE LATERAL AMIOTRÓFICA. *Cláudia Borges Do Canto** (Curso De Pós-Graduação Em Psicologia Da Universidade Federal Do Rio De Janeiro, Rio De Janeiro, RJ)*

Este trabalho buscou investigar de que modo famílias contemporâneas, de condição social menos favorecida, enfrentaram a situação de ter um de seus membros, a mulher, "mãe de família", que nas classes populares é a figura central da dinâmica familiar, adoecida por esclerose lateral amiotrófica (ELA), doença neurológica e degenerativa, que leva progressivamente à paralisia e dependência totais, caminhando para a morte. Participaram deste estudo 26 familiares dos pacientes freqüentadores do ambulatório especializado em Doenças do Neurônio Motor, do Instituto de Neurologia Deolindo Couto da UFRJ. O instrumento utilizado na coleta dos dados foi uma entrevista semidirigida que em sua forma final constou de 25 itens. O método utilizado se apoiou na Entrevista Psicológica orientada por Bleger (1995), que, segundo este autor, se organiza como um campo, onde investigado e investigador interagem e onde o investigador se orienta para uma investigação operativa, ou seja, ao mesmo tempo em que investiga, intervém; e na Análise Qualitativa em Psicologia, proposta por Martins & Bicudo (1989). Os resultados demonstraram as formas de reorganização familiar que foram criadas no enfrentamento desta crise além dos recursos disponibilizados na busca de soluções. Revelaram que a mulher que adoeceu e se tornou dependente total se deslocou de um lugar de sujeito de operações do cotidiano familiar, ou seja, quem cuida, administra e organiza a vida familiar, para um lugar de objeto de cuidados, provocando dessa forma, uma remodelação da estrutura contemporânea individualista destas famílias, através da mobilização solidária dos seus membros e do

entorno, ou seja, da rede de parentesco e da comunitária, como suportes essenciais para o núcleo familiar nos ajustes necessários para enfrentar a crise do adoecimento, principalmente levando-se em consideração as dificuldades impostas pela situação familiar e sócio-econômica a que estão submetidas estas famílias. O vazio deixado pela mulher adoecida, na maioria dos casos foi ocupado por outra(s) mulher(es) da família, geralmente a(s) filha(s). A longa convivência nesta situação de múltiplas dificuldades e perdas, no confronto com a incapacidade e aproximação da morte, gerou um processo de luto antecipatório nos familiares e na paciente, podendo ser causa de muitos conflitos, mas que se puderem ser elaborados se tornam situações de crescimento humanístico para todos. Conclui-se que, superando todas as adversidades características dos grupos familiares estudados, as famílias investigadas demonstraram alcançar um nível satisfatório de resolutividade para cuidar da mulher adoecida, com conteúdos de praticidade e solidariedade; a abordagem psicológica da investigação operativa foi o meio hábil para a mobilização de recursos internos que agiram como facilitadores no transcurso da sucessão de crises, bem como de processos de luto antecipatório que emergiram no confronto com a radicalidade dessa doença.

Apoio do CNPq - Bolsista de Mestrado
Palavras-chave: Doença incapacitante; Família; Mulher

***

SAU 14

REPRESENTAÇÃO SOCIAL DE JOVENS EM RELAÇÃO A CAMPANHAS PREVENTIVAS DE AIDS E DST, DO MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Amanda Mendonça*, Fernanda Sales*, Karine Sallas*, Luciana Moraes*, Renata Santana* (Universidade Católica de Brasília, Brasília, DF) e Elizabeth Tunes (Universidade Católica de Brasília/Universidade de Brasília, Brasília, DF)*

O acompanhamento cotidiano de campanhas preventivas de DST e AIDS patrocinadas pelo Ministério da Saúde levou-nos a pensar que algumas delas, inadvertidamente, podem estar sendo percebidas pelos jovens como um incentivo e um apelo à prática sexual. Tendo isso em mente, realizou-se um trabalho com o objetivo de identificar como adolescentes percebem o conteúdo de campanhas preventivas veiculadas na televisão, adotando-se como referencial a teoria das representações sociais. Para tanto, constituiu-se um grupo de 60 adolescentes (41 do sexo feminino e 19 do sexo masculino), estudantes de colégios da rede particular de ensino do Distrito Federal, na faixa etária de 12 a 17 anos, cursando o ensino fundamental e médio. Foram selecionados dois vídeos mostrados na televisão, os quais foram cedidos pelo Ministério da Saúde: um de caráter estritamente expositivo e informativo e outro desenvolvido como uma alegoria no momento do carnaval. A coleta de dados foi feita com a aplicação de dois questionários, um deles contendo cinco e outro três questões. O primeiro questionário foi aplicado duas vezes, isto é, imediatamente após os adolescentes terem assistido a cada um dos dois vídeos. O segundo, aplicado após terem assistido aos dois vídeos e respondido ao outro questionário, solicitava-lhes que fizessem uma comparação entre os dois vídeos. Os dados obtidos foram categorizados e sua análise demonstrou que, embora os adolescentes considerem o vídeo de cunho alegórico mais adequado para o público jovem, entendem que o outro é o mais adequado para o fim a que se propõe, a saber, a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e AIDS. Além disso, o vídeo de cunho alegórico associou-se fortemente à idéia de relação sexual, sendo o uso da camisinha visto pelos adolescentes sob a ótica do oportunismo. Ou seja, para os adolescentes que responderam ao questionário, esse vídeo traduz a mensagem de que sempre deve-se carregar preservativos para não se perder oportunidades de relacionamento sexual, ainda que fortuito. Já o de caráter expositivo e informativo foi amplamente associado à idéia de prevenção de DST e AIDS, e o uso de camisinha como prevenção de conseqüências adversas. Os resultados obtidos, ainda que não sejam passíveis de generalização para a população jovem em geral, visto que a amostra do presente estudo não é representativa, sinalizam a importância de se proceder à avaliação e à revisão das campanhas preventivas de DST e AIDS promovidas pelo Ministério da Saúde do Brasil, especialmente no que tange à relação entre meios e fins.

Palavras-chave: Adolescentes; DST e AIDS; Campanhas preventivas

***

SAU 15

O EFEITO DA CAPACITAÇÃO EM PROFISSIONAIS DA ÁREA DA SAÚDE NO RECONHECIMENTO DOS INDICADORES DE ABUSO SEXUAL EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES. *Renato Zamora Flores (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS), Christian Haag Kristensen** (Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS) Juliana Sartori Tonon*, Vanessa Garcia Gelarraga(?)*, Ana Paula Vieira Rojas Lima* e Kleyne Leite de Abreu* (Universidade do Vale do Rio dos Sinos), Karin Vasser(?)* (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), Sheila Maria Almeida (Universidade do Vale do Rio dos Sinos), Nelsi Salvane Beth(?) (Secretaria de Saúde do Estado do Rio Grande do Sul) e Rita Paladini (Secretaria Municipal de Saúde, Viamão, RS)*

Estratégias públicas de prevenção do abuso sexual costumam envolver diversos profissionais que lidam com crianças e adolescentes, em especial nas áreas de saúde e educação. Entretanto, há uma carência de informações sobre quais métodos são mais eficientes na formação destes profissionais, de modo a instrumentalizá-los no manejo deste grave fenômeno social. Como parte de um amplo estudo sobre prevenção secundária em abuso sexual, aplicamos um inventário de sinais e sintomas indicativos de abuso sexual em crianças e adolescentes (Indicadores de Abuso Sexual - IAS) para uma amostra de cinqüenta trabalhadores da área da saúde do município de Viamão (RS). A amostragem incluiu pelo menos um profissional de cada posto de saúde e profissionais de programas específicos relacionados ao atendimento de crianças e adolescentes, como psicólogos, médicos, enfermeiros, auxiliares de enfermagem, secretárias e motorista. O IAS foi aplicado antes e depois de um curso de capacitação sobre o tema "Violência e abuso sexual contra crianças e adolescentes", com oito horas aula, envolvendo os seguintes conteúdos: definições, dados epidemiológicos, etiologia da violência doméstica, reconhecimento de sinais e sintomas, técnicas de entrevista e avaliação, medidas legais e de proteção e diretrizes sobre tratamento e prevenção do abuso sexual. No IAS, cada um de 35 itens deve ser pontuado em uma escala Likert de 5 pontos em relação à especificidade daqueles sinais e sintomas para a suspeita de abuso sexual. A análise estatística utilizou-se do programa NCSS (versão 6.0) para os procedimentos de ANOVA e teste T para dados emparelhados. Em relação aos resultados, não foram observadas diferenças estatísticas significantes entre pré e pós-teste quanto à idade, sexo e escolaridade dos profissionais. Igualmente, não foram encontradas diferenças no somatório de pontos do IAS, para os 35 itens. Após o curso, os seguintes itens foram estatisticamente mais valorizados (todos com $P<0,02$): curiosidade sexual excessiva, auto-conceito negativo, masturbação excessiva ou pública, tocar ou coçar genitais, excitabilidade aumentada, introduzir objetos no ânus ou vagina, requerer estimulação sexual de terceiros, brinquedos ou jogos sexualizados e exposição dos genitais. Um único item diminuiu significativamente de importância após o curso: comportamento regressivo. Estes dados indicam que os sintomas sexualizados, com ênfase nos mais aberrantes, são muito mais facilmente aprendidos e utilizados, por profissionais de postos de saúde comunitários para identificação de casos do que aqueles sintomas mais complexos e não sexualizados, como depressão, fugas do lar, ansiedade relacionada a temas sexuais ou agressividade. Ainda que esses itens sejam menos específicos, são aqueles mais comumente encontrados entre as vítimas de abuso. Os resultados sugerem ainda que o curso teve pouco efeito em diminuir crenças equivocadas sobre sintomas inespecíficos, tais como: lavar as mãos compulsivamente, tiques motores múltiplos, brincar com brinquedos do sexo oposto e atraso ou ausência total do desenvolvimento da linguagem verbal.

Apoio Financeiro: FAPERGS
Palavras-chave: Abuso sexual; Sintomas; Saúde

***

SAU 16

PESQUISA, ENSINO E PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS: A INSERÇÃO DA PSICOLOGIA NO ATENDIMENTO A PESSOAS VIVENDO COM HIV/AIDS. *Eliane Maria Fleury Seidl (Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília - Brasília, DF)*

Os avanços terapêuticos, a partir do advento dos anti-retrovirais, modificaram os indicadores de morbi-mortalidade da Aids no Brasil, que passou a apresentar perfil de doença crônica, trazendo novos desafios para os profissionais de saúde que trabalham na área. As intervenções para promover a adesão ao tratamento, a identidade positiva da pessoa vivendo com HIV/Aids, a vivência da sexualidade e a modificação de comportamentos de risco são alguns dos tópicos colocados na agenda atual e futura dos pesquisadores e profissionais de psicologia. O Projeto Com-Vivência (Ações Integradas de Estudos e Atendimento a Pessoas Portadoras do HIV/Aids e Familiares) é uma atividade de extensão universitária que se desenvolve no Hospital Universitário de Brasília (HUB), iniciativa de professores de psicologia e de serviço social, que articula ações de prestação de serviços à comunidade, ensino e pesquisa na área do HIV/Aids. Seu objetivo principal é o desenvolvimento de ações de prevenção e de assistência psicológica e social a pessoas portadoras do HIV/Aids e familiares. Vinculado ao funcionamento do ambulatório e da enfermaria do HUB, o trabalho da equipe do Com-Vivência - professores, profissionais e alunos - passou a integrar o conjunto de procedimentos e de serviços de saúde prestados pelo hospital a essa clientela, visando à atenção integral e interdisciplinar. O vínculo do paciente com a equipe inicia-se com o processo de acolhimento, permitindo a identificação de suas demandas e necessidades, bem como o estabelecimento do programa terapêutico. Os modos de atuação do psicólogo, com base no enfoque cognitivo-comportamental, incluem ações de orientação, aconselhamento e intervenção psicológica, individual ou em grupo, podendo abranger ainda a família e pessoas significativas da rede social de apoio. Resultados de pesquisa recente, realizada no âmbito do projeto, sobre enfrentamento, suporte social e qualidade de vida de pessoas vivendo com HIV/Aids redundaram em novas estratégias de intervenção na prática do psicólogo, visando o fortalecimento de vínculos sócio-familiares e da rede de suporte social, bem como a modificação das estratégias de enfrentamento em relação à enfermidade, favorecendo aquelas propiciadoras do bem-estar psicológico e da qualidade de vida. Ações sistemáticas voltadas para a adesão ao tratamento, associando pesquisa e intervenção, estão sendo implementadas, baseadas no auto-monitoramento do paciente, na identificação e no manejo das contingências associadas ao

comportamento de adesão. Após cinco anos de funcionamento, o projeto Com-Vivência está consolidado e tem sido uma referência importante nas áreas de assistência, prevenção e capacitação de recursos humanos no Distrito Federal. Algumas dificuldades e desafios, no entanto, persistem: (1) necessidade de integração efetiva da equipe, consolidando novos modelos de ensino e de assistência à saúde, com ênfase na interdisciplinaridade; (2) a melhoria da qualidade da assistência prestada no contexto das tendências epidemiológicas que apontam a heterossexualização, o aumento de casos de mulheres e de crianças, devido à transmissão vertical da infecção pelo HIV e, em consequência, o crescimento da soropositividade na família.

Palavras-chave: Psicologia da saúde; HIV/Aids; Intervenção do psicólogo em saúde

****

SAU 17

ATIVIDADES DE EXTENSÃO EM PSICO-ONCOLOGIA PEDIÁTRICA: A INTERFACE ENTRE PESQUISA CIENTÍFICA E ASSISTÊNCIA PROFISSIONAL. *Áderson Luiz Costa Junior (Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília – Brasília, DF)*

Acompanhando-se a evolução do conhecimento na área da saúde, observa-se que o espaço ocupado pela psicologia vem sendo ampliado à medida que aumenta o reconhecimento da influência de fatores socioeconômicos e ambientais sobre variados processos de adoecer e que se identificam relações de interdependência entre fatores psicossociais e a etiologia de algumas doenças crônicas. No caso específico do câncer infantil, o acompanhamento psicológico sistemático à criança em tratamento de patologias oncológicas é apontado pela literatura como uma condição indispensável do atendimento prestado à saúde. Este trabalho descreve o Programa de Atendimento Psicológico à Criança com Câncer no Distrito Federal, desenvolvido junto a uma unidade de saúde da rede pública de saúde do Distrito Federal, em sistema de convênio com a universidade. Constituem objetivos gerais do programa: (a) a identificação de fatores de natureza comportamental envolvidos com o tratamento do paciente e; (b) a organização do ambiente hospitalar de modo a oferecer, a crianças e familiares, oportunidades de participação em atividades orientadas ao desenvolvimento de habilidades comportamentais e cognitivas próprias às necessidades de cada indivíduo. O programa, de filosofia interdisciplinar, é composto por um conjunto de atividades, obrigatórias e optativas, de intervenção profissional em psicologia da saúde, subsidiadas por investigações científicas prévias. Resultados de pesquisa, obtidos por meio de metodologia observacional do comportamento de crianças e familiares em sala de espera, por exemplo, permitiram o desenvolvimento de atividade de recreação dirigida, que inclui a execução de intervenções psicológicas breves, em sala de espera, de construção de jogos e brincadeiras estruturadas, adaptadas às características de comportamento e faixa etária de cada criança, habilitando-se os pais a atuarem como agentes estimuladores do comportamento da criança em outros contextos além do hospital. Resultados de pesquisa sobre o manejo do comportamento de crianças expostas a procedimentos médicos invasivos, utilizando-se procedimentos de distração e simulação comportamental, disponibilizaram o desenvolvimento de um serviço de intervenção psicológica que tem conseguido reduzir, com significância estatística, a incidência de comportamentos concorrentes, indicadores de desconforto comportamental e emocional da criança, quando submetida à punção venosa para quimioterapia e à punção lombar. Ressalta-se que os resultados de pesquisa têm permitido a identificação de reforçadores que tendem a manter repertórios de comportamentos que dificultam a obtenção de adesão a tratamento e o desenvolvimento de estratégias eficientes de enfrentamento de situações potencialmente estressoras. A avaliação sistemática do programa tem permitido a identificação de relações funcionais entre os eventos ambientais do tratamento e o repertório de comportamentos de pacientes e familiares, apontando as contingências sobre as quais deve-se dirigir a intervenção psicológica.

Palavras-chave: Psico-oncologia pediátrica; Psicologia pediátrica; Psicologia da saúde

****

SAU 18

COMPORTAMENTO E SAÚDE: ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO NO PROGRAMA DE ATENDIMENTO A PACIENTES COM DIABETES DO HOSPITAL UNIVERSITÁRIO BETTINA FERRO DE SOUZA. *Eleonora Arnaud Pereira Ferreira (Departamento de Psicologia Social e Escolar, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará - Belém, PA)*

O comportamento tem um papel muito importante no agravamento ou melhoria dos estados de saúde de portadores de doença crônica, pois os estilos de respostas com os quais a pessoa enfrenta sua doença e procura controlá-la são decisivos para o seu tratamento e prognóstico. O desafio é explicar a relação entre comportamento e saúde, entre comportamento e doença, e demonstrar a possibilidade de controlar esta relação, pressupondo-se que esta relação não é univariada, nem linear, nem absoluta. O aspecto fundamental de interesse para a psicologia é a ênfase em mudanças no estilo de vida do paciente que estão associadas ao tratamento. A intervenção do psicólogo inclui auxiliar o paciente na aquisição ou aprimoramento de comportamentos para lidar com a demanda de suas necessidades e sintomatologia, considerando a evolução da doença, incluindo a iminência da morte. A intervenção também pode se estender a familiares do doente crônico, especialmente aos agentes cuidadores. O projeto Comportamento e Saúde da UFPA oferece, desde 1995, oportunidade para que alunos do curso de graduação em psicologia possam atuar na área da saúde, com atividades de ensino, pesquisa e extensão. Dentre as suas atividades, destacam-se as realizadas no programa de atendimento ao portador de diabetes do HUBFS. Neste programa estão inscritos mais de setecentos pacientes, predominantemente com diagnóstico de diabetes Tipo 2, com baixa escolaridade e renda familiar, havendo uma demanda muito grande para trabalhos com enfoque preventivo, especialmente em nível primário e secundário, para os quais a contribuição da psicologia pode ser relevante. O projeto tem como objetivo oferecer atendimento psicológico, individual e em grupo, a pacientes portadores de doenças crônicas, no caso o diabetes, usuários dos serviços oferecidos no HUBFS e realizar pesquisas na área de saúde e comportamento privilegiando investigações acerca dos efeitos da doença crônica para a qualidade de vida do indivíduo e de seu grupo familiar. Atualmente, três bolsistas do PROINT/UFPA estão realizando atividades que incluem: grupo de acolhimento ao paciente recém-ingresso, reintegração de pacientes evadidos do programa, atendimento individual ao paciente e sua família, grupos de sala de espera e de acompanhamento para a promoção da melhor adesão ao tratamento. São atividades diárias, em parceria com a equipe multiprofissional que compõe o programa. O plano de intervenção no atendimento individual utiliza a metodologia de estudo de caso, com análise funcional de comportamentos que mantêm a doença e de comportamentos que promovem a saúde, segundo o modelo construcional. Duas pesquisas estão sendo realizadas: uma investigando os efeitos de um treino em análise de contingências sobre a adesão ao tratamento e outra investigando os efeitos do uso de procedimentos de auto-monitoramento em pacientes obesos com diabetes tipo 2. Neste simpósio serão apresentados os resultados obtidos com a realização destas pesquisas, e os resultados obtidos com os atendimentos individuais e em grupo com os pacientes do programa. Estudos nesta área possuem, portanto, uma grande relevância social, visto que a doença crônica pode dificultar a vida produtiva dos indivíduos, o relacionamento familiar e social, além dos altos custos econômicos para a rede pública de saúde.

Palavras-chave: Psicologia da saúde; Diabetes; Modelo construcional

****

SAU 19

REPRESENTAÇÃO SOCIAL DE PEDIATRAS E OBSTETRAS SOBRE A SÍNDROME DE DOWN. *Bianca V. L. Teixeira*, Clarisse Vasconcellos*, Odemar A. C. Luna*, Márcia Gomes da Silva* (Universidade Católica de Brasília) e Elizabeth Tunes*** (Universidade Católica de Brasília/Universidade de Brasília)*

Grande parte dos estudos científicos sobre a deficiência e, em especial, os que se referem à deficiência mental, mostra haver, em nossa sociedade atual, a prevalência de visões naturalistas (que admitem a determinação biológica da deficiência) sobre as visões essências (que admitem a constituição social da deficiência). De caráter fatalista, as visões naturalistas implicam, de um modo geral, um tipo de investimento educacional sobre as pessoas acometidas de déficits orgânicos radicalmente diferentes daqueles preconizados pelas visões essências. Muitas mães desconhecem informações importantes sobre a síndrome de Down, que lhe são acessíveis, pela primeira vez, por intermédio do pediatra ou obstetra que lhe apresenta a notícia de que seu filho é portador da síndrome de Down. Assim, a visão transmitida pelo médico pode vir a ter um impacto e consequências importantes sobre os primeiros investimentos que irão dirigir a seus filhos. Daí a relevância de se conhecer as representações dos pediatras e obstetras, a esse respeito, o que se constituiu no objetivo precípuo do presente trabalho. Para tanto, foram entrevistados cinco pediatras e cinco obstetras de hospitais públicos e de clínicas particulares na cidade de Brasília no Distrito Federal. Foi-se utilizado entrevistas semi-estruturadas, estas, tinham como finalidade obter informações dos mesmos acerca de como entendem a síndrome de Down em termos de sua causa e suas características; das ações que devem ou não ser implementadas em relação às pessoas acometidas pela síndrome e de seus resultados, bem como, dos prognósticos que fazem em relação a essas pessoas. A maior parte das verbalizações de ambos os especialistas dizia respeito à caracterização da síndrome de down, de um modo geral. Os resultados obtidos mostraram que, no grupo entrevistado, há uma prevalência das visões naturalistas, de cunho fatalista. Todavia, quando feita a comparação entre a visão fatalista e a essência, nota-se que nesta última prevaleceram falas descritivas de ações. Em suas falas, os médicos privilegiam o apontamento de características e prognósticos, em detrimento de ações que devam ou não ser implementadas e seus resultados. Ainda que, ao caracterizarem a síndrome de down, façam-no de modo positivo, percebe-se que, ao esboçarem prognósticos demonstram uma visão bastante pessimista do desenvolvimento da criança portadora da síndrome de down. Constata-se, assim, a necessidade de ampliar o estudo para conhecimento do universo de pensamento de médicos a respeito do assunto, bem como para a definição de estratégias de esclarecimento e atualização dos mesmos em relação aos avanços na área.

Palavras-chave: Representações; Deficiência mental; Síndrome de down

****

SAU 20

A INFLUÊNCIA DAS DIETAS NO PROCESSAMENTO DE INFORMAÇÃO. *Euclêquias José de Souza Júnior, Denise Costa Ribeiro, Marcela Gomes Lopes, Camila Tôrres Kassai, Ângela de Oliveira Castro, Melissa Carla de Carvalho, Ronaldo Rodrigues Teixeira Júnior, Vitor Geraldi Haase (Laboratório de Neuropsicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte - MG)*

Algumas evidências bibliográficas em psicologia cognitiva comportamental revelam que o engajamento em dietas para emagrecer torna as pessoas mais susceptíveis a desenvolverem distúrbios alimentares, pois a preocupação intensa com a alimentação e a estética gera pensamentos inadequados sobre o peso, a auto estima e a forma corporal. O presente estudo tem o objetivo de verificar se existe uma diferença considerada significativa a nível cognitivo e do processamento de informação entre jovens que estão fazendo dieta alimentar para emagrecer e jovens que não estão fazendo dieta. Para isto, foi desenvolvida uma bateria constituída por testes e inventários com uma versão alimentar e outra versão não alimentar para avaliar a cognição alimentar e o processamento de informação. Esta bateria foi composta da seguinte maneira: TDL-UFMG (Teste de Discriminação de Listas - UFMG), Teste de Stroop, Teste de Fluência Verbal, Inventário MAC (Inventário Mizes de Cognições Anoréxicas), Inventário TCB (Inventário de Cognições Bulímicas) e Inventário de Auto imagem. Até o momento, foram avaliadas 111 jovens do sexo feminino entre 15 e 23 anos que estavam cursando 2º ou 3º graus. Elas foram divididas nos seguintes grupos: um, com 80 jovens que não estavam fazendo dieta para emagrecer (idade m=18,54; DP=2,34) e outro, com 31 jovens que estavam fazendo em dieta (idade m=18,35; DP=2,50). As jovens de ambos os grupos foram submetidas a todos os testes e inventários da bateria e nenhuma delas apresentava história de distúrbios alimentares. As diferenças observadas entre os grupos foram significativas quanto ao índice de massa corporal (p=0,001), à auto imagem atual (p=0,002) e aos pensamentos bulímicos (p=0,000) e anoréxicos (p=0,000). Os resultados obtidos nos testes cognitivos (Teste de Stroop, Teste de Fluência Verbal, Teste de Discriminação de Listas - UFMG) não foram significativos entre os grupos. Concluímos, portanto, que as dietas para emagrecer provocam alterações a nível do processamento de informação relacionado à auto-imagem e aos pensamentos de auto-referência, gerados a partir de pensamentos inadequados sobre a forma corporal e à alimentação. Porém, essas distorções não são intensas o suficiente para provocar alterações nas funções cognitivas, tais como memória, inibição de respostas, fluência verbal. Esses resultados confirmam a hipótese de que o fato de se fazer dietas para emagrecer torna as jovens mais vulneráveis a desenvolver algum tipo de transtorno alimentar. Pretende-se fazer um trabalho de informação sobre os riscos psicológicos de se fazer dietas para emagrecer, alertando as pessoas da importância de se fazer um acompanhamento médico e psicológico durante o período da restrição alimentar.

Palavras-chave: Dieta alimentar; Processamento de informação; Pensamentos de auto-referência

*****

SAU 21

ATENDIMENTO MULTIDISCIPLINAR COM GRUPOS DE PORTADORES DE SEQUELAS DE AVC. *Cristiane Paulin Cardoso, Adriel Pereira Rosa e Valéria Abadia Caixeta (Divisão de Apoio e Integração do Idoso da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social, Uberlândia, MG)*

O acidente vascular cerebral, popularmente conhecido como derrame cerebral, pode ser compreendido como uma dificuldade, em maior ou menor grau, no fornecimento de sangue a uma determinada área do cérebro o que leva ao seu sofrimento ou morte com conseqüente perda ou diminuição das funções realizadas por ela. O AVC é mais freqüente em pessoas idosas uma vez que a idade avançada tende a estar associada com alterações arteriais e elevação da pressão arterial, fatores estes que podem levar à sua ocorrência. O AVC é a terceira causa de morte em vários países e a principal causa de incapacitação física e mental daí a importância dos trabalhos voltados para a prevenção do problema ou da sua reincidência bem como para minimizar as suas conseqüências. O "Atendimento em Grupo com Pessoas Portadoras de Seqüelas de Acidente Vascular Cerebral" é um projeto desenvolvido por uma equipe (psicólogo, assistente social e professor de educação física) com o apoio de profissionais de diferentes áreas (como médico, fisioterapeuta, nutricionista, auxiliar de enfermagem) com o objetivo geral de realizar a reabilitação e reeducação global da pessoa que teve um AVC a fim de garantir a sua manutenção física e psíquica, promover a sua integração social e familiar e facilitar seu crescimento pessoal. São objetivos específicos do projeto: estimular e reeducar a motricidade e as habilidades sensório-motoras e perceptivo-motoras; estimular e reeducar as atividades mentais como memória, linguagem, atenção, concentração, raciocínio; favorecer a reaprendizagem das atividades da vida diária; elevar a auto-estima e a valorização pessoal; desenvolver a capacidade de reconhecer e expressar as emoções e refletir sobre sentimentos; adquirir maior conhecimento a nível pessoal e grupal; acompanhar e integrar a família; estimular a integração e as relações interpessoais entre os próprios membros do grupo e com outros grupos de pessoas; ampliar o convívio social; fornecer informações teóricas e práticas acerca de assuntos de interesse; preparar os participantes para serem agentes multiplicadores repassando informações sobre a doença. Os grupos são, em média, de 20 participantes com faixa etária a partir de 50 anos. São feitas entrevistas individuais e de anamnese, visitas domiciliares, festas comemorativas, passeios e atividades de lazer, reuniões periódicas com familiares além das reuniões semanais de duas horas de duração onde são tratados temas diversos sob a coordenação de profissionais de diferentes áreas. Desde sua criação em 1993 o projeto tem sido avaliado positivamente tanto pela equipe e profissionais que nele atuam quanto pelas 30 pessoas que dele participam, indicando que os objetivos propostos têm sido atingidos em relação à melhora do bem-estar físico e emocional e ao aumento do nível de socialização.

Palavras-chave: Atendimento multidisciplinar; Atendimento em grupo; Portadores de seqüelas de AVC

*****

SAU 22

CIRURGIA CARDÍACA: ANSIEDADE E DEPRESSÃO NO PERÍODO PRÉ-CIRÚRGICO. *Cristiane Pereira Pedro**, Márcia Simei Zanovello Duarte (Faculdade de Psicologia - Universidade de Franca, Franca - SP)*

O coração, simbolicamente é tido como responsável pelos sentimentos e emoções. Baseado nessa premissa, este estudo teve como meta principal conhecer as manifestações afetivas, principalmente índices de ansiedade e depressão, de pacientes indicados à cirurgia cardíaca de revascularização do miocárdio e válvula. Foram avaliados, no período pré-operatório 38 pacientes sendo 27 homens e 11 mulheres com idade entre 27 e 76 anos. Para a avaliação foi utilizada a escala HAD "Hospital Anxiety and Depression Scale" e um roteiro de entrevista estruturado. A entrevista tinha como objetivo levantar dados sócio-demográficos, suporte social, histórico familiar de doenças cardíacas, história prévia de alcoolismo e depressão, número de pacientes com informação a respeito da cirurgia, oferecido por algum profissional do hospital, e se essas informações eram suficientes do ponto de vista do paciente. Também objetivava conhecer a vivência emocional dos pacientes com a investigação dos sentimentos, preocupação e expectativas destes com relação à cirurgia. A avaliação dos pacientes aconteceu de forma individualizada, no dia anterior à cirurgia. A análise dos dados foi feita de forma quantitativa-descritiva, verificando a freqüência de ocorrência a cada alternativa das questões fechadas, seguidas do cálculo de porcentagem, além dos resultados da escala HAD. Os dados apresentados a seguir referem-se ao nível de ansiedade e depressão obtidos na amostra e sua correlação com outras variáveis descritas acima. Na amostra referida obteve-se 54,5% de incidência de ansiedade e/ou depressão. Esta incidência considerada alta, pode ser dividida da seguinte maneira: 21% apresentaram ansiedade, sendo que, 16% constituíram ansiedade moderada e 5% ansiedade severa, 15,5% dos pacientes apresentaram apenas depressão, sendo que, 10,5% constituíram depressão moderada e 5% depressão severa, 18% apresentaram ansiedade e depressão. Em relação ao gênero, 48% dos homens apresentaram ansiedade e/ou depressão, enquanto as mulheres atingiram 64%. Esses resultados corroboram dados da literatura que mostram uma tendência das mulheres, em situações médicas, apresentarem maiores taxas de ansiedade e depressão. Este dado pode refletir diferença de gênero ou ainda refletir diferenças relacionadas às influências sócio-culturais que permitem mais às mulheres que aos homens, a expressão de seus sentimentos. Esta é uma questão a ser observada não aceitando a priori que os homens são menos ansiosos que as mulheres. Pessoas com história prévia de depressão tenderam a apresentar maiores escores de ansiedade e/ou depressão antes da cirurgia. É sabido que pessoas informadas a respeito da cirurgia tendem a diminuir a ansiedade. Neste estudo 92% dos pacientes haviam recebido informações a respeito da cirurgia e, apesar disto a prevalência de ansiedade e/ou depressão atingiu índice elevado. É importante verificar a maneira pela qual o paciente foi informado e, principalmente, se conhecimento se estas informações foram realizadas de forma individualizada, considerando as condições emocionais de cada paciente, assim como sua capacidade adaptativa. Sugere-se assim um atendimento psicológico com estes pacientes. Os resultados obtidos permitiram verificar índice de ansiedade e/ou depressão em pacientes indicados a cirurgia cardíaca.

Palavras-chave: Cirurgia; Ansiedade; Depressão

*****

SAU 23

INTERCORRÊNCIAS PSIQUIÁTRICAS NO ISOLAMENTO DA ENFERMARIA DE UMA UNIDADE DE TRANSPLANTE DE MEDULA ÓSSEA. *Érika Arantes de Oliveira** (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto); Ana Paula Mastropietro** (Unidade de Transplante de Medula Óssea do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo); Manoel Antônio dos Santos (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto); Júlio Voltarelli (Unidade de Transplante de Medula Óssea do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo)*

O transplante de medula óssea é um procedimento de alta complexidade, utilizado para o tratamento de neoplasias (leucemias, doenças linfoproliferativas, tumores sólidos) e doenças hematológicas (falências medulares adquiridas, falências medulares hereditárias, hemoglobinopatias, deficiências imunológicas, erros inatos do metabolismo). O procedimento engloba três momentos: pré-TMO, em que o paciente é seguido em regime ambulatorial pelos membros da equipe, com a finalidade de avaliar a indicação do transplante; a fase do transplante propriamente dita, em que o

paciente fica em um isolamento protetor de uma enfermaria e, finalmente, a fase pós-TMO, em que o paciente volta a ser seguido ambulatorialmente. Os pacientes submetidos ao TMO, vivenciam alguns problemas singulares ao enfrentar do transplante, decorrentes do próprio estresse a que são submetidos, desde o diagnóstico da doença, passando pelas várias fases do tratamento. São descritas na literatura várias alterações psicológicas e psiquiátricas nos pacientes, tais como ansiedade, depressão, irritabilidade, desorientação, perda do controle, medo e perda da motivação. O objetivo desse trabalho é o de descrever as intercorrências psiquiátricas e as condutas adotadas, durante o isolamento protetor da Enfermaria da Unidade de Transplante de Medula Óssea (UTMO) do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. A amostra foi composta por 42 pacientes (25 homens e 17 mulheres), submetidos ao transplante no período de março de 1999 a maio de 2001. O diagnóstico mais freqüente foi o de leucemia, sendo que 45% dos pacientes (n=19) eram portadores de Leucemia Mielóide Crônica (n=19) e 19% de Leucemia Mielóide Aguda (n=8). Foram analisadas as anotações dos prontuários médicos desses pacientes, verificando-se a freqüência de solicitação de avaliações do serviço de psiquiatria, bem como as condutas que foram adotadas. Detectou-se a ocorrência de transtornos psiquiátricos em 38% dos pacientes nesse período (n=16), sendo que o diagnóstico mais freqüente foi o de reação de ajustamento com sintomas ansiosos e/ou depressivos. Esses pacientes já estavam em seguimento com a psicologia e terapia ocupacional e passaram a ser acompanhados também pela psiquiatria. Todos os sujeitos receberam intervenção medicamentosa, sendo na maioria das vezes ansiolítica. Pôde-se constatar, portanto, que existe uma alta incidência de transtornos psiquiátricos durante o isolamento do TMO, o que corrobora estudos da literatura internacional, evidenciando a necessidade de um trabalho integrado dos profissionais da área de saúde mental em uma Unidade de Transplante de Medula Óssea, considerando um procedimento complexo não só do ponto de vista físico mas também do ponto de vista psicológico.

(FAPESP/Fundação Hemocentro de Ribeirão Preto)
Palavras-chave: Transplante de medula óssea; Isolamento protetor; Transtornos psiquiátricos.

***

SAU 24

IMPACTO PSICOSSOCIAL DA DOAÇÃO DA MEDULA ÓSSEA NOS DOADORES RELACIONADOS. *Érika Arantes de Oliveira** (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto); Manoel Antônio dos Santos (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto); Júlio Voltarelli (Unidade de Transplante de Medula Óssea do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo)*

O desenvolvimento do Transplante de Medula Óssea (TMO) nas últimas décadas permitiu o tratamento de doenças que antes eram invariavelmente fatais. O transplante é constituído por diversas fases estressoras para o paciente e também para os familiares. Dentre os tipos de transplante atualmente realizados, o transplante alogênico exige a participação ativa de um membro familiar, em geral o irmão, que fica com o encargo de doação da medula óssea (doador relacionado). O objetivo do presente estudo é analisar o impacto psicossocial dessa doação nos doadores relacionados. A amostra foi composta por dez sujeitos, vinculados à Unidade de TMO, do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo. O instrumento utilizado foi uma entrevista semi-estruturada, aplicada em situação face-a-face, individualmente, gravada em áudio, com duração média de uma hora. As entrevistas depois de transcritas, foram analisadas segundo os tópicos: suporte, atitude do sujeito, história pessoal, perdas significativas, história familiar, relacionamento com o irmão doente, adoecimento do irmão, causa da doença, reação ao diagnóstico, decisão de fazer o transplante, doação da medula, "fantasias" acerca do processo de doação, escolha do doador, motivação para a doação e finalmente sobre os planos futuros do sujeito. A maioria não chegou a notar nada de errado com a saúde do irmão e, diante do diagnóstico da enfermidade, reagiu com "susto e desespero". O adoecimento do irmão é visto como um fator de reaproximação familiar. Nunca haviam ouvido falar sobre o transplante, e essa possibilidade terapêutica é vista como a possibilidade de cura, como a chance da retomada da vida cotidiana pelo irmão. Em geral, possuem informações básicas sobre o procedimento de doação da medula óssea, sendo que o maior medo verbalizado é o da anestesia geral. Na concepção de quem acreditavam que seria o doador para tanto características físicas (serem parecidos), como psicológicas (serem mais próximos). Ao se descobrirem como os escolhidos a reação inicial mais citada é o apavoramento. O motivo maior da decisão de doar a medula é a possibilidade e a conseqüente responsabilidade de salvar a vida do irmão. Ao se referirem ao futuro, a doença do irmão e a doação da medula óssea, são os eventos que mais os preocupam no momento. Através dos dados da entrevista observa-se que os eventos: adoecimento do irmão, decisão pela realização do transplante e escolha do doador aparecem potencialmente como desencadeadores de estresse. Desse modo percebe-se a necessidade de um suporte psicológico a esses familiares, uma vez que o processo de doação de medula óssea, apesar de relativamente simples do ponto de vista médico, mostra-se bastante complexo do ponto de vista psicológico.

(FAPESP/Fundação Hemocentro de Ribeirão Preto)
Palavras-chave: Transplante de medula óssea; Aspectos psicológicos; Doador relacionado.

***

SAU 25

TRANSPLANTE DE MEDULA ÓSSEA: NECESSIDADES E POSSIBILIDADES DE ATUAÇÃO DO PROFISSIONAL DE SAÚDE MENTAL. *Érika Arantes de Oliveira** (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo), Ana Paula Mastropietro** (Unidade de Transplante de Medula Óssea do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo), Manoel Antônio dos Santos (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo), Júlio Voltarelli (Unidade de Transplante de Medula Óssea do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo)*

O Transplante de Medula Óssea (TMO) vem se constituindo como uma alternativa terapêutica eficaz em diversos tipos de neoplasias e doenças hematológicas, quando os tratamentos convencionais não oferecem bons resultados. Essa modalidade terapêutica tem sido realizada na Unidade de Transplante de Medula Óssea (UTMO) do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (HCFMRP-USP), desde 1992, através do trabalho de uma equipe multidisciplinar, composta pelos membros da enfermagem, pela equipe médica, por uma assistente social, uma nutricionista, uma fisioterapeuta, uma psicóloga e uma terapeuta ocupacional. A inclusão de profissionais da saúde mental em tal equipe, deve-se ao fato de que a intensidade e complexidade desse procedimento produz efeitos psicológicos no paciente, na família e na equipe profissional. Segundo a literatura da área, a importância do acompanhamento psicológico não se restringe somente ao período de internação, devendo abarcar o pré e o pós-TMO, incluindo também os familiares no processo de intervenção. Levando-se em consideração tais necessidades, foi estruturado o serviço de Saúde Mental da UTMO do HCFMRP-USP. O objetivo do presente trabalho consiste em descrever a estruturação atual deste serviço. Na fase anterior ao transplante, em que pesa o impacto do diagnóstico e a decisão de se realizar o TMO, é efetuada a avaliação psicológica e ocupacional do paciente e do doador. De acordo com tal avaliação são indicados atendimentos individuais e/ou familiares nessa etapa. Durante a internação, atendimentos individuais dentro dos quartos são efetuados visando auxiliar o paciente a lidar com as diversas repercussões psicológicas que cada estágio do TMO desencadeia. Busca-se nessa fase oferecer condições para que o paciente desenvolva recursos e construa uma possibilidade de adaptação ao cotidiano hospitalar. Nessa etapa da enfermaria são freqüentes as manifestações de transtornos psiquiátricos, aproximadamente 38% dos pacientes internados apresentam tais manifestações, sendo necessária a intervenção do profissional da psiquiatria. Esse profissional atende em esquema de interconsulta, respondendo às solicitações dos membros fixos da equipe. Seu trabalho na UTMO é o oferecer um diagnóstico diferencial e um acompanhamento psicoterápico e psicofarmacológico. Finalmente, após a alta da enfermaria, os pacientes e seus familiares são acompanhados em seus retornos ambulatoriais. Desse modo, procurou-se valorizar a necessidade de um acompanhamento psicológico que não se restringisse somente ao período de internação e ao paciente. Para tanto o trabalho do profissional da saúde mental tem início no momento que precede à internação e se prolonga após a alta da enfermaria, sendo de vital importância o trabalho integrado dos três profissionais de saúde mental: psicólogo, terapeuta ocupacional e psiquiatra.

(FAPESP/Fundação Hemocentro de Ribeirão Preto)
Palavras-chave: Transplante de medula óssea; Saúde mental; Transtornos psiquiátricos.

***

SAU 26

INCIDÊNCIA DE STRESS EM ATENDENTES DE TELECOMUNICAÇÃO. *Clayciane Alves de Faria*, Danielle Carla Silva Chrispim*, Elaine Oliveira*, Flávia Barbosa Queiroz*, Mônica Xavier de Oliveira*, Roberta Moreira da Silva Neto*, Marilia Ferreira Dela Coleta (Faculdade de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, MG)*

O stress ocorre quando o meio ameaça o bem-estar ou a integridade da pessoa e esta reage e desenvolve um esforço para lidar com a situação. Quando essa reação é muito intensa ou prolongada, ocorre uma demanda física e mental exagerada que aumenta a vulnerabilidade às doenças e interfere no desempenho e produtividade no trabalho, entre outras conseqüências. Os motivos e causas de stress no trabalho podem estar relacionados desde a características de personalidade do trabalhador até a forma como o trabalho na empresa e as condições de trabalho. Este estudo teve o objetivo de investigar os níveis de stress em uma amostra de atendentes de telecomunicação de uma empresa de Uberlândia, MG, integrante de uma holding envolvendo telecomunicações, indústria e comércio. Foi escolhido o setor de atendimento a clientes pelo trabalho contínuo de comunicação por telefone com pessoas requisitando informações ou fazendo reclamações do produto, exigindo a resposta rápida e precisa. A amostra foi constituída de 112 sujeitos que

responderam espontaneamente ao Questionário de Vulnerabilidade ao Stress. Este questionário consta de 30 perguntas com quatro opções de resposta de acordo com a freqüência em que a pessoa se percebe naquela situação. Após a coleta de dados, estes foram digitados em planilha do programa SPSS para cálculo de freqüência de respostas e avaliação das notas no questionário. No geral a amostra apresentou notas no questionário variando de 10, o mínimo, até 33, sendo 40 a pontuação máxima neste instrumento. A média geral foi de 19, 25, situando-se abaixo do ponto médio da escala, em níveis de stress normal no trabalho e somente 20% da amostra apresentou níveis acima do ponto médio e foram considerados estressados. As perguntas foram analisadas separadamente, mostrando que 14% sempre sentem que as pessoas esperam demais delas no trabalho e na vida pessoal e 22% o sentem muitas vezes; 13% sempre têm a sensação de estar lutando contra o relógio; 13% sempre gostariam que a vida parasse para que conseguissem tudo o que tinham para fazer e outros 13% muitas vezes pensam assim. As opções de resposta "raramente" e "às vezes" mostram que, apesar de no geral as pessoas não apresentarem níveis elevados de stress, a maioria já experimentou tais sentimentos. Os dados mostram que 67,5% já se sentiu injustiçado por cumprir compromissos sociais para terminar um trabalho em atraso. 87% já pensaram que deveriam ter ajuda para terminar todo o serviço. 84% já se sentiram estressadas por ter de trabalhar tanto e 80% já sentiram vontade de fugir das responsabilidades. Conclui-se que os níveis de stress verificados nos atendentes de telecomunicações apresentam níveis normais de stress no trabalho, com exceção de 20% da amostra que está um pouco acima da média. Estes resultados podem ser explicados pelos programas da empresa voltados ao bem estar de seus funcionários

Palavras-chave: Stress, Trabalho, Serviço de atendimento a clientes

---

SAU 27

O STRESS ENTRE ENFERMEIROS DE UM HOSPITAL UNIVERSITÁRIO.

Fernanda Maria Lima de Miranda, Flávia Mirelle Vilela Assis*, Lívia Silva Soares*, Renata Rodrigues Araújo*, Marilia Ferreira Dela Coleta (Faculdade de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, MG)*

O stress é definido como um estado corporal ou fisiológico de ativação ou de tensão bastante generalizado que ocorre em associação ou como resposta a certas situações ou demandas ambientais. Entretanto, quando as exigências do meio são excessivas e os esforços para superá-las são insuficientes, podem ocorrer consequências danosas à saúde física e mental do indivíduo. Os eventos normais da vida podem ser fontes de stress e, entre eles, o trabalho, especialmente aqueles que demandam exigências físicas e psicológicas. Assim, decidiu-se investigar o nível de stress e os fatores percebidos como fontes de stress entre uma amostra de profissionais de enfermagem, cuida na literatura como uma profissão estressante por lidar com a morte, a dor, o sofrimento, o doente e sua família. Para tanto, foi desenvolvido um questionário contendo perguntas sobre dados pessoais e profissionais, questões abertas sobre a percepção de stress no trabalho e um inventário de stress. Após a permissão da instituição e o consentimento dos sujeitos, 96 enfermeiros dos setores de pediatria, clínica médica e centro cirúrgico responderam aos instrumentos durante seus intervalos de descanso ou em algum momento julgado por eles como apropriado. As respostas foram codificadas e digitadas em planilha do programa SPSS, calculando-se freqüências e correlações entre as variáveis e testes de diferença entre médias, porém analisando-se o conteúdo das questões abertas separadamente. Os resultados indicaram que 42% da amostra consideram-se estressados pela jornada de trabalho desgastante, sob pressão e pela falta de tempo para o lazer. 49% afirmaram que estão apenas cansados ou acostumados à rotina, enquanto 12% acham que são os problemas pessoais a fonte do stress. O acúmulo de atividades, tensão emocional, sofrimento do paciente e acompanhantes foram considerados como fontes de stress no trabalho do enfermeiro. Para controlar o stress, 68% dos enfermeiros fazem alguma atividade, seja física, de lazer, religiosa ou familiar, sendo verificada diferença significativa ($t = 2,14$, $p = 0,035$) entre aqueles que praticam o lazer (M= 12 sintomas de stress) e aqueles que não o praticam (M= 16 sintomas). O nível de stress não se correlacionou com o número de horas de trabalho diário, número de plantões noturnos, tempo de profissão, idade, hábito de fumar, nem com o setor de trabalho. Um análise dos sintomas relacionados no inventário de stress, mostra que aproximadamente a metade da amostra relatou experimentar tensão muscular nas últimas 24 horas; problemas com a memória específica, cansaço constante, sensação de desgaste físico, sensibilidade emotiva excessiva na última semana; cansaço constante e excessivo no último mês, entre outros sintomas menos freqüentes. Os resultados apontam para a necessidade de um estudo mais aprofundado das condições de trabalho do enfermeiro, podendo-se sugerir a implantação de programas de atividades recreativas e treinamento em técnicas de relaxamento para a diminuição dos níveis de stress dos funcionários do hospital.

Palavras-chave: Stress; Enfermagem; Condições de trabalho

SAU 28

CRIANÇAS NASCIDAS PRÉ-TERMO E MUITO BAIXO PESO NA FASE PRÉ-ESCOLAR E ESCOLAR: ASPECTOS COGNITIVOS E COMPORTAMENTAIS

*Ana Emília Vilar Carvalho** (FAEPA-HC / FMRP- USP), Maria Beatriz Martins Linhares (FMRP-USP), Maria Beatriz Machado Bordin** (FMRP-USP), Isabel Maria Sampaio Martins** (FFCLRP-USP), Juliana T. Chiarello* (FFCLRP-USP) e Francisco Eulógio Martinez (FMRP-USP)*

A infância, fase da vida que marca o começo do contato do indivíduo com o mundo externo, tem sido alvo de estudos que têm como preocupação central investigar condições de vida da criança, a fim de promover seu desenvolvimento pleno e sadio. Dentre os fatores de risco na infância, o nascimento prematuro e com muito baixo peso (< 1.500 g) tem sido apontado como fator de risco biológico ao desenvolvimento saudável da criança. O impacto do nascimento prematuro na trajetória do desenvolvimento vem sendo analisado em conjunto com outros fatores relacionados à condições orgânicas da criança e ao contexto ambiental, caracterizando relações de múltiplo risco. Na fase escolar ocorre a ampliação do contexto social da criança, na qual esta encontra-se exposta a novas exigências e demandas do meio. O presente estudo tem o objetivo de comparar dois grupos de crianças pré-termo em dois momentos do desenvolvimento (fases pré-escolar e escolar) quanto ao nível intelectual e comportamento. A amostra foi composta por um grupo de 34 crianças de cinco a 10 anos e 15 crianças de seis anos, nascidas pré-termo e com peso abaixo de 1.500 g no Hospital das Clínicas-FMRP. No procedimento de coleta de dados foi aplicado o teste das Matrizes Progressivas Coloridas de Raven-Escala Especial, com a criança, e a Escala Comportamental Infantil A2 de Rutter, com a mãe. Os resultados indicaram que as crianças Pré-escolares e Escolares apresentavam nível intelectual mediano com percentil entre 25 e 50, os dois grupos não diferiram quanto a nível intelectual. Com relação ao escore da escala Rutter os dois grupos não diferiram entre si, porém apresentaram escore acima de 16 pontos, indicador de problemas de comportamento de acordo com a padronização da escolares de Ribeirão Preto. Os comportamentos que apresentavam maior incidência foram na fase pré-escolar, agitação, impaciência/inquietude, irritação e medo da situação nova e na fase escolar, agitação, impaciência/inquietude, irritação, desobediência, não permanece nas atividades, agarramento à mãe. Verificou-se correlação significativa entre nível intelectual e comportamento, na fase escolar: quanto mais rebaixado o nível intelectual mais problemas de comportamentos. Verificou-se, que em ambos os grupos estudados, do pré-escolares e escolares, os indicadores de problemas de comportamento parecem ser mais preocupantes que os cognitivos. Na fase escolar parece haver uma estreita relação entre os comprometimentos da área cognitiva e comportamental indicando maior vulnerabilidade da criança nesta fase para o enfrentamento das demandas evolutivas. Portanto, é importante estarmos atentos às medidas de intervenção preventiva antes da entrada na fase escolar. Quanto mais precoce for a intervenção pode-se ter melhores condições de atenuar os efeitos da adversidade do nascimento pré-termo no desenvolvimento da criança.

(FAPESP / CNPq / FAEPA)

Palavras-chave: Prematuridade; Desenvolvimento cognitivo; Comportamento

---

SAU 29

AVALIAÇÃO DE SINTOMAS ANSIOSOS EM ALUNOS DE AUTO-ESCOLA.

Renata Bueno de Andrade (UBC), Carina de Queiroz Prado (UBC)*, Paulo Rogério Morais (UBC - UNIFESP)** e Mariana Nunes Baptista (UBC - UNIFESP** Curso de Psicologia - Universidade Braz Cubas - Mogi das Cruzes - SP)*

A ansiedade está relacionada com a percepção de ameaça em algumas situações. Os sentimentos de ansiedade diferem dos de medo, pois na primeira situação os estímulos eliciadores não são bem definidos, enquanto que na segunda existe a clara definição dos estímulos que eliciam tais sentimentos. Geralmente, a maioria dos indivíduos desenvolve sintomas relacionados a ansiedade, momentos antes de atividades que exijam comportamentos complexos e ainda não completamente adquiridos. Estes sintomas podem dificultar, ou mesmo inibir comportamentos associados ao novo desempenho, como é o caso de alunos de auto escola, ao iniciar a direção. O objetivo deste trabalho foi o de verificar o nível de ansiedade de alunos de auto escolas e, a partir deste resultado, verificar quais as situações relacionadas ao comportamento de dirigir que mais estivessem associadas ao desconforto. Para tanto, foram abordados 60 sujeitos, de ambos os sexos, com idades variando entre 18 a 40 anos (média de 27,8 ± 6,2 anos), alunos de duas auto-escolas da região da Grande São Paulo. Foram utilizados um inventário de ansiedade (IDATE) e um questionário abordando questões à respeito dos dados pessoais e situações geradoras de desconforto relacionadas ao comportamento de dirigir. O IDATE e o questionário complementar foram aplicados dez minutos antes do início de sua prática de direção. Todos os sujeitos, independentemente do sexo, relataram se sentir ansiosos ao tentar dirigir. Os resultados foram analisados pela análise não-paramétrica de Mann-Whitney, demonstrando que, tanto no estado quanto no traço, as mulheres pontuaram significantemente mais do que os homens. As situações mais geradoras de estresse para mulheres foram, por ordem de pontuação: ultrapassagens, rotatórias, acidentes graves/batidas sérias e problemas mecânicos no veículo. Já, para os homens, as situações foram, ranpas de shoppings, rotatórias, veículos de grande porte e ruas estreitas. As sintomatologias física e psicológica de ansiedade mais freqüentes nas mulheres foram, por ordem de pontuação: tremores, gastrite, mal estar indefinido e aumento no consumo de cigarros; enquanto que nos homens os sintomas foram: aumento no comportamento de fumar, mal estar indefinido, dores musculares e

insegurança. O fato das mulheres terem pontuado mais do que os homens tanto no traço quanto no estado, pode estar associado à maior prevalência de transtornos ansiosos em pessoas do sexo feminino, no entanto há controvérsias a este respeito. Pode-se também hipotetizar que a diferença observada seja decorrência de questões relacionadas à expectativa social quanto ao comportamento de dirigir e gênero. É importante ressaltar que não foram controladas algumas variáveis que podem ser relevantes para os resultados obtidos, como por exemplo, se o indivíduo já sabia dirigir, nem o número de aulas práticas de direção que os sujeitos já haviam completado, indicando a necessidade do controle de tais variáveis em pesquisa futura.

Apoio Financeiro: Universidade Braz Cubas
Palavras-chave: Ansiedade; Trânsito; Fatores Estressantes

*****

SAU 30

CRIANÇAS NASCIDAS PRÉ-TERMO E MUITO BAIXO PESO (<1500G): DESENVOLVIMENTO PSICOLÓGICO NO PRIMEIRO ANO DE VIDA. *Caroline Machado* (Faculdade de Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP), Ana Emília Vita Carvalho (Fundação de Apoio ao Ensino Pesquisa e Assistência - Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP), Maria Beatriz Martins Linhares (Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP) e Francisco Eulógio Martinez (Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP)*

A relação entre nascimento pré-termo e possíveis sequelas no desenvolvimento psicológico da criança tem conduzido as investigações sobre fatores de risco e mecanismos de proteção à evolução de crianças vulneráveis nascidas prematuramente e com peso menor do que 1500g. Neste contexto insere-se um projeto amplo sobre "Sobrevivência e qualidade de vida de crianças nascidas pré-termo e <1500g". O presente estudo tem por objetivo específico a avaliação do desenvolvimento psicológico de bebês nascidos pré-termo e muito baixo peso (<1500g) no primeiro ano de vida. A amostra foi constituída por 26 crianças nascidas pré-termo e com muito baixo peso (<1500g), e suas respectivas mães, que fazem parte do Programa de Seguimento Longitudinal do Desenvolvimento Psicológico de RN Pré-termo e de Baixo Peso nascidos no HCFMRP. Foram utilizados os seguintes instrumentos: roteiros de entrevista inicial e de evolução com a mãe do bebê e a Escala de Desenvolvimento do Comportamento da Criança: o primeiro ano de vida (Pinto). Mensalmente foram realizadas avaliações da criança e entrevistas periódicas com as mães ao longo do primeiro ano de vida da criança. O conteúdo das entrevistas foi analisado e os dados quantificados em termos de proporção e incidência. Em relação aos dados obtidos através da entrevista inicial com as mães, verificou-se que, quanto às condições pré e perinatais, na maioria dos casos a gravidez destas crianças não foi planejada. Porém, a grande maioria das mães realizou exames pré-natal durante a mesma. Foi observado que a distribuição equitativa entre os tipos de parto normal e cesáreo. Quanto à representação da mãe acerca da condição de prematuridade do bebê observou-se que a maior parte das mães desses bebês tinha expectativa positiva em relação ao desenvolvimento do filho; embora parte delas avaliassem a evolução do bebê negativamente. As mães revelaram medos em relação à sobrevivência do bebê, hospitalização, sequelas e saúde do filho. No ambiente familiar foram encontrados poucos indícios de adversidades ambientais. Com relação à avaliação das crianças, quando se corrige a idade gestacional, estas revelaram de modo geral, bom desenvolvimento, tanto na esfera motora quanto na psicológica, na Escala de Desenvolvimento do Comportamento. No entanto, algumas crianças revelaram sinais de risco ou atraso especificamente em habilidades de comunicação ou reação a estímulos visuais e sonoros e na esfera motora (permanecer em postura simétrica e manter-se em pé com o mínimo de apoio). Frente aos resultados encontrados foram verificados indicadores positivos no desenvolvimento das crianças, apesar das adversidades perinatais. As condições ambientais e o suporte psicológico desde a alta da UTI-Neonatal podem estar contribuindo como mecanismos protetores ao desenvolvimento das crianças vulneráveis estudadas.

(FAPESP)
Palavras-chave: Pré-termo; Baixo peso; Seguimento longitudinal

*****

SAU 31

QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DE RISCO DE VIDA: UM INSTRUMENTO PARA AUXILIAR NO ENCAMINHAMENTO DE MULHERES À CASA ABRIGO1. *Joviane Marcondelli* e Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams (Laboratório de Análise e Prevenção da Violência, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP)*

Uma "Casa Abrigo" refere-se a um local desconhecido pelo público, com a finalidade de acolher temporariamente mulheres vítimas de violência e seus filhos menores, que correm o risco de serem vítimas fatais. A "Casa Abrigo" é antes de mais nada uma estratégia para salvar vidas fornecendo assistência social, jurídica e psicológica à vítima de violência, procurando-se resgatar a auto estima feminina, dando orientação e promovendo a reintegração social de mulheres que se encontram em situação de exclusão. Cabe lembrar que no Brasil 60% dos homicídios femininos são ocasionados pelo parceiro. O trabalho descrito aqui é decorrente da inauguração da primeira "Casa Abrigo" da cidade de São Carlos (08 de março de 2001- dia Internacional da Mulher), que representa uma conquista na luta contra o problema da violência doméstica. A Casa recebeu o nome de "Gravelina Terezinha Lemes" em homenagem a uma mulher de 40 anos de idade que foi morta por seu companheiro, pai de quatro de seus oito filhos, na mesma cidade, em 1997. Com a finalidade de auxiliar profissionais na identificação de casos nos quais há risco à integridade física da mulher, elaborou-se o Questionário de Avaliação de Risco de Vida. Iniciou-se com a revisão da literatura, sendo somente encontrado instrumento semelhante na literatura norte-americana. Em seguida, elaborou-se o instrumento, visando abranger aspectos apontados como relevantes na identificação de fatores de risco. O questionário desenvolvido consta de duas partes, a primeira avalia o pior episódio de agressão sofrido pela mulher, destacando o tipo de agressão sofrida e suas consequências. A segunda parte consta de 22 questões que procuram abranger alguns fatores de risco à vida da mulher, como presença de arma na casa, uso de álcool ou drogas pelo agressor, etc. O instrumento encontra-se, atualmente em fase de teste. Foi apresentado a profissionais da área (policiais da Delegacia de Defesa da Mulher e Conselheiros Tutelares) solicitando que o examinassem e fornecessem feedback. Paralelamente está sendo aplicado pela bolsista em dois grupos distintos de mulheres: (a) aquelas já encaminhadas à Casa Abrigo e (b) uma amostra de mulheres que procuram a Delegacia da Mulher para denunciar a agressão sofrida. Com o término da coleta de dados prevista para o próximo mês, pretende-se, em seguida, capacitar profissionais que atuam na problemática da violência a utilizá-lo como mais um subsídio na decisão de encaminhar à "Casa Abrigo", juntamente com o depoimento da vítima e sua crença em que sua integridade física está sendo ameaçada. Os dados coletados no teste do instrumento serão apresentados bem como uma análise de sua aplicabilidade nas decisões tomadas de decisão envolvendo periculosidade e risco de vida.

1 Projeto financiado pela Pró-reitoria de Graduação (UFSCar)
Bolsista: Joviane Marcondelli
Palavras-chave: Violência contra a Mulher; Avaliação de Risco de Vida

*****

SAU 32

EFEITOS DE PROGRAMA DE MANEJO DE ESTRESSE OCUPACIONAL SOBRE DIMINUIÇÃO DE FATORES DE RISCO PSICOSSOCIAIS INDIVIDUAIS EM TRABALHADORES DE INSTITUIÇÃO DE SAÚDE: DESCRIÇÃO PRELIMINAR DE CATEGORIAS COMPORTAMENTAIS. *Sheila Giardini Murta**, Bartholomeu Tôrres Tróccoli (Laboratório de Pesquisa em Avaliação e Medida - Universidade de Brasília)*

Doenças ocupacionais são multicausais e um dos fatores de risco são os psicossociais, tanto organizacionais como individuais, geradores de estresse ocupacional. A prevenção primária do estresse ocupacional pode se dar no nível das políticas públicas, da organização e do indivíduo. Este último nível de intervenção visa o controle de comportamentos de risco individuais. Um programa deste tipo foi implementado em uma instituição de saúde, intitulado Programa de Manejo de Estresse Ocupacional Focado no Indivíduo, com os objetivos de (a) maximizar auto-eficácia, assertividade, manejo adequado do tempo, cognições racionais e habilidades de enfrentamento e solução de problemas; (b) maximizar qualidade de vida nos aspectos físico, psicológico e social e (c) reduzir absenteísmo, uso de serviços médicos e incidência de doenças ocupacionais. Trata-se de um estudo longitudinal, organizado em três fases distintas. Neste trabalho descrever-se-á a primeira fase, que consistiu na avaliação inicial, implementação da intervenção e avaliação processual oral. Participaram desta fase 182 funcionários provenientes dos seguintes setores da instituição: administração, lavanderia, edificações, monitores/cuidadores, fisioterapia e equipe técnica. Foram usadas medidas verbais para avaliação inicial e processual, respectivamente: Questionário de Saúde Ocupacional e Livro da Vida. O primeiro foi aplicado antes da intervenção, a fim de se levantar as demandas para intervenção psicológica. O segundo foi aplicado durante a intervenção, ao final de cada sessão, como medida de efeitos da intervenção. O material para intervenção incluiu Lista de Realizações, Lista de Desejos, Pizza do Tempo, Cartograma, gravuras, lousa e materiais gráficos diversos. Após avaliação inicial, convite e sensibilização, os participantes foram distribuídos em 16 grupos, com aproximadamente 12 pessoas por grupo, heterogêneos quanto à função e setor de origem. A intervenção foi do tipo multicomponentes, compreendendo educação, relaxamento, reestruturação cognitiva, manejo do tempo, habilidades sociais e de solução de problemas. Ocorreu em 13 sessões, com periodicidade quinzenal e duração de 15 minutos, durante período de trabalho. Ao final de cada sessão, aplicou-se o Livro da Vida e as verbalizações foram registradas na íntegra. Fez-se uma análise qualitativa destes dados, os relatos verbais foram descritos, analisados e agrupados em categorias comportamentais, por meio de análise de conteúdo. A avaliação inicial identificou ocorrência de dor, déficit em assertividade, engajamento em estratégias de enfrentamento não saudáveis e dificuldades em fornecimento de feedback chefia-subordinados. Os resultados da intervenção foram categorizados em maior auto-percepção, maior assertividade, maior habilidade de escuta, maior habilidade de solução de problemas, diminuição de tensão, enfrentamento extra-trabalho, enfrentamento no trabalho, melhoria

em auto-estima, suporte social e reestruturação cognitiva. Os dados mostraram-se promissores quanto à mudanças em habilidade sociais e de enfrentamento e modestos quanto à mudanças em manejo do tempo. São discutidas fragilidades do estudo, papel mediador do suporte social, sugestões para generalização contextual e temporal dos resultados e elaboração de tecnologia para avaliação do programa nas fases seguintes do estudo.
Palavras-chave: Manejo; Estresse; Ocupacional

****

SAU 33

GRAVIDEZ INESPERADA - ESTUDO SOBRE AS (IN)CERTEZAS DA FERTILIDADE FEMININA. *Carun Helena Figueira Mendes**; Alexandre J. B. Trajano; Eloisa Maria G. de Seixas Maciel & Maria Helena Cabral de Almeida Cardoso (Unidade Docente Assistencial de Obstetrícia da Faculdade de Ciências Médicas e Hospital Universitário Pedro Ernesto - Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Pós-graduação em Saúde da Criança e da Mulher da Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro / RJ)*

O impacto da contracepção médica promoveu a disjunção entre o ato sexual e a procriação. As diretrizes das políticas de saúde reprodutiva, o discurso médico e a mídia espelham o entendimento simplificado de que o acesso à informação e aos métodos contraceptivos eficazes garantem o controle sobre a concepção de uma forma facilmente incorporada ao cotidiano feminino. Entretanto, a decisão de engravidar permanece de difícil caracterização, cheia de ambigüidades e conflitos. A fertilidade feminina, objeto de fantasias e intervenções, parece guardar mistérios que encontram uma via de expressão quando uma gravidez (in)esperada acontece. Mas o que é inesperado? Acreditamos que por trás desta adjetivação estão percepções e sentimentos conflitantes que têm como fio condutor a surpresa. Ao utilizarmos o termo "inesperada" partimos do pressuposto que a gravidez assim adequada apresenta-se como um evento que, para além da intenção, do desejo e do planejamento, posiciona a mulher diante de uma questão atemporal e atrelada à formação de sua identidade: a sua (in)capacidade de engravidar. Através da análise de concepções, intervenções e estudos sobre o corpo feminino, observamos o processo de construção da historicidade da mulher na medicina e na esfera coletiva. Optamos também por agregar ao nosso referencial de análise três narrativas de mulheres que viveram a experiência de uma gravidez inesperada. Todas eram profissionais da área de saúde e com nível superior, o que problematiza a importância atribuída à informação nos processos de controle da fertilidade feminina. Para a construção destas fontes primárias, elegemos o método sistematizado pela historiadora Maria Helena Cabral de Almeida Cardoso, que propõe a entrevista através de quatro módulos interdependentes e articulados. Na análise do referencial utilizamos o modelo indiciário morelliano proposto por C. Ginzburg, que pretende ir além do óbvio, do visível, considerando as pistas infinitesimais como algo que possui relevância, contidas e constituintes de uma rede simbólica apesar de nem sempre serem traduzíveis em palavras. Através da leitura indiciária mergulhamos nas entrevistas de Carmem, Paula e Luísa, nomes fictícios atribuídos às entrevistadas a partir da histórias de vida de cada uma. Apresentamos a trilha dos encadeamentos de nossa interpretação, a partir do sistema semiótico expresso pelo "quadrado mágico" apresentado por Ítalo Calvino. Empreendemos um exercício de compreensão elegendo alguns dos nós constituintes dessa rede - a identidade feminina, a sexualidade, a gravidez e a fertilidade - que nos guiaram no discernimento sobre os rumos da surpresa frente à gravidez inesperada e aos mistérios da fertilidade. Carmem, Paula e Luísa nos apontaram que mulheres, no vórtice do fluxo de tantas informações sobre concepção e contracepção, não são meras reprodutoras dos comportamentos preconizados pelo discurso da medicina. São receptoras que apreendem e assimilam as informações segundo seus próprios referenciais, construindo uma rede de saberes que estruturam práticas muitas vezes silenciosas e silenciadas. Depois de todas as transformações acerca do lugar social da mulher no século XX, a identidade feminina permanece marcada no corpo, sendo a busca sobre os mistérios de ser mulher (re)escrita, (re)inventada e expressada neste território onde não reina somente a biologia.

Apoio Financeiro: Capes
Palavras-chave: Gravidez; Fertilidade; Contracepção

****

SAU 34

UMA DESCRIÇÃO DE DADOS DEMOGRÁFICOS, CLÍNICOS E INDICADORES DE ADESÃO ENTRE PORTADORES DE AIDS HOSPITALIZADOS. *Janaína Bianca Barletta**, Marcelo Tavares Grijalva* e Sandy Sales Guimarães - Laboratório de Desenvolvimento em Condições Adversas - Universidade de Brasília, Brasília-DF*

A melhora das condições de saúde, alívio do sofrimento e prolongamento da vida em pacientes portadores do HIV/AIDS depende diretamente da eficácia de cuidados medicamentosos e psicossociais. Essa eficácia é determinada pela adesão do paciente ao tratamento, em geral baixa entre portadores de AIDS, o que resulta alta taxa de internações recorrentes e mortalidade precoce. Este trabalho foi conduzido para descrever as características demográficas, padrão de queixas, quadro clínico e indicadores do nível de adesão entre pacientes portadores de AIDS, a ser utilizado como referencial para o desenvolvimento de um programa de incentivo à adesão, conforme as peculiaridades da clientela alvo. Os dados foram obtidos através da análise de 65 prontuários médicos disponíveis de um total de 112, relativos a pacientes portadores de AIDS internados no Hospital Universitário de Brasília entre 1999 e abril de 2001. A seleção de itens investigados foi estabelecida a partir de uma análise preliminar dos registros realizados nos prontuários, incluindo as informações disponíveis e relevantes para a compreensão dos mediadores da adesão. A clientela atendida no período era de nível sócio econômico desfavorecido, tinha idade entre 21 e 79 anos (X= 36), a maioria era do sexo masculino (68%) e solteiro (64,11%). Dentre os pacientes que reconheceram uma única via de contaminação da doença, a maioria apontou relação sexual (47%), seguida de uso de drogas injetáveis (4 %) e transfusão de sangue (5%). Outros reconheceram vias múltiplas (14 %) ou não souberam identificar a possível forma de contaminação (6%). Quando foram internados, 38% dos pacientes já sabiam ter o diagnóstico de soropositividade; desses, 25% não seguiam qualquer tipo de tratamento e 13% seguiam parcialmente, deixando de comparecer às consultas e de tomar a medicação prescrita; outros 21% souberam da contaminação durante a internação. O tempo de diagnóstico variou entre 3 meses e 14 anos (X= 4,6 anos) e o tempo de internação variou de 5 a 69 dias (X= 21,9) (um caso único de 160 dias). As queixas mais freqüentes apresentadas durante a admissão (43%) incluíam dor, febre, fraqueza e dificuldade de ingestão de alimentos e as doenças oportunistas de maior incidência diagnosticadas entre eles foram pneumonia (17%), candidíase (11%), toxoplasmose (8%) e tuberculose (8%). Dentre os principais sintomas havia febre (16%), diarréia (11%), tosse (10%), perda ponderal (10%) e vômito (7%). Dentre os pacientes estudados, 83% receberam alta médica por melhora do quadro clínico (72%) ou a pedido do próprio paciente (12%), 12% foram a óbito e 5% foram transferidos ou fugiram do hospital. Foi observado um índice de 37% de reinternação entre os pacientes que variou entre duas (24%), três (12 %) ou quatro (1%) vezes. Os dados sugerem que a baixa adesão observada favorece o surgimento de doenças oportunistas e de sintomas específicos responsáveis pela debilidade geral do organismo e necessidade de internação. Um programa de intervenção deve ser elaborado propondo informação e treinamento sistematizados do paciente para aumentar o índice de adesão, consideradas as características gerais da clientela deste serviço.
Palavras-chave: AIDS; Adesão; Hospitalização

****

SAU 35

TREINAMENTO COGNITIVO COM PACIENTES NEUROPSICOLÓGICOS - UMA EXPERIÊNCIA INICIAL NO AMBULATÓRIO DO HOSPITAL DAS CLÍNICAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. *Eduardo de Paula Lima*, Guilherme Maia de Oliveira Wood**, Sérgio Evangelista Santos*, Vitor Geraldi Haase (Laboratório de Neuropsicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG)*

Treinamentos cognitivos (TC) não tem alcançado as melhoras esperadas, na medida em que os ganhos obtidos a partir de tarefas treinadas dificilmente se generalizam para a vida cotidiana das pessoas. Por outro lado, há a possibilidade de utilizarmos os TC como um instrumento diagnóstico. Entre as diversas modalidades de treinamento, destacamos o treinamento em auto-instrução (AI) em resolução de problemas (RP).

O presente estudo foi realizado com uma tarefa psicopedagógica: a Torre de Londres (TL). A TL consiste em duas bandejas com três hastes de tamanho diferentes em cada uma e três anéis de cores diferentes. A tarefa consiste em reproduzir um padrão de posicionamento das peças exibido pelo examinador, em diferentes níveis de dificuldade, verbalizando a estratégia escolhida antes e durante sua execução. O escore obtido pelo participante nesta tarefa está diretamente ligado ao número de erros cometidos e ao tempo gasto para a resolução dos problemas durante o teste, já que o tempo de cada sessão foi limitado em 30 minutos.

Participaram desse estudo um grupo de 18 indivíduos idosos saudáveis (89% feminino; idade m=65,1/dp=8,2; escolaridade m=8,3/dp=3,7) e um grupo de 6 pacientes neuropsicológicos (33,3% feminino, idade=53,2/dp=13,2, escolaridade m=9/dp=6,42). O número de sessões de treinamento realizados variaram entre os dois grupos, sendo que os idosos participaram de um programa de 12 sessões semanais, enquanto o grupo de pacientes neuropsicológicos participou de programas variados em que um subgrupo de quatro componentes realizou 5 sessões semanais e o outro, composto pelos outros dois participantes, realizou 10 sessões semanais de treino. Além disso, o treinamento foi realizado em grupo para o primeiro subgrupo e individual para o segundo.

A análise dos resultados foi realizada apenas com as cinco primeiras sessões de cada grupo, já que foi o número mínimo de dias treinados. Realizamos uma análise de variância (ANOVA - medidas repetitivas) e verificamos uma melhora no desempenho geral dos participantes ao longo dos dias de treinamento (p<0,001) e no desempenho do grupo clínico (p=0,045), mas não observamos efeitos de interação. Utilizando o Teste T, comparamos também o desempenho dos participantes em cada sessão de treino. No grupo dos idosos encontramos diferenças entre os dias 1 e 3 (t=-4,18; p=0,001), 1 e 4 (t=-4,15; p=0,001) e 1 e 5 (t=-7,08; p=0,001) e no grupo dos pacientes neuropsicológicos encontramos diferenças entre os dias 1 e 2 (t=-4,71; p=0,005), 1 e 4 (t=-3,69, p=0,014), 1 e 5 (t=-5,44; p=0,003) e 4 e 5 (t=-2,25, p=0,04).

Podemos concluir que tanto o grupo clínico quanto o grupo controle se beneficiou do treinamento em AI e RP com a TL. Apesar do nível inferior de desempenho do grupo clínico, não observamos um padrão diferente de melhora entre os grupos, indicando que a melhora apresentada ocorre através de processos semelhantes de aprendizagem.

FAPEMIG
Palavras-chave: Treinamento Cognitivo; Diagnóstico Neuropsicológico; Resolução de Problemas

****

SAU 36

A TEORIA DA AÇÃO RACIONAL E A INTENÇÃO DE TER FILHOS, EM ADOLESCENTES. *Tandrécia Cristina de Oliveira**, Lucas Silva Barbosa** e Maria Alice D'Amorim (Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, RJ)*

Este estudo tem como objetivo investigar a problemática da sexualidade adolescente, focalizando as razões psicológicas na intenção de ter filhos, em adolescentes do sexo feminino, estudantes do Ensino médio. Baseado no modelo da Teoria da Ação Racional TAR cujo pressuposto assumido é que a maioria das atividades humanas possui relevância social, e está sob controle volitivo. Assim sua intenção de realizar uma atividade é considerada o melhor preditor do comportamento futuro, salvo quando fatores situacionais interferem as pessoas se comportam de acordo com sua intenção. Participaram do estudo 391 estudantes do sexo feminino com faixa etária de 15 a 21 anos, classificadas como sexualmente ativas 21,4% e não ativas 78,6%, com relacionamento afetivo 53,9% e que não possuem relacionamento afetivo 46,2%. Foi utilizado a princípio um questionário para levantar os dados pessoais relevantes e em seguida construído o instrumento baseado na TAR, com 23 itens e uma escala de 7 pontos que atendem a todas as variáveis do modelo. As questões abrangiam a atitude com 1 item, crenças comportamentais com 10 itens, avaliação destas crenças 10 itens, norma subjetiva 1 item, crenças normativas com 5 itens, motivação 5 itens, e por último 1 item de intenção de ter filhos no período de um ano. Os dados foram analisados utilizando testes t e correlação linear de Pearson, através do programa SPSS/PC for windows 8.0. Os resultados mostram que 96,7% das participantes afirmam não terem intenção de ter filho no momento, e apresentaram atitudes negativas com relação a terem filhos. Segundo as crenças comportamentais levantadas no questionário é improvável que elas queiram ter filhos dentro de um ano, e quanto aos aspectos avaliativos, estes são notados como claramente ruins. Para elas, as pessoas referentes também compartilhariam da mesma opinião de que elas não devem ter filhos dentro de um ano, mas em contrapartida elas afirmam seguir somente a opinião dos pais em 57,5% e de seu médico em 47,6%. Quanto as outras pessoas referentes elas provavelmente não acatariam a opinião. A vida sexual na prática foi correlacionada significativamente com a intenção ($r=0,202$; $p<0,001$), atitude ($r=0,215$) e crenças comportamentais ($r=0,221$), ambos com ($p<0,01$). E o relacionamento afetivo foi correlacionado com as crenças comportamentais ($r=0,135$), e crenças normativas ($r=0,155$); ambas com um ($p<0,05$). E entre as variáveis do modelo, intenção foi correlacionada com atitude ($r=0,302$), norma subjetiva ($r=0,319$) sendo para ambas ($p<0,001$), e crenças normativas ($r=0,129$; $p<0,05$), e atitude foi correlacionada com as crenças comportamentais ($r=0,176$; $p<0,01$). As relações encontradas entre as diversas variáveis do modelo confirmam as previsões dos autores sendo positiva e significativa, e mostram uma predominância na intenção de não se ter filhos dentro de um ano por parte das adolescentes em questão, quer estas possuam ou não vida sexual e relacionamento afetivo.

**Bolsista de Pós-Graduação da CAPES
Palavras-chave: Adolescentes; Intenção de ter filhos; Teoria da Ação Racional

****

SAU 37

ENCONTROS E DESENCONTROS ENTRE PARCEIROS SEXUAIS. *Carmelinda Braz, Maria Helena Teixeira, José Pedro Patrício Gordilho, Carmela Calmon (Dep. de Psicologia da Universidade Veiga de Almeida; Hospital da Beneficência Portuguesa, Rio de Janeiro, RJ)*

Este estudo apresenta como objetivo relatar e paralisar a inserção do atendimento de psicoterapia breve nos ambulatórios de urologia e ginecologia. Utiliza a pesquisa documental na sistematização dos dados extraídos de prontuários médicos. Deflagra índices de recidivas, nas doenças sexualmente transmissíveis, em torno de 52%. Estes registros denunciam a falência de atendimentos voltados, restritos, à ordem física, psíquica ou social. O suporte explicativo, o material obtido na intervenção focal, aponta as dificuldades e o distanciamento dos parceiros sexuais. O encontro entre um homem e uma mulher reflete o próprio desencontro, a dicotomia entre diferenciação e complemento. A imagem do outro semelhante e desigual, em tudo que é humano e empírico, transita entre possibilidades e abismos. A construção frente ao outro demarca, primeiramente, o dado natural, biológico. Oculta, geralmente, a psicologia do feminino e masculino e as idiossincrasias sociais. O conflito da humanidade, neste fórum, perpassa a história, as fronteiras geográficas e culturais. Os pares não são parceiros em qualquer dor ou infortúnio. Existem questões e tabus, aos quais a participação é desejada, aprovada e esperada. Contudo, nos fóruns mais íntimos parece sectorizada pela organização social e profissional. Esta pesquisa retrata, especificamente, os registros obtidos na atuação da psicologia hospitalar, junto aos ambulatórios das doenças sexualmente transmissíveis. Estes perpassam preconceitos e tabus, demandam profissionais e curandeiros. Excluídas basicamente do discurso oficial e apartadas pela moralidade social residem entre desejos e culpas. Nos referimos aos tabus identificados e tratados através da literatura médica. O cotidiano ambulatorial aponta dificuldades na percepção dos sintomas, primordialmente, no sexo feminino. As mulheres são mais assíduas do que os homens nas visitas de rotina médica. Contudo, apresentam comportamentos regredidos e defesa perceptiva face, a essa sintomatologia. Os fatores culturais parecem estabelecer a diversidade de reações, de acordo com o sexo. No entanto, nos casos em que os parceiros também necessitam de atendimento, as diferenças entre os sexos se anulam. Ambos não sabem como conversar com o outro sobre esta questão. Apontamos impasses em 64% dos casos atendidos. Assim, a reincidência das sintomatologias sexuais é uma constante, nesses ambulatórios. Tratamentos que necessitam atender o casal, concomitantemente, atendem apenas um dos pares. O não dito permeia e responde por tratamentos inócuos e buscas incessantes. Registros que focalizam casais distanciados por regras e procedimentos, pouco elaborados, que acabam por gerar medos, conflitos e falências nos relacionamentos e nas estatísticas sociais. A sexualidade sela, assim, o encontro, a união entre parceiros e revela, ao mesmo tempo, grandes desencontros. Este estudo busca sistematizar dados coletados na rotina ambulatorial e hospitalar. Respaldado quantitativamente pela pesquisa documental e qualitativamente pela psicoterapia breve, localiza patologias físicas, entraves psicológicos e sociais. A metodologia de trabalho remete a uma reflexão sobre as possibilidades de informação, compreensão e, primordialmente, vivências com o outro sexo. Aproxima um homem e uma mulher mais livres na sua apresentação e, mais próximos nos seus relacionamentos e interações.

Palavras-chave: Sexualidade; Parceiros sexuais; Doenças sexualmente transmissíveis

****

SAU 38

NOVAS ABORDAGENS EM PSICOLOGIA HOSPITALAR: TEORIA DOS CAMPOS E ESCUTA PSICANALÍTICA A EQUIPES DE ENFERMAGEM. *Maria Cristina Souza de Lucia e Ana Clara Duarte Gavião (Divisão de Psicologia – Instituto Central do Hospital das Clínicas – FMUSP, São Paulo – SP)*

Pretendemos apresentar aqui uma experiência que tem se mostrado bastante inovadora quanto à aplicação do método psicanalítico em hospital público. Inovadora para o psicanalista que atua junto a especialidades médicas e inovadora para os enfermeiros que nos solicitaram para tal intervenção. Tradicionalmente a Psicologia Hospitalar constitui um campo de atuação clínica no qual o psicólogo ou psicanalista ocupa-se do diagnóstico e intervenção focalizados nas repercussões psíquicas do adoecimento físico de pacientes em diversas condições médicas. Não é nenhuma novidade para a Medicina a influência dos fenômenos emocionais na etiologia e evolução das doenças orgânicas, o que justifica a presença do psicólogo como membro efetivo e bastante ativo nas equipes interdisciplinares. Entretanto, o modelo clínico usualmente adotado em Psicologia Hospitalar reproduz a clássica prática psicológica de consultório, onde a psicoterapia é a principal opção interventiva. Temos nos preocupado com a insuficiência desse modelo, considerando que as demandas institucionais possuem uma complexidade que exige uma abordagem mais ampla dos problemas inerentes aos tratamentos médicos aos quais os pacientes estão sendo submetidos. Sem dúvida a abordagem psicoterápica traz benefícios significativos para o paciente no enfrentamento da sua doença e tratamento, reduzindo o estresse pessoal e familiar. Mas é uma opção que, apesar de útil e necessária, na prática acaba privilegiando apenas uma parcela do total de pacientes hospitalares, num contexto cuja demanda de atendimento em muito excede a capacidade operacional do quadro de psicólogos. Enquanto psicanalistas, avaliamos como imprescindíveis reformulações desse modelo, obviamente não no método interpretativo propriamente dito, mas sim no conceito de "cliente". Comprometidos com a maior eficiência e qualidade da assistência hospitalar, aceitamos o desafio de tomar como "clientes" algumas equipes de enfermagem que, por estarem enfrentando sérias dificuldades em suas rotinas de trabalho, com evidentes sinais de desgaste emocional, solicitaram à Divisão de Psicologia uma intervenção que tivesse por objetivo reduzir o alto nível de angústia e de conflitos de relacionamento entre os enfermeiros. A partir de conceitos propostos pela Teoria dos Campos, como "inconsciente relativo", "escudo representacional", "real", "realidade" dentre outros, foram realizados diagnósticos através do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema, técnica que tem se mostrado bastante útil para análise de subjetividades grupais, seguidos de intervenções designadas pela sigla GIFT – Grupos de Investigação em Função Terapêutica. Levando em conta o fato de que a assistência hospitalar mais contínua e próxima do paciente é de responsabilidade da enfermagem, a abrangência de ações como esta é considerável. Temos verificado que os enfermeiros passam a exercer sua árdua tarefa em um campo relacional emocionalmente mais saudável e que, indiretamente, um número maior de pacientes passa a ser beneficiado por uma melhor qualidade assistencial, resultante de intervenções psicanalíticas em setting não

convencional. Os princípios metodológicos e os efeitos positivos dessa nova prática serão detalhados nesse simpósio.
Palavras-chave: Psicologia hospitalar; Psicanálise; Interdisciplinaridade

****

SAU 39
NA "LINHA DE FRENTE" DA EQUIPE: REPRESENTAÇÕES DE ENFERMEIROS SOBRE A INTERDISCIPLINARIDADE NO HOSPITAL. *Ana Clara Duarte Gavião (Divisão de Psicologia – Instituto Central do Hospital das Clínicas – FMUSP)*

A maior eficácia do tratamento interdisciplinar em relação à assistência individualizada atualmente é consenso entre profissionais da saúde. A literatura médica mostra que pacientes assistidos por equipes interdisciplinares aderem melhor às terapêuticas, o que se reflete, inclusive, em economia de custos para os serviços hospitalares. O cuidado à saúde depende da compreensão do paciente sobre seu corpo, de sentimentos de auto-estima e de estima à vida e de suas condições econômicas, o que o faz buscar e usufruir, ou não, os benefícios da farmacologia ou de diversos procedimentos médicos. Vivemos um momento em que o avanço dos conhecimentos científicos é acelerado, tornando indispensável a articulação de diferentes campos de saber. Os profissionais, cada vez mais especializados, precisam integrar seus conhecimentos para que sua aplicação prática volte-se a objetivos socialmente relevantes, como a qualidade de vida da população. No entanto, no dia-a-dia hospitalar constatamos o quanto é difícil uma interlocução sistemática entre as várias áreas. Apesar da interdisciplinaridade ser altamente valorizada, o que se verifica na prática são algumas aproximações entre as disciplinas, que não concretizam uma dimensão verdadeiramente mais ampla na abordagem assistencial e na pesquisa científica. Nesse sentido alguns autores admitem a falta de consistência dos paradigmas e estratégias interdisciplinares. Em termos da assistência direta ao paciente hospitalar, é inegável que os profissionais de enfermagem acabam sendo os mais atingidos pela falta de situações conjuntas. A enfermagem presta um tipo de assistência que além de contínua, se realiza através de um contato bastante íntimo com os pacientes. Quem realmente "toca" a engrenagem da assistência hospitalar são os enfermeiros, que acabam sobrecarregados ao assumirem a responsabilidade de resolver os inúmeros problemas inerentes aos tratamentos médicos, garantindo o suporte técnico necessário para sua viabilização. Parece próprio à enfermagem uma disponibilidade enorme para o encaminhamento do tratamento hospitalar. Como então se configura o campo subjetivo da interdisciplinaridade do ponto de vista desses profissionais, cujo compromisso com o bem-estar do paciente provavelmente é o mais intensivo entre as várias áreas profissionais atuantes no hospital? Quais os substratos lógico-emocionais do posicionamento do enfermeiro frente ao seu trabalho? Procurando obter alguma compreensão inicial sobre essas questões, utilizamos o Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema junto a três equipes de enfermagem, com um total de aproximadamente 60 enfermeiros, seguido de sessões devolutivas nas quais a interpretação psicanalítica dada ao material gráfico-narrativo foi apresentada aos grupos. Constatamos o quanto a simples tarefa de desenhar e inventar histórias facilita o acesso dos próprios sujeitos aos fenômenos inconscientes que interferem em sua atitude na equipe de trabalho, o que permite-lhes reflexões transformadoras, que trazem maior amplitude à percepção do funcionamento emocional grupal. Destacaremos as representações da enfermagem do Centro Cirúrgico, onde evidenciam-se tensões e um aprisionamento na rotina, sugestivo de uma "assepsia afetiva", havendo, porém, uma perspectiva crítica associada ao interesse por maior interação. Identificamos quatro campos principais: o campo das normas, o campo do stress, o campo da dissociação afetiva e o campo da crítica, indicativos de pouca experiência interdisciplinar e de dificuldades de contato dentro do próprio grupo.
Palavras-chave: Interdisciplinaridade, Psicanálise, Técnicas projetivas

****

SAU 40
GRUPOS DE INVESTIGAÇÃO EM FUNÇÃO TERAPÊUTICA (GIFT) - UMA EXPERIÊNCIA PSICANALÍTICA NA ENFERMAGEM DO INSTITUTO CENTRAL DO HOSPITAL DAS CLÍNICAS. FMUSP. *Fabrício S. Neves (Centro de Estudos da Teoria dos Campos – CETEC. São Paulo – SP)*

Este trabalho pretende apresentar e discutir uma nova forma de intervenção da Psicanálise no Hospital Geral, retomando a uma questão, tantas vezes reaberta, quanto da aplicação da Psicanálise. Duas formas de posicionamento são costumeiras diante desta questão: a primeira exige a introdução do setting psicanalítico e a prática tradicional. A segunda propõe intervenções pontuais derivadas das teorias psicanalíticas. Nosso posicionamento é um pouco diferente. Consideramos que a Psicanálise - o método psicanalítico - pode ser igualmente aplicado à criação da psicanálise na sua mais tradicional concepção, quanto nas formas diversas de contato terapêutico, nas terapias interpretativas ou ainda em intervenções visando treinamento, ensino e desenvolvimento emocional de equipes de atendimento. Ao praticarmos o método psicanalítico criamos uma condição para o exercício da função terapêutica. A definição da função terapêutica tem de recorrer aos conceitos metodológicos da Teoria dos Campos, portanto, à recuperação do método psicanalítico que este sistema de pensamento vem cumprindo. A função terapêutica depende do campo transferencial estabelecido, que tende a deslocar os valores usuais de senso comum, permitindo a emersão de representações quase insuportavelmente reveladoras da lógica de produção - ou lógica do inconsciente. Dito de outro modo, a função terapêutica é a eficácia da interpretação psicanalítica, induzindo à ruptura de campo, podendo ser finalmente definida, com precisão, como o coeficiente do método psicanalítico. Assim, chamados a ajudar a equipes de enfermagem, no nosso caso do Centro Cirúrgico, a resolver seus problemas funcionais, propomos um encontro semanal de duração de uma hora e trinta minutos. Sem temas. De fixo, apenas o local e o horário. Como instrumento, o método psicanalítico. Nosso encontro começa com o que surge, com algum acontecimento de última hora ou simplesmente com qualquer coisa, como toda boa prosa. À medida que a conversa vai seguindo, alguns sentidos começam a surgir nas falas aparentemente soltas. Mudanças de temas parecem apontar para um mesmo caminho. Nossa conversa vai tomando o rumo de uma investigação feita por todos os participantes. Ao caminharmos na prosa, vamos dando conta de algumas regras que operam naquele campo e que nos revelam um sentido. Esta apreensão não só vai diagnosticando a forma de funcionar daquele grupo e lugar, como também vai propiciando novas representações do Centro Cirúrgico, ou seja, vai modificando sua organização e seu funcionamento. Ao mesmo tempo que realizamos este trabalho com a equipe vamos mostrando como o fazemos, proporcionando assim, a apreensão do método. O que capacita estes profissionais a desenvolverem estes trabalhos com outros funcionários.
Palavras-chave: Psicanálise; Função terapêutica, Teoria dos Campos

****

SAU 41
A RUPTURA DO SCRIPT DA CONSULTA MÉDICA COMO FATOR DE APROXIMAÇÃO ENTRE O MÉDICO E O PACIENTE. *Anamélia Franco**, Ana Cecília Bastos**, Marcia Seidel**, Vânia Sampaio*, Aline Gomes** e Mônica S. Silva** (Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia)*

A relação médico-paciente ocorre principalmente nas consultas clínicas quando se desenvolvem eventos e informações de acordo com um esquema previamente definido denominado por alguns autores como script. Um script geral da consulta poderia ser dividido em quatro momentos: investigação do problema, esclarecimento do problema-diagnóstico, definição do problema-informação diagnóstica e formulação de um plano de intervenção. Estes momentos correspondem à estrutura da consulta. Os profissionais podem deixar de seguir esta estrutura ao omitirem partes desta na consulta ou ainda por acrescentarem momentos de informações. Considerando a freqüente discussão sobre a qualidade da relação médico-paciente e a importância desta para a adesão do paciente ao tratamento, encontra-se em realização uma análise que localiza momentos em que o profissional não obedeceu ao script, seja por omissão ou pela inclusão de elementos não previstos para a estrutura da consulta. A condução da consulta fora dos limites do script pode atender a diferentes finalidades. A literatura considera que uma das finalidades seria a diminuição da diferença existente entre médico e paciente ou o "apagamento" da diferença das condições de poder do médico frente ao paciente. No presente estudo, foram observadas e gravadas 400 consultas médicas com 20 médicos do Programa de Saúde da Família do estado da Bahia. A partir das transcrições foram identificados episódios nos quais os profissionais médicos deixam de lado o script da consulta. A análise destes episódios apontam em que medida a consulta que sai do script contribui para que a relação do médico com o paciente se torne mais próxima e acolhedora, favorecendo o comprometimento do paciente com o tratamento. Quando o médico evoca para a consulta aspectos de sua vivência pessoal em resposta a uma identificação com a questão trazida pelo paciente, ou atenta para elementos que circundam o seu discurso sem que estes estejam necessariamente no núcleo de seus sintomas, pode-se considerar que a introdução de informações que a princípio não dizem respeito ao esquema prévio de uma consulta promove a construção de um vínculo mais estreito com o médico. Por outro lado, o sair do script pode ter outra implicação para a relação entre médico e paciente. Ao conduzir a consulta deixando de privilegiar aspectos psicossociais relevantes que se relacionam com o problema de saúde manifesto pelo paciente, o médico afirma sua condição de poder fundado na detenção de um saber que independe das circunstâncias de vida do paciente, fazendo deste elemento dispensável para diagnóstico e tratamento, e mantendo a relação entre médico e paciente hierárquica e distante. A saída do script e suas possíveis implicações repercutem na adesão do paciente ao tratamento.

Apoio Financeiro do CNPq
Palavras-chave: Relação Médico-Paciente; Script; Adesão ao tratamento

****

SAU 42
A CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA DO PACIENTE NO CONTEXTO CLÍNICO ATRAVÉS DO DISCURSO. *Anamélia Franco**; Ana Cecília Bastos**; Vânia Sampaio; Marcia Seidel**; Aline Gomes** e Monica Silva** (Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia)*

O discurso é um processo dinâmico de natureza interacional e constitui, em parte, a apresentação do sujeito, à medida que revela dimensões da vida

quotidiana que não se fazem explícitas de outra maneira. No contexto clínico, a história do paciente não está previamente elaborada. Emerge durante a interação estabelecida ao longo da consulta, possibilitando ao paciente uma melhor compreensão de si mesmo e do seu processo saúde/adoecimento. À proporção que o paciente conta sua história, o médico deve contribuir, oferecendo ao sujeito instrumental necessário para um auto-exame, a exemplo de questões que mobilizem reflexões. O discurso médico, por sua vez, também é construído a partir da interação. Mesmo tendo suas falas e ações orientadas, em parte, pela cultura médica. Em última instância, a comunicação precisa ser produtora de conhecimento. Se ela deixa de produzir conhecimento sobre o sujeito que se comunica, evidencia uma disfuncionalidade da interação. Durante o discurso, o paciente que fala não é o único responsável pela produção da sua fala. Trata-se, neste caso, de uma atividade de co-produção discursiva. Assim sendo, a elaboração do diagnóstico é resultado do esforço conjunto entre médico e paciente no intuito de reunir as informações decorrentes da análise de fatores de risco, sinais e sintomas aos quais o paciente é exposto. Uma das estratégias da estruturação do discurso é a repetição, que facilita sua compreensão, produção e conexão, interferindo de forma decisiva nos processos interacionais. A comunicação tem sido tomada como indicador da qualidade da relação entre médico e paciente. Como etapa da fase diagnóstica do Projeto "A Relação médico-paciente no programa de saúde da família: uma pesquisa ação com as equipes de saúde da família do Ceará e da Bahia", foram observadas e gravadas consultas ambulatoriais de vinte médicos deste Programa em três municípios do Estado da Bahia. Em média, cada médico teve vinte consultas acompanhadas, sob seu consentimento prévio, como também dos pacientes. Idade, sexo, problema de saúde dos pacientes não foram variáveis controladas. As consultas transcritas permitem identificar expressões que se repetem no discurso médico - "né?", "viu?", "entendeu?", "certo?". Pretende-se analisar como estas expressões interferem no discurso do paciente. Análises preliminares sugerem que estas expressões podem servir para a verificação da compreensão ou intensificação da informação prestada ou, por outro lado, comprometer o papel do paciente de agente co-produtor de sua história. Em outros termos, a repetição pode constituir um elemento no discurso médico que pode promover o estabelecimento de um nível de interação favorável ou não para a do paciente na consulta e consequentemente na construção de sua história.

Apoio Financeiro do CNPq
Palavras-chave: Discurso Médico; Relação Médico-Paciente; Processos Interacionais

*****

SAU 43

APOIO PSICOLÓGICO AO PACIENTE SUBMETIDO AO TRANSPLANTE DE MEDULA ÓSSEA: CONSTRUÇÃO DE UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO EM SAÚDE MENTAL. *Érika Arantes de Oliveira** (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo); Ana Paula Mastropietro** (Unidade de Transplante de Medula Óssea do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo); Manoel Antônio dos Santos (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo)*

O Transplante de Medula Óssea (TMO) atualmente representa a única modalidade terapêutica com potencial curativo para pacientes portadores de Leucemia Mielóide Crônica (LMC). Devido à complexidade desse procedimento, a Unidade de Transplante de Medula Óssea (UTMO) do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da USP, é constituída por uma equipe multiprofissional (enfermagem, médicos, assistente social, nutricionista, fisioterapeuta, psicólogo e terapeuta ocupacional) que inclui uma Equipe de Saúde Mental composta pela terapeuta ocupacional, pela psicóloga e pelo interconsultor de psiquiatria. O objetivo do presente estudo é o de relatar a atuação desses profissionais de saúde mental junto a um caso de um paciente portador de LMC, submetido ao TMO. O material a ser apresentado é produto da análise das transcrições de 44 sessões de intervenções conduzidas, separadamente, pela psicóloga e pela terapeuta ocupacional, ocorridas durante o período de 30 dias em que o paciente ficou internado no isolamento da enfermaria. Foram utilizadas ainda os registros sistematizados no prontuário médico pelo profissional da psiquiatria. A avaliação psiquiátrica foi solicitada no D+10 (décimo dia após a infusão da medula óssea). O paciente é um rapaz de 19 anos, procedente da região sul, solteiro, evangélico, filho mais novo de uma prole de oito irmãos. Como estratégia metodológica foi utilizada uma abordagem qualitativa dos dados, através de uma análise de conteúdo temática. O trabalho da psicologia nesse caso específico objetivou a diminuição da ansiedade basal do paciente, através de de psicoterapia focal de apoio, fazendo uso em muitos momentos de técnicas de relaxamento. A intenção era fornecer ao paciente um suporte para que ele pudesse tolerar de forma integrada todas as dificuldades do TMO. Fez-se necessário o recurso à intervenção medicamentosa pela psiquiatria para o controle dos sintomas psicóticos e ansiosos. O trabalho da terapeuta ocupacional objetivou proporcionar ao paciente uma nova construção da relação com seu fazer cotidiano através das experiências vivenciadas na relação triádica (TO, paciente e atividades), fazendo uso de procedimentos do método de terapia ocupacional dinâmica. Através de tais intervenções o paciente pôde aproveitar e desenvolver recursos adaptativos, que se mostraram fundamentais para a sua adesão ao tratamento médico proposto. Cinquenta dias após o TMO, o paciente encontra-se livre de sintomas psiquiátricos e do apoio medicamentoso, mantendo acompanhamento da psicologia e da TO. Constatou-se que um apoio multiprofissional em saúde mental ao paciente da UTMO é fundamental para o enfrentamento das situações estressantes impostas pelo tratamento, que podem comprometer a evolução psicossocial do paciente.

(FAPESP/Fundação Hemocentro de Ribeirão Preto)
Palavras-chave: Transplante de medula óssea; Saúde mental; Relato de caso

*****

SAU 44

PSICOTERAPIA BREVE: ATENDIMENTO PSICOLÓGICO OFERECIDO AOS FUNCIONÁRIOS DA UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO. *Tânia Elena Bogóni (Universidade Metodista de São Paulo - UMESP, São Bernardo do Campo - SP)*

O conceito de qualidade de vida é bastante amplo e requer diversos níveis de intervenção para sua implementação, estando a saúde intimamente relacionada a estas questões. Uma pessoa para ser considerada saudável deve poder alcançar diversos níveis de integração: 1) o físico-químico; 2) o biológico, 3) o social, 4) o psicológico, e 5) o axiológico. Sendo o mais elevado o sistema de valores e o mais elementar o sistema físico-químico. Neste sentido, entendemos a necessidade da intervenção psicológica, tanto numa estratégia preventiva, como curativa. O Curso de Psicologia oferece o serviço de Psicoterapia Breve para ajudar o indivíduo humano a ter uma visão de suas dificuldades, uma verdadeira apreciação de seus problemas e um ponto de referência para correções positivas de uma conduta que resulta de um funcionamento psicológico perturbado pelas situações de crise que a vida lhe impõe. Os atendimentos são realizados nas dependências do Núcleo de Estudos, Pesquisa e Atendimento Psicológico (NEPAP), por alunos do quarto ano do curso de psicologia sob a supervisão do responsável pelo programa. Utiliza-se a EDAO - Escala de Diagnóstico Adaptativo Operacionalizada, que permite, através do diagnóstico adaptativo, reconhecer os indivíduos com adaptação eficaz ou ineficaz e necessitados de intervenção, orientando o procedimento terapêutico mais apropriado para cada um deles. Conta-se com a assistência de um psiquiatra para os casos que necessitem diagnóstico e/ou atendimento médico. A duração da intervenção é de aproximadamente 12 sessões, de cinquenta minutos cada, pré-estabelecidas no acordo terapêutico após a realização das entrevistas diagnósticas (aproximadamente 2 entrevistas). As sessões são individuais, realizadas duas vezes por semana. Após o diagnóstico, aqueles pacientes que não estão em condições de serem atendidos no programa, recebem o devido suporte psicológico, que os prepara para a aceitação de um tratamento a longo prazo com profissional conveniado ao Plano de Saúde mantido pela instituição. São realizadas sessões de acompanhamento após o término da intervenção, uma após 1 mês e outra passados 3 meses. Seis meses após a implantação do programa e treinamento técnico dos alunos, foram atendidas 7 pessoas. Destas, 2 (29%) apresentaram adaptação ineficaz severa e 5 (71%) apresentaram adaptação ineficaz moderada, segundo a EDAO. Os 5 casos de adaptação ineficaz moderada concluíram o processo de intervenção, e demonstraram ganhos com o tratamento, apresentaram nas sessões de acompanhamento respostas adequadas à situação-problema que os levou à busca o atendimento. Dos dois casos de adaptação ineficaz severa, 1 interrompeu o atendimento, e o outro ao término foi encaminhado para atendimento psicoterápico a longo prazo. Nota-se nesta fase inicial do programa que a maioria dos casos que procuraram atendimento (71%) atendem aos critérios de inclusão para tratamento através de Psicoterapia Breve. Portanto, um programa desta natureza é de grande valia pois oferece a esses indivíduos condições de atendimento e acompanhamento durante as situações emergenciais, caracterizando uma intervenção preventiva, uma vez que, através do esclarecimento do problema, suporte psicológico realizado possam a apresentar respostas que solucionam os problemas adequadamente sem causar conflitos intra ou extra-psíquicos, melhorando a adequação adaptativa.

Palavras-chave: Psicoterapia breve; Clínica-escola; Intervenção psicológica

*****

SAU 45

AVALIAÇÃO DA CAPACIDADE DE MEMÓRIA DE TRABALHO EM PACIENTES PORTADORES DE ESCLEROSE MÚLTIPLA - UM ESTUDO PILOTO. *Eduardo de Paula Lima*, Shirley Silva Lacerda**, Guilherme Maia de Oliveira Wood**, Raquel Cassiano, Vitor Geraldi Haase & Marco Aurélio Lana-Peixoto (Laboratório de Neuropsicologia do Desenvolvimento, Centro de Investigação em Esclerose Múltipla de Minas Gerais, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG)*

A memória de trabalho (MT) é um construto que envolve componentes de processamento de informação, armazenagem temporária e a capacidade de coordenação de operações, estando relacionada a uma grande variedade de funções cognitivas, tais como a linguagem, o raciocínio, a tomada de decisão, a solução de problemas, flexibilidade cognitiva e inteligência geral. A capacidade de memória de trabalho é mais exigida sempre que aumentamos a complexidade das tarefas em questão. Sendo assim, esse construto torna-se essencial para o bom funcionamento cognitivo e psicossocial dos indivíduos

Estas funções cognitivas, muitas vezes, se encontram alteradas no envelhecimento normal, em pacientes com traumatismos crânio-encefálico, em distúrbios neurológicos como a esclerose múltipla em sua formas progressivas, dentre outras patologias. No presente estudo, através da Bateria de Avaliação da Memória de Trabalho - UFMG (BAMT-UFMG), pretendemos, avaliar a capacidade de MT em pacientes portadores de Esclerose Múltipla (EM), comparando-os com diferentes populações clínicas e não-clínicas.
A BAMT-UFMG é um teste de lápis e papel que pode ser aplicado em grupo ou individualmente. Suas tarefas são de natureza predominantemente verbal (visual ou verbal) e podem ser organizadas segundo os componentes funcionais que representam e também combinadas para formar diferentes escores compostos.
Acessamos a capacidade de MT em 23 pacientes portadores de EM (idade m=44,87/dp=8,28; escolaridade m=11,0/dp=5,36, 82,6% feminino; índice ambulatorial m=2,3/dp= 2,7; duração da doença m=9,9/dp=8,4; 56,5% formas remitente-recorrente, 43,5% formas clínicas progressivas).
Como comparação, foram realizadas aplicações da BAMT-UFMG em diferentes grupos, sendo eles 17 adultos de uma população não-clínica (idade m=39,29/dp=8,91; escolaridade m=7,88/dp=2,47; 82,4% feminino), 12 pacientes neuropsicológicos atendidos no ambulatório do Hospital das Clínicas (HC) da UFMG (idade m=56,75/dp=13,51; escolaridade m=9,25/dp=5,14; 50% feminino) e 61 idosos saudáveis (idade m=65,84/dp=7,46; escolaridade m=7,54/dp=3,74; 86,9% feminino).
Na análise dos resultados utilizamos o Test T para amostras independentes e um teste não paramétrico, o Teste de Mann-Whitney, com o objetivo de identificar diferenças específicas no desempenho dos diferentes grupos para todos os subtestes da BAMT-UFMG. Com exceção do subteste de capacidade de armazenamento de informação, foram encontradas diferenças significativas entre o grupo de adultos não-clínicos e o grupo de pacientes neuropsicológicos (valores de t entre 2,3 e 3,2, valores de p entre <0,000 e <0,05) mas nenhuma diferença entre o grupo de portadores de EM e outros grupos. A amostra de EM foi dividida em dois grupos, onde G1 era composta de 14 pacientes sem déficits funcionais significativos e/ou curta duração da doença, e G2 representada por 9 participantes com index ambulatorial >3 ou duração da doença >5. Foi possível verificar que a performance no subteste de velocidade de processamento de informação do G1 foi superior ao desempenho dos pacientes neuropsicológicos (U=30,0, Z=-1,9, p<0,05), enquanto a performance do G2 em processamento de informação foi inferior tanto em relação à G1 (U=20,0, Z=-2,2, p<0,05) quanto em relação aos idosos (U=96,5, Z=-2,43, p<0,015).
Diante desses resultados, podemos concluir que os déficits neurológicos da nossa amostra provavelmente não foram suficientes para comprometer a performance da memória de trabalho, mas foram severas o bastante para interferir na velocidade em tarefas percepto-motoras.

FAPEMIG
Palavras-chave: Memória de Trabalho; Esclerose Múltipla; Avaliação clínica

****

SAU 46
DEPRESSÃO E QUALIDADE DE VIDA EM PACIENTES COM MELANOMA MALIGNO. *Patrícia Barbosa Alves, Nivaldo de Oliveira Santos, Maria Lívia Tourinho Moretto, Ana Clara Duarte Gavião, Julieta Quayle, Maria Cristina Souza de Lucia e Eduardo Akaishi (Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo)*
Introdução: O Melanoma Maligno é um tipo de câncer cujos índices de mortalidade vêm aumentando expressivamente nas últimas décadas. A cirurgia é o tratamento mais indicado, sendo utilizado também a radioterapia e a quimioterapia, dependendo do estágio em que a enfermidade se encontre. É um tipo de câncer considerado "agressivo", com alta probabilidade de recidiva. Por ser um tratamento complexo, esses pacientes são confrontados, na maioria das vezes, com uma série de situações onde sua condição psicológica é posta à prova, produzindo ou agravando um conjunto de afetos e conflitos provenientes desta nova condição. Objetivo: Verificar a presença ou não de depressão crônica ou reativa e a qualidade de vida em pacientes ambulatoriais portadores de Melanoma Maligno. Método: O estudo caracteriza-se como uma pesquisa clínica transversal ex post facto. Foram estudados 25 pacientes com idade entre 18 e 70 anos, em tratamento ambulatorial na 3ª Clínica Cirúrgica do Instituto Central do Hospital das Clínicas da FMUSP com o referido diagnóstico. Não foram incluídos neste estudo pacientes com diagnóstico psiquiátrico de esquizofrenia ou psicose maníaco-depressiva. Foram aplicados os seguintes instrumentos: Entrevista Semidirigida, Escala Diagnóstica Adaptativa Operacionalizada - EDAO, e o Módulo de Humor do PRIME (Avaliação de Distúrbios Mentais para Atenção Primária atualizada para DSM-IV). Resultados: De acordo com os instrumentos utilizados nesta pesquisa constatamos que, 64% dos pacientes apresentaram depressão segundo a EDAO, no prime, 76% dos pacientes apresentaram depressão. Dos pacientes com depressão segundo na EDAO, 81,25% referiram pelo menos um evento de vida estressante nos últimos seis meses; analisando este mesmo item nos pacientes com depressão segundo o Prime, 83,3% apresentaram pelo menos um evento de vida estressante. Os eventos de vida estressantes que apareceram com maior freqüência foram os seguintes: lesão pessoal ou doença importante, morte de um membro familiar, importante mudança na condição financeira e dificuldades sexuais. Conclusões: Os resultados obtidos sugerem que existe uma relação entre eventos de vida, depressão e o melanoma maligno. Desta forma podemos inferir que o melanoma maligno afeta a qualidade de vida, interfere na rotina de cada destes pacientes com uma grande quantidade de tratamento evasivo, aumentando assim a angústia desses pacientes. Estes dados enfatizam, portanto, a importância do psicólogo na equipe que assiste aos pacientes com esta patologia, proporcionando-lhes uma escuta diferenciada para esse sofrimento. Acreditamos então que o método psicanalítico pode oferecer esta escuta, pois é um tratamento baseado na fala, onde o paciente pode verbalizar esse sofrimento, tomar consciência de sua origem e, portanto, assumi-lo. É importante ressaltar que este sentimento é peculiar a cada paciente, por isso devemos ouvi-los em sua individualidade.
Palavras-chave: Depressão; Câncer; Cirurgia; Angústia, Melanoma Maligno

****

SAU 47
ANÁLISE DA EVOLUÇÃO DE INDICADORES NA DIVISÃO DE PSICOLOGIA DO HCFMUSP ENTRE 1996 E 1999 : A PRODUÇÃO CIENTÍFICA COMO INDICADOR DE QUALIDADE. *Julieta Quayle, Nivaldo de O. Santos, Kátia Osternack Pinto e Maria Cristina Souza de Lucia (Divisão de Psicologia do Instituto Central do Hospital das Clínicas da FMUSP)*
A produção de conhecimento em instituições de saúde nem sempre é considerada um indicador significativo de sua qualidade, a não ser quando apresenta tecnologia de aplicação imediata. Para cumprir sua missão, a produção científica de uma dada instituição revela-se essencial, refletindo a capacidade de seus profissionais pensarem a prática, avaliarem sua eficácia e proporem novas formas de atuação. A finalidade deste trabalho é apresentar um sumário quantitativo e descritivo da produção científica e acadêmica durante o ano de 1999 e uma análise comparativa dos indicadores relacionados nos últimos 4 anos como decorrência de significativas mudanças práticas e administrativas ocorridas na DIP, com particular ênfase na importância da produção de conhecimento e na formação do profissional como aspectos complementares e integrados. No que diz respeito à participação em eventos, observamos mudança significativa nos seguintes itens: conferências/palestras em eventos nacionais (7 em 1996 e 60 em 1999), temas livres (3 em 1996 e 19 em 1999); pôsters (5 em 1996 e 14 em 1999). Em eventos internacionais, no ano de 1996, não houve apresentação de temas livres ou pôsters, havendo apenas 1 conferência/palestra. Em 1999, temos 2 temas livres, 9 pôsters e 3 conferências/palestras. Em 1996, tivemos 238 participantes em eventos promovidos pela Divisão de Psicologia, número que cresceu em 98 e 99, atingindo 1555 em 1999, correspondendo a um aumento de 653% no número de participantes. Na publicação de resumos de trabalhos em anais de congressos, observa-se um aumento de 516% (6 em 1996; 37 em 1999), enquanto a de artigos em periódicos científicos mostra um crescimento de 250% (6 em 1996; 21 em 1999). Observa-se, também, que não é só a quantidade de trabalhos que cresce, mas sua qualidade e diversidade, o que pode ser aferido a partir do número de trabalhos premiados no período: 1 em 1996 e 6 em 1999. Isto corresponde ao investimento que vem-se fazendo na qualidade do profissional de psicologia, através de cursos, oficinas e do incentivo à pós-graduação, considerando, sempre, as dimensões da assistência, do ensino e da pesquisa como inseparáveis na prática profissional.
Palavras-chave:

****

SAU 48
ESTRATÉGIAS DE SUPERAÇÃO DO STRESS NOS PSICÓLOGOS EM INSTITUIÇÕES HOSPITALARES. *Isabel Maria Farias Fernandes de Oliveira Cunha** (Departamento de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal-RN, Universidade de São Paulo-SP)*
A presente pesquisa fundamenta-se nos conhecimentos atuais da Psicologia relativos ao fenômeno do stress, com as suas correspondentes estratégias de enfrentamento, denominadas na literatura científica como coping. Analisou tais estratégias em um grupo de psicólogos que desempenham funções clínicas em hospitais, mediante delineamentos de pesquisa exploratória. Tratando-se especificamente das relações entre o stress e as atividades desenvolvidas por estes profissionais, foram consideradas as contribuições da literatura relativa não só a este tema, mas buscou-se apreender também a sua especificidade relativa no ambiente de trabalho, conhecido como stress profissional. Portanto, compreendendo-se a instituição hospitalar potencialmente como ambiente de risco e, partindo desse pressuposto, tentou-se delinear e conhecer o repertório utilizado pelos psicólogos que lá atuam para lidar com as adversidades provenientes tanto do local de trabalho, como também das peculiaridades inerentes à sua atuação. Conseqüentemente, o objetivo geral desta pesquisa foi avaliar as estratégias de coping utilizadas pelos psicólogos que atuam em instituições hospitalares não psiquiátricas. Além disso, podem ser citados como objetivos específicos, o delineamento de um perfil sócio-demográfico da população estudada, bem como a comparação e a inter-relação entre as dimensões de coping contidas no instrumento utilizado. Os sujeitos objeto de estudo foram 30 profissionais de uma população total de 42 psicólogos hospitalares à época da pesquisa, que atuavam nas instituições supra citadas.

no Estado do Rio Grande do Norte. Para a coleta de dados utilizou-se o Inventário para Superação do Stress Profissional, traduzido e adaptado do "Coping Responses Inventory for Work Settings". Este instrumento, que é auto-administrável, consta de duas partes: uma referente às variáveis sócio-demográficas, pessoais e funcionais dos profissionais, e outra, constituída de 48 itens, cuja distribuição é feita em escala tipo Likert, destinados a avaliar duas dimensões - confronto e evasão - com suas respectivas categorias que podem ser empregadas como estratégias de coping. Os dados obtidos foram avaliados através da delimitação do perfil sócio-demográfico, da categorização das estratégias utilizadas e do cruzamento entre os itens anteriores, tendo sido utilizado para tal fim, o software "Statistical Package for The Social Sciences" (SPSS). Dentre os resultados significativos podem ser mencionados na parte referente aos dados de identificação, a predominância de população jovem e feminina entre os profissionais, inserção relativamente recente na instituição hospitalar e regime de trabalho em tempo parcial como sendo o mais freqüente. Com relação às dimensões de coping isoladamente, abordadas na segunda parte, observou-se a supremacia da dimensão confronto sobre a de evasão. No entanto, quando analisadas no cruzamento com as variáveis sócio-demográficas, as diferenças entre as dimensões referidas não foram significantes e não em um casos isolados. Essas variações poderiam ser explicadas pelas condições específicas do âmbito hospitalar e também pela interface lar-trabalho, apontadas na literatura aplicável. Novos estudos são sugeridos tomando-se este como referência, uma vez que o caráter exploratório da pesquisa apresentada não permitiu generalizações nem tampouco uma análise mais aprofundada a partir de comparações com outras categorias profissionais e/ou população congênere.

Palavras-chave: Coping; Stress Profissional; Psicologia Hospitalar

--*-*

SAU 49

A EFETIVIDADE DA TERAPIA COGNITIVA NARRATIVA (TCN) EM DISPEPSIA FUNCIONAL - UM ESTUDO DUPLO CEGO RANDOMIZADO. *Ricardo Azevedo da Silva (UCPel), Óscar Gonçalves (Universidade do Minho, Portugal), Ricardo T. Pinheiro, Bernardo L. Horta, Inácio G. da Silva Moraes, **Giovanni L. Delcaulli, *Augusto D. Faria, *Gorziela G. Pinto, *Herida Z. Jorge, **Karen C. Amaral, Lisandra B. Osório, *Milena C. D. Lopes, *Michele B. Spader, *Nathália N. Sapper, *Vanessa Collak, ** Marcos B. Cordeiro, **Leonardo Cardelli,** Diego Gressler e Paulo Luis Rosa Sousa (UCPel)*

Este ensaio clínico procura avaliar a efetividade da Terapia Cognitiva - Narrativa, em um modelo breve, no tratamento da dispepsia funcional, assim como compreender a evolução da qualidade de vida dos sujeitos. Dispepsia funcional é definida como uma dor ou desconforto no abdômen superior de forma recorrente sem fundamento bioquímico ou estrutural que dure mais de 4 semanas. A população do estudo é dividida de acordo com os sintomas em dispepsia tipo úlcera, dismotilidade ou refluxo. A amostra é obtida no departamento de gastroenterologia do Hospital Universitário São Francisco de Paula - Universidade Católica de Pelotas, incluindo pacientes com dispepsia tipo úlcera ou dismotilidade. Os pacientes com altos níveis de depressão ou com quadros psiquiátricos graves são excluídos assim como pacientes com diabetes, hipo e hipertireoidismo e mulheres grávidas. Também serão avaliados a qualidade de vida (WHOQOL - Brief) e a presença de fatores de risco para dispepsia. Os instrumentos aplicados são o SRQ-20, Escala de Hamilton, SF36 e Fatores de Risco para Dispepsia. A amostra consiste em 288 pacientes randomizados em três grupos: o primeiro recebe apenas medicação (tratamento padrão – domperidona e cimetidina) para os sintomas gástricos, o segundo recebe medicação e um modelo de TCN - baseado nos sintomas gástricos e o terceiro, medicação e um modelo de TCN - baseado nos acontecimentos da vida. Os pacientes são acompanhados após dois e seis meses e um ano do tratamento. Os resultados iniciais apontam para uma associação entre depressão e dispepsia e para mostrar que a Terapia Cognitiva - Narrativa, em um modelo breve é efetiva para redução dos sintomas e ampliar o tempo entre as crises de dispepsia em relação a um tratamento unicamente medicamentoso (p< 0,001).

Bolsas: BIC CNPQ, BIC - UCPel

Palavras-chave: Psicoterapia cognitiva-narrativa, Tratamento da dispepsia funcional; Ensaio Clínico

--*-*

SAU 50

GÊNERO E ANSIEDADE DENTAL. *Susana Siqueira de Barros Oliveira**, Angela Maria Monteiro da Silva, Cassandra Arruda de Souza Araújo**, Gabriele de Almeida Lazzaro***, Gisleine Afonso de Souza*** e Mônica Câmara Hermann*** (Programa de Pós-Graduação - Mestrado em Psicologia, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro-RJ)*

Introdução: A ansiedade dental é descrita como uma resposta do paciente ao tratamento dentário, podendo muitas vezes ser maior do que a ansiedade geral. Dados de pesquisas sobre transtornos psicológicos e gênero indicam que há mais mulheres nas categorias neuróticas que envolvem ansiedade, medo e preocupação. Similarmente, dados obtidos por Corah (1978) mostram uma diferença consistente na média dos resultados entre homens (menos ansiedade dental) e mulheres (mais ansiedade dental). O presente estudo investigou a relação entre gênero e nível de ansiedade dental numa população brasileira. Outro objetivo foi examinar a relação entre gênero e fobia ao tratamento dentário. Foi usada a Escala de Ansiedade Dental de Corah (EAD).

Material e Métodos: A EAD foi aplicada em uma amostra de 385 estudantes universitários de ambos os sexos, com idade variando entre 17 e 60 anos; sendo que 240 (62,34%) eram do sexo feminino e 145 (37,66%) do sexo masculino. A EAD foi desenvolvida por Corah para avaliação da ansiedade ao tratamento dentário. Ela consiste de 4 itens de múltipla escolha que envolvem reações do paciente quanto a ir ao dentista, aguardar na sala de espera pela consulta; antecipar o uso da caneta de alta rotação; e da raspagem dos dentes ao redor das gengivas. Os escores totais variam de um mínimo de 4 pontos ao máximo de 20 pontos. Quanto maior a pontuação, maior o grau de ansiedade ao tratamento dentário. Estudos prévios indicam que pacientes que atingem escore maior ou igual a 15 pontos apresentam fobia ao tratamento dental.

Resultados e Discussão: A média da ansiedade ao tratamento odontológico, avaliada pela EAD, foi de 9,87 ± 3,55 (média ± DP) para os participantes do sexo feminino e 8,70 ± 3,10 (média ± DP) para os participantes do sexo masculino. Os resultados mostram que as mulheres são significativamente mais ansiosas no tratamento odontológico do que os homens (P<0,001). Foram identificados 35 participantes fóbicos, dentre os quais 85,71% são do sexo feminino e 14,29% do sexo masculino. Os dados indicam que entre os participantes considerados fóbicos, as mulheres apresentam-se significativamente em maior número do que os homens (P<0,002).

** Bolsista CAPES

Palavras-chave: Ansiedade dental, Fobia dental, Diferenças de gênero

--*-*

SAU 51

CRIAÇÃO DE INSTRUMENTOS PARA O CONHECIMENTO E ANÁLISE DE INSTITUIÇÕES DE LONGA PERMANÊNCIA PARA IDOSOS. *Marcela Cristiane de Moraes*, Cláudia Marques Alves*, Sara Cristina de Assunção Melo*, Pablo Fernando Souza Martins*, Sueli Aparecida Freire (Universidade Federal de Uberlândia - Uberlândia-MG)*

Pillotto et al (1998) define a instituição asilar como sendo: "casa de assistência social onde são recolhidos, para sustento ou também para educação, pessoas pobres ou desamparadas, como mendigos, crianças abandonadas, órfãos e velhos". A cada ano 5,5 milhões de brasileiros atingem 60 anos; no ano de 2025, teremos 32 milhões de indivíduos com esta idade ou acima dela, tornando o país o sexto do mundo em população idosa. Este aumento da expectativa de vida traz, para as sociedades que não estão preparadas, graves problemas, tais como: abandono familiar, medicalização, perda da identidade enquanto pessoa e várias doenças decorrentes do próprio processo de envelhecimento. Considerando a instituição asilar como o local onde muitos idosos passarão o resto de suas vidas, é fundamental importante que ela atenda às necessidades biopsicossociais dessas pessoas da melhor forma possível. Daí a importância de se fazer estudos visando conhecer a vida numa instituição para idosos, o seu funcionamento, seus objetivos e metas, o ambiente institucional e as pessoas que lá atuam de forma a desenvolver e manter uma proposta de atendimento que vise a boa qualidade de vida daquele que reside na instituição bem como daquele que lá trabalha. Portanto, os objetivos deste estudo foram: geral - criar instrumentos para coletar dados sobre a realidade institucional; específicos: a) criar um roteiro de observação e análise da instituição; b) criar modelos de questionários a serem respondidos pelos idosos, funcionários, voluntários e responsáveis pela instituição; c) contribuir para o conhecimento da instituição no seu contexto atual. A construção do roteiro de observação e análise foi baseada nos Padrões Mínimos para funcionamento de instituições de idosos da cidade de Uberlândia - MG, e em outros roteiros já existentes. Os aspectos considerados no roteiro foram: área física, instalações, serviços de alimentação e higiene. Os questionários destinados aos funcionários e aos voluntários abordaram: os dados pessoais, sua função, tempo e carga horária na instituição, seu relacionamento entre si, com os residentes e com os administradores da instituição, opinião sobre o local, a participação da comunidade, família e políticos na instituição e questões a respeito do seu conhecimento sobre aspectos gerais do idoso. O questionário dos idosos incluiu: dados pessoais, religião, há quanto tempo vive na instituição, sua opinião a respeito da mesma, sobre o por que está ali, sobre suas visitas e atividades, como é o seu relacionamento com todos na instituição. Do questionário dos administradores, constaram dados pessoais, o tipo de instituição, o regimento interno, regras, normas e rotinas, carga horária, relacionamento interpessoal, questões a respeito do seu conhecimento sobre aspectos gerais do idoso, opiniões sobre comunidade, idosos e suas famílias. Concluiu-se que para uma boa qualidade de vida é necessário que o ambiente esteja adaptado, levando em consideração os padrões mínimos de funcionamento. É importante que administradores, funcionários e voluntários conheçam questões biopsicossociais que envolvem o idoso, bem como a história de vida de cada residente em particular, para que haja um melhor relacionamento entre eles.

Palavras-chave: Criação de instrumentos; Instituição; Idoso

--*-*

SAU 52

UM ESTUDO SOBRE COMPORTAMENTOS DISFUNCIONAIS NA APRENDIZAGEM DO ADOLESCENTE EM PARCERIA COM O SERVIÇO DE ATENDIMENTO À SAÚDE. *Carmen Jansen de Cárdenas** (Universidade Católica de Brasília, DF); Clarissa Vasconcelos*, Cynthia Bellucci* e Luciana Gentilin* (Universidade Católica de Brasília, DF)*

Essa pesquisa procura investigar os indicadores presentes nos comportamentos disfuncionais nos sistemas vivenciais e relacionais dos adolescentes, nos contextos familiar e escolar, encaminhados pelas instâncias educacionais, jurídicas e por iniciativa particular, que são atendidos no ADOLESCENTRO (Centro de Atendimento, Pesquisa e Capacitação do Adolescente e sua Família), que funciona na Fundação Hospitalar do Distrito Federal. Nosso objetivo é verificar, a partir dos diagnósticos médicos e psicológicos realizados pela equipe multidisciplinar desta instituição, as queixas que se referem à vivência do adolescente no sistema escolar. Revendo a literatura acerca das possibilidades de promoção de saúde voltada para a adolescência, verificamos que este processo é visto como uma transição da infância à fase adulta, marcada por transformações e mudanças que afetam tanto o sujeito quanto o meio em que está inserido. Neste sentido, o sistema familiar do qual se origina o adolescente, bem como o sistema mais amplo, o ambiente escolar, configuram-se como um espaço privilegiado de vivências acadêmicas e relacionais no processo de elaboração de habilidades cognitivas, competências sociais e construção da identidade. Sucede que, por vezes, a família e a escola não conseguem mobilizar recursos para lidar de forma satisfatória com a complexidade dos aspectos que se apresentam nesta fase do ciclo vital e alocam as dificuldades e patologias no próprio sujeito adolescente, ou seja, tanto a família como a escola o apontam como responsável ou causador de seus problemas. A metodologia utilizada nesta pesquisa consistiu na análise dos encaminhamentos destinados ao ADOLESCENTRO, originários, principalmente, das escolas, dos Conselhos Tutelares e da Fundação Hospitalar do Distrito Federal, bem como os dos diagnósticos realizados pela equipe da instituição. Os dados foram tabulados, analisados e agrupados em categorias e os resultados mostraram que as escolas apontam os fatores ligados ao próprio adolescente como responsável pelos comportamentos disfuncionais que esses apresentam, como o baixo rendimento escolar, indisciplina, dificuldades relacionais, desinteresse e a falta de motivação para os estudos. A idade dos sujeitos encontra-se na faixa etária entre 10 e 19 anos, sendo que sua maioria, 62%, é do sexo masculino. Como conclusão dessa análise podemos observar que a escola ainda se mantém à parte do processo de desenvolvimento dos adolescentes, e por entendermos que essa agência, juntamente com a família têm um significado fundamental nesta etapa da vida, acreditamos que a realização de pesquisas que venham a elucidar indicadores presentes na relação família-escola são basilares para elaborar diretrizes e intervenções no âmbito da saúde e da educação que venham a implementar o desenvolvimento saudável dos adolescentes.

Palavras-chave:

****

SAU 53

PSICONCOLOGIA INFANTIL: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA DE ATUAÇÃO. *Ana Carolina de Lima Vieira*; Carmen Maria Bueno Neme¹ (Departamento de Psicologia - Faculdade de Ciências - Universidade Estadual Paulista - Câmpus de Bauru - SP)*

A Psiconcologia é campo de desenvolvimento recente na prática psicológica. Fundamentado na Psicologia Clínica, na Psicossomática atual e na Psiconeuroimunologia, propõe-se ao atendimento do paciente oncológico, seus familiares e equipe de saúde, num enfoque biopsicossocial, buscando também desenvolver métodos e técnicas de atuação e intervenção junto à pessoa doente que a auxilie a lidar com a doença, em todas as fases de sua trajetória: da prevenção e diagnóstico ao tratamento e controle da doença ou terminalidade.

Considerada por alguns autores como uma subespecialidade da Psicologia da Saúde, a Psiconcologia dirige seus esforços no sentido de compreender a gênese, manutenção e remissão dos diferentes tipos de câncer, bem como na melhoria da qualidade de vida do paciente oncológico e em sua participação direta e ativa no tratamento.

Considerando-se que o câncer é ainda visto como um "inimigo mortal" sobre o qual muito pouco pode-se fazer, considera-se como fundamental a facilitação desta participação ativa do paciente em seu tratamento, de modo a estimular-se seus recursos saudáveis, tal como proposto no método Simonton (1987), atualmente utilizado em diversos serviços de psiconcologia. Este método propõe - além de outras intervenções - a utilização de técnicas de Relaxamento e de Visualização, visando estimular a ativação do Sistema Imunológico e promover uma nova possibilidade de relação mente-corpo, favorecendo também uma maior participação e sentido de controle ao paciente frente a seu tratamento.

Entretanto, quando o paciente é uma criança, especialmente na fase pré-escolar, a utilização de tais técnicas torna-se difícil e por vezes impossível, mesmo quando modificadas e adaptadas.

Desta forma, torna-se necessário o desenvolvimento de recursos que facilitem a comunicação e o acesso ao imaginário simbólico da criança, buscando estimulá-la e facilitar sua participação no tratamento.

O objetivo deste trabalho foi o de desenvolver um método de intervenção junto a pacientes oncológicos infantis, na faixa de 3 a 7 anos de idade, de acordo com os pressupostos e indicações mencionados. Utilizou-se também as contribuições de Piaget (...) e Vygotsky (...) acerca da necessidade do concreto e da importância da brincadeira como forma de materializar uma realidade ausente nesta fase do desenvolvimento infantil, tal como apontado por Violet (...) e outros autores.

Para isto, foram desenvolvidos livro infantil e fita cassete com histórias e figuras representando a criança, a criança doente, o sistema de defesa ou imunológico existente e a atividade das células deste sistema no combate às células doentes.

O material, em fase de revisão, foi aplicado até o momento em 2 crianças em atendimento psicológico num serviço de Psiconcologia no Hospital Manoel de Abreu (Bauru), tendo-se revelado adequado para a motivação da criança em participar ativamente do trabalho terapêutico. O material permitiu o trabalho com um conteúdo de difícil abordagem nesta faixa etária, estimulando a produção de desenhos, dramatizações e outras atividades. As crianças demonstraram grande interesse e aceitação pelo material, o que facilitou muito o trabalho psicoterápico. Pretende-se continuar a utilizar o material com - no mínimo - mais 3 crianças, desenvolvendo-se, paralelamente um procedimento de avaliação quanto a seus resultados.

¹ Orientadora

Palavras-chave: Psiconcologia; Psicologia Hospitalar; Psicologia Infantil

****

SAU 54

O PSICODRAMA COMO INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA EM PROGRAMAS DE PROMOÇÃO À SAÚDE. *Gisélia Messias de Lima**, Antônio dos Santos Andrade e Ivanildo José Messias Mendes (Programa de Pós Graduação em Enfermagem em Saúde Pública da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto; Departamento de Psicologia e Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto; Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP)*

Promoção à Saúde é uma estratégia que enfatiza o processo de capacitação da população para incrementar o controle sobre a própria saúde e a do meio ambiente. Parte de um conceito positivo de saúde, incorpora fenômenos gerais como paz e justiça social, destacando uma prática cotidiana de vida responsável. Em 1997, na IV Conferência Internacional sobre Promoção à Saúde ressaltou-se a necessidade de se desenvolver metodologias que avaliem os resultados dessas ações, as quais solicitam o referencial qualitativo. Localizando o Psicodrama como um referencial teórico e metodológico de investigação social na abordagem qualitativa, o presente trabalho teve como objetivo contribuir para o desenvolvimento da proposta de uso do Psicodrama. Para tal contribuição buscou-se: a) Investigar as contribuições específicas de Jacob Levy Moreno que dão relevância como referencial teórico-metodológico de investigação social; b) Verificar as condições de possibilidade da implementação de uma proposta deste tipo realizando um estudo exploratório; c) Mostrar o quanto o referencial Psicodramático é adequado à investigação de Programas de Promoção à Saúde. Realizou-se uma revisão bibliográfica sobre o uso do Psicodrama como abordagem qualitativa de investigação social aplicando-o posteriormente num estudo exploratório com um grupo (30 pessoas) participante de uma prática educativa baseada na Promoção da Saúde (Programa de Integração Comunitária - PIC). Propôs-se a investigação do significado da participação dessas pessoas neste tipo de programa. Realizaram-se quatro encontros, semanalmente, com uma hora de duração cada, respeitando as características de uma sessão psicodramática. Estes foram gravados, transcritos, fotografados, descritos pela investigadora e pelo ego auxiliar. Diante dos dados coletados, das observações das investigadoras, realizou-se uma análise da produção grupal e da condução do processo de investigação realizado. Revelou-se a importância da utilização das regras propostas por Moreno em 1954 numa investigação sociométrica grupal: 1ª) Regra da liberação da espontaneidade, 2ª) Regra da criação do investigador no grupo; 3ª) Regra da participação universal na ação; 4ª) Regra da diferença dinâmica na estrutura; 5ª) Regra da motivação adequada; 6ª) Regra da inclusão 'gradual' de todos os critérios estranhos. Houve amplo envolvimento com a proposta, podendo-se pensar em benefícios alcançados pelos participantes com a vivência grupal. A investigação pautou-se nas regras apontadas acima. A produção grupal deu indícios de que a participação no PIC é positivamente significada para seus participantes. Destes resultados obtidos, pode-se concluir: a) A investigação sociométrica do Psicodrama amplia a Observação Participante; b) Atingiu-se o propósito de captar o significado do PIC para seus participantes; c) O estudo exploratório proporcionou uma vivência grupal alegre, descontraída, acolhedora, levando benefícios aos participantes; d) O referencial Psicodramático possibilita agilidade temporal na realização de avaliações de grupos em geral; poucos encontros podem captar as relações entre os atores envolvidos, através principalmente da ação lúdica.

Bolsa: CNPq

Palavras-chave: Psicodrama; Pesquisa Qualitativa; Promoção à Saúde

****

SAU 55

POSSIBILIDADES DE PRÁTICAS EM SAÚDE: DO INDIVIDUAL AO COLETIVO. *Adriana Gomes Prado (Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, ES)*

Este trabalho teve como objetivo discutir sobre as concepções de prática de saúde dos profissionais, médicos e psicólogos, da rede ambulatorial do município de Vitória- ES e como esta concepção vem refletindo em suas intervenções. Dentre os debates existentes, percebe-se uma preocupação nas concepções de saúde em reconceitualizar as necessidades de saúde, recuperando e/ou incorporando aspectos antes ignorados ou considerados de categoria inferior. Para os estudiosos da área, no campo da saúde coletiva, os avanços poderiam ocorrer na medida em que novas reconceitualizações sobre o objeto da prática de saúde e novas formas de relações sociais na prestação dos serviços de saúde pudessem ser construídas. Poder-se-ia também falar de uma espécie de movimento no campo da saúde em que têm sido buscados novos paradigmas, ou paradigmas alternativos. Estes paradigmas trazem, em seu bojo, uma concepção da saúde/doença como um processo histórico-social-biopsíquico, balizador para a construção de práticas alternativas em saúde. Estas colocações nos parecem apontar tanto para aspectos ligados à gestão e à definição de políticas públicas na área de saúde pública, quanto ao tipo de formação profissional dos profissionais de saúde nos centros acadêmicos. Os sujeitos da pesquisa foram médicos e psicólogos que atuavam nas unidades ambulatoriais de saúde do município de Vitória perfazendo um total de dez profissionais. O critério utilizado para determinação do número de sujeitos desta pesquisa foi o número de psicólogos que compunham a rede ambulatorial do sistema de saúde no município de Vitória. Utilizou-se um roteiro semi-estruturado de entrevista, que enfocou os seguintes aspectos : a trajetória de ingresso no serviço público de saúde, atividades desenvolvidas, dificuldades enfrentadas, perspectivas para o próprio trabalho e papel atribuído a si próprios com vistas à contribuição na área da saúde. A análise realizada partiu do pressuposto de que a concepção de saúde desses profissionais encontra-se diretamente relacionada ao modelo clínico tradicional, vinculado originalmente à medicina. Conseqüentemente, as práticas desenvolvidas por esses profissionais centram-se neste modelo. A análise qualitativa dos dados revelou que a concepção de saúde destes profissionais centra-se no binômio saúde-doença, revelando que as práticas desenvolvidas privilegiam o modelo individual centrado na clínica.Com relação especificamente aos psicólogos verificamos que a centralização de sua formação no modelo clínico os tem levado a delinearem-se, no contexto da saúde pública, como, basicamente, profissionais de saúde mental, com poucas perspectivas de propostas e ações de intervenções que considerem o coletivo. Coletivo que traduzimos como a possibilidade de construção de projetos e ações em equipes interdisciplinares. Verificou-se que a formação profissional recebida na academia vem reforçando esta concepção. Concluímos que devem ser buscadas mudanças tanto na formação acadêmica quanto nos profissionais que já estão atuando na rede ambulatorial. Isto se pauta na preocupação com que sejam constituídas novas práticas alternativas que permitam atuar em saúde em uma perspectiva inter e multidisciplinar, materializando, nas relações cotidianas, um trabalho coletivo no sentido comunitário.

Palavras-chave: Práticas de saúde; Atuação do psicólogo; Modelos de intervenção

****

SAU 56

GRUPO DE DESENVOLVIMENTO PESSOAL COM ADULTOS E IDOSOS COM IDADE APARTIR DE 50 ANOS. *Cristiane Fiuza Cardoso; Vânia Rodrigues (Prefeitura Municipal De Uberlândia, Uberlândia-MG)*

A terceira idade, uma das fases do desenvolvimento humano, envolve uma série de perdas bio-psicossociais e suscita a necessidade de enfrentamento das perdas de antigas referências de vida, o que acaba abalando crenças, valores, hábitos e atitudes do idoso; que em confronto com a presença sucessiva de mudanças como o declínio do desempenho de atividades, a transformação da imagem corporal, perdas físicas e emocionais, interferências no desempenho sexual e na habilidade nos contatos sociais; conseqüentemente geram crise de identidade. Neste período da vida, em que o idoso percebe diminuídas suas possibilidades, é que pode advir a necessidade de apoio onde possa haver o resgate do equilíbrio emocional do idoso, para que com serenidade, ele possa utilizar seus conteúdos internos, na busca de uma adaptação às mudanças, e de um realinhar de sua identidade com menor sofrimento psíquico. Neste contexto, o CEAI – Centro Educacional de Assistência Integrada, que atende a adultos e idosos apartir de 50 anos de idade, elaborou este projeto objetivando: a) Dar possibilidade ao idoso de livre expressão de seus sentimentos e emoções, frente ao envelhecimento; b) Possibilitar o reconhecimento e a reflexão sobre suas emoções; c) Estimular a vitalidade afetiva e cognitiva, para que o idoso alcance o enriquecimento de sua vida interna, a partir da compreensão de seus conflitos. Inicialmente, o idoso é atendido no Serviço Social, onde é registrado seus dados pessoais e seu encaminhamento para atendimento psicológico. A consulta desta pesquisa levou à identificação dos pacientes que posteriormente participaram de uma entrevista individual, com duração de 50 minutos, objetivando o conhecimento da queixa principal dos pacientes e da sua história de vida, e posteriormente procedeu-se a triagem dos participantes, considerando-se as semelhanças dos casos, sendo assim formados dois grupos, com 15 participantes cada e todos com 50 anos de idade ou mais. Os encontros, que são conduzidos por uma psicóloga, têm duração de 1h e 30',

uma vez por semana durante seis meses, contando com utilização de técnicas de sensibilização, dinâmicas de grupo, textos, e debates entre os participantes, possibilitando a vivência e expressão das emoções e dos sentimentos, pelos pacientes, através de suas reflexões. Quando identificado a necessidade, procede-se a realização de atendimento psicoterapêutico individualizado, orientação a familiares e/ou encaminhamento do paciente para outros profissionais de saúde, conforme a gravidade do caso. As avaliações são realizadas ao término de cada encontro com a verbalização da percepção dos pacientes, e os resultados, se baseiam na identificação de significativas melhorias do ponto de vista psico-social , pela coesão dos participantes no grupo, pela perceptível melhora na auto estima dos idosos e pela demonstração do interesse dos mesmos por outras atividades oferecidas pela instituição.

Palavras-chave:

****

SAU 57

UM ESTUDO COMPARATIVO DE CRENÇAS ENTRE MULHERES UNIVERSITÁRIAS E DE BAIXA ESCOLARIDADE ACERCA DA PRÁTICA DO AUTO-EXAME DA MAMA. *Suy-Mey Carvalho de Mendonça Gonçalves*** e *Bartholomeu T. Tróccoli (Laboratório de Avaliação e Pesquisa em Psicologia - LabPAM - Universidade de Brasília - UnB, Brasília - DF)*

Os efeitos que as crenças exercem sobre a prática do auto-exame da mama são claramente comprovados na literatura, bem como, a percepção de que a origem dessas crenças nunca é satisfatoriamente estudada e nem determinada pelos grupos sócio-demográficos. Como conseqüência, as campanhas educativas atingem pouco ao universo cognitivo das mulheres e cada vez mais se evidencia que não é uma questão de passar a informação para se modificar o comportamento, mas sim, conhecer previamente mitos e crenças errôneas e combatê-los junto aos grupos populacionais. Nesse sentido, o presente estudo teve como objetivos, analisar e comparar dois grupos populacionais, mulheres de baixa escolaridade e estudantes universitárias, identificando as crenças negativas/barreiras e demonstrando a existência de relações significativamente associadas entre variáveis sócio-demográficas e conhecimento e prática do auto-exame da mama. Os dados foram coletados em uma amostra de 164 estudantes universitárias, com média de idade de 21,4 anos (DP = 4,29) e 150 mulheres freqüentadoras de ambulatórios públicos de ginecologia, na faixa etária de 17 a 68 anos, com média de idade de 30, 3 anos (DP = 9,60). O instrumento utilizado foi um questionário contendo questões abertas e fechadas sobre os conhecimentos do câncer de mama e do auto-exame da mama, meios de informações e itens sobre estilos de vida saudáveis. As análises constaram de categorização das crenças, uso de testes t e qui-quadrado, conforme a exigência da variável. As crenças negativas nas estudantes universitárias foram categorizadas em seis dimensões e nas mulheres de baixa escolaridade em nove dimensões. Os resultados demonstraram existir diferenças nas crenças negativas, ou seja, enquanto que para as estudantes universitárias as crenças se direcionam a aspectos de invulnerabilidade e suporte social do médico ginecologista, nas mulheres de baixa renda, não saber fazer o exame e não ter incentivo dos médicos foram as crenças mais freqüentes. Semelhanças foram encontradas nos dois grupos, no sentido de acreditarem que é melhor o médico fazer o exame clínico, do que elas se auto-examinarem. As mulheres que praticam o auto-exame e/ou possuem crenças positivas são mais velhas, casadas, católicas, de maior renda familiar, acreditam mais que o auto-exame pode ajudar a descobrir problemas na mama, conhecem mais fatores de riscos e por isso, bebem e fumam menos que as não-praticantes, possuem mais casos de câncer de mama na família, uma renda familiar menor e um maior conhecimento sobre si mesmas. Os resultados permitem concluir que, um trabalho para a desmistificação dessas crenças errôneas aqui levantadas, deve ser incentivado, junto àqueles que elaborem programas educativos/preventivos do câncer de mama, incluindo-se também informações relativas aos fatores de riscos para que as mulheres se conscientizem que são responsáveis por sua própria saúde e que podem adotar estilos de vida saudáveis para diminuírem os riscos de terem a doença, ou caso venham a tê-la, a encontrem no início, quando as chances de cura são muito altas.

Apoio Financeiro: CNPQ

Palavras-chave: Mulheres; Auto-exame da mama; Crenças

****

SAU 58

PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES DE PSICOLOGIA SOBRE O TRABALHO EM EQUIPES DE SAÚDE: UMA ANÁLISE PRELIMINAR COM A TÉCNICA DO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO. *Marangela de Oliveira Carmelli*** *(Pós Graduanda em Psicologia da Saúde UMESP, UNISA, S.P.); Jalusa Quagle (Professora do Curso de Pós Graduação em Psicologia da Saúde da UMESP e do Fisiopatologia Experimental da FMUSP, SP)*

O trabalho em equipe de profissionais da saúde vem sendo valorizado nos últimos anos dentro da proposição da humanização dos cuidados prestados ao paciente, visto como possibilidade de atendê-lo de maneira mais integrada. Paralelamente, observa-se na literatura um crescente interesse com esta forma diferente de abordar o paciente, enquanto em outros trabalhos investiga-se uma forma de ver diferentes possibilidades para o funcionamento da equipe. Os conceitos de interdisciplinaridade, transdisciplinaridade, multidisciplinaridade e equipe multiprofissional mesclam-se e imbricam-se

com a constituição mesma das equipes de trabalho e permeiam o imaginário do profissional de saúde. O que se observa é que as modalidades mais freqüentes de trabalho em equipe são a interdisciplinar e a multidisciplinar e para que haja eficiente troca de informações e integração do trabalho realizado a equipe deve lidar com as questões de grupo como liderança, conflitos e criar condições para o trabalho em equipe. Todavia, pouco se conhece a respeito do que pensam os profissionais que integram as equipes de saúde sobre seu funcionamento, vantagens e desvantagens. O objetivo do presente estudo foi investigar a percepção e o verificar qual o discurso de estudantes de quinto ano de psicologia sobre trabalho em equipe de saúde. A amostra estudada foi constituída por 34 alunos quintanistas de psicologia que já haviam realizado estágio em instituição de saúde no ano anterior e que responderam a um roteiro de questões com três perguntas abertas direcionadas para a definição de equipe e sua constituição. A análise dos dados coletados baseou-se na proposta da elaboração do Discurso do Sujeito Coletivo. Os resultados corroboram o reconhecimento pelos sujeitos de que o trabalho em equipe de saúde é fundamental tanto para a assistência integrada ao paciente como para o desenvolvimento da própria equipe, além de propiciar uma nova visão do paciente e da própria tarefa assistencial, possibilitando discussões e trocas de informações. Apesar do alto nível de idealização que se depreende do discurso, com ênfase nas qualidades e vantagens do trabalho em equipe, existe o reconhecimento do nível e da intensidade dos conflitos potencialmente gerados por este tipo de abordagem, juntamente com a percepção das dificuldades no desenvolvimento desta tarefa, ou seja, um trabalho que pode ser árduo ao haver comprometimento da dinâmica da equipe e conseqüentemente interferir nos resultados alcançados. Tais aspectos deveriam ser considerados no preparo e formação do estudante de psicologia para o trabalho em equipes de saúde.

Palavras-chave: Equipe; Interdisciplinaridade; Multidisciplinaridade

****

SAU 59

AIDS, VULNERABILIDADE E FORMAS DE ENFRENTAMENTO. *Lenara Nogueira Fioroni** (FMRP-USP), *Marco Antonio de Castro Figueiredo* (FFCLRP-USP)

A aids se apresenta como um fenômeno que coloca a sociedade frente às suas contradições, evidenciando a limitação médico-científica, a intolerância com a diferença, as várias formas de sexualidade trazidas para o discurso público e a possibilidade da morte. Atualmente vivemos outros desafios, como os maiores prazos de sobrevivência, a melhora da qualidade de vida dos portadores, o fenômeno de feminilização da epidemia e a transmissão vertical, que tem como conseqüência a aids pediátrica. Consideramos que a vulnerabilidade à infecção pelo HIV, não se resume aos comportamentos de risco ou à falta de informação, mas passa também pelas condições de vida e das formas com que as sociedades se organizam para manutenção das condições de existência das pessoas. Tais aspectos irão moldar as respostas sociais, as respostas individuais, as formas de interpretação da doença, que também irão incidir sobre as formas de enfrentamento ao convívio com o HIV/aids. O presente trabalho foi realizado na cidade de Ribeirão Preto, SP, com adultos que vivem com HIV/aids, tendo como objetivo estabelecer um quadro característico dos recursos individuais e sociais para lidar com a infecção pelo HIV. Participaram do estudo 20 pessoas contaminadas pelo HIV, sendo 10 soropositivos assintomáticos e 10 pessoas que já desenvolveram aids. Utilizou-se como instrumentos de investigação: 1. Entrevistas de anamnese, afim de obter os dados pessoais e a história de contaminação; 2. Protocolo de Necessidades e Motivações, especialmente criado para o estudo; 3. Entrevistas semi-estruturadas, para avaliar as representações acerca do convívio com HIV/aids. Os dados do Protocolo de Necessidades e Motivações foram usados com base no cálculo de diferença de proporções (Zp), utilizando como critério para rejeição da hipótese de igualdade $p<.01$. Os dados das entrevistas foram agrupados em categorias temáticas para cada grupo. Considerando os dados gerais, os resultados apontaram para as condições de sobrevivência, o equilíbrio emocional e a possibilidade de convívio social como as principais áreas afetadas pela aids. O processo de estigmatização foi verificado em todas as análises, confirmando perdas no campo pessoal, familiar e social. Especificamente para as pessoas assintomáticas observou-se a presença marcante de sentimentos antecipatórios sobre a evolução do quadro clínico. Ressaltamos um dado significativo que revela estreita relação entre duas categorias de enfrentamento, o trabalho e a maternidade. Observou-se que para todas as mulheres, a maternidade, como forma de enfrentamento da aids, representa uma conquista relacionada à sobrevivência individual, a passo a ser um elemento fundamental para a definição da identidade social dessas mulheres de baixa renda.(CAPES)

Palavras-chave: Aids; Formas de Enfrentamento; Maternidade

****

SAU 60

A CONSTRUÇÃO DO ADOLESCER MASCULINO E O USO DO PRESERVATIVO. *Calegar Sabde Nogueira da Silva Júnior, Alves Bezerra *, Leonardo Medeiros Martins ** (Universidade Federal do Rio Grande do Norte/Universidade Estadual do Rio de Janeiro-Instituto de Medicina Social - Mestrado Interinstitucional)

Este trabalho apresenta uma reflexão que busca compreender em que medida o processo de construção do adolescer masculino — o "ser homem" — se relaciona com as dificuldades dos adolescentes para adotarem o uso do preservativo. A camisinha, ou preservativo, recurso para proteger o sexo penetrativo mais apropriado para o adolescente, é pouco utilizado. Investigar os significados subjetivos e intersubjetivos da conduta sexual desses adolescentes, as representações construídas sobre seus corpos e as representações sociais do preservativo foram questões perseguidas na busca desse entendimento, bem como resgatar o simbolismo da Aids e problematizar a adolescência. O percurso trilhado para a reflexão teórica percorreu junto com a busca constante de decifrar a fala dos garotos, o itinerário de vários saberes, como Construtivismo Social, Antropologia, Sociologia, estudo da Sexualidade Humana, a literatura crescente em torno da masculinidade. Por vezes o discurso teórico foi sobressaltado pelo diálogo com a arte, a música, e principalmente o cinema. Portanto, Compreender a construção do adolescer masculino e sua possível relação com a adoção ou não de estratégia de prevenção ao HIV /AIDS, especialmente o preservativo, exigiu um caminho que facilitasse o alcance dos significados subjetivos vivenciados pelos adolescentes. Este caminho foi promovido pela metodologia qualitativa. Utilizamos vários recursos, como fonte de informação, privilegiando a entrevista em profundidade com roteiro, seguida de oficinas com utilização de dinâmicas projetivas. A utilização de vários instrumentos objetivou à compreensão em profundidade e a maior segurança na análise interpretativa. Com o intuito de aprofundar dados, confrontar percepções, valores e driblar o racional tão presente nos discursos, é que nos valemos nas oficinas, de dinâmicas projetivas, como associação livre, desenhos e fantasia dirigida. Os sujeitos da pesquisa são 15 adolescentes do sexo masculino, na faixa etária entre 15 anos e 24 anos, residentes em Natal - RN, escolhidos em situação de contexto socioeconômico e cultural, e grau de escolaridade. A escolha de adolescentes/jovens nessa faixa etária se justifica pelo fato de que o período entre 15 a 19 anos, representa o início médio da vida sexual dos adolescentes e o período entre 20 a 24anos, corresponde ao início médio da vida conjugal. No decorrer do trabalho foi possível perceber que o aprendizado recebido pelos adolescentes/jovens contribuem para elaboração de um roteiro sexual de relações, responsável por padrões rígidos, pela divisão arbitrária do locus dos sentimentos e emoções; compreensão de fatores que demonstram a não naturalidade da masculinidade; e a identificação de quanto esta população se encontra especialmente vulnerável à infecção pelo HIV/Aids. Trilhamos um caminho que nos levou a constatação de uma construção dominantemente desumana do masculino, e ouvimos vozes internas e externas que nos sinalizaram algumas pistas quanto à distância entre intenção e gesto, no que se refere ao uso do preservativo, processo inaugurado durante a construção da masculinidade e herdeiro de uma racionalidade dicotômica e intolerante.

Palavras-chave: Masculinidade; Adolescência; Preservativo

****

SAU 61

GRAVIDEZ INOPORTUNA: CARACTERÍSTICAS SÓCIO-DEMOGRÁFICAS E PSICOLÓGICAS COMO RISCO PARA CONSEQÜÊNCIAS EMOCIONAIS ADVERSAS EM MÃES ADOLESCENTES (1999/2000). *Adriane Reis Soares**, *Maria do Carmo Leal* (ENSP - FIOCRUZ; Rio de Janeiro, RJ); *Silvana Granado Nogueira da Gama* (ENSP - FIOCRUZ; Rio de Janeiro, RJ)

Com o objetivo de Investigar as características sócio-demográficas, psicológicas e familiares de puérperas adolescentes e as conseqüentes repercussões da gestação em seu estado emocional foi realizado este estudo dentro da Linha de Pesquisa "A gravidez na adolescência como variável explicativa do baixo peso ao nascer e outros efeitos adversos no recém nascido em maternidades do município do Rio de Janeiro", que constitui um subprojeto do "Estudo da Morbi-mortalidade e da Atenção Peri e Neonatal no Município do Rio de Janeiro", realizado no período entre julho de 1999 a março de 2001 pelo Departamento de Epidemiologia e Métodos Quantitativos em Saúde da Escola Nacional de Saúde Pública – FIOCRUZ em convênio com a SMS/RJ. A população a ser estudada foi constituída de 1200 mães adolescentes entre 10 a 19 anos de idade, entrevistadas no pós-parto imediato em maternidades do Município do RJ. Os estabelecimentos de saúde foram selecionados através da estratificação segundo características de risco neonatal (proporção de nascimentos com peso < 2500g), formando-se três estratos, sendo constituídos: Estrato 1- 12 maternidades públicas municipais e federais; Estrato 2 - 10 maternidades conveniadas, filantrópicas, militares, estaduais e universitárias; Estrato 3 - 32 maternidades privadas. Trata-se de uma pesquisa quantitativa e optou-se pela realização de um estudo descritivo do tipo transversal. Os dados encontrados na análise do primeiro estrato (541 puérperas) refletem que a ausência de cuidados quanto à gestação, a ausência de apoio familiar e baixo nível de escolarização das adolescentes mostraram-se como fatores de risco para a presença de uma autovalorização negativa, uma baixa expectativa em relação ao futuro e um alto nível de estresse emocional durante a gestação. O teste estatístico Qui-quadrado foi utilizado para avaliar a homogeneidade de proporções entre as variáveis dependentes e independentes ao nível de significância de 5%. Para estimar a associação entre as variáveis foi utilizada a Odds Ratio (OR) e respectivos intervalos de confiança. A partir destes resultados foram selecionadas variáveis para compor modelos de regressão múltipla para identificar a contribuição independente de cada uma das variáveis considerando o efeito das co-variáveis na explicação da auto-

valorização negativa, havia expectativa em relação ao futuro e nível de estresse emocional. As análises relativas ao 2º e 3º estrato encontram-se em andamento e estarão disponíveis por ocasião da Reunião. Os resultados encontrados até então justificam a demanda por uma política de saúde voltada efetivamente para a prevenção da gravidez na adolescência, viabilizando através de diferentes ações preventivas e do desenvolvimento de pesquisas científicas sobre as múltiplas faces da questão e da ampliação das ações do pré-natal, quando a prevenção não for possível, que englobem também aspectos psicológicos e sociais das gestantes de modo que se venha uma contribuição efetiva para o enfrentamento desse relevante problema de saúde pública.
Palavras-chave: Gravidez; Adolescência; Características Emocionais

---

SAU-62
VULNERABILIDADE FEMININA E HIV. *Ana Alayde Werba Saldanha*; Marco Antonio de Castro Figueiredo (FFCLRP - USP; Ribeirão Preto, SP)
Com o objetivo de compreender como a mulher soropositiva convive com o HIV no seu cotidiano à luz das relações sociais de gênero e as consequentes repercussões no processo saúde-doença, foi realizado este estudo - em duas etapas - como parte do Projeto de Atendimento Psicossocial à AIDS desenvolvido junto à FFCLRP-USP. A primeira etapa consistiu da realização de 12 sessões de grupos na sala de espera do Ambulatório de Moléstias Infecto-Contagiosas de Ginecologia e Obstetrícia - AMIGO, HCFMRP-USP, com a participação de 160 mulheres, das quais 66 portadoras do HIV. Os conteúdos levantados foram analisados por temas no sentido de verificar os principais elementos da vulnerabilidade feminina e seus desdobramentos na vida da mulher. Os conteúdos prevalentes foram agrupados nas seguintes Categorias Temáticas segundo o significado: Prevenção, Relações Conjugais; Questões de Gênero. Pôde-se assim constatar a tendência à heterodisseminação e feminização da epidemia da AIDS, bem como a vulnerabilidade da mulher determinada pelos papéis de gênero. Tais resultados auxiliaram a realização da segunda etapa da pesquisa, constando de entrevistas individuais com mulheres soropositivas, abordando a vulnerabilidade feminina e suas construções para fazer frente às condições ditadas pela soropositividade ao HIV. Trata-se de uma pesquisa descritivo-exploratória e de natureza qualitativa. Foram entrevistadas, através da técnica da História de Vida, 11 mulheres soropositivas, com média de idade de 26 anos (DP=4,8), contaminadas por via sexual pelo parceiro em relacionamento afetivo estável. Os dados foram tratados através da técnica de Análise de Conteúdo, segundo Bardin. A análise dos resultados demonstra que a percepção do risco e práticas de prevenção não fizeram parte da vida dessas mulheres antes da contaminação. Os cuidados com a saúde só ocorriam em casos de alguma preocupação, com a ocorrência de sintomas ou pré-natal. Entretanto, observa-se que o maior agravante da vulnerabilidade é evidenciado pelas limitações no espaço de suas relações pessoais, principalmente ao que se refere à conjugalidade. Essas observações tornam relevantes estudos sobre a dinâmica das relações afetivas, que configuram um sistema social relativamente autônomo e auto-regulado, onde as medidas preventivas são percebidas como externas ao sistema vigente. Os resultados do presente estudo reforçam a convicção de que a sociedade e seus dirigentes devem efetivamente voltar seus esforços para garantir a consolidação dos programas de atenção à saúde da mulher, considerando não apenas os aspectos clínicos e epidemiológicos da epidemia, mas também de que entre estas direções devem-se levar em conta as avaliações acerca das possibilidades de risco estarem baseadas em múltiplas racionalidades, que são dependentes de situações e contextos específicos. Nesse sentido, enfatizamos a importância da escuta a essas mulheres, com base na implantação de pronto-atendimento e suporte psicológico no atendimento multidisciplinar nos Serviços de Saúde destinados à assistência da mulher. (CAPES)
Palavras-chave: HIV; Vulnerabilidade; Gênero

SAÚDE MENTAL

SM 01

ESTUDO TRANSCULTURAL DO COMPORTAMENTO ASSERTIVO DE PSICÓTICOS *Marina Bandeira, Elaine Loureiro Machado* e Edneia Aparecida Pereira (Laboratório de Pesquisa em Saúde Mental, Fundação de Ensino Superior de São João Del Rei, São João Del Rei - MG)*

A reinserção social de pacientes psiquiátricos requer o treinamento das habilidades sociais, em particular, de comportamentos assertivos, necessários para suas interações sociais na comunidade. Este treinamento se faz necessário devido aos déficits de funcionamento social destes pacientes, como mostram inúmeras pesquisas na área. Esta pesquisa visa identificar dificuldades específicas da assertividade de pacientes psicóticos, em comparação com seu grupo de referência na comunidade. A amostra desta pesquisa foi constituída por 70 sujeitos, sendo 35 pacientes psiquiátricos desinstitucionalizados (CID 295 e 298) e 35 sujeitos não-clínicos, de 18 a 55 anos de idade, de nível sócio-econômico baixo, habitantes do mesmo meio geográfico. Os sujeitos interagiram com um interlocutor em 4 situações de desempenho de papéis, envolvendo dificuldades sociais cotidianas, gravadas em vídeo. Variou-se o tipo de situação e o gênero do interlocutor. Dois juízes treinados observaram e cotaram os sujeitos usando quatro medidas de assertividade: hierarquia de assertividade e submissão, freqüência e duração de silêncios. Os resultados mostraram que o Grupo Clínico (GC) e o Grupo Não-Clínico (GNC) foram mais assertivos verbalmente ao fazerem do que ao receberem críticas e ao interagirem com um interlocutor masculino. Cada grupo apresentou menor latência, tom de voz mais modulado, maior duração da fala e de contato visual nas situações de fazer crítica. Os dois grupos olharam mais tempo para o interlocutor feminino. O GNC falou mais com o interlocutor masculino e o GC não apresentou variações significativas. Os pacientes apresentaram afeto mais apropriado com interlocutor feminino, o GNC não apresentou variações significativas. Os pacientes apresentaram menor grau de assertividade e maior submissão. Os dois grupos foram mais assertivos e menos submissos ao fazerem crítica. Os pacientes permaneceram mais tempo em silêncio ao receberem do que ao fazerem críticas, o que não ocorreu com o grupo GNC. O GNC foi mais assertivo e menos submisso com o interlocutor masculino e o GC apresentou poucas variações. O GC permaneceu mais períodos em silêncio diante do interlocutor feminino. Pode ser observado que quanto maior a assertividade verbal, menor submissão, menor a duração e freqüência dos silêncios. Os dados obtidos no contexto brasileiro replicam outras pesquisas internacionais: os pacientes necessitam de treinamento de assertividade para a reinserção social. É necessário estudar as características do grupo de referência dos pacientes na comunidade para o feito de programas de reinserção social de doentes mentais.

Palavras-chave: Desinstitucionalização; Assertividade; Competência Social

SM 02

AVALIAÇÃO EXPLORATÓRIA DO MODELO ATUAL DE ATENÇÃO À SAÚDE MENTAL DO SUS EM BELO HORIZONTE E BETIM. *Cornelis Johannes van Stralen, Juliana de Carvalho Reis*, Marleide Marques de Castro**, Vanessa Helena Fernandes de Oliveira* (Programa de Pós-Graduação em Psicologia/ UFMG. Belo Horizonte/MG)*

A atenção à Saúde Mental caracteriza-se hoje pela emergência de novas normas legais e pela criação de uma rede de serviços substitutivos ao hospital psiquiátrico. Para aperfeiçoar esta rede, torna-se necessário avaliar os serviços. Até pouco tempo, encontramos em Minas Gerais estudos esparsos e fragmentários sobre aspectos dos serviços de saúde mental. Entretanto, desde 1998 o Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFMG possui uma linha de pesquisa de avaliação dos serviços de Saúde, da qual a saúde mental é uma sub-linha. Dentro dessa linha alguns mestrandos investigam diversos aspectos do programa de saúde mental em Betim e Belo Horizonte, com o objetivo de realizar uma Avaliação exploratória do modelo atual de atenção à saúde mental do SUS, tais como a avaliação de usuários e familiares e referenciais ideológicos dos trabalhadores de saúde mental. Para subsidiar estas investigações foi realizado um estudo sobre a estrutura e o processo dos serviços de saúde mental. Todos os Centros de Referência em Saúde Mental em Belo Horizonte e Betim foram incluídos. Dados foram coletados através de entrevistas com os gerentes dos serviços, de consulta a documentos oficiais e aos sistemas de informação, de observações e de contatos informais com usuários e profissionais dos CERSAM's. Foram coletados os seguintes dados: informações a respeito da história dos serviços, as características do modelo técnico assistencial (diretrizes e normas, formas de acolhimento, atendimento e encaminhamento); número de profissionais, carga horária e funcionamento das equipes; horários de funcionamento, características das instalações; número de pessoas atendidas, atividades não rotineiras. Embora a estrutura e o funcionamento dos serviços em ambos os municípios são bastante semelhantes, há uma diferença fundamental. Em ambos os municípios a rede de serviços de saúde mental compõe-se de Centros de Referência em Saúde Mental, Centros de Convivência e Centros de Saúde com atendimento em saúde mental, além de Centros de referência em saúde mental para crianças e adolescentes. Entretanto, em Belo Horizonte funcionam apenas 4 dos 9 CERSAM's previstos e nenhum destes em regime de 24 horas diárias. Aliado a mecanismos de oferta de leitos psiquiátricos, isto provavelmente explica o número grande de internações em Belo Horizonte (em torno de 5000 internações por ano) contra a ausência quase total de internações em Betim. Quanto ao processo de trabalho, chama atenção que em ambos os municípios os profissionais das equipes multidisciplinares - psiquiatras, psicólogos, assistentes sociais, enfermeiros e terapeutas ocupacionais - compartilham as mesmas tarefas, com exceção da medicação que continua sendo prerrogativa dos médicos (psiquiatras). Se tal definição possa garantir a interlocução de vários olhares sobre a loucura e a quebra da hegemonia do saber psiquiátrico nesse campo, parece implicar também a ausência de atividades voltadas especificamente para a (re)inserção social das pessoas com transtornos mentais.

Apoio FAPEMIG

Palavras-chave: Serviços de saúde mental; Reforma psiquiátrica; Equipes multidisciplinares

SM 03

PROGRAMA DE ATENDIMENTO A PORTADORES DE TRANSTORNOS DEPRESSIVOS *Adriana Onofre*; Ejivio Vicente, Lilian Cristina Schulze* (Unidade de Psiquiatria do Hospital de Caridade, Florianópolis, SC)*

A depressão maior, condição psicopatológica que cada vez mais tem despertado interesse e atenção por parte da população em geral e dos profissionais de saúde, acomete pelo menos 5% da população mundial. No estado de Santa Catarina, levando-se em conta os dados do último senso populacional, teríamos aproximadamente 262.750 acometidos para um total de 5.255.000 habitantes. Diferentemente da tristeza comum ou das reações de adaptação, o transtorno depressivo é uma condição caracterizada por um comprometimento de longa duração (no mínimo duas semanas) com tristeza ou irritabilidade na maior parte do dia. Geralmente se acompanha de alterações de sono e apetite, idéias de culpa ou desvalia, lentificação psicomotora, isolamento social e ideação suicida entre outros sintomas. O portador de transtorno depressivo apresenta grande sofrimento pessoal que se estende aos familiares e relacionamentos sociais. São situações associadas à depressão, altos índices de absenteísmo, falhas em atingir metas profissionais e acadêmicas e grande comorbidade com doenças clínicas ou psiquiátricas; o que gera custos significativos à economia e à saúde pública. Nas últimas décadas, acompanhamos o surgimento de novas terapêuticas medicamentosas e a especialização progressiva das técnicas psicoterápicas e de manejo social. Entretanto, os pacientes costumam procurar profissionais de diferentes formações, muitas vezes concomitantemente, na busca de tratamento, em sua maioria clínicos gerais, sem que tenham integrados os diversos conhecimentos para seu benefício, justamente porque os sintomas depressivos muitas vezes não conseguem ser devidamente detectados. No Brasil e, sobretudo, no estado de Santa Catarina, há uma carência de serviços especializados no diagnóstico e tratamento da depressão. Nosso objetivo é reunir de forma sistemática e otimizada recursos terapêuticos comprovadamente eficazes na abordagem desta patologia e condições associadas. O trabalho interdisciplinar que é proposto pela equipe da Unidade de Psiquiatria do Hospital de Caridade, visa otimizar o processo diagnóstico selecionando adequadamente os casos, indicar as terapêuticas mais adequadas a cada situação – como por exemplo, psicofarmacoterapia, psicoterapia individual, de grupo ou familiar, intervenções psicoeducativas, arte-terapia, acompanhamento nutricional e atividades físicas - e dar continuidade ao tratamento de longo prazo. Entendemos que esta abordagem pode criar uma cultura que favoreça o entendimento da depressão como doença real e tratável, diminuindo o sofrimento e o estigma de seus portadores. O atendimento psiquiátrico especializado por patologias é uma tendência mundial em serviços universitários ou em centros de referência e tem representado economia significativa de recursos financeiros, de tempo dos profissionais envolvidos e maior resolutividade com melhora importante da qualidade de vida dos portadores de depressão e de seus familiares. A proposta abarca a união de diferentes conhecimentos acerca da patologia, contribuindo para a visão holística e ao tratamento do indivíduo como um todo, considerando aspectos biológicos, psíquicos e sociais do mesmo.

* Graduandas do curso de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina.

Palavras-chave: Transtornos depressivos; Equipe Interdisciplinar; Protocolo atendimento

SM 04

PROGRAMA PSICOEDUCACIONAL DE TRANSTORNOS DEPRESSIVOS. *Lilian Cristina Schulze*. (Laboratório de Psicologia do Trabalho, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC)*

A depressão acomete cerca de 15-20% da população mundial e acarreta grande sofrimento psíquico ao portador e familiares e/ou amigos, bem como custos conseqüentes de altos índices de absenteísmo, hospitalizações e tratamentos. Desta forma, cada vez mais verifica-se a necessidade de se encontrar meios eficazes para o tratamento bem como prevenção à depressão. Para cooperar e até mesmo procurar tratamento o paciente deve estar ciente do processo de adoecimento e ter um espaço reservado à troca e comunicação sobre suas dúvidas acerca de sua patologia bem como de seu tratamento, auxiliando no desenvolvimento de uma nova forma de relacionar-se com sua doença compondo a tríade educação, profilaxia e intervenção. A família e/ou amigos exercem fundamental papel no tratamento do paciente, sendo extremamente

importante trabalhá-los também, para devidamente informados e conscientizados de seu papel, todos, inclusive a comunidade, têm muito a contribuir para a adesão do paciente ao tratamento e a prevenção de reincidências. Há estudos que demonstram que o indivíduo com depressão possui predisposição genética e desenvolve a doença a partir de algum fator estressante, como uma doença física, dificuldades financeiras e de relacionamento familiar, uma perda (morte de um ente querido, separação conjugal, perda do emprego, etc.) ou qualquer outro evento que seja considerado estressante pelo paciente. A proposta é orientar o portador de transtorno depressivo, familiares e/ou amigos e comunidade em geral com relação ao sofrimento psíquico e sua condição de saúde. Dessa forma, o trabalho de Psicoeducação, ou "educação psicológica" possui dois principais objetivos: oferecer informações a respeito da doença e tratamento adequado ao transtorno depressivo e trabalhar com o significado dado por cada participante às informações recebidas, possibilitando a (re) significação do trabalho e atividade ocupacional na vida do sujeito portador de transtorno depressivo e melhoria da qualidade de vida do portador e sua família. O projeto é composto por duas estratégias: clínica e organizacional. A primeira envolve atendimentos individuais e grupos de pacientes e/ou familiares no ambulatório do hospital universitário em Florianópolis. Já a segunda, abrange o debate através de palestras e seminários às empresas, sindicatos e associações de trabalhadores da cidade, à comunidade e profissionais da saúde. O conhecimento e a partir de refletir criticamente sobre o cotidiano de vida e trabalho é o primeiro exercício para que se possa efetivar ações que alterem o contexto de altos índices de depressão na população geral. Conhecer e compreender os quadros psicopatológicos associados à depressão assim como a reflexão crítica acerca da depressão enquanto fenômeno também sócio-cultural e não apenas biológico ou psicológico.

* Graduanda do curso de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina

Palavras-chave: Depressão; Psicoeducação; Aspectos biopsicossociais

---

SM 05

CASA DAS PALMEIRAS: UMA EXPERIÊNCIA PIONEIRA EM REABILITAÇÃO PSIQUIÁTRICA. *Rosa Maria Santos Gonzaga*, Marcelo da Cruz Brasil** e Mônica Ribeiro de Souza**** (Casa das Palmeiras, Rio de Janeiro - RJ)

O objetivo deste trabalho é apresentar a experiência em Saúde Mental realizada pela Casa das Palmeiras na reabilitação de esquizofrênicos. Fundada em 1956 por Nise da Silveira, a Casa das Palmeiras é pioneira no cuidado a esse tipo de clientela. Os objetivos do trabalho da instituição são evitar reinternações, diminuir ao máximo o uso de medicamentos psicotrópicos e mediar o processo de reinserção social e familiar do cliente. Almejando esses fins, propõe-se a realização de atividades expressivas que disponibilizam imagens oriundas do inconsciente do cliente, o que analisadas em série a partir de uma metodologia original e própria baseada nos estudos de C.G.Jung e de Nise da Silveira, proporcionam uma compreensão da dinâmica de seu processo de desenvolvimento psíquico. Esse método pode ser encontrado nas obras de Nise da Silveira. Paralelamente, existe a Psicologia Junguiana como referencial teórico na compreensão da esquizofrenia, tendo como ponto de apoio seus conceitos básicos como: inconsciente coletivo, arquétipos e símbolos. Estes conceitos estão presentes em toda a obra de C.G.Jung. Atualmente a Casa das Palmeiras funciona atendendo a 45 clientes em regime de externato oferecendo atividades em 7 tipos de ateliês, atividades de grupo e outras atividades extras. O pôster a ser exposto tem como objetivo apresentar a instituição, seu método terapêutico particular, proporcionar uma avaliação de seus resultados tendo em vista seus objetivos fundamentais e situar seus valores fundamentais no contexto atual da saúde mental. Com o intuito de alcançar os objetivos acima propostos recorremos aos registros ambulatoriais que a instituição possui, onde obtivemos dados acerca das dosagens de medicamentos e das internações, bem como dos registros sobre a situação da relação do cliente com sua família e a sociedade. Para complementar esse último conjunto de dados analisamos as informações referentes a essas relações junto às pessoas envolvidas na condução da situação (a família, o cliente e o corpo técnico da instituição). A partir dos dados obtidos, constatamos que a Casa das Palmeiras tem alcançado uma redução do uso de medicamentos em 75% dos clientes, a evitação de internação em 85% dos mesmos e a reconfiguração da relação entre o cliente, a família e a sociedade, gerando mais confiança e expressividade no meio familiar e social. Quanto à contextualização constatamos que os valores da Casa das Palmeiras se assemelham em muitos pontos com os valores da Reforma Psiquiátrica. À guisa de conclusão entendemos que a Casa das Palmeiras está plenamente inserida no contexto da Saúde Mental atual com sua política de atendimento em regime de externato, buscando a reabilitação pelos métodos terapêuticos alternativos, onde os clientes podem, pelo trabalho contínuo, gradativamente reduzirem o uso de medicamentos psicotrópicos, evoluindo para um estágio em que eles possam atingir uma estabilidade interna que os possibilite retomar suas vidas e suas atividades.

Palavras-chave: Esquizofrenia; Psicologia Junguiana; Terapia Ocupacional

---

SM 06

CARACTERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO QUE PROCURA O SERVIÇO DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO - SÃO PAULO. *Profª. Drª. Rita Aparecida Romero e Profª. Drª. Cláudia Garcia Capitão* (Universidade São Francisco - São Paulo)

Nos última década tem sido cada vez mais evidenciada a preocupação dos serviços de saúde mental, principalmente clínicas-escola e instituições de ensino, na busca da caracterização de sua clientela, visando direcionar suas modalidades de avaliação e atendimento à demanda existente, bem como avaliar a eficiência dos serviços oferecidos. A clínica-escola objetiva por um lado atender a demanda por serviços psicológicos da comunidade na qual se insere e por outro lado treinar e instrumentalizar os alunos dos últimos anos do curso de Psicologia na realização em serviço, sob supervisão. A caracterização da clientela possibilita um mapeamento dos atendimentos realizados, além de fornecer indícios de outras modalidades de atendimento que necessitariam serem implantadas, visto que as clínica-escola em estudo, até o ano de 2000 somente eram oferecidos atendimentos em psicoterapia breve para todas as faixas etárias. O presente estudo objetivou caracterizar a clientela que buscou atendimento psicológico na clínica-escola da Universidade São Francisco - Campus de São Paulo, no período de 1995 a 2000, em função do gênero, faixa etária e escolaridade. Através de uma metodologia retrospectiva-documental, por meio de consulta aos prontuários clínicos e às fichas de triagem, procedeu-se ao levantamento dos 990 pacientes atendidos nesse período. Os dados foram analisados por meio da freqüência de ocorrência. Quanto ao gênero predominou o atendimento a pacientes do sexo feminino (57,6%), que variou de acordo com a faixa etária. Na infância ao início da adolescência observou-se uma predominância do sexo masculino (65,3%), sendo que na faixa entre 15 e 19 anos observou-se uma predominância do sexo feminino na ordem de 63,6%, e após os 20 anos de 76,2%, podendo-se constatar que após os 15 anos houve uma predominância de pacientes do sexo feminino que buscaram atendimento psicológico. Quanto à escolaridade, na faixa etária até 14 anos predominou o nível I° Grau Incompleto (77%), dos 14 aos 19 anos o nível II° Grau Incompleto (37,8%) e para os adultos o II Grau (26,6%) e o Superior Incompleto (27,8%). Dos 990 pacientes, 42% pertenceram a faixa-etária de 4-14 anos, 7,5% de 15- 19 anos e 50,5% acima de 20 anos. A maior demanda foi de pacientes adultos do sexo feminino, seguida de infantes até 14 anos de pacientes do sexo masculino. O adolescente procurou em menor proporção a clínica escola, provavelmente em decorrência da dificuldade dessa faixa etária perceberem-se como necessitando de ajuda psicológica. O nível de escolaridade dos adultos parece estar associado ao fato dos alunos da própria universidade buscarem atendimento e ao fato da clínica localizar-se no bairro do Pari, que é um bairro de contrastes.

Palavras-chave: Caracterização da clientela; Clínica-escola; Atendimento psicológico

---

SM 07

ADESÃO À TERAPIA ANTI-RETROVIRAL: ANÁLISE QUALITATIVA DE ENTREVISTAS COM PROFISSIONAIS DE SAÚDE DO RIO DE JANEIRO, RJ

Mônica Siqueira Malta e Sonia Alberti* (Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, Rio de Janeiro, RJ)

Introdução: Desde 1996, com o uso da terapia anti-retroviral (ARV), vem ocorrendo uma mudança no perfil de morbi-mortalidade da infecção pelo HIV/AIDS no Brasil. A adesão do paciente à terapia é fundamental, pois a sua não adesão está relacionada com o desenvolvimento de resistência viral, conseqüente falha terapêutica e surgimento de cepas mais multi-resistentes. A presente pesquisa realizou entrevistas abertas com médicos envolvidos no atendimento a pessoas vivendo com HIV/AIDS. O objetivo foi verificar se existem aspectos relacionados à relação médico/paciente e paciente/serviço de saúde que possam influenciar a maior ou menor adesão à terapia ARV.

Metodologia: Foram selecionados serviços de saúde, que possuem atendimento multidisciplinar - considerados de referência para a assistência ao HIV/AIDS - no Rio de Janeiro. Foram entrevistados 10 médicos e a participação foi voluntária. Cada participante assinou um termo de consentimento livre e esclarecido, para atender à Resolução 196 de 10/10/96 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde. O instrumento utilizado para as entrevistas foi o modelo de entrevista não-diretiva, concebido como meio de aprofundamento qualitativo para uma investigação. Os dados qualitativos foram analisados mediante a técnica de análise de conteúdo. Esta técnica consiste em descobrir núcleos de sentidos presentes nas entrevistas e comparar a freqüência com que aparecem nas diversas entrevistas realizadas. A análise dos dados foi considerada para o conjunto dos serviços.

Resultados: A análise qualitativa das entrevistas semi-estruturadas mostrou que:

Há maior adesão à terapia anti-retroviral, segundo os médicos, quando estes demonstram respeito e atenção pelo paciente; valorizam o espaço de escuta na consulta; orientam com linguagem acessível, estabelecem uma relação baseada no diálogo; conhecem a história de vida de cada paciente. A adesão à terapia anti-retroviral é menor, segundo os médicos, quando estes demonstram distanciamento e superioridade frente ao paciente; não valorizam o espaço de escuta da consulta; utilizam linguagem não adequada ao universo cultural do paciente; a fala costuma ser não só assimétrica, mas quase um monólogo; não conhecem a história de vida de cada paciente.

Discussão: Uma limitação fundamental da pesquisa é que esta não entrevistou os pacientes ou analisou dados objetivos (prontuários, exames), permitindo cotejar informações. Porém, após termos analisado as entrevistas deduzimos que os seguintes fatores são facilitadores da adesão à terapia anti-retroviral: (1) o relacionamento com profissionais de saúde baseado no diálogo e é muito importante, (2) é mais fácil superar dificuldades quando não existem falhas na comunicação entre profissionais de saúde e paciente. (3) o apoio psico-social (ex: grupos terapêuticos, assistência social) ao paciente facilita a continuidade; (4) a comunicação do estado sorológico para família e companheiros pode auxiliar a adesão, (5) a percepção da pessoa em relação à doença influencia a adesão: a maior adesão implica na percepção pessoal de susceptibilidade ao adoecimento/severidade da doença e na compreensão dos benefícios do tratamento, (6) problemas quanto à aderência passam por dificuldades relacionadas ao estilo de vida e ao estigma da doença. (7) a reconstrução da auto-imagem é determinante da maneira pela qual a pessoa se cuida ou deixa de se cuidar.

Agências Financiadoras: CNPQ & UERJ
Palavras-chave: AIDS; Terapia anti-retroviral; Adesão

*****

SM 08
HISTÓRIAS DE VIDA DE FAMILIARES DE PORTADORES DE SOFRIMENTO MENTAL. *Renata Fabiana Pegoraro*** e *Regina Helena Lima Caldana (Departamento de Psicologia e Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP)*

A atual política brasileira de saúde mental incentiva a criação de serviços alternativos ao modelo asilar, visando desospitalizar pacientes moradores e evitar institucionalizações. Esta perspectiva coloca a família na posição de também ser incluída no tratamento de modo a proporcionar suporte ao membro doente, ou para receber ela mesma cuidados específicos. Nesse contexto este trabalho é parte de um projeto voltado para a investigação das histórias de vida de familiares cuidadores de doentes mentais, da visão destes cuidadores a respeito das causas e conseqüências da doença mental, do modo pelo qual o doente é visto pela família e das dificuldades encontradas no seu cuidado. Foram entrevistados 9 familiares de pacientes de um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) de um município do interior do Estado de São Paulo, sendo que cada um foi identificado pela equipe como cuidador informal de um usuário, com disponibilidade para fornecer entrevista longa, gravada, mediante sigilo de identificação. As entrevistas foram realizadas segundo um roteiro semi-estruturado composto por: 1) Dados de caracterização do entrevistado; 2) História de Vida Temática (narrativa da história de vida dos entrevistados seguida de questões temáticas sobre o cotidiano familiar). O presente trabalho tem como objetivo apresentar os dados referentes às histórias de vida e, dentro delas o significado que a doença mental tem. As entrevistas foram transcritas literalmente e analisadas qualitativamente; a partir de leituras exaustivas e repetidas, tendo como pano de fundo o diário de campo, chegou-se à sistematização de categorias centrais de análise. Os resultados indicam que a maior parte dos cuidadores são mães, casadas ou viúvas, com primário incompleto, idade média de 62 anos, praticantes das religiões católica ou evangélica. A infância foi vivida junto aos pais e irmãos, em fazendas nos arredores do município onde hoje residem. Desde muito jovens (7 a 10 anos) dedicaram-se ao trabalho na lavoura. O casamento com o(a) primeiro(a) namorado(a) é comum, sendo o nascimento dos filhos temporalmente próximo, assim como o entrevistado cuidara de seus irmãos, os filhos mais velhos auxiliavam no cuidados dos demais. O paciente, muitas vezes, é identificado como alguém que, desde a infância ou adolescência, diferenciava-se dos irmãos por necessitar de maior atenção da mãe (por apego a esta, dificuldades escolares como abandono ou agressividade, ou problemas de saúde). O surgimento da doença mental aparece como um evento que altera a história de vida dos cuidadores, que estará sempre entrelaçada com a do usuário: mais calma quando não há crise e tumultuada na incidência desta. A necessidade de apoio prático (acompanhamento em consultas, administrar medicação, cuidados físicos) nos momentos de crise do membro afetado é descrita como desencadeadora de desequilíbrio emocional do cuidador, sendo o cônjuge visto como importante ponto de apoio. Os resultados indicam a importância da avaliação, pelos serviços de saúde, da rede de apoio que possui o cuidador, dado o impacto que tal função tem em sua vida.

FAPESP
Palavras-chave: Família; Cuidador; Saúde mental

*****

SM 09
UM NOVO OLHAR EM SAÚDE MENTAL - AS OFICINAS TERAPÊUTICAS EM UMA ESTRUTURA CAPS. *Tânia Mara Alves Prates; Renata Bastos Carvalho Romero*; Marllany Vieira Jovanini*; Ana Ofélia Pacheco da Silva; Sylvia Hartung Araújo; Maria Luci de Nadai Arruda; Giovanna Cuzzo Marques; Sandra Oliveira Silva; Maria Cristina Rossi. (Universidade Federal do Espírito Santo - Vitória - ES)*

Frente à doença mental, os trabalhadores de saúde se vêem diante do impasse: aquela angústia que levou ao delírio e à alucinação é a mesma que, se bem trabalhada, pode ser um caminho em direção ao tratamento, à responsabilização e à inclusão social de pacientes psicóticos e com transtornos mentais graves.

Uma instituição aberta traz um novo olhar, eficiente e incidente sobre as psicoses. A experiência desta equipe no CAPS Ilha de Santa Maria - convênio UFES - PROEX / SEMUS - PMV incluiu passos essenciais no tratamento. O acolhimento era feito pelas equipes interdisciplinares, visando a inclusão do paciente e sua família na instituição e nos procedimentos terapêuticos. Depois elaborava-se, em conjunto com o paciente, o projeto terapêutico específico para cada um - incluindo terapia individual, grupal e medicamentosa, trabalho com a família e as oficinas terapêuticas nos vários campos do saber humano (artes plásticas, música, literatura, teatro etc). Após, o paciente era acompanhado por equipes interdisciplinares que monitoravam seu percurso, elaborando uma trajetória adequada às suas aspirações e projeto de vida, dentro e fora da instituição (grupos de fim de semana, grupos operativos etc). O último passo era a alta, com acompanhamento posterior pelas equipes interdisciplinares.

Foi observado nos pacientes o desejo de participar, a melhora das suas produções e maior socialização. Tem ficado exposto o "saber esperto" do louco, que pode ser utilizado para seu benefício e cidadania. O delírio, verdadeira interpretação do paciente, tem existido como uma produção. O paciente nas oficinas produzia livremente, o que era outra forma de produção, fora do delírio, permitindo construir uma suplência simbólica, reconstruindo sua escrita e seu imaginário. Esta suplência pela produção pôde estabilizá-lo, tirá-lo da crise, possibilitando conviver em harmonia com sua estrutura, permitindo que ele lidasse melhor com a realidade à sua volta. Esta realidade de sua vida e as pessoas que dela participam podem ser incluídas numa relação mais humanizada e menos invasiva sobre o sujeito. Outros focos importantes têm sido a dupla participação da família, tanto como sujeito quanto como agente, e a manutenção das relações com a comunidade.

A exclusão não apresenta alívio à doença mental, mas faz o sujeito que habita este corpo excluído, se recolher e abdicar de sua humanidade. Não cabe insistir em um modelo manicomial desumano e perverso que beneficia os que não têm compromisso com a saúde. Conhecendo a constituição do sujeito humano, se possui recursos que permitem que estes fenômenos - a angústia e a loucura - possam se tornar, além de transtorno, um caminho em direção à cura. Estes canais de expressão favorecem o conhecimento, a responsabilização pela diferença sendo um passo para uma vida produtiva e cidadã.

Palavras-chave: Oficina terapêutica; CAPS; Psicose

*****

SM 10
HOSPITAL-DIA RICARDO MONTALBAN - UMA MODALIDADE DE ASSISTÊNCIA A PSICÓTICOS. *Cecília de Aquino Barbosa*, Christiane Vieira Pereira*, Giselaine Noronha La Rosa*, Guilherme de Araújo Carvalho*, Silvia Rodrigues Pardal*, Viviane Nascimento de Oliveira* (Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ)*

Este trabalho visa apresentar a perspectiva de ação-intervenção do Hospital-dia Ricardo Montalban, que faz parte do serviço de psiquiatria do Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. O Hospital-dia Ricardo Montalban (HD) tem como objetivo oferecer assistência diferenciada a usuários psiquiátricos, estimulando a autonomia e o respeito aos direitos de cidadania dos mesmos. O público-alvo é composto por sujeitos psicóticos de ambos os sexos, na sua maioria esquizofrênicos, com idade variando de 18 a 65 anos. O trabalho se diferencia do modelo manicomial por sustentar a diferença do sujeito sem, no entanto, excluí-lo do convívio social. O HD pretende ampliar a rede de relações do sujeito psicótico de modo a desconstruir a visão estereotipada e discriminatória da loucura. Assim, objetiva-se trabalhar também a comunidade para conviver com a diferença subjetiva do psicótico. O trabalho no HD é realizado por uma equipe interdisciplinar, composta por psiquiatra, psicólogos, terapeuta ocupacional, enfermeira, assistente social , professor de educação física, residentes e estagiários. São desenvolvidas diversas atividades, tais como: oficinas terapêuticas (entre elas: oficina de pintura, artesanato, educação física, itinerante, literária etc.), psicoterapias individual e familiar, grupo de familiares, reuniões clínica e interdisciplinar, assembléia geral, café dançante, grupo de recepção, passeio cultural e atividades de lazer. Estes espaços visam o resgate da história de vida dos sujeitos e a criação de ambientes terapêuticos para lidar com o sofrimento psíquico destes. Além de se buscar a inserção da família no tratamento. A entrada do usuário se dá através de encaminhamento da psiquiatria do HUPE, de outras instituições ou por demanda espontânea. São realizadas entrevistas de triagem para que a equipe avalie se o HD tem condições de acolher cada caso específico. Através dos dados obtidos neste processo, a equipe juntamente com o usuário estabelece um contrato de atividades, que é reavaliado de acordo com as necessidades que o usuário apresenta. Como resultados deste modelo substitutivo de atenção diária, tem sido observado a diminuição e, até mesmo, a não ocorrência de internações dos usuários psiquiátricos atendidos no serviço, bem como, a diminuição do uso de medicamentos. Além disso, usuários e ex-usuários estão ocupando espaços fora das instituições psiquiátricas, podendo vivenciar suas relações de forma mais satisfatória para si. Alcançando, assim, a possibilidade do exercício da autonomia e da cidadania. Um aspecto fundamental na proposta do HD é a construção de relações humanas baseadas no respeito à diferença. E por fim, o

HD tem uma importante contribuição na formação dos diversos profissionais e na transformação do olhar que a sociedade tem da loucura.

UERJ
Palavras-chave: Saúde mental; Psicose; Reforma psiquiátrica

* * *

SM 11
REABILITAÇÃO PSICOSSOCIAL PARA PORTADORES DE ESQUIZOFRENIA. *Fabíola Freitas* (Departamento de Psicologia - Universidade Federal de Santa Catarina), Débora Tristão (Psicóloga - CRP 12/03050) e Gilda Crohs (Psiquiatra, Presidente da Associação Catarinense de Psiquiatria)*
A esquizofrenia é uma doença que atinge cerca de 1% da população mundial, geralmente manifesta-se em adolescentes e adultos jovens. Existe uma hipótese, chamada Hipótese de Crow (1980) que destaca a existência de dois processos patológicos envolvidos na esquizofrenia. Primeiramente sugere que há um componente neuroquímico, e um componente relacionado à formação estrutural, que resulta em prejuízos cognitivos. Atualmente o modo de tratamento usado para a esquizofrenia se resume em dois tipos: medicamentoso e psicossocial. O tratamento medicamentoso é considerado imprescindível, principalmente porque são utilizados tanto na fase aguda da doença para o controle dos sintomas como na fase de manutenção a fim de prevenção de recaídas. A abordagem psicossocial cada vez mais, vem surgindo com o objetivo primordial da reintegração do paciente na família e na sociedade. A Terapia Integrada Para a Esquizofrenia (IPT) de Volker Roder, surgiu com objetivo de unir dois tipos de tratamentos. O presente trabalho refere-se à descrição das atividades de intervenção psicológica realizadas sob a forma de grupos terapêuticos. Estes formados por pacientes com diagnóstico de esquizofrenia segundo a CID-10, com idade entre 18 e 56 anos. Os sujeitos são pacientes residentes no Instituto de Psiquiatria de Santa Catarina - IPQ. Nos grupos utilizam-se técnicas do IPT, através de uma abordagem cognitivo-comportamental. Objetiva promover a socialização e o treinamento das funções cognitivas básicas. O IPT é composto de cinco sub-programas, são estes: Diferenciação Cognitiva, Percepção Social, Comunicação Verbal, Habilidades Sociais e Resolução de Problemas Interpessoais. Estes módulos estão interligados de modo que o precursor prepare terreno e habilidades que serão necessárias para o desenvolvimento do sub-programa seguinte. No primeiro módulo Diferenciação Cognitiva, as sessões são bastante estruturadas (voltadas à cognição e percepção), com baixa interação entre seus membros (atenção voltada aos terapeutas) e conseqüente baixa carga emocional (estresse), efetuam-se exercícios com cartões, com distintos atributos. Trabalha-se com exercícios verbais (sinônimos/antônimos, conceitos, hierarquias e conceitualizações). Objetiva-se melhorar os processos cognitivos como atenção, concentração, memória, percepção, formação de conceitos e habilidade em abstrair. Em Percepção Social, busca-se melhorar a interpretação de situações interpessoais através da discussão de uma série de transparências, classificadas de acordo com seu grau de complexidade dos estímulos e de sua carga emocional. Comunicação Verbal é o terceiro sub-programa, sendo um módulo de conexão entre as funções cognitivas elementares e habilidades sociais complexas. Repetições de frases, contextualização de assertivas, livre comunicação, são exercícios desta fase. Em Habilidades Sociais o tempo de cada sessão já está próximo aos 90 minutos. Seus membros interagem mais entre si (técnica de role play) e a carga emocional subjacente é maior. Encontramos exercícios para a melhoria de repertórios sociais tais como, informar-se, estabelecer contato, criticar, reclamar, impor-se, desculpar-se. Resolução de Problemas Interpessoais assemelha-se ao módulo anterior, onde são tratadas situações da vida real de cada um dos participantes, conseqüentemente trabalha-se de forma bem menos estruturada e mais carregada afetivamente. Objetiva-se ainda que as soluções encontradas possam ser generalizadas e extrapoladas ao cotidiano dos participantes.
Palavras-chave: Esquizofrenia; Terapia integrada; Reabilitação psicossocial

* * *

SM 12
ESTUDO PRELIMINAR DE CORRELAÇÃO DE SINTOMAS DEPRESSIVOS E ANSIOSOS EM JOGADORES PATOLÓGICOS E ADERÊNCIA AO TRATAMENTO. *Juliana Bizeto*1, Maria Paula M.P.T. Oliveira2, Dartiu Xavier da Silveira2 e Maria Teresa Araujo Silva.3 (1Dep.de Psicologia Experimental-USP/PROAD-UNIFESP, 2Dep.de Psiquiatria, PROAD-UNIFESP e 3Dep.de Psicologia Experimental-USP, São Paulo-SP)*
O jogar excessivo foi formalmente reconhecido como um comportamento patológico em 1980. Foi classificado no DSM-IV como um "transtorno de impulso não classificado em outro local", sendo caracterizado como um transtorno em muitos aspectos similar à dependência química. Dados da literatura mostram que em jogadores patológicos (JP) a comorbidade psiquiátrica é um achado comum, principalmente em relação à depressão e à ansiedade, que seriam fatores importantes na manutenção do comportamento de jogar e também poderiam influenciar na aderência ao tratamento. Assim, o objetivo deste trabalho foi avaliar a freqüência de sintomas depressivos e ansiosos em JP que procuraram tratamento no PROAD e relacioná-los com a adesão ao tratamento, comparando, em relação aos dados iniciais, os JP que aderiram e os que não aderiram ao tratamento em três momentos: três, seis e nove meses após o início. Neste trabalho participaram vinte e seis pacientes diagnosticados como jogadores patológicos, que procuraram tratamento. Foram aplicados na entrevista inicial os seguintes instrumentos: um questionário padrão do PROAD com dados sócio-demográficos, The South Oaks Gambling Screen (SOGS) adaptada para o português, para avaliar o comportamento de jogar, a Escala de Rastreamento Populacional para Depressão (CES) e o Inventário de Depressão de Beck, ambos com padronização brasileira, para avaliar sintomas de depressão e Inventário de Ansiedade Traço-Estado (IDATE), também com padronização brasileira, para avaliar sintomas de ansiedade. Na escala SOGS a pontuação média foi 14,24 (DP=2,71), no Beck foi 23,75 (DP=11,58), no CES 27,29 (DP=11,55), no IDATE (estado) 52,41 (DP=11,28) e no IDATE (traço) 52,76 (DP=9,86). A média em todas as escalas foi acima do ponto de corte, sendo o escore bem superior ao da população geral. Quanto à permanência 50% dos pacientes permaneceram três meses, 31% seis meses e 19% nove meses. Para verificar se havia diferenças entre os participantes que aderiram e não aderiram ao tratamento nos três momentos foi feito o teste não paramétrico de Mann-Whitney. Na comparação das escalas feita aos três meses a pontuação média da SOGS foi 14,46 (DP=2,60), do Beck 23,46 (DP=13,04), do CES 27,90 (DP=13,30), do IDATE (estado) 54,54 (DP=10,46) e do IDATE (traço) 53,47 (DP=9,67) para os que permaneceram em tratamento; e 14,00 (DP= 2,92) na SOGS, 24,09 (DP=10,31) no Beck, 26,43 (DP=9,43) no CES, 49,91 (DP=12,20) no IDATE (estado) e no IDATE (traço) 51,81 (DP=10,42) para os que não permaneceram. Não foram encontradas diferenças significativas entre os grupos, para nenhuma das escalas aplicadas, tendo o mesmo acontecido nas comparações feitas em relação aos seis e nove meses. Assim, concluímos que há, em JP, a presença de sintomas de depressão e ansiedade de um modo importante, mas estes não estariam relacionados à aderência ao tratamento.
Palavras-chave: Jogo Patológico; Sintomas Depressivos; Sintomas Ansiosos

* * *

SM 13
MÚSICA: SAÚDE MENTAL. *Aline Miranda Cavente*, Caroline Lemos Mattiello*, Renata Giardiere Vincenzi* e Wesley Reis Silva* (Universidade Federal de Uberlândia - Uberlândia/MG)*
O presente trabalho, foi realizado nas Oficinas Terapêuticas da Universidade Federal de Uberlândia, de Novembro a Dezembro de 1999 e de Novembro a Dezembro do ano 2000. Tendo como objetivo geral a formação de um coro cênico, e como objetivo específico a integração paciente-família e comunidade. O Coro Cênico é uma criação e produção coletiva, desse modo, cada paciente contribui com sua história de vida para formar a identidade do grupo, sendo assim, esta linguagem foi adotada como forma de expressão. Fizeram parte do grupo 15 pacientes adultos, sendo pacientes psicóticos, vindo da comunidade, de diferentes segmentos e formações. Trabalhando em um grupo rico em idéias e informações, optamos pela música, por acreditarmos que a mesma possibilita aos pacientes entrarem em contato com diversos conteúdos pertinentes ao seu dia-a-dia. Cada encontro semanal durou uma hora em média. Era utilizado violão, cópias das músicas e um pandeiro tocado por um paciente, sendo o repertório escolhido pelos ministrantes juntamente com os pacientes. A cada encontro eram apresentadas músicas novas pelos ministrantes e no decorrer do processo, os pacientes nos apresentaram novas músicas. A valorização da identidade individual faz da convivência no grupo um eterno aprendizado e uma busca constante pela troca de idéias e experiências, o que acaba por desviar as atenções do paciente de sua patologia e inseri-los em um grupo social, onde existe o ouvir e o falar em liberdade. Os pacientes trouxeram diversos conteúdos durante os ensaios e falavam de suas identificações com as letras das músicas. Um caso em específico foi de um paciente muito isolado, mas que com o decorrer do processo teve uma maior participação nos ensaios, inclusive cantando e fazendo as coreografias. A interação paciente-paciente fez parte da proposta, assim cada um destes, puderam conhecer o processo do outro, possibilitando uma intensa troca de modo de pensar, de viver, e entrar em contato com suas diferenças e semelhanças. Coube aos ministrantes coordenar o grupo, cuidar da sua unidade, e ser um instigador que incentivou o paciente a se relacionar com o outro, e neste caso, produzir artisticamente. Além do ofício de conhecedor ou diagnosticador que são regras preexistentes neste tipo de conhecimento, existem três elementos imponderáveis, que é o "faro", golpe de vista e intuição. Os ministrantes buscaram possuir o olhar atento, pois às vezes um detalhe, não é apenas uma nota cantada, mas sim um lindo desfecho. Assim, cada paciente, obteve com a vivência deste grupo, a consciência do limite do seu próprio corpo, voz, capacidade criativa e produtiva, assim como a capacidade de relacionar-se. Os pacientes expuseram seus sentimentos nas canções e nas cenas, e os familiares e a comunidade também se expuseram ao comentar sobre o que estavam vendo. Na verdade, o olhar, é o espelho que mostra a alma, e, quando se trata de arte, esse espelho mostra a alma do contemplador e do contemplado. Encerrou-se essa oficina, com uma apresentação em uma confraternização natalina, favorecendo, assim, a interação entre pacientes, estagiários e familiares.
Palavras-chave: Música; Identificação; Interação

* * *

SM 14

O RESGATE DE SUBJETIVIDADES E A POSSIBILIDADE DE NOVAS INTEGRAÇÕES: O TRABALHO COM OFICINAS DE HISTÓRIAS ENQUANTO UM RECURSO TERAPÊUTICO EM UMA ENFERMARIA DE PSIQUIATRIA. *Susana Engelhard Nogueira** (Programa de Residência em Psicologia Clínica Institucional, Hospital Universitário Pedro Ernesto/Universidade do Estado do Rio de Janeiro), Anamaria Corbun (Programa de Leitura Lerl/UERJ/ Universidade do Estado do Rio de Janeiro) e Ademir Pacelli Ferreira (Instituto de Psicologia, Espaço de Atividades e Convivência Nise da Silveira, Hospital Universitário Pedro Ernesto/UERJ)*

Partindo do entendimento de que a atividade de contar histórias tem apresentado grande importância ao longo do tempo, a literatura tem apontado muitos aspectos inerentes a este processo. Além de assumir um caráter de entretenimento e de despertar curiosidades, as histórias em geral têm contribuído para estimular a imaginação e ajudado a desenvolver recursos psíquicos para lidar com conflitos existenciais, privilegiando a descoberta de novas identidades e favorecendo diferentes possibilidades de comunicação.

Com base nestas considerações, o presente estudo buscou investigar e discutir as contribuições que a atividade de contar histórias pode apresentar quando utilizada como um recurso terapêutico possível com grupos de pacientes que se encontram em momento de internação em uma enfermaria psiquiátrica de um hospital público do Rio de Janeiro.

Uma equipe de profissionais contadores de histórias foi contactada e concordou em participar deste trabalho, oferecendo esta atividade semanalmente em uma enfermaria de Psiquiatria. A atividade tem ocorrido em natureza grupal, onde apenas participam os usuários que, ao serem convidados, apresentam interesse. O número de participantes que compõem o grupo tem sido variável (entre 7 e 10 participantes), sendo o grupo de natureza aberta. As histórias utilizadas são previamente selecionadas pelos profissionais contadores e pela psicóloga que acompanha o grupo, sendo em geral contos populares, folclóricos, mitos e contos de fadas. Quinzenalmente a psicóloga reúne o grupo com o objetivo de discutir, avaliar e resgatar os conteúdos manifestos durante a atividade de contar histórias. Partindo dessa organização, foi possível observar alguns resultados interessantes: as histórias contadas em grupos anteriores tiveram muitos de seus trechos resgatados por diferentes pacientes, na medida em que seletivamente se utilizaram dos mesmos para explicitar aspectos de seus próprios sentimentos e vivências, possibilitando compartilhá-los no grupo. Foi possível perceber ainda uma participação mais ativa por parte dos pacientes, ao questionarem e proporem diferentes desfechos para os que já haviam sido apresentados. Além desse fato, também foram identificados aspectos como: formação de identificações com personagens e suas tribulações, projeções de suas histórias de vida sobre as histórias contadas, e produções de novas histórias individuais e espontâneas. Especialmente no trabalho com pacientes psiquiátricos, estes aspectos puderam ser abordados terapeuticamente na medida em que é a partir desta atividade que os processos internos ganham contexto e oportunidade para serem externalizados, já que se mostram representados isoladamente por personagens, facilitando a identificação e a compreensão de estados subjetivos. Deste modo, produções criativas como o delírio passam a receber um contorno na medida em que as ambivalências percebidas no grupo ganham a possibilidade de serem integradas, contribuindo para a percepção de que existem aspectos discordantes inerentes à personalidade de cada ser humano. Esses dados parecem contribuir para um maior entendimento do quanto o trabalho com histórias pode ser significativo, permitindo-nos discutir até que ponto as fantasias e suas possibilidades de reorganização tornam possível o alcance de novas compreensões para os conflitos psíquicos, permitindo lidar melhor com seus conteúdos.

Palavras-chave: História; Recurso terapêutico; Saúde mental

*****

SM 15

UMA REFLEXÃO DO CONCEITO DE LIBERDADE EM SARTRE E EM HEIDEGGER NA PROGRAMAÇÃO DOS 12 PASSOS DOS GRUPOS ANÔNIMOS. *Jadson Tavares Rodrigues** e Leonardo Paulo de Almeida** (Departamento de Psicologia - Universidade Federal Fluminense - Niterói - RJ)*

O Estudo Multicêntrico de Morbidade Psiquiátrica, realizado em capitais brasileiras, chegou à conclusão de que entre todos os distúrbios psiquiátricos nosologicamente caracterizados, o uso abusivo de substâncias psicoativas constitui-se como o de maior prevalência. Dentro deste grupo se destaca a dependência do álcool, cuja prevalência em pesquisas realizadas em serviços de saúde no Brasil, variou de 16 à 58% nos pacientes do sexo masculino atendidos nestes serviços e de 5 à 18% em pacientes do sexo feminino, conforme a instituição em que foi realizada a investigação. O alcoolismo configura-se então como problema de grande importância clínica, caracterizando-se como grave problema de saúde pública. Entre todas as possibilidades de intervenção, o trabalho desenvolvido pelos chamados grupos anônimos ou de ajuda mútua vem se destacando entre aqueles de maior relevância. Observa-se que toda a programação desenvolvida parte da aceitação do que é considerado o primeiro passo, ou seja, a admissão da impotência perante o álcool e de suas conseqüências que ficam claras nos passos seguintes, quando se entrega a direção da existência a um poder superior, que passa a ser o responsável pela sobriedade, pela remoção dos chamados "defeitos de caráter" e "imperfeições". Esse fato visto, através do pensamento sartreano, poderia ser denominado como uma concepção fundamentada na má-fé, pois a aceitação da impotência é a própria negação da liberdade. O método utilizado para o presente trabalho foi o da análise crítica do conceito de liberdade em Sartre e em Heidegger e de responsabilidade em Sartre, articulando-os com a programação dos doze passos dos Alcoólicos Anônimos. Trazemos, ainda, relatos de casos clínicos e a própria experiência dos pesquisadores em freqüentes contatos realizados com os Grupos em questão. Nossos resultados apontam para a não-responsabilização do indivíduo frente ao problema imposto pelo quadro do alcoolismo. Todo discurso é no sentido de que se é portador de uma doença incurável, para qual só é possível o controle e não a cura, sendo necessário a abstinência permanente e a vigilância rigorosa, usando de uma terminologia heideggeriana, o portador da dependência torna-se como um ente cujo modo de ser fosse simplesmente dado (como uma cadeira ou uma porta) e não como um existente. Admite-se a presença de uma essência apriori, no caso em questão a essência alcoólatra, restringindo-se o campo de possibilidade do que se pode vir a ser. Estabelece-se uma relação em que o grupo passa a ser a justificativa da escolha em questão, legando-se a responsabilidade para uma entidade metafísica. O sujeito dentro deste contexto passa a ser visto como alguém insuficiente, sempre necessitado de atenção, cuidado e tutela, sendo esta mesma necessidade sempre ressaltada nos discursos do grupo, para o qual a admissão de uma existência autônoma significará risco iminente de recaída. Esta compreensão do Alcoolismo e do alcoólatra, embora traga enormes benefícios do ponto de vista terapêutico, já que são inegáveis os resultados alcançados pelos grupos, obscurece outras possibilidades de compreensão, contrariando a nossa experiência clínica onde muitos pacientes conseguem se recuperar por um exercício de liberdade e pela assunção de sua responsabilidade.

Palavras-chave: Liberdade; Responsabilidade; Alcoolismo

*****

SM 16

CARACTERÍSTICAS SÓCIO-DEMOGRÁFICAS DO SUICÍDIO NO RIO GRANDE DO NORTE EM DUAS DÉCADAS, DE 1980 A MAIO DE 2000. *Elza Maria do Socorro Dutra (Departamento de Psicologia, UFRN, Natal, RN)*

O suicídio é um fenômeno que acompanha a sociedade desde os seus primórdios, embora algumas questões permaneçam sem uma resposta conclusiva, como aquelas que se dirigem aos motivos causadores do auto-extermínio. Por essa razão, inúmeros estudos, de enfoques e metodologias diversas, continuam a ser empreendidos sobre este fenômeno, principalmente aqueles que procuram identificar as variáveis sócio-econômicas e demográficas que caracterizam as populações estudadas, visando, com isso, alcançar uma maior clareza sobre os aspectos favorecedores deste ato. Embora as taxas de suicídio no Brasil não se assemelhem àquelas verificadas em outros países, pesquisas continuam a ser desenvolvidas, uma vez que a constatação da realidade do suicídio no nosso país já se constitui em motivo de preocupação para os estudiosos do assunto. O presente trabalho constitui-se num estudo epidemiológico do suicídio no estado do Rio Grande do Norte durante duas décadas, de 1980 a maio de 2000. Os dados foram coletados no Instituto Técnico de Polícia (ITEP), através dos laudos cadavéricos do período de 1980 a maio de 2000. Variáveis como sexo, naturalidade, idade, estado civil, profissão, local de residência, causa da morte, local de ocorrência, local do óbito e data da ocorrência foram computadas e relacionadas entre si. Os dados obtidos foram tratados estatisticamente através do SPSS (Statistical Package for Social Science) e apresentados em números brutos e percentuais. Nos períodos estudados foram observadas 914 ocorrências de suicídio; desses, 72,7% foram cometidos por homens e 27,3% por mulheres. 64,3% são do interior do estado, 50,4% são solteiros e 40% residem na capital. As causas de morte percentualmente mais significativas representaram 51,5% por enforcamento, 14,2% por intoxicação exógena por veneno, 13,4% através de arma de fogo e 12,4% por queimadura. 75,5% dos casos ocorreram na própria residência da vítima e 32,6% faleceram no hospital; do total de ocorrências, 38% situam-se no intervalo de idade entre 25 e 40 anos; 24,2% entre 15 e 24 anos e 13,2% encontram-se acima de 60 anos. Quanto às profissões, 17% são agricultores, 12,6% domésticas e 8,7% estudantes. O maior número de suicídios ocorreu nos meses de junho (9,9%), novembro (9,9%) e dezembro (9%). O ano com maior número de suicídios foi 1995 (9,5%), seguido de 1996 (9,4%). Os resultados obtidos constituem um significativo aumento das taxas de suicídio no RN no período estudado. Esta pesquisa possibilitou a obtenção do perfil sócio-demográfico da população que comete suicídio no nosso estado. Finalmente, observa-se que os números não abrangem a amplitude dos casos de suicídio, por saber-se que os registros sobre essa causa de morte geralmente não correspondem à realidade, o que é evidenciado na literatura sobre esse temática, em conseqüência dos tabus que ainda cercam este tema. Os conhecimentos alcançados a partir deste estudo, além de ensejarem reflexões acerca das características epidemiológicas que constituem esse fenômeno, poderão contribuir para o desenvolvimento de estratégias preventivas em saúde mental, para a formação de profissionais de saúde, favorecendo, assim, o alcance de metas e objetivos que possam melhorar a qualidade de vida dos cidadãos do nosso estado.

Palavras-chave: Suicídio; Epidemiologia; Suicídio no Rio Grande do Norte

*****

SM 17

ACOMPANHAMENTO DO PADRÃO DE JOGO, SINTOMAS DEPRESSIVOS E SINTOMAS ANSIOSOS EM JOGADORES PATOLÓGICOS SOB TRATAMENTO. *Juliana Bizeto*1, Maria Paula M.P.T. Oliveira1, Dartiu Xavier da Silveira2 e Maria Teresa Araujo Silva3(1Dep.de Psicologia Experimental-USP/PROAD-UNIFESP, 2Dep.de Psiquiatria, PROAD-UNIFESP e 3Dep.de Psicologia Experimental-USP, São Paulo-SP)*

O jogo patológico caracteriza-se como um transtorno em muitos aspectos similar à dependência química, dada a perda de controle, a escalada do tamanho das apostas e os sintomas que se seguem à abstinência. No Brasil, o aumento da incidência do problema levou à criação de centros de atendimento específicos como o Ambulatório de Jogo Patológico PROAD/UNIFESP. Porém, tendo em vista a alta freqüência de sintomas depressivos e ansiosos nessa população, a estimativa do quanto essas duas variáveis estão interferindo no tratamento torna-se fundamental para a avaliação do mesmo. Assim, o objetivo deste trabalho foi identificar padrão de jogo e presença de sintomas depressivos e ansiosos em jogadores patológicos (JP) e sua evolução em dois momentos do tratamento, três e seis meses após o início. Neste trabalho participaram 26 pacientes diagnosticados como JP. Foram aplicados na entrevista inicial os seguintes instrumentos: questionário padrão do PROAD com dados sócio-demográficos, The South Oaks Gambling Screen (SOGS) para avaliar o comportamento de jogar; Escala de Rastreamento Populacional para Depressão (CES) e Inventário de Depressão de Beck, para avaliar sintomas de depressão e Inventário de Ansiedade Traço-Estado (IDATE) para avaliar sintomas de ansiedade. A média de idade foi 43,65 anos (DP=13,03), e a maioria eram homens (65,4%), brancos (88,5 %) e casados (57,7 %). Em relação ao regime de trabalho 30,8 % dos sujeitos trabalhava em período integral com uma renda familiar média de R$2.447,50(DP = R$ 2.169,66) e 88,5 % possuíam endividados. A quantia que eles estimaram ter perdido como conseqüência de jogo foi em média US$35.530,36(DP= US$62.730,66). Na escala SOGS o escore médio na entrevista inicial foi 14,31(DP=2,71), no Beck foi 23,75(DP=11,59), no CES 27,29(DP=11,58) no IDATE (estado) 52,41(DP=11,28) e no IDATE (traço) 52,78(DP=9,86). Permaneceram três meses 50% dos pacientes, quando o escore médio das escalas 16,77(DP=16,87) para o Beck, no CES 20,92(DP=18,13) e no IDATE (estado) 46,92(DP=15,10), em relação ao padrão de jogo 92% dos pacientes diminuíram seu escore ou se mantiveram estáveis. Já aos seis meses, mantinham adesão 31%; o escore médio foi 17,57(DP=17,34) para o Beck, no CES 18,29(DP=16,75) e no IDATE (estado) 46,71(DP=17,40) e somente um paciente não se manteve estável ou diminuiu seu padrão de jogo. Os escores médios em todas as escalas aplicadas (inicial, três meses e seis meses) foram acima do ponto de corte, havendo em todas as escalas uma diminuição destes com o passar do tempo e uma significativa diminuição/estabilidade do padrão de jogo. Portanto, os dados indicam que com o tratamento houve uma pequena diminuição dos sintomas depressivos e ansiosos nos pacientes e um controle do "jogar", porém devido ao pequeno número de participantes e o grande abandono esses dados não são conclusivos. Sugere-se a replicação deste estudo com mais participantes.

Palavras-chave: Jogo Patológico; Tratamento; Comorbidade Psiquiátrica

***

SM 18

DESCRIÇÃO DA ROTINA, DEMANDA E PROPOSTA DE OTIMIZAÇÃO PARA UM SERVIÇO DE PSICOLOGIA EM SAÚDE MENTAL. *Fabiana Vieira Gauy** e *Sandy Sales Guimarães - Laboratório de Desenvolvimento em Condições Adversas - Universidade de Brasília, Brasília-DF*

Este trabalho teve o objetivo de desenvolver uma proposta de aprimoramento no atendimento de psicologia da Unidade de Saúde Mental Água Viva, na cidade de Goiânia-Go, a partir da rotina e demanda observada na unidade. O serviço ambulatorial é oferecido por 5 psicólogas, 4 estagiárias de psicologia, 3 psiquiatras, 1 neuropediatra, 5 fonoaudiólogas, 4 assistentes sociais, 1 professor de yoga, 1 psicopedagoga e voluntários em fonoaudiologia e em psicologia. A clientela é formada por crianças e adolescentes de 0 a 18 anos e suas famílias. Os dados, sobre o serviço de psicologia foram coletados através de (a) observação assistemática da rotina diária do serviço, (b) entrevistas abertas com os psicólogos da equipe, (c) registro de suas verbalizações espontâneas e (d) análise dos registros de atendimento e das fichas de triagem dos 152 pacientes atendidos no ano 2000. Os resultados mostraram um fluxo de atendimento que se inicia pela triagem realizada para todos os pacientes e uma seqüência para diferentes tipos de procedimentos, conforme a queixa e características de cada usuário. Os atendimentos podem ser Internos Fechados e Abertos ou Externos, cujos procedimentos incluem, respectivamente (a) um número limitado de participantes e de sessões, data de início e término prevista e fluxo de entrada e saída limitado a essas datas, com formato grupal, individual e familiar; (b) um número variável de participantes e de queixas, fluxo contínuo de entrada e saída, com formato grupal para pais e para crianças e; (c) atendimentos e orientações realizadas em outras instituições e visitas domiciliares. Um contrato verbal inicial entre o terapeuta e o paciente ou seu responsável, estabelece (a) a participação dos pais como condição necessária ao atendimento, (b) tolerância máxima de três faltas para permanência no programa, (c) o tempo de 1h a 1h30 para sessões em grupo e de 30 a 45 minutos para sessões individuais e (d) periodicidade semanal para o atendimento, durante seis a doze meses. A maior parte dos usuários é oriunda da capital (84,5%), tem idade entre 6 e 10 anos (38,2%), é do sexo masculino (58%), apresenta queixas de problemas comportamentais (29%) e dificuldades de aprendizagem (15%); é encaminhada pela escola (18,4%) ou posto de saúde (16,4%); e é elegível para atendimento aberto (67,2%). Os dados mostraram baixa efetivação da rotina proposta, falhas no cumprimento dos contratos e nos registros de rotina. Sugestões para otimizar o serviço incluem: informatização do cadastro; migração para contrato escrito e estabelecimento de contingências; treinamento de pessoal para a realização de registros dos procedimentos da rotina; atualização e unificação do uso de termos técnicos para a descrição de queixas e formalização de diagnóstico; revisão dos formatos de atendimento; implementação da interdisciplinaridade entre todos os profissionais; estabelecimento de reuniões periódicas entre coordenadores de atendimento aberto; treinamento e reciclagem da equipe de atendimento conforme características da demanda.

Palavras-chave: Saúde mental; Otimização; Rotina

***

SM 19

AVALIAÇÃO DO PROGRAMA DE TRATAMENTO DO NÚCLEO DE ENSINO E PESQUISA SOBRE ALCOOLISTAS (NEPA) DA FHEMIG DE BARBACENA - MG. *Marina Bandeira Ph.D., Graziella Lage Oliveira*, Magali Milene Silva*, Thaís Dell'areti* (Fundação de Ensino Superior de São João Del Rei - MG) Heráclito Dias, Mauro de Castro Lara, M.D. Leila Maria Stefani, Márcia Filomena Moreira, Maria das Reis Queiroz Damasel, Rosiane Maria Bahia Lara (Hospital Psiquiátrico CHPB-FHEMIG - Barbacena,MG)*

Esta pesquisa procurou avaliar a eficácia do programa de atendimento oferecido ao alcoolista pelo Núcleo de Ensino e Pesquisa sobre Alcoolismo (NEPA) da FHEMIG - CHPB, em Barbacena, atual NAPS. Este programa é coordenado por uma equipe multidisciplinar e compreende as seguintes intervenções: atendimento através da leito-crise, atendimento ambulatorial feito por terapeutas de referência, participação em oficinas terapêuticas e atendimento de orientação às famílias dos pacientes. A eficácia do tratamento foi avaliada através dos questionários SAAD e ADS, que visam medir a severidade do alcoolismo, assim como um questionário de avaliação sobre os padrões de consumo e sobre as conseqüências psicossociais do alcoolismo, elaborado exclusivamente para esta pesquisa. A coleta de dados referente ao pré-teste foi realizada no período de março de 1994 a maio de 1995, a partir de entrevistas semi-estruturadas feitas pela equipe do NEPA. As entrevistas eram realizadas após os pacientes terem terminado a fase de desintoxicação, no caso dos pacientes que necessitavam deste tipo de intervenção. No pré-teste, foram entrevistados 79 pacientes. O pós-teste foi realizado no período de outubro de 1996 a maio de 1997, utilizando-se os mesmos procedimentos adotados no pré-teste. Os pacientes que não se encontraram em tratamento no período de avaliação do pós-teste foram contatados através de carta, solicitando seu comparecimento no NEPA para realização das entrevistas. Dos 79 pacientes avaliados no pré-teste, 23 foram localizados e puderam ser entrevistados no pós-teste. Os dados coletados para esses 23 pacientes foram submetidos a uma análise estatística utilizando-se o pacote estatístico informatizado SPSS-PC. Dentre os fatores avaliados como indicadores de impacto do tratamento do alcoolismo oferecido pelo NEPA, cinco apresentaram mudanças estatisticamente significativas do pré-teste ao pós-teste, sendo eles: grau de severidade do alcoolismo, quantidade de bebida ingerida por semana, freqüência de ingestão de álcool, freqüência de episódios de agressividade verbal e de conflitos conjugais. Os demais fatores, número médio de hospitalizações no período de 6 e 12 meses antes e depois do tratamento e freqüência de agressividade física, não atingiram o nível de significância estatística. A taxa de abstinência obtida neste programa foi de 43,41% após 1 ano. Esta taxa se encontra dentro da faixa de resultados obtidos por outros programas. Os resultados obtidos na presente pesquisa atestam a eficácia do programa de atendimento ao alcoolista do NEPA, para a maioria das variáveis investigadas e confirmam dados de outras pesquisas que avaliaram programas de atendimento ao alcoolista.

Palavras-chave: Eficácia; Tratamento; Alcoolismo

***

SM 20

AS DIFERENÇAS SÓCIO-ECONÔMICAS E CULTURAIS ENTRE PSICOTERAPEUTA E PACIENTE ENQUANTO VARIÁVEIS INTERVENIENTES NO PROCESSO PSICOTERÁPICO. *Magda Arlete Vieira Cardoso** e *Roberto Yutaka Sagawa (Departamento de Psicologia Clínica - Universidade Estadual Paulista - Assis/SP)*

Este trabalho vem sendo realizado há aproximadamente cinco anos, primeiramente no nível de Iniciação Científica (financiada pelo CNPq/PIBIC/UNESP) e agora, no nível de Mestrado. Surgiu da constatação do elevado índice de evasão das psicoterapias em instituições públicas de saúde mental e do fato desse tema de pesquisa ainda ser um campo pouco explorado. Na tentativa de compreender por que os pacientes abandonam o tratamento, objetivando, com isso, promover discussões que pudessem vir a amenizar - ou superar - essa desistência, buscando assim, contribuir com a qualidade dos serviços públicos de saúde mental, colocou-se enquanto um possível fator de desistência as diferenças sócio-econômicas e culturais entre o psicoterapeuta e seu paciente, que poderiam estar comprometendo a relação e o processo psicoterápico. Na execução deste trabalho adotamos o método

clínica, ou seja, é por meio das psicoterapias de base psicanalítica, realizadas exclusivamente pela pesquisadora nas dependências do Centro Integrado de Atenção Psicossocial de Assis/SP, que são coletados os dados da pesquisa. São sujeitos da pesquisa tanto os pacientes que desistem do atendimento quanto os que permanecem nele, desde que autorizem sua inclusão na amostra. Os atendimentos psicoterapicos são realizados semanalmente, assim como as orientações para a pesquisa e as supervisões clínicas. Todas as sessões realizadas são transcritas e o conjunto de todas essas transcrições de todos os pacientes atendidos é sistematizando, levando assim, à interpretação dos dados de pesquisa. A análise dos dados coletados se dá por meio da intersecção entre método clínico e análise do discurso, onde há uma comparação relativa entre os pacientes desistentes e os que permanecem em atendimento. Não são sujeitos da pesquisa pacientes psicóticos (crônicos ou agudos), nem alcoolistas ou drogadictos e há o critério de serem oriundos de classes sócio-econômica e culturalmente menos privilegiadas. Até o momento pudemos contar com a participação de 18 pacientes na pesquisa, sendo que 13 desistiram, 2 receberam alta do tratamento e 3 continuam em atendimento. Foi possível constatar que, assim como havíamos colocado enquanto um possível fator de desistência, as diferenças sócio-econômicas e culturais entre o psicoterapeuta e seu paciente fazem-se presente na relação e no processo psicoterápicos, muitas vezes, contribuindo com o abandono da psicoterapia. Essas diferenças abarcam desde as desconfortos vestes, linguagens, crenças, valores do par psicoterápico, dentre outros, até a incompatibilidade do manejo teorico-técnico utilizado em relação à demanda que dele usufrui, devido às diferentes necessidades e expectativas acerca dos atendimentos. No entanto, quando tais diferenças são interpretadas e tratadas adequadamente se tornam aliadas do processo psicoterápico, podendo contribuir com o estabelecimento de um vínculo psicoterápico e, consequentemente, com a permanência do paciente no atendimento.

Pesquisa financiada pela FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.
Palavras-chave: Psicoterapia de base psicanalítica; Instituição pública; Desistência

Apoio Anpepp

SM 21

ATELIÊ ABERTO: UMA NOVA TECNOLOGIA PARA ACOLHIMENTO DE USUÁRIOS DO CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL. *Fernanda Gonçalves Garcia e Gesiele Fernanda Nascimento de Araújo Campos e **Bruna de Menezes Padilha (Pontifícia Universidade Católica de Campinas-SP)*

Este trabalho faz parte das atividades acadêmicas do Estágio de Psicologia Clínica, do curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, tendo como campo de estágio o Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira, instituição que, desde 1993, vem sendo considerada como modelo de tratamento em saúde mental pela OMS, com a filosofia embasada na liberdade, desospitalização e reinserção social, ilimitada, portanto, com o movimento da Luta Anti-manicomial. A instituição se estrutura em cinco unidades: Unidade de Atenção à Crise, Núcleo de Oficinas de Trabalho, Hospital Dia, Núcleo Clínico e Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), sendo nessa última que o projeto vem sendo desenvolvido. O CAPS conta com uma equipe multidisciplinar de profissionais da área de saúde, visando atender pacientes psicóticos e neuróticos graves, fazendo um trabalho de parceria juntamente com suas famílias. A equipe trabalha com os Projetos Terapêuticos Individuais (PTI) que se estruturam em atividades terapêuticas e são realizados pela parceria entre os profissionais e estagiários universitários. Uma destas atividades é o ateliê que se caracteriza como um grupo heterogêneo em relação à faixa
etária, gênero e patologia; é aberto, funciona duas vezes por semana, com duração de uma hora e meia e realiza-se dentro do centro de convivência no próprio Caps, sendo oferecido a todos os pacientes que frequentam a unidade. É dirigido por uma terapeuta e co-terapeuta que, através de recursos diversos - desenho, atividades com argila, música, leitura de histórias - proporcionam um espaço em que o paciente pode ser escutado e acolhido em suas demandas emocionais e, quando necessário, encaminhado ao profissional responsável por seu atendimento. O objetivo é favorecer o contato entre os pacientes numa situação livre, espontânea, que busca resgatar as possibilidades vinculares e conter a demanda emocional que emerge neste espaço de convivência e que não obedece nenhum dos moldes das tecnologias tradicionais em saúde mental. Após o término das atividades é feita uma discussão com todos os participantes, dando ênfase às demandas mais emergentes, podendo assim haver um espaço para a elaboração da vivência do grupo, bem como o resgate da história de vida dos participantes. Os resultados obtidos até o momento apontam para uma adesão e participação cada vez mais frequente dos pacientes e para a percepção, por parte da equipe, da necessidade desses pacientes terem um espaço de integração, socialização e contenção das fantasias em um espaço terapêutico que não tem finalidade psicoterapêutica. Outro dado obtido é que o ateliê se oferece como catalisador de informações sobre a história de vida e mundo psíquico dos pacientes, o que contribui para o desenvolvimento do
PTI, favorecendo um acompanhamento mais efetivo pela equipe.

*Graduandas do curso de formação de Psicólogo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas-SP
**Supervisora e orientadora do estágio de Psicologia Clínica na área de Saúde Mental pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas-SP
Palavras-chave: Psicose; Ateliê terapêutico

Apoio Anpepp

PSICOLOGIA SOCIAL

SOC 01

AS AUTO-IMAGENS INDEPENDENTE E INTERDEPENDENTE E SUAS DIFERENÇAS QUANTO AO SEXO. *Tacíane Lemos Milfont***, *Palloma Rodrigues de Andrade***, *Walberto Silva dos Santos**, *Valdiney Veloso Gouveia*, *Estefânea Élida da Silva Gusmão** (*Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB*)

O estudo do self não é recente nas Ciências Humanas e Sociais, sendo um conceito central na história do pensamento humano, pois envolve a compreensão da relação indivíduo-sociedade. A partir dos estudos sobre o Individualismo e Coletivismo uma concepção dual do self foi proposta, compreendendo o interdependent self-construal (Auto-Imagem Interdependente) e o independent self-construal (Auto-Imagem Independente). As Auto-Imagens podem ser concebidas como uma constelação de pensamentos, sentimentos e ações relacionadas ao eu e aos outros: a independente define-se como um eu estável, unitário e delimitado, separado do contexto social, e a interdependente como um eu flexível e variável, enfatizando traços externos e públicos, tais como o status, papéis exercidos e relacionamentos. Estudos realizados com amostras estadunidenses têm demonstrado que, em geral, os sujeitos do sexo masculino constróem e mantêm uma Auto-Imagem Independente, enquanto que os do sexo feminino, uma Auto-Imagem Interdependente. Desta forma, objetiva-se neste estudo verificar se o mesmo ocorre no contexto brasileiro. Trata-se, portanto, de uma tentativa de levar a cabo um estudo empírico para conhecer a extensão destes argumentos na cultura brasileira. Para tanto, consideraram-se as respostas de 656 estudantes universitários pernambucanos, com idade variando entre 17 e 42 anos (M = 19,9; DP = 2,54), distribuídos eqüitativamente quanto ao sexo. Estes responderam à Escala de Auto-Imagens (EAI) que tem o propósito de medir o conjunto de pensamentos, sentimentos e ações que compõem as duas Auto-Imagens, os respondentes expressam o grau de concordância para cada item através de uma escala, tipo Likert, que vai de 1 (discordo fortemente) a 7 (concordo fortemente). Esta escala obteve os seguintes índices de consistência interna para o contexto brasileiro: 0,54 e 0,52, para as sub-escalas Interdependente e Independente, respectivamente. Os sujeitos apresentaram os seguintes escores médios para as Auto-Imagens Independente e Interdependente, respectivamente: 5,0 (DP = 0,72) e 4,3 (DP = 0,81), os do sexo masculino, e 5,0 (DP = 0,75) e 4,2 (DP = 0,83), os do sexo feminino. Constata-se que houve uma predominância da Auto-Imagem Independente para ambos os sexos. Após realizar uma análise de variância One-Way, pôde-se verificar que os sujeitos do sexo masculino apresentaram um escore médio significativamente maior do que os do sexo feminino em relação à Auto-Imagem Interdependente, $F(1, 647) = 4,15$; $p < 0,05$. Com relação à Auto-Imagem Independente não houve diferença significativa. Estes resultados contradizem os hipoteticamente esperados, indicando que, para o contexto brasileiro, as Auto-Imagens Independente e Interdependente não devem ser tratadas como ortogonais, pois não há uma delimitação clara entre elas, no que se refere à variável sexo.

Projeto financiado pela CAPES, através de uma bolsa de Mestrado concedida ao primeiro autor.
Palavras-chave: Auto-Imagem; Independência; Interdependência; Diferenças Sexuais

*****

SOC 02

ATITUDES PRECONCEITUOSAS E TIPO DE CONTATO SOCIAL MANTIDO COM NEGROS: ENFOQUE NAS PRIORIDADES VALORATIVAS. *Tatiane Cristina Vasconcelos**, *Palloma Rodrigues de Andrade***, *Girlene Ribeiro de Jesus**, *Valdiney Veloso Gouveia*, *Maja Meira** (*Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB*)

O preconceito e o contato social, além de serem construtos de amplo interesse na Psicologia Social, apresentam-se como temas de suma importância para entender a dinâmica das relações intergrupos. Vários estudos têm sido desenvolvidos no intuito de entendê-los, bem como conhecer quais são suas variáveis correlatas. Observa-se que, tradicionalmente, tais estudos têm como foco a relação existente entre o preconceito e os estereótipos, não obstante diversos autores enfatizem a importância dos valores, sua estrutura e hierarquia na compreensão do preconceito. Especificamente no Brasil, poucos estudos têm considerado a relevância das prioridades valorativas no estudo das atitudes preconceituosas. Neste sentido, o presente trabalho tem como objetivos (1) conhecer em que medida as prioridades valorativas dos indivíduos influenciam sua atitude em relação aos negros e (2) verificar diferenças entre os grupos considerados menos e mais preconceituosos no que se refere ao contato social mantido com os negros em situações cotidianas. Participaram do estudo 300 pessoas da população geral da cidade de João Pessoa, sendo a maioria do sexo feminino (63,7%), com idade média de 30 anos. Estas responderam a uma versão adaptada da Escala de Atitudes Preconceituosas, constituída de dez itens respondidos em escala de cinco pontos, tipo Likert, ao Questionário de Valores Básicos, que compreende 24 itens respondidos em escala de sete pontos, e a uma folha com dados sócio-demográficos (sexo, idade, estado civil, etc.). Como esperado, a atitude preconceituosa apresentou uma correlação inversa e significativa ($p < 0,001$) com os valores Maturidade ($r = -0,30$), Justiça Social ($r = -0,21$) e Honestidade ($r = -0,16$). Por outro lado, verificou-se uma correlação direta e significativa com o valor Poder ($r = 0,16$, $p < 0,01$). Verificou-se também que, os grupos menos (M = 3,12; DP = 1,48) e mais (M = 3,12; DP = 1,48) preconceituosos em relação a manter contato com negros como vizinho não apresentaram diferenças significativas de médias ($t < 1,64$). Entretanto, em relação ao contato com negros como amigos o grupo menos (M = 3,95; DP = 1,16) apresentou média superior ao daquele mais (M = 3,48; DP = 1,15) preconceituoso ($t > 1,96$, $p < 0,05$). Estes resultados corroboram com outros encontrados na literatura sobre o tema. Assim, conclui-se que programas que procurem reduzir o preconceito das pessoas em relação aos negros deveriam levar em conta os valores que promovem uma orientação transcendente ou suprapessoal, que corresponde aos valores que cumprem interesses mistos, sobretudo aqueles do tipo motivacional universalismo.

Palavras-chave: Preconceito; Contato Social; Valores; Atitudes

*****

SOC 03

ABORDAGENS DE PSICOSSOCIOLOGIA EM PROJETOS DE DESENVOLVIMENTO LOCAL. *Tânia Barros Maciel* (*Estudos Interdisciplinares de Comunidades e Ecologia Social - Instituto de Psicologia - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro – RJ*)

A concepção de desenvolvimento local consiste em apreender a comunidade na sua globalidade a partir do conhecimento e respeito às suas tradições locais e raízes culturais em um processo de transformação pela população. Os Projetos Sinuelo, no Mato Grosso do Sul e o Subprojeto de Mobilização Social - Participação Comunitária (SMS/PC), parte do Projeto de Despoluição da Baía de Guanabara (PDBG) - se basearam nas premissas de que o Meio Ambiente deve ser pensado como um processo de interação sócio-cultural e de que não são possíveis ações ditas de desenvolvimento dissociadas do homem e da sua cultura. O Subprojeto de Participação Comunitária (SMS/PC), visava a melhoria da qualidade de vida da população localizada em sete municípios do Rio de Janeiro. O trabalho foi interdisciplinar e a longo prazo, envolveu diversas secretarias de Estado, organizações e Universidades, e teve como objetivo fundamental a realização de um trabalho (através de atividades culturais e educativas) junto às comunidades, para que estas assumissem seu papel no que concerne a uma participação efetiva no processo de saneamento básico. Um dos objetivos foi identificar, formar e treinar líderes locais cadastrando 1151 líderes (528 homens e 623 mulheres). O treinamento de lideranças faz surgir um sistema de retro-alimentação no andamento dos trabalhos e elaboram junto com a comunidade novas formas de continuidade do projeto. A metodologia de Pesquisa Participante (enquete sistemática), consistiu num levantamento de campo dos principais interesses, necessidades e aspirações das comunidades, relacionados com os benefícios decorrentes das obras, resultando no desenvolvimento junto com a comunidade alvo, de ações de mobilização, abrangendo ainda, monitoramento permanente e avaliação contínua junto às populações pesquisadas. A conscientização e mobilização dessas comunidades se faz notar pela continuidade dada ao projeto por meio do trabalho dos líderes. O Projeto Sinuelo, que numa perspectiva mais ampla visa a conservação da cultura e ecologia pantaneiras, objetiva conhecer as necessidades e aspirações/interesses da comunidade, para desenvolver um planejamento de preservação cultural e ecológica da região, à sua própria maneira. Na execução desta pesquisa, a população se encontrava desacreditada de propostas de um ecologismo ingênuo, desrespeitadas em sua sabedoria de conservação da natureza, além de verem a sua fauna e flora serem degradadas. Um vídeo serviu à apresentação e discussão dos muitos problemas da região, com representantes de 167 associações indo desde os proprietários rurais aos habitantes do bairro, abrangendo todos os setores da população. Os resultados indicaram que os principais problemas eram: a) na área urbana, falta de uma estrutura básica de saneamento, transporte público, habitação; b) na área rural do Pantanal, pesca e caça predatórias, carecendo de um programa de preservação ecológica, apontando-se a falta de escolas. Em ambos os casos, a temática da integração das comunidades é apontada como fator fundamental para o êxito de qualquer ação de desenvolvimento e preservação pelas lideranças.

Palavras-chave: Pesquisa Participante; Desenvolvimento Humano Durável; Psicossociologia

*****

SOC 04

UM CORTE NA HISTÓRIA DA PSIQUIATRIA BRASILEIRA: DISCURSOS PRÓ E ANTI MANICOMIAIS E AS POLÍTICAS PÚBLICAS. *Guilherme de Araújo Carvalho** e *Walter Melo Junior*** (*Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro-RJ*)

Este trabalho tem como proposta a investigação acerca de um corte na História da Psiquiatria no Brasil, analisando mais especificamente a questão dos discursos Pró e Anti Manicomiais e a política pública. A metodologia empregada se consistiu de levantamento bibliográfico e entrevistas semi-dirigidas com profissionais da área. Pode-se dizer que alguns trabalhos tentam compreender as mudanças na psiquiatria nacional, privilegiando o momento de construção e consolidação do asilo. O autor Manoel Olavo Loureiro Teixeira aborda o nascimento da psiquiatria no Brasil a partir das denúncias empreendidas pela Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro em 1839, na qual, se questionava a assistência que vinha sendo dada aos loucos. Esse questionamento, que se estende até o decreto que institui o asilo em 1841.

se fez por duas vias concomitantes: os loucos que perambulavam pelas ruas e, tão miseráveis quanto estes, os que eram recolhidos às masmorras da Santa Casa de Misericórdia. A partir destes dois pontos, inicia-se uma verdadeira campanha pró-manicomial que teve grande repercussão, fazendo com que, na passagem da maioridade de D. Pedro II, fosse criado, por decreto, o primeiro hospício do Brasil. Outros trabalhos relatam experiências referentes ao movimento da luta anti-manicomial. O campo da saúde mental no Brasil e suas mudanças na assistência receberam uma proposta de periodização, em 1999, de Eduardo Vasconcelos: o primeiro período, de 1978 à 1980, caracteriza-se pela mobilização da população a partir das denúncias contra os tratamentos desumanos que ocorriam com *freqüência* nos asilos e hospitais psiquiátricos; no segundo período, de 1980 à 1987, ocorre, dentro do modelo de expansão do sanitarismo, a colocação de equipes multidisciplinares na rede ambulatorial de saúde mental e a humanização dos asilos; no terceiro período, entre 1987 e 1992, é lançado o projeto de lei do deputado federal Paulo Delgado e iniciam-se algumas das mais importantes experiências no âmbito psiquiátrico; o quarto período, que se iniciou em 1992 e vem ocorrendo até os dias atuais, caracteriza-se pela consolidação do processo de desinstitucionalização da psiquiatria através da implantação dos Centros de Reabilitação Psicossocial (CAPS). Neste corte feito na história da psiquiatria no Brasil, pode-se dividi-la em dois blocos: o da campanha pró-manicomial, e o da campanha anti-manicomial. A análise feita baseia-se na acepção de Certeau, que entende história como o relacionamento entre prática e discurso, ou seja, através de uma prática que supera as dicotomias cultura/natureza e indivíduo/sociedade, e deixa de ser uma mera re(a)presentação de uma realidade presente. Portanto, este trabalho vem chamar a atenção, tanto no caso da luta pró-manicomial quanto na anti-manicomial, estavam em concordância com a política vigente. No caso pró-manicomial, ele serviria para "limpar" os loucos das ruas; e no caso anti-manicomial, convivendo com políticas neoliberais, serviria para diminuição dos gastos sociais. Assim, este trabalho põe em xeque a questão da existência de uma neutralidade nos discursos pró e anti manicomiais.

(UERJ)
Palavras-chave: Psiquiatria; Políticas Públicas; Reforma Psiquiátrica

*****

SOC 05
A IMAGEM DA ALEMANHA E DO ALEMÃO ENTRE MORADORES DO DISTRITO FEDERAL. *Zenith Nara Costa Delabrida**, Ludmila Fernandes de Cunha**, Uadelina do Rego Santos**, Margarida Maria Mariano Rodrigues**, Cláudia Alves Santos Monteiro**, Frederico Nicolás Pinheiro Barreto**, Cínara Pinto Oliveira** e Hartmut Günther (Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, Universidade de Brasília, Brasília-DF)*
O conceito de imagem de um país pode ser definido como marcas, fragmentos, impressões deixadas na mente por filmes, histórias, fábulas entre outros meios de comunicação, independentemente do conhecimento do lugar ou do povo que nele habita. Assim, a forma como as pessoas pensam e agem em relação a outros países ou habitantes depende entre outros fatores, das imagens que essas pessoas possuem. O objetivo desta pesquisa foi conhecer a imagem da Alemanha e do povo alemão. Participaram da pesquisa 399 sujeitos, sendo 44,2% mulheres e 55,8% homens. A amostra incluiu adolescentes, jovens, adultos e idosos com idade média de 41,8 anos (mínimo=13 e máximo=92, dp: 11,7). A ocupação profissional dos participantes variou entre estudantes, profissionais liberais, comerciantes, funcionários públicos, aposentados, entre outros. O nível de escolaridade abrangeu desde 1° grau até pós-graduação. O estudo foi realizado no Aeroporto Internacional de Brasília, escolas de línguas, prédios residenciais, entrequadras, casas e estabelecimentos comerciais. Foram utilizados questionários e roteiros de entrevista, com perguntas abertas e fechadas. Todos os instrumentos incluíram 4 perguntas básicas que abordavam impressões do povo e país alemão, e o que os brasileiros poderiam ensinar/aprender com os alemães. As respostas dadas às perguntas abertas, que se referiam à Alemanha e ao povo alemão, apresentaram mais aspectos negativos que positivos. Especificamente sobre o país a maioria das respostas referiu-se à guerra, nazismo, Hitler e "povo frio". No entanto, houve uma maior dispersão de respostas referentes a aspectos positivos: desde povo sofrido pela guerra e alta tecnologia, até grande desenvolvimento econômico-social. A cultura foi, dentre esses aspectos, o mais citado: nome de compositores clássicos, filósofos, livros, entre outros. O povo foi caracterizado com baixas habilidades interpessoais, sendo considerado frio, racista, autoritário, rígido e xenófobo. E ao mesmo tempo, bonito, trabalhador, disciplinado, sofrido, culto e divertido. Os brasileiros poderiam ensinar aos alemães: cultura brasileira, alegria, flexibilidade, calor humano, descontração, hospitalidade, criatividade etc. Por outro lado, os brasileiros poderiam aprender com os alemães: cultura alemã, disciplina, ciência, valorização da própria cultura etc. De maneira geral, a imagem que os respondentes têm da Alemanha está ligada de um lado, a um passado de guerra, fatos históricos marcantes como o Muro de Berlim e por outro lado, a um presente de potência industrial, tecnológica, educacional e social. A imagem do povo foi contraditória. Ao mesmo tempo em que o alemão é rígido, "grosseiro", de difícil relação interpessoal, ao contrário do brasileiro, também gosta de cerveja e festas, como o brasileiro. Além disso, a imagem do povo está fortemente associada ao trabalho, por características como competência e organização. Apesar da imagem contraditória, ou até mesmo negativa, ressalta-se o interesse dos respondentes em estabelecer intercâmbios culturais com os alemães tanto no sentido de ensinar, como de aprender.
Palavras-chave: Imagem; Alemanha; Cultura

*****

SOC 06
INTERVENÇÃO EM CRECHE: NOVAS POSSIBILIDADES DE CRIAÇÃO. *Ana Carolina Corrêa* e Cecília da Silva Brito* (Psicologia, Puc, Rio de Janeiro, RJ)*
Este estudo tem como objetivo fortalecer as redes de sociabilidade e reciprocidades locais, cujo foco de atuação é uma instituição do tipo creche situada na favela Santa Marta, no bairro de Botafogo, na cidade do Rio de Janeiro. O trabalho é parte do estágio em psicologia comunitária da PUC-Rio. Utilizamos como estratégia a pesquisa participante, visando investigar as relações que se estabelecem em certa localidade e especialmente na instituição, construindo e reforçando laços mais solidários e menos individualistas. Atuamos junto à professoras, demais funcionários e pais das crianças, partindo da perspectiva crítica ao especialista, onde esses agentes deixam de ser os detentores do único saber reconhecido e todos os participantes são chamados a ser co-autores no diagnóstico dos problemas vividos, assim como na criação de novas alternativas. A técnica de coleta de dados utilizada por nós foi a entrevista não-dirigida, propondo temas iniciais para discussão, dentre eles: o trabalho do professor, satisfação quanto à profissão, questões salariais, a relação entre professor-aluno-família, relação entre a direção, coordenação, professores e funcionários, e sobre a recreação infantil. Esta técnica permite a captação das informações de forma mais aberta e menos "censurada", elucidando aspectos do embate da relação instituído x instituinte. Acreditamos que o papel do psicólogo social comunitário se constrói a partir de uma demanda específica e contextualizada, abrindo possibilidades para um trabalho mais amplo, integrador, solidificado através dos vínculos afetivos que se estabelecem entre agentes, instituição e todos os participantes envolvidos. Entendemos que nossa intervenção deve lançar mão das bases familiares e comunitárias de apoio a pais e filhos, fortalecendo-as, pois observamos que nas localidades trabalhos de excelência são executados com crianças e suas famílias. Somente através do forte vínculo e confiança estabelecidos, podemos obter resultados satisfatórios quanto aos objetivos propostos. No início do nosso estudo, houve alguma resistência à nossa presença e atuação, por parte da direção, dos funcionários e das próprias professoras, cabendo a nós estabelecermos uma relação de confiança e afetividade. Vale à pena ressaltar, que a pesquisa participante é um processo contínuo, sendo ajustada, dependendo do tipo de demanda e do entrosamento estabelecido. O conhecimento produzido serve para melhorar a vida das pessoas, transformando a realidade, abrindo novas possibilidades de criação, de ser e estar. O trabalho em creche se estende para além do espaço escolar. Comunidade, instituição, professoras, funcionários e estagiárias em psicologia são todos responsáveis, co-autores neste processo educacional.
Palavras-chave: Creche; Pesquisa participante; Psicologia social comunitária

*****

SOC 07
MODOS PARADOXAIS DE SUBJETIVAÇÃO NA SOCIEDADE INFORMATIZADA. *José Mauro Gonçalves Nunes (Dep. de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, RJ e Dep. de Psicologia, Universidade Veiga de Almeida, RJ)*
Este trabalho objetiva discutir as implicações das tecnologias informáticas para a problemática da construção e da regulação da subjetividade. Por se tratar de uma pesquisa conceitual, partiu-se de uma avaliação da literatura que discute tanto o contexto da sociedade contemporânea quanto a que discute os impactos das tecnologias informáticas em seu âmbito, sendo então analisada à luz de uma concepção de sujeito discutida pela perspectiva pragmática (Ludwig Wittgenstein e Anamaria Coutinho) e genealógica (Michel Foucault), ou seja, que concebe a subjetividade como socialmente construída em grande parte. Desta forma, o pano de fundo desta discussão gira em torno da problemática da globalização econômica, o papel das tecnologias informacionais-comunicacionais na sua difusão em escala mundial, e seus efeitos diferenciais nas esferas política, social e cultural, configurando o que se denomina atualmente de Sociedade Informatizada. Desta forma, em primeiro lugar trata-se de mapear criticamente a literatura relevante para o entendimento da complexidade da Sociedade Informatizada em seus aspectos econômicos, político, social, cultural e do trabalho, indicando os seus efeitos em diferentes contextos como os países do Norte e os países semi-periféricos, onde se localiza o Brasil. Dado este contexto de discussão, numa segunda etapa procura-se delinear quatro paradoxos que são considerados significativos e ilustrativos para o entendimento da constituição dos modos de subjetivação na contemporaneidade. O primeiro paradoxo diz respeito à estruturação de formas de subjetivação em um cenário de acúmulo vertiginoso de informação que proporciona a perda de critérios de seleção e de uso em função dos diferentes interesses e preferências dos usuários (sujeitos contemporâneos "afogados em dígitos" ou assoberbados pela informação). O segundo paradoxo gira em torno da problemática do incremento da criatividade humana via uso destas tecnologias (links em hipertexto, CD-ROMs) contrastado pela sua restrição dada a limitação oferecida que é inerente ao ambiente informático (limitações quanto à confecção do software, restringindo a criação de percursos

próprios de navegação pelo conteúdo informacional para cada usuário). O terceiro paradoxo envolve a intensificação e a redefinição das relações sociais dado o impacto nas comunicações proporcionadas por tais tecnologias (comunicações a distância em tempo real, chats, BBS), coexistindo com o distanciamento da experiência social proporcionado pelo uso prolongado e continuado de tais ferramentas (diminuição das interações face-a-face, esvaziamento do espaço público em detrimento da inflação da esfera privada, hiperrealismo, "estranhamento" e impessoalidade das relações sociais). Por fim, o quarto e último paradoxo implica na coexistência, na esfera subjetiva, de tendências opostas de homogeneização subjetiva veiculadas pela mídia de massa global (padronização de valores, gostos, preferências e expectativas) e da fragmentação e descentramento (esgarçamento subjetivo, experiências de clivagem, desestruturação e paralisia psíquicas), complexificando em demasia a problemática da subjetividade no âmbito atual.

Palavras-chave: Modos de Subjetivação, Tecnologias Informáticas, Sociedade Informatizada

SOC 08

UMA TIPOLOGIA DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES DE RUA BASEADA NA ANÁLISE DE AGLOMERADOS. *Raul Aragão Martins (Universidade Estadual Paulista - UNESP - Campus de São José do Rio Preto)*

Crianças e adolescentes em situação de rua vêm sendo estudados de forma sistemática desde a década de setenta. Os primeiros estudos procuraram quantificar esta população, e posteriormente para melhor conhecê-los surgiram tipologias baseadas em um critério, como tempo de permanência na rua, ou dois, tempo mais vínculo familiar. Com a finalidade de oferecer um procedimento de classificação, e uma tipologia, este estudo aplicou a análise de aglomerados (cluster analysis) a dois grupos. O primeiro composto de praticamente todas crianças e adolescentes em situação de rua no centro de uma cidade do interior do Estado de São Paulo, totalizando 67 pessoas, e o segundo, uma amostra de 31 crianças e adolescentes, de dois bairros da mesma cidade, participantes de grupos de rua. Para o primeiro grupo foram selecionados doze critérios e para o segundo, sete, que resultaram, para ambos grupos, em três aglomerados distintos. No grupo rua, o aglomerado 1, com 40,3% casos, caracterizou-se por predominar a falta de supervisão de adultos, ter 96% dos seus membros usando o espaço de rua para mendigar/perambular/brincar e usar drogas, 100% com tempo de rua alto, abandono progressivo da escola, e 85% não retornando diariamente para casa. No aglomerado 2, com 16,4% dos casos, tem 64% dos seus membros usando o espaço de rua para mendigar/perambular/brincar, cerca da metade faz uso de drogas (55%), 64% deles com tempo de rua alto, um quadro menos acentuado de abandono progressivo da escola e 55% não retornando diariamente para casa, e no aglomerado 3, com 43,3% dos casos, se caracteriza por mais da metade usar o espaço de rua como local de trabalho (55%) e 100% deles não se envolveram com drogas, embora 52% deles tenham tempo alto de rua. No segundo grupo, das crianças e adolescentes dos bairros, encontramos no aglomerado 1, um predomínio do sexo masculino, com alta presença na escola e baixo uso de drogas. No aglomerado 2, o mesmo perfil, mas com predomínio feminino e no aglomerado 3, maioria do sexo masculino (67%), menor freqüência à escola (58%), maior participação em programas sociais (75%) e uso de drogas (58%). Resultados mostraram que este tipo de análise é útil na classificação destas crianças, que por sua vez podem subsidiar melhor planejamento e ações de políticas públicas para o setor.

Palavras-chave: Crianças de rua; Tipologia; Uso de drogas; Análise de aglomerados

SOC 09

TRABALHO INFANTIL E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE GÊNERO. *Rosalaine Berenice Ferreira da Silva (Dep. de Psicologia da Universidade de Santa Cruz do Sul, RS)*

Esta pesquisa consistiu em analisar uma das formas de trabalho infantil na região de Santa Cruz do Sul. Foi estudado o modo como a inserção precoce no trabalho é assimilada pelas crianças, em especial pelas meninas, sendo que o trabalho doméstico é um deles. Os passos para a consolidação deste trabalho se deram, inicialmente, pelas visitas às famílias do interior do município; logo após, entrevistou-se seus componentes, bem como as crianças. Num outro momento, foi aplicado um teste de personalidade (CAT-A), nas meninas, analisando-se seus vínculos afetivos e o modo como a identidade feminina está se estruturando, já que ela está inserida no mundo do trabalho precocemente. A faixa etária estudada compreendeu as idades de 10 a 12 anos. As meninas pertenciam à famílias de pequenos produtores rurais, em que a atividade agrícola principal é o cultivo do fumo. Os resultados alcançados salientam a importância de um vínculo maior entre a criança e sua família. Meninas entrevistadas comentam da impossibilidade de realizar seus sonhos profissionais, tendo que se sujeitar à lavoura. Esta impossibilidade de concretizar seus projetos para o futuro, enreda a menina no mundo doméstico, desde pequena. A identidade que ela forma fica circunscrita às tarefas da organização da casa, como limpar, varrer, cozinhar. Não lhe são dadas outras possibilidades, pois aprendem que o dever e o lugar da mulher é ficar em casa, pois os homens trabalham na lavoura e as mulheres auxiliam. Esta forma de ajuda reflete-se na formação de sua identidade que, por sua vez, fica calcada em cima de pressupostos de deveres domésticos. O tempo para o estudo e a brincadeira torna-se, com isto, escasso. Não se tem tempo para ser criança e a identidade feminina, desde cedo, é amarrada por valores preconcebidos e instituídos por um sistema consolidado pelo trabalho familiar. Conclui-se, então, que o trabalho infantil interfere na capacidade da menina em ser criança e isto faz com que ela desenvolva uma identidade baseada nas relações de trabalho, já que suas relações familiares dão margem a estas relações numa idade bastante precoce. Sabe-se que as primeiras relações e vínculos mantidos pelas crianças constituem a base de uma construção de identidade e senso de eu muito importantes para um desenvolvimento sadio. Caso estas relações são relegadas a um segundo plano, a criança pode apresentar conseqüências, na vida adulta, prejudiciais para sua personalidade. Então, estas meninas, além de não terem tempo para viver sua infância, também carregam consigo o peso de construírem sua identidade feminina enredada num mundo privado, ou seja, no mundo doméstico apenas, sem muitas chances de conhecer e dar vazão às suas potencialidades inatas.

Palavras-chave: Identidade; Gênero; Trabalho Infantil

SOC 10

HABILIDADES SOCIAIS NA VELHICE: UMA ANÁLISE QUALITATIVA DA CAPACIDADE DE UM GRUPO DE IDOSAS SUPRIR SUAS NECESSIDADES JUNTO A SUA REDE DE APOIO SOCIAL. *Elizabeth J. Barham, Ana Carolina S. Giusti* (Departamento de Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP)*

Em algum momento, pessoas idosas precisam lidar com restrições nas suas capacidades físicas e a perda de pessoas queridas. Para enfrentar esses desafios é muito importante garantir o bom funcionamento da rede de apoio social dos idosos, que provavelmente depende de suas habilidades sociais (por exemplo, a adequação da maneira como pede ajuda, expressa suas opiniões, lida com críticas, dá e recebe elogios etc.). Assim, a qualidade de vida na velhice depende, em parte, da capacidade dos idosos em suprir suas necessidade junto às pessoas que compõem sua rede social e em preencher lacunas nesta rede criadas pela perda de pessoas próximas. Até agora, a maioria das pesquisas sobre interações envolvendo idosos enfocam questões como respeito aos seus direitos civis, concepções de dependência e autonomia e relações entre cuidadores e idosos. Para melhor entender a maneira como as habilidades sociais dos idosos afetam o apoio que eles recebem, foram propostos três objetivos: a) investigar a qualidade dos relacionamentos interpessoais de idosos nos contextos familiar, da amizade e público, b) analisar a adequação de algumas habilidades sociais de idosos que podem ser especialmente importantes nesta fase da vida; e c) investigar o impacto da perda de pessoas queridas na capacidade de pessoas idosas manterem suas rotinas. Para tanto, foram realizadas entrevistas individuais com 10 idosas saudáveis, de baixa renda, que freqüentavam um grupo para pessoas da terceira idade num centro comunitário numa cidade no interior do estado de São Paulo. O roteiro de entrevista compunha-se de 34 questões abertas preparadas para investigar a qualidade das suas relações interpessoais, a maneira como lidavam com determinadas situações interpessoais nos contextos familiar, de amizade e público e os impactos da perda de pessoas próximas. Uma análise de conteúdo dos dados, feita por dois juízes, com uma taxa de concordância de 91%, mostra que: a) as relações interpessoais das entrevistadas eram positivas nos três contextos examinados, b) apesar dos bons relacionamentos, muitas das respondentes indicaram dificuldades em expressar e suprir suas próprias necessidades (por exemplo, pedir ajuda, expressar sua própria opinião, lidar com críticas); c) tudo indica que estas respondentes estão lidando com a perda de pessoas queridas usando estratégias adequadas, incluindo a formação de novas amizades. Deve-se ressaltar que a amostra de sujeitos inclui só mulheres, de uma parcela da população de idosas ainda física e socialmente ativas. Como muitas das entrevistadas relataram dificuldades em lidar com demandas interpessoais que são comuns durante a velhice, recomenda-se um estudo mais extenso das expectativas e capacidades interpessoais desta população, para verificar a necessidade de preparar intervenções que melhor capacitem-nas a suprir suas necessidades junto a sua rede de apoio.

Palavras-chave: Habilidades sociais; Qualidade de vida na velhice; Apoio social

SOC 11

MODOS DE ORGANIZAÇÃO EM UMA ATIVIDADE GRUPAL: ANÁLISE DE SUJEITOS E SEUS MOVIMENTOS. *Sandra Inês Salvaro Abella*, Andrea Vieira Zanella e Kleber Prado Filho (Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC)*

O presente trabalho analisa o movimento de dois subgrupos envolvidos em uma atividade cuja tarefa consistia na resolução de um problema a partir de duas formas de gestão, a saber, tradicional e contemporânea. O contexto da atividade consistia em um curso de formação de gerentes em serviço, sendo que os participantes eram funcionários de um órgão direto da administração pública federal e ficaram reunidos durante duas semanas, período em que vários conteúdos foram trabalhados. O grupo em questão era composto por 30 adultos, servidores públicos que desenvolviam suas atividades profissionais em diferentes cidades brasileiras; em sua maioria, possuíam nível de

escolarização superior e provinham de áreas distintas do conhecimento. O tempo de serviço na referida instituição era variável, compreendendo desde contratados a menos de um ano até servidores que estavam próximos de se aposentar. O material para análise foi coletado através do registro escrito das observações in loco e fotografias do processo em seus diferentes momentos. As análises centraram-se nos movimentos dos sujeitos e suas características, mais especificamente em como lidam com lugares sociais institucionalizados e burocratizados previamente estabelecidos, desempenhando funções pré-determinadas coletivamente. O referencial teórico que norteou as análises centrou-se nos pressupostos da psicologia histórico-cultural. Um primeiro aspecto considerado na análise refere-se ao fato de que os grupos foram organizados a partir da localização geográfica em sala de aula, o que de certa forma congregou escolhas anteriores decorrentes de possíveis afinidades entre os sujeitos. Foi possível observar também diferentes formas de organização dos grupos para a execução da atividade proposta em seus dois momentos, sendo os resultados da atividade igualmente diferenciados. Assim, o grupo que se caracterizava como o "grupo dos quietos" no curso de formação desempenhou bem as tarefas nos dois modos de gestão, destacando-se pelo modo de organização conforme a gestão contemporânea na medida em que seus integrantes conseguiram criar e romper com o modelo tradicional de organização do trabalho. Já o grupo 2, caracterizado como "dos falantes", teve dificuldade em resolver a tarefa proposta nos dois modelos de gestão, sendo que no segundo flexibilizou a burocracia mas não chegou a rompê-la, como aconteceu com o grupo L. Assim, foi possível observar como, numa situação fictícia, esses sujeitos dialogam com significações historicamente produzidas e cotidianamente manifestas sobre formas de organização do trabalho e como vivenciam a possibilidade de re-significar essas mesmas significações: um grupo que é mais contido em outros momentos, porém que consegue dar conta de produzir uma outra forma de relação no trabalho, e outro grupo que é mais ativante coletivamente, mas que não consegue inovar e criar quanto à possibilidade de diálogo com significações cristalizadas e concretas. Em suma, a análise dos movimentos nos dois grupos e o resultado de suas atividades permite concluir que mudanças nas formas de gestão precisam necessariamente ser acompanhadas de um trabalho junto aos sujeitos envolvidos, posto que em princípio não é possível estabelecer relações diretas entre formas de gestão e produtividade.

Bolsa de Iniciação Científica PIBIC/CNPq - BIP/UFSC.
Palavras-chave: Grupos; Relações sociais; Modelos de gestão

SOC 12
HOMEM E ESPAÇO DOMÉSTICO: TRANSFORMAÇÕES EM CURSO
Vanessa do Nascimento Fonseca, Paula Fernanda Magalhães* (ICOS. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio de Janeiro)*
O presente trabalho é o desdobramento de uma pesquisa de iniciação científica realizada por alunas de graduação em psicologia e orientada por Maria Lúcia Rocha-Coutinho, professora adjunta do Instituto de Psicologia da UFRJ, cujo objetivo foi uma melhor compreensão da identidade do homem brasileiro atual, em um contexto de profundas transformações sociais, principalmente no que diz respeito ao papel de homens e mulheres na família e na sociedade. A partir da inserção da mulher, principalmente de classe média, no mercado de trabalho e sua consequente independência financeira, o homem foi tendo que se adaptar às novas exigências domésticas. Entretanto, falta a ele um modelo ao qual seguir. Ao contrário da mulher, que ampliou sua participação para um espaço mais valorizado socialmente, o homem está se vendo forçado a aumentar sua participação em esferas de menor status, a doméstica. Colocar-se no terreno de menor valor das mulheres sempre foi considerado desvalorizante para o homem. Embora ele comece a entender a importância e o prazer de acompanhar o desenvolvimento dos filhos e participar da vida em família, ainda lhe causa sentimentos confusos. Através da análise do discurso de quinze entrevistas realizadas com estudantes universitários do sexo masculino, de diversas áreas, com idades entre dezoito e vinte e cinco anos, observou-se a existência de pensamentos contraditórios quanto à como deve ser a atuação do homem em família. Muitas vezes, o que os estudantes mostravam como ideal não era o que eles informavam como sendo sua prática. A divisão das tarefas rotineiras da casa ainda se apresenta de maneira pouco satisfatória, haja visto que os homens consideram sua função como sendo apenas de ajuda, não dividindo totalmente a responsabilidade pela organização doméstica com a mulher. Ele também não se sente à vontade para assumir totalmente as atribuições do lar, enquanto a mulher se encarrega de garantir o sustento financeiro da família. As entrevistas com os universitários demonstraram que o homem ainda se vê no papel de provedor fundamental da família, sendo seu trabalho mais importante. Todavia, observou-se uma distância entre o discurso e a prática. Aquele tentando sempre adequar-se à fala moderna, e essa última ainda presa aos parâmetros culturais mais antigos. Acreditamos que isto se deve principalmente ao processo não acabado de transformações desencadeadas com as conquistas feministas, em que a redefinição de novos papéis de gênero ainda está ocorrendo.

SR2/CNPq e UFRJ/PIBIC/CNPq
Palavras-chave: Masculinidade; Discurso; Família

SOC 13
ERROS, LAPSOS E INFRAÇÕES NO TRÂNSITO. *Leandro Mallu de Souza (NEPTRAN - Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Trânsito; Comissão de Psicologia do Trabalho, Trânsito e Desportos do Conselho Regional de Psicologia do Rio de Janeiro) e Cynthia Clark (NEPTRAN - Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Trânsito, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro)*
Este estudo teve como objetivos levantar a freqüência com que ocorrem três tipos de comportamento do motorista no trânsito - erros, lapsos e infrações - e relacionar tais comportamentos com o sexo e a faixa etária do motorista. Erros, lapsos e infrações são mediados por diferentes mecanismos psicológicos. Enquanto os erros e os lapsos estão ligados à tomada de decisão e à atenção, as infrações envolvem tanto fatores sociais quanto motivacionais. Canto e um motoristas, 49 homens e 52 mulheres, com idades entre 19 e 73 anos, moradores na cidade do Rio de Janeiro, completaram a tradução para o Português do Driving Behaviour Questionnaire (DBQ), originalmente desenvolvido na Inglaterra. O questionário é composto de 50 itens que devem ser respondidos em uma escala de 6 pontos desde o extremo nunca até o quase sempre. Estes 50 comportamentos são também classificados quanto ao risco envolvido em: nenhum risco, risco possível para os usuários das vias e risco definitivo. Os comportamentos mais freqüentes foram: não respeitar o sinal vermelho à noite (M=3,57) , sem perceber estar acima da velocidade permitida (M=2,81), excesso de velocidade à noite (M=2,69), ultrapassagem pela direita (M=2,40) e pressionar o motorista do carro que vai à frente (M=2,33). Os comportamentos menos freqüentes foram: envolver-se em pegas (M=0,07), tentar dar com o carro sem ter dado a partida (M=0,20), sair em 3ª marcha quando abre o sinal (M=0,20), trancar o carro com as chaves dentro (M=0,37) e julgar mal a velocidade do carro que vem em sentido contrário (M=0,45). Os primeiros pertencem à categoria infração e envolvem risco definitivo enquanto os outros são em sua maioria lapsos e envolvem menor risco. Os resultados mostram que os homens admitem cometer significativamente mais erros (t=2,47; gl=99; p<0,02) e infrações (t=2,10; gl=99; p<0,05) do que as mulheres e, que os comportamentos potencialmente mais perigosos são mais freqüentes no grupo de homens (t=2,95; gl=99; p<0,01) do que de mulheres. Quando comparadas as faixas etárias, esses comportamentos potencialmente mais perigosos são significativamente mais freqüentes nos jovens até 25 anos do que nos grupos acima dessa idade (F=6,22; gl=2,98; p<0,01). Os dados vão ao encontro de resultados obtidos em outros países e, parecem indicar alguma relação com a falta de experiência, o excesso de autoconfiança e níveis de gravidade diferentes em função do sexo e da idade do motorista.
Palavras-chave: Psicologia do trânsito; Infrações; Comportamento de motorista

---

SOC 14
UMA ANÁLISE DO DISCURSO MASCULINO SOBRE A RELAÇÃO HOMEM/MULHER NA ATUALIDADE. *Alesa Marques dos Santos* e Caroline Monteiro Sanvi* (ICOS, Instituto de Psicologia da UFRJ, RJ)*
A entrada da mulher no mundo público, com sua inserção no mercado de trabalho, atribuiu a ela maior independência financeira, o que muda consequentemente a realidade masculina. Começa a surgir um "novo" homem que valoriza também, além do lado profissional, seu desenvolvimento e realizações pessoais. Procuramos entender melhor, através da análise do discurso de jovens universitários brasileiros, essa nova identidade que vem surgindo no contexto atual e sua relação com trabalho e família, uma vez que essa mudança tem inserido cada vez mais o homem no espaço privado e minimizado seu papel de provedor. Esses "novos" homens estão se desenvolvendo num contexto onde são expostos à um discurso que valoriza o investimento nos planos afetivo e pessoal. Todavia, acreditamos que o antigo discurso que valoriza o sucesso profissional e ganhos sexuais, permanece ainda no discurso social, convivendo com o "novo" discurso. Procura-se verificar como o discurso de igualdade entre os sexos, muito presente na sociedade atual, aparece na fala dos entrevistados. Essa contradição aparece no discurso dos entrevistados nas suas expectativas com relação ao conteúdo presente nas categorias abordadas na entrevista, sendo elas: trabalho, casamento, maternidade/paternidade, relação homem/mulher, sexo, corpo, beleza e sedução. Na pesquisa Super-homem em tempos de crise, o feminismo e o "novo" homem no Brasil atual, de autoria de Maria Lúcia Rocha-Coutinho, entrevistamos estudantes universitários do sexo masculino, do Rio de Janeiro, na faixa etária de 18 a 28 anos, que estivessem cursando diferentes áreas profissionais agrupadas em bio-médico, tecnológica, ciências humanas e sociais, letras e artes, ciências jurídicas e econômicas. Todas as entrevistas foram gravadas com o consentimento verbal do entrevistado e posteriormente foram transcritas na íntegra visando preservar ao máximo o que foi dito, tal qual foram supostos. Após a transcrição das entrevistas foi realizada a análise do discurso das categorias anteriormente selecionadas. Trata-se de um desdobramento da pesquisa acima citada, onde iremos nos aprofundar nos dados colhidos na categoria relação homem/mulher. Como resultados podemos perceber uma mudança na expectativa do homem acerca do seu relacionamento com sua "parceira" (termo bastante usado pelos entrevistados que denota uma mudança de foco), onde a mulher passa a ser uma pessoa com a qual as responsabilidades podem ser divididas numa

relação de cumplicidade. Ainda percebemos que o homem assume como vontade própria aspectos do universo feminino. Vale ressaltar que em certos conteúdos dessa categoria manteve-se o discurso tradicional, não havendo, portanto, mudanças. Tendo em vista esses resultados podemos concluir que os sujeitos contemporâneos confrontam-se com a possibilidade de identificar-se, mesmo que provisoriamente, com múltiplas identidades. Através da análise do discurso desse sujeito pôde-se verificar a presença dessa contradição entre o moderno e o tradicional, entre o que é bem aceito pela sociedade e o que o indivíduo pensa de fato.
Palavras-chave: Relacionamento; Homem/mulher; Discurso

***

SOC 15
GLOBALIZAÇÃO E MASS MEDIA: PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS. *Deise Mancebo (orient.), Guilherme Araújo de Carvalho*, Jorge Guilherme Teixeira de Fonseca*, Luciana Vargas da Silva*, Monica Silva da Costa*, Tatiana Monteiro Araujo*. (Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.)*
INTRODUÇÃO: Este trabalho resulta de estudos e discussões desenvolvidos no interior de uma pesquisa intitulada " Globalização, Neoliberalismo e Produção de Subjetividades", da qual tem surgido algumas temáticas centrais para entender as formas de subjetivação contemporâneas. Uma delas reporta ao papel dos meios de comunicação na construção de subjetividades que legitimam o processo em curso. METODOLOGIA: Para a análise desta temática, a pesquisa percorreu diversas leituras (livros, artigos e material publicado na grande imprensa). Buscou contemplar autores que se dedicam prioritariamente ao estudo das mensagens veiculadas, bem como os que se dispõem a problematizar os efeitos ou as causas do que é transmitido. RESULTADOS: Primeiramente, observou-se que uma variedade de mensagens têm estimulado, cada vez com maior intensidade e evidência, o auto-investimento e a auto-ajuda como um exitoso modo de existir no mundo contemporâneo. Há autores que remetem suas conclusões à existência de um "território humano irradiado", ou seja, marcado pela distância entre os indivíduos, pela presença de grupos socialmente atomizados, que elegem o individualismo como uma de suas máximas. Estas análises foram iniciadas pelo pensamento da Escola de Frankfurt, de modo que, após Adorno e Horkheimer, mais especificamente, toda a discussão sobre a padronização e a massificação culturais sofre algumas transformações, mas permanece embasada. Autores mais recentes chamam atenção para o risco de "macdonaldização" cultural, que consistiria na assunção em escala global dos modos de consumo e comportamento predominantes em setores cada vez mais amplos da sociedade norte-americana. Apesar de constatações neste sentido, outros teóricos consideram que, mais do que favorecer o surgimento de uma cultura global única, o processo de globalização tende a promover a expressão e a acentuação da multiplicidades, fragmentações e hibridização da cultura. Em uma discussão paralela e mais específica, destaca-se a contribuição de Bourdieu, cuja análise sobre o campo jornalístico traz contribuições extremamente significativas, inclusive no que respeita às causas para a discutida uniformização, construída por uma pragmática de concorrência e de interesses mercadológicos, perpetrando uma espécie de "violência simbólica" e, em decorrência, a manutenção da ordem simbólica. CONCLUSÃO: O trabalho aponta os meios de comunicação como um dos atuais aparelhos ideológicos que, em esfera global, acrescentados às tradicionais instituições do modo de produção capitalista - escola, família etc -, participam na organização do espaço social e das subjetividades, ocasionando fortes impactos nas culturas e identidades nacionais. Conclui com uma discussão sobre a globalização, o intenso processo de mudanças e redefinições culturais que ela comporta, das quais os sujeitos e grupos sociais não passam imunes, seja através de um processo de acomodação cultural ou de uma apropriação crítica das novas pautas de comportamento.

Agência Financiadora: UERJ, CNPq, FAPERJ
Palavras-chave: Globalização; Subjetividades; Meios de Comunicação

***

SOC 16
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA APOSENTADORIA. *Lucas Graeff* (Dep. de Psicologia Social e Institucional, UFRGS, Porto Alegre, RS)*
A população idosa no Brasil vem sofrendo uma expansão significativa nas últimas décadas. Segundo os dados atuais do IBGE, o contínuo processo de envelhecimento populacional fez com que a porcentagem das pessoas idosas passasse de 7,4% em 1989 para 8,3% em 1995, alcançando 9,1% em 1999. A partir da década de 90 há acentuado crescimento na produção científica sobre velhice, além da expansão das universidades de terceira idade e formação de grupos de pesquisa em gerontologia. No que diz respeito à aposentadoria como problema de pesquisa, apesar de ser um dos assuntos recorrentes, a utilização da Teoria da Representações Sociais para seu estudo é bastante restrita. O início do processo de aposentadoria ocorre quando a pessoa se dá conta que, em algum momento, deixará seu emprego e assumirá um novo papel implicando em construções positivas e negativas perante uma nova realidade. Com o objetivo de verificar especificidades relativas à vivência de tal processo, propôs-se uma pesquisa a partir do referencial das Representações Sociais. A amostra foi de 8 homens com mais de 60 anos, aposentados por tempo de serviço e residentes em Porto Alegre, originários do projeto "Trabalho e Aposentadoria" (1999). Cada sujeito foi entrevistado conforme um roteiro previamente estruturado, com gravação consentida. As entrevistas foram transcritas, lidas (leitura flutuante) e posteriormente categorizadas a partir das palavras-chave "trabalho" e "aposentadoria", além de derivações, como "trabalhar" ou "aposentado". Em razão da opção metodológica, não são estabelecidas hipóteses a priori, mas questões norteadoras: como o idoso aposentado urbano representa a aposentadoria? Qual o valor atribuído à aposentadoria como um novo momento de vida? O conteúdo das entrevistas trouxe à tona representações sociais que foram dispostas em três categorias: "Aposentadoria como um prêmio", que explicita a ligação dos anos de trabalho com uma recompensa em forma de descanso e remuneração; "O aposentado está sempre em férias", que demonstra uma forma de ancoragem e objetivação de uma nova vivência - estar aposentado - no universo consensual dos sujeitos, na medida que é há o paralelo entre uma referência anterior (as férias do trabalho) e a atual situação de ociosidade; e "A preparação para uma segunda vida", apontando para a necessidade subjetiva de pessoa em criar novas estratégias para o novo papel a ser assumido, com fins de promover o bem-estar e a longevidade. Concluiu-se que as falas dos entrevistados reforçam, no campo das Representações Sociais, o que gerontólogos de vários países vêm propondo: a importância da discussão e compreensão do processo de aposentadoria, uma vez que o assunto evoca sentimentos ambíguos e incertezas num momento de vida cada vez mais presente e extenso, a terceira idade.

Apoio financeiro: bolsa de iniciação científica CNPq.
Palavras-chave: Aposentadoria; Trabalho; Representações sociais

***

SOC 17
AMOR, ALTERIDADE E NOVO MILÊNIO. *Regina Glória Nunes Andrade (UERJ)*
Os estudos da psicologia Social e da Psicanálise são privilegiados com relação às transformações que ocorrem na subjetividade e nas relações objetais. Na dialética da intersubjetividade há o produto da relação dual entre o sujeito e o outro, simétrica e recíproca, constitutiva de sua subjetividade. São pois as transformações decorrentes do desdobramento das relações do ego com o Outro, enquanto mundo simbólico, onde se estabelecem as restituições da relação imaginária da estrutura do sujeito e se desenvolve independente o controle social ou cultural.
Alguns outros conceitos são necessários para descrever com mais rigor o que é próprio do social. Para qualquer lado que nos voltemos nesta dialética do sujeito encontraremos transformações. Assim é impossível haver a liquidação do processo dialético da intersubjetividade. Estas são as bases das transformações nos relacionamentos e na alteridade que é muito mais do que relacionamento porque envolve transformações de um para o outro sujeito. De todas as estruturas do imaginário, a alteridade é talvez a mais corrente.
Uma síntese da alteridade seria bastante satisfatória se fosse possível ser realizada. Aqui está a idéia a ser desenvolvida que o sujeito vê em si próprio um mais além do Outro e um mais aquém de si, uma imagem e como toda imagem fruto do real e da ficção. Uma síntese é difícil de ser pensada. Forçando, poderíamos considerar um narcisismo de duas vias, e sensação decorrente dos processos de projeção e introjeção que complicam ou favorecem a problemática humana, mas renovam a consideração radical das oposições tradicionais, masculino e feminino, bem e mal, vida e morte.
Seguindo o filósofo Emmanuel Lévinas no trabalho Totalidade e Infinito (1980)concordamos quando ele diz que o eu é felicidade é presença em si. Isto porque ele defende que a relação do sujeito consigo promove a felicidade. A partir da aceitação ou da recusa do que ele vivencia está também o entendimento ou o afastamento da felicidade. Palavra complexa esta felicidade, para não dizer impossível, como tantas outras; análise, real, amor, morte, relação sexual, mulher.
Mas, será a felicidade produto da fruição do eu, onde o eu apenas se instaura liberdade da subjetividade completa, santuário dos espaços virtuais, o do encontro feliz consigo próprio? A relação amorosa, maior das alteridades traz a felicidade?
Poderíamos seguir pela via aberta da subjetividade em vários caminhos, mas escolhemos o exemplo mais palpável sobre a alteridade, o amor. O primeiro modelo de amor para Freud está relacionado em 1915, é especificado como anaclítico O segundo modelo de amor já encontra o ego na fase do narcisismo, fase intermediária no desenvolvimento da libido, entre o auto-erotismo e o amor objetal, onde o sujeito toma seu próprio corpo como objeto de amor. A terceira concepção do amor para a Psicanálise envolve a transferência como conceito técnico, abordado, em suas dimensões humanas. Relação entre o eu e o tu, modelo da relação inter-humana com o outro, grande exemplo de alteridade do sujeito. Um amor ficção, ou fixação como Lacan joga com as palavras. Como diz Lévinas a alteridade é feminina, inclui todas as possibilidades da relação transcendente com o outro Como feminina também é a posição do analista e, como feminina também muito freqüentemente, é a mulher.
Palavras-chave:

SOC 18

NOVA LEITURA DO UNIVERSO FEMININO. *Elza Maria Bêlem (UERJ)*

O objetivo deste trabalho é avaliar o surgimento de uma mulher da nova mulher aflorada nos anos 60. A mulher que conhece tudo sobre dissimulação, manipulação e sedução - com a intimidade de quem vivenciou isto na pele e como espectadora. Sabe de cor a cartilha que a sufocou tanto que, em desespero, conseguiu criar um viés histórico e mudar os rumos de seu gênero. Mas repensando os seus efeitos questiona a sua batalha. As questões que me motivam neste trabalho seriam: Como resolver a questão das mudanças profundas que intervieram nos novos papeis sociais do homem e da mulher? No âmago desta reflexão estão explicações das dissoluções familiares e das dificuldades das aceitações de modelos mais satisfatórios, mais eficientes e mais lúdicos para este novo núcleo, que passa a exercer um papel de tal importância, que só é comparável àqueles primórdios históricos em que a família representava abrigo e proteção às intempéries da natureza..

Temos falado mais continuamente - nestes últimos 30 anos - das grandes conquistas femininas no mercado de trabalho, da forma mais responsável como as mulheres lidam com sua sexualidade, o máximo investimento humano na sua formação escolar e no orgulhoso posicionamento das mulheres que viajam sozinhas, vão a restaurantes, cinemas e teatros, alugam e vendem carros e

apartamentos, com a digna percepção de quem sabe o seu valor - sem que o homem seja imprescindível.

Nossas conclusões mostram que muita coisa não se resolveu. E aí - como é que ficam? Os homens costumam confundir autoridade com credibilidade, afetividade com dependência; participação com paternalismo; poder com reconhecimento, controle com descaso, liberdade com subserviência. As mulheres foram à luta pelos direitos dos homens e encontraram a dupla e a tripla jornada de trabalho, a desvalorização dos atributos femininos, o achatamento das suas potencialidades. Medo e inveja, mágoa e hostilidade

dissimuladas entram nas relações de convivência como ingredientes obrigatórios. Nada mais ameaçador, para o homem, do que a mulher competente e senhora da sua sexualidade. Como não se pode duvidar que um ser que ousou trilhar vis caminhos desconhecidos tenha grande talento, as mulheres percebem que estão com uma outra questão para resolver. E do que é preciso

agir rápido antes que o outro, o parceiro, note os efeitos desta descoberta. O que se teme é a transformação da mulher que sabe das suas competências, mas abre mão das suas "verdades", para tornar-se retrato esperado numa sociedade machista e leviana, reforçando um desejo latente de nunca ter sabido mais, travestida em ingênua personagem medieval. O romantismo volta

às falas, a virtualidade das emoções e dos fatos justificam a abdicação infantilizada e desprovida de auto-estima. Troca-se o prazer das sus descobertas pelo narcisismo deformado. Surgem as "Maurinhas" e as "Feiticeiras" como símbolos de mulheres poderosas, mas são uma recriação perversa das Barbies dos anos 70. Resgatamos o lugar perdido no universo masculino com todas as suas vantagens e cobranças. Mas voltamos ao quarto de bonecas. Só que - agora - trazemos junto o homem, para ser infeliz e

desgostoso. Também ele terá que rever a fascinante possibilidade que esta mulher representava e passar a conviver com a camuflagem desta nova realidade.

Palavras-chave:

SOC 19

REVISÃO CONTEMPORÂNEA DA TRADIÇÃO. *Maria Sueli Santos da Silva (UFMA)*

Estamos realizando um estudo etnográfico acerca do carnaval de São Luís-Ma, que tem como um de seus principais cenários o Bairro da Madre Deus, reconhecido pela população local como o "bairro da festa". Nosso olhar recaiu, sobretudo no auge do carnaval de rua da cidade, ocorrido entre as décadas de 40 e 60 e no carnaval contemporâneo de 2001, caracterizado como revitalizador das manifestações tradicionais, do período citado. Nomeamos tais manifestações como tradicionais por identificarmos suas origens entrelaçadas à própria história do Maranhão e sua diversidade étnica, pois elas falam de uma herança que confere particularidade à formação do povo maranhense.

Nossas investigações se fizeram pertinentes a partir de leituras de alguns autores que trabalham com a temática do carnaval, dando um tratamento diferenciado ao lugar que o ritual do carnaval ocupa na vida das pessoas e da comunidade.Da Matta (1997) analisa o carnaval como um ritual que permite um momento de inversão social, onde há uma superação das hierarquias sociais em que todos participam igualmente da festa. Queiroz (1992) por outro lado, já analisa o carnaval como um momento onde as desigualdades sociais se acentuam e que apenas superficialmente parece haver uma homogeneização e inversão de poderes.

O carnaval de rua de São Luís teve suas origens prioritariamente movidas pelas classes populares, a rua era um local degradante para a elite local, ficando a ela reservado os clubes. Os escravos e pobres se reuniam após o trabalho para brincarem e dançarem em meio ao espaço público. Com o tempo foram ocorrendo cada vez mais proibições de ajuntamento de massas populares, na Segunda metade do século XIX várias manifestações, danças e brincadeiras foram agregadas em um único período, os carnavais.

Há uma variedade de manifestações locais como: cruz-diabo, fofão, casinha da roça, brincadeira do urso, corso, bandinho, blocos tradicionais, tribos de índio, blocos afros, blocos alternativos e brincadeira da maisena. A festa que acontece no bairro supracitado está sendo analisada como uma variação do carnaval brasileiro, que tem um âmbito nacional e se particulariza de acordo com a localidade. Nesta direção, o ritual será privilegiado enquanto representativo da identidade cultural de um povo. O tratamento que é dado por nós ao conceito de identidade cultural aponta para a sua flexibilização, assim estamos descartando as concepções essencialistas e naturais que atraem o referido conceito. Um dos caminhos possíveis para pensá-lo em um viés não essencialista é a partir da passagem ao conceito de identificação. O sentido da identificação como construção, como algo sempre em processo é possível a partir de uma abordagem discursiva. Assim, as identidades culturais são resultados de criações lingüísticas e tal como as estruturas da linguagem são construídas pela diferença. Os estudos atuais mostram que o carnaval foi construído, desconstruído e reconstruído ao longo dos anos, levando-se em conta as tendências da época. O que ratifica a afirmação da identidade cultural como construção. Cada geração produz sua própria história, apesar da referida festa ter um sentido duradouro e constante. Na análise do ritual contemporâneo levamos em consideração sua estrutura de estrutura de fluidez, o que possibilita sua permanência enquanto tal. Em conseqüência, é alterado pela ação do tempo, o que permite um recontar do passado sob a ótica do presente.

Palavras-chave:

SOC 20

A DIMENSÃO SIMBÓLICA DOS ADOLESCENTES E A CONSTRUÇÃO DOS VALORES. *Maria Pavia Zippin Grinspun (Universidade do Estado do Rio de Janeiro); Cristina Novikoff (Centro Universitário de Volta Redonda)*

Trata o presente artigo de um estudo investigativo no campo da psicologia social realizado através da pesquisa "Os Valores dos Jovens no Contexto Atual" que considerando o contexto social, onde as questões de ordem políticas educacionais e de mercado que organizam/desorganizam a sociedade brasileira evidenciando a crise axiológica manifestada nos comportamentos dos jovens cabe a interrogação desta manifestação resultante do imaginário social instituinte.

Destacou-se, portanto como objetivo geral, a identificação das formas de construção de valores visando contribuir com a realização de propostas pedagógicas que viabilizem a investigação do imaginário do cotidiano escolar possibilitando a construções de práticas simbólicas para realização de valores coletivos. E como gênese germinou a idéia da interrogação continuada para os diferentes fenômenos da aprendizagem dentro e fora da escola, em especial no que tange a dimensão simbólica como responsabilidade privada e coletiva, tanto do Estado, quanto das instituições em geral, como a mídia e a escola.

A fundamentação teórica foi norteada por diferentes área e teóricos com intenção de lançar múltiplos olhares sobre a dinâmica das relações na construção dos valores no cotidiano da escola apontando para duas áreas: primeiro identificar os valores eleitos por esses jovens, partindo do pressuposto de sua aquisição e construção em termos biológicos e psicossociais; segundo a questão do jovem com relação ao sentido de educação, família sociedade, religião e política no contexto atual mediante as relações que estabelecem com esses âmbitos.

A hipótese elaborada encerra sobre a questão dos jovens, oriundos de diferentes segmentos da sociedade, esboçarem seus valores através da linguagem estabelecida na mediação simbólica que é vinculada pelo imaginário tanto individual quanto coletivo. Assim, o imaginário enquanto fenômeno de criação responde por um determinado movimento social que cabe ser interrogado na perspectiva de encontrar caminhos para orientar na equalização do problema da crise axiológica e paradigmática de como educar para a cidadania?; e, finalmente, que a escola reforça e recria valores, portanto é possível uma educação para os valores.

A metodologia adotada foi a de pesquisa qualitativa, do tipo pesquisa-participante realizada em 4 (quatro) escolas de ensino médio e 2 (duas) de ensino superior do Estado do Rio de Janeiro. Foram aplicados 700 questionários com 30 itens e, realizadas, 4 dinâmicas de grupo. Os modelos estruturais das escolas em questão passaram pela reflexão da linguagem adotada pela escola com seus significados e significantes na construção/alienação da dimensão simbólica. Para fins ilustrativos foram feitas filmagens e fotografias das etapas da pesquisa.

Conclui-se que por meio do delineamento dos valores eleitos dos jovens, a representação simbólica, que é construída pelo imaginário instituinte e revelada via linguagem escrita, oral e gestual, apresenta dinamismo e ambivalência, fortemente influenciado pelo contexto e o momento atual. Estes dados nos permitem ensaiar inferências educacionais que contribuam para a abordagem de propostas de aprendizagem dos valores pela adolescência. A análise dos dados remete-nos na crença de ser possível se ensinar-aprender valores na escola como pensando nas hipóteses previamente elaboradas.

Apoio: FAPERJ e CATS

Palavras-chave: Dimensão Simbólica, Adolescentes/Jovens, Valores

SOC 21

OS JOVENS E OS SEUS VALORES EM CONSTRUÇÃO NA PÓS-MODERNIDADE. *Mirian Paura Zippin Grinspun (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) Patrícia Mancechy (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)*

Este estudo investigativo insere-se no campo da psicologia social realizado através da pesquisa "Os valores dos jovens no contexto atual", que considerando o contexto social onde se estabelecem as organizações da sociedade brasileira a partir das questões de ordem políticas educacionais e de mercado evidenciando, apresenta-se em constante crise axiológica manifestada nos comportamentos dos jovens. Nos cabe assim investigar qual o conhecimento educacional construído por estes jovens a partir dos conceitos, ainda salientes, do pós-modernismo.

Destacou-se, portanto como objetivo geral, a identificação das formas de construção de valores visando contribuir com a realização de propostas pedagógicas que viabilizem a investigação do cotidiano escolar que possibilite a construção de práticas educativas para realização não somente de valores coletivos como para formação continuada ou permanente relacionada ao professorado, nas instâncias dos diferentes fenômenos da aprendizagem dentro e fora da escola, em especial no que tange a formação do homem como ser humano eticamente responsável pelo desenvolvimento do meio onde vive.

A fundamentação teórica foi norteada por diferentes área e teóricos com intenção de lançar múltiplos olhares sobre a dinâmica das relações na construção dos valores no cotidiano da escola apontando para duas áreas: primeiro identificar os valores eleitos por esses jovens, partindo do pressuposto de sua aquisição e construção em termos históricos e psicossociais; segundo a questão do jovem com relação ao sentido de educação, família, sociedade, religião e política no contexto atual mediante as relações que estabelecem com estes âmbitos.

A hipótese elaborada encerra sobre a questão dos jovens, oriundos de diferentes segmentos da sociedade, colocarem seus valores através da linguagem estabelecida na mediação simbólica que é elaborada pelo imaginário tanto individual quanto coletivo. Assim a subjetividade enquanto fenômeno de formação/criança responde por um determinado movimento social que cabe ser interrogado na perspectiva de encontrar caminhos para orientar na equalização do problema da crise axiológica e paradigmática de como educar o ser humano para a cidadania?; e, finalmente, que a escola reforça e recria valores, portanto é possível uma educação para os valores.

A metodologia adotada foi a de pesquisa qualitativa, do tipo pesquisa-participante realizada em 4 (quatro) escolas de ensino médio e 2 (duas) de ensino superior do Estado do Rio de Janeiro. Foram aplicados 700 questionários com 30 itens e, realizadas, 4 dinâmicas de grupo. Os modelos estruturais das escolas em questão passaram pela reflexão da linguagem adotada pela escola com seus significados e significantes na construção/alienação da dimensão simbólica. Para fins ilustrativos foram feitas filmagens e fotografias das etapas da pesquisa.

Conclui-se que por meio do delineamento dos valores eleitos pelos jovens, o conhecimento educativo se revela via linguagem escrita, oral e gestual, apresentando dinamismo e ambivalências, fortemente influenciado pelo contexto e o momento atual. Estes dados nos permitem ensejar inferências educacionais que contribuam para a abordagem de propostas de aprendizagem dos valores pela adolescência. A análise dos dados remete-nos na crença de ser possível se ensinar-aprender valores na escola como pensado nas hipóteses previamente elaboradas.

Apoio: FAPERJ e CAPS

Palavras-chave: Dimensão Simbólica, Adolescentes/Jovens, Valores

SOC 22

O MERCADO DE TRABALHO E OS JOVENS: VALORES QUE PERMEIAM A RELAÇÃO. *Mirian Paura Zippin Grinspun (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) Rosa Maria Medeiros Ramos (Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, RJ)*

O estudo investigativo está inserido no campo da psicologia social sendo realizado através da pesquisa "Os valores dos jovens no contexto atual". Considerando o contexto social, observamos questões de ordem política educacional e de mercado de trabalho onde a organização/desorganização da sociedade brasileira evidencia uma crise axiológica manifestada nos comportamentos dos jovens. A partir deste interrogamos a manifestação resultantes da problemática do jovem e sua inserção no mercado de trabalho.

Destacou-se, portanto como objetivo geral, a identificação das formas de construção de valores visando contribuir com a realização de propostas pedagógicas que viabilizem a investigação da relação jovem/mercado trabalho inserida no processo de aprendizagem desenvolvido no cotidiano escolar, possibilitando a construção de práticas simbólicas para realização de valores coletivos. E como gerar germinar a idéia da interrogação continuada para diferentes fenômenos da aprendizagem dentro e fora da escola, em especial no que tange a dimensão simbólica como responsabilidade privada e coletiva, tanto do Estado quanto das Instituições em geral, como a mídia e a escola.

A fundamentação teórica foi norteada por diferentes área e teóricos com intenção de lançar múltiplos olhares sobre a dinâmica das relações na construção dos valores no cotidiano da escola apontando para duas áreas: primeiro identificar os valores eleitos por esses jovens, partindo do pressuposto de sua aquisição e construção em termos históricos e psicossociais; segundo a questão do jovem com relação ao sentido de educação, família, sociedade, religião e política no contexto atual mediante as relações que estabelecem com estes âmbitos.

A hipótese elaborada encerra sobre a questão dos jovens, oriundos de diferentes segmentos da sociedade, colocarem seus valores através da linguagem estabelecida no cotidiano, que é elaborada na dimensão individual, no coletivo e no mercado de trabalho. Assim cabe pensar na reflexão de perspectivas de encontrar caminhos para orientar na equalização do problema da crise axiológica e paradigmática de como educar para a cidadania e para a profissionalização?; e, finalmente, que a escola reforça e recria valores, portanto é possível uma educação para os valores.

A metodologia adotada foi a de pesquisa qualitativa, do tipo pesquisa-participante realizada em 4 (quatro) escolas de ensino médio e 2 (duas) de ensino superior do Estado do Rio de Janeiro. Foram aplicados 700 questionários com 30 itens e, realizadas, 4 dinâmicas de grupo. Os modelos estruturais das escolas em questão passaram pela reflexão da linguagem adotada pela escola com seus significados e significantes na construção/alienação da dimensão simbólica. Para fins ilustrativos foram feitas filmagens e fotografias das etapas de pesquisa.

Conclui-se que por meio do delineamento dos valores eleitos dos jovens, a questão do preparo profissional, que é construída a partir das exigências sociais do mercado de trabalho bem como da manutenção da sobrevivência, revela via linguagem escrita, oral e gestual um dinamismo e ambivalências, fortemente influenciado pelo contexto e o momento atual. Estes dados nos permitem ensejar inferências educacionais que contribuam para a abordagem de propostas de aprendizagem dos valores da adolescência. A análise dos dados remete-nos na crença de ser possível se ensinar-aprender valores na escola como pensado nas hipóteses previamente elaboradas.

Apoio: FAPERJ e CAPS

Palavras-chave: Dimensão Simbólica, Adolescentes/Jovens, Valores

SOC 23

AS ATITUDES DE AMOR: UMA ANÁLISE A PARTIR DE ORIENTAÇÕES VALORATIVAS. *Estefânea Élida da Silva Gusmão*, Sueny Fonsêca de Oliveira*, Sandra S. da Silva Chaves**, Valdiney Veloso Gouveia, Nilton Soares Formiga** (Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB)*

Os relacionamentos são o âmago da existência humana, na medida em que, ao longo de toda a vida, dependemos uns dos outros. Existe, atualmente, um crescente interesse em estudar este assunto; especificamente no que se refere à Psicologia Social, as relações interpessoais têm sido alvo de investigações, particularmente no aspecto relativo às relações íntimas. Contudo, diante da escassez de trabalhos científicos envolvendo a temática da relação entre as atitudes de amor e as prioridades valorativas, este trabalho tem como objetivo avaliar que relações existem entre esses dois construtos. Neste estudo, consideram-se os valores humanos como categorias de orientação desejáveis, numa abordagem baseada nas necessidades maslowianas e nas pré-condições para satisfazê-las. Segundo esta tipologia dos valores humanos, estes se agrupam de acordo com as funções psicossociais que exercem, sendo eles: Existência, Experimentação, Realização (compondo os valores Pessoais), Normativos, Interacionais (compondo os valores Sociais) e Suprapessoais. O amor está inserido no campo das relações interpessoais, e manifesta-se inicialmente pelo fenômeno da atração, este pode ser explicado através de dois fatores: a proximidade física e a similaridade de valores e atitudes. São seis os estilos de amor considerados neste estudo: eros (amor passional), ludus (amor como um jogo), storge (amor amigo); e a partir da combinação deste se originam os outros tipos: pragma (amor racional, lógico), mania (amor possessivo, dependente), e ágape (amor divino, altruísta). Para esse estudo, considerou-se uma amostra de 171 pessoas de João Pessoa, sendo 74 estudantes de escolas particulares, que responderam aos questionários em sala de aula, e 97 pessoas da população geral, que responderam aos questionários em suas residências por solicitação de aplicadores treinados. A amostra distribuiu-se equitativamente quanto ao sexo, com idade variando dos 13 aos 56 anos (M = 20,31; DP = 7,16). O instrumento compôs-se das seguintes partes: Dados sócio-demográficos; Escala de Valores Humanos Básicos; e Questionário sobre Relações Íntimas. Dos resultados encontrados cabe destacar que o fator ágape apresentou correlação inversa com o valor privacidade ($r = -0,16$, $p < 0,05$); ludus mostrou correlações diretas e significativas ($p < 0,05$) com o valores acumulação ($r = 0,21$), obediência ($r = 0,25$) e ordem social ($r = 0,16$); e pragma correlacionou-se negativamente com o valor tradição ($r = -0,18$, $p < 0,05$). Diante destes resultados, verifica-se uma convergência entre os valores humanos e as atitudes de amor, sugerindo-se um estudo mais abrangente no qual as relações entre estes construtos possam ser melhor analisadas. Não obstante, a importância deste estudo centra-se em proporcionar análises sobre determinados aspectos das relações íntimas, uma vez que estes possuem influências nas demais áreas da vida das pessoas.

Palavras-chave: Amor, Valores, Relações Íntimas

SOC 24

VARIAÇÕES INDIVIDUAIS NOS VALORES HUMANOS: O PAPEL DO SEXO E DOS NÍVEIS DE ESCOLARIDADE. *Maji Moira**, *Tatiana Cristina Vasconcelos**, *Sandra S. da Silva Chaves***, *Nilton Soares Formiga***, *Valdiney Veloso Gouveia* (Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB)

Os valores humanos são amplamente estudados para explicação das condutas sociais, bem como para esclarecer diferenças encontradas entre grupos sociais: inclusive estes têm sido considerados indicadores de diferenças quanto ao sexo. A literatura apresenta estudos demonstrando que as mulheres atribuem maior importância que os homens a valores afetivos, estéticos e religiosos. Em uma amostra de adolescentes, as mulheres, mais que os homens, valorizaram apoio social e religiosidade, enquanto eles valorizaram mais sexual, saúde e poder. Existem também estudos comparativos dos valores em diferentes faixas etárias, entretanto pouco se tem encontrado a respeito dos níveis de escolaridade. Frente ao exposto, objetivou-se no presente estudo conhecer as diferenças entre o sexo a partir dos valores humanos utilizando uma amostra mais heterogênea, bem como iniciar os estudos em relação à importância atribuída aos valores tendo em vista os níveis de escolaridade. No presente estudo utilizou-se uma tipologia alternativa dos valores humanos básicos que os agrupa de acordo com as funções psicossociais que exercem, sendo eles: Existência, Experimentação, Realização (compondo os valores Pessoais), Normativos, Interacionais (compondo os valores Sociais) e Superpessoais. Para tanto, participaram do estudo 1025 sujeitos com idades variando entre 10 e 74 anos (M = 21,6, DP = 10,94), a maioria do sexo feminino (56%), com níveis de escolaridade Fundamental (14,7%), Médio (42,6%), Superior (31,5) e Pós-graduação (11,1%). Estes responderam ao Questionário de Valores Humanos Básicos, com 24 itens, bem como a questões sócio-demográficas. Como resultado, verificou-se que os homens deram mais importância aos valores sexual (t = 8,54), saúde (t = 2,55), poder (t = 5,25) e autoindução (t = 2,06) do que as mulheres, sendo estas diferenças estatisticamente significativas (p < 0,05). As mulheres, por sua vez, deram mais importância aos valores religiosidade (t = -2,73), apoio social (t = -2,97), justiça social (t = -3,79) e maturidade (t = -3,35) do que os homens, com um p < 0,01. Em relação à escolaridade, foram encontradas diferenças significativas na maioria dos valores (20 num total de 24), ressaltando-se apenas as diferenças encontradas nas funções psicossociais e critérios de orientação, que apresentaram um padrão de diferenciação significativo (p < 0,05) agrupando os níveis Fundamental e Médio, diferenciando-os dos níveis Superior e Pós-graduação para os valores Normativos, Interacionais e de Existência, bem como para os critérios Pessoal e Social e Superpessoal. Para os de Realização houve diferenciação do nível Fundamental para os demais e, por fim, os de Experimentação não diferenciaram em relação à escolaridade. Pode-se concluir que os valores priorizados por homens e mulheres são diferenciados, o que pode contribuir para explicação das diferenças entre os sexos. De mesma forma, conclui-se que são diferentes os valores priorizados pelas pessoas em cada nível escolar. Pensa-se que, com o presente estudo, tenha-se avançado no estudo dos valores, bem como conhecido mais sobre as diferenças entre sexo e escolaridade.

Palavras-chave: Valores Humanos, Sexo, Escolaridade

SOC 25

PRÁTICAS RELIGIOSAS E VALORES HUMANOS: UM ESTUDO CORRELACIONAL. *Maji Moira**, *Tatiana de Carvalho Soares**, *Sonny Ernâne de Oliveira**, *Valdiney Veloso Gouveia*, *Rosemberg Moura de Andrade** (*Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB*)

O estudo da religião tem aumentado em conseqüência das transformações ocorridas nas instituições tradicionais e do surgimento de novas formas de crenças e práticas religiosas. Para conhecer tais crenças e práticas, têm sido implementadas diversas abordagens teóricas e metodológicas na tentativa de categorizá-las de acordo com as religiões, bem como correlacioná-las com outras variáveis, buscando explicar sua base psicológica/normativa. Na tentativa de conhecer a relação entre religião e os valores humanos, estudos constataram que os católicos enfatizam valores de tradição, enquanto os protestantes promovem autonomia e liberdade; ainda, pessoas consideradas crentes dão preferência a valores morais e relacionais e menos a valores egoístas. Nesta estudo, consideram-se os valores humanos como categorias de orientação desejáveis, numa abordagem baseada nas necessidades humanas e não pré-condições para satisfazê-las. O objetivo aqui foi conhecer a relação existente entre as práticas religiosas (abordando as religiões católica, evangélica e espírita) e os valores humanos. Para tanto, contou-se com a participação de 240 pessoas, a maioria do sexo feminino (60,6%), com idades variando entre 11 e 76 anos (M =34,2, DP = 15,08), destas 36,2% se consideravam católicas, 21,7% espíritas e 20,4% evangélicas. Os instrumentos utilizados foram a Escala de Práticas Religiosas, composta por 18 itens que contempla estas práticas religiosas, o Questionário de Valores Básicos, com 24 valores humanos básicos, e questões sobre dados sócio-demográficos. Abordaram-se as pessoas ao final de missas, cultos ou reuniões espíritas, solicitando-se sua colaboração e explicitando o caráter confidencial do estudo, bem como sua desvinculação de qualquer religião. Pôde-se uma correlação parcial de tais práticas com os 24 valores humanos, controlando o somatório dos valores. Como resultados, verificou-se que as práticas católicas apresentam correlação com os valores religiosidade (r = 0,23 p < 0,05) e conviviência (r = 0,33, p < 0,01). As práticas espíritas apresentam correlação positiva e significativa com estimulação (r = 0,35, p < 0,01) e conviviência (r= 0,34, p < 0,01), e negativa com privacidade (r = -0,34, p < 0,01). Já as práticas evangélicas apresentam correlação com fama (r = 0,34, p < 0,01), honestidade (r = 0,29, p < 0,05), emoção (r = 0,38, p < 0,05), religiosidade (r = 0,47, p < 0,001) e estimulação (r = 0,33, p < 0,01). Com o presente estudo, pode-se perceber que as práticas religiosas estão relacionadas com as prioridades valorativas que as pessoas possuem e que inclusive se diferenciam entre as religiões. Evidentemente, algumas questões foram ainda a serem respondidas como a influência da religiosidade do sujeito em suas práticas e na hierarquização dos valores, dentre outras. Todavia, pensa-se que o presente estudo tenha sua importância no estudo das religiões e práticas relacionadas a estas, bem como na compreensão dos valores humanos como explicitadores de comportamentos sociais.

Palavras-chave: Práticas Religiosas; Religião; Valores

SOC 26

DESEJABILIDADE E PERSONALIDADE. *Tatiana Queiroga**, *Nilton Soares Formiga***, *Carlene Ribeiro de Assis**, *Valdiney Veloso Gouveia*, *Rosemberg Moura de Andrade** (*Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB*)

A desejabilidade social é entendida freqüente e tradicionalmente como um viés da resposta ou simplesmente uma tendência a responder de forma socialmente aceitável. Nessa perspectiva, a desejabilidade social constitui-se um componente indesejável na medição, devendo o pesquisador descartar sua presença com o fim de assegurar a validade do seu instrumento de medida. Não obstante, sua relevância no âmbito da pesquisa científica vem sendo reconsiderada por alguns pesquisadores, que afirmam que além de ser definida como uma forma tendenciosa de responder, a desejabilidade social pode expressar uma característica de personalidade, correspondendo a uma necessidade de buscar aprovação e evitar a desaprovação social. Neste sentido, é relevante considerar os traços de personalidade ao se estudar a desejabilidade social; estes têm sendo operacionalizados a partir de um modelo mundial composto por cinco grandes fatores, a saber: extroversão, agradabilidade, conscienciosidade, neuroticismo e abertura à mudança. O fator extroversão sumariza traços relacionados a atividade, energia, sociabilidade, expressividade e emoções positivas; agradabilidade reflete uma orientação pró-social com os demais e inclui traços tais como altruísmo, sensibilidade, confiança e modéstia; conscienciosidade descreve um indivíduo prudente, responsável; neuroticismo contrasta emoções estáveis com afetos negativos, incluindo ansiedade, tristeza, irritabilidade e tensão nervosa; abertura à mudança descreve comportamentos de um sujeito que está aberto a novas experiências, que tem a mente aberta para experiências novas. Neste contexto, espera-se encontrar um padrão de correlações entre a desejabilidade social e os traços de personalidade, sabendo-se que, embora exista um certo consenso sobre esta relação, alguns aspectos precisam ser comprovados. Assim sendo, o presente trabalho tem por objetivo verificar em que medida os traços de personalidade estão relacionados com os fatores da desejabilidade social. Para tanto, utilizou-se uma amostra de 506 estudantes do ensino fundamental e médio da cidade de João Pessoa, com idades variando entre 11 a 22 anos (M = 15,20, DP = 1,53), distribuídos equitativamente quanto ao sexo. Estes responderam o Questionário dos Cinco Grandes Fatores da Personalidade, a Escala de Desejabilidade Social e uma folha contendo dados socio-demográficos (idade, sexo, classe social, etc.). Os dois fatores da desejabilidade social foram correlacionados com os cinco dimensões de personalidade e os resultados obtidos revelaram que o fator auto-decepção se correlacionou positiva e significativamente com os traços agradabilidade e conscienciosa (r = 0,21 e 0,15, respectivamente, com p < 0,001 para ambos); o fator decepção dos outros apresentou correlação direta e significativa com o traço neuroticismo (r = 0,16, p < 0,001). Desta forma, endossa-se a existência de uma relação potencial entre os traços de personalidade e a desejabilidade social, o que corrobora estudos prévios e aponta novas pesquisas acerca desses dois construtos.

Palavras-chave: Personalidade; Desejabilidade Social; Cinco Grandes Fatores

SOC 27

PRIORIDADES VALORATIVAS E HÁBITOS DE LAZER: CONSIDERAÇÕES SOBRE O TEMPO LIVRE EM JOVENS. *Nilton Soares Formiga***, *Tatiana Queiroga**, *Tatiana de Carvalho Soares**, *Valdiney Veloso Gouveia*, *Teodoro Lemos Milfont*** (*Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB*)

Os valores humanos cada vez mais têm sido fonte de diversos estudos como forma de explicar os comportamentos sociais. Estes podem ser definidos como categorias de orientação consideradas como desejáveis, baseadas nas necessidades humanas e nas pré-condições para satisfazê-las, adotadas por atores sociais, podendo variar quanto à sua magnitude e aos elementos que a distanciam. Dessa maneira, considerou-se os valores como explicação na formação dos hábitos de lazer dos jovens poderá não somente conscientizar o mundo social deles, mas também suas necessidades individuais, uma vez que os momentos de lazer são uma forma de ocupação vivida por boa parte destes. Entretanto, cada um pode apresentar um tipo de lazer na medida em que cumpre os compromissos diários e de sua orientação valorativa, podendo

direcionar algumas atividades de diversão bem diferenciadas, tais como de leitura, passeios, visitas familiares etc. O lazer pode estar identificado às funções de descanso, divertimento e desenvolvimento da personalidade, apresentando características básicas de espontaneidade, hedonista e de caráter pessoal. Nesse sentido, o presente estudo pretende avaliar a relação entre os valores humanos e os hábitos de lazer Hedonistas, Lúdico e de Maturidade entre jovens. Considerou-se uma amostra de 506 estudantes do ensino fundamental e médio de João Pessoa, de ambos os sexos e idades entre 11 e 22 anos (M = 15,20; DP = 1,53). Os participantes responderam coletivamente nas salas de aula os seguintes instrumentos: Questionário dos Valores Humanos Básicos e Escala de Hábitos de Lazer, além de algumas questões sócio-demográficas (por exemplo, sexo, idade etc.). Os resultados mostraram uma relação direta e significativa (p < 0,05) dos hábitos de lazer com as funções psicossociais dos valores; especificamente, comprovou-se que hábitos hedonistas se correlacionaram diretamente com as funções Interacional (r = 0,15), Existência (r = 0,20) e Experimentação (r = 0,29); os Hábitos Lúdicos o fizeram com as funções Experimentação (r = 0,22) e Existência (r = 0,10); e os Hábitos de Maturidade se correlacionaram com as funções Normativa (r = 0,26), Interacional (r = 0,21) e Existência (r = 0,19). A partir de uma Regressão Múltipla, comprovou-se que para o hábito Hedonistas a função psicossocial que melhor explicou foi a de Experimentação (R2 ajustado = 0,03, F[1/496] = 15,98; p < 0,001); os hábitos Lúdicos foram explicados também por essa mesma função psicossocial (R2 ajustado = 0,05; F[1/497] = 25,19; p < 0,001); e, finalmente, para o hábito Maturidade foram melhor explicadoras as funções Normativa (R2 ajustado = 0,05) e Suprapessoal (R2 ajustado = 0,10), F(2/500) = 28,10, p < 0,001. Diante destes resultados e considerando o poder de persuasão dos valores no comportamento social, pode-se considerar importante uma intervenção nos valores no sentido levarem os jovens a valorizar tipos de lazer que possam auxiliar em sua formação cognitiva-social.

Palavras chave: Hábitos de Lazer; Valores; Adolescentes

****

SOC 28

PRIORIDADES VALORATIVAS DE CRENÇAS RELIGIOSAS: SUA VERIFICAÇÃO EM DIFERENTES RELIGIÕES. *Josemberg Moura de Andrade*, Walberto Silva dos Santos*, Valdiney Veloso Gouveia, Girlene Ribeiro de Jesus*, Maja Meira* (Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB)*

O presente trabalho teve como objetivo verificar quais valores humanos básicos relacionam-se com crenças religiosas católicas, protestantes e espíritas. Pode-se dizer que crenças são inferências realizadas por observadores sobre estados de expectativas básicas; os indivíduos atribuem níveis diferentes de importância às crenças e quanto mais essas têm um aspecto central nas suas vidas, mais são resistentes a mudanças. Um dos aspectos mais significativos dentro da cultura é o das crenças religiosas. Estas, juntamente com os costumes, têm tido uma forte influência sobre as sociedades na formação dos sistemas de valores morais, sociais, políticos e econômicos. Além do que, o respeito pela vida religiosa dos outros, opiniões, práticas e crenças é um pré-requisito para a coexistência humana. Quem vê de fora uma determinada religião, enxerga primeiramente suas manifestações e crenças; estas, todavia, têm um significado diferente para os indivíduos que as professam. Os grupos religiosos ensinam a seus adeptos e àqueles a quem tentam converter uma série de crenças que devem ser compartilhadas; há divindades gerais que são reconhecidas por todos e que as crianças desde cedo aprendem a adorar. Pode-se dizer, ainda, que a razão de diferentes atitudes entre católicos e protestantes, como, por exemplo, o racionalismo econômico, pode ser explicado pelo caráter intrínseco das crenças religiosas e não apenas por situações temporárias no âmbito da história. Participaram deste estudo 240 pessoas, a maioria do sexo feminino (60,6%), com idades variando de 12 a 76 anos (M = 34,2; DP = 15,0), destes, 36,2% eram católicos, 34,5% protestantes e 21,7% espíritas, sendo 39,6% dos respondentes diziam-se ser religiosos ou muito religiosos. Estes responderam ao Questionário dos Valores Humanos Básicos, composto por 24 valores; Escala de Crenças Religiosas, composta por 18 itens divididos entre crenças católicas, protestantes e espíritas; e a questões sobre dados sócio-demográficos. Através de uma correlação parcial, controlando a pontuação total dos sujeitos nos valores, verificou-se que as crenças católicas se correlacionaram significativa (p < 0,05) e positivamente com o valor Justiça social (r = 0,17), e negativamente com Afetividade e Maturidade (r = -0,17 e -0,16, respectivamente, com p < 0,05 para ambos); as crenças protestantes se correlacionaram significativamente em sentido direto com Religiosidade (r = 0,38, p < 0,001), Honestidade (r = 0,19, p < 0,05), Convivência e Obediência (r = 0,18, p < 0,05, para ambos), e negativamente com Autodireção, Prazer e Beleza (r = -0,27, -0,22 e -0,21, respectivamente; com p < 0,05); as crenças espíritas se correlacionaram significativa (p < 0,05) e diretamente com Conhecimento (r = 0,24), Autodireção (r = 0,20) e Justiça Social (r = 0,16), e inversamente com Religiosidade (r = -0,26, p < 0,001), Sobrevivência e Privacidade (r = -0,21 e -0,19, respectivamente, com p < 0,05, para ambos). A partir dos resultados, pode-se verificar uma diferenciação das prioridades valorativas em função das crenças religiosas dos respondentes, aspecto que deve ser considerado em pesquisas futuras. Este estudo denota a relevância dos valores para compreender crenças religiosas em relação a diferentes preceitos.

Palavras-chave: Crenças Religiosas; Valores; Religião

****

SOC 29

ANÁLISE DO PRECONCEITO SOCIAL A PARTIR DOS VALORES HUMANOS. *Girlene Ribeiro de Jesus*, Josemberg Moura de Andrade*, Fabiana Queiroga*, Valdiney Veloso Gouveia, Tatiana Cristina Vasconcelos* (Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB)*

O preconceito tem sido assunto de várias frentes de pesquisa, sendo estudado sob muitos aspectos, desde o étnico até o sexual. A definição operacional deste termo aponta que ter preconceito é "pensar mal de outras pessoas, ter sentimentos de desprezo ou desagrado, de medo ou aversão, assim como variadas formas de condutas hostis". Os preconceitos referem-se a atitudes depreciativas, a comportamentos discriminatórios, todos esses processos dirigidos a um grupo ou membros de um grupo. Neste sentido, os motivos que levam as pessoas a possuírem preconceito por determinado grupo minoritário (por exemplo, homossexuais, negros, drogados) inserem-se no âmbito dos comportamentos que são socialmente indesejáveis. Assim sendo, os valores humanos configuram-se como importantes preditores desse tipo de conduta, uma vez que estes possuem uma natureza social dotada de ampla conotação moral. Os valores não só representam o que a pessoa deseja para si própria (desejo pessoal), mas também o que deveria querer (desejabilidade social), existindo neles um elemento social claro que faz possível identificar um grupo de indivíduos e compartilo com outros. Desta forma, o objetivo do presente estudo é conhecer em que medida os valores humanos são capazes de explicar o preconceito social contra drogados, negros, aidéticos, homossexuais e favelados. Para tanto, utilizou-se uma amostra composta por 231 participantes, a maioria do sexo masculino (59,1%), distribuídos eqüitativamente entre estudantes do ensino médio e universitários, com idades entre 13 e 47 anos (M = 19,2; DP = 5,00). Estes responderam ao Questionário dos Valores Humanos Básicos, a Escala de Preconceito e a questões sócio-demográficas (por exemplo, sexo, idade, estado civil). Através de uma regressão linear, com método stepwise, verificou-se o quanto os valores humanos explicaram os tipos de preconceito, sendo encontrado que a função psicossocial de valores suprapessoal foi a que melhor explicou o preconceito contra drogados [R2 = 0,06, F(1,217) = 14,20]; as funções dos valores de existência, experimentação e suprapessoal explicaram o preconceito contra aidéticos [R2 = 0,09, F(3,211) = 6,7]; os valores da função normativa explicaram o preconceito contra favelados [R2 = 0,06, F(1,212) = 13,3]; os da função experimentação o fizeram com os negros [R2 = 0,02, F(1,214) = 4,8]; e os das funções realização e suprapessoal o fizeram com o preconceito contra os homossexuais [R2 = 0,12, F(2,213) = 14,5]. Neste contexto, evidencia-se o importante papel que os valores humanos possuem ao se considerar o preconceito, sendo portanto, relevante considerá-los ao se estudar esse tema e pensar em práticas sociais que visem minimizar tais atitudes e condutas.

Palavras-chave: Preconceito; Valores; Relações Grupais

****

SOC 30

PRIORIDADES VALORATIVAS E ATITUDES FRENTE A RELACIONAMENTOS AFETIVOS ESTÁVEIS. *Tacianu Lemos Milfont**, Fabiana Queiroga*, Valdiney Veloso Gouveia, Estefânea Élida da Silva Gusmão*, Walberto Silva dos Santos* (Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa - PB)*

O presente estudo objetiva verificar em que medida os valores humanos básicos estão relacionados com as atitudes frente a relacionamentos afetivos estáveis. Tendo por base a teoria das necessidades maslowniana, 24 valores básicos foram propostos, reunidos em seis grupos segundo o critério psicossocial a que atendem (indicado entre parênteses): existência, experimentação, realização (pessoal), normativo, interacional (social) e suprapessoal. As pessoas orientadas por valores Suprapessoais (justiça social, sabedoria, beleza, maturidade) - que atendem tanto a critérios pessoais como sociais - transcendem aos aspectos materiais e condições sociais, as guiadas por valores Sociais (ordem social, tradição, afetividade, apoio social) se orientam aos demais, respeitando os padrões culturais; e as pessoas que se guiam por valores que atendem ao critério de orientação Pessoal (sobrevivência, estimulação, emoção, autodireção) buscam autonomia, independência e novos estímulos. Participaram deste estudo 454 universitários paraibanos, todos com estado civil solteiro, com idade variando entre 17 e 42 anos (M = 19,9; DP = 2,54) e distribuídos quase eqüitativamente quanto ao sexo (50,6% e 49,4%, para os sexos masculino e feminino, respectivamente). Estes responderam ao Questionário de Valores Básicos e a Escala de Atitudes Frente a Relacionamentos Afetivos Estáveis (RAE). Esta é composta por 30 itens relativos a aspectos envolvidos em uma relação afetiva, sendo respondida através de uma escala de cinco pontos, tipo Likert, com os seguintes extremos: absolutamente dispensável (1) e absolutamente indispensável (5). A escala RAE apresenta uma estrutura multifatorial com índices de consistência interna aceitáveis (apresentados entre parênteses): Edificação (α = 0,78), Comprometimento (α = 0,74), Envolvimento (α = 0,72), Mutualidade (α = 0,80) e Indulgência (α = 0,77). A partir de uma correlação parcial (controlando a pontuação total dos valores) verificou-se que os valores humanos básicos de orientação Suprapessoal se correlacionaram direta e significativamente (p < 0,01) com Edificação, Mutualidade e Indulgência (r = 0,13, 0,16 e 0,20, respectivamente), os Sociais com Comprometimento, Envolvimento e Mutualidade (r = 0,14, 0,10 e 0,12, p < 0,05, respectivamente); e os de orientação Pessoal apresentaram correlações significativas (p < 0,01) e inversas com

Comprometimento, Envolvimento, Mutualidade e Indulgência (r = 0,13, 0,11, 0,19 e 0,11, respectivamente). Assim, verificou-se que os valores Suprapessoais apresentaram correlação direta com aspectos relativos à construção, respeito ao outro e reciprocidade de objetivos e sentimentos em um relacionamento afetivo estável; os Sociais com aspectos relativos ao envolvimento, compromisso e reciprocidade de objetivos e sentimentos em uma relação afetiva; e os Pessoais correlacionaram-se inversamente com aspectos relativos ao compromisso, envolvimento, respeito ao outro e reciprocidade de objetivos e sentimentos em um relacionamento afetivo estável. Tais resultados contribuem para os estudos sobre as relações interpessoais - assunto presente nos principais manuais de Psicologia Social - e dos valores humanos, que têm sido estudados como preditores de vários construtos (por exemplo, moralidade, comportamento delitivo, sentido da vida, metas do trabalho, drogadição, etc.).

Projeto financiado pela CAPES, através de uma bolsa de Mestrado concedida ao primeiro autor.
Palavras-chave: Valores; Atitudes; Relacionamento Afetivo

SOC 31
ATITUDES FRENTE A RELACIONAMENTOS AFETIVOS ESTÁVEIS: DIFERENÇAS QUANTO AO SEXO. *Thiago Lemos Milfont**, Estefânea Élida da Silva Gusmão*, Valdiney Velôso Gouveia, Tatiana Cristina Vasconcelos*, Tatiane de Carvalho Sorrentino* (Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB)*

As relações interpessoais têm sido alvo de investigações por parte da Psicologia Social, particularmente no aspecto relativo às relações íntimas. Estas se diferenciam dos demais tipos de relação entre as pessoas por apresentarem como característica a auto-abertura, a interação extensa, a intimidade e a interdependência. A primeira destas características pode ser entendida como a possibilidade de expor e expressar algo sobre si; a segunda como o acesso à vida íntima de outra pessoa; a intimidade como produtora de trocas, na medida em que cada parte conhece acerca de quase todos os aspectos da vida do outro; e a interdependência, como a modelação das condutas de cada parte, tendo em conta os desejos do outro. Assim, cada um desses elementos atua de forma a aprofundar e a intensificar as relações ao longo do tempo, tornando-as cada vez mais estáveis. O objetivo deste trabalho foi verificar se há diferença entre as atitudes de jovens do sexo masculino e feminino quanto a se engajarem em relações afetivas estáveis. Para tanto foi utilizada a Escala de Atitudes Frente a Relacionamentos Afetivos Estáveis (RAE). Esta escala foi validada no Brasil e nos Estados Unidos da América obtendo fidedignidade aceitável em ambas as amostras (α = 0,91 e 0,89, respectivamente). A RAE é composta por 30 itens e os respondentes expressam o grau de concordância para cada item através de uma escala de cinco pontos, tipo Likert, com os seguintes extremos: absolutamente dispensável (1) e absolutamente indispensável (5); tendo o objetivo de verificar as atitudes favoráveis a relações afetivas estáveis. A amostra foi composta por 654 estudantes universitários paraibanos, todos com estado civil solteiro, com idade variando entre 17 e 42 anos (M = 19,9; DP = 2,50) e distribuídos equitativamente quanto ao sexo. Realizando uma análise de variância One-Way, verificou-se que a média de escores da escala RAE para os sujeitos do sexo feminino (M = 128,8) foi significativamente maior que a obtida pelos sujeitos do sexo masculino (M = 124,6), $F(1, 603) = 17,50$; $p < 0,001$. Os resultados corroboram os encontrados em outras pesquisas, indicando que os sujeitos do sexo masculino apresentam diferenças em suas atitudes frente a relacionamentos afetivos estáveis; representando, talvez, uma recusa à intimidade. Estes resultados contribuem para as discussões acerca das diferentes orientações atitudinais encontradas em homens e mulheres quanto à estabilidade dos seus relacionamentos afetivos, podendo promover um maior interesse dos cientistas sociais no estudo das relações íntimas.

Projeto financiado pela CAPES, através de uma bolsa de Mestrado concedida ao primeiro autor
Palavras-chave: Atitudes; Relacionamento Afetivo; Diferenças Sexuais

SOC 32
CULTURA ORGANIZACIONAL REAL E IDEALIZADA EM FACULDADES DE LICENCIATURA. *Sandra Pedro de Lima (Faculdades Integradas de Patrocínio, MG), José Augusto Dela Coleta (Centro Universitário do Triângulo, Uberlândia, MG), Marília Ferreira Dela Coleta (Universidade Federal de Uberlândia, MG)*

Em qualquer escola, como organização com fins educacionais, existem normas que regulamentam as atividades, sejam as ações pedagógicas ou as práticas administrativas. Além de se pautarem em leis maiores, tais normas refletem a cultura do grupo que as administra e as executa, sendo esta aprendida socialmente. Este estudo objetivou determinar os níveis de presença de oito fatores da cultura organizacional em três Faculdades oferecendo cursos de Licenciatura, situadas na região do Alto Paranaíba, Minas Gerais, correlacionando estes dados com as práticas administrativo-pedagógicas adotadas nestas instituições e verificando diferenças com os níveis ideais destes fatores na percepção de estudantes e professores. Como sustentação teórica deste trabalho tomaram-se os resultados dos estudos conduzidos por Geert Hofstede em 53 países e regiões e pelo projeto GLOBE em 66 países, coordenado pela equipe de Robert House, que identificaram oito fatores capazes de definir elementos da cultura organizacional. Os instrumentos utilizados constaram de um questionário de dados pessoais, escalas sobre a cultura organizacional real, escalas sobre a cultura organizacional ideal e questionário de práticas administrativo-pedagógicas. Todas as escalas apresentaram-se na forma Likert, com sete níveis de resposta, sendo adaptadas dos estudos originais. Os instrumentos foram aplicados a 109 professores e 429 alunos dos períodos intermediários das três faculdades, sendo os tratamentos estatísticos realizados através do SPSS. Inicialmente comprovaram-se as qualidades psicométricas dos instrumentos, através da aplicação piloto, análises fatoriais e índices de consistência interna alfa de Cronbach. Em seguida foram utilizados cálculos de freqüências, médias, correlações r de Pearson, testes t de Student e análises de variância para comparação das respostas entre grupos. De modo geral, os resultados demonstraram, nas três instituições, maior presença (valores próximos de 5 na escala de 7 pontos) dos fatores orientação para o futuro, orientação afiliativa e orientação para a realização; níveis intermediários quanto a evitar incertezas, distância do poder, assertividade e individualismo, e baixos níveis de masculinidade, bem como correlações significativas entre a cultura organizacional e as práticas administrativo-pedagógicas adotadas nas IES. Já a cultura idealizada diferenciou-se da cultura real ao apresentar médias altas (próximas de 6) em assertividade, orientação para realização e desempenho, orientação para o futuro, orientação afiliativa e evitar incerteza; e valores bem mais baixos (em torno de 2) para masculinidade, individualismo e distância do poder, separando os fatores da cultura idealizada em dois grupos distintos. Verificaram-se também diferenças significativas nas respostas entre estudantes e professores e entre as três escolas, tanto nos fatores da cultura quanto nas práticas administrativo-pedagógicas. Conclui-se que alunos e professores desejam uma instituição altamente assertiva, com práticas decisivas, seguras e peremptórias, porém com alta afiliação, ou seja, com ternura, meiguice e atenção personalizada.

Palavras-chave: Cultura organizacional; Práticas administrativas; Práticas pedagógicas

SOC 33
PERCEPÇÕES DE ADOLESCENTES SOBRE QUESTÕES SOCIAIS ATUAIS. *Daniela Fritsch França*, Elizângela Aparecida Oliveira Araújo*, Érika Ehrlich*, Janile Marques Antônio*, Lígia Vieira Andrade*, Marília Ferreira Dela Coleta (Faculdade de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, MG)*

Uma das críticas mais comuns dirigidas aos jovens é a de que suas preocupações são imediatistas, triviais e egocentralizadas. Contrariamente a esse estereótipo do adolescente, os estudos têm mostrado que eles têm preocupações relacionadas à escola, à vida e à morte, à família, aos amigos, à situação econômica do país, aos problemas de fome do mundo. Buscando confirmar estes resultados com uma amostra de jovens da região do Triângulo Mineiro, planejou-se um estudo envolvendo 219 adolescentes, sendo 105 do sexo masculino e 114 do sexo feminino, estudantes de segundo grau em escolas públicas e particulares. Os objetivos eram verificar a percepção destes com relação a questões sociais, localizando-se especificamente a violência e a educação. Inicialmente foi construído um questionário contendo perguntas sobre dados pessoais e mais doze questões, sendo uma relativa a problemas em geral, quatro à violência e sete à educação. As questões eram fechadas e refletiam opiniões a respeito dos temas eleitos ou reproduziam de leituras prévias de reportagens em jornais e revistas e de estudos científicos. Após a permissão das escolas para a aplicação dos instrumentos aos seus alunos, estes eram contatados em horários de intervalo fora de sala de aula ou na biblioteca, quando se solicitava a colaboração com o estudo. Em seguida à coleta de dados, estes foram codificados e digitados em uma planilha do programa SPSS para tratamentos estatísticos e teste das hipóteses. Os resultados indicaram ser a violência considerada por 53% da amostra como o problema brasileiro mais grave no futuro, seguindo-se a fome (18,5%), a corrupção (15%), a saúde (8,7%) e a educação (6,3%); a má distribuição de renda, a precariedade da educação, a crise dos valores éticos e morais e o descuido das autoridades são percebidos como principais causas da geração da violência no futuro; a grande maioria (84%) acredita que a violência irá perdurar por muito tempo ou para sempre, mas que poderia melhorar investindo-se em educação (47,2%), mudando-se o sistema penitenciário (33,5%) ou adotando-se a pena de morte ou prisão perpétua (29%). A respeito da escola, a maioria acredita que a informatização é uma tendência, mas não dispensam a presença do professor em sala de aula (59%); 73% concordam que a escola tornou-se uma empresa que vende o ensino como mercadoria e 69,6% acham que o descaso do governo com a educação permanecerá no futuro, com os alunos pobres recebendo uma educação de pior qualidade; a maioria (63,6%) acredita que a educação continuará a ser mal administrada pelos governos e a ser ajudada por projetos da iniciativa civil, apesar da percepção negativa sobre os problemas, a maioria dos estudantes (67,2%) acha que o país tem condições no futuro de melhorar sua posição atual entre os de pobre desenvolvimento no campo da saúde e da educação. Conclui-se que os adolescentes pesquisados estão cientes dos problemas sociais brasileiros e são capazes de analisá-los do mesmo modo que outros grupos etários.

Palavras-chave: Adolescência; Violência; Educação

SOC 34

PROJETO SER BRASILEIRO/A NO RIO DE JANEIRO. *Angela Arruda (Departamento de Psicologia Social, Instituto de Psicologia da UFRJ); Aline dos Santos Brito* ; Fernanda Barros Reis*, Tânia Campos Lopes* (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)*

Para estudar as representações sociais de jovens cariocas (18 a 25 anos) a respeito do Brasil e de "ser brasileiro/a" no cruzamento da globalização e da comemoração do 5o centenário brasileiro, baseando-nos na Teoria das Representações Sociais de Moscovici e Jodelet, procedemos a uma pesquisa em dois planos: 1) Houve uma discussão com dois grupos focais com universitários e trabalhadores a partir da qual foi construído um roteiro de entrevista semi-estruturada. Após a testagem, foram feitas 40 entrevistas com jovens universitários cursando instituições públicas e privadas a partir da metade do curso, e 40 entrevistas com jovens trabalhadores, de baixa extração econômica e baixa escolaridade, empregados e desempregados. 2) Foram gravadas 120 horas dos programas de televisão de maior audiência desta faixa etária para análise das representações veiculadas pela mídia.

O material coletado nas duas etapas do trabalho passa por uma análise de conteúdo temática (Bardin, 1972). Até o momento, os universitários analisados apontaram o brasileiro como trabalhador, sofredor, um sobrevivente. Já os trabalhadores mencionam o orgulho de ser brasileiro, a sua alegria e humanidade em suas associações livres. Para a brasileira, a beleza e sensualidade permanecem como um aspecto identificatório nos dois grupos, mas os universitários a vêem principalmente como trabalhadora, ligado à percepção da melhoria da condição feminina. Quanto aos aspectos positivos do Brasil, a natureza continua num posto privilegiado, porém o povo aparece como positivador da nação. O principal problema, para os universitários é a educação e para os trabalhadores, o desemprego. O futuro foi avaliado com probabilidades de ser pior, contribuindo para a imobilidade coletiva, apontada como qualidade negativa do brasileiro(a). Já o passado foi visto como pior devido à falta de tecnologias e comodidades, porém os trabalhadores o apontaram como melhor, pois as condições de vida eram melhores. Permanecem presentes representações hegemônicas junto a outras emergentes, desenhando uma nova representação do que é ser brasileiro(a) e do Brasil. A etapa seguinte trabalhará com a análise da produção televisiva, que constitui um desafio do ponto de vista metodológico para o trabalho com RS, recorrendo inicialmente a Camargo (1997) e Rose (2000).

Projeto financiado pela Faperj, com duas bolsas de iniciação científica - Faperj e CNPq.

Palavras-chave: Representações Sociais; Pensamento nacional; Globalização

SOC 35

LIBERDADE E REALIZAÇÃO PESSOAL NA SOCIEDADE MODERNA: REPENSANDO ESTA RELAÇÃO ATRAVÉS DE VIKTOR FRANKL, MEDARD BOSS E ROLLO MAY. *Daniel Marinho Drummond** (Laboratório de Psicologia Social do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG / Universidade Estadual de Minas Gerais, Campus Lavras, Lavras, MG); Miguel Mahfoud (Laboratório de Psicologia Social do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG)*

A sociedade moderna se caracterizaria como a sociedade das possibilidades, das opções de escolha e da liberdade, o que permitiria ao homem moderno configurar sua vida de uma maneira que este alcançasse o máximo de realização pessoal. Porém, na vida cotidiana, é facilmente observável que freqüentemente o homem moderno não tem se realizado, o que nos leva a pensar que um aumento do número de opções de escolha, entendido na sociedade moderna como aumento da liberdade, não se traduz necessariamente em um aumento da realização pessoal. Para compreendermos melhor a relação entre liberdade e realização pessoal e com isto a condição do homem moderno buscamos investigar outras possibilidades de relação entre liberdade e realização pessoal, que poderiam ser úteis ao homem moderno. Procedemos à uma leitura fenomenológica de textos de três autores ligados à abordagem existencial-fenomenológica em Psicologia, sendo estes Viktor Frankl, Medard Boss e Rollo May. Verificamos que para os três autores a liberdade não se identifica com o aumento do número de opções de escolha. A liberdade seria uma condição, uma capacidade humana de ser sempre que se posicionar frente às determinações, condicionamentos, e às situações concretas do cotidiano. Assim a liberdade não garantiria a realização pessoal, pois esta dependeria da qualidade do seu posicionamento, havendo então certos posicionamentos que levariam à realização pessoal e outros que não. Para Frankl, o posicionamento, ou escolha, que realizaria o homem, é aquela que permite constituir sentido frente às exigências da situação e às exigências de nossa consciência (ética e ontológica). Para Boss o homem se realizaria quando, lidando com a culpa e angústia que lhe são inerentes, consegue se manter aberto às solicitações da realidade exercendo frente a estas todas as suas possibilidades humanas quantas puder. Para May nos realizaríamos quando, à medida em que nos posicionamos, vamos descobrindo quem somos, a que somos chamados neste mundo, nosso destino e então o aceitamos, passando a viver este destino, tornando-nos o que de fato somos. Concluímos que a relação que o homem moderno faz entre liberdade, opções de escolha e realização não é a única possível, o que talvez ele devesse atentar para outras possibilidades, como as apresentadas pelos três autores estudados, para que este alcance com mais efetivamente a realização pessoal.

Palavras-chave: Liberdade; Realização Pessoal; Sociedade Moderna

SOC 36

OS COMPONENTES COGNITIVOS E COMPORTAMENTAIS DA ASSERTIVIDADE. *Lívia de Mattos Chiaffoni*, Ana Lúcia Braga Pedroso, Eliane Mary de Oliveira Falcone, Katia Cilene Rodrigues Silva*, Maria Cristina Ferreira, Maria das Graças Soares de Oliveira, Rachel Shimba Carneiro* e Raphael Fischer Peçanha* (Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ)*

A assertividade é definida como a capacidade de defender os próprios direitos e de expressar pensamentos, sentimentos e crenças de forma honesta, direta e apropriada, sem violar os direitos da outra pessoa. Os estudos atuais sobre habilidades sociais apontam a importância de se considerar os aspectos cognitivos (atenção, percepção, processamento de informação), além dos aspectos comportamentais. Este estudo constituiu uma parte de um trabalho mais amplo sobre habilidades sociais, onde foram especificados os componentes cognitivos e comportamentais da habilidade assertiva, na tentativa de facilitar a construção de critérios de avaliação e de treinamento dessa habilidade. A metodologia consistiu em revisar a literatura na busca desses componentes. O componente cognitivo da assertividade corresponde à autoconsciência, compreendida como o reconhecimento, avaliação e organização dos próprios pensamentos, sentimentos e comportamentos. A autoconsciência é composta por três etapas: a) "o que eu quero/desejo", constitui uma representação cognitiva de uma situação ou objeto que, se ocorre ou é obtida, resulta em uma experiência de ganho; b) "quais as minhas expectativas", corresponde à crença de que algum evento futuro ocorrerá e que essas expectativas poderão ser realizadas ou distorcidas, afetando assim a motivação, as emoções e os comportamentos e c) "que sentimentos eu estou experimentando", corresponde a um estado interno que costuma resultar de um desejo ou expectativa que interfere no comportamento e pode ser experimentado como prazeroso ou desprazeroso. A identificação de um desses elementos: desejo, expectativa e sentimento, pode constituir pista para a aquisição da autoconsciência, favorecendo, assim, a escolha do comportamento assertivo apropriado. Os componentes comportamentais da habilidade assertiva referem-se a aspectos diretamente observáveis, ou seja, às comunicações não verbal e verbal. Os componentes não verbais do comportamento assertivo manifestam-se através de contato ocular direto, nível de voz compatível com o de uma conversação, fala fluida, gestos firmes; postura ereta; mensagens na primeira pessoa; verbalizações positivas; respostas diretas à situação; mãos soltas. Com relação aos componentes verbais, o comportamento assertivo: a) reflete uma consideração pelos desejos da outra pessoa e pelos próprios desejos, através de uma posição conciliatória, que beneficia parcialmente ambas as partes; b) expressa expectativas, desejos e sentimentos de forma direta e c) é socialmente apropriado. O comportamento assertivo inclui verbalizações tais como: "Penso"; "Sinto"; "Quero"; "Como podemos resolver isso?"; "O que você acha?". Portanto, o comportamento assertivo pode facilitar resultados positivos de interação, na qual o indivíduo está expressando os próprios sentimentos, desejos e direitos. A avaliação dos efeitos do treinamento assertivo levam à ocorrência de aumento da auto-confiança e da realização pessoal, além da redução da depressão e da ansiedade social. Contudo, estudos sugerem que nem sempre a conduta assertiva é a mais apropriada na obtenção de uma comunicação satisfatória. Em alguns contextos, manifestar-se de maneira empática antes da expressão assertiva parece promover efeitos mais positivos na interação.

PIBIC/UERJ

Palavras-chave: Assertividade; Habilidades sociais; Competência social

SOC 37

OS SENTIDOS DO RISCO PARA UM GRUPO DE MÃES E AMIGOS DE ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE RISCO. *Mariana Pignatti Alves*, Mariana Luiza Aron**, Cíntia Monte* e Mary Jane Paris Spink (Núcleo de Psicologia e Saúde do Programa de Pós-Graduação de Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica-SP, São Paulo-SP)*

Objetivo: Entender os sentidos do risco na vida cotidiana para um grupo de mulheres pertencentes a uma organização da sociedade civil. Esta pesquisa faz parte do Projeto Integrado "Risco e incerteza na sociedade contemporânea: vivendo na sociedade de risco". Tem-se como pressuposto que o conceito de risco é central para a compreensão da sociedade contemporânea, sendo os discursos sobre risco elementos constitutivos dos processos de subjetivação na modernidade tardia. A revisão da literatura permite afirmar que os sentidos do risco derivam de formas distintas de interpretar o que é "correr riscos", associadas ao processo de governamentalidade (medidas coletivas de gestão da população) e à busca do risco como aventura (por exemplo, na economia e nos esportes radicais). A organização em que se deu a oficina aqui abordada, Associação de Mães e Amigos dos Adolescentes em situação de Risco (AMAR),

é formada por familiares de adolescentes em situação de risco e volta-se para a melhoria das condições de atendimento dos mesmos. Método: Para viabilizar a compreensão dos sentidos do risco, foi realizada uma "oficina sobre risco", que possibilitou a discussão, negociação e co-construção dos sentidos do risco na vida cotidiana. O grupo contou com cinco participantes e teve duração aproximada de duas horas. No início da oficina foi assinado um termo de consentimento que explica os objetivos e o compromisso de sigilo e uso da informação apenas para fins científicos. A metodologia prevê a realização de três exercícios: associação de palavras relacionadas ao risco, como forma de sensibilização para a temática em discussão; relato de situações em que se sentiu em risco e as classifica como "risco na inocência", "risco conhecido mas não pensado" e "risco calculado" e discussão visando promover a negociação e co-construção dos sentidos do risco; enfoque da questão da prevenção dos riscos. Procedimento de análise: 1) As associações e situações de risco são tabuladas em formulário específico que possibilita comparar o conteúdo entre grupos. 2) Para a análise dos sentidos do risco relacionado às situações relatadas faz-se inicialmente uma transcrição sequencial que permite identificar os trechos mais significativos quanto à riqueza da negociação e co-construção de sentidos. Faz-se então a transcrição completa que subsidia a construção dos mapas de associação de idéias para os quais são transpostos os trechos de negociação. Resultados: Na oficina realizada na AMAR surgiram dois temas recorrentes que mobilizaram o grupo: o risco corrido para a proteção dos filhos, e o risco a que se expuseram em relações amorosas. Houve diferenças marcantes na interação grupal quando cada tema foi abordado. Quando se tratava de riscos corridos para ajudar os filhos o clima era tenso e mobilizava sentimentos negativos. Ao relatarem os riscos em situações amorosas, o diálogo passava a ser permeado por risos e descontração. O contraste da dialogia nestas duas temáticas permite compreender a diversidade dos sentidos do risco.

Apoio financeiro: CNPq
Palavras-chave: Risco; Práticas discursivas; Produção de sentidos

---

SOC 38

MORADORES DE RUA: A IDÉIA DE RISCO NAS MARGENS DA SOCIEDADE. *Mariana Lazia Aroni** (Departamento de Psicologia Social da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica, São Paulo - SP)*

Objetivo: Esta pesquisa teve por objetivo compreender os sentidos do risco para moradores de rua. Partimos do pressuposto que o conceito de risco é intrinsecamente associado à modernidade e aos processos de governamentalidade, sendo assim fundamental seu estudo para a compreensão da subjetividade na sociedade contemporânea. O presente trabalho tem como ponto de partida o desafio de aprofundar a compreensão acerca dos processos de exclusão social. Metodologia: Para isso foi necessário: 1) fazer um panorama dos moradores de rua, aí incluídos os diferentes agentes sociais que com eles interagem, entre eles o psicólogo que trabalha na comunidade; 2) entender o tipo de riscos a que este segmento da população está exposto. O trabalho foi realizado com pessoas com as quais a pesquisadora mantinha contato prévio, em função da sua vinculação a uma instituição que dá apoio a esta população. Essa estratégia possibilitou a aproximação com os entrevistados e evitar que a pesquisadora fosse recebida com hostilidade pelos moradores, por serem eles justificadamente defensivos face às constantes ameaças a que estão expostos. Para a coleta de dados foram feitas entrevistas semi-dirigidas. Foram realizadas oito entrevistas com pessoas que moravam sob viadutos de uma avenida da zona sul da cidade de São Paulo e uma numa instituição localizada na região central da cidade. Além das entrevistas, foram feitas fotografias, sempre com o consentimento dos retratados, cujo intuito era possibilitar uma melhor compreensão do "morar na rua" e suas implicações. Análise: As entrevistas realizadas são tomadas como práticas discursivas e como parte do processo de produção de sentidos no cotidiano, sob a perspectiva da psicologia social, compreendendo as pessoas como agentes sociais. Resultados: O risco está presente no discurso da maioria dos entrevistados, embora não seja necessariamente expresso utilizando esse termo. Muitas vezes é a expressão contextualizada que fornece o sentido do risco. Formas de risco até então desconhecidas por nós emergiram nessas falas, assim como uma diversidade de estratégias de prevenção possíveis para fazer face a elas. Os moradores de rua falam do risco como "cuidado" em algumas situações, sendo que aparece raras vezes na forma de positividade. Alguns riscos estão claramente associados à condição de exclusão, sendo decorrência da vida nas margens da sociedade. Por exemplo, o risco da inexistência de água nos locais que habitam e a hostilidade a que estão sujeitos por parte do aparato policial assim como dos transeuntes. Morar nas ruas é como ter a vida exposta numa vitrine, porém sem a proteção dos vidros.

Orientador: Pablo de Oliveira.
Palavras-chave: Risco; Morador de rua; Exclusão social

SOC 39

GÊNERO, GERAÇÕES E SUBJETIVIDADES NA REGIÃO DA GRANDE FLORIANÓPOLIS. *Maria Coelho de Souza Lago e Carla Nichele Serafim* (Núcleo de Gênero, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis - SC)*

Esta pesquisa teve como interesse o estudo da construção de subjetividades e das dinâmicas das relações geracionais e de gênero, na mudança de espaços e modos de vida de famílias egressas do campo e das atividades agrícolas para o meio urbano, na região da Grande Florianópolis. O êxodo do homem do campo tem significado o crescimento exacerbado das periferias urbanas, também nas cidades de médio porte. Santa Catarina é um espaço que se caracteriza, em geral, pela agricultura familiar e diversificada, nos moldes da pequena propriedade. A região da Grande Florianópolis possui um núcleo de municípios que apresentam uma alta taxa de crescimento populacional, o Núcleo Metropolitano. Este Núcleo Metropolitano é um espaço conturbado. Na região Metropolitana da Grande Florianópolis habitam migrantes oriundos de várias regiões do Estado, de diferentes etnias, provindos de diferentes zonas de colonização. A pesquisa abrangeu sujeitos de ambos os sexos, entre eles crianças, adolescentes, adultos e velhos, num intervalo de idade entre oito e sessenta e cinco anos, sujeitos estes provenientes de diferentes locais de dois municípios que compõe a Região Metropolitana de Florianópolis: Biguaçu e Antônio Carlos. Foi realizada uma análise qualitativa, utilizando o método etnográfico, através de entrevistas livres, gravadas, com depoimentos e histórias de vidas de dezessete sujeitos. Foram também respondidos cerca de 47 questionários por adolescentes em escolas dos dois municípios, com idades entre 12 e 20 anos. Com relação aos sujeitos pesquisados em Biguaçu pôde-se perceber que a maioria era migrante do trabalho rural e que a geração dos pais desenvolve atividades no setor de serviços e da construção civil, no caso dos homens. As mulheres dedicam-se principalmente ao trabalho no lar e ao trabalho doméstico em outras residências. Muitos dos jovens já trabalham e alguns têm projetos para realizar curso superior. As distâncias no relacionamento entre pais e filhos parecem estar diminuindo, em muitos dos casos. O poder de decisão e autonomia das mulheres parece estar aumentando, com sua saída para o trabalho remunerado fora do lar, embora algumas delas ainda abdiquem desta autonomia. Em Antônio Carlos, cidade que abastece a Região Metropolitana com hortifrutigranjeiros, a totalidade dos pais trabalhou na lavoura e a maioria dos jovens também desenvolveu este tipo de atividade. Atualmente poucos jovens continuam com o trabalho agrícola e muitos dos pais já desenvolvem outros tipos de atividades. Há um investimento muito grande na educação das novas gerações e grande parte destes jovens falam em dar continuidade aos estudos. A maioria das mulheres não desenvolve mais as atividades agrícolas e muitas delas têm ocupações domésticas fora de casa, em Biguaçu ou Florianópolis. Há uma grande mobilidade entre as populações destes municípios, ocupacional inclusive, e muitos dos sujeitos trabalham em Florianópolis. O projeto familiar coletivo parece ter ainda primazia para as famílias das pessoas entrevistadas, especialmente no que se refere à geração dos pais. Quanto aos jovens, nota-se uma tendência mais marcada de orientação em projetos em conformidade com o ideário individualista/igualitário que, na concepção de Dumont (1985), caracteriza a sociedade moderna.

FUNDO DE APOIO: Esta pesquisa contou com apoio do CNPq, entre 1999 e 2000.
Palavras-chave: Gênero; Modos de Vida; Urbanização

SOC 40

BUSCA DE IDENTIDADE E INTER-RELAÇÃO ENTRE CULTURA POPULAR E CULTURA ESCOLAR EM MORRO VERMELHO. *Augustus Porto Alves* e Miguel Mahfoud (Laboratório de Psicologia Social; Departamento de Psicologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas; Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte; MG)*

A comunidade rural Morro Vermelho (distrito do município de Caeté-MG) possui uma cultura popular viva responsável pela constituição de um conhecimento significativo para seus integrantes. Esse conhecimento diz respeito a uma "educação informal" que vem sendo transmitida, elaborada e vivida com significado no presente: a comunidade realiza a Festa de Nossa Senhora de Nazaré, sem interrupção, há quase trezentos anos e mantém vivas tradições medievais como a Cavalhada e a Encomendação das Almas. Nesse contexto cultural tradicional, aprendemos o interesse pela educação escolar responsável pela transmissão de um conhecimento formal e sistemático. O entrelaçamento entre a cultura popular (estruturante da vida social) e a cultura escolar é vivido com tensão. Conhecer a vivência dessa tensão e as respostas a ela formuladas pelos sujeitos, nos permite compreender como se dá o processo de busca da identidade exigente – uma identidade que vive uma constante luta por si mesma. Nosso objetivo, então, é compreender como se dá a busca da identidade exigente de uma comunidade específica através da sua maneira típica de lidar com a tensão gerada a partir do entrelaçamento entre cultura popular e cultura escolar. Utilizamos entrevistas com cinco professores da comunidade, realizadas em trabalho de campo. Os sujeitos foram escolhidos por participarem de atividades ligadas à cultura popular e ao ensino formal, sendo protagonistas na vivência daquela tensão. As entrevistas foram submetidas à transcrição, revisão e textualização e, então, à análise fenomenológica, identificando aspectos significativos para os próprios sujeitos da pesquisa quanto aos objetivos propostos. Os resultados indicam que considerando cultura popular, essencialmente, como tradição religiosa

algumas professoras afirmam uma identidade católica (pessoal e coletiva) e buscam a sua manutenção garantindo às crianças uma formação católica na escola. Já outra se posiciona de forma crítica em relação à formação religiosa que se dá na comunidade considerando desnecessário exigir das crianças alguns compromissos com a tradição católica ao mesmo tempo em que afirma a identidade católica buscando garantir a essas crianças um ensino formal fundamentado em valores e princípios católicos. Outras que enfatizam mitos e contos populares, tratando-os na escola apesar de questionarem seu caráter lendário, estão afirmando uma identidade própria da comunidade de transmitir e elaborar o conhecimento típico da sua cultura popular. Há ainda uma que considera a cultura tradicional fantasiosa e busca enfatizar, na escola, aspectos históricos da comunidade que possam contribuir para o seu progresso a fim de garantir às crianças uma visão de mundo mais ampla do que aquela limitada à vida em Morro Vermelho. As formas com as quais as professoras respondem à vivência da tensão entre cultura popular e escolar indicam sobre um processo que se dá na comunidade como um todo em busca da sua identidade.

Apoio: CNPq, Fapemig e PRPq- UFMG
Palavras-chave: Cultura Popular, Cultura Escolar e Identidade Religiosa

*****

SOC 41
MEMÓRIA COLETIVA, HISTÓRIA E IDENTIDADE EM MORRO VERMELHO *Ana Flávia de Sales Costa*, Miguel Mahfoud (Departamento de Psicologia, Laboratório de Psicologia Social, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG)*

Observar os sujeitos atribuindo significados à sua história, a partir do trabalho da memória coletiva, permite compreender o sentido compartilhado pelos membros de uma comunidade e ao mesmo tempo possibilita identificar os elementos fundamentais para afirmação de sua identidade. A pequena comunidade rural tradicional de Morro Vermelho, distrito de Caeté, Minas Gerais, conserva na memória coletiva a referência a momentos históricos fundamentais para a identidade local, sendo um deles a vitória no conflito com o governador para a revisão do sistema de cobrança dos impostos em 1715 - "Levante do Quinto do Ouro". Foi localizada e levada a conhecimento dos atuais moradores uma carta do governador Baltazar da Silveira ao rei de Portugal que descreve o embate em Morro Vermelho. Sendo o acontecimento anteriormente conhecido apenas através da tradição oral, o objetivo da presente pesquisa é compreender como a questão da identidade entra na reelaboração da experiência ao terem contato com um registro histórico. Utilizamos entrevistas, colhidas em trabalho de campo, com sete jovens e adultos, que tiveram contato com o documento e puderam uma elaboração rica e bem articulada fornecendo dados relevantes. As entrevistas foram submetidas à análise fenomenológica. Os resultados indicam que, para a comunidade, esse ato de seus antepassados revela características do posicionamento do grupo que permanecem ao longo do tempo: (a) a luta por independência e liberdade que motivou a revolta de 1715 aparece hoje, na comunidade, em brigas com Caeté por reconhecimento e emancipação, (b) nas indisposições com padres da paróquia por fazer valer seus direitos em relação a questões financeiras e preservação de suas tradições, (c) em situações cotidianas como desentendimentos no trabalho e na escola. Todas essas brigas, além de mostrarem a capacidade de luta, também revelam a capacidade de união da comunidade em torno de um objetivo comum. Para eles, Morro Vermelho sempre contribuiu para o Brasil, tanto através de atos de luta (Guerra dos Emboabas, Diretas Já, "Levante do Quinto do Ouro"), quanto através da manutenção de sua memória. O registro histórico do "Levante do Quinto do Ouro" possibilita tornar pública suas contribuições para que possam receber o reconhecimento desejado. Além disso, o documento fortalece as tradições da comunidade por ser, para eles, uma prova da confiabilidade do que é mantido na memória coletiva. Concluindo, é possível perceber que a memória coletiva possibilita que o conteúdo histórico seja mantido vivo e significativo ao longo do tempo. Por outro lado, o documento histórico pode servir para fortalecer a memória coletiva e a identidade que nela se apoia. É importante mostrar que na cultura brasileira existe essa dinâmica amadurecida que possibilita a valorização de nossa história.

Apoio: Fapemig, PRPq-UFMG
Palavras-chave: Memória coletiva; Memória e História; Identidade

*****

SOC 42
RELACIONAMENTO COM O SAGRADO E HORIZONTES DO MUNDO-DA-VIDA NA FESTA POPULAR DE NOSSA SENHORA DE NAZARETH *Renata Amaral Araújo* e Miguel Mahfoud (Laboratório de Psicologia Social / Universidade Federal de Minas Gerais / Belo Horizonte - MG)*

Através de manifestações próprias da cultura popular podemos identificar a maneira como são elaboradas as experiências de sujeitos de uma determinada comunidade, os significados que são compartilhados dentro de um contexto específico, a forma como um conhecimento é transmitido, como as pessoas se organizam com a finalidade de manter viva a tradição. A maneira como os moradores da comunidade rural tradicional de Morro Vermelho (Caeté/MG) se concebem pessoal e coletivamente é apreensível dentro de um universo cultural marcado pela devoção a Nossa Senhora de Nazaré e pela manutenção e transmissão de conhecimentos adquiridos, de maneira muito viva e afetiva, através da tradição da festa popular que comemora a sua natividade, mantida há quase 300 anos. Pesquisar a festa de Nossa Senhora de Nazaré em seus processos pessoais e coletivos tem como objetivo verificar como se estabelecem os relacionamentos dos moradores com essa figura religiosa, apreendendo os fenômenos sociais que estariam relacionados àquela devoção. Esse tipo de pesquisa demonstra sua relevância uma vez que é uma chance de conhecer e explicitar a nossa Cultura Mineira e Brasileira. Em trabalho de campo foram realizadas 10 entrevistas com moradores dessa comunidade, de ambos os sexos, entre jovens e adultos, por ocasião da festa. A metodologia utilizada constituiu-se de: a) coleta de depoimentos e observação etnográfica, b) análise fenomenológica dos dados. Nos resultados apreendemos as seguintes categorias que implicam em horizontes de significados que incidem diretamente na maneira como os moradores dessa comunidade estabelecem um relacionamento com Nossa Senhora de Nazareth: a) horizonte afetivo, presente na maneira própria de se relacionarem com a imagem; b) horizonte histórico-social, presente na forma como se posicionam diante da comunidade ao envolverem-se com a festa; c) horizonte interpessoal, presente no modo como concebem a intervenção da padroeira na vida concreta, acentuando o caráter de pertença do relacionamento. A elaboração da experiência pessoal dos moradores da comunidade de Morro Vermelho, portanto, está vinculada ao grupo de pertença, dentro do qual o sujeito compartilha uma forma de pensar, uma visão de mundo, uma cultura, que vai reconhecendo e reconstruindo continuamente; na medida em que se relacionar com Nossa Senhora de Nazareth significa afirmar a fé, a religião, uma noção de povo, a própria história local e a contribuição que dão para o país lutando para manter as tradições que receberam de gerações passadas. Essa dinâmica se dá em horizontes de relacionamentos marcados pela centralidade da figura religiosa de Nossa Senhora de Nazaré, que se expressa particularmente evidente na festa como momento de significados compartilhados. O empenho identificado na festa se deve àquela devoção vivida como relacionamento, no presente, com aquela presença provocativa e mobilizadora para os moradores, possibilitando o surgimento de um sujeito ativo socialmente.

Apoio: CAPES
Palavras-chave: Cultura Popular; Fenomenologia Social; Experiência Religiosa

*****

SOC 43
CRENÇAS SOBRE A PRÁTICA DE EXERCÍCIOS EM PESSOAS INFARTADAS *Andréa Soares de Castro Formiga**, Maria Zilda Silva Soares** (Mestrado em Psicologia, Universidade Federal da Paraíba - João Pessoa-PB)*

Programas de prevenção e de tratamento das doenças crônicas é atualmente um dos campos de preocupação dos psicólogos que atuam na área da Psicologia Social e da saúde. Este estudo focaliza pessoas que já sofreram infarto, no que diz respeito ao comportamento dessas frente à doença, especificamente, em praticar exercício físico no mínimo três vezes por semana. Para realizar tais programas, o psicólogo social dispõe de alguns modelos em saúde, que ajudam a compreender e predizer o comportamento humano. A Teoria da Ação Racional (TAR), encontra-se entre esses modelos. Sabendo-se que a Prática de Exercícios Físicos se apresenta como uma boa coadjuvante no tratamento de doenças, principalmente no do Infarto do Miocárdio, tentou-se verificar a aplicabilidade da TAR em predizer a intenção comportamental de pessoas infartadas praticarem exercício físico, no mínimo, três vezes por semana, numa amostra de pessoas infartadas. Para isto, querendo-se obter as Crenças que constituem a Atitude e Norma Subjetiva, utilizou-se uma amostra composta por 35 pessoas infartadas, de ambos os sexos, com faixa etária tendo uma média de 65 anos de idade, caminhantes ou não. Todos foram abordados na orla marítima dos bairros do Cabo Branco, Tambaú e Manaíra, na cidade de João Pessoa. O instrumento utilizado foi um questionário para o levantamento de Crenças Comportamentais e Normativas positivas e negativas sobre o problema. Perguntou-se quais as vantagens e desvantagens de se praticar exercício físico, no mínimo, três vezes por semana e quais pessoas seriam importantes para o respondente. Inicialmente, foi perguntado há quanto tempo haviam tido o primeiro infarto e o último, no caso de terem tido mais de um. As entrevistas foram realizadas durante os meses de Fevereiro e Março de 2001, numa média de duas vezes por semana, das 6:00 às 8:00h da manhã. As pessoas foram abordadas de forma direta, tendo como único pressuposto o fato de serem infartadas. Os questionários eram aplicados individualmente, no próprio local em que a pessoa era abordada. O tempo de aplicação foi de, aproximadamente, 10 minutos. Os resultados apresentaram as seguintes crenças modais salientes em relação a desempenhar o comportamento: Sentir-se bem (26%); Bom para a saúde (21%); Não existir desvantagens (16%); Prevenir doenças do coração (13%); É desconfortável (11%); Estética corporal (6,5%); Outras crenças idiossincráticas (6,5%). Com um total das crenças modais salientes correspondendo a 93,5% do total das crenças emitidas (N=62). As crenças normativas modais salientes respondidas em relação às pessoas (referentes) consideradas importantes quanto a este assunto, foram as seguintes: Família - filho(a), marido/mulher (32%); Médico (28,6%); Amigos (18%); Outras crenças idiossincráticas (21,4%). Tendo um total das crenças

modais salientes igual a 78,6% do total das crenças emitidas (N=28). Com base nesses dados, construiu-se, então, uma escala constituída de 22 itens, com 04 itens medindo a Atitude, 06 itens representando as forças das Crenças; 06 itens de Avaliações das Conseqüências; 01 item medindo a Norma Subjetiva, 03 para medir a Força dos Referentes importantes; 03 da Motivação para Concordar com tais referentes, e finalmente, 01 item relacionado à Intenção Comportamental.

CAPES

Palavras-chave: Trânsito; Bafômetro; Crenças

****

SOC 44

ESTIGMA E SOFRIMENTO. *Tereza Cristina Othenio Cordeiro Carreteiro, Alan Teixeira de Lima*, Cláudia Mafrenias Valente Lopes*, Letícia de Lucas Franc*, Luciane Ribeiro Barbosa*, Luciana Lessa de Medeiros*, Marcus César da Rocha Salmen*, Melissa Capdeboni Yoshiaki*, Amélia Righetti** (Departamento de Psicologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ)*

Este trabalho refere-se a um desdobramento de uma pesquisa-ação, financiada pelo CNPq, intitulada "Drogas e Complexidade", desenvolvida na favela de Acari, periferia da zona norte do Rio de Janeiro, desde março de 2000. Dentre seus objetivos, esta pesquisa visa estudar como o fenômeno das drogas se apresenta nesta comunidade e no conjunto da sociedade, alertando para a complexidade de relações que envolve e atravessa esta temática. Nossa equipe atua nas áreas de Parque Acari e Coroado, através de instituições religiosas e associativas locais, desenvolvendo, dentre outras atividades, seis grupos com jovens, os quais chamamos de "oficinas da conversa". Nestes grupos, tentamos construir um espaço onde a circulação da fala se sobreponha ao uso da violência, a partir da utilização de recursos lúdicos e dinâmicas para trabalharmos temas propostos pelos próprios jovens. Um dos focos do trabalho com esses jovens tem sido a abordagem sobre o tema da discriminação, o qual é muito debatido durante as atividades. As discussões denotam o que esses sentem e vivem em seu cotidiano, e que, por morarem em um bairro desfavorecido socialmente, são apreciados socialmente na categoria de "favelado". A partir disso, buscamos refletir conjuntamente sobre seus questionamentos. Pretendemos portanto com este trabalho, apresentar uma reflexão sobre a estigmatização das classes subalternizadas que residem em localidades marcadas por forte exclusão social. A pobreza hoje se tornou algo natural, não incomoda, assim como a discriminação, o que ocorre é o que chamamos de efeito de naturalização. Constrói-se assim uma miséria coletiva, na qual esses indivíduos são valorizados a partir de sua proveniência, da localidade de onde vieram, e não pelo que são, ou seja, estão confinados ao estigma por morar nessas localidades. Estes jovens têm então seu cotidiano marcado por um confinamento imposto pelo preconceito. Nas discussões dos grupos, os jovens questionam a visão que as pessoas "de fora", têm de quem mora na favela e as conseqüências diretas disso em sua vida diária. Esses indivíduos, por exemplo, têm maiores dificuldades de conseguir trabalho pelo simples fato de ser favelado, uma vez que este olhar da sociedade homogeneiza os espaços, não estabelecendo distinção entre "bandido" e "trabalhador". Todos que moram em favelas tornam-se, a priori, indivíduos suspeitos. Portanto, entendemos esta estigmatização como uma violência simbólica que produz marcas de confinamento a cada instante na vida desses indivíduos. Além disso, a perversidade desta violência é ainda maior por ela não estar representada num determinado estrato social. A segregação provocada pelo estigma ocorre nas práticas, nas formas de pensar, na esfera íntima, dificultando toda possibilidade de intervenção.

CNPq/PIBIC/UFF

Projeto Integrado CNPq

Palavras-chave: Favela; Estigma; Sofrimento social

****

SOC 45

O PAPEL DAS NORMAS SOCIAIS E DA NORMA PESSOAL NA INTENÇÃO DE COMETER INFRAÇÕES DE TRÂNSITO: UM ESTUDO COM MOTORISTAS. *Cynthia Clark e Fabio Iglesias** (NEPTRAN - Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Trânsito, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro)*

Partindo de resultados de pesquisas que mostram que as normas sociais exercem forte influência sobre o comportamento individual, esta pesquisa procurou investigar se a intenção de cometer infrações de trânsito poderia ter como preditores a norma pessoal (aceitação pessoal da infração) e dois tipos de norma social: a descritiva (comportamento percebido nos outros motoristas) e a injuntiva (percepção da aceitação da infração por parte dos outros motoristas). Participaram da pesquisa 94 motoristas, portadores de carteira tipo B, 63 mulheres e 31 homens, com idades variando entre 18 e 55 anos (média=23,1), universitários moradores da Cidade do Rio de Janeiro. Através da apresentação de um cenário fictício no trânsito, os motoristas avaliaram como viam a probabilidade de cometer (intenção) 4 infrações: excesso de velocidade, ultrapassagem pela direita, avanço de sinal e estacionamento sobre a calçada. Para cada uma das infrações os participantes avaliaram, também, quantos motoristas acreditavam que cometeriam a infração (norma descritiva percebida), o quanto julgavam aceitável cometer a infração (norma pessoal), e a aceitação da mesma pelos motoristas em geral (norma injuntiva). As avaliações foram feitas em uma escala de 0 a 100 tendo como extremos "com certeza não cometeria"/"com certeza cometeria a infração"; "ninguém cometeria"/"todos cometeriam" e "totalmente inaceitável"/"totalmente aceitável". Análises de regressão múltipla, tendo como critério a intenção e como preditores os três tipos de normas, feitas para cada uma das quatro infrações mostraram que uma parte significativa da variância da intenção para cometê-las pode ser explicada pelos três tipos de norma: excesso de velocidade $R2=.349$ ($F3,81=15,98$; $p<.001$); ultrapassagem pela direita $R2=.451$ ($F3,81=33,35$, $p<.001$); avanço de sinal $R2=.462$ ($F3,81=35,06$; $p<.001$); estacionamento sobre calçada $R2=.63$ ($F3,81=25,14$; $p<.001$). A norma pessoal mostrou ser o melhor preditor da intenção para todas as infrações, seguindo-se a ela a norma descritiva. Diferenças foram encontradas na capacidade preditiva de cada norma em função das diferentes infrações e do sexo dos motoristas. Os resultados são discutidos em termos do significado de cada uma das infrações e da cultura do trânsito carioca. Pesquisas realizadas em outras áreas mostram que intervenções para mudança de atitude com ênfase na norma injuntiva têm sido mais eficazes na modificação do comportamento do que campanhas baseadas na punição, o que mostra a importância do estudo das normas sociais e sua possível aplicação na elaboração de programas de redução de acidentes.

Palavras-chave: Psicologia do trânsito; Normas sociais; Infrações

****

SOC 46

UM ESTUDO DO COMPORTAMENTO DE RISCO EM PEDESTRES E SUA RELAÇÃO COM AS NORMAS SOCIAIS E A NORMA PESSOAL. *Cynthia Clark e Fabio Iglesias** (NEPTRAN - Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Trânsito, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro)*

Através da apresentação de um cenário de trânsito fictício, esta pesquisa avaliou a intenção comportamental, considerada o melhor preditor do comportamento, em relação a três comportamentos de risco para o pedestre (atravessar com o sinal piscando, atravessar com o sinal verde para os carros, e não usar a passarela) e ainda um comportamento ambiental (jogar lixo no chão). Foram avaliadas também a norma pessoal (aceitação) e dois tipos de norma social: a norma descritiva (o comportamento que se percebe nas outras pessoas) e a norma injuntiva (percepção da aceitação do comportamento por parte das outras pessoas). O objetivo foi examinar o quanto a intenção comportamental pode ser influenciada por esses três tipos de normas. As avaliações para cada comportamento foram feitas em uma escala de 0 a 100 tendo como extremos "com certeza não realizaria"/"com certeza realizaria"; "ninguém realizaria"/"todos realizariam" e "totalmente inaceitável"/"totalmente aceitável". Julgaram cada situação 71 pedestres, 20 homens e 51 mulheres, com idades variando entre 18 e 40 anos (média = 23,1), universitários moradores da Cidade do Rio de Janeiro. Análises de regressão múltipla feitas para cada uma das quatro situações mostraram que uma parte significativa da variância da intenção para realizar os comportamentos pode ser explicada pelos três tipos de norma: sinal piscando $R2=.333$ ($F3,67=12,65$, $p<.001$); sinal vermelho $R2=.552$ ($F3,67=29,74$; $p<.001$); passarela $R2=.196$ ($F3,57=16,28$; $p<.001$); lixo $R2=.195$ ($F3,67=6,65$; $p=.001$). Diferenças foram encontradas na capacidade preditiva de cada norma, em função dos diferentes comportamentos. Os homens demonstraram maior intenção em cometê-los do que as mulheres. Em relação à norma pessoal os homens mostraram uma maior aceitação dos três comportamentos de risco, corroborando resultados de pesquisas que demonstraram serem eles muito mais afeitos ao risco do que as mulheres. Os resultados são discutidos em termos da natureza de cada um dos comportamentos e da cultura do trânsito carioca. Pesquisas realizadas em outras áreas mostram que intervenções para mudança de atitude com ênfase na norma injuntiva têm sido mais eficazes na modificação do comportamento do que campanhas baseadas nas suas conseqüências negativas, o que mostra a importância da distinção entre normas sociais descritivas e injuntivas e sua possível aplicação na elaboração de programas de redução de acidentes e comportamento ambiental.

Palavras-chave: Psicologia do trânsito; Normas sociais; Comportamento de risco

****

SOC 47

REPRESENTAÇÕES DE VELHICE, ENVELHECIMENTO E MORTE EM HOMENS JOVENS, ADULTOS E IDOSOS: PESQUISA EMPÍRICA CONDUZIDA NA CIDADE DE RESENDE. *Célia Regina de Oliveira (Universidade Estácio de Sá - Campus Resende, Rio de Janeiro), Bianca Teixeira Peres, Cristina Vieira Alão, Janine Magueiri Corrêa, Tânia Maria de Souza M. de Carvalho**

A presente pesquisa objetivou identificar as representações de envelhecimento, velhice e morte em homens idosos e não-idosos. Integraram a amostra 75 participantes do sexo masculino, residentes na cidade de Resende, com faixa etária entre 18 e 80 anos e grau de escolaridade a partir do ensino fundamental. Entre esses, encontram-se solteiros, casados, divorciados e viúvos. Em um estudo anterior, com uma amostra feminina, adotou-se para a coleta de informações a técnica do grupo focal, mediante a utilização de um roteiro previamente elaborado e adaptado para os grupos compostos por pessoas com idade inferior a 60 anos. Entretanto, face à recusa dos homens, por motivos

diversos, em participar dos grupos de discussões, não foi possível adotar nesta pesquisa a mesma técnica. Diante disto, o roteiro adotado na pesquisa com a amostra feminina foi transformado em um questionário para pessoas mais velhas e adaptado para as pessoas mais jovens. Inicialmente foram contatados 54 homens que aceitaram participar dos grupos focais. Por ocasião da convocação, 44 recusaram por motivos diversos, 5 apesar de confirmarem presença, não compareceram na data e horário pré-estabelecidos e 5 atenderam ao convite. Nestes, foi aplicado o questionário devido ao não enquadramento nos critérios para a realização do grupo focal. Os dados foram analisados qualitativamente, sendo as informações agrupadas nas seguintes categorias: conceito de envelhecimento, sentimentos em relação ao envelhecimento, transformações do envelhecimento, relações sócio-afetivas na velhice - com as subcategorias faixa etária dos amigos, motivo da redução de amizades e sentimentos em relação à perda dos amigos - sentimentos em relação à morte, acréscida de mensagens que transmitiria aos mais jovens (para os idosos) ou que gostaria de ouvir dos mais velhos (para os não idosos). Verificou-se na análise dos conteúdos das respostas que: a) o conceito de envelhecimento é associado tanto às limitações e alterações físicas quanto ao estado interior e à sabedoria; b) a passagem do tempo e a disposição física demarcam a inclusão na categoria de velhos; c) dentre os sentimentos relacionados ao envelhecer predomina a aceitação, seguida pelo medo da doença, pela negação e pelo medo do desconhecido; d) é enfatizado o aspecto de manutenção de relações de amizade, sendo a sua redução motivada pelo isolamento, aposentadoria e mudanças de estilo de vida - para os idosos - e pela morte dos amigos para os não idosos. A morte dos amigos, da própria idade, apesar de ser encarada como uma conseqüência natural da existência, sinaliza a proximidade da própria finitude; e) a morte é percebida como a única certeza que se tem na vida, como natural e inevitável. Alguns homens fazem uso das representações de caráter religioso como forma de aliviar o medo de deixar de ser e explicar o desconhecido. Os resultados apontam para semelhanças entre as representações de envelhecimento, velhice e morte, tanto dos homens mais velhos quanto dos jovens e adultos.

*Acadêmicos do Curso de Psicologia da Universidade Estácio de Sá - Campus Resende, Rio de Janeiro

Palavras-chave: Envelhecimento e morte; Representações sociais; Homens

****

SOC 48

SITUAÇÕES DE IMPACTO FAVORECEDORAS DE REVERSÃO DO PRECONCEITO RACIAL. *Tânia Rodrigo Nogueira Godoy de Paula e Ricardo Franklin Ferreira (Universidade São Marcos, São Paulo)*

Introdução: O preconceito racial é de longe algo enraizado em nossa cultura. No Brasil, desenvolveu-se historicamente, concomitante com um discurso que o nega e o encobre através do mito da 'democracia racial'. O preconceito étnico-racial contra o afro-descendente foi disfarçado por mecanismos que, até hoje, estão presentes em nossa cultura. Quando definimos, em nossas relações, o outro como 'moreninho', 'mulato' ou 'escurinho', estamos estabelecendo uma sutil forma de discriminação negativa. Geralmente tais qualificações são associadas à falta de capacidade pessoal, à falta de competência para ascender socialmente, à falta de qualidades morais e a qualidades estéticas negativas. Como tem sido desenvolvido no imaginário nacional a idéia de o brasileiro viver numa ilha de 'democracia racial', torna-se difícil compreender como o preconceito é veiculado no Brasil, pois são usados mecanismos subliminares, muitas vezes encobertos por frases e termos educados, como os eufemismos apontados acima, desenvolvendo a crença de que ele não existe. Assim, não temos de compreender o que não existe. A partir de tal processo, o afro-descendente tem sido induzido a acreditar que, se perceber que foi discriminado em alguma situação social, seu sentimento de menos valia é decorrente de uma fantasia sua ou, pior, por falta de qualidades pessoais. Método: Com base em tais pressupostos, este trabalho buscou compreender alguns aspectos do processo de construção da identidade do afro-descendente, pressionado a reproduzir o discurso ideológico dominante ao qual está submetido e, especificamente, os momentos em que o afro-descendente toma consciência desse processo de desqualificação social, fenômeno necessário para a possível reversão da discriminação. A partir de entrevistas com dois brasileiros negros, foi feita uma análise da história de vida dos participantes. Resultados: Os resultados, descritos sob a forma de narrativa, indicaram que a reversão de tal situação pode se dar a partir da ocorrência de algumas experiências cruciais, que denominamos de situações de impacto, através das quais o afro-descendente não pode mais negar que esteja submetido a situações de rejeição por suas características étnico-raciais. É o momento em que toma consciência do preconceito - dos outros em relação a ele e, o que é mais dramático, dele mesmo em relação às suas próprias características étnico-raciais pois, da mesma forma tem uma identidade construída no terreno cultural brasileiro.

Palavras-chave:

****

SOC 49

O COMPORTAMENTO POLÍTICO DOS JOVENS: AFINAL, ESTAMOS FORMANDO CIDADÃOS?. *Ana Carolina de Lima Vieira**, *Celso Zonta*[1] *(Departamento de Psicologia - Faculdade de Ciências - Universidade Estadual Paulista - Campus de Bauru, SP)*

A educação tem sido alvo constante de estudos e investigações a nível mundial. Inicia-se a preocupação com os projetos educacionais implementados e com os que queremos, sempre tendo em vista um projeto de homem livre que enfrente a realidade trazida hoje, com duras conseqüências pelo modelo neoliberal.

Neste sentido, a Psicologia Social vem assumindo papel de extrema relevância no que tange à investigação e atuação sempre voltadas aos problemas sociais presentes na realidade. A teoria do comportamento político apresentada por Sandoval (1997) e das representações sociais introduzida por Moscovici (1986), utilizadas no presente trabalho, são algumas que acabam por cumprir tal papel, tendo em vista que ambas partem do pressuposto do indivíduo como ator social, principal responsável pela transformação ou manutenção da realidade social.

O presente trabalho apresenta como objetivo realizar um estudo crítico acerca da educação brasileira, mais especificamente da cidade de Bauru abordando alguns temas centrais como os fins da educação, cidadania, comportamento político dos jovens e representação social. Ou seja, a idéia é compreender o comportamento político dos jovens baseado em suas representações sociais de cidadania, possibilitando com isso compreender que papel a escola tem desempenhado enquanto função social.

A pesquisa foi realizada com 200 jovens do ensino médio de escolas públicas da cidade de Bauru, a coleta e análise de dados se deram em dois momentos: um quantitativo (em que se realizou análise categorial de representações sociais de conceitos como: cidadania, política, justiça, injustiça, participação e governo; investigação sobre o grau de participação político social, o nível de informação e o grau de responsabilidade social) e um qualitativo (através entrevista semi-estruturada), tudo isto sustentado por um estudo aprofundado de todas as teorias abordadas na mesma.

Os principais resultados evidenciaram sentimentos negativos associados ao governo, um baixo nível de informação, baixo grau de participação político social e de responsabilidade social. Os dados possibilitaram a conclusão de que a escola pública não tem cumprido sua função social de possibilitar ao jovem estudante a compreensão crítica da realidade social.

A importância deste está delineada na medida em que é somente através de uma leitura crítica de nossa realidade educacional e suas conseqüências para as novas gerações que poderemos repensar e criar propostas educacionais realmente comprometidas com a transformação social.

[1] Orientador

Palavras-chave: Comportamento político; Educação; Cidadania

****

SOC 50

ESPOSA "OLHARES" SOBRE A CONJUGALIDADE. *Claudia Balestrin Pepino (Departamento de Psicologia Social, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória - ES)*

No palco da vida privada a mulher ocupou por muito tempo lugares e papéis bastante delimitados: mãe e esposa. Enquanto, o homem assumia o papel como provedor da família. Baseando-se nas mudanças em relação a estes papéis conjugais - objetivamos conhecer na ótica feminina como são estruturadas as concepções de casamento de mulheres casadas entre 1970 e 1977 e que permanecessem casadas (no mesmo casamento). A delimitação deste período decorreu da consideração de que nos últimos 25 anos, grandes transformações ocorreram na instituição casamento, tendo surgido novas concepções de relação homem - mulher e, conseqüentemente, contestação ao modelo tradicional, num processo diretamente relacionado à emancipação feminina. Tal opção deveu-se também ao o fato de que no ano de 1977 foi instituída a Lei do Divórcio. Destaca-se ainda uma preocupação metodológica de homogeneização do tempo de casamento das entrevistadas. Assim, nos interessa conhecer se as concepções sobre casamento diferem quando se compara casais em que ambos cônjuges desempenharam trabalho remunerado com casais em que a mulher não exerceu atividade remunerada. Esta pesquisa constituiu-se em estudo exploratório, descritivo com abordagem qualitativa dos dados. Entrevistou-se, mediante roteiro aberto, dez mulheres de classe média com filhos e no mínimo com vinte anos de vida conjugal. Sendo que cinco mulheres desempenharam atividades remunerada reconhecida e cinco não desempenharam atividades remunerada após o casamento. Os resultados demonstram que dentre as diversas razões apontadas pelas entrevistadas para a opção pelo casamento, aparece a pressão social da família em todos os relatos. As concepções de casamento são: união indissolúvel (eterna), a visão sacramentada do matrimônio, responsabilidade maior da mulher para a manutenção do mesmo, relação sexual segura e legitimada socialmente, companheirismo, "instituição ideal" para criação dos filhos, sociedade comercial e financeira vista como vantagem. Conclui-se que os modelos femininos de casamento e conjugalidade não sofreram alterações acentuadas para mulheres casadas na década de setenta. O fato das mulheres terem desempenhado atividades profissionais não alterou o discurso feminino sobre esta temática, na população estudada. Concluímos ainda, que embora tenham ocorrido alterações consideráveis quanto aos espaços reservados à mulher no contexto brasileiro, refletidas em maiores direitos, não podemos falar ainda de reversão dos valores associados à mulher no espaço privado.

Palavras-chave: Casamento; Família; Mulheres - condições sociais

****

SOC 51

TREINAMENTO DE DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS EM JOVENS À PROCURA DE PRIMEIRO EMPREGO: UMA INTERVENÇÃO PSICOSSOCIAL. *Mary Sandra Carlotto*, Maria Dolores Cola** (Serviço de Psicologia do Trabalho, Universidade Luterana do Brasil, Canoas, RS)*

Objetivos: O jovem é um dos segmentos da sociedade mais afetados pela questão do desemprego. Este aspecto, entre outros fatores, se mostra também relacionado a um déficit em termos de habilidades sociais. Através de um trabalho de cooperação entre Universidade e uma agência governamental de empregos, busca-se facilitar o preparo e a inserção do jovem no mercado de trabalho, apoiando-o nas dificuldades sentidas na busca de uma primeira colocação. Este é um período de incertezas, despreparo e impotência, principalmente para os jovens menos favorecidos socialmente. Assim, esta intervenção tem procurado desenvolver nestes jovens, habilidades sociais que permitam condutas interpessoais mais assertivas e adequadas na busca de emprego, respeitando sua fase de desenvolvimento; aprimorar suas capacidades pessoais contribuindo positivamente para a aquisição efetiva de um repertório comportamental socialmente habilidoso diante de processos seletivos, e que lhe permita obter uma certa vantagem na busca e manutenção de uma colocação no mercado de trabalho, estimular e facilitar a formação de uma rede social de apoio que lhe seja efetiva nesta etapa de transição. Material e Métodos: O trabalho tem sido desenvolvido com jovens de 16 a 21 anos, em busca da primeira colocação no mercado de trabalho, inscritos em uma agência governamental de empregos. É orientado por professores-supervisores e realizado por alunos do último ano do curso de Psicologia. O programa até o presente momento, foi realizado em 8 grupos num total de 76 participantes. A intervenção é feita em 4 encontros, perfazendo um total de 12 hs, e é desenvolvido, basicamente, através de ensaios comportamentais. Num primeiro momento os participantes recebem instruções centradas nas condutas que serão trabalhadas no encontro, ocorrendo a apresentação dos padrões de conduta assertiva, passiva e agressiva para cada situação. Dá-se início ao processo de dramatização das situações de dificuldades escolhidas pelo grupo. Após a vivência, inicia-se o processo de discussão e feedback sobre os comportamentos apresentados. Após o reforço do grupo para os comportamentos assertivos, busca-se as estratégias de generalização, facilitando a ampliação do repertório comportamental e transposição da aprendizagem para situações mais de seu cotidiano. Ao final dos grupos, aplica-se uma avaliação de reação visando um retorno mais imediato do impacto do treinamento sobre os jovens. Resultados: Através das fichas de avaliação aplicadas ao final de cada grupo, 47 % dos jovens, percebem que o treinamento tem modificado seu comportamento frente ao processo de busca de emprego, principalmente, nos momentos de entrevista de seleção. Os participantes, ao finalizar os grupos, tem trocado endereços com o intuito de avisar os colegas sobre vagas e processos seletivos, assim como tem indicado espontaneamente amigos e parentes para participar dos grupos. Pretende-se iniciar, agora, o processo de acompanhamento de colocação destes jovens no mercado de trabalho. Assim, acreditamos estar contribuindo para que o jovem se aprimore no enfrentamento desta etapa de transição.

Palavras-chave: Desemprego juvenil; Desenvolvimento de habilidades sociais; Intervenção psicossocial

****

SOC 52

PSICOLOGIA E POLÍTICAS PÚBLICAS: ESTADO DA ARTE DE 1998 A 2000. *Carolina Franco de Carvalho de Carvalho** e Marcia Melo Guimarães de Souza* (IEB - Puc Campinas, Campinas, SP)*

Observa-se hoje no Brasil que a Psicologia vem passando por uma mudança de paradigma - do desajustamento à saúde psicológica - o que é retratado no aumento de projetos e programas em Psicologia voltados à prevenção primária por meio da diminuição da incidência das desordens emocionais e pela redução de fatores que possam colocar em risco o desenvolvimento destes, visando proteção ao desenvolvimento sócio-emocional de crianças e adolescentes. Fruto desta mudança de paradigma, psicólogos, educadores, administradores e políticos devem ser responsáveis pela construção de políticas públicas e por programas de atendimento a crianças e adolescentes de forma a respeitar e garantir a realização dos direitos propostos no ECA, possibilitando a crianças e adolescentes exercerem a cidadania.

É neste sentido que esta pesquisa foi buscar no banco de dados PsycINFO o estado da arte em publicações acerca de Psicologia e Políticas Públicas. O banco de dados PsycINFO é composto por resumos, fontes, autores de artigos, livros e capítulos de livros a ele indexados. Pode-se fazer a busca através das palavras-chaves, escolher em quais línguas deseja procurá-las e solicitar o resumo do relevante artigo. Usou-se como palavras-chave Psychology and Public Policy. Buscou-se artigos nas línguas portuguesa, inglesa, espanhola e francesa. Como resultado não foram encontrados artigos com esta temática nas línguas portuguesa, francesa, nem espanhola. Foram encontrados 191 artigos na língua inglesa; destes 68% eram teóricos (T) e apenas 32% referiam-se a pesquisas (P). Foram considerados teóricos todos os resumos que diziam respeito a casos e teorias sem trazerem dados de pesquisa; e considerados resumos de pesquisa, aqueles que traziam uma metodologia, dados, conclusões. Todos os resumos foram categorizados, gerando um total de 30 categorias. Destes resumos, um total (teórico e pesquisa) de 0,52% era sobre aconselhamento; 4,19% assédio sexual no trabalho; 13,1% avaliação psicológica/psicometria; 1,57% bem-estar infantil; 1,05% coping; 4,19% discriminação raça/gênero; 1,57% divórcio; 1,05% ensino; 1,05% ética; 1,57% eutanásia/psiquiatria; 10,5% formação profissional; 1,57% gerontologia; 0,52% gravidez juvenil; 0,52% identidade de gênero; 0,52% metodologia; 0,52% orientação sexual; 0,52% personalidade adicta; 0,52% pesquisa com humanos; 4,19% prevenção; 0,52% proteção ao soropositivo; 20,4% psicologia forense/jurídica/criminal; 2,09% psicologia das organizações e trabalho; 1,05% psicologia social; 6,81% recovered memory-abuso sexual; 8,37% saúde mental-tratamento; 2,62% serviços de saúde; 0,52% terrorismo; 0,52% violência juvenil; 3,14% violência sexual e 4,71% outros. Dentre os dados encontrados pode-se observar que sobre o bem-estar infantil, mais especificamente, foram poucos os resumos encontrados, porém, muitos dos resumos sobre psicologia forense/jurídica/criminal, recovered memory-abuso, divórcio, avaliação psicológica e violência sexual diziam respeito ao bem-estar infantil. Outro dado importante encontrado por esta pesquisa é a necessidade produção científica nesta área e/ou de indexação da produção científica realizada no Brasil ao banco de dados PsycINFO.

Apoio: CNPq

Palavras-chave: Políticas públicas; Psicologia; Produção científica

****

SOC 53

UM ESTUDO EMPÍRICO DO PRECONCEITO ÉTNICO NO SETOR SUPERMERCADISTA DA JOÃO PESSOA. *Dinayde Morais Fernandes da Costa** e Jorge da Silva Raymundo (Universidade Federal da Paraíba)*

O presente trabalho investiga o preconceito étnico em relação ao negro no setor supermercadista de João Pessoa-PB, principalmente quanto a forma com que este tipo de preconceito costuma se expressar na atualidade, para não ferir as normas sociais vigentes. Como também relacioná-lo com outras variáveis, como o gênero, a cor auto-atribuída e o cargo ocupacional. A amostra foi constituída por 170 funcionários do setor supermercadista da cidade de João Pessoa, de ambos os sexos, com idade média de 26 anos. O instrumento utilizado foi uma escala de preconceito étnico, do tipo Likert, adaptada e validada pela autora, que encontrou dois fatores, chamados de preconceito flagrante e preconceito sutil/benévolo, constando de 10 itens e dados demográfico e sócio-econômicos, como a idade, o sexo, o nível de escolaridade e estado civil. Com um escala de resposta que variava de 1 (concordo totalmente) a 4 (discordo totalmente). Os dados foram tratados a partir de uma análise estatística que utilizou os teste t e PAF (Análise Fatorial), como também as freqüências de respostas dos sujeitos. Os resultados mostraram que, enquanto os sujeitos discordaram plenamente das questões que expressavam preconceito flagrante, como: Não há problema em ter amigos negros (M = 1,28; DP = 0,64). Houve uma ambivalência em relação às respostas que expressavam estereótipos, a exemplo o item: Os negros são mais competentes em trabalhos que exigem força física (M= 2,95; DP=1,14). Os resultados mostraram também que não houve diferença significativa quanto ao preconceito étnico em relação ao negro quando se comparam brancos e não-brancos. O mesmo ocorreu ao comparar os diferentes cargos ocupacionais (administradores X operacionais). Com relação ao gênero, entretanto, encontrou-se diferença significativa no preconceito sutil/benévolo, onde as mulheres possuíam um maior preconceito sutil/benévolo do que os homens, acredita-se que esse resultado se deu em função do próprio papel que é atribuído na nossa cultura à mulher, como mais ponderada e auto-controlada na avaliação e manifestação de seus sentimentos. De maneira geral, estes resultados parecem indicar que existe uma espécie de valorização da pessoa negra, no entanto a freqüência de respostas que concordavam com expressões que atribuíam às pessoas negras determinados estereótipos culturalmente aceitos foi significativa, caracterizando assim, um preconceito sutil/benévolo, que na atualidade não é socialmente condenado pelas convenções morais.

Palavras-chave: Preconceito; Etnicidade; Negro

****

SOC 54

A INFLUÊNCIA DA MÍDIA E DA DIVERSIFICAÇÃO CULTURAL NA CONSTRUÇÃO DOS DESEJOS E PLANOS DOS ADOLESCENTES. *Cristine Nulfborst*, Marcus Barbosa* e Débora Dalbosco Dell'Aglio (Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos - São Leopoldo/RS)*

A localização geográfica dos indivíduos propicia sua exposição a diferentes influências em diferentes níveis (influência da cultura, da mídia e do aspecto sócio-econômico). Este estudo investigou em que medida a inserção em diferentes meios influencia na construção de desejos e planos futuros dos adolescentes, analisando as diferenças culturais e o processo da globalização em três cidades, e enfatizando a mídia como formadora de opinião e desejos. Participaram desta pesquisa setenta e cinco adolescentes, com idades entre 14 e 17 anos. Vinte e cinco moradores de Porto Alegre-RS (1286.251 habitantes), vinte e cinco moradores de Três Coroas-RS (23000 habitantes) e vinte e cinco moradores de Munich (1200.000), na Alemanha. Todos os estudantes são do ensino médio, cursando o segundo grau diurno, em escolas públicas, mas nos

escolas brasileiras o nível sócio-econômico é médio a baixo, e em Munich, o nível sócio-econômico é médio a alto. Foi utilizado um questionário para investigar as fontes de informação dos adolescentes, os meios de comunicação com os quais mantêm contato, além de levantar suas faltas, desejos e planos de futuro. Os resultados indicaram uma tendência dos adolescentes alemães (40%) e de Três Coroas (96%) a trabalharem mais do que os portoalegrenses (24%). Os adolescentes, dos diferentes grupos investigados, demonstraram níveis de informação semelhantes, sendo que a fonte de informação mais citada em todos os grupos foi a televisão e em segundo lugar o jornal. Quanto ao sonho de consumo do grupo de Porto Alegre, foram citados dinheiro (21%), casa (19%), adquirir bens materiais (14%) e entre os alemães, carro (15%), dinheiro (13%) e roupas (13%); e em Três Coroas, casa (33%) faculdade, dinheiro e carro (24%) foram os mais citados. Foram levantadas as faltas dos adolescentes, sendo que nas três localidades citaram mais faltas emocionais, como: desejo da volta dos pais, sinceridade, companheiro, amigos. Entre os fatores materiais, o mais citado, em todos os grupos, é a falta de dinheiro. Nos planos para o futuro, o grupo de Alemanha citou profissão (36%), viagem (15%) e especialização (13%); em Porto Alegre, profissão (72%%), faculdade (68%) e constituir família (22%); e em Três Coroas, profissão (79%), constituir família (15%) e faculdade (17%), onde houve uma correlação significativa (Pearson 0,764, P<0,01) entre os resultados apresentados pelos adolescentes de Porto Alegre e Três Coroas, mas não com os resultados dos adolescentes de Alemanha, demonstrando que a cultura é importante na determinação de planos na adolescência. Os resultados indicaram que, apesar de algumas diferenças entre os grupos, podem ser observadas semelhanças na formação de desejos, planos e faltas dos adolescentes, superando fronteiras através da influência da mídia globalizada e do processo de adolescer.

Palavras-chave: Adolescência; Cultura; Mídia

SOC 55

HOMOSSEXUALIDADE E IDENTIDADE GRUPAL: VÍNCULOS PARA ALÉM DA PRÉ-TAREFA. *Verbete Leal*[1] *(Universidade da Amazônia, Belém-PA) e Maria Lucia Magalhães*[2] *(Universidade da Amazônia, Belém-PA)*

Entendido aqui como um transtorno da sexualidade normal seja como uma alternação da sexualidade total, o comportamento homossexual tem sido investigado conforme uma grande diversidade de abordagens, tanto na psicologia quanto fora dela. Em qualquer caso, o foco das investigações normalmente recai nos determinantes do comportamento homossexual. No presente estudo, esse aspecto apresenta interesse secundário. Em vez disso, as categorias analíticas propostas pela teoria dos vínculos, de Pichon-Rivière, foram empregadas no intuito de verificar a hipótese da existência de uma identidade grupal capaz de contribuir na formação de grupos operativos. O interesse dessa investigação decorre da condição geral de discriminação contra os homossexuais, em relação a qual a identidade de grupo poderia contrapor-se, na forma de ações organizadas em busca de um melhor reconhecimento e aceitação social. Para tanto, foram aplicados questionários semi-estruturados, incluindo caracterização socioeconômica, e realizadas entrevistas com dezesseis indivíduos autodenominados homossexuais, agrupados em quatro subgrupos definidos a priori, a saber: masculinos, femininos, drag-queens e travestis. Os resultados sugerem que os homossexuais representados pela amostra ainda não constituem um grupo operativo, posto que não foi possível identificar a presença de estruturas de liderança ou outros papéis grupais, nem, tampouco, uma definição de objetivos comuns. As questões relacionadas à discriminação social e à revolta diante da violação de direitos fundamentais não chegam a converter-se em ações além da pré-tarefa. Vínculos de tipo paranóide e depressivo foram identificados como importantes forças de coesão, nos quatro subgrupos considerados. Os primeiros prendem-se ao elevado grau de competitividade presente no "mundo homossexual", gerando desconfianças, invejas e ansiedades que dificultam a formação de grupos operativos eficazes. Os vínculos depressivos ligam-se à dificuldade de lidar com sentimentos de culpa e desarranjamento frente aos padrões sociais da sociedade. Em especial, o grupo dos travestis apresentou uma combinação particularmente perversa de forças de coesão, associadas numa discriminação tripla: (1) enquanto homossexuais, (2) enquanto indivíduos pobres e mal remunerados e (3) enquanto elementos marginais, devido ao envolvimento na prostituição. Com estas características, o subgrupo das travestis sofre discriminação também por parte das demais categorias consideradas. No mesmo sentido, o subgrupo dos homossexuais femininos caracterizou-se por uma falta de identificação com as demais categorias. Esse é um grupo particularmente fechado e intolerante em relação às diferentes expressões de sexualidade, como o comportamento bissexual, por exemplo. No subgrupo dos homossexuais masculinos, os resultados sugerem a presença de mais uma subdivisão: os "perecetes" e os "finos". Os homossexuais masculinos "perecetes" seriam aqueles mais efeminados, com trejeitos exagerados, enquanto que os "finos" seriam os menos afetados, cuja opção sexual não é de "dar na vista". Em conclusão, não há evidências de que a mera orientação homossexual venha a constituir base segura de identificação grupal. As diferenças entre os subgrupos definidos neste estudo sugerem que eles devam ser considerados em futuras investigações acerca da homossexualidade. Contudo, a qualidade dos vínculos em que se assenta a coesão desses grupos precisaria ainda ser consideravelmente elevada, para que sejam capazes de conduzir suas ações reivindicatórias para além da pré-tarefa.

Palavras-chave: Homossexualidade; Grupos operativos; Teoria dos vínculos

---

SOC 56

OS SISTEMAS VALORATIVOS DE ADOLESCENTES. *Raquel Moraes*[1] *(Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB); Clara Pereira (Universidade Católica de Goiás, Goiânia, GO); Joseli S. de Castro e Leoncio Camino (Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB)*

Os valores têm sido destacados como uma das principais variáveis preditoras das atitudes e do comportamento social, tendo sido estudados, principalmente, a partir de três perspectivas teóricas: psicológica, sociológica e psicossociológica. Baseando-se numa abordagem psicossociológica, em que os valores são concebidos como qualidades socialmente desejáveis construídas a partir da realidade social e compartilhadas no contexto das relações intergrupais, o presente trabalho objetivou investigar se os valores de adolescentes estariam mais em quatro sistemas: materialista, pós-materialista, religioso e hedonista. Avaliou-se também se fatores como idade, sexo e tipo de escola frequentada pelos adolescentes (pública ou privada) afetam a adesão a esses sistemas valorativos. Esperava-se que, quanto maior a idade, maior a adesão aos valores hedonistas e pós-materialistas, devido às descobertas sexuais e preocupações afetivas, profissionais e sociais que costumam acontecer com a idade. Além disso, esperava-se maior adesão aos valores hedonistas por parte dos rapazes, já que, na nossa sociedade, as mulheres ainda são educadas para controlar a expressão das emoções ligadas ao prazer e à sexualidade; e maior adesão aos valores pós-materialistas por parte dos adolescentes de escolas privadas (classe social média/alta) do que dos adolescentes de escolas públicas (classe social baixa), uma vez que, segundo Inglehart, o surgimento dos valores pós-materialistas ocorre apenas quando as problemas econômicos e de segurança básica estão supridos. Para verificar a estrutura valorativa dos adolescentes, foram aplicados 2004 estudantes, de ambos os sexos, com idades variando entre 10 e 19 anos, alunos de escolas públicas e privadas das cidades de João Pessoa e Campina Grande (Paraíba), que responderam, coletivamente em sala de aula, aos 23 itens do Questionário de Valores Psicossociais. Uma Multidimensional Scaling (stress = .06 e R^2 = .98) mostrou que os valores dos adolescentes se apresentam a partir dos quatro sistemas propostos. Após essa constatação, foram verificados resultados que vão além do esperado. Através de uma ANOVA entre os grupos de idade (10-12 anos, 13-15 anos e 16-18 anos), foram encontradas diferenças significativas para os sistemas pós-materialista, religioso e hedonista. Foram realizados Testes t com o grupo de idade de 16 a 18 anos (757 sujeitos), constatando-se que: em relação ao sexo, os rapazes aderem mais ao sistema hedonista do que as moças, enquanto elas aderem mais ao sistema religioso; e no que se refere ao tipo de escola, os estudantes de escolas privadas aderem mais aos sistemas hedonista e pós-materialista do que os de escolas públicas, enquanto no sistema religioso são os estudantes de escolas públicas que aderem mais. A constatação de que a adesão dos adolescentes aos sistemas valorativos é afetada não só por fatores interpessoais, como idade e sexo, mas também por fatores intergrupais, como classe social, permite reafirmar os valores como construções da realidade social influenciadas pelas pertenças sociais dos indivíduos.

Apoio financeiro: CAPES

Palavras-chave: Valores; Adolescentes; Crenças sociais

SOC 57

CONTEMPORANEIDADE: DESEJO X CONSUMO. *Selma Pacheco Guimarães, Sílvia Maria Melo Gonçalves e Shely de Oliveira Schuartz (Departamento de Psicologia e Orientação - Instituto de Educação e Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro - RJ)*

Este trabalho pretende apontar para o desejo na contemporaneidade, onde a palavra de ordem é "consumo". Tendo como instrumental teórico privilegiado a psicanálise, aliada a outros saberes. A pós-modernidade se caracteriza por um contexto econômico, político e social, desprovido dos valores tradicionais, que se manifesta através de uma decadência moral, orientada para uma ética de autogratificação pelo consumo, através do sistema de coesão e inserção do capitalismo. Foi realizada esta investigação objetivando levantar as possíveis causas, atribuídas pelos consumidores, às suas aquisições. A enquete foi realizada em três sábados consecutivos do mês de março de 2001. Foram entrevistadas 180 pessoas, em dois shoppings da região metropolitana do Rio de Janeiro: o primeiro situado em um bairro onde a maioria dos seus moradores possuem baixa renda e o último localizado em um bairro definido por habitantes de alto poder aquisitivo. A opção por localidades tão distintas representou uma tentativa, ainda que precária, de se atender controle nos diferentes perfis de consumidores. Só foram consideradas as respostas dos sujeitos que haviam realizado compras outras que não fossem presentes para outrem. Dentre os grupos que adquiriram mercadorias, 43,65% compraram unicamente o que haviam planejado; 15,23% não compraram aquilo que haviam pensado mas levaram outros produtos e 36,06% compraram outros objetos além daqueles que haviam planejado. Dos sujeitos entrevistados, 90,7% possuíam objetos similares aos comprados e ainda com possibilidade de uso. As razões apontadas por esses consumidores sobre suas aquisições foram:

gozar de comprar, preço baixo, cor, moda, atualidade do objeto possuído, entre outras. Não foram encontradas diferenças significativas entre os sujeitos entrevistados nos dois shoppings, pois o que se pretendeu investigar foi a realização ou não de compras, independente dos valores despendidos pelos consumidores. Estes resultados podem ser interpretados pelas vertentes traçadas por Freud e Lacan, onde entende-se que através da castração e do gozo, o desejo se expressa na contemporaneidade. Assim, quando o consumidor em potencial entra em um centro de compras, o vazio interior é ocupado com objetos de consumo, mas destituídos de qualquer articulação com a fantasia e com o desejo, e passa a atender às demandas do mercado. Resistir ao gozo pode representar apropriar-se do desejo que o sujeito contemporâneo teve expropriado pelo capitalismo. O desejo é agora inegociável, ele não pode se confrontar com um objeto pois milhões de outros estão à sua volta aguardando para serem consumidos. Quanto mais o sujeito os devora, mais insaciado fica. É o vazio deixado pelas relações modernas de uma sociedade que não mais consegue fundamentar valores, não mais permite o estabelecimento dos laços comunitários, da ideologia, da política e da religião.
Palavras-chave: Desejo, Contemporaneidade, Consumo

SOC 58
CARACTERIZAÇÃO PSICOSSOCIAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE RUA NO MUNICÍPIO DE NATAL/RN. *Cleo Maria Simões, Hercoliano Ricardo Campos, Magda Dimenstein e Rosângela Francischini (Núcleo de Estudos Sobre Crianças, Infância e Adolescência - Depto. de Psicologia - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN)*
O aprofundamento e ampliação da pobreza, do desemprego, da concentração de renda e a conseqüente deterioração da qualidade de vida de grande parcela da população brasileira têm ocasionado um quadro de extrema miséria social que vem se manifestando, dentre outros dados, através do aumento significativo de crianças e adolescentes em situação de rua. Esse quadro pode ser visualizado na maioria dos grandes centros urbanos no Brasil. Em Natal, dados de 1995, apontam para a existência de um número aproximado de 350 crianças e adolescentes nessas condições. Dessa população, 71,76% encontram-se na faixa etária de 10 a 15 anos. Com a necessidade de atualização desses dados, já alterados consensualmente pelo agravamento das condições de vida da população, bem como de se buscar formas de fazer frente a essa realidade, realizamos uma investigação, a partir de uma demanda e em parceria com a Vara da Infância e da Juventude do município de Natal/RN, com o objetivo de fazer uma caracterização psicossocial de crianças e adolescentes que vão, ao espaço da rua, seu ambiente de sobrevivência e/ou subsistência. A partir de um roteiro de entrevista semi-estruturado, foi realizada, inicialmente, uma caracterização sócio-econômica da criança, do adolescente e de sua família. Posteriormente, procurou-se abordar os seguintes questões: escolarização, saúde, condições de vida nas ruas no que diz respeito às atividades que desenvolvem, às soluções das necessidades cotidianas e aos riscos a que estão submetidos. Procurou-se, ainda, identificar o conhecimento/informação que essa parcela da população tem a respeito do Estatuto da Criança e do Adolescente e dos Programas de Atendimento existentes no município de Natal. Por fim, o reconhecimento da condição de "menino em situação de rua" foi contemplado com o objetivo de tornar dados sobre a percepção que estas crianças e adolescentes têm da própria condição em que vivem. O Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA - considera direitos fundamentais, com consequentes previsões em termos de definição das políticas públicas de atendimento, o "direito à vida e à saúde, à convivência familiar e comunitária, à educação, à cultura, ao esporte e ao lazer, à profissionalização e à proteção no trabalho". Nesse sentido, uma caracterização pormenorizada das condições de vida dessas crianças e adolescentes pode fornecer dados que possibilitem a elaboração de estratégias adequadas ao cumprimento desses direitos. Esse foi o princípio norteador dessa investigação, cujos resultados estão servindo de base para o desenvolvimento de ações por parte da primeira Vara da Infância e da Juventude de Natal/RN, assim como para a realização de outros projetos de pesquisa visando o aprofundamento de questões surgidas a partir do estudo inicial relacionadas à escolarização, à saúde mental e relações familiares.
Palavras-chave: Criança; Adolescente; Situação de rua

SOC 59
O TRABALHO PRECOCE DE MENINOS E MENINAS EM CONDIÇÃO DE RUA. SOFRIMENTO E DISCRIMINAÇÃO. *Maria de Fátima Pereira Alberto (Grupo Subjetividade e Trabalho (GPST). Depto. Psicologia - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa/PB)*
Neste trabalho, pretendemos apresentar um estudo microssocial, desenvolvido no doutorado em sociologia, sobre o trabalho precoce de crianças e adolescentes em condição de rua, nas atividades informais, na cidade de João Pessoa. Procuramos contribuir em busca de um conceito explicativo e diferenciador para a categoria trabalho precoce e a partir da mesma, desenvolvemos a caracterização das atividades de trabalho, objeto de estudo, tentando a ruptura com a sociologia das relações de classe, ao integrar a dimensão dos sexos e as relações da sociedade brasileira com a infância pobre. A análise das atividades de trabalho propiciou os elementos para compreensão da constituição do posto de trabalho, das exigências desse trabalho e a repercussão desses elementos sobre o corpo e a mente, ou mais especificamente, os efeitos do trabalho precoce sobre os meninos em condição de rua. Para tal, utilizamo-nos da Ergonomia e da Psicodinâmica do Trabalho. Utilizamo-nos da ergonomia para termos uma análise do trabalho real feito pelos meninos e pelas meninas, o que possibilitou a compreensão das exigências de postura, movimentos de deslocamentos, condições físicas, químicas e ambientais. A Psicodinâmica do Trabalho possibilitou a compreensão do desgaste psíquico trazido pela organização do trabalho. Usamos metodologia qualitativa e como instrumentos de pesquisa observação, entrevista individual e coletiva. Compreendemos que a correlação entre as condições de trabalho e organização do trabalho tem efeitos nefastos para o menino e a menina, precocemente trabalhadores, cujos impactos sobre o desenvolvimento psicossocial tem efeitos discriminatórios, negação da cidadania e sofrimento psíquico. O trabalho precoce provoca sofrimento psicológico para meninos e meninas: atinge a dignidade e gera um sentimento de revolta; promove socialização desviante, impõe prematuramente responsabilidades, acúmulo de funções e gera sentimentos de sobrecarga. A questão de gênero também está presente no universo do trabalho precoce em condição de rua. Defendemos a concepção de que a saúde e os riscos provenientes do trabalho agem diferentemente entre meninos e meninas e o fazem porque as atividades de trabalho são diferentes para meninos e meninas. Tendo em vista que a problemática do trabalho precoce é um tema que suscita atualmente no mundo inteiro e particularmente no Brasil e diversas discussões, diríamos até, pouco fundamentadas é bastante pertinente a compreensão dos efeitos psicossociais sobre esses cidadãos em processo de desenvolvimento. Este estudo aponta para efeitos nefastos e discriminatórios e revela que a problemática do trabalho precoce está atrelada a relação entre a sociedade e a infância, mais particularmente a forma de mesma tratar a infância pobre no Brasil. Compreendemos portanto que, um estudo com essa característica pode contribuir com as discussões sobre a erradicação do trabalho infantil e sobre a proteção do trabalho do adolescente.
Palavras-chave: Meninos em condição de rua; Trabalho precoce; Sofrimento

---

SOC 60
REFLEXÕES ACERCA DAS INSTITUIÇÕES QUE ATENDEM CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE RUA NA CIDADE DE PORTO ALEGRE. *Juliana Prates Santana* e Silvia Helena Koller (Centro de Estudos Psicológicos sobre Meninos e Meninas de Rua, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS)*
Este estudo visa descrever os objetivos das instituições que atendem às crianças e aos adolescentes em situação de rua na cidade de Porto Alegre. Instituições, como casas de passagem, centros de apoio e recreação, escolas abertas e de referência, conselhos tutelares e centro de saúde, são freqüentadas às vezes diariamente, pela maioria das crianças e adolescentes que vivem em situação de rua. Tais instituições oferecem alimentação, acolhimento, recreação, ensino e atendimento médico, constituindo-se em um sistema de apoio social, e às vezes, afetivo, que pode influenciar em seu desenvolvimento. A importância destas instituições na trajetória de vida da população jovem de rua vem sendo ressaltada na literatura, especialmente com relação à formação de uma rede de atendimento assistencial, educacional e para a saúde. A integração das instituições em rede é um dos ideais do sistema de atendimento à população de risco em geral. Foram analisados os documentos escritos produzidos pelas instituições que compõem a rede integrada de atendimento às crianças e aos adolescentes em situação de rua na cidade de Porto Alegre. Tais dados foram organizados em categorias que possibilitam o entendimento da estrutura e do funcionamento da rede. Os resultados são analisados e discutidos com base na Abordagem Ecológica do Desenvolvimento Humano. A partir dessa abordagem teórica e metodológica, as instituições constituem-se no que se denomina mesossistema, pois consiste no conjunto de sistemas, que se interrelacionam, e ao qual a criança freqüenta, estabelecendo relações face a face, de forma estável, visando à reciprocidade e à hierarquia de papéis e de poder. Estudos anteriores realizados revelam que crianças e adolescentes buscam sua sobrevivência e segurança nestas instituições. Estas demandas demonstram a relevância social destas instituições para a manutenção da vida na rua. Escolas, abrigos noturnos, casas de passagem, centros de lazer, centros de saúde e outras entidades, por outro lado, assumem o objetivo de serem sistemas do contexto ecológico do espaço da rua que visa, principalmente, à reinserção social das crianças e adolescentes na sociedade produtiva, com base em preceitos da promoção da saúde física e mental. Visam, ainda, à extinção a migração de crianças e adolescentes de seus casas para a rua, através da educação de rua. O lugar e a função de cada uma destas instituições é identificado de acordo com a demanda e a posição na rede de apoio social. A partir deste estudo, sugere-se estudos posteriores que comparem os objetivos das instituições aqui descritas com os objetivos atribuídos pelas crianças e adolescentes a estas instituições. (CAPES)
Palavras-chave: Instituições; Crianças em situação de rua; Rede de apoio social

---

SOC 61
DESCONSTRUINDO A NOÇÃO DE RISCO PARA A INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA. *Irene Rizzini e Maria Helena Zamora (Coordenação de Estudos e Pesquisas sobre a Infância (CESPI), Universidade Santa Úrsula, Rio de Janeiro/RJ)*

A retórica dominante acerca da definição de risco afigura-se como uma tentativa de determinar onde se encontra o elemento potencialmente frágil e/ou patológico, em determinado contexto social. Este estudo procura desconstruir a noção de risco por considerá-la imbuída de elementos preconceituosos em relação à cor e à classe econômica. Normalmente as crianças que se enquadram nesta definição são negras, pobres e faveladas e acredita-se que sua possibilidade de fracasso é inevitável ou previsível. O que se percebe através da divisão em grupos compreendidos como em situação de risco e os que estão fora de risco é uma tentativa de determinar quem são os privilegiados e os que encontram-se em uma situação de carência, enfim, define socialmente as vítimas e os responsáveis pela sua "salvação". A caracterização de indivíduos e/ou famílias a partir do fracasso e do risco não contribui para a superação do preconceito e do estigma social, ao contrário. Ao mudarmos sim o foco do risco para as potencialidades, isto é, para as qualidades promissoras de cada indivíduo, isso nos permitirá quebrar as barreiras conceituais que delimitam o lugar de cada pessoa na sociedade, buscando cada vez mais implementar na práxis uma mudança de paradigma. Portanto, quando percebemos que há uma generalização da noção de risco que acabou por se cristalizar nas camadas de baixa renda, encobrimos o fato de termos muitos exemplos de crianças que, embora providas materialmente com as benesses do mundo capitalista, vêem-se sem o acompanhamento dos pais, treinadas para uma vida extremamente individualista, competitiva, consumista, sem contato com as diferenças sociais e culturais e com perda significativa do período da infância. Assim, esta segmentação afigura-se como racista, sexista, e economicamente fundamentada, excluindo da participação das esferas do poder aqueles que convivem com o preconceito e a carência material. Lembremos que a pobreza não impede de que essas populações assujeitadas historicamente possuam as potencialidades necessárias para autogestão e "empoderamento", permitindo a sua integração através da parceria na formulação de políticas públicas que sejam benéficas para o seu próprio interesse. As políticas sociais e os programas destinados à população jovem em situação de pobreza normalmente priorizam seus problemas, fracassos e deficiências e, com freqüência, atingem crianças e adolescentes quando já se encontram em situação de difícil reversão. É necessária uma mudança de mentalidade que tenha como alvo competências e potenciais – da criança/jovem, da família e da comunidade. Programas de base preventiva não excluem a necessidade de serviços de urgência para aqueles que tenham problemas agudos, ao contrário, em uma situação de escassez de recursos, o baixo custo por jovem - típico dos programas de prevenção - significa que mais jovens podem ser contemplados pela mesma quantidade de recursos.
Palavras-chave: Infância; Risco; Oportunidade

*****

SOC 62
POSSIBILIDADES DE ANÁLISE DAS ESCALAS DE AFETO POSITIVO E DE AFETO NEGATIVO - PANAS: UM ESTUDO ENTRE ESTUDANTES DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE. *Luiza Saboia Moreira da Costa e Carlos Américo Alves Pereira*
O presente estudo teve por objetivo chamar a atenção para as diversas possibilidades de análise das escalas de Afeto Positivo e Afeto Negativo - PANAS (resumida), elaborada por Watson e colaboradores (1988), através de um estudo realizado entre estudantes de medicina da Universidade Federal Fluminense (UFF) - RJ. Participaram 441 estudantes do primeiro ao oitavo período do curso, preenchendo questionário auto-aplicável, anônimo e de caráter voluntário, buscando dados sociodemográficos; a identificação de fatores que estes estudantes apontavam como interferindo positiva e negativamente em sua qualidade de vida, e a PANAS. São discutidas seis possibilidades de análise: (1) Escore Médio Global do Afeto Positivo e do Afeto Negativo; (2) Freqüência percentual de agradabilidade e de desagradabilidade; (3) Comparação do escore de cada item dos afetos com o escore médio global do respectivo afeto; (4) Distribuição de cada emoção segundo o período do curso; (5) Distribuição dos grupos de Afeto Positivo e Afeto Negativo altos e baixos, segundo o período do curso, grupo etário e item do afeto; e (6) Comparação dos resultados da PANAS com as respostas dos estudantes sobre os fatores apontados como geradores de influências em sua qualidade de vida. Os estudantes vivenciaram Afeto Positivo em média intensidade (3,13) e Afeto Negativo em baixa intensidade (2,48), indicando a necessidade de se promover os fatores geradores de Afeto Positivo. Experimentaram agradabilidade, 40,19% dos estudantes, contra 28,39% experimentando desagradabilidade. Animação, entusiasmo e orgulho foram vivenciados em alta intensidade (valor escalar máximo) apenas no primeiro período do curso, com freqüências de 25%, 19,4% e 34,4%, respectivamente. Já irritação, angústia, nervoso e tensão, chegaram a ser vivenciadas nessa freqüência até seis vezes superior àquela no primeiro período. Os estudantes referiram maior variedade de emoções positivas no quarto período, e de negativas, no terceiro período do curso. A porcentagem de estudantes no grupo com Alto Afeto Positivo e Baixo Afeto Negativo, representando indivíduos com um alto nível de bem-estar, sofreu queda significativa do primeiro período (42,2%) ao terceiro período (6,5%), elevando-se no quarto período (35,7%) e tornando a cair no quinto (14,5%). Este comportamento coincide com as indicações dos estudantes quanto às disciplinas de Anatomia (segundo e terceiro períodos) e de Semiologia (quinto período) como geradoras de estresse e medo. Conclui-se pela importância de uma análise múltipla da PANAS e pela aplicação de questionário semelhante ao utilizado neste estudo, no final de cada período do curso médico da UFF, com vistas ao acompanhamento psicopedagógico dos estudantes e à avaliação contínua deste curso.
Palavras-chave:

*****

SOC 63
PATERNIDADE NA ADOLESCÊNCIA: SUA EXCLUSÃO/INCLUSÃO EM QUATRO PROGRAMAS PÚBLICOS DE SAÚDE REPRODUTIVA NA GRANDE FLORIANÓPOLIS. *Maria Juracy Toneli, Mônica Guimarães**, Thaís Guedes*, Jamie Fiebler*, Daniela Mendes* (Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC)*
Este trabalho é resultado de uma pesquisa em quatro programas públicos de atendimento pré-natal da região da Grande Florianópolis/Santa Catarina, que tinha como objetivo principal investigar a inserção do pai adolescente nas atividades desenvolvidas por estas instituições. Recorrendo às bases de dados, em especial a Psyclit, pode-se constatar a exigüidade de trabalhos de pesquisa que focalizem pais adolescentes. Em abril de 2001, dos 252 títulos obtidos utilizando-se a palavra-chave paternidade, três apenas tratavam de estudos sobre pais adolescentes (abrangendo o período de 1992 em diante). Utilizou-se, na pesquisa, questionários mistos aplicados com os profissionais (N= 34) e usuários adolescentes do sexo feminino (N= 43) e masculino (N= 6), bem como observações em sala de espera e em reuniões grupais, quando existiam. As respostas foram submetidas a uma análise simples de freqüência e, também, a técnicas de análise do discurso, o que permitiu categorizá-las. Estes jovens são oriundos de segmentos populacionais de baixa-renda e, em número expressivo, não têm sequer o nível fundamental de escolaridade completo (51 %). As jovens, em absoluta maioria, são primíparas (90,5%). Mantêm a relação amorosa com o pai da criança e moram com ele e/ou com outros familiares (83,7%). Os resultados demonstraram que a concepção de gravidez na adolescência dos profissionais está intimamente relacionada à definição que estes formulam sobre adolescência: "irresponsável", "precoce", "imatura". Constatou-se que, nos três grupos investigados, predomina uma visão tradicional de masculino e feminino, bem como de divisão sexual do trabalho na família e no casal: pai provedor e mãe cuidadora. É também possível verificar que entre o grupo dos profissionais e o grupo de adolescentes, há uma discordância no que diz respeito à possibilidade da gravidez ser fruto de uma escolha, expressivamente afirmada pelos jovens entrevistados. Os adolescentes do sexo masculino são vistos pelos profissionais como duplamente irresponsáveis: por engravidarem a parceira e por não assumirem a paternidade, a despeito destes jovens manifestarem seu interesse em participar das atividades dos programas e de acompanharem as parceiras e a gestação de seus filhos. Estes jovens não são convidados a se incluírem nas atividades e pouco se fala neles no decorrer delas. Muitas adolescentes, embora manifestem a vontade de serem acompanhadas por eles, comparecem às consultas com outras mulheres (amigas, mães, avós). A própria área de saúde reprodutiva constituiu-se, historicamente, como um território feminino, o que contribui para o alijamento dos homens destas discussões. A partir da análise dos discursos e das observações realizadas é possível concluir que o pai adolescente é o grande excluído dos programas investigados, o que está na contramão da luta pela equidade de gênero e pela saúde e direitos reprodutivos defendida nas grandes conferências internacionais promovidas pela ONU na década de 90.

Apoio: Fundação MacArthur/Fundação Carlos Chagas, Funpesquisa/UFSC, CNPq.
Palavras-chave: Adolescência; Paternidade; Programas públicos

*****

SOC 64
ATRIBUIÇÃO DE CAUSALIDADE E REAÇÕES EMOCIONAIS E COMPORTAMENTAIS DIANTE DO DESEMPREGO. *Andressa Silva Freitas*, Cyber André de Souza Bastos*, Dierray Souza de Oliveira*, Liliane Cerqueira de Souza*, Luciane Medeiros Machado*, Marcia Ferreira Dela Coleta (Faculdade de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, MG)*
Um dos mais preocupantes fatos sociais que afetam grande parte da população do mundo tem sido o índice de desemprego, verificado em diversos segmentos das sociedades. A teoria de atribuição de causalidade postula que, diante de eventos vitimadores, inesperados ou pouco freqüentes, ocorridos consigo mesmo ou com outros, o indivíduo busca causas para explicá-los, satisfazendo sua necessidade de viver em um mundo previsível e estável. Como conseqüência das atribuições o indivíduo passa a emitir reações psicológicas e comportamentais que variarão de acordo com a atribuição causal que fizer. Este estudo teve como objetivo investigar as atribuições causais de uma amostra de desempregados à sua situação, bem como suas reações emocionais, cognitivas e comportamentais. Participaram da pesquisa 48 homens e 68 mulheres com idade compreendida entre 19 e 45 anos, com nível de escolaridade variando entre a conclusão do segundo grau (67,3%), terceiro grau incompleto (23,5%) e o terceiro grau completo (9,2%), sendo 33% casados e 77% solteiros que estavam desempregados em média a 12 meses e a maioria (70,9%) tendo sido demitida pelo menos uma vez nos últimos 3 anos. Foi utilizado um instrumento de atribuição de causalidade baseado em pesquisa

anterior, constando de dados pessoais, qualificação para o trabalho, necessidade de trabalho, sentimentos relacionados com a situação de desempregado e atribuição de causalidade à perda do emprego. Uma equipe buscou os sujeitos desempregados cursos pré-vestibular, agências de emprego da cidade e na central de bolsas da Universidade Federal de Uberlândia. O questionário foi aplicado individualmente aos sujeitos que espontaneamente concordaram em colaborar com o estudo. Os dados foram tratados através do programa SPSS, calculando-se frequências, médias, correlações e testes de diferença entre médias e entre frequências. Os resultados mostraram que 50% dos sujeitos atribuem o seu desemprego ao mercado de trabalho, 25% a si próprio e uma minoria (2%) à falta de sorte. A maioria dos sujeitos sentem-se pressionados por não estarem trabalhando, sendo que os homens (82,5%) sentem-se significativamente mais pressionados que as mulheres (70%). A maior parte da amostra (48%) enfrenta a situação com muita confiança e 45,6% acreditam que se houver mais esforço na tarefa que realizarem, se investirem em línguas estrangeiras (6,7%) e em outros cursos (33,3%), se manterem-se bem informados (6,7%), evitarão perder o emprego outras vezes. Entre aqueles que afirmam estar enfrentando a situação com confiança, a maioria (60,4%) atribuiu o desemprego ao mercado de trabalho e entre os que estão enfrentando com muita confiança, 31,4% atribuíram a si próprios e 37,1% atribuíram ao mercado. Embora este estudo tenha contemplado uma amostra jovem, observou-se um elevado índice de sentimentos de depressão, baixa auto-estima e culpabilidade. Conclui-se que as reações emocionais e comportamentais do sujeito desempregado estão relacionadas com a causa percebida da perda do emprego.

Palavras-chave: Desemprego; Atribuição de causalidade; Coping

SOC 65

ESTUDO DE CARACTERÍSTICAS SITUACIONAIS DA PRIMEIRA RELAÇÃO SEXUAL. *Fabiana Araújo Santana*, Jacqueline Ferraz da Costa*, Luciana Pereira de Lima*, Maria Amélia Chamma Maximiano*, Maria Aparecida da Silva Moreira*, Patrícia Soares Silva*, Marília Ferreira Dela Coleta e Sueli Aparecida Freire (Faculdade de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, MG)*

Estudos atuais demonstram que a iniciação sexual de adolescentes tem ocorrido muito precocemente, causando, em função das consequências, diversos transtornos na vida dos jovens, seja pela gravidez ou doenças sexualmente transmissíveis, já que parece não haver prevenção durante as relações sexuais. A fim de investigar alguns aspectos relacionados com a primeira relação sexual, foi planejado um estudo e delineadas hipóteses a respeito da idade dos jovens na ocasião, o(a) parceiro(a), o local onde ocorreu, o uso do preservativo e a comunicação com os pais sobre o assunto. O instrumento utilizado foi um questionário com onze perguntas, entre abertas e fechadas, sendo duas sobre idade e sexo do respondente e as demais destinadas a testar as hipóteses do estudo. Para a coleta de dados a equipe de pesquisa permaneceu na entrada das bibliotecas de dois campi da Universidade Federal de Uberlândia distribuindo o questionário, apresentando-se, explicando os objetivos do estudo e solicitando a colaboração dos estudantes que por ali passavam. Para a devolução dos questionários respondidos, os sujeitos foram instruídos a depositá-los em urnas colocadas na saída das bibliotecas. Após o período de três dias, as urnas foram recolhidas, os questionários foram selecionados em função da idade máxima do respondente ser menor ou igual a 25 anos, obtendo-se um total de 106 válidos, a metade correspondendo a cada sexo. Em seguida procedeu-se a análise de frequências e médias das respostas, comparando-se os grupos masculino e feminino quanto à idade que tinham quando ocorreu a primeira relação sexual. Os resultados revelaram que 92,4% das moças tiveram o namorado como parceiro na primeira relação. Os rapazes tiveram como parceira a namorada (43,4%), uma amiga (24,5%), uma profissional do sexo (17%) ou a empregada doméstica (8%). Para a maioria delas (62,1%) e deles (58,5%) a relação aconteceu em casa, mas para 15,1% dos rapazes e 22,6% das moças ocorreu em motel. Quanto às circunstâncias em que ocorreu a primeira relação, os dados mostram que, para a maioria, a relação foi espontânea, feliz e planejada, mas para 15% esta ocorreu sob a influência de álcool ou drogas ou com alguém que não conheciam bem; 18,3% não usaram o preservativo na ocasião, alegando diversas razões: não foi planejado, não tinham ou não pensaram em usar o preservativo, "sabia" que era seguro, entre outras; 73,6% dos rapazes e 81,1% das moças não contaram aos pais sua experiência. Com relação à idade que tinham quando ocorreu a primeira relação, verificou-se diferença significativa ($t = 3,275$; $p < 0,001$) entre as médias dos grupos, de modo que os rapazes ($M = 16,3$ anos) iniciaram, em média, mais cedo do que as moças ($M = 17,6$). Sugere-se a continuidade dos estudos sobre o comportamento sexual dos adolescentes visando identificar os fatores que levam à decisão de ter relações, principalmente considerando-se que uma parte deles não se planeja nem se previne contra as DST ou gravidez precoce.

Palavras-chave: Iniciação sexual; Adolescência; Prevenção

SOC 66

PERCEPÇÕES SOBRE POBREZA E MARGINALIDADE ENTRE MORADORES DE UM BAIRRO DE PERIFERIA. *Jacqueline Ferraz da Costa*, Luciana Pereira de Lima*, Maria Amélia Chamma Maximiano*, Maria Aparecida da Silva Moreira*, Marcelo Martins Fernandes (Faculdade de Artes, Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal de Uberlândia, MG), Marília Ferreira Dela Coleta (Faculdade de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, MG)*

A pobreza constitui-se, ainda no século XXI, como um dos mais graves problemas sociais enfrentados em todo o mundo. Nos países em desenvolvimento junto à condição econômica somam-se problemas de educação, saúde, moradia, qualificação para o trabalho, convivência com a marginalidade, entre outros. Este estudo partiu do interesse em conhecer alguns aspectos da qualidade de vida e percepções de um grupo de pessoas com baixa renda, moradores de um bairro da periferia de Uberlândia, Minas Gerais, a respeito do trabalho e marginalidade. Os aspectos definidos para estudo foram a alimentação, as formas de integração social, a organização familiar, as percepções sobre o trabalhador e o marginal ou "bandido". Para isso foi elaborado um roteiro de entrevista e selecionou-se um bairro em função de ser este formado por casas populares e famílias de renda igual ou inferior a dois salários mínimos. A equipe dirigiu-se ao local e, após solicitar a colaboração de moradores, foi feita a entrevista individual nas residências dos mesmos. Os dados resultantes de 27 entrevistas foram analisados buscando-se calcular a frequência das respostas, indicando que a alimentação básica da maioria (67%) dos entrevistados é constituída por arroz e feijão, enquanto os demais acrescentam a esta dieta a carne e/ou verduras; a constituição familiar de 70% da amostra é nuclear, a igreja e os vizinhos foram a forma citada de integração social por 52% da amostra, enquanto 48% declararam não ter nenhuma integração social. Quanto às percepções, o trabalhador foi caracterizado mais frequentemente como batalhador (36%), que acorda cedo(25%) e é o provedor do lar (18%). O "bandido" foi percebido como ladrão (44%), que não trabalha (18%), assassino (10%) e viciado em álcool ou drogas (13%). O estudo, de caráter exploratório, confirmou as hipóteses de que os moradores de bairro de casas populares e de baixa renda têm uma dieta pobre em proteínas e pouca integração social. A representação do trabalhador é oposta à de bandido no que se refere à forma lícita do primeiro e ilícita do segundo em obter seu sustento. Foi observada a consistência destes resultados com estudo anterior realizado em um conjunto habitacional semelhante no Rio de Janeiro. Sugere-se que o planejamento urbano seja baseado pelo estudo das características da população e que os programas sociais observem a carência nutricional e de integração social de famílias de baixa renda, mas que também proponham soluções baseadas empiricamente para outras questões relacionadas à condição de pobreza, tais como a saúde, a educação e o salário.

Palavras-chave: Pobreza; Marginalidade; Percepções

SOC 67

PERCEPÇÃO DOS ADOLESCENTES ACERCA DA SEXUALIDADE DOS PAIS. *Marília Ferreira Dela Coleta, Eliane de Moura Borges*, Leonardo Lemos de Carvalho* (Faculdade de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG)*

Este estudo teve o objetivo de verificar a percepção de adolescentes, participantes de um projeto de conscientização sobre sexualidade, a respeito da sexualidade dos pais. O estudo foi realizado na Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia (ESEBA-UFU) e concluído em cerca de 8 meses. Participaram oitenta e nove adolescentes matriculados e frequentes a esta escola, na faixa etária de 11 a 16 anos, cursando da sexta à oitava série do ensino fundamental. Destes adolescentes, quarenta e sete pertenciam ao grupo que participa do Projeto Prazer de Crescer, desenvolvido por profissionais da escola e objetivando o sentir, pensar e agir mais conscientes no exercício da sexualidade humana. O outro grupo foi formado por quarenta e dois estudantes da mesma escola, porém não participantes do projeto. A hipótese principal do estudo afirmava haver diferença na percepção dos adolescentes do grupo experimental acerca da sexualidade de seus pais devido às reflexões e vivências sobre a sexualidade, de forma que os sujeitos deste grupo possuíssem uma visão mais positiva que os sujeitos do grupo controle. Para o teste da hipótese, foi construído e aplicado um questionário contendo dezoito questões, das quais três avaliavam as relações familiares, duas o comportamento de seus pais um para com o outro e treze questões avaliavam os sentimentos e a percepção dos adolescentes a respeito de uma situação dada envolvendo certos comportamentos parentais. Para a análise dos resultados utilizou-se o programa "SPSS for Windows", calculando-se as frequências e as medianas. A partir dos resultados verificou-se que a amostra foi bastante homogênea, mas foi possível concluir que o processo de identificação (crenças sobre o que se considera como o ideal) é uma forma bastante utilizada pelos adolescentes da amostra para avaliarem as relações parentais. Os pais foram frequentemente percebidos como um modelo do que se deve fazer e do que se deve ser. Porém, nas questões relacionadas ao exercício da sexualidade destes pais, como manter relações sexuais, ter novos parceiros, se masturbar e também sobre vê-los sem roupas, os adolescentes se mantiveram mais nulos, mantendo-se mais no centro de uma escala com valores de 7 (extremamente positivo) a 1 (extremamente negativo), o que pode indicar uma dificuldade em trabalhar internamente essas questões. Outro aspecto de forte relevância foi uma provável relação verificada entre as variáveis "avaliação da relação com os pais" e "avaliação da relação entre os pais". Esta mostrou que quanto mais positivamente os adolescentes avaliavam suas relações com seus pais, mais positivamente também avaliavam a relação da mãe com o pai e do pai com a mãe. Estes dados, observados em toda a amostra, tenderam a ser mais fortes no

grupo controle. Assim, suas idealizações são tanto mais freqüentes quanto parece ser a dificuldade em refletir acerca dos padrões sociais e convenções estabelecidas para o modo culturalmente correto de se exercer a sexualidade. De modo geral, os resultados sugerem que o grupo que participa do projeto percebe a sexualidade dos pais de forma mais real, como objeto de questionamento e menos idealizada.
Palavras-chave: Adolescente; Sexualidade; Percepção dos pais

***

SOC 68
ATITUDE COM RELAÇÃO À HOMOSSEXUALIDADE ENTRE UNIVERSITÁRIOS DE DIFERENTES CURSOS. *Déborah Vieira Andrade*, Iedina Euripedes de Mour*, Juliana Donato Hernandez*, Renata Marçal de Alcantara*, Thiago Borges da Fonseca*, Marilia Ferreira Dela Coleta (Faculdade de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, MG)*
No início do século passado Freud tratou o homossexualismo sem diferenciação ou discriminação. Entretanto, neste início de século permanecem atitudes e comportamentos que variam desde a não aceitação até a violência explícita contra indivíduos e grupos homossexuais. Atitudes são socialmente aprendidas e podem ser modificadas. Com o objetivo de verificar as atitudes de universitários a respeito da homossexualidade e de comparar os estudantes de cursos de áreas distintas, hipotetizando-se que haveria diferença em função da formação acadêmica, foi planejado este estudo. Participaram 150 estudantes, divididos igualmente entre os cursos de Educação Física, Medicina e Psicologia, sendo 49% do sexo masculino e 51% feminino, com média de 21 anos de idade. Como instrumento foi utilizada uma escala de atitude diante da sexualidade, com 25 itens na forma Likert, com cinco níveis de resposta, precedida de questões sobre dados pessoais. A coleta de dados foi realizada nos campi da universidade, em locais onde os sujeitos estivessem mais disponíveis, tais como cantinas ou bibliotecas. Os estudantes eram informados dos objetivos do estudo e indagados sobre a possibilidade de colaborar, verificando-se alto nível de participação entre os indivíduos abordados. A análise dos dados foi feita no Laboratório de Pesquisas Avançadas em Psicologia da Faculdade de Psicologia da UFU através do programa SPSS for Windows. Os resultados indicaram que a atitude não se correlacionou com a idade dos sujeitos; que houve diferença significativa (F = 16,5; p<0,0001) entre os grupos formados pelos alunos dos diferentes cursos, com os alunos da Psicologia demonstrando atitude mais favorável (M = 106,3) do que os da Medicina (M= 92,5) e da educação Física (M= 91,2). Um teste post hoc mostrou que entre estes últimos não houve diferença significativa. Também foi verificada diferença significativa entre os estudantes divididos quanto ao sexo (t= -3,36; p<0,001), com as mulheres demonstrando uma atitude mais positiva (M= 101,03) do que os homens (M= 92,35). Em 15 dos 25 itens da escala as mulheres mostraram a atitude mais positiva e, nos demais, não houve diferença entre as médias dos dois grupos. De modo geral, os universitários demonstraram alta concordância (M> 4,5 em 5) de que os homossexuais são pessoas como outras quaisquer e que devem ter o direito de ser o que são. Também rejeitaram fortemente as proposições de que a amizade com eles deve ser evitada, sua entrada em locais públicos proibida, de que apenas eles sejam portadores de doenças venéreas e de que o homossexualidade possa ser considerada uma vergonha. Conclui-se que o curso de psicologia e o sexo feminino são variáveis que favorecem uma atitude positiva com relação à homossexualidade.
Palavras-chave: Homossexualidade; Atitudes; Formação acadêmica

***

SOC 69
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA SAÚDE E DA DOENÇA. UMA ANÁLISE DESCRITIVA. *Denise Cristina de Oliveira (Faculdade de Saúde Pública / Universidade de São Paulo – São Paulo, SP); Celso Pereira de Sá, Renato Cesar Möller, Fernando Cesar de Castro Bezerra, Ana Augusta de Medeiros (Instituto de Psicologia e Coordenação de Pesquisa de Demandas Sociais / Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Rio de Janeiro, RJ)*
O presente estudo se fundamentou na teoria geral das representações sociais, tendo se valido também dos métodos e técnicas desenvolvidos no âmbito da sua abordagem estrutural complementar. O objetivo geral consistiu em caracterizar as representações sociais do processo saúde-doença de indivíduos pertencentes a famílias de baixa renda, residentes nos municípios de Monteiro Lobato e Santo Antônio do Pinhal, SP, com vistas à identificação das necessidades de saúde dessa população e à orientação da ação profissional para seu atendimento. Foram estudados 418 sujeitos adultos através da aplicação de um questionário contendo questões abertas, fechadas e de evocações livres. Foi realizada uma análise descritiva das representações sociais, através da construção de categorias a partir de respostas a duas questões abertas e do seu cruzamento com questões fechadas. Os resultados mostram que o conteúdo das representações, quando analisado a partir de categorias unidimensionais, apresenta a mesma configuração para saúde e doença, representada pelas seguintes categorias: estado psicológico, estado do corpo, atividade, atitude no cotidiano, estado espiritual-moral e estado sócio-cultural. A categoria "estado do corpo" é a que apresenta as maiores freqüências percentuais, 40% e 38,5%, para saúde e doença, respectivamente. Observa-se uma diferença na ordem das freqüências e no posicionamento das categorias em relação ao termo doença, onde "atividade" assume uma importância semelhante às categorias "estado do corpo" e "estado psicológico". As categorias minoritárias são "estado sócio-cultural" e "estado espiritual-moral" nas duas análises. Ao tomar para análise somente os entrevistados que escolheram uma única categoria, nota-se que "estado psicológico" apresenta a maior freqüência (31,1%) para doença, enquanto a categoria "estado do corpo" tem a maior freqüência (36,1%) para saúde. No que se refere à doença, isto representa uma mudança na ordem das escolhas, se comparadas com aquelas envolvendo também mais de uma categoria, por parte do inteiro conjunto de sujeitos. Dentre os 418 entrevistados, 65,7% escolheram apenas uma categoria para saúde e 50% para doença, revelando uma tendência à escolha de noções mais complexas associadas à saúde e unidimensionais para doença. O que se pode concluir das distribuições das categorias é que não se configuram representações autônomas para saúde e doença, mas sim representações bipolares, com alguns elementos frágeis de especificação de uma e outra concepção. Cabe destacar, neste sentido, o caráter psicológico de que se reveste a representação de doença, a qual se expressa sob a forma de necessidades psicossociais comprometidas, mais do que em função de necessidades físicas ou biológicas. Discute-se, em conclusão, o modelo de intervenção em saúde quanto à consideração das necessidades humanas na definição das ações e serviços profissionais.

Apoio financeiro: FAPESP
Palavras-chave: Processo saúde-doença; Representações sociais; Atenção à saúde

***

SOC 70
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO ATO INFRACIONAL POR ADOLESCENTES EM CONFLITO COM A LEI. *Maria da Luz Martins Gomes**, Celso Pereira de Sá (Instituto de Psicologia / Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, RJ)*
O presente estudo foi definido em função da perspectiva do crescimento da violência e do envolvimento cada vez maior do adolescente em práticas delituosas. Seu objetivo geral consistiu em analisar as representações que os adolescentes em conflito com a lei que estão cumprindo medidas sócioeducativas formam do ato infracional. O estudo foi realizado à luz da teoria das representações sociais, que são formas de conhecimento elaboradas e transformadas no cotidiano dos sujeitos e que orientam sua compreensão da realidade. A interação entre indivíduos nos grupos sociais favorece o surgimento das representações que aqueles formam sobre um determinado objeto. Cabe destacar que existem grupos de adolescentes com práticas delituosas diversas que diferem entre si por se tratarem de primários ou reincidentes; eles conversam sobre seus respectivos atos e elaboram representações a partir dos contextos particulares compartilhados. Assim, tornou-se relevante a realização de um estudo comparativo entre adolescentes que estão inseridos em grupos com práticas delituosas reincidentes e com envolvimento em apenas um ato infracional, na medida em que o grau de inserção e as experiências adquiridas no grupo influem na elaboração das representações sociais. Foram entrevistados 60 adolescentes na faixa etária de 15 a 18 anos que cumpriam uma das seguintes medidas sócioeducativas: prestação de serviço à comunidade, liberdade assistida, semiliberdade e internação. O instrumento de coleta de dados foi uma entrevista semi-estruturada associada a uma tarefa de associação livre. Os dados foram analisados de duas maneiras: as entrevistas foram submetidas a análises quantitativa e qualitativa, a partir de uma categorização das respostas dos sujeitos; os dados da evocação livre foram tratados pelo duplo critério de freqüência e ordem de evocação. Os resultados mais significativos foram os seguintes: os adolescentes representam o ato infracional como uma má conduta, mas que é ao mesmo tempo uma estratégia de sobrevivência, uma maneira de estarem no mundo; por serem capazes de distinguir entre o certo e o errado, esperam pelo momento de abandonarem tais práticas. A discussão desses resultados aponta na direção de se pensar a prática de atos infracionais como um fenômeno transitório para os adolescentes; não seria algo definitivo, mas uma situação na qual se encontram inseridos em função da realidade vivida. As representações do ato infracional mantidas pelos adolescentes em conflito com a lei são, portanto, consistentes com suas condições de vida, mas revelam uma perspectiva de futuro que não é de todo assegurada pelas práticas vigentes de atenção à infância e à adolescência. As representações mostraram-se ainda diferenciadas entre os dois grupos, confirmando a hipótese de que elas são diretamente influenciadas pela inserção grupal específica.
Palavras-chave: Representações sociais; Ato infracional; Adolescentes em conflito com a lei

***

SOC 71
ASSUMIR OU SUMIR. UM ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA PATERNIDADE NA RETÓRICA DE MENINOS DE RUA. *Cláudia Ribeiro de Castro** (Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ)*
A gravidez na adolescência tem aumentado em número em todas as camadas sociais. O abandono dos filhos não é raro no caso específico dos jovens que vivem nas ruas, e os filhos geralmente são criados pela avó materna ou

paterna. Este estudo investiga os mecanismos e estratégias discursivas utilizadas pelos meninos de rua no seu cotidiano, estratégias essas relacionadas com a sua condição masculina de pais potenciais e pais reais. Adotamos como premissa a construção social do papel de pai. Embora a paternidade seja uma função natural orgânica ela transforma-se no contato entre os sujeitos de uma determinada cultura, assumindo significados variados dependendo do grupo social. Utilizou-se a abordagem de Serge Moscovici, buscando as representações sociais dos meninos de rua sobre a paternidade e alguns aspectos relacionados às suas relações amorosas. Utilizou-se técnicas de análise de argumentos de Chaim Perelman, conjugada a uma análise de implícitos do discurso, proposta por Oswald Ducrot. As falas dos meninos foram coletadas em duas situações: em entrevistas semi-estruturadas individuais e em discussões de grupo. Os sujeitos da pesquisa foram 10 meninos de rua que frequentavam o Projeto Se Essa Rua Fosse Minha, no Rio de Janeiro, com idade entre 16 e 19 anos. A análise proposta nesse estudo é essencialmente qualitativa e o material de análise centrado na fala do menino. Os resultados indicam que o tema paternidade é sempre colocado no plano do não vivido ou mal vivido. Eles ou não conheceram seus pais ou tiveram vivências negativas com eles. A representação de paternidade se faz por oposição, ou seja, o que para eles foi experienciado como ruim é o que vai dar subsídios para a construção do que seria oposicionalmente projetado como ideal. Ser pai significa sacrificar-se através do trabalho para dar o melhor de si para conseguir condições para o filho poder ser uma pessoa digna. O abandono dos pais em relação aos filhos de meninas de rua pode estar relacionado a uma idealização da figura materna. Ela não pode ser suja, largada, drogada, enfim, o que é geralmente atribuído às "meninas de rua". O respeito e o "assumir", dessa forma, estão relacionados às "minas de fé", que podem viver nas ruas ou nas comunidades, mas que não apresentam o comportamento estereotipado das "meninas de rua" ou das safadas "minas de família", meninas que moram em prédios de apartamentos. Os resultados apontam uma importante conexão entre a representação dos meninos sobre a paternidade e o fenômeno da gravidez precoce e também o aborto induzido pelas meninas de rua, no sentido de regular a dinâmica das relações amorosas entre meninos e meninas. Partindo da premissa que a paternidade para esses meninos tem o poder, mesmo que no plano ideal, de modificar radicalmente suas ações no mundo, e que é a partir dessa representação que eles constroem a única possibilidade de serem respeitados socialmente, levar em consideração uma ação educativa direcionada a eles torna-se fundamental para ajudar a prevenção da gravidez precoce nesse segmento social.

Pesquisa financiada pela Fundação Ford e desenvolvida no NEPO/ UNICAMP
Palavras-chave: Representações sociais; *Paternidade;* Argumentação de meninos de rua

---

SOC 72

UM MÉTODO OBJETIVO PARA AVALIAR QUALIDADE DE VIDA. *Daniel Lyra Rocha*, Kimgston Gisse Iago*, Maíra Christiane Sampaio Silva*, Taísa Tonazini Amaral Duarte*, Thiago Beltrão de Azevedo Coimbra*, Débora Lopes Soares da Costa*, Cláudio V. Torres, Wanderley Codo (UnB – PST- LPT- Brasília, Distrito Federal)*

Cresce em número e importância o conceito de qualidade de vida, a própria organização mundial de saúde patrocina uma pesquisa internacional sobre o assunto, cresce também a consciência de que o conceito pode ser útil em avaliações de saúde, bem-estar, sofrimento psicológico, nível de desenvolvimento dos povos. No entanto, todas as medidas realizadas sobre o problema abordam a percepção do sujeito sobre a sua qualidade de vida, o que apresenta limites de generalização, por exemplo, qualquer pessoa pode estar satisfeito com o lazer que desfruta e ao mesmo tempo estar desfrutando menos lazer do que os seus pares, é conhecido em Psicologia Social o conceito de desejabilidade social, quase todos os indicadores de qualidade de vida são também desejáveis socialmente, o que elevaria artificialmente os índices dos levantamentos realizados. Enfim, a área carece de uma avaliação objetiva da qualidade de vida, medidas que se baseiam no que o sujeito efetivamente faz e não na avaliação subjetiva do que faz. Esta pesquisa teve por objetivo o desenvolvimento de uma medida objetiva de qualidade de vida baseada na investigação das atividades no cotidiano. O método consistiu em um simples relato das atividades do dia anterior ao da entrevista, registrado em um protocolo de pesquisa com os horários divididos de 15 em 15 minutos, desde o momento que o sujeito foi dormir até o momento em que vai dormir outra vez. A cada atividade realizada se pediu para que o sujeito a descrevesse sucintamente (ou o quê? Etc.). Depois as respostas foram divididas em categorias, lazer ativo, lazer passivo, sono, higiene, trabalho, etc. Os resultados se mostram profícuos: permitem o uso da regressão logística para separar categorias de análise, homens versus mulheres, diferenças de renda familiar, local de moradia, trabalhar ou não, idade, são bons exemplos. Os dados revelam que apenas 7% dos sujeitos apresentaram alguma leitura que implique em buscar conhecimento, e que, entre eles as mulheres apresentam o dobro de leitura (8,1%) do que os homens (4,3%) (p=0,020), e que os homens assistem em torno de 30 minutos mais a televisão do que as mulheres, que 42% dos sujeitos apresentam algum tipo de lazer ativo, número maior do que se poderia esperar, que morar na periferia implica em aumentar a quantidade de sono, ao invés de diminuir, mesmo com as pessoas morando mais distantes do seu trabalho, que se utiliza mais tempo em trânsito aos finais de semana e não durante os dias úteis, etc. Esses dados representam apenas exemplos de que o método é útil para o estudo de qualidade de vida, se revelando uma forma simples e objetiva de avaliação de grupos, permitindo um tratamento sofisticado de dados e a ampliação do horizonte nesta pesquisa, com a vantagem de liberar o pesquisador das idiossincrasias presentes nas opiniões pessoais.

(CNPQ-PINATEC)
Palavras-chave: Atividade; Cotidiano; Qualidade de vida

SOC 73

UM ESTUDO ACERCA DAS RELAÇÕES ENTRE INTERNOS PENITENCIÁRIOS E O PERIGO CRIMINAL: CONCEITOS E PRECONCEITOS. *Luís Carlos da Rocha e José Sterza Justo (Departamento de Psicologia Evolutiva, Social e Escolar / Universidade Estadual Paulista /Assis /SP)*

Ainda que a prisão venha reiterando seu crônico fracasso no enfrentamento da criminalidade, vários presídios têm sido construídos no interior paulista. A iniciativa, porém, tem sido mal recebida pelas populações locais. Em Assis/SP, a Casa de Detenção local tem sido alvo de críticas da imprensa e da opinião pública desde sua instalação em fins de 1991. Os motivos são variados, mas nos interessa especialmente a noção manifesta de que a criminalidade local venha aumentando pela presença, na região, da população de visitantes de prisioneiros. Para estudar a hipótese dessa noção estar fundamentada em fatos (ou, pelo contrário, estar baseada em preconceitos) elaboramos amplo plano de estudos que compreende quatro etapas: 1- levantamento da presença da noção em questão na mídia escrita regional e no imaginário dos formadores de opinião; 2- estudo do desenvolvimento da criminalidade na região antes e depois da instalação do presídio e caracterização dos suspeitos; 3- caracterização do perfil dos visitantes da Casa de Detenção de Assis; 4- cruzamento dos dados em torno da hipótese central. Os dados referentes à pesquisa junto à mídia e formadores de opinião confirmaram a presença da noção. Os estudos sobre os índices criminais de Assis e região durante o período de 1984-1996, realizados com dados do Departamento de Análise e Planejamento da Polícia Civil de S. Paulo e IBGE, não mostram alteração significativa na curva de desenvolvimento que possa demonstrar relação de dependência com a instalação do presídio local. O perfil dos suspeitos obtidos através do exame dos dados dos boletins de ocorrência de Assis e região apontam para uma maioria de indivíduos adultos do sexo masculino (86%) e contrasta com o perfil da população de visitantes (17% de homens adultos, 60% de mulheres e 23% de crianças). Assim, a hipótese da responsabilidade da população de visitantes do presídio no aumento da criminalidade local, ainda que possa ser estudada segundo outras variáveis, não encontra amparo nos dados obtidos por nosso estudo. Nossos dados, pelo contrário, fortalecem a hipótese de que a noção que liga visitantes de prisioneiros ao aumento da criminalidade nas regiões dos presídios decorre menos de fatos concretos que de formulações preconceituosas que, presentes na opinião pública local e alardeadas pelo sensacionalismo da imprensa, estigmatizam prisioneiros e seus grupos de origem, vinculando-os indevidamente ao perigo criminal.

Apoio CNPq
Palavras-chave: Criminalidade, Presidiários, Preconceito

SOC 74

A IMAGEM DA MULHER EM CAMPANHAS PUBLICITÁRIAS DA DÉCADA DE 40 DO SÉCULO XX. *Otávio Plácido dos Santos Neto*, Luciana Torres Peixoto* e Ivânia Maria Dourado Rocha (Faculdade Ruy Barbosa, Salvador-BA)*

A pesquisa realizada teve por finalidade exemplificar como era utilizada a imagem da mulher em alguns anos da década de 40 do século XX: quais os produtos a que estava associada, o possível público alvo, e em que nível se explorava o corpo ou a estética. Foram analisadas edições de O Cruzeiro, revista de circulação nacional e periodicidade semanal, que integram o acervo do setor de Periódicos Raros da Biblioteca Pública do Estado da Bahia, e escolhidos os exemplares do meses de maio, que existem no referido Setor, totalizando dezenove revistas, a saber : 1944 (nos 28, 31), 1945 (no 29), 1946 (nos 28, 29, 30, 31), 1947 (nos 28, 29, 30, 31, 32), 1948 (nos 28, 29, 30, 32) e 1950 (nos 29, 31, 32). A escolha do mês de maio deve-se à tradição de ser um período dedicado, prioritariamente, à mulher, vez que este é o mês dirigido às mães e às noivas. Nessas revistas foram categorizados todos os anúncios que, de alguma forma continham a figura feminina, ou para ela. De cada um deles foi feito registro: a) quanto à relação da figura da mulher com o produto e o anúncio, ou seja, se era necessária (intrínseca) ou dispensável (extrínseca); b) e quanto ao tipo de produto e a sua utilização (pela própria mulher, para o lar, para a família ou para terceiros). Pode-se verificar que a imagem da mulher, nesta amostra, era bastante explorada em campanhas publicitárias, vez que, foi utilizada em 44,8% dos anúncios veiculados. A imagem feminina era predominantemente utilizada em anúncios direcionados ao público em geral, não se verificando apelo sexual explícito. Grande número dos anúncios veiculados tinham, supostamente, a finalidade de induzir a compra, de modo a transformar a mulher em um grupo específico de consumidoras. Nas

campanhas veiculadas por O Cruzeiro foi constatado que os anúncios estavam associados, principalmente, a produtos da indústria de cosméticos (63,5%), e aqueles que demonstravam preocupação com a estética, com a beleza, com o corpo e com a forma de se apresentar socialmente (8,6%). Os anúncios envolviam um certo glamour e sofisticação, certamente direcionados à classe de maior poder aquisitivo, mesmo quando eram apresentados no formato de desenhos e não fotografias, o que ocorre predominantemente. Constatou-se, ainda, que em nenhum dos anúncios foi encontrada a divulgação de assuntos relacionados ao trabalho da mulher fora do ambiente doméstico, ou à sua qualificação profissional, o que dá indicação da expectativa dos leitores deste semanário quanto à inserção da mulher na sociedade - fora do mercado de trabalho, brilhando no contexto social.

Palavras-chave: Mulher; Imagem; Anúncios

SOC 75

AVALIAÇÃO DE COMPORTAMENTOS AGRESSIVOS EM DETENTOS. *Vanair Alves de Godoy (UBC)*; Roberta Crepaldi Toledo (UBC)*; Natalina Nunes Baptista (UBC; UNIFESP)**; Paulo Rogério Morais (UBC; UNIFESP)***. Curso de Psicologia - Universidade Braz Cubas - Mogi das Cruzes - SP*

A agressividade é uma característica quase sempre vinculada à população carcerária, sendo que ultimamente, vem se observando uma maior expressão de violência por parte da população reclusa em penitenciárias e cadeias públicas, principalmente através de rebeliões. Experimentalmente, existem evidências demonstrando que a superpopulação aumenta a frequência de comportamentos agressivos em animais, e um dos principais problemas do sistema penitenciário brasileiro da atualidade é justamente a superpopulação carcerária. Além disso, outros fatores estressantes também caracterizam o sistema penitenciário brasileiro, como a precariedade das instalações, as más condições sanitárias, pouca ventilação e iluminação, além da convivência forçada de presos que cometeram diferentes tipos de delito. Sabe-se que uma das conseqüências do estresse, tanto em humanos quanto em animais de laboratório, é o rebaixamento no limiar para o aparecimento de comportamentos agressivos e aumento na freqüência dos mesmos. Este trabalho teve como objetivo principal avaliar a freqüência de alguns comportamentos agressivos em um grupo de homens, detentos de distrito policial da Grande São Paulo (GR, n=40) e um grupo controle, constituído por indivíduos não privados de liberdade (GND, n=22). Para tanto, utilizou-se um questionário de identificação contendo perguntas abertas e fechadas sobre escolaridade, tempo de reclusão e dados sobre a reincidência. Também foi aplicado um questionário com 22 questões fechadas (graduação Likert), abordando a freqüência de comportamentos agressivos, sendo que este questionário foi desenvolvido a partir do teste de personalidade DADAHIE. A média das idades no GD foi de 29,5 (± 10,5) anos e, no GND de 23 (± 2,1) anos. Embora os grupos sejam diferentes quanto à variável idade, a análise estatística demonstrou que não existiu diferença na freqüência de comportamentos agressivos em sujeitos com idades variáveis. A análise estatística não-paramétrica, realizada através do teste de Mann-Whitney, também apontou que não foi observada diferença estatística na freqüência de comportamentos agressivos entre o GD e o GND. No entanto, quando o GD foi dividido em relação à reincidência, observou-se que o grupo de detentos reincidentes apresentou maior pontuação do que o grupo de detentos não reincidentes, com diferença estatisticamente significante (p<0,05). Estes dados sugerem que os comportamentos agressivos não diferem em indivíduos reclusos do sistema penal e os não reclusos, porém, os sujeitos do GND não foram pareados adequadamente, podendo haver um viés nos resultados observados. No entanto, considerando somente o GD, é interessante observar que os indivíduos reincidentes apresentaram maior freqüência de comportamentos agressivos. Com isto, algumas hipóteses podem ser levantadas, como por exemplo a exposição repetida a ambientes punitivos como fonte geradora de maior agressividade ou mesmo a importância de características comportamentais individuais como precursoras da reincidência, o que pode direcionar novas pesquisas nesta área.

Apoio Financeiro: Universidade Braz Cubas

Palavras-chave: Agressividade; Sistema Penal; População Carcerária

---

SOC 76

A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES E A QUESTÃO DO PÁTRIO PODER: UM LEVANTAMENTO HISTÓRICO. *Edit T. de Oliveira Tavares e Elfriede Maria Rossi** (Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, Universidade de São Paulo, SP)*

Objetivando resgatar a história dos direitos da criança e do adolescente, no Brasil, no que se refere à violência doméstica de pais contra filhos e à ingerência do Estado quando da ocorrência de casos de violência física, realizamos um levantamento bibliográfico na literatura científica nacional referente ao assunto. As leis que vigoraram até o século XIX orientaram-se mais ao aspecto assistencial, sendo a mais importante lei, referente à criança, a Lei do Ventre Livre, de 28 de setembro de 1871. As principais conquistas ocorridas no século XX foram influenciadas por acontecimentos mundiais: 1º Congresso Americano da Criança (1916), Declaração dos Direitos da Criança (1959) e Convenção Internacional dos Direitos da Criança (1989). O primeiro projeto de lei, que estabeleceu interferência estatal em caso de maus tratos, assim como a suspensão do pátrio poder, data de 1906. Em 1910, o Direito da Família já estabelecia limites na relação dos pais com os filhos, inclusive prevendo a suspensão do pátrio poder nos casos de maus tratos infligidos aos filhos ou em caso de abandono. Em 1912, outro projeto de lei determina, com detalhes, a suspensão ou destituição do pátrio poder, incluindo situações como a saúde e a moralidade como motivos dessa destituição. O Código de 1979, inclui as vítimas de maus tratos e/ou castigos imoderados em situação irregular, que passam a ter a proteção do Estado. A Constituição Federal de 1937 dedica o artigo 127 à criança e ao adolescente e em 1988, com uma grande mobilização dos órgãos não governamentais de defesa dos direitos da criança e do adolescente, a nova Constituição avança, ainda mais, com os artigos 226 e 227. Finalmente em 1990 o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) consagra o século no que se refere ao direito da criança e do adolescente, rompendo com uma política repressiva e curativa dos códigos de menores (1927 e 1979) e criando formas de participação popular. O pátrio poder, então, pode ser suspenso, conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente, quando os pais descumprirem os artigos 394 e 395, inciso I, do Código Civil, que tratam respectivamente do abuso do poder e do castigo imoderado. Ele ainda acrescenta o descumprimento dos deveres e obrigações previstos no artigo 22 do Estatuto: sustento, guarda e educação. Constatamos, então, que no Brasil, apesar da realidade de violações de direitos, a legislação era bem avançada em relação a outros países, já no início do século. No entanto, a lei não conseguiu coibir a violência doméstica contra crianças e adolescentes que se perpetuou como uma forma de disciplinamento no lar. Aliado a isso, as pesquisas recentes têm mostrado que o sistema judiciário brasileiro não tem dado importância considerável à questão dos maus tratos e os casos que chegam a serem denunciados, na maioria das vezes, acabam sendo suspensos e arquivados.

Este trabalho faz parte da pesquisa de Doutorado que está sendo financiado pelo CNPQ.

Palavras-chave: Violência doméstica; Direitos da criança e do adolescente; Pátrio poder

---

SOC 77

ESTILOS DE SOCIALIZAÇÃO E VALORES: UM ESTUDO COM ADOLESCENTES. *Raquel Moraes**; Josefa B. da Costa (Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB), Luciane Cruz (Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB) e Cleonice Camino (Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE)*

Neste estudo investiga-se a relação entre os estilos de socialização utilizados pelos pais e os valores dos filhos, uma vez que estes constituem indicadores representativos dos efeitos mais subsistentes do processo socializador. As pesquisas acerca da influência dos pais na socialização partem do pressuposto de que eles interagem com seus filhos mantendo certo grau de coerência ou constância, através das diferentes situações da vida cotidiana, caracterizando o que se chama de estilo de socialização. Já as investigações acerca das repercussões das formas de socialização parental as têm relacionado com várias medidas de ajuste social e psicológico dos filhos. Em estudos anteriores, verificou-se que os estilos de socialização dos pais organizam-se em função das dimensões de aceitação e coerção, que, combinadas, constituem quatro estilos de intervenção: autoritativo (os pais comunicam-se bem com os filhos e ouvem seus argumentos, mas também praticam coerção e privações quando necessário); permissivo (os pais comunicam-se bem com os filhos, mas sem usar coerção); autoritário (os pais usam do poder e têm baixa implicação afetiva com seus filhos), e negligente (a relação é de pouco afeto, sem o estabelecimento de limites). Verificou-se, também, que os valores dos filhos - concebidos aqui como qualidades socialmente desejáveis construídas a partir da realidade social e compartilhadas no contexto das relações intergrupais - estruturam-se em quatro sistemas: materialista, pós-materialista, religioso e hedonista. Partindo de pesquisas realizadas no campo da socialização parental, pressupunha-se haver relações entre os estilos utilizados pelos pais e os valores dos filhos. Mais especificamente, esperava-se encontrar relações positivas entre o estilo permissivo e os valores pós-materialistas e entre o estilo autoritário e os valores materialistas. 674 adolescentes, de ambos os sexos, com idades variando entre 10 e 18 anos, alunos de escolas públicas e privadas das cidades de João Pessoa e Campina Grande - Paraíba, responderam, coletivamente em sala de aula, à Escala de Socialização Parental na Adolescência e ao Questionário de Valores Psicossociais. Uma ANOVA entre os estilos de socialização e os valores demonstrou que a maior adesão ao sistema pós-materialista foi entre adolescentes com pais autoritativos e permissivos e a menor, daqueles com pais autoritários. Quanto ao sistema religioso, a maior adesão foi entre adolescentes com pais autoritativos e a menor, dos autoritários. Nos demais valores não foram observados efeitos significativos. Esses dados confirmam uma relação positiva não só entre o estilo permissivo e os valores pós-materialistas mas também entre a dimensão de aceitação dos pais e os valores pós-materialistas dos adolescentes. Os resultados podem ser explicados pelo clima familiar de aceitação, que envolve tolerância, reconhecimento, explicação e diálogo, proporcionando uma maior descentração social aos filhos. Conclui-se que a dimensão de aceitação é fundamental para a construção e internalização desses valores sociais.

Apoio financeiro: CAPES
Palavras-chave: Estilos de socialização; Valores sociais; Adolescentes

****

SOC 78

VIVENDO NA SOCIEDADE DE RISCO: O TRABALHO COM OFICINAS DE RISCO. *Mariana Prioste Alves*, Mariana Lucia Aron**, Ofélia Moura* e Mary Jane Paris Spink (Núcleo de Psicologia e Saúde do Programa de Pós Graduação de Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica São Paulo-SP)*

Esta pesquisa parte do pressuposto que o conceito de risco é central para a compreensão da sociedade contemporânea, sendo os discursos sobre risco elementos constitutivos dos processos de subjetivação na modernidade tardia. A revisão da literatura permite afirmar que os sentidos do risco derivam de formas distintas de interpretar o que é "correr riscos", uma primeira associada ao processo de governamentalidade (medidas coletivas de gestão da população) e, uma segunda associada à busca do risco como aventura (por exemplo, na economia e nos esportes radicais). Objetivo: O Projeto Integrado "Risco e incerteza na sociedade contemporânea: vivendo na sociedade de risco" visa compreender as possibilidades de dar sentido ao risco através da análise das práticas discursivas do cotidiano. Método: Foram realizadas oficinas com diversos segmentos da sociedade, dentre eles, mães de adolescentes em situação de risco, adolescentes em situação de risco, alunos de um curso de administração, homens que fazem sexo com homens e praticantes de esportes radicais. A metodologia das oficinas possibilita a discussão, negociação e co-construção dos sentidos do risco. Os grupos são compostos de, cinco a doze participantes e têm duração aproximada de duas horas. No início das oficinas os participantes assinam um termo de consentimento que explica os objetivos, compromisso de sigilo e uso da informação apenas para fins científicos. A metodologia prevê a realização de três exercícios que são respectivamente: 1) Associação de palavras relacionadas ao risco, como forma de sensibilização dos participantes para a temática em discussão. 2) Cada participante relata situações em que se sentiu em risco e as classifica como "risco na aventura", "risco conhecido mas não pensado" e "risco calculado". 3) O último exercício enfoca a questão da prevenção dos riscos. Procedimento de análise: 1) As associações e situações de risco são tabuladas em formulário específico que possibilita comparar o conteúdo entre grupos. 2) Os sentidos do risco relacionados às situações relatadas são abordados inicialmente através da transcrição seqüencial que permite identificar os trechos mais significativos quanto à riqueza da negociação e co-construção de sentidos. Faz-se a seguir, a transcrição completa que subsidia a elaboração dos mapas de associação de idéias para os quais são transpostos os trechos de negociação. Discussão: As classificações subsidiam a discussão visando promover a negociação e co-construção dos sentidos do risco, diferenciando-os entre aqueles que vale a pena correr e os que vale a pena prevenir. Esta apresentação tem por objetivo discutir as diferentes etapas de análise e ilustrar a riqueza do trabalho com práticas discursivas.

Apoio financeiro: CNPQ
Palavras-chave: Risco; Práticas discursivas; Produção de sentido

****

SOC 79

AUTOCONCEITO E ANSIEDADE EM ALUNOS DE CURSOS MILITARES. *Hermes de Andrade Júnior** (Fundação Oswaldo Cruz - Rio de Janeiro-RJ), Jorgelina Ines Brasileiro (Universidade Gama Filho - Rio de Janeiro-RJ) e Marcos Aguiar de Souza** (Universidade Federal do Rio de Janeiro - Rio de Janeiro - RJ)*

A intenção de implantar um sistema de avaliação de variáveis relacionadas à área afetiva, já em fase experimental no Exército, tem levado ao questionamento das possíveis influências de cursos militares sobre os alunos, no que se refere a variáveis individuais capazes de afetar o pleno desenvolvimento de suas potencialidades. Nesse sentido, o presente estudo, de caráter longitudinal, teve como objetivo investigar possíveis influências dos cursos desenvolvidos no Exército sobre os alunos militares, através do autoconceito e da ansiedade mensurados no início e no final do ano letivo. O autoconceito pode ser definido como um conjunto de atitudes e crenças inter-relacionadas que um indivíduo tem a respeito de si próprio. Tais crenças, que são desenvolvidas através da interação social, estão organizadas de forma hierárquica e sistemática. Porém, dada a natureza dinâmica do sistema, mudanças em um aspecto podem levar à outras mudanças no sistema. A ansiedade é definida como um sentimento de apreensão difuso, acompanhado por manifestações cognitivas, comportamentais e somáticas, constituindo um dos indicadores mais significativos do desconforto apresentado pelo indivíduo, podendo gerar comportamentos inadequados ou desajustados. O indivíduo que possui altos índices de ansiedade estaria, então, num constante estado de alerta para perigos desconhecidos, podendo ter medo de perder o controle sobre as próprias ações, adotando um comportamento de evitação de situações provocadoras de ansiedade. No presente estudo participaram 72 militares do sexo masculino, na idade média de 35,31 anos, todos alunos de cursos realizados no Centro de Estudo de Pessoal do Exército, que responderam à Escala Fatorial de Autoconceito - EFA, com seis fatores: estabilidade do self pessoal (fator 1); atitude social (fator 2); autocontrole do self pessoal (fator 3); self ético-moral (fator 4); self somático (fator 5) e receptividade (fator 6); e à escala de ansiedade-traço do Inventário de Ansiedade Traço-Estado - IDATE no início e ao final do ano letivo. De maneira geral, os dados evidenciaram uma melhora no sentido de aumento do autoconceito e diminuição do índice de ansiedade. Na comparação dos resultados obtidos em cada escala pelos militares no início e ao final do curso, através do teste t de Student, foram encontradas diferenças significativas, em relação ao fator 1 ($t = -2,702$; $p < 0,008$), fator 2 ($t = -2,782$; $p < 0,006$), fator 3 ($t = -2,476$; $p < 0,015$), fator 5 ($t = -2,358$; $p < 0,020$) e fator 6 ($t = -2,501$; $p < 0,014$). A comparação do fator 4 e do nível de ansiedade nas duas medidas, apesar de não ter sido significativa, evidenciaram uma influência positiva da conclusão do curso, a exemplo do ocorrido nos demais fatores. A análise dos dados permite concluir pela influência positiva do curso para o aluno, ao menos no que se refere a índices de autoconceito e ansiedade. Considerações sobre avaliação de variáveis relacionadas à área afetiva, porém, devem ser elaboradas a partir de novos estudos que permitam identificar com maior clareza a influência dos cursos militares sobre o aluno durante o ano letivo.

Palavras-chave: Autoconceito; Ansiedade; Militares; Exército

****

SOC 80

A PERCEPÇÃO E ATITUDE DE HOMENS E MULHERES EM RELAÇÃO À MULHER CONTEMPORÂNEA: UMA LEITURA JUNGUIANA. *Nilton Figueiredo de Almeida** (Departamento de Psicologia e Orientação, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, RJ)*

A globalização surge como um novo viés sócio-econômico eliminando fronteiras, confrontando culturas e criando um novo cidadão - o cidadão universal. As exigências e pressões psicológicas da contemporaneidade colocaram homem e mulher, diante de inovações constante de valores sociais, culturais e do aumento da competitividade na busca voraz de conhecimento e atualização. Os avanços tecnológicos e as facilidades de consumo determinaram modificações no imaginário das pessoas no que tange às necessidades subjetivas e, conseqüentemente, nas relações interpessoais. Presenciamos cada vez mais o desencontro, a solidão, o individualismo, o narcisismo e a intolerância. Embora a mulher tenha efetivado muitas conquistas no âmbito social, ainda sofre discriminações e preconceitos. Seu comportamento mudou, está mais arrojada, eficiente, articulada, para sobreviver no mundo patriarcal. O objetivo do presente trabalho foi investigar a percepção e atitude de homens e mulheres em relação à mulher contemporânea. Para isto foi realizada uma pesquisa de campo com 5 sujeitos do sexo masculino e 5 do sexo feminino, graduados, com idade variando entre 25 e 41 anos, pertencentes à classe média do Rio de Janeiro. A técnica utilizada foi de entrevista semi-estruturada, e, para análise do discurso foi utilizado o referencial teórico de Psicologia Analítica, de C.G. Jung. Verificou-se que, apesar do reconhecimento da capacidade de produção da mulher e do fato de ocupar espaços, tanto na vida política quanto científica, parece que ela encontra-se confusa em sua identidade diante dos problemas afetivos. Por outro lado, os homens também encontram-se confusos por não saberem como lidar com esta nova mulher. Embora em seu discurso o homem aprove todas estas mudanças, em seu psiquismo ainda perdura o modelo antigo, o que lhe traz insegurança na relação com esta mulher "que tudo pode". O problema é mais profundo que de ordem sexual ou social, pois traduz-se na relação anímica entre os sexos. A anima, arquétipo do feminino no homem, e o animus, arquétipo do masculino na mulher, são blocos essenciais de construção na estrutura psíquica de todo homem e de toda mulher. Sem consciência deste aspecto, homens e mulheres continuarão a projetar a parte menos consciente e disciplinada da sua própria psique no parceiro, não encontrando solução para as dificuldades externas de seus relacionamentos. A consciência é pressuposto essencial para o relacionamento psíquico entre dois seres humanos. Tanto para o homem como para a mulher a integração dos opostos se dá em um processo constante e ininterrupto, através do qual os conteúdos projetados são recolhidos e assimilados à consciência, transformando cada indivíduo em um ser único, atípico, com uma consciência mais ampla e capaz de perceber o outro como diferente de si próprio. É imprescindível que o ser humano busque sua integração para que o nível de consciência, ao expandir-se, transforme as relações.

Palavras-chave: Atitude; Mulher; Jung

****

SOC 81

SEPARAÇÃO, DIVÓRCIO E GUARDA - QUESTÕES PSICOSSOCIAIS IMPLICADAS NO DIREITO DE FAMÍLIA. *Andréa Fabíola de Miranda Nery*, Maria Luiza Moura Carvalho**, Juliana Dominoni Gomes* e Leila Maria Torraca de Brito (Instituto de Psicologia, UERJ - Rio de Janeiro, RJ)*

Na pesquisa Separação, Divórcio e Guarda de filhos - questões psicossociais implicadas no Direito de Família busca-se avaliar como o direito de família brasileiro, através de seus operadores jurídicos, prevê o exercício do dever parental de pais separados, analisando também se as recomendações da legislação internacional acarretaram alterações na condução da temática no cenário brasileiro. Objetiva-se avaliar, ainda, como deveres parentais são apreendidos e praticados por estes pais após a separação. Uma terceira questão refere-se à recente inclusão dos psicólogos nas Varas de Família do Tribunal de

Justiça do Estado. As demandas de trabalho dirigidas a este profissional que ingressa nas Varas de Família e as dificuldades encontradas pelos Serviços de Psicologia também são itens de interesse da pesquisa. A coleta de dados foi realizada em diversos municípios do Estado do Rio de Janeiro, por meio de entrevistas semi-estruturadas e individuais com os operadores de direito, pessoas oficialmente separadas e com filhos e psicólogos do Tribunal de Justiça com atuação nos municípios pesquisados. Inicialmente os dados foram levantados nos municípios de Maricá, Campos e Niterói, este ano a pesquisa de campo foi efetuada nos municípios de Petrópolis, Friburgo e no Fórum da cidade do Rio de Janeiro. Constatou-se que no que se refere à guarda dos filhos, não obstante em caso de litígio, a maioria dos operadores do direito dão primazia à mãe, alguns defendendo a argumentação do instinto materno tão enfatizada pelos higienistas. Cabe salientar que muitos entrevistados foram unânimes em afirmar que o pai é colocado pela mãe, e por alguns profissionais, como mero provedor de meios e elemento secundário na educação dos filhos. É inquestionável o desgaste emocional sentido pelos pares no momento da separação gerando, freqüentemente, uma enorme confusão entre parentalidade e conjugalidade, pois com a quebra do contrato matrimonial muitas vezes se reduz o compromisso parental. Grande parte dos operadores do direito lembrou que, geralmente, o que se discute nas audiências está relacionado à partilha de bens materiais. Observou-se que, freqüentemente, juízes e curadores entendem que a discussão com os pais sobre direitos e deveres em relação aos filhos deva ser empreendida pelos seus respectivos advogados. No entanto, grande parte deles, por sua vez, declarou que esta questão deveria ser abordada no decorrer das audiências. Quanto à atuação dos psicólogos, concluiu-se que não há solicitações para um trabalho em equipe, assim como, não há projetos para atuação interdisciplinar. Basicamente os profissionais têm atuado individualmente, sem trocas mesmo entre integrantes de uma equipe. Consideramos que as reuniões com outros psicólogos designados para atuação no Tribunal são escassas o que dificulta que sejam traçadas metas comuns. Concluiu-se que ainda não foi conquistada a autonomia necessária ao desenvolvimento de um Serviço de Psicologia nas Varas de Família examinadas.

Financiamento: PIBIC/UERJ e PIBIC/CNPq
Palavras-chave: Separação, Psicologia Jurídica, Guarda

SOC 82

INTERVENÇÃO PSICOSSOCIOLÓGICA E PROBLEMAS DE ADAPTAÇÃO ESCOLAR. *Selma Pacheco Guimarães, Silvia Maria Melo Gonçalves e Suely de Oliveira Schestoff (Departamento de Psicologia e Orientação / Instituto de Educação) Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro-RJ)*

Este trabalho foi realizado durante o ano letivo de 2000, para atender a solicitação de um Centro Educacional à Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. O objetivo foi realizar uma intervenção psicossociológica em uma turma de oitava série que teve como queixa apresentada, problemas de adaptação escolar: agressividade, indisciplina, infantilidade, desrespeito com os professores e com os demais colegas de turno. Adotou-se um programa de Pesquisa-Ação, fundamentado nos procedimentos utilizados por Kurt Lewin, para que fosse implementada a mudança. A turma era composta por 23 alunos, com idade entre 13 e 15 anos, de ambos os sexos. A maioria já estudava nesta mesma classe desde o CA, e quase todos prestariam concurso no final do ano letivo para outras instituições de ensino. Como metodologia, foram realizadas seis entrevistas com a direção, a coordenação, os professores e funcionários da escola, para que ficasse melhor detalhada, a partir da visão desses profissionais, a problemática da turma. Assim, verificaram-se, mais facilmente, as possíveis mudanças ocorridas no comportamento do grupo durante o desenvolvimento das atividades. Simultaneamente, foram vivenciadas técnicas de Dinâmica de Grupo pelos alunos. Inicialmente, as técnicas de Dinâmica de Grupo nos encontros, visaram a criação de um clima favorável para a realização das atividades subseqüentes. As necessidades do grupo determinaram os exercícios a serem propostos, e obedeceram a seguinte seqüência de objetivos: tornar os participantes cientes dos problemas de comunicação existentes no grupo, confrontar a autopercepção com a heteropercepção, obter consenso do grupo em relação aos problemas por ele apresentados, levantar e discutir possíveis soluções para os problemas, envolver os participantes na tomada de decisões quanto às mudanças de atitudes a serem realizadas, discutir as aspirações e medos em relação ao futuro, discutir os preconceitos e identificar o papel desempenhado por cada participante do grupo. O que se pretendia era orientar e facilitar as mudanças que se caracterizavam como necessárias para a criação de uma atmosfera que propiciasse o desenvolvimento grupal. Como resultado, a direção, a coordenação, os professores da turma e os funcionários da escola, através das entrevistas, apontavam para um comportamento mais adaptado desse grupo e registraram que alguns pais assinalaram para mudanças qualitativas no comportamento de seus filhos. Solicitou-se, aos alunos, através de um questionário, a avaliação da influência desses encontros, tanto no comportamento individual como no de grupo e outras informações. Dezesseis alunos consideraram que os encontros lhes ajudaram a melhor compreensão de si e dos outros, julgaram-se menos egoístas e menos agressivos, aumentaram a sua autoconfiança e aceitaram se modificar nos pontos percebidos pelos outros elementos do grupo como negativos. No que se refere às mudanças percebidas no grupo, 15 alunos afirmaram que o grupo estava mais coeso, que houve melhora no relacionamento e na atmosfera grupal e que as brincadeiras inoportunas haviam diminuído. De acordo com as observações das pesquisadoras e dos depoimentos das pessoas envolvidas, a intervenção facilitou o desenvolvimento de relações mais harmoniosas entre os alunos, e entre esses e a comunidade escolar.

Palavras-chave: Intervenção Psicossociológica; Adaptação Escolar; Desenvolvimento Interpessoal

SOC 83

PATERNIDADE INVISÍVEL: DIAGNÓSTICO DA REDE DE SERVIÇOS PRESTADOS AO PAI ADOLESCENTE EM VITÓRIA/ES. *Zeidi Araujo Trindade; Paulo Cuzzolin; Carlos Eduardo Lucas*, Elizabeth Suzano Araujo Barbosa*, Maramy Regattieri*, Wilian Gomes* (Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES)*

Para os profissionais que lidam com adolescentes a questão das práticas de prevenção à gravidez apresenta-se como constante desafio. Um estudo divulgado pelo Ministério da Saúde apontou aumento nas taxas de adolescentes grávidas no período entre 1993 e 2000. Em 1993 o número de partos por hora em adolescentes entre 10 e 19 anos era de 73, em 2000 passou para 77. Apesar do interesse crescente sobre o assunto, a preocupação com o pai adolescente está praticamente ausente, tanto na literatura especializada como na rede de serviços prestados às adolescentes grávidas. O objetivo do presente trabalho foi realizar um diagnóstico preliminar do atendimento institucional oferecido aos adolescentes durante a gravidez e/ou após o nascimento do filho, no município de Vitória/ES. Foram entrevistados 25 representantes de instituições religiosas (das secretarias regionais de quatro religiões diferentes), de saúde pública e de ensino público e privado. O roteiro de entrevista visava verificar principalmente: a existência e a especificidade de projetos voltados para adolescentes; os tipos de ações desenvolvidas e a avaliação dos sujeitos sobre demandas de intervenção relacionadas à gravidez, à maternidade e à paternidade na adolescência, sendo a paternidade como foco principal. Dez sujeitos informaram a existência de programas especiais para adolescentes: 3 representantes de escolas, 6 de unidades de saúde e 1 de instituição religiosa (Igreja Católica) sendo que, na maioria deles, as atividades desenvolvidas são genéricas, tais como palestras e campanhas educativas. Apesar de terem expressado interesse em mudanças, traduzidas por implementação ou melhoria dos programas já existentes, declararam que a falta de recursos impede qualquer iniciativa. Apenas 5 sujeitos (1 representante de escola particular, 1 de unidades de saúde e 3 de secretarias religiosas) afirmaram não existir demanda para projetos de intervenção sobre os temas propostos, uma vez que não ocorrem problemas dessa natureza entre os adolescentes de suas instituições. É de interesse registrar que a totalidade dos sujeitos entrevistados verbalizou seu estranhamento frente à proposta de um trabalho com pais adolescentes. Os resultados de outras pesquisas, bem como o contato com profissionais que trabalham nesse campo, sugerem que nossos dados, apesar de restritos, refletem a realidade da região, mostrando que a preocupação social e acadêmica com a gravidez na adolescência não tem encontrado ressonância, nem em políticas públicas nem em investimentos privados, salientando ainda a invisibilidade do pai adolescente.

Palavras-chave: Paternidade adolescente; Gravidez na adolescência; Intervenção

SOC 84

A INFLUÊNCIA DA ANSIEDADE NO DESEMPENHO FÍSICO DO MILITAR

*Anselmo Rangel dos Anjos e José Gustavo de Azevedo Ribeiro (Centro de Estudos de Pessoal do Exército Brasileiro - Rio de Janeiro - RJ) Marcos Aguiar de Souza** (Universidade Federal do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro - RJ)*

A atividade física tem sido valorizada desde os tempos mais remotos na história da humanidade. A importância da prática de exercícios físicos tem sido analisada a partir de diferentes óticas, que se estendem desde uma preocupação estética até um cuidado maior com a saúde. Considerando de um modo particular as forças armadas, a capacidade física cresce em importância, podendo significar, em determinados casos, o êxito ou a derrota em um campo de batalha. Assim, o Exército Brasileiro vem dando ênfase na adequada forma física de seus militares, tomando recentemente a decisão de incluir no sistema de avaliação anual o resultado obtido no teste de avaliação física - TAF. O TAF é realizado três vezes ao ano, sendo constituído por exercícios de corrida, flexão na barra, apoio sugado, abdominal e flexão de solo. Apesar da reconhecida importância da atividade física, para a qual são reservados horários semanais, diversos militares têm sido observados com diferentes sintomas de ansiedade nas semanas que antecedem o TAF. Neste sentido, o presente estudo teve como objetivo investigar o nível de ansiedade relativo ao desempenho no TAF, particularmente em relação à corrida, por ser esta a modalidade de exercício de maior duração e maior esforço físico. Participaram do estudo 126 militares do sexo masculino, com idade média de 30,7 anos, de duas organizações militares da Cidade do Rio de Janeiro, que responderam a escala de ansiedade-traço do IDATE (Inventário de Ansiedade Traço-Estado) cerca de vinte minutos antes da corrida do TAF. O escore de ansiedade de cada indivíduo foi comparado com o grau obtido na corrida. Os dados foram analisados através do coeficiente de correlação linear de Pearson, sendo

observada uma correlação negativa e significativa entre ansiedade estado e o desempenho na corrida (r = - 0,291; p < 0,013). Foi observada uma correlação igualmente negativa entre o peso do indivíduo e seu desempenho na corrida (r = -0,651; p < 0,000) e uma correlação positiva e significativa entre o peso e ansiedade (r = 0,360; p < 0,007). As evidências obtidas através da análise dos dados permitiram concluir pela necessidade de um maior esforço por parte do Exército no sentido de que a avaliação do condicionamento físico seja melhor compreendida por parte do militar. O destaque dos aspectos positivos relacionados à atividade física poderiam levar ao entendimento do TAF como uma atividade, possibilitando relacionar os aspectos positivos da prática de exercícios físicos com a avaliação física. No mesmo sentido, sugere-se uma maior preocupação com o desenvolvimento de programas que auxiliem na redução dos aspectos negativos relacionados ao excesso de peso, como forma de promoção de saúde e, conseqüentemente, melhorias em termos de qualidade de vida.

Palavras-chave: Desempenho físico; Avaliação Física; Militares, Ansiedade

****

SOC 85

AUTOCONCEITO EM DETENTOS DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. *João Delfim de Aguiar Nabas (Universidade Estácio de Sá), Marcos Aguiar de Souza** (Universidade Federal do Rio de Janeiro) e Jorgelina Ines Brochier (Universidade Gama Filho)*

Com uma proposta clara de ressocialização, o sistema prisional do Brasil se apresenta como um dos maiores da América Latina, criando uma superestrutura que mobiliza milhares de pessoas. O objetivo de recuperar o indivíduo, porém, é entendido por muitos como um real castigo pelos desvios da conduta socialmente esperada. Apesar da complexidade do sistema e dos investimentos na área, diversas críticas vêm questionando o real papel desempenhado pelas penitenciárias brasileiras. As críticas podem ser sistematizadas em dois grupos: (1) a possibilidade de não haver uma ressocialização, mas sim um agravamento dos problemas que levaram à detenção do indivíduo e (2) a constatação que mesmo dentro de presídios, diversos detentos comandam ações criminosas, mantendo contato com o mundo por diferentes meios, inclusive telefone celular. Mesmo diante de tais críticas, parece óbvio considerar que a permanência em presídios se dá por determinação de uma autoridade competente e não por desejo do detento. Nesses termos, é possível considerar a existência de diferenças entre detentos e não detentos em termos de diversas variáveis personológicas, dentre as quais merece destaque o autoconceito. Isso porque definido como um conjunto de atitudes e crenças que o indivíduo tem a respeito de si próprio, o autoconceito consiste em uma construção mediada pela linguagem, pela sociedade e pela cultura, já que seu desenvolvimento está intimamente associado à apropriação do conjunto de padrões comuns aos diferentes grupos socioculturais com os quais o indivíduo interage. Seguindo tal raciocínio, o presente estudo teve como objetivo comparar o autoconceito de detentos em penitenciárias e não detentos, ainda que em esta última classe não seja suficiente para caracterizar um grupo social. Participaram do estudo 130 homens, sendo 61 detentos de delegacias e penitenciárias da cidade do Rio de Janeiro e 69 não detentos, aleatoriamente selecionados também na Cidade do Rio de Janeiro, os quais preencheram de forma individual a Escala Fatorial de Autoconceito - EFA, com seis fatores: estabilidade do self pessoal (fator 1); atitude social (fator 2); autocontrole do self pessoal (fator 3); self ético-moral (fator 4), self somático (fator 5) e receptividade (fator 6). A análise dos dados evidenciou diferenças significativas no autoconceito apresentado por homens detentos e não detentos. De maneira geral houve um maior autoconceito dos detentos, sendo as diferenças significativas em relação aos fatores 1 (t = 2,044 ; p < 0,041), 2 (t = 2,292; p < 0,001), 3 (t = 3,926; p < 0,000), 4 (t = 2,068 ; p < 0,041) e 5 (t = 2,210; p < 0,029). Em relação ao fator 6, apesar de não ter havido diferenças significativas, os indivíduos não detentos apresentaram escores superiores aos detentos. Diante dos dados obtidos, conclui-se pela necessidade que a situação de reclusão em delegacias e penitenciárias não tem sido fator capaz de influenciar negativamente o autoconceito de detentos. Sugere-se, entretanto, que seja realizados estudos mais detalhados sobre o tema, de modo a melhor compreender os fatores relacionados ao autoconceito e à situação de detenção.

Palavras-chave: Presidiários; Autoconceito; Detenção

****

SOC 86

AUTOCONCEITO DE HOMENS E MULHERES: UM ESTUDO COMPARATIVO. *Jorgelina Ines Brochier (Universidade Gama Filho - Rio de Janeiro RJ), Marcos Aguiar de Souza** (Universidade Federal do Rio de Janeiro), Hermes de Andrade Júnior** (Fundação Oswaldo Cruz) e Lucas de Silva Barbosa** (Universidade Gama Filho - Rio de Janeiro - RJ)*

O termo autoconceito tem sido adotado predominantemente pelos psicólogos norte-americanos, referindo-se a um conceito global e abstrato, desenvolvido a partir de formulações teóricas mais individualistas. Apesar disso, o papel desempenhado pelo contexto social no qual o indivíduo está inserido é considerado decisivo. O autoconceito pode ser definido como um conjunto de atitudes e crenças que um indivíduo tem a respeito de si próprio, considerando-se que estas crenças são um produto da interação social, que estão organizadas hierarquicamente e que, dada a natureza dinâmica do sistema, mudanças em um aspecto podem levar a mudanças em outros. Seu desenvolvimento se dá através das interações sociais, quando a criança, inicialmente, observa as atitudes e ações de seus pais e dos outros significativos em relação a ela própria e às imita, ou seja, as adota como se fossem suas. Posteriormente, ela passa a assumir, também, os papéis e atitudes característicos dos grupos sociais dos quais participa, que constituem o "eu generalizado". Assim, considera-se que o autoconceito consiste em uma construção mediada pela linguagem, pela sociedade e pela cultura, já que seu desenvolvimento está intimamente associado à apropriação do conjunto de padrões comuns aos diferentes grupos socioculturais com os quais o indivíduo interage. Considerando nossa sociedade, dentre os muitos aspectos que parecem, ainda hoje, estar dentro de um consenso em nossa sociedade, está a socialização baseada no sexo biológico, o que termina fazendo com que as crianças do sexo masculino caminhem por um lado e as do sexo feminino por outro, repercutindo em diferenciações que irão afetar a relação entre homens e mulheres em diversas áreas. Nesse sentido, o presente estudo teve como objetivo principal investigar as diferenças relativas ao autoconceito de homens e mulheres. Foram 292 participantes, sendo 157 homens e 135 mulheres, os quais responderam à Escala Fatorial de Autoconceito - EFA. A EFA possui seis fatores: estabilidade do self pessoal (fator 1); atitude social (fator 2), autocontrole do self pessoal (fator 3), self ético-moral (fator 4), self somático (fator 5) e receptividade (fator 6). Foi comparado o resultado obtido por homens e mulheres nos seis fatores da EFA, através do teste t de Student. Nos fatores 1 e 2, apesar de não haver diferenças significativas, os homens apresentaram índices superiores às mulheres. Houve diferenças significativas, com superioridade das mulheres, nos fatores 3 (t = - 2,747; p < 0,006), 4 (t = - 3,812; p < 0,000) e 5 (t = - 2,130, p < 0,034). As mulheres foram superiores aos homens também em relação ao fator 6, apesar da diferença não ter sido significativa. As diferenças obtidas em cada fator são interpretadas como conseqüência do contexto social. Assim, os resultados obtidos parecem indicar um maior fortalecimento das mulheres em nossa sociedade, a qual vem valorizando o papel social da mulher nas mais diferentes áreas.

Palavras-chave: Diferenças individuais; Autoconceito; Sexo

****

SOC 87

A ATUALIDADE DE MACHADO DE ASSIS: A BUSCA DA FELICIDADE[1]. *Maria Luiza Assumpção Scrimieri[1] (Universidade Federal do Rio de Janeiro)*

Objetivos: 1) interpretar os romances de Machado de Assis à luz de pressupostos psicanalíticos; 2) encontrar os determinantes da criação através da história pessoal do autor, buscados nas significações inconscientes, transmitidas por via transgeracional, nos "segredos" e nos "mitos" familiares e sociais. A autora, formada em letras, em psicologia e em psicanálise, definiu como meta reconstruir o projeto inconsciente de Machado de Assis, questionando o tema da felicidade. Metodologia: três linhas de procedimentos paralelos foram integradas, desenvolvendo três pesquisas concomitantes: 1) histórica, através da coleta, em arquivos, de dados escassamente conhecidos, embora essenciais para o entendimento de fatos mais freqüentemente desconsiderados; 2) literária, através da análise de conteúdo dos textos dos romances, avaliando além dos personagens o sentido e os simbolismos possíveis em torno de suas manifestações, e ainda a confluência das "vozes" nesse discurso; 3) teórica, pelo aprofundamento de conceitos psicanalíticos utilizados na fundamentação teórica, notadamente "ideal de ego" e "contratransferência". Resultados: Tornou-se clara a trajetória paralela entre os romances e a vida do autor, destacando-se o papel do "ideal de ego" na relação com a felicidade. Salienta-se, ainda, sua " contratransferência" frente à sociedade que o rodeava, bem como o caráter de sua sátira " menipéia" o que permite considerá-lo como um autêntico precursor da pós-modernidade. Ao longo da década este programa já publicou quarenta artigos em periódicos de grande circulação e apresentou resultados em cinco congressos internacionais.

1 Professora, Doutora e Docente Livre da Universidade Federal do Rio de Janeiro – Criadora e Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas de Interpretação Psicanalítica das Manifestações do Imaginário

Palavras-chave: Machado de Assis; Psicanálise; Felicidade; Contratransferência.

****

SOC 88

O CORPO COMO BUSCA DA FELICIDADE. *Luciana Tabors Mello1 e Carlos Américo Alves Pereira2 (1Psicanalista, Mestre em Psicologia pela UFRJ e 2Professor Doutor da UFRJ)*

Objetivo: Retratar a análise recentemente feita entre aspectos corporais e a felicidade na contemporaneidade.

Metodologia: Análise de conteúdos (quantitativa e qualitativa) de 60 questionários com frases abertas, investigando aspectos corporais em relação à felicidade.

Resultados: Dentre os resultados mais proeminentes, destaca-se que a satisfação com o peso corporal relaciona-se com aspectos importantes para a felicidade (ex. sentimentos positivos, auto-estima e vida social).

Palavras-chave: Corpo; Felicidade; Satisfação com peso corporal; Contemporaneidade

****

SOC 89

A FELICIDADE DO POSSÍVEL. *Cláudio Da Silva Ribeiro1 e Carlos Américo Alves Pereira2 (UFRJ)*

O objetivo deste trabalho é salientar o tema da qualidade de vida que ganha, cada vez mais, papel de destaque na realidade contemporânea. A partir de pesquisa teórica, a saber, o rizoma, e de observações e sensações obtidas no contato com menores que estão nas ruas, companhias a estudos de campo realizados por outros autores, não procuramos entender o fenômeno pela curiosidade de descoberta de uma gênese provável para que dela explicitássemos o seu desencadeamento. Através de um corte transversal, à luz daquele conceito (o rizoma, tal como é proposto por DELEUZE e GUATTARI, para melhor explicar a concepção de rede), tratamos sobre jovens que estão nas ruas, analisando sua livre organização como um fenômeno coerente com a lógica das tendências da política de uma economia de mercado neo-liberal. Entre avanços de tecnologia fantástica, desemprego e problemas sociais diversos, questiona-se ser possível muitos obterem felicidade apesar de tantos mesmo outros viverem sob necessidades variadas que não são atendidas, como educação, moradia, alimentação, saúde e afetividade. Conclui-se que a ação no seu sentido de agenciamento para a realização de um comportamento inovador, porque é capaz, se torna possível e necessária nos dias em que as idéias de consumo e poder de compra se confundem com o próprio conceito de felicidade.

Coordenador do Programa de Doutorado. Professor Ernesto Franco Lo Presti Seminotti
1mestre E Doutorando Da UFRJ
2doutor Em Psicologia Social Pela Usp, Prof. Da UFRJ
Palavras-chave: Rizoma; Contemporaneidade, Membros(As) Carentes; Felicidade, Bem-Estar

SOC 90

OS CAMINHOS DA FELICIDADE: ESTUDOS DO SÉCULO XX. *Carlos Américo Alves Pereira (Universidade Federal do rio de Janeiro)*

Objetivo: Realizar mapeamento sobre a anatomia da 'Felicidade' segundo estudiosos do século XX, de Maurois aos nossos dias.
Metodologia: Análise da produção literária de livros e artigos sobre a felicidade.
Conclusão: Historicamente o referencial da 'Felicidade' estrutura-se invariavelmente nas mesmas subdimensões independente das diferentes épocas.

1Professor, Doutor e Docente da UFRJ - Coordenador da linha de pesquisa em Felicidade, qualidade de vida e bem-estar subjetivo entre jovens e adultos.
Palavras-chave: Bem-estar subjetivo; Felicidade, Afetos, Família; Amizade.

TÉCNICAS DE EXAME PSICOLÓGICO

TEF 01

INDICADORES DE AFETIVIDADE EM INDIVÍDUOS AVALIADOS PELO MÉTODO DE RORSCHACH: COMPARAÇÃO ENTRE GÊNEROS. *Ana Carolina Andrade e Sá*, Elen Karddoff Appolinário*, Paulo Francisco de Castro (Faculdade de Psicologia - Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP)*

O presente estudo tem como objetivo verificar se existem diferenças nos índices de afetividade obtidos pelo Método de Rorschach, comparando os resultados segundo o sexo dos sujeitos. O Rorschach é um instrumento que avalia aspectos de inteligência e de personalidade dos indivíduos; os aspectos quantitativos do teste revelam características estruturais da personalidade, permitindo assim uma apreciação das possibilidades do indivíduo no que se refere às relações com o meio, controle em geral, condições afetivas e integração de contatos humanos, capacidade para suportar frustrações e conflitos entre outros aspectos. A coleta de dados foi realizada no banco de dados do Centro de Pesquisa em Avaliação e Medidas Psicológicas da Faculdade de Psicologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Foram utilizadas informações contidas em relatórios desenvolvidos pelos acadêmicos, no período do 2º Semestre de 1998 ao 1º Semestre de 2000, contando com uma amostra total de 100 sujeitos, sendo encontrados 17 sujeitos do sexo masculino e selecionados, aleatoriamente, a mesma quantidade de indivíduos do sexo feminino para o referente estudo comparativo. Após apuração dos índices relacionados à afetividade, observou-se que em relação aos dados referentes às respostas de cor cromática, que avaliam o sistema de funcionamento afetivo-relacional dos indivíduos, há predomínio da proporção FC > CF + C em ambos os grupos (52,94% do sexo masculino e 64,70% do sexo feminino), podendo-se dizer que a maior parte dos sujeitos é capaz de liberar seus sentimentos, afetos e emoções de forma adequada e madura no relacionamento interpessoal. Em relação aos dados referentes às respostas de cor acromática, que indicam aspectos depressivos como traços de personalidade, predomina a proporção FC' > C'F + C' na amostra (82,35% do sexo masculino e 58,82% do sexo feminino), verificando que há controle dos aspectos depressivos na população pesquisada. Em relação ao índice de impulsividade, que avalia a sensibilidade aos estímulos afetivos menos socializados, predomina classificação elevada (52,94% do sexo masculino e 64,70% do sexo feminino), indicando que a população é sensível aos estímulos afetivos do ambiente, obedecendo a estímulos primitivos pouco elaborados. Em relação ao índice de reação afetiva, que revela a sensibilidade aos estímulos afetivos provenientes do meio, verificou-se que predomina a classificação mediana em ambos os grupos (41,17% do sexo masculino e 58,82% do sexo feminino) demonstrando que são capazes de reagir afetivamente de maneira adequada no que se refere ao relacionamento interpessoal. Em relação ao índice de controle, que avalia se o indivíduo controla seus afetos e emoções, predomina o índice médio nos indivíduos do sexo masculino (41,17%), demonstrando que há adequado controle, o índice rebaixado na população feminina (47,05%), demonstrando certa dificuldade em articular adequadamente seus mecanismos de controle. Observou-se, nos estudos realizados, que os dados mostraram-se semelhantes quanto aos aspectos relativos ao funcionamento afetivo, tendências depressivas, impulsividade e maneira de reagir no relacionamento interpessoal nos dois grupos; porém há certa dificuldade de articulação dos mecanismos de controle por parte do sexo feminino. São necessárias investigações mais amplas para que se possam fazer generalizações mais consistentes.

Palavras-chave: Rorschach, Afetividade, Gênero

TEF 02

CONSIDERAÇÕES ACERCA DA QUESTÃO DO EXAME NACIONAL DE CURSOS SOBRE O MÉTODO DE RORSCHACH A PARTIR DA ANÁLISE DOS PROFESSORES. *Paulo Francisco de Castro (Faculdade de Psicologia – Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP)*

O objetivo do presente trabalho é descrever um levantamento sobre a avaliação da questão do Exame Nacional de Cursos de Psicologia que tratou sobre o Método de Rorschach, a partir da análise de professores especializados no ensino do referido instrumento. Foi idealizado um questionário que continha questões que versavam sobre a identificação da instituição e sobre o grau de objetividade, complexidade e abrangência da questão. O questionário foi enviado a 100 Instituições de Ensino Superior que mantém o curso de Psicologia, solicitando que fosse encaminhado ao professor responsável pelo ensino do Rorschach. Obteve-se um retorno de 21% das instituições contatadas, de dez Estados brasileiros, sendo que a maior parte (52,3% - N=11) era de São Paulo. A amostra foi constituída de 81% (N=17) de Universidades e 19% (N=4) de Centros Universitários, sendo 53% (N=11) particulares, 33% (N=7) comunitárias e 14% (N=3) públicas. O Rorschach é ensinado em 81% (N=17) das instituições que responderam ao questionário, as considerações a seguir foram obtidas a partir das respostas dos professores destas instituições. A questão foi considerada difícil por 47% (N=8) professores, muito difícil por 24% (N=4) professores e impossível de responder por 17% (N=3). Quanto à análise sobre a formulação da questão, os dados mais evidentes demonstraram que os professores avaliaram-na como de clareza e objetividade mediana e de alto nível de exigência (35% - N=6), além de pouquíssima adequação (47% - N=8). A informação que auxiliou na resposta correta concentrou-se sobre os dados relativos ao atropelamento (58% - N=10), seguindo pelos dados do Rorschach (24% - N=4). O aspecto que mais contribuiu para o erro da questão foi o sistema de classificação apresentado (64% - N=11), seguido pela falta de contato com o instrumento e pouca relação dos dados com o caso (12% - N=2, cada uma). Dos professores pesquisados 88% (N=15) entenderam que a questão não avaliou adequadamente os conhecimentos sobre o Método de Rorschach, justificando em sua maioria (46% - N=7) pelas informações específicas do sistema de classificação apresentado; em contrapartida, 12% (N=2) professores entenderam que a questão avaliou adequadamente os conhecimentos sobre o Rorschach, justificando que a mesma exigia uma intensa integração dos sinais apresentados com o quadro clínico do paciente. A partir das considerações apresentadas, pode-se concluir que os professores especialistas no Método de Rorschach julgaram que a questão que tratava do conteúdo sobre o instrumento no Exame Nacional de Cursos não atingiu seu objetivo de mensurar os conhecimentos adquiridos durante a graduação em Psicologia. O principal fator que contribuiu para esse fracasso foi a especificidade de um sistema de classificação, dificultando, sobremaneira, que os recém graduados optassem pela alternativa correta. Dessa forma, houve um considerável prejuízo no desempenho de todos àqueles que concluíram seus estudos em instituições que não ensinam o Rorschach segundo o sistema de classificação apresentado pela questão. Em se tratando de um instrumento tão importante como o Rorschach, cujo sistema de classificação identifica uma metodologia específica na identificação e interpretação dos dados, reflexões dessa natureza mostram-se relevantes para que essa variável seja considerada em outros exames.

Palavras-chave: Rorschach; Exame Nacional de Cursos; Sistemas de Classificação

---

TEF 03

APLICAÇÃO CLÍNICA DO TESTE DE DISCRIMINAÇÃO DE LISTAS (TDL-UFMG): UM ESTUDO PILOTO. *Shirley Silva Lacerda**, Eduardo de Paula Lima*, Raquel Caramez, Vitor Geraldi Haase, Marco Aurélio Lana Peixoto (Laboratório de Neuropsicologia do Desenvolvimento, Centro de Investigação em Esclerose Múltipla de Minas Gerais, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte - MG)*

Déficits em funções executivas são freqüentes em pacientes portadores de esclerose múltipla. Neste trabalho nós relatamos os resultados da avaliação clínica inicial do Teste de Discriminação de Listas (TDL-UFMG), que examina a ordem temporal na memória recente, uma habilidade relacionada às funções executivas dependentes da atividade do córtex pré-frontal. Participaram deste estudo 23 pacientes portadores de esclerose múltipla (idade média = 44,87 anos, dp = 8,28; escolarização formal média = 11,0 anos, dp = 5,16; 83% feminino). Os resultados obtidos com os pacientes portadores de esclerose múltipla foram comparados com quatro outros grupos: a) estudantes universitários (n= 42; idade média = 24,55 anos, dp = 6,11; escolarização formal média = 11,93 anos, dp = 1,79; 42,9% feminino), b) indivíduos idosos (n= 24, idade média = 64,33 anos, dp = 7,12; escolarização formal média = 8,50 anos, dp = 3,99; 87,5% feminino), c) pacientes com esquizofrenia (n= 14, idade média = 33,14 anos, dp = 11,75; escolarização formal média = 9,79 anos, dp = 3,40; 42,9% feminino) e d) indivíduos com lesão frontal (n= 5, idade média = 55,40 anos, dp = 16,49; escolarização formal média = 10,20 anos, dp = 5,85; 40,0% feminino). A aplicação do TDL-UFMG se dá da seguinte forma. Durante a apresentação, duas listas de 10 estímulos cada (10 palavras concretas ou 10 desenhos de objetos concretos) foram apresentados antes e depois de uma tarefa distratora. Na fase de testagem, 20 pares de estímulos foram apresentados um par de cada vez. Um estímulo do par era novo e o outro já havia se apresentado antes. Os participantes deveriam reconhecer qual dos dois estímulos já fora visto antes e determinar em qual lista ele havia aparecido (memória recente). Nenhuma diferença entre os grupos foi observada nos escores referentes ao reconhecimento dos estímulos, cuja performance dos grupos ficou em torno de 95% de acertos. Já no que se refere à tarefa de recentividade, os estudantes universitários obtiveram um escore de 85% enquanto que os idosos, os pacientes com esquizofrenia e os pacientes com esclerose múltipla tiveram um escore variando entre 60 e 70%. Os indivíduos com lesão frontal tiveram uma performance da ordem de 50% ou seja, sua performance era aleatória. Os indivíduos idosos e os pacientes participantes mostraram uma dissociação com memória de reconhecimento normal enquanto a memória para ordem temporal (memória recente ou de recentividade) alterada. Os resultados indicam que o Teste de Discriminação de Listas (TDL-UFMG) é adequado para a utilização com a população brasileira adulta, que é sensível às diferenças causadas pelo envelhecimento e que o mesmo consegue discriminar um grupo controle de um grupo clínico com disfunções diversas dos lobos pré-frontais e de circuitos relacionados.

* Aluno de Graduação / Bolsista de Iniciação Científica - FAPEMIG

** Aluna de Pós-Graduação / Bolsista de Aperfeiçoamento - FAPEMIG

Palavras-chave: Memória de reconhecimento, Memória da recentividade, Neuropsicologia

---

TEF 04

ESTUDO CORRELACIONAL DO ÍNDICE DE CONTROLE NO TESTE ZULLIGER COM MEDIDAS DE INTELIGÊNCIA DA BPR-5. *Ricardo Primi (Laboratório de Avaliação Psicológica e Educacional, Universidade São Francisco,*

Itatiba, SP), *João Carlos Alchieri (Laboratório de Instrumentos de Avaliação Psicológica, UNISINOS, São Leopoldo, RS), Anna Elisa Villemor Amaral Güntert (Laboratório de Avaliação Psicológica e Educacional, Universidade São Francisco, Itatiba, SP)*

Estudos recentes da neurociência cognitiva vem aprofundando a compreensão da natureza da inteligência fluida, dividindo-a em dois componentes (a) memória de curto prazo referindo-se à habilidade funcional de construção e manutenção ao longo do tempo de representações mentais e (b) controle metacognitivo da atenção possibilitando a fixação da atenção em um ou outro item na memória assegurando um fluxo ordenado de informações para a memória de trabalho seja bloqueando informações não pertinentes ou eliminando informações que parecem não ser úteis para a resolução do problema. Há uma semelhança interessante entre este segundo aspecto da inteligência fluida e o Índice de Controle e Tolerância ao Estresse do Sistema Compreensivo no Rorschach que indica a habilidade de utilizar os recursos disponíveis para formular e implementar decisões de maneira eficaz, isto é, a capacidade de, diante das demandas ambientais, utilizar recursos internos para iniciar e manter a direção da conduta de maneira ativa e controlada, mesmo quando tais demandas sejam excessivas. Levantou-se a hipótese que estas duas medidas, uma ligada à inteligência e outra à personalidade, sejam aspectos de um mesmo mecanismo de controle ativo dos processos cognitivos. Este estudo procurou encontrar evidências a favor desta hipótese explorando as correlações entre o Teste Z (Zulliger) e a Bateria de Provas de Raciocínio - BPR-5. Estes testes foram aplicados em 1636 pessoas como parte de um processo seletivo no estado do Rio Grande do Sul sendo 90,8% homens com idades entre 19 e 68 com média 28,2 e desvio padrão 7,6. A maioria, 90,8% tinha pelo menos ensino médio completo. As respostas do Zulliger foram classificadas seguindo orientações de Cícero E. Vaz (Sistema Klopfer). O Índice de Controle foi calculado criando-se inicialmente dois escores, o primeiro (EA) somando-se as respostas de movimento humano com soma a ponderada das respostas envolvendo cor, e o segundo (es) somando-se as respostas movimento animal e inanimado e as respostas envolvendo sombreado. Computou-se o índice D=EA-es. Esta variável teve distribuição aproximadamente normal com M=-0,34 e DP=1,67. Em seguida a amostra foi dividida em grupos extremos em razão de quatro habilidades avaliadas pela BPR-5: raciocínio abstrato, verbal, espacial e numérico (utilizou-se para isso o primeiro e o último quartil). Aplicou-se o teste U de Mann-Whitney investigando se haviam diferenças nos escores D nestes grupos. Encontraram-se diferenças significativa na prova RE (U=-3,26, p=0,003) e RA (U=-1,92, p=0,05) sendo que pessoas com habilidade alta na prova RE tinham média D=-0,17 e pessoas habilidade baixa, média D=-0,49. Pessoas com habilidade alta na prova RA tinham média D=-0,25 e pessoas habilidade baixa, média D=-0,41. Em ambos os casos a baixa habilidade está sistematicamente associada com EA<es. Estes resultados favorecem a hipótese de que o Índice de Controle esteja relacionado à inteligência fluida. Uma possível explicação é que pessoas hábeis suportam mais a tensão na resolução de problemas e tendem a organizar ativamente a atividade mental analítica necessária para, depois de análise do problema, descobrir uma representação mais estruturada relaxando, por fim, a tensão inicial. As pessoas com mais dificuldade tendem a não suportar essa tensão, perdendo com mais facilidade o controle e a direção de sua própria conduta.

Agência Financiadora: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP
Palavras-chave: Teste de Zulliger; Bateria de Provas de Raciocínio (BPR-5); Inteligência fluida

TEP 05
PAVLOVIAN TEMPERAMENT SURVEY VERSÃO 7 A 14 ANOS. ESTUDO PRELIMINAR PARA REDUÇÃO DE ITENS DA ESCALA. *Patrícia do Carmo Pereira Ito** (Doutoranda em Psicologia, PUC Campinas, Campinas, SP) e Raquel Souza Lobo Guzzo (Professora Titular do Instituto de Psicologia e Fonoaudiologia da PUC Campinas, Campinas, SP)*

O temperamento é considerado como o substrato biológico que fundamenta a personalidade. Diferentes instrumentos são utilizados para sua avaliação dependendo da teoria na qual estão baseados. A escala Pavlovian Temperament Survey - PTS está baseada na Teoria Regulativa do Temperamento -RTT e foi desenvolvida com o objetivo de avaliar a expressão comportamental das propriedades do sistema nervoso central, conforme entendido por Pavlov, de modo a permitir estudos transculturais. Visando dar continuidade às pesquisas envolvendo este instrumento no Brasil, este estudo tem por objetivo iniciar o processo de redução de itens da escala PTS versão 7 a 14 anos. Participaram como sujeitos 124 crianças e adolescentes de 7 a 14 anos, dos quais 58 eram do sexo feminino (46,8%) e 66 eram do sexo masculino (53,2%), estudantes de escolas públicas e particulares, residentes em Campinas e cidades da região. Estes sujeitos tiveram suas características temperamentais avaliadas pela escala Pavlovian Temperament Survey - versão infantil, composta em sua versão original por 252 itens que avaliam três fatores do temperamento: Força de Excitação (FE), Força de Inibição (FI) e Mobilidade (MO). A coleta de dados foi feita por meio de entrevistas individuais realizadas junto às mães destes sujeitos, as quais responderam aos itens da escala verificando o quanto ele estava de acordo ou não com as características apresentadas por seus filhos. Para iniciar o processo de redução dos itens da escala foi feito o cálculo da correlação item total para cada um dos fatores avaliados pela PTS. Seguindo orientações constantes no manual da escala permaneceriam nesta primeira etapa do processo de redução os itens que apresentassem correlação igual ou superior a 0.15. Resultados obtidos demonstraram que: entre os 90 itens que compõem o fator Força de Excitação (FE), 71 (78,88%) apresentaram índices de correlação igual ou superiores a 0,15; entre os 84 itens que compõem o fator Força de Inibição (FI), 68 (80,95%) apresentaram correlação igual ou superior a 0.15 e entre os 78 itens que compõem o fator Mobilidade (MO), 60 (76,92%) apresentaram correlação igual ou superior a 0,15. Analisando estes resultados preliminares, a escala permaneceria com 199 itens dos 252 que a constituíam na sua formulação original. Considerando que este é o primeiro passo do processo de redução de itens da escala, é importante mencionar que novas análises estatísticas estarão sendo realizadas objetivando dar seqüência a todo procedimento descrito no manual da PTS, o qual inclui o cálculo da correlação de como os itens se relacionam com os fatores, a consideração das facetas que compõe cada um dos fatores, a formulação dos itens, entre outros.

Bolsista FAPESP
Palavras-chave: Pavlovian Temperament Survey; Temperamento; Avaliação Psicológica

TEP 06
VALIDAÇÃO DA VERSÃO REDUZIDA DO INVENTÁRIO FATORIAL DE PERSONALIDADE: RESULTADOS PRELIMINARES. *Anelise Sebben**, Bartholomeu Torres Tróccoli, Karina I. C. Melo**, Tiago Gelhén Cavalcanti*. (Laboratório de Pesquisa em Avaliação e Medida, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, DF)*

O Inventário Fatorial de Personalidade (IFP) foi originalmente elaborado para avaliar o indivíduo normal em quinze dimensões da personalidade, baseado na teoria das necessidades básicas de Murray. A revisão mais recente do IFP resultou no IFP-R (IFP versão reduzida), composto por treze dimensões. O IFP-R contém 110 itens acrescidos de 20 itens que avaliam a validade e desejabilidade social das respostas. Nesta última revisão, apenas duas das dimensões originais do IFP foram eliminadas, sendo avaliadas cada uma das dimensões isoladamente. No presente trabalho foi investigada a dimensionalidade do IFP-R considerando-se todos os seus 110 itens conjuntamente. Para tanto, aplicou-se o instrumento em 803 sujeitos, nível educacional médio, sendo 87,9% do sexo masculino e 12,1% do sexo feminino em um concurso público. Realizou-se inicialmente uma análise dos componentes principais para estimar o número de fatores, a presença de casos extremos, ausência de multicolinearidade e a fatorabilidade da matriz correlacional. Cinco fatores (com eigenvalues superiores a 2) foram extraídos por intermédio de uma análise fatorial com o método dos eixos principais (PAF) e rotação oblimin. Com um ponto de corte igual a 0,30 para inclusão de itens em cada fator, 16 dos 110 itens foram excluídos da solução fatorial. O Fator 1 ("Agradabilidade": capacidade de relacionamento, cooperação, generosidade) com 29 itens foi responsável por 11,26% da variância e apresentou um coeficiente alfa de 0,90. O Fator 2 ("Dominância": controle do ambiente, persuasão), com 21 itens, explicou 8,06% da variância e teve um alfa de 0,87. O Fator 3 ("Conscienciosidade": organização, persistência, controle e motivação em alcançar objetivos) foi composto por 22 itens, explicou 10,55% da variância e apresentou um alfa de 0,87. O Fator 4 ("Introcepção": análise, introspecção) ficou com 13 itens, responsável por 9,01% da variância e um alfa de 0,83. Finalmente, o Fator 5, com 13 itens, apresentou um alfa igual a 0,78 e foi responsável por 7,24% da variância, sendo denominado "Abertura" (curiosidade, criatividade, novas experiências). Tais resultados sugeriram um número reduzido de fatores tanto em relação ao IFP original (15 dimensões) quanto à sua versão reduzida mais recente (13 dimensões). Contrariando a teoria proposta por Murray, estes resultados aproximam o IFP-R das versões mais usadas para mensurar os Cinco Grandes Fatores de Personalidade (três das cinco dimensões identificadas correspondem a três dos cinco grandes fatores). Eles também sugerem uma nova interpretação do IFP-R, juntamente com duas novas dimensões a serem acrescentadas às dimensões clássicas dos cinco grandes fatores de personalidade. Vários estudos têm sugerido a existência de não apenas cinco, mas entre três e sete dimensões básicas da personalidade. A fatorização do IFP-R indica que estas possibilidades podem e devem ser exploradas.

Apoio CNPq
Palavras-chave: Personalidade; Dimensões básicas; Validação

TEP 07
VALIDAÇÃO PRELIMINAR DA BATERIA DE RACIOCÍNIO DIFERENCIAL (BRD) PARA SELEÇÃO DE PROFISSIONAIS DE NÍVEL SUPERIOR. *Karina I. C. Melo*** e Luiz Pasquali (Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal)*

Pesquisas recentes têm indicado que resultados de testes de aptidão cognitiva apresentam alta correlação positiva com desempenho no trabalho, sendo considerados os melhores preditores dentre os procedimentos conhecidos.

Considerando que não há no Brasil testes de habilidades cognitivas devidamente validados, a presente pesquisa objetiva validar uma bateria de testes de dessa natureza, que pode vir a ser útil para o desenvolvimento de processos seletivos. A BRD é uma adaptação da "Bateria de Provas de Raciocínio Diferencial", proveniente de Portugal, e é composta por cinco subtestes: Raciocínio Mecânico (MR), Verbal (VR), Espacial (SR), Numérico (NR) e Abstrato (AR). O MR é composto por 44 itens, o VR por 40, o AR por 35, e o SR e NR por 30 itens cada. Foram utilizadas amostras diferenciadas para a validação de cada subteste, que variaram de 1500 a 3100 sujeitos, todos com nível superior completo. A média de idade ficou em torno dos 29 anos (DP de aproximadamente 5), sendo que grande parte dos respondentes era do sexo masculino (em todos os subtestes, haviam mais de 70% de homens). Com o objetivo de verificar a dimensionalidade dos cinco subtestes, foram realizadas análises dos componentes principais. No MR e VR, constatou-se a presença de um fator, enquanto que no SR, AR e NR encontraram-se dois fatores. Ao se proceder às análises fatoriais, alguns testes (VR e AR) não se mostraram válidos para as amostras estudadas, uma vez que mais da metade de seus itens apresentaram cargas fatoriais inferiores a 0,30. O MR, dos 44 itens analisados, 28 possuíam cargas fatoriais satisfatórias (maiores que 0,30). Já em relação ao SR e NR, cada um deles apresentou apenas um item insatisfatório. Em relação aos índices de fidedignidade, o AR é o único subteste que apresenta valores de precisão inaceitáveis, abaixo de 0,50 para ambos os fatores. Os índices de precisão dos subtestes restantes se encontram acima de 0,70, dando ênfase ao do MR, que apresentou o maior alfa de cronbach (α = 0,88). Uma vez constatada a dimensionalidade dos subtestes, realizou-se uma análise dos três parâmetros da Teoria de Resposta ao Item (TRI), sendo que no caso do AR, NR e SR, essa análise foi realizada por fatores, já que a TRI prevê escalas unidimensionais. A discriminação média dos itens do MR e VR foi de 0,75 (DP = 0,14) e 0,65 (DP = 0,09), respectivamente, sendo o primeiro considerado mediano em termos de dificuldade para a amostra utilizada (b = -0,36; DP = 0,87) e o segundo extremamente fácil (b = -1,18; DP = 0,88). As análises dos itens do AR, NR e SR, de forma geral, indicaram grande variabilidade na qualidade psicométrica dos mesmos. No parâmetro que avalia acertos ao acaso, a média obtida foi baixa para todos os subtestes. Tais resultados sugerem mudanças em vários dos itens do AR e VR, e a necessidade de coleta de mais dados, utilizando amostras com níveis de escolaridade mais baixos, para possibilitar a utilização da BRD para seleção de pessoal com menor escolaridade.

Projeto financiado pelo CNPq
Palavras-chave: Teste de inteligência; Validação; Seleção de pessoal

*****

TEP 01

NOVAS TÉCNICAS DE INVESTIGAÇÃO PSICOLÓGICA PARA AVALIAÇÃO PRÉ-CIRÚRGICA DE CRIANÇAS. *Katia da Silva Wanderley e Rosa Maria Lopes Affonso (Hospital do Servidor Público Estadual São Paulo, S.P. e Centro Universitário UniFMU São Paulo, SP)*

Na maioria das vezes, consultas médicas, exames clínicos e internação hospitalar não costumam ser práticas agradáveis, e para as crianças são ainda mais tensas e amedrontadoras.

Muito tem sido feito para minimizar a ansiedade e a angústia das crianças às consultas aos ambulatórios e laboratórios pediátricos. A presença da mãe durante a hospitalização, bem como de seus brinquedos e objetos preferidos tornam a internação mais suportável.

Na Psicologia Hospitalar a investigação psicológica é muito utilizada, agilizando o encaminhamento para tratamentos especializados, contribuindo para o diagnóstico diferencial das patologias e auxiliando na orientação da equipe multidisciplinar quanto a conduta em relação ao paciente, diminuindo assim o efeito iatrogênico do tratamento médico hospitalar.

No atendimento à criança, as entrevistas com os pais e a bateria psicométrica permite a expressão dos recursos intelectuais, das representações de sentimentos e das emoções, enfim, favorece a compreensão do mundo interno da criança.

Nesse sentido, pensar-se em novas técnicas para investigação pré-cirúrgica de crianças, parece-nos uma tarefa árdua. Além dos recursos com os quais já contamos como: entrevistas, testes projetivos, utilização de histórias infantis, qual seria a novidade nessa área? O interesse pelo novo far-se-ia em função dessas técnicas mostrarem-se obsoletas e não mais evidenciarem condições para a investigação psicológica?

A apresentação do material clínico tem como objetivo esclarecer que a conduta clássica ainda apresenta-se de modo eficaz na avaliação psicológica infantil.

Trata-se de um menino de 10 anos encaminhado pela Oncopediatria à Seção de Psicologia do Hospital do Servidor Público Estadual para a realização de um Psicodiagnóstico visando esclarecer à equipe quanto as suas condições emocionais em função de uma intervenção cirúrgica para retirada de um tumor de Ewing no ilíaco.

Cursa a 3ª série e a mãe refere que nos 1º e 2º anos o aprendizado não era bom, mas como não há reprovação na escola estadual chegou no 3º ano completamente sem condições. Segundo a professora deveria ser encaminhado para classe especial.

As técnicas utilizadas nessa avaliação foram: entrevistas, teste projetivo Casa, Árvore e Pessoa e a escala Wechsler de inteligência infantil (WISC)

No Wisc o rendimento intelectual encontra-se na faixa limítrofe, sendo dotado de melhor potencial. A discrepância entre as áreas verbal e execução é sugestiva da influência de fatores emocionais na mobilização dos recursos intelectuais.

Os desenhos foram bem elaborados evidenciando condições para organizar e analisar de modo minucioso os fatos observados no meio ambiente.

É bastante evidente em seu grafismo a iminência de perda e a angústia que essa vivência estimula. Todavia, denota habilidade para elaborar o processo cirúrgico bem como os procedimentos pós cirúrgicos.

Conclusão: Trata-se de uma criança com melhor potencial intelectual do que o que está mobilizando no momento. A dificuldade para utilizar os conteúdos cognitivos de modo pleno se faz pela influência de fatores emocionais.

A equipe da Oncopediatria foi esclarecida quanto a capacidade do paciente suportar a cirurgia o que agilizou o agendamento da intervenção cirúrgica e a professora foi orientada sobre a contra indicação da classe especial.

Palavras-chave: Psicologia Hospitalar; Bateria psicométrica; Psicodiagnóstico

*****

TEP 49

VALIDAÇÃO FATORIAL DA INVENTÁRIO DE DEPRESSÃO DE BECK. *Rita de Cássia Gandini, Maria do Carmo Fernandes Martins, Marjorie de Paula Ribeiro* e Daniela Torres G. Santos* (Laboratório de Técnicas de Exames Psicológicos e de Pesquisas Avançadas em Psicologia, Faculdade de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG)*

Tem-se notado que a depressão é uma doença cuja incidência tem aumentado muito nos últimos anos, particularmente entre os pacientes oncológicos. Dada a importância do diagnóstico precoce para terapêuticas adequadas nos aspectos psicológicos e psiquiátricos, o estudo do tema reveste-se de enorme relevância. Todavia, a maneira de medir a depressão tem sido um sério problema manifesto nos estudos ao longo dos anos. Classicamente, a Psiquiatria utiliza-se de instrumentos com validade de conteúdo que, entretanto, não possuem provas de validade psicométrica. A preocupação com a validade e fidedignidade no diagnóstico levou estas pesquisadoras a tentar contribuir com a área, buscando qualidades psicométricas no Inventário de Beck, dada sua ampla utilização entre os profissionais da área. O Inventário de Depressão de Beck foi, então, adaptado semanticamente de forma a tornar seus itens mais claros. Além disso, a escala de respostas foi uniformizada, de modo que todos os itens pudessem ser respondidos em escalas de 4 pontos. Entretanto, cada item era apresentado como um conjunto e cada um dos 4 pontos da escala de respostas era escrito como frase independente, de modo a facilitar a interpretação do sujeito. O questionário com 21 itens foi aplicado a 118 sujeitos, todos do sexo feminino, pacientes com diagnóstico de diferentes tipos de câncer, tratados no Hospital de Clínicas da Universidade Federal de Uberlândia, com média de idade de 53 anos e desvio padrão de 12,86, o que indica grande variação entre idades máxima e mínima. Do total de sujeitos, 45% possuía até 8a. série do primeiro grau. Os dados foram codificados no SPSS e as respostas dos sujeitos foram submetidas à análise dos componentes principais. Os critérios de adequação da fatorabilidade da amostra foram testados por meio do índice de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO), cujo resultado mostrou-se satisfatório (0,84), bem como do Teste de Esfericidade de Bartlett (qui-quadrado= 624,68, gl = 210, p< 0,001). Para a seleção dos fatores, utilizou-se como critério, eigenvalue de 1,5. Foram extraídos 2 fatores, responsáveis pela explicação de 38% da variância total. A interdependência entre os fatores foi verificada através da análise da intercorrelação entre os mesmos. Por isto, a rotação utilizada para a extração dos fatores foi a Oblimin. Para a seleção dos itens, o critério utilizado foi o de cargas fatoriais ? 0,30. A análise da fidedignidade dos fatores mostrou "Alphas de Cronbach" de 0,83 e 0,71. A fidedignidade total da escala foi de 0,85. A interpretação dos fatores, baseada na análise do conteúdo de seus itens, mostrou que eles poderiam ser designados como "Sintomas Gerais de Depressão" e "Intensificação dos Sintomas de Depressão". Com esses dois fatores, pode-se afirmar que o Inventário é válido do ponto de vista fatorial, além de apresentar, no seu conjunto, índice de fidedignidade adequado para diagnóstico. Todavia, a fidedignidade do fator 2 precisa ser reavaliada para que atinja índices mais adequados.

Projeto Financiado pelo CNPq/PIBIC - processo 106/2000
Palavras-chave: Escalas de medida, Depressão, Psico-diagnóstico em oncologia

*****

PSICOLOGIA DO ESPORTE

PSICOLOGIA FORENSE

PSICOLOGIA DA RELIGIÃO

OUTRAS ÁREAS DA PSICOLOGIA

ESP 01

O AUTOCONCEITO NA PRÁTICA DE MUSCULAÇÃO. *Lucas da Silva Barbosa**, Tândrécia Cristina de Oliveira** e Maria Alice D'Amorim (Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, RJ)*

Observa-se atualmente uma transformação profunda dos hábitos, costumes e crenças relacionados ao corpo, o qual passa a se tornar uma medida de identidade pessoal e até mesmo da personalidade, funcionando como um cartão de visitas e justificando, em parte, o chamado "culto ao corpo". Esta valorização do corpo acaba por criar uma imagem corporal ideal, um padrão desejável para muitos que, por vezes, optam por procurar uma academia onde possam modelar seu corpo a fim de se enquadrarem no padrão pré-estabelecido. Desta forma a musculação surge como uma opção, visto que a sua prática, apesar de não possuir um caráter lúdico, conduz a um ótimo resultado no que se refere à modelagem do corpo. Sendo o corpo uma medida da identidade pessoal, pode-se entender a sua importância na construção do autoconceito, já que este se constitui numa percepção organizada que o indivíduo tem de si mesmo. O autoconceito, apesar de ter uma estrutura fatorial, apresenta uma interdependência entre seus componentes. Considera-se, assim, que uma modificação em um de seus fatores pode resultar numa modificação dos demais, o que justifica a investigação da influência da prática de musculação sobre seus diversos fatores, que são: segurança do self pessoal, expressando a confiança em si mesmo; atitude social, referindo-se à sua maneira de interagir com os outros; autocontrole do self pessoal, compreendendo as percepções da maneira como o indivíduo disciplina sua atividade, as suas relações e a sua interação com o mundo; self ético moral, expressando características ético-morais do indivíduo; self somático, relacionando-se ao grau de satisfação do indivíduo com seu corpo; receptividade do self social, indicando o grau de abertura aos outros. Para testar a hipótese de que a prática de musculação influencia de forma positiva o autoconceito 129 sujeitos responderam à Escala Fatorial de Autoconceito (EFA), com idade média de 24,45 anos, sendo 88 praticantes de musculação e 41 não praticantes, os escores destes dois grupos (praticantes e não praticantes) foram comparados através do teste t de Student, revelando que o primeiro grupo (praticantes) apresentou médias maiores que o segundo em todos os fatores da EFA, porém estas diferenças somente foram significativas nos seguintes fatores: segurança do self pessoal ($t = 2,925$; $p<0,004$), self somático ($t = 2,413$; $p< 0,017$) e receptividade do self social ($t = 3,017$; $p< 0,003$). Tais resultados permitem concluir que a prática de musculação traz benefícios ao autoconceito, à medida que faz com que o indivíduo se sinta mais satisfeito com seu corpo, mais confiante em si e mais aberto para as outras pessoas.

Palavras-chave: Autoconceito, Musculação, Atividade Física

*****

ESP 02

ESPORTE: SUA CONTRIBUIÇÃO NA CONSTITUIÇÃO DA AUTO-IMAGEM E NA PERCEPÇÃO DE SUCESSO. *Alessandra Rezende da Silva** e Lucimar Gomes Assis** (Pontifícia Universidade Católica de Campinas, SP)*

A auto-imagem sempre foi e será objeto de estudo de pesquisadores de várias áreas. O auto conceito é produto da experiência do indivíduo e conta com dois processos associados, a auto imagem que se refere à avaliação de si e a auto-estima que é a indicadora do sentimento resultante dessas avaliações. A auto-imagem positiva tem fundamental importância no meio social e o esporte constitui uma estratégia importante na contribuição na sua construção. Embora a percepção de sucesso seja identificada como essencial para auto-imagem, as diferenças individuais na forma de conceptualização desta competência não têm sido estudadas. A importância da prática sócio-esportiva parece ir além do aspecto, puramente, da saúde física do homem. É possível perceber-se o desenvolvimento das relações sócio afetivas, a comunicabilidade, a sociabilidade, ajustando socialmente este homem ao meio em que vive. O esporte tem como característica criar situações, nas quais as relações interpessoais ocupam um papel relevante, e que permitem que o indivíduo praticante busque dentro do meio esportivo o que mais lhe convém para seu desenvolvimento pessoal (físico e psicológico). Esta pesquisa tem como objetivo investigar a auto-imagem e a percepção de sucesso que a criança tem, comparando alunos que freqüentam um programa esportivo com os que não freqüentam. São sujeitos alunos de um colégio particular, do interior de São Paulo, dos quais 11 praticam esporte (3 anos e 8 meses) e 11 que não praticam (3 anos e 6 meses). Para tanto foi utilizado um questionário de percepção de sucesso e uma escala de auto-imagem. Os resultados obtidos permitem identificar que para os sujeitos que praticam esporte, a percepção de sucesso está vinculada ou orientada pela tarefa (45% a 90%), enquanto para os que não praticam esporte, embora ainda tenham na tarefa uma orientação de sucesso, esta visão não é tão marcada (45%-70%). Na escala de auto imagem os sujeitos apresentam um comportamento de auto valorização (64%) abaixo daquele apresentado pelos que não praticam esporte. Este último resultado não acompanha os dados de pesquisas anteriores, o que evidencia a necessidade de se avaliar as diferenças entre os sujeitos investigados para que se possa chegar a alguma conclusão mais efetiva. Entretanto, como não é possível que sempre e em tudo nos sintamos acima da média em desempenho, a avaliação com base na tarefa, e não por comparação social, é elemento fortalecedor e orientador na estruturação e fortalecimento da auto-estima. Os resultados demonstram em geral que o esporte pode influenciar na constituição da auto - imagem.

Palavras-chave: Auto-imagem; Esporte; Percepção de sucesso

*****

JUR 01

PSICOLOGIA FORENSE: TENDÊNCIAS E PERSPECTIVAS. *Cláudia Maria Tavares** (Puc-Campinas; Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, São João da Boa Vista - SP)*

O trabalho tem como objetivo a pesquisa da produção científica referente ao campo da Psicologia Forense, sendo fundamental para avaliar o atual estágio de desenvolvimento dessa área da ciência. Utilizamos como material três Bases de Dados, as quais foram consultadas através da Internet, além dos Resumos das Reuniões Anuais de Psicologia e dos Anais do III Congresso Ibero-Americano de Psicologia Jurídica, estes dois últimos consultados diretamente. Analisamos a categoria de publicação, país de origem, os temas específicos, a natureza dos trabalhos (prático ou teórico) e o tipo de autoria. Foi aplicado o teste estatístico não paramétrico do Qui-quadrado visando a avaliar se as diferenças obtidas nas freqüências foram significativas. Os resultados indicaram a predominância da categoria artigos de periódicos (51 %). No decorrer do período de 1968 a 2000 encontramos avanços e recuos, não indicando um desenvolvimento linear e contínuo. Houve ocorrência de pico referente à categoria eventos científicos em 2000, devido ao III Congresso Ibero-Americano de Psicologia Jurídica ter ocorrido no Brasil. Como a Base PsycLIT não aponta a origem do país da categoria artigos de periódicos, observamos um percentual elevado de dados indisponíveis referente ao país de origem dos trabalhos, ou seja, 47,63%. O Brasil apresentou maior número de produção, com o percentual de 25, 60 % (seguido pelos U.S.A., que alcançou o percentual de 18, 74%) também devido ao evento mencionado acima, indicando supremacia da produção científica externa sobre a nacional. Quanto ao tipo de autoria, predominou a autoria única, sinalizando que o estudo de Psicologia Forense ainda é individualizado, com pouco intercâmbio com outras áreas (Sociologia, Direito, Medicina, Serviço Social) bem como com pouca troca entre as instituições. No que tange à natureza da produção houve significativa predominância das produções teóricas, com nível de significância $X2 = 608,18$. A análise temática indicou o maior volume de trabalhos referentes à Crime, 23,74 %; Técnica, 16,73%; Histórico da Psicologia Forense, 7,72%; e Ética, 5,43 %, seguido por outros percentuais menos significativos. Apresentou-se relevante o pouco interesse pelo tema ética nos trabalhos nacionais, o que não ocorreu com a produção internacional. Entretanto, paradoxalmente, o baixo índice dessa freqüência nacional (1,09 %) foi compensado pela preocupação com a formação profissional especializada (5,98%). Verificou-se que o profissional de Psicologia Forense ainda está restrito a algumas funções e necessita unir esforços não somente no sentido de manter o campo já aberto, mas de fazê-lo crescer. Vários profissionais compreendem a importância de que a Psicologia Forense estabeleça modelos conceituais diversos dos utilizados na área Clínica. Assim sendo, há necessidade de aumentar o número de pesquisas referentes à influência do contexto social no desenvolvimento do ser humano e evitar que os instrumentos utilizados sirvam ao estigma. Sugere-se a necessidade de realização de pesquisas em várias áreas da Psicologia aplicada ao Direito.

Palavras-chave: Psicologia Forense; Psicologia Judiciária; Psicologia Jurídica

*****

REL 01

A MANUTENÇÃO E AS ADAPTAÇÕES DA SIMBOLOGIA JUDAICA DENTRO DA SOCIEDADE BRASILEIRA SEGUNDO A PERCEPÇÃO DE UM JUDEU. *José Carlos Gomes da Silva, Andressa Silva Freitas*, Elayne de Moura Braga*, Fernanda Maria Lima de Miranda*, Lúcia Silva Spósito*, Luciana Medeiros Machado*. (Faculdade de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG)*

O judaísmo atualmente não é visto apenas como uma comunidade religiosa, mas como uma comunidade étnica, rica em valores, crenças e costumes que estão ligados a ritos tradicionais e milenares. Mas apesar de ser um grupo étnico altamente organizado, sua história vem sendo marcada por conflitos territoriais e sua cultura modificada ao longo da história, pois ao serem separados pelo mundo desde o episódio da Diáspora, muitos judeus perderam parte de suas características de origem ou converteram-se a uma outra religião para fugir da perseguição e até mesmo do preconceito das sociedades "adotivas". Com este fenômeno da dispersão pelo mundo, houve um choque e uma mistura de costumes entre o judaísmo e a cultura na qual os judeus se inseriram trazendo modificações nos campos simbólico, político e social. Mesmo assim, muitas das práticas milenares judaicas foram e continuam sendo mantidas. Assim sendo, o objetivo desta pesquisa foi obter maiores informações sobre o judaísmo e identificar as modificações e adaptações feitas para que muitas de suas tradições fossem mantidas. Inicialmente realizou-se uma pesquisa bibliográfica e posteriormente uma entrevista não estruturada com um judeu de aproximadamente 35 anos, residente na cidade de Uberlândia. Após a coleta das informações, as gravações foram ouvidas e o conteúdo a ser analisado selecionado, a fim de que fossem priorizados os aspectos de relevância para o presente estudo. Um pouco da história, costume e símbolos significativos para o povo judeu foi relatado e verificou-se que com o processo de inserção em uma nova cultura como a brasileira, muitas transformações políticas, sociais e econômicas afetaram de alguma forma a cultura judaica que para manter-se na sociedade adotiva, fato que fazer

algumas modificações de hábitos e costumes: Os casamentos inter-étnicos começaram a ocorrer com uma freqüência cada vez maior, o que antes era pouco observado, o enterro não pôde continuar com todos os ritos tradicionais, as orações passaram a ser realizadas em casa pois a cidade não possui uma Sinagoga, os trabalhos aos sábados, dia esse sagrado para esta cultura, passaram a ser inevitáveis e o Kipá passou a não ser utilizado fora de casa. Estas adaptações são necessárias visto que muitas vezes a cultura é alvo de preconceito. Assim sendo, concluiu-se que embora o Judaísmo seja uma religião totalmente arraigada numa tradição milenar, não é possível isolá-la da influência de outras culturas, ainda mais quando não há uma delimitação política e/ou econômica para uma etnia. E na condição de vítima deste etnocentrismo, as modificações de alguns costumes são condições primeiras para que possam ser aceitos em uma sociedade onde a moral e os costumes burgueses são os que vigoram.

Palavras-chave: Judaísmo; Cultura; Modificações

*****

REL 02

UMA ANÁLISE COMPORTAMENTAL-COGNITIVA DE UM PROGRAMA DE MUDANÇA DO PAPEL SEXUAL NA IGREJA EVANGÉLICA. *Eduardo Augusto Rosa Santana*, Pablo Fernando Souza Martins*, Elson Kagemoto*, Paula Márcia Ferreira Bocchi Reis*, Angélica Pereira Rosa*, Renata Bastos de Melo*, Rosedrix Aparecida Zamulo de Castro*, Renata Ferraz Fernandes Lopes (Faculdade de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, MG); Marcelo Martins Fernandes (Faculdade de Filosofia, Artes e Ciências Sociais, Universidade Federal de Uberlândia, MG)*

Dentro das religiões cristãs, o homossexualismo é visto de três formas diferentes: possessão demoníaca, desvio de comportamento e estilo de vida alternativo. A Igreja evangélica adota a idéia da possessão demoníaca para explicar esta escolha do papel sexual. Com isso, algumas dessas instituições religiosas desenvolvem programas de "recuperação" que propõem uma "cura" desse "mal" através da expulsão do espírito maligno. O objetivo deste trabalho foi entender o processo e as técnicas utilizadas pela Igreja evangélica para a modificação da escolha do papel sexual a partir de um referencial comportamental-cognitivo. Para isso, foi feita entrevista com um ex-homossexual de 29 anos, casado, com dois filhos e com oito anos de conversão e alteração da escolha sexual. Utilizou-se um questionário semi-estruturado contendo questões sobre o processo de conversão e sobre as técnicas utilizadas para a modificação e manutenção do novo papel sexual (heterossexual). A análise do discurso mostrou que, no processo de triagem, o fator primordial para o início do tratamento era a vontade do sujeito de mudar, colocando "Cristo Jesus" como libertador (a figura de Cristo parece ser colocada como reforçador negativo para as idéias de condenação ao inferno e de possibilidade de se adquirir aids). O sujeito selecionado passa por um processo de seis meses em que se vai "implementando" mudanças nos desejos e comportamentos homossexuais. Para tal, são utilizados cultos, orações, aconselhamentos e atividades de trabalho e lazer (reforçadores positivos). Utiliza-se uma modelagem por aproximações sucessivas para modificar os "trejeitos" apresentados pela pessoa. Após este processo, a pessoa não deve retornar a ambientes e amizades relacionados à sua orientação homossexual (discriminação de estímulos). Além disso, um trabalho é realizado com a família no sentido de que a nova convivência no lar seja reforçadora da orientação heterossexual. Conclui-se que além dessas técnicas comportamentais utilizadas para a modelagem do comportamento heterossexual, estabelece-se nos sujeitos um conjunto de distorções cognitivas tais como pensamento dicotômico e maximização do negativo para a construção de cognições heterossexuais, "ensinando-os a serem homens de verdade", ou seja, a pessoa acredita que a heterossexualidade implica ser pura, boa, cristã, normal e que ser homossexual implica ser sujo, mau, abrindo as portas para a possessão demoníaca (maximização do negativo). Esses eventos geram vários pensamentos automáticos negativos acerca do homossexualismo e se estabelecem crenças secundárias desadaptadas ligadas ao núcleo obsessivo-compulsivo do tipo "se sou heterossexual, então não erro, não falho. Erros são maus e a homossexualidade é um erro." Também são atividades crenças centrais de falta de amor e de desamparo são relacionadas à homossexualidade.

Palavras-chave: Igreja evangélica; Homossexualidade; Abordagem comportamental-cognitiva

*****

REL 03

DEMÔNIO COMO ESPAÇO PARA A MANIFESTAÇÃO DA SOMBRA: UMA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA ANALÍTICA NOS CULTOS DE LIBERTAÇÃO DA IGREJA UNIVERSAL. *Cristiane Moreira de Azevedo*, Fábio Pereira Angelim*, Giuliana Hernandes Côrtes*, Leonardo Monteiro de Castro e Silva*, Miguel Ricardo de Carvalho Vargas*, Raquel Rodrigues Capucci*, Weiner de Melo Martins*. (Universidade de Brasília - DF)*

A sombra seria, para Jung, uma representação de impulsos e vontades considerados maléficos, que as pessoas geralmente não estariam dispostas a perceber como parte delas mesmas. No aspecto pessoal, sombra é o conjunto de conteúdos excluídos da estrutura consciente da psique, sendo esses recalcados. A sombra, enquanto arquétipo do caráter coletivo, é representada socialmente, sendo, na cultura cristã, o diabo e os demônios suas maiores expressões culturais. A psicologia analítica entende que os conteúdos relacionados à sombra do indivíduo podem vir à consciência, mesmo que de maneira indesejada por esta. Ao apresentarem-se por meio de sonhos e livre associação, esses conteúdos podem fazer com que o indivíduo admita-os e busque modificações necessárias para seu desenvolvimento. Socialmente, a sombra, ao se manifestar por meio dos mitos, dificulta que o indivíduo assuma seus conteúdos, daí a necessidade de manter demônios sob controle. Esta pesquisa tem por objetivo analisar o arquétipo da sombra no contexto da Igreja Universal do Reino de Deus, abordando a natureza pessoal e coletiva deste fenômeno. A metodologia pode ser dividida em duas etapas: análise do discurso dos pastores da Igreja e análise das entrevistas feitas com os fiéis. O discurso dos pastores foi gravado em três cultos de Libertação e submetido à análise de conteúdo. Seis fiéis foram entrevistados, após o culto de libertação, a respeito do que é o demônio para eles e de como eles vivenciaram sua influência. O discurso dos pastores define o demônio e o coloca como algo que pode possuir as pessoas, que deve ser manifestado e exorcizado durante o culto de Libertação - culto destinado à manifestação dos demônios presentes nas vidas dos fiéis. Os fiéis entrevistados descreveram o demônio como uma força que os altera emocionalmente e em sua saúde. Nas observações dos cultos, percebeu-se que os demônios manifestados não conseguem abranger a totalidade da sombra dos fiéis, pois há a limitação das determinações apresentadas pela igreja do que é o demônio. As observações levaram à percepção de que os demônios, enquanto representações da sombra, seriam uma persona da sombra - uma máscara construída socialmente pela qual o indivíduo se permite demonstrar os seus conteúdos recalcados. Desta forma, o indivíduo os percebe como uma força sobre-humana situada fora de si, se relacionando com sua sombra apenas pela persona. Este estudo é o início de uma pesquisa a respeito da expressão da sombra por meio dos cultos da Igreja Universal do Reino de Deus. Não é conclusivo, mas visa impulsionar novas linhas de pesquisa, sendo também uma busca de compreensão da psicologia analítica na cultura popular brasileira como locus da manifestação dos arquétipos universais.

Palavras-chave: Sombra; Representações arquetípicas; Persona da sombra

*****

OUT 01

AVALIAÇÃO EM SAÚDE MENTAL: METODOLOGIA DE CONSTRUÇÃO DE INDICADORES PARA O CAMPO DA ATENÇÃO PSICOSSOCIAL. *Patty Fidelis de Almeida** e Sarah Escorel (Escola Nacional de Saúde Pública - Fiocruz/RJ)*

O campo da atenção psicossocial no Brasil vem gradativamente delineando-se como um espaço cuja marca é a diversidade de linhas teóricas, de propostas terapêuticas e de objetivos, tendo em vista a reforma da assistência psiquiátrica e a mudança do paradigma asilar/hospitalocêntrico de tratamento. Neste sentido, é inegável que a atenção em Saúde Mental vem sofrendo mudanças significativas no país. Contudo ainda são escassos os estudos que priorizam a avaliação de serviços substitutivos como os Centros de Atenção Psicossocial - CAPS, principalmente em relação à qualidade, como também, no que refere-se ao acompanhamento dos resultados obtidos. O fato de lidar com uma prática que vem sofrendo transformações importantes, impõe-nos o desafio de produzir indicadores aceitáveis e passíveis de aferição, por meio dos quais seja possível traduzir concepções gerais em ferramentas de avaliação. Nesta perspectiva, este projeto traz como proposta fornecer maiores subsídios ao desenvolvimento de metodologias de construção de indicadores para a avaliação da assistência em Saúde Mental prestada por um CAPS da cidade do Rio de Janeiro. Parte-se do princípio de que entre os atores do processo terapêutico, os técnicos teriam maiores possibilidades de fornecer dados relevantes sobre a realidade a ser estudada e um maior conhecimento da teia de relações imbricadas no cotidiano da atenção. Além disso, ao fazer da equipe parte do estudo pretendeu-se contribuir para a formação de uma cultura de avaliação no interior do serviço, cuja proposta é a possibilidade de democratizar informações e decisões. Para atingir esses objetivos, propõe-se a utilização da metodologia de avaliação participativa, na qual a participação dos implicados na assistência seria um dos elementos capazes de retirar o avaliador da posição solitária de único agente valorativo. A metodologia de avaliação proposta contou com as seguintes etapas: pesquisa bibliográfica; estudo exploratório sobre a rede de saúde mental do município do Rio de Janeiro; pesquisa documental, atas das reuniões de equipe em que foi discutido algum tema relativo à avaliação e resultados da atenção prestada; observação participante das reuniões de supervisão da equipe, aplicação de questionários entre os técnicos para identificar processos de avaliação já desenvolvidos e concepções sobre avaliação em Saúde Mental. À luz dos dados coletados nas etapas anteriores, iniciou-se a realização dos grupos focais com a equipe técnica do CAPS para captar crenças, valores e representações sobre o atendimento prestado, possíveis critérios de avaliação e discussão dos dados obtidos durante o estudo. Os grupos focais são instrumentos de pesquisa que permitiram ao investigador captar aspectos normativos e valorativos presentes em um determinado grupo. Especificamente em avaliação, o objetivo foi compreender o que aconteceu com o projeto e possíveis contribuições para ações futuras. Uma das grandes vantagens da utilização desta metodologia foi a geração de dados por meio da interação entre os atores envolvidos, além da facilidade em combiná-la a outros instrumentos de pesquisa como questionários, entrevistas, etnografia e observação. Utilizando os instrumentos

acima descritos, pretende-se que o processo da produção de indicadores, ganhasse em confiabilidade e legitimidade entre os atores sociais envolvidos no contexto da assistência.

Palavras-chave: Serviços de saúde mental; Metodologia de avaliação; Indicadores

---

OUT 02

ADOLESCENTES EM CONFLITO COM A LEI: CONSTRUINDO UMA METODOLOGIA DE INTERVENÇÃO SISTÊMICA NO CONTEXTO DA JUSTIÇA

*Maria Fátima Olivier Sudbrack, Liana Fortunato Costa, Maria Aparecida Penso**, Maria Lizabete de Souza Pinto**, Sandra Eni F.N.Pereira**, Omar Alejandro Bravo**, Ana Cláudia Chagas Estelita Lins* e José Leonardo Neves e Silva* (PRODEQUI - Programa de Estudos e Atenção às Dependências Químicas/Departamento de Psicologia Clínica / Instituto de Psicologia / Universidade de Brasília / Brasília, DF)*

O trabalho descreve as atividades de um projeto de pesquisa-ação que investiga sobre as inter-relações entre a drogadição e a delinquência juvenil, numa perspectiva sistêmica e da psicossociologia clínica conforme propõe Jacques Selosse. O objetivo do projeto é a construção de uma proposta técnica de intervenção para adolescentes em conflito com a lei, no contexto da medida sócio-educativa que atenda a complexidade das situações implicadas no atendimento desta clientela. O pressuposto básico do trabalho é de que a medida judicial deve integrar a abordagem de três dimensões fundamentais que a constituem, a saber: a sanção, a orientação sócio pedagógica e a reparação. A metodologia de intervenção proposta coloca-se no sentido de construir um sistema educativo onde os diferentes segmentos implicados possam estar em consonância na proposta de trabalho com cada adolescente. A medida judicial é reconhecida como contexto de possibilidades a partir de sua significação enquanto referência da lei simbólica e da proteção dos direitos e da cidadania das crianças e adolescentes em situação de risco, dentre os quais se inserem os adolescentes em conflito com a lei. Numa perspectiva da complexidade, entende-se que o trabalho psicológico a ser realizado deve situar-se nos diferentes níveis de expressão da demanda, considerando-se tanto os adolescentes, como suas famílias e a própria instituição executora da medida. O projeto a ser apresentado abrange diferentes atividades integrando pesquisa, ensino e extensão. No que se refere à pesquisa, inclui uma tese de doutoramento e uma de mestrado em Psicologia Clínica, além de um projeto de Atendimento Integrado, nos quais se investiga metodologias de intervenção clínica e c na perspectiva de atendimento grupal, tanto dos adolescentes como de seus familiares e dos educadores componentes das equipes profissionais da instituição. Serão descritas e ilustradas no painel as diferentes atividades desenvolvidas, bem como os resultados obtidos, nos diversos projetos.

Palavras-chave:

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abbad, G. 64, 246, 250, 252, 254, 256, 261
Abdon, S.J.S. 307
Abib, J.A.D. 280
Abrahão, J.I. 102
Abrão, J.L.F. 241
Abreu, K.L. 285, 370
Abreu, M.M.G. 234
Abreu-Rodrigues, J. 217, 219, 220
Affonso, R.M.L. 329
Aguiar, A.A.R. 63
Abdo, A.L.R. 129
Akerman, E. 294
Albernaz, J.V. 251, 256
Alberti, S. 292
Alberto, M.F.P. 316
Albuquerque, A.R. 30
Albuquerque, F.J.B. 64, 74, 135
Albuquerque, M.P. 294
Alcântara, M.A.R. 271
Alcantara, R.M. 315
Alchieri, J.C. 32, 328
Alcocer, E.M.L.S. 74, 286, 299
Almeida, A.M.O. 206
Almeida, F. 62
Almeida, F.M.C. 312
Almeida, I. 62
Almeida, L.P. 137
Almeida, L.P. 295
Almeida, L.P.T. 173
Almeida, M.A. 212
Almeida, N.F. 205, 312
Almeida, P.C.A. 210
Almeida, P.F. 332
Almeida, R.P.D. 226
Almeida, S.D.C. 160
Almeida, S.F.C. 185
Almeida, S.M. 274
Almeida, S.P. 95
Almeyda, L.F.C. 325
Almeyda, M.A.S. 146
Almeyda, P. 267
Almeyda, V.C. 220
Alves Filho, A. 64
Alves, A.F. 253, 256, 261
Alves, A.P. 310
Alves, A.R. 255
Alves, A.Z.C. 37
Alves, C.M. 285
Alves, C.R.R. 135
Alves, F.C.B. 33
Alves, K.R. 195, 319
Alves, K.R.S. 73, 124
Alves, L.H.J. 42
Alves, M. 228
Alves, M.P. 305, 322
Alves, M.R. 230
Alves, N.T. 266
Alves, P.B. 284
Alves, S.H.S. 135
Amado, L.A.S. 37
Amélucia, J.M. 306
Amaral, K.C. 285
Amaro, C.B. 125
Amatucci, M.M. 130
Amaziliano, M.L.T.M. 86
Amorim, C. 218, 225
Amorim, C.A. 85, 270
Amorim, E. 230
Anad, J. 177
Antonni-Lopes, M. 210
Andery, M.A. 218, 225
Andrade, Júnior, H. 132, 322, 324
Andrade, A.M.F. 290, 347
Andrade, A.S. 286
Andrade, C.F. 328
Andrade, D.C. 272, 273
Andrade, D.C.A. 198
Andrade, D.V. 146, 319
Andrade, J.R. 193, 235
Andrade, J.M. 77, 306, 307
Andrade, L.C. 122
Andrade, L.C. 262
Andrade, L.V. 300
Andrade, M. 136
Andrade, P.R. 299
Andrade, R. 134
Andrade, R.B. 276
Andrade, R.C.N. 300
Angelim, F.P. 216, 226, 332
Ângelo, L.F. 301
Anjos, A.M. 173
Anjos, A.R. 325
Antloga, C.S. 65
Antoni, C. 59
Aparecida, E.K. 327
Aquino, T.M. 196
Araújo, T.B.A. 207, 247
Arcanjo, M.L.N. 293
Araújo, A. 298
Araújo, A.T.S. 254
Araújo, C.A.S. 285
Araújo, D.T. 246
Araújo, E.A.O. 308
Araújo, L.B. 42
Araújo, L.S.A. 185
Araújo, M.A.P. 57
Araújo, M.F. 49
Araújo, M.L.G. 63
Araújo, M.S. 60
Araújo, P.M. 53
Araújo, R.A. 317
Araújo, R.R. 278
Araújo, S.F. 17, 109
Araújo, S.H. 293
Araújo, T.M. 283
Araújo, V.F. 235
Arcanjo, R.J.J. 12, 74
Arguimbau, J.L. 277
Argolo, J.C.T. 39
Arrifi, M.V. 248, 327
Arrior, G. 231, 270
Arrue, M.E.C. 202
Arón, M.L. 289, 330, 322
Arruda, A. 97, 309
Assíni, L.C. 123
Assis, E.B. 295
Assis, E.M.V. 270
Assis, G.J.A. 73, 122, 126
Assis, R.M. 239
Assmar, E.M.L. 26, 76, 98
Assunção, C. 217
Athayde, M. 272
Ávila, A.O.V. 181
Ávila, R.R. 228, 257
Ayres, H.F.F. 28, 29, 252
Azevedo, C.M. 235, 332
Azevedo, M.A.S.S. 247
Azevedo, N.S.N. 61
Azoni, L.G. 332
Azzi, R.G. 207, 208, 220, 247

B

Bacchiega, F. 187
Bachtold, A.P. 265
Baier, C.A. 229, 320
Balbino, V.R. 250
Baldissera, S.C. 262
Bandeira, M. 45, 92, 93, 291, 296
Bandeira, M.E.M. 161
Bandini, C.S.M. 31
Baptista, M.N. 45, 231, 270, 278, 321
Baptista, M.Q.C. 73
Barba, L.S. 192
Barbato, S. 25
Barbiani, A.R. 166
Barbosa, C.A. 322, 293
Barbosa, D.R. 287
Barbosa, E.S.A. 323
Barbosa, J.A. 229, 252
Barbosa, L.R. 131, 322
Barbosa, M. 324
Barbosa, M.J.S. 218
Barbosa, M.L.L. 158
Barbosa, M.T. 239
Barbosa, S.C. 39
Barbosa, L.S. 251, 324, 331
Barcellos, L.F. 213
Barham, E.J. 253, 256, 261, 301
Bariani, I.C.D. 285, 246
Barlotta, J.B. 280
Barreiro, C.R.A. 141
Barreira, S.D. 35
Barreto, A.C. 92
Barreto, F.F.F. 309
Barreto, M.C.M. 92, 93
Barreto, M.Q. 225
Barroso, S.M.S. 36
Barros, A.M.C.M. 62
Barros, L.P. 239
Barros, R.C. 206
Barros, R.S. 44, 72, 129, 223
Barros, R.S. 97
Barroso, S. 63
Bastos, A.C.S. 79, 171, 210, 282
Bastos, A.V.B. 29, 103, 253, 257
Bastos, C.A.S. 317
Bastos, F.G. 172, 175
Bastos, I.O. 24
Bastos, M.G.A. 217
Batista, C.G. 163, 264
Batista, T.R. 220
Batmbeu, S.P. 232
Bello, R. 234
Bellucci, L. 158
Brito, R.P. 133
Benedetti, L.O. 215
Benites, D. 259
Benjamin, M.S. 250
Bento, J.S. 207
Bernard, M.A.M. 256
Bertoni, P.G. 160
Besso, V.H. 297, 299
Bessel, V.L. 165
Betarra, F.C.C. 45, 50, 329
Betarra, K.R. 267
Biegi, T.A.I. 232
Bianchi-Alves, Z.M.M. 78
Bica, F. 158
Bianchi, L.V.B. 128
Bicudo, C. 196, 286
Bittencourt, E.A. 234
Bittencourt, V. 170, 211
Bizeu, J. 298, 296
Boarini, M.L. 95
Bock, A.M.B. 07, 42
Bohrenstiel, M.A. 98
Bomfim, D.M. 255
Bonfim, T.C. 283
Bonnicini, C.R. 53
Borchardt, C.C. 50
Bordin, M.B.M. 70, 278
Borges, A.G. 220
Borges, C.D. 208, 227
Borges, L.O.08, 39, 64, 65, 257, 258, 263
Borges, M. 174, 325
Borges, N.B. 235
Borges, N.R. 186
Borges-Andrade, J.E. 94
Bortz, T.B. 148, 149, 192, 226
Bortolleroz, L. 259
Bortoloti, R. 66, 127
Borzchevitch, E. 70, 198, 200, 203, 275
Bosi, C.A. 176
Both, N.L.S. 278
Braga, A.B.C.F. 138
Braga, E.M. 169, 316, 331

Braga, G.L. 167
Braga, J.L. 255
Braga, J.M. 133
Braga, L.C. 272, 273
Braga, M.C. 225
Braga, P. 240
Branco, A.R.C. 182
Branco, A.U. 13, 27, 79, 206
Branco, E.C. 267
Brandão Júnior, P.M. 158
Brandão, M.L. 82
Brandão, S. 127
Brasil, K.C.T. 232
Brasileiro, F. 268
Bravo, H.S.F. 235
Bravo, O.A. 333
Braz, C. 287
Braz, G.A. 253, 256, 263
Bretanha, J.S. 122
Breda, C.P.Q. 185
Breia, V. 35
Brescelli, R.P. 181
Bresciano, T. 225
Bresciani, R. 317
Bretas, M.R. 213
Bridi, J.C.A. 190
Brino, A.L.F. 45
Brino, R.F. 167
Brito, A.S. 309
Brito, C.S. 300
Brito, J.C. 272
Brito, L.M.T. 17, 321
Brito, M.R.F. 98, 167, 250
Brito, M.R.S. 341
Brito, R.C.S. 87
Britto, I.A.G.S. 169
Britto, M.C. 292
Brocker, J.I. 332, 322, 324
Bronberg, M.H.P.F. 226
Bockenic, A.C. 202, 218
Bucker, J.S.N.F. 85, 305
Bueno, V.F. 72
Bugliani, M.A.P. 227
Bulin, E. 246
Bustamante, O.L. 270
Bzunek, J.A. 70, 280

C

Caballero, K.C. 229
Cabello, V.E. 92, 93
Cabral, M.A.A. 47
Cagnin, S. 25
Calante, A.A. 203
Calante, T.B.A. 329
Calante, V.A. 276
Calcagno, S. 51
Caldeira, A.C.F. 59
Caldeira, R.H.L. 163, 238, 295
Calegari, G. 281
Câmara, R.A.M. 190
Câmara, S.J.V. 257
Camargo, C.H.P. 254
Camilo, A. 317
Caminha, C. 322
Camino, L. 315
Campos, A.P.A. 187, 193
Campos, E. 196
Campos, G.P.V.A. 297
Campos, H.R. 129
Campos, H.R. 87, 316
Campos, I.F. 84
Campos, L.A.M. 55
Campos, M.R.M. 156
Campos, T.H.F. 51, 119
Canalvarro, V.L.G. 243
Canelo, R.V. 287, 274
Capriles, C.G. 264, 292
Capobianco, D. 121
Capucci, R.R. 332
Caramaschi, P. 137
Cárdenas, C.J. 27, 236
Cardoso, C.F. 278, 287
Cardoso, D.G. 73, 124
Cardoso, D.H.S. 232
Cardoso, F.M.S. 266
Cardoso, M.H.C.A. 280
Cardoso, V.M. 193
Cardoso, M.A.V. 296
Carelli, L. 285
Carioca, M.S. 314
Carlos, C.C.F. 257
Carlos, G. 278, 321
Carlos, J.S. 66, 127
Carneiro, P.F.C. 250
Carneiro, R.S. 309
Carpena, M.E.F. 226
Carraro, L. 179
Carreteiro, T.C.O.C. 312
Carrijo, L.R.C. 191
Carvalho, A.E.V. 270, 279
Carvalho, A.M.A. 91
Carvalho, C.F.C. 205, 324
Carvalho, D.B. 63, 220, 269, 262
Carvalho, E.N.S. 27
Carvalho, G.A. 69, 293, 298, 303
Carvalho, H.C.W. 58, 59
Carvalho, J.A. 220
Carvalho, J.C.B. 132
Carvalho, L.C. 190
Carvalho, L.L. 305
Carvalho, M.C. 132, 276
Carvalho, M.C.F. 127
Carvalho, M.L.M. 322
Carvalho, M.R.F. 83
Carvalho, M.V. 328
Carvalho, N. 191
Carvalho, R.A.A. 258
Carvalho, T.M.S.M.
Carvalho, R. 273, 283, 327
Casalhas, G. 226
Casarotti, C.M. 234
Cassimiro, D.C. 288
Cassimiro, G.A. 17
Castelão, L. 286
Castro Neto, J.M.O. 30, 286, 287, 322, 327, 344
Castro, A.O. 276
Castro, C.R. 279
Castro, F.R.S. 78, 122
Castro, M.A. 283
Castro, M.M. 291
Castro, P. 229
Castro, P.F. 327
Castro, R.A.Z. 332
Castro, R.V. 87
Castro, V.S.O. 50
Catão, E.C. 234
Cavalcante, R.C. 205
Cavalcante, T.C.F. 169
Cavalcanti, W.O. 225
Cavalcante-Júnior, F.S. 59
Cavalcanti, A.C.T.C. 267
Cavalcanti, L.A. 185
Cavalcanti, T.D.G. 252
Cavalcanti, T.G. 328
Cavalheiro, M.B. 285
Cavalini, S.F.S. 45, 168
Cefis, L.A.M. 84
Cerezza, A.C.A. 238
Cerqueira, M.C. 319, 320
Cerqueira, T.C.S. 213
Cesar, J. 157
Cesarino, M.M. 163
Chaves, J.C. 186
Ciconelli, M.O. 217
Cilio, E.N.P. 301
Cini, C.T. 257
Clark, C. 302, 312
Cocco, M.R. 233
Coda, W. 295, 320
Coelho Filho, J.G. 160, 264, 265
Coelho, C. 223
Coelho, D.S. 30, 122
Coelho, E.C.T.M. 135
Coelho, N.L. 31
Coelho, W.P. 262
Coimbra, C.M.B. 38
Coimbra, J.C. 298
Collete, V. 285
Condack, M. 166
Cordeiro, A.P. 128
Cordeiro, E.T.S. 178
Cordeiro, M.H.B.V. 35
Córdoba, L.F. 229, 328
Cores, G.M. 225, 332
Correa, A.C. 309
Correa, D.K.A. 158
Correia, I. 160, 161, 175, 193
Correia, L.C.C. 231
Correia, M. 305
Corsetti, R.F. 279
Corrêgaca, A.L. 176, 120, 259
Cortez Jr., G.L. 236
Cortez, J.C.V. 233
Cortez, M.C.D. 126
Costa Júnior, A.L. 166, 275
Costa, A.F.S. 311
Costa, A.J.C. 265
Costa, A.O. 179
Costa, C.E. 116
Costa, D.L.S. 329
Costa, D.M.F. 316
Costa, E.R. 295
Costa, E.V. 158
Costa, F.R. 82
Costa, J.B. 315, 322
Costa, J.F. 305
Costa, L.F. 333
Costa, L.H.F.M. 294
Costa, L.S.M. 317
Costa, M.F. 159
Costa, M.P.R. 282
Costa, M.S. 300
Costa, T.C. 260
Costa, V.P. 252
Cotarelaro, L.A. 270, 291
Coutinho, A.R. 234
Coutinho, M.C. 259
Couto, C.B. 273
Crochon, A. 295
Cruces, A.V.V. 194
Cruz, A.P.M. 92, 135
Cruz, L. 321
Cruz, L.A.M. 275
Cruz, P.S. 252
Cunha, A.C.B. 62, 275
Cunha, C.A. 158, 194, 195, 206, 271, 279, 289
Cunha, C.F. 199
Cunha, G.N.S. 269
Cunha, J.M.F.C. 69, 233, 284
Cunha, L.F. 300
Cunha, M.F.C. 63
Cunha, P.J. 254
Cunha, R.N. 213
Cupolillo, M.V. 222, 283
Curado, F.M. 274
Cury, V.E. 226
Chalem, M. 161
Chalem, C.R.S.C. 197
Chalhub, A. 172, 177
Chaves, C. 189
Chianca, S.B. 158, 202
Chaves, C.R.D. 233
Chaves, S.S.S. 305, 306
Christofoletti, M.S. 158
Christopher, L.M. 289
Chrisóstomo, J.T. 274
Christo, C.S. 29
Chrusciak, A.M. 294

D

D'Agostini, K.V.C. 60
D'Antonino, M.A. 33, 34, 259, 271, 281, 331
Degasperi, J.M. 58, 59
Del Vasco, A.L.A. 142, 227
Demeloro, M.C. 84
Demétrio, C.M.R. 283
Derick, F.M. 165
Derrosche, R.A. 97
Dessi, E.M.D. 295
Dessi, W.L. 116
De Lucia, R. 135
De Rose, T.M.S. 31, 197, 221
Dezinski, C. 192
Del Aldeno, C.M.L. 178

Del Prette, A. 92, 93
Del Prette, Z.A.P. 43, 44, 92, 93, 187, 280
Dela Coleta, J.A. 306
Dela Coleta, M.F. 34, 71, 277, 278, 305, 317, 318, 319
Delabrida, Z.N.C. 300
Delacoul Jr., N. 156, 159
Delfraro, C.L. 205
Dell'Aglio, D.D. 60, 202, 314
Dell'Arco, T. 256
De-Souza, R.A. 194
Dessander, S.A.B. 172
Dettu, M.C.M. 169
Di Nucci, E.P. 215
Di Nucci, S.H.P. 147, 256
Di Pace, D.M.T. 253
Dias, A.A. 172
Dias, A.C.C. 137
Dias, A.D.G. 158
Dias, C.S.S. 128
Dias, N. 196
Dias, M. 194, 263
Dias, M.R. 132
Dias, R.D. 63
Dias, T.L. 175
Dias, T.R.S. 203
Diehl, E.K. 158
Dimas, F.L. 260
Dimenstein, M. 226
Diniz, G.R.S. 65
Diniz, L.S. 250
Dirlt, S. 264
Dittrich, Z.M. 199
Dmene, S. 189
Domeniconi, C. 30
Domingues, L.V. 224
Domingues, R.F. 236
Dominguez, S.F.S.D. 33
Dourado, L.P.D. 260
Dourado, T.R. 229
Drummond, D.M. 349
Drummond, V.S. 30
Duarte, M.S.Z. 278
Duarte, T.T.A. 128
Dutilleux, M. 75, 76
Dumas, B.F. 174
Dumont, M.R.Q. 286
Duran, E.M.S. 295
Dutra, F.S. 258

E

Ebert, P.N. 260
Enes, N. 93, 144
Elias, L.C.S. 169
Lopes, M.L.E. 146, 149
Engelmann, A. 71
Englenhart, F. 137
Etienne, S.R.F. 175
Epelbaum, S. 55
Erdy Filho, P. 232
Escher, C.A. 187, 246
Escolano, A.C.M. 78, 226
Estavel, S. 352
Espindola, D.H.P. 267
Estrada-Lins, C. 122

F

Fagundes, F. 236
Falcão, J.T.R. 96, 104, 155
Feltrini, E.M.O. 86, 92, 93, 309
Feltrino, J.C. 249
Feltrino, L.S. 249
Feltrino, P.B. 259
Fenstem, J.A. 224
Ferrah, R.M. 23
Ferro, A.D. 262, 285
Ferrá, C.A. 277
Ferla, C.S. 191
Ferro, E.A. 143
Ferrá, J.B. 216, 227
Ferra, J.C. 282
Ferro, L. 217
Ferro, P.A. 229
Ferres, A.K.C.R. 217
Ferres, P.R. 133
Ferreyra, C.C. 186
Ferrero, M.H. 197
Feijo, A.M.L.C. 56
Feitosa, M.A.G. 73, 247
Fenz, L. 157
Feliento, S.F. 174
Fénel-Carneiro, I. 72, 224, 228
Fernandes, A.L.R. 289
Fernandes, C.M. 255
Fernandes, J.P.S. 53
Fernandes, M. 189
Fernandes, M.A. 234
Fernandes, M.M. 318, 332
Fernandes, O.S. 237
Ferrari, H. 172
Ferraz, G.C. 289
Ferreira, A.C.S. 267
Ferreira, A.F. 194
Ferreira, A.P. 285
Ferreira, A.P.C. 276
Ferreira, D.C.S. 216, 217
Ferreira, E.A.P. 275
Ferreira, E.M. 201
Ferreira, J.C.N. 185
Ferreira, J.R. 84
Ferreira, K.V. 218
Ferreira, M.C. 81, 162, 163
Ferreira, M.C. 24, 25, 74, 98, 309
Ferreira, N.T. 83
Ferreira, P.R.S. 43
Ferreira, R.F. 313
Ferreira_Bacci, A.V. 264
Ferrali, S.N.T. 70
Ferro, V. 256
Fischer, L.G. 145
Fishwain, H.C. 70, 177, 178
Figueiredo, M.A.C. 39, 65, 288, 289
Figueiredo, R.M.B. 127, 152, 253
Figueiredo, V.L.M. 32
Figueiredo, P.M. 34
Fiebler, L. 317
Finamanni, A.C. 322
Fiorati, F.N. 288
Filipaldi, A.Q. 196
Fleide, D.S. 75, 186, 199
Florêncio, L. 309
Flores, E.P. 321
Flores, R.Z. 47, 245, 274
Fonseca, J.C.T. 303
Fonseca, M.L. 31
Fonseca, T.R. 196, 319
Fonseca, V. 229
Fonseca, V.N. 302
Formiga, A.S.C. 311
Formiga, N.S. 305, 306
Frampt, A.C. 320
Frampt, A.C.C. 173, 216, 224
Frampt, D.P. 308
Frampt, E.A. 218
Frampt, E.G. 229
Frampt, L.R. 195
Francisco Vasconcelos, C.R. 173
Franciscbini, R. 47, 155, 173, 324
Franco, A. 282
Franco, A.L.S. 65
Franco, J.R. 288
Freire, L.C. 100
Freire, L.L. 312
Freire, M.J. 28
Freire, S.A. 02, 77, 285, 318
Freitas, A.L.26
Freitas, A.S. 169, 317, 331
Freitas, C.R. 157
Freitas, E. 42
Freitas, F. 298
Freitas, I.B.L. 172
Freitas, L.O. 221
Freitas, M.C. 132
Freitas, M.G. 169
Freitas, P.C. 58
Freitas, P.M. 58, 59, 143
Freitas, S.E. 235
Frutos, C.B. 275
Fuentes, F. 77
Fukahori, L. 168
Fukushima, S.S. 266
Furiatti, A.P.C. 282
Furlan, R. 231
Furtado, V.Q. 202

G

Gadelha, Y. 135
Gaia, T.F. 116
Galarraga, V.G. 274
Galera, C. 73
Galvão, A. 75
Galvão, O.F. 31, 44, 77, 92, 119, 123, 127
Galvão, P.R.L. 116, 252
Gama, A.S. 176
Gama, S.G.N. 218
Gandini, R.C. 329
Gandolfo, L. 256
Garcia, F.G. 297
Garcia, P.C. 264
Garcia, S.C. 197
Garcia, S.M. 229
Garcia, S.R. 147
Gaspar, F. 229
Gaspar, P. 43
Gasparetto, M.C.P. 271
Gatti, M. 289
Gauer, G. 59, 236, 240
Gauy, F.V. 196
Gavião, A.C.D. 281, 282, 284
Gil, P.C.S. 65
Gimenes, A.M. 57
Gino, A.A.S. 79
Gioia-Carneiro, E. 42, 43, 92, 93
Giovinghetto, L. 236, 270
Girassonni, C.H. 81, 167, 274
Girbert, M.A.P. 265
Gil, M.S.C.A. 176
Gisbert, L.S. 246
Giostri, G. 37
Giraldi, A.C.S. 302
Glat, R. 98
Glosda, V. 21, 160
Gobbi, M.D. 324
Godoy, V.A. 321
Gomes, A. 282
Gomes, B.C. 267
Gomes, F.S. 235
Gomes, J.C. 65
Gomes, J.D. 322
Gomes, J.M.S. 250
Gomes, L.G.W. 197
Gomes, L.R. 260
Gomes, N.L.M. 319
Gomes, R. 229
Gomes, V.L.T. 89
Gomes, V.Q.C. 195, 229
Gomes, W.B. 60, 61, 90, 264, 303, 236, 240
Gonçalez, A.A.C. 253, 256
Gonçalez, M.H.C. 90
Gonçalves Filho, J.M. 38
Gonçalves, C.A.S.B. 186
Gonçalves, H.S. 17
Gonçalves, M. 317
Gonçalves, M.G.M. 97, 31
Gonçalves, O. 255
Gonçalves, S.M.C.M. 247, 315
Gonçalves, S.M.M. 325
Gongora, M.A.N. 260
Gonzaga, R.M.S. 292
Gonzalez, D.P. 159
Gonzalez, R. 267
Gondfilio, L.P.P. 283
Gonler, P.N. 234
Gonzalez, F. 164
Gonzini, P.R.K. 77, 123
Gontijo, V.V. 77, 93, 229, 305, 306, 307, 309
Gojos, C. 53, 54
Gotaff, C. 303
Gotardo, G. 236, 296
Gravel, R.F. 199
Greco, E.L.M. 260
Grecco, D. 305

Grigorkiviçius, M.A.L. 209
Grimm, S.G. 268
Grinspun, M.P.S.Z. 61, 304, 305
Grolo, G. 294
Guedes, L.E. 285
Gurdes, R.C. 229
Guedes, T. 317
Guerra, M.T.M. 24
Guimarães, G. 268
Guimarães, S.F.R. 300
Guimarães, S.P. 315, 323
Guimarães, S.R.K. 35
Guimarães, S.S. 280, 296
Guimarães, V.F. 263
Guiqueteka, M.T. 280
Günther, A.E.V.A. 328
Günther, H. 231, 232, 300
Gurgel, E.S.S. 299, 305, 307, 306
Gurgo, R.S.L. 328

H

Haese, V.C. 58, 143, 271, 276, 280, 283, 327
Haeuser, V. 59
Hamond, M.C. 285
Hanser, E.S. 30, 121, 125
Hanson, N. 11, 109
Haydu, V.B. 216
Hazin, L. 90
Helena, C.T. 58
Henriques, M.F. 262
Hermelin, M.K. 156
Hernandez, J.D. 319
Hillen, V.C. 234
Hora, L.M.M. 287
Horta, B.L. 262, 285
Horta, L.R. 150
Horta, M.M. 53
Hübner, M.M.C. 72
Hürzeler, M.H.L. 292
Hutz, C.S. 47, 167, 190
Huzioura, E.M. 119

I

Iglesias, F. 272
Ingberman, Y.K. 96, 232
Isaac, J.P.L. 169
Ito, P.C.P. 288
Itaussú, C.T. 276

J

Jablonski, B. 72, 225
Jacob, C.A. 137
Jaco-Vilela, A.M. 50, 51, 104, 259
Jacques, P.C. 202
Jaenisch, R.S. 128
Jaroczura, C.A. 154
Jardim, A.P. 236
Jesus, C.R. 77, 199, 306, 307
Jesus, P.S. 121
Jesus, R.D.P. 230
Jhon, K.F. 215
Joaquim, R.M. 254
Jodelet, D. 13
Joly, M.C.R.A. 117
Jorge, M.T. 142, 285
Jorge, M.R. 76
Jurema, N.V. 273, 283
Jusiler, M.O. 282
Junqueira, M.F.P.S. 275
Justiniano, V.C.C. 293
Justino, I.C. 262
Justo, J.S. 95, 320

K

Kaeppler, K.C. 57, 58, 59, 146
Kagimura, E. 312
Kamimaki, R. 266
Kanitz, S. 254
Kayser, A.P.B. 156, 159
Kato, O.M. 72, 122, 124
Kefauver, C.A. 26
Kerbauy, R.R. 32
Kikuchi, A.N. 166
Kitamachi, R.R. 59
Kitsuteraa, D.B. 267
Kleiri, K.M. 159
Klein, V.C. 176
Koifman, M.C. 164
Koller, S.H. 12, 15, 48, 59, 236, 316
Korn Neto, E. 97
Kristensen, C.H. 68, 41, 265, 274
Krieger, H. 86, 94
Kurowski, C.M.

L

La Rosa, C.M. 293
Lacerda, D. 259
Lacerda, E.R.M. 250
Lacerda, S.S. 273, 283, 327
Lacks, G. 237
Lago, K.C. 324
Lago, M.C.S. 320
Lamarca, G.A.L. 285
Lamberti, M.R. 58, 59
Lamprea, C. 266
Lana-Peixoto, M.A. 273, 283, 327
Landeira-Fernandez, J. 45, 155, 156, 157, 231, 236
Lara, L.C. 296
Lara, R.M.B. 296
Laros, J.A. 265
Lambert, S.L. 154
Lanzoli, C.S. 32
Lazarou, T.C. 53
Leal, A.A.F. 259
Leal, M.C. 258
Leal, M.C. 287
Leal, V. 315
Leão, E.R. 199
Legal, E.J. 268
Legmann, V. 296
Leitão, M.B.P. 163
Leite, A.C.M. 246, 261
Leite, C.C.V. 122
Leite, L.M. 266
Leite, S.A.S. 93
Leite, S.M.R.M. 150
Lemo, M.T.S. 36
Lemo, R.C. 235
Lemos, C.G. 180
Lemos, M.T.T.B. 87
Lena, V.C. 176
Leonardecz, D.C. 206
Leoy, L. 16
Lessa, M.C. 49
Lhullier, C. 196
Lima Jun, M.R.B. 57, 190
Lima, A.C.A. 289
Lima, A.P.P. 260
Lima, A.P.V.R. 276
Lima, A.V. 131, 132
Lima, B.S. 161
Lima, C.B. 128
Lima, D.A.C. 275
Lima, D.B. 66
Lima, E.P. 273, 283, 285, 327
Lima, G.M. 286
Lima, J.C. 273
Lima, J.D. 233
Lima, J.S. 265
Lima, K. 257
Lima, K.F. 253
Lima, L.P. 319
Lima, M.M. 265
Lima, M.S.M. 206
Lima, S.C.C. 64
Lima, S.P. 206
Lima, T.R. 256
Linde, N. 57
Linhares, M.B.M. 79, 276, 316, 276, 279
Lins, A.C.C.E. 229, 333
Lipp, M.E.N. 213
Lisboa, C.R.S. 135
Lisboa, C.S.M. 48
Lisiskenciere, E.C. 161
Lo Russo, A.C. 95
Lobo, A.P.C.R. 250
Lobo, T.M.P. 128
Lobato, S.O. 170
Longo, T.P. 252
Lopes, C.E. 100
Lopes, C.F. 31
Lopes, C.G.S. 167
Lopes, E.J. 255
Lopes, E.S.L. 250
Lopes, F.A. 137
Lopes, M.C.D. 285
Lopes, M.G. 276
Lopes, M.A. 127, 265
Lopes, R.F.F. 155, 337
Lopes, T.C. 309
Lordelo, E. 272, 277
Lordelo, L.R. 272
Lorenzatto, L. 279
Lotufo, M. 136
Lourenço, S.D. 272
Loureiro, L. 96
Loureiro, S.R. 72, 206
Lourenço, C.A.P. 58
Lourenço, E. 58, 120
Lourenço, L.M. 58
Lousada, R. 228
Loyola, V.M.C. 165, 211
Lucia, M.C.S. 281, 244
Lucs, C.E. 323
Luz, M.N.S. 69

M

Macedo, J.S. 158
Macedo, S. 186
Machado, C. 279
Machado, C.M.C. 197
Machado, E. 43
Machado, E.L. 291
Machado, E.M. 285
Machado, J.C.S. 132
Machado, L.M. 169, 186, 317, 331
Machado, M.F. 176
Machado, V.L.S. 125
Maciel, D.A. 37
Maciel, E.M.G.S. 280
Maciel, T.B. 199
MacLean, M. 160
Madeira, C. 37
Madeira, M.C. 96
Madeira, M.J.P. 44, 158, 159
Madeira, S. 62
Magalhães, A.P. 62
Magalhães, C.M.C. 265
Magalhães, F.C. 238
Magalhães, J. 229
Magalhães, M.O. 174
Magalhães, M.S.A.S. 243
Magalhães, P.F. 302
Magalhães, V.C. 36, 260
Maheirat, M. 99, 109, 310, 311
Main, A.M. 178
Maimoni, E.H. 69
Maineri, A.G. 158, 179
Maior, R.P.S. 174
Maisonnette, S. 235
Malagris, L.E.N. 113
Malheiros, R.M. 75
Malta, M.S. 292
Maluf, M.R. 22, 36
Mancebo, D. 303
Maneira, A.E. 221
Manerskey, P. 305
Manreza, C.S.M. 207, 218
Mauner, J.H. 274
Mattner, L. 274
Manwaldo, A.C. 75
Manwaho, E.A. 217
Marchiori, R. 271
Marcondes, J. 271, 279
Margow, G.C. 283
Marinho, E.N. 227
Marin, A.M. 175
Marinho, M. 234

Marques, A.M. 52
Marques, A.S. 191
Marques, C.P.S. 166
Marques, R. 229
Marques, S.L. 266
Marquetti, M. 159
Marsiaj Neto, M. 189
Marsiglia, M. 197, 213
Martinelli, C. 196
Martinelli, J.C.M. 234
Martinelli, S.C. 212, 213
Martinez, A.M. 20, 199
Martinez, F.E. 176, 279
Martoni, M.L. 187, 280
Martins, A.J. 229
Martins, E.C. 219
Martins, L.M.B. 276, 278
Martins, M.C.F. 194, 195, 263, 329
Martins, M.S. 159
Martins, M.S. 167
Martins, P.F.S. 185, 332
Martins, R.A. 301
Martins, S.T.F. 82
Martins, V.A.P. 219
Martins, V.F.R. 251
Martins, W. 124, 125, 264
Martins, W.M. 332
Martinuzzi, A. 274
Martorano, E.M. 169
Masini, E.A.F.S. 30
Massimi, M. 99, 104, 282
Masson, L.P. 272
Mastrogiuseppe, A.P. 276, 277, 283
Matias, D.R. 186
Matsuguma, E.H. 266, 267
Matta, J.S. 258
Mattinello, C.L. 214, 294
Mattos, C.F.G. 46
Mattos, L.C. 47
Maurente, V.S. 146, 260
Mauro, T. 251
Mazimpaka, M.A.C. 313
Mazzera, L. 226
Mazzini, G.S. 167
McDuffie, J. 76
McWhirter, W.I. 91
Medeiros, A.A. 48, 319
Medeiros, C.A. 128
Medeiros, E.W.V. 228, 234
Medeiros, J.C. 52, 123, 224
Medeiros, L.L. 311
Medeiros, S. 256
Meira, L. 185
Meira, L.L. 159
Meira, M. 77, 295, 306, 307
Meireles, E. 168, 293
Meller, A. 285
Mello, C.B. 256
Mello, L.T. 318
Mello, T. 60
Melo Jr., W. 51, 299
Melo, C.S.C.A. 216, 217
Melo, K.L.C. 122, 123, 325
Melo, R.B. 332
Melo, R.M. 322
Melo, S.C.A. 285
Melo, S.C.F. 64
Melo, S.L. 64
Menandro, P.R.M. 15
Mendes, A.M.B. 38, 65, 256, 267
Mendes, C.H.F. 280
Mendes, D. 317
Mendes, F.G. 88
Mendes, G.R. 262
Mendes, J.M.R. 138, 286
Menulenga, M.B. 72
Meneghini, S. 233
Menezes, A.K.F. 257
Menezes, P.P.M. 246, 257, 354
Menezes, A.B.C. 122
Menezes, A.S. 218
Menezes, I.G. 257
Menezes, M.A.C. 141
Menezes, E. 190
Merlo, M.G.I. 231
Migliavacca, A. 336
Milani, F.M. 220
Miljkovi, T.L. 133, 299, 306, 307, 308
Minatti, S.P. 252
Miranda, A.L.P. 212
Mingbain, R. 260
Miranda, C.P.T. 229
Miranda, F.M.L. 269, 278, 331
Miranda, M.S. 56
Miranda, S.L. 119
Mita, T.T.B. 149
Miura, R.K.K. 128
Miyazaki, T. 255
Molaeur, C. 227
Möller, R.C. 48, 50, 319
Montagnero, A.V. 235
Monteiro, C.A.S. 280
Monteiro, C.P. 128
Monteiro, M.C.N. 47
Mora, P.O. 158
Moraes, A.B.A. 152
Moraes, A.L. 159
Moraes, C.E. 291, 320
Moraes, F.R. 285
Morapt, J.G.S. 142, 265
Moraes, J.G. 155
Moraes, M.C. 285
Moraes, M.O. 221, 234
Moraes, P.B. 251
Moraes, R. 169
Moraes, R. 315, 322
Moraes, S.M. 267
Moraes, L.M.O. 258
Moreira, F.R. 40, 251, 270, 278, 321
Moreira, S. 236
Moreira, H.M.A.P. 256
Moreira, M. 182
Moreira, M.A.S. 316
Moreira, M.C. 183
Moreira, M.F. 296
Moretto, M.L.T. 284
Moro, A.R.P. 165
Moro, M.L.F. 48, 188, 298
Moreno, C. 38
Moser, A.M. 270
Mota, M. 89, 166
Mota, M.M. 255
Motta, V. 235
Moura, C.M.A.S. 128
Moura, M.B.O. 256
Moura, J.E. 316, 319
Moura, M.L.S. 167, 168, 171, 172, 278
Moura, O. 309, 312
Moura, W. 28, 29, 30
Mourão, L. 245
Mourão, T.M.F. 25, 254
Müller, A.S. 123
Müller, T. 88
Munduá, S.C.D. 251
Murakami, N.K.U. 297
Murta, S.G. 279

N

Nadaes, J.D.A. 326
Nathanson, E.A. 152
Neff, D.G.M. 49, 50, 87
Nafini, L. 284
Nascimento, A. 289
Nascimento, A.C. 286
Nascimento, E. 32
Nascimento, J.C.C. 21
Nascimento, J.O. 73
Nascimento, K.F. 250
Nascimento, L.F. 91
Nascimento, M.H. 53
Nascimento, P.F. 329
Nascimento, S.M.V. 74
Nascimento-Nunes, L.C. 325
Nascimento, F.C.R. 256
Nassif, V.M.J. 195, 235
Natale, L.L. 58, 243
Natalino, P. 117
Natário, V.L.R. 257
Navarrete, M.D.P. 292
Negrão, A.V.G. 218
Negreiros, M.L. 315
Neme, C.M.B. 45, 107, 286
Nepomuceno, G.M. 182
Nepomuceno, M.V. 253
Neri, A.L. 77
Nery, A.F.M. 332
Neufeld, C.B. 157
Neves, A.S. 225
Neves, E.R.C. 298
Neves, F.S. 262
Neves, L.F. 198
Neves, S.C. 160
Neves, S.M.M. 119, 238
Nguyen, T.T. 76
Nicastri, S. 254
Nina-e-Silva, C.H. 125, 238, 239
Nitrini, R. 137
Nogueira, M.L. 98
Nogueira, R.L. 97, 237, 330
Nogueira, R.M.T.B.L. 267
Nogueira, S.E. 268, 295
Nogueira, V.S. 292, 216
Nóvoas, A. 229
Novais, D.S. 168
Novikoff, C. 304
Nova, R.M.S. 277
Nunes Sobrinho, F.P. 183
Nunes, C.H.S.S. 166
Nunes, C.R.M. 252
Nunes, C.R.O. 268
Nunes, D.R.P. 63
Nunes, E.R. 251
Nunes, F.S. 219
Nunes, G. 196
Nunes, J.M.G. 300
Nunes, L.R.O.P. 62, 63, 88
Nunes, S.S. 265, 304
Nunes, T. 83
Núñez, I.M. 294
Nyaradi, N.O. 43

O

Orbi, A.O. 278
Oliveira, A.A. 289
Oliveira, A.F. 245
Oliveira, A.L.A.R.M. 159
Oliveira, A.M. 266
Oliveira, A.M.P. 129
Oliveira, A.S. 161
Oliveira, C.C. 226
Oliveira, C.M.C. 236
Oliveira, C.R. 312
Oliveira, C.S. 53
Oliveira, D.C. 69, 97, 319
Oliveira, D.C.S. 277
Oliveira, D.S. 186, 312
Oliveira, D.T. 234
Oliveira, D.T.D. 148
Oliveira, D.T.L. 226
Oliveira, E. 277
Oliveira, E.A. 175
Oliveira, E.A. 276, 277, 283
Oliveira, E.S.C. 61
Oliveira, E.T.A. 265
Oliveira, F.C. 210, 259
Oliveira, G.A.P. 201, 206, 247
Oliveira, G.C. 202
Oliveira, G.L. 296
Oliveira, J.C.C. 172
Oliveira, J.D.S. 224
Oliveira, J.P. 170, 211
Oliveira, J.P.M. 158
Oliveira, J.S. 161
Oliveira, L.O.S. 120
Oliveira, L.N. 173
Oliveira, M.C.S.L. 26
Oliveira, M.E.M. 152
Oliveira, M.G.S. 309
Oliveira, M.R. 277
Oliveira, M.L. 69, 200
Oliveira, M.P.M.T. 97, 291, 296
Oliveira, M.S. 38, 161
Oliveira, M.V. 38
Oliveira, P.N. 274

Oliveira, R.C. 286
Oliveira, R.M. 78 158
Oliveira, S.F. 365, 386
Oliveira, S.R. 265
Oliveira, S.S.S. 168
Oliveira, T. 281
Oliveira, T.C. 317
Oliveira, T.M. 347
Oliveira, T.S.P. 288
Oliveira, V.H.F. 291
Oliveira, V.N. 293
Oliva, F.V. 224
Oriolo, A. 291
Osorio, P. 140
Osório, L.B. 285
Ottoni, E.B. 91

P

Pacheco Filho, R.A. 96
Pacheco, A.L.P.B. 235
Pacheco, P.B.A. 281
Padilha, B.M. 343, 346, 354, 357
Padovani, R.C. 271
Páfaro, E.M. 304
Pagani, A.W. 272
Paiva, E.L.F. 150
Paiva, G.J. 349
Paiva, M.G.V. 89, 200
Palatini, R. 274
Palfarini, F.A. 188, 192, 211
Palfrey, A.L. 171
Pamplona, J.E. 237
Pamplona, R. 348
Papazenakis, A. 170
Papalbizari, M. 75
Parangaba, A.C.S. 216
Paredes, A.S. 97
Parente, M.A.M.P. 144, 156, 159, 160
Parrilla, L. 270
Pasquali, L. 46, 328
Passos, D.M. 218
Paterno, J.L. 174
Pato-Oliveira, C. 300
Paula, A. 298
Paula, A.V. 58
Paula, C.C. 321
Paula, F.V. 26
Paula, K.M.P. 43, 375
Paula, K.P. 28
Paula, T. 196
Paula, T.R.N.C. 313
Pavlino, I.A. 294
Pavlovi, F.C. 287
Peixoto, S.R. 295
Peixoto, D.L. 140, 141, 149
Peixoto, R.F. 309
Pelfo, C.P. 276
Pelfrey, M.P. 91
Pelfrey, R.L.S. 110, 123
Pelfrey, A.L.B. 309
Peguerino, R.F. 293
Peixoto, L.T. 320
Pellegrino, A.M. 42
Penha, M. 268
Pennet, A.G. 16
Penna, M.A. 333
Pentagna, C. 136
Pepino, C.R. 115
Pereira Júnior, E.A. 37
Pereira, A.C. 56
Pereira, A.M.T.B. 84
Pereira, C. 248
Pereira, C. 315
Pereira, C.A.A. 106, 117, 324, 325
Pereira, C.D. 792
Pereira, C.S.C. 239
Pereira, C.V. 293
Pereira, E.A. 291
Pereira, F. 333
Pereira, G.M. 55
Pereira, J.A.S. 56
Pereira, M.C. 218
Pereira, R.C. 225
Pereira, M. 53
Pereira, M.A.L. 208, 288, 310
Pereira, M.C.J. 198
Pereira, M.C.S. 231
Pereira, M.P. 180
Pereira, S. 229
Pereira, S.C.M. 255
Pereira, S.E.F.M. 333
Pereira-Gomes, A. 135, 136
Perez, M.T. 196
Pérez-Nebra, A.R. 92, 77, 185, 250, 252, 254, 257, 262
Pergher, G.K. 157
Perrez, M. 59
Pessoa, A.C. 286
Peters, E.B.L. 308
Petersen, C.S. 97, 151
Pineda, J.R. 189
Pinehi, T.C. 251, 254
Piccinini, C.A. 164, 172
Picinela, A.A.T. 53
Pimenta, M.B.V. 275
Pimentel, R.G. 274, 294
Pimentel, A. 289
Pimentel, C.A. 290
Pina, T.A. 187
Pinheiro, D.M. 253
Pinheiro, E.A. 264
Pinheiro, G.A. 236
Pinheiro, M.I.S. 58, 143
Pinheiro, M.L.S. 222
Pinheiro, R.C. 173
Pinheiro, R.T. 142, 285
Pinto, A.A.C. 120
Pinto, A.R. 252
Pinto, E.R. 292
Pinto, K.O. 284
Pinto, K.P. 52
Pinto, M.E.B. 85
Pires, F. 295
Pires, F.B. 275
Pires, L. 296
Pisk, A.P. 257
Pita, M.M.M. 212
Pochmad, A.V.S. 215
Pólit, C.J.K. 233
Polcheira, P.F. 252
Pontes Neto, J.A.S. 205, 218
Pontes, L.H. 255
Pontello, I. 122
Porto, G. 53
Porto, G.G. 285
Porto, M.D. 186
Porto, P.R. 154
Pôrto, M.L.S. 333
Prado Filho, K. 301
Prado, C.Q. 278
Prado, J.A. 165
Prado, L.A. 49
Prado, O.Z. 34, 180
Prado, P.S.T. 45
Prates, E.M.A. 250
Prado, E.M.M. 253, 256, 267
Prieri, R. 327
Prior, I. 250
Prilus, L.H.C.2. 26
Prilla, F.M.M.P. 116
Prinar, L. 136

Q

Quaiyte, J. 186, 284, 287
Queiroga, F. 296, 307
Queiroz, A.H. 125
Queiroz, E.S. 218
Queiroz, F.B. 277
Queiroz, S.S. 273
Queiroz, V.S. 30
Quintão, T.S. 138

R

Raiser, C.M. 213
Ramires, J.C. 208, 255
Ramos, B.B. 241
Ramos, B.M.C. 136
Ramos, C.B.A. 216, 329
Ramos, J.L. 257
Ramos, L.S. 245
Ramos, M.E.C. 132
Ramos, P.L.R. 127
Ramos, R.M.M. 305
Ramos, R.S. 179
Ramos, V.F.M. 270
Randal, J.M. 224
Range, B.P. 86
Rangel, M. 62
Rapoport, A. 166
Raposello, T. 175
Raymundo, J.S. 314
Rebouças, O.O. 225
Regenfeld, M. 323
Reginatto, M. 232
Rego, D.P. 40
Rego, L.C.O. 267
Rego, L.L.B. 160, 220
Rego, N.N. 171
Reifschneider, E.D.B. 132, 252
Reis, F.R. 309
Reis, J.C. 291
Reis, M. 189
Reis, M.L. 271
Reis, M.S. 231, 270
Reis, P.M.F.B. 332
Reis, T.B.R. 164, 182
Reppold, C.T. 280
Resenes, L.M. 238
Resende, B.D. 91
Resende, C. 229
Resende, V.R. 68, 69
Resende, K.C.A. 52, 260, 262
Rey, F.L.G. 79
Rezende, L. 186, 292
Ribeiro Júnior, J.A. 260
Ribeiro, A.F. 228
Ribeiro, C.H.F.P. 158
Ribeiro, C.S. 325
Ribeiro, D.C. 276
Ribeiro, D.D. 122
Ribeiro, J. 236
Ribeiro, J. 250, 255
Ribeiro, J.G.A. 323
Ribeiro, M. 220
Ribeiro, M.K. 167
Ribeiro, M.P. 329
Ribeiro, M.P.O. 256
Ribeiro, R.A. 196
Ribeiro-Filho, N.P. 287
Righetti, A. 312
Rios, J.R. 246, 261
Rios, M.C. 253
Rios-Saldaña, M.R. 92, 93
Rizzini, I. 316
Rocca, A. 83
Roberty, B.B. 167
Robles, M.S.M. 176, 185
Rocco, J.Z. 32
Rocha, A.C. 44, 72
Rocha, D.L. 320
Rocha, L.C. 328
Rocha, L.H.O. 324
Rocha, M.L. 197, 309, 313
Rocha, M.P. 228
Rocha, M.S.P.M.L. 207
Rocha, M.S.S. 328
Rocha, M.M.O. 268, 330
Rocha, S.F. 255
Rocha-Coutinho, M.L. 24
Rodrigues, A.C. 312
Rodrigues, C.C.O. 285
Rodrigues, D.C.A. 193
Rodrigues, D.M. 191
Rodrigues, H.B.C. 19
Rodrigues, J.A.C. 60
Rodrigues, J.L. 58, 59, 128
Rodrigues, J.T. 57, 295
Rodrigues, K.A. 268
Rodrigues, M.M.M. 66, 245, 300
Rodrigues, M.M.P. 177
Rodrigues, O. 329
Rodrigues, O.M.P.R. 100
Rodrigues, R.C. 62

Rodrigues, S.G. 170, 211
Rodrigues, S.M.C. 74
Rodrigues, S.T. 61
Rodrigues, V. 287
Rosenroll, E.M. 269, 285
Romano, R.A. 144, 226, 292
Romero, R.B.C. 273, 293
Ron, G. 287
Rosa, A.B.R. 246
Rosa, A.P. 276, 332
Rosa, E.M. 321
Rosa, K.S. 220
Rosa, M.D. 96
Rosado, E.M.S. 209
Rosário, M.A.L. 287
Rosa, J.C.C. 20, 30, 31, 45, 46, 91, 122, 127
Rosokoff, D. 189
Rossetti-Ferreira, M.C. 163, 175, 231
Rosso, M.C. 293
Rossini, A.C. 72
Rossit, R. 53
Rubio, A. 45
Rubio, A.V. 274
Rubio, K. 191
Ruela, S.F. 172
Ruiz, V.M. 218

S

Sá Porto, R. 135, 136
Sá, A.C.A. 327
Sá, C.P. 49, 50, 86, 319
Sá, R.N. 56
Sabrosa, A.R. 194
Saldiva, A.M.F.A. 85, 187, 190, 193, 203, 214, 215, 218, 221
Sapia, G. 99
Sagawa, R.Y. 296
Saint-Maurice, A. 49
Saini, J.E.M.C. 265
Saizar, A. 246, 324
Saizar, R.M. 105
Salakuba, A.A.W. 289
Salakuba, S.C. 258
Salomão, M.C.R. 312
Salvi, F. 274
Salvi, P.A.O. 254
Salgado, A.L. 294
Salgado, M.S.F. 303
Salles, J.F. 160
Salles, X. 274
Salomão, S.I. 27
Saltum, C. 07, 136
Samfrom, T.M. 164
Sampaio, C.M. 302
Samuelsson, K. 137
Sampaio, C. 230
Sampaio, M.E.C. 73, 122
Sampaio, M.I.C. 35
Sampaio, V. 252
Sanchez, E.T. 110
Sanchez, S.C.S.M.S. 25
Sancha, K.M. 266
Santa Clara, A.M.O. 220
Santa Maria, M.R. 70
Santana, E.A.R. 331
Santana, F.A. 314
Santana, J.P. 316
Sant'Ana, P.A. 292, 226
Santana, T.C. 170, 211
Santander, E.M.M. 125
Santos, U.R. 260
Santiago, N. 133
Santo, A.A.E. 235
Santos Júnior, R. 195
Santos, A.A.C. 207, 219
Santos, A.C.G. 129
Santos, A.F. 256
Santos, A.L. 214
Santos, A.M. 282
Santos, C.A.58
Santos, C.M.M. 165, 316
Santos, C.V. 135
Santos, D.L. 231, 238
Santos, D.T.G. 329
Santos, F.F. 271, 273
Santos, G.B.A. 72
Santos, J.R. 179
Santos, L.C. 256
Santos, M.A. 276, 277, 283
Santos, M.B. 267
Santos, M.C. 257
Santos, M.G. 248, 249
Santos, M.J. 36
Santos, M.M. 267
Santos, M.M. 37
Santos, N.A. 73, 267
Santos, N.O. 267, 268
Santos, P.L. 229
Santos, R.M. 191, 220
Santos, R.M.R.M. 194, 233
Santos, S.E. 280
Santos, S.F. 234
Santos, W.P.L. 171
Santos, W.S. 298, 307
Sapyan, M.N. 285
Sarabia, L. 72
Saraiva, P. 187
Saraiva, B. 225
Sapag, M.E.M. 21
Sbardelini, E.T.B. 315
Schaefer, S.A. 58, 59
Schiavinsky, S.R. 136
Schlieper, M.D.M.J. 215
Schmidt, T. 167, 179
Schmitz, F. 223
Schultze, L.C. 291
Schuetzoff, S.O. 315, 323
Schlesinger, A. 56
Schneider, P.C. 152
Seabra, K.C. 267
Seal, C. 172, 177
Seidl, E.M.F. 274
Seiffer, C.Z.K. 250
Seixas, P.S. 52, 260, 262
Seminário, M.L.A. 324
Senna, L.A.G. 46
Serafim, C.M. 259, 310
Serio, T.M.A.P. 180
Serra, A.M. 68
Serra, I.V.F. 29
Shimabuku, H. 66
Sibrel, M. 282
Siqueira, S.R.R.L. 164, 170
Silva Filho, S.B. 98
Silva Neto, W.M.F. 166
Silva, A.C. 244
Silva, A.C.B. 272
Silva, A.M.M. 285
Silva, A.M.R.C. 53
Silva, A.O.P. 293
Silva, A.P.S. 168
Silva, A.R. 331
Silva, C.B. 191
Silva, C.F. 225
Silva, C.L. 295, 319
Silva, C.Q.A.C. 255
Silva, C.R.C. 165
Silva, C.S.V. 234
Silva, D.A. 234
Silva, D.F.M. 41, 169
Silva, D.M. 195, 223
Silva, D.M.D. 250
Silva, D.P. 244
Silva, E.B. 131
Silva, F.M.O.B. 73
Silva, F.L. 233
Silva, G.J. 183
Silva, G.R. 233
Silva, I.L. 255
Silva, I.V. 171
Silva, J.A. 68, 69, 266, 267
Silva, J.A. 295
Silva, J.C. 220
Silva, J.C.G. 331
Silva, J.G. 238
Silva, J.L.N. 229, 333
Silva, J.P. 193
Silva, K.C.P. 309
Silva, L.F.A. 170, 217
Silva, L.M.C. 353
Silva, L.P. 132, 140
Silva, L.R.F. 239
Silva, L.V. 260
Silva, M. 43
Silva, M.C.B. 330
Silva, M.F.B.F. 252
Silva, M.C. 275
Silva, M.M. 05
Silva, M.M. 296
Silva, M.S. 282
Silva, M.T.A. 135, 294, 296
Silva, N. 106
Silva, N.C.S. 320
Silva, N.P. 95, 175
Silva, N.S. 288
Silva, O.N.C.A.M. 226
Silva, P.A. 125
Silva, P.B. 132
Silva, P.M. 121
Silva, P.S. 310
Silva, R.A. 142, 285
Silva, R.B.P. 302
Silva, R.M.F. 274
Silva, R.R. 256
Silva, S.O. 293
Silva, S.S. 220
Silva, T.C. 192
Silva, W.E.T. 253
Silva, W.R. 294
Silva, W.S. 263
Silva, W.S.S. 304
Silveira, A.C. 260
Silveira, A.J. 265
Silveira, D.X. 294, 296
Silveira, E.X. 227
Silveira, F.A. 231
Silveira, L.C.L. 286
Silva, L.P. 305
Simas, M.L.B. 73, 267
Simmer, R. 274
Simonal, I.C. 256, 259
Siqueira, M.C. 236
Siqueira, M.L.N. 02, 169
Sirio, F.F. 272
Soares, A.A.A.F. 235
Soares, A.B. 12
Soares, A.B. 50
Soares, D.H.P. 05, 255
Soares, G.R. 175
Soares, M.T.C. 48, 299
Soares, M.Z.S. 313
Socorro, E.C. 306, 308
Sperrhake, C. 42
Sousa, A.M. 270
Sousa, C.C. 220
Souza, D.T.C. 150
Souza, E.O. 36
Souza, F.F. 250
Souza, I.M. 302
Souza, M.L.R. 242, 285
Souza, R.L. 174
Souza, V.L.A. 296
Souto, S.O. 76
Souza Filho, E.A. 286
Souza Júnior, E.J. 170, 226
Souza, A. 217
Souza, A.I. 117
Souza, A.S. 224
Souza, A.S.L. 30
Souza, B.M.F. 261
Souza, C.M. 229
Souza, C.R. 126
Souza, D.G. 31
Souza, E. 250
Souza, E.S. 279
Souza, F. 177
Souza, F.G. 231
Souza, F.L. 136
Souza, G.A. 285
Souza, I.M.P. 214
Souza, I.M.S. 171
Souza, K.B. 158
Souza, L.R. 65
Souza, L.C. 277
Souza, L.K. 170
Sendt, M. 125

Souza, M.A. 24, 186, 232, 296, 297, 322, 323, 324
Souza, M.A.M. 332
Souza, M.G.S. 253, 257
Souza, M.I. 244
Souza, M.I. 88
Souza, M.L. 164, 165, 236
Souza, M.M.G. 314
Souza, M.P.R. 219
Souza, M.R. 225
Souza, M.R. 292
Souza, P.B.M. 193
Souza, T.M. 236
Souza, P.S. 286
Souza, S. 272
Souza, S.R. 54
Souza, T.N. 231
Spadoni, M.B. 245
Spadoni, M. 57
Spehar, M.C. 212
Sperb, T.M. 245, 279
Spinelli, L.M.P. 91
Spinillo, A.G. 256, 257
Spink, M.J.P. 309, 322
Spinto, E.S. 269, 311
Stadelmann, S. 57
Starepravo, A.R. 199
Stefani, L.M. 296
Stein, L.M. 157, 177
Steinberg, F. 57
Stenmark, J.S. 204
Stobaus, E.P. 257
Stoll, L. 245
Streb, M.H.M. 168
Strenga, K. 239
Südbrack, M.F.O. 229, 333
Szymanski, H. 47, 224

T

Tacca, M.C. 27
Tada, J.M.C. 221
Takahashi, F.D.M. 42
Tavares, C.M. 337
Tavares, A. 90, 248, 253, 254
Tavoni, E.S. 213
Tavoni, R.T. 266
Taquette, S. 272, 273
Tarta, A. 206
Tedesco, D.P. 349
Tagore, E.T.O. 327
Tavares, A.L.L. 257
Tavares, D.S.S. 171
Taxeira, M.R. 27
Taxeira, C.S.R. 289
Taxeira, S.H. 257
Taxeira Filho, J.S. 49
Taxeira Júnior, R.R. 276
Teixeira, A.R. 213
Teixeira, B.V.L. 275
Teixeira, C.G.As. 285
Teixeira, L.A. 91
Teixeira, L.R.M. 68
Teixeira, M.A.P. 274, 281
Teixeira, M.H. 281
Teffer, J.M. 206, 215
Teffer, S.R.A. 247, 348
Tenório, J.C.O. 150
Teto, V. 289
Thomaz, S.R. 62
Thompson, R. 46
Tibola, A.P. 267
Tilio, R. 250
Tinoco, V. 226
Tokarski, J.C. 20
Toledo, M.A. 234
Toledo, R.C. 327
Tomomori, G.Y. 45
Tonani, E. 142
Tonelli, M.J. 92, 237
Tortella, J.M.F. 197
Tovalat, M.B. 135
Tourrucôo, T.M. 249
Tavares, C.V. 82, 87, 250, 252, 255, 260, 263, 330
Tavares, W.C. 32
Tavarino, A.P. 295, 325
Tosam, J.S. 274
Trajano, A.J.B. 280
Trajano, A.R.C. 256
Trentini, C. 277
Trindade, Z.A. 323
Trinfo, D. 294
Trinfo, R.M. 73, 287
Trindade, J.R. 250
Trocoli, B.T. 244, 246, 279, 287, 328
Tronko, M.M. 237
Tsukagi, S. 62
Tuesta, E. 296, 274, 275

U

Ulian, A.L.A.O. 92, 93
Uni, S.C. 62
Urtado, M.R.C. 169
Uzal, A.P. 169

V

Vala, J. 49
Valentini, M.S. 232
Vally, T.C.M. 167
Van Erven, T.J.C.G. 154
Van Stralen, C.J. 293
Vargas, K.C. 182
Vargas, M.R.C. 255, 332
Vasconcelos, D.F.P. 136
Vasconcelos, L.A. 128
Vasconcelos, R. 269
Vasconcelos, T. 244
Vasconcelos, T.C. 299, 306, 308
Vasconcellos, C. 275, 296
Vasconcellos, V.M.R. 171, 176, 224
Vasques-Menezes, I. 92
Vastone, C. 69, 169, 204
Veloso, A. 156
Velloso, C. 220
Ventorin, A.C. 163
Ventura, P. 79
Verdin, R. 256
Verneck, L. 226
Vernegue, L.P.S. 179
Viana, M.C.A. 213
Viana, T.C. 94
Vieira, R.M. 158
Vicente, F. 291
Viegas, T.G. 252
Vieira, A.C.L. 286, 313
Vieira, A.C. 179
Vieira, C.P. 187
Vieira, C.Z.D. 264
Vieira, K. 278
Vieira, K.A.L. 259
Vieira, S.R. 265
Vieira, S.R.F. 253
Vieira, T.M. 124
Vieira, A.P. 227
Villa, M.B. 43
Villaça, M.T. 109
Villela, E.M.B. 266
Vulpi, P.R. 166
Vellerelli, J. 276, 277
Vellin, M.R. 198

W

Wagner, A. 162
Wainer, R. 158
Walker, A.M. 284
Wamberg, R.S. 325
Weber, L.N.D. 66, 227
Weinl, M. 232
Weisenhorn, M. 52
Werenchuk, S. 256
Werneck, L. 121
Wilhelm, P. 59
Wilkinson, K.M. 52
Williams, A.V. 157, 177
Williams, L.C.A. 167, 271, 279
Wrobleway, M. 187
Wulff, A.C. 285
Wood, G.M.O. 280, 283
Wulfhorst, C. 316

X

Xavier, C. 218, 250
Xavier, R. 229
Xavier, S.G. 129
Xisto, S.M.S. 42

Y

Yaskoski, M.C. 332
Yamamoto, M.E. 89, 91, 137
Yamamoto, O.H. 85, 87, 190, 233
Yamotski, J.A. 76
Yamotski, S. 76
Yanes, M.A.M. 41, 226

Z

Zamberlan, M.A.T. 165
Zammataro, L.P. 252
Zamore, M.H. 316
Zanchetin, J.F. 267
Zandonadi, L.P. 250, 254
Zanella, A.V. 301
Zanella, R. 158
Zanelli, J.C. 108
Zangrando, H. 137
Zanoti Júnior, D. 270
Zanotti, S.V. 185
Zapparoli, D.M. 170
Zarnel, G.S. 186
Zeni, F. 186
Zimmermann Neto, P.E. 227
Zinzaglio, M. 72
Zitzmi, C.R. 26, 62, 154
Zocche, C.R.E. 227
Zonta, C. 313
Zukauri, G. 54

Apoio/ Patrocínio

Realização